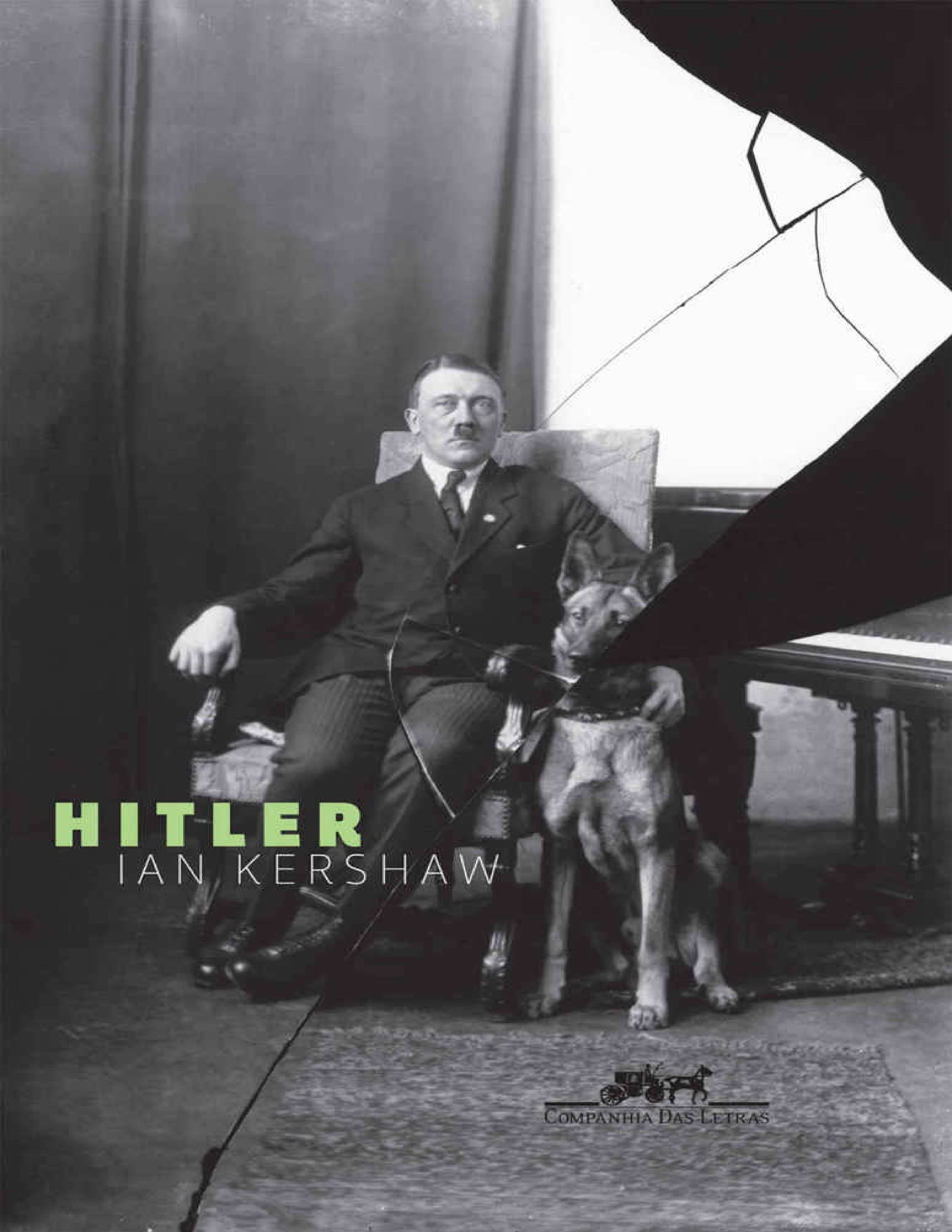


HITLER

IAN KERSHAW

COMPANHIA DAS LETRAS

IAN KERSHAW

Hitler

Tradução
Pedro Maia Soares

Companhia Das Letras

Sumário

Glossário de abreviações

ADGB Allgemeiner Deutscher Gewerkschaftsbund (Confederação dos Sindicatos Alemães)

BVP Bayerische Volkspartei (Partido Popular Bávaro)

DAP Deutsche Arbeiterpartei (Partido dos Trabalhadores Alemães)

DDP Deutsche Demokratische Partei (Partido Democrático Alemão)

DNVP Deutschnationale Volkspartei (Partido Popular Nacional Alemão)

DSP Deutschsozialistische Partei (Partido Socialista Alemão)

DSVB Deutschvölkische Freiheitsbewegung (Movimento de Liberdade do Povo Alemão)

DVFP Deutschvölkische Freiheitspartei (Partido da Liberdade do Povo Alemão)

DVP Deutsche Volkspartei (Partido Popular Alemão)

GVG Großdeutsche Volksgemeinschaft (Grande Comunidade Nacional Alemã)

KPD Kommunistische Partei Deutschlands (Partido Comunista da Alemanha)

NSDAP Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nazista)

NSFB Nationalsozialistische Freiheitsbewegung (Movimento de Liberdade Nacional-Socialista)

NSFP Nationalsozialistische Freiheitspartei (Partido da Liberdade Nacional-Socialista)

NS-Hago Nationalsozialistische Handwerks-, Handels- und Gewerbeorganisation (Organização Nazista dos Ofícios, Comércio e Indústria)

OKH Oberkommando des Heeres (Alto-Comando do Exército)

OKW Oberkommando der Wehrmacht (Alto-Comando das Forças Armadas)

OT Organização Todt

QGF Führer Hauptquartier (Quartel-General do Führer)

RAF Royal Air Force (Força Aérea Real)

RSHA Reichssicherheitshauptamt (Gabinete Central de Segurança do Reich)

SA Sturmabteilung (Tropa de Choque)

SD Sicherheitsdienst (Serviço de Segurança)

SPD Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrático da Alemanha)

SS Schutzstaffel (Brigada de Defesa)

USPD Unabhängige Sogialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata Independente da Alemanha)



1. O legado da Primeira Guerra Mundial



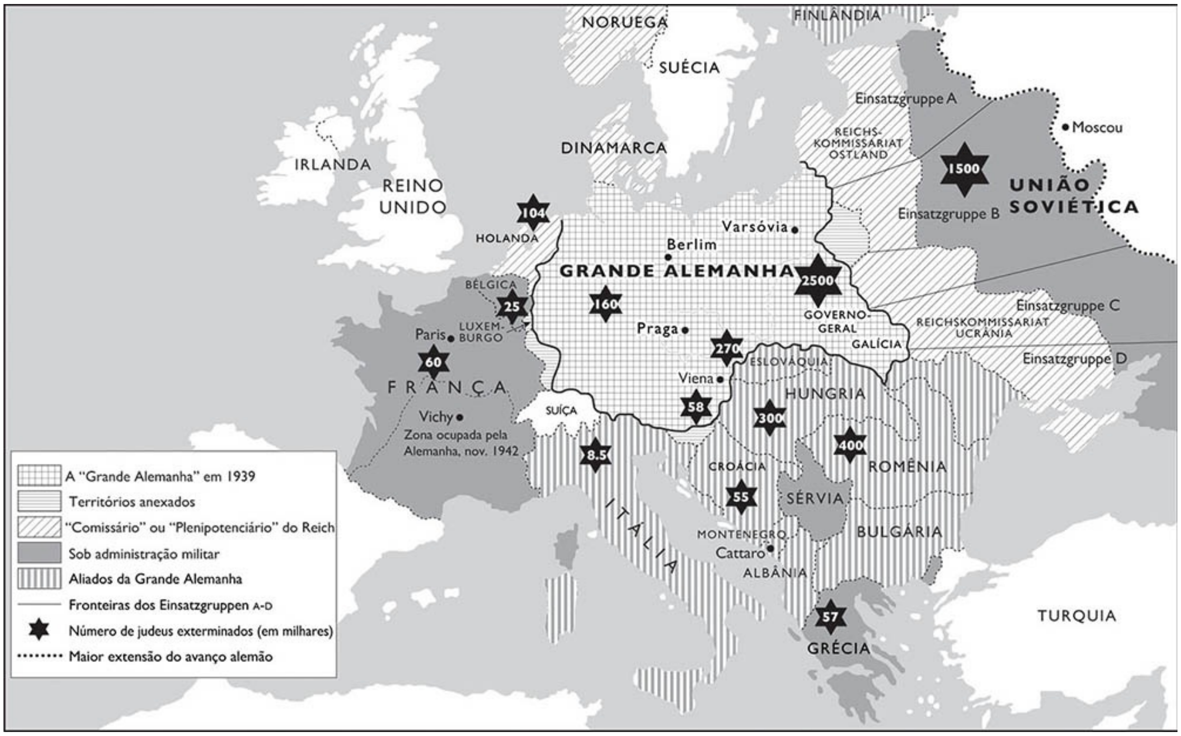
2. A Polônia sob ocupação nazista



3. A ofensiva ocidental: o ataque Sichelschnitt



4. O Reich alemão de 1942: os Gaue do Partido Nazista



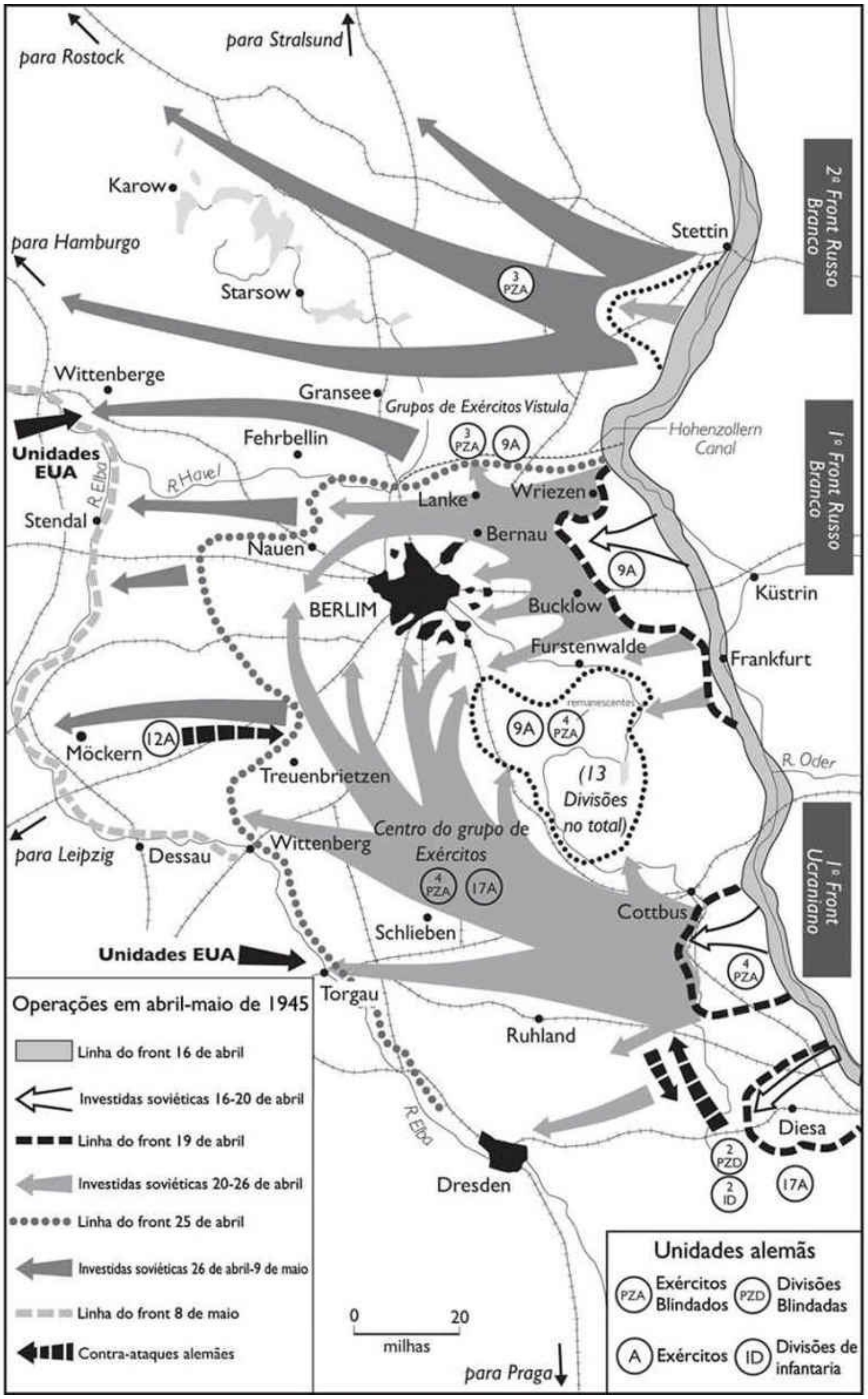
5. A Europa ocupada pelo nazismo



6. Ocupação alemã na União Soviética



7. As frentes ocidental e oriental, 1944-5



8. O avanço soviético em direção a Berlim

Prefácio à nova edição

Foi motivo de imensa satisfação para mim que os dois volumes da biografia original, *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, publicados em 1998 e 2000 respectivamente, tenham sido tão bem recebidos, tanto em língua inglesa como nas edições em línguas estrangeiras lançadas em numerosos países. A calorosa recepção na Alemanha foi particularmente gratificante.

Minha biografia pretendia ser, sobretudo, um estudo do poder de Hitler. Meu objetivo era responder a duas perguntas. A primeira era como Hitler foi possível. Como pôde um desajustado tão bizarro chegar a tomar o poder na Alemanha, um país moderno, complexo, economicamente desenvolvido e culturalmente avançado? A segunda era como Hitler pôde depois exercer o poder. Ele tinha certamente grande habilidade demagógica e, combinado a isso, sabia explorar implacavelmente a fraqueza de seus oponentes. Mas era um autodidata sem sofisticação que carecia de qualquer experiência de governo. A partir de 1933, ele teve de lidar não somente com nazistas grosseiros, mas com uma máquina de governo e círculos acostumados a mandar. Como conseguiu então dominar tão rapidamente as elites políticas estabelecidas, levar a Alemanha a uma aposta de alto risco catastrófico pelo domínio da Europa — que tinha em seu âmago um terrível programa de genocídio sem precedentes na história —, bloquear todas as possibilidades de um fim negociado para o conflito e, por fim, se matar somente quando o arqui-inimigo estava à sua porta e o país em total ruína física e moral?

Encontrei a resposta a essas perguntas apenas de forma parcial na personalidade do estranho indivíduo que presidiu o destino alemão durante aqueles doze longos anos. É evidente que a personalidade conta na explicação histórica. Seria tolice sugerir que não. E Hitler, como concordavam aqueles que o admiravam ou o vituperavam, era uma personalidade extraordinária (embora, por mais variadas e numerosas que sejam as tentativas de explicação, possamos apenas especular sobre as causas formadoras de sua psicologia peculiar). Hitler não era intercambiável. O tipo de indivíduo que ele foi influenciou inquestionavelmente acontecimentos importantes de forma decisiva. Se o chanceler do Reich fosse Göring, por exemplo, não teria agido do mesmo modo em numerosas conjunturas cruciais. Pode-se dizer com certeza: sem Hitler, a história teria sido diferente.

Mas o impacto desastroso de Hitler não pode ser explicado somente pela personalidade. Antes de 1918, não havia sinais de seu magnetismo pessoal extraordinário. Era considerado um esquisitão, às vezes uma figura digna de leve desprezo ou troça, mas jamais alguém que pudesse vir a ser um líder nacional. A partir de 1919, tudo isso mudou. Tornou-se objeto de uma adulação de massa crescente e, no fim, quase sem limites (bem como de ódio intenso de seus inimigos políticos). Isso sugere que a resposta ao enigma de seu impacto deve ser encontrada menos em sua personalidade do que nas novas circunstâncias de uma sociedade alemã traumatizada por uma guerra perdida, levantes revolucionários, instabilidade política, miséria econômica e crise cultural. Em qualquer outro momento, Hitler continuaria certamente a não ser ninguém. Mas, naquelas circunstâncias peculiares, surgiu uma relação simbiótica de natureza dinâmica e, em última instância, destrutiva entre o indivíduo com a missão de apagar o sentimento de humilhação nacional de 1918 e uma sociedade cada vez mais disposta a ver a liderança dele como vital para sua salvação futura, para resgatá-la das dificuldades nas quais, aos olhos de milhões de alemães, a derrota, a democracia e a depressão a haviam jogado.

Para resumir essa relação, numa chave para compreender como Hitler pôde obter e depois exercer sua forma peculiar de poder, voltei-me para o conceito de "autoridade carismática" criado pelo brilhante sociólogo alemão Max Weber, que morreu antes que se tivesse notícia de Hitler — ao menos do lado de fora das cervejarias de Munique. Não aprofundo aqui esse conceito, que figurou com

destaque em meus escritos sobre Hitler e o Terceiro Reich durante muitos anos. Porém, ele está inequivocamente no cerne da investigação. A "autoridade carismática", tal como definida por Weber, não deriva de qualidades importantes e demonstráveis de um indivíduo, mas sim da percepção dessas qualidades por um "séquito" que, em meio a condições de crise, projeta sobre um líder escolhido atributos "heroicos" e nele vê grandeza pessoal, a encarnação de uma "missão" salvífica. Na conceituação de Weber, a "autoridade carismática" é inerentemente instável. O fracasso ou o infortúnio continuado provocam sua queda; e ela representa a ameaça de se "rotinizar" numa forma sistemática de governo.

A aplicação do conceito de "autoridade carismática" pareceu-me oferecer uma maneira útil de abordar as duas questões centrais que eu havia proposto. Em minha opinião, o conceito ajuda a avaliar a relação entre Hitler e a adesão em massa que moldou sua ascensão — embora em condições jamais imaginadas por Max Weber — e de que modo a imagem de liderança "heroica" associada a Hitler, explorando expectativas de salvação nacional pseudorreligiosas preexistentes, era, em boa medida, produto de propaganda manufaturada. E também o considerei valioso para examinar o modo como o regime altamente personalizado de Hitler desgastou o governo e a administração e era incompatível com eles. Evidentemente, na metade da guerra, a popularidade de Hitler estava em forte queda e qualquer domínio "carismático" do governo e da sociedade estava em declínio acentuado. Mas àquela altura a Alemanha já estava casada havia uma década com sua dominação "carismática". Aqueles que deviam suas posições de poder à suprema "autoridade de Führer" de Hitler ainda a sustentavam, fosse por convicção, fosse por necessidade. Eles haviam ascendido com Hitler. Agora, estavam condenados a cair com ele. Hitler não lhes deixara outra saída. A autoridade dele dentro do regime começou a desmoronar somente quando a Alemanha encarou a derrota iminente e total. E, enquanto esteve vivo, representou uma barreira insuperável para o único modo de levar ao fim a guerra que ele havia provocado: a capitulação de seu país.

Vinculei "autoridade carismática" a outro conceito, para mostrar como funcionava a forma altamente personalizada de governo de Hitler. Trata-se, tal como é referida no texto, da noção de "trabalhar para o Führer", a qual funciona como uma espécie de leitmotiv ao longo da biografia. Tentei usá-la para mostrar como os objetivos presumidos de Hitler serviram para provocar, ativar ou legitimar

iniciativas em níveis diferentes do regime, levando adiante, consciente ou inadvertidamente, a dinâmica destrutiva do poder nazista. Com essa noção, não quis sugerir que o povo, em todos os momentos, procurou saber o que Hitler pretendia e depois tentou pôr isso em prática. Alguns, em especial os fiéis do partido, fizeram mais ou menos isso. Mas muitos outros — digamos, ao boicotar uma loja judia para proteger um negócio concorrente, ou ao denunciar um vizinho à polícia em virtude de alguma queixa pessoal — não se perguntavam quais seriam as intenções do Führer, tampouco agiam por motivação ideológica. Não obstante, estavam, de maneira modesta, ajudando a sustentar e promover os alvos ideológicos representados por Hitler e, desse modo, ajudando no processo de radicalização pelo qual esses alvos — nesse caso, a "limpeza racial" da sociedade alemã — se tornaram gradualmente mais percebidos como metas realizáveis no curto prazo, em vez de objetivos distantes.

A abordagem que escolhi fez com que os dois volumes fossem necessariamente longos. Mas, mesmo além do texto, havia muito a ser acrescentado. Eu estava disposto a oferecer referências completas às extensas fontes documentais — tanto de arquivos e de fontes primárias impressas, quanto da rica literatura secundária que havia utilizado —, primeiro para que outros pesquisadores pudessem localizá-las e reexaminá-las, se necessário, e, em segundo lugar, para remover as distorções de alguns relatos ou desfazer mitos que se haviam ligado a Hitler. Às vezes, as notas se transformavam em pequenas digressões sobre detalhes que não podiam ser expandidos no texto, ou ofereciam comentários adicionais sobre eles. Escrevi longas notas em *Hubris*, por exemplo, aprofundando questões de interpretação na historiografia e sobre diferentes opiniões a respeito da psicologia de Hitler; e, em *Nemesis*, sobre a autenticidade do texto dos monólogos finais do início de 1945 e sobre os indícios complexos (e às vezes conflitantes) das circunstâncias da morte de Hitler e a descoberta de seus restos mortais pelos soviéticos. Tudo isso fez com que os dois volumes ficassem enormes, totalizando quase 1450 páginas de texto e quase 450 páginas de notas e bibliografia. É óbvio que nem todos os leitores podem dedicar tempo e energia suficientes para uma obra dessa magnitude. E, naturalmente, nem todos os leitores estão interessados no aparato acadêmico.

Depois de muito pensar, decidi então produzir esta edição condensada. Ao empreendê-la, lembrei-me do trecho do filme *Amadeus* em que o Kaiser diz a

Mozart que gosta da ópera dele, exceto pelo fato de que ela contém notas de mais. "Notas de mais, majestade?", exclama o músico indignado. "Não há nem de mais, nem de menos. Apenas exatamente o número certo." É mais ou menos assim que me sinto em relação a meus dois volumes originais. Eles assumiram a forma e o tamanho que assumiram porque eu queria escrevê-los exatamente daquela maneira. Assim, a poda drástica que entrou nesta edição — com a perda de mais de 650 páginas (mais de 300 mil palavras) de texto e todo o aparato acadêmico — foi muito dolorosa. E, é claro, vai contra a natureza do historiador publicar um texto sem referências e notas. Mas me consolo ao pensar que as notas e as referências bibliográficas estão todas lá para consulta daqueles que quiserem checá-las no texto completo da versão original em dois volumes, que continuará em catálogo. E o texto resumido, embora muito encurtado para tornar este volume mais acessível, é perfeitamente fiel ao original. Cortei muita coisa que se depreendia do contexto, tirei numerosos exemplos ilustrativos, encurtei ou removi muitas citações e eliminei algumas seções inteiras que descreviam o clima social e político geral ou o cenário em que Hitler agia. Em dois casos, mesclei capítulos. Afora isso, a estrutura é idêntica à original. A essência do livro permanece completamente intacta. Eu não quis e não vi necessidade de mudar a interpretação geral. E, num exercício dedicado a reduzir o tamanho do texto, não quis naturalmente acrescentar coisas. Afora alguns ajustes insignificantes de palavras, incorporei apenas uma ou duas pequenas emendas ao que havia escrito antes. Uma vez que as notas originais foram excluídas, não parecia fazer sentido incluir as longas bibliografias de obras que usei na edição em dois volumes. Mas fiz uma seleção das fontes primárias *impressas* mais importantes para uma biografia de Hitler, todas utilizadas por mim (exceto uma ou outra publicação recente). A maioria está escrita evidentemente em alemão, embora eu acrescente, quando relevante, uma referência a traduções para o inglês.

Minhas muitas dívidas de gratidão continuam as mesmas presentes nos agradecimentos de *Hubris* e *Nemesis*. Mas, além disso, gostaria de acrescentar meu muito obrigado, por esta edição, a Andrew Wylie e a Simon Winder, e à excelente equipe da Penguin. Por fim, é um grande prazer acrescentar Olivia ao rol da família, ao lado de Sophie, Joe e Ella, e agradecer, como sempre, a David e Katie, Stephen e Becky e, é claro, a Betty, por seu amor e apoio constante.

Ian Kershaw
Manchester/Sheffield, agosto de 2007

Reflexões sobre Hitler

A ditadura de Hitler tem a característica de um paradigma para o século XX. De forma intensa e extrema, ela significou, entre outras coisas, a reivindicação total do Estado moderno, graus imprevistos de repressão e violência estatal, manipulação sem paralelo anterior dos meios de comunicação para controlar e mobilizar as massas, cinismo sem precedentes nas relações internacionais, os graves perigos do ultranacionalismo, o poder imensamente destrutivo das ideologias de supremacia racial e as consequências últimas do racismo, ao lado da utilização pervertida da tecnologia moderna e da "engenharia social". Sobretudo, acendeu um farol de advertência que ainda brilha com intensidade: mostrou como uma sociedade moderna, avançada, culta pode afundar rapidamente na barbárie, culminando em guerra ideológica, brutalidade e rapacidade dificilmente imagináveis, e em um genocídio como o mundo jamais testemunhara. A ditadura de Hitler equivaleu ao colapso da civilização moderna: uma forma de explosão nuclear dentro da sociedade. Ela mostrou do que somos capazes.

O século que, num certo sentido, foi dominado pelo nome de Hitler ganhou muito de seu caráter da guerra e do genocídio, marcas registradas do ditador alemão. O que aconteceu sob o regime de Hitler ocorreu — na verdade, só poderia ter ocorrido — na sociedade de um país moderno, culto, tecnologicamente avançado e altamente burocrático. Poucos anos depois de ele se tornar chefe do governo, esse país sofisticado do coração da Europa estava trabalhando para o que

viria a ser uma guerra genocida apocalíptica que deixou a Alemanha e a Europa não apenas divididas por uma Cortina de Ferro e fisicamente em ruínas, mas moralmente arrasadas. Isso ainda carece de explicação. A combinação de uma liderança dedicada a uma missão ideológica de regeneração nacional e purificação racial; uma sociedade com crença suficiente em seu Líder para trabalhar em prol dos objetivos que ele parecia buscar; e uma administração burocrática competente, capaz de planejar e implementar políticas, por mais desumanas que fossem, e entusiasmada em fazê-lo, oferecem um ponto de partida. Mesmo assim, descobrir como e por que essa sociedade pôde ser galvanizada por Hitler é algo que requer exame detalhado.

Na busca pelas causas da desgraça da Alemanha e da Europa, seria conveniente não ir além da pessoa do próprio Adolf Hitler, governante alemão de 1933 a 1945, cuja filosofia de desumanidade espantosa foi publicamente anunciada quase oito anos antes de ele se tornar chanceler do Reich. Mas, apesar de toda a sua responsabilidade moral pelo que aconteceu sob seu regime autoritário, uma explicação pessoalizada seria uma simplificação grosseira da verdade. Poder-se-ia dizer que Hitler oferece uma ilustração clássica da máxima de Karl Marx de que "os homens fazem sua história [...] mas [...] sob condições determinadas e impostas". Em que medida "condições determinadas e impostas", eventos impessoais fora do controle de qualquer indivíduo, por mais poderoso que fosse, moldaram o destino da Alemanha; quanto pode ser posto na cota da contingência, até mesmo do acidente histórico; o que pode ser atribuído às ações e motivações do homem extraordinário que governou o país naquela época: tudo isso precisa ser investigado. Tudo faz parte da investigação deste livro. Respostas simples não são possíveis.

Desde que ganhou notoriedade na década de 1920, Hitler foi visto de muitas e diferentes maneiras, muitas vezes diretamente contrastantes. Foi considerado, por exemplo, não mais que "um oportunista totalmente sem princípios", "desprovido de qualquer ideia, exceto uma: aumentar mais seu próprio poder e o da nação com que se identificara", preocupado somente com a "dominação, travestida em doutrina da raça", e não consistindo de outra coisa senão "destrutividade vingativa". Em contraste completo, foi retratado como alguém que levou a cabo com fanatismo um programa ideológico pré-planejado e preestabelecido. Houve

tentativas, ainda, de vê-lo como um tipo de vigarista político que hipnotizou e enfeitiçou o povo alemão, conduzindo-o ao mau caminho e ao desastre, ou de "demonizá-lo", transformando-o numa figura mística e inexplicável do destino da Alemanha. Ninguém menos que Albert Speer, o arquiteto de Hitler, depois seu ministro dos Armamentos, que durante boa parte do Terceiro Reich esteve entre os mais próximos ao ditador, descreveu-o logo após o fim da guerra como uma "figura demoníaca", "um daqueles fenômenos históricos inexplicáveis que surgem em raros intervalos na humanidade", cuja "pessoa determinou o destino da nação". Concepções como essa correm o risco de mistificar o que aconteceu na Alemanha entre 1933 e 1945, reduzindo a causa da catástrofe alemã e europeia ao capricho arbitrário de uma personalidade demoníaca. A gênese da calamidade não encontra explicação fora das ações de um indivíduo extraordinário. Desdobramentos complexos passam a ser apenas uma expressão da vontade de Hitler.

Uma visão totalmente oposta — sustentável somente enquanto fez parte de uma ideologia de Estado e que, em consequência, se evaporou assim que desmoronou o bloco soviético que a amparava — rejeitava de imediato qualquer papel da personalidade, relegando Hitler à simples posição de agente do capitalismo, uma nulidade a serviço dos interesses das grandes empresas e de seus líderes que o controlavam e manipulavam os cordões de sua marionete.

Algumas explicações sobre Hitler mal reconheceram algum problema de entendimento, ou logo o descartaram. Ridicularizá-lo foi um modo de fazê-lo. Descrevê-lo simplesmente como "lunático" ou "maníaco furioso" evita a necessidade de uma explicação, embora deixe evidentemente em aberto a pergunta essencial: por que uma sociedade complexa estaria disposta a seguir alguém que sofria de distúrbio mental, um caso "patológico", e se jogar no abismo?

Abordagens muito mais sofisticadas relativizaram a ideia de que Hitler era efetivamente o "senhor do Terceiro Reich", ou o descreveram como, "em alguns aspectos, um ditador fraco". Ele exercia de fato poder total, irrestrito e exclusivo? Ou seu regime estava fundado numa "policracia" de estruturas de poder de muitas cabeças, em que Hitler, por conta de sua inegável popularidade e do culto que o cercava, era pouco mais que o suporte indispensável — sendo não mais que o propagandista que, em essência, sempre fora, explorando oportunidades quando se apresentavam, embora sem programa, plano ou projeto?

As diferenças de concepção sobre Hitler nunca foram apenas uma questão de debate acadêmico oculto. Elas têm uma circulação mais ampla do que isso — e com implicações muito mais abrangentes. Quando Hitler foi apresentado como uma espécie de cópia invertida de Lênin ou Stálin, um líder cujo medo paranoico do terror bolchevista, do genocídio de classe, motivou-o a perpetrar o genocídio de raça, as implicações eram claras. Hitler era cruel, sem dúvida, mas menos perverso que Stálin. Ele era a cópia, Stálin era o original. A causa subjacente do genocídio de raça nazista era o genocídio de classe soviético. Isso importava também quando o holofote era desviado dos crimes contra a humanidade pelos quais Hitler era, em última análise, o responsável, e se voltava para suas ruminações sobre a transformação da sociedade alemã. Esse Hitler estava interessado em mobilidade social, moradia melhor para os trabalhadores, modernização da indústria, criação de um sistema de seguridade social, liquidação dos privilégios reacionários do passado; em suma, na construção de uma sociedade alemã melhor, mais atualizada, menos marcada pela divisão de classes, por mais brutais que fossem os métodos. Esse Hitler era, apesar de sua demonização dos judeus e da busca de poder mundial contra poderosas adversidades, "um político cujos pensamentos e ações eram muito mais racionais do que até agora se pensou". Desse ponto de vista, ele poderia ser visto como mau, mas com boas intenções para a sociedade alemã — ou, ao menos, intenções que poderiam ser vistas sob uma luz positiva.

Essas interpretações revisionistas não pretendiam ser laudatórias. Com a comparação entre os crimes contra a humanidade do nazismo e do stalinismo se pretendia, por mais distorcida que fosse a abordagem, lançar luz sobre a terrível ferocidade do conflito ideológico do entreguerras na Europa e as forças motivadoras do genocídio alemão. O retrato de Hitler como social-revolucionário era uma tentativa de explicar, talvez de forma equivocada, por que ele exerceu uma atração tão ampla na Alemanha numa época de crise social. Mas não é difícil ver que ambas as abordagens contêm, embora inadvertidamente, o potencial para uma possível reabilitação de Hitler, que poderia começar a ser visto, apesar dos crimes contra a humanidade associados a seu nome, como um grande líder do século XX, alguém que, se tivesse morrido antes da guerra, ocuparia um lugar de destaque no panteão dos heróis alemães.

A questão da "grandeza histórica" estava usualmente implícita na literatura

biográfica convencional, em particular na tradição alemã. A figura de Hitler, cujos atributos pessoais — distintos de sua aura política e seu impacto — eram dificilmente nobres, elevados ou enriquecedores, colocava problemas evidentes para essa tradição. Uma maneira de evitá-los era sugerir que Hitler possuía uma forma de "grandeza negativa"; que, embora carecesse da nobreza de caráter e outros atributos que se supunha pertencerem à "grandeza" das figuras históricas, seu impacto sobre a história era inegavelmente imenso, ainda que catastrófico. No entanto, a "grandeza negativa" também pode ter conotações trágicas: empenho poderoso e espantosas realizações pervertidas; grandeza nacional transformada em catástrofe nacional.

Parece melhor evitar totalmente a questão da "grandeza" (exceto tentar entender por que tantos contemporâneos viram "grandeza" em Hitler). É uma pista falsa: mal interpretada, sem sentido, irrelevante e potencialmente apologética. É uma interpretação errada porque não foge ao que as teorias dos "grandes homens" fazem: personalizam de modo extremo o processo histórico. Sem sentido, porque toda a noção de grandeza histórica é, em última análise, inútil. Baseado num conjunto subjetivo de juízos morais ou até mesmo estéticos, é um conceito ético-filosófico que não leva a nada. Irrelevante porque, independente da resposta à questão da suposta "grandeza" de Hitler ser positiva ou negativa, ela em si mesma não explicaria nada sobre a terrível história do Terceiro Reich. E potencialmente apologética porque o simples fato de propor a questão não consegue esconder uma certa admiração por Hitler, por mais relutante que seja; e porque, enfim, procurar grandeza em Hitler acarreta o corolário automático de reduzir ao papel de meros figurantes ao lado do "grande homem" aqueles que promoveram diretamente seu regime, as instâncias diversas que o sustentaram e o povo alemão que lhe deu tanto apoio.

Em vez de tratar da "grandeza histórica", precisamos voltar nossa atenção para outra pergunta, de muito maior importância. Como explicarmos que alguém com tão poucos dons intelectuais e atributos sociais, alguém que não era mais que um recipiente vazio fora de sua vida política, inacessível e impenetrável até mesmo para aqueles que conviviam com ele, incapaz aparentemente de uma amizade genuína, sem a formação que preparava para os altos cargos, sem nem mesmo qualquer experiência de governo antes de se tornar chanceler do Reich, pôde, não

obstante, causar um impacto histórico tão imenso, pôde fazer o mundo inteiro segurar a respiração?

A pergunta talvez esteja, ao menos em parte, mal formulada. Antes de mais nada, Hitler certamente não era burro e possuía uma mente afiada que podia recorrer a uma memória formidável. Com sua compreensão rápida das questões, era capaz não somente de impressionar, como era de esperar, seu círculo de bajuladores, mas também estadistas e diplomatas frios, críticos e experimentados. Seu talento retórico foi evidentemente reconhecido até por seus inimigos políticos. E ele por certo não foi o único líder político do século XX a combinar o que poderíamos considerar deficiências de caráter e superficialidade de desenvolvimento intelectual com habilidade e eficácia políticas notáveis. É bom evitar a armadilha, em que a maioria de seus contemporâneos caiu, de subestimar grosseiramente suas capacidades.

Ademais, outros além de Hitler ascenderam de famílias humildes para altos cargos. Mas, se sua ascensão da total anonímia não é única, o problema postulado por Hitler permanece. Um motivo é o vazio da pessoa privada. Como foi dito com frequência, ele equivalia a uma "não pessoa". Nesse julgamento talvez haja um elemento de condescendência, uma disposição para tratar com superioridade o arrivista vulgar, inculto, que carece de uma personalidade impecável, o estranho com opiniões simplórias sobre tudo o que existe sob o sol, o despreparado árbitro autodesignado da cultura. Em parte, o buraco negro que representa o indivíduo privado também deriva do fato de que Hitler era muitíssimo reservado, sobretudo sobre sua vida pessoal, seu passado e sua família. O segredo e o insulamento eram traços de seu caráter e se aplicavam também a seu comportamento político; eram também politicamente importantes, componentes da aura de liderança "heroica" que ele permitira conscientemente que fosse construída, intensificando o mistério sobre si mesmo. Ainda assim, depois de fazer todas as qualificações, resta o fato de que fora da política (e de uma paixão limitada pela grandiosidade cultural e pelo poder da música, das artes e da arquitetura), a vida de Hitler era, em larga medida, um vazio.

A biografia de uma "não pessoa", de alguém que quase não tem vida ou história pessoal além daquela dos eventos políticos em que se envolveu, impõe naturalmente limitações próprias. Mas os inconvenientes existem somente na

medida em que se presume que a vida privada é decisiva para a vida pública. Tal presunção seria um erro. Hitler não tinha "vida privada". É claro que ele podia gostar de seus filmes escapistas, de sua caminhada diária à Casa de Chá no Berghof, do tempo passado em seu idílio alpino longe dos ministérios do governo em Berlim. Mas eram rotinas vazias. Não havia recolhimento para uma esfera fora do político, para uma existência mais profunda que condicionasse seus reflexos públicos. Não é que sua "vida privada" tenha se tornado parte de sua persona pública. Ao contrário: ela permaneceu tão reservada que o povo alemão só soube da existência de Eva Braun, por exemplo, depois que o Terceiro Reich havia sido reduzido a cinzas. Na verdade, Hitler "privatizou" a esfera pública. "Privado" e "público" fundiram-se completamente e se tornaram inseparáveis. O ser de Hitler inteiro subordinou-se ao papel que ele desempenhava com perfeição: o de "Führer".

A essa altura, a tarefa do biógrafo fica mais clara. É uma tarefa que não tem de se concentrar na personalidade de Hitler, mas diretamente no *caráter de seu poder — o poder do Führer*.

Esse poder originava-se somente em parte do próprio Hitler. Em maior medida, era um produto social — uma criação de expectativas e motivações sociais investidas em Hitler por seus seguidores. Isso não significa que as ações dele, no contexto de seu poder em expansão, não fossem da maior importância em momentos cruciais. Mas o impacto de seu poder precisa ser visto, em larga medida, não em qualquer atributo específico de "personalidade", mas em seu papel de Führer, um papel que se tornou possível somente mediante a submissão, os erros, as fraquezas e a colaboração dos outros. Portanto, para explicar seu poder, devemos olhar em primeiro lugar para os outros, não para o próprio Hitler.

Seu poder era de um tipo extraordinário. Ele não baseava sua reivindicação ao poder (exceto num sentido muito formal) em sua posição de líder do partido, ou em qualquer posição funcional. Ele o extraía do que considerava sua missão histórica de salvar a Alemanha. Em outras palavras, seu poder era "carismático", e não institucional. Dependia da disposição dos outros de ver qualidades "heroicas" nele. E eles viram de fato essas qualidades, talvez mesmo antes de ele passar a acreditar nelas.

Franz Neumann, um dos mais brilhantes analistas contemporâneos do

fenômeno nazista, observou: “O domínio carismático tem sido negligenciado e ridicularizado há muito tempo, mas tem claramente raízes profundas e se torna um estímulo poderoso quando se criam as condições psicológicas e sociais adequadas. O poder carismático do Líder não é um mero fantasma — ninguém pode duvidar que milhões acreditem nele”. A contribuição de Hitler para a expansão desse poder e para suas consequências não deve ser subestimada. Uma breve reflexão contrafactual enfatiza o que digo. Poderíamos perguntar se é provável que um Estado policial terrorista como o que se desenvolveu sob o comando de Himmler e da SS teria sido erguido sem Hitler como chefe de governo. A Alemanha, dirigida por um líder diferente, mesmo autoritário, teria se envolvido no fim da década de 1930 numa guerra europeia *geral*? E, com um chefe de Estado diferente, a discriminação contra os judeus (que com quase certeza teria ocorrido) culminaria num genocídio total? A resposta a cada uma dessas perguntas seria certamente “não”, ou, no mínimo, “altamente improvável”. Quaisquer que fossem as circunstâncias externas e os determinantes impessoais, Hitler não era intercambiável.

O poder altamente pessoalizado que Hitler exerceu condicionava até indivíduos perspicazes e inteligentes — clérigos, intelectuais, diplomatas estrangeiros, visitantes ilustres — a serem impressionados por ele. Em sua maioria, eles não teriam sido cativados pelos mesmos sentimentos expressos para uma multidão estridente de uma cervejaria de Munique. Mas com a autoridade da Chancelaria do Reich por trás, apoiado por multidões devotas, cercado pelos adornos do poder, envolvido pela aura de grande liderança trombeteada pela propaganda, pouco surpreende que outros, além dos completamente ingênuos e crédulos, pudessem julgá-lo impressionante. O poder era também o motivo de seus subalternos — líderes nazistas subordinados, séquito pessoal, chefes provinciais do partido — ouvirem atentamente cada palavra sua, antes de fugirem, como os proverbiais ratos de um navio afundando, quando esse poder estava no fim, em abril de 1945. A mística do poder também explica com certeza por que tantas mulheres (em especial aquelas muito mais jovens do que ele) viam em Hitler — uma pessoa que para nós parece ser a antítese da sexualidade — um símbolo sexual e muitas delas tentassem o suicídio por ele.

Uma história de Hitler, portanto, tem de ser uma história de seu poder — como

ele chegou a obtê-lo, qual era seu caráter, como ele o exerceu, por que deixaram que ele o expandisse até romper com todas as barreiras institucionais, por que a resistência a esse poder foi tão débil. Mas essas são perguntas que devem ser feitas à sociedade alemã, não apenas a Hitler.

Não há necessidade de menosprezar o papel dos traços inerentes ao caráter de Hitler. Determinação, inflexibilidade, impiedade ao descartar todos os obstáculos, astúcia cínica, o instinto do jogador para o tudo ou nada nas apostas mais altas: cada uma dessas características ajudou a moldar a natureza de seu poder. Esses traços de caráter uniram-se num elemento dominante de sua força interior: sua egomania sem limites. O poder era o afrodisíaco de Hitler. Para alguém tão narcisista como ele, o poder oferecia um objetivo depois de seus primeiros anos de irresolução, uma compensação para todos os revezes profundamente sentidos da primeira metade de sua vida — rejeição como artista, falência social que o levou a uma pensão barata em Viena, o desmoronamento de seu mundo na derrota e na revolução de 1918. O poder o consumia totalmente. Um observador perspicaz comentou em 1940, mesmo antes do triunfo sobre a França: "Hitler é o suicida em potencial *par excellence*. Ele não tem laços fora de seu ego. [...] Ele está na posição privilegiada de alguém que não ama nada e ninguém senão ele mesmo. [...] Então, pode ousar tudo para preservar ou aumentar seu poder [...] que é a única coisa que se interpõe entre ele e a morte rápida". A sede de poder pessoal dessa magnitude combinou-se com um apetite insaciável por conquistas territoriais que equivalia a uma aposta onipotente — contra chances extremamente poderosas — no monopólio do poder no continente europeu e, mais tarde, no mundo. A busca incansável pela expansão cada vez maior do poder não podia contemplar diminuição, confinamento ou restrição. Além disso, dependia da continuação do que era tido como "grandes realizações". Sem nenhuma capacidade de limitação, a progressiva megalomania continha inevitavelmente as sementes da autodestruição do regime que Hitler comandava. A combinação com suas tendências suicidas inerentes era perfeita.

Por mais que o monopolizasse, o poder para Hitler não era uma questão de poder por si mesmo, desprovido de conteúdo ou significado. Ele não era apenas um propagandista, um manipulador, um mobilizador. Era tudo isso. Mas era também um ideólogo de convicções inabaláveis — o mais radical dos radicais como expoente de uma "visão de mundo" internamente coerente (por mais repelente que

seja para nós) que adquiriu seu impulso e potência de sua combinação de algumas ideias básicas — integradas pela noção da história da humanidade como história da luta racial. Sua "visão de mundo" deu-lhe uma explicação arredondada dos males da Alemanha e do mundo, e como remediá-los. Ele manteve-se fiel a essa visão desde o início dos anos 1920 até sua morte no bunker. Ela consistia numa visão utópica da redenção nacional; não era um conjunto de políticas de médio alcance. Mas não era capaz somente de incorporar todas as diferentes linhagens da filosofia nazista: combinadas com as habilidades retóricas de Hitler, ela significou também que ele logo se tornou praticamente incontestável a respeito de qualquer ponto da doutrina do partido.

As metas ideológicas de Hitler, suas ações e sua contribuição pessoal para a moldagem dos eventos precisam, portanto, receber a mais séria atenção. Mas estão longe de explicar tudo. O que Hitler não fez, não instigou, mas que foi, não obstante, posto em movimento pelas iniciativas de outros, é tão vital quanto as ações do próprio ditador para compreender a "radicalização cumulativa" fatal do regime.

Uma abordagem que se volte mais para as expectativas e motivações da sociedade alemã (em toda a sua complexidade) do que para a personalidade de Hitler para explicar o impacto imenso do ditador oferece o potencial de explorar a expansão de seu poder através da dinâmica interna do regime que ele chefiou e das forças que ele desencadeou. Essa abordagem está resumida na máxima enunciada por um funcionário nazista em 1934 — e que propicia de certo modo um leitmotiv para a obra como um todo: no Terceiro Reich, cada pessoa tinha o dever de "trabalhar para o Führer no sentido que ele desejasse", sem esperar por instruções de cima. Essa máxima, posta em prática, foi uma das forças propulsoras do Terceiro Reich, traduzindo as metas ideológicas frouxamente formuladas em realidade por meio de iniciativas centradas em trabalhar para a realização dos objetivos visionários do ditador. A autoridade de Hitler era, evidentemente, decisiva. Mas as iniciativas que ele sancionava derivavam com mais frequência de outros.

Hitler não foi um tirano imposto à Alemanha. Embora jamais tivesse obtido maioria em eleições livres, foi legalmente nomeado para o poder, no posto de chanceler do Reich, do mesmo modo que seus antecessores haviam sido, e pode-se dizer que se tornou, entre 1933 e 1940, o chefe de Estado mais popular do mundo.

Compreender isso exige a reconciliação do aparentemente irreconciliável: o método personalizado da biografia e as abordagens contrastantes da história social (inclusive as estruturas da dominação política). O impacto de Hitler só pode ser entendido através da época que o criou (e que foi destruída por ele). A interpretação não deve apenas dar plena conta de seus objetivos ideológicos, suas ações e sua contribuição pessoal para a moldagem dos eventos: ela deve, ao mesmo tempo, localizar esses aspectos dentro das forças sociais e estruturas políticas que permitiram, moldaram e promoveram o crescimento de um sistema que passou cada vez mais a depender de um poder pessoal e absoluto, com os efeitos desastrosos que dele decorreram.

O ataque nazista às raízes da civilização foi um traço definidor do século XX. Hitler foi o epicentro desse ataque. Mas ele foi seu principal expoente, não sua causa primeira.

1. Fantasia e fracasso

I

O primeiro dos muitos golpes de sorte para Adolf Hitler aconteceu treze anos antes de seu nascimento. Em 1876, o homem que viria a ser seu pai mudou o nome de Alois Schicklgruber para Alois Hitler. O futuro ditador diria que nenhum outro ato de seu pai lhe agradara tanto quanto abandonar o sobrenome grosseiramente rústico, e podemos acreditar que foi mesmo assim. Com certeza, "Heil Schicklgruber" teria sido uma saudação improvável a um herói nacional.

Os Schicklgruber foram durante gerações uma família camponesa, pequenos proprietários em Waldviertel, uma região pitoresca, mas pobre, de morros e bosques (como o nome sugere) na parte mais noroeste da baixa Áustria, na fronteira com a Boêmia, cujos habitantes tinham reputação de austeridade, intransigência e hostilidade aos forasteiros. Alois nasceu ali em 7 de junho de 1837, na aldeia de Strones, filho ilegítimo de Maria Anna Schicklgruber, então com 41 anos de idade, ela filha do pequeno proprietário pobre Johann Schicklgruber; o menino foi batizado no mesmo dia (com o nome de Aloys Schicklgruber) na localidade vizinha de Döllersheim.

O pai de Hitler foi o primeiro membro da família a ascender socialmente. Em 1855, quando estava com dezoito anos, ganhou um emprego modesto no Ministério das Finanças austríaco. Para um jovem de sua origem e educação limitada, seu progresso nos anos seguintes foi impressionante. Depois de estudar e passar nos exames necessários, alcançou, em 1861, um cargo de supervisão, e um

posto no serviço de alfândega em 1864, tornando-se agente alfandegário em 1870, antes de se mudar no ano seguinte para Braunau am Inn, onde chegou ao posto de inspetor alfandegário em 1875.

Um ano depois, mudou de nome. Alois, o arrivista, talvez tenha preferido a forma menos rústica de "Hitler" (uma variante de "Hiedler", também escrito "Hietler", "Hüttler", "Hütler", que significa "pequeno proprietário", sobrenome de Johann Georg Hiedler, que se casou mais tarde com a mãe de Alois, num aparente reconhecimento de paternidade). De qualquer modo, parece que Alois ficou bem satisfeito com seu novo nome e a partir da autorização final, em janeiro de 1877, sempre assinou "Alois Hitler". Seu filho também gostou da forma mais diferente "Hitler".

Klara Pölzl, que viria a ser a mãe de Adolf, era a mais velha das três filhas sobreviventes — as outras duas eram Johanna e Theresia — dos onze filhos de Johanna Hüttler, filha mais velha de Johann Nepomuk Hüttler, com Johann Baptist Pölzl, também pequeno proprietário em Spital. Klara cresceu na fazenda vizinha da de seu avô Nepomuk (que era irmão de Johann Georg Hiedler), o qual adotara efetivamente Alois Schicklgruber depois da morte de Hiedler. A mãe de Klara, Johanna, e sua tia Walburga haviam de fato crescido com Alois na casa de Nepomuk. Oficialmente, depois da mudança e legitimação do nome em 1876, Alois Hitler e Klara Pölzl eram primos em segundo grau. Ainda em 1876, aos dezesseis anos, Klara deixou a fazenda da família em Spital e mudou-se para Braunau am Inn para trabalhar como criada na casa de Alois Hitler.

Àquela altura, Alois era um respeitado funcionário da alfândega na cidade. Mas seus assuntos pessoais eram menos organizados do que sua carreira. Ele se casou três vezes, primeiro com Anna Glasserl, uma mulher muito mais velha, da qual se separou em 1880, depois com uma mulher jovem o suficiente para ser sua filha. Uma ligação pré-marital e seus dois últimos casamentos lhe dariam nove filhos, quatro dos quais morreriam na primeira infância. Era uma vida mais turbulenta que a média, ao menos para um fiscal alfandegário provinciano. Quando sua segunda esposa, Franziska (Fanni) Matzelberger, morreu de tuberculose em agosto de 1884, com apenas 23 anos, os dois filhos deles, Alois e Angela, ainda eram muito pequenos. Durante sua moléstia, Fanni fora levada para o ar fresco do campo, nas cercanias de Braunau. Para cuidar de seu casal de filhos, Alois apelou diretamente

para Klara Pölzl e trouxe-a para Braunau. Fanni mal fora enterrada, Klara já estava grávida. Uma vez que eram oficialmente primos em segundo grau, o casamento entre Alois e Klara precisava de licença da Igreja. Depois de esperar quatro meses, período no qual a condição de Klara ficou mais do que evidente, a licença chegou de Roma no fim de 1884 e o casal se casou em 7 de janeiro de 1885. A cerimônia foi realizada às seis horas da manhã. Logo após uma celebração rotineira, Alois estava de volta a seu trabalho no posto da alfândega.

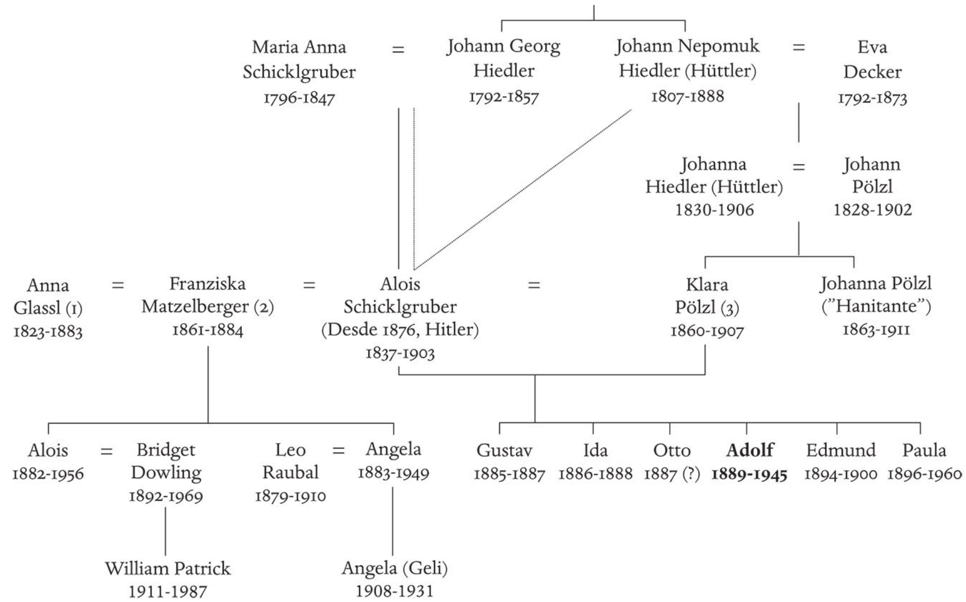
Gustav, o primeiro dos três filhos do terceiro casamento de Alois, nasceu em maio de 1885, seguido em setembro do ano seguinte pela menina Ida e, quase sem intervalo, por outro filho, Otto, que morreu dias depois do parto. Para Klara, a tragédia não ficou por aí: Gustav e Ida contraíram difteria e morreram poucas semanas depois, um após o outro, em dezembro de 1887 e janeiro de 1888. Mas no verão de 1888 Klara estava grávida de novo. Às 18h30 de 20 de abril de 1889, um sábado de Páscoa gelado e sombrio, ela deu à luz no hotel onde morava, Gasthof zum Pommer, Vosrstadt no 219, o seu quarto filho, o primeiro a sobreviver à primeira infância: Adolf.

Os registros históricos dos primeiros anos de vida de Adolf são muito esparsos. Seu relato em *Mein Kampf* é inexato nos detalhes e fantasioso na interpretação. As lembranças de familiares e conhecidos divulgadas depois da guerra precisam ser tratadas com cautela e são, às vezes, tão duvidosas quanto as tentativas feitas durante o Terceiro Reich de glorificar a infância do futuro Führer. O fato é que há pouco em que se basear que não seja conjetura retrospectiva sobre o período de formação, tão importante para os psicólogos e "psico-historiadores".

Quando Adolf nasceu, Alois já tinha uma situação financeira relativamente confortável. Sua renda era sólida, bem maior do que a de um diretor de escola primária. Além de Alois, Klara, os dois filhos do segundo casamento — Alois Jr. (antes de sair de casa, em 1896) e Angela —, Adolf e seu irmão mais moço, Edmund (nascido em 1894, mas morto em 1900), e a irmã Paula (nascida em 1896), na casa morava a cozinheira e criada Rosalia Schichtl. Havia também Johanna, tia de Adolf, uma das irmãs mais moças de sua mãe, mulher corcunda e temperamental, mas que gostava de Adolf e ajudava Klara nas atividades domésticas. Em termos materiais, portanto, a família Hitler levava uma confortável existência de classe média.

Porém, a vida familiar deixava a desejar em harmonia e felicidade. Alois era o arquétipo do funcionário público provinciano: pomposo, orgulhoso de sua posição social, rígido, destituído de humor, frugal, pedantemente pontual e devotado ao dever. Era visto com respeito pela comunidade local. Mas tinha um mau humor que podia explodir de forma bastante imprevisível. Em casa, era um marido despótico e dominador e um pai severo, distante, autoritário e, com frequência, irritadiço. Muito tempo depois do casamento, Klara ainda não conseguia perder o hábito de chamá-lo de "tio". Mesmo depois da morte dele, mantinha uma estante com seus cachimbos na cozinha e às vezes apontava para eles quando se referia ao finado marido, como que invocando sua autoridade.

A falta de carinho do pai era mais do que compensada pela mãe. De acordo com a descrição feita muito tempo depois por seu médico judeu Eduard Bloch, após sua emigração forçada da Alemanha nazista, Klara Hitler era "uma mulher simples, modesta, gentil. Era alta, tinha cabelos castanhos que mantinha bem trançados e um rosto oval longo com belos e expressivos olhos azul-acinzentados". Era de personalidade submissa, retraída e quieta, frequentadora zelosa da igreja, ocupada com a administração do lar e, sobretudo, dedicada aos cuidados com os filhos e enteados. A morte dos dois primeiros filhos com diferença de poucas semanas, em 1887-8, e a posterior morte de Edmund, seu quinto filho, com menos de seis anos, em 1900, devem ter sido golpes duros para ela. E seu sofrimento só pode ter aumentado com a convivência com um marido irascível, insensível e despótico. Não surpreende que ela desse a impressão de ser uma mulher triste e atormentada, assim como não é de estranhar que dedicasse um amor protetor e sufocante aos dois filhos sobreviventes, Adolf e Paula. Era, por sua vez, objeto de afeição e amor de seus filhos e enteados, e de forma muito especial de Adolf. "Visivelmente, o amor pela mãe era sua característica mais marcante", escreveu mais tarde o dr. Bloch, e acrescentou: "Embora não fosse um 'filhinho da mamãe' no sentido usual, nunca vi um apego maior". Em um dos poucos sinais de afeição humana registrados em *Mein Kampf*, Adolf escreveu: "Eu havia honrado meu pai, mas amava minha mãe". Carregou uma foto dela até os últimos dias no bunker. O retrato dela estava em seu quarto de Munique, Berlim e no Obersalzberg (sua residência alpina perto de Berchtesgaden). Com efeito, sua mãe talvez tenha sido a única pessoa que ele amou genuinamente em toda a vida.



A FAMÍLIA DE ADOLF HITLER

Os primeiros anos de Adolf se passaram, portanto, sob a proteção sufocante de uma mãe excessivamente ansiosa, num lar dominado pela presença ameaçadora de um pai disciplinador, cuja ira contra os rebentos não podia ser contida pela mãe submissa. Paula, a irmã mais nova de Adolf, disse depois da guerra que sua mãe era "uma pessoa muito suave e terna, o elemento compensador entre o pai quase duro demais e as crianças muito ativas que talvez fossem um pouco difíceis de criar. Se aconteciam disputas ou diferenças de opiniões entre meus pais", continuou ela, "era sempre por causa dos filhos. Era especialmente meu irmão Adolf que provocava em meu pai a rispidez extrema e que levava uma bela surra todos os dias. [...] Mas, por outro lado, quantas vezes minha mãe o acariciava e tentava obter com bondade o que o pai não conseguia com a rispidez!". Nos anos 1940, durante seus monólogos de fim de noite junto à lareira, o próprio Hitler relatava com frequência que seu pai tinha súbitos ataques de mau humor e batia nele. Não amava o pai, dizia; principalmente o temia. Costumava observar que sua pobre e amada mãe, a quem era tão ligado, vivia constantemente preocupada com as surras que ele levava, e às vezes esperava do outro lado da porta enquanto ele era espancado.

É bem possível que a violência de Alois se voltasse também contra a esposa. Um trecho de *Mein Kampf* no qual Hitler descreve a situação de uma família de operários em que os filhos presenciam o pai bêbado bater na mãe pode muito bem

ter sido parcialmente inspirado em suas experiências infantis. Qual o legado disso tudo para o desenvolvimento do caráter de Adolf é uma questão aberta à especulação. Que seu impacto foi profundo, é difícil duvidar.

Sob a superfície, o Hitler do futuro estava indiscutivelmente sendo formado. Embora seja pura especulação, não é difícil imaginar que seu desprezo condescendente pela submissão das mulheres, a sede de domínio (e a imagem do Líder como uma figura paterna autoritária e dura), a incapacidade de estabelecer relações pessoais íntimas, a correspondente brutalidade fria em relação à humanidade e — não menos importante — a capacidade de odiar de maneira tão profunda, que devia ser reflexo de uma corrente subterrânea de ódio de si mesmo, escondida sob um narcisismo extremo, tudo isso devia ter raízes nas influências subliminais das circunstâncias familiares do jovem Hitler. Mas suposições devem permanecer conjeturas. Os traços externos dos primeiros anos de vida de Adolf, tanto quanto podem ser reconstruídos, não mostram indícios do que estava por vir. As tentativas de encontrar no menino "a pessoa pervertida dentro do ditador assassino" mostraram-se inconvincentes. Se excluirmos nosso conhecimento do que estava por vir, suas circunstâncias familiares provocariam, em sua maior parte, simpatia pela criança exposta a elas.

II

Alois Hitler sempre foi uma alma inquieta. Sua família havia mudado de casa diversas vezes em Braunau e fora deslocada posteriormente em várias ocasiões. Em novembro de 1898, uma mudança final aconteceu quando ele comprou uma casa com um pequeno terreno anexo em Leonding, uma aldeia nas cercanias de Linz. A partir de então, a família estabeleceu-se na região, e Adolf — até seus últimos dias no bunker — sempre considerou Linz sua terra natal. Ela o lembrava dos dias felizes e despreocupados de sua juventude. Estava associada à sua mãe. E era a cidade mais "alemã" do Império Austríaco. Evidentemente, simbolizava para ele a idílica cidade germânica pequena e provinciana — imagem que durante toda a sua vida oporia à cidade que ele logo viria a conhecer e detestar: Viena.

Adolf estava então em sua terceira escola primária. Parece que se enturmou rapidamente com um novo grupo de colegas e se tornou "um pequeno líder" nas brincadeiras de mocinho e bandido que os meninos da aldeia faziam nos bosques e campos ao redor de suas casas. Os jogos de guerra eram os preferidos. Adolf impressionou-se com um livro que encontrara em casa sobre a história da Guerra Franco-Prussiana. E, quando começou a Guerra dos Bôeres, as brincadeiras giravam em torno dos feitos heroicos dos africâneres, que os meninos da aldeia apoiavam com fervor. Mais ou menos na mesma época, Adolf ficou encantado com as histórias de aventuras de Karl May, cujos contos populares sobre o Oeste Selvagem e as guerras indígenas (embora jamais tivesse visitado a América) fascinavam milhares de jovens. A maioria deles deixava para trás as aventuras de Karl May e as fantasias infantis depois que cresciam. Para Adolf, no entanto, o fascínio por esse autor nunca se apagou. No comando do país, ainda lia as histórias de May e as recomendava a seus generais, aos quais acusava de falta de imaginação.

Mais tarde, Adolf se referiria a esse "tempo feliz" quando "as lições de casa eram ridiculamente fáceis, deixando-me tanto tempo livre que o sol me via mais do que meu quarto", quando "campos e bosques eram então campos de batalha nos quais os sempre presentes 'antagonismos'" — o crescente conflito com seu pai — "chegavam a um ponto crítico".

Mas em 1900 os dias de despreocupação estavam chegando ao fim. E justamente na época em que era preciso tomar decisões importantes sobre o futuro de Adolf e

o rumo da educação secundária que deveria seguir, a família Hitler mergulhou mais uma vez na dor com a morte de Edmund, o irmão mais novo, causada por sarampo, em 2 de fevereiro de 1900. Com o filho mais velho, Alois Jr., já em conflito com o pai e vivendo longe de casa, quaisquer ambições de carreira que Alois tivesse para seus descendentes recaíam agora sobre Adolf. Elas levariam à tensão entre pai e filho pelo resto dos dias de Alois.

Adolf entrou para a escola secundária em 17 de setembro de 1900. Seu pai optara pela *Realschule* em vez do ginásio, ou seja, por uma escola que atribuía menos peso aos estudos clássicos e humanistas tradicionais, mas ainda era considerada uma preparação para a educação superior, com ênfase em matérias mais "modernas", como ciências e estudos técnicos. De acordo com Adolf, seu pai havia sido influenciado pela aptidão que o filho já demonstrava para o desenho, bem como por seu prórpio desprezo pelos pouco práticos estudos humanistas, que vinha do fato de ter progredido na carreira sem eles. Não era o caminho típico para um candidato a funcionário público — carreira que Alois tinha em mente para seu filho. Mas Alois fizera uma boa carreira no serviço público austríaco quase sem educação formal digna de menção.

A transição para a escola secundária foi difícil para o jovem Adolf. Tinha de viajar todos os dias de sua casa em Leonding para a escola em Linz, uma jornada de mais de uma hora só de ida, deixando-lhe pouco ou nenhum tempo para desenvolver amizades fora da escola. Se entre os meninos de Leonding ainda era figura importante, seus novos colegas de aula não lhe davam atenção especial. Não tinha amigos íntimos na escola, nem procurava tê-los. E a atenção que recebia de seu professor de aldeia foi substituída pelo tratamento mais impessoal dos vários professores responsáveis cada um por uma matéria. O esforço mínimo com que Adolf dera conta das exigências da escola primária não era mais suficiente. Seus trabalhos escolares, que haviam sido tão bons no primário, sofreram desde o início do secundário. E seu comportamento revelava sinais claros de imaturidade, o que se refletiu em seu histórico escolar, que até o momento em que deixou a escola, no outono de 1905, variou entre o ruim e o medíocre.

Em carta ao advogado de defesa de Hitler, datada de 12 de dezembro de 1923, após o golpe fracassado em Munique, seu ex-professor Eduard Huemer lembrou que Adolf era um jovem magro e pálido que viajava entre Leonding e Linz, um

menino que não fazia pleno uso de seu talento, carecia de aplicação e era incapaz de se adequar à disciplina da escola. Caracterizou-o como teimoso, arrogante, dogmático e exaltado. Recebia as censuras dos professores com insolência mal disfarçada. Com seus colegas de classe, era dominador e figura de proa nas travessuras imaturas que Huemer atribuía a um excesso de fascínio pelas histórias de Karl May, e a uma tendência a desperdiçar tempo, piorada pela viagem diária que fazia para ir à escola.

Não há dúvida de que a atitude de Hitler em relação à escola e aos professores (com uma exceção) era fortemente negativa. Ele deixou a escola "com um ódio elementar" dela e, mais tarde, zombava da educação e dos professores. Somente seu professor de história, dr. Leopold Pötsch, foi agraciado com elogios em *Mein Kampf* por estimular seu interesse por narrativas vivificantes e histórias de heroísmo do passado alemão, despertando nele um forte sentimento anti-Habsburgo e nacionalista-alemão (que era predominante tanto em sua escola como na cidade de Linz de um modo geral).

Os problemas de adaptação que Adolf encontrou na *Realschule* de Linz se agravaram com a deterioração de suas relações com o pai e a ferida aberta pelas disputas sobre sua carreira futura. Para Alois, as virtudes da carreira no serviço público não podiam ser contestadas. Mas todas as suas tentativas de entusiasmar o filho eram recebidas com rejeição inflexível. "Eu bocejava e passava mal do estômago só de pensar em ficar sentado num escritório, privado de minha liberdade, deixando de ser senhor de meu tempo", escreveu Adolf em *Mein Kampf*.

Quanto mais ele resistia à ideia, mais autoritário e insistente ficava o pai. Igualmente teimoso, quando lhe perguntavam sobre o que imaginava fazer no futuro, Adolf respondia que queria ser artista, algo que para um austero servidor público austríaco como Alois era impensável. "Artista, não, jamais enquanto eu for vivo!", Hitler o fazia dizer. Pode-se duvidar que o jovem Adolf, aos doze anos, tivesse tanta certeza de que queria ser artista. Mas parece certo que sua má vontade em seguir uma carreira no serviço público despertara um conflito com o pai, que censurava a vida indolente e sem finalidade do filho, que tinha no desenho seu principal interesse. Graças ao esforço e à diligência, Alois subira de uma origem humilde para uma posição de dignidade e respeito no serviço público. Seu filho, partindo de uma posição mais privilegiada, achava apropriado não fazer nada além

de desperdiçar seu tempo desenhando e sonhando, não se esforçava na escola, não tinha uma carreira em vista e zombava daquela que significava tudo para o pai. Portanto, a disputa equivalia a mais do que uma rejeição do serviço público. Era uma rejeição de tudo o que seu pai representava e, com isso, uma rejeição do próprio pai.

A adolescência de Adolf, ao menos de acordo com os comentários contidos em *Mein Kampf*, foi "muito dolorosa". Com a ida para a escola em Linz e o começo do conflito com o pai, iniciou-se uma importante fase na formação de seu caráter. O menino alegre e brincalhão da escola primária transformou-se num adolescente preguiçoso, ressentido, rebelde, emburrado, teimoso e sem propósito.

Em 3 de janeiro de 1903, quando Alois Hitler teve um colapso e morreu sobre seu habitual copo de vinho na Gasthaus Wiesinger, acabava o conflito de vontades sobre o futuro do jovem Adolf. O pai deixou a família em situação confortável. E, quaisquer que fossem os ajustes emocionais necessários para a viúva Klara, é improvável que Adolf, agora o único "homem da casa", tenha chorado a morte do pai. Com ela, afastava-se grande parte da pressão da família. Sua mãe fez o que pôde para persuadir Adolf a cumprir a vontade de Alois. Mas evitou o confronto e, por mais que se preocupasse com o futuro do filho, estava disposta a ceder a seus caprichos. De todo modo, o fraco desempenho escolar de Adolf impedia qualquer expectativa realista de que viesse a se qualificar para uma carreira no serviço público.

Seu histórico escolar permaneceu medíocre nos dois anos seguintes. No outono de 1905, aos dezesseis anos, fez uso da doença — fingida ou, mais provavelmente, exagerada — para persuadir a mãe de que não estava em condições de continuar na escola, e abandonou alegremente os estudos, sem nenhuma perspectiva de carreira futura.

O período que vai do abandono da escola, no outono de 1905, à morte da mãe, no fim de 1907, é esquecido quase completamente em *Mein Kampf*. Nesses dois anos, Adolf levou uma vida de ociosidade parasítica — financiado, cuidado e mimado por uma mãe apaixonada, com seu próprio quarto no confortável apartamento da Humboldtstraße, em Linz, para onde a família se mudara em junho de 1905. Sua mãe, a tia Johanna e a irmã Paula estavam lá para cuidar de todas as suas necessidades, lavando, limpando e cozinhando para ele. A mãe chegou a

comprar-lhe um piano de cauda, no qual ele teve aulas durante quatro meses, entre outubro de 1906 e janeiro de 1907. Passava os dias desenhando, pintando, lendo ou escrevendo "poesia"; as noites eram para ir ao teatro ou à ópera; e o tempo inteiro ele sonhava acordado e fantasiava sobre seu futuro de grande artista. Ficava acordado até tarde da noite e dormia a manhã toda. Não tinha nenhum objetivo claro à vista. O estilo de vida indolente, a grandiosidade de sua fantasia, a falta de disciplina para o trabalho sistemático — todas as características do Hitler de depois — podem ser observados nesses dois anos em Linz. Não surpreende que ele viesse a se referir a esse período como "os dias mais felizes, que pareciam para mim quase um lindo sonho".

A vida despreocupada de Adolf em Linz, entre 1905 e 1907, é descrita pelo único amigo que teve na época: August Kubizek, filho de um tapeceiro, que sonhava em se tornar um grande músico. Os relatos de Kubizek escritos no pós-guerra precisam ser tratados com cautela, tanto nos detalhes factuais como na interpretação. São uma versão ampliada e retocada de suas memórias, cuja compilação lhe fora originalmente encomendada pelo Partido Nazista. Mesmo em retrospecto, a admiração que ele continuava a sentir por seu antigo amigo tinge seu juízo. Mais do que isso, Kubizek simplesmente inventou muita coisa, construiu trechos em torno do relato de Hitler em *Mein Kampf* e quase plagiou algumas partes para amplificar sua memória. Porém, apesar dessas limitações, essas lembranças revelaram-se uma fonte mais verossímil sobre a juventude de Hitler do que se pensava, em particular quando falam de experiências relacionadas aos interesses de Kubizek por música e teatro. Não há dúvida de que, quaisquer que sejam suas deficiências, elas contêm reflexos importantes da personalidade do jovem Hitler, mostrando traços embrionários que se tornariam muito proeminentes em anos posteriores.

August Kubizek — "Gustl" — era cerca de nove meses mais velho que Adolf. Conheceram-se por acaso no outono de 1905 (não de 1904, como afirmou Kubizek) no teatro lírico de Linz. Havia alguns anos que Adolf era admirador fanático de Wagner, e seu amor pela ópera, em especial pelas obras do "mestre de Bayreuth", era compartilhado por Kubizek. Gustl era muito impressionável; Adolf estava em busca de alguém para impressionar. Gustl era submisso, de vontade fraca, subordinado; Adolf era superior, determinante, dominante. Gustl tinha sentimentos

fortes em relação a pouca coisa ou a nada; Adolf tinha sentimentos fortes em relação a tudo. "Ele precisava falar e precisava de alguém que o ouvisse", relembrou Kubizek. De sua parte, Gustl — que vinha de família de artesãos, frequentara uma escola inferior à de Adolf e, portanto, se sentia inferior do ponto de vista social e educacional — encheu-se de admiração pelo poder de expressão do amigo. Não importava se Adolf discursasse bombasticamente sobre as deficiências dos servidores públicos, dos professores, da tributação local, das loterias da previdência social, das interpretações operísticas ou dos prédios públicos de Linz, Gustl ficava fascinado como nunca se sentira. Achava atraente não apenas o que seu amigo tinha a dizer, mas também o modo como dizia. Gustl, que se retrata como um jovem sonhador e quieto, encontrara um contraste ideal no obstinado, presunçoso e sabichão Hitler. Era uma parceria perfeita.

Nas noites em que iam ao teatro ou à ópera, vestiam suas melhores roupas, e o pálido e mirrado Hitler, exibindo traços de um bigode fino, parecia afetado em seu paletó preto e chapéu escuro, imagem completada por uma bengala preta com punho de marfim. Após o espetáculo, Adolf invariavelmente discursava, fazendo críticas acaloradas ou extasiadas à produção. Embora tivesse mais dotes e conhecimentos musicais, Kubizek era o parceiro passivo e submisso nessas "discussões".

A paixão de Hitler por Wagner não tinha limites. Uma execução podia afetá-lo quase como uma experiência religiosa, mergulhando-o em fantasias profundas e místicas. Para ele, Wagner era o gênio artístico supremo, o modelo a ser imitado. Adolf empolgava-se com seus poderosos dramas musicais, sua evocação de um passado germânico heroico, distante e sublimemente místico. *Lohengrin*, a saga do misterioso cavaleiro do graal, síntese do herói teutônico enviado do castelo de Monsalvat por seu pai Parsifal para resgatar a donzela Elsa, condenada erroneamente, mas que por fim o trai, foi a primeira ópera de Wagner a que Hitler assistiu e continuou a ser sua preferida.

Mais ainda que a música, o tema das conversas entre Adolf e Gustl era a arte e arquitetura. Mais especificamente, o futuro do grande gênio artístico de Adolf. O jovem afetado Hitler zombava da ideia de trabalhar para ganhar o pão de cada dia. Extasiava o impressionável Kubizek com suas visões de si mesmo como grande artista e do amigo como músico famoso. Enquanto Kubizek labutava na oficina do

pai, Adolf passava seu tempo desenhando e sonhando. Encontrava-se com Gustl depois do trabalho e, enquanto vagavam por Linz à noite, dissertava sobre a necessidade de derrubar, remodelar e substituir os prédios públicos do centro, mostrando ao amigo seus incontáveis esboços de planos de reconstrução.

O mundo de faz de conta incluía também a paixão de Adolf por uma moça que nem sabia da existência dele. Stefanie, uma jovem elegante de Linz que era vista passeando pela cidade de braço dado com a mãe e às vezes saudada por um admirador entre os jovens oficiais, era para Hitler um ideal a ser admirado a distância, não para ser abordado pessoalmente, uma figura de fantasia que estaria esperando pelo grande artista quando chegasse o momento certo para o casamento deles, após o qual viveriam numa mansão magnífica que ele projetaria para ela.

Outro episódio, que se passou por volta de 1906, ilustra bem o mundo de fantasia em que Adolf vivia. Depois de comprar com o amigo um bilhete de loteria, ele teve tanta certeza de que ganhariam o primeiro prêmio que desenhou uma visão detalhada da futura residência deles. Os dois moços levariam uma existência artística, cuidados por uma senhora de meia-idade que cumprisse com as exigências artísticas de ambos — nem Stefanie nem outra mulher da idade deles figuravam nessa visão —, e iriam a Bayreuth, Viena e outros lugares de prestígio cultural. Adolf tinha tanta certeza de que ganhariam que sua fúria contra a loteria estatal não teve limites quando a fezinha deles não vingou.

Na primavera de 1906, Adolf persuadiu a mãe a financiar sua primeira viagem a Viena, supostamente para estudar a galeria de quadros do Museu da Corte, mais provavelmente para realizar uma ambição crescente de visitar os pontos culturais da capital imperial. Durante duas semanas, talvez mais, ele passeou por Viena como um turista visitando as muitas atrações da cidade. Não se sabe onde se hospedou. Os quatro postais que enviou ao amigo Gustl e seus comentários em *Mein Kampf* mostram como ficou seduzido pela grandiosidade dos prédios e pelo traçado da Ringstraße. Além disso, parece ter passado seu tempo no teatro e se maravilhado na Ópera da Corte, onde as produções de Gustav Mahler para *Tristão e Isolda* e *O holandês voador* de Wagner deixavam as da provinciana Linz no chinelo. Nada havia mudado ao retornar para casa. Mas a estadia em Viena aprofundou a ideia, que provavelmente já rondava sua cabeça, de que desenvolveria sua carreira artística na Academia Vienense de Belas Artes.

No verão de 1907, essa ideia assumiu uma forma mais concreta. Adolf estava então com dezoito anos, mas ainda não havia ganhado um só dia de renda própria e continuava a levar uma vida de ócio sem perspectiva de carreira. Apesar do conselho de parentes de que estava na hora de arrumar um emprego, ele persuadira a mãe a deixá-lo voltar para Viena, dessa vez com a intenção de entrar na Academia. Não importavam quais fossem as reservas de Klara, a perspectiva de que seu filho estudasse na Academia Vienense deve ter lhe parecido um avanço em relação à existência sem propósito que ele levava em Linz. Mas a mãe não precisava se preocupar com o bem-estar material de Adolf: a "Hanitante" — tia Johanna — fez um empréstimo de 924 coroas para financiar os estudos artísticos do sobrinho. Isso lhe deu algo como um salário anual de professor ou advogado iniciante.

Àquela altura, a mãe de Hitler estava gravemente doente, com câncer de mama. Já fora operada em janeiro, e durante a primavera e o início do verão havia sido tratada com frequência pelo dr. Bloch, o médico judeu da família. Klara — agora na nova casa da família, em Urfahr, subúrbio de Linz — deve ter ficado preocupada não somente com os crescentes custos médicos, mas também com Paula, sua filha de onze anos, cuidada pela tia Johanna, e com seu querido filho, ainda sem um futuro claro. O estado da mãe certamente afligia Adolf, descrito pelo dr. Bloch como um rapaz alto, pálido e de aparência frágil que "vivia ensimesmado". No início do ano, havia pagado uma conta de cem coroas pelos vinte dias que ela permanecera no hospital. Chorou quando o dr. Bloch teve de dar a ele e sua irmã a má notícia de que a mãe tinha poucas chances de sobreviver ao câncer. Cuidou dela durante a doença e angustiou-se com as dores intensas que sentia. Ao que parece, teve de assumir a responsabilidade pelas decisões que tinham de ser tomadas sobre o tratamento. Mas, apesar da piora do estado da mãe, Adolf levou adiante seus planos de mudar-se para Viena. Partiu para a capital no começo de setembro de 1907, a tempo de fazer o exame para a Academia de Belas Artes.

A admissão era decidida com base nas obras apresentadas pelos candidatos. Hitler escreveu mais tarde que havia saído de casa "armado com uma pilha grossa de desenhos". Foi um dos 113 candidatos aceitos para realizar o exame propriamente dito; 33 candidatos foram excluídos no teste inicial. No início de outubro, submeteu-se aos dois duros exames nos quais os candidatos tinham de fazer desenhos sobre temas específicos. Somente 28 candidatos foram aprovados:

Hitler não estava entre eles. "Exame de desenho insatisfatório. Poucas aptidões", foi o veredicto.

É óbvio que jamais ocorrera ao excessivamente autoconfiante Adolf que pudesse fracassar no exame de admissão para a Academia. Em *Mein Kampf* ele confessou: "convencido de que seria brincadeira de criança passar no exame [...] eu estava tão certo de que teria êxito que, quando recebi minha rejeição, foi como se caísse um raio do céu sobre mim". Ele procurou uma explicação, e o reitor da Academia lhe disse que não havia dúvidas quanto à sua inadequação para a escola de pintura, mas que seus talentos se direcionavam claramente para a arquitetura. Em suas palavras, Hitler deixou a entrevista, "pela primeira vez em minha jovem vida, em conflito comigo mesmo". Conforme o que escreveu, após ponderar por alguns dias sobre seu destino, concluiu que o julgamento do reitor estava correto e que deveria se "tornar arquiteto um dia" — não que tenha feito alguma coisa na ocasião ou depois para remediar as deficiências educacionais que significavam um grande obstáculo para uma carreira na arquitetura. Na realidade, Adolf não recuou com a rapidez que seu relato sugere e o fato de se candidatar novamente no ano seguinte à escola de pintura lança dúvidas sobre a versão de um reconhecimento súbito de que seu futuro estava em ser arquiteto. De qualquer modo, a rejeição pela Academia foi um golpe tão violento em seu orgulho que ele a manteve em segredo. Evitou contar o fracasso tanto para seu amigo Gustl como para sua mãe.

Enquanto isso, Klara Hitler estava morrendo. A aguda deterioração de sua saúde levou Adolf a voltar de Viena e ouvir do dr. Bloch, perto do fim de outubro, que seu estado era irremediável. Profundamente afetado pela notícia, ele foi mais do que cumpridor de seus deveres. Tanto sua irmã como o dr. Bloch confirmaram mais tarde seu cuidado devotado e "infatigável" pela mãe agonizante. Mas, apesar da atenção minuciosa do médico, a saúde de Klara piorou de forma rápida durante o outono. Em 21 de dezembro de 1907, aos 47 anos, ela faleceu serenamente. O dr. Bloch chegou a dizer que, embora já tivesse testemunhado muitas cenas de leito de morte, "nunca vi ninguém tão prostrado de dor como Adolf Hitler". A morte de sua mãe foi um "golpe medonho", escreveu ele em *Mein Kampf*, "particularmente para mim". Ele sentiu-se sozinho e desolado com seu falecimento. Havia perdido a única pessoa por quem havia sentido afeição e ternura.

Mais tarde, Hitler diria: "Pobreza e realidade dura obrigaram-me então a tomar

uma decisão rápida. O pouco que meu pai deixara foi gasto, em larga medida, na doença grave de minha mãe; a pensão de órfão à qual eu tinha direito não era suficiente para me sustentar e então tive de encarar o problema de ganhar de algum modo minha vida". Quando, após a morte de Klara, retornou a Viena pela terceira vez, agora para ficar alguns anos, disse que recuperara sua velha determinação e seu objetivo estava claro: "Eu queria me tornar arquiteto e os obstáculos não existem para que nos rendamos a eles, mas somente para serem superados". E decidiu superá-los inspirado no exemplo da ascensão de seu pai, por esforço próprio, da pobreza à posição de funcionário do governo.

Na verdade, a forma prudente com que sua mãe administrara o lar e as contribuições não insignificantes da tia Johanna deixaram mais do que o suficiente para pagar pelos consideráveis custos médicos, bem como pelo relativamente caro funeral. E Adolf também não ficou totalmente desprovido. Não tinha necessidade de ganhar a vida imediatamente. É certo que a pensão mensal para órfãos de 25 coroas que ele e sua irmã Paula recebiam — que ficou aos cuidados da meia-irmã Angela e de seu marido Leo Raubal — dificilmente seria suficiente para seu sustento numa Áustria mergulhada na inflação. E, com exceção dos juros, Adolf e Paula não podiam tocar na herança do pai enquanto não completassem 24 anos. Mas o que a mãe deixou — talvez cerca de 2 mil coroas, depois de pagas as despesas do enterro — foi dividido entre o casal de filhos. A parte de Adolf, somada à sua pensão de órfão, era suficiente para mantê-lo em Viena durante um ano sem precisar trabalhar. Além disso, ele contava com o remanescente do generoso empréstimo de sua tia. Não tinha a segurança financeira que às vezes lhe foi atribuída. Mas, no fim das contas, sua posição financeira era, nessa época, substancialmente melhor que a da maioria dos verdadeiros estudantes de Viena.

Ademais, Adolf tinha menos pressa de deixar Linz do que sugere em *Mein Kampf*. Embora sua irmã, quase quarenta anos depois, tivesse declarado que ele se mudara para Viena poucos dias após a morte da mãe, a presença de Adolf em Urfahr foi registrada ainda em meados de janeiro e meados de fevereiro de 1908. A não ser que tenha feito visitas breves a Viena entre essas datas, o que parece improvável, conclui-se que permaneceu em Urfahr por pelo menos sete semanas depois da morte de Klara. O livro de contabilidade da família indica que o rompimento com Linz não aconteceu antes de maio.

Quando voltou efetivamente para Viena, em fevereiro de 1908, não foi para tomar, com o vigor necessário, as medidas que o levariam a ser arquiteto, mas para retornar à vida de indolência, ócio e comodismo que levava antes da morte da mãe. E chegou mesmo a persuadir os pais de Kubizek a deixar August abandonar o trabalho no negócio de tapeçaria da família e juntar-se a ele em Viena para estudar música.

O fracasso na admissão à Academia e a morte da mãe, ambos ocorridos nos últimos quatro meses de 1907, significaram um golpe duplo e esmagador para o jovem Hitler. Fora acordado de forma abrupta do sonho de um caminho sem esforço para a fama de grande artista e, ao mesmo tempo, perdera a única pessoa de quem dependia emocionalmente. Mas sua fantasia artística permanecia viva. Qualquer alternativa — como um emprego estável em Linz — era uma ideia repugnante. Uma vizinha de Urfahr, viúva do agente do correio local, relembraria mais tarde: "Quando o agente do correio lhe perguntou um dia o que ele queria fazer para ganhar a vida e se gostaria de entrar para os correios, ele respondeu que sua intenção era se tornar um grande artista. Quando foi lembrado de que carecia dos recursos financeiros necessários e de conexões pessoais, retrucou de forma lapidar: 'Makart e Rubens subiram sozinhos da pobreza'". De que modo ele poderia imitá-los, isso não estava nada claro. Sua única esperança estava em fazer novamente o exame de admissão para a Academia no ano seguinte. Devia saber que suas chances não eram grandes, mas não fez nada para melhorá-las. Enquanto isso, tinha de se virar em Viena.

Apesar da alteração drástica de suas perspectivas e circunstâncias, o estilo de vida de Adolf — a existência errante num mundo de fantasia egoísta — não mudou. Mas o deslocamento do provincianismo aconchegante de Linz para o caldeirão político e social de Viena marcou uma transição crucial. As experiências na capital austríaca deixariam uma marca indelével no jovem Hitler e moldariam de modo decisivo a formação de seus preconceitos e fobias.

2. À margem

I

A cidade em que Hitler moraria nos cinco anos seguintes era um lugar extraordinário. Mais do que qualquer outra metrópole europeia, Viena tipificava as tensões — sociais, culturais, políticas — que marcaram a virada de uma época, a morte do mundo do século XIX. Elas plasmariam o jovem Hitler.

Prevendo que iria estudar na Academia de Belas Artes, no fim de setembro ou início de outubro de 1907, ele alugou em Viena um pequeno quarto no segundo andar de uma casa na Stumpergasse, 31, perto da Westbahnhof, cuja proprietária era uma mulher tcheca, Frau Zakreys. Foi para onde voltou, entre 14 e 17 de fevereiro de 1908, a fim de retomar a vida do ponto em que deixara antes da morte da mãe.

Não ficou sozinho por muito tempo. Lembremos que havia persuadido os pais de August Kubizek a deixar o amigo ir para Viena e levar adiante os estudos de música. O pai de Gustl foi quem relutou mais em deixar o filho partir com alguém que via como um reles fracassado na escola e que se julgava acima do aprendizado de uma profissão adequada. Mas Adolf venceu. Em 18 de fevereiro, mandou um postal ao amigo, instando-o a ir o mais rápido possível: "Querido amigo, espero ansiosamente notícias de sua chegada. Escreva logo para que eu possa preparar tudo para sua festiva recepção. Viena inteira espera por você". E acrescentava em pós-escrito: "Imploro-lhe de novo, venha logo". Quatro dias depois, os pais de Gustl se despediram dele em lágrimas e ele partiu para unir-se ao amigo em Viena.

Naquela noite, Adolf recebeu Kubizek na estação, levou-o à Stumpergasse para passar a primeira noite, mas, como era de seu feitio, insistiu em mostrar imediatamente ao amigo cansado todas as atrações de Viena. Como alguém poderia chegar a Viena e ir para a cama sem primeiro ver o Teatro Lírico da Corte? Assim, arrastou Gustl para ver o prédio da ópera, a catedral de Santo Estevão (que mal podia ser vista através da neblina) e a adorável igreja de Santa Maria. Passava da meia-noite quando retornaram à Stumpergasse e, mais tarde ainda, o exausto Kubizek caiu no sono enquanto Hitler continuava sua conversa pomposa sobre a grandiosidade de Viena.

Os próximos meses seriam uma repetição, em escala maior, do estilo de vida dos dois jovens em Linz. Uma procura inicial por alojamento para Gustl foi logo abandonada e Frau Zakreys foi persuadida a trocar seu quarto maior pelo pequeno que Hitler ocupava. Adolf e o amigo instalaram-se no mesmo quarto, pagando o dobro do aluguel (dez coroas cada um) que Hitler até então pagava. Em poucos dias Kubizek ficou sabendo que havia passado no exame de admissão e fora aceito no Conservatório de Viena. Alugou um piano de cauda que ocupou a maior parte do quarto, deixando ao costumeiro andar para lá e para cá do amigo o espaço de apenas três passos. Além do piano, o quarto não tinha mais do que uma mobília básica: duas camas, uma cômoda, um guarda-roupa, uma mesa, duas cadeiras e um lavatório.

Kubizek começou uma rotina de estudo de música. O que Hitler tinha em mente não estava claro para o amigo. Ficava na cama de manhã, estava ausente quando Kubizek voltava do conservatório na hora do almoço, perambulava em torno do Palácio Schönbrunn nas tardes de bom tempo, absorvia-se em livros, fantasiava planos grandiosos de arquitetura e literatura e passava muito tempo desenhando até tarde da noite. A perplexidade de Gustl sobre como seu amigo conseguia combinar tanto lazer com o estudo na Academia de Belas Artes só acabou depois de um considerável tempo. Uma demonstração de irritação com Kubizek, quando praticava escalas no piano, levou a uma briga entre eles sobre horários de estudo e acabou com Hitler furioso admitindo finalmente que fora rejeitado pela Academia. Quando Gustl lhe perguntou então o que iria fazer, Hitler virou-se contra ele: "E agora? E agora? [...] Você está começando também: e agora?". A verdade é que Hitler não tinha ideia do que faria ou para onde iria. Estava à deriva, sem rumo.

Kubizek havia tocado num nervo exposto. Por razões interesseiras, Adolf não contara à família sobre seu fracasso. De outro modo, Josef Mayrhofer, seu tutor em Linz, provavelmente cortaria as 25 coroas de pensão mensal. E ele sofreria ainda mais pressão para arranjar emprego. Mas por que enganou o amigo? Que um adolescente não passe num exame de admissão não é um fato em si mesmo incomum ou vergonhoso. Mas Adolf não podia suportar a ideia de contar sobre sua rejeição para o amigo. Sempre se julgara superior a Gustl em todas as questões de cunho artístico, mas agora o amigo iniciava estudos promissores no conservatório enquanto ele remoía o próprio fracasso. O golpe em sua autoestima fora profundo. E a amargura aparecia. De acordo com Kubizek, ele perdia a cabeça diante da coisa mais insignificante. Sua falta de autoconfiança podia explodir de repente numa raiva sem limites e em denúncias violentas das perseguições que julgava sofrer. Os ataques de ódio dirigidos a tudo e a todos vinham de um ego gigantesco que necessitava desesperadamente de aceitação e era incapaz de se conformar com sua insignificância pessoal, com seu fracasso e mediocridade.

Adolf ainda não desistira da esperança de entrar na Academia. Mas, como era típico, não tomou nenhuma medida para melhorar suas chances. A preparação sistemática e o trabalho duro eram tão estranhos ao jovem Hitler quanto o seriam mais tarde ao ditador. Ao contrário, seu tempo era gasto de forma diletante, como havia sido em Linz, imaginando planos grandiosos compartilhados somente com o bem-disposto Kubizek — planos fantásticos que costumavam surgir de caprichos súbitos e ideias brilhantes e que eram abandonados em seguida.

Além da arquitetura, a principal paixão de Hitler era a música, como havia sido em Linz. Seus compositores preferidos — com certeza em anos posteriores — eram Beethoven, Bruckner, Liszt e Brahms. Também gostava muito das operetas de Johann Strauss e Franz Lehár. Wagner, evidentemente, era *hors concours*. Adolf e Gustl iam à ópera na maioria das noites, pagando duas coroas pelo lugar em pé, depois de, com frequência, ficarem horas na fila para consegui-lo. Assistiam a óperas de Mozart, Beethoven e dos mestres italianos Donizetti, Rossini e Bellini, bem como às principais obras de Verdi e Puccini. Mas para Hitler só a música alemã contava. Não conseguia se entusiasmar com as óperas de Verdi e Puccini, apresentadas para plateias lotadas em Viena. Tal como em Linz, a paixão de Hitler por Wagner não conhecia limites. Agora, ele e seu amigo podiam ver todas as suas

óperas executadas num dos melhores teatros líricos da Europa. Durante o curto período em que passaram juntos, Kubizek calculou que viram *Lohengrin* dez vezes e observou: "Para ele, um Wagner de segunda linha era cem vezes melhor do que um Verdi de primeira classe". Gustl tinha opinião diferente, mas não conseguia convencer o amigo. Adolf não descansava enquanto ele não concordasse em deixar de lado uma obra de Verdi no Teatro Lírico da Corte para acompanhá-lo numa representação de Wagner no menos sofisticado Teatro Lírico Popular. "Quando se tratava de uma execução de Wagner, Adolf não aceitava opinião contrária."

Muito mais tarde, o próprio Hitler declarou: "Quando ouço Wagner, parece-me que ouço ritmos de um mundo antigo". Tratava-se de um mundo mítico germânico, de grande drama e espetáculo maravilhoso, de deuses e heróis, de luta titânica e redenção, de vitória e de morte. Era um mundo em que os heróis desafiavam a velha ordem, como Rienzi, Tannhäuser, Stolzing e Siegfried; ou eram salvadores castos como Lohengrin e Parsifal. Traição, sacrifício, redenção e morte heroica eram temas wagnerianos que também preocupariam Hitler até o *Götterdämmerung* de seu regime, em 1945. E era um mundo criado com visão grandiosa por um artista genial, um outsider e revolucionário, desafiador da ordem existente, que se negava a fazer concessões, desdenhoso da necessidade de curvar-se à ética burguesa de trabalhar para viver, superador da rejeição, da perseguição e da adversidade para atingir a grandeza. Não admira que alguém que abandonara a escola e vivia criando fantasias, o gênio artístico rejeitado e ignorado que morava no quarto encardido da Stumpergasse, encontrasse seu ídolo no mestre de Bayreuth. Hitler, a nulidade, a mediocridade, o fracasso, queria viver como um herói wagneriano. Queria ser um novo Wagner — o filósofo-rei, o gênio, o artista supremo. Em sua crescente crise de identidade após a rejeição da Academia de Belas-Artes, Wagner era o gigante artístico que ele sonhava ser (sem deixar de saber que jamais poderia imitá-lo), a encarnação do triunfo da estética e da supremacia da arte.

II

A estranha coexistência de Hitler e Kubizek continuou até meados do verão de 1908. Durante aqueles meses, praticamente a única pessoa com que Hitler tinha contato regular, além de seu amigo, era Frau Zakreys. Os dois tampouco tinham amigos comuns. Adolf considerava que sua amizade com Gustl era exclusiva, não lhe permitindo outras. Quando Gustl levou ao quarto uma moça que fazia parte de seu pequeno grupo de alunos de música, Hitler, achando que fosse uma namorada, ficou fora de si de raiva. A explicação de Kubizek de que se tratava apenas de uma aluna a quem ensinava harmonia musical provocou uma fala exaltada sobre a falta de utilidade do estudo para as mulheres. Na opinião de Kubizek, Hitler era totalmente misógino. Ele ressalta a satisfação do amigo com a regra que não permitia o acesso das mulheres à primeira fila de assentos da ópera. Afora sua admiração a distância por Stefanie, em Linz, Kubizek não soube de nenhuma relação de Hitler com mulheres durante os anos em que foi amigo dele, nem em Linz nem em Viena. Isso não se alteraria durante os anos restantes na capital austríaca. Nenhum de seus conhecidos da época em que viveu no Lar dos Homens dá pista de mulheres em sua vida. Quando seu círculo de conhecidos se reunia para discutir mulheres — e, sem dúvida, suas ex-namoradas e experiências sexuais —, o máximo que Hitler podia apresentar era uma referência velada a Stefanie, que havia sido seu "primeiro amor", embora "ela jamais tivesse sabido disso, porque ele nunca lhe contou". A impressão que teve Reinhold Hanisch, um conhecido da época, foi que "Hitler tinha muito pouco respeito pelo sexo feminino, mas ideias muito austeras sobre as relações entre homens e mulheres. Com frequência dizia que, se os homens quisessem, poderiam adotar um modo de viver rigorosamente moral". Isso estava de pleno acordo com o código moral pregado pelo movimento pangermanista austríaco associado ao cavaleiro Georg von Schönerer, cuja vertente radical de nacionalismo alemão e antissemitismo racial Hitler admirava desde Linz. Celibato até os 25 anos, defendia o código, era saudável, vantajoso para a força de vontade e a base para altas realizações físicas ou mentais. Aconselhava também o cultivo de hábitos alimentares correspondentes. Dever-se-ia evitar o consumo de carne e bebidas alcoólicas, pois eram consideradas estimulantes da atividade sexual. E preservar a força e a pureza da raça germânica significava manter-se livre da

decadência moral e do perigo de infecção que vinha da convivência com prostitutas, as quais deveriam ser deixadas para clientes de raças "inferiores". Ali estava uma justificativa ideológica para a vida casta e a moral puritana de Hitler. De qualquer modo, na época em que se separou de Kubizek em Viena, certamente ele não era um "bom partido" para as mulheres.

É provável que tivesse medo das mulheres — com certeza, da sexualidade delas. Mais tarde, ele descreveu seu ideal de mulher como "uma coisa graciosa, aconchegante, ingênua — terna, doce e estúpida". Sua afirmativa de que uma mulher "preferiria curvar-se a um homem forte a dominar um fraco" pode ter sido uma projeção compensatória de seus complexos sexuais.

Kubizek foi categórico ao dizer que Hitler era sexualmente normal (embora, com base em seu relato, seja difícil ver como ele estava em posição de julgar). Essa foi também a opinião de médicos que muito tempo depois o examinaram por completo. Biologicamente, pode ser que sim. As alegações de que o desvio sexual causado pela ausência de um testículo estava na raiz da desordem de sua personalidade baseiam-se numa combinação de especulação psicológica e indícios duvidosos fornecidos por uma autópsia russa, após a pretensa captura dos restos queimados de seu corpo em Berlim. E certas histórias sobre sua época em Viena, como a alegada obsessão por uma modelo, noiva de um meio judeu, e a tentativa de estuprá-la, bem como seu recurso a prostitutas, derivam de uma única fonte sem credenciais — as supostas lembranças de Josef Greiner, que teria conhecido Hitler brevemente em Viena — e podem ser consideradas sem base. Porém, o relato de Kubizek, somado à linguagem utilizada pelo próprio Hitler em *Mein Kampf,* aponta pelo menos para um desenvolvimento sexual reprimido e fortemente perturbado.

O puritanismo de Hitler, escorado pelos princípios de Shönerer, estava, até certo ponto, de acordo com os padrões de moralidade externa da Viena de sua época. Esses padrões haviam sido contestados pela arte abertamente erótica de Gustav Klimt e pela literatura de Arthur Schnitzler. Mas o sólido puritanismo burguês prevalecia — ao menos como uma fina camada de verniz que cobria o lado desagradável de uma cidade fervilhante de vício e prostituição. Num lugar em que os padrões de decência mal permitiam que as mulheres mostrassem o tornozelo, é compreensível o embaraço de Hitler — e a rapidez com que fugiu com seu amigo — quando uma possível senhoria, durante a busca por um quarto para Kubizek,

deixou cair seu penhoar e revelou que estava usando apenas calcinha. Mas sua pudicícia ia muito além disso. Equivalia, segundo Kubizek, a uma profunda repulsa pela atividade sexual. Ele evitava o contato com mulheres, reagindo com fria indiferença, nas idas à ópera, a supostas tentativas de flerte ou provocação de moças que provavelmente o consideravam um excêntrico. A homossexualidade lhe causava aversão. Abstinha-se da masturbação. A prostituição o horrorizava, mas exercia sobre ele um estranho fascínio. Ele a associava às doenças venéreas, que o apavoravam. Certa noite, após uma ida ao teatro para ver a peça *O despertar da primavera*, de Frank Wedekind, que trata dos problemas sexuais da juventude, Hitler agarrou subitamente o braço de Kubizek e o levou até a Spittelberggasse para ver com os próprios olhos a zona de prostituição, ou "antro da iniquidade", como a chamou. Adolf levou o amigo não somente uma, mas duas vezes, ao longo da fileira de janelas acesas, atrás das quais mulheres com pouca roupa anunciavam suas mercadorias e aliciavam fregueses. Seu voyeurismo era dissimulado por uma hipocrisia de classe média, que culminava em sermões ministrados a Kubizek sobre os malefícios da prostituição. Mais tarde, em *Mein Kampf*, ele vincularia os judeus à prostituição, repetindo um lugar-comum corrente entre os antissemitas vienenses de sua época. Mas Kubizek não lembrava se Hitler fazia essa associação em 1908.

Apesar da aparente aversão ao sexo, Hitler era ao mesmo tempo claramente obcecado pelo assunto. Discutia temas sexuais com bastante frequência e em longas conversas noturnas com Gustl, brindando-o, escreveu Kubizek, com discursos sobre a necessidade da pureza sexual para proteger o que chamava grandiosamente de "a chama da vida"; explicando a seu ingênuo amigo, após um breve encontro com um negociante que os convidou para jantar, o que era a homossexualidade; e perorando sobre prostituição e decadência moral. A sexualidade perturbada de Hitler, sua aversão ao contato físico, seu medo das mulheres, sua incapacidade de forjar uma amizade genuína e o vazio nas relações humanas tinham, supostamente, raízes nas experiências infantis de uma vida familiar conturbada. As tentativas de explicá-las permanecerão especulativas. Os rumores posteriores sobre suas perversões sexuais também se baseiam em indícios duvidosos. As conjeturas — e houve muitas — de que a repressão sexual deu lugar mais tarde a práticas sadomasoquistas sórdidas se baseiam em pouco mais do que uma combinação de rumores, boatos, suspeitas e insinuações, muitas vezes apimentadas por inimigos

políticos de Hitler. E, mesmo que as supostas perversões repulsivas constituíssem realmente suas inclinações privadas, não fica claro como elas ajudariam a explicar a queda rápida do sofisticado e complexo Estado alemão numa desumanidade grosseira depois de 1933.

Hitler descreveria sua vida em Viena como cheia de dificuldades e sofrimento, fome e pobreza. No que diz respeito aos meses em que morou na Stumpergasse, em 1908, trata-se de um retrato muito parcimonioso em relação à verdade (embora seja bastante apropriado para sua situação no outono e inverno de 1909-10). Ainda mais enganador é seu comentário em *Mein Kampf* de que "a pensão de órfão à qual eu tinha direito não era suficiente para me sustentar e então tive de encarar o problema de ganhar de algum modo minha vida". Como observamos, o empréstimo de sua tia, sua parte na herança da mãe e sua pensão mensal de órfão certamente lhe davam o suficiente para viver com conforto — talvez o equivalente ao que um jovem professor ganhava durante um ano. E sua aparência, quando vestia seus atavios para uma noite na ópera, era tudo, menos a de um miserável. Quando Kubizek o encontrou na Westbahnhof, em fevereiro de 1908, o jovem Adolf trajava um sobretudo de boa qualidade e um chapéu escuro. Trazia a bengala com cabo de marfim que usara em Linz e "parecia quase elegante". Quanto a trabalhar, naqueles primeiros meses de 1908, já vimos que Hitler não tomou nenhuma atitude a respeito, nem fez nada para indicar que estivesse a caminho de trabalhar.

Embora tivesse uma renda razoável no período em que morou com Kubizek, Hitler não levava uma vida de extravagância. Suas condições de moradia não eram invejáveis. O sexto distrito de Viena, perto da Westbahnhof, onde se situava a Stumpergasse, era uma parte desinteressante da cidade, com ruas lúgubres e sem iluminação e casas de cômodos imundas de fumaça e fuligem em torno de pátios internos escuros. O próprio Kubizek ficou horrorizado diante de algumas acomodações que viu no dia seguinte à sua chegada a Viena. E o lugar que ele e Adolf compartilharam era um quarto miserável que cheirava a parafina, com o reboco caindo de paredes úmidas e camas e móveis cheios de percevejos. O estilo de vida era frugal. Hitler gastava pouco em comida e bebida. Na época, não era vegetariano, mas sua principal alimentação diária consistia apenas de pão e manteiga, pudins de farinha doce e, com frequência, à tarde, um pedaço de bolo de

nozes ou papoula. Às vezes, passava sem comer nada. Quando recebiam o pacote de comida que a mãe de Gustl mandava quinzenalmente, era como se fosse um banquete. Via de regra, Adolf bebia leite ou, às vezes, suco de frutas, mas nenhuma bebida alcoólica. Também não fumava. O único luxo era a ópera. Quanto ele gastava nas idas quase diárias a operetas e concertos é algo que só podemos conjeturar. Mas a duas coroas por um lugar em pé — Hitler ficava enfurecido porque os oficiais jovens, mais interessados na ocasião social do que pela música, pagavam apenas dez *heller*, um vigésimo do que ele pagava —, a frequência constante durante alguns meses certamente deve ter comido suas economias. Três décadas depois, ele observou: "Eu era tão pobre durante o período vienense de minha vida que tive de restringir-me somente às melhores apresentações. Isso explica por que, na época, eu já ouvira *Tristão e Isolda* trinta ou quarenta vezes, e sempre com as melhores companhias". Quando chegou o verão de 1908, ele já devia ter feito grandes incursões no dinheiro que herdara. Mas supostamente ainda lhe restava um pouco de sua poupança, bem como a pensão de órfão que Kubizek presumia ser a única fonte de renda do amigo, e que lhe permitiria sobreviver por mais um ano.

Naquele verão, embora Kubizek não suspeitasse, estava chegando ao fim o tempo que passaria com seu amigo em Viena. No início de julho de 1908, Gustl havia sido aprovado nos exames do conservatório e o ano escolar terminara. Ele voltaria para Linz e ficaria com seus pais até o outono. Tomou providências para mandar mensalmente o aluguel a Frau Zakreys, a fim de garantir o quarto, e Adolf, dizendo mais uma vez que esperava ficar pouco tempo sozinho no quarto, acompanhou-o à Westbahnhof para se despedir dele. Os dois só se encontrariam de novo na Anschluß, em 1938. Adolf mandou alguns postais durante o verão, um de Waldviertel, onde fora sem entusiasmo passar algum tempo com a família — a última ocasião que veria seus parentes, em muitos anos. Nada indicava a Kubizek que não reencontraria o amigo no outono. Mas, em novembro, quando desembarcou do trem na Westbahnhof, Hitler não estava mais à vista. Em algum momento do fim do verão ou início do outono, saíra da Stumpergasse. Frau Zakreys contou a Kubizek que ele havia partido sem deixar o novo endereço. Em 18 de novembro, estava registrado na polícia como um "estudante" morando no quarto 16 da Felberstraße, 22, perto da Westbahnhof, num cômodo mais espaçoso

— e possivelmente mais caro — do que o da Stumpergasse.

O que causou o súbito e não anunciado rompimento com Kubizek? A explicação mais provável é a segunda rejeição de Hitler pela Academia de Belas Artes, em outubro de 1908 (dessa vez, foi barrado antes mesmo de fazer o exame). É possível que não tivesse contado a Gustl que se candidataria de novo. Presumivelmente, passara o ano inteiro sabendo que tinha uma segunda chance e na expectativa de que não fracassaria dessa vez. Agora, suas esperanças de carreira artística jaziam em ruínas. Não conseguiria encarar o amigo de novo no papel de um fracassado confirmado.

As lembranças de Kubizek, apesar de todas as suas limitações, pintam um retrato do jovem Hitler cujos traços de caráter, numa visão retrospectiva, são reconhecíveis no posterior líder partidário e ditador. A indolência do estilo de vida, acompanhada de um entusiasmo maníaco e energia tragados por suas fantasias, o diletantismo, a falta de realidade e senso de proporção, o autodidatismo opiniático, o egocentrismo, a intolerância excêntrica, os súbitos ataques de ódio e raiva, as diatribes virulentas contra tudo e todos que bloqueavam a ascensão de um grande artista — tudo isso pode ser visto no Hitler de dezenove anos retratado por Kubizek. O fracasso em Viena transformou-o num jovem irado e frustrado, cada vez mais em desavença com o mundo a sua volta. Mas ainda não era o Hitler que aparecerá plenamente após 1919 e cujas ideias políticas serão apresentadas em *Mein Kampf*.

Kubizek teve tempo para ler *Mein Kampf* antes de escrever seu relato sobre o desenvolvimento político de Hitler — algo que, de qualquer modo, tinha menos interesse para ele do que as questões culturais e artísticas. Seu texto, em certos trechos, lembra fortemente a versão do próprio Hitler de seu "despertar político" em Viena. Portanto, eles não são confiáveis e, com frequência, não são verossímeis, como quando afirma que seu amigo era pacifista, oponente da guerra naquela época. Porém, não há motivos para duvidar do crescimento da consciência política de Hitler por essa época. Seu implacável desprezo pelo Parlamento multilinguístico (que Kubizek visitou com ele), seu vociferante nacionalismo germânico, sua intensa execração do Estado multinacional dos Habsburgos, sua repugnância diante da "babel étnica das ruas de Viena" e "a mistura de gente estrangeira que começara a corroer esse antigo lugar de cultura germânica" — tudo isso era pouco mais do que

uma acentuação, uma radicalização personalizada das ideias que assimilara inicialmente em Linz. Hitler as descreveu por completo em *Mein Kampf*. Os primeiros meses da experiência vienense certamente aprofundaram e aguçaram essas concepções. Porém, até mesmo segundo o relato do próprio Hitler, foram necessários dois anos em Viena para que sua atitude em relação aos judeus se cristalizasse. A afirmação de Kubizek de que ele alcançou sua "visão de mundo" no período em que estiveram juntos em Viena é um exagero. Essa "visão de mundo" ainda não estava totalmente formada. O ódio patológico aos judeus, que seria sua pedra angular, ainda não emergira.

III

Não há testemunhas das atividades de Hitler durante os nove meses em que ficou na Felberstraße. Essa fase de sua vida em Viena permanece obscura. Não obstante, presumiu-se com frequência que foi exatamente nesses meses que ele se tornou um antissemita racial obsessivo.

Perto da rua onde morava, havia um quiosque que vendia tabaco e jornais. Era possivelmente o lugar onde comprava jornais e periódicos, além daqueles que devorava nos cafés. Não temos certeza de quais das muitas revistas baratas e ordinárias em circulação na época ele lia. Uma delas era muito provavelmente um periódico racista chamado *Ostara*. Publicado a partir de 1905, era o produto da imaginação extraordinária e deformada de um ex-monge cisterciense excêntrico que viria a ser conhecido como Jörg Lanz von Liebenfels (embora seu nome real fosse um simples Adolf Lanz). Mais tarde, ele fundou sua própria ordem, a dos Novos Templários (cheia de sinais e símbolos místicos, inclusive uma suástica), no castelo em ruínas de Burg Werfenstein, junto a um trecho romântico do Danúbio, entre Linz e Viena.

Lanz e seus seguidores eram obcecados por noções homoeróticas de uma luta maniqueísta entre a heroica e criativa raça "loira" e uma raça predatória de "homens-bestas" morenos, que caíam sobre as mulheres "loiras" com luxúria animal e instintos bestiais, os quais corrompiam e destruíam a humanidade e sua cultura. A receita de Lanz, apresentada em *Ostara*, para superar os males do mundo moderno e restaurar a dominação da "raça loira", era a pureza e a luta raciais, que envolviam a escravidão e a esterilização forçada ou mesmo o extermínio das raças inferiores, o esmagamento do socialismo, da democracia e do feminismo — considerados veículos de sua influência corruptora —, e a completa subordinação das mulheres arianas a seus maridos. Seu lema era algo como "loiros de olhos azuis de todo o mundo, uni-vos". De fato, existem elementos em comum entre as fantasias bizarras de Lanz e seu bando de malucos racistas misóginos e o programa de seleção racial que a SS poria em prática durante a Segunda Guerra Mundial. Mas é questionável se as ideias de Lanz influenciaram a SS de Himmler. É insustentável a reivindicação de Lanz de ocupar o lugar único na história de homem "que deu a Hitler suas ideias".

O principal indício de que Hitler estava familiarizado com a *Ostara* vem de uma entrevista posterior à guerra em que Lanz alegava lembrar que Hitler, durante o período em que morara na Felberstraße, lhe fizera uma visita para pedir exemplares antigos da revista. Segundo ele, o visitante parecia tão debilitado que o deixou levar os exemplares de graça e lhe deu duas coroas para voltar para casa. Como ele sabia que aquele jovem era Hitler, dez anos antes de que se tornasse uma celebridade em Munique, não lhe foi perguntado na entrevista, dada mais de quarenta anos depois do suposto encontro. Outra testemunha que afirma que Hitler lia *Ostara* é Josef Greiner, autor de algumas "lembranças" fabricadas de Hitler em seus dias de Viena. Greiner não menciona a *Ostara* em seu livro, mas, quando perguntado sobre isso em meados da década de 1950, "lembrou" que Hitler tinha uma pilha da revista quando morou no Lar dos Homens, de 1910 a 1913, e havia apoiado com veemência as teorias raciais de Lanz em discussões acaloradas com um ex-padre católico chamado Grill (que não figura de modo nenhum em seu livro). Uma terceira testemunha, a ex-funcionária nazista Elsa Schmidt-Falk, só conseguiu lembrar que ouvira Hitler mencionar Lanz no contexto da homossexualidade e *Ostara* em relação à proibição das obras de Lanz (embora não exista prova dessa proibição).

É mais provável que Hitler tenha lido *Ostara* e outras publicações racistas que se destacavam nas bancas de jornais vienenses. Mas não podemos ter certeza. Se a lia, tampouco podemos saber no que acreditava. Suas primeiras declarações conhecidas sobre antissemitismo, feitas imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, não revelam traços da obscura doutrina racial de Lanz. Mais tarde, ele zombaria com frequência das seitas *völkisch* e dos extremismos do cultismo germânico. Tanto quanto sabemos, se descontarmos o testemunho duvidoso de Elsa Schmidt-Falk, ele nunca mencionou o nome de Lanz. Para o regime nazista, o bizarro racista austríaco, longe de ser elogiado, seria acusado de "falsificar o pensamento racial através de uma doutrina secreta".

Quando em meados de agosto de 1909, com as economias quase esgotadas, Hitler foi forçado a deixar a Felberstraße e mudar-se por um período muito curto para um aposento pior no mesmo bairro, na Sechshauserstraße, 58, certamente não foi na qualidade de devoto de Lanz von Liebenfels. Tampouco é provável — embora, sem dúvida, já fosse contra os judeus por ser adepto de Shönerer — que já

tivesse achado a solução para os males do mundo numa doutrina de antissemitismo racial.

Hitler ficou na Sechshauserstraße por menos de um mês. E, quando partiu, em 16 de setembro de 1909, foi sem preencher o formulário de registro exigido pela polícia, sem deixar um endereço novo e provavelmente sem pagar o aluguel. Nos meses seguintes, ele aprendeu o que significava a pobreza. Sua lembrança de que aquele outono de 1909 foi "um tempo amargo sem fim" não é um exagero. Todas as suas economias tinham evaporado. Ele deve ter deixado algum endereço vienense para que seu tutor enviasse as 25 coroas da pensão mensal. Mas isso não era suficiente para sua subsistência. Durante o úmido e frio outono de 1909, levou uma vida dura, dormindo ao relento enquanto o tempo permitia, provavelmente em abrigos baratos quando era obrigado a se recolher.

Hitler atingira o fundo do poço. Em algum momento das semanas que precederam o Natal de 1909, magro e sujo, com roupas imundas e cheias de piolho, pés feridos por vagar sem rumo, ele juntou-se aos mendigos que procuravam o grande, recentemente criado, albergue para os sem-teto em Meidling, não longe do Palácio Schönbrunn. O declínio social do pequeno-burguês tão temeroso de somar-se ao proletariado havia se concretizado. O futuro gênio artístico de vinte anos de idade juntava-se aos vagabundos, alcoólatras e derrotados no porão da sociedade.

Foi nessa época que conheceu Reinhold Hanisch, cujo testemunho, embora duvidoso em certos trechos, é o que lança luz sobre a fase seguinte da vida de Hitler em Viena. Hanisch, cujo nome fictício era Fritz Walter, vinha originalmente da região dos Sudetos e tinha ficha policial na qual constavam alguns pequenos delitos. Dizia-se desenhista, mas na verdade passara por vários empregos temporários, de criado doméstico e trabalhador ocasional, antes de atravessar a Alemanha a pé, de Berlim a Viena. Encontrou um Hitler de aspecto miserável, com um terno xadrez azul em estado deplorável, cansado e faminto, no dormitório do albergue numa noite de outono; compartilhou um pouco de pão com ele e contou histórias de Berlim para o jovem entusiasta por tudo que era alemão. O albergue era um abrigo noturno que oferecia somente acomodação de curto prazo, um banho de banheira ou ducha, desinfecção das roupas, sopa e pão e uma cama no dormitório. Durante o dia, os residentes eram postos na rua para se virar sozinhos. Pelas manhãs, Hitler, em estado lastimável, deprimido, acompanhava os outros destituídos ao convento

próximo da Gumpendorferstraße, onde as freiras distribuíam sopa. Afora isso, passava o tempo frequentando calefatórios públicos ou tentando ganhar algum dinheiro. Hanisch o levou para retirar neve, mas, sem sobretudo, Hitler não estava em condições de se dedicar muito tempo à tarefa. Ofereceu-se para carregar malas a passageiros na Westbahnhof, mas é provável que sua aparência não lhe conquistasse muitos clientes. É duvidoso que tenha exercido outra função manual nos anos que passou em Viena. Enquanto suas economias duraram, não havia se preparado para a perspectiva de ter de trabalhar. No momento em que mais precisou de dinheiro, não estava fisicamente disposto. Mais tarde, até mesmo Hanisch, seu "sócio nos negócios", perdeu a paciência com a preguiça de Hitler enquanto ganhava a vida vendendo quadros. A história que contou em *Mein Kampf* a respeito de ter aprendido sobre sindicalismo e marxismo através dos maus-tratos recebidos quando trabalhara na construção civil é quase certamente fictícia. De qualquer modo, Hanisch nunca ouviu essa história de Hitler naquela época e depois não acreditou nela. É provável que a "lenda" tenha se baseado na propaganda antissocialista difundida na Viena da época.

Naquela mesma ocasião, Hanisch tinha tido uma ideia melhor do que um trabalho manual. Hitler lhe falara sobre seu passado e foi persuadido a pedir algum dinheiro à família, provavelmente a pretexto de investi-lo nos estudos. Em pouco tempo, ele recebeu a preciosa quantia de cinquenta coroas, quase com certeza de sua tia Johanna. Com isso, pôde comprar um sobretudo na loja de penhores do governo. Com seu casaco longo e chapéu tirolês ensebado, sapatos que pareciam de um nômade, cabelos sobre o colarinho e penugem escura no queixo, a aparência de Hitler chamava a atenção até de seus colegas vagabundos. Apelidaram-no de Ohm Paul Krüger, nome do líder dos bôeres. Mas o presente da tia significava que melhores tempos estavam por vir. Ele pôde comprar os materiais necessários para começar o pequeno negócio com que o amigo sonhava. Ao saber que Hitler era capaz de pintar — na verdade, ele lhe dissera que havia frequentado a Academia —, Hanisch sugeriu que pintasse cenas de Viena e ele então as venderia nas ruas e os dois dividiriam o dinheiro apurado. O relato de Hanisch não deixa claro se a parceria começou ainda no albergue ou só depois de 9 de fevereiro de 1910, quando Hitler se mudou para a vizinhança mais salutar do Lar dos Homens, no norte da cidade. O certo é que, com a doação da tia, a mudança para a Meldemannstraße e

seu novo acordo comercial com Hanisch, Hitler havia superado sua pior fase.

O Lar dos Homens era um grande avanço em relação ao albergue de Meidling. Os cerca de quinhentos residentes não eram vagabundos miseráveis, mas, em sua maioria, um bando misto de indivíduos — alguns, empregados de escritórios e até ex-professores e oficiais reformados, num momento ruim da vida; outros, simplesmente de passagem, em busca de trabalho ou num emprego temporário, todos sem um lar familiar para onde ir. Ao contrário do albergue, o Lar dos Homens, construído alguns anos antes, oferecia um mínimo de privacidade, pelo preço de apenas cinquenta *heller* por noite. Os residentes tinham seus próprios cubículos, que precisavam desocupar durante o dia, mas que podiam conservar por tempo mais ou menos indefinido. Havia uma cantina onde podiam obter refeições e bebidas não alcoólicas, e uma cozinha em que podiam preparar sua comida; havia ainda lavatórios e armários para os objetos pessoais, e, no porão, banheiros, um sapateiro, um alfaiate, um barbeiro, lavanderia e instalações de limpeza; no térreo, uma pequena biblioteca e, no primeiro andar, salas de estar e de leitura, com jornais à disposição. A maioria dos residentes ficava fora durante o dia, mas um grupo de quinze ou vinte, principalmente oriundo da classe média baixa e tido como a "intelligentsia", costumava reunir-se numa sala menor, conhecida como "sala de trabalho", ou de "escrita", para fazer trabalhos avulsos — pintar cartazes, preencher envelopes e coisas assim. Foi ali que Hanisch e Hitler montaram suas operações.

A função de Hanisch era vender as pinturas, em geral do tamanho de postais, pelos bares. Ele também encontrou mercado com moldureiros e tapeceiros que podiam dar utilidade a ilustrações baratas. A maioria dos negociantes com quem mantinha comércio era composta de judeus. De acordo com Hanisch, na visão de Hitler os judeus eram comerciantes melhores e clientes mais confiáveis do que os "cristãos". E, o que é mais notável, tendo em vista os eventos posteriores e sua própria alegação da importância do período de Viena para o desenvolvimento de seu antissemitismo, seu parceiro mais próximo (afora Hanisch) no pequeno negócio de produção de arte, chamado Josef Neumann, também era judeu — e uma pessoa com quem, ao que parece, ele mantinha amizade.

Hitler invariavelmente copiava seus quadros de outros, às vezes depois de visitar museus ou galerias em busca de temas apropriados. Era preguiçoso e tinha de ser

instigado por Hanisch, capaz de passar adiante os quadros com mais rapidez do que Hitler os pintava. O ritmo usual de produção era em torno de um quadro por dia, vendido, segundo Hanisch, por cerca de cinco coroas, divididas entre os dois. Desse modo, conseguiam levar uma vida modesta.

A política era um tema frequente de conversa na sala de leitura do Lar dos Homens e os ânimos esquentavam com facilidade. Hitler participava ativamente das discussões. Seus ataques violentos aos social-democratas causavam confusão com alguns dos residentes. Ele era conhecido por sua admiração por Schönerer e Karl Hermann Wolf (fundador e líder do Partido Radical alemão, que tinha sua principal base nos Sudetos). Também elogiava as realizações de Karl Lueger, prefeito de Viena e reformista social, mas antissemita raivoso. Quando não estava discorrendo longamente sobre política, Hitler dissertava para seus camaradas — dispostos a ouvir ou não — sobre as maravilhas da música de Wagner e o brilhantismo dos projetos de Gottfried Semper para os prédios monumentais de Viena.

Fosse o tema política ou arte, a chance de se envolver nos "debates" da sala de leitura era motivo mais do que suficiente para distrair Hitler do trabalho. No verão, Hanisch já estava muito irritado com sua incapacidade de atender aos pedidos. Hitler alegava que não podia simplesmente pintar por encomenda, tinha de estar com o estado de ânimo certo. Hanisch acusou-o de só pintar quando precisava matar a fome. Em junho, após um ganho inesperado com a venda de uma de suas pinturas, Hitler chegou a desaparecer do Lar dos Homens por uns dias junto com Neumann. Segundo Hanisch, eles passaram o tempo passeando por Viena e visitando museus. O mais provável é que tivessem outros planos de "negócios", que talvez incluíssem uma visita rápida ao Waldviertel para tentar arrancar mais dinheiro da tia Johanna, mas que não deram em nada. Hitler e seus colegas do Lar estavam, na época, dispostos a pensar em qualquer ideia maluca — um remédio milagroso para a calvície era uma delas — que prometesse algum dinheiro. Qualquer que tenha sido o motivo de sua ausência, depois de cinco dias e todo o dinheiro gasto, Hitler retornou ao Lar dos Homens e à sociedade com Hanisch. Mas as relações entre eles ficaram cada vez mais tensas, e a animosidade finalmente explodiu em torno de um quadro que Hitler pintara, maior do que o tamanho usual, do edifício do Parlamento. Através de um intermediário — outro negociante

judeu de seu grupo do Lar, chamado Siegfried Löffner —, Hitler acusou Hanisch de trapaceá-lo e ficar com as cinquenta coroas que supostamente recebera pela pintura, e também com outras nove coroas de uma aquarela. A questão foi levada à polícia e Hanisch foi sentenciado a alguns dias de prisão — mas por usar o nome falso de Fritz Walter. Hitler nunca recebeu o que achava que lhe era devido pelo quadro.

Com o desaparecimento de Hanisch, a vida de Hitler entra para a quase obscuridade por mais ou menos dois anos. Quando ele reaparece, em 1912-3, ainda está morando no Lar dos Homens, mas é agora um membro bem estabelecido da comunidade e uma figura central de seu grupo — a "intelligentsia" que ocupava a sala de escrita. Estava agora bem acima das profundezas da degradação que vivera em 1909 no albergue, ainda que continuasse sem objetivo na vida. Obtinha uma renda modesta com a venda de imagens da Karlskirche e outras cenas da Velha Viena. Suas despesas eram baixas, pois levava uma vida muito frugal. O custo de viver no Lar dos Homens era extremamente modesto: comia barato, não bebia, fumava um cigarro muito raramente e seu único luxo era a compra de um lugar em pé no teatro ou na ópera (sobre os quais falava aos "intelectuais" do Lar durante horas). As descrições de sua aparência nessa época são contraditórias. Um colega residente do Lar dos Homens em 1912 descreveu-o mais tarde como maltrapilho e sujo, com calças cheias de furos, um sobretudo cinzento gasto nas mangas, chapéu velho amassado e sapatos forrados de jornal. Ainda usava os cabelos pelos ombros e uma barba hirsuta. Isso é compatível com a descrição feita por Hanisch, a qual, embora sem datação precisa, permite deduzir pelo contexto que se refere a 1909-10. Por outro lado, de acordo com Jacob Altenberg, um de seus revendedores judeus, na última fase do Lar dos Homens, Hitler andava de barba feita, mantinha os cabelos cortados e usava roupas que, embora velhas e gastas, eram mantidas em ordem. Tendo em vista o que Kubizek escreveu sobre a preocupação exagerada de Hitler com a higiene pessoal quando moraram juntos, em 1908, e o que mais tarde chegaria perto de um fetichismo por limpeza, o testemunho de Altenberg parece mais confiável do que o do amigo anônimo do período final na Meldemannstraße.

Mas, qualquer que fosse sua aparência, Hitler dificilmente gozava do estilo de vida de um homem que tivesse recebido uma quantia substancial e inesperada de dinheiro — o que teria correspondido ao valor de um resgate pago por um rei para

alguém que vivia num abrigo masculino. No entanto, é nisso que se acreditou durante muito tempo. Foi sugerido — embora com base em suposições e nenhuma prova segura — que perto do fim de 1910 Hitler teria recebido uma quantia apreciável, talvez de até 3800 coroas, que representava todas as economias de sua tia Johanna. Investigações posteriores à guerra indicaram que foi essa a quantia retirada por Johanna de sua poupança em 1o de dezembro de 1910, cerca de quatro meses antes de morrer, sem deixar testamento. A suspeita era que a grande quantia de dinheiro fora doada a Adolf. Essa suspeita foi reforçada pelo fato de que sua meia-irmã Angela, que ainda cuidava de Paula, a irmã menor, apresentou pouco depois, em 1911, uma reivindicação a toda a pensão de órfão, que ainda era dividida igualmente entre os dois. Adolf, que "por conta de seus estudos de artista havia recebido quantias substanciais de sua tia, Johanna Pölzl", admitiu que estava em condições de se manter e foi forçado a ceder as 25 coroas por mês que até então recebia de seu tutor. Mas, como já observamos, o livro de contabilidade da família Hitler deixa claro que Adolf recebeu da "Hanitante" um empréstimo — na verdade, um presente — de 924 coroas, provavelmente em 1907, e ainda outras pequenas doações, o que lhe proporcionou a base material para seu primeiro ano em Viena. Qualquer que tenha sido o destino do dinheiro da tia Johanna em dezembro de 1910, não há o menor indício de que tenha ido parar nas mãos de Hitler. E a perda de 25 coroas por mês da pensão deve ter causado um grave rombo em sua renda.

Embora sua vida tivesse se estabilizado no Lar dos Homens durante o período em que comerciava pinturas, parece que ele continuava irrequieto. Karl Honisch — cioso de se distanciar de seu quase homônimo Hanisch, do qual não ouvira nada de bom — conheceu Hitler em 1913 e descreveu-o como franzino, mal nutrido, de rosto cavado, cabelos escuros caindo no rosto e usando roupas esfarrapadas. Raramente se ausentava do Lar e sentava-se todos os dias no mesmo canto da sala de escrita, perto da janela, onde desenhava e pintava sobre uma longa mesa de carvalho. Todos sabiam que aquele lugar era seu e, quando um novato se aventurava a ocupá-lo, logo o advertiam de que "esse lugar está ocupado. Herr Hitler senta-se aí". Entre os frequentadores da sala, era visto como um tipo artístico um tanto incomum. Ele mesmo escreveu depois: "Creio que aqueles que me conheceram naquela época me tomavam por um excêntrico". Mas, afora sua habilidade de pintor, ninguém imaginava que tivesse outros talentos especiais.

Embora bem considerado, tinha uma maneira de manter-se a distância dos outros e "não deixar ninguém chegar muito perto", nas palavras de Honisch. Ele podia estar retraído, absorto num livro ou em seus pensamentos, mas era conhecido por ter pavio curto. Era capaz de explodir a qualquer momento, especialmente nos frequentes debates políticos que aconteciam na sala. Suas opiniões fortes eram de conhecimento geral. Muitas vezes, estava sentado quieto quando começava uma discussão e se limitava a dizer uma ou outra palavra enquanto desenhava. Mas, se discordava de alguma coisa dita, saltava de seu lugar, jogava o pincel ou lápis sobre a mesa e fazia uma intervenção enérgica e veemente; às vezes, interrompia o fluxo verbal na metade e, com um sinal de resignação diante da incompreensão de seus camaradas, retomava seu desenho. Dois temas provocavam especialmente sua agressividade: os jesuítas e os "vermelhos". Ninguém mencionou diatribes contra os judeus.

A crítica aos "jesuítas" sugere que algumas brasas de seu antigo entusiasmo pelo veemente anticatolicismo de Schönerer ainda estavam acesas, embora o movimento de Schönerer já tivesse entrado em colapso. Àquela altura, seu ódio aos social-democratas também era antigo. Sua versão, em *Mein Kampf*, do surgimento desse ódio conta a história — quase com certeza, fictícia — da vitimização e ameaças pessoais que supostamente sofrera devido à sua rejeição das ideias políticas deles e à recusa de entrar para um sindicato, nas mãos dos operários social-democratas, quando estivera empregado por pouco tempo na construção civil.

Na verdade, não há necessidade de procurar, além do vigor do nacionalismo pangermanista de Hitler, uma explicação para seu ódio ao internacionalismo dos social-democratas. A propaganda nacionalista radical do "movimento da classe operária" pangermanista de Franz Stein — com seus repetidos ataques estridentes às "bestialidades social-democratas" e ao "terror vermelho", e sua agitação sem limites contra os trabalhadores tchecos — era o tipo de "socialismo" de que Hitler se embebia. Uma fonte mais subjacente do ódio estava possivelmente no seu sentimento pronunciado de superioridade social e cultural em relação à classe operária que a social-democracia representava. "Não sei o que mais me horrorizava na época", escreveu depois sobre seu contato com aqueles das "classes baixas": "a miséria econômica de meus companheiros, sua rudeza moral e ética, ou o baixo nível de seu desenvolvimento intelectual."

Embora o relato de Hitler sobre seu primeiro encontro com os social-democratas provavelmente seja apócrifo, a consciência de status está presente nele, sobretudo em seu comentário de que na época "minha roupa ainda estava mais ou menos em ordem, meu discurso cultivado e minha atitude reservada". Pode-se imaginar, assim, o grau de degradação que ele deve ter sentido em 1909-10, quando a ameaça de declínio social rumo ao proletariado se tornou dura realidade por algum tempo. Mas, longe de provocar solidariedade com os ideais do movimento operário, apenas aguçou seu antagonismo em relação a ele. O que marcava a filosofia do albergue não eram teorias sociais e políticas, mas a luta pela sobrevivência de "cada um por si".

Em *Mein Kampf*, Hitler enfatizou a dura luta pela existência do "arrivista" que subiu "por esforço próprio de sua posição anterior na vida para uma mais alta", que "mata toda piedade" e destrói o "sentimento pela miséria daqueles que ficaram para trás". Isso contextualiza seu pretenso interesse pela "questão social" quando estava em Viena. Seu arraigado sentimento de superioridade significava que, longe de provocar simpatia pelos destituídos e desfavorecidos, a "questão social" para ele se reduzia à busca de bodes expiatórios para explicar seu declínio social e degradação. "Ao me arrastar para sua esfera de sofrimento", a "questão social", escreveu ele, "não parecia me convidar a 'estudar', mas a experimentá-la em minha própria pele."

No fim de seu período em Viena, é improvável que a aversão de Hitler à social-democracia, embora firmemente enraizada, já tivesse ido muito além daquela presente no pangermanismo de Schönerer — afora o radicalismo adicional derivado de suas experiências pessoais com a miséria e a degradação que acentuavam sua total rejeição ao socialismo internacional como solução. Pode-se desacreditar a alegação feita em *Mein Kampf* de que seu ódio à social-democracia já havia, naquela época, se unido a uma teoria racial de antissemitismo para lhe dar uma "visão de mundo" inconfundível que teria permanecido desde então imutável.

IV

Por que e quando Hitler se tornou o antissemita obcecado e patológico, conhecido desde o texto de seu primeiro tratado político de 1919 até a redação de seu testamento no bunker de Berlim, em 1945? Visto que seu ódio paranoico moldaria as políticas que culminaram no assassinato de milhões de judeus, trata-se evidentemente de uma questão importante. No entanto, a resposta é menos clara do que gostaríamos. Na verdade, não sabemos com certeza o porquê, nem mesmo quando ele se tornou antissemita.

A versão do próprio Hitler encontra-se em alguns trechos bem conhecidos e impactantes de *Mein Kampf*, em que ele diz que não era antissemita em Linz. Ao se mudar para Viena, de início não se interessara pela imprensa austríaca antissemita. Mas a subserviência da imprensa dominante no tratamento da corte dos Habsburgos e a difamação do Kaiser alemão o levaram gradualmente para a linha "mais decente" e "mais apetitosa" do jornal antissemita *Deutsches Volksblatt*. A crescente admiração por Karl Lueger — "o maior prefeito alemão de todos os tempos" — ajudou a mudar sua atitude em relação aos judeus — "minha maior transformação de todas" — e em dois anos (em outra versão, em um único ano) a transformação estava completa. Porém, Hitler destaca um único episódio que abriu seus olhos para "a questão judaica".

> Certa vez, eu estava passeando pelo centro da cidade e encontrei de repente uma aparição de cafetã preto e tranças negras. Isso é um judeu?, foi a primeira coisa que pensei.
>
> Pois, com certeza, eles não tinham essa aparência em Linz. Observei o homem furtiva e cautelosamente, mas, quanto mais eu olhava para aquele rosto estrangeiro, examinando traço por traço, mais minha primeira pergunta assumia uma forma nova:
>
> Isso é um alemão?

Depois desse encontro, continua Hitler, ele começou a comprar panfletos antissemitas. Pôde então perceber que os judeus "não eram alemães de uma religião especial, mas um povo em si mesmo". Agora, Viena surgia sob uma luz diferente. "Aonde quer que eu fosse, comecei a ver judeus e, quanto mais eu via, mais nitidamente eles se distinguiam aos meus olhos do resto da humanidade."

Então, para ficarmos com seu próprio relato, sua repugnância aumentou rapidamente. A linguagem que Hitler utiliza nessas páginas de *Mein Kampf* revela

um medo mórbido da falta de limpeza, da sujeira e da doença — todas associadas aos judeus. Ele também transformou seu novo ódio numa teoria da conspiração. Agora, ligava os judeus a todos os males que percebia: a imprensa liberal, a vida cultural, a prostituição e — o que é mais significativo — os identificava como a força principal da social-democracia. Diante disso, “a verdade se descortinou diante de meus olhos”. Tudo o que fosse ligado à social-democracia — líderes partidários, deputados do Reichsrat, secretários de sindicatos e a imprensa marxista que ele devorava com asco — parecia-lhe agora ser judeu. Mas esse “reconhecimento”, diz ele, deu-lhe grande satisfação. Seu já existente ódio da social-democracia, o antinacionalismo dela, agora se encaixava: sua liderança estava “quase exclusivamente nas mãos de gente estrangeira”. “Somente então eu conheci completamente o sedutor de nosso povo”, observa. Havia vinculado marxismo e antissemitismo através do que chamou de “a doutrina judia do marxismo”.

Trata-se de um relato vívido, mas que não é corroborado pelas outras fontes que lançam luz sobre os anos de Hitler em Viena. Na verdade, em alguns aspectos diverge delas frontalmente. Em geral aceita-se que, apesar de todos os problemas com as partes autobiográficas de *Mein Kampf*, Hitler se converteu efetivamente ao antissemitismo racial maníaco quando morava em Viena. Mas os indícios disponíveis, além das palavras dele, oferecem pouco para confirmar essa teoria. A interpretação baseia-se, em última análise, na ponderação das possibilidades.

Kubizek afirmou que Hitler já era antissemita antes de deixar Linz. Em contraste com a afirmativa de Hitler de que seu pai tinha “opiniões cosmopolitas” e teria considerado o antissemitismo um “atraso cultural”, Kubizek declarou que os colegas de bebida de Alois em Leonding eram partidários de Schönerer e que ele mesmo certamente era contra os judeus. Ele chamou a atenção também para os professores antissemitas que Hitler encontrou na *Realschule*. Alegou também que Adolf havia lhe dito um dia, quando passavam por uma pequena sinagoga: “Isso não faz parte de Linz”. Para Kubizek, Viena tornara o antissemitismo de Hitler mais radical, mas não o criara. Em sua opinião, Hitler, quando fora para a capital, “já era um antissemita pronunciado”. Contou um ou dois episódios da aversão de Hitler pelos judeus durante o período em que moraram juntos em Viena. Afirmou que um encontro com um judeu da Galícia dera origem à história do cafetã de *Mein Kampf*. Mas essa história e a suposta visita a uma sinagoga, em que Hitler levou

Kubizek para assistir a um casamento judeu, têm a aparência de completa fabricação. Palpavelmente falsa é também a afirmação de Kubizek de que Hitler entrou para a Antisemitenbund (Liga Antissemita) nos meses de 1908, quando os dois estavam juntos em Viena. Essa organização não existiu na Áustria-Hungria antes de 1918.

De fato, Kubizek não é convincente nos trechos dedicados às primeiras manifestações do antissemitismo de Hitler. São essas as seções menos confiáveis de seu relato, em parte baseadas em *Mein Kampf*, em parte constituídas de episódios inventados que não constavam da versão original de suas lembranças; em certos trechos é possível demonstrar a incorreção. Em suas memórias do pós-guerra, Kubizek estava ansioso por se distanciar das opiniões radicais de seu amigo sobre a "questão judaica". Convinha a ele enfatizar que Hitler odiava os judeus desde os tempos de Linz. Sua sugestão de que Alois Hitler (a quem não conhecera) fora um pronunciado antissemita provavelmente é incorreta. A forma mais moderada de pangermanismo do pai de Hitler, com sua lealdade ao imperador da Áustria, diferia daquela que o movimento de Schönerer defendia, e estava de acordo com a linha adotada pelo partido dominante na Alta Áustria, o Deutsche Volkspartei (Partido do Povo Alemão), que admitia judeus entre seus membros. O movimento de Schönerer, antissemita e nacionalista alemão radical, tinha muitos adeptos na região de Linz e, sem dúvida, estavam entre eles alguns professores de Hitler. Mas o antissemitismo parece ter sido relativamente sem importância em sua escola, em comparação com o antagonismo aos tchecos. É provável que o relato posterior de Hitler em relação a esse aspecto não esteja incorreto, quando ele disse a Albert Speer que tomara consciência do "problema das nacionalidades" — ou seja, a hostilidade veemente contra os tchecos — na escola, mas que o "perigo da judiaria"* só havia ficado claro para ele em Viena.

O jovem Hitler, influenciado ainda em Linz pelas ideias de Schönerer, dificilmente teria deixado de notar o antissemitismo racial enfático que as integrava. Mas, para os adeptos de Schönerer em Linz enquanto Hitler lá morava, o antissemitismo parece ter sido um tema subdominante na cacofonia do clamor contra os tchecos e na alardeada germanomania. E ele certamente não impediu Hitler de expressar gratidão calorosa em postais e de presentear com uma de suas aquarelas o dr. Bloch, o médico judeu que tratara da doença terminal de sua mãe.

O ódio profundo e visceral de seu último antissemitismo era de ordem totalmente diversa e não estava presente em seus anos de Linz.

Não há indícios de que Hitler fosse antissemita de forma explícita quando se separou de Kubizek, no verão de 1908. Ele mesmo declarou que se tornou antissemita dois anos depois de chegar a Viena. A transformação poderia então ser datada do ano em que passou principalmente na Felberstraße, após ter se separado de Kubizek e se tornado um vagabundo? O testemunho de Lanz von Liebenfels se encaixaria nessa cronologia, mas vimos que seu valor é muito duvidoso. A queda na pobreza abjeta no outono de 1909 poderia ser um momento óbvio para que Hitler procurasse um bode expiatório, encontrando-o na figura do judeu. Mas, conforme afirma em *Mein Kampf*, naquela ocasião teve menos oportunidade de estudar o tema do que em qualquer outro momento passado em Viena.

Não somente isso: Reinhold Hanisch, seu companheiro dos meses seguintes, insistiu que Hitler "naquele tempo de forma nenhuma odiava os judeus. Tornou-se inimigo deles depois". Hanisch enfatizou os amigos e contatos judeus de Hitler no Lar dos Homens para demonstrar isso. Um serralheiro caolho, chamado Robinsohn, dava-lhe algumas moedas de vez em quando para ajudá-lo. (O nome dessa pessoa era na verdade Simon Robinson, rastreável no Lar em 1912-3.) Josef Neumann, como vimos, tornou-se "um verdadeiro amigo" de Hitler, nas palavras de Hanisch. Consta que "gostava muito de Hitler" e era "evidentemente muito estimado" por ele. O vendedor de postais Siegfried Löffner (chamado de Loeffler erroneamente por Hanisch) também fazia parte "do círculo de conhecidos de Hitler" e, como observamos, ficou a seu lado no conflito com Hanisch, em 1910. Constatamos também que Hitler preferia vender seus quadros a negociantes judeus, e um deles, Jacob Altenberg, mais tarde falaria bem da relação comercial que tiveram. O testemunho de Hanisch é confirmado pelo comentário posterior de um residente anônimo do Lar dos Homens, na primavera de 1912, de que "Hitler se dava excepcionalmente bem com os judeus e disse certa vez que eram um povo inteligente, que se mantinha mais unido do que os alemães".

Os três anos que Hitler passou no Lar dos Homens deram-lhe oportunidade para estudar jornais, panfletos e literatura antissemita barata. Mas, deixando de lado o fato de que a cronologia não combina mais com a afirmação do próprio Hitler de uma transformação em dois anos após a chegada a Viena, Karl Honisch, como

vimos, faz questão de enfatizar as opiniões fortes de Hitler sobre os "jesuítas" e os "vermelhos", embora não faça menção ao ódio aos judeus. Ele certamente participava de conversas sobre os judeus no Lar dos Homens. Mas, de acordo com o relato de Hanisch, seu ponto de vista não era negativo e ele admirava os judeus por sua resistência à perseguição, elogiava a poesia de Heine e a música de Mendelssohn e Offenbach, e expressava a opinião de que os judeus constituíam a primeira nação civilizada por terem abandonado o politeísmo e acreditarem num Deus único; culpava mais os cristãos do que os judeus pela usura e considerava absurda a acusação antissemita usual de que praticavam assassinato ritual. Entre os que disseram ter conhecido Hitler no Lar dos Homens, somente Josef Greiner afirmou que ele era um inimigo fanático dos judeus naquele período. Mas, como vimos, o testemunho de Greiner não tem valor.

Não há, portanto, confirmação confiável de fontes da época do antissemitismo paranoico de Hitler durante o período de Viena. Se acreditarmos em Hanisch, ele não era de forma alguma antissemita naquela época. Além disso, seus camaradas mais próximos durante a Primeira Guerra Mundial também lembraram que ele não manifestava opiniões antissemitas notáveis. Surge então a questão: teria Hitler inventado em *Mein Kampf* sua "conversão" vienense ao antissemitismo? Seu ódio patológico aos judeus só teria surgido na esteira da guerra perdida, em 1918-9?

Por que Hitler teria fabricado a alegação de que se tornara um antissemita ideológico em Viena? E por que inventar uma transformação anterior para mascarar a "conversão" ao final da guerra? A resposta encontra-se na imagem que Hitler criava para si no início da década de 1920 e, em particular, depois do putsch fracassado de 1923 e seu julgamento na primavera seguinte. Ela exigia o autorretrato pintado em *Mein Kampf*, do joão-ninguém que lutou desde o início contra a adversidade e, rejeitado pelo "establishment" acadêmico, aprendeu graças ao esforço próprio e chegou — sobretudo através de suas experiências amargas — a percepções únicas sobre a sociedade e a política que lhe permitiram, sem ajuda, formular por volta dos vinte anos uma "visão de mundo" plenamente desenvolvida. Essa "visão de mundo", dizia ele em 1924, fundamentava sua reivindicação de liderança do movimento nacionalista e, com efeito, sua reivindicação de ser o próximo "grande líder" da Alemanha. Talvez Hitler estivesse então convencido de que todas as peças do quebra-cabeça ideológico já estavam no

lugar certo na época em que morou em Viena. De qualquer modo, no início dos anos 1920, ninguém estava em condições de contradizer essa história. Uma admissão de que se tornara um antissemita ideológico somente no fim da guerra, quando jazia cego pelo gás mostarda num hospital de Pasewalk e ficou sabendo da derrota alemã e da revolução, certamente soaria menos heroica e teria um tom de histeria.

Porém, é difícil acreditar que justamente Hitler, tendo em vista a intensidade de seu ódio aos judeus entre 1919 e o fim de sua vida, tenha permanecido imune à atmosfera antissemita venenosa da Viena que conheceu — um dos lugares mais virulentamente antissemitas da Europa. Era uma cidade em que, na virada do século, antissemitas radicais defendiam punir as relações sexuais entre judeus e não judeus como se fossem sodomia, e colocar os judeus sob vigilância próximo à Páscoa para evitar a matança ritual de crianças. Schönerer, o antissemita racial, ajudara notavelmente a incitar o ódio. Lueger pôde explorar o antissemitismo feroz e disseminado para fazer crescer seu Partido Social Cristão e consolidar seu domínio do poder em Viena. Hitler admirava muito os dois. Uma vez mais, seria estranho que ele os admirasse mas não fosse afetado por esse aspecto essencial de sua mensagem. Com certeza, ele aprendeu com Lueger os ganhos que a popularização do ódio contra os judeus trazia. O *Deutsches Volksblatt*, jornal explicitamente antissemita que Hitler lia e escolheu para elogiar, e que vendia em torno de 55 mil exemplares por dia na época, dizia que os judeus eram agentes da decomposição e da corrupção e costumava vinculá-los a escândalos sexuais, perversões e prostituição. Deixando de lado o incidente provavelmente inventado do judeu de cafetã, parece autêntica a descrição que Hitler fez de sua exposição gradual, através da imprensa marrom antissemita, ao preconceito profundo contra os judeus e o impacto disso sobre ele em Viena.

É provável que não tenha havido um encontro único que produziu sua aversão aos judeus. Tendo em vista sua relação com os pais, pode ter havido alguma conexão com um complexo de Édipo não resolvido, embora isso não passe de mera suposição. A ligação que fazia entre judeus e prostituição provocou especulações de que suas fantasias, obsessões e perversões sexuais ofereciam a chave. Mais uma vez, não há indícios confiáveis. As conotações sexuais não iam além do que ele poderia captar no *Deutsches Volksblatt*. Outra explicação seria mais simples. Na época em

que Hitler se embebeu do antissemitismo vienense, havia experimentado recentemente perda, fracasso, rejeição, isolamento e penúria crescentes. O abismo entre a imagem de grande artista ou arquiteto frustrado que fazia de si mesmo e a realidade de sua vida marginal precisava de uma explicação. É possível presumir que a imprensa marrom antissemita vienense o tenha ajudado a achar essa explicação.

Mas, se o antissemitismo de Hitler se formou efetivamente em Viena, por que não foi notado por quem convivia com ele? A resposta pode ser banal: naquele viveiro de antissemitismo raivoso, o sentimento antijudeu era tão comum que podia passar quase despercebido. O argumento do silêncio, portanto, não é conclusivo. Porém, ainda restam por discutir os depoimentos de Hanisch e do anônimo do Lar dos Homens sobre a amizade de Hitler com judeus. Eles parecem estar em contradição direta com o relato sombrio do próprio Hitler de sua conversão ao antissemitismo em Viena. No entanto, uma observação de Hanisch sugere que ele já havia de fato desenvolvido noções racistas sobre os judeus. Quando alguém do grupo perguntou por que os judeus permaneciam estrangeiros na nação, "Hitler respondeu que era porque eles eram uma raça diferente". E acrescentou, segundo Hanisch, que "os judeus têm um cheiro diferente". Consta também que ele dizia com frequência que "os descendentes dos judeus são muito radicais e têm inclinações terroristas". E, quando discutiu sionismo com Neumann, disse que o dinheiro dos judeus que deixassem a Áustria seria obviamente confiscado, "pois não era judeu, mas austríaco". A acreditar em Hanisch, portanto, Hitler emitia opiniões que refletiam antissemitismo racial, ao mesmo tempo que mantinha relações estreitas com vários judeus no Lar dos Homens. Seria possível que exatamente essa proximidade, a dependência de judeus por parte do grande artista do futuro para vender seus pequenos quadros de rua, na mesma época em que lia e digeria a bile antissemita vomitada pela imprensa marrom, tenha servido apenas para enfatizar e aprofundar a hostilidade que ganhava forma em sua mente? O ego gigantesco do gênio não reconhecido, reduzido a *isso*, não teria traduzido seu desgosto consigo mesmo num ódio racial que fermentava em seu interior quando o antissemita Hanisch lhe disse que "ele devia ter sangue judeu, pois uma barba tão grande raramente cresce num rosto cristão" e que "tinha pés grandes, como um nômade do deserto deve ter"? Pode-se duvidar que Hitler mantivesse uma amizade

verdadeira com os judeus do Lar dos Homens, como declara Hanisch. Ao longo de toda sua vida, Hitler fez pouquíssimas amizades genuínas. E, ao longo de toda sua vida, apesar das torrentes de palavras que brotaram de sua boca de político, ele sempre foi adepto de camuflar seus verdadeiros sentimentos, até para aqueles de sua companhia imediata. Era também um hábil manipulador dos que o cercavam. Suas relações com os judeus no Lar dos Homens eram claramente, ao menos em parte, de puro interesse. Robinson o ajudava com dinheiro. Neumann também pagava pequenas dívidas dele. Löffner era intermediário entre ele e os negociantes de arte. Quaisquer que fossem seus verdadeiros sentimentos, em seus contatos com agentes e comerciantes judeus, estava sendo apenas pragmático: enquanto vendessem os quadros dele, poderia engolir sua aversão abstrata pelos judeus.

Embora tenha se afirmado com frequência, com base principalmente no relato de Hanisch e na falta de referência a opiniões antissemitas de Hitler nas fontes insignificantes disponíveis, que o futuro ditador não era um antissemita racial durante sua estadia em Viena, a ponderação das probabilidades sugere certamente uma interpretação distinta. Parece mais provável que, tal como alegou depois, ele tenha passado a odiar os judeus quando morava em Viena. Mas é também provável que, naquela época, esse ódio fosse pouco mais do que uma racionalização de sua situação pessoal, em vez de uma "visão de mundo" meditada. Era um ódio personalizado que culpava os judeus por todos os males que lhe ocorriam numa cidade que ele associava com sua miséria pessoal. Mas qualquer expressão desse ódio que ele internalizara não se destacava num ambiente em que o veneno antissemita era tão normal. E, enquanto *precisou* de judeus para ajudá-lo a ganhar o que chamava de vida, paradoxalmente se manteve quieto no que dizia respeito a suas verdadeiras opiniões e talvez até fizesse, às vezes, observações insinceras que poderiam ser interpretadas como elogios à cultura judaica, como indica Hanisch. Se prosseguirmos nessa linha de argumento, somente mais tarde esse ódio visceral se transformaria em "visão de mundo", já no início dos anos 1920. A formação do antissemita ideológico teve de esperar até uma outra fase crucial do desenvolvimento de Hitler, que vai do fim da guerra ao seu despertar político em Munique, em 1919.

V

Tudo isso ainda estava no futuro. Na primavera de 1913, após três anos no Lar dos Homens, Hitler ainda estava à deriva, vegetava, não mais na miséria, é verdade, e sem responsabilidade para com ninguém, exceto com ele mesmo, mas sem nenhuma perspectiva de carreira. Porém, dava a impressão de que não perdera toda a esperança de estudar arte e teria dito aos frequentadores da sala de escrita do Lar que pretendia ir para Munique e entrar na Academia de Arte. Havia tempos que afirmava que "iria para Munique de repente", elogiando as "grandes galerias de arte" da capital bávara. Mas tinha bons motivos para adiar os planos de partir. Ele só teria acesso a sua parte da herança do pai quando completasse 24 anos, em 20 de abril de 1913. Podemos supor que, mais do que qualquer outra coisa, foi a espera por esse dinheiro que o deteve por tanto tempo na cidade que detestava. Em 16 de maio de 1913, o Tribunal Distrital de Linz confirmou que ele deveria receber a apreciável quantia de 819 coroas e 98 *heller*, com juros acrescentados às 652 coroas originais, e que ela seria enviada pelo correio ao "artista" Adolf Hitler na Meldemannstraße, em Viena. Com esse dinheiro tão esperado e bem-vindo em mãos, ele não precisava mais protelar a partida para Munique.

Hitler tinha outra razão para deixar Viena. No outono de 1909, não se inscrevera no serviço militar, que deveria ter cumprido na primavera seguinte, após completar 21 anos. Mesmo que fosse considerado inapto, ainda poderia ser convocado em 1911 e 1912 para prestar serviço militar a um Estado que detestava fervorosamente. Tendo evitado as autoridades por três anos, supõe-se que se sentiu seguro para atravessar a fronteira para a Alemanha depois de completar 24 anos, em 1913. Estava enganado. As autoridades austríacas não haviam esquecido dele. Estavam no seu rastro e sua fuga do serviço militar lhe causaria dificuldades e embaraços no ano seguinte. A tentativa de despistar possíveis curiosos em anos posteriores, depois que ficou bem conhecido, é o motivo de ele ter persistentemente datado sua partida de Viena em 1912, e não 1913.

Em 24 de maio de 1913, carregando uma mala preta leve com todos os seus pertences, vestido com roupas melhores do que o terno surrado que estava acostumado a usar, e acompanhado por um jovem atendente de loja, míope e desempregado, chamado Rudolf Häusler, quatro anos mais moço do que ele e que

conhecera pouco mais de três meses antes no Lar dos Homens, Hitler despediu-se dos colegas da sala de escrita, que o acompanharam por um pequeno trecho, e partiu para Munique.

Os anos em Viena chegavam ao fim. Eles haviam marcado indelevelmente sua personalidade e o “estoque básico de opiniões pessoais” que tinha. Mas essas “opiniões pessoais” ainda não haviam se coagulado numa ideologia plena, ou “visão de mundo”. Para que isso acontecesse, teria de experimentar uma escola mais dura que Viena: a guerra e a derrota. E somente as circunstâncias singulares produzidas por aquela guerra e aquela derrota permitiriam que um marginal austríaco encontrasse aceitação numa terra diferente, em meio ao povo de seu país de adoção.

* Optou-se por traduzir “Jewry” por “judiaria”, para conservar o tom depreciativo utilizado pelos nazistas em relação aos judeus. (N. T.)

3. Júbilo e amargura

A Primeira Guerra Mundial tornou Hitler possível. Sem a experiência da guerra, a humilhação da derrota e a instabilidade resultante da revolução, o artista fracassado e marginal social não teria descoberto o que fazer da vida, não teria entrado para a política e encontrado seu ofício de propagandista e demagogo de cervejaria. E, sem o trauma da guerra, da derrota e da revolução, sem a radicalização política da sociedade alemã que esse trauma provocou, o demagogo não teria audiência para sua mensagem estridente e cheia de ódio. O legado da guerra perdida propiciou as condições para que os caminhos de Hitler e do povo alemão começassem a se cruzar. Sem a guerra, seria impensável um Hitler no assento de chanceler que havia sido ocupado por Bismarck.

I

Olhando para o passado apenas uma década depois, Hitler disse que os quinze meses que vivera em Munique antes da guerra haviam sido "os dias mais felizes e de longe os mais produtivos" de sua vida. O nacionalista germânico fanático exultou com sua chegada a uma "cidade alemã", que contrastava com a "Babilônia de raças" que para ele havia sido Viena. Ele deu várias razões para ter deixado a capital austríaca: aversão encarniçada ao império dos Habsburgos pelas políticas pró-eslavas que deixavam em desvantagem a população germânica; ódio crescente à "mistura estrangeira de povos" que estava "corroendo" a cultura germânica em Viena; a convicção de que a Áustria-Hungria estava com os dias contados e, quanto mais cedo acabasse, melhor; e o desejo intenso de ir para a Alemanha, para onde o levavam seus "desejos secretos e amor secreto de infância". Esses últimos sentimentos estavam claramente romantizados. Afora isso, os demais motivos eram bastante genuínos. E sobre sua determinação de não lutar pelo Estado dos Habsburgos não pode haver dúvidas. Era isso o que ele queria dizer ao afirmar que deixara a Áustria "principalmente por razões políticas". Mas a implicação de que foi embora como uma forma de protesto político era insincera e deliberadamente enganadora. Como observamos, o motivo primeiro e imediato de ele cruzar a fronteira para a Alemanha era muito tangível: as autoridades de Linz estavam na sua cola por evasão do serviço militar.

Hitler escreveu que foi para Munique na esperança de algum dia ganhar renome como arquiteto. Na chegada, descreveu-se como "desenhista arquitetônico". Na carta que enviou às autoridades de Linz em 1914, defendendo-se das acusações de evasão do serviço militar, declarou que fora forçado a ganhar a vida como artista autônomo a fim de financiar sua formação de arquiteto. No esboço biográfico escrito em 1921, afirmou que fora para Munique como um "desenhista de arquitetura e pintor de arquitetura". Em seu julgamento de fevereiro de 1924, deu a entender que, quando chegou a Munique, já terminara sua formação de "desenhista de arquitetura", mas queria estudar para ser um mestre construtor. Muitos anos depois, alegou que sua intenção era fazer um treinamento prático na Alemanha; que, ao chegar a Munique, esperava estudar durante três anos antes de entrar para a grande firma de construção Heilmann e Littmann como desenhista e depois

mostrar o que era capaz de fazer, passando na primeira competição de arquitetura para projetar um prédio importante. Nenhum desses relatos variados e conflitantes era verdadeiro. Não há indícios de que ele tenha tomado qualquer medida em Munique para melhorar suas pobres e declinantes perspectivas de carreira. Estava tão à deriva quanto estivera em Viena.

Após chegar a Munique em 25 de maio de 1913, um belo domingo de primavera, Hitler foi atrás de um quarto, anunciado para alugar, na casa da família do alfaiate Joseph Popp, no terceiro andar do número 34 da Schleißheimerstraße, num bairro pobre do norte da cidade, ao lado do Schwabing, o centro vibrante da vida artística e boêmia da capital bávara, e não longe da área dos grandes quartéis. Rudolf Häusler, seu companheiro de viagem, compartilhou o quarto apinhado até meados de fevereiro de 1914. O hábito de Hitler de ler até tarde da noite à luz de um lampião impedia Häusler de dormir e o irritou tanto que ele acabou por sair da casa, retornando alguns dias depois para alugar o quarto ao lado do de Hitler, onde ficou até maio. De acordo com a dona da casa, Frau Popp, Hitler logo se instalou com seu equipamento para começar a pintar. Como fizera em Viena, criou uma rotina em que podia terminar um quadro a cada dois ou três dias, geralmente copiado de postais ou de cenas turísticas bem conhecidas de Munique — a Theatinerkirche, a Altes Rathaus, o Sendlinger Tor, a Residenz, o Propyläen — e depois percorria bares, cafés e cervejarias em busca de clientes. Suas aquarelas corretas, sem inspiração e sem alma, eram de qualidade muito ordinária, como o próprio Hitler admitiria depois, quando era chanceler alemão e elas eram vendidas a preços altamente inflacionados. Mas com certeza não eram piores do que produtos similares apregoados nas cervejarias, obras de verdadeiros estudantes de arte tentando pagar seus estudos. Depois de conquistar confiança, Hitler não teve dificuldade em achar compradores. Conseguia viver modestamente com o que ganhava com as pinturas e levar uma existência tão confortável quanto a de seus últimos anos em Viena. Quando as autoridades de Linz o apanharam, em 1914, ele admitiu que sua renda — embora irregular e flutuante — podia ser fixada em torno de 1200 marcos por ano e, muito tempo depois, contou a Heinrich Hoffmann, seu fotógrafo oficial, que conseguia sobreviver com cerca de oitenta marcos por mês naquela época.

Tal como em Viena, Hitler era polido, mas distante, reservado, recluso e não

tinha amigos (exceto, nos primeiros meses, Häusler). Frau Popp não foi capaz de lembrar de nem uma única visita que ele tenha recebido nos dois anos em que viveu na casa dela. Levava uma vida simples e frugal, preparando seus quadros durante o dia e lendo à noite. Conforme o relato do próprio Hitler, "o estudo dos eventos políticos da época", especialmente de política externa, o preocupou durante o período que passou em Munique. Também alegou ter mergulhado de novo na literatura teórica do marxismo e examinado detidamente mais uma vez a relação do marxismo com os judeus. Não há motivo óbvio para duvidar do testemunho de sua senhoria sobre os livros que ele trazia da Königliche Hof und Staatsbibliothek (Biblioteca do Estado e Corte Real), que não ficava distante, na Ludwigstraße. Porém, em todos os milhões de palavras registradas de Hitler, não há nada que indique que ele tenha alguma vez lido com atenção os escritos teóricos do marxismo, que tenha estudado Marx, Engels ou Lênin (que estivera em Munique não muito antes dele), ou Trótski (seu contemporâneo em Viena). Como na capital austríaca, ler para ele não era uma busca de iluminação ou aprendizado, mas de confirmação de preconceitos.

A maioria dessas leituras era feita provavelmente em cafés, onde ele poderia continuar com o hábito de devorar os jornais postos à disposição dos clientes. Era onde se mantinha informado sobre os eventos políticos e , diante da menor provocação, podia inflamar-se e oferecer para quem estivesse nas proximidades suas opiniões furiosas sobre o que o preocupava na ocasião. As "discussões" de café e cervejaria foram o mais próximo que ele chegou do envolvimento político nesse período. Sua declaração em *Mein Kampf* de que "nos anos 1913 e 1914, eu, pela primeira vez, em vários círculos que hoje apoiam fielmente o movimento nacional-socialista, expressei a convicção de que a questão do futuro da nação alemã era a questão de destruir o marxismo" transmuda baratas discussões de bar em filosofia de profeta político.

Suas plateias cativas nos cafés e cervejarias foram o mais perto que chegou do contato humano nos meses passados em Munique e, presumivelmente, deram alguma vazão a seus preconceitos e emoções confinados. Ao contrário do retrato que Hitler fez desse período, como um tempo de preparação para aquilo que o destino lhe reservava, tratou-se, na verdade, de uma fase vazia, solitária e inútil para ele. Estava apaixonado por Munique, mas Munique não estava apaixonada por ele.

E, no que diz respeito a seu futuro, estava tão perdido quanto estivera em Viena.

Para piorar, Hitler quase acabou numa prisão austríaca. Já em agosto de 1913, a polícia de Linz iniciara investigações sobre seu paradeiro devido ao fato de não ter se registrado para o serviço militar. O não cumprimento dessa obrigação era punível com uma multa pesada. E sair da Áustria para evitá-la era considerado deserção e podia acarretar uma sentença de prisão. Por intermédio de seus parentes em Linz, da polícia vienense e do Lar dos Homens, a pista acabou por levar a Munique, onde a polícia pôde informar aos colegas de Linz que Hitler estava registrado desde 26 de maio de 1913 como morador da Schleißheimerstraße, 34. Ele ficou profundamente abalado quando um oficial da polícia criminal de Munique apareceu à porta de Frau Popp na tarde de domingo, 18 de janeiro de 1914, com uma citação para que ele comparecesse dois dias depois a Linz, sob pena de multa e prisão, a fim de se registrar no serviço militar, e prontamente o prendeu, antes de entregá-lo às autoridades austríacas. Por algum motivo, a polícia de Munique havia atrasado a entrega da citação por vários dias, deixando a Hitler pouquíssimo tempo para obedecer à exigência de estar em Linz na terça-feira. Esse atraso, sua aparência abatida, a falta de dinheiro no bolso, o manifesto arrependimento e uma explicação um tanto patética influenciaram o consulado austríaco em Munique a olhar com alguma simpatia para sua situação. Ele impressionou bem os funcionários consulares, que o julgaram "digno de consideração", e a magistratura de Linz concedeu-lhe permissão para se apresentar em 5 de fevereiro em Salzburgo, em vez de Linz, como ele havia solicitado. Não lhe impuseram multa ou detenção; suas despesas de viagem foram pagas pelo consulado. E aconteceu que, ao comparecer devidamente a Salzburgo, foi considerado fraco demais para realizar o serviço militar.

Hitler retornou para sua vida mundana de artista insignificante, mas não por muito tempo. Nuvens de tempestade acumulavam-se sobre a Europa. No domingo, 28 de junho de 1914, veio a sensacional notícia do assassinato do herdeiro do trono austríaco, o arquiduque Francisco Ferdinando, e de sua esposa, em Sarajevo. Como outros países da Europa, a Alemanha foi tomada pela febre da guerra. No início de agosto, o continente já estava mergulhado no conflito.

II

Para Hitler, a guerra foi uma dádiva divina. Ele havia vegetado desde seu fracasso na Academia de Arte, em 1907, resignado com o fato de que não se tornaria um grande artista, acalentando agora o sonho de se tornar, de algum modo, um arquiteto notável, embora sem planos ou esperança realista de satisfazer essa ambição. Sete anos após aquele fracasso, o "joão-ninguém de Viena", agora em Munique, continuava a ser um marginal e uma nulidade, inutilmente irado com um mundo que o rejeitara. Ainda estava sem perspectiva de carreira, sem qualificações ou nenhuma expectativa de obtê-las, sem capacidade para estabelecer amizades próximas e duradouras e sem nenhuma esperança real de reconciliar-se consigo mesmo — ou com a sociedade, em que não conseguia se encaixar. A guerra ofereceu-lhe uma saída. Aos 25 anos, deu-lhe pela primeira vez uma causa, um compromisso, camaradagem, uma disciplina externa, uma espécie de emprego regular, um sentimento de bem-estar e — mais do que isso — um sentimento de pertencimento. Seu regimento tornou-se um lar para ele. Quando foi ferido, em 1916, suas primeiras palavras a seu oficial superior foram: "Não é tão grave, Herr Oberleutnant, não é? Posso ficar com o senhor, ficar com o regimento". Mais tarde, a perspectiva de deixar o regimento pode ter influenciado seu desejo de não ser considerado para promoção. E, no fim da guerra, tinha bons motivos práticos para ficar no Exército o máximo possível: ele havia sido sua "carreira" por quatro anos e Hitler não tinha outro emprego para o qual voltar ou por esperar. A guerra e suas consequências fizeram Hitler. Depois de Viena, foi o segundo período formativo que moldou decisivamente sua personalidade.

No início de agosto de 1914, ele estava entre as dezenas de milhares de habitantes de Munique tomados por um delírio emocional, entusiasmados com a perspectiva da guerra de forma apaixonada. Como aconteceu com tantos outros, seu júbilo se transformaria depois em profunda amargura. No caso de Hitler, o pêndulo emocional posto em movimento pelo início da guerra oscilou com mais violência do que para a maioria. "Arrebatado por entusiasmo tempestuoso", escreveu ele, "caí de joelhos e agradeci aos céus com o coração transbordante por conceder-me a boa fortuna de me permitir viver nesta época." Que nesse caso suas palavras foram verdadeiras, não resta a menor dúvida. Anos depois, ao observar

uma foto tirada por Heinrich Hoffmann (que viria a ser o fotógrafo da "corte" nazista) da enorme manifestação patriótica diante do Feldherrnhalle, na Odeonsplatz de Munique, em 2 de agosto de 1914, dia posterior à declaração de guerra da Alemanha à Rússia, Hitler comentou que estivera no meio da multidão naquele dia, levado pelo fervor nacionalista, rouco de cantar "Die Wacht am Rhein" e "Deutschland, Deutschland über alles". Hoffmann tratou imediatamente de fazer ampliações e descobriu o rosto do jovem Hitler no centro da fotografia, tomado e arrebatado pela histeria da guerra. A subsequente reprodução em massa da foto contribuiu para criar o mito do Führer — e para os imensos lucros de Hoffmann.

Foi, sem dúvida, sob o impacto do mesmo júbilo de milhares de jovens de Munique e de muitas outras cidades da Europa, que correram para se alistar, que, segundo seu relato, em 3 de agosto, logo após a manifestação do Feldherrnhalle, Hitler apresentou uma petição pessoal ao rei Ludwig III da Baviera para servir como austríaco no Exército bávaro. Ainda segundo Hitler, a concessão de seu pedido pelo gabinete ministerial chegou no dia seguinte, para sua satisfação ilimitada. Embora seja aceita pela maioria dos relatos, essa versão é pouco crível. Na confusão daqueles dias, seria necessária uma eficiência burocrática realmente notável para que o pedido de Hitler fosse aprovado da noite para o dia. De qualquer modo, não era o gabinete ministerial, mas o Ministério da Guerra que tinha poder para aceitar estrangeiros (inclusive austríacos) como voluntários. Na realidade, Hitler não deve seu serviço no Exército bávaro à eficiência da burocracia, mas à negligência dela. Uma investigação detalhada realizada pelas autoridades locais em 1924 não conseguiu esclarecer com precisão como ele veio a servir no Exército bávaro, em vez de ser mandado para a Áustria, em agosto de 1914, como deveria ter acontecido. Presumiu-se que estava no meio da onda de voluntários que correram para o local de recrutamento mais próximo nos primeiros dias de agosto, acrescentava o relatório, levando a inconsistências e brechas não raras na letra rigorosa da lei. "Com toda a probabilidade", comentava o relatório, "a questão da nacionalidade de Hitler nunca foi levantada." E concluía que ele, quase com certeza, entrara no Exército bávaro por erro.

Como escreveu em um breve esboço autobiográfico de 1921, ele apresentou-se provavelmente em 5 de agosto de 1914 como voluntário para servir no Primeiro

Regimento de Infantaria da Baviera. Tal como muitos outros naqueles primeiros dias caóticos, foi de início mandado embora, pois não havia função imediata para ele. Em 16 de agosto, foi convocado a se apresentar no Posto de Recrutamento VI em Munique para ser equipado pelo Segundo Batalhão de Reserva do Segundo Regimento de Infantaria. No início de setembro, foi designado para o recém-formado 16o Regimento de Reserva de Infantaria da Baviera (conhecido como Regimento List, nome de seu primeiro comandante), composto em grande medida de recrutas inexperientes. Após algumas semanas de treinamento apressado, estavam prontos para o front. Nas primeiras horas de 21 de outubro, o trem militar que levava Hitler partiu para os campos de batalha da Flandres.

Em 29 de outubro, seis dias depois de chegar a Lille, o batalhão de Hitler teve seu batismo de fogo na estrada Menin, perto de Ypres. Em cartas enviadas do front a Joseph Popp e a Ernst Hepp, um conhecido de Munique, escreveu que, após quatro dias de luta, o Regimento List fora reduzido de 3600 a 611 homens. As perdas iniciais chegaram de fato a assombrosos 70%. Seu idealismo inicial, disse depois, ao ver os milhares de soldados mortos e feridos, deu lugar à percepção de que "a vida é uma luta constante e horrível". A partir de então, a morte foi uma companheira diária e o imunizou completamente contra qualquer sensibilidade ao sofrimento humano. Mais ainda do que no albergue vienense, ele fechou os olhos para a dor e a piedade. Luta, sobrevivência, vitória: era tudo o que contava.

Em 3 de novembro de 1914 (com vigência a partir de 1o de novembro), Hitler foi promovido a cabo. Foi sua última promoção na guerra, embora ele certamente pudesse esperar novas promoções, pelo menos até suboficial (*Unteroffizier*). Mais tarde, ele foi de fato listado para promoção por Max Amann, então segundo-sargento, depois barão da imprensa de Hitler, e o Estado-Maior do regimento considerou promovê-lo a *Unteroffizier*. Fritz Wiedemann, o ajudante do regimento que, na década de 1930, foi durante algum tempo um dos assistentes do Führer, testemunhou após o fim do Terceiro Reich que os superiores de Hitler achavam que ele não tinha qualidades de liderança. Porém, tanto Amann como Wiedemann deixaram claro que Hitler, provavelmente porque seria então transferido do Estado-Maior do regimento, recusou ser considerado para promoção.

Em 9 de novembro, ele foi designado para assumir a ordenança do Estado-Maior do regimento, membro de um grupo de oito a dez mensageiros cuja tarefa era levar

ordens, a pé ou às vezes de bicicleta, do posto de comando do regimento para os líderes de batalhões e companhias no front, distante três quilômetros. Surpreendentemente, em *Mein Kampf*, Hitler não menciona que foi mensageiro, deixando implícito que passou a guerra nas trincheiras. Mas as tentativas de seus inimigos políticos, no começo dos anos 1930, de depreciar tanto os perigos envolvidos nos deveres de mensageiro quanto seu serviço durante a guerra, acusando-o de esquiva e covardia, não tinham fundamento. Quando o front estava mais ou menos calmo — o que não era incomum — havia certamente momentos em que os mensageiros podiam folgar no quartel-general, onde as condições eram muitíssimo melhores do que nas trincheiras. Foi nessas condições, no quartel-general de seu regimento, em Fournes en Weppes, perto de Fromelles, no norte da França, onde Hitler passou quase a metade de seu serviço na guerra, que ele pôde achar tempo para pintar quadros e ler (a acreditarmos em seu relato) as obras de Schopenhauer que alegou carregar consigo. Mesmo assim, os perigos encarados pelos mensageiros durante as batalhas, levando ordens para o front através da linha de fogo, eram bem reais. As baixas entre os mensageiros eram relativamente grandes. Se fosse possível, dois deles eram enviados com a mesma mensagem para garantir que ela chegasse, caso um deles fosse morto. Três dos mensageiros vinculados ao Estado-Maior do regimento foram mortos e outro ferido num confronto com as tropas francesas em 15 de novembro. O próprio Hitler — não pela única vez em sua vida — teve a sorte a seu lado dois dias depois, quando um obus francês atingiu o comando avançado do regimento poucos minutos após ele ter saído, deixando quase todos mortos ou feridos. Entre os gravemente feridos estava o comandante do regimento, Oberstleutnant Philipp Engelhardt, que estivera prestes a propor Hitler para a Cruz de Ferro por sua participação, com a ajuda de um colega, na proteção da vida do comandante sob fogo alguns dias antes. Em 2 de dezembro, Hitler foi finalmente agraciado com a Cruz de Ferro, Segunda Classe, sendo um dos quatro mensageiros entre os sessenta homens do regimento que receberam a honraria. De acordo com ele, foi "o dia mais feliz de minha vida".

Segundo todos os indícios, Hitler foi um soldado dedicado, mais do que simplesmente consciencioso e cumpridor dos deveres, e não lhe faltava coragem física. Seus superiores o tinham em alta conta. Seus camaradas mais próximos o respeitavam, em especial os do grupo de mensageiros; e ao que parece até

gostavam dele, embora ele fosse capaz também de irritá-los, bem como de intrigá-los. Sua falta de senso de humor fazia com que fosse alvo fácil de zombarias joviais. "Que tal procurar uma Mamsell?", sugeriu certa vez um telefonista. "Eu morreria de vergonha de procurar sexo com uma moça francesa", aparteou Hitler, provocando a risada dos demais. "Olhe para o monge", disse um deles. A réplica de Hitler foi: "Você não tem nenhum senso de honra alemã?". Embora sua esquisitice o separasse do restante do grupo, suas relações com os camaradas imediatos eram em geral boas. A maioria deles tornou-se depois membro do NSDAP (Partido Nazista) e, quando lembravam o chanceler do Reich Hitler dos tempos em que haviam sido companheiros de guerra, ele providenciava para que recebessem doações em dinheiro e encargos de funcionários menores. Mas, por mais que se dessem bem com ele, achavam "Adi", como o chamavam, bastante estranho. Referiam-se a ele como "o artista" e se impressionavam com o fato de não receber cartas ou encomendas (mesmo no Natal) depois de meados de 1915, de jamais falar sobre família ou amigos, não fumar nem beber, não demonstrar interesse em visitar bordéis e ter o costume de ficar sentado durante horas num canto do abrigo subterrâneo, ruminando ou lendo. Fotografias dele durante a guerra mostram um rosto magro e macilento, dominado por um bigode preto, grosso e cerrado. Costumava ficar na beirada do grupo, inexpressivo, quando os outros estavam sorrindo. Balthasar Brandmayer, um de seus camaradas mais próximos, pedreiro de Bruckmühl, no distrito de Bad Aibling da Alta Baviera, descreveu suas primeiras impressões de Hitler relativas ao fim de maio de 1915: quase esquelético de aparência, olhos escuros escondidos numa face amarelada, bigode hirsuto, sentado num canto com a cara enfiada num jornal, às vezes tomando um gole de chá, raramente participante dos bate-papos do grupo. Era um tipo esquisito que desaprovava com a cabeça observações tolas e jocosas e não participava nem mesmo dos costumeiros lamentos, queixas e zombarias dos soldados. "Você nunca amou uma mulher?", perguntou-lhe Brandmayer. "Escuta, Brandmoiri, nunca tive tempo para uma coisa como essa e nunca vou superar isso", foi a resposta direta de Hitler. Seu único afeto verdadeiro parece ter sido para com seu cão, Foxl, um terrier branco que se extraviara das linhas inimigas. Ensinou-lhe truques e deleitava-se ao ver como o animal estava ligado a ele e como ficava feliz ao vê-lo retornar de suas ocupações. Mais adiante na guerra, ficou consternado quando sua

unidade teve de avançar e não conseguiu achar Foxl. “O porco que o tirou de mim não sabe o que me fez”, foi seu comentário, muitos anos depois. Não tinha o mesmo sentimento em relação aos milhares de seres humanos que viu serem massacrados a seu redor.

No que diz respeito à guerra propriamente dita, ele era fanático por completo. Nenhum sentimento humanitário deveria interferir na defesa implacável dos interesses alemães. Desaprovou com veemência os gestos de amizade no Natal de 1914, quando tropas alemãs e britânicas se encontraram em terra de ninguém, apertaram-se as mãos e cantaram canções natalinas juntas. “Não se deveria nem pensar numa coisa dessas durante a guerra”, protestou. Seus camaradas sabiam que sempre podiam provocar Hitler com comentários derrotistas, reais ou inventados. Tudo o que tinham a fazer era afirmar que a guerra seria perdida e Hitler ficava fora de si. “Para nós, a guerra não pode ser perdida”, eram invariavelmente suas últimas palavras. A longa carta que enviou em 5 de fevereiro de 1915 a Ernst Hepp, seu conhecido de Munique, concluía com uma revelação de sua opinião sobre a guerra que lembrava os preconceitos que o consumiam desde o tempo de Viena:

> Cada um de nós tem apenas um desejo, que possa em breve chegar ao ajuste de contas final com a quadrilha, ao enfrentamento, custe o que custar, e que aqueles de nós que tiverem a sorte de ver sua pátria de novo a encontrem mais pura e limpa de influência estranha (*Fremdländerei*), que através do sacrifício e do sofrimento que tantas centenas de milhares de nós fazem diariamente, que mediante a corrente de sangue que flui aqui dia após dia contra um mundo internacional de inimigos, que não somente os inimigos externos da Alemanha sejam esmagados, mas que nosso internacionalismo interno também seja destruído. Isso seria mais importante para mim do que todos os ganhos territoriais.

Era assim que ele via o morticínio colossal, não como sofrimento humano, mas como algo válido para fazer uma Alemanha melhor e racialmente limpa. É evidente que Hitler carregou esses sentimentos arraigados por toda a guerra. Mas essa manifestação política radical, ligada a uma longa descrição dos acontecimentos militares e condições do conflito, era incomum. Parece que ele falava pouco com seus camaradas sobre questões políticas. Talvez o fato de o acharem esquisito tenha impedido que ele pronunciasse suas fortes opiniões. Parece também que raramente mencionava os judeus. Vários ex-companheiros alegaram depois de 1945 que Hitler havia, no máximo, feito comentários precipitados, embora comuns na época, sobre os judeus, mas que não tinham nenhuma indicação do ódio ilimitado que ficou tão

evidente após 1918. Por outro lado, Balthasar Brandmayer afirmou em suas memórias, publicadas pela primeira vez em 1932, que durante a guerra "com frequência não entendia Adolf Hitler quando ele chamava o judeu de o titereiro por trás de todos os infortúnios". Segundo Brandmayer, Hitler tornou-se mais envolvido em política nos últimos anos da guerra e não escondia seus sentimentos sobre aqueles que considerava os instigadores social-democratas da crescente agitação na Alemanha. Esses comentários, tal como todas as fontes que são posteriores à ascensão de Hitler e, como nesse caso, glorificam a presciência do futuro líder, precisam ser tratados com cautela. Mas é difícil desconsiderá-los de imediato. Com efeito, parece muito provável, como sustenta seu relato em *Mein Kampf*, que seus preconceitos políticos tenham se aguçado na parte final da guerra, durante e depois de seu primeiro período de licença na Alemanha, em 1916.

Entre março de 1915 e setembro de 1916, o Regimento List lutou nas trincheiras perto de Fromelles, defendendo um trecho de dois quilômetros do front imobilizado. Haviam se travado fortes batalhas contra os britânicos em maio de 1915 e julho de 1916, mas em um ano e meio o front se movera poucos metros. Em 27 de setembro de 1916, dois meses depois da segunda batalha de Fromelles, quando uma ofensiva britânica foi detida com dificuldade, o regimento seguiu para o sul e, em 2 de outubro, estava engajado no Somme. Poucos dias depois, Hitler foi ferido na coxa esquerda quando um obus explodiu no abrigo dos mensageiros, matando e ferindo vários deles. Após tratamento no hospital de campanha, ele passou quase dois meses, de 9 de outubro até 1o de dezembro de 1916, no hospital da Cruz Vermelha de Beelitz, perto de Berlim. Ele estivera fora da Alemanha por dois anos. Logo notou como o estado de ânimo estava diferente dos dias impetuosos de agosto de 1914. No hospital, ficou estarrecido ao ouvir dois homens se vangloriarem por se fingir de doentes, ou por conseguir se infligir pequenos ferimentos para escapar do front. E encontrou o mesmo moral baixo e descontentamento disseminado em Berlim, durante seu período de recuperação. Era sua primeira vez na cidade e ele pôde fazer uma visita à Nationalgalerie. Mas foi Munique que mais o chocou. Mal reconheceu a cidade: "Raiva, descontentamento, imprecações aonde quer que se fosse!". O moral estava baixo; as pessoas estavam desanimadas; as condições eram miseráveis; e, como era tradicional na Baviera, a culpa era atribuída aos prussianos. Hitler, segundo seu relato escrito oito anos

depois, via nisso tudo apenas uma obra dos judeus. Ficou surpreso também, assim o disse, com a quantidade de judeus que trabalhavam em escritórios — "quase todo funcionário de escritório era judeu e quase todo judeu era funcionário de escritório" — em comparação com os poucos que estavam servindo no front. (Na verdade, trata-se de uma calúnia vil; não havia diferença na proporção de judeus e não judeus no Exército alemão, em relação a sua participação na população total, e muitos judeus serviram — alguns no Regimento List — com grande distinção.) Não há motivo para presumir, como por vezes já se fez, que esse relato de seus sentimentos antissemitas em 1916 fosse uma projeção no passado de sentimentos que só viriam a existir a partir de 1918-9. Embora, como já observamos, Hitler não se destacasse por seu antissemitismo nas lembranças de alguns de seus ex-camaradas do tempo de guerra, dois deles se referiram a seus comentários negativos sobre os judeus. E Hitler estaria manifestando sentimentos que cada vez mais seriam ouvidos nas ruas de Munique, à medida que o preconceito contra os judeus se tornava mais difundido e feroz, na segunda metade da guerra.

Hitler queria voltar para o front o mais breve possível e, sobretudo, reunir-se ao seu antigo regimento. Retornou por fim em 5 de março de 1917, para sua nova posição, a poucos quilômetros ao norte de Vimy. No verão, o regimento voltou ao mesmo local, perto de Ypres, onde havia lutado quase três anos antes, para deter a grande ofensiva na Flandres lançada pelos britânicos em meados de julho de 1917. Maltratado pela luta pesada, o regimento foi substituído no início de agosto e transferido para a Alsácia. No fim de setembro, Hitler tirou licença normal pela primeira vez. Não queria voltar a Munique, que tanto o havia deprimido, então foi para Berlim, onde ficou com os pais de um de seus camaradas. Seus postais para amigos do regimento falavam em como ele gostara de sua licença de dezoito dias e como estava entusiasmado com Berlim e seus museus. Em meados de outubro retornou ao regimento, que acabara de mudar da Alsácia para a Champagne. Em abril de 1918, combates sanguinários provocaram enormes baixas e, durante as duas últimas semanas de julho, o regimento envolveu-se na segunda batalha do Marne. Foi a última grande ofensiva alemã da guerra. No início de agosto, quando ela fracassou diante de uma tenaz contraofensiva aliada, as perdas alemãs dos quatro meses anteriores de combates selvagens chegavam perto de 800 mil homens. Com as reservas exauridas e o moral em queda livre, o fracasso da ofensiva marcou o

ponto em que a liderança militar alemã foi obrigada a reconhecer que a guerra estava perdida.

Em 4 de agosto de 1918, Hitler recebeu a Cruz de Ferro, Primeira Classe — um feito raro para um cabo —, do comandante do regimento, major Von Tubeuf. Por um golpe de ironia, tinha de agradecer a indicação a um oficial judeu, o tenente Hugo Gutmann. Mais tarde, todos os livros escolares contariam que o Führer havia recebido a condecoração por ter capturado sozinho quinze soldados franceses. A verdade, como sempre, é um pouco mais prosaica. A partir dos dados disponíveis, inclusive a recomendação do comandante adjunto do Regimento List, barão Von Godin, em 31 de julho de 1918, a condecoração foi concedida — tal como a outro colega mensageiro — por bravura demonstrada na entrega de uma mensagem importante, após o rompimento das comunicações telefônicas entre o quartel-general do comando e o front sob fogo pesado. Gutmann, segundo o que disse posteriormente, havia prometido aos dois mensageiros a EK I (*Eisemes Kreuz*) se conseguissem entregar a mensagem. Mas, tendo em vista que a ação, embora corajosa, não era excepcional, foi somente depois de várias semanas de argumentação com o comandante de divisão que a permissão para a condecoração foi concedida.

Em meados de agosto de 1918, o Regimento List transferiu-se para Combrai a fim de ajudar no combate à ofensiva britânica perto de Bapaume e, um mês depois, estava novamente em ação nas vizinhanças de Wytschaete e Messines, onde Hitler havia recebido sua EK II quase quatro anos antes. Dessa vez, ele estava longe dos campos de batalha. No fim de agosto, fora mandado a Nuremberg para receber treinamento em comunicações telefônicas e, em 10 de setembro, começou seu segundo período de dezoito dias de licença, novamente em Berlim. Imediatamente após seu retorno, no fim de setembro, sua unidade ficou sob pressão de ataques ingleses perto de Comines. Fazia-se agora uso intensivo de gases nas ofensivas, e a proteção contra eles era mínima e primitiva. O Regimento List, como os outros, sofreu muito. Na noite de 13 de outubro, Hitler também caiu vítima do gás mostarda nas colinas ao sul de Wervick, parte do front sul, perto de Ypres. Ele e vários camaradas, que recuavam de seu abrigo durante um ataque, ficaram parcialmente cegos pelo gás e só acharam o caminho para um lugar seguro agarrando-se uns aos outros e seguindo um camarada menos afetado. Em 21 de

outubro de 1918, após um tratamento inicial na Flandres, Hitler foi transportado para o hospital militar de Pasewalk, perto de Stettin, na Pomerânia.

A guerra havia acabado para ele. E, sem que ele soubesse, o Alto-Comando do Exército àquela altura fazia manobras para se livrar da culpa por uma guerra que já aceitava ter perdido e uma paz que teria de ser negociada em breve. Foi em Pasewalk, enquanto se recuperava de sua cegueira temporária, que Hitler ficou sabendo das notícias arrasadoras sobre a derrota e a revolução — o que ele chamou de "a maior vilania do século".

III

Na realidade, não houve traição, nenhuma faca cravada nas costas. Isso foi pura invenção da direita, uma lenda que os nazistas utilizaram como elemento central de seu arsenal de propaganda. A agitação na Alemanha foi uma consequência e não uma causa do fracasso militar. A Alemanha fora militarmente derrotada e estava perto do limite de suas forças — embora nada tivesse preparado sua população para a capitulação. Com efeito, o Alto-Comando ainda difundia propaganda triunfalista no fim de outubro de 1918. O Exército já estava exaurido e, nos quatro meses anteriores, havia sofrido perdas mais pesadas do que em qualquer outro momento da guerra. As deserções e a esquiva deliberada ao dever (estimada em cerca de 1 milhão de soldados nos últimos meses da guerra) aumentaram imensamente. O clima era de protesto crescente — exacerbado, raivoso e cada vez mais rebelde. A revolução não foi fabricada por simpatizantes do bolchevismo e desordeiros antipatrióticos, mas emergiu da profunda desilusão e da inquietação que já existiam desde 1915 e cresceram a partir de 1916 para se transformar numa torrente de rebeldia. A sociedade que aparentemente havia entrado na guerra em unidade patriótica total acabou rachada e traumatizada pela experiência.

Em meio à divisão social, havia certos alvos comuns de agressão. O lucro com a guerra — tema que Hitler usaria com tanta eficácia nas cervejarias de Munique em 1920 — exasperava profundamente. Em íntima relação com isso estava o forte ressentimento contra os que agiam no mercado negro. A burocracia mesquinha que interferia em todas as esferas da vida era outro alvo. Mas a fúria não se restringia à interferência e incompetência de burocratas insignificantes. Eles eram apenas o rosto de um Estado cuja autoridade estava desmoronando de forma visível, um Estado em desintegração e desordem terminal.

Na busca de bodes expiatórios, os judeus, em especial, tornaram-se cada vez mais o foco de ódio intenso e agressões a partir da metade da guerra. Os sentimentos já eram conhecidos. A novidade consistia no grau em que o antissemitismo radical era agora propagado e como estava caindo em terreno fértil. Heinrich Claß, o líder dos pangermanistas arquinacionalistas, podia anunciar em outubro de 1917 que o antissemitismo "já havia alcançado proporções enormes" e que "a luta pela sobrevivência estava começando agora para os judeus". Os eventos

de 1917 na Rússia agitaram ainda mais o caldeirão de ódio, acrescentando o ingrediente vital — que se tornaria a partir de então a pedra de toque da agitação antissemita — de retratar os judeus como dirigentes de organizações secretas internacionais voltadas a fomentar a revolução mundial. Quando perceberam que a guerra estava perdida, a histeria antissemita, agitada pelos pangermanistas, atingiu uma intensidade febril. Em setembro de 1918, quando os pangermanistas montaram um Comitê Judeu com o objetivo de "explorar a situação para tocar o clarim contra o judaísmo e usar os judeus como para-raios para todas as injustiças", Claß usou as famosas palavras de Heinrich von Kleist dirigidas aos franceses em 1813: "Matem-nos; o tribunal do mundo não está perguntando por seus motivos!".

IV

Nos últimos dois anos da guerra, a atmosfera de desintegração e colapso moral, o clima de radicalização política e ideológica, só podiam provocar a mais profunda impressão em Hitler, que recebera a guerra de forma exultante, apoiara os objetivos alemães com fanatismo e desde o início condenara todas as sugestões derrotistas de modo veemente. Ele havia sentido repulsa por muitas atitudes que encontrara no front. Mas, como vimos, foi nos últimos dois anos da guerra, durante os três períodos que passou na Alemanha em licença ou recuperação de ferimentos, que sentiu um grau de descontentamento com a direção da guerra que era novo e profundamente estarrecedor para ele. Ficara chocado com a atmosfera em Berlim e ainda mais com a de Munique, em 1916. Enquanto a guerra se arrastava, enfurecia-se com as conversas sobre revolução e inflamava-se diante das notícias sobre a greve de munições em favor de uma paz sem anexações, que se espalhou rapidamente, no fim de janeiro de 1918, de Berlim para outras cidades industriais importantes (embora com pouca influência efetiva sobre os suprimentos de munição).

Os dois últimos anos da guerra, entre sua convalescença em Beelitz, em outubro de 1916, e sua hospitalização em Pasewalk, em outubro de 1918, podem ser considerados determinantes no desenvolvimento ideológico de Hitler. Os preconceitos e fobias, trazidos dos anos em Viena, estavam agora evidentes em seu ódio exacerbado por conta do colapso do esforço de guerra — a primeira causa em sua vida à qual ele se entregara por completo, a soma de tudo aquilo em que ele acreditava. Mas ainda não haviam sido totalmente transformados em partes componentes de uma ideologia política. Isso só emergiria de forma plena durante seu "treinamento político" na Reichswehr, no decorrer de 1919.

Que papel teve a hospitalização em Pasewalk na moldagem da ideologia de Hitler, que significado adquiriu na formação do futuro líder partidário e ditador é uma questão muito discutida e, na verdade, difícil de avaliar. No relato do próprio Hitler, ocupa um lugar central. Segundo ele, recuperando-se da cegueira temporária, mas ainda incapaz de ler jornais, ouviu rumores de uma revolução iminente, mas não os compreendeu perfeitamente. A chegada de alguns marinheiros amotinados foi o primeiro sinal tangível de perturbações graves, mas

Hitler e seus colegas de hospital na Baviera presumiram que a agitação seria esmagada em poucos dias. Porém, logo ficou claro — “a certeza mais terrível de minha vida” — que ocorrera uma revolução geral. Em 10 de novembro, um pastor falou aos pacientes em termos pesarosos sobre o fim da monarquia e os informou que a Alemanha era agora uma república, que a guerra estava perdida e que alemães tinham de se colocar à mercê dos vitoriosos. Ao ouvir isso, Hitler escreveu depois:

> Eu não pude suportar mais aquilo. Tornou-se impossível para mim ficar quieto um minuto a mais. De novo, tudo ficou escuro diante de meus olhos; cambaleei e andei às cegas de volta ao dormitório, joguei-me em meu catre e enfiei minha cabeça ardente no cobertor e no travesseiro.
>
> Desde o dia em que estivera diante do túmulo de minha mãe eu não havia chorado. [...] Mas então não pude evitá-lo. [...]
>
> E assim, fora tudo em vão. [...] Tudo isso aconteceu apenas para que um bando de criminosos desgraçados pudesse pôr as mãos na pátria? [...]
>
> Quanto mais eu tentava obter clareza sobre o evento monstruoso naquela hora, mais a vergonha da indignação e desgraça queimava minha cabeça. O que era toda a dor em meus olhos comparada com aquela desgraça?
>
> Seguiram-se dias terríveis e noites ainda piores — eu sabia que tudo estava perdido. [...] Nessas noites, cresceu o ódio em mim, ódio pelos responsáveis por aquela façanha.
>
> Nos dias que se seguiram, meu próprio destino tornou-se conhecido para mim.
>
> Eu não podia deixar de rir diante do pensamento de meu futuro que pouco tempo antes me causava uma preocupação tão amarga. [...]

De acordo com seu relato, ele tirou a seguinte conclusão: “Não há como fazer um pacto com os judeus; só pode haver o duro ou-ou”. E tomou a decisão que mudou sua vida: “De minha parte, decidi entrar para a política”.

No início dos anos 1920, Hitler referiu-se a sua experiência em Pasewalk em várias ocasiões, às vezes fantasiando um pouco. Alguns se sentiram tentados a ver, em seus relatos vívidos, uma alucinação que seria a chave para suas obsessões ideológicas maníacas, sua “missão” de salvar a Alemanha e sua conexão com o povo alemão traumatizado pela derrota e humilhação nacional. A ponderação das probabilidades sugere um processo menos dramático de desenvolvimento ideológico e consciência política.

Sem dúvida, Hitler estava mais do que profundamente indignado com as notícias sobre a revolução. Achava que se tratava de uma traição absoluta e imperdoável de tudo em que acreditava e, sentindo dor, mal-estar e amargura, procurava os

culpados pelo colapso de seu mundo. Não é preciso duvidar de que, para ele, aqueles poucos dias intensamente perturbadores significaram uma experiência traumática. A partir do ano seguinte, toda sua atividade política seria impulsionada pelo trauma de 1918, e voltada a obliterar a derrota, a revolução e aqueles que julgava responsáveis por elas.

Se há alguma verdade na sugestão de que Hitler adquiriu seus preconceitos arraigados em Viena, inclusive seu antissemitismo, e depois os revitalizou durante os dois últimos anos da guerra, embora sem os transformar numa ideologia complexa, então não há necessidade de mistificar a experiência de Pasewalk e considerá-la uma conversão súbita e dramática ao antissemitismo paranoico. Pasewalk pode ser vista como o momento em que Hitler, atormentado pela busca de uma explicação para a destruição de seu mundo, começa a racionalizar um cabedal próprio de ideias. Devastado pelos acontecimentos que se desenrolavam em Munique, Berlim e outras cidades, deve ter visto neles uma confirmação das opiniões que sempre tivera desde os tempos de Viena sobre os judeus e os social-democratas, sobre marxismo e internacionalismo, sobre pacifismo e democracia. Mesmo assim, era apenas o *início* da racionalização. A fusão completa entre antissemitismo e antimarxismo ainda estava por vir. Não há indício autêntico de que Hitler tivesse dito até aquele momento qualquer coisa que seja sobre o bolchevismo. E nem o faria antes de 1920, mesmo em seus primeiros discursos públicos em Munique. A conexão do bolchevismo com as figuras que odiava, sua incorporação e ocupação de um lugar central em sua "visão de mundo", só aconteceriam na época em que passou na Reichswehr, no verão de 1919. E mais tarde ainda veio sua preocupação com o "espaço vital", que só surgiria como tema dominante durante a composição de *Mein Kampf*, entre 1924 e 1926. Pasewalk foi um passo crucial na direção da racionalização de seus preconceitos, mas, ainda mais importante, com toda a probabilidade, foi o tempo que passou na Reichswehr, em 1919.

O último ponto pouco plausível da história de Pasewalk é que Hitler teria decidido, ali e naquele momento, entrar para a política. Em nenhum de seus discursos antes do putsch de novembro de 1923 ele disse algo sobre ter decidido a seguir carreira política no outono de 1918. Na verdade, o futuro ditador não estava em posição de *decidir* nada em Pasewalk. O fim da guerra significou que, como

outros soldados, ele seria desmobilizado. O Exército havia sido sua casa por quatro anos. Agora outra vez seu futuro se mostrava incerto.

Em 19 de novembro de 1918, quando deixou Pasewalk para retornar, via Berlim, a Munique, tinha economias que totalizavam apenas quinze marcos e trinta *Pfennige* em sua conta de Munique. Nenhuma carreira o aguardava. Nem ele fez esforço algum de entrar para a política. Com efeito, não é fácil ver como poderia fazê-lo. Não tinha família nem "conexões" para lhe oferecer algum apadrinhamento num partido político. Uma "decisão" de entrar para a política, se Hitler a tivesse tomado em Pasewalk, estaria vazia de sentido. Somente a permanência no Exército lhe oferecia a esperança de evitar o malfadado dia em que teria uma vez mais que encarar o fato de que, quatro anos turbulentos depois, estava tão longe da desejada carreira de arquiteto quanto em 1914, e sem nenhuma perspectiva. O futuro parecia sombrio. Uma volta à vida solitária de pintor medíocre não tinha atrativo nenhum. Mas pouca coisa mais lhe sorria. O Exército dera-lhe sua chance. Ele conseguiu adiar a desmobilização por mais tempo do que quase todos os seus ex-camaradas e permanecer na folha de pagamento até 31 de março de 1920.

Foi no Exército, em 1919, que sua ideologia finalmente assumiu uma forma. Sobretudo foi o Exército que, nas circunstâncias extraordinárias de 1919, transformou Hitler num propagandista — o demagogo mais talentoso de sua época. O que propiciou a entrada de Hitler na política não foi uma escolha deliberada, mas o aproveitamento máximo das condições em que se encontrava. O oportunismo — ao lado de uma boa dose de sorte — foi mais decisivo do que a força de vontade.

4. O agitador de cervejaria

I

Em 21 de novembro de 1918, dois dias após deixar o hospital em Pasewalk, Hitler estava de volta a Munique. Aproximando-se dos trinta anos de idade, sem instrução, carreira ou perspectivas, seu único plano era permanecer o máximo que conseguisse no Exército, que fora seu lar e lhe sustentava desde 1914. Ele voltou a uma Munique que mal conseguiu reconhecer. Os quartéis aos quais retornou eram dirigidos por conselhos de soldados. O governo revolucionário da Baviera, na forma de um Conselho Nacional provisório, estava nas mãos dos social-democratas e dos integrantes mais radicais do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (USPD). O ministro presidente, Kurt Eisner, era um radical — e judeu.

A revolução na Baviera precedera à do próprio Reich. Ela ocorreu em circunstâncias e se desenvolveu de uma forma que deixaria marcas profundas em Hitler, além de se encaixar, mais do que os eventos de Berlim, na futura caricatura nazista da revolução de 1918. Foi mais radical, com a liderança nas mãos dos independentes; degenerou numa quase anarquia, depois numa tentativa efêmera de criar um sistema comunista de estilo soviético. Isso, por sua vez, levou a alguns dias — poucos, mas que marcariam a consciência dos bávaros por muitos anos — que equivaleram a uma miniguerra civil, a qual terminou com derramamento de sangue e brutalidade. E vários líderes revolucionários eram judeus, alguns originários do Leste Europeu com simpatias e conexões bolcheviques. Ademais, o líder da revolução bávara — o jornalista judeu e socialista de esquerda Kurt Eisner,

proeminente defensor da paz no USPD desde a separação da maioria social-democrata em 1917 —, com apoio de alguns colegas de partido, tentara provocar a agitação dos operários da indústria durante a Greve de Janeiro de 1918 e fora preso por suas atividades. Isso se encaixava perfeitamente na lenda da "punhalada nas costas" criada pela direita.

O governo provisório que se constituiria em seguida, sob a liderança de Eisner, foi desde o início uma coalizão muito instável, composta principalmente do radical, mas em larga medida idealista, USPD, e o "moderado" Partido Social-Democrático da Alemanha (SPD), que nem quisera uma revolução. Além disso, não tinha a menor chance de resolver os terríveis problemas sociais e econômicos que o país enfrentava. O assassinato de Eisner por um jovem estudante, ex-oficial aristocrata, conde Anton von Arco-Valley, em 21 de fevereiro de 1919, deu o sinal para a degeneração no caos e quase anarquia. Membros do USPD e anarquistas proclamaram uma Räterepublik (República dos Conselhos) na Baviera. O fracasso inicial das tentativas de contrarrevolução simplesmente fortaleceu a decisão dos revolucionários exaltados, abrindo caminho para a última fase da revolução bávara: a tomada do poder pelos comunistas na segunda, ou "verdadeira" Räterepublik — uma tentativa de criar um sistema de estilo soviético na Baviera. Ela durou pouco mais de quinze dias, mas acabou em violência, sangue e profunda recriminação, impondo um legado funesto ao clima político bávaro.

Seria difícil mensurar o impacto dos acontecimentos que se desenrolaram entre novembro de 1918 e maio de 1919 sobre a consciência política da Baviera, em especial os relativos à Räterepublik. No mínimo, essa experiência foi vivida em Munique como um período de pouca liberdade, grave escassez de comida, censura da imprensa, greve geral, sequestro de alimentos, carvão e roupas, desordem e caos generalizados. Com significado mais duradouro, ficou na memória popular como um "domínio do horror" imposto por elementos estrangeiros a serviço do comunismo soviético. A imagem, construída e maciçamente sustentada pela propaganda direitista em todo o Reich, bem como na própria Baviera, foi a de forças de fora — bolcheviques ou judias — que tomaram o Estado, ameaçaram as instituições e tradições, a ordem e a propriedade, comandaram o caos, perpetraram atos terríveis de violência e provocaram uma anarquia que só proporcionou vantagens aos inimigos da Alemanha. A verdadeira vencedora das semanas

desastrosas da Räterepublik foi a direita radical, que ganhou combustível para atiçar o medo e o ódio ao bolchevismo entre os camponeses e as classes médias bávaras. A violência contrarrevolucionária extrema passou a ser aceita como uma resposta legítima ao que era percebido como ameaça bolchevique, tornando-se uma característica comum do cenário político, não com poucas consequências.

Quando seu flerte com o socialismo de esquerda acabou, a Baviera transformou-se nos anos seguintes num bastião dos conservadores e num ímã para extremistas de direita de toda a Alemanha. Essas eram as condições em que a "construção de Adolf Hitler" poderia ocorrer.

A história da revolução bávara foi quase sob medida para a propaganda nazista. Não apenas a lenda da "punhalada nas costas" mas também a noção de uma conspiração judaica internacional poderiam soar plausíveis à luz da Räterepublik de Munique. Embora até então o extremismo de direita não tivesse tradição mais forte na Baviera do que em qualquer outro lugar, o novo clima forneceu-lhe oportunidades únicas e a facilidade de um establishment simpático. Muitos dos primeiros seguidores de Hitler foram profundamente influenciados pela experiência dos meses turbulentos da Baviera pós-revolucionária. Para o próprio Hitler, o significado do período da revolução e da Räterepublik em Munique dificilmente pode ser superestimado.

II

Em seu retorno a Munique, Hitler foi designado para a 7a Companhia do 1o Batalhão de Reserva do 2o Regimento de Infantaria, onde, alguns dias depois, reencontrou vários companheiros do tempo da guerra. Duas semanas depois, ele e um desses camaradas, Ernst Schmidt, estavam entre os quinze homens de sua companhia (e 140 homens no total) designados para a guarda do campo de prisioneiros de guerra de Traunstein. Provavelmente, como contou Schmidt depois, Hitler sugeriu que deixassem seus nomes avançarem quando os voluntários fossem chamados para compor a delegação. Hitler, observou Schmidt, não tinha muito a dizer sobre a revolução, "mas estava bastante claro o amargor que sentia". Ambos, ainda segundo Schmidt, ficaram enojados com a mudança das condições nos quartéis de Munique, agora nas mãos dos conselhos de soldados, onde os antigos padrões de autoridade, disciplina e moral haviam desaparecido. Se esse foi de fato o motivo para se apresentarem como voluntários, Hitler e Schmidt não devem ter encontrado condições melhores ao chegar a Traunstein. O campo, feito para conter mil prisioneiros, mas superlotado, também era comandado pelos conselhos de soldados que Hitler supostamente tanto detestava. A disciplina era fraca e entre os guardas, segundo uma fonte, estavam alguns dos piores componentes das tropas que, tal como Hitler, viam no Exército "um meio de manter uma existência despreocupada à custa do Estado". Hitler e Schmidt não tiveram muito trabalho na guarda. Ficaram quase dois meses em Traunstein, período em que os prisioneiros de guerra, sobretudo russos, foram levados para outro lugar. No início de fevereiro, o campo já estava completamente vazio. É provável que Hitler tenha retornado a Munique no fim de janeiro, conforme deixa entrever Schmidt. Depois, por apenas duas semanas, a partir de 20 de fevereiro, foi designado para dar plantão na Hauptbahnhof [estação central], onde uma unidade de sua companhia era responsável por manter a ordem, particularmente entre os muitos soldados que voltavam ou partiam.

Uma ordem de rotina do batalhão de desmobilização, datada de 3 de abril de 1919, refere-se a Hitler como o representante (*Vertrauensmann*) de sua companhia. Na verdade, o mais provável é que ocupasse essa posição desde 15 de fevereiro. Entre os deveres dos representantes estava a cooperação com o departamento de

propaganda do governo socialista para transmitir material "educacional" aos soldados. Portanto, as primeiras missões políticas de Hitler aconteceram a serviço do regime revolucionário comandado pelo SPD e pelo USPD. Não surpreende que em *Mein Kampf* ele tenha passado rapidamente sobre sua experiência do traumático período revolucionário na Baviera.

Na verdade, ele teria de explicar o fato ainda mais constrangedor de seu envolvimento com o regime socialista no auge da "ditadura vermelha" de Munique. Em 14 de abril, dia seguinte à proclamação da Räterepublik, os conselhos de soldados de Munique aprovaram novas eleições para representantes de quartéis, no intuito de garantir que a guarnição de Munique permanecesse fiel ao novo regime. Nas eleições realizadas no dia seguinte, Hitler foi escolhido para vice-representante do batalhão. Portanto, ele não somente não fez nada para ajudar a esmagar a "República Vermelha" de Munique como foi um representante eleito de seu batalhão.

Já na década de 1920, e adentrando na de 1930, correram rumores, nunca totalmente contestados, de que Hitler de início havia simpatizado com a maioria do SPD após a revolução. Houve até rumores noticiados — embora sem base — de que Hitler falara em entrar para o SPD. Em 1921, ao defender Hermann Esser, um de seus primeiros seguidores, contra ataques de dentro do partido, Hitler fez um comentário contundente: "Todo mundo foi, em algum momento, social-democrata".

O possível apoio de Hitler aos social-democratas no levante revolucionário é menos improvável do que pode parecer à primeira vista. A situação política era extremamente confusa e incerta. Vários companheiros improváveis, inclusive alguns que depois participaram do séquito de Hitler, estiveram, de início, do lado da esquerda durante a revolução. Esser, que se tornou o primeiro chefe de propaganda do NSDAP, foi durante um tempo jornalista de um diário social-democrata. Sepp Dietrich, mais tarde general da Waffen-SS e chefe da SS-Leibstandarte de Hitler, foi eleito presidente do conselho de soldados em novembro de 1918. Julius Schreck, motorista de Hitler durante muito tempo, participou do "Exército Vermelho" no fim de abril de 1919. Gottfried Feder, cujas opiniões sobre a "escravidão dos juros" tanto excitaram a imaginação de Hitler no verão de 1919, mandara uma declaração de sua posição ao governo socialista

liderado por Kurt Eisner no mês de novembro anterior. E Balthasar Brandmayer, um dos companheiros mais próximos de Hitler durante a guerra e depois seu partidário fervoroso, relembrou como a princípio saudou o fim das monarquias, a criação de uma república e o início de uma nova era. Desorientação ideológica, confusão política e oportunismo combinavam-se com frequência para produzir alianças instáveis e cambiantes.

Porém, é difícil acreditar, como foi sugerido, que Hitler era simpático à social-democracia e formou sua própria *Weltanschauung* racista-nacionalista apenas depois de uma reviravolta política ocorrida sob a influência de sua "aprendizagem" na Reichswehr, após o colapso da Räterepublik. Se ele se sentiu compelido a inclinar-se para os social-democratas durante os meses revolucionários, não foi por convicção, mas por puro oportunismo, a fim de evitar o máximo possível a desmobilização do Exército.

Independente de seu oportunismo e sua passividade, seu antagonismo à esquerda revolucionária era provavelmente evidente para os que conviveram com ele na caserna durante a crescente agitação em Munique. Se de fato, como se alegou depois, ele manifestou apoio aos social-democratas contra os comunistas, isso foi presumivelmente uma escolha entre o menor de dois males, ou ainda, na visão dos homens de sua unidade que o conheciam havia mais tempo, um ajuste oportuno que não traía nenhuma de suas simpatias pangermanistas nacionalistas. Ernst Schmidt, por exemplo, que já dera baixa, mas ainda mantinha contato frequente com ele, falou depois da "repugnância total" de Hitler aos eventos de Munique. Os dezenove votos depositados para "Hittler" em 16 de abril e que o elegeram segundo representante da companhia — o vencedor Johann Blüml recebeu 39 votos — no Conselho do Batalhão podem muito bem ter sido dados por aqueles que o viam sob essa luz. Que havia tensões dentro dos quartéis e entre os representantes eleitos dos soldados, isso pode ser deduzido da denúncia posterior que Hitler fez de dois colegas do Conselho do Batalhão no tribunal de Munique que investigou as ações dos soldados de seu regimento durante a Räterepublik. É provável que ele fosse conhecido em seu círculo — ao menos perto do fim de abril — como o contrarrevolucionário que de fato era, cujas verdadeiras simpatias não se distinguiam daquelas das tropas "brancas" que se preparavam para invadir a cidade. Sobretudo é significativo que, uma semana após o fim dos conselhos, Hitler já

tenha sido designado — por quem, não sabemos — para um comitê de três membros que determinaria se soldados do Batalhão de Reserva do 2o Regimento de Infantaria haviam participado ativamente da Räterepublik. Isso depõe a favor do reconhecimento, em seu batalhão, de seu profundo antagonismo ao domínio "vermelho". De qualquer modo, essa nova missão impediu que Hitler fosse dispensado, com o restante da guarnição de Munique, no fim de maio de 1919. E, o que é mais importante, o colocou pela primeira vez na órbita da política contrarrevolucionária no interior da Reichswehr. Esse fato — mais do que um trauma psicológico em Pasewalk com a notícia da derrota, ou a decisão de salvar a Alemanha dos "criminosos de novembro" — é que abriria, nos meses seguintes, o caminho do futuro ditador para o turbilhão da política de extrema direita em Munique.

III

Em 11 de maio de 1919, sob o comando do general de divisão Von Möhl, o Bayerische Reichswehr Gruppenkommando no 4 (abreviado para Gruko) foi criado a partir da unidades bávaras que participaram do esmagamento da Räterepublik. Enquanto o governo bávaro estava "exilado" em Bamberg até o fim de agosto, Munique — com seu centro cheio de barricadas, arame farpado e pontos de controle do Exército — foi uma cidade efetivamente sob governo militar durante todo o verão e a primavera. Assumindo as tarefas gêmeas de ampla vigilância da cena política e de combate por meio de propaganda e doutrinação das atitudes "perigosas" predominantes no Exército de transição, o Gruko encampou, em maio de 1919, o Departamento de Informação (Nachrichtenabteilung, Abt. Ib/P), que havia sido criado em Munique imediatamente após a extinção da Räterepublik. A "educação" dos soldados da maneira "correta", ou seja, nacionalista antibolchevique, foi logo considerada prioritária; criaram-se "cursos de orador" para treinar "personalidades adequadas das tropas", que permaneceriam por tempo considerável no Exército e funcionariam como agentes de propaganda com qualidades de persuasão capazes de anular as ideias subversivas. A organização de uma série de "cursos antibolcheviques", iniciados em junho, ficou nas mãos do capitão Karl Mayr, que pouco antes, em 30 de maio, assumira o comando do Departamento de Informação. Mayr, um dos "parteiros" da "carreira" política de Hitler, poderia certamente reivindicar a principal responsabilidade pelo início dela.

Em 1919, a influência de Mayr na Reichswehr de Munique ia além de sua patente de capitão, pois ele estava dotado de consideráveis fundos para montar uma equipe de agentes ou informantes, organizar uma série de cursos "educativos" para treinar oficiais e soldados selecionados no pensamento político e ideológico "correto" e financiar partidos, publicações e organizações "patrióticas". Mayr conheceu Hitler em maio de 1919, após o esmagamento do "Exército Vermelho". A participação de Hitler nas investigações das ações subversivas de seu batalhão durante a Räterepublik talvez tenha chamado sua atenção. E vimos que Hitler já estava envolvido em trabalho de propaganda no quartel no início da primavera — embora em nome do governo socialista. Ele tinha as credenciais certas e o potencial ideal para os propósitos de Mayr. Muito depois, este escreveu que, quando conheceu

Hitler, "ele era como um cão perdido cansado e procurando por um dono", e estava "pronto para entregar seu destino a quem o tratasse bem. [...] Não tinha a menor preocupação com o povo alemão e seu destino".

O nome "Hittler Adolf" aparece em uma das primeiras listas de informantes (*V-Leute* ou *V-Männer*) feitas pelo Departamento de Informação Ib/P no fim de maio ou início de junho de 1919. Em poucos dias, ele seria indicado para o primeiro dos "cursos de instrução" antibolchevique, que aconteceriam na Universidade de Munique entre 5 e 12 de junho de 1919. Pela primeira vez, receberia algum tipo de "educação" política direta. Isso, como reconheceu, foi importante para ele, assim como o fato de ter percebido pela primeira vez que poderia causar impacto sobre as pessoas a seu redor. Na ocasião, ouviu palestras de figuras proeminentes de Munique, escolhidas a dedo por Mayr, em parte por intermédio de conhecimentos pessoais, sobre "História alemã desde a Reforma", "A história política da guerra", "Socialismo na teoria e na prática", "Nossa situação econômica e as condições de paz" e "A conexão entre política externa e interna". Um dos palestrantes era Gottfried Feder, que fizera nome entre os pangermanistas como especialista em economia. Sua palestra sobre o "rompimento da escravidão dos juros" (um slogan que Hitler percebeu ter potencial de propaganda), tema sobre o qual já publicara um "manifesto" — muito considerado nos círculos nacionalistas — que distinguia o capital "produtivo" do capital "ganancioso" (associado aos judeus), causou profunda impressão em Hitler e acabaria levando Feder ao papel de "guru" econômico no início do Partido Nazista. As aulas de história foram dadas por Karl Alexander von Müller, historiador de Munique que conhecera Mayr na escola. Depois de sua primeira palestra, ele cruzou, na sala de conferências, com um pequeno grupo ao redor de um homem que falava num tom apaixonado e incrivelmente gutural. Após sua palestra seguinte, ele mencionou a Mayr que um de seus alunos tinha um talento retórico natural. E apontou para onde ele estava sentado. Mayr reconheceu-o imediatamente: era "Hitler do Regimento List".

O próprio Hitler achava que esse incidente — disse que fora provocado a intervir por um dos participantes que defendiam os judeus — levara diretamente à sua designação para "oficial educativo" (*Bildungsoffizier*). Porém, ele nunca foi um *Bildungsoffizier* e continuou a ser um mero informante, um *V-Mann*. É claro que o incidente ajudou a chamar a atenção de Mayr para Hitler. Mas foi certamente a

observação habitual que o capitão fazia da atividade de seu comandado, em vez de um único incidente, que o levou a escolher Hitler para o esquadrão de 26 instrutores — todos egressos dos "cursos de instrução" de Munique —, e enviá-lo para dirigir um curso de cinco dias no acampamento da Reichswehr em Lechfeld, perto de Augsburg. O curso, iniciado em 20 de agosto de 1919, dia seguinte à chegada de Hitler ao acampamento, foi planejado em resposta às queixas sobre a falta de confiança política nos homens estacionados ali, muitos deles antigos prisioneiros de guerra esperando dispensa. A tarefa do esquadrão era inculcar sentimentos nacionalistas e antibolcheviques nas tropas, descritas como "infectadas" pelo bolchevismo e espartaquismo. Tratava-se, com efeito, da continuidade da formação que os próprios instrutores haviam recebido em Munique.

Ao lado do comandante, Rudolf Beyschlag, Hitler era o "leão" da unidade, ajudando a provocar discussões nas palestras de Beyschlag sobre, por exemplo, "De quem é a culpa da Guerra Mundial?" e "Dos dias da Räterepublik de Munique". Ele próprio fez palestras sobre "Condições de paz e reconstrução", "Emigração" e "Slogans sociais e econômicos". Entregou-se com paixão ao trabalho. Seu envolvimento era total. E descobriu imediatamente que era capaz de sensibilizar sua plateia e que o modo como falava tirava os soldados da passividade e do cinismo. Hitler estava em seu habitat. Pela primeira vez na vida, achava uma coisa na qual era um sucesso irrestrito. Quase que por acaso, descobrira seu talento maior. Como ele mesmo disse, era capaz de "falar".

Relatos dos participantes dos cursos confirmam que Hitler não exagerou sobre o impacto que causou em Lechfeld: sem dúvida, ele foi a estrela do evento. Um traço central de seu arsenal demagógico era o antissemitismo. Em seus ferozes ataques aos judeus, no entanto, ele não fazia mais do que refletir sentimentos que na época já estavam disseminados entre os habitantes de Munique, como os informes sobre o clima popular demonstravam. As reações aos discursos de Hitler em Lechfeld indicam quão influenciáveis os soldados eram ao seu modo de falar. O comandante do acampamento de Lechfeld, tenente-coronel Bendt, até se sentiu obrigado a pedir que Hitler baixasse o tom de seu antissemitismo para evitar possíveis acusações de que as palestras provocavam agitação antissemita. Isso aconteceu depois de uma palestra de Hitler sobre capitalismo, na qual ele havia "tocado" na "questão

judaica”. Trata-se da primeira referência a uma manifestação pública sua sobre os judeus.

No grupo, e com certeza aos olhos de seu superior capitão Mayr, Hitler deve ter adquirido a reputação de “especialista” na “questão judaica”. Quando Adolf Gemlich, ex-participante de um dos “cursos de instrução” de Ulm, solicitou a Mayr, em carta de 4 de setembro de 1919, esclarecimentos sobre a “questão”, em particular em relação às políticas do governo social-democrata, ele pediu para que Hitler — a quem tinha obviamente em alta conta — respondesse. A bem conhecida resposta de Hitler a Gemlich, datada de 16 de setembro de 1919, é sua primeira declaração registrada por escrito sobre a “questão judaica”. Ele escreveu que o antissemitismo não deveria se basear nas emoções, mas sim em “fatos”, sendo o primeiro deles que o judaísmo era uma raça, não uma religião. O antissemitismo emotivo produziria pogroms; o antissemitismo baseado na “razão” deveria, por sua vez, levar à remoção sistemática dos direitos dos judeus. “Seu objetivo final”, concluía, “deve ser inabalavelmente a remoção de todos os judeus.”

A carta a Gemlich revela pela primeira vez os elementos fundamentais da *Weltanschauung* de Hitler que, a partir de então, permaneceriam inalterados até os últimos dias no bunker de Berlim: antissemitismo baseado numa teoria racial e a criação de um nacionalismo unificador fundado na necessidade de combater o poder externo e interno dos judeus.

IV

Após seu sucesso em Lechfeld, Hitler tornou-se um favorito e o braço direito de Mayr. Entre os deveres dos informantes designados pelo capitão estava a vigilância de cinquenta partidos políticos e organizações de Munique que iam da extrema direita à extrema esquerda. Na qualidade de informante, Hitler foi enviado na sexta-feira, 12 de setembro de 1919, a uma reunião do Partido dos Trabalhadores Alemães, na cervejaria Sterneckerbräu. Estava acompanhado de pelo menos dois ex-camaradas de Lechfeld. O orador deveria ser o poeta e publicista *völkisch* [racista] Dietrich Eckart, mas ele estava doente e foi substituído por Gottfried Feder, que fez uma palestra sobre o "rompimento da escravidão dos juros". Conforme seu relato, Hitler já ouvira aquela palestra e passou a observar o próprio partido, que considerava ser uma "organização tediosa", não distinta de muitos outros partidos pequenos que brotavam em todos os cantos de Munique naquela época. Ele estava prestes a ir embora quando, na discussão após a palestra, um convidado, o professor Baumann, atacou Feder e defendeu o separatismo bávaro. Diante disso, Hitler interveio de forma tão veemente que Baumann, totalmente desanimado, pegou seu chapéu e se retirou, "como um cachorro molhado", enquanto Hitler ainda falava. O presidente do partido, Anton Drexler, ficou tão impressionado com a intervenção que, no fim da reunião, lhe entregou um exemplar de seu panfleto *Meu despertar político*, convidando-o a retornar em poucos dias, caso estivesse interessado em participar do novo movimento. "Meu Deus, que língua ele tem! Poderíamos usá-lo", consta que Drexler teria dito. Segundo o relato do próprio Hitler, ele leu o panfleto de Drexler no meio de uma noite insone e lembrou-se de seu próprio "despertar político", doze anos antes. Uma semana depois de ir à reunião, recebeu um postal informando-o que fora aceito como membro e deveria comparecer a uma reunião do comitê do partido alguns dias depois para discutir a questão. Embora sua reação imediata, conforme escreveu, tenha sido negativa — ele supostamente queria fundar um partido próprio —, a curiosidade o venceu e foi a uma reunião mal iluminada do pequeno grupo de liderança no Altes Rosenbad, um bar decadente da Herrenstraße. Ele simpatizou com os objetivos políticos daquelas pessoas, mas ficou estarrecido com a organização tacanha que encontrou — "um clubinho da pior espécie", escreveu. Após alguns dias de indecisão, resolveu

finalmente entrar para o partido. O que o levou a isso foi o sentimento de que uma organização tão pequena oferecia "ao indivíduo uma oportunidade para verdadeira atividade pessoal" — ou seja, a perspectiva de deixar rapidamente sua marca e dominá-lo.

Em algum momento da segunda metade de setembro, Hitler entrou para o Partido dos Trabalhadores Alemães e ganhou o número de inscrição 555. Ele não foi, como sempre alegou, o sétimo membro. Anton Drexler, o primeiro líder do partido, escreveu em carta dirigida a Hitler em janeiro de 1940, mas nunca enviada:

> Ninguém sabe melhor do que o senhor mesmo, meu Führer, que o senhor nunca foi o sétimo membro do partido, mas, na melhor das hipóteses, o sétimo membro do comitê, no qual lhe pedi que entrasse como diretor de recrutamento (*Werbeobmann*). E há poucos anos tive de reclamar a um diretor do partido que seu cartão de inscrição no DAP [...] foi falsificado, o número 555 foi apagado e substituído pelo número 7.

Como tantas outras coisas que Hitler diria em *Mein Kampf* sobre sua vida pregressa, seu relato acerca da entrada no partido não pode ser aceito sem restrições, pois foi planejado, como todo o resto, para servir à lenda do Führer que já estava sendo cultivada. E, independente do que ele escreveu sobre sua hesitação de vários dias a respeito de entrar ou não para o DAP, a decisão, em última instância, talvez não coubesse a ele. Numa prova pouco levada em conta, seu chefe na Reichswehr, capitão Mayr, afirmou mais tarde que havia *ordenado* a Hitler que entrasse para o Partido dos Trabalhadores Alemães a fim de ajudar a promover seu crescimento. Com esse objetivo, continuou Mayr, ele recebeu fundos — em torno do equivalente a vinte marcos ouro por semana — e, ao contrário da prática habitual quanto à entrada de membros da Reichswehr em partidos políticos, teve permissão para permanecer no Exército. Desse modo, pôde continuar a receber seu soldo do Exército, além dos honorários de orador, até sua dispensa, em 31 de março de 1920. Isso já lhe possibilitava devotar todo seu tempo à propaganda política, ao contrário dos outros líderes do DAP, que tinham de harmonizar as atividades políticas com seus empregos normais. Agora, ao deixar o Exército, com a confiança fortalecida por seus primeiros sucessos como orador do DAP nas cervejarias de Munique, ele estava em condições de fazer o que surgia — desde que deixara sua marca no curso antibolchevique da Universidade de Munique e trabalhara com Mayr como propagandista e informante da Reichswehr — como

uma oportunidade de carreira para substituir a fantasia de se tornar um grande arquiteto e a realidade de voltar a uma existência de pintor medíocre de cenas de rua e atrações turísticas. Sem a capacidade de "detectar talentos" do capitão Mayr, talvez nunca tivéssemos ouvido falar de Hitler. Do modo como as coisas aconteceram, ainda que apenas nas portas das cervejarias, ele podia se tornar um agitador e propagandista político em tempo integral. Podia ganhar a vida fazendo a única coisa em que era bom: falar.

O caminho de Hitler, do fim da guerra em Pasewalk a seu reconhecimento como a principal atração do DAP, não foi determinado pela descoberta súbita da "missão" de salvar a Alemanha, pela força de sua personalidade ou por um "triunfo da vontade". Foi moldado por circunstância, oportunismo, boa sorte e, não menos importante, pelo apoio do Exército, representado pelo importante apadrinhamento de Mayr. Hitler não foi para a política: a política veio até ele, nos quartéis de Munique. Após deixar sua marca na disposição de denunciar seus camaradas quando ruiu a Räterepublik, sua atuação política confinou-se a um talento incomum para apelar aos instintos mais baixos de seus ouvintes, no acampamento de Lechfeld, depois nas cervejarias de Munique, aliado a uma grande perspicácia para explorar a situação. Essas "qualidades" se revelariam valiosas no futuro.

V

Sem a descoberta de seu talento pela Reichswehr para a agitação nacionalista, a perspectiva de Hitler era retornar às margens da sociedade — um amargurado veterano de guerra com pouca chance de progresso pessoal. Sem a autodescoberta de que era capaz de "falar", ele não teria podido contemplar a possibilidade de ganhar a vida com a política. Mas, sem o extraordinário clima político da Alemanha no pós-guerra e, de forma muito especial, as condições peculiares da Baviera, ele não teria tido uma plateia, seu "talento" não seria útil nem reconhecido, suas diatribes de ódio não encontrariam eco, não haveria o apoio daqueles que estavam próximos dos caminhos do poder, dos quais ele dependia.

Quando entrou para o incipiente Partido dos Trabalhadores Alemães, em setembro de 1919, Hitler ainda fazia parte, como ele mesmo disse, dos "anônimos" — era um ninguém. Mas, em três anos, ele receberia uma cascata de cartas adulatórias, seria mencionado nos círculos nacionalistas como o Mussolini da Alemanha e até comparado a Napoleão. E, pouco mais de quatro anos depois, alcançaria notoriedade não apenas regional, mas nacional, como líder de uma tentativa de tomar o poder do Estado pela força. É verdade que o golpe foi um grande fracasso e sua "carreira" política parecia estar (e deveria estar) no fim. Mas transformara-se em "alguém". A primeira parte de sua espantosa ascensão do anonimato à proeminência data desses anos em Munique, os anos de sua aprendizagem política.

É natural presumir que essa rápida ascensão, mesmo a celebridade provincial, deve ter sido resultado de algumas qualidades pessoais extraordinárias. Sem dúvida, Hitler possuía capacidades e traços de caráter que contribuíram para fazer dele uma força política a ser levada em conta. Ignorá-los ou menosprezá-los totalmente seria cometer os mesmos erros de subestimação de seus inimigos políticos, que o ridicularizavam e o consideravam um mero veículo para os interesses de outros. Mas sua personalidade e seus talentos sozinhos não explicam a adulação que já recebia de um número crescente de pessoas no campo *völkisch* em 1922. As origens de um culto à liderança refletiam mais as mentalidades e expectativas predominantes em alguns setores da sociedade alemã da época do que as qualidades especiais de Hitler. Tampouco seu talento de orador de massas, que era

o máximo que podia oferecer na época, era suficiente em si mesmo para elevá-lo a uma posição em que pudesse, mesmo que por poucas horas — em retrospecto, horas de puro melodrama, até mesmo farsa —, liderar um desafio ao poder do Estado alemão. Para chegar a esse ponto, precisava de padrinhos influentes.

Sem a mudança das condições — uma guerra perdida e suas consequências, uma revolução e um sentimento difuso de humilhação nacional —, Hitler teria *permanecido* um ninguém. Sua principal habilidade até então, como ele veio a perceber no decorrer de 1919, era ser capaz de inspirar, nas circunstâncias propícias, uma plateia que compartilhasse seus sentimentos políticos básicos, pelo modo como falava, pela força de sua retórica, pelo próprio poder de seu preconceito, pela convicção, que transmitia, de que *havia* uma maneira de a Alemanha sair de sua situação difícil, e que *somente* o caminho apresentado por ele era a estrada para o renascimento nacional. Em outro tempo, outro lugar, a mensagem teria sido ineficaz, até mesmo absurda. Na verdade, no início dos anos 1920, a grande maioria dos cidadãos de Munique — para não falar de uma população mais ampla para quem Hitler era, se tanto, apenas um demagogo exaltado e provinciano da Baviera — não poderia ser cativada por ela. Não obstante, em um determinado lugar e momento — as reuniões estridentes nas cervejarias da cidade —, sua mensagem captava exatamente o sentimento irrefreável de raiva, temor, frustração, ressentimento e agressão reprimida. E seu modo compulsivo e persuasivo de falar devia sua força a uma combinação de diagnósticos e receitas sedutoramente simples para os problemas que afligiam essas plateias.

Com muita naturalidade, Hitler avivava o ódio dos outros jogando sobre eles o ódio que estava tão arraigado em si mesmo, e assim cativava seus ouvintes. Mas ele só conseguiria ser levado a sério nas condições alteradas do pós-guerra. Aquilo que no Lar dos Homens de Viena, nos cafés de Munique e nos quartéis de campo do regimento havia sido, na melhor das hipóteses, tolerado como uma excentricidade, transformou-se em seu maior trunfo. Isso indica que a mudança acontecera sobretudo no meio e no contexto em que Hitler agia; que devemos olhar menos para sua personalidade do que para os motivos e ações daqueles que vieram a ser seus adeptos, admiradores e devotos — e seus poderosos financiadores — para explicar sua entrada na cena política. Pois o que fica claro — sem se cair no erro de presumir que Hitler não passava de um fantoche das "classes dominantes" — é que

ele teria continuado a ser uma nulidade política sem o patrocínio e apoio que obteve de círculos influentes da Baviera. Durante esse período, ele raramente foi — se é que foi — dono de seu destino. As decisões fundamentais — tomar a direção do partido em 1921, entrar na aventura do golpe em 1923 — não foram ações cuidadosamente concebidas, mas avanços desesperados para salvar as aparências — um comportamento característico de Hitler até o fim.

Foi como propagandista, e não como ideólogo com um conjunto peculiar ou especial de ideias políticas, que ele se destacou nesses primeiros anos. Não havia nada de novo, diferente, original ou característico nas ideias que propagava nas cervejarias de Munique. Elas eram moeda corrente entre os variados grupos e seitas *völkisch* e já haviam sido apresentadas em todos os seus aspectos essenciais pelos pangermanistas do pré-guerra. O que Hitler fazia era propagar ideias não originais de um modo original. Ele dava voz a fobias, preconceitos e ressentimentos como ninguém. Outros poderiam dizer as mesmas coisas, mas não causavam impacto nenhum. O que contava não era *o que* dizia, mas sim *como* dizia. Da mesma forma que aconteceria durante toda sua "carreira", a apresentação era o que importava. Ele aprendeu conscientemente como causar impressão com sua fala. Aprendeu como criar uma propaganda eficaz e maximizar o impacto do ataque a bodes expiatórios específicos. Em outras palavras, aprendeu que era capaz de mobilizar as massas. Para ele, isso foi desde o início *o* caminho para alcançar metas políticas. A reação das plateias das cervejarias — e mais tarde dos comícios de massa — deu a ele a certeza, a autoconfiança e o sentimento de segurança de que carecia naquela época. Ele precisava da excitação orgásmica que somente as massas em êxtase poderiam lhe dar. A satisfação obtida com a reação extasiada e o aplauso entusiástico das multidões deviam oferecer-lhe uma compensação para o vazio de suas relações pessoais. Mais do que isso, tratava-se de um sinal de que ele era um sucesso, após três décadas em que — afora o orgulho que sentia de seu histórico de guerra — não tivera realizações de nota para alimentar seu ego inflado.

Simplicidade e repetição eram dois ingredientes fundamentais de seu arsenal oratório. Eles giravam em torno dos pontos essenciais e invariáveis de sua mensagem: a nacionalização das massas, a reversão da grande "traição" de 1918, a destruição dos inimigos internos da Alemanha (sobretudo, a "remoção" dos judeus) e a reconstrução material e psicológica como pré-requisito para a luta externa e a

conquista da posição de potência mundial. Essa concepção do caminho para a "salvação" e renascimento da Alemanha já estava parcialmente projetada, pelo menos em embrião, por ocasião de sua carta a Gemlich, em setembro de 1919. Porém, faltava acrescentar alguns elementos importantes. A noção central da busca pelo "espaço vital" na Europa oriental, por exemplo, só foi incorporada em meados da década de 1920. Portanto, foi somente nos dois anos e pouco após a derrota do golpe que suas ideias por fim se consolidaram para compor a *Weltanschauung* característica e plenamente desenvolvida que, a partir de então, permaneceu inalterada.

Mas estamos nos adiantando aos desdobramentos cruciais que moldaram a primeira parte da "carreira" política de Hitler como agitador de cervejaria de um partido racista insignificante de Munique, e as circunstâncias pelas quais ele chegou a líder desse partido.

VI

As pessoas que começaram a afluir aos discursos de Hitler em 1919 e 1920 não eram motivadas por teorias refinadas. Para elas, o que funcionava eram slogans simples que acendessem os fogos da raiva, do ressentimento e do ódio. Mas o que lhes era oferecido nas cervejarias de Munique consistia, não obstante, numa versão vulgarizada de ideias que tinham uma circulação muito mais ampla. Hitler reconhece em *Mein Kampf* que não havia diferença substancial entre as ideias do movimento *völkisch* e aquelas do nacional-socialismo. Ele tinha pouco interesse em esclarecer ou sistematizar essas ideias. Evidentemente, tinha suas próprias obsessões, algumas noções básicas que jamais o abandonaram a partir de 1919 e se tornaram uma "visão de mundo" arredondada em meados dos anos 1920, propiciando a força motora de sua "missão" de "resgatar" a Alemanha. Mas as ideias não interessavam a Hitler enquanto abstrações. Elas eram importantes para ele apenas como instrumentos de mobilização. Portanto, era um orador carismático que popularizava ideias que não eram de forma nenhuma invenções suas, e que serviam a outros interesses, além dos dele.

Quando ele entrou para o Partido dos Trabalhadores Alemães, o DAP era um dos 73 grupos *völkisch* da Alemanha, a maioria fundada após o fim da guerra. Somente em Munique havia pelo menos quinze em 1920. No conjunto de ideias *völkisch*, a noção de um socialismo especificamente *alemão* ou *nacional*, ao lado de um ataque ao capitalismo "judeu", ganhou terreno na última fase da guerra e gerou tanto o Partido dos Trabalhadores Alemães de Drexler como o Partido Socialista Alemão (Deutschsozialistische Partei), que logo se tornaria seu arquirrival.

Já durante a guerra, Munique havia sido um centro importante de agitação nacionalista contra o governo, promovida pelos pangermanistas, que encontraram um canal valioso para sua propaganda na editora de Julius F. Lehmann, famosa também pela publicação de textos de medicina. Lehmann era membro da Sociedade Thule, um clube *völkisch* de algumas centenas de indivíduos abastados, dirigido como uma loja maçônica, que fora fundado em Munique na virada do ano 1917-8, a partir da Germanen-Orden do pré-guerra, criada em Leipzig em 1912 para reunir vários grupos e organizações antissemitas menores. Sua lista de membros — que incluía, além de Lehmann, o "especialista em economia" Gottfried Feder, o

publicista Dietrich Eckart, o jornalista e cofundador do DAP Karl Harrer e os jovens nacionalistas Hans Frank, Rudolf Heß e Alfred Rosenberg — parece um *Who's Who* dos primeiros simpatizantes nazistas e figuras importantes de Munique. O barão Rudolf von Sebottendorff — o excêntrico e rico chefe da Sociedade Thule, aventureiro cosmopolita e pretenso aristocrata que, na verdade, era filho de um maquinista e fizera sua fortuna graças a negócios duvidosos na Turquia e a um casamento oportuno com uma herdeira rica — garantia que as reuniões se realizassem no melhor hotel da cidade, o Vier Jahreszeiten, e financiava, para o movimento *völkisch* de Munique, a publicação de seu jornal, o *Münchener Beobachter* (rebatizado em agosto de 1919 como *Völkischer Beobachter* e comprado pelos nazistas em dezembro de 1920). Foi da Sociedade Thule, perto do fim da guerra, a iniciativa de tentar influenciar a classe operária de Munique. Karl Harrer foi encarregado disso e fez contato com Anton Drexler, serralheiro das oficinas da ferrovia. Tendo sido considerado incapaz para o serviço militar, Drexler havia encontrado em 1917 uma expressão temporária de seus sentimentos nacionalistas e racistas no enorme, mas de vida curta, Partido da Pátria, violentamente pró-guerra. Depois, em março de 1918, ele fundaria o Comitê dos Trabalhadores para uma Boa Paz, numa tentativa de provocar entusiasmo na classe operária de Munique pelo esforço de guerra. Ele combinava seu nacionalismo extremado com um anticapitalismo que exigia medidas draconianas contra os exploradores e especuladores. Harrer, repórter de esportes do direitista *Münchner-Augsburger Abendzeitung*, persuadiu Drexler e alguns outros a criar um Círculo Político de Trabalhadores (Politischer Arbeiterzirkel). A partir de novembro de 1918, o Círculo — um grupo de três a sete membros — passou a se reunir periodicamente por cerca de um ano para discutir temas nacionalistas e racistas, tais como os judeus como inimigos da Alemanha, ou a responsabilidade pela guerra e a derrota, apresentados em geral por Harrer. Enquanto o jornalista preferia o "clube" *völkisch* semissecreto, Drexler achava que discutir as receitas para a salvação da Alemanha em grupos tão pequenos tinha pouco valor e queria fundar um partido político. Em dezembro, propôs a criação de um Partido dos Trabalhadores Alemães que estaria "livre de judeus". A ideia foi bem recebida e, em 5 de janeiro de 1919, numa reunião pequena — composta principalmente por contatos da ferrovia — no Fürstenfelder Hof, o partido foi fundado. Drexler foi eleito presidente da seção de Munique (a

única existente), enquanto Harrer ganhava o título honorário de Presidente do Reich. O partido recém-nascido só pôde realizar suas primeiras reuniões públicas graças ao clima mais favorável reinante após o esmagamento da Räterepublik. O comparecimento foi escasso. Dez membros estavam presentes no dia 17 de maio, 38 quando Dietrich Eckart falou, em agosto, e 41 em 12 de setembro. Essa foi a ocasião em que Hitler compareceu pela primeira vez.

VII

O papel de Hitler no desenvolvimento inicial do Partido dos Trabalhadores Alemães (posteriormente NSDAP) é mais obscurecido do que esclarecido por seu relato tendencioso em *Mein Kampf*. E, como no restante de seu livro, essa versão tem por objetivo, mais do que qualquer outra coisa, elevar seu papel enquanto subestima, denigre ou simplesmente ignora o dos outros envolvidos. Trata-se da história de um gênio político que abre caminho na adversidade, um triunfo heroico da vontade. De acordo com ela, Hitler entrou para um organismo minúsculo com ideias grandiosas, sem nenhuma esperança de concretizá-las, e o elevou sozinho a uma força de primeira magnitude que resgataria a Alemanha de sua miséria. Seu relato é projetado para ilustrar que, erguendo-se acima dos fracos e vacilantes líderes iniciais do partido, seguro de si e da fruição vindoura de sua visão poderosa, comprovadamente bem-sucedido em seus métodos, ele já era claramente especial naqueles meses iniciais em que participou do movimento. Não poderia haver dúvidas a respeito de sua reivindicação à supremacia no movimento *völkisch*.

Depois de tratar de sucessos subsequentes na captação de adeptos, Hitler retorna à história inicial do partido num trecho posterior de *Mein Kampf*, no qual, de forma surpreendentemente breve e notavelmente vaga, descreve sua tomada da liderança do DAP, em meados de 1921. Seu resumo lacônico indica apenas que — após intrigas contra ele e o fracasso da "tentativa de um grupo de lunáticos *völkisch*" de obter a liderança partidária, apoiados pelo presidente do partido (Drexler) — uma reunião geral dos membros deu-lhe por unanimidade a liderança do movimento. Sua reorganização do movimento, em 1o de agosto de 1921, acabou com o velho e ineficaz modo quase parlamentarista de dirigir o partido, com comitês e democracia interna, e o substituiu pelo princípio da liderança como base organizacional. Desse modo, sua supremacia absoluta estava garantida.

Aparentemente, aqui está, encarnada na descrição de *Mein Kampf*, a realização da ambição de Hitler ao poder ditatorial no movimento — depois, no Estado alemão — que pôde ser testemunhada em seus primeiros conflitos com Harrer e Drexler, e em sua rejeição do estilo democrático no interior do partido. A fraqueza dos mortais inferiores, a incapacidade deles de ver a luz, a certeza com que conduzia seu próprio caminho e a necessidade de um líder supremo que, sozinho, pudesse

garantir o triunfo último: são esses, desde o início, os temas dominantes. Portanto, o começo de sua reivindicação à liderança pode ser localizado na primeira fase de sua atividade no partido. Isso sugere, por sua vez, que a autoconsciência de gênio político estava presente desde o início.

Com base nessa história, não surpreende que o enigma de Hitler seja profundo. O "ninguém de Viena", o cabo que nem sequer foi promovido a sargento, aparece agora com uma filosofia política completa, uma estratégia para o sucesso e uma vontade flamejante de liderar seu partido. Por mais intrigante e extraordinária que seja, a ideia central subjacente ao autorretrato de Hitler, ela encontrou um grau surpreendente de aceitação. Mas, embora não totalmente inexata, ela exige modificações e adições substanciais.

O rompimento com Karl Harrer aconteceu logo, mas não foi um indicador precoce da busca incansável de Hitler pelo poder ditatorial no movimento. Tampouco foi simplesmente uma questão de decidir se o partido deveria ser um movimento de massa ou um tipo de sociedade *völkisch* fechada e voltada a debates. Várias organizações *völkisch* da época enfrentaram o mesmo problema e tentaram combinar um apelo às massas com reuniões periódicas de um "círculo interno" exclusivo. Harrer tendia fortemente a esse último tipo, representado pelo Círculo de Trabalhadores que ele mesmo controlava, em contraste com o Comitê de Trabalho, onde era apenas um membro comum. Mas Harrer viu-se cada vez mais isolado. Drexler queria levar a mensagem do partido às massas tanto quanto Hitler. Mais tarde, diria que havia sido ele, e não Hitler, que propusera anunciar o programa partidário numa reunião de massa no Hofbräuhausfestsaal, e que Hitler fora inicialmente cético quanto à possibilidade de lotar o salão. Enquanto Harrer dirigisse o partido através do controle do Círculo de Trabalhadores, a questão da estratégia de propaganda mais viável permaneceria sem solução. Portanto, era necessário reforçar o papel do Comitê, o que Drexler e Hitler fizeram em regulamentações de recrutamento que traçaram em dezembro, dando-lhe autoridade completa e descartando qualquer "governo superior ou paralelo, seja um círculo, seja uma loja". As regulamentações — que traziam a marca clara de Hitler — determinavam que os membros do Comitê e seu presidente deveriam ser eleitos em reunião aberta. A unidade deles seria garantida mediante a rigorosa adesão ao programa do partido (que Hitler e Drexler já estavam preparando). As

novas regras eram obviamente dirigidas contra Harrer, mas não foram criadas como um degrau para Hitler subir ao poder supremo no partido. Evidentemente, ele não tinha noção de partido ditatorial na ocasião. Estava disposto a aceitar a liderança corporativa de um comitê eleito. Parece que a decisão de realizar comícios de massa nos meses seguintes foi de todo o Comitê, com aprovação da maioria de seus membros, e não apenas de Hitler — embora seja difícil acreditar que houvesse alguma dissensão, depois que Harrer se afastara e diante do sucesso crescente de Hitler em atrair multidões para ouvir seus discursos. Apenas Harrer se opôs à realização de um ambicioso comício de massa no início de 1920 e aceitou as consequências de sua derrota com sua renúncia. A animosidade pessoal também desempenhou um papel. Por incrível que pareça, Harrer não dava importância a Hitler como orador. Hitler, por sua vez, desprezava Harrer.

O primeiro comício de massa foi inicialmente planejado para acontecer em janeiro de 1920, mas teve de ser adiado devido a uma proibição geral de reuniões públicas na ocasião. Ele foi remarcado para 24 de fevereiro, na Hofbräuhaus. A principal preocupação era que o comparecimento fosse constrangedoramente pequeno. Foi por isso que Drexler, reconhecendo que nem ele nem Hitler tinham perfil público, pediu ao dr. Johannes Dingfelder — que não era membro do partido, mas era bem conhecido nos círculos *völkisch* de Munique — para fazer o discurso principal. O nome de Hitler nem sequer foi mencionado na propaganda do evento. Tampouco havia indicação de que o programa do partido seria proclamado no comício.

Os 25 pontos desse programa — que no decorrer do tempo seriam declarados "inalteráveis" e, na prática, amplamente ignorados — haviam sido discutidos e redigidos nas semanas anteriores por Drexler e Hitler. Seus itens — entre eles, exigência de uma Alemanha Maior, terras e colônias, discriminação contra os judeus e negação de cidadania a eles, rompimento da "escravidão dos juros", confisco de lucros da guerra, reforma agrária, proteção da classe média, perseguição dos especuladores e regulamentação rígida da imprensa — continham pouca coisa ou nada que fosse original ou novo na direita *völkisch*. A neutralidade religiosa foi incluída numa tentativa de evitar o afastamento da grande população devota da Baviera. "O bem comum acima do bem individual" era uma banalidade sem objeções. A exigência de um "poder central forte" no Reich e "a autoridade

incondicional" de um "Parlamento central", embora implicassem claramente um governo autoritário e não pluralista, não dão indicação de que, àquela altura, Hitler se imaginasse como chefe de um regime personalista. Há algumas omissões notáveis. Não há menção ao bolchevismo ou ao marxismo. Toda a questão da agricultura é deixada de lado, com exceção de uma breve menção à reforma agrária. A autoria do programa não pode ser totalmente esclarecida. É provável que seus itens proviessem de várias das principais figuras do partido. O ataque à "escravidão dos juros" vinha obviamente do tema preferido de Gottfried Feder. A divisão dos lucros era uma predileção de Drexler. O estilo vigoroso parece ser de Hitler. Como afirmou mais tarde, ele trabalhou no documento, mas o principal autor foi provavelmente Drexler. Ele reivindicou essa primazia na carta privada que escreveu a Hitler (embora não a tenha enviado) em janeiro de 1940. Nessa carta, declarava que, "seguindo todos os pontos básicos já postos no papel por mim, Adolf Hitler compôs *comigo* — e com ninguém mais — as 25 teses do nacional-socialismo, em longas noites passadas na cantina dos operários, na Burghausenerstraße, 6".

Apesar das preocupações com o comparecimento ao primeiro grande comício do partido, cerca de 2 mil pessoas (talvez um quinto delas de opositores socialistas) se comprimiram no Festsaal da Hofbräuhaus no dia 24 de fevereiro, quando Hitler, na qualidade de presidente, abriu a reunião. O discurso de Dingfelder foi insosso. Era o oposto de Hitler em estilo e tom. Em nenhum momento pronunciou a palavra "judeu". Pôs a culpa da ruína da Alemanha no declínio da moralidade e da religião e na ascensão de valores materiais egoístas. Sua receita para a recuperação era "ordem, trabalho e sacrifício consciencioso para a salvação da pátria". O discurso foi bem recebido, sem interrupções. A atmosfera animou-se subitamente quando Hitler falou. Seu tom era mais áspero, mais agressivo, menos acadêmico do que o de Dingfelder. A linguagem que usava era expressiva, direta, vulgar, simples — aquela usada e compreendida pela maioria da plateia — e suas frases eram curtas e vigorosas. Cobriu de insultos figuras como Matthias Erzberger, principal político do Partido Central e ministro das Finanças do Reich (que havia assinado o armistício em 1918 e defenderia fortemente a aceitação do detestado Tratado de Versalhes no verão seguinte), ou Isidor Bach, um capitalista de Munique, certo do aplauso entusiasmado da plateia. Os ataques verbais aos judeus provocaram novas saudações ruidosas do público, enquanto ataques estridentes aos especuladores

produziram gritos de "Açoite neles! Forca neles!". Quando fez a leitura do programa do partido, houve muitos aplausos para cada item. Mas também houve interrupções dos oponentes de esquerda, que já estavam ficando irrequietos, e o relato da polícia sobre a reunião mencionou cenas de "grande tumulto, de tal modo que achei que haveria briga a qualquer momento". Hitler anunciou, sob uma tempestade de aplausos, aquele que viria a ser o slogan do partido: "Nosso lema é somente luta. Seguiremos nosso caminho inabalável para nossa meta". O fim de seu discurso, no qual leu um protesto contra uma suposta decisão de prover 40 mil quintais de farinha à comunidade judaica, provocou novamente alvoroço na multidão, seguido de protestos da oposição, com pessoas em cima das mesas e cadeiras gritando umas com as outras. Na subsequente "discussão", quatro outros falaram brevemente, dois deles oponentes. As observações do último orador, de que uma ditadura da direita seria enfrentada por uma ditadura da esquerda, provocaram nova turbulência, de tal modo que as palavras de encerramento de Hitler mal foram ouvidas. Cerca de cem socialistas independentes e comunistas saíram da Hofbräuhaus para a rua saudando a Internacional e a Räterepublik, e vaiando os heróis de guerra Hindenburg e Ludendorff e os nacionalistas alemães. A reunião não produzira exatamente o "salão cheio de gente unida por uma nova convicção, uma nova fé, uma nova vontade" que Hitler descreveria mais tarde.

Tampouco quem lesse os jornais de Munique nos dias seguintes ao comício teria a impressão de que se tratava de um marco anunciando um novo e dinâmico partido e um novo herói político. A reação da imprensa foi débil, para dizer o mínimo. As curtas notícias publicadas nos jornais se concentraram no discurso de Dingfelder e deram pouca atenção a Hitler. Até o *Völkischer Beobachter*, que ainda não estava sob controle do partido, mas simpatizava com o movimento, foi surpreendentemente discreto. Noticiou o comício numa única coluna de página interna, quatro dias depois.

Apesar desse impacto inicial modesto, já estava claro que os comícios de Hitler significavam fogos de artifício políticos. Até mesmo na estufa política de Munique, os grandes comícios do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), como o movimento se autodenominou a partir de então, eram algo diferente. Hitler queria, sobretudo, tornar seu partido conhecido. "Não faz diferença se riem de nós ou se nos insultam", escreveu mais tarde, "se nos

representam como palhaços ou criminosos; o principal é que nos mencionem, que se preocupem conosco frequentemente." Ele observava os comícios entediantes e sem vida dos partidos burgueses, o efeito entorpecedor dos discursos lidos como palestras acadêmicas por cavalheiros idosos e dignos. Os comícios nazistas, registrava com orgulho, ao contrário, *não* eram tranquilos. Ele aprendeu, com os organizadores de comícios da esquerda, como eles deviam ser orquestrados, o valor da intimidação dos oponentes, técnicas de disrupção e como lidar com os distúrbios. Os comícios do NSDAP tinham por objetivo atrair o confronto e, em consequência, fazer o partido ser notado. Os cartazes eram feitos em vermelho forte para provocar o comparecimento da esquerda. Em meados da década de 1920, Hitler desenhou pessoalmente a bandeira do partido com a suástica num círculo branco sobre um fundo vermelho, projetada para causar o maior impacto visual possível. O resultado era que os comícios ficavam lotados muito antes de começarem, e o número de opositores presentes garantia que a atmosfera fosse potencialmente explosiva. Para combater os tumultos, um esquadrão de "proteção do salão" foi organizado em meados dos anos 1920, tornou-se a Seção de Ginástica e Esportes em agosto de 1921 e acabou por se transformar na Tropa de Choque (Sturmabteilung, ou SA).

Somente Hitler poderia atrair as multidões para o NSDAP. Diante de uma plateia de cervejaria, seu estilo era eletrizante. Enquanto estava numa cela de Nuremberg aguardando a execução, Hans Frank, ex-governador-geral da Polônia, relembrou o momento em que ouviu Hitler pela primeira vez. Era janeiro de 1920, e Frank tinha apenas dezenove anos (embora já fosse dedicado à causa *völkisch*). A grande sala transbordava de gente. Cidadãos de classe média misturavam-se com operários, soldados e estudantes. Fossem velhos ou jovens, a situação do país preocupava a todos. A ruína da Alemanha polarizava as opiniões e deixava poucas pessoas insensíveis ou desinteressadas. A maioria dos comícios lotava. Mas para Frank — jovem, idealista, fervorosamente antimarxista e nacionalista — os oradores eram, em geral, decepcionantes, tinham pouco a oferecer. Hitler, ao contrário, deixou-o elétrico.

O homem ao qual o destino de Hans Frank estaria ligado no quarto de século seguinte vestia um terno azul surrado e tinha a gravata frouxa. Falava com clareza, em tom apaixonado, mas não estridente, seus olhos azuis brilhavam, às vezes

jogava os cabelos para trás com a mão direita. Frank sentiu imediatamente como Hitler era sincero, como as palavras saíam de seu coração e não eram meros artifícios retóricos. “Naquela época, ele era simplesmente o grandioso orador popular sem precedentes — e, para mim, incomparável”, escreveu Frank.

> Fiquei muito impressionado de imediato. Era bem distinto do que se ouvia em comícios. Seu método era completamente claro e simples. Ele tomava o tópico dominante do dia, o Diktat de Versalhes, e propunha a questão de todas as questões: “E agora, povo alemão? Qual é a verdadeira situação? O que nos resta agora?”. Ele falava por mais de duas horas e meia, interrompido com frequência por torrentes frenéticas de aplausos — e se poderia ouvi-lo por muito, muito mais tempo. Tudo vinha do coração e nos atingia profundamente. [...] Quando terminava, o aplauso não cessava. [...] A partir daquela noite, embora sem ser membro do partido, convenci-me de que, se havia um homem capaz de dominar o destino da Alemanha, esse homem era Hitler.

Independente da emoção desses comentários, eles testemunham a capacidade instintiva de Hitler e mostram que, diferentemente dos outros oradores que transmitiam a mesma mensagem, ele falava a língua de seus ouvintes e os incitava por meio da paixão e — por mais estranho que possa agora nos parecer — pela aparente sinceridade de seu idealismo.

Plateias cada vez maiores marcaram o sucesso e a reputação crescente de Hitler como orador principal do partido. No fim de 1920, ele já falara em mais de trinta comícios de massa — entre oitocentas e 2500 pessoas estiveram presentes na maioria deles — e em muitas reuniões internas menores do partido. Nos primeiros dias de fevereiro de 1921, ele falaria no maior comício realizado até então — com mais de 6 mil pessoas no Circus Krone, o maior auditório da cidade. Até meados de 1921, ele discursou principalmente em Munique, onde a propaganda e a organização dos comícios asseguravam um comparecimento satisfatório e a atmosfera certa estava garantida. Mas, sem contar os discursos feitos durante os quinze dias de visita à Áustria, no início de outubro, ele realizou dez outros fora da cidade em 1920, inclusive um em Rosenheim, onde o primeiro grupo do partido fora de Munique acabara de ser fundado. Foi graças, em larga medida, ao perfil público de Hitler que o número de filiados do partido aumentou significativamente de 190, em janeiro de 1920, para 2 mil, no fim desse ano, e para 3300, em agosto de 1921. Ele rapidamente se tornava indispensável ao movimento.

VIII

Hitler falava a partir de anotações simples, em geral uma série de tópicos rabiscados com palavras-chave sublinhadas. Via de regra, um discurso durava em torno de duas horas ou mais. No Festsaal da Hofbräuhaus, usou uma mesa como plataforma em uma das longas laterais do salão para ficar no meio da plateia — uma técnica nova que ajudava a criar o que ele chamava de "clima especial" no salão. Os temas de seus discursos variavam pouco: o contraste da força da Alemanha num passado glorioso com sua atual debilidade e humilhação nacional — um Estado doente nas mãos de traidores e covardes que haviam entregado a pátria a seus poderosos inimigos; as razões do colapso numa guerra perdida que fora desencadeada por esses inimigos e, por trás deles, os judeus; a traição e a revolução perpetradas por criminosos e judeus; as intenções inglesas e francesas de destruir a Alemanha, como mostrava o Tratado de Versalhes — a "paz da vergonha", o instrumento da escravidão da Alemanha; a exploração dos alemães comuns por tubarões e extorsionários judeus; um governo e um sistema partidário trapaceiros e corruptos que comandavam a miséria econômica, a divisão social, o conflito político e o colapso ético; a única maneira de se recuperar, contida nos pontos do programa do partido: combate implacável aos inimigos internos e construção de uma consciência e uma unidade nacionais, que levariam à renovação das forças e, por fim, da grandeza do país. A combinação da aversão tradicional dos bávaros aos prussianos e a experiência da Räterepublik em Munique significavam que seus repetidos ataques ao governo "marxista" de Berlim obteriam uma resposta entusiástica da ainda pequena população local atraída para seus comícios.

Embora Hitler apelasse para sentimentos negativos — raiva, ressentimento, ódio —, havia também um elemento "positivo" no remédio proposto para os males proclamados. Por mais banais que fossem, o apelo à restauração da liberdade através da unidade nacional, a necessidade de colaboração entre "os trabalhadores do cérebro e da mão", a harmonia social de uma "comunidade nacional" e a proteção do "pequeno homem" mediante a destruição de seus exploradores eram, a julgar pelos aplausos que invariavelmente provocavam, proposições de inegável atração para suas plateias. E sua paixão e fervor transmitiam com sucesso a mensagem — para aqueles já predispostos a ela — de que não havia outra saída,

que o renascimento da Alemanha era possível e que estava nas mãos dos alemães comuns fazê-lo acontecer por meio de luta, sacrifício e vontade. O efeito era mais parecido com o de uma assembleia religiosa evangélica do que uma reunião política normal.

Ainda que Hitler estivesse sempre atualizado na descoberta de alvos fáceis da política cotidiana da república em crise, seus temas principais eram tediosamente repetitivos. Alguns, na verdade, que costumam ser considerados elementos de sua ideologia supostamente imutável, estavam ausentes nesse estágio. Não havia, por exemplo, nenhuma menção à necessidade de "espaço vital" (*Lebensraum*) na Europa oriental. Inglaterra e França eram os alvos da política externa nessa época. Com efeito, em agosto de 1920, ele rabiscou numa das anotações para seus discursos "irmandade em relação ao Leste". Tampouco clamava por uma ditadura. Uma demanda desse tipo ocorre somente em um discurso de 1920, no dia 27 de abril, no qual declarou que a Alemanha precisava de "um ditador que seja um gênio", caso quisesse se reerguer. Não havia a implicação de que ele fosse essa pessoa. É surpreendente também que seu primeiro ataque público direto ao marxismo não tenha ocorrido antes de seu discurso em Rosenheim, em 21 de julho de 1920 (embora tivesse falado em várias ocasiões anteriores sobre os efeitos catastróficos do bolchevismo na Rússia, pelos quais culpava os judeus). E é notável também que até sua teoria racial — baseada fortemente em panfletos antissemitas como os de Houston Stewart Chamberlain, Adolf Wahrmund e, em especial, do grande popularizador Theodor Fritsch (que enfatizava, entre outras coisas, o suposto abuso sexual de mulheres por judeus) — só tenha sido tratada de forma explícita em um único discurso de 1920.

Porém, isso não significa que Hitler esquecesse de atacar os judeus. Ao contrário: a obsessão maníaca com os judeus à qual tudo se subordina — não observável antes de 1919, jamais ausente depois — está presente em quase todos os discursos de Hitler dessa época. Por trás de todos os males que haviam atingido ou ameaçavam a Alemanha estava a figura do judeu. Discurso após discurso, ele atacava os judeus com a linguagem mais perversa e bárbara imaginável.

O genuíno socialismo, declarava, significava ser antissemita. Os alemães deveriam estar dispostos a fazer um pacto com o diabo para erradicar o mal do judaísmo. Mas, como em sua carta a Gemlich do outono anterior, ele não via o

antissemitismo emocional como resposta. Exigia a internação em campos de concentração para evitar a "debilitação judaica de nosso povo", forca para os extorsionários, e, em última análise, como a única solução — similar à da carta a Gemlich —, a "remoção dos judeus de nosso povo". A implicação, como em suas exigências explícitas em relação aos *Ostjuden* (em geral, refugiados pobres de perseguições na Europa oriental), era a expulsão deles da Alemanha. Sem dúvida, era assim que entendiam seu discurso. Mas a linguagem era terrível e implicitamente genocida em seus símiles biológicos. "Não pensem que podem combater a tuberculose racial", declarou em agosto de 1920, "sem cuidar que o povo seja libertado do órgão causador da tuberculose racial. O impacto da judiaria jamais passará e o envenenamento do povo não acabará enquanto o agente causal, o judeu, não for removido de nosso meio."

Suas plateias adoravam isso. Mais do que qualquer outra coisa, esses ataques provocavam torrentes de aplausos e gritos. Sua técnica — começo lento, cheio de sarcasmo, ataques personalizados a alvos nomeados, depois um crescendo gradual até o clímax — deixava a plateia frenética. O discurso no Festsaal da Hofbräuhaus em 13 de agosto de 1920 sobre "Por que somos antissemitas?" — seu único discurso desse ano *exclusivamente* sobre os judeus e destinado a ser uma declaração básica sobre o tópico — foi interrompido 58 vezes em suas duas horas de duração por gritos e aplausos cada vez mais entusiásticos da plateia de 2 mil pessoas. A crer numa notícia sobre outro discurso de Hitler feito algumas semanas depois, a plateia era composta sobretudo de trabalhadores de colarinho-branco, a classe média baixa e trabalhadores em melhores condições de vida, sendo cerca de um quarto mulheres.

De início, as diatribes antissemitas de Hitler tinham como foco o anticapitalismo e ataques aos aproveitadores e extorsionários "judeus", aos quais culpava por explorar o povo alemão e causar a derrota na guerra e a morte dos alemães. Podemos ver a influência de Gottfried Feder na distinção que Hitler fazia entre "capital industrial" essencialmente saudável e o verdadeiro mal do "capital financeiro judeu".

Nesse estágio não havia conexão entre marxismo e bolchevismo. Ao contrário do que às vezes é dito, o antissemitismo de Hitler não foi provocado por seu antibolchevismo, mas o antecedeu de muito. Não havia menção ao bolchevismo na

carta a Gemlich de setembro de 1919, na qual a "questão judaica" é relacionada à natureza voraz do capital financeiro. Ele falou em abril, e de novo em junho de 1920, sobre a destruição da Rússia pelos judeus, mas foi somente no discurso de Rosenheim, em 21 de julho, que relacionou explicitamente as imagens do marxismo, do bolchevismo e do sistema soviético na Rússia à brutalidade do domínio judaico, para o qual considerava que a social-democracia estava preparando o terreno na Alemanha. Em agosto de 1920, Hitler admitiu que conhecia pouco a verdadeira situação na Rússia. Porém, ficou preocupado com a Rússia bolchevista na segunda metade do ano, talvez influenciado por Alfred Rosenberg, que veio do Báltico e fora testemunha da Revolução Russa, mas também provavelmente influenciado pelas imagens dos horrores da guerra civil russa que saíam na imprensa alemã. É possível que a disseminação dos *Protocolos dos sábios de Sião* — a obra forjada sobre a dominação do mundo pelos judeus, amplamente lida e acreditada nos círculos antissemitas da época — também tenha ajudado a centrar a atenção de Hitler na Rússia. Essas imagens parecem ter propiciado o catalisador para a fusão de antissemitismo e antimarxismo em sua "visão de mundo" — uma identidade que, uma fez forjada, nunca mais desapareceria.

IX

Os discursos de Hitler o colocaram no mapa político de Munique. Mas, em grande medida, ele ainda era um gosto local e, por mais ruído que fizesse, seu partido ainda era insignificante em comparação aos partidos socialistas e católicos já estabelecidos. Além disso, embora seja ir longe demais vê-lo como um simples instrumento de interesses poderosos "por trás da cena", sem apoiadores influentes e as "conexões" que podiam oferecer seus talentos de agitador não o teriam levado muito longe.

Apesar de Hitler ter assinalado sua intenção de ganhar a vida como orador político, na verdade continuou a receber um soldo do Exército até 31 de março de 1920. O capitão Mayr, seu primeiro protetor, ainda se interessava muito por ele e fornecia fundos para a realização de comícios de massa, a acreditar em seu relato posterior. Na época, Hitler ainda servia no partido e no Exército. Em janeiro e fevereiro de 1920, Mayr teve "Herr Hittler" ministrando palestras sobre "Versalhes" e "Partidos políticos e sua significação" na companhia dos ilustres historiadores locais Karl Alexander von Müller e Paul Joachimsen, para soldados da Reichswehr que faziam "cursos de educação para a cidadania". Em março, durante o putsch de Kapp, um golpe de vida curta que tentou derrubar o governo e o forçou a abandonar a capital do Reich, Mayr enviou Hitler com Dietrich Eckart a Berlim para informar Wolfgang Kapp sobre a situação na Baviera. Eles chegaram tarde demais. A primeira tentativa da direita de tomar o Estado já havia fracassado. Mas Mayr não desanimou. Manteve seu contato com Kapp e seu interesse em Hitler. Conforme disse a Kapp seis meses depois, ainda tinha esperanças de que o NSDAP — que julgava ser criação sua — se tornasse a "organização do radicalismo nacional", a guarda avançada de um futuro golpe mais bem-sucedido. Ele escreveu a Kapp, então exilado na Suécia:

> O partido nacional dos trabalhadores deve proporcionar a base para a forte força de assalto pela qual esperamos. O programa ainda é um tanto tosco e também talvez incompleto. Teremos de complementá-lo. Uma única coisa é certa: que sob essa bandeira já ganhamos um bom número de adeptos. Desde julho do ano passado, tenho procurado [...] fortalecer o movimento. [...] Organizei gente jovem muito capaz. Um certo Herr Hitler, por exemplo, tornou-se uma força motivadora, um orador popular de primeira linha. Na seção de Munique, temos mais de dois mil membros, em comparação com menos de cem no verão de 1919.

No início de 1920, antes de Hitler deixar a Reichswehr, Mayr o levara consigo a reuniões do clube Punho de Aço, de oficiais nacionalistas radicais, fundado pelo capitão Ernst Röhm. Ele havia sido apresentado a Röhm por Mayr, provavelmente no outono anterior. Interessado em vários partidos nacionalistas, tendo em vista conquistar os trabalhadores para sua causa, Röhm comparecera ao primeiro comício do DAP em que Hitler falara, em 16 de outubro de 1919, e havia entrado para o partido pouco depois. Agora, Hitler estabelecia um contato muito mais estreito com Röhm, que rapidamente substituiu Mayr no papel de conexão-chave com a Reichswehr. Röhm fora responsável por armar as unidades de voluntários e de "defesa civil" (*Einwohnerwehr*) na Baviera e se tornara um ator importante na política paramilitar, com excelentes conexões no Exército, nas "associações patrióticas" e em toda a direita *völkisch*. Naquela ocasião, ele estava muito mais interessado, assim como seus colegas oficiais de direita, na Einwohnerwehren, que contava com mais de um quarto de milhão de homens, do que no minúsculo NSDAP. Mesmo assim, propiciou o contato fundamental entre o partido e as "associações patrióticas" bem maiores, e ofereceu vias de financiamento de que o partido, sempre em dificuldades, precisava desesperadamente. Suas conexões mostraram-se valiosas, em especial a partir de 1921, quando cresceu seu interesse pelo partido de Hitler.

Outro importante patrono nessa época foi o poeta e publicista *völkisch* Dietrich Eckart. Mais de vinte anos mais velho do que Hitler, havia feito nome com uma adaptação alemã de *Peer Gynt*, mas não tivera muito sucesso como poeta e crítico antes da guerra. É possível que isso tenha estimulado seu intenso antissemitismo. Passou a atuar politicamente em dezembro de 1918, com a publicação de seu semanário antissemita *Auf gut Deutsch* (Em alemão claro), que também trazia colaborações de Gottfried Feder e do jovem emigrado do Báltico Alfred Rosenberg. Ele falou nos comícios do DAP no verão de 1919, antes da entrada de Hitler, e passou a considerar o novo recruta do partido seu protegido. O próprio Hitler ficou lisonjeado com a atenção que uma figura da reputação de Eckart nos círculos *völkisch* lhe concedia. Nos primeiros anos, as relações entre os dois foram boas, até próximas. Mas, para Hitler, como sempre, era a utilidade de Eckart que contava. À medida que sua importância crescia, a necessidade que tinha do poeta diminuía e, em 1923, ano da morte de Eckart, os dois já não se davam.

Porém, de início, não poderia haver dúvidas sobre o valor de Eckart para Hitler e o NSDAP. Por meio de suas conexões com gente abastada, ele propiciou ao demagogo de cervejaria uma entrada na "sociedade" de Munique, abrindo-lhe as portas para os salões dos membros ricos e influentes da burguesia da cidade. E, por meio de apoio financeiro, seu e de seus contatos, pôde oferecer ajuda vital ao pequeno partido com problemas de caixa. Como as mensalidades dos membros não cobriam nem remotamente as despesas, o partido dependia de ajuda externa. Ela vinha, em parte, de donos de firmas e negócios da cidade. Algum auxílio continuava a vir da Reichswehr, mas o papel de Eckart foi crucial. Ele conseguiu, por exemplo, recursos com seu amigo Gottfried Grandel, químico e dono de fábrica que também apoiava o periódico *Auf gut Deutsch*, para o avião que o levou com Hitler a Berlim por ocasião do golpe de Kapp. Mais tarde, Grandel foi fiador dos fundos destinados a comprar o *Völkischer Beobachter* e transformá-lo no novo jornal do partido, em dezembro de 1920.

Em 1921, para o público de Munique, Hitler já era *o* NSDAP. Era a voz do partido, sua figura representativa, sua personificação. Se perguntados sobre o nome do presidente do partido, até cidadãos bem informados politicamente talvez citassem Hitler. Mas ele não queria a presidência. Drexler ofereceu-lhe o cargo em várias ocasiões, e ele sempre recusou. Drexler escreveu a Feder na primavera de 1921 que "cada movimento revolucionário deve ter um chefe ditatorial e, portanto, penso que nosso Hitler é o mais apropriado para nosso movimento, sem que eu queira ser empurrado para o pano de fundo". Mas, para Hitler, a presidência do partido significaria responsabilidade organizacional. Ele não tinha aptidão nem capacidade para questões organizacionais — e assim seria durante sua ascensão ao poder e quando chefiou o Estado alemão. A organização, podia deixar para os outros; propaganda — mobilização das massas — era sua especialidade e o que ele queria fazer. Por ela, e somente por ela, assumiria a responsabilidade. A propaganda, para Hitler, era a forma mais elevada de atividade política.

Na sua concepção, ela era a chave para a nacionalização das massas, sem a qual não haveria salvação nacional. Não que propaganda e ideologia fossem entidades distintas para ele — eram inseparáveis e reforçavam uma à outra; uma ideia era inútil se não fosse mobilizada. A autoconfiança que ganhou com a recepção extasiada de seus discursos assegurava-lhe que seu diagnóstico dos males da

Alemanha e o caminho para a redenção nacional estavam corretos. Isso, por sua vez, dava-lhe a convicção que era transmitida a seu séquito imediato, bem como àqueles que ouviam seus discursos nas cervejarias. Para ele, considerar-se um "arauto" da causa nacional era, portanto, uma vocação elevada. Por isso, antes de meados de 1921, ele preferia ficar livre para esse papel, e não se atolar no trabalho organizacional que associava à presidência do partido.

A indignação sentida em toda a Alemanha contra a quantia de 226 bilhões de marcos ouro a serem pagos em reparações, imposta pela Conferência de Paris no fim de janeiro de 1921, garantiu que não haveria afrouxamento na agitação. Esse foi o pano de fundo para o maior comício feito até então pelo NSDAP, em 3 de fevereiro, no Circus Krone. Hitler arriscou-se a levar adiante o comício com apenas um dia de antecedência, e sem a publicidade prévia usual. O enorme salão foi alugado rapidamente, assim como dois caminhões para circular pela cidade espalhando folhetos. Tratava-se de outra técnica emprestada aos "marxistas" que os nazistas utilizavam pela primeira vez. Apesar das preocupações de que o salão ficaria meio vazio e o comício seria um fracasso de propaganda, mais de 6 mil pessoas apareceram para ouvir Hitler falar sobre "futuro ou ruína", denunciar a "escravidão" imposta aos alemães pelas reparações dos Aliados e criticar severamente a fraqueza do governo por aceitá-las.

Hitler escreveu que, depois do sucesso do Circus Krone, ele aumentou ainda mais a atividade de propaganda do NSDAP em Munique. E, com efeito, a produção propagandística foi impressionante. Ele falou em 28 comícios grandes em Munique e em doze realizados em outros lugares (quase todos ainda na Baviera), afora várias contribuições a "discussões" e sete discursos para a recém-criada SA na segunda metade do ano. Entre janeiro e junho, também escreveu 39 artigos para o *Völkischer Beobachter* e, a partir de setembro, colaborou com vários artigos para os folhetos de informação internos do partido. Evidentemente, tinha todo o tempo para dedicar-se com exclusividade à propaganda. Ao contrário dos outros membros da liderança partidária, não tinha outra ocupação ou interesse.

A política consumia praticamente toda a sua existência. Quando não estava fazendo discursos ou preparando-os, passava o tempo lendo. Como sempre, os jornais representavam boa parte de suas leituras, o que lhe dava munição constante para atacar os políticos de Weimar. Tinha livros — muitos deles em edições

populares — sobre história, geografia, mitos germânicos e, especialmente, guerra (inclusive Clausewitz) nas estantes de seu quarto mal mobiliado e gasto da Thierschstraße, 41, junto ao rio Isar. Mas exatamente o que lia é impossível saber. Seu estilo de vida se prestava mal a longos períodos de leitura sistemática. Ele alegava, no entanto, ter lido tudo sobre seu herói Frederico o Grande e se atracado com a obra de seu rival *völkisch* Otto Dickel, um tratado de 320 páginas sobre *Die Auferstehung des Abendlandes* (A ressurreição do mundo ocidental) imediatamente após sua publicação, em 1921, para poder criticá-lo.

Afora isso, como acontecia desde a época de Viena, boa parte de seu tempo era gasta vagueando pelos cafés da cidade. Gostava especialmente do Café Heck, na Galeriestraße. Num canto quieto do salão longo e estreito desse café, frequentado pela sólida classe média de Munique, ele podia ficar sentado em sua mesa reservada, de costas para a parede, e receber os novos camaradas que havia atraído para o NSDAP. Entre os que passaram a formar seu círculo íntimo estavam o jovem estudante Rudolf Heß, os alemães do Báltico Alfred Rosenberg (que trabalhava no periódico de Eckart desde 1919) e Max Erwin von Scheubner-Richter (um engenheiro com excelentes contatos com emigrados russos ricos). Quando conheceu Putzi Hanfstaengl, indivíduo refinado de ascendência parcialmente americana que viria a ser seu chefe de imprensa estrangeira, no fim de 1922, Hitler tinha uma mesa reservada todas as noites de segunda-feira no antiquado Café Neumaier, numa ponta do Viktualienmarkt. Seus companheiros habituais compunham um grupo heterogêneo — sobretudo de classe média baixa, com alguns tipos repugnantes entre eles. Um deles era Christian Weber, um ex-negociante de cavalos que, como Hitler, carregava um chicote de cachorro e adorava as brigas com os comunistas. Outro era Hermann Esser, ex-agente de imprensa de Mayr, também agitador excelente e um jornalista marrom ainda melhor. Max Amann, outro casca-grossa, ex-sargento de Hitler que se tornaria senhor do império da imprensa nazista, geralmente estava lá, assim como Ulrich Graf, guarda-costas pessoal de Hitler e, com frequência, os "filósofos" do grupo, Gottfried Feder e Dietrich Eckart. No salão longo, com suas fileiras de bancos e mesas, muitas vezes ocupadas por casais idosos, o séquito de Hitler discutia política ou escutava os monólogos dele sobre arte e arquitetura, enquanto comia os lanches que haviam trazido consigo e bebiam litros de cerveja ou xícaras de café. No fim da

noite, Weber, Amann, Graf e o tenente Klintzsch, um paramilitar veterano do golpe de Kapp, serviam de guarda-costas e escoltavam Hitler — com seu longo sobretudo preto e chapéu de feltro que "lhe davam a aparência de um conspirador" — de volta ao seu apartamento na Thierschstraße.

Hitler não tinha a aparência de um político tradicional. Não surpreende que, em larga medida, o establishment bávaro o desprezasse. Mas não podia ignorá-lo. O chefe do governo da Baviera na época, o monarquista e antiquado cavaleiro Gustav von Kahr, que assumira o cargo de ministro presidente em 16 de março de 1920, após o putsch de Kapp, e pretendia transformar a Baviera numa "célula de ordem" que representasse os verdadeiros valores nacionais, achava que Hitler era um propagandista e nada mais. Não se trata de uma avaliação injustificável naquele momento. Mas Kahr estava disposto a reunir "forças nacionais" na Baviera em protesto contra a "política de satisfação" do chanceler do Reich, Wirth. E, com certeza, achou que poderia usar Hitler, que seria capaz de controlar o "austríaco impetuoso". Em 14 de maio de 1921, convidou uma delegação do NSDAP, liderada por Hitler, para discutir a situação política com ele. Foi o primeiro encontro dos dois homens, que viriam a ser ligados, ainda que fugazmente, pelo objetivo idêntico de destruir a nova democracia de Weimar no malfadado golpe de novembro de 1923 — uma associação acidentada que acabaria com o assassinato de Kahr na Noite dos Longos Punhais, no fim de junho de 1934. Por mais que Kahr o desdenhasse, seu convite para uma reunião em maio de 1921 equivaleu a um reconhecimento de que Hitler era agora um fator na política bávara, prova de que ele e seu movimento tinham de ser levados a sério.

Rudolf Heß, introvertido e idealista, ainda estudante de geopolítica com o professor Karl Haushofer e já encantado com Hitler, fez parte da delegação. Três dias depois, sem que Hitler lhe pedisse, escreveu uma longa carta a Kahr em que descrevia a vida dele e elogiava suas metas políticas, seus ideais e habilidades. Dizia que Hitler era "um indivíduo de decência incomum, sincero, cheio de bondade, religioso, um bom católico", com um único objetivo: "o bem-estar de seu país". Heß louvava a dedicação de Hitler a essa causa, o fato de não receber um tostão do próprio movimento, e de ganhar a vida apenas com os honorários que recebia de outros discursos que fazia ocasionalmente.

Essa era a linha oficial que o próprio Hitler divulgara no mês de setembro

anterior, no *Völkischer Beobachter*. Era uma bela falsidade. Em não mais do que um punhado de vezes, alegava, havia falado em comícios nacionalistas que não fossem do NSDAP. Os honorários advindos disso certamente não seriam suficientes para sustentá-lo. Os rumores sobre sua renda e estilo de vida foram avidamente explorados pela esquerda. Até na direita *völkisch* corriam comentários sobre o fato de ele andar pela cidade num grande carro com motorista, e seus inimigos de partido levantavam dúvidas sobre suas irregularidades financeiras pessoais e o tempo que o "rei de Munique" passava num estilo de vida abastado, divertindo-se com mulheres — até mulheres fumantes. De fato, Hitler era bastante suscetível no tocante a seus assuntos financeiros. Em dezembro de 1921, num processo de difamação contra o socialista *Münchener Post*, ele repetiu no tribunal que não cobrara honorários do partido por 65 discursos feitos em Munique. Mas admitiu que era "sustentado de forma modesta" por membros do partido e que eles "ocasionalmente" lhe ofereciam refeições. Uma das pessoas que cuidavam dele era a primeira "Hitler-Mutti", Frau Hermine Hofmann, a viúva idosa de um diretor de escola que o entupia com infindáveis ofertas de bolos e transformara sua casa em Solln, nos arredores de Munique, numa espécie de sede informal do partido. Pouco depois, o oficial da Reichsbahn Theodor Lauböck — fundador da seção do NSDAP em Rosenheim, mas posteriormente transferido para Munique — e sua esposa cuidaram do bem-estar de Hitler e podiam também ser convocados a hospedar convidados importantes do partido. Na realidade, as acomodações miseráveis que Hitler alugava na Thierschstraße e as roupas surradas que vestia escondiam o fato de que, já naquela época, o partido contava com patrocinadores abastados. Com o crescimento partidário e a expansão de sua reputação em 1922-3, ele conseguiu obter novos e ricos patronos na alta sociedade de Munique.

O partido, porém, estava permanentemente sem dinheiro. E foi precisamente numa viagem feita por Hitler a Berlim em junho de 1921 (junto com o homem dos contatos, Dietrich Eckart), para levantar fundos para o *Völkischer Beobachter*, que se desenrolaria a crise que culminou com sua tomada da liderança do partido.

O pano de fundo foi moldado por movimentos a fim de fundir o NSDAP com o rival Partido Socialista Alemão, o DSP. A julgar pelos programas partidários, apesar de algumas diferenças de ênfase, os dois partidos *völkisch* tinham mais coisas em comum do que a separá-los. E o DSP tinha adeptos no norte da Alemanha, coisa de que o Partido Nazista carecia, pois não passava de um pequeno partido local. Havia, portanto, um bom argumento para a união das forças. As conversas sobre uma possível fusão haviam começado no mês de agosto anterior, numa reunião em Salzburg, à qual Hitler compareceu, de partidos socialistas nacionais da Alemanha, Áustria, Tchecoslováquia e Polônia. Entre aquela ocasião e abril de 1921, os líderes do DSP fizeram várias propostas. No fim de março, numa reunião em Zeitz, na Turíngia, Drexler — presumivelmente por delegação do NSDAP, mas, de forma clara, contra a posição de Hitler — chegou a concordar com a proposta provisória de fusão e — anátema para Hitler — a mudança da sede do partido para Berlim. Hitler reagiu com fúria às concessões de Drexler, ameaçou renunciar ao partido e conseguiu, "em meio a uma cólera inacreditável", reverter o acordo feito em Zeitz. Por fim, numa reunião realizada em Munique em meados de abril, marcada por grande rancor e com Hitler totalmente enfurecido, as negociações com o DSP fracassaram. Para os líderes desse partido, não havia dúvidas de que o único responsável pela obstrução do NSDAP era Hitler, o "fanático aspirante a mandachuva" cujo sucesso havia lhe subido à cabeça. Sem dar importância a um programa político específico a ser implementado, e interessado apenas em agitação e mobilização, Hitler desde o início se opôs de forma tenaz à fusão. Para ele, as semelhanças nos programas eram irrelevantes. Fazia objeção ao modo como o DSP se apressara em montar numerosas seções, sem alicerces sólidos, de tal forma que o partido estava "em toda parte e em nenhum lugar", bem como à sua disposição para apelar a táticas parlamentaristas. Mas o verdadeiro motivo era outro: qualquer fusão ameaçaria sua supremacia no pequeno mas coeso NSDAP.

Embora a fusão com o DSP tivesse sido momentaneamente evitada, uma ameaça ainda maior, do ponto de vista de Hitler, surgiu enquanto ele estava em Berlim. O dr. Otto Dickel, que havia fundado em março de 1921, em Augsburg, a Deutsche Werkgemeinschaft, outra organização nacionalista, causara alguma sensação nas hostes *völkisch* com seu livro *Die Auferstehung des Abendlandes*. A filosofia mística *völkisch* de Dickel não era o estilo de Hitler e não surpreende que ele a tenha recebido com desprezo e raiva. Mas algumas das ideias de Dickel — construir uma comunidade sem classes por meio da renovação nacional, combater a "dominação judaica" por intermédio da luta contra a "escravidão dos juros" — tinham inegáveis semelhanças com as do NSDAP e do DSP. Dickel, não menos que Hitler, tinha a convicção de um missionário e, além disso, também era um orador público dinâmico e popular. Após a publicação de seu livro, que foi elogiado no *Völkischer Beobachter*, ele foi convidado a ir a Munique e — com Hitler em Berlim — fez um grande sucesso diante de uma grande plateia num reduto de Hitler, a Hofbräuhaus. Outros discursos foram planejados para Dickel. A liderança do NSDAP estava encantada por encontrar nele um segundo "orador notável com estilo popular".

Enquanto isso, Hitler continuava em Berlim. Ele não apareceu numa reunião com um representante do DSP em 1o de julho para novas negociações sobre fusão e só retornaria à Baviera dez dias depois. Evidentemente, àquela altura já sabia da notícia alarmante de que uma delegação de líderes do NSDAP teria conversações com Dickel e representantes da Deutsche Werkgemeinschaft das seções de Augsburg e Nuremberg. Ele apareceu antes que os delegados do NSDAP chegassem, tomado de fúria, e disse aos representantes de Augsburg e Nuremberg que cuidaria para que a fusão malograsse. Mas, quando seu pessoal chegou, sua fúria descontrolada transformou-se em silêncio mal-humorado. Três horas de sugestões de Dickel para a criação de uma confederação frouxa de grupos diferentes e recomendações para melhorias no programa do NSDAP provocaram numerosos ataques de Hitler, até que, incapaz de suportar mais, retirou-se intempestivamente da reunião.

Se esperava que seus acessos de cólera convenceriam seus colegas a desistir das negociações, estava errado. Eles ficaram constrangidos com seu comportamento e bem impressionados com o que Dickel tinha a oferecer. Até Dietrich Eckart achou que Hitler se comportara mal. Foi aceito que o programa do partido precisava de

retificações e que Hitler, "como um homem simples", não estava à altura de fazer isso. Concordaram em levar as propostas de Dickel a Munique e apresentá-las ao comitê inteiro do partido.

Hitler saiu do partido com raiva e desgosto em 11 de julho. Três dias depois, em carta ao comitê, justificou sua atitude dizendo que os representantes em Augsburg haviam violado os estatutos do partido e agido contra os desejos dos membros ao entregar o movimento a um homem cujas ideias eram incompatíveis com as do NSDAP. "Não serei nem posso ser mais membro desse movimento", declarou. Hitler já se demitira "para sempre" do comitê do partido em dezembro de 1920. Como observamos, ameaçou novamente sair após a conferência de Zeitz, no fim de março de 1921. O histrionismo de prima-dona era parte da maquiagem de Hitler — e continuaria a sê-lo. Seria sempre a mesma coisa: ele só conhecia argumentos do tipo tudo ou nada; não havia nada no meio, nenhuma possibilidade de alcançar um acordo. Sempre numa posição maximalista, sem outra saída, ele arriscava tudo. E, se não conseguisse o que queria, tinha um acesso de raiva e ameaçava ir embora. No futuro, já no poder, produziria às vezes um ataque de raiva como tática intimidadora. Mas, em geral, seus ataques de cólera eram um sinal de frustração, até de desespero, não de força. Seria esse o caso em várias crises futuras. E assim foi naquela ocasião. A demissão não foi uma manobra cuidadosamente planejada para usar sua posição de estrela do partido a fim de chantagear o comitê. Foi uma expressão de fúria e frustração por não conseguir o que queria. A ameaça de demissão funcionara antes, depois da conferência de Zeitz. Agora, ele arriscava seu único trunfo novamente. A derrota significaria a amalgamação do partido na planejada Liga Ocidental de Dickel e deixaria Hitler com uma única opção — que ele parece ter contemplado — de montar um partido novo e começar tudo novamente. Havia aqueles que ficariam contentes de se livrar de uma pessoa tão egocêntrica e causadora de problemas, apesar de sua utilidade como agitador. E a difusão do partido, a partir da união com a organização de Dickel, prometia mais do que compensar sua perda.

Mas perder sua única estrela seria um golpe grande, talvez fatal para o NSDAP. A saída de Hitler dividiria o partido. No fim, essa foi a consideração decisiva. Pediram a Dietrich Eckart que interviesse e, em 13 de julho, Drexler buscou as condições sob as quais ele concordaria em voltar. Foi uma capitulação total da liderança. As

condições de Hitler procediam todas da recente perturbação no partido. Suas principais exigências — a serem aceitas por uma reunião extraordinária dos membros — eram "o posto de presidente com poderes ditatoriais"; que a sede do partido fosse fixada definitivamente em Munique; que o programa partidário fosse considerado inviolável; e o fim de todas as tentativas de fusão. Todas estavam centradas na preocupação de assegurar a posição de Hitler no partido contra quaisquer contestações futuras. Um dia depois, o comitê do partido manifestou sua disposição de dar a ele "poderes ditatoriais", reconhecendo seu "imenso conhecimento", seus serviços pelo movimento e seu "talento incomum de orador". Saudava sua disposição, depois de ter recusado as ofertas de Drexler no passado, de assumir agora a presidência. Hitler voltou ao partido, como membro no 3680, em 26 de julho.

Mas, mesmo assim, o conflito não tinha acabado. Hitler e Drexler demonstravam publicamente sua unidade numa reunião dos membros realizada em 26 de julho. Ao mesmo tempo, os oponentes de Hitler na liderança promoviam a expulsão de seu sequaz Hermann Esser, preparavam cartazes contra Hitler e imprimiam 3 mil exemplares de um panfleto anônimo que o acusava, nos termos mais difamadores, de ser o agente de forças sinistras que pretendiam prejudicar o partido. Mas Hitler, que havia demonstrado mais uma vez ser insubstituível como orador num comício lotado, realizado no Circus Krone em 20 de julho, estava agora na direção. Não haveria mais hesitação. Era o Hitler triunfante. Sob os tumultuosos aplausos dos 554 membros pagantes que compareceram à reunião extraordinária realizada no Festsaal da Hofbräuhaus em 29 de julho, ele defendeu Esser e a si mesmo e atacou seus oponentes. Jactou-se de que jamais buscara um cargo no partido e havia recusado a direção várias vezes. Mas, dessa vez, estava preparado para aceitar. A nova constituição partidária, que ele fora forçado a redigir apressadamente, confirmava em três instâncias separadas a responsabilidade única do primeiro presidente pelas ações do partido (sujeitas somente à reunião do comitê). Houve apenas um voto contra a aceitação dos poderes ditatoriais concedidos a Hitler. Sua investidura da presidência foi aceita por unanimidade.

A reforma dos estatutos do partido era necessária, declarou o *Völkischer Beobachter*, para prevenir qualquer tentativa futura de dissipar suas energias por decisões da maioria. Era o primeiro passo para transformar o NSDAP num partido de

estilo novo, um “partido de Führer”. A medida não acontecera por meio de planejamento cuidadoso, mas graças à reação de Hitler a eventos que estavam saindo de seu controle. O ataque subsequente de Rudolf Heß aos oponentes de Hitler no *Völkischer Beobachter* não só continha as primeiras sementes de sua heroicização posterior como também revelava sua base inicial: “Vocês estão realmente cegos para o fato de que esse homem é a personalidade líder que sozinha é capaz de levar adiante a luta? Vocês acham que, sem ele, as massas lotariam o Circus Krone?”

5. O “arauto”

I

No início da década de 1920, Hitler estava satisfeito por ser o “arauto” que incitava as massas ao “movimento nacional”. Nessa época, não se considerava aquele que retratou em *Mein Kampf*: o futuro líder da Alemanha, o messias político cuja vez chegaria quando a nação reconhecesse sua grandeza ímpar. Era, antes, alguém que estava abrindo caminho para o grande líder cujo dia talvez demorasse muitos anos para chegar. “Não passo de um arauto e arregimentador”, disse ao escritor neoconservador Arthur Moeller van den Bruck em 1922. Alguns meses antes havia declarado, numa entrevista dada em maio de 1921 ao editor-chefe do jornal pangermanista *Deutsche Zeitung*, que não era o líder e estadista que “salvaria a pátria que estava afundando no caos”, mas apenas “o agitador que entendeu como arregimentar as massas”. Tampouco era “o arquiteto que imaginava claramente o plano e o projeto do novo edifício e com calma, certeza e criatividade era capaz de colocar uma pedra sobre a outra. Ele precisava de alguém maior atrás dele, em cujo comando poderia confiar”.

Nessa época, ser o “arauto” significava tudo para Hitler. Era a “vocação” que substituía seu sonho de se tornar um grande artista ou arquiteto. Era sua tarefa principal, praticamente sua única preocupação. Ela não permitia apenas a plena expressão de seu verdadeiro talento. Era também, a seus olhos, o maior e o mais importante papel que poderia desempenhar. Pois para Hitler a política — e assim permaneceria — *era* propaganda: incessante mobilização de massa por uma causa a

ser perseguida cegamente, e não a “arte do possível”.

Sua ascensão à proeminência, pelo menos regional, na direita nacionalista da Baviera não se deveu simplesmente a sua inigualável capacidade de orador de comícios de massa em Munique. Como antes, esse era seu principal trunfo. Mas, ligado a isso, e de importância crucial, estava o fato de que ele era o cabeça de um movimento que, em contraste com a primeira fase do partido, passou a desenvolver uma força paramilitar substancial e a entrar no turbilhão da política paramilitar bávara. Foi sobretudo nas condições peculiares da Baviera pós-revolucionária que os exércitos privados puderam florescer plenamente, com a tolerância e, com frequência, com o apoio ativo das autoridades bávaras.

O regime veementemente antissocialista e contrarrevolucionário do ministro presidente Gustav von Kahr transformou a Baviera num oásis para extremistas de direita de toda a Alemanha, inclusive muitos com ordem de prisão no restante do país. Em sua nova base protegida de Munique, por exemplo, o capitão Hermann Ehrhardt — um veterano da violência antissocialista nos Freikorps, inclusive na repressão da Räterepublik, e líder do golpe de Kapp — pôde usar sua Organização Cônsul para montar uma rede de grupos em todo o Reich alemão e levar a cabo muitos dos assassinatos políticos — houve 354 perpetrados pela direita entre 1919 e 1922 — que mancharam os primeiros anos da nova democracia. Ehrhardt e Ernst Röhm desempenhariam um papel fundamental na criação da organização paramilitar do NSDAP, que se tornaria a partir de 1921 uma característica significativa do movimento nazista e fator importante na política paramilitar na Baviera.

Röhm, ainda mais do que Hitler, era um membro típico da “geração do front”. Na qualidade de jovem oficial, compartilhara os perigos, as ansiedades e as privações dos soldados nas trincheiras — e também os preconceitos e a raiva crescente contra os que ficavam nos quartéis-generais atrás das linhas, contra a burocracia militar, os políticos “incapazes” e aqueles considerados indolentes, preguiçosos e aproveitadores. Contra essas imagens altamente negativas, ele glorificava a “comunidade do front”, a solidariedade dos homens nas trincheiras, a liderança baseada em feitos em vez de status, e a obediência cega que isso exigia. O que ele queria era uma nova elite “guerreira” cujas ações e façanhas tivessem comprovado seu direito de mandar. Embora monarquista, Röhm não almejava um

retorno à sociedade burguesa do pré-guerra. Seu ideal era a comunidade dos homens lutadores. Tal como para muitos que entraram para os Freikorps e suas organizações paramilitares sucessoras, esse ideal combinava fantasia masculina com o culto à violência. Como muitos outros, Röhm partira cheio de entusiasmo para a guerra em 1914, em poucas semanas sofrera um grave ferimento no rosto — quando fragmentos de obus arrancaram parte de seu nariz, desfigurando-o para sempre —, retornara para comandar sua companhia, mas fora forçado a deixar o serviço no front depois de sofrer novamente um ferimento grave em Verdun. Seus deveres posteriores no Ministério da Guerra bávaro e de oficial responsável pelos suprimentos de uma divisão aguçaram suas antenas políticas e lhe deram experiência em questões organizacionais. O trauma da derrota e da revolução o levou para a atividade contrarrevolucionária — inclusive para o serviço no Freikorps de Epp durante o esmagamento da Räterepublik. Após participar brevemente do Partido Popular Nacional Alemão (DNVP), entrou para o minúsculo DAP logo depois de Hitler, no outono de 1919, e, como este mesmo afirmou, foi o responsável pelo ingresso de outros homens da Reichswehr no partido. O interesse de Röhm, no entanto, continuou a ser ditado mais pela política militar e paramilitar do que pela partidária. Não demonstrava interesse exclusivo pelo NSDAP antes de a SA se tornar um elemento significativo na política paramilitar.

Mas não se deve subestimar o valor de Röhm para o partido no estabelecimento das conexões paramilitares. Seu acesso a figuras importantes da cena paramilitar e, em especial, às armas, foi crucial. Sua posição no controle do suprimento de armas para a Brigada Epp (a sucessora da unidade de Freikorps, agora integrada à Reichswehr) dava-lhe a responsabilidade de fornecer armas à Einwohnerwehr. O quase-segredo envolvido na ocultação do armamento de controle dos Aliados — não muito difícil, pois não havia Exército de ocupação para realizar inspeções — também deu a Röhm uma boa margem de manobra para fazer um grande estoque de armas, principalmente pequenas, em 1920-1. Após a dissolução da Einwohnerwehr e o confisco oficial de armamentos, várias organizações paramilitares encarregaram-no de seus suprimentos de armas. Com o controle desse arsenal, decidindo quando e quem deveria receber armas, o "rei da metralhadora", como ficou conhecido, estava assim numa posição central no que dizia respeito às demandas das organizações paramilitares. E, com a proteção que

tinha de Epp, de Kahr e da polícia política de Munique, gozava de uma influência muito acima de seu posto sobre a política da direita nacionalista.

Desde o começo, o papel duplo de organização paramilitar (ligada de início a Ehrhardt) e tropa de choque do partido sob a liderança de Hitler continha as sementes da tensão que acompanharia a SA até 1934. Röhm e Ehrhardt estavam interessados na vertente paramilitar. Hitler tentava integrar totalmente a SA ao partido, embora, do ponto de vista organizacional, ela mantivesse uma independência considerável antes de 1924. Antes da segunda metade de 1922, o crescimento da SA foi constante, não espetacular. Foi após essa data, em condições de crise rapidamente crescente na Baviera e no Reich, que os números da SA incharam, fazendo dela uma força a ser levada em conta na direita nacionalista.

Enquanto isso, Hitler, agora líder inconteste do partido, continuava com sua agitação incessante, explorando a tensão contínua entre a Baviera e o governo central. O assassinato de Matthias Erzberger, ministro das Finanças do Reich, em 26 de agosto de 1921 — uma indicação do quase anarquismo que ainda prevalecia na Alemanha —, e a recusa de Kahr a aceitar a validade do estado de emergência para a Baviera declarado pelo presidente do Reich, Friedrich Ebert, mantiveram as coisas em ponto de ebulição. O descontentamento material desempenhava um papel importante. Os preços já subiam rapidamente enquanto a moeda se depreciava. Em 1921, os alimentos estavam quase oito vezes mais caros do que no fim da guerra. No ano seguinte, estariam 130 vezes mais caros. E isso antes que a moeda perdesse todo o seu valor, na hiperinflação de 1923.

Hitler intensificou a provocação aos inimigos políticos e às autoridades para ganhar publicidade. Em janeiro de 1922, depois de um choque violento entre seus adeptos e seus oponentes, ele foi sentenciado a três meses de prisão por perturbar a paz — dois meses suspensos em troca de bom comportamento futuro (embora convenientemente esquecidos quando o bom comportamento não se materializou). Até mesmo seus amigos poderosos não conseguiram evitar que ele cumprisse o outro mês da sentença. Entre 24 de junho e 27 de julho de 1922, ele esteve na prisão de Stadelheim, em Munique.

Afora esse curto interlúdio, sua agitação não arrefeceu. Pequenos confrontos com a polícia eram comuns. Para Hitler, esses choques violentos com os oponentes eram a força vital de seu movimento. Sobretudo, eram bons para a publicidade. Ele

ainda estava insatisfeito com a cobertura que recebia da imprensa, mesmo a negativa. Não obstante, as ações do NSDAP e de seu líder mantinham os olhos do público neles. E, enquanto seus principais apoiadores esperavam consequências calamitosas se o governo bávaro o expulsasse da Alemanha (se as perturbações da ordem continuassem, como lhe haviam advertido), Hitler capitalizava a ameaça de expulsão, apontando para seu histórico de guerra, quando lutara como um alemão por seu país, ao passo que outros não haviam feito mais do que ficar em casa e pregar política.

Seu sucesso mais notável de propaganda em 1922 foi a participação de seu partido no chamado Dia Alemão (*Deutscher Tag*) realizado em Coburg, em 14-5 de outubro. A cidade de Coburg, na fronteira turíngia, no norte da Alta Francônia, e que fazia parte da Baviera havia apenas dois anos, era território virgem para os nazistas. Ele viu no Dia Alemão uma oportunidade que não podia ser perdida. Raspou todos os fundos do NSDAP a fim de fretar um trem especial — lance de propaganda inédito — para levar uma tropa de choque de oitocentos membros a Coburg. Os homens da SA foram instruídos por Hitler a ignorar ordens explícitas da polícia que proibiam manifestações com bandeiras desfraldadas e acompanhamento musical e marcharam pela cidade com suas suásticas erguidas pela cidade. Trabalhadores que assistiam ao desfile insultaram-nos e cuspiram neles. Os nazistas, por sua vez, saíram de suas fileiras e bateram em seus opositores com bastões e cassetetes de borracha, provocando uma batalha furiosa com os socialistas. Após dez minutos de confusão, nos quais tiveram o apoio da polícia, os nazistas declararam suas as ruas de Coburg. Para Hitler, a vitória da propaganda era o que contava. O Dia Alemão em Coburg entrou para os anais do partido. O NSDAP deixara sua marca no norte da Baviera.

Foi o segundo êxito importante de Hitler na Francônia em poucos dias. Em 8 de outubro, Julius Streicher, líder da seção de Nuremberg da Deutsche Werkgemeinschaft, escrevera-lhe oferecendo-se para levar sua respeitável quantidade de adeptos e seu jornal, o *Deutsche Volkswille*, para o NSDAP. Na esteira do triunfo de Coburg, a transferência aconteceu em 20 de outubro. Streicher, um fanfarrão baixo, atarracado, de cabeça raspada, nascido em 1885 na região de Augsburg, durante um tempo professor primário como seu pai e, como Hitler, veterano de guerra condecorado com a Cruz de Ferro, Primeira Classe, estava

totalmente possuído por imagens demoníacas dos judeus. Pouco depois da guerra, havia sido um dos primeiros membros do DSP (Partido Socialista Alemão), tão antissemita quanto o NSDAP, mas o deixara em 1921. Seu jornal *Der Stürmer*, fundado em 1923 e famoso pelas caricaturas obscenas de judeus malignos seduzindo donzelas alemãs e alegações de rituais assassinos, seria proibido por um tempo até no Terceiro Reich, apesar dos comentários de aprovação do próprio Hitler, que achava que "o judeu" era muito pior do que a imagem "idealizada" do *Stürmer*. Streicher acabaria processado em Nuremberg e condenado à forca. Mas, em 1922, num lance de importância vital para o desenvolvimento do NSDAP na Francônia, ele se subordinou a Hitler. O movimento *völkisch* rival na região ficou mortalmente enfraquecido. O Partido Nazista multiplicou seu número de membros. De cerca de 2 mil, no início de 1921, e 6 mil um ano depois, o partido ficou, da noite para o dia, com 20 mil membros. Mais do que isso: o campo da Francônia — devotamente protestante, fervorosamente nacionalista e fortemente antissemita — propiciaria ao NSDAP um baluarte muito maior do que sua cidade natal de Munique, no sul católico da Baviera, e uma capital simbólica em Nuremberg — depois designada a "cidade dos Congressos Nacionais do Partido". Não admira que Hitler tenha feito questão de expressar publicamente sua gratidão a Streicher em *Mein Kampf*.

Mesmo assim, era notável que, longe de sua cidadela em Munique, o poder de Hitler ainda fosse limitado. Ele era o indiscutível campeão da propaganda do partido. Mas, longe de sua base, seu poder nem sempre era reconhecido.

Esse era um grande motivo para despertar o interesse de seus adeptos de Munique para a criação de um culto da liderança em torno de Hitler. Um impulso significativo para vincular a aura de um homem predestinado a Hitler veio de fora da Alemanha. A chamada Marcha sobre Roma de Mussolini, em 28 de outubro de 1922, por mais fictícia que fosse a lenda fascista de uma ousada "tomada do poder", agitou profundamente o Partido Nazista. Ela sugeria o modelo de um líder nacionalista dinâmico e heroico marchando para salvar seu país dividido. O Duce proporcionou uma imagem a ser copiada. Em 3 de novembro de 1922, menos de uma semana depois do golpe de Estado na Itália, Hermann Esser proclamou para um Festsaal lotado na Hofbräuhaus: "O Mussolini da Alemanha chama-se Adolf Hitler". Esse gesto marcou o momento simbólico em que os seguidores de Hitler

inventaram o culto ao Führer.

A difusão das ideias fascistas e militaristas na Europa do pós-guerra significava que as imagens de "liderança heroica" estavam "no ar" e, de forma alguma, estavam confinadas à Alemanha. O surgimento do culto do Duce na Itália oferece um paralelo óbvio. Mas as imagens alemãs tinham naturalmente um sabor próprio, baseando-se em elementos inerentes à cultura política da direita nacionalista. E as crises constantes da República de Weimar, detestada por tantos grupos poderosos da sociedade e incapaz de conquistar popularidade, garantiam que essas ideias, que num ambiente mais estável poderiam ser vistas com desprezo e ficarem confinadas à franja lunática da política, nunca carecessem de plateia. Ideias postas em circulação por publicistas, escritores e intelectuais neoconservadores eram, de forma mais vulgarizada, assumidas por formações paramilitares e pelos variados agrupamentos do movimento burguês jovem. O modelo do triunfo de Mussolini na Itália oferecia agora a oportunidade para que essas ideias fossem incorporadas à visão do renascimento nacional pregado pelos nacional-socialistas.

O culto ao Führer ainda não era o ponto central da ideologia e da organização do partido. Mas os inícios da criação consciente de um perfil público das qualidades de liderança de Hitler por seu séquito, com alusões fortes em seus próprios discursos, datam do período imediatamente posterior à Marcha sobre Roma de Mussolini. Hitler começava a atrair excessos de adulação, que chegavam a comparações grotescas com Napoleão, de admiradores da direita nacionalista. O terreno para a rápida difusão do culto ao Führer já estava bem fertilizado.

Não havia traços de um culto da liderança nos primeiros anos do Partido Nazista. A palavra "líder" (*Führer*) não tinha um significado especial ligado a ela. Todos os partidos ou organizações políticas tinham um líder, ou mais de um. O NSDAP não era diferente. Drexler era chamado de Führer do partido, assim como Hitler; ou, às vezes, ambos, praticamente ao mesmo tempo. Depois que Hitler assumiu a liderança partidária, em julho de 1921, a expressão "nosso líder" (*unser Führer*) tornou-se gradualmente mais comum. Mas seu sentido ainda era intercambiável com o puramente funcional "presidente do NSDAP". Não havia nada de heroico nisso. Tampouco Hitler se empenhava em construir um culto da personalidade em torno de si mesmo. Mas o triunfo de Mussolini causou-lhe evidentemente uma impressão profunda. Deu-lhe um modelo para seu papel.

Referindo-se a Mussolini menos de um mês depois da Marcha sobre Roma, consta que teria dito: "Assim será conosco. Precisamos apenas da coragem para agir. Sem luta, não há vitória". Porém, a mudança da imagem de si mesmo refletia também o modo como seus adeptos começavam a ver seu líder. Com efeito, seus seguidores o retrataram como um líder "heroico" da Alemanha antes que ele passasse a ter essa visão de si mesmo. Não que ele fizesse alguma coisa para desestimular essa sua nova imagem a partir do outono de 1922. Ao que parece, foi em dezembro desse ano que o *Völkischer Beobachter* afirmou pela primeira vez que Hitler era um tipo especial de líder — com efeito, *o* Líder por quem a Alemanha esperava. Consta que seus seguidores, ao deixarem uma parada em Munique, teriam dito "ter encontrado uma coisa pela qual milhões anseiam, um líder". Por ocasião de seu aniversário de 34 anos, em 20 de abril de 1923, quando o novo chefe da SA, Hermann Göring — trinta anos, bávaro de nascimento, mas que se passava por prussiano pelo menos desde a época de seu treinamento militar em Berlim, bonito (naquela época), extremamente egocêntrico, com boas conexões e sedento de poder, trazendo para o movimento nazista o glamour de ás da aviação condecorado durante a guerra, bem como ligações importantes com a aristocracia —, chamou-o de "amado líder do movimento da liberdade alemã", o culto da personalidade já era inequívoco. Os oponentes políticos zombavam disso. Que essas manifestações deixavam marca nele, é algo que está claro. Em maio de 1923, quando estava em férias com Hitler, perto de Berchtesgaden, nos Alpes bávaros, junto à fronteira da Áustria — depois de o futuro ditador ter comparado o modo como lidaria com Berlim a Cristo expulsando os vendilhões do templo —, Eckart disse a Hanfstaengl que Hitler tinha uma "megalomania a meio caminho entre um complexo de Messias e de Nero".

Durante o ano de 1923, há indicações nos discursos de Hitler de que sua percepção de si mesmo estava mudando. Estava agora muito mais preocupado com a liderança e as qualidades necessárias para o futuro Líder da Alemanha. Em nenhum momento anterior a seu encarceramento em Landsberg ele reivindicara claramente essas qualidades para si mesmo. Mas vários trechos de seus discursos sugerem que as distinções que fazia entre "arauto" e "Líder" começavam a ficar embaçadas.

Em 4 de maio de 1923, em discurso que criticava o sistema parlamentar como a "ruína e o fim da nação alemã", ele deu a indicação mais clara até então de como

via seu papel. Com referência a Frederico o Grande e Bismarck, "gigantes" cujos feitos contrastavam com aqueles do Reichstag, "o coveiro da Alemanha", ele declarou: "O que pode salvar a Alemanha é a ditadura da vontade nacional e da determinação nacional. Surge a pergunta: a personalidade adequada está à mão? Nossa tarefa não é procurar por essa pessoa. Ela é um dom dos céus, ou não está aqui. Nossa tarefa é criar a espada que essa pessoa precisará quando estiver aqui. Nossa tarefa é dar ao ditador, quando ele chegar, um povo pronto para ele!".

Em 2 de outubro de 1923, numa entrevista ao *Daily Mail* britânico, Hitler disse: "Se à Alemanha for dado um Mussolini alemão [...] o povo cairá de joelhos e o adorará mais do que Mussolini jamais foi adorado". Ele se considerava — assim como seus seguidores o consideravam — o "Mussolini alemão", e depois começou a associar a grandeza da liderança nacional à sua pessoa. Sentia naquele momento, assim declarou, "o chamado da salvação da Alemanha dentro dele", e outros detectavam "indiscutível fascínio messiânico e napoleônico" no que ele dizia.

A falta de clareza nos comentários de Hitler sobre a liderança futura era, em parte, presumivelmente tática. Não havia nada a ganhar com a alienação de possíveis apoios com um conflito prematuro sobre quem seria o supremo líder. Como ele declarara em outubro, a questão da liderança podia ficar sem resposta até que "seja criada a arma que o líder deve possuir". Somente então o momento estaria maduro para "rezar para que Nosso Senhor Deus nos dê o líder certo". Mas isso era predominantemente um reflexo de seu conceito de política como agitação, propaganda e "luta". Desde que sua liberdade de ação não fosse constrangida pelas formas de organização, elas continuavam a preocupá-lo pouco. A questão crucial era a liderança da "luta política". Mas é difícil imaginar que a autoconfiança de Hitler nesse campo e sua recusa arraigada a fazer acordos não viessem a significar depois uma exigência de liderança total e sem limites do "movimento nacional". De qualquer modo, seus comentários sobre liderança no ano marcado pela crise de 1923 parecem indicar que sua imagem de si mesmo estava em processo de mudança. Ainda se via como o "arauto", o chamamento mais alto que havia a seus olhos. Mas não seria necessário muito, após seu triunfo no julgamento, para converter essa imagem na presunção de que era ele mesmo o "líder heroico".

II

Tudo isso estava no futuro. Por volta do início de 1923, poucos — se é que havia alguém — fora das fileiras de seus mais fervorosos devotos pensavam seriamente em Hitler como o próximo "grande líder" da Alemanha. Mas sua ascensão ao status de estrela na cena política de Munique — ao lado da Hofbräuhaus, a única curiosidade notável da cidade, como disse um jornal — significava que indivíduos de círculos sociais bem distintos do dele começavam a se interessar bastante por Hitler.

Dois entre eles eram recém-convertidos ao partido que poderiam abrir novos contatos úteis para Hitler. Kurt Lüdecke, um playboy, ex-jogador e aventureiro comercial, bem relacionado, "homem do mundo" viajado, estava "procurando por um líder e uma causa" quando ouviu pela primeira vez Hitler falar, no comício das "associações patrióticas" realizado em Munique, em agosto de 1922. Lüdecke ficou fascinado. "Minha faculdade crítica foi levada de roldão", escreveu mais tarde. "Ele mantinha as massas — e eu também — sob um encanto hipnótico pela pura força de sua convicção. [...] Seu apelo à virilidade alemã era como um chamado às armas, o evangelho que pregava, uma verdade sagrada. Parecia um novo Lutero. [...] Senti uma exaltação que só poderia ser comparada a uma conversão religiosa. [...] Eu encontrara a mim mesmo, meu líder e minha causa." Segundo seu relato, Lüdecke fez uso de suas conexões para promover o prestígio de Hitler junto ao general Ludendorff, um herói de guerra desde que rechaçara o avanço da Rússia na Prússia Oriental em 1914, ditador de fato da Alemanha nos dois últimos anos da guerra e agora uma figura de destaque da direita radical, cujo nome sozinho já era suficiente para abrir novas portas a Hitler. Ele também elogiou Hitler para o ex-chefe de polícia de Munique e para Ernst Pöhner, um importante simpatizante e protetor dos nazistas. No exterior, Lüdecke conseguiu estabelecer contatos, logo antes da Marcha sobre Roma, com Mussolini (que até então nunca ouvira falar de Hitler) e, em 1923, com Gömbös e outras figuras de proa da Hungria. Suas contas em bancos estrangeiros e as apreciáveis doações que conseguiu no exterior foram valiosas para o partido durante a hiperinflação de 1923. Ele também equipou e alojou com recursos próprios toda uma comitiva da tropa de choque. No entanto, muitos dos contatos bem posicionados de Lüdecke se irritaram com seu constante proselitismo

em prol do NSDAP e se afastaram dele. No partido, não conseguia superar a aversão e a desconfiança. Chegou a ser denunciado à polícia como espião francês por Max Amann e encarcerado sob falsas acusações por dois meses. No fim de 1923, Lüdecke já havia gasto quase toda a sua renda em benefício do partido.

O segundo, ainda mais útil, foi Ernst "Putzi" Hanfstaengl, homem de 1,93 metro de altura, culto, de ascendência parcialmente americana — sua mãe, uma Sedgwick-Heine, descendia de um coronel que lutara na Guerra Civil —, pertencente a uma família de marchands de alta classe média, formado em Harvard, sócio de uma editora de arte e extremamente bem relacionado na alta sociedade de Munique. Tal como Lüdecke, sua primeira experiência com Hitler foi ouvi-lo discursar. Hanfstaengl ficou muito bem impressionado com seu poder de dominar as massas. "Muito além de sua retórica eletrizante", escreveu depois, "esse homem parecia possuir o dom raro de juntar o anseio gnóstico da época por uma figura de líder forte com sua reivindicação missionária e sugerir nessa fusão que toda esperança e expectativa concebível era capaz de se realizar — um espetáculo espantoso de influência sugestiva sobre a psique da massa." Hanfstaengl ficou claramente fascinado pelo subalterno e pequeno-burguês Hitler, com seu terno azul surrado, a aparência a meio caminho entre um oficial não comissionado e um amanuense, com maneirismos desajeitados, mas possuidor de uma grande energia de orador quando se dirigia a uma plateia de massa. Em parte, Hanfstaengl continuou a desdenhar de Hitler — sobretudo de seus juízos simplórios e cheios de clichês sobre arte e cultura (área em que Hanfstaengl estava realmente em casa e Hitler era apenas um sabichão opiniático). Na primeira visita de Hitler à sua casa, "seu uso desajeitado de garfo e faca traiu sua origem", escreveu, de forma um tanto esnobe, o anfitrião. Ao mesmo tempo, Putzi estava obviamente cativado por aquele "virtuoso nos teclados da psique da massa". Ficou estarrecido ao ver Hitler pôr açúcar num vinho fino que lhe havia oferecido. Mas acrescentou: "ele poderia ter posto pimenta, pois cada ato ingênuo dele aumentava minha crença em sua sinceridade tosca".

Logo Hitler passou a ser um convidado habitual na casa de Hanfstaengl, onde se empanturrava de tortas e fazia a corte a Helene, a atraente esposa do anfitrião, em seu estilo vienense graciosamente antiquado. Ela não se perturbou com as atenções dele. "Creia-me, ele não é um homem, é um neutro absoluto", disse ao marido. O

próprio Putzi acreditava, sem nenhuma certeza, que ele era sexualmente impotente e obtinha uma gratificação vicária de sua relação com as massas "femininas". Hitler ficou fascinado com a habilidade de pianista de Hanfstaengl, em especial de sua capacidade de tocar Wagner. Acompanhava Putzi assobiando a melodia, marchando para lá e para cá, sacudindo os braços como um regente de orquestra, visivelmente relaxado nesse processo. Gostava de Hanfstaengl — e mais ainda da esposa dele. Mas o critério, como sempre, era a utilidade. E Hanfstaengl era, sobretudo, útil. Ele tornou-se uma espécie de "secretário social" que facilitava sua entrada em círculos muito diferentes dos pequenos-burgueses vulgares de sua roda, que se reuniam todas as segundas-feiras no Café Neumaier.

Helene Hanfstaengl o apresentou a Frau Elsa Bruckmann, esposa do editor Hugo Bruckmann, um simpatizante do pangermanismo e antissemita que havia publicado as obras de Houston Stewart Chamberlain. Mas os modos insinuantes e a ingenuidade social de Hitler provocaram o instinto maternal dela. Não está claro se foi o desejo de lhe dar alguma proteção contra seus inimigos que a persuadiu a lhe presentear com um dos chicotes de cachorro que ele levava sempre consigo. (Estranhamente, seu outro chicote — o primeiro que possuiu — fora-lhe dado por uma protetora rival, Frau Helene Bechstein, enquanto um terceiro relho feito de couro de hipopótamo, que usaria mais tarde, lhe foi dado por Frau Büchner, a dona do Platterhof, hotel em que ficava no Obersalzberg.) Todos que eram alguém em Munique seriam convidados, em algum momento, para as *soirées* de Frau Bruckmann, princesa romena de nascimento, de tal forma que Hitler entrou em contato com industriais, membros do Exército e da aristocracia e professores universitários. Com seu chapéu de gângster e capa de chuva sobre o smoking, exibindo uma pistola e carregando como sempre seu chicote, fazia uma figura bizarra nos *salons* da alta sociedade de Munique. Mas a própria excentricidade de vestuário e seus maneirismos exagerados — a excessiva polidez afetada de alguém consciente de sua inferioridade social — faziam com que fosse tratado como uma atração por anfitriões e convidados condescendentes. Sua inépcia social, frequentemente encoberta pelo silêncio ou pela tendência a monólogos, e ao mesmo tempo a consciência do sucesso público que podia ser vista em seu rosto faziam dele um excêntrico e lhe imprimiam um valor de curiosidade para os pilares cultos e abastados do establishment.

De vez em quando, Hitler também era convidado do editor Lehmann, velho simpatizante do partido. E a esposa do fabricante de pianos Bechstein — a quem foi apresentado por Eckart — era outra "mãe" para ele, além de emprestar ao partido suas joias para servir de garantia ao empréstimo de 60 mil francos suíços que Hitler tomou de um negociante de café de Berlim, em setembro de 1923. Os Bechstein, que geralmente passavam o inverno na Baviera, costumavam convidar Hitler para sua suíte no Bayerischer Hof, ou para sua residência de campo, perto de Berchtesgaden. Por intermédio deles, foi apresentado ao círculo de Wagner, em Bayreuth. Ele ficou petrificado na primeira visita, em outubro de 1923, ao santuário de seu herói máximo na Haus Wahnfried, onde andou na ponta dos pés ao redor dos antigos bens de Richard Wagner na sala de música e biblioteca, "como se estivesse vendo relíquias numa catedral". Os Wagner formaram opiniões contraditórias sobre seu convidado insólito, que viera com aparência "um tanto comum", em seu tradicional traje bávaro de calções de couro, meias grossas de lã, camisa xadrez azul-vermelha e um paletó azul mal ajustado. Winifred, a esposa inglesa de Siegfried, filho de Wagner, achou que ele estava "destinado a ser o salvador da Alemanha". Já Siegfried viu nele "uma fraude e um arrivista".

O crescimento rápido do partido na segunda metade de 1922, e especialmente em 1923, que fez dele uma força política em Munique, as conexões mais estreitas com as "associações patrióticas" e os contatos sociais mais amplos que surgiam agora significavam que os recursos chegavam com mais facilidade ao NSDAP do que nos primeiros anos. Agora, como mais tarde, as finanças partidárias dependiam muito das mensalidades dos membros, bem como das entradas e coletas nos comícios. Quanto mais gente comparecia aos discursos, mais membros eram recrutados e mais receita entrava nos cofres do partido, possibilitando a realização de mais comícios. A propaganda financiava a propaganda.

Mas, mesmo assim, era difícil cobrir as altas despesas e obter fundos num período de inflação galopante. Havia uma bonificação para doações feitas em moeda estrangeira. Lüdecke e Hanfstaengl, como já observamos, foram úteis nesse sentido. Hanfstaengl também financiou, com um empréstimo sem juros de mil dólares — uma fortuna na Alemanha hiperinflacionada —, a compra de duas prensas rotativas que permitiram ao *Völkischer Beobachter* sair em formato maior, no estilo americano. Rumores sobre as finanças do partido, alguns totalmente

despropositados, eram repetidamente postos em circulação na imprensa pelos oponentes. Ainda assim, a investigação oficial feita em 1923 revelou quantias consideráveis levantadas junto a uma crescente variedade de doadores.

Um intermediário importante era Max Erwin von Scheubner-Richter, nascido em Riga, poliglota, com serviços diplomáticos prestados na Turquia durante a guerra e depois aprisionado durante um tempo pelos comunistas em seu retorno ao Báltico. Após a guerra, participou do golpe de Kapp e depois, como muitos contrarrevolucionários, foi para Munique, onde entrou para o NSDAP no outono de 1920. Figura significativa, ainda que obscura, do começo do Partido Nazista, usou suas excelentes conexões com os emigrados russos, como a princesa Alexandra, esposa do príncipe Kyrill, herdeiro do trono russo, para obter fundos direcionados para Ludendorff e, através dele, desviados em parte para o NSDAP. Outros membros da aristocracia, como Frau Gertrud von Seidlitz, que tinha ações e participações societárias no exterior, também contribuíam para os fundos nazistas. Quase com certeza, Hitler foi cobeneficiário (embora provavelmente minoritário) de uma generosa doação de 100 mil marcos ouro a Ludendorff, feita por Fritz Thyssen, o herdeiro das famosas siderúrgicas no Ruhr. Mas os maiores industriais alemães, com exceção de Ernst von Borsig, presidente da empresa de construção de máquinas e locomotivas de Berlim, mostraram pouco interesse direto pelos nazistas nesse momento. Investigações policiais, que não foram conclusivas, sugeriram que Borsig e os fabricantes de automóveis Daimler estavam entre outras firmas que contribuíam para o partido. Alguns industriais e homens de negócios bávaros também foram persuadidos por Hitler a fazer doações ao movimento.

Fundos valiosos também foram obtidos no exterior. O antimarxismo e a esperança que uma Alemanha forte servisse de baluarte contra o bolchevismo eram motivos suficientes para essas doações. As instalações novas do *Völkischer Beobachter* foram financiadas com coroas tchecas. Uma conexão importante com fundos suíços era proporcionada pelo dr. Emil Gansser, um químico de Berlim e apoiador dos nazistas desde os primeiros tempos, que mediou uma doação de 33 mil francos suíços de direitistas daquele país. Outras doações suíças vieram após uma visita do próprio Hitler a Zurique, no verão de 1923. E, de círculos direitistas da arqui-inimiga França, 90 mil marcos ouro foram entregues ao capitão Karl Mayr, o primeiro patrocinador de Hitler, e dele para as “associações patrióticas”. Podemos

presumir que o NSDAP estava entre os beneficiários. Além das doações em dinheiro, Röhm cuidava para que a SA e outras organizações paramilitares estivessem bem munidas de equipamentos e armas em seu arsenal secreto. Por mais apoio financeiro que houvesse, seria muito difícil tentar um golpe armado sem os suprimentos de Röhm.

Em novembro de 1922, já circulavam rumores de que Hitler planejava um putsch. Em janeiro de 1923, na atmosfera explosiva que se seguiu à entrada dos franceses no Ruhr, esses rumores eram ainda mais fortes em Munique. A crise, sem a qual Hitler não teria sido nada, aprofundava-se dia a dia. Em sua esteira, o movimento nazista expandia-se rapidamente. Cerca de 35 mil pessoas adeririam entre fevereiro e novembro de 1923, compondo um total de 55 mil nas vésperas do golpe. Os novos adeptos vinham de todas as camadas da sociedade. Cerca de um terço era composto de trabalhadores, um décimo ou mais vinha da classe média alta e de profissionais liberais, porém mais da metade pertencia à classe média baixa — pequenos ofícios, comerciantes, funcionários e agricultores. A maioria entrara para o partido por protesto, raiva e amargura com a crise econômica e política. O mesmo valia para os milhares que ingressavam na SA. Hitler obtivera o apoio deles prometendo-lhes ação. Os sacrifícios da guerra seriam vingados. A revolução seria derrubada. Ele não poderia segurá-los no ponto da fervura por muito tempo sem desencadear essa ação. A tendência de ir para o "tudo ou nada" não era apenas um traço do caráter de Hitler: ela estava incrustada na natureza de sua liderança, de seus objetivos políticos e do partido que liderava. Mas Hitler não estava no controle dos acontecimentos que se desenrolaram em 1923. Tampouco era, antes de 8 de novembro, o ator principal do drama. Sem a disposição de figuras e organizações poderosas para pensar em um golpe contra Berlim, ele não teria um palco para agir de forma tão desastrosa. Seu papel, suas ações — e reações — precisam ser vistas sob essa luz.

III

O incessante bombardeio de propaganda de Hitler contra o governo foi quase minado por um evento que provocou a unidade nacional em janeiro de 1923: a ocupação francesa do Ruhr. Nessa ocasião, pelo menos, o governo do Reich parece ter agido com firmeza — e com apoio popular de massa — com sua campanha de "resistência passiva" contra a ocupação. Atacar o governo de Berlim naquela conjuntura não parecia promissor. Impávido, Hitler viu na ocupação francesa uma chance de obter vantagem. Como de costume, continuou numa ofensiva de propaganda.

No mesmo dia da entrada dos franceses no Ruhr, falou para um Circus Krone lotado. "Abaixo os criminosos de novembro" era o título de seu discurso. Não era a primeira vez que usava a expressão "criminosos de novembro" para descrever os revolucionários social-democratas de 1918. Mas, a partir de então, o slogan raramente estaria longe de seus lábios. Mostrava a linha que adotaria em relação à ocupação do Ruhr. O verdadeiro inimigo estava dentro do país. Marxismo, democracia, parlamentarismo, internacionalismo e, é claro, por trás de tudo isso, o poder dos judeus eram os culpados da situação de indefesa nacional que permitia aos franceses tratar a Alemanha como uma colônia.

A ofensiva de propaganda foi intensificada com as preparações para o primeiro Congresso Nacional do NSDAP, marcado para os dias 27-9 de janeiro em Munique. Isso provocou um confronto com o governo bávaro, tão assustado com os rumores de golpe que declarou estado de emergência na cidade, em 26 de janeiro, e tão fraco que carecia de poder para fazer valer sua proibição do evento. Nos comícios realizados durante o congresso, Hitler pôde uma vez mais parecer autoconfiante, certo do sucesso, diante da massa de adeptos. O congresso fora pensado na forma de uma homenagem ritual ao "líder do movimento de liberdade alemão". Iniciava-se o culto da liderança, criado conscientemente para manter a coesão máxima dentro do partido. De acordo com uma notícia de jornal, Hitler foi recebido "como um salvador" quando entrou no Festsaal da Hofbräuhaus, para um de seus doze discursos da noite de 27 de janeiro. Na mesma noite, na atmosfera febril do Löwenbräukeller, ele também foi recebido como herói ao entrar atrasado de propósito no salão, protegido por seus guarda-costas, braços estendidos na

saudação — provavelmente copiada dos fascistas italianos (e por eles da Roma imperial) —, o que se tornaria padrão no movimento em 1926.

A concentração quase exclusiva de Hitler na propaganda não era a posição de Röhm, cuja ênfase nas atividades paramilitares representava uma ameaça latente à autoridade de Hitler. No início de fevereiro, Röhm fundou um Grupo de Trabalho das Associações de Luta Patriótica (Arbeitsgemeinschaft der Vaterländischen Kampfverbände) que compreendia, além da SA, a Bund Oberland, Reichsflagge, Wikingbund e Kampfverband Niederbayern. O controle militar direto estava nas mãos do tenente-coronel Hermann Kriebel, que fora chefe de estado-maior da Einwohnerwehr na Baviera. As formações eram treinadas pela Reichswehr bávara — não para incorporação em alguma defesa contra outras invasões francesas ou belgas (ameaças que estavam em queda), mas evidentemente para a eventualidade de um conflito com Berlim. Uma vez subsumida nessa organização guarda-chuva, a SA estava longe de ser o maior grupo paramilitar e pouco se distinguia das outras. Numa organização puramente militar, ela tinha apenas um papel subordinado. A conversão da SA em uma organização paramilitar que não era dirigida nem estava sob o controle de Hitler não era de seu agrado. Mas não havia nada que pudesse fazer. Porém, ele foi empurrado para o primeiro plano da liderança política da Comunidade Trabalhadora por Röhm, que lhe pediu para definir os objetivos políticos da entidade. Com efeito, Hitler circulava agora em altas-rodas. No início de 1923, Röhm o pôs em contato com ninguém menos que o chefe do Comando do Exército da Reichswehr, o general Hans von Seeckt — que não se impressionou com o demagogo de Munique, nem se dispôs a se comprometer com suas exigências de ação radical no conflito do Ruhr. Röhm também disse ao novo comandante da Baviera, general Otto Hermann von Lossow, que o movimento de Hitler, com seu objetivo de conquistar os trabalhadores para a causa nacional, oferecia o melhor potencial para montar uma "frente de luta patriótica" para derrubar a revolução de novembro.

Ligada a todas as linhagens de política paramilitar nacionalista, embora não dirigisse abertamente nenhuma, estava a figura do general Ludendorff, considerado por muitos o líder simbólico da direita nacionalista radical. O ex-herói de guerra voltara do exílio na Suécia em fevereiro de 1919 e passara a residir em Munique. Seu nacionalismo *völkisch* radical, a aversão à nova república e a defesa

proeminente da lenda da "punhalada nas costas" já o haviam posto no centro da corrente pangermanista, dado a ele uma participação marginal no golpe de Kapp e agora o conduziam para uma estreita colaboração com a direita extremista contrarrevolucionária, para quem sua reputação e sua posição eram um trunfo notável. A estufa da política *völkisch* e paramilitar de Munique proporcionava o cenário no qual o famoso general, chefe do serviço de intendência, virtual ditador da Alemanha e principal força motora do esforço de guerra entre 1916 e 1918, podia entrar em contato estreito e colaboração direta com o ex-cabo de Exército Adolf Hitler. Ainda mais notável seria a rapidez com que, no novo mundo da agitação política com o qual o general estava mal sintonizado, o ex-cabo viria a eclipsar seu ex-comandante militar e se tornar o principal porta-voz da direita radical.

A política paramilitar da primavera de 1923, na esteira da ocupação francesa do Ruhr, era confusa e cheia de conflitos e intrigas. Mas graças, em larga medida, às manobras de Röhm, Hitler, o agitador de cervejaria, foi levado à arena das discussões de alto nível com as mais altas lideranças militares e paramilitares, não somente da Baviera, mas do Reich. Ele estava agora num jogo de grandes apostas. Mas não podia controlar as jogadas dos outros jogadores mais poderosos, que tinham suas próprias pautas. Sua agitação constante podia mobilizar apoio por um tempo, mas não podia manter um clima febril indefinidamente. Era preciso ação. A impaciência de Hitler, sua posição de "tudo ou nada" não era apenas uma questão de temperamento.

Os militantes, como Hitler reconheceu mais tarde, não podiam ser mantidos num estado de tensão indefinida sem alguma liberação. Ele propôs uma manifestação nacional do Dia do Trabalho e um ataque armado aos "vermelhos". Cada vez mais alarmada com a perspectiva de perturbações graves, a polícia de Munique revogou sua permissão para a parada de rua da esquerda e permitiu somente uma manifestação limitada no espaçoso Theresienwiese, perto do centro da cidade. Os rumores de um golpe de esquerda, postos em circulação quase com certeza pela direita, serviram de pretexto para uma "defesa" dos organismos paramilitares. Eles exigiam "suas" armas de volta da custódia da Reichswehr. Mas, na tarde de 30 de abril, numa reunião com líderes paramilitares, Lossow, preocupado com o perigo de um golpe da *direita*, recusou-se a entregar os armamentos. Hitler, com raiva cega, acusou Lossow de romper a confiança. Mas

não havia nada a ser feito. Ele confiara demasiadamente. E dessa vez, ao menos, as autoridades estatais permaneceram firmes. Tudo o que pôde ser salvo foi uma reunião na manhã seguinte de cerca de 2 mil homens das formações paramilitares — cerca de 1300 deles eram nacional-socialistas — no Oberwiesenfeld, na área dos quartéis ao norte da cidade, bem longe da manifestação do Dia do Trabalho e firmemente cercada por um cordão policial. Os exercícios inofensivos realizados com armas distribuídas do arsenal de Röhm não eram substitutos para o ataque planejado à esquerda. Depois de ficarem por ali desde o amanhecer segurando seus rifles e encarando a polícia, os homens devolveram as armas por volta das duas da tarde e se dispersaram. Muitos já tinham ido embora. A maioria reconheceu que os eventos do Dia do Trabalho foram um severo constrangimento para Hitler e seus seguidores.

A confusão do Dia do Trabalho deveria ter mostrado ao governo que uma ação firme e resoluta poderia derrotar Hitler. Mas, àquela altura, o governo bávaro já havia descartado qualquer possibilidade de trabalhar com as forças democráticas da esquerda. Estava em permanente disputa com o governo do Reich e não tinha controle efetivo sobre os comandantes de seu Exército, que faziam um jogo próprio. Não surpreende que, nesse contexto, fosse fustigado de todas as direções. Incapaz de enfrentar o problema da direita radical porque lhe faltavam vontade e poder para isso, o governo bávaro permitiu ao movimento de Hitler espaço para se recuperar do revés temporário do Primeiro de Maio.

Mas, sobretudo, a lição daquele dia foi que Hitler era impotente sem o apoio da Reichswehr. Em janeiro, quando o Congresso do Partido fora proibido, e depois liberado, a permissão de Lossow dera a Hitler a chance de escapar do golpe a seu prestígio. Depois, em 1o de maio, a recusa de Lossow evitara seu planejado triunfo de propaganda. Privada de sua força vital — escoadouro periódico de sua propaganda —, a principal base da eficácia de Hitler teria sido minada. Mas a Reichswehr bávara continuaria a ser, em larga medida, uma variável independente na equação da política da Baviera na segunda metade de 1923. E a atitude, em parte conciliadora, em parte vacilante, das autoridades bávaras em relação à direita radical, movida por um feroz antissocialismo ligado a seu antagonismo a Berlim, garantiu que o ímpeto do movimento de Hitler não fosse prejudicado seriamente pelos eventos do Dia do Trabalho. Com efeito, Hitler poderia ter sido tirado de

circulação por até dois anos se fossem levadas adiante as acusações de violação da ordem pública relacionadas com os incidentes daquele dia. Mas o ministro da Justiça da Baviera, Franz Gürtner, cuidou para que o inquérito jamais chegasse a uma acusação formal — depois que Hitler ameaçou revelar detalhes da cumplicidade da Reichswehr no treinamento e armamento dos paramilitares na preparação de uma guerra contra a França — e o assunto foi esquecido.

De sua parte, Hitler pouco se abateu e continuou sua agitação incansável contra os "criminosos de novembro" durante o verão de 1923. A feroz animosidade em relação a Berlim, que proporcionava um laço entre setores da direita que de outro modo seriam concorrentes, assegurava que sua mensagem de ódio e vingança contra inimigos tanto externos quanto internos sempre tivesse plateia. Somente ele era capaz de encher o cavernoso Circus Krone. Entre maio e começo de agosto, fez cinco comícios lotados naquele lugar e falou em dez reuniões do partido em outros lugares da Baviera. Mas, para que as palavras fossem seguidas de fatos, ele dependia dos outros. Sobretudo, precisava do apoio da Reichswehr — e também da cooperação das outras organizações paramilitares. Mas, no reino da política paramilitar, ele não era um agente livre. Certamente, novos membros continuaram a entrar em massa na SA durante o verão. No entanto, após o constrangimento de maio, Hitler foi menos proeminente por um tempo e até se retirou um pouco no fim de maio, para ficar com Dietrich Eckart num pequeno hotel de Berchtesgaden. Entre os membros dos vários ramos das "associações patrióticas", Ludendorff, e não Hitler, era considerado o símbolo da "luta nacional". Nesse campo, Hitler era somente um dos vários porta-vozes. No caso de desacordo, ele também tinha de se curvar à superioridade de Ludendorff.

O antigo herói da Grande Guerra assumiu o centro do palco no *Deutscher Tag* (Dia Alemão) em Nuremberg, em 1-2 de setembro de 1923, um comício-monstro — a polícia calculou em 100 mil as pessoas presentes — de forças paramilitares nacionalistas e associações de veteranos, marcado para coincidir com o aniversário da vitória da Alemanha sobre a França na batalha de Sedan, em 1870. Ao lado da Reichsflagge, os nacional-socialistas estavam particularmente bem representados. O enorme espetáculo de propaganda possibilitou que Hitler, o mais eficaz dos oradores, reparasse os danos que sua reputação sofrera em maio. Durante as duas horas de desfile das formações, ele ficou no pódio ao lado do general Ludendorff,

do príncipe Ludwig Ferdinand da Baviera e do chefe militar das "associações patrióticas", tenente-coronel Kriebel.

O resultado do comício foi a união do NSDAP, da Bund Oberland e da Reichsflagge na recém-fundada Deutscher Kampfbund (Liga de Combate Alemã). Enquanto Kriebel assumia a liderança militar, Scheubner-Richter, um homem de Hitler, se tornava o gerente de negócios. Três semanas depois, graças às maquinações de Röhm, foi dada a Hitler, com a concordância dos chefes das outras organizações paramilitares, a "liderança política" da Kampfbund.

O que isso significava na prática não estava totalmente claro. Hitler não era um ditador na organização guarda-chuva. E, se é que havia ideias precisas sobre um futuro ditador na "Alemanha vindoura", essa posição cabia a Ludendorff. Para Hitler, "liderança política" parece ter indicado a subordinação da política paramilitar à construção de um movimento revolucionário de massa por meio da propaganda nacionalista e da agitação. Mas, para os líderes das formações, a "primazia do soldado" — os profissionais como Röhm e Kriebel — era o que ainda contava. Hitler era considerado uma espécie de "instrutor político". Ele era capaz de provocar os sentimentos das massas como ninguém. Afora isso, não tinha uma ideia clara sobre como alcançar o poder. Era preciso cabeças mais frias para isso. Como deixava claro o Programa de Ação da Kampfbund, traçado por Scheubner-Richter em 24 de setembro, a "revolução nacional" na Baviera tinha de vir depois, e não preceder à conquista do Exército e da polícia, as forças que sustentavam o poder do Estado. Scheubner-Richter concluía que era necessário tomar a polícia de um modo formalmente legal, colocando líderes da Kampfbund na chefia do Ministério do Interior da Baviera e da polícia de Munique. Hitler, tal como seus parceiros na Kampfbund, sabia que uma tentativa de golpe com oposição das forças militares e policiais locais tinha pouca chance de êxito. Mas, por enquanto, sua abordagem, como sempre, era manter uma ofensiva de propaganda contra o governo bávaro. Sua posição dentro da Kampfbund garantia que a pressão para agir — mesmo sem uma estratégia clara para as medidas práticas necessárias para obter o controle do Estado — não diminuiria.

IV

A crise era o oxigênio de Hitler. Ele precisava dela para sobreviver. E a deterioração das condições na Alemanha (com sua característica específica na Baviera), enquanto o verão se transformava em outono e a moeda sofria um colapso total sob o impacto da política de "resistência passiva", garantia um crescente atrativo para o tipo de agitação que ele promovia. Quando ele assumiu a liderança política da Kampfbund, a crise causticante da Alemanha caminhava para seu desfecho.

O país estava falido, sua moeda, arruinada. A inflação entrara numa espiral maluca. Especuladores e aproveitadores prosperavam. Mas as consequências materiais da hiperinflação para as pessoas comuns eram devastadoras e os efeitos psicológicos, incalculáveis. Economias de uma vida inteira desapareciam em poucas horas. Apólices de seguro não valiam o papel em que estavam escritas. Aqueles que viviam de pensão e de rendas fixas viram sua única fonte de sustento se dissolver na inutilidade. Os trabalhadores foram menos atingidos. Os patrões, ansiosos por evitar a agitação social, concordaram com os sindicatos em indexar os salários ao custo de vida. Mesmo assim, não surpreende que o descontentamento maciço tenha provocado uma forte radicalização política tanto à esquerda como à direita.

A reação imediata da Baviera ao fim da resistência passiva em 26 de setembro foi proclamar estado de emergência e fazer do cavaleiro Gustav von Kahr comissário-geral do Estado, com poderes quase ditatoriais. O Reich reagiu com a declaração de estado de emergência geral e a concessão de poderes emergenciais à Reichswehr. Um dos primeiros atos de Kahr foi proibir — em meio a renovados rumores de golpe — os catorze comícios que o NSDAP havia programado para a noite de 27 de setembro. Hitler ficou louco de raiva. Sentia-se iludido pela manobra em favor de Kahr e estava certo de que o chefe do Estado bávaro não era o homem para liderar uma revolução nacional. Ao lado de seus ataques ao governo do Reich por trair a resistência nacional — uma linha contrária, embora mais popular àquela que havia adotado anteriormente em favor da resistência passiva —, Hitler voltou seu fogo contra Kahr.

As semanas seguintes à nomeação de Kahr foram cheias de tramas, intrigas e tensão, o que levou a uma agitação extrema. A polícia de Munique registrou uma

piora do humor em setembro, e buscou uma saída por meio da ação. Mas as reuniões políticas não tinham uma grande plateia em virtude dos preços altos da entrada e da cerveja. Somente os nazistas conseguiam encher as cervejarias. Enquanto continuavam a circular rumores de um golpe vindouro, havia um sentimento de que algo aconteceria em breve.

Hitler estava sob pressão para agir. O líder do regimento da SA de Munique, Wilhelm Brückner, lhe disse: "Está chegando o dia em que não poderei mais segurar minha gente. Se não acontecer nada agora, os homens vão cair fora". Scheubner-Richter disse mais ou menos o mesmo: "Para manter os homens unidos, precisamos finalmente fazer alguma coisa. Senão eles se tornarão radicais da esquerda". O próprio Hitler usou argumento quase idêntico com o chefe da Landespolizei, coronel Hans von Seißer, no início de novembro: "As pressões econômicas impulsionam nossa gente, de tal modo que, ou agimos, ou nossos seguidores passarão para o lado dos comunistas". De qualquer modo, o instinto de Hitler era forçar a questão o mais rápido possível. As circunstâncias favoráveis da crise abrangente não poderiam durar para sempre. Ele estava decidido a não se deixar superar por Kahr. Seu prestígio desapareceria se nada fosse tentado e o entusiasmo se dissipasse, ou se o movimento fosse intimidado de novo, como o fora no Primeiro de Maio.

Porém, as cartas não estavam em suas mãos. Kahr e os dois outros membros do triunvirato que efetivamente governava a Baviera (o chefe da polícia estadual, Seißer, e o comandante da Reichswehr, Lossow) tinham sua agenda própria, que diferia em detalhes significativos daquela da liderança da Kampfbund. Em amplas negociações com contatos no norte da Alemanha, realizadas ao longo de outubro, o triunvirato buscava instalar uma ditadura nacionalista em Berlim baseada num diretório, com ou sem Kahr como membro, mas certamente sem a inclusão de Ludendorff ou Hitler, e sustentada pelo apoio da Reichswehr. A liderança da Kampfbund, por sua vez, queria um diretório em Munique, centrado em Ludendorff e Hitler, certamente sem Kahr, que tomaria Berlim pela força. E, enquanto Lossow dava por certo que qualquer movimento contra o governo de Berlim seria realizado pelas forças militares, a Kampfbund presumia que seria uma operação paramilitar, com o apoio da Reichswehr. Se fosse necessário, declarou o tenente-coronel Kriebel, líder militar da Kampfbund, eles até resistiriam a tentativas

do governo bávaro de usar a força armada contra as "associações patrióticas". Hitler fez o melhor que pôde para conquistar Lossow e Seißer, submetendo este último, no dia 24 de outubro, a uma preleção de quatro horas sobre seus objetivos. Nenhum dos dois foi persuadido a entrar no jogo da Kampfbund, embora a posição de Lossow — principal responsável pela ordem na Baviera — fosse ambígua e hesitante.

No início de novembro, Seißer foi enviado a Berlim para realizar negociações em nome do triunvirato com vários contatos importantes, especialmente com Seeckt. O chefe da Reichswehr deixou claro na reunião de 3 de novembro que não agiria contra o governo legal de Berlim. Com isso, quaisquer planos do triunvirato foram efetivamente aniquilados. Numa reunião crucial realizada três dias depois em Munique com os chefes das "associações patrióticas", inclusive Kriebel, da Kampfbund, Kahr advertiu as "associações patrióticas" — querendo dizer a Kampfbund — contra alguma ação independente. Qualquer tentativa de impor um governo nacional em Berlim tinha de ser unificada e seguir planos preparados. Lossow declarou que apoiaria uma ditadura de direita se as chances de sucesso fossem de 51%, mas não se envolveria com um golpe mal planejado. Seißer também enfatizou seu apoio a Kahr e sua disposição de reprimir um golpe pela força. Era óbvio que o triunvirato não estava disposto a agir contra Berlim.

Hitler sentiu a situação escorrendo-lhe entre os dedos. Não estava disposto a esperar mais e arriscar a perder a iniciativa. Estava claro, agora como antes, que um golpe só teria sucesso com o apoio do Exército e da polícia. Mas ele estava decidido a não protelar mais.

Na noite de 6 de novembro, numa reunião com Scheubner-Richter, Theodor von der Pfordten (um membro da corte suprema da Baviera e figura obscura nos círculos nazistas anteriores ao putsch) e provavelmente outros conselheiros (embora não se tenha certeza disso), ele decidiu agir na esperança, mais do que na certeza, de forçar o triunvirato a apoiar o golpe. A decisão de atacar foi confirmada no dia seguinte, 7 de novembro, numa reunião dos líderes da Kampfbund. Após muita discussão, o plano de Hitler foi adotado. Decidiram que o ataque seria feito no dia seguinte, 8 de novembro, quando todas as figuras proeminentes de Munique estariam reunidas na Bürgerbräukeller, uma das enormes cervejarias da cidade, para ouvir um discurso de Kahr no quinto aniversário da Revolução de Novembro,

que denunciaria veementemente o marxismo. Diante do comício de Kahr, Hitler viu-se obrigado a agir. Se a Kampfbund quisesse liderar a "revolução nacional", não havia outra coisa a fazer senão agir por iniciativa própria imediatamente. Muito depois, Hitler declarou: "Nossos oponentes pretendiam proclamar uma revolução bávara por volta de 12 de novembro [...]. Tomei a decisão de atacar quatro dias antes".

Havia meia hora que Kahr lia seu discurso preparado para as cerca de 3 mil pessoas que lotavam a Bürgerbräukeller quando, por volta das 20h30, ocorreu um distúrbio na entrada. Kahr interrompeu o discurso. Um grupo de homens com capacetes de aço apareceu. A tropa de choque de Hitler havia chegado. Uma pesada metralhadora foi empurrada para dentro do salão. As pessoas estavam de pé sobre as cadeiras tentando ver o que estava acontecendo enquanto Hitler avançava pelo salão, acompanhado por dois guarda-costas armados, com as pistolas apontando para o teto. Ele subiu numa cadeira, mas, como não conseguia se fazer ouvir em meio ao tumulto, sacou sua pistola Browning e deu um tiro para o alto. Anunciou então o início da revolução nacional e que a cervejaria estava cercada por seiscentos homens armados. Se houvesse confusão, traria uma metralhadora para a galeria. O governo bávaro estava deposto; um governo provisório do Reich seria formado. Foi nesse momento, por volta das 20h45, que Hitler solicitou — embora se tratasse realmente de uma ordem — que Kahr, Lossow e Seißer o acompanhassem até a sala contígua. Garantiu-lhes a segurança. Após alguma hesitação, eles obedeceram. Houve um tumulto no salão, mas Göring conseguiu finalmente fazer-se ouvir. Disse que a ação não era dirigida contra Kahr nem contra o Exército e a polícia. As pessoas deveriam ficar calmas e permanecer em seus lugares. "Tomem suas cervejas", acrescentou. Isso acalmou um pouco as coisas.

Na sala ao lado, Hitler anunciou, enquanto sacudia sua pistola, que ninguém sairia sem sua permissão. Declarou a formação de um novo governo do Reich, chefiado por ele mesmo. Ludendorff ficaria com o comando do Exército nacional, Lossow seria ministro da Reichswehr, Seißer, ministro da Polícia, o próprio Kahr seria chefe de Estado como regente (*Landesverweser*) e Pöhner seria ministro presidente, com poderes ditatoriais na Baviera. Pediu desculpas por acelerar o ritmo, mas era preciso: tinha de forçar o triunvirato a agir. Se as coisas dessem erradas, tinha quatro balas em sua pistola: três para seus colaboradores, a última

para ele mesmo.

Hitler retornou ao salão depois de cerca de dez minutos, em meio a novo tumulto. Repetiu as garantias de Göring de que a ação não se dirigia contra a polícia e a Reichswehr, mas "unicamente contra o governo judeu de Berlim e os criminosos de novembro de 1918". Apresentou suas propostas para os novos governos de Berlim e Munique, mencionando agora Ludendorff como "líder e chefe com poderes ditatoriais do Exército nacional alemão". Disse à multidão que as coisas estavam demorando mais do que ele havia previsto: "Lá fora estão Kahr, Lossow e Seißer. Estão batalhando para chegar a uma decisão. Posso dizer a eles que vocês os apoiarão?". Quando a multidão gritou sua aprovação, Hitler, com seu pronunciado sentido teatral, anunciou em termos emocionais: "Uma coisa posso dizer a vocês: ou a revolução alemã começa esta noite, ou estaremos todos mortos ao amanhecer!". Quando terminou seu curto discurso, o clima na cervejaria havia mudado completamente a seu favor.

Passara-se cerca de uma hora desde a entrada de Hitler no salão quando ele, Ludendorff (que nesse meio-tempo havia chegado, vestido com uniforme completo do Exército Imperial) e o triunvirato bávaro retornaram ao pódio. Kahr, calmo, rosto impávido como uma máscara, falou primeiro, anunciando, sob aplauso tumultuoso, que concordara em servir à Baviera como regente da monarquia. Hitler, com expressão eufórica de prazer infantil, declarou que dirigiria a política do novo governo do Reich e apertou a mão de Kahr de forma calorosa. Ludendorff, excessivamente sincero, falou em seguida, mencionando sua surpresa diante daqueles acontecimentos. Lossow, com uma expressão um tanto impenetrável, e Seißer, o mais agitado do grupo, foram pressionados por Hitler a falar. Pöhner finalmente prometeu cooperação com Kahr. Hitler apertou uma vez mais a mão de todos. Sem dúvida, ele era o astro do show. Parecia ser sua noite.

A partir desse ponto, porém, as coisas andaram muito mal. A improvisação açodada do planejamento e a pressa febril para preparar tudo com apenas um dia de antecedência depois que Hitler insistiu que o golpe deveria ser antecipado para a noite do comício na Bürgerbräukeller cobravam agora seu preço, determinando o rumo caótico dos eventos da noite. Röhm conseguiu ocupar o quartel-general da Reichswehr, embora tenha incrivelmente deixado de tomar a mesa telefônica, o que permitiu que Lossow ordenasse o transporte para Munique de tropas legalistas

de cidades e localidades próximas. Frick e Pöhner também tiveram um sucesso inicial na tomada do controle do quartel-general da polícia. Em outros lugares, a situação deteriorou-se rapidamente. Numa noite de caos, os golpistas fracassaram em assumir o controle de quartéis e prédios do governo, graças, em larga medida, à sua desorganização. Os primeiros e parciais sucessos foram, em sua maioria, rapidamente revertidos. Nem o Exército nem a polícia estadual uniram forças com os golpistas.

Na Bürgerbräukeller, Hitler também cometia seu primeiro erro da noite. Ao ouvir relatos sobre as dificuldades que os golpistas estavam encontrando no Quartel da Engenharia, decidiu ir até lá pessoalmente, numa tentativa de intervir que se revelou inútil. Ludendorff ficou no comando na cervejaria e, acreditando na palavra de oficiais e cavalheiros, logo deixou Kahr, Lossow e Seißer partirem. Assim, eles ficaram livres para renegar as promessas que Hitler extraíra deles à força.

No fim da noite, os três estavam em condições de assegurar às autoridades estatais que haviam repudiado o putsch. Todas as rádios alemãs foram informadas disso por Lossow às 2h55. Horas mais tarde já ficava claro para os próprios golpistas que o triunvirato e — o que era muito mais importante — a Reichswehr e a polícia se opunham ao golpe. Às cinco da manhã, Hitler ainda garantia que estava disposto a lutar e morrer pela causa — um sinal de que também já perdera a confiança no sucesso do putsch.

Àquela altura, os líderes golpistas não sabiam o que fazer em seguida. Enquanto discutiam, as forças do governo se reagrupavam. Não havia posição para onde recuar. Hitler estava tão perdido quanto os outros, longe de ter o controle da situação. À medida que baixava o frio cortante da manhã, os soldados deprimidos começaram a deixar a Bürgerbräukeller. Por volta das oito horas, Hitler enviou alguns homens da SA para pegar pacotes de notas de 50 bilhões de marcos diretamente do prelo a fim de pagar suas tropas. Foi mais ou menos a única ação prática tomada enquanto o golpe começava rapidamente a ruir.

Foi somente no decorrer da manhã que Hitler e Ludendorff tiveram a ideia de fazer uma marcha pela cidade. Aparentemente, foi de Ludendorff a sugestão inicial. O objetivo era confuso e obscuro. "Em Munique, Nuremberg, Bayreuth, um imenso júbilo, um enorme entusiasmo teria irrompido no Reich alemão", observou Hitler mais tarde. "E, quando a primeira divisão do Exército nacional alemão

tivesse deixado o último metro quadrado do solo bávaro e pisado pela primeira vez em terras turíngias, teríamos experimentado o júbilo do povo de lá. As pessoas teriam reconhecido que a miséria alemã tem um fim, que a redenção só poderia vir através de um levante." Equivalia a uma vaga esperança de que a marcha provocaria o entusiasmo popular pelo golpe e que o Exército, diante do fervor das massas mobilizadas e da perspectiva de atirar no herói de guerra Ludendorff, mudaria de ideia. A aclamação congregadora das massas e o apoio do Exército abririam então o caminho para uma marcha triunfante sobre Berlim. Assim era a desvairada ilusão: uma política gestual nascida do pessimismo, da depressão e do desespero. A realidade não demorou a se impor.

Por volta do meio-dia, a coluna de cerca de 2 mil homens — muitos deles armados, inclusive Hitler — partiu da Bürgerbräukeller. Com pistolas na mão, enfrentaram um pequeno cordão policial na ponte Ludwigsbrücke que, sob ameaça, abriu caminho para eles; seguiram então para a Marienplatz, no centro da cidade, e decidiram marchar até o Ministério da Guerra. Ganharam encorajamento com os gritos e acenos de partidários aglomerados nas calçadas. Alguns acharam que estavam testemunhando a chegada de um novo governo. Os golpistas, no entanto, não podiam deixar de notar que muitos dos cartazes que proclamavam a revolução nacional já haviam sido rasgados ou cobertos com novas diretrizes do triunvirato governante. Os participantes da marcha sabiam que a causa estava perdida. Um deles observou que parecia uma procissão fúnebre.

No alto da Residenzstraße, onde ela se aproxima da Odeonplatz, os golpistas encontraram um segundo e maior cordão policial. "Aí vêm eles. Heil Hitler!", gritou um transeunte. Então, ouviram-se tiros. Quando o tiroteio cessou, catorze golpistas e quatro policiais jaziam mortos.

Entre os mortos, estava um dos arquitetos do golpe, Erwin Scheubner-Richter, que se encontrava na linha de frente, de braço dado com Hitler, logo atrás dos porta-bandeiras. Se a bala que o matou tivesse atingido um ponto trinta centímetros à sua direita, a história teria seguido um rumo diferente. No caso, Hitler se esquivou instantaneamente ou foi puxado com força para o chão por Scheubner-Richter. Em qualquer hipótese, o fato é que deslocou seu ombro esquerdo. Göring estava entre os feridos, com um tiro na perna. Ele e vários outros importantes golpistas conseguiram fugir para a Áustria. Alguns, entre eles Streicher,

Frick, Pöhner, Amann e Röhm, foram imediatamente presos. Ludendorff, que saiu do tiroteio totalmente ileso, entregou-se e foi liberado sob sua palavra de oficial.

Hitler foi atendido pelo dr. Walter Schultze, chefe do corpo médico da SA de Munique, carregado para seu carro, estacionado nas imediações, e levado embora rapidamente do local da ação. Ele acabou na casa de Hanfstaengl, em Uffing, perto do Staffelsee, ao sul de Munique, onde a polícia o encontrou e o prendeu na noite de 11 de novembro. Enquanto esteve lá — o próprio Putzi havia fugido para a Áustria —, escreveu o primeiro de seus "testamentos políticos", pondo a presidência do partido nas mãos de Rosenberg, tendo Amann como vice. De acordo com o relato posterior de Hanfstaengl, baseado no testemunho de sua esposa, Hitler estava desolado ao chegar a Uffing. Mas histórias posteriores, de que tiveram de impedi-lo de se suicidar, não têm fundamento firme. Estava deprimido, mas calmo, de camisola branca e o braço ferido numa tipoia quando a polícia chegou para escoltá-lo até a prisão, na velha fortaleza de Landsberg am Lech, um lugarejo pitoresco, a pouco mais de sessenta quilômetros a oeste de Munique. Trinta e nove guardas estavam a postos para recebê-lo em seu novo lugar de residência. Graf Arco, o assassino de Kurt Eisner, o premiê bávaro morto em fevereiro de 1919, foi retirado de sua espaçosa cela no 7 para dar lugar ao novo e importante prisioneiro.

Em Munique e outras regiões da Baviera, o golpe se esfumou tão rapidamente quanto havia começado. Hitler estava acabado. Pelo menos, é o que deveria ter acontecido.

V

Tal como o ponto alto de uma febre perigosa, a crise amainou rapidamente e depois passou. Os meses seguintes trouxeram a estabilização da moeda com a introdução do Rentenmark, a regulamentação da questão das reparações por meio do Plano Dawes (batizado com o nome do banqueiro americano Charles G. Dawes, chefe do comitê que estabeleceu em 1924 uma estrutura provisória para o pagamento parcelado das reparações, começando num nível baixo e ligado a empréstimos externos para a Alemanha) e o começo da estabilização política, que marcou o fim da turbulência do pós-guerra e que duraria até as novas ondas de choque econômico do fim da década de 1920. Com Hitler na cadeia, o NSDAP proibido e o movimento *völkisch* dividido em suas frações componentes, a ameaça da extrema direita perdeu sua potência imediata.

Mas as simpatias pela direita radical de forma nenhuma desapareceram. Com 33% dos votos em Munique, o Völkischer Block (o maior agrupamento do agora fracionado movimento *völkisch*) foi o partido mais forte da cidade nas eleições para a Landtag (Assembleia) de 6 de abril de 1924, nas quais obteve mais votos do que socialistas e comunistas juntos. Na eleição para o Reichstag de 4 de maio, o resultado não foi muito diferente. O Völkischer Block teve 28,5% dos votos em Munique, 17% no total da região eleitoral da Alta Baviera e Suábia e 20,8% na Francônia. Mas a bolha explodira. À medida que a Alemanha se recuperava e a direita permanecia em desordem, os eleitores desertavam do movimento *völkisch*. Na segunda eleição para o Reichstag de 1924, uma quinzena antes da libertação de Hitler de Landsberg, os votos para o Völkischer Block já haviam caído para limites residuais de 7,5% na Francônia, 4,8% na Alta Baviera e Suábia e 3% na Baixa Baviera (em comparação com 10,2% oito meses antes).

A Baviera, apesar de todas as suas esquisitices entranhadas, não era mais o caldeirão fervente da insurgência da direita radical que fora entre 1920 e 1923. As organizações paramilitares tinham se enfraquecido no confronto com as forças legais. Sem o apoio do Exército, demonstravam ser pouco mais que tigres de papel. Em consequência do golpe, as organizações Kampfbund foram dissolvidas e as “associações patrióticas” em geral tiveram suas armas confiscadas, seus exercícios militares foram proibidos e suas atividades, bastante restringidas. O triunvirato

instalado pelo governo bávaro como uma força à direita para conter os paramilitares nacionalistas mais violentos e extremados perdeu poder e credibilidade em consequência do putsch. Kahr, Lossow e Seißer já estavam todos fora do poder em 1924. Com o fim do Comissariado-Geral, retornou à política bávara um gabinete de governo convencional, sob a direção de um novo ministro presidente, o dr. Heinrich Held, principal figura do partido do establishment católico da Baviera, o BVP, e, com ele, um pouco de calma.

Mesmo então, as forças que haviam proporcionado a entrada de Hitler na política e permitido que ele se tornasse um fator fundamental na direita bávara maquinaram para salvá-lo, quando sua carreira deveria estar acabada. O "putsch de Hitler", como vimos, não foi de forma nenhuma um golpe meramente de Hitler. A Reichswehr bávara havia colaborado maciçamente no treinamento e na preparação das forças que tentaram tomar o poder. E personagens importantes estiveram implicados na tentativa de golpe. Qualquer que fosse a defesa subsequente de suas ações, as mãos de Kahr, Losow e Seißer estavam sujas, enquanto o herói da guerra Ludendorff havia sido a figura de proa espiritual de toda a aventura. Portanto, no julgamento dos líderes golpistas realizado em Munique entre 26 de fevereiro e 27 de março de 1924, havia todos os motivos para deixar que os holofotes se voltassem completamente para Hitler. E ele ficou contente demais por desempenhar o papel que lhe atribuíram.

A primeira reação de Hitler a seu indiciamento havia sido muito diferente de sua posterior performance triunfalista no tribunal de Munique. De início, recusara-se a dizer qualquer coisa e anunciara que entraria em greve de fome. Naquele momento, achava simplesmente que tudo estava perdido. De acordo com o psicólogo da prisão — embora em declaração feita muitos anos depois do evento —, Hitler declarara: "Para mim chega. Estou acabado. Se tivesse um revólver, me mataria". Mais tarde, Drexler afirmou que o havia dissuadido de sua intenção de se suicidar.

Quando o julgamento começou, sua postura mudou completamente. Permitiram que ele transformasse a sala do tribunal num palco para sua propaganda, aceitando plena responsabilidade pelo que havia acontecido, não somente justificando, mas glorificando seu papel na tentativa de derrubar a república de Weimar. Isso não era pouca coisa, tendo em vista suas ameaças de

revelar a cumplicidade em atividades de traição de Kahr, Lossow e Seißer e, em particular, da Reichswehr bávara.

As forças governantes da Baviera fizeram o que podiam para limitar os danos potenciais. A primeira prioridade era garantir que o julgamento se realizasse sob jurisdição bávara. Em termos estritamente legais, o julgamento não deveria ocorrer em Munique, mas no Tribunal do Reich, em Leipzig. Porém, o governo do Reich cedeu às pressões do governo bávaro. O julgamento foi marcado para o Tribunal do Povo, em Munique.

Kahr esperava evitar um julgamento, ou, ao menos, não ser submetido a mais do que um rito rotineiro e rápido em que os indiciados se declarariam culpados, mas alegariam motivos atenuantes de patriotismo. Uma vez que alguns dos golpistas não concordaram com isso, foi preciso desistir dessa estratégia. Mas parece altamente provável que tenham oferecido clemência aos acusados para que essa proposta fosse levada em conta. De qualquer modo, Hitler tornara-se confiante em relação ao resultado. Ainda tinha um trunfo na mão. Quando Hanfstaengl o visitou na cela do tribunal, durante o julgamento, ele não demonstrou medo do veredicto. "O que eles podem fazer comigo?", perguntou. "Só preciso falar um pouco mais, especialmente sobre Lossow, e o grande escândalo está montado. Aqueles que estão por dentro têm bastante consciência disso." Isso e a atitude do juiz presidente e de seus colegas explicam a aparência de autoconfiança de Hitler no julgamento.

Entre os indiciados ao lado de Hitler estavam Ludendorff, Pöhner, Frick, Weber (da Bund Oberland), Röhm e Kriebel. Mas o próprio indiciamento enfatizava que "Hitler era a alma de todo o empreendimento". Consta que o juiz Neithardt, presidente do tribunal, havia declarado antes do julgamento que Ludendorff seria absolvido. Ele substituiu um registro prejudicial do primeiro interrogatório de Ludendorff por um que indicava sua ignorância dos preparativos do putsch. Enquanto isso, Hitler ganhava a liberdade da sala do tribunal. Um jornalista que esteve presente ao julgamento descreveu-o como um "carnaval político". Ele comparou a deferência demonstrada pelos réus com o modo brusco com que foram tratados os processados por seus atos na Räterepublik. E ouviu um dos juízes observar, após o primeiro discurso de Hitler: "Que sujeito tremendo, esse Hitler!". Por sua vez, Hitler teve permissão para comparecer de terno, e não em trajes de prisioneiro, exibindo sua Cruz de Ferro, Primeira Classe. Ludendorff, que não

estava detido, chegou numa limusine de luxo. O dr. Weber, embora preso, teve permissão para dar uma caminhada por Munique no domingo à tarde. A parcialidade extraordinária do juiz presidente foi depois muito criticada tanto em Berlim como pelo governo bávaro, irritado com o fato de o tribunal permitir ataques à Reichswehr e à polícia estadual sem contraposição. Durante o julgamento, o juiz Neithardt foi informado em termos claros da "impressão constrangedora" causada por deixar Hitler falar por quatro horas. Sua única resposta foi que era impossível interromper a torrente de palavras. Hitler também teve liberdade para interrogar longamente testemunhas — sobretudo Kahr, Lossow e Seißer —, desviando-se com frequência para declarações de caráter político.

Quando os veredictos foram lidos, quatro dias depois do fim do julgamento, em 1o de abril de 1924, Ludendorff foi devidamente absolvido — o que considerou um insulto. Hitler, Weber, Kriebel e Pöhner foram sentenciados a meros cinco anos de prisão por alta traição (menos os quatro meses e duas semanas que já haviam passado na prisão) e uma multa de duzentos marcos ouro (ou mais vinte dias de prisão). Os outros indiciados receberam sentenças ainda mais brandas. Os juízes leigos, como Hitler reconheceu depois, só estavam dispostos a aceitar o veredicto de "culpado" sob a condição de que ele recebesse a sentença mais branda, com a perspectiva de uma soltura em breve. O tribunal explicou por que rejeitou a deportação de Hitler nos termos da Lei de Proteção da República: "Hitler é um austro-alemão. Ele se considera alemão. Na opinião do tribunal, o sentido e a intenção dos termos da seção 9, parágrafo II da Lei de Proteção da República não se aplicam a um homem como Hitler, que pensa e sente como alemão, que serviu como voluntário durante quatro anos e meio no Exército alemão em guerra, que alcançou altas honras militares graças à notável bravura diante do inimigo, foi ferido, sofreu outros danos em sua saúde e foi dispensado das Forças Armadas em controle do Comando do Distrito Munique I".

Até mesmo na direita conservadora da Baviera a condução do julgamento e das sentenças provocou espanto e repulsa. Em termos jurídicos, a sentença era nada menos do que escandalosa. Nenhuma menção era feita no veredicto aos quatro policiais mortos pelos golpistas; desconsiderava-se totalmente o roubo de 14605 bilhões de marcos papel (o equivalente a cerca de 28 mil marcos ouro); a destruição da sede do jornal *Münchener Post*, do SPD, e a tomada de vários conselheiros

municipais social-democratas como reféns não eram imputadas a Hitler; e não havia uma palavra sobre o texto de uma nova Constituição, encontrado no bolso do golpista morto Von der Pfordten. A sentença tampouco fazia referência ao fato de que Hitler ainda estava no período condicional por bom comportamento, imposto pela sentença por perturbação da ordem pública em janeiro de 1922. Legalmente, ele não tinha direito a novo *sursis*.

O juiz que presidiu seu julgamento por alta traição em 1924 era o mesmo de seu primeiro julgamento: o simpatizante nacionalista Georg Neithardt.

Hitler voltou a Landsberg para cumprir sua sentença em condições mais parecidas com as de um hotel do que as de uma penitenciária. As janelas de seu grande e confortável quarto mobiliado no primeiro andar tinham uma ampla vista do campo circundante. Vestido com seus calções de couro, ele podia relaxar com um jornal numa espreguiçadeira de vime, de costas para uma coroa de louros oferecida por seus admiradores, ou sentar-se a uma grande escrivaninha para peneirar o monte de correspondência que recebia. Era tratado com grande respeito por seus carcereiros, alguns dos quais o saudavam secretamente com um "Heil Hitler" e lhe concediam todos os privilégios possíveis. Presentes, flores, cartas de apoio e panegíricos chegavam aos borbotões. Recebia mais visitantes do que podia dar conta — mais de quinhentos, antes de ser obrigado a restringir o acesso. Cerca de quarenta colegas de prisão o adulavam — alguns deles prisioneiros voluntários, capazes de gozar de quase todos os confortos da vida normal. Ele leu sobre a manifestação de 23 de abril na Bügerbräukeller, para celebrar seu aniversário de 35 anos três dias antes, de 3 mil nacional-socialistas, ex-soldados do front e adeptos do movimento *völkisch*, "em honra do homem que acendeu a chama atual de libertação e consciência *völkisch* no povo alemão". Sob o impacto do status de estrela que o julgamento lhe trouxera e o culto ao Führer que seus adeptos começavam a construir, ele passou a refletir sobre suas ideias políticas, sua "missão", seu "recomeço" na política, depois que cumprisse sua curta sentença, e ponderar sobre as lições a aprender com o putsch.

A *débâcle* na Bürgerbräukeller e seu desfecho no dia seguinte no Feldherrnhalle ensinaram a Hitler para sempre que qualquer tentativa de tomar o poder com a oposição das Forças Armadas estava condenada ao fracasso. Sentia-se justificado em sua crença de que a propaganda e a mobilização de massa, e não o golpismo

paramilitar, abririam o caminho para a "revolução nacional". Em consequência, distanciou-se das tentativas de Röhm de revitalizar com nova roupagem a Kampfbund e montar uma espécie de milícia do povo. Em última análise, as diferenças de abordagem, bem como as ambições de poder de Hitler e Röhm, levariam à cisão mortífera de 1934. Porém, seria ir muito longe presumir que Hitler renunciara à ideia de uma tomada do Estado pela força em favor do "caminho legal". Certamente, ele teve depois que professar um compromisso com a legalidade para poder se envolver em política de novo. E, de qualquer modo, mais tarde, o sucesso eleitoral pareceria a melhor estratégia para chegar ao poder. Mas a abordagem golpista nunca foi descartada. Ela continuou a coexistir com o proclamado caminho "legal", como mostrariam os persistentes problemas com a SA. Hitler insistia, no entanto, que em qualquer ocasião futura um golpe só poderia acontecer com, e não contra, a Reichswehr.

A experiência de Hitler era levar ao ápice as lições que havia tirado de seus "anos de aprendizado": que ser o "arauto" não era suficiente; e que ser mais do que isso significava não apenas ter domínio completo de seu próprio movimento, mas sobretudo ter maior autonomia de dependências externas, de grupos competidores da direita, das organizações paramilitares que não podia controlar totalmente, dos políticos burgueses e figuras do Exército que facilitaram sua ascensão política, usaram-no e depois o abandonaram quando lhes foi conveniente.

A atitude ambivalente de Hitler depois da "revolução nacional" ainda estava presente em seus comentários durante o julgamento. Insistiu que considerava Ludendorff o "líder militar da Alemanha do futuro" e "líder do grande confronto futuro". Mas afirmava ser ele próprio o "líder político dessa jovem Alemanha". A divisão exata do trabalho, disse ele, ainda não havia sido determinada. Em seu discurso final para o tribunal, retornou à questão da liderança, embora ainda de modo vago e indeterminado. Atacou as alegações de Lossow para o juiz, que dissera pensar, durante as discussões na primavera de 1923, que Hitler queria apenas, "como propagandista e despertador, acordar o povo". "Como pensam pequeno os homens pequenos", continuou Hitler. Não considerava a obtenção de um posto ministerial digna de um grande homem. O que ele queria era ser o destruidor do marxismo. Essa era sua tarefa. "Não por modéstia eu queria ser naquela ocasião o arauto. Isso é o máximo que existe. O resto não tem

importância.” Quando havia sido preciso, ele exigira duas coisas: que lhe dessem a liderança da luta política; e que a liderança organizacional ficasse com “o herói [...] que aos olhos de toda a jovem Alemanha é convocado para isso”. Hitler sugeria — embora não declarasse explicitamente — que essa pessoa deveria ser Ludendorff. Por outro lado, no discurso que fez aos líderes da Kampfbund quinze dias antes do golpe, ele parecia ver em Ludendorff não mais do que o reorganizador do futuro Exército nacional. Depois, novamente, a proclamação, feita durante o próprio putsch, de seu nome como chanceler do Reich parecia indicar que a chefia do governo era a posição que previa para si mesmo, partilhando o poder ditatorial com Ludendorff, que seria o chefe de Estado (*Reichsverweser*, ou regente).

De qualquer forma, a ambivalência, verdadeira ou simplesmente tática, ainda presente nos comentários de Hitler durante o julgamento logo deu lugar à clareza sobre sua imagem de si mesmo. Em Landsberg começou a compreender que, no fim das contas, não era o “arauto”, mas o Líder predestinado em pessoa.

6. O surgimento do líder

I

O ano que deveria ter assistido ao desaparecimento do espectro de Hitler para sempre trouxe, ao contrário — embora isso dificilmente pudesse ser visto na ocasião —, a gênese de sua preeminência absoluta sobre o movimento *völkisch* e de sua ascendência à liderança suprema. Em retrospecto, o ano de 1924 pode ser considerado o momento em que, tal como uma fênix renascida das cinzas, ele pôde começar sua emersão das ruínas de um movimento *völkisch* fragmentado para se tornar finalmente o líder absoluto, com domínio total sobre um Partido Nazista reformado, com organização muito mais forte e muito mais coesão interna.

Nada poderia ter demonstrado com mais clareza o quanto Hitler era indispensável para a direita *völkisch* do que os treze meses de sua prisão, o "tempo sem liderança" do movimento. Com ele fora de cena e, a partir de junho de 1924, afastado de todo envolvimento político para se concentrar na escrita de *Mein Kampf*, o movimento *völkisch* caiu na disputa entre facções e na luta interna. Por cortesia da Justiça bávara, Hitler pudera usar a sala do tribunal para se retratar como o herói da direita por seu papel no golpe. Indivíduos e grupos em competição sentiram-se obrigados a afirmar a autoridade de Hitler e apoio a suas ações. Mas, em sua ausência, isso era insuficiente para assegurar qualquer êxito. Ademais, Hitler era, com frequência, inconsistente, contraditório ou obscuro em suas opiniões sobre os acontecimentos. Sua reivindicação à posição de liderança não podia ser ignorada e não era contestada. Mas a reivindicação a uma liderança exclusiva era sustentada

somente por uma minoria do movimento *völkisch*. E, enquanto Hitler não pôde influenciar diretamente os eventos, o pequeno grupo central de seus devotos fervorosos ficou, em larga medida, marginalizado até mesmo dentro da direita *völkisch* mais ampla, muitas vezes em disputa interna e dividida no que dizia respeito a tática, estratégia e ideologia. Na época de sua libertação, em dezembro de 1924, as eleições para o Reichstag daquele mês haviam refletido o declínio catastrófico do apoio ao movimento *völkisch*, que era então pouco mais do que um grupo de nacionalistas desunidos e seitas racistas nas franjas extremas do espectro político.

Logo antes de sua detenção, em 11 de novembro de 1923, Hitler havia posto, enquanto durasse sua ausência, Alfred Rosenberg, o editor do *Völkischer Beobachter*, no comando do partido banido, com o apoio de Esser, Streicher e Amann. Tal como ocorria com vários nazistas importantes (entre eles, Heß, Scheubner-Richter e o próprio Hitler), as origens de Rosenberg não estavam dentro das fronteiras do Reich alemão. Filho de uma família burguesa abastada de Reval (hoje Talin), Estônia, pretenso "filósofo" do partido, introvertido, arrogante e frio, dogmático e enfadonho, um dos líderes nazistas menos carismáticos e populares, unia os outros mandachuvas do partido somente na intensa aversão que nutriam por ele. Claramente sem qualidades de liderança, não era de forma nenhuma uma escolha óbvia e ficou tão surpreso quanto os outros com a indicação de Hitler. É possível, como se costuma presumir, que tenha sido exatamente essa falta de capacidade de liderança o que determinou sua escolha. Com certeza, seria difícil imaginar um rival menos provável. Mas isso seria pressupor que Hitler, no trauma do golpe fracassado, tenha sido capaz de armar um plano lúcido e maquiavélico, que tenha previsto o que aconteceria e quisera de fato que o movimento ruísse em sua ausência. Uma explicação mais provável é que ele tenha, sob pressão e num quadro de depressão mental, tomado a decisão apressada e mal pensada de confiar os assuntos partidários a um membro de seu séquito cuja lealdade era inquestionável. Com efeito, Rosenberg era uma das poucas figuras importantes do movimento ainda disponíveis. Scheubner-Richter estava morto. Outros haviam se dispersado no tumulto após o golpe ou sido presos. Até mesmo os três lugares-tenentes que ele havia designado para apoiar Rosenberg estavam temporariamente fora de combate, embora Hitler não soubesse disso. Esser fugira para a Áustria, Amann

estava na cadeia e Streicher estava preocupado com os assuntos em Nuremberg. É provável que Rosenberg tenha sido não mais do que a opção menos ruim escolhida às pressas.

Em 1º de janeiro de 1924, Rosenberg fundou a Großdeutsche Volksgemeinschaft (GVG, Grande Comunidade Nacional Alemã), destinada a servir de organização sucessora enquanto durasse a proibição ao NSDAP. Ao chegar o verão, Rosenberg já havia sido defenestrado e a GVG caíra sob o controle de Hermann Esser (que voltara em maio do exílio na Áustria) e Julius Streicher. Mas as personalidades grosseiras, o comportamento insultante e os métodos canhestros de Esser e Streicher só conseguiram afastar muitos dos seguidores de Hitler. De qualquer modo, não poucos de seus adeptos deixaram de entrar na GVG. Gregor Strasser, por exemplo, um boticário de Landshut que viria a ser, na era pós-putsch, a figura principal no partido depois de Hitler, entrou para o DVFP, uma organização *völkisch* rival chefiada por Albrecht Graefe, ex-membro do conservador DNVP, com sua força maior em Mecklenburg e sede em Berlim.

Os conflitos não demoraram a aparecer depois que Hitler foi para a prisão. O DVFP fora menos atingido pela proscrição do que o NSDAP. Em contraste com a desordem reinante no movimento de Hitler, Graefe e outros líderes do DVFP ainda estavam em liberdade para controlar uma organização partidária pouco afetada. E, embora elogiassem os atos de Hitler no golpe para tentar conquistar seus adeptos, estavam, na verdade, querendo se aproveitar da situação para estabelecer a própria supremacia. O fato de os líderes do DVFP defenderem a participação do movimento *völkisch* no processo eleitoral aumentava o conflito em gestação. Uma mudança no sentido de adotar uma estratégia parlamentar afastou muitos nazistas e sofreu a oposição veemente dos nazistas intransigentes do norte da Alemanha. O porta-voz deles, Ludolf Haase, líder da seção de Göttingen, criticava cada vez mais a autoridade de Rosenberg e, sobretudo, queria manter o NSDAP do norte do país longe das garras de Graefe.

Os grupos *völkisch* que estavam dispostos, ainda que com relutância, a entrar no Parlamento para estar em posição de destruí-lo um dia decidiram fazer alianças eleitorais que lhes permitissem competir na série de eleições regionais (Landtag) iniciadas em fevereiro e na eleição ao Reichstag — a primeira de duas naquele ano — em 4 de maio de 1924. Hitler opunha-se a essa estratégia, mas sua oposição não

fez diferença. A decisão de participar foi adiante. Os resultados parecem tê-la corroborado. Nas eleições de fevereiro para o Landtag de Mecklenburg-Schwerin, a cidadela de Graefe, o DVFP conquistou treze dos 64 assentos. E, em 6 de abril, na Baviera, o Bloco Völkischer, como se chamou a aliança eleitoral, obteve 17% dos votos.

Parece que o resultado da eleição para o Reichstag ajudou a persuadir Hitler de que a tática parlamentar, pragmática e premeditadamente explorada, prometia dividendos. O voto *völkisch*, favorecido pela publicidade e pelo resultado do julgamento de Hitler, alcançara 6,5% do Reichstag, correspondentes a 32 assentos. A votação em Mecklenburg (20,8%) e na Baviera (16%) foi particularmente boa. Porém, o fato de que somente dez dos membros *völkisch* do Reichstag fossem do NSDAP e 22 do DVFP dava alguma indicação da relativa fraqueza dos remanescentes do movimento de Hitler naquela ocasião.

Na primeira das duas visitas que fez a Landsberg em maio, Ludendorff, cujos contatos no norte da Alemanha eram amplos, apesar de continuar morando perto de Munique, aproveitou o momento para tentar persuadir Hitler a concordar com a fusão das frações do NSDAP e do DVFP no Reichstag e, na segunda, até mesmo com a unidade plena dos dois partidos. Hitler tergiversou. Concordou, em princípio, mas estipulou precondições que precisavam ser discutidas com Graefe. Uma delas seria que a sede do movimento ficaria em Munique. Hitler estava numa posição difícil: embora sempre tivesse insistido numa identidade separada e própria para o NSDAP, havia o perigo, após o sucesso eleitoral do Bloco Völkischer, de que essa postura inflexível pudesse parecer menos atraente aos partidários do NSDAP. Além disso, o DVFP era o mais forte dos dois partidos, como a eleição mostrara, e Ludendorff era agora considerado a figura principal do movimento *völkisch*.

Não surpreende que alguns nazistas do norte da Alemanha tenham ficado confusos e incertos em relação à posição de Hitler sobre uma eventual fusão. Em carta de 14 de junho, Haase, o líder nazista de Göttingen, pedia confirmação de que Hitler rejeitara a fusão dos dois partidos. Dois dias depois, Hitler respondeu negando que houvesse fundamentalmente rejeitado uma fusão, embora tivesse estipulado precondições para isso. Admitia a oposição de muitos nazistas a uma fusão com o DVFP, o qual, destacava também, havia deixado clara sua rejeição a alguns membros da velha guarda do Partido Nazista. Nessas circunstâncias,

continuava, não podia mais intervir ou aceitar responsabilidade. Decidira, portanto, retirar-se da política até que pudesse liderar adequadamente de novo. A partir de então, recusou que seu nome fosse usado em apoio a qualquer posição política e pediu para que não lhe mandassem mais cartas políticas.

Hitler anunciou sua decisão de retirar-se da política pela imprensa, em 7 de julho. Solicitou que seus seguidores não o visitassem mais em Landsberg, pedido que se sentiu obrigado a repetir um mês depois. O anúncio pela imprensa dava como razões do afastamento a impossibilidade de aceitar responsabilidades práticas enquanto estivesse na prisão, "excesso de trabalho em geral" e a necessidade de se concentrar na escrita de seu livro (o primeiro volume de *Mein Kampf*). Um fator adicional não insignificante, como a imprensa de oposição enfatizou, era a ansiedade de Hitler em não fazer nada que pusesse em risco suas chances de liberdade condicional, que poderia ser concedida em 1o de outubro. Seu afastamento não era uma estratégia maquiavélica para exacerbar o racha que já estava ocorrendo, aumentar a confusão e, desse modo, promover sua imagem como símbolo de unidade. Esse foi o efeito, não a causa. Em junho de 1924, o resultado ainda não podia ser previsto. Hitler agiu movido por fraqueza, não por força. Estava sendo pressionado de todos os lados para assumir uma posição sobre o cisma crescente. Sua tergiversação frustrou seus adeptos. Mas qualquer posicionamento claro teria afastado um lado ou o outro. Sua decisão de não decidir era característica.

A frustração de Hitler também aumentou com sua incapacidade, apesar de sua desaprovação direta, de impedir que Röhm montasse uma organização paramilitar em todo o país, chamada Frontbann. Incapaz de deter Röhm — já libertado condicionalmente em 1o de abril, com a irrisória sentença, deixada de lado por bom comportamento, de quinze meses de prisão por sua participação no golpe —, Hitler encerrou o último encontro deles, ainda em Landsberg, em 17 de junho, dizendo-lhe que, tendo deixado a liderança do Movimento Nacional-Socialista, não queria mais ouvir falar da Frontbann. Röhm então simplesmente ignorou Hitler, continuou com seus planos e procurou Ludendorff para obter patrocínio e proteção.

Uma muito alardeada conferência realizada em Weimar, em 15-7 de agosto, que pretendia cimentar a fusão entre o NSDAP e o DVFP, produziu apenas a unidade

superficial de um Movimento Nacional-Socialista pela Liberdade (Nationalsozialistische Freiheitsbewegung, NSFB). No fim do verão, a fragmentação do NSDAP e do movimento *völkisch* em geral estava aumentando, apesar de toda a conversa de fusão e união. Apenas a posição de Hitler ficava significativamente fortalecida pela guerra intrapartidária.

Com a aproximação do inverno, as fissuras no movimento *völkisch* aumentaram ainda mais. Do ponto de vista do NSFB, a unidade sem Hitler — ainda mais diante de sua recusa a se comprometer publicamente com uma organização unificada — era impossível. Na Baviera, a rixa em torno das figuras de Esser e Streicher transformou-se em ruptura aberta. Em 26 de outubro, o Bloco Völkischer decidiu entrar para o NSFB a fim de criar uma organização unida para disputar as eleições que estavam por vir. Com isso, aceitou a liderança nacional desse movimento. Gregor Strasser, o porta-voz do bloco, esperava que o Großdeutsche Volksgemeinschaft também entrasse em breve para o NSFB, mas ao mesmo tempo condenava abertamente seus líderes Esser e Streicher. A resposta de Esser, em carta a todos os afiliados da GVG — um ataque contundente aos líderes do Bloco Völkischer, com uma pancada suplementar em Ludendorff por seu apoio à posição do Bloco —, reafirmava a fidelidade de Munique: "o único homem que tem o direito de excluir alguém que lutou durante anos por seu lugar no Movimento Nacional-Socialista é Adolf Hitler". Mas a bravata de Esser e os ataques impetuosos de Streicher, apoiados pelo nacional-socialista da Turíngia Artur Dinter, não conseguiam esconder o forte declínio da GVG.

As eleições para o Reichstag, realizadas em 7 de dezembro, demonstraram como essa perpétua rixa no movimento *völkisch* era marginal em relação à política alemã em geral. O NSFB obteve somente 3% dos votos. Perdeu mais de 1 milhão de votos, em comparação ao desempenho *völkisch* na eleição de maio. Sua representação no Reichstag caiu de 32 para catorze assentos, e apenas quatro deles eram nacional-socialistas. Foi um resultado desastroso. Mas agradou a Hitler. Em sua ausência, a política *völkisch* entrara em colapso, e como consequência as pretensões dele à liderança se fortaleceram. O resultado da eleição também teve a vantagem de estimular o governo bávaro a considerar superado o perigo da extrema direita. Não parecia haver agora necessidade de se preocupar com a libertação de Hitler da prisão, pela qual seus adeptos vinham clamando desde outubro.

Somente um viés político explica a determinação do Judiciário bávaro de insistir na libertação precoce de Hitler, apesar da oposição bem fundamentada da polícia de Munique e da promotoria pública. Em 20 de dezembro, às 12h15, ele foi libertado. Um cálculo existente nos arquivos da promotoria indicava que ele ainda tinha a cumprir três anos, 333 dias, 21 horas e cinquenta minutos de sua curta sentença. A história teria tomado um rumo diferente se tivesse sido obrigado a cumpri-la.

Os funcionários da prisão, todos simpáticos a Hitler, reuniram-se para dar ao famoso prisioneiro um adeus emocionado. Ele posou para fotos junto aos portões da velha cidade-fortaleza, pedindo pressa ao seu fotógrafo Heinrich Hoffmann por causa do frio, e depois foi embora. Em duas horas, estava de volta a seu apartamento em Munique, na Thierschstraße, recebido por amigos com coroas de flores e quase derrubado por seu cão Wolf. Mais tarde, ele disse que não sabia o que fazer em sua primeira noite de liberdade. Politicamente, continuou sem assumir compromissos públicos. Precisava tomar pé da situação, tendo em vista os meses de guerra interna no movimento *völkisch*. E, o mais importante, isso era necessário para estabelecer com as autoridades bávaras as condições de sua reentrada na política e conseguir que a proibição do NSDAP fosse suspensa. Agora que estava livre, podia dar início aos importantes preparativos para o recomeço de seu partido.

II

Hitler disse a Hans Frank que Landsberg fora sua "universidade paga pelo Estado". Segundo seu relato, ele leu tudo o que pôde: Nietzsche, Houston Stewart Chamberlain, Ranke, Treitschke, Marx, *Gedanken und Erinnerungen* (Pensamentos e memórias) de Bismarck e as memórias de guerra de generais e estadistas alemães e aliados. Além de receber visitantes e responder a cartas — duas coisas com que não teve muito que se preocupar depois que se retirou do envolvimento público com a política —, os longos dias de ócio forçado eram ideais para a leitura e a reflexão. Mas as leituras e reflexões de Hitler eram tudo, menos acadêmicas. Sem dúvida, ele leu muito. Porém, a leitura para ele tinha um objetivo puramente instrumental. Não lia pelo conhecimento ou esclarecimento, mas para a confirmação de seus preconceitos. Ele encontrou o que estava procurando. Como observou a Hans Frank — o especialista em leis do partido que depois seria governador-geral da Polônia ocupada —, por meio da leitura que fez em Landsberg, "reconheci a correção de minhas concepções".

Muitos anos depois, sentado em sua cela de Nuremberg, Frank concluiu que o ano de 1924 havia sido um dos pontos de inflexão mais decisivos na vida de Hitler. Tratava-se de um exagero. Landsberg não foi exatamente um momento de formação, mas uma fase de consolidação e racionalização da "visão de mundo" que Hitler vinha desenvolvendo desde 1919 e que modificou, de certo modo significativo, no ano anterior ao putsch. Com tempo disponível, longe da agitação política ativa, e enquanto o movimento nazista se desintegrava em sua ausência, ele ruminou sobre os erros passados. E, na expectativa de sua libertação em poucos meses, foi compelido ainda mais a pensar em seu caminho futuro e no do movimento. Nesse período, ele revisou certos aspectos de sua concepção sobre como chegar ao poder. Ao fazê-lo, mudou sua percepção de si mesmo. Passou a pensar de forma diferente sobre seu papel. Na esteira do triunfo de seu julgamento, começou a ver-se como o salvador da Alemanha, tal como seus seguidores haviam passado a retratá-lo a partir do fim de 1922. À luz do putsch, talvez se devesse esperar que sua crença em si mesmo ficasse abalada para sempre. Ao contrário: elevou-se desmesuradamente. Sua fé quase mística em si mesmo, de estar ao lado do destino, com a "missão" de resgatar a Alemanha, data dessa época.

Ao mesmo tempo, houve um importante ajuste em outro aspecto de sua "visão de mundo". As ideias que vinham tomando forma em sua cabeça desde o fim de 1922, senão antes, sobre a direção da política externa futura foram então refinadas na noção de busca de "espaço vital", a ser ganho à custa da Rússia. Misturado a seu antissemitismo obsessivo, voltado para a destruição do "bolchevismo judeu", o conceito de uma guerra por "espaço vital" — que Hitler enfatizaria repetidamente nos anos seguintes — deu forma a seu arcabouço de ideias. É claro que haveria ajustes táticos, mas nenhuma nova alteração de substância foi feita. Landsberg não foi um "batizado no Jordão" para Hitler. Essencialmente, foi uma questão de acrescentar ênfases novas às poucas ideias fixas básicas já formadas, ao menos em embrião, ou que tomaram forma clara nos anos anteriores ao golpe.

As modificações na "visão de mundo" de Hitler, que já estavam em andamento naqueles anos, estão evidentes em *Mein Kampf*. O livro não trazia nada de novo. Mas era a declaração mais clara e expansiva de sua "visão de mundo" que havia apresentado. Ele admitiu que, sem a estadia em Landsberg, o livro — que depois de 1933 (mas não antes) venderia milhões de exemplares — não teria sido escrito. Sem dúvida, ele esperava um retorno financeiro com a obra. Mas sua principal motivação era a necessidade que sentiu, durante seu julgamento, de demonstrar sua vocação especial e justificar seu programa como a única maneira de resgatar a Alemanha da catástrofe provocada pelos "criminosos de novembro".

Em maio de 1924, ele já trabalhava no que seria o primeiro volume, elaborando ideias formadas durante e imediatamente após seu julgamento. Na ocasião, deu-lhe o título nada atraente de "Quatro anos e meio de luta contra mentiras, estupidez e covardia", que veio a ser substituído pelo mais incisivo *Mein Kampf* somente na primavera de 1925. Nessa altura, o livro já sofrera mudanças estruturais importantes. A intenção inicial de um "ajuste de contas" com os traidores responsáveis por sua queda em 1923 nunca se concretizou. Em vez disso, o primeiro volume, que saiu em 18 de julho de 1925, era em larga medida autobiográfico — embora com muitas distorções e incorreções — e acabava com seu triunfo no anúncio do programa do partido na Hofbräuhaus, em 24 de fevereiro de 1920. O segundo volume, escrito após sua saída da prisão e publicado em 11 de dezembro de 1926, tratava mais extensamente das ideias sobre a natureza do Estado *völkisch*, questões de ideologia, propaganda e organização, concluindo com

capítulos sobre política externa.

É errônea a suposição, disseminada na época e persistente depois, de que Hitler inicialmente ditou a prosa indigesta para seu motorista e faz-tudo Emil Maurice, depois para Rudolf Heß (ambos também presos pela participação no putsch). Hitler datilografou ele mesmo a versão inicial do primeiro volume (mas uma parte do segundo volume foi ditada para uma secretária). Por mais mal escrita e incoerente que fosse a primeira versão publicada de *Mein Kampf*, o texto fora submetido a inumeráveis "melhorias" estilísticas desde a composição original. O manuscrito foi lido por Josef Stolzing-Cerny, crítico de cultura do *Völkischer Beobachter*, e pelo menos partes dele pela futura esposa de Rudolf Heß, Ilse Pröhl. Ambos fizeram mudanças editoriais. Outras foram feitas pelo próprio Hitler. De acordo com Hans Frank, ele aceitava que o livro estivesse mal escrito e o descrevia como sendo não mais do que uma coletânea de editoriais para o *Völkischer Beobachter*.

Antes de Hitler chegar ao poder, *Mein Kampf*, publicado pela editora do próprio partido, a Franz Eher-Verlag, dirigida por Max Amann, não foi o best-seller que ele esperava que fosse. O conteúdo inflado, o estilo terrível e o preço mais ou menos alto de doze marcos por volume evidentemente espantaram muitos leitores potenciais. Até 1929, o primeiro volume vendera cerca de 23 mil exemplares, o segundo, apenas 13 mil. As vendas aumentaram fortemente depois dos sucessos eleitorais do NSDAP posteriores a 1930 e alcançaram 80 mil em 1932. A partir de 1933, subiram estratosfericamente. Um milhão e meio de exemplares foram vendidos. Até mesmo os cegos podiam lê-lo — se quisessem —, pois foi publicada uma versão em braile, em 1936. E, a partir desse ano, um exemplar da edição popular dos dois volumes encadernados juntos seria dado a cada feliz casal no dia do casamento. Em torno de 10 milhões de exemplares de *Mein Kampf* foram vendidos até 1945, sem contar os milhões vendidos no exterior, onde foi traduzido para dezesseis línguas. Quantas pessoas realmente o leram, não sabemos. Para Hitler, isso não tinha muita importância. A partir do começo dos anos 1920 passou a se identificar como "escritor" em documentos oficiais e pôde, em 1933, recusar o salário de chanceler do Reich (ao contrário de seus predecessores, fez questão de dizer): *Mein Kampf* fizera dele um homem muito rico.

O livro não oferecia nenhum delineamento de políticas públicas, mas trazia, por mais confusa que fosse a narrativa, uma declaração intransigente de seus princípios

políticos, sua "visão de mundo", o sentido de sua "missão", sua "visão" da sociedade e seus objetivos de longo prazo. Não menos importante, estabelecia a base do mito do Führer, pois Hitler se retratava com qualificações incomparáveis para conduzir a Alemanha de sua miséria de então para a grandeza.

Mein Kampf é o elemento fundamental para compreender o pensamento de Hitler em meados da década de 1920. Já na época ele havia desenvolvido uma filosofia que lhe permitia uma interpretação completa da história, dos males do mundo e de como superá-los. Num resumo conciso, o livro se reduzia a uma visão simplista e maniqueísta da história como uma luta racial na qual a entidade mais elevada, a ariana, estava sendo solapada e destruída pela mais baixa, a parasítica judia. Em suas palavras: "A questão racial dá a chave não somente para a história mundial, mas também para toda a cultura humana". A culminação desse processo havia se dado com o domínio brutal exercido pelos judeus através do bolchevismo na Rússia, onde o "judeu de sangue" havia "em parte por meio de tortura desumana matado ou deixado morrer de fome cerca de 30 milhões de pessoas numa selvageria realmente satânica, a fim de garantir o domínio sobre um grande povo de um bando de *literati* judeus e bandidos da bolsa de valores". A "missão" do movimento nazista era, portanto, clara: destruir o "bolchevismo judeu". Ao mesmo tempo — num salto de lógica que avançava convenientemente para uma justificativa da conquista imperialista direta — isso propiciaria ao povo alemão o "espaço vital" necessário para que a "raça superior" se sustentasse. Ele foi rigidamente fiel a esses princípios básicos pelo resto de sua vida. Nada de substancial mudou em anos posteriores. A própria inflexibilidade e seu quase messiânico compromisso com uma "ideia", um conjunto de crenças que eram inalteráveis, simples, internamente consistentes e abrangentes, deram a Hitler sua força de vontade e a confiança de que conhecia seu próprio destino, o que deixava uma marca profunda em todos os que entravam em contato com ele. Sua autoridade sobre seu séquito advinha, em não pouca medida, da certeza de suas convicções, que era capaz de expressar de forma tão vigorosa. Tudo podia ser expresso em termos de preto e branco, vitória ou destruição total. Não havia alternativas. E, tal como todos os ideólogos e "políticos por convicção", os componentes retroalimentadores de sua "visão de mundo" lhe permitiam sempre ridicularizar ou desqualificar de imediato qualquer argumento "racional" dos

oponentes. Depois que assumiu a chefia do Estado, a "visão de mundo" personalizada de Hitler serviria de "diretrizes para a ação" dos formuladores de políticas em todas as áreas do Terceiro Reich.

Mein Kampf não era um programa prescritivo no sentido de um manifesto político de curto prazo. Mas muitos contemporâneos cometeram o erro de considerar o livro de Hitler ridículo e não levar muito a sério as ideias nele expressas. Por mais abjetas e repelentes que fossem, equivaliam a um conjunto de princípios políticos claramente estabelecidos e rigidamente sustentados. Hitler nunca viu motivo para alterar o conteúdo do que escrevera. A coerência interna (uma vez aceitas as premissas irracionais) permite que seja descrito como uma ideologia (ou, na terminologia dele, uma "visão de mundo"). Essa *Weltanschauung* pode agora ser vista com mais clareza do que era possível no contexto de eclosão dessas ideias, na medida em que se desenvolveram plenamente desde sua entrada na política até a redação do *Segundo livro*, em 1928.

Sobre sua obsessão central, abrangente e dominadora — a "remoção dos judeus" —, *Mein Kampf* não acrescentava nada às ideias já formuladas em 1919-20. Por mais extremada que fosse a linguagem do livro, não era diversa daquela que ele proclamava havia anos. Tampouco a terminologia inerentemente genocida difere de forma substancial daquela de outros escritores e oradores da direita *völkisch*, desde muito antes da Primeira Guerra Mundial. As imagens bacterianas implicavam que os judeus deveriam ser tratados do mesmo modo que os germes: pela exterminação. Já em agosto de 1920, Hitler falara de combater a "tuberculose racial" por meio da remoção do "agente causador, o judeu". E não podia haver dúvidas sobre quem Hitler tinha em mente quando, quatro anos depois, em *Mein Kampf*, escreveu: "A nacionalização de nossas massas só terá sucesso quando, além de toda a luta positiva pela alma de nosso povo, seus envenenadores internacionais forem exterminados". A noção de envenenar os envenenadores está presente em outro trecho famoso do livro, no qual Hitler sugeria que, se 12 mil a 15 mil "corruptores hebreus do povo" tivessem sido submetidos a gás venenoso no início da Primeira Guerra, então "o sacrifício de milhões no front não teria sido em vão". Esses trechos terríveis não são o começo de uma via de mão única para a "solução final". A estrada estava "cheia de voltas", não era reta. Mas, por menos que ele tivesse pensado sobre as implicações práticas do que estava dizendo, seu impulso

genocida inerente é inegável. Por mais indistinta, a conexão entre destruição dos judeus, guerra e salvação nacional já estava forjada na mente de Hitler.

Como observamos, em meados da década de 1920 o matiz inicial anticapitalista de seu antissemitismo dera lugar, em seu pensamento, à conexão dos judeus com os males do bolchevismo soviético. Isso não significa que tivesse substituído a imagem do judeu por trás do capitalismo pela do judeu por trás do marxismo. Mas elas coexistiam em sua aversão fixa. Era um ódio tão profundo que só podia estar baseado num medo extremo — de uma figura em sua mente tão poderosa que era a força por trás tanto do capital financeiro internacional quanto do comunismo soviético. Era a imagem de uma "conspiração judaica mundial" quase invencível — até mesmo para o nacional-socialismo.

Uma vez feita a ligação com o bolchevismo, Hitler havia estabelecido sua visão central e duradoura de uma batalha titânica pela supremacia, uma luta racial contra um inimigo de brutalidade implacável. O que ele visualizava, declarara em junho de 1922, era um luta de morte entre duas ideologias em competição, a idealista e a materialista. A missão do povo alemão era destruir o bolchevismo e, com ele, "nosso inimigo mortal: o judeu". Em outubro do mesmo ano, ele escrevia sobre uma luta de vida e morte entre duas visões de mundo opostas, incapazes de existir uma ao lado da outra. A derrota nesse grande duelo final selaria a destruição da Alemanha. A luta deixaria somente vitoriosos e o aniquilado. Significava uma guerra de extermínio. "Uma vitória da ideia marxista significa o extermínio completo dos oponentes", observou. "A bolchevização da Alemanha [...] significa a aniquilação completa de toda a cultura ocidental cristã." De forma análoga, o objetivo do nacional-socialismo poderia ser definido em termos simples: "A aniquilação e o extermínio da *Weltanschauung* marxista".

Já naquela época, o marxismo e o judeu eram sinônimos no pensamento de Hitler. No final de seu julgamento, em 27 de março de 1924, ele havia dito ao tribunal que queria ser o interruptor do marxismo. O movimento nazista conhecia apenas *um* inimigo, enfatizara no mês seguinte — o inimigo mortal de toda a humanidade: o marxismo. Não fazia menção aos judeus. Alguns jornais perceberam a mudança de ênfase e afirmaram que Hitler havia alterado sua posição sobre a "questão judaica". Alguns adeptos do nazismo também ficaram intrigados. Um deles, que o visitou em Landsberg no fim de julho, perguntou-lhe se havia

mudado de opinião sobre a "judiaria". Recebeu uma resposta característica. Com efeito, sua posição sobre a luta contra os judeus havia mudado. Percebera, enquanto trabalhava em *Mein Kampf*, que até então havia sido brando demais. No futuro, somente as medidas mais duras deveriam ser usadas, se quisessem ter êxito. A Questão Judaica, declarou, era um assunto existencial para todos os povos, não somente para os alemães, "pois Judá é a praga do mundo". A lógica da posição era que somente a erradicação completa do poder internacional da "judiaria" seria o bastante.

A obsessão de Hitler com a "questão judaica" estava inextricavelmente entrelaçada com suas noções de política externa. Em meados dos anos 1920, depois que seu antissemitismo se fundiu com o antibolchevismo na imagem do "bolchevismo judeu", era inevitável que suas ideias sobre política externa fossem afetadas. Porém, a mudança de posição foi moldada não somente por influências ideológicas, mas também por questões de pura política do poder. Em sua concentração na França como a arqui-inimiga, na hostilidade à Grã-Bretanha, na recuperação das colônias e na restauração das fronteiras alemãs de 1914, suas primeiras opiniões sobre política externa eram convencionalmente pangermanistas. Não diferiam daquelas de muitos nacionalistas extremados. Na verdade, estavam em essência (embora não do modo extremado como eram apresentadas) de acordo com um revisionismo que gozava de amplo apoio popular. Tampouco em sua ênfase na força militar para derrubar Versalhes e derrotar a França, por mais irrealista que pudesse parecer no início dos anos 1920, ele diferia de muitos outros membros da direita pangermanista e *völkisch*. Já em 1920, antes de ouvir falar do fascismo, ele refletia sobre o valor de uma aliança com a Itália. Achava que mesmo a questão do sul do Tirol — a parte da antiga província austríaca do Tirol que ficava além do Brenner, de fala predominantemente alemã, cedida à Itália em 1919 e desde então submetida a um programa de "italianização" — não impediria essa aliança. No fim de 1922, uma aliança com a Grã-Bretanha, cujo império mundial admirava, constava de suas cogitações. Essa ideia ganhara força em 1923, quando os desacordos entre ingleses e franceses em relação à ocupação do Ruhr ficaram evidentes.

Por outro lado, o suposto domínio da Rússia pelos judeus, como Hitler havia dito já em julho de 1920, impedia qualquer aliança com aquele país. Ainda assim,

naquela época, ele partilhava da opinião de muitos membros da direita *völkisch* de que era preciso distinguir entre os russos "nacionais" — sobre os quais a influência germânica era forte — e a "bolchevização" do país provocada pelos judeus. Provavelmente, a visão de Hitler era moldada em parte por Rosenberg, o principal "especialista" do NSDAP em assuntos orientais, cujas origens bálticas alimentavam uma feroz antipatia pelo bolchevismo. E, com toda probabilidade, era reforçada por Scheubner-Richter, outro escritor prolífico sobre política oriental dos primórdios do partido, com conexões muito fortes entre os exilados russos. Dietrich Eckart, que já no começo de 1919 escrevia sobre a identidade entre judeus e bolchevismo, também deve ter exercido alguma influência.

A Rússia começou a dominar os pensamentos de Hitler sobre política externa antes mesmo do putsch. Ele havia mencionado vagamente a "questão da terra", ao comparar a Alemanha de modo desfavorável com a Rússia no que dizia respeito à proporção entre população e terra disponível, já em dezembro de 1919. Em discurso de 31 de maio de 1921, ao elogiar o Tratado de Brest-Litovsk de 1918 (que acabara com a participação russa na guerra) por dar à Alemanha as terras adicionais de que precisava para sustentar seu povo, ele aludiu a uma expansão do "espaço vital" alemão à custa da Rússia. Em 21 de outubro de 1921, ainda falava, meio enigmaticamente, de uma expansão com a Rússia contra a Inglaterra, que abria "uma possibilidade ilimitada de expansão para o leste". Esses comentários indicavam que naquela época ele ainda compartilhava a visão pangermanista — embora expressa de modo vago — sobre uma expansão para o leste. Em termos amplos, partilhava da ideia corrente de que essa expansão poderia ser efetuada através da colaboração com uma Rússia não bolchevique, cujas demandas territoriais seriam resolvidas também com uma expansão para o leste, na direção da Ásia, deixando as antigas áreas da fronteira russa no oeste para a Alemanha. Isso equivaleria, essencialmente, a algo como uma ressurreição do acordo de Brest-Litovsk, enquanto a Rússia teria de buscar compensação nas terras de suas fronteiras orientais.

No início de 1922, essas opiniões já haviam mudado e Hitler abandonara a ideia de colaboração com os russos. Ele não via nenhuma perspectiva de a Rússia olhar apenas para o oriente. A expansão do bolchevismo para a Alemanha seria um anseio irresistível. A lógica da mudança de posição era evidente. A Alemanha

poderia ser salva somente com a destruição do bolchevismo. E, ao mesmo tempo, isso traria o território de que a Alemanha precisava, com a expansão para a Rússia. No decorrer de 1922, a mudança de perspectiva na política futura em relação à Rússia estava consolidada, talvez reforçada, perto do fim do ano, pelo contato com o arquiexpansionista Ludendorff. Em dezembro de 1922, Hitler explicou para Eduard Scharrer, coproprietário do *Münchner Neueste Nachrichten* e favorável ao Partido Nazista, o delineamento da aliança estrangeira que detalharia em *Mein Kampf*. Ele descartava a rivalidade colonial com a Grã-Bretanha, que havia causado conflito antes da Primeira Guerra Mundial. Em suas palavras:

> A Alemanha teria de se adaptar a uma política puramente continental, evitando prejudicar os interesses ingleses. A destruição da Rússia com a ajuda da Inglaterra teria de ser tentada. A Rússia daria à Alemanha terra suficiente para colonizadores alemães e um campo amplo de atividade para a indústria alemã. Então a Inglaterra não nos interromperia em nosso ajuste de contas com a França.

À luz desses comentários, não se pode dizer que Hitler desenvolveu um conceito totalmente novo de política externa enquanto esteve em Landsberg, baseado na ideia de guerra contra a Rússia para obter *Lebensraum*. E o que ele escreveu em *Mein Kampf* sobre satisfazer a necessidade de terras da Alemanha à custa da Rússia já fora antecipado em um ensaio escrito na primavera de 1924, publicado em abril daquele mesmo ano. Não houve uma "transformação" da "visão de mundo" de Hitler na prisão. O que ele escreveu em Landsberg era resultado da gestação gradual de suas ideias, em vez de um flash de intuição, conjunto de novos insights, ou conversão da noite para o dia a uma opinião diferente.

As noções imperialistas e geopolíticas que formaram a ideia de *Lebensraum* eram, na verdade, moeda corrente na direita *völkisch* da Alemanha de Weimar. A *Lebensraum* era um elemento importante da ideologia imperialista alemã desde a década de 1890; estivera fortemente representada na Liga Pangermanista de Heinrich Claß e fora apoiada pela imprensa controlada pelo membro fundador da Liga, o diretor da Krupp e magnata da mídia Alfred Hugenberg. Para os pangermanistas, o *Lebensraum* podia justificar a conquista territorial lembrando a colonização das terras eslavas na Idade Média pelos cavaleiros teutônicos e, emotivamente, convocar à união no Reich daqueles que vieram a ser descritos como *Volksdeutsche* (alemães étnicos) espalhados pela Europa oriental. Em geral,

constituíam pequenas minorias, como nas partes da Polônia (fora das cidades) que estavam sob domínio prussiano antes de 1918. Mas em várias áreas — Danzig, por exemplo, em partes do Báltico, ou na região da Tchecoslováquia conhecida depois como Sudetos — a população de língua alemã era considerável e, com frequência, vociferantemente nacionalista. Para os pangermanistas, a ideia de *Lebensraum* simbolizava a conquista histórica do Leste, ao mesmo tempo que, ao enfatizar o suposto excesso de população alemã, disfarçava ambições de poder político imperialistas, reais e modernas. Ela existia ao lado das preocupações imperialistas centrais com colônias de comércio no além-mar, resumidas no slogan da *Weltpolitik* — mas não se confundia com elas. Na era de Weimar, ela foi popularizada pelo romance de grande sucesso de Hans Grimm *Volk ohne Raum* (Povo sem espaço), publicado em 1926.

Hitler dificilmente deixou de ler os escritos imperialistas e geopolíticos em circulação sobre "espaço vital". Entre eles, parece altamente provável que as obras de Karl Haushofer, o maior expoente da "geopolítica", tenham sido uma fonte significativa para sua noção de *Lebensraum*, lidas em primeira mão ou de forma resumida. Por intermédio de Rudolf Heß, Hitler já conhecia Haushofer antes de 1922. A influência desse autor foi provavelmente maior do que esse então professor de Munique se dispôs a reconhecer mais tarde. Se não conhecia suas obras antes, é certo que Hitler teve tempo de lê-las na prisão, bem como as de Friedrich Ratzel, o outro teórico importante da geopolítica. Claro que não podemos provar que as leu de fato, mas parece, no mínimo, que tomou conhecimento das linhas gerais dos argumentos deles por intermédio de um ex-aluno de Heß, que fora aluno de Haushofer.

De qualquer modo, por ocasião da discussão com Scharrer, no fim de 1922, o pensamento de Hitler sobre a Rússia e a questão do "espaço vital" já estava consolidado. E, na primavera de 1924, suas ideias estavam plenamente formadas. O que a prisão e a redação de *Mein Kampf* fizeram foi possibilitar que ele refletisse e desse forma a seu discurso. Além disso, mostraram que Hitler já havia então estabelecido a conexão entre a destruição dos judeus e uma guerra contra a Rússia para adquirir *Lebensraum*.

Já no primeiro volume de *Mein Kampf*, estava determinada a escolha — que ele deixara retoricamente em aberto no artigo de 1924 — de uma política agrária

orientada contra a Rússia, com apoio britânico, ou de uma política de comércio mundial sustentada por poder marítimo direcionado contra a Inglaterra, com apoio russo. No segundo volume, escrito sobretudo em 1925, o inimigo de curto prazo ainda era a França. Mas, na linguagem mais descarada, declarava que o objetivo de longo prazo era obter "espaço vital" à custa da Rússia.

> Nós, nacional-socialistas, traçamos conscientemente uma linha abaixo da tendência de política externa de nosso período do pré-guerra. Nós retomamos onde rompemos, seiscentos anos atrás. Detemos o movimento incessante alemão para o sul e para oeste e voltamos nosso olhar para as terras ao leste. Rompemos finalmente a política colonial e comercial do período do pré-guerra e a mudamos para a política de solo do futuro.
>
> Se falamos de solo na Europa de hoje, podemos ter principalmente em mente apenas a Rússia e seus Estados vassalos de fronteira. [...] Durante séculos, a Rússia retirou nutrição dos núcleos germânicos de seus estratos altos importantes. Hoje, eles podem ser considerados quase totalmente exterminados e extintos. Foram substituídos pelo judeu. [...] Ele mesmo não é um elemento de organização, mas um fermento de decomposição. O gigantesco império ao leste está maduro para o colapso. E o fim do domínio judeu na Rússia será também o fim da Rússia como Estado [...].

A missão do Movimento Nacional-Socialista era preparar o povo alemão para essa tarefa: "Fomos escolhidos pelo Destino como testemunhas de uma catástrofe que será a mais poderosa confirmação da correção da teoria *völkisch*".

Nesse trecho se unem os dois elementos fundamentais da "visão de mundo" personalizada de Hitler — a destruição dos judeus e a obtenção de "espaço vital". A guerra contra a Rússia, através da aniquilação do "bolchevismo judeu", traria ao mesmo tempo a salvação da Alemanha ao lhe proporcionar um novo "espaço vital". Grosseira, simplista, bárbara: mas essa invocação dos princípios mais brutais do imperialismo, racismo e antissemitismo do fim do século XIX, transpostos para a Europa oriental do século XX, era uma infusão inebriante para os que estavam dispostos a consumi-la.

O próprio Hitler retornou repetidamente à noção de "espaço vital", que se tornaria um tema dominante em seus escritos e discursos nos anos seguintes. Suas ideias de política externa seriam expostas com mais clareza, mas sem alterações significativas, no *Segundo livro*, escrito em 1928 (mas não publicado durante sua vida). Uma vez estabelecida, a busca por *Lebensraum* — e, com ela, a destruição do "bolchevismo judeu" — continuaria a ser uma pedra angular da ideologia hitlerista. Faltava um elemento para completar a "visão de mundo": o líder genial que

empreenderia essa busca. Na prisão de Landsberg, Hitler encontrou a resposta.

III

Muitos anos depois, Hitler diria que "a autoconfiança, o otimismo e a crença de que simplesmente não poderia ser abalado por mais nada" advinham de seu período em Landsberg. De fato, sua percepção de si mesmo se alterou na prisão. Até mesmo em seu julgamento, como vimos, ele manifestara orgulho por ser o "arauto" da causa nacional. Todo o resto era trivialidade, declarara. Em Landsberg, isso mudou, embora, como observamos, essa mudança já estivesse em andamento durante o ano que antecedeu ao golpe.

Desde o início de sua sentença, Hitler estava preocupado com a questão de seu futuro e do partido depois que fosse libertado. O problema era urgente, uma vez que esperava que isso acontecesse em seis meses. Para ele, não havia como voltar atrás. Sua "carreira" política, que se transformara numa "missão" política, não lhe deixava outra alternativa senão seguir em frente. Não podia retornar ao anonimato, mesmo que quisesse. Um estilo de vida "burguês" convencional estava fora de questão. Qualquer recuo, depois da aclamação que conquistara da direita nacionalista em seu julgamento, confirmaria a impressão de seus oponentes de que ele era uma figura de farsa e o exporia ao ridículo. E, enquanto meditava sobre o golpe fracassado, transformando-o no triunfo dos mártires que viria a ocupar um lugar central na mitologia nazista, não teve dificuldades em atribuir a culpa aos erros, fraquezas e falta de decisão de todas as figuras importantes às quais estava ligado na época. Eles haviam traído a ele e à causa nacional, foi sua conclusão. Mais do que isso: o triunfo em seu julgamento, as torrentes de adulação sempre presentes na imprensa *völkisch* e na avalanche de cartas enviadas à prisão, o colapso do movimento *völkisch* em sua ausência, com o surgimento de rixas sectárias ridículas, e o conflito crescente com Ludendorff e os outros líderes, tudo isso contribuía para lhe dar um sentimento elevado de sua importância e de sua "missão" histórica sem par. A ideia, em embrião em 1923, enraizou-se na estranha atmosfera de Landsberg. Cercado por bajuladores e devotos, com destaque para o adulador Heß, Hitler passou a ter certeza: ele mesmo era o futuro "grande líder" da Alemanha.

Essa noção, com todas as suas implicações, era inimaginável antes de seu triunfo no julgamento e a subsequente aclamação. A liderança "heroica" que agora

reivindicava para si foi uma invenção de seus seguidores antes que ele se visse nesse papel. Mas o papel se adequava ao temperamento de alguém cujos fracassos pessoais no começo da vida haviam encontrado uma exagerada realização na admiração ilimitada por figuras heroicas, sobretudo pelo artista-herói Wagner. Se um imenso ódio de si mesmo é precondição para uma tal elevação anormal da autoestima, até chegar a se considerar um salvador heroico da nação, é uma questão para psicólogos. Mas quaisquer que fossem os motivos profundos para sua egomania narcisista, a adoração que os outros lhe dedicavam e sua incapacidade de ver suas próprias falhas ou erros produziram uma autoimagem de liderança "heroica" de proporções monumentais. Mas ninguém na vida política alemã fora do minúsculo e fracionado movimento *völkisch* tinha consciência desse despetar de Hitler, ou teria levado a sério essa mudança na percepção dele de si mesmo. Na época, era algo sem maiores consequências. Mas, para as exigências dele em relação ao movimento *völkisch* e para sua autoafirmação, foi um desdobramento vital.

Em *Mein Kampf*, ele se retratou como um gênio raro que combinava as qualidades do "programatista" e do "político". O "programatista" de um movimento era o teórico que não se preocupava com realidades práticas, mas com a "verdade eterna", como os grandes líderes religiosos haviam feito. A "grandeza" do "político" estava na implementação prática bem-sucedida da "ideia" apresentada pelo "programatista". "Em longos períodos da humanidade, pode acontecer uma vez que o político esteja unido ao programatista", escreveu ele. Sua obra não se preocupava com as demandas de curto prazo que qualquer pequeno-burguês poderia entender, mas olhava para o futuro, com "objetivos que somente uns poucos compreendem". Entre os "grandes homens" da história, Hitler mencionava a esse respeito Lutero, Frederico o Grande e Wagner. Em sua opinião, era raro que "um grande teórico" fosse também "um grande líder". Este último era, com muito mais frequência, "um agitador": "Pois liderar significa ser capaz de mover as massas". E concluía: "a combinação de teórico, organizador e líder em uma única pessoa é a coisa mais rara que se pode encontrar na face da terra; essa combinação faz o grande homem". Sem dúvida, Hitler referia-se a si mesmo.

A "ideia" que defendia não era um objetivo de curto prazo. Era uma "missão", uma "visão" de metas futuras de longo prazo, e de sua parte na realização delas. Com certeza, esses objetivos — salvação nacional por meio da "remoção" dos

judeus e obtenção de "espaço vital" no leste — não equivaliam a diretrizes políticas práticas e imediatistas, mas, incorporados à noção do líder "heroico", representavam uma "visão de mundo" dinâmica. Essa *Weltanschauung* dava a Hitler seu ímpeto incansável. Ele falava constantemente de sua "missão". Via a mão da "Providência" em seu trabalho. Considerava sua luta contra o judeu "a obra do Senhor". Via o trabalho de sua vida como uma cruzada. A invasão da União Soviética, quando desencadeada muitos anos depois, foi para ele a culminação de sua cruzada — e não somente para ele. Seria um erro sério subestimar a força propulsora ideológica das poucas ideias centrais de Hitler. Ele não era um mero propagandista ou "oportunista sem princípios". Na verdade, era um propagandista magistral *e* um ideólogo. Não havia contradição entre os dois.

Quando Hitler deixou a prisão de Landsberg para tentar reconstruir um movimento deteriorado, suas reivindicações de liderança estavam, portanto, não só externamente realçadas, no âmbito da facção *völkisch*, como intimamente transformadas e consolidadas numa nova percepção dele mesmo e da consciência de seu papel. Seu senso de realismo não havia de forma nenhuma desaparecido sob suas afirmações messiânicas. Ele não tinha uma noção concreta de como seus objetivos poderiam ser alcançados. Ainda imaginava que só poderiam ser fruídos num futuro distante. Uma vez que era constituída de uns poucos princípios básicos, mas imutáveis, sua "visão de mundo" era compatível com ajustes táticos de curto prazo. E tinha a vantagem de acomodar e reconciliar uma variedade de posições de outro modo conflitantes sobre questões particulares e detalhes ideológicos adotados por líderes nazistas subordinados. No quadro de sua "visão de mundo" básica, o próprio Hitler era flexível, até indiferente em relação a questões ideológicas que poderiam obcecar seus seguidores. Os oponentes da época e vários comentaristas posteriores muitas vezes subestimaram o dinamismo da ideologia nazista devido a sua prolixidade e em virtude do cinismo de sua propaganda. Com frequência, a ideologia era considerada não mais do que um manto para acobertar ambições de poder e tirania. Trata-se de uma interpretação equivocada da força propulsora das ideias básicas de Hitler, por mais cruas e parcas que fossem. E significa não compreender o modo como essas ideias básicas vieram a funcionar no Partido Nazista e, depois de 1933, no Estado nazista. O que importava para Hitler era, de fato, o caminho para o poder. Ele estava preparado para sacrificar a maioria

dos princípios por isso. Mas alguns — e eram esses que contavam para ele — não eram apenas imutáveis: eles compunham a essência do que ele entendia por poder. O oportunismo era sempre moldado, em última instância, pelas ideias centrais que determinavam sua noção de poder.

Depois dos meses passados em Landsberg, sua crença em si mesmo era de tal ordem que, diferentemente da época pré-putsch, ele podia se considerar o expoente *exclusivo* da "ideia" de nacional-socialismo e único líder do movimento *völkisch*, destinado a mostrar para a Alemanha o caminho de sua salvação nacional. A tarefa que tinha pela frente depois de sair da prisão seria convencer os outros disso.

7. Domínio do movimento

I

Hitler passou a noite de Natal de 1924 na esplêndida nova *villa* de Hanfstaengl, no Herzogpark de Munique. Ele engordara na prisão e estava com aparência um pouco balofa. Seu terno azul estava cheio de caspa no colarinho e nos ombros. O menino de quatro anos Egon Hanfstaengl ficou contente de ver "Tio Dolf" de novo. Em não mais que dois minutos, Hitler pediu para ouvir a "Liebestod" de Isolda no elegante piano de cauda Blüthner da casa. A música de Wagner, como Hanfstaengl notara várias vezes, tinha a capacidade de mudar o humor de Hitler. Seu nervosismo e tensão iniciais desapareceram. Ficou descontraído e alegre. Admirou a casa nova, depois parou subitamente no meio de uma frase, olhou por sobre o ombro e explicou que não havia perdido o hábito, conquistado na prisão, de imaginar que estava sendo observado pelo buraco da fechadura. Hanfstaengl percebeu que se tratava de uma encenação patética. Ele visitara Hitler em Landsberg e o encontrara relaxado e confortável; e não havia buraco de fechadura em seu quarto. Notou que Hitler tivera bom apetite durante a ceia, composta de peru seguido por seus doces vienenses preferidos, mas mal tocara no vinho. O convidado explicou depois que, ao deixar a prisão, passara a cortar as carnes vermelhas e o álcool para perder peso. Convencera-se de que carne e bebidas alcoólicas não lhe faziam bem e, "a sua maneira fanática", continuou Hanfstaengl, "acabou fazendo disso um dogma e, a partir de então, só comeu comida vegetariana e bebeu bebidas sem álcool". Depois da refeição, Hitler contou para a

família suas memórias da guerra, marchando para lá e para cá na sala, imitando os sons dos diferentes tipos de artilharia na batalha do Somme. No final da noite, o bem relacionado artista Wilhelm Funk apareceu na casa dos Hanfstaengl. Ele conhecia Hitler havia algum tempo e aventurou-se a dar sua opinião sobre como o partido poderia ser reconstruído. Hitler respondeu num tom familiar e revelador. Para alguém que viera "de baixo", disse ele, "sem nome, posição especial ou conexão", tratava-se menos de uma questão de programas do que de empenho duro até que o público estivesse pronto para ver "um anônimo" e identificá-lo com uma linha política. Ele achava que havia alcançado essa posição e que o putsch fora bom para o movimento: "Não sou mais um desconhecido e isso nos dá a melhor base para um recomeço".

O novo começo era sua prioridade. O objetivo imediato era obter a suspensão da proibição do NSDAP. Seu primeiro ato político foi convocar seu velho aliado Ernst Pöhner, ex-chefe da polícia de Munique. Por meio de um intermediário bem posicionado, o barão Theodor von Cramer-Klett, foi marcado um encontro com o ministro presidente bávaro Heinrich Held para o dia 4 de janeiro. Pöhner foi importante também para persuadir Franz Gürtner, o ministro da Justiça da Baviera (que Hitler faria ministro da Justiça do Reich em 1933), a soltar os outros nazistas detidos em Landsberg, entre eles, Rudolf Heß.

O encontro com o ministro presidente Held, quinze dias depois da soltura de Hitler e a primeira de três reuniões entre os dois, correu bem. Não havia mais ninguém presente. Hitler estava preparado para agir com humildade. Concordou em respeitar incondicionalmente a autoridade do Estado e apoiá-lo na luta contra o comunismo. Distanciou-se de forma clara dos ataques de Ludendorff à Igreja católica, uma medida necessária, uma vez que o vociferante anticlericalismo do general — postura dificilmente vencedora na Baviera — se tornara ruidoso demais e estava ligado a uma rixa pública (que envolveu um processo por calúnia que Ludendorff perdeu) com Rupprecht, o príncipe herdeiro da Baviera. Por trás da fachada pública de reverência pela figura de destaque do movimento *völkisch*, a disposição de Hitler de se dissociar de Ludendorff não era somente astuta, mas também um sinal de seu crescente afastamento do general, que se tornaria completo em 1927.

Mas não foi apenas isso: Hitler prometeu a Held — uma promessa fácil naquela

situação — que não tentaria dar um novo golpe. O premiê bávaro disse nos termos mais diretos que os tempos haviam mudado. Ele não toleraria nenhum retorno ao tipo de circunstâncias que prevaleciam antes do putsch. Tampouco o governo constitucional trataria os "revolucionários de ontem" como parceiros iguais. Mas Hitler obteve o que queria. Com o apoio de Gürtner, o caminho estava aberto para a suspensão do banimento do NSDAP e do *Völkischer Beobachter*, o que se deu em 16 de fevereiro. E, nessa data, as relações de Hitler com seus rivais do NSFB já estariam esclarecidas.

Em meados de fevereiro, os acontecimentos já marchavam a seu favor. No dia 12, Ludendorff dissolveu a Liderança do Reich do NSFB. E Hitler anunciou sua decisão de refundar o NSDAP e recebeu uma avalanche de declarações de lealdade logo antes da suspensão da proibição do partido.

Em 26 de fevereiro, o *Völkischer Beobachter* saiu pela primeira vez após o golpe. O editorial de Hitler "Sobre a renovação de nosso movimento" enfatizava que se deveriam evitar recriminações pelas divisões no movimento *völkisch* e, aprendendo com os erros do passado, que era importante olhar para o futuro. Não havia lugar no movimento para disputas religiosas — um alerta necessário à Baviera católica e uma crítica a setores do próprio movimento que o acusavam de fazer concessões ao catolicismo. Recusava-se a aceitar quaisquer condições externas que limitassem sua liderança, proclamava que os objetivos do movimento não haviam mudado e exigia unidade interna. Seu "Apelo aos antigos membros", publicado na mesma edição, seguia a mesma linha. Se os membros do partido voltassem, ele não perguntaria sobre o passado e se preocuparia apenas com que a desunião do passado não se repetisse. Exigia unidade, lealdade e obediência. Não fazia concessões. O que estava em oferta era uma "pax hitleriana". O jornal trazia também os novos regulamentos do NSDAP reformado, baseados nos estatutos de julho de 1921. Liderança e unidade eram novamente a tônica. Todas as divisões deveriam ser evitadas na luta contra "o inimigo mais terrível do povo alemão [...] a judiaria e o marxismo". A SA deveria retornar ao papel de tropa de apoio do partido e campo de treinamento para jovens militantes que ocupara antes de se incorporar à cena paramilitar bávara, em fevereiro de 1923 — esse seria, em semanas, o ponto de rompimento com Ernst Röhm, que, sem conseguir convencer Hitler a manter a SA como uma organização paramilitar convencional, retirou-se da vida política e partiu para a Bolívia. A

entrada no partido refundado só seria possível com uma nova inscrição. Não haveria renovação ou continuação de inscrições antigas. Além do valor simbólico, essa medida estava de acordo com a imposição de controle centralizado de Munique sobre os membros. A retenção da base de poder em Munique era vital para Hitler. Quando Lüdecke sugeriu a mudança da sede para a Turíngia — estrategicamente bem situada no centro da Alemanha, associada a Lutero e às tradições culturais de Weimar, numa área protestante que não tinha de enfrentar a oposição do establishment católico, como na Baviera, e sobretudo uma região com uma base forte de simpatizantes *völkisch* — Hitler concordou que a ideia fazia algum sentido. "Mas não posso deixar Munique", acrescentou imediatamente. "Estou em casa aqui; eu significo alguma coisa aqui; há muitos aqui que são devotados a mim, a mim somente e a mais ninguém. Isso é importante."

Às 20 horas de 27 de fevereiro de 1925, Hitler, com seu costumeiro senso teatral, fez sua reentrada na cena política de Munique onde a deixara dezesseis meses antes: na Bürgerbräukeller. Tal como antes do putsch, cartazes vermelhos anunciando o discurso foram colados por toda a cidade durante vários dias. As pessoas começaram a ocupar seus lugares no começo da tarde. Três horas antes do início, a imensa cervejaria já estava lotada. Mais de 3 mil pessoas se apinhavam lá dentro, outras 2 mil tiveram de ir embora e cordões da polícia isolaram a área circundante. Alguns rostos importantes estavam ausentes. Rosenberg era um deles. Ficara irritado por ser excluído do círculo íntimo de Hitler nas semanas posteriores a seu retorno de Landsberg. Ele disse a Lüdecke: "Não participarei dessa comédia. [...] Sei que tipo de beijo de irmão Hitler pretende pedir". Ludendorff, Strasser e Röhm também não compareceram. Hitler queria que Drexler, o primeiro presidente do partido, presidisse a reunião. Mas Drexler insistia que Hermann Esser fosse expulso do partido. Hitler não aceitava condições. E, para ele, Esser tinha "mais senso político na ponta dos seus dedos do que todo o bando de seus acusadores em seus traseiros". Assim, um dos adeptos em quem mais confiava, o administrador de seus negócios Max Amann, abriu o evento.

Hitler falou por quase duas horas. Nos primeiros três quartos de seu discurso apresentou seu relato padrão do sofrimento da Alemanha desde 1918, os judeus como causa disso, a fraqueza dos partidos burgueses e os objetivos do marxismo (que só poderia ser combatido por uma doutrina da verdade suprema, mas de

"brutalidade de execução similar"). Ele foi franco a respeito da necessidade de concentrar todas as energias num único objetivo, de atacar um único inimigo para evitar a fragmentação e a desunião. "A arte de todos os grandes líderes populares", proclamou, "consistiu em todos os tempos em concentrar a atenção das massas em um único inimigo." Levando-se em conta o contexto, estava claro que se referia aos judeus. Apenas no último quarto do discurso chegou ao verdadeiro tema da noite. Ninguém deveria esperar que ele tomasse partido na disputa feroz que ainda grassava no movimento *völkisch*. Ele via em cada camarada do partido apenas o defensor da ideia comum, declarou sob longos aplausos. Sua tarefa de líder não era examinar o que havia acontecido no passado, mas reunir aqueles que estavam se separando. E finalmente chegou ao ponto crucial. A disputa estava acabada. Aqueles dispostos a participar deveriam esquecer suas diferenças. Durante nove meses, outros haviam tido tempo de "cuidar" dos interesses do partido, salientou com sarcasmo. E acrescentou, para o aplauso entusiasmado da plateia: "Senhores, que a representação dos interesses do movimento fique sob meus cuidados a partir de agora!". Porém, sua liderança tinha de ser aceita de forma incondicional. "Não estou disposto a permitir condições enquanto carregar pessoalmente a responsabilidade", concluiu. "E agora carrego de novo comigo a total responsabilidade por tudo que aconteça neste movimento." Depois de um ano, ele assumia toda a responsabilidade. Houve aplausos tumultuosos e gritos de "Heil". Todos se levantaram e cantaram "Deutschland, Deutschland über alles".

Então veio o final grandioso. Foi uma cena de puro teatro, mas tinha um significado simbólico, que os presentes não deixaram de notar. Os arqui-inimigos do último ano — Hermann Esser, Julius Streicher, Artur Dinter da GVG, Rudolf Buttmann, Gottfried Feder, Wilhelm Frick do "parlamentarista" Völkischer Block — subiram todos na plataforma e apertaram-se as mãos, perdoaram uns aos outros e juraram fidelidade eterna ao líder, em meio a cenas emotivas, com muitos sobre cadeiras e mesas, e a multidão empurrando do fundo do salão. Pareciam vassalos medievais jurando lealdade ao suserano. Outros fizeram a mesma coisa. Hipocrisia ou não, estava claro que a demonstração pública de unidade só poderia acontecer sob a liderança de Hitler. Com alguma justiça, ele podia dizer que restaurara a "homogeneidade" do partido. Nos anos seguintes, isso se tornaria mais e mais claro: Hitler, e a "ideia" cada vez mais encarnada em sua liderança, constituía a

única e indispensável força de integração num movimento que guardava o potencial de se destroçar. Sua posição de líder supremo, que pairava acima do partido, devia muito ao reconhecimento desse fato.

Fora dos círculos de fiéis, a reação imediata ao discurso de Hitler na direita *völkisch* foi mais de desapontamento, em especial pelo modo como ele estava claramente se distanciando de Ludendorff, ainda considerado por muitos o líder do movimento. O prestígio do general era um problema em potencial. Mas, como tantas outras vezes, a sorte veio em auxílio de Hitler.

Em 28 de fevereiro de 1925, dia posterior à refundação do NSDAP, o primeiro presidente da República de Weimar, o social-democrata Friedrich Ebert, ainda vilipendiado pela direita, morreu aos 54 anos devido a complicações de uma cirurgia de apendicite. Contra os argumentos de alguns de seus conselheiros, Hitler insistiu em apresentar o nome de Ludendorff como candidato nacional-socialista e persuadiu o general a concorrer. Para ele, a candidatura era pró-forma, sem chance de vitória. O motivo de Ludendorff aceitar ser candidato é menos fácil de entender do que as razões de Hitler querer a candidatura de um rival que tratava com particular sarcasmo. Parece que persuadiu o general de que o candidato conservador da direita, Karl Jarres, tinha de ser detido e, exaltando o prestígio de Ludendorff, induziu-o a concorrer. É provável que o general contasse com o apoio de seus amigos *völkisch*. Mas quando eles decidiram — a fim de não dividir o voto da direita — apoiar Jarres, o destino de Ludendorff estava selado. O que parecia uma estratégia arriscada para alguns membros do séquito de Hitler na verdade não representava quase nenhum risco, e era mais ou menos uma garantia de prejudicar Ludendorff. O fato de que essa era a real intenção por trás da manobra de Hitler foi mal disfarçado, até por alguns nazistas influentes.

Para Ludendorff, a eleição de 29 de março foi uma catástrofe. Ele obteve apenas 286 mil votos, 1,1% dos eleitores que compareceram às urnas. Eram 600 mil a menos do que a direita *völkisch* havia conquistado na eleição para o Reichstag em dezembro de 1924, o que já fora um resultado desastroso. Hitler ficou tudo, menos infeliz com o resultado. "Tudo bem, agora acabamos finalmente com ele", disse a Hermann Esser. O vencedor das eleições no segundo turno de 26 de abril foi outro herói de guerra, o marechal de campo Hindenburg. A democracia de Weimar estava agora nas mãos de um dos pilares da velha ordem. Ludendorff nunca se

recuperou da derrota. O grande rival de Hitler na disputa pela liderança da direita *völkisch* não representava mais um desafio e estava a caminho do ostracismo político. Em 1927, Hitler já atacaria abertamente seu ex-aliado e o acusaria de pertencer à maçonaria (acusação que nunca foi contestada).

O movimento *völkisch*, em 1924 numericamente mais forte e geograficamente mais difundido que o NSDAP e suas organizações sucessoras, não somente ficou enfraquecido e dividido como perdeu sua principal figura. De início houve dificuldades, em especial no sul da Alemanha, onde os líderes partidários locais se recusaram a ceder à exigência de Hitler de que rompessem seus laços com associações *völkisch* e se subordinassem à sua liderança. Mas, aos poucos, passaram para o lado nazista. A maioria percebeu de onde o vento soprava. Sem Hitler não tinham futuro. De sua parte, Hitler foi particularmente assíduo, nos meses seguintes, em suas visitas às seções locais do partido na Baviera. A proibição de falar em comícios públicos, que as autoridades bávaras lhe haviam imposto em 9 de março (seguida de proibições similares na maioria dos outros estados, inclusive a Prússia, nos meses subsequentes), deu-lhe mais tempo para falar em reuniões partidárias fechadas. O aperto de mãos com cada membro do partido, uma parte invariável desses encontros, cimentava simbolicamente os laços entre ele e os filiados locais. Desse modo, montou-se uma sólida plataforma para sua liderança na Baviera. No norte, o caminho foi menos tranquilo.

II

Em 11 de março, dois dias após a proibição de falar, Hitler encarregou Gregor Strasser de organizar o partido no norte da Alemanha. Ele era provavelmente o mais capaz dos líderes nazistas — um boticário de Landshut, bávaro alto, expansivo, chefe da SA na Baixa Baviera antes do putsch, diabético que se misturava com os mais grosseiros participantes das brigas de cervejaria, mas relaxava lendo Homero no original. Sobretudo, Strasser era um organizador soberbo. Foi graças, em grande medida, a seu trabalho que a organização do NSDAP cresceu rapidamente no norte da Alemanha, aproveitando-se dos contatos que estabelecera quando estivera na Liderança para o Reich do NSFB. A maioria das seções locais da região teve de ser criada a partir do nada. No fim de 1925, já eram 262, em comparação com apenas 71 nas vésperas do golpe. Enquanto Hitler passava boa parte do verão de 1925 nas montanhas próximas a Berchtesgaden — trabalhando no segundo volume de seu livro, aproveitando para ir ao Festival de Bayreuth e pouco se preocupando com o partido fora da Baviera —, Strasser não descansava em seus esforços no norte. Sua concepção própria de um "nacional-socialismo" se formara nas trincheiras. Ele era mais idealista, menos puramente instrumentalista do que Hitler em seu anseio de conquistar a classe operária. E embora fosse, é claro, um antissemita ferrenho, não tinha em alta conta a ênfase obsessiva e quase exclusiva no ataque aos judeus que caracterizava Hitler e seus asseclas do partido em Munique. Na verdade, desde o período da rancorosa divisão de 1924, ele mal tolerava Esser e Streicher, os principais luminares do NSDAP bávaro. Porém, compartilhava os objetivos básicos de Hitler, ainda que os expressasse de forma um pouco diferente. E apesar de jamais ter sucumbido à adoração de Hitler, reconhecia que ele era indispensável ao movimento e continuava a ser fiel a ele.

As ideias de Strasser e sua abordagem encaixavam-se bem no modo como o partido se desenvolvera no norte da Alemanha, longe do centro bávaro. Uma questão essencial na região era a intensa aversão, decorrente dos choques profundos do "período sem liderança" de 1924, aos três indivíduos que, na sua visão, dominavam os assuntos na Baviera: Esser, Streicher e Amann. A rejeição a essas três figuras continuaria a ser um ponto de tensão entre o NSDAP do norte e a sede de Munique ao longo de 1925. Isso ia de mãos dadas com a recusa de receber

ordens de Munique, onde o secretário do NSDAP, Philipp Bouhler, tentava impor um controle centralizado sobre os membros do partido e, com isso, a autoridade completa de Munique sobre todo o movimento. Outro fator intrinsecamente relacionado a isso era a preocupação com a inação de Hitler enquanto a crise no NSDAP se aprofundava. Era sua passividade, aos olhos dos líderes do partido no norte, que permitia o domínio da panelinha de Esser e o mantinha em demasia sob a influência detestável dos antigos líderes da GVG. O apoio que dava a eles era uma fonte de intenso desapontamento e rancor. Hitler também desapontara em seu abandono do norte, apesar de suas promessas, desde a refundação. Além disso, ocorriam constantes desacordos quanto à participação nas eleições. A liderança do partido em Göttingen, em particular, continuava totalmente hostil às táticas parlamentares que, julgava, resultariam na transformação do "movimento" num mero "partido" como os outros. Sobretudo, havia diferentes destaques em certas políticas e diferentes ênfases na "ideia" nacional-socialista. Alguns líderes do norte, como Strasser, defendiam uma ênfase mais "socialista", voltada para o máximo apelo aos trabalhadores das grandes regiões industriais. A estrutura social diferente exigia um tipo distinto de apelo daquele que a Baviera preferia.

Mas não se tratava apenas de uma questão de propaganda cínica. Alguns dos principais militantes do norte, como o jovem Joseph Goebbels, na região de Elberfeld, perto do Ruhr, eram atraídos pela "ideia" do "nacional-bolchevismo". Dono de uma cabeça perspicaz e espírito agudo, o futuro ministro da Propaganda, uma das figuras mais inteligentes do movimento nazista, entrara para o NSDAP no fim de 1924. Criado numa família católica de meios moderados, de Rheyd, uma pequena cidade industrial da Renânia, seu pé direito deformado o expôs desde a infância a insultos, troças e sentimentos duradouros de inadequação física. O fato de suas primeiras pretensões a escritor terem sido recebidas com pouco reconhecimento aumentou ainda mais seu ressentimento. "Por que o destino me nega o que dá a outros?", perguntava-se em março de 1925 no diário que manteria até perto do fim de seus dias no bunker de Berlim, vinte anos depois, acrescentando, em tom de comiseração por si mesmo, as palavras de Jesus na cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?". Seu complexo de inferioridade produziu uma forte ambição e a necessidade de demonstrar eficácia por meio da agilidade mental num movimento que escarnecia tanto da fraqueza física quanto

dos “intelectuais”. Sobretudo, produziu fanatismo ideológico.

Goebbels e alguns outros líderes do norte se consideravam revolucionários, com mais coisas em comum com os comunistas do que com a odiada burguesia. Havia algumas simpatias pela Rússia. E falavam de um partido sindicalista. Por fim, havia a atitude em relação a Hitler e ao programa do partido. Todos os líderes do norte aceitavam a posição de Hitler e seu direito de chefiar o partido. Reconheciam-no como o “herói de Munique” por seu papel no putsch e por sua postura no julgamento. Seu prestígio e sua reputação não precisavam de ênfase. Mas muitos dos membros do partido no norte não o conheciam pessoalmente, nem mesmo o haviam visto. Desse modo, sua relação com ele era bem diferente daquela dos partidários bávaros, em especial os de Munique. Hitler era o líder deles; isso não estava em questão. Mas, na visão deles, Hitler também estava preso à “ideia”. Ademais, o programa de 1920 que delineava a “ideia” em termos dos objetivos do partido era, na opinião deles, deficiente e precisava de reforma.

No fim do verão de 1925, os líderes do norte, que diferiam entre si no que dizia respeito à interpretação e à ênfase em pontos do programa, objetivos e significado do nacional-socialismo, concordavam pelo menos que o partido estava passando por uma crise. Isso se refletia na queda do número de filiados e na estagnação. Eles associavam isso, sobretudo, à situação do partido em Munique. Mas tudo o que podia ser feito era a criação, sob a liderança de Strasser, de uma Comunidade de Trabalho dos Distritos do Norte e do Oeste Alemão do NSDAP, uma organização frouxa voltada principalmente a arranjar o intercâmbio de oradores.

Isso não tinha de forma nenhuma a intenção de contestar Hitler. Mesmo assim, veio a representar uma ameaça a sua autoridade. Os choques em torno da panelinha de Esser e da participação eleitoral não eram, por si mesmos, críticos. De significado muito maior era o fato de que Gregor Strasser e Goebbels, em especial, viam na Comunidade uma chance de reformar o programa do partido. Em última análise, Strasser esperava substituir o programa de 1920. Em novembro, tomou as primeiras medidas para redigir o esboço de programa da Comunidade. Defendia uma nação alemã racialmente integrada no coração de uma união alfandegária da Europa central, base dos estados unidos da Europa. Internamente, propunha um estado corporativo. Na economia, buscava amarrar os camponeses a suas terras e o controle público dos meios de produção, ao mesmo tempo que protegia a

propriedade privada.

O projeto não era apenas vago, incoerente e contraditório, mas poderia ser divisivo. Hitler reconheceu os sinais de perigo. Convocou cerca de sessenta líderes do partido para uma reunião em 14 de fevereiro de 1926, em Bamberg, na Alta Francônia. Não havia pauta. Foi dito que Hitler queria simplesmente discutir algumas "questões importantes".

Ele falou durante duas horas. Tratou principalmente de política externa e alianças futuras. Sua posição era totalmente oposta à da Comunidade de Trabalho. As alianças jamais eram ideais, disse, mas sempre "uma pura questão de negócio político". A Grã-Bretanha e a Itália, ambas se distanciando da arqui-inimiga França, ofereciam o melhor potencial. Qualquer ideia de aliança com a Rússia podia ser descartada. Significaria "a imediata bolchevização da Alemanha" e, com isso, um "suicídio nacional". O futuro da Alemanha só poderia ser garantido com a obtenção de terras, pela colonização do leste, como na Idade Média, por uma política colonialista não no além-mar, mas na Europa. Sobre a questão da expropriação dos príncipes alemães sem compensação (uma proposta da esquerda, mas apoiada pelos líderes nazistas do norte do país), Hitler mais uma vez descartou a posição da Comunidade: "Para nós, não existem hoje príncipes, apenas alemães. Baseamo-nos na lei e não daremos a um sistema judeu de exploração um pretexto legal para a pilhagem completa de nosso povo". Essa manobra retórica não conseguia esconder a rejeição completa das ideias dos líderes do norte. Por fim, voltou a insistir que os problemas religiosos não tinham papel a desempenhar no Movimento Nacional-Socialista.

Goebbels ficou chocado. "Senti-me desolado. Quem era aquele Hitler? Um reacionário? Incrivelmente canhestro e incerto. [...] Provavelmente um dos maiores desapontamentos de minha vida. Não acredito mais plenamente em Hitler. Essa é a coisa terrível: meu suporte interior foi levado embora."

Hitler reafirmara sua autoridade. A ameaça potencial da Comunidade de Trabalho evaporara. Apesar de alguns sinais iniciais de desafio, o destino da Comunidade foi selado em Bamberg. Gregor Strasser prometeu que recolheria todos os exemplares do projeto de programa que havia distribuído e escreveu aos membros da Comunidade em 5 de março, pedindo-lhes que devolvessem o documento. A Comunidade desapareceu aos poucos. Em 1o de julho de 1926,

Hitler assinou uma diretriz declarando que, "uma vez que o NSDAP representa uma grande comunidade de trabalho, não há justificativa para comunidades de trabalho menores como uma combinação de *Gaue* distintas". Àquela altura, a Comunidade de Trabalho, concebida por Strasser, de diferentes *Gauleiter* [líderes provinciais partidários] do norte e do oeste estava acabada. Com ela, desfazia-se o último obstáculo para o estabelecimento do domínio completo de Hitler sobre o partido.

Hitler foi suficientemente astuto para ser generoso depois de seu triunfo em Bamberg. Em setembro, Strasser foi elevado a Líder de Propaganda do partido, enquanto Franz Pfeffer von Salomon (*Gauleiter* da Westfália, um ex-oficial do Exército que depois entrou para o Freikorps, participou do golpe de Kapp e era ativo na oposição aos franceses no Ruhr) foi designado chefe da SA. E, o mais importante de tudo, o impressionável Goebbels foi cortejado por Hitler e completamente conquistado.

Para provocar o que foi chamado com frequência de "Damasco" de Goebbels não foi preciso muita coisa. Goebbels havia idolatrado Hitler desde o começo. "Quem é este homem? Meio plebeu, meio Deus! Na realidade, Cristo, ou apenas João [Batista]?", escrevera em seu diário em outubro de 1925, ao terminar de ler o primeiro volume de *Mein Kampf*. "Este homem tem tudo para ser rei. O tribuno nato do povo. O futuro ditador", acrescentou algumas semanas depois. "Como eu o adoro." Tal como outros membros da Comunidade de Trabalho, ele quisera somente libertar Hitler das garras da panelinha de Esser. Bamberg foi um golpe amargo. Mas sua crença em Hitler foi prejudicada, não destruída. Ele precisava apenas de um sinal de Hitler para restaurá-la. E o sinal não demorou a chegar.

Em meados de março, Goebbels fez as pazes com Streicher depois de uma longa conversa em Nuremberg. No fim do mês, ele recebeu uma carta de Hitler convidando-o a falar em Munique em 8 de abril. O carro de Hitler foi buscá-lo na estação e levá-lo ao hotel. "Que recepção nobre", anotou Goebbels em seu diário. O carro estava a postos de novo no dia seguinte para levá-lo a visitar o lago Starnberg, distante alguns quilômetros de Munique. À noite, após o discurso de Goebbels na Bürgerbräukeller, no qual ele evidentemente recuou de sua versão mais radical do socialismo, Hitler o abraçou, com lágrimas nos olhos. Na tarde seguinte, passou três horas falando sobre os mesmos temas que abordara em Bamberg. Naquela ocasião, Goebbels ficara muito desapontado. Agora, achava que

era “brilhante”. “Eu o adoro. [...] Ele pensou em tudo. Ele é um grande homem, em todos os aspectos. Um espírito assim cintilante pode ser meu líder. Reverencio o maior, o gênio político”, escreveu em seu diário. Sua conversão foi completa. Alguns dias depois, encontrou-se com Hitler novamente, dessa vez em Stuttgart. “Creio que ele me levou ao seu coração como ninguém mais. Adolf Hitler, eu amo você porque você é grande e simples ao mesmo tempo. É isso que se chama de gênio.” Perto do fim do ano, Hitler designou Goebbels o *Gauleiter* de Berlim — uma posição-chave se o partido quisesse avançar na capital. Goebbels era um homem de Hitler. E continuaria a sê-lo, adorador e subserviente a quem disse que amava “como um pai”, até os últimos dias no bunker.

A reunião de Bamberg fora um marco no desenvolvimento do NSDAP. A Comunidade de Trabalho não quisera nem tentara se rebelar contra a liderança de Hitler. Mas, depois que Strasser redigiu seu projeto de programa, um choque era inevitável. O partido deveria se subordinar a um programa ou a seu líder? A reunião de Bamberg decidiu o que significaria o nacional-socialismo. Não seria um partido dividido em relação a pontos do dogma, como o movimento *völkisch* fora em 1924. O programa de 25 pontos de 1920 foi considerado suficiente. “Fica como está”, consta que Hitler disse. “O Novo Testamento também está cheio de contradições, mas isso não impediu a difusão do cristianismo.” O que importava era sua significação simbólica, não sua viabilidade prática. Qualquer declaração mais precisa não provocaria apenas dissensão interna: teria amarrado Hitler ao programa, subordinando-o a princípios abstratos de doutrina que estariam abertos a disputa e alteração. Tal como estava, sua posição de Líder do movimento era agora inviolável.

Em Bamberg também foi reafirmada uma importante questão ideológica: a essência antirrussa da política externa. A posição alternativa do grupo do norte foi rejeitada. A “ideia” e o Líder começavam a ser inseparáveis. Mas a “ideia” equivalia a um conjunto de metas distantes, uma missão para o futuro. O único caminho para chegar lá era através da conquista do poder. Para isso era necessária a máxima flexibilidade. No futuro, nenhuma disputa ideológica ou organizacional deveria se desviar do caminho. Força de vontade fanática, convertida em força de massa organizada, eis o que era preciso. Isso exigia liberdade de ação para o Líder e obediência total dos seguidores. O que surgiu na esteira de Bamberg foi, portanto,

o crescimento de um novo tipo de organização política: submissa à vontade do Líder, que ficava além e acima do partido, a encarnação em sua pessoa da "ideia" de nacional-socialismo.

Quando ocorreu a Reunião Geral dos Membros, em 22 de maio, à qual compareceram 657 filiados, a liderança de Hitler já estava extraordinariamente fortalecida. Ele admitiu com franqueza que não atribuía valor à reunião, que fora convocada apenas para cumprir as exigências legais de uma associação pública. O comício vindouro do partido em Weimar — oportunidade para a exibição visual da recente unidade — era o que contava a seus olhos. Após seu "relatório" sobre as atividades do partido desde sua refundação, Hitler foi "reeleito" por unanimidade para a presidência da entidade. A administração continuou nas mãos dos que lhe eram próximos. Fizeram-se algumas emendas ao estatuto. Alterado cinco vezes desde 1920, foi posto em sua forma final. As emendas asseguravam o controle da máquina partidária por Hitler. A designação de seus subordinados mais importantes, os *Gauleiter*, estava em suas mãos. Com efeito, os estatutos refletiam o partido centrado no líder em que se transformara o NSDAP. À luz do conflito com a Comunidade de Trabalho sobre o novo programa, era muito significativa a reafirmação dos 25 pontos de 24 de fevereiro de 1920. "Este programa é imutável", declaravam os estatutos, sem nenhuma ambiguidade.

Algumas semanas depois, o comício do partido em Weimar — onde Hitler tinha permissão para falar em público — propiciou o pretendido show de unidade por trás do líder. Estimou-se o comparecimento entre 7 mil e 8 mil pessoas, incluindo 3600 membros da tropa de choque e 111 homens da SS. Foi a primeira vez que a Schutzstaffel (SS, Brigada de Defesa), fundada em abril de 1925, com origem na guarda pessoal de Hitler (Stoßtrupp — Esquadrão de Assalto), se exibiu publicamente. Também exibida pela primeira vez e entregue à SS como sinal da aprovação de Hitler à nova organização de elite estava a Bandeira de Sangue de 1923, à frente da procissão até o Feldherrnhalle. Cada soldado da tropa de choque presente ao comício fez um juramento pessoal de lealdade a Hitler. O líder do partido teve uma recepção calorosa dos delegados após o discurso. "Profundo e místico. Quase como um evangelho. [...] Agradeço ao destino que nos deu esse homem", escreveu Goebbels.

O Partido Nazista ainda estava muito menor do que fora na época do putsch. No

quadro geral da política nacional, era totalmente insignificante. Para os observadores de fora, suas perspectivas pareciam sombrias. Mas, internamente, o período de crise estava superado. Embora pequeno, estava mais bem organizado, assim como mais difundido geograficamente do que no passado. Sua imagem de unidade e força começava a persuadir outras organizações *völkisch* a se unirem ao NSDAP. Sobretudo, ele estava se transformando num tipo novo de organização política — um partido de líder. Hitler estabelecera a base de seu domínio sobre o movimento. Nos anos seguintes, enquanto ainda estava no ostracismo político, esse domínio se tornaria completo.

III

Poucas pessoas viam Hitler regularmente nesse período. Somente sua família substituta — o grupo fiel e devotado de camaradas de confiança de Munique que compunham seu séquito de guarda-costas, motoristas e secretários — estava em contato constante com ele. Alguns, como Julius Schaub (seu faz-tudo) e Rudolf Heß (seu secretário), haviam cumprido pena em Landsberg com ele pela participação no golpe. Essa "guarda caseira" o escoltava e protegia do número crescente de pessoas que queriam uma audiência. Ver Hitler era difícil. Os que dirigiam os negócios do partido em Munique tinham com frequência de esperar vários dias até conseguir resolver algum assunto com ele. Para figuras influentes do movimento ele também podia ser inacessível, às vezes durante semanas. Até mesmo em eventos públicos ele era, em larga medida, inabordável. Antes de um discurso, ficava fechado em sua sala. Só saía após receber a informação de que o salão estava cheio. Tempos depois, quando se ausentava de Munique, retornava imediatamente ao hotel. Os jornalistas talvez obtivessem permissão para vê-lo por alguns minutos, se tivessem marcado uma entrevista. Mas dificilmente alguém conseguia uma audiência.

O pronunciado sentimento de "missão" de Hitler, a imagem heroica e grandiosa de si mesmo, a necessidade de sustentar a aura que seus adeptos cada vez mais lhe atribuíam e o distanciamento olímpico das intrigas e lutas internas de seus subordinados exigiam um alto grau de isolamento. Além disso, a distância que deliberadamente interpunha entre si e os altos membros de seu movimento era calculada para enfatizar o sentimento de reverência e admiração daqueles que eram admitidos na sua presença, ou o encontravam em comícios ou manifestações montadas de maneira teatral. Ao mesmo tempo, realçava o que havia de enigmático nele. Até mesmo aqueles que o conheciam achavam difícil dissecar e compreender sua personalidade. Hitler ficava feliz em estimular o sentimento de mistério e fascínio.

Ele era, sobretudo, um ator consumado. Isso se aplicava certamente às ocasiões encenadas — as entradas atrasadas no salão lotado, a construção cuidadosa de seus discursos, a escolha de frases pitorescas, os gestos e a linguagem corporal. Seu talento natural era controlado por habilidades de encenação bem afiadas. Uma pausa no começo, para permitir que a tensão aumentasse; um início em tom

menor, até hesitante; ondulações e variações da dicção, por certo não melodiosas, mas vívidas e muito expressivas; irrupções quase *staccato* de frases, seguidas por *rallentandos* bem calculados para expor a ênfase num ponto essencial; uso teatral das mãos à medida que o discurso ganhava um *crescendo*; graça sarcástica dirigida contra os adversários: tudo isso eram recursos cuidadosamente cultivados para maximizar o efeito. Tal como na meticulosa atenção aos detalhes na preparação para os eventos do partido em Weimar, em 1926, e Nuremberg, em 1929, Hitler estava preocupado com impacto e impressão. Suas roupas também eram escolhidas para combinar com a ocasião: o uniforme marrom-claro, braçadeira com a suástica, cinto, tira diagonal sobre o ombro direito e botas de couro até os joelhos, quando estava entre os fiéis em grandes reuniões e manifestações do partido; terno escuro, camisa branca e gravata, quando queria transmitir uma aparência menos marcial, mais "respeitável" para uma plateia mais ampla.

Mas a representação não se restringia a esses tipos de ocasião. Aqueles que entravam em contato com Hitler, mas mantinham uma distância crítica dele, estavam convencidos de que ele encenava na maior parte do tempo. Era capaz de interpretar os papéis conforme a necessidade. "Ele era um conversador gentil, beijava as mãos das damas, um tio amistoso que dava chocolates às crianças, um homem simples do povo que apertava as mãos calosas de camponeses e operários", relembrou mais tarde um de seus companheiros. Podia ser um modelo de cordialidade em público com alguém que, em particular, era objeto de suas críticas e zombarias. A encenação e a hipocrisia não significavam que ele fosse apenas um manipulador cínico, que não acreditasse nos princípios básicos de sua "visão de mundo". Essa crença fervorosa, acoplada à força de sua personalidade dominadora, levava convicção aos que eram atraídos por sua mensagem.

O fascínio irresistível que muitas pessoas — não poucas cultas, instruídas e inteligentes — viam em seus extraordinários traços de personalidade devia-se muito, sem dúvida, a sua capacidade de interpretar papéis. Como muita gente atestou, ele podia ser encantador — particularmente com as mulheres — e era com frequência espirituoso e divertido. Boa parte do tempo era show, montado para causar efeito. O mesmo se poderia dizer de suas raivas e ataques de ira aparentemente incontroláveis, que eram, na realidade, muitas vezes inventados. O aperto de mão firme e o contato olho a olho "viril" que Hitler cultivava quando

tinha de encontrar membros comuns do partido, às vezes eram, para o atemorizado militante, um momento inesquecível. Para ele, mera encenação; não significava mais do que um reforço do culto à personalidade, a argamassa do movimento, a força que unia o Líder e seus seguidores. Na realidade, Hitler demonstrava pouquíssimo interesse humano por seus adeptos. Seu egocentrismo tinha proporções monumentais. A imagem transmitida pela propaganda de "paternalismo" escondia um vazio interior. Os outros indivíduos só o interessavam desde que fossem úteis.

Suas "diatribes de café, sua impaciência, seus ressentimentos contra possíveis rivais na liderança do partido, sua aversão ao trabalho sistemático, seus ataques paranoicos de ódio", eram considerados por Putzi Hanfstaengl um sinal de deficiência sexual. Isso não passa de um palpite. As relações de Hitler com as mulheres eram, de fato, um tanto esquisitas. Só podemos conjeturar sobre o motivo disso. Mas nessa área também ele estava muitas vezes interpretando um papel. Certa vez, aproveitou-se de uma breve ausência de Putzi da sala para cair de joelhos diante de Helene Hanfstaengl, declarar-se seu escravo e lamentar o destino que o fizera conhecê-la tarde demais. Quando Helene contou o incidente ao marido, Putzi o atribuiu à necessidade de Hitler de fazer o papel do trovador apaixonado de tempos em tempos.

Na aparência física, ele mudara pouco desde a época anterior ao putsch. Longe do pódio do orador, não causava impressão nenhuma. Seu rosto se endurecera. Mas, como dissera a Hanfstaengl que aconteceria, perdeu o peso que ganhara na prisão logo que começou a discursar de novo. Ele calculava que perdia cerca de dois quilos pela transpiração em cada grande discurso. Para contrabalançar, seus auxiliares exigiam vinte garrafas de água mineral ao lado da tribuna. Seu senso de vestuário era tudo, menos elegante. Ainda preferia com frequência um terno azul simples. O chapéu de feltro, a capa de chuva clara, as perneiras de couro e o chicote lhe davam — especialmente quando chegava com os guarda-costas no grande Mercedes conversível de seis lugares que comprara no início de 1925 — a aparência de um gângster excêntrico. Para descontrair, preferia usar as tradicionais calças curtas bávaras. Mas, mesmo quando esteve na prisão, detestava ser visto sem gravata. No calor do verão, jamais era visto em traje de banho. Enquanto Mussolini adorava as imagens viris de si mesmo como esportista ou atleta, Hitler tinha

profunda aversão a ser visto sem traje completo. Mais do que decoro pequeno-burguês ou puritanismo, o que estava em jogo era a imagem. Qualquer coisa potencialmente constrangedora ou que sugerisse o ridículo tinha de ser evitada a todo custo.

Como haviam feito antes do golpe, os Bruckmann ajudaram-no a estabelecer contatos úteis em círculos sociais "melhores". Ele teve de se ajustar a um tipo de plateia diferente daquela das cervejarias — mais crítica, menos receptiva aos slogans e emoções grosseiras. Mas, em essência, pouco ou nada havia mudado. Hitler estava à vontade somente quando dominava a conversa. Seus monólogos eram uma cobertura para seu conhecimento mal-acabado. Não havia dúvida de que tinha raciocínio rápido e uma inteligência mordaz e destrutiva. Formava juízos instantâneos — frequentemente condenatórios — sobre as pessoas. E a combinação de presença dominante, recurso aos detalhes factuais (muitas vezes distorcidos), para os quais tinha uma memória excepcional, e total convicção (que não tolerava argumentos alternativos) baseada em certeza ideológica era impressionante para aqueles já meio persuadidos por suas extraordinárias qualidades. Mas as pessoas que tinham conhecimento e uma distância crítica eram capazes de ver por trás de seus argumentos grosseiros. Sua arrogância era espantosa. Quando Hanfstaengl o estimulou a aprender uma língua estrangeira e viajar ao exterior, ele perguntou: "O que eu poderia aprender que seja novo?".

Pouco depois do Congresso do Partido em Weimar, em meados de julho de 1926, Hitler deixou Munique com seu séquito para umas férias no Obersalzberg. Ficou num lugar bonito e isolado no alto das montanhas, junto à fronteira austríaca, acima de Berchtesgaden, ladeado pelo monte Untersberg (onde, dizia a lenda, jazia dormindo o imperador medieval Frederico Barbarossa), o Kneifelspitze e o mais alto deles, o Watzmann. A paisagem era empolgante. Sua grandiosidade monumental cativara Hitler pela primeira vez quando, sob o pseudônimo de Herr Wolf, visitara Dietrich Eckart, no inverno de 1922-3. Os Büchner, donos da pensão Moritz, onde ficou, eram antigos adeptos do movimento. Gostava deles e podia gozar de um grau de isolamento naquele refúgio montanhoso que jamais teria em Munique. Mais tarde, relembraria que fora para lá em 1925, quando precisava de paz e tranquilidade para ditar partes do segundo volume de *Mein Kampf*. Nos dois anos seguintes, sempre que podia, voltava ao Obersalzberg. Então soube que uma

casa alpina do lugar, a Haus Wachenfeld, pertencente à viúva de um empresário alemão do norte, estava disponível para alugar. A viúva, cujo sobrenome de solteira era Wachenfeld, era membro do partido, e ofereceu-lhe a casa pelo preço amigo de cem marcos por mês. Em breve, ele estava em condições de comprá-la. O fato de a viúva estar em dificuldades financeiras na época ajudou. Hitler adquiriu seu refúgio de verão. Ele podia olhar de sua "montanha mágica" para baixo e ver-se montado no mundo. No Terceiro Reich, a um custo enorme para o Estado, a Haus Wachenfeld seria transformada num enorme complexo conhecido com o Berghof, um palácio adequado a um ditador moderno e uma segunda sede do governo para aqueles ministros que todos os anos tinham de montar residência nas proximidades, se quisessem contatar o chefe de Estado e despachar os assuntos do governo. Antes disso, ao alugar a casa em 1928, num gesto surpreendente, já que jamais haviam sido próximos, ele telefonara para sua meia-irmã Angela Raubal em Viena e lhe pedira para cuidar da casa para ele. Ela concordou e logo trouxe para morar consigo sua filha, uma jovem atraente e enérgica de vinte anos, também chamada Angela, embora conhecida por todos pelo apelido de Geli. Três anos depois, Geli seria encontrada morta no apartamento de Hitler em Munique.

Enquanto ditava os últimos capítulos de *Mein Kampf* durante sua estadia no Obersalzberg no verão de 1926, Hitler havia, como vimos, consolidado seu pensamento sobre política externa, em especial sobre a aquisição de território no leste. Essa ideia dominaria seus discursos e escritos de meados dos anos 1920. Porém, ele era habilidoso ao adaptar sua fala à plateia, como mostrou num importante discurso feito meses antes. A esperança de obter algum apoio financeiro e de conquistar suporte influente para seu partido fez com que aceitasse o convite do prestigioso Hamburger Nationalklub para falar a seus membros no elegante Hotel Atlantic, em 28 de fevereiro de 1926. Não era sua plateia usual. Ali, enfrentou um clube socialmente exclusivo cujos quatrocentos ou 450 membros vinham da alta burguesia de Hamburgo — muitos deles altos oficiais, funcionários públicos, advogados e homens de negócios. Seu tom foi diferente daquele que usava nas cervejarias de Munique. No discurso de duas horas, não fez nem uma única menção aos judeus. Sabia muito bem que as vociferações antissemitas primitivas que levantavam as massas no Circus Krone seriam contraproducentes diante daquela plateia. Em vez disso, a ênfase foi colocada na necessidade de eliminar o

marxismo como pré-requisito da recuperação da Alemanha. Por "marxismo" Hitler não se referia apenas ao Partido Comunista da Alemanha, que obtivera apenas 9% dos votos na última eleição para o Reichstag, em dezembro de 1924. Além do KPD, o termo servia para invocar o espectro do comunismo soviético, levado ao poder por uma revolução havia menos de uma década e seguido por uma guerra civil cujas atrocidades haviam sido proclamadas por uma miríade de publicações de direita. O termo "marxismo" tinha uma aplicação ainda mais ampla. Hitler punha sob esse rótulo todas as variedades de socialismo do tipo "nacional", com exceção daquela que ele pregava, e o utilizava em particular para atacar o SPD e o sindicalismo. Na verdade, para a decepção de alguns de seus adeptos, o SPD — que ainda era o maior partido político alemão — afastara-se na prática de suas raízes teóricas marxistas e dedicava-se a sustentar a democracia liberal que ajudara a instaurar em 1918-9. De sua direção, não vinha nenhuma ameaça de apocalipse "marxista". Mas havia muito tempo que a retórica de Hitler rotulava os responsáveis pela revolução e pela república dela resultante de "os criminosos de novembro". O marxismo era, portanto, uma simplificação conveniente para detratar a democracia de Weimar. E para aquela plateia abastada de burgueses de Hamburgo, antimarxista até a medula, seu ataque verbal à esquerda era música para os ouvidos.

Hitler reduzia tudo a uma fórmula simples: se a "visão de mundo" marxista não fosse "erradicada", a Alemanha jamais se reergueria. A tarefa do Movimento Nacional-Socialista era simples: "esmagar e aniquilar a *Weltanschauung* marxista". O terror devia ser enfrentado com o terror. A burguesia sozinha era incapaz de derrotar a ameaça do bolchevismo. Ela precisava de um movimento de massa tão intolerante quanto aquele dos próprios marxistas. A conquista das massas baseava-se em duas premissas. A primeira era reconhecer suas preocupações sociais. Mas, caso a plateia julgasse que isso era contrabando marxista, Hitler estava pronto para tranquilizá-la imediatamente: a legislação social exigia "a promoção do bem-estar do indivíduo numa estrutura que garantisse a manutenção de uma economia independente". "Somos todos trabalhadores", declarou. "O objetivo não é ganhar salários cada vez mais altos, mas aumentar a produção, porque isso é benéfico para cada indivíduo." Sua plateia dificilmente discordaria desses sentimentos. A segunda premissa era oferecer às massas "um programa que seja inalterável, uma fé política

que seja inabalável". Os programas, manifestos e filosofias habituais dos partidos burgueses não as conquistariam. O desprezo de Hitler pelas massas estava claro. "A vasta massa é feminina", declarou, "unilateral em sua atitude; ela conhece apenas o duro 'ou-ou'." Ela queria a sustentação de um único ponto de vista, mas — acrescentou, misturando agora os gêneros e apontando para o que é normalmente considerado um traço masculino — com todos os meios disponíveis "não recua do uso da força". O que a massa tinha de sentir era sua própria força. No meio de uma multidão de 200 mil pessoas no Lustgarten de Berlim, o indivíduo não se sentia mais do que um "pequeno verme", sujeito à sugestão de massa, consciente apenas de que aqueles ao seu redor estavam preparados para lutar por um ideal. "As massas em geral são cegas e estúpidas e não sabem o que estão fazendo", afirmou. Elas eram "primitivas na atitude". Para elas, a "compreensão" oferecia apenas uma "plataforma instável". "O que é estável é a emoção: ódio." Quanto mais Hitler pregava a intolerância, a força e o ódio como solução para os problemas da Alemanha, mais sua plateia gostava. Foi interrompido em várias ocasiões com aplausos e gritos de "bravo". No final, houve uma longa ovação e gritos de "Heil".

O renascimento nacional por meio do antimarxismo terrorista baseado na manipulação cínica e doutrinação das massas: essa era a soma total da mensagem de Hitler à camada superior da burguesia de Hamburgo. O nacionalismo e o antimarxismo não eram peculiaridades apenas dos nazistas. Tampouco valiam muito como ideologia. O que distinguia a abordagem de Hitler para sua plateia hamburguesa não eram as ideias, mas a impressão de vontade fanática e de impiedade total, e a criação de um movimento nacionalista baseado no apoio das massas. E a reação entusiástica da plateia deixava claro que o terror seletivo contra os "marxistas" encontraria pouca ou nenhuma oposição da elite da cidade mais liberal da Alemanha.

Entre "sua gente", pouco ou nada havia mudado. O tom era muito diferente daquele adotado em Hamburgo. Em reuniões fechadas do partido ou, depois que a proibição de falar foi suspensa, no início de 1927, nas cervejarias de Munique e no Circus Krone, os ataques aos judeus continuaram tão violentos e despudorados como sempre. Em discurso após discurso, como antes do putsch, ele fazia ataques brutais aos judeus, retratando-os simultaneamente como manipuladores do capital financeiro e envenenadores do povo com a doutrina marxista subversiva. Os

ataques explícitos ocorreram com mais frequência e amplitude em 1925 e 1926 do que nos dois anos subsequentes. O antissemitismo parecia agora mais ritualista ou mecânico. A ênfase principal deslocara-se para o antimarxismo. Mas somente a apresentação de suas ideias se modificara um pouco: seu sentido continuava o mesmo. O ódio patológico aos judeus continuava igual. "O judeu é e continua a ser o inimigo do mundo", afirmou num artigo publicado no *Völkischer Beobachter* em 1927, "e sua arma, o marxismo, é uma praga da humanidade."

Entre 1926 e 1928, Hitler ficou mais preocupado com a "questão do espaço [vital]" (*Raumfrage*) e a "política da terra" (*Bodenpolitik*). Embora, como vimos, a ideia de uma "política agrária" oriental à custa da Rússia estivesse presente em seu pensamento pelo menos desde o início de 1922, ele a havia mencionado em suas declarações públicas — escritas ou faladas — somente num punhado de ocasiões antes do fim de 1926. Em um discurso de 16 de dezembro de 1925, referiu-se à "aquisição de terra e solo" como a melhor solução para os problemas econômicos da Alemanha e aludiu à colonização do leste "pela espada" na Idade Média. Fez um comentário sobre a necessidade de uma política colonial na Europa oriental em Bamberg, em fevereiro de 1926. E voltou ao tema, agora como elemento central de seu discurso no Congresso do Partido em Weimar, em 4 de julho de 1926. O fato de ter concluído *Mein Kampf*, cujo fim trata da questão da colonização do leste, deve ter focado ainda mais sua mente nesse tema. Quando pôde voltar a falar em público, na primavera de 1927, a questão do "espaço vital" tornou-se frequente; depois, a partir do verão, ela foi obsessivamente enfatizada em todos os seus principais discursos, que destacam, mais ou menos nos mesmos termos, ideias que se plasmaram no *Segundo livro*, ditado durante o verão de 1928. Outras opções econômicas eram mencionadas, apenas para serem descartadas. A falta de espaço para a população alemã só poderia ser superada alcançado-se o poder pela força. A "colonização do leste" da Idade Média era elogiada. A conquista "pela espada" era o único método. A Rússia era raramente mencionada. Mas o significado era inconfundível.

A leitura racista e social-darwinista da história oferecia a justificação. "A política não é mais do que a luta de um povo por sua existência", declarou. "Trata-se de um princípio férreo: o mais fraco cai para que o forte ganhe vida." Três valores determinavam o destino de um povo: o "valor do sangue" ou "da raça", o "valor da

personalidade” e o “espírito de luta”, ou “impulso de autopreservação”. Esses valores, encarnados na “raça ariana”, eram ameaçados pelos três “vícios”: democracia, pacifismo e internacionalismo, que compunham a obra do “marxismo judeu”.

O tema da personalidade e liderança, pouco enfatizado antes de 1923, passou a ser o fio condutor dos discursos e escritos de Hitler da segunda metade dos anos 1920. O povo, segundo ele, formava uma pirâmide. Em seu ápice estava “o gênio, o grande homem”. Depois do caos ocorrido no movimento *völkisch* durante o “período sem liderança”, não surpreende que houvesse uma forte ênfase, em 1925 e 1926, no líder como foco de unidade. Em seu discurso da refundação de 27 de fevereiro de 1925, Hitler havia enfatizado sua tarefa de Líder: “reunir novamente aqueles que estão seguindo caminhos diferentes”. A arte de ser Líder estava em montar “as pedras do mosaico”. O Líder era o “ponto central” ou “preservador” da “ideia”. Isso exigia, como ele sublinhava com frequência, obediência cega e fidelidade dos seguidores. O culto ao Líder era, desse modo, elevado a mecanismo de integração do movimento. Com sua supremacia firmemente estabelecida em meados de 1926, Hitler jamais perdia uma oportunidade para destacar o “valor da personalidade” e a “grandeza individual” como força orientadora da luta da Alemanha e seu renascimento vindouro. Ele evitava referências específicas a suas reivindicações ao status de “herói”. Não era necessário, isso podia ser deixado para o número crescente de convertidos ao culto a Hitler e à efusão da propaganda organizada. Para o próprio Hitler, o “mito do Führer” era ao mesmo tempo uma arma de propaganda *e* um dogma central de crença. Sua “grandeza” podia ser implícita, mas inequivocamente ressaltada por repetidas referências a Bismarck, Frederico o Grande e Lutero, ao lado de alusões a Mussolini. Falando de Bismarck (sem mencionar seu nome) em maio de 1926, ele comentou: “Era necessário transmitir a ideia nacional para a massa do povo”. “Um gigante tem de cumprir sua tarefa.” O longo aplauso mostrou que a plateia entendera o sentido da alusão.

Em 1926, Goebbels ficou emocionado em mais de uma ocasião com a exposição de Hitler da “questão social”. “Sempre novas e convincentes”, assim descreveu as ideias dele. Na realidade, a “ideia social” de Hitler era simplista, difusa e manipuladora. Equivalia a pouco mais do que dissera à plateia burguesa de Hamburgo: conquistar os trabalhadores para o nacionalismo, destruir o marxismo e

superar a divisão entre nacionalismo e socialismo mediante a criação de uma nebulosa "comunidade nacional" (*Volksgemeinschaft*) baseada na pureza racial e no conceito de luta. A fusão de nacionalismo e socialismo acabaria com o antagonismo de classe entre uma burguesia nacionalista e o proletariado marxista (os quais haviam falhado em seus objetivos políticos). Eles seriam substituídos por uma "comunidade de luta" em que nacionalismo e socialismo se uniriam, em que "cérebro" e "punho" se reconciliariam e na qual — despida da influência marxista — a construção de um espírito novo para a grande luta futura poderia ser empreendida. Essas ideias não eram novas, nem originais. E, em última análise, não se baseavam em nenhuma ideia moderna de socialismo, mas na versão mais crua e brutal do darwinismo social e do imperialismo do século XIX. O bem-estar social na alardeada "comunidade nacional" não existia por si mesmo, mas apenas como preparação para a luta externa, para a conquista "pela espada".

Hitler repetia sempre que não estava interessado nas questões cotidianas. O que propunha, sem cessar, era a mesma visão de uma meta de longo prazo, que deveria ser buscada com fervor missionário e dedicação total. A luta política, a chegada ao poder, a destruição do inimigo e a construção do poderio da nação eram degraus para chegar ao objetivo. Mas o modo como isso seria alcançado ficava em aberto. O próprio Hitler não tinha nenhuma noção concreta. Tinha apenas a certeza do político de "convicção fanática" de que o objetivo *seria* alcançado. A clareza não era importante. A obtenção de "espaço vital" por meio de conquista implicava, em algum momento do futuro distante, uma agressão à Rússia. Mas não tinha um sentido mais preciso do que isso. Não devemos duvidar da crença firme de Hitler no que dizia, mas, mesmo para muitos de seus adeptos, no mundo de meados da década de 1920 — com a Alemanha comprometida diplomaticamente com a União Soviética após o Tratado de Rapallo de 1922, a melhoria das relações com as potências ocidentais a partir do Tratado de Locarno e depois com a participação na Liga das Nações — isso devia parecer pouco mais do que um slogan ou uma quimera.

Até mesmo sobre a "questão judaica", as tiradas violentas e furiosas de Hitler não ofereciam diretrizes concretas. "Livrar-se dos judeus" era uma expressão que só podia ser racionalmente entendida como a expulsão de todos os judeus da Alemanha, a exemplo de quando ele conclamava a perseguir "aquele bando de

judeus [...] de nossa pátria [...] com uma vassoura de ferro". Mas até mesmo esse objetivo parecia menos claro quando ele declarou — sob os aplausos tumultuosos dos adeptos intransigentes do movimento reunidos na Hofbräuhaus em 24 de fevereiro de 1928 para celebrar o oitavo aniversário do lançamento do programa do partido — que "o judeu" teria de aprender "que somos os chefes aqui; se ele se comportar bem, pode ficar — se não, fora com ele".

Para a "questão judaica", a "questão do espaço [vital]" e a "questão social", Hitler sugeria utopias distantes. Ele não mostrava o caminho para chegar lá. Mas nenhum outro líder nazista ou político *völkisch* podia se igualar na unidade interna, simplicidade e caráter abrangente dessa "visão". O ideólogo e o propagandista se uniam na combinação de seu senso de convicção — ele falava frequentemente de sua "missão", "fé" e da "ideia" — e de um talento sem rival para a mobilização por meio da redução a escolhas simples do tipo "preto ou branco".

A interdependência das várias linhas da perniciosa "visão de mundo" de Hitler fica mais evidente em seu *Segundo livro* (uma declaração atualizada de suas opiniões sobre política externa que ficou inédita), ditado apressadamente para Max Amann durante uma estadia no Obersalzberg, no verão de 1928. Ele sentiu-se instigado a produzir o livro pelos debates acalorados da época sobre a política em relação ao sul do Tirol. No governo de Mussolini, a política fascista de italianização da região, em larga medida de língua alemã, havia provocado fortes sentimentos anti-italianos nos círculos nacionalistas da Áustria e da Alemanha, em particular na Baviera. A disposição de Hitler de renunciar às reivindicações alemãs ao Tirol meridional mirando no interesse de uma aliança com a Itália fez com que fosse atacado por nacionalistas alemães, bem como acusado por socialistas de ter aceitado suborno de Mussolini. Ele havia tratado do tema em *Mein Kampf* e publicou os segmentos pertinentes do segundo volume num folheto à parte em fevereiro de 1926. Quando a questão veio à tona de novo, em 1928, sentiu-se obrigado a detalhar sua posição. É provável que considerações financeiras tenham dissuadido Hitler de publicar o *Segundo livro* — Amann pode tê-lo aconselhado a evitar a concorrência com o segundo volume de *Mein Kampf*, que vendia pouco e cada vez menos. Além disso, como a questão do Tirol perdera sua urgência e surgiram novos temas, como o Plano Young, e Hitler não tinha tempo nem inclinação para revisar o texto, talvez tenha achado que sua publicação ofereceria um flanco político aberto.

Embora motivado pela questão do sul do Tirol, no *Segundo livro* Hitler ia muito além dela e tratava mais longamente do que em *Mein Kampf* de suas ideias gerais sobre política externa e "questões territoriais" (*Raumfragen*), ligando-as, como sempre, à sua interpretação racial da história e, nas páginas finais, à necessidade de destruir o que considerava a ameaça de "dominação judaica". Mas o *Segundo livro* não trazia nada de novo. Como vimos, a essência da "visão de mundo" de Hitler já estava plenamente desenvolvida quando escreveu o segundo volume de *Mein Kampf*, em 1926, e, na verdade, já existia em forma embrionária desde o fim de 1922. As ideias que dominavam o *Segundo livro* — inclusive a questão do Tirol meridional e o interesse de Hitler pelo crescente poder econômico dos Estados Unidos — foram apresentadas reiteradamente nos discursos e escritos de Hitler a partir de 1927. Vários trechos desses discursos reaparecem quase *ipsis litteris* em pontos essenciais do *Segundo livro*.

Muito antes de ditar esse livro, portanto, Hitler já era um ideólogo obcecado. Sua certeza interior das "verdades" sobre a história como luta racial e sua ideia sobre a futura missão da Alemanha de obter "espaço vital" e, ao mesmo tempo, erradicar o poder dos judeus para sempre eram de imensa importância como força motora pessoal. Porém, o significado disso na atração de apoio para o nacional-socialismo pode facilmente ser exagerado. A transformação do NSDAP em partido de massa tem pouco a ver com o mistério da "visão de mundo" personalizada de Hitler. Processos mais complexos precisam ser levados em conta.

IV

No fim de janeiro de 1927, a Saxônia tornou-se o primeiro grande estado alemão a suspender a proibição aos discursos públicos de Hitler. Em 5 de março, as autoridades bávaras finalmente cederam à pressão para que ele falasse de novo. Seu retorno ao espaço público causou pouco rebuliço. Notícias das províncias bávaras indicavam pouco interesse pelo NSDAP, apesar de toda a sua vigorosa propaganda. Com frequência, os comícios do partido tinham pouca plateia. A magia de Hitler não estava funcionando mais, até mesmo em Munique. Em janeiro de 1928, a polícia da cidade relatou que "os avanços do Movimento Nacional-Socialista alegados repetidamente por Hitler não são verdadeiros, em especial na Baviera. Na realidade, o interesse pelo movimento, tanto no campo como em Munique, está em forte declínio. As reuniões das seções às quais compareciam de trezentas a quatrocentas pessoas em 1926 agora têm uma frequência de no máximo sessenta a oitenta membros". Até mesmo o Congresso do Partido, realizado pela primeira vez em Nuremberg, em 19-21 de agosto de 1927, apesar da cuidadosa orquestração para se obter o efeito propagandístico máximo, não conseguiu levantar o apoio ou interesse esperado.

A maioria dos outros estados seguiu o exemplo da Saxônia e da Baviera e levantou a proibição. Somente a Prússia, o maior estado, e Anhalt mantiveram a proibição até o outono de 1928. Ao que parecia, e com razão, as autoridades podiam acreditar que a onda nazista estava superada. Hitler não parecia mais ser uma ameaça. Em 1927, um informe confidencial do ministro do Interior do Reich já havia julgado que o NSDAP não passava de um "grupo dissidente incapaz de exercer influência observável sobre a grande massa da população e sobre o curso dos eventos políticos".

Embora fizesse pouco ou nenhum progresso externo no clima político mais ou menos estável de meados dos anos 1920, quando a nova democracia alemã finalmente mostrava sinais de estabilidade, o NSDAP passava por experiências significativas que acabariam por ajudar a colocá-lo numa posição mais forte para explorar a nova crise econômica que atingiria o país no outono de 1929.

O mais importante é que o NSDAP se tornara um "movimento de líder" consciente de si mesmo, centrado do ponto de vista ideológico e organizacional no

culto de Hitler. Em retrospecto, o período "sem liderança" de 1924 e a obstinação de Hitler — nascida da fraqueza — em recusar-se a tomar partido na luta interna do movimento *völkisch* haviam sido enormemente vantajosos. A derrota em Bamberg daqueles que desejavam mudanças programáticas significou, ao mesmo tempo, a vitória dos fiéis dispostos a não olhar além de Hitler para encontrar a "ideia". Para estes, o programa sem o líder não tinha sentido. E, como 1924 havia provado, sem Hitler não poderia haver nenhuma unidade e, portanto, nenhum movimento.

A criação do culto do Führer foi decisiva para o desenvolvimento do movimento nazista. Sem ele, como 1924 havia mostrado, o movimento teria sido destruído pelo faccionalismo. Com ele, a unidade ainda precária poderia ser preservada, com o apelo à lealdade a Hitler como dever primeiro. Na liderança do partido, os sentimentos tinham de estar subordinados à necessidade primordial de unidade.

Dentro do movimento, a SA sempre fora o elemento mais difícil de controlar — e assim continuaria, até 1934. Mas aqui Hitler também teve êxito em atenuar a confusão, invocando a fidelidade a sua pessoa. Em maio de 1927, fez um discurso apaixonado para as tropas de choque de Munique, desmoralizadas e rebeladas contra o líder da SA Franz Pfeffer von Salomon. No fim de sua fala, apelou para seu costumeiro estratagema. Desceu da tribuna, apertou a mão de cada homem da SA e obteve a renovação da promessa de lealdade pessoal a ele.

Embates sobre estratégia, disputas faccionais, rivalidades pessoais — tudo isso era endêmico no NSDAP. Os intermináveis conflitos e animosidades, em geral mais pessoais ou táticos do que ideológicos, quase invariavelmente se detinham antes de atacar Hitler. Ele intervinha o mínimo possível. Na verdade, a rivalidade e a competição simplesmente lhe mostravam, segundo seu conceito darwinista social de luta, quem entre seus subordinados era mais forte. Tampouco fazia esforço para reconciliar nuances ideológicas dentro do partido, exceto se ameaçassem se tornar contraproducentes por desviar a luta pelo poder mediante a mobilização de massa. O culto ao Führer era aceito porque oferecia a todas as partes o único remédio para isso. A fidelidade pessoal a Hitler, genuína ou forçada, era o preço da unidade. Em alguns casos, os líderes nazistas estavam totalmente convencidos da grandeza e da "missão" de Hitler. Em outros, suas ambições próprias só podiam obter sustentação se apoiassem o Líder supremo, ainda que da boca para fora. Nos dois casos, o resultado era que o domínio de Hitler sobre o movimento aumentava até uma

posição quase incontestável. E ainda, nos dois casos, a corrente de transmissão entre os adeptos do partido havia sido manufaturada para a subsequente extensão do culto ao Führer para setores mais amplos do eleitorado alemão. O culto ao Líder era indispensável ao partido. E a subordinação da "ideia" à pessoa de Hitler era necessária se se quisesse que a energia do partido não se dissipasse em divisões faccionais danosas. Ao evitar a disputa doutrinária, como fizera em 1924, e centrar todas as energias no objetivo único de obter poder, Hitler pôde — às vezes com dificuldade — manter o partido unido. Ao longo do caminho, o culto ao Führer ganhara ímpeto próprio.

Com o aumento do culto ao Führer, a imagem de Hitler era pelo menos tão importante quanto sua contribuição prática para o crescimento modesto do partido nos "anos de ostracismo". Está claro que um discurso dele continuava a ser um grande evento para uma seção local do partido. E nos comícios de massa ele mantinha a capacidade de conquistar plateias a princípio céticas. Mas o sucesso ainda que limitado do NSDAP antes da Depressão não pode ser atribuído apenas — ou sobretudo — a Hitler. Como agitador, ele era agora menos proeminente do que fora antes do golpe. A proibição de falar em público foi um grande e claro obstáculo em 1925 e 1926. Ele discursou em apenas 31 reuniões em 1925 e 32 em 1926, principalmente sobre assuntos internos do partido, muitas delas na Baviera. Em 1927, o número de seus discursos aumentou para 56, mais da metade deles na Baviera. A maioria de seus 66 discursos de 1928 ocorreu nos primeiros cinco meses, até a eleição para o Reichstag. Mais de dois terços deles foram feitos na Baviera. Durante todo o ano de 1929, enquanto o NSDAP começava a ganhar terreno nas eleições regionais, ele fez somente 29 discursos, dos quais apenas oito fora da Baviera.

Nesses anos, uma limitação à sua disponibilidade como orador eram suas frequentes viagens para tentar estabelecer contatos importantes e conseguir fundos para um partido com problemas financeiros crônicos. Não surpreende que, para um partido estagnado, seus esforços não dessem em quase nada. Embora ele cortejasse os industriais e empresários do Ruhr em vários discursos bem recebidos de 1926 e 1927 (para desgosto dos membros "social-revolucionários" do NSDAP), os destinatários demonstravam pouco interesse num partido que não parecia ir a lugar algum. Os Bechstein e os Bruckmann, velhos contribuintes, continuavam a doar

com generosidade. Mas o idoso Emil Kirdorf, que Frau Bruckmann havia colocado em contato com Hitler, era praticamente o único dos industriais do Ruhr que simpatizavam com ele, a ponto de entrar para o partido e fazer uma doação de 100 mil marcos que contribuiu em grande medida para a superação de suas dificuldades financeiras imediatas. Como continuaria a acontecer no futuro, o partido dependia demais das contribuições dos membros comuns. Por isso, a estagnação ou, na melhor das hipóteses, o crescimento lento das filiações significavam dores de cabeças contínuas para o tesoureiro.

Como antes, Hitler dava pouca atenção à administração e à organização. Os chefes do partido resignavam-se a suas longas ausências e à inacessibilidade mesmo em assuntos importantes. Ele deixava as questões financeiras para seu gerente de negócios de confiança, Max Amann, e para o tesoureiro do partido, Franz Xaver Schwarz. Em Munique, por trás da cena, podia confiar na secretaria do partido, dirigida pelo infatigável e subserviente Phillip Bouhler, o retraído mas ambicioso indivíduo que desempenharia mais tarde um papel central no surgimento da "ação de eutanásia". Sobretudo, foi Gregor Strasser — na qualidade de Líder de Propaganda entre setembro de 1926 e o fim de 1927 (período em que coordenou e racionalizou as atividades de propaganda em todo o Reich), e, em especial, depois que se tornou Líder Organizacional, em 2 de janeiro de 1928 — que montou, a partir do movimento eivado de facções e estruturado de forma incoerente, a organização que a partir de 1929 esteve em condições de explorar a nova situação de crise. A participação de Hitler nesses eventos foi mínima, embora o fato de pôr Strasser na condução dos assuntos organizacionais tenha sido uma de suas indicações mais bem inspiradas.

Como sempre, o instinto de Hitler era para a propaganda, não para a organização. Seu "sentimento", quando se tratava de mobilizar as massas, raramente falhava. No posto de diretor de propaganda do partido, Gregor Strasser ganhara bastante liberdade de ação — o estilo usual de Hitler — para moldar o caráter e o padrão da agitação. Seguindo suas inclinações, Strasser fizera um grande esforço para conquistar especialmente o proletariado urbano. Até mesmo para observadores de fora, estava claro no outono de 1927 que essa estratégia não rendia dividendos que valessem a pena e, ao mesmo tempo, corria o risco de afastar o apoio da classe média baixa ao NSDAP. Informes chegados de Schleswig-Holstein,

Turíngia, Mecklenburg, Pomerânia e outras regiões indicavam que a crescente inquietação nas áreas rurais oferecia um terreno promissor para o Partido Nazista. Hitler estava evidentemente bem informado. E, numa reunião dos líderes de *Gau* em 27 de novembro de 1927, no Hotel Elefant, em Weimar, ele anunciou uma mudança de rumo. Deixou claro que não podiam esperar ganhos significativos dos "marxistas" nas eleições que estavam por vir. Os pequenos comerciantes, ameaçados pelos grandes magazines, e os trabalhadores de "colarinho branco", muitos deles já antissemitas, eram alvos melhores. Em dezembro de 1927, ele falou pela primeira vez num comício de vários milhares de camponeses da Baixa Saxônia e de Schleswig-Holstein. No Ano-Novo, assumiu pessoalmente o posto de Líder de Propaganda do partido. Seu adjunto, Heinrich Himmler, ficou com as tarefas rotineiras. Na época, o futuro senhor do império da SS estava com vinte e poucos anos e era um ex-estudante de agricultura culto e inteligente que havia trabalhado por pouco tempo numa firma de fertilizantes e criava galinhas. Com corte de cabelo curto, pequeno bigode, óculos redondos e compleição mirrada, parecia um caixa de banco de cidade pequena ou mestre-escola pedante. Independente do que sua aparência sugerisse, tinha, no entanto, poucos rivais em fanatismo ideológico e, como o tempo mostraria, em crueldade fria. O jovem idealista nacionalista, que já imaginava terríveis conspirações que envolviam "a Internacional vermelha", os judeus, os jesuítas e maçons alinhados contra a Alemanha, havia entrado para o NSDAP no verão de 1923, influenciado pelo homem cujo assassinato ele organizaria onze anos depois, Ernst Röhm. Foi ao lado de Röhm que, em 8 de novembro daquele ano, a noite do putsch, ele carregou a bandeira à frente da unidade da Reichskriegsflagge que tentou invadir o Ministério da Guerra bávaro. Com a refundação do partido, atuou inicialmente como secretário de Gregor Strasser, depois, a partir de 1926, foi vice-*Gauleiter* da Alta Baviera-Suábia e vice-líder de Propaganda para o Reich. Nesse cargo, que exercia no fim dos anos 1920 — foi também vice-*Reichsführer* da SS a partir de 1927, antes de ser designado para comandá-la, dois anos depois —, mostrou-se eficiente e imaginativo, tendo inventado a cobertura total de propaganda de uma área específica durante um curto período de tempo, tática que se tornou uma marca nazista.

Mas é significativo que Hitler, em contraste com seus hábitos normais, interviesse diretamente na redação dos textos e na criação da propaganda central.

Em abril de 1928, "corrigiu" a interpretação do Ponto 17 do programa partidário "inalterável" de 1920: "expropriação sem compensação" significava, para um partido baseado na propriedade privada, apenas a criação de meios legais para tomar terras não administradas para o bem público — ou seja, companhias judaicas de especulação fundiária.

A mudança na ênfase da propaganda significava mais um afastamento da postura "programática", direcionada principalmente para conquistar trabalhadores ao marxismo, para uma abordagem mais ampla da mobilização, que abrangesse todos. Era um reajuste pragmático que reconhecia a possibilidade de atrair uma variedade de grupos sociais aos quais a propaganda do partido não se dirigia anteriormente de forma sistemática. Ao contrário de alguns membros do partido, aferrados a um tipo de anticapitalismo emotivo, "social-revolucionário", para Hitler, não importava quais grupos fossem atraídos para o nazismo. O importante era que eles *fossem* conquistados. Seu objetivo era ganhar poder. Para essa finalidade, qualquer arma servia. Mas isso significava que o NSDAP se tornava uma coalizão ainda mais frouxa de grupos de interesse concorrentes. Somente a *ausência* de um programa claro e um conjunto de objetivos distantes incorporados à imagem do Líder poderiam mantê-los unidos — por algum tempo.

V

Poucos alemães tinham Hitler em mente nos "anos dourados" de Weimar, em meados da década de 1920. Os acontecimentos internos do Partido Nazista não interessavam, nem preocupavam a esmagadora maioria do povo. Dava-se pouca atenção ao desordeiro de Munique que agora não parecia mais do que um irritador marginal da cena política. Aqueles que notavam sua existência eram em geral desdenhosos ou condescendentes, ou ambos.

Os resultados da eleição para o Reichstag de 20 de maio de 1928 deram a impressão de confirmar o prognóstico desses comentadores que durante anos haviam pregado o fim de Hitler e seu movimento. O eleitorado mostrou pouco interesse pela campanha, reflexo das condições mais estáveis do país. Com uma votação mísera de 2,6%, o NSDAP obteve apenas doze assentos. Eleitoralmente, perdeu terreno, em comparação com o Völkischer Block, em dezembro de 1924. Havia pelo menos o consolo de que os doze nazistas eleitos para o Reichstag tinham agora imunidade parlamentar para seus ataques virulentos aos adversários e — se não houvesse nada mais importante — ajuda de custo diária e passagens gratuitas de trem para viajar na primeira classe da Reichsbahn, o que aliviava as finanças do partido. Entre os novos deputados estavam Gregor Strasser, Frick, Feder, Goebbels, o cavaleiro Von Epp — ex-líder do Freikorps e novo convertido muito alardeado do BVP — e Hermann Göring, que retornara recentemente ao covil depois de se ausentar após o putsch. "Vamos para o Reichstag [...] como o lobo ao rebanho de ovelhas", contou Goebbels aos leitores do *Angriff*, seu jornal de Berlim.

Houve abatimento e decepção compreensíveis no partido. Era óbvia a necessidade de reajustar a propaganda e a organização. Sob a liderança organizacional de Strasser, o campo ganhou uma atenção maior e foram dados os primeiros passos para a construção de várias suborganizações afiliadas, que se tornaram extremamente importantes para captar os interesses específicos de grupos de classe média.

Enquanto isso, as primeiras nuvens escuras já pairavam sobre a economia alemã. A crise crescente na agricultura estava levando ao endividamento disseminado, falências, vendas forçadas da terra e a uma enorme amargura na comunidade rural.

No Ruhr, a maior região industrial, os empresários recusaram-se a aceitar uma decisão de arbitragem e fizeram um *lockout* de toda a indústria do ferro e do aço, deixando 230 mil operários sem emprego ou sem salário durante várias semanas. O desemprego estava crescendo e atingiu quase 3 milhões de pessoas em janeiro de 1929, um aumento de 1 milhão de desempregados em relação ao ano anterior. Havia também crescentes dificuldades políticas. A "grande coalizão" comandada pelo chanceler do SPD, Hermann Müller, foi instável desde o início. A decisão de construir um cruzador (à qual se opunham os social-democratas desde antes das eleições) acarretou uma cisão que causou grande perda de prestígio para o SPD. A disputa em torno do ferro do Ruhr abriu mais brechas no governo e o expôs aos críticos da esquerda e da direita. Era o primeiro tiro da tentativa da direita conservadora de reverter os avanços na área do bem-estar social feitos pela república de Weimar. O conflito em torno da política social acabaria por levar ao fim do governo de Müller. E, no fim do ano, a questão das reparações de guerra começava a se avultar novamente. Ela se tornaria aguda em 1929.

Nas condições piores do inverno de 1928-9, o NSDAP passou a atrair apoio crescente. No fim de 1928, o número de fichas de inscrição distribuídas chegou a 108717. O partido conquistava grupos sociais que até então mal atingia. Em novembro de 1928, Hitler teve uma recepção calorosa de 2500 estudantes na Universidade de Munique. Antes dele falara Baldur von Schirach, de 21 anos, recentemente designado líder para o Reich da Federação dos Estudantes Nazistas e futuro líder da Juventude Hitlerista.

A eleição para a união dos estudantes deu a Hitler um sinal encorajador de acúmulo de força nazista. Mas foi sobretudo na área rural, entre os camponeses radicalizados, que os nazistas começaram a fazer avanços particularmente rápidos. Em Schleswig-Holstein, atentados à bomba a repartições do governo deram a indicação mais clara do humor na comunidade rural. Em janeiro de 1929, camponeses radicais da região fundaram o Landvolk, um movimento de protesto incipiente e violento que se tornou logo presa dos avanços nazistas. Dois meses depois, após um comício do NSDAP na aldeia de Wöhrden, uma briga entre homens da SA e adeptos do KPD resultou na morte de dois membros da tropa de choque e em vários feridos. As reações locais mostravam claramente o potencial para ganhos nazistas no campo insatisfeito. Houve um surto imediato de apoio aos nazistas na

localidade. Velhas camponesas passaram a usar o emblema do partido em seus aventais de trabalho. Um relatório da polícia, elaborado a partir de conversações com elas, deixava claro que não tinham ideia dos objetivos do partido. Mas estavam certas de que o governo era incapaz e as autoridades estavam desperdiçando o dinheiro dos contribuintes. Estavam convencidas de que somente os nacional-socialistas poderiam ser os "salvadores dessa miséria". Os agricultores comentavam que estava demorando demais uma vitória nazista através do Parlamento. O que era preciso era uma guerra civil. O estado de ânimo era "extraordinariamente rancoroso" e a população estava aberta a todas as formas de ação violenta. Usando o incidente como oportunidade de propaganda, Hitler compareceu ao enterro dos membros mortos da SA e visitou os feridos. Isso causou impacto profundo nos habitantes do lugar. Ele e outros nazistas importantes foram aplaudidos como "libertadores do povo".

À medida que a "crise antes da crise" — econômica e política — se aprofundava, Hitler mantinha sua ofensiva de propaganda. Na primeira metade de 1929, escreveu dez artigos para a imprensa do partido e realizou dezesseis extensos discursos diante de plateias grandes e extasiadas. Quatro foram na Saxônia, durante o período que antecedeu as eleições locais de 12 de maio. Ataques diretos aos judeus não figuravam nos discursos. A ênfase estava na falência em casa e no exterior do sistema de Weimar, a exploração das finanças internacionais e o sofrimento da "gente pequena", as catastróficas consequências econômicas do regime democrático, as divisões sociais que a política partidária causava e replicava e, sobretudo, a necessidade de restaurar a força e a unidade alemãs e obter a terra para garantir o futuro. "A chave para o mercado mundial tem a forma de uma espada", declarava. A única salvação do declínio era por meio do poder: "O sistema inteiro precisa ser alterado. Portanto, a grande tarefa é devolver ao povo sua crença na liderança", concluía.

Os discursos de Hitler faziam parte de uma campanha de propaganda bem organizada, com uma cobertura massiva na Saxônia antes da eleição. Ela foi planejada por Himmler, mas sob a supervisão pessoal de Hitler. O número maior de filiados e as melhorias introduzidas na organização e na estrutura permitiam agora uma cobertura mais extensa. Isso ajudou a criar uma imagem de dinamismo, ímpeto e energia. A militância local e a conquista de figuras influentes de uma

comunidade eram geralmente a chave para o progresso nazista. Hitler tinha de ser usado com parcimônia — para obter o melhor efeito, além de evitar um cronograma cansativo demais. Um discurso dele era um grande bônus para qualquer seção do partido. Mas, nas condições vigentes a partir de 1929, o NSDAP obteve sucesso em lugares onde as pessoas jamais tinham visto Hitler.

O partido ganhou 5% dos votos na eleição da Saxônia. No mês seguinte, obteve 4% nas eleições de Mecklenburg — o dobro do que conseguira no ano anterior na eleição para o Reichstag. Seus dois membros eleitos tinham uma posição central num Landtag dividido igualmente entre esquerda e direita. Perto do fim de junho, Coburg, no norte da Baviera, tornou-se a primeira cidade alemã a eleger um conselho municipal dirigido por nazistas. Em outubro, o NSDAP já havia atingido 7% nas eleições do estado de Baden. Isso tudo antes que o colapso de Wall Street abrisse caminho para a Grande Depressão.

O renascimento da questão das reparações forneceu mais lenha para a fogueira da agitação nazista. Os resultados das deliberações da comissão de especialistas — que vinha trabalhando desde janeiro de 1929 sob a presidência de Owen D. Young, um banqueiro americano e presidente da General Electric Company — para regulamentar o pagamento das reparações foram finalmente assinados em 7 de junho. Em comparação com o Plano Dawes, o acordo era relativamente favorável à Alemanha. Os reembolsos seriam mantidos baixos por três anos e, no total, seriam cerca de 17% menores do que pelo Plano Dawes. Mas seriam necessários 59 anos para que as reparações de guerra fossem liquidadas. A direita nacionalista ficou indignada. Alfred Hugenberg, ex-diretor da Krupp, líder do DNVP que controlava a imprensa nacionalista e tinha grande participação na companhia cinematográfica UFA, criou em julho um Comitê do Reich para a Petição do Povo Alemão com o objetivo de organizar uma campanha a fim de forçar o governo a rejeitar o Plano Young. Ele persuadiu Hitler a participar. Entre os membros do comitê estavam Franz Seldte e Theodor Duesterberg, da Stahlhelm, Heinrich Claß, da Liga Pangermânica, e o industrial Fritz Thyssen. A presença de Hitler ao lado desses magnatas e reacionários capitalistas não agradou à ala revolucionária do NSDAP, liderada por Otto Strasser, irmão de Gregor. Mas o sempre oportunista Hitler percebeu as chances que a campanha oferecia. O projeto de Lei contra a Escravização do Povo Alemão, redigido pelo comitê em setembro, rejeitando o

Plano Young e a “mentira da culpa de guerra”, ganhou o apoio necessário para a realização de um plebiscito. Mas, quando este finalmente aconteceu, em 22 de dezembro de 1929, somente 5,8 milhões — 13,8% do eleitorado — votaram a seu favor. A campanha foi um fracasso, mas não para Hitler. Ele e seu partido beneficiaram-se da exposição maciça que ganharam dos órgãos de imprensa de Hugenberg. E ele fora reconhecido como um parceiro igual por aqueles que ocupavam altos cargos, com bons contatos com fontes de financiamento e influência.

Alguns de seus novos companheiros haviam sido convidados de honra no Congresso do Partido realizado em Nuremberg entre 1o e 4 de agosto de 1929. O vice-líder da Stahlhelm [Capacete de Aço — Liga dos Soldados do Front], Theodor Duesterberg, e o conde Von der Goltz, presidente das Vereinigte Vaterländische Verbände (Associações Patrióticas Unidas), haviam comparecido. O industrial do Ruhr e benfeitor do partido, Emil Kirdorf, aceitara o convite. Winifred Wagner, a Dama de Bayreuth, também foi uma convidada de honra. Trinta e cinco trens especiais levaram 25 mil homens da SA e da SS e 1300 membros da Juventude Hitlerista a Nuremberg. A polícia estimou um comparecimento de cerca de 30 mil a 40 mil no total. Foi um espetáculo muito maior e mais grandioso do que o congresso de dois anos antes. Refletia uma confiança e um otimismo novos num partido cujo número de filiados já somava cerca de 130 mil. E, em comparação com dois anos antes, o domínio de Hitler era ainda mais completo. As sessões de trabalho serviam simplesmente para aprovar as diretrizes vindas de cima. Hitler demonstrou pouco interesse por elas. Sua única preocupação, como sempre, era com a exibição de propaganda da reunião.

Ele tinha motivos para se sentir satisfeito com a maneira como o movimento se desenvolvera ao longo dos quatro anos decorridos desde sua refundação. O partido era agora quase três vezes maior do que na época do putsch e crescia rapidamente. Estava espalhado por todo o país e penetrava em áreas que jamais haviam sido cidadelas suas. Estava muito mais bem organizado e estruturado. Havia muito menos espaço para a dissensão. Os rivais do movimento *völkisch* haviam sido amalgamados ou caído na insignificância. Não menos importante, o domínio de Hitler era completo. Sua receita para o sucesso não mudara: martelar a mesma mensagem, explorar qualquer oportunidade para agitação e esperar que as

circunstâncias externas favorecessem o partido. Mas, embora tivesse dado grandes passos adiante desde 1925, e ainda que registrasse ganhos eleitorais modestos nas eleições estaduais e obtivesse uma boa quantidade de divulgação, ninguém que fosse realista poderia lhe atribuir muitas chances de chegar ao poder. Para isso, a única esperança de Hitler era uma crise do Estado ampla e abrangente.

Ele não tinha ideia da rapidez com que os eventos favoreceriam seu partido. Mas, em 3 de outubro, Gustav Stresemann, o único estadista de verdadeiro prestígio na Alemanha, que fizera o máximo para sustentar o vacilante governo Müller, morreu depois de sofrer um derrame. Três semanas depois, em 24 de outubro de 1929, a maior bolsa de valores do mundo, em Wall Street, Nova York, quebrou. A crise de que Hitler precisava estava prestes a envolver a Alemanha.

8. O grande avanço

I

A liderança nazista não reconheceu de imediato o significado do colapso da bolsa de valores americana, em outubro de 1929. O *Völkischer Beobachter* nem mesmo mencionou a Sexta-feira Negra de Wall Street. Mas a Alemanha em breve reverberaria suas ondas de choque. A dependência dos empréstimos americanos de curto prazo assegurava que o impacto viria a ser extraordinariamente grave. A produção industrial, os preços e os salários começaram a queda acentuada que atingiria o ponto de calamidade em 1932. A crise agrícola, que já vinha grassando no campo desde 1928, intensificou-se. Em janeiro de 1930 registravam-se 3,218 milhões de desempregados — cerca de 14% da população em idade de trabalhar. O número real, incluindo os postos com jornada reduzida, foi estimado em mais de 4,5 milhões.

O protesto das pessoas comuns, que assumiram o ponto de vista de que a democracia as havia decepcionado e que "o sistema" deveria ser erradicado, tornou-se mais agudo tanto à esquerda como à direita. Os avanços dos nazistas nos pleitos regionais refletiram a radicalização crescente do estado de ânimo do eleitorado. O plebiscito do Plano Young dera ao partido a publicidade necessária nos órgãos de imprensa de grande penetração controlados por Hugenberg. Seu valor, disse Hitler, era que havia propiciado "a ocasião para uma onda de propaganda como nunca se vira na Alemanha". Ela permitira que o NSDAP se projetasse como a voz mais radical da direita, um movimento de protesto por

excelência que nunca se maculara envolvendo-se com o governo de Weimar. Nas eleições estaduais de Baden de 27 de outubro de 1929, o NSDAP obteve 7% dos votos. Nas eleições da cidade de Lübeck, mais ou menos uma quinzena depois, o percentual foi de 8,1. Até mesmo nas eleições municipais de Berlim, em 17 de novembro, o partido quase quadruplicou seus votos de 1928, embora seus 5,8% ainda fossem marginais, em comparação com os mais de 50% que os dois partidos de esquerda receberam. No resultado mais significativo de todos, nas eleições da Turíngia realizadas em 8 de dezembro, o NSDAP triplicou seus votos de 1928 e rompeu pela primeira vez a barreira dos 10%, obtendo 11,3% dos 90 mil votos depositados nas urnas. O Partido Nazista deveria explorar a situação concordando em entrar para o governo pela primeira vez, mas correndo o risco de impopularidade por participar de um sistema cada vez mais desacreditado? Hitler decidiu que o partido tinha de entrar na composição do governo. Se recusasse, explicou, enfrentaria novas eleições e os eleitores poderiam dar-lhe as costas. O que aconteceu dá uma indicação do modo como, nessa época, a "tomada do poder" no próprio Reich era imaginada.

Ele exigiu os dois cargos que julgava mais importantes no governo turíngio: o Ministério do Interior, que controlava o serviço público e a polícia, e o Ministério da Educação, que supervisionava a cultura, bem como as diretrizes para o ensino secundário e universitário. "Aquele que controla esses dois ministérios e explora impiedosa e persistentemente seu poder neles pode realizar coisas extraordinárias", escreveu Hitler. Quando Wilhelm Frick, seu indicado para ambos os ministérios, foi rejeitado — o Partido Popular Alemão (DVP) alegou que não poderia trabalhar com um homem que fora condenado por alta traição (por sua participação no putsch da cervejaria) —, Hitler foi pessoalmente a Weimar e impôs um ultimato. Se em três dias Frick não fosse aceito, o NSDAP provocaria novas eleições. Industriais da região, aliciados por Hitler, pressionaram o DVP — o partido das grandes empresas — e suas exigências foram finalmente aceitas. Frick recebeu a tarefa de expurgar do serviço público, da polícia e do magistério as tendências democráticas, marxistas e revolucionárias e alinhar a educação com as ideias nacional-socialistas.

A primeira experiência nazista no governo não foi bem-sucedida. As tentativas de Frick de reconstruir a política educacional e cultural com base no racismo ideológico não foram bem recebidas, e as medidas para nazificar a polícia e o

serviço público foram bloqueadas pelo Ministério do Interior do Reich. Depois de apenas um ano, Frick foi afastado do cargo após um voto de desconfiança apoiado pelos parceiros de coalizão do NSDAP. A estratégia — que seria tão fatídica em 1933 — de incluir os nazistas no governo, com a expectativa de que se mostrassem incompetentes e perdessem apoio, não era, com base na experiência de Turíngia, de forma nenhuma absurda.

Em carta de 2 de fevereiro de 1930 para um adepto do partido no exterior, na qual descreveu os acontecimentos que levaram à participação do NSDAP no governo da Turíngia, Hitler destacava os progressos rápidos que o partido estava fazendo na obtenção de apoio. No momento em que escrevia, o número oficial de filiados chegava a 200 mil (embora o número verdadeiro fosse um pouco menor). Os nazistas começavam a fazer sua presença ser sentida em lugares onde mal haviam sido notados antes.

Desde a campanha contra o Plano Young do outono anterior, o NSDAP vinha fazendo cerca de cem reuniões de propaganda por dia. Esse ritmo se aceleraria durante a campanha eleitoral do Reichstag, no final do verão. Muitos oradores eram agora de boa qualidade, escolhidos a dedo, bem treinados, submetidos ao controle central, mas capazes de entender e explorar as questões locais, bem como transmitir a mensagem básica e imutável da agitação nazista. Os nacional-socialistas conquistavam cada vez mais espaço nas primeiras páginas dos jornais. Começaram a penetrar na rede de clubes e associações que constituíam a estrutura social de muitas comunidades provincianas. Nos lugares onde líderes respeitáveis e influentes eram conquistados, muitos outros eram convertidos rapidamente. Na crise que se avolumava, os outros partidos não marxistas pareciam ficar mais fracos, ineficazes e desacreditados, ou então ligados a apenas um setor da população, como o Zentrum (o partido católico). A desordem deles só podia realçar o apelo de um partido grande, em expansão, dinâmico e *nacional*. Visto cada vez mais como a melhor opção para combater a esquerda, era considerado o único capaz de representar os interesses de cada segmento da sociedade numa "comunidade nacional" unida. E à medida que aumentava o número de pessoas que entravam para o partido, pagavam ingresso para as reuniões ou jogavam marcos nas caixas de coleta, cresciam os fundos que possibilitavam o desenvolvimento de atividades de propaganda. A militância incansável já mostrava sinais de sucesso nos primeiros

meses de 1930. O extraordinário avanço das eleições de setembro para o Reichstag não veio do nada.

Porém, mesmo com o aprofundamento da Depressão e com as excelentes perspectivas de ganhos eleitorais para os nazistas, o caminho para o poder estava bloqueado. Apenas erros crassos dos governantes do país poderiam abrir uma trilha. E somente uma flagrante desconsideração das elites alemãs pela defesa da democracia — na verdade, a esperança de que a crise econômica pudesse ser utilizada como veículo para provocar o fim da democracia e sua substituição por alguma forma de autoritarismo — poderia induzir a tais erros. Foi exatamente isso que ocorreu em março de 1930.

A queda do chanceler social-democrata Hermann Müller e sua substituição por Heinrich Brüning, do Zentrum, foi o primeiro passo desnecessário na rota suicida da República de Weimar. Sem a autodestrutividade do Estado democrático, sem o desejo de solapar a democracia daqueles que deveriam sustentá-la, Hitler, por mais talento que tivesse para a agitação, não teria conseguido chegar perto do poder.

O governo Müller atingiu a crise final em 27 de março de 1930, provocada pelo aumento da contribuição dos empregadores para o seguro-desemprego, de 3,5% para 4% do salário bruto a partir de 30 de junho de 1930. O tema já havia causado a polarização dos partidos da coalizão governante, SPD e DVP, desde o outono anterior. Se tivesse havido vontade política, teriam encontrado uma solução de compromisso. Mas, no fim de 1929, no contexto das dificuldades econômicas crescentes da república, o DVP dera uma forte guinada para a direita, seguindo outros partidos "burgueses". Sem saída para a crise do governo, o chanceler apresentou sua renúncia em 27 de março. Ela marcou o começo do fim da República de Weimar.

Na verdade, a queda de Müller havia sido planejada muito antes. Em dezembro, Heinrich Brüning, líder parlamentar do Zentrum, soube que Hindenburg estava decidido a remover Müller assim que o Plano Young foi aceito. O próprio Brüning estava marcado para ser o chanceler, apoiado, onde fosse necessário, pelas competências do presidente garantidas pelo Artigo 48 da Constituição de Weimar (que lhe dava poderes para emitir decretos de emergência sem necessidade de aprovação pelo Reichstag). O presidente do Reich estava ansioso para não perder a chance de criar um "governo antiparlamentar e antimarxista" e temeroso de ser

forçado a manter um governo social-democrata.

Brüning foi designado chanceler em 30 de março de 1930. Seus problemas logo ficaram evidentes. Em junho, já encontrava sérias dificuldades em suas tentativas de reduzir os gastos públicos por meio de decretos de emergência. Quando o Reichstag aprovou uma moção do SPD, apoiada pelo NSDAP, para retirar sua proposta de decreto que impunha cortes radicais nos gastos públicos e impostos mais altos, Brüning pediu e conseguiu do presidente do Reich, em 18 de julho de 1930, a dissolução do Parlamento. Novas eleições foram marcadas para 14 de setembro. Para as perspectivas da democracia na Alemanha, elas foram uma catástrofe, pois trariam o grande avanço eleitoral do movimento de Hitler.

A decisão de dissolver o Reichstag foi de uma irresponsabilidade espantosa. Brüning certamente levou em conta uma boa quantidade de votos para os nazistas em seus cálculos. Afinal, o NSDAP havia conquistado 14,4% dos votos fazia poucas semanas, nas eleições regionais da Saxônia. Mas, em sua determinação de substituir o governo parlamentarista por um sistema mais autoritário governado por decretos presidenciais, Brüning subestimou o grau de raiva e frustração do país e errou de modo grosseiro ao calcular o efeito da profunda alienação e dos níveis perigosos de protesto popular. Os nazistas mal podiam acreditar na sua sorte. Sob a direção do recém-designado chefe de propaganda Joseph Goebbels, eles se preparavam febrilmente para um verão de agitação sem precedentes.

II

Enquanto isso, um conflito interno do NSDAP apenas demonstrava em que medida Hitler agora dominava o movimento e até que ponto ele se tornara um "partido de líder". A disputa, quando chegou ao ponto crítico, cristalizou-se mais uma vez em torno da possibilidade de se separar a "ideia" da figura do Líder.

Otto Strasser, o irmão mais moço de Gregor, continuara a usar as publicações da Kampfverlag, a editora de Berlim que ele controlava, como veículo para sua própria versão do nacional-socialismo. Tratava-se de uma mistura vaga e estonteante de nacionalismo místico radical, anticapitalismo enérgico, reformismo social e antiocidentalismo. A rejeição da sociedade burguesa produzia admiração pelo anticapitalismo radical dos bolcheviques. Otto compartilhava suas ideias nacional-revolucionárias doutrinárias com um grupo de teóricos que usavam a Kampfverlag para divulgar suas posições. Enquanto essas noções não prejudicavam o partido nem afetavam sua posição, Hitler deu pouca atenção a elas. Ele sabia inclusive que Otto havia falado em fundar um novo partido, mas não tomara nenhuma medida a respeito. Mas, no início de 1930, a linha quase independente de Otto Strasser se tornou mais estridente, tendo em vista que Hitler buscava desde o ano anterior explorar uma associação mais estreita com a direita burguesa. O confronto ficou mais próximo em abril de 1930, quando a Kampfverlag continuou a apoiar a greve dos metalúrgicos da Saxônia, apesar da proibição de Hitler, sob pressão dos industriais.

Em 21 de maio, Hitler convidou Otto Strasser para uma discussão em seu hotel. De acordo com o relato publicado por Strasser — o único que existe, embora pareça verdadeiro e não tenha sido contestado por Hitler —, os pontos essenciais do encontro eram a liderança e o socialismo. "Um Líder deve servir à Ideia. Somente a ela podemos nos devotar inteiramente, uma vez que ela é eterna, enquanto o Líder passa e pode cometer erros", afirmou Strasser. "O que você está dizendo é um absurdo ultrajante", replicou Hitler. "Isso é a democracia mais revoltante com a qual não queremos mais nada. Para nós, o Líder é a Ideia e cada membro do partido tem de obedecer somente ao Líder." Strasser acusou Hitler de tentar destruir a Kampfverlag porque queria "estrangular" a "revolução social" por meio de uma estratégia de legalidade e colaboração com a direita burguesa. Hitler

denunciou colérico que o socialismo de Strasser "não passava de marxismo". A massa da classe operária queria apenas pão e circo e jamais compreenderia o significado de um ideal. "Só existe um único tipo possível de revolução, e não é econômica, política ou social, mas racial", confessou. Empurrado em suas atitudes para o lado do grande empresariado, Hitler deixou claro que não queria nem pensar em socialização ou controle pelos trabalhadores. A única prioridade era que um Estado forte garantisse que a produção fosse feita em nome do interesse nacional.

A reunião acabara. O humor de Hitler estava negro. "Um judeu branco intelectual, totalmente incapaz de organização, um marxista do tipo mais puro", foi sua avaliação fulminante de Otto Strasser. Em 4 de julho, antecipando-se à expulsão, Strasser e 25 companheiros anunciaram publicamente que "os socialistas estão deixando o NSDAP". Os rebeldes haviam, de fato, expurgado a si mesmos.

A crise de Strasser mostrou, acima de tudo, a força da posição de Hitler. Com a eliminação do grupo, qualquer disputa ideológica que ainda existisse no partido estava liquidada. As coisas haviam mudado drasticamente desde 1925 e dos dias da Comunidade de Trabalho. Agora estava claro: Líder e Ideia eram uma única e mesma coisa.

III

Durante o verão de 1930, a campanha eleitoral esquentou febrilmente. Segundo diretrizes estabelecidas por Hitler, ela foi centralizada e organizada por Goebbels. Dois anos antes, a imprensa ignorara em ampla medida o NSDAP. Agora, os camisas-pardas abriam caminho à força para as primeiras páginas. Era impossível ignorá-los. O alto grau de agitação — condimentado com violência nas ruas — os colocou no mapa político em grande estilo. A energia e o ímpeto da agitação nacional-socialista eram realmente espantosos. Cerca de 34 mil comícios foram planejados em toda a Alemanha para as últimas quatro semanas da campanha. Nenhum outro partido sequer se aproximou da escala do esforço nazista.

O próprio Hitler fez vinte grandes discursos nas seis semanas anteriores ao dia da eleição. Suas plateias eram enormes. Pelo menos 16 mil foram ouvi-lo no Sportpalast de Berlim, em 10 de setembro. Dois dias depois, em Breslau, entre 20 mil e 25 mil lotaram o Jahrhunderthalle, enquanto outros 5 mil a 6 mil foram obrigados a ouvir o discurso pelos alto-falantes colocados do lado de fora. No início dos anos 1920, seus discursos eram dominados por ataques virulentos aos judeus. No fim da década, a questão do "espaço vital" tornou-se o tema central. Na campanha eleitoral de 1930, ele pouco falou explicitamente dos judeus. As diatribes grosseiras do começo dos anos 1920 estavam ausentes. O "espaço vital" figurava com mais proeminência, contraposto à competição internacional pelos mercados. Mas não era onipresente, como fora em 1927-8. O tema fundamental agora era o colapso da Alemanha sob a democracia parlamentarista e o governo partidário que dividia o povo em interesses separados e conflitantes, situação que somente o NSDAP poderia superar com a criação de uma nova unidade da nação, transcendendo classe, propriedade e profissão. Enquanto os partidos de Weimar representavam apenas grupos de interesse específicos, asseverava Hitler, o Movimento Nacional-Socialista defendia a nação como um todo. Em discurso após discurso, ele martelava essa mensagem. Crucificava sem cessar o sistema de Weimar, não mais de forma grosseira e simplista por ser o regime dos "criminosos de novembro", mas por não cumprir suas promessas de redução de impostos, administração financeira e emprego. Todos os partidos eram culpados. Faziam parte do mesmo sistema partidário que havia arruinado a Alemanha. Todos tinham

participação nas políticas ditadas a partir de Versalhes, que levaram aos termos de reparação de guerra acordados sob o Plano Dawes e estabelecidos com o Plano Young. A falta de liderança levara à miséria sentida por todos os setores da sociedade. Democracia, pacifismo e internacionalismo haviam produzido impotência e fraqueza — uma grande nação subjugada. Estava na hora de limpar a podridão.

Mas seus discursos não eram simplesmente negativos, não eram apenas um ataque ao sistema existente. Ele apresentava uma visão, uma utopia, um ideal: a libertação nacional através da força e da unidade. Não propunha políticas alternativas, incluídas em promessas eleitorais específicas. Oferecia "um programa, um programa novo e gigantesco atrás do qual não estaria o novo governo, mas um novo povo alemão que deixaria de ser uma mistura de classes, profissões e propriedades". Seria, declarou com sua ênfase usual em alternativas extremas (e profeticamente, como mostraria a história), "uma comunidade de um povo que, para além de todas as diferenças, resgatará a força comum da nação, ou a levará à ruína". Somente um "ideal elevado" poderia superar as divisões sociais. Em lugar do decadente, do velho, um novo Reich tinha de ser construído sobre valores raciais, seleção dos melhores com base nas realizações, força, vontade e luta, liberando o gênio da personalidade individual e restabelecendo o poder e a força da Alemanha como nação. Somente o nacional-socialismo poderia fazer isso. Não se tratava de um programa político convencional. Era uma cruzada política. Não se tratava de mudança de governo. Era uma mensagem de redenção nacional. Num clima de aprofundamento da crise econômica e de miséria social, ansiedade e divisão, em meio a percepções do fracasso e da inépcia de políticos parlamentaristas aparentemente débeis, a atração de seu discurso era poderosa.

A mensagem apelava em especial para o idealismo de uma geração mais jovem, não suficientemente velha para ter lutado na guerra, mas não demasiado jovem para não ter experimentado pouco mais do que crise, conflito e declínio nacional. Muitos dessa geração, nascidos entre 1900 e 1910, advindos de famílias de classe média, não mais enraizados na tradição monárquica do pré-guerra, que rejeitavam o socialismo e o comunismo, mas se sentiam alheios às lutas políticas, econômicas, sociais e ideológicas da era de Weimar, estavam em busca de alguma coisa nova. Para esses jovens, carregados com toda a bagagem emotiva que pertencia às noções

alemãs de *Volk* (povo étnico) e *Gemeinschaft* (comunidade), o objetivo de uma "comunidade nacional" que superaria as divisões de classe parecia algo muito positivo. Que a noção de "comunidade nacional" ganhava sua definição por aqueles que eram dela excluídos e que a harmonia social seria estabelecida por meio da pureza e homogeneidade racial, era dado como certo, quando não explicitamente enaltecido.

A retórica da "comunidade nacional" e o culto ao Führer representavam um renascimento para a Alemanha, no qual os vários interesses dos diferentes setores sociais teriam um novo acordo. Diante da deterioração da situação econômica e política, os argumentos em favor do voto num partido defensor de interesses específicos, pequeno e fraco, em vez de num partido *nacional* forte e sólido — que defendia interesses, mas os transcendia — eram cada vez menos convincentes. Um voto para os nazistas podia facilmente parecer de senso comum. Desse modo, o NSDAP começou a penetrar e destruir o apoio a partidos de interesse como a Bayerischer Bauernbund (Liga dos Camponeses Bávaros) e a solapar seriamente a influência de partidos tradicionais, como o nacional conservador DNVP nas áreas rurais. Esse processo estava somente em seus estágios iniciais no verão de 1930. Mas faria avanços rápidos após o triunfo nazista de 14 de setembro de 1930.

IV

O que aconteceu naquele dia foi um terremoto político. No resultado mais notável da história parlamentar alemã, o NSDAP avançou, de um golpe, dos doze assentos e meros 2,6% dos votos obtidos na eleição para o Reichstag de 1928 para 107 cadeiras e 18,3%, fazendo dele o segundo maior partido no Parlamento. Quase 6,5 milhões de alemães votaram no partido de Hitler — oito vezes mais do que dois anos antes. A popularidade nazista ganhava impulso.

A liderança do partido esperava grandes avanços. A sequência de sucessos nas eleições regionais — o último deles na Saxônia, com 14,4% dos votos ganhos ainda em junho — apontava para essa conclusão. Goebbels havia calculado em abril cerca de quarenta assentos, quando parecia que haveria uma dissolução do Parlamento naquela ocasião. Uma semana antes do dia da eleição em setembro, ele esperava um "sucesso maciço". Mais tarde, Hitler disse que pensara que cem cadeiras eram possíveis. Na realidade, como Goebbels admitiu, o tamanho da vitória pegou todos de surpresa. Ninguém havia esperado 107 assentos. Hitler ficou fora de si de contentamento.

A paisagem política mudara totalmente da noite para o dia. Tal como os nazistas, os comunistas tiveram aumentada sua participação, alcançando 13,1% dos votos. Embora ainda fosse o maior partido, o SPD perdera terreno, assim como, marginalmente, o Zentrum. Mas os maiores perdedores foram os partidos burgueses do centro e da direita. A partir de 1924, o DNVP caiu em sucessivas eleições, de 20,5% para apenas 7%, e o DVP, de 10,1% para 4,7%. Quem mais lucrou com isso foram os nazistas. Calculou-se que um em cada três ex-eleitores do DNVP passou para o NSDAP, assim como um em cada quatro eleitores dos partidos liberais. Ganhos menores, mas ainda significativos, vieram de todos os outros partidos, como SPD, KPD e Zentrum/BVP, embora os meios operários dominados pelos partidos de esquerda e, sobretudo, a subcultura católica tenham permanecido — como continuariam a ser — território relativamente hostil ao NSDAP. O aumento do comparecimento às urnas — de 75,6% para 82% — também beneficiou os nazistas, embora menos do que foi muitas vezes presumido.

A vitória arrasadora foi maior na região rural protestante do norte e do leste do país. Com exceção das partes rurais da Francônia, devotamente protestante, os

distritos eleitorais bávaros, em larga medida católicos, ficaram abaixo da média nacional pela primeira vez. O mesmo aconteceu na maioria das regiões católicas. Nas grandes cidades e áreas industriais — apesar de algumas exceções notáveis, como Breslau e Chemnitz-Zwickau —, os ganhos nazistas, embora ainda espetaculares, também foram abaixo da média. Mas em Schleswig-Holstein, o voto no NSDAP explodiu de 4%, em 1928, para 27%. Prússia Oriental, Pomerânia, Hanover e Mecklenburg estavam entre as outras regiões onde o apoio aos nazistas ultrapassou 20%. Pelo menos três quartos dos eleitores nazistas eram protestantes (ou, de qualquer modo, não católicos). Um número significativamente maior de homens do que de mulheres votou no NSDAP (embora isso viesse a se alterar entre 1930 e 1933). Ao menos dois quintos dos eleitores nazistas eram de classe média. Mas um quarto vinha da classe operária (embora os desempregados tendessem mais a votar no KPD). As classes médias estavam de fato super-representadas entre os eleitores nazistas. Mas o NSDAP não era um mero partido de classe média, como se costumava pensar. Ainda que em proporções diferentes, o movimento de Hitler podia alegar com razão que conquistara apoio de todos os setores da sociedade. Nenhum outro partido da República de Weimar podia dizer o mesmo.

A estrutura social dos filiados do partido aponta para a mesma conclusão. Uma afluência maciça de membros seguiu-se à eleição de setembro. Tal como os eleitores, eles vinham de todos os setores da sociedade, embora não de forma igual. A composição era avassaladoramente masculina e somente o KPD tinha filiados com um perfil tão jovem. As classes médias protestantes estavam super-representadas. Mas havia também uma boa presença da classe operária, ainda mais pronunciada na SA e na Juventude Hitlerista do que no próprio partido. Ao mesmo tempo, o grande avanço político significava que cidadãos "respeitáveis" se sentiam agora dispostos a entrar para o partido. Professores, funcionários públicos e até mesmo alguns pastores protestantes estavam entre os grupos que alteravam o prestígio social do partido nas províncias. Na Francônia, por exemplo, o NSDAP já tinha em 1930 a aparência de um "partido do serviço público". A penetração do partido nas redes sociais das cidades e vilas provincianas começou a se intensificar de forma notável.

Há ocasiões — elas marcam o ponto de perigo para um sistema político — em que os políticos não conseguem mais se comunicar, em que eles deixam de compreender a língua do povo que deveriam representar. Os políticos dos partidos

da República de Weimar estavam todos a caminho de atingir esse ponto em 1930. Hitler tinha a vantagem de não ser prejudicado pela participação num governo impopular e de expressar um radicalismo resoluto contra a república. Ele podia falar numa língua que mais e mais alemães entendiam — a linguagem do protesto amargo contra um sistema desacreditado, a linguagem da renovação e do renascimento nacional. Aqueles que não estavam firmemente ancorados em outra ideologia política, meio social ou subcultura religiosa achavam essa linguagem cada vez mais inebriante.

Os nazistas haviam avançado de um único golpe das margens da cena política, fora da equação do poder, para o seu centro. Brüning podia agora conviver com o Reichstag apenas mediante a "tolerância" do SPD, que o considerava o menor dos males. Os social-democratas adotaram sua política de "tolerância" com grande tristeza, mas com um profundo senso de responsabilidade. Quanto a Hitler, independente de ser visto num sentido positivo ou negativo — e havia pouca coisa nele que deixasse as pessoas neutras ou indiferentes —, seu nome estava agora na boca de todo mundo. Era um fator a ser levado em conta. Não podia mais ser ignorado.

Após as eleições de setembro, não somente a Alemanha, mas o resto do mundo lhe deu atenção. No período imediatamente posterior a seu triunfo eleitoral, o julgamento de três jovens oficiais de um regimento da Reichswehr estacionado em Ulm — cuja simpatia pelo nazismo fez com que fossem acusados de "preparar-se para cometer alta traição" por trabalhar a favor de um golpe militar com o NSDAP e infringir regulamentos que proibiam membros das Forças Armadas de desenvolver atividades destinadas a alterar a Constituição — deu a Hitler a chance, agora com os olhos da imprensa mundial voltados para ele, de enfatizar o compromisso de seu partido com a legalidade. O julgamento dos oficiais Hanns Ludin, Richard Scheringer e Hans Friedrich Wendt em Leipzig começou em 23 de setembro. No primeiro dia, Hans Frank, o advogado de defesa de Wendt, obteve permissão para convocar Hitler como testemunha. Dois dias depois, quando o líder do segundo maior partido no Reichstag se sentou no banco das testemunhas para encarar os juízes de toga vermelha da mais alta corte do país, uma grande multidão realizou uma manifestação diante do tribunal a favor de Hitler. Uma vez mais, permitiram que ele utilizasse um tribunal para fazer propaganda. O juiz até o advertiu uma vez

para que não transformasse seu testemunho num discurso propagandístico, enquanto ele negava com veemência qualquer intenção de solapar a Reichswehr. Não adiantou nada. Hitler enfatizou que seu movimento tomaria o poder por meios legais e que a Reichswehr — que se tornaria novamente “um grande exército do povo alemão” — seria “a base do futuro alemão”. Declarou que jamais quisera alcançar seus ideais por meios ilegais. Usou a exclusão de Otto Strasser para dissociar-se daqueles membros do movimento que haviam sido “revolucionários”. Mas assegurou ao juiz que presidia o julgamento: “Se nosso movimento for vitorioso em sua luta legal, então haverá um Tribunal do Estado Alemão e novembro de 1918 encontrará sua redenção, e cabeças rolarão”. Essa frase provocou aplausos e gritos de “bravo” do público presente na sala de julgamento — e uma advertência imediata do presidente do tribunal, lembrando-os de que não estavam “nem no teatro nem num comício político”. Hitler continuou dizendo que esperava que o NSDAP obtivesse a maioria nas próximas duas ou três eleições. “Então chegaremos a uma ascensão nacional-socialista e moldaremos o Estado como o queremos.” Perguntado sobre como imaginava a construção do Terceiro Reich, respondeu: “O Movimento Nacional-Socialista buscará realizar seus objetivos neste Estado por meios constitucionais. A Constituição nos mostra apenas os métodos, não a meta. Desse modo constitucional, tentaremos ganhar maiorias decisivas nos órgãos legislativos a fim de, no momento em que isso acontecer, pôr o Estado no molde que combina com nossas ideias”. Repetiu que isso seria feito somente segundo a Constituição. Finalmente, jurou que seu testemunho era verdadeiro. Goebbels disse a Scheringer, um dos acusados, que o juramento fora “um lance brilhante”. “Agora somos estritamente legais”, consta que teria exclamado. O chefe da propaganda estava encantado com a “fabulosa” cobertura da imprensa. O recém-nomeado chefe de Imprensa Estrangeira de Hitler, Putzi Hanfstaengl, cuidou para que houvesse ampla cobertura do julgamento no exterior. Também colocou três artigos de Hitler sobre os objetivos do movimento nos órgãos de imprensa de Hearst, o barão dos meios de comunicação americanos, pela bela quantia de mil marcos por artigo. Hitler disse que era disso que precisava para poder ficar no Hotel Keiserhof — luxuoso, bem situado nas proximidades do coração do governo e seu quartel-general na capital até 1933 — quando fosse a Berlim.

O que ele disse no julgamento de Leipzig — que terminou em 4 de outubro com penas de prisão de dezoito meses para os três oficiais e dispensa com desonra do Exército de Ludin e Scheringer — não era nada novo. Havia muitos meses que ele andava ansioso para enfatizar seu caminho "legal" para o poder. Mas a enorme propaganda em torno do julgamento assegurou que sua declaração causasse agora o máximo impacto. A crença de que Hitler havia rompido com seu passado revolucionário ajudou-o a obter mais apoio em círculos "respeitáveis".

Depois da eleição, houve quem encorajasse Brüning a incluir o NSDAP num governo de coalizão, argumentando que a responsabilidade pelo governo testaria os nazistas e limitaria sua agitação. Brüning rejeitou a ideia de imediato, embora não descartasse a cooperação em algum momento do futuro, se o partido se mantivesse fiel ao princípio da legalidade. Após esquivar-se do pedido de Hitler para uma audiência logo após a eleição, Brüning tratou de recebê-lo — assim como aos líderes dos outros partidos — no início de outubro. Para evitar sua divulgação, o encontro foi realizado no apartamento do ministro do Reich, Treviranus, em 5 de outubro, e deixou claro que não havia perspectiva de cooperação. Um abismo os separava. Depois da cuidadosa exposição de Brüning sobre a política externa do governo — uma estratégia delicada cujo objetivo era obter espaço de manobra que levasse finalmente à supressão das reparações —, Hitler respondeu com um monólogo de uma hora. Ele simplesmente ignorou as questões levantadas por Brüning. Logo estava discursando para as quatro pessoas presentes — Frick e Gregor Strasser, além de Brüning e Treviranus — como se estivesse num comício de massa. Brüning ficou impressionado com o número de vezes que Hitler usou a palavra "aniquilar" (*vernichten*). Ele ia "aniquilar" o KPD, o SPD, "a Reação", a arqui-inimiga França e a Rússia, terra do bolchevismo. Ficou óbvio para o chanceler, assim ele observou depois, que o princípio básico de Hitler sempre seria: "Primeiro o poder, depois a política". Brüning viu claramente que ele era um fanático — sem sofisticação, mas perigoso. Embora tenham se despedido de forma amigável, Hitler criou uma aversão a Brüning que adquiriu proporções maníacas e penetrou o partido todo.

Assim ele pôde continuar com sua incansável e desenfreada oposição a um sistema cuja figura simbólica era agora o chanceler Brüning. De qualquer modo, dar continuidade à agitação era o que Hitler, assim como Goebbels, preferia. Era o

seu instinto. “Não escrevam mais ‘vitória’ em seus estandartes”, havia dito a seus adeptos logo após a eleição. “Escrevam em seu lugar a palavra que nos cabe melhor: ‘luta!’.” De qualquer modo, era a única opção disponível. Como disse um contemporâneo, os nazistas seguiam a máxima: “‘Depois de uma vitória, agarrem-se mais ao capacete.’ [...] Após a vitória na eleição, eles arranjaram 70 mil comícios. De novo, uma ‘avalanche’ passou pelo Reich. [...] Cidade após cidade, aldeia após aldeia é tomada de assalto”. A vitória nas urnas tornou possível esse grau elevado de agitação. O novo interesse pelo partido significou uma vasta afluência de novos membros e fundos que poderiam ser usados na organização de mais propaganda e mais militantes para realizá-la. O sucesso gerava sucesso. A perspectiva de vitória apresentava-se agora como concreta. Tudo tinha de ser subordinado a esse único objetivo. O movimento de protesto massivo, mas raso, um tanto bagunçado do ponto de vista organizacional — um amálgama frouxo de interesses diferentes ligados pela política da utopia — só poderia se sustentar se o NSDAP chegasse ao poder num prazo relativamente curto, algo como dois ou três anos. Isso provocaria uma pressão crescente sobre Hitler. Tudo o que ele podia fazer no presente era o que sempre fizera melhor: aumentar a agitação ainda mais.

V

Por trás da máscara pública, era difícil localizar o indivíduo privado. A política consumia Hitler cada vez mais desde 1919. Havia um abismo extraordinário entre sua eficácia política, o magnetismo sentido não apenas por multidões enlevadas em comícios de massa, mas também por aqueles que conviviam com ele, e o vazio de sua existência fora da política. Aqueles que o conheceram pessoalmente nessa época julgavam-no um enigma. "Em minha memória, não há imagem completa da personalidade de Hitler", refletiu Putzi Hanfstaengl muitos anos depois. "Em vez disso, há várias imagens e formas, todas chamadas Adolf Hitler e que *eram* todas Adolf Hitler, e que somente com muita dificuldade podem ser juntadas numa relação global umas com as outras. Ele podia ser encantador e, pouco depois, expressar opiniões que insinuavam um abismo horrível. Podia desenvolver grandes ideias e ser primitivo a ponto da banalidade. Podia encher milhões de pessoas com a convicção de que somente sua vontade e força de caráter garantiam a vitória. E, ao mesmo tempo, até quando já era chanceler, ser um boêmio cuja irresponsabilidade levava seus colegas ao desespero."

Para Franz Pfeffer von Salomon, chefe da SA até sua demissão, em agosto de 1930, Hitler combinava as qualidades do soldado comum e do artista. "Um soldado de cavalaria com sangue cigano", consta ter sido sua extraordinária caracterização, ancorada em suas ideias raciais nazistas. Ele achava que Hitler tinha algo parecido com um sexto sentido na política, "um talento sobrenatural". Mas se perguntava se ele não era, no fundo, *somente* um tipo de líder de Freikorps, um revolucionário que poderia ter dificuldades para se tornar um estadista depois que o movimento tivesse tomado o poder. Pfeffer tomava Hitler por um gênio, algo que o mundo poderia experimentar apenas uma vez em cada mil anos. Mas o lado humano dele, em sua opinião, era deficiente. Dilacerado entre a adulação e a crítica, o chefe das SA via em Hitler uma personalidade dividida, cheia de inibições pessoais em conflito com o "gênio" que havia dentro dele, causadas por sua criação e educação, e que o consumiam. Gregor Strasser, embora mantendo distância crítica do culto ao Führer, também estava, segundo Otto Wagener, disposto a ver uma espécie de "gênio" em Hitler. Otto Erbersdobler, *Gauleiter* da Baixa Baviera, recordou de Strasser dizendo: "o homem tem um talento profético para ler os grandes

problemas políticos de forma correta e fazer a coisa certa no momento oportuno, apesar de dificuldades aparentemente insuperáveis". Mas esse talento incomum que Strasser lhe concedia repousava, em sua opinião, mais no instinto do que em qualquer capacidade de sistematizar ideias.

Otto Wagener, que fora designado para a chefia do Estado-Maior da SA em 1929, estava entre aqueles totalmente extasiados com Hitler. Seu fascínio por essa "rara personalidade" ainda não o abandonara muitos anos depois, quando compilou suas memórias no cativeiro britânico. Mas Hitler também o inquietava. Certo dia, depois de ouvi-lo num ataque de fúria tão alto — numa briga com Pfeffer sobre as relações entre a SA e a SS — que sua voz reverberava pela sede inteira do partido, Wagener achou que havia algo nele que se parecia a "uma vontade asiática de destruição" (termo que traía, mesmo depois da guerra, a fixação de Wagener em estereótipos raciais nazistas). "Não gênio, mas ódio; não grandeza primordial, mas rancor nascido de um complexo de inferioridade; não heroísmo germânico, mas a sede de vingança do huno", foi como ele resumiu suas impressões muitos anos depois, usando linguajar de estilo nazista para falar da suposta ascendência huna de Hitler. Em sua incompreensão — uma mistura de admiração bajulatória e temor assombrado —, Wagener estava reduzido a ver no caráter do Líder algo "estrangeiro" e "diabólico". Para ele, Hitler continuava a ser um enigma completo.

Até mesmo para gente importante do movimento nazista, como Pfeffer e Wagener, Hitler era uma figura distante. Em 1929, ele havia mudado de seu apartamento chinfrim da Thierschstraße para um de luxo, na Prinzregentenplatz, no elegante Bogenhausen de Munique. Uma troca que acompanhava a mudança do agitador de cervejaria para um político que namorava o establishment conservador. Raramente tinha convidados ou dava recepções. Quando o fazia, a atmosfera era sempre rígida e formal. Os obsessivos quase nunca são companhia interessante, exceto aos olhos daqueles que compartilham da obsessão, ou daqueles que reverenciam ou dependem de uma personalidade desequilibrada. Hitler preferia, como sempre fizera, a rodada habitual da tarde no Café Heck, onde os camaradas e admiradores ouviam — com atenção aduladora ou tédio escondido — seus monólogos sobre a história do partido pela enésima vez, ou histórias da guerra, "seu tema favorito e inexaurível".

Com pouquíssimas pessoas usava a forma menos formal de tratamento no

alemão, o pronome *Du* (segunda pessoa do singular). Chamava a maioria dos líderes nazistas somente pelo sobrenome. A fórmula *Mein Führer* ainda não se estabelecera plenamente como forma normal de se dirigir a ele, o que aconteceria só a partir de 1933. Para os membros de seu séquito, era conhecido apenas como *der Chef*. Alguns, como Hanfstaengl ou o fotógrafo "da corte" Heinrich Hoffmann, insistiam num simples "Herr Hitler". O distanciamento de sua personalidade era complementado pela necessidade de evitar a familiaridade, que poderia trazer consigo desprezo por sua posição de Líder supremo. Não poderia arriscar a macular a aura ao redor de si. Com o distanciamento vinha a desconfiança. As questões importantes eram discutidas somente com grupos pequenos — e cambiantes — ou indivíduos. Desse modo, Hitler mantinha o controle total, jamais limitado por conselhos de órgãos formais, jamais precisando arbitrar sobre desacordos entre seus paladinos. Com suas opiniões fixas e personalidade dominante, era capaz, como destacou Gregor Strasser, de desarmar qualquer indivíduo em sua presença, até mesmo aqueles inicialmente céticos. Por sua vez, isso fortalecia sua autoconfiança, seu sentimento de infalibilidade. Em contraste, sentia-se incomodado com aqueles que faziam perguntas canhestras ou contra-argumentavam. Conforme Strasser, uma vez que sua "intuição" — termo com o qual, nas entrelinhas, se referia a seu dogmatismo ideológico acoplado à flexibilidade tática e ao oportunismo — não podia ser combatida com argumentos lógicos, Hitler invariavelmente desconsiderava objeções, dizendo que vinham de sabichões de visão estreita. Mas registrava quem eram os críticos. Mais cedo ou mais tarde, eles cairiam em desgraça.

Ele discutia — se é que o fazia — alguns dos assuntos mais importantes somente com os membros de seu círculo mais próximo — o grupo de ajudantes, motoristas e velhos camaradas, como Julius Schaub (seu faz-tudo), Heinrich Hoffmann (seu fotógrafo) e Sepp Dietrich (mais tarde, chefe de sua guarda pessoal da SS). Desconfiança e vaidade andavam de mãos dadas com seu tipo de liderança, na opinião de Gregor Strasser. O perigo, ele apontava referindo-se à demissão de Pfeffer, era a seleção feita por Hitler do que ele queria ouvir e a reação negativa em relação a quem trazia más notícias. Havia alguma coisa de extraterrestre em Hitler, achava Strasser; uma falta de conhecimento dos seres humanos e, com ela, uma falta de julgamento correto sobre eles. Hitler vivia sem nenhum laço com outro ser

humano, continuava Strasser. “Ele não fuma, não bebe, não come quase nada, exceto coisas verdes, não toca em nenhuma mulher! Como poderemos captá-lo para comparar com outras pessoas?”

Hitler não contribuía com nada para a direção e organização do expandido movimento nazista. Seu “estilo de trabalho” (se pudesse ser chamado assim) não mudara desde os dias em que o NSDAP era uma seita *völkisch* minúscula e insignificante. Era incapaz de um trabalho sistemático e não se interessava por isso. Continuava tão caótico e diletante como sempre. Encontrara o papel que podia satisfazer totalmente seu estilo de vida desorganizado, indisciplinado e indolente, que não havia se modificado desde sua juventude mimada em Linz e os anos de vagabundagem em Viena. Tinha uma enorme “sala de trabalho” na nova Casa Parda — uma construção grandiosa e sem gosto da qual se sentia singularmente orgulhoso. Retratos de Frederico o Grande e uma cena heroica da primeira batalha do Regimento List travada na Flandres, em 1914, adornavam as paredes. Um busto monumental de Mussolini ficava ao lado da enorme mobília. Era proibido fumar. Chamar aquilo de “sala de trabalho” de Hitler era um belo eufemismo. Ele raramente fazia alguma coisa ali. Hanfstaengl, que dispunha de sua própria sala no prédio, tinha poucas lembranças da sala de Hitler, pois pouco encontrara o Líder ali. Até mesmo a grande pintura de Frederico o Grande, observou o ex-chefe de imprensa exterior, era incapaz de motivá-lo a seguir o exemplo do monarca prussiano na atenção diligente ao dever. Não tinha horas regulares de trabalho. Os compromissos existiam para não serem cumpridos. Com frequência, Hanfstaengl tinha de percorrer Munique atrás do Líder para que ele cumprisse compromissos com jornalistas. Invariavelmente, podia encontrá-lo às quatro da tarde no Café Heck, cercado por seus admiradores. Os funcionários do partido não tinham mais sorte. Jamais encontravam uma hora fixa para ver Hitler, até mesmo sobre assuntos de extrema importância. Se conseguiam, papéis embaixo do braço, pegá-lo quando entrava na Casa Parda, com muita frequência ele era chamado ao telefone, pedia desculpas por ter de sair imediatamente e dizia que voltava no dia seguinte. Se conseguiam ser atendidos, em geral os assuntos eram despachados com pouca atenção aos detalhes. Como de hábito, ele transformava o assunto em questão numa matéria sobre a qual pontificaria por uma hora, enquanto andava de um lado para o outro da sala. Muitas vezes, ignorava por completo o problema que lhe

traziam e desviava o assunto para algum capricho do momento. Consta que Pfeffer disse a Wagener em 1930: “Se Hitler pega uma deixa para algo em que está interessado — e esse algo é diferente todos os dias —, então ele toma conta da conversa e a questão em pauta é arquivada”. Em assuntos sobre os quais não entendia, ou nos quais uma decisão seria embaraçosa, ele simplesmente evitava discussão.

Esse modo extraordinário de funcionar era intrínseco a sua personalidade. Autoritário e dominador, mas incerto e hesitante; sem vontade de tomar decisões, mas preparado para tomá-las da forma mais audaz que alguém pudesse pensar; e recusa de recuar, uma vez tomada uma decisão: são esses os componentes do enigma de sua estranha personalidade. Se os traços dominadores eram sinais de uma profunda incerteza interior, características que refletiam um complexo de inferioridade subjacente, então o distúrbio de personalidade escondido devia ser de proporções monumentais. Atribuir o problema a esse tipo de causa é como descrevê-lo novamente, em vez de explicá-lo. De qualquer modo, o estilo peculiar de liderança de Hitler era mais do que uma simples questão de personalidade, ou inclinação darwinista social instintiva de deixar o vencedor surgir após um processo de luta. Ele refletia também a necessidade constante de proteger sua posição de Líder. O desempenho desse papel jamais podia cessar. O famoso aperto de mãos e o olhar azul inflexível faziam parte do ato. Até mesmo figuras de proa do partido não deixavam nunca de se impressionar com a aparente sinceridade e os laços de lealdade e camaradagem que julgavam acompanhar o longo aperto de mão de Hitler e o olhar fixo em seus olhos. Reverenciavam-no demais para perceber que não passava de um truque teatral elementar. Quanto maior ficava a aura de líder infalível, menos podia aparecer o Hitler “humano”, capaz de erros e maus juízos. A “pessoa” Hitler desaparecia cada vez mais no “papel” do todo-poderoso e onisciente Líder.

Ocasionalmente, a máscara escorregava. Albert Krebs, que foi *Gauleiter* de Hamburgo, relatou uma cena do início de 1932 que o lembrou de uma comédia francesa. Do corredor do elegante Hotel Atlantik, ele pôde ouvir Hitler gritando em tom lamentoso: “Minha sopa, [quero] minha sopa”. Krebs o encontrou minutos depois curvado sobre uma mesa redonda de seu quarto, bebendo ruidosamente sua sopa de vegetais, com a aparência de qualquer coisa, menos de herói do povo.

Parecia cansado e deprimido. Ignorou a cópia de seu discurso da noite anterior que Krebs lhe trouxera e, para espanto do *Gauleiter*, perguntou-lhe o que achava de uma dieta vegetariana. E, sem esperar resposta, entrou numa longa diatribe sobre vegetarianismo. Krebs viu naquilo um acesso de irritação destinado a subjugar, em vez de persuadir, o ouvinte. Mas o que deixou a cena marcada na sua memória foi Hitler ter se revelado um hipocondríaco agudo; para alguém que o conhecera "somente como o líder político, jamais como um ser humano", foi uma experiência chocante. Krebs não presumiu que, de súbito, ele o estivesse considerando um confidente. Supôs, ao contrário, que era um sinal da "instabilidade interior" do líder do partido. Foi uma demonstração inesperada de fraqueza humana que, especulou plausivelmente Krebs, era compensada em excesso por uma sede insaciável de poder e recurso à violência. De acordo com ele, Hitler explicou que uma variedade de sintomas preocupantes — ataques de suor, tensão nervosa, tremor dos músculos e cólicas estomacais — o haviam persuadido a se tornar vegetariano. Supôs que as cólicas estomacais eram o começo de um câncer, deixando-o com poucos anos para completar "as tarefas gigantescas" que havia estipulado para si mesmo. "Preciso chegar ao poder logo... preciso, preciso", Krebs o ouviu bradar. Logo em seguida, ganhou controle de si mesmo novamente. Sua linguagem corporal mostrou que havia superado a depressão temporária. De repente chamou seus auxiliares, deu ordens, pediu telefonemas, marcou reuniões. "O ser humano Hitler transformara-se de novo no 'Líder'." A máscara estava de volta.

O estilo de liderança de Hitler funcionava de forma precisa graças à disposição de seus subordinados de acatar sua posição singular no partido e à crença de que essas excentricidades de comportamento tinham de ser aceitas em alguém que consideravam um gênio político. Consta que Pfeffer teria dito: "Ele precisa sempre de gente que possa traduzir suas ideologias em realidade, de tal modo que possam ser implementadas". Com efeito, o jeito dele não era emitir rios de ordens para definir decisões políticas importantes. Sempre que possível, evitava tomar decisões. Preferia apresentar suas ideias detalhada e repetidamente, muitas vezes de forma difusa e opinativa. Desse modo, fornecia as diretrizes gerais e a direção para a implementação política. Os outros tinham de interpretar seus comentários e descobrir como ele queria que agissem e "trabalhassem para" seus objetivos distantes. Consta que declarava de vez em quando: "Se eles puderem trabalhar

todos dessa maneira, se puderem todos lutar com tenacidade firme, consciente para alcançar um objetivo distante comum, então o objetivo último deverá ser alcançado um dia. Que se cometam erros, é humano. É uma pena. Mas isso será superado se um objetivo comum for constantemente adotado como diretriz". Esse modo instintivo de agir, embutido em sua visão darwinista social, não desencadeava somente uma competição feroz entre os membros do partido — depois, do Estado — que tentavam alcançar a interpretação "correta" de suas intenções: significava também que Hitler, a fonte inconteste da ortodoxia ideológica nessa época, podia sempre ficar ao lado daqueles que haviam chegado ao topo na implacável luta que acontecia abaixo dele, daqueles que haviam mostrado melhor que estavam seguindo as "diretrizes certas". E, uma vez que apenas ele podia determinar isso, sua posição de poder era imensamente fortalecida.

Inacessibilidade, intervenções esporádicas e impulsivas, imprevisibilidade, falta de padrão regular de trabalho, desinteresse administrativo e pronto recurso a monólogos prolixos eram todas características marcantes do estilo de liderança partidária de Hitler. Eram compatíveis — pelo menos, no curto prazo — com um "partido de líder" cuja meta exclusiva de médio prazo era chegar ao poder. Depois de 1933, os mesmos traços se tornariam marca registrada de seu estilo de ditador com poder supremo sobre o Estado alemão. Eles seriam incompatíveis com a regulamentação burocrática de um aparato estatal sofisticado e se tornariam uma garantia da escalada da desordem governamental.

VI

No início de 1931, um rosto familiar marcado por uma cicatriz e que não era visto havia algum tempo retornou à cena. Ernst Röhm, chamado por Hitler de seu autoexílio na Bolívia, onde era assessor militar do Exército daquele país, estava de volta e assumiu o posto de novo chefe do Estado-Maior da SA em 5 de janeiro.

O caso de Otto Strasser não fora a única crise que a liderança do partido tivera de enfrentar no ano anterior. Potencialmente mais séria fora a crise interna na SA. Ela vinha fermentando havia algum tempo antes de explodir, no verão de 1930, durante a campanha eleitoral. Na realidade, a crise apenas levou a um ponto crítico — não pela última vez — o conflito estrutural embutido no NSDAP entre a organização do partido e a da SA. A impaciência com a lentidão do caminho legal até o poder, associada a um sentimento de ser subestimada e financeiramente prejudicada, provocara uma rebelião de vida curta, mas grave da SA de Berlim no fim de agosto. A crise acabara com um juramento de lealdade a Hitler, acompanhada por uma injeção substancial de capital na organização, consequência do aumento das mensalidades do partido. Pfeffer renunciou à direção da SA. Hitler assumiu ele mesmo a liderança suprema da SA e da SS. Mas a reivindicação da SA por um maior grau de autonomia em relação à direção do partido não foi atendida. O espaço para o conflito continuava presente.

Era essa a situação que aguardava o retorno de Röhm, não como chefe supremo, mas como chefe do Estado-Maior, anunciada por Hitler aos líderes da SA reunidos em Munique, em 30 de novembro de 1930. Levando-se em conta o alto prestígio de Röhm na época pré-putsch e seu não envolvimento nas intrigas recentes, pode-se dizer que sua designação foi sensata. Porém, sua notória homossexualidade logo foi usada por subordinados da SA que não gostavam dele para tentar minar sua posição de chefe do Estado-Maior. Já em 3 de fevereiro de 1931, Hitler foi forçado a refutar ataques a "coisas que são exclusivamente da esfera privada" e enfatizar que a SA não era um "estabelecimento moral", mas "um bando de lutadores rudes".

Os padrões morais de Röhm não eram a verdadeira questão em pauta. A ação de Hitler no verão anterior havia desarmado a crise imediata. Mas foi como tapar o sol com a peneira: a tensão permanecia. Nem o papel exato nem o grau de autonomia da SA haviam sido completamente esclarecidos. Tendo em vista o caráter do

movimento nazista e o modo como a SA surgira em seu interior, o problema estrutural era insolúvel. E a tendência golpista, sempre presente na SA, estava voltando à tona. A defesa da tomada do poder pela força, feita em artigos publicados em fevereiro de 1931 no jornal do partido em Berlim, *Der Angriff*, por Walter Stennes, líder da SA nas regiões orientais da Alemanha e principal instigador da rebelião de 1930, deixou a liderança nazista ainda mais alarmada. Esses ruídos contradiziam e punham diretamente em questão o compromisso com a legalidade que Hitler fizera em público, sob juramento, após o julgamento da Reichswehr em setembro e enfatizara em numerosas ocasiões desde então. O espectro de um banimento do partido ficou ainda mais presente após a promulgação de um decreto de emergência em 28 de março, que dava ao governo de Brüning amplos poderes para combater os "excessos" políticos. "O partido, sobretudo a SA, parece estar encarando uma proscrição", escreveu Goebbels em seu diário. Hitler ordenou obediência rigorosa do decreto de emergência por todos os membros do partido, SA e SS. Mas Stennes não estava disposto a ceder. "É a crise mais grave que o partido já enfrentou", comentou Goebbels.

Quando a SA de Berlim ocupou a sede do partido na cidade e depois atacou diretamente a liderança de Hitler, estava na hora de agir. Stennes foi deposto da liderança no leste da Alemanha. Hitler e Goebbels esforçaram-se muito para obter declarações de lealdade de todos os *Gaue*. Stennes, com tom cada vez mais revolucionário, conseguiu conquistar apoio de partes da SA em Berlim, Schleswig-Holstein, Silésia e Pomerânia. Mas seu sucesso teve vida curta. Não ocorreu uma rebelião em grande escala. Em 4 de abril, Hitler publicou no *Völkischer Beobachter* uma denúncia prolixa e engenhosamente construída contra Stennes e um apelo emocional à lealdade dos homens da SA. Mas, mesmo antes da denúncia, a revolta já estava desmoronando. O apoio a Stennes evaporou. Cerca de quinhentos homens da SA no norte e no leste alemão foram expurgados. O resto entrou na linha.

A crise acabara. A SA estava de novo sob controle, e assim ficaria, com dificuldade, até a "tomada do poder". Depois, a violência acumulada só seria plenamente liberada nos primeiros meses de 1933. Contudo, sob o comando de Röhm, o grupo retornava a seu caráter de formação paramilitar — mas agora muito mais poderoso do que fora no começo dos anos 1920. Röhm comportara-se

com lealdade exemplar para com Hitler durante a crise de Stennes. Mas sua ênfase na “primazia do soldado” e suas ambições, suprimidas em 1931, de transformar a SA numa milícia popular traziam as sementes de um conflito futuro e prefiguravam o curso dos eventos que alcançariam seu desenlace somente em junho de 1934.

VII

Em 1931, Hitler sofreu os efeitos não somente de uma crise política, mas também pessoal. Quando se mudou, em 1929, para o espaçoso apartamento da Prinzregentplatz, sua sobrinha Geli Raubal, que até então vivia com a mãe na Haus Wachenfeld, no Obersalzberg, foi morar com ele. Nos dois anos seguintes, ela foi vista frequentemente em público com Hitler. Abundavam rumores sobre a natureza da relação dela com "Tio Alf", como o chamava. Na manhã de 19 de setembro de 1931, quando estava com 23 anos, ela foi encontrada morta no apartamento do tio, com um tiro da pistola dele.

As relações de Hitler com as mulheres, como já observamos, eram, sob alguns aspectos, anormais. Ele gostava da companhia delas, especialmente das bonitas, e mais ainda das jovens. Lisonjeava-as, às vezes flertava com elas, chamava-as — à sua maneira pequeno-burguesa paternalista vienense — de "minha princesinha", ou "minha pequena condessa". Em meados dos anos 1920, estimulou a paixão da jovem Maria (Mizzi ou Mimi) Reiter. Mas a devoção era unilateral. Para Hitler, Mimi não passava de um flerte passageiro. Às vezes, a dar crédito a certas histórias, ele fazia tentativas canhestras de contato físico, como no caso de Helene Hanfstaengl e Henrietta Hoffmann, a filha de seu fotógrafo que se casaria com Baldur von Schirach (a partir de 30 de outubro de 1931, líder da Juventude Hitlerista do NSDAP). Várias vezes, seu nome foi ligado a mulheres de diversas proveniências, como Jenny Haug, irmã de seu motorista dos primeiros tempos, e Winifred Wagner, nora do maestro de Bayreuth. Mas qualquer que fosse a base desses rumores — com frequência maliciosos, exagerados ou inventados —, parece que nenhuma dessas ligações foi mais do que superficial. Jamais envolveram sentimentos profundos. Para Hitler, as mulheres eram um objeto, um adorno num "mundo masculino". Fosse no Lar dos Homens em Viena, fosse no regimento durante a guerra, nos quartéis de Munique até sua dispensa militar ou nas suas costumeiras reuniões com camaradas do partido nos cafés Neumaier ou Heck na década de 1920, seu ambiente fora sempre esmagadoramente masculino. "Muito de vez em quando uma mulher era admitida em nosso círculo íntimo", relembrou Heinrich Hoffmann, "mas ela jamais tinha permissão para se tornar o centro dele, e tinha de permanecer vista, mas não ouvida. [...] Ela podia, às vezes, participar um

pouco da conversa, mas jamais tinha permissão para discursar ou contradizer Hitler." A começar pela meio mítica Stefanie, em Linz, as relações dele com as mulheres costumavam ser a distância, uma questão de afetação, não de emoção. Tampouco foi exceção sua longa relação com Eva Braun, uma das funcionárias de Hoffmann que ele conheceu no outono de 1929. Diz o fotógrafo: "Para ele, ela era apenas uma coisinha atraente na qual, apesar de sua mentalidade inconsequente e frívola — ou talvez justamente por isso —, ele encontrou o tipo de relaxamento e repouso que buscava. [...] Mas jamais, por voz, expressão ou gesto, ele se comportou de modo que sugerisse um interesse mais profundo por ela".

Era diferente com Geli. Qualquer que fosse a natureza exata da relação — e todos os relatos se baseiam em suposições e rumores —, parece certo que Hitler, pela primeira e única vez em sua vida (se deixarmos sua mãe de fora), ficou emocionalmente dependente de uma mulher. Se seu envolvimento com Geli era sexual, não podemos saber com certeza. Houve quem aludisse, de modo sombrio, às relações incestuosas de seus antepassados. Mas as histórias sinistras de práticas sexuais pervertidas, espalhadas por Otto Strasser, devem ser vistas como propaganda anti-hitlerista fantasiosa de um verdadeiro inimigo político. Também devem ser tratadas com ceticismo as histórias sobre uma carta comprometedora e desenhos pornográficos de Hitler que tiveram de ser comprados de um chantagista pelo tesoureiro do partido, Schwarz. Mas, independente de ser sexualmente ativo ou não, o comportamento dele em relação a Geli tem todos os traços de uma forte dependência sexual, ao menos latente. Isso se manifestava em demonstrações tão extremas de ciúme e possessividade dominadora que uma crise na relação era inevitável.

Geli, de feições largas, cabelos ondulados castanho-escuros, não era nenhuma beleza deslumbrante, mas todos os relatos concordam que era uma jovem vivaz, extrovertida e atraente. Ela animava as reuniões no Café Heck. Hitler deixava que ela se tornasse o centro das atenções, algo que não permitia a mais ninguém. Levava-a junto a todos os lugares — ao teatro, concertos, ópera, cinema, restaurantes, passeios de carro pelo campo, piqueniques, até às compras de roupas. Tecia elogios a ela, exibia-a. Geli estava em Munique supostamente para estudar na universidade. Mas pouco estudava. Hitler pagava-lhe aulas de canto, embora fosse óbvio que ela jamais se tornaria uma heroína operística. Entediava-se com as aulas.

Estava mais interessada em se divertir. Frívola e namoradeira, não sofria de escassez de admiradores e não hesitava em encorajá-los. Quando Hitler descobriu seu envolvimento com Emil Maurice, seu guarda-costas e chofer, fez uma tal cena que Maurice temeu que Hitler fosse disparar contra ele. Em seguida, foi demitido. Geli foi enviada para esfriar seu ardor sob os olhos vigilantes de Frau Bruckmann. A possessividade de Hitler assumia proporções patológicas. Se saía sem ele, Geli era acompanhada e tinha de voltar cedo para casa. Tudo o que ela fazia era monitorado e controlado. Era de fato uma prisioneira e ressentia-se disso amargamente. "Meu tio é um monstro", consta que teria dito. "Ninguém pode imaginar o que ele exige de mim."

Em meados de setembro de 1931, ela já estava farta. Planejava voltar para Viena. Mais tarde, correu o rumor de que tinha um novo namorado lá, e até que era um artista judeu de quem estava esperando um filho. Depois da guerra, Angela Raubal disse aos americanos que a interrogaram que sua filha queria casar com um violinista de Linz, mas que ela e seu meio-irmão Adolf a haviam proibido de vê-lo. De qualquer modo, parece certo que Geli estava desesperada para escapar das garras do tio. Não é possível afirmar que ele a maltratava fisicamente. Foi dito que o nariz dela estava quebrado e que havia outras indicações de violência física quando seu corpo foi encontrado. De novo, as provas são frágeis demais para ter certeza e a história foi espalhada por inimigos políticos de Hitler. O médico da polícia que examinou o corpo e duas mulheres que vestiram o cadáver não encontraram ferimentos ou sangramento no rosto. Mas que Hitler estava no mínimo submetendo a sobrinha a uma intensa pressão psicológica, disso não há como duvidar. De acordo com a versão divulgada pelo socialista *Münchener Post* — negada veementemente por declaração pública de Hitler —, durante uma discussão acalorada na sexta-feira, 18 de setembro, ele não teria permitido que ela fosse para Viena. Mais tarde, no mesmo dia, ele partiu com seu séquito para Nuremberg. Já havia deixado o hotel na manhã seguinte, quando foi chamado de volta com urgência para receber a notícia de que Geli fora encontrada morta por um tiro do revólver dele em seu apartamento. Ele voltou a Munique imediatamente e com tanta pressa que seu carro foi multado pela polícia por excesso de velocidade.

Os inimigos políticos de Hitler tiveram seu dia de festa. Não houve limites nas matérias de jornal. Histórias de brigas violentas e maus-tratos físicos misturaram-se

a insinuações sexuais, e surgiu até a alegação de que Hitler havia matado pessoalmente Geli ou mandara matá-la para evitar escândalo. Ele não estava em Munique quando sua sobrinha morreu. E não é fácil entender o raciocínio de um assassinato por encomenda, em seu próprio apartamento, para evitar um escândalo. Do modo como as coisas aconteceram, o escândalo foi enorme. A versão do partido de que a morte fora um acidente ocorrido quando Geli brincava com a arma de Hitler também carecia de verossimilhança. A verdade jamais será conhecida. Mas um suicídio — possivelmente pensado como um *cris de coeur* que deu errado — provocado pela necessidade de escapar da possessividade doentia do tio e de seu ciúme — talvez violento — parece ser a explicação mais provável.

A crer em relatos posteriores, talvez exagerados, parece que Hitler ficou quase histérico e depois caiu em intensa depressão. Os mais íntimos jamais o haviam visto naquele estado. Parecia estar à beira de um colapso nervoso. Supostamente, teria falado em abandonar a política e acabar com tudo. Temeu-se que tentasse se suicidar. Porém, o relato de Hans Frank sugere que seu desespero diante do escândalo e da campanha da imprensa contra ele pesou mais do que a dor pessoal. Refugiou-se na casa de seu editor, Adolf Müller, às margens do lago Tegern, e Frank usou de meios legais para bloquear os ataques da imprensa.

Por mais profunda que fosse sua dor, a política vinha em primeiro lugar. Ele não compareceu ao enterro de Geli em Viena, no dia 24 de setembro. Na noite anterior, falou para uma multidão de milhares de pessoas em Hamburgo, onde teve uma recepção mais entusiasmada do que o usual. De acordo com uma pessoa presente ao evento, ele parecia "muito tenso", mas falou bem. Estava de volta às suas atividades. Mais do que nunca, a exaltação orgiástica que lhe causavam seus próprios discursos e a reação que encontrava no que considerava "a massa feminina" proporcionavam um substituto para o vazio e a falta de laços emocionais em sua vida privada.

Dois dias depois, com permissão das autoridades austríacas, visitou o túmulo de Geli no grande Cemitério Central de Viena. Depois disso, foi capaz de sair subitamente da depressão. A crise acabara de vez.

Algumas pessoas que viam Hitler de perto estavam convencidas de que Geli poderia ter exercido uma influência restritiva sobre ele. Trata-se de uma teoria altamente duvidosa. Seu envolvimento emocional com ela, independente de sua

natureza, era — todos concordam — mais intenso do que qualquer outra relação humana que ele havia tido antes ou teria depois. Havia algo ao mesmo tempo obsessivo e meloso no modo como os quartos dela no apartamento da Prinzregentplatz e na Haus Wachenfeld foram transformados em santuários. No plano pessoal, Geli era de fato insubstituível (embora não demorasse para que Hitler passasse a andar com Eva Braun a reboque). Mas era uma dependência puramente egoísta da parte dele. A Geli não fora dada permissão para ter uma existência própria. A extrema dependência de Hitler a obrigava a também ser totalmente dependente dele. Em termos humanos, era uma relação autodestrutiva. Na esfera política, afora o escândalo de curta duração, não teve significado nenhum. É difícil imaginar Geli fazendo Hitler se afastar de sua obsessão mais profunda e menos pessoal pelo poder. Tampouco sua sede de vingança e destruição foi alterada pela morte dela. A história não teria sido diferente se Geli Raubal tivesse sobrevivido.

VIII

Pouco mais de uma semana depois da morte de Geli, as eleições municipais no território relativamente indiferente de Hamburgo deram aos nazistas 26,2% dos votos, posicionando-os à frente dos comunistas e a menos de um ponto percentual atrás do SPD. E, com 37,2% dos votos no estado rural de Oldenburg no mês de maio anterior, o NSDAP havia se tornado pela primeira vez o maior partido num legislativo estadual. O crescimento eleitoral não dava sinais de enfraquecer. Com o governo de Brüning sob cerco, governando por decretos de emergência e com políticas — calculadas para demonstrar a incapacidade da Alemanha para pagar as reparações de guerra — que levavam a economia a despencar para o desastre, numa espiral descendente da produção e níveis disparados de desemprego e miséria social, mais e mais eleitores amaldiçoavam a desgraçada república. Quando aconteceu a calamitosa quebra de dois dos maiores bancos alemães, o Darmstädter e o Dresdner, os eleitores que defendiam a sobrevivência e a recuperação da democracia já eram uma minoria decrescente. Mas ainda não estava claro que tipo de solução autoritária poderia vir depois da liquidação da República de Weimar. As elites do poder alemão estavam tão desunidas em relação a essa questão quanto a massa da população.

Com o grau de apoio popular que os nazistas contavam agora, nenhuma solução de direita poderia se dar ao luxo de deixá-los de fora da equação. Em julho, Hugenberg, o líder do DNVP, e Franz Seldte, chefe da Stahlhelm, a enorme organização dos veteranos, haviam renovado sua aliança com Hitler — ressuscitando o antigo grupo de luta contra o Plano Young — na Oposição Nacional. Hugenberg acalmou as preocupações do presidente do Reich, Hindenburg, para quem os nazistas eram socialistas não apenas vulgares, mas perigosos, assegurando-lhe que os estava "educando politicamente" para a causa nacional, a fim de evitar que escorregassem para o socialismo ou o comunismo. A linha de Hitler era, como sempre, pragmática. A publicidade e os contatos conquistados por intermédio da aliança com Hugenberg eram valiosos. Mas tratou de manter distância. Num encontro altamente divulgado das forças da Oposição Nacional, realizado em Bad Harzburg em 11 de outubro, que resultou na criação da Frente Harzburg e num manifesto (que ele julgou inútil) exigindo novas eleições

para o Reichstag e a suspensão da legislação de emergência, Hitler assistiu ao desfile da SA e foi embora antes que a Stahlhelm pudesse começar, depois de deixá-los esperar por 25 minutos. Também se recusou a comparecer ao almoço conjunto dos líderes nacionalistas. Não conseguia esconder sua repulsa a essas refeições, escreveu depois — desviando a crítica a seu comportamento para mais uma propaganda de sua imagem de líder que compartilhava as privações de seus seguidores — "quando milhares de meus partidários prestam serviço com grande sacrifício pessoal e, em parte, com estômagos famintos". Uma semana depois, para enfatizar a força independente do NSDAP, assistiu à saudação de 104 mil homens da SA e da SS em Braunschweig, o maior desfile paramilitar nazista realizado até então.

Entre aqueles que participaram da reunião em Bad Harzburg e cuja presença causou sensação estava o ex-presidente do Reichsbank, Hjalmar Schacht, agora transformado em aventureiro político. Outras figuras menos proeminentes do mundo dos negócios também compareceram. Não é de surpreender que, durante a década de 1920, as grandes empresas tivessem demonstrado pouco interesse pelo NSDAP, um partido marginal sem perspectiva aparente de chegar ao poder ou exercer influência. Mas o resultado das eleições de 1930 obrigou a comunidade empresarial a prestar atenção ao partido. Hitler compareceu a uma série de encontros, nos quais ele explicou seus objetivos para importantes homens de negócios. A tranquilidade oferecida por ele nessas reuniões, bem como por Göring (que tinha boas conexões no mundo dos altos negócios), não foi, no entanto, suficiente para desfazer a preocupação compartilhada pela maioria dos líderes empresariais de que o NSDAP fosse um partido socialista com metas anticapitalistas radicais.

Apesar da crescente desilusão com o governo de Brüning, a maioria dos "capitães da indústria" manteve um saudável ceticismo em relação ao movimento de Hitler durante 1931. Havia exceções, como Thyssen, mas em geral eram os donos de pequenas e médias empresas os mais entusiasmados pelas proposições do NSDAP. Os grandes líderes empresariais não eram amigos da democracia. Mas, em sua maioria, tampouco queriam ver os nazistas dirigindo o país.

A situação permaneceu assim durante boa parte de 1932, ano dominado por campanhas eleitorais, e no qual a República de Weimar se desintegrou numa crise abrangente. O muito divulgado discurso de Hitler de 27 de janeiro de 1932, para

cerca de 650 membros do Clube da Indústria de Düsseldorf, no grande salão de baile do Düsseldorf Park Hotel, apesar das alegações posteriores da propaganda nazista, não fez nada para alterar a postura cética das grandes empresas. A reação foi variada, mas muitos se desapontaram com o fato de ele não ter dito nada de novo, evitando detalhes sobre as questões econômicas para se refugiar na sua bem conhecida panaceia política para todos os males. E havia indícios de que os trabalhadores do partido não estavam muito satisfeitos com a confraternização de seu líder com os grandes industriais. A intensificação da retórica anticapitalista, que Hitler não tinha condições de debelar, preocupava a comunidade empresarial tanto quanto antes. Durante a campanha presidencial da primavera de 1932, a maioria dos líderes empresariais se manteve firme no apoio a Hindenburg e não favoreceu Hitler. E, durante as campanhas para o Reichstag do verão e do outono, a maioria esmagadora apoiou os partidos que davam sustentação ao gabinete de Franz von Papen — um político peso leve, um tanto diletante, mas que personificava o conservadorismo entranhado, as tendências reacionárias e o desejo de retorno ao autoritarismo "tradicional" da classe alta alemã. Ele era o representante do establishment; Hitler era o intruso e, sob alguns aspectos, o desconhecido. Não surpreende, portanto, que Von Papen fosse o preferido do mundo empresarial. Foi somente no outono de 1932, quando Papen foi derrubado por Kurt von Schleicher — o general que estava no centro da maioria das intrigas políticas, fazedor e desfazedor de governos —, que a atitude da maioria das figuras de proa dos negócios, preocupada com a postura do novo chanceler em relação à economia e à abertura para os sindicatos, sofreu uma mudança significativa.

O financiamento do NSDAP, antes da "tomada do poder", continuava a vir principalmente das mensalidades de seus membros e da cobrança de entrada nos comícios partidários. Os fundos que vinham dos aliados nas grandes empresas serviam mais aos líderes nazistas do que ao partido como um todo. Göring, que precisava de uma enorme renda para alimentar seu imenso apetite pela boa-vida e pelo luxo material, beneficiava-se especialmente dessa generosidade. Thyssen, em particular, concedia-lhe subsídios generosos que ele — dado a receber visitas em seu esplendorosamente adornado apartamento em Berlim vestido numa toga vermelha e chinelos pontiagudos, como um sultão num harém — não encontrava dificuldades para gastar em grande estilo. Walther Funk, uma das conexões de

Hitler com os grandes industriais, também usava seus contatos para encher os próprios bolsos. Gregor Strasser também se aproveitava. A corrupção era endêmica em todos os níveis.

Seria surpreendente que nenhuma dessas doações tivesse chegado a Hitler. Com efeito, consta que Göring teria dito que passava para ele uma parte dos fundos recebidos dos industriais do Ruhr. Como vimos, desde os primeiros anos de sua "carreira", Hitler foi sustentado por generosas doações de benfeitores. Mas, no início dos anos 1930, dependia menos do apoio financeiro de patrocinadores privados, ainda que seu status de celebridade lhe trouxesse inquestionavelmente muitas doações não solicitadas. Suas fontes de renda permaneciam, em larga medida, obscuras. Eram mantidas sob sigilo total e separadas das finanças do partido. Schwarz, o tesoureiro do NSDAP, não tinha acesso aos fundos pessoais de Hitler. Mas somente sua renda tributável — e, sem dúvida, muita coisa não era declarada — triplicou em 1930 para 45472 marcos, com a explosão das vendas de *Mein Kampf* após seu triunfo eleitoral. Isso era mais do que Funk ganhara em um ano como editor de um diário berlinense. Embora, por motivos de imagem, enfatizasse sempre que não recebia salário do partido nem remuneração pelos discursos que fazia, ganhava honorários embutidos na forma de pródigas "despesas", calculadas com base no tamanho das receitas de seus comícios. Além disso, era muito bem pago pelos artigos que escrevia para o *Völkischer Beobachter* e, entre 1928 e 1931, para o *Illustrierter Beobachter*. E, com a imprensa estrangeira clamando agora por entrevistas, abria-se outra porta para uma lucrativa fonte de renda. Com os subsídios, ainda que indiretos, do partido, os substanciais direitos autorais ganhos com sua ocupação declarada de "escritor" e as doações espontâneas de admiradores, as fontes de renda de Hitler eram mais do que adequadas para cobrir os custos de um estilo de vida profuso. Suas proclamadas exigências modestas em termos de alimentação e vestuário — elemento constante de sua imagem de homem humilde do povo — contrastavam com o contexto de um motorista dirigindo Mercedes, hotéis de luxo, residências grandiosas e criadagem pessoal composta de guarda-costas e assistentes.

IX

Durante 1932, o caráter terminal da democracia enferma de Weimar tornou-se inequívoco. Um prelúdio para o drama que viria teve como cenário a eleição presidencial na primavera.

O mandato de sete anos do presidente Hindenburg deveria expirar em 5 de maio de 1932. Isso representava um dilema para Hitler. No caso de eleições presidenciais, ele não poderia deixar de concorrer. Não fazê-lo seria incompreensível e causaria uma imensa decepção em seus milhões de partidários. Eles poderiam começar a se afastar de um líder que recuava diante de um desafio. Por outro lado, uma disputa pessoal entre o cabo e o marechal de campo, entre o aventureiro político e o reverenciado herói de Tannenberg, considerado o símbolo dos valores nacionais acima das rixas da política partidária, dificilmente terminaria numa vitória para Hitler. Diante desse dilema, Hitler vacilou durante mais de um mês antes de decidir se candidatar a presidente.

Havia um problema legal que precisava ser resolvido: ele ainda não era um cidadão alemão. Tentativas anteriores de obter-lhe a cidadania, na Baviera em 1929 e na Turíngia no ano seguinte, haviam fracassado. Ele continuava "sem estado". Tomaram-se então medidas rápidas para designá-lo para o cargo de *Regierungsrat* (conselheiro de governo) no Departamento Estadual de Cultura e Medição de Braunschweig e representante do Estado em Berlim. Por meio de sua nomeação para o serviço público, ele adquiriu a cidadania alemã. Em 26 de fevereiro de 1932, fez o juramento de lealdade de servidor público ao Estado alemão que estava decidido a destruir.

Até que ponto o centro de gravidade política pendera para a direita ficou claro com as alianças perversas da campanha eleitoral para a presidência. Hindenburg dependia do apoio dos socialistas e católicos, que haviam sido sua principal oposição sete anos antes e não eram bem-vindos para a arquiconservadora casta militar, composta de protestantes inflexíveis. A direita burguesa, liderada por Hugenberg, negou apoio a Hindenburg. Mostrando como era frágil a professada unidade da Frente de Harzburg, também negou apoio a Hitler. Mas seu indicado, o pouco conhecido vice-líder da Stahlhelm, Theodor Duesterberg, não era um candidato sério. Do lado da esquerda, os comunistas indicaram seu líder Ernst

Thälmann, que contava com o apoio certo apenas de seu campo. Portanto, estava claro desde o início que os principais candidatos eram Hindenburg e Hitler. Igualmente óbvia era a mensagem nazista: um voto em Hitler era um voto pela mudança; com Hindenburg, as coisas ficariam como estavam. "Velho senhor, [...] é melhor retirar-se", proclamou Hitler num comício no Sportpalast de Berlim, em 27 de fevereiro, ao qual se estima que compareceram 25 mil pessoas.

A máquina de propaganda nazista começou a funcionar a todo o vapor. Durante a primeira das cinco principais campanhas daquele ano, o país foi inundado por reuniões, desfiles e comícios nazistas, acompanhados das costumeiras pompa e ostentação. O próprio Hitler, depois de resolver sua indecisão, jogou todas as suas energias em uma série de discursos, viajando por todo o país e se dirigindo a grandes multidões em doze cidades durante os onze dias de campanha.

As expectativas cresceram. Mas o resultado foi uma decepção amarga. Os 30% dos votos obtidos por Hitler ficaram abaixo do desempenho do NSDAP em Oldenburg e Hessen nas eleições estaduais do ano anterior. Com mais de 49% dos quase 38 milhões de votos depositados, o presidente do Reich ficou a apenas 170 mil votos da maioria absoluta. Teria de haver um segundo turno.

Dessa vez, a propaganda nazista contou com um novo recurso. Hitler subiu aos céus num avião alugado, ao estilo americano, em seu primeiro "voo da Alemanha" (*Deutschlandflug*), enfeitado com o slogan "o Führer sobre a Alemanha". Voando de cidade em cidade, numa campanha truncada e espremida em menos de uma semana para acomodar uma pausa na atividade política para a Páscoa, Hitler foi capaz de realizar vinte grandes discursos em diferentes lugares para plateias enormes, totalizando perto de 1 milhão de pessoas. Foi um notável desempenho de campanha, algo que jamais fora visto no país. Hindenburg, com 53% dos votos, foi reeleito. Mas enquanto Thälmann caía para apenas 10%, Hitler aumentou seu apoio para 37%, fazendo muito mais do que salvar as aparências. Bem mais de 13 milhões de alemães, 2 milhões a mais do que no primeiro turno, votaram nele. O culto ao Führer, uma mercadoria manufaturada da propaganda nazista e outrora propriedade de um grupo minúsculo de fanáticos, fora vendido para um terço da população alemã.

Enquanto os votos eram contados, Goebbels já fazia os preparativos para a próxima batalha: a série de eleições estaduais em 24 de abril na Prússia, Baviera,

Württemberg e Anhalt e a eleição municipal de Hamburgo. No total, isso equivalia a cerca de quatro quintos do país. Sem pausa, a campanha frenética continuou. Em seu segundo "voo da Alemanha", entre 16 e 24 de abril, Hitler — dessa vez levando a campanha não somente para as cidades, mas para o interior das províncias — fez 25 grandes discursos.

Os resultados estiveram próximos dos votos obtidos por Hitler no segundo turno da eleição presidencial. Líder e partido eram, em ampla medida, indistinguíveis aos olhos dos eleitores. No estado gigantesco da Prússia, que abarcava dois terços do território do Reich, os 36,3% de votos do NSDAP fizeram dele o maior partido, muito adiante do SPD, que era a agremiação dominante desde 1919. Na eleição anterior, os nazistas haviam obtido seis assentos no Landtag prussiano. Agora, tinham 162 cadeiras. Na Baviera, com 32,5%, ficaram com 0,1% a menos do que o BVP, que governava o estado. Em Württemberg, subiram de 1,8% em 1928 para 26,4%. Em Hamburgo, alcançaram 31,2%. E em Anhalt, com 40,9%, puderam indicar o primeiro-ministro presidente de um estado alemão.

"É uma vitória fantástica que obtivemos", anotou Goebbels, com razão. Mas acrescentou: "Precisamos chegar ao poder num futuro previsível. Senão, vamos morrer ganhando eleições". A mobilização das massas seria em si mesma insuficiente, reconhecia ele. Apesar dos imensos ganhos em relação aos três anos anteriores, havia sinais de que estavam atingindo os limites da mobilização. O caminho à frente era tudo, menos claro. Mas outra porta estava prestes a se abrir.

X

A campanha eleitoral nos estados travara-se após uma proibição imposta à SA e à SS. O chanceler Brüning e o ministro do Interior e da Defesa, Groener, sob pressão de autoridades estaduais, haviam persuadido Hindenburg, três dias depois de sua reeleição, a dissolver "todas as organizações de tipo militar" do NSDAP. A dissolução foi causada pela descoberta, feita pela polícia prussiana após um aviso de Groener, de materiais que indicavam a disposição da SA de tomar o poder pela força após uma vitória eleitoral de Hitler no primeiro turno da eleição presidencial. Durante a campanha para presidente, houvera sinais claros de que a SA — agora com quase 400 mil membros — estava ansiosa para se soltar. O rumor de uma tentativa de golpe da esquerda, caso Hitler ganhasse a eleição, estava no ar. A SA estava de prontidão no país inteiro. Mas, em vez de ação, as tropas de choque ficaram sentadas e deprimidas em seus quartéis após a derrota de Hitler. A notícia de uma proibição iminente vazou para a liderança nazista dois dias antes de sua imposição. Desse modo, tiveram tempo para transformar a SA em unidades distintas dentro do partido, simplesmente reclassificando seus soldados como membros comuns do NSDAP. E uma vez que a esquerda também tinha suas organizações paramilitares, que não foram atingidas pela ordem de dissolução de Groener, as autoridades entregaram, assim, mais uma arma de propaganda aos nazistas, que Hitler logo exploraria.

Mas o mais importante é que o banimento da SA abriu as portas para as maquinações que solapariam a posição de Groener e de Brüning, e fariam o governo do Reich dar uma forte guinada para a direita. A figura-chave desse processo seria o general Von Schleicher, chefe do Escritório Ministerial, o bureau político do Exército, no Ministério da Reichswehr, e considerado até então um protegido de Groener. O objetivo de Schleicher era um regime autoritário, baseado na Reichswehr, com apoio dos nacional-socialistas. A ideia era "domar" Hitler e incorporar os "elementos valiosos" de seu movimento ao que seria essencialmente uma ditadura militar com suporte populista. Desse modo, Schleicher se opôs à proibição da SA, e queria que ela fosse uma organização alimentadora da expansão da Reichswehr, depois que a questão das reparações estivesse fora do caminho. Em 28 de abril, numa conversação secreta com Schleicher, Hitler ficou sabendo que a

liderança da Reichswehr não apoiava mais Brüning. Um novo encontro ocorreu em 7 de maio, naquilo que Goebbels descreveu como "uma discussão decisiva com o general Schleicher", à qual compareceram membros do círculo imediato de Hindenburg. "Brüning vai cair nos próximos dias", acrescentou. "O presidente do Reich vai retirar sua confiança. O plano é instalar um gabinete presidencial. O Reichstag será dissolvido; todas as leis coercitivas serão revogadas. Ganharemos liberdade de ação e então faremos uma obra-prima de propaganda." A suspensão do banimento da SA e novas eleições eram então o preço de Hitler para apoiar um novo gabinete de direita. Com a ênfase nas eleições, está claro que Hitler pensava, como sempre, em nada além de chegar ao poder conquistando as massas.

Brüning conseguiu sobreviver mais tempo do que os conspiradores imaginavam. Mas seus dias estavam contados. Em 29 de maio, Hindenburg pediu bruscamente sua renúncia. No dia seguinte, na mais curta das audiências, ela foi apresentada.

"O sistema está entrando em colapso", escreveu Goebbels. Hitler encontrou-se com o presidente do Reich naquela tarde. O encontro correra bem, contou a seu chefe de propaganda à noite: "A proibição da SA será suspensa. Será permitido usar uniformes de novo. O Reichstag será dissolvido. Isso é o mais importante. Von Papen é previsto para chanceler. Mas isso não é tão interessante. Votar, votar! Ao povo. Estamos todos muito contentes".

XI

O novo chanceler, Franz von Papen, membro polido e bem relacionado da nobreza católica, ex-diplomata e arquiconservador que pertencera à direita do Zentrum, fora sondado por Schleicher alguns dias antes da queda de Brüning. O general não somente limpara o caminho junto a Hindenburg para sua designação como também fizera uma lista de ministros do gabinete e discutira a questão com alguns deles antes mesmo de Papen concordar em assumir o cargo. Com seu "gabinete de barões", independente dos partidos, Papen não fingiu dirigir um governo parlamentarista. Sem perspectiva de encontrar uma maioria no Reichstag, ele dependia unicamente de decretos de emergência — e da tolerância do NSDAP.

Tal como fora pré-arranjado, o presidente do Reich dissolveu o Parlamento, marcando novas eleições para a data mais distante possível, 31 de julho de 1932. Hitler tinha agora sua chance de tentar conquistar o poder pelas urnas. As eleições estaduais em Oldenburg, no fim de maio, e em Mecklenburg-Schwerin, em 5 de junho, deram ao NSDAP respectivamente 48,4% e 49% dos votos. Em 19 de junho, em Hessen, os nazistas aumentaram sua proporção dos votos para 44%. Uma maioria absoluta na eleição para o Reichstag não parecia fora de questão.

A segunda parte do acordo de Schleicher com Hitler, a suspensão da proibição da SA e da SS, ocorreu, com algum atraso, em 16 de junho. Àquela altura, já escarneciam abertamente do banimento. A liberação levou a um período de violência política em toda Alemanha como nunca havia sido visto. A guerra civil latente que existira durante toda a República de Weimar ameaçava agora transformar-se numa guerra civil real. Choques armados e brigas de rua entre a SA e os comunistas eram ocorrências diárias. Poder-se-ia pensar que a violência nazista afastaria os burgueses "respeitáveis" que Hitler cada vez mais atraía. Mas, uma vez que esses adeptos do nazismo julgavam que a ameaça vinha da esquerda, a violência anticomunista que dizia defender os interesses da nação alienava pouquíssimos eleitores.

O grau da violência era assustador. Na segunda metade de junho, após a suspensão da proibição da SA, houve dezessete homicídios com motivação política. Em julho, houve mais 86 assassinatos, sobretudo de nazistas e comunistas. O número dos feridos com gravidade chegou às centenas.

O governo Papen retomou de imediato os planos que temporariamente adiara de depor o governo prussiano — ainda chefiado pelo social-democrata Otto Braun, com o socialista Carl Severing no posto de ministro do Interior — e colocar o maior estado alemão nas mãos de um comissário do Reich. Em 20 de julho, representantes do governo prussiano ouviram que estavam depostos e que Papen era agora comissário do Reich para a Prússia. O maior e o mais importante estado, baluarte vital da social-democracia, capitulou sem resistência. A destruição do bastião prussiano, sem que um punho se erguesse de raiva, foi obra dos conservadores, não dos nazistas. Mas estabeleceu o modelo para a tomada do poder nos estados mais de seis meses antes de Hitler se tornar chanceler.

Enquanto isso, o Partido Nazista havia entrado em sua quarta campanha eleitoral no período de quatro meses. Goebbels alegara, em meados de abril, que a escassez de dinheiro estava prejudicando a propaganda. De fato, havia poucas reservas de dinheiro ou energia quando sua máquina entrou em funcionamento mais uma vez. Uma nova estratégia era o uso de filmes e a produção de 50 mil discos de gramofone com um “Apelo à Nação” feito por Hitler. Mas eles tinham consciência de que as campanhas constantes estavam começando a causar tédio. Hitler iniciou uma maratona de discursos em 53 cidades pequenas e grandes durante seu terceiro *Deutschelandflug*. Seu tema era o mesmo: os partidos da revolução de novembro eram responsáveis pela ruína incalculável de todos os aspectos da vida alemã; seu partido era o único que poderia resgatar o povo alemão de sua miséria.

Em 31 de julho, quando os resultados foram declarados, os nazistas puderam registrar outra vitória, mas não esmagadora. Aumentaram sua fatia de voto para 37,4%. Isso fazia do partido nazista, com seus 230 assentos, o maior no Reichstag. Os socialistas perderam votos, em comparação com 1930; o KPD e o Zentrum tiveram pequenos ganhos; os partidos burgueses de centro e direita avançaram um pouco mais na direção do colapso.

Mas, para os nazistas, não passou de uma vitória de Pirro. Em comparação com os resultados da eleição para o Reichstag de 1930, para não falar de 1928, o avanço deles foi realmente impressionante. Porém, numa perspectiva de curto prazo, o resultado da eleição de julho podia até ser considerado uma decepção. Eles pouco progrediram em relação à segunda eleição presidencial e às eleições estaduais de

abril.

Em 2 de agosto, Hitler ainda não tinha certeza do que fazer. Mas, nos dois dias que passou em Berchtesgaden, decidiu qual seria sua jogada. Marcou um encontro com Schleicher em Berlim para apresentar suas exigências: a Chancelaria para ele mesmo, o Ministério do Interior para Frick, o da Aeronáutica para Göring, o do Trabalho para Strasser e um Ministério para a Educação do Povo para Goebbels. Estava confiante de que "os barões iriam ceder". Mas deixou um ponto de interrogação ao lado do nome do "velho" Hindenburg.

As negociações secretas de 6 de agosto com o ministro da Reichswehr, Schleicher, em Fürstenberg, oitenta quilômetros ao norte de Berlim, duraram várias horas. Quando passou informações para os outros líderes nazistas reunidos em Berchtesgaden, Hitler estava confiante. "Em uma semana a coisa virá a público", pensava Goebbels.

> O chefe será chanceler do Reich e ministro presidente da Prússia, Strasser, do Interior do Reich e da Prússia, Goebbels, Educação do Reich e prussiana, Darré, Agricultura em ambos, Frick, secretário de Estado na Chancelaria do Reich, Göring, ministro da Aeronáutica. A Justiça [ministério] fica conosco. Warmbold, Economia. Crosigk [Schwerin von Krosigk], Finanças. Schacht, Reichsbank. Um gabinete de homens. Se o Reichstag rejeitar a nomeação, será dissolvido. Hindenburg quer morrer com um gabinete nacional. Nós jamais entregaremos o poder de novo. Terão de passar por cima de nossos cadáveres. [...] Ainda não consigo acreditar. Às portas do poder.

O acordo com Schleicher parecia oferecer a Hitler tudo o que ele queria. Não era o poder total, mas faltava pouco no que dizia respeito ao poder interno, e o controle sobre a política interna estava conquistado. Do ponto de vista de Schleicher, a concessão da Chancelaria a Hitler era significativa. Mas o ministro da Reichswehr presumivelmente calculava que, enquanto o Exército permanecesse sob seu comando, Hitler poderia ser controlado e ofereceria a base popular para um regime autoritário. Nesse cenário, Schleicher continuaria a ser a eminência parda. A perspectiva de uma guerra civil, para a qual a Reichswehr poderia ser atraída, diminuiria muito. E as garras nazistas se recolheriam diante dos inevitáveis acordos que teriam de fazer para enfrentar as realidades da responsabilidade política. Esse era o pensamento por trás de todas as variantes de uma "estratégia de domesticação" que se desenrolaria nos meses seguintes.

Os adeptos do nazismo sentiram o cheiro do triunfo. O partido inteiro esperava

o poder, relataram por telefone de Berlim. "Se as coisas saírem mal, haverá uma decepção terrível", comentou Goebbels.

Em 11 de agosto, Hitler realizou uma última conferência com líderes partidários em Prien, junto ao Chiemsee, o maior lago bávaro, a cerca de 130 quilômetros de Munique, perto da fronteira com a Áustria. Na ocasião, já sabia da oposição crescente nos corredores do poder à sua presença na Chancelaria. Havia ainda a possibilidade de ameaçar formar uma coalizão com o Zentrum. Mas Hitler estava inflexível: não aceitaria nada menos do que a Chancelaria. Após descansar em seu apartamento de Munique, foi no dia seguinte a Berlim de carro, para evitar a publicidade. Röhm teve reuniões com Schleicher e Papen naquele dia, 12 de agosto, mas suas sondagens sobre a Chancelaria foram inconclusivas. Hitler chegou no fim da noite à casa de Goebbels, em Caputh, nos arredores de Berlim. Contaram-lhe que as coisas ainda não estavam resolvidas após as reuniões de Röhm. Agora, era "tudo ou nada", insistiu. Mas, se fosse tão simples assim, não teria passado o resto da noite andando de um lado para o outro, ponderando sobre o que dependia da decisão do presidente do Reich. Para Goebbels, era claro o que estava em jogo. Se não dessem amplos poderes a Hitler — ou seja, a Chancelaria —, ele teria de recusar qualquer outro cargo. Nesse caso, "uma poderosa depressão no movimento e no eleitorado seria a consequência". E acrescentou: "E só temos essa carta na mão".

Na manhã seguinte, 13 de agosto, acompanhado por Röhm, Hitler encontrou-se com Schleicher e, pouco depois, dessa vez com Frick, reuniu-se com o chanceler Papen. Ambos o informaram que Hindenburg não estava disposto a nomeá-lo chanceler. "Logo percebi que estava lidando com um homem muito diferente daquele que eu encontrara dois meses antes", Papen relembrou depois. "O ar modesto de deferência desaparecera e me defrontei com um político exigente que acabara de ter um retumbante sucesso eleitoral." Papen sugeriu que Hitler entrasse para o governo como vice-chanceler. A alternativa de uma oposição continuada, argumentou (convencido de que o apoio ao NSDAP atingira seu pico), significaria certamente que a campanha de seu partido começaria a enfraquecer. Ao passo que, com a colaboração frutífera de Hitler e "depois que o presidente viesse a conhecê-lo melhor", assim escreveu Papen depois, ele estaria disposto a renunciar à Chancelaria em favor do líder nazista. Hitler rejeitou categoricamente a ideia de o

líder de um movimento tão grande ocupar uma posição secundária e descartou com ainda mais veemência a possibilidade de ficar na oposição e permitir que um de seus companheiros assumisse o posto de vice-chanceler. No fim da reunião, por vezes acalorada, Papen avisou-o de que a decisão era do presidente do Reich, mas que teria de informar Hindenburg de que as discussões não haviam chegado a bom termo.

Hitler e seu séquito, reunidos na casa de Goebbels na Reichskanzlerplatz, estavam agora pessimistas. Não podiam fazer nada, senão esperar. Quando o secretário de Estado Planck telefonou da Chancelaria do Reich por volta das três horas, Hitler perguntou-lhe se fazia sentido um encontro com o presidente do Reich, uma vez que a decisão evidentemente já havia sido tomada. Planck lhe disse que Hindenburg queria primeiro falar com ele. Talvez ainda houvesse uma chance. Centenas de pessoas estavam reunidas na Wilhelmstraße quando Hitler chegou ao palácio presidencial para sua audiência, marcada para as 16h15. Hindenburg foi correto, mas frio. De acordo com as anotações feitas por seu secretário de Estado, Otto Meissner, o presidente perguntou a Hitler se ele estava disposto a participar do governo de Papen. Sua cooperação seria bem-vinda, disse Hindenburg. Hitler declarou que, pelas razões que dera ao chanceler naquela manhã, estava fora de cogitação seu envolvimento no governo existente. Tendo em vista o significado de seu movimento, ele devia exigir a liderança do governo e "a liderança do Estado em toda a sua amplitude para ele e seu partido". O presidente do Reich recusou com firmeza, dizendo que não poderia responder perante Deus, sua consciência e a Pátria se entregasse o poder do governo a um único partido, e um partido que era tão intolerante em relação aos que tinham opiniões diferentes. Estava preocupado também com a agitação interna e o provável impacto no exterior. Quando Hitler repetiu que, para ele, qualquer outra solução estava fora de questão, Hindenburg advertiu-o então a conduzir sua oposição de forma cavalheiresca e que todos os atos de terror seriam tratados com a máxima severidade. Num gesto mais emotivo do que imbuído de realidade política, apertou a mão de Hitler na qualidade de seu "velho camarada". A reunião durara menos de vinte minutos. Hitler se controlara. Mas, do lado de fora, no corredor, ameaçou explodir. Os eventos levariam inexoravelmente à conclusão que apresentara e à queda do presidente, declarou. O governo seria colocado numa posição bastante difícil, a oposição seria feroz e ele

não aceitaria nenhuma responsabilidade pelas consequências.

Hitler estava consciente de que sofrera uma grande derrota política. Foi seu maior revés desde o fracasso do putsch, nove anos antes. A estratégia que seguira todos aqueles anos, de que a mobilização das massas — seu instinto natural e o que fazia de melhor — seria suficiente para ganhar o poder, mostrara-se um fracasso. Ele levara seu partido a um beco sem saída. O grande avanço acontecera. A ascensão do NSDAP até os portais do poder fora meteórica. Acabara de obter uma vitória eleitoral esmagadora. Mas fora rejeitado para o posto de chanceler pela única pessoa cujo assentimento, segundo a Constituição de Weimar, era indispensável: Hindenburg, o presidente do Reich. A aposta do "tudo ou nada" deixara Hitler sem nada. Com um partido cansado, deprimido, desesperadamente decepcionado e rebelde, a perspectiva de continuar na oposição não era atraente. Mas era tudo o que lhe restava. Mesmo levando em conta novas eleições, as chances de manter o nível de apoio já mobilizado eram difíceis.

O dia 13 de agosto de 1932 deveria ter sido um momento definitivo na busca de Hitler pelo poder. Depois disso, as coisas jamais deveriam ter chegado ao 30 de janeiro de 1933. Sem aliados em altos postos que pudessem eventualmente convencer o presidente do Reich a mudar de ideia, Hitler jamais teria sido capaz de chegar ao poder, mesmo sendo o líder de um movimento enorme e com mais de 13 milhões de adeptos no país. O fato de a Chancelaria lhe ter sido recusada depois de obter uma vitória e lhe ter sido entregue após sofrer uma derrota (na eleição seguinte para o Reichstag, em novembro) não pode ser atribuído a um "triunfo da vontade".

9. Alçado ao poder

I

Hitler tomou os eventos de 13 de agosto como "uma derrota pessoal". Sua raiva e humilhação intensificaram-se com o comunicado brusco do governo — instigado por Schleicher — sobre a reunião, que enfatizara a rejeição de Hindenburg diante de sua exigência de poder total. Sua réplica ressentida só podia alegar que não exigira literalmente poder "total". Na ocasião, sua raiva voltou-se sobretudo contra Papen. Enviado dias depois para interceder junto a Hitler, que estava então em Obersalzberg, Joachim von Ribbentrop — o vaidoso e insosso futuro ministro do Exterior do Reich, em sua carreira ascendente que devia muito ao seu casamento com a herdeira dos Henkel, maiores fabricantes de vinho espumante da Alemanha, e recente recruta do NSDAP — encontrou-o "cheio de ressentimento em relação a Herr von Papen e todo o gabinete em Berlim". Mas, se os eventos de janeiro de 1933 significariam a redenção de Papen, Schleicher viria a ser o alvo central da agressão nazista pelo papel que desempenhou nos meses decorridos entre agosto de 1932 e janeiro de 1933. Suas maquinações por trás do pano, em particular sua "traição" em agosto, que levara à humilhação de Hitler, não foram esquecidas. Ele pagaria por elas com a vida.

Como sempre, Hitler mostrou sua capacidade de canalizar a decepção e a depressão para a agressão direta. Foi proclamada oposição ao odiado governo de Papen. A encenação do verão estava acabada.

Em poucos dias, Hitler teve uma chance de desviar a atenção do fracasso de sua

audiência com Hindenburg. Em 10 de agosto, um grupo de homens da SA havia matado um trabalhador desempregado e simpatizante comunista na aldeia de Potempa, na Silésia. O assassinato foi cometido com extraordinária selvageria, diante da mãe e do irmão da vítima. Como acontecia com frequência, misturavam-se motivos pessoais e políticos. Que esse crime hediondo não passasse de um ato rotineiro no medonho verão de 1932 é sintomático do clima de violência, do colapso da ordem pública e das condições existentes de quase guerra civil. De início, ninguém lhe deu maior atenção. Tendo em vista uma lista de três dezenas de atos de violência política registrados em um único dia e noite na época, o incidente de Potempa não se destacava. Porém, o assassinato fora cometido uma hora e meia após a entrada em vigor do decreto de emergência de combate ao terrorismo do governo Papen, que determinava a pena de morte para o assassinato político premeditado e criava tribunais especiais para oferecer justiça rápida aos casos previstos. O julgamento ocorreu entre 19 e 22 de agosto em Beuthen, sob uma atmosfera tensa e em meio a grande publicidade, e terminou com a condenação à morte de cinco acusados. Para inflamar os ânimos ainda mais no campo nazista, dois homens da Reichsbanner receberam sentenças relativamente leves no mesmo dia por matar dois membros da SA durante distúrbios ocorridos em Ohlau, em julho. Esses homicídios não haviam sido premeditados e tinham acontecido antes do decreto de Papen. Mas essas diferenças naturalmente não contavam entre os adeptos de Hitler. Os assassinos de Potempa foram retratados como mártires. Heines, o líder local da SA, ameaçou uma rebelião se as sentenças de morte fossem cumpridas. Sua fala exaltada incitou a multidão a quebrar as janelas das lojas de judeus em Beuthen e a atacar os escritórios do jornal local do SPD. Nessa atmosfera quente, Göring elogiou os homens condenados e ofereceu dinheiro a suas famílias. Röhm foi enviado para visitá-los na cadeia. Em 23 de agosto, o próprio Hitler mandou um telegrama que causou sensação: "Meus camaradas! Em vista desse monstruoso e sangrento veredicto, sinto-me amarrado a vocês por lealdade ilimitada. A liberdade de vocês é, a partir deste momento, uma questão de honra para nós. A luta contra um governo sob o qual isso foi possível é nosso dever!". O líder do maior partido político do país expressava publicamente sua solidariedade a assassinos condenados. Era um escândalo que Hitler tinha de assumir. Se não se solidarizasse com eles, corria o risco de se afastar da SA na sensível região da Silésia,

num momento em que era vital manter sob controle seus irrequietos membros.

No dia seguinte, Hitler divulgou uma proclamação em que criticava o gabinete de Papen e aproveitava para virar os eventos de 13 de agosto de cabeça para baixo, alegando sua recusa em participar de um governo capaz de baixar tais sentenças. "Aqueles de vocês que possuem um sentimento de luta pela honra e liberdade da nação compreenderão por que me recusei a entrar nesse governo burguês", declarou. "Com esse ato, nossa atitude em relação a esse gabinete nacional está prescrita de uma vez por todas."

O resultado foi que Papen, agindo como comissário do Reich na Prússia, recuou e comutou as sentenças de morte dos assassinos de Potempa para prisão perpétua — decisão que o próprio Papen reconheceu que era mais política do que legal. Os assassinos foram libertados por uma anistia nazista já em março de 1933.

O caso de Potempa lançou uma luz iluminadora sobre as atitudes nazistas em relação à Justiça no momento exato em que os agentes do poder ainda examinavam uma maneira de incorporar Hitler ao governo. Mas essas indicações inconfundíveis do que um governo de Hitler significaria para o estado de direito na Alemanha não detiveram aqueles que ainda pensavam que a única maneira de sair da crise era envolver de algum modo os nazistas na responsabilidade de governar.

A rejeição de Hitler de qualquer coisa aquém do cargo de chanceler não criou dificuldades apenas para o NSDAP. Os problemas para o governo eram agora agudos. Schleicher desistira da ideia de pôr Hitler na Chancelaria enquanto Hindenburg permanecesse na presidência do Reich. Papen, resolutamente contrário à ideia, dava por certa a continuidade da oposição de Hindenburg. Somente duas possibilidades, nenhuma atraente, pareciam restar. A primeira era uma coalizão do Zentrum com os nacional-socialistas. O Zentrum fez sondagens sobre essa possibilidade após os eventos de 13 de agosto, mas ela nunca teve muita chance de se tornar uma solução. O Zentrum continuava a insistir para que o NSDAP abrisse mão da Chancelaria, mas a obtenção do posto para Hitler se transformara numa "questão de honra". Ele não estava disposto agora, como não estaria após as eleições de novembro, quando a possibilidade foi uma vez mais levantada, a chefiar um governo dependente de maiorias no Reichstag. De qualquer modo, a ideia de uma volta ao governo parlamentarista era anátema para Hindenburg e seus assessores.

A segunda alternativa era perseverar com um "gabinete de luta", sem nenhuma esperança de apoio no Reichstag, onde os nazistas e os comunistas juntos prevaleciam sobre uma "maioria negativa". Isso implicava ir adiante com os planos, apresentados primeiramente pelo ministro do Interior, barão Wilhelm von Gayl, no início de agosto, de dissolver o Reichstag e adiar as novas eleições, a fim de ganhar tempo para empreender uma ampla redução dos poderes do Parlamento mediante restrições ao direito de voto e a instalação de um sistema bicameral, com uma primeira câmara não eleita. A intenção era acabar com o "domínio dos partidos" de uma vez por todas. Para tomar essa medida drástica, era preciso obter o apoio do presidente do Reich e o suporte do Exército a fim de combater a esperada oposição da esquerda e possivelmente dos nacional-socialistas. Essa solução, que previa a dissolução do Reichstag e o adiamento das eleições para além do limite de sessenta dias prescrito pela Constituição, foi apresentada por Papen a Hindenburg numa reunião realizada em Neudeck, em 30 de agosto. Schleicher e Gayl também estavam presentes. Hindenburg deu a Papen a ordem da dissolução sem maiores problemas e também concordou com o adiamento inconstitucional das novas eleições com base em um estado nacional de emergência. Alguns advogados constitucionalistas proeminentes — com destaque para Carl Schmitt, o famoso teórico constitucional que, em 1933, colocar-se-ia a serviço do Terceiro Reich — apresentaram prontamente argumentos jurídicos de apoio à introdução de um Estado autoritário por meio desse estratagema.

Se queria arriscar esse tipo de solução, Papen deveria ter dissolvido o novo Reichstag em sua primeira sessão, em 30 de agosto. Em 12 de setembro, quando o Parlamento se reuniu pela segunda — e última — vez, a iniciativa já estava malfadada. O único item na pauta daquele dia era uma declaração do governo sobre a situação financeira, anunciando detalhes de um programa voltado para a recuperação econômica. Esperava-se que o debate durasse vários dias. Porém, o deputado comunista Ernst Torgler propôs uma alteração na ordem do dia em que punha à frente uma proposta de repúdio de seu partido aos decretos de emergência de 4 e 5 de setembro (que faziam profundas alterações no sistema de tarifas e salários), acoplada a um voto de desconfiança contra o governo. Ninguém esperava muito de uma proposta desse tipo. A mudança da ordem do dia teria caído se houvesse uma única objeção. Os nazistas esperavam que os deputados do DNVP se

opusessem. Espantosamente, ninguém fez isso. Na confusão resultante, Frick obteve um adiamento de meia hora para saber de Hitler como proceder. Papen, pego completamente de surpresa, teve de mandar um mensageiro à Chancelaria do Reich durante o recesso para pegar a ordem de dissolução assinada por Hindenburg em 30 de agosto, que ele nem se preocupara em levar ao Parlamento.

Numa breve reunião com seus principais seguidores, Hitler decidiu que não podiam perder a chance de criar problemas para o governo: os deputados nazistas deveriam apoiar imediatamente o voto de desconfiança proposto pelos comunistas e, desse modo, se antecipar à ordem de dissolução que ninguém duvidava que Papen fosse apresentar. Quando foi retomada a sessão, Papen apareceu com a caixa vermelha de despachos, que continha as ordens de dissolução, debaixo do braço. Em meio a cenas caóticas, Göring, o presidente do Parlamento, anunciou de imediato que daria andamento à proposta de voto dos comunistas. Diante disso, Papen tentou falar. Göring o ignorou, desviando o olhar para o lado esquerdo da câmara. Planck, o secretário de Estado de Papen, chamou a atenção de Göring indicando que o chanceler queria exercer seu direito de falar. Göring simplesmente retrucou que a votação havia iniciado. Depois de tentar falar de novo, Papen dirigiu-se à tribuna do presidente do Reichstag e jogou a ordem de dissolução sobre a mesa de Göring. Na sequência, saiu da câmara sob vaias de zombaria, seguido pelos integrantes de seu gabinete. Göring afastou, satisfeito, o documento para um canto da mesa e anunciou o resultado da votação. O governo foi derrotado por 512 votos a 42, com cinco abstenções e um voto inválido. Somente o DNVP e o DVP o haviam apoiado. Todos os principais partidos, inclusive o Zentrum, apoiaram a proposta comunista. Jamais houvera uma derrota parlamentar como aquela, recebida com gritos de entusiasmo no Reichstag.

Göring leu então a ordem de dissolução de Papen, mas a declarou inválida, pois o governo já caíra pelo voto de desconfiança. Essa declaração estava incorreta do ponto de vista técnico. Depois, Göring foi obrigado a admitir que o Reichstag fora de fato formalmente dissolvido com a apresentação da ordem de Papen. Desse modo, a moção de desconfiança não tinha validade legal. Contudo, o significado disso era apenas processual. Em consequência, o governo permaneceu — mas a realidade era que havia sido rejeitado por mais de quatro quintos dos representantes do povo. Provara-se da forma mais humilhante possível que Papen

era um chanceler desprovido de apoio público. Hitler não se continha de alegria. A tática cínica dos nazistas dera uma amostra de como, oferecida a oportunidade, eles se comportariam no poder.

Novas eleições — a quinta do ano — se aproximavam. Papen ainda tinha em mãos a aprovação de Hindenburg para adiá-las para além dos sessenta dias prescritos pela Constituição. Mas, depois do fiasco de 12 de setembro, o gabinete decidiu dois dias depois que não era o momento de usar esse recurso. As eleições foram marcadas para 6 de novembro. A liderança nazista estava consciente das dificuldades. A imprensa burguesa era agora totalmente hostil. O NSDAP não poderia fazer muito uso do rádio. O público estava cansado de eleições. Até mesmo os principais oradores do partido encontravam dificuldades para se manter em boa forma. E, para completar o quadro, observou Goebbels, as campanhas anteriores haviam esgotado todos os fundos disponíveis. Os cofres do partido estavam vazios.

Campanhas eleitorais revigoravam Hitler. E, na quinta campanha longa do ano, ele partiu para fazer novamente o que de melhor sabia fazer: discursos. Uma vez mais, sua indispensabilidade como principal foco de propaganda do movimento significou que teve de cumprir um cronograma estafante de discursos e comícios. Durante seu quarto "voo da Alemanha", entre 11 de outubro e 5 de novembro, fez pelo menos cinquenta discursos, às vezes três no mesmo dia e, em certa ocasião, quatro.

Seu ataque centrou-se diretamente em Papen e na "Reação". O vasto apoio a seu movimento era contrastado pelo "pequeno círculo de reacionários" que sustentavam Papen no governo, sem nenhum apoio popular. A imprensa nazista evidentemente retratou a campanha de Hitler como uma marcha da vitória. Mas os números muito inflacionados de comparecimento aos comícios de Hitler fornecidos pela imprensa partidária — em zonas rurais, em especial, milhares eram levados de fora da região para engrossar a massa — escondiam os sinais claros de desilusão e fadiga eleitoral. Até mesmo Hitler era agora incapaz de encher os salões que antes lotava. No discurso feito em 13 de outubro em Nuremberg, o público ocupou apenas a metade do Festhalle de Luitpoldhain. Embora um discurso de Hitler pudesse fazer a diferença em alguns lugares, os observadores já previam, em outubro, que sua campanha faria pouco para evitar a queda esperada do apoio aos nazistas. Na véspera da eleição, Goebbels também previa uma derrota.

Quando os votos foram contados, os temores nazistas se confirmaram. Na última eleição antes de Hitler chegar ao poder (e a última eleição livre da República de Weimar), o NSDAP perdeu 2 milhões de votos. Num comparecimento reduzido às urnas — o mais baixo (80,6%) desde 1928 —, seu percentual de votos caiu de 37,4, em julho, para 33,1%, e seus assentos no Reichstag se reduziram de 230 para 196. O SPD e o Zentrum também perderam um pouco de terreno. Os vencedores foram os comunistas, que cresceram para 16,9% dos votos (agora pouco mais de 3% atrás do SPD), e o DNVP, que subiu para 8,9%. Os ganhos deste se deveram, em larga medida, à recuperação de antigos adeptos que haviam passado para o NSDAP. O baixo comparecimento às urnas foi o outro fator determinante contra o partido de Hitler, pois antigos eleitores nazistas ficaram em casa. O partido não apenas fracassou em conquistar eleitores da esquerda e católicos, como fizera antes, como perdeu votos — aparentemente para todos os outros partidos, mas sobretudo para o DNVP. As classes médias começavam a abandonar os nazistas.

II

A eleição de novembro não mudou nada no impasse político, exceto, talvez, para piorar a situação. Os partidos que apoiavam o governo — DNVP e DVP — representavam pouco mais de 10% da população. E, com a queda da votação tanto dos nazistas como do Zentrum, uma coalizão entre os dois partidos, tal como fora discutida em agosto, não seria suficiente para produzir uma maioria absoluta no Reichstag. Hitler não se deteve diante do revés eleitoral. Disse aos líderes partidários em Munique que continuassem a luta sem trégua. "Papen tem de ir embora. Não deve haver acordos", foi como Goebbels resumiu a essência dos comentários de Hitler.

Agora, como antes, ele não estava interessado no poder sob o comando de outros partidos num governo de maioria dependente do Reichstag. Em meados de novembro, as tentativas de Papen de encontrar alguma base de apoio para seu governo já haviam fracassado. Em 17 de novembro, pranteado por poucos, seu gabinete renunciou. Cabia agora ao próprio Hindenburg tentar negociar uma saída para a crise estatal. Enquanto isso, o gabinete continuaria a tocar a administração diária do governo.

Em 19 de novembro, dia em que Hindenburg recebeu Hitler, na série de reuniões que teve com os chefes dos partidos políticos, entregaram ao presidente do Reich uma petição com vinte assinaturas de empresários pedindo a designação de Hitler para a Chancelaria. Isso não era um prova, como outrora se pensou, do apoio do grande empresariado a ele e de suas maquinações para levá-lo ao poder. Na verdade, a ideia foi de Wilhelm Keppler, que despontava como o representante de Hitler junto a um grupo de homens de negócios favoráveis ao nazismo, e posta em execução numa operação em conjunto com Himmler, que servia de elo com a Casa Parda. Keppler e Schacht começaram com uma lista de cerca de quarenta possíveis signatários, mas a tarefa foi difícil. Oito membros do círculo de Keppler, encabeçados por Schacht e pelo banqueiro de Colônia, Kurt von Schröder, assinaram a petição. Os resultados com os industriais foram decepcionantes. Um único industrial proeminente, Fritz Thyssen, assinou. Mas havia muito tempo que ele não fazia segredo de suas simpatias pelos nacional-socialistas. O presidente em exercício da Reichslandbund (Liga Agrária do Reich), o lobby dos grandes

latifundiários infiltrado pelos nazistas, foi outro dos signatários. O restante era composto de empresários de médio porte e proprietários de terras. Foi alegado de forma enganosa que os importantes industriais Paul Reusch, Fritz Springorum e Albert Vögler eram simpáticos à petição, mas eles na verdade retiraram seu nome dela. O grande empresariado como um todo ainda depositava suas esperanças em Papen, embora a petição fosse uma indicação de que a comunidade empresarial não falava com uma única voz. O lobby agrícola, em particular, era algo a ser observado.

De qualquer modo, a petição não teve influência nas negociações de Hindenburg com Hitler. As conversações de meados de novembro mostraram que o presidente do Reich continuava a desconfiar totalmente do líder nazista. Hitler, por sua vez, desdenhava de Hindenburg em privado. Mas não tinha como chegar ao poder sem o suporte dele.

Na reunião de 19 de novembro, Hindenburg reiterou, como em agosto, que queria que Hitler e seu movimento participassem do governo. O presidente expressou a esperança de que Hitler fizesse sondagens junto aos outros partidos tendo em vista a formação de um governo com maioria parlamentar. Tratava-se de um blefe, pois Hindenburg sabia que isso seria impossível, dada a oposição certa do DNVP. O resultado seria a revelação do fracasso de Hitler e um enfraquecimento de sua posição. Hitler percebeu o que estava por trás disso imediatamente.

Naquilo que Goebbels descreveu como "partida de xadrez pelo poder", Hitler respondeu que não tinha nenhuma intenção de se envolver em negociações com outros partidos antes de o presidente do Reich, em cujas mãos estava a decisão, lhe confiar a missão de construir um governo. Nessa eventualidade, confiava em encontrar uma base que proporcionaria a seu governo o poder de legislar, aprovado pelo Reichstag. Somente ele estava em condições de obter esse mandato do Parlamento. As dificuldades seriam assim resolvidas.

Dois dias depois, ele repetiu por escrito a Hindenburg seu "único pedido" — que lhe dessem a autoridade atribuída àqueles antes dele. Isso era o que Hindenburg se recusava peremptoriamente a conceder. Continuava disposto a não fazer de Hitler o chefe de um gabinete presidencial. Porém, deixava a porta aberta para a possibilidade de um gabinete com uma maioria operativa, liderada por Hitler, e estipulava suas condições para aceitar esse tipo de gabinete: estabelecimento de um

programa econômico, nenhuma volta ao dualismo de Prússia e Reich, nenhuma limitação do Artigo 48 e aprovação de uma lista de ministros em que ele, o presidente, designaria os ministros do Exterior e da Defesa. Em 30 de novembro, Hitler rejeitou como sem sentido um outro convite para discutir com Hindenburg. O impasse continuava.

Schleicher vinha se distanciando de Papen aos poucos. Estava imperceptivelmente mudando de papel, de uma eminência parda por trás da cena para uma protagonista. Enquanto isso, assegurava-se de que permanecessem abertas as comunicações com Gregor Strasser, que julgava estar disposto a "entrar pessoalmente na brecha", caso as discussões com Hitler não dessem em nada.

Schleicher jogou essa possibilidade na arena durante as discussões entre ele, Papen e Hindenburg, na noite de 1o de dezembro. Cerca de sessenta deputados nazistas poderiam ser conquistados. Schleicher confiava em obter o apoio dos sindicatos, do SPD e dos partidos burgueses para um pacote de reformas econômicas e criação de empregos. Isso, alegava ele, tornaria desnecessário o rompimento com a Constituição, que Papen propunha novamente. No entanto, Hindenburg ficou ao lado de Papen e pediu-lhe para formar um governo e retomar o posto — medida que estivera em suas intenções desde sempre. Porém, por trás do pano, Schleicher advertira membros do gabinete de Papen que, se não houvesse mudança de governo e ocorresse o proposto rompimento com a ordem constitucional para declaração de estado de emergência, haveria uma guerra civil e o Exército não seria capaz de controlá-la. Isso ficou reforçado numa reunião do gabinete na manhã seguinte, quando o tenente-coronel Ott foi trazido para informar sobre um exercício de "jogos de guerra" que a Reichswehr realizara, demonstrando que eles não poderiam defender as fronteiras e resistir ao rompimento da ordem interna que viria com as greves e agitações. É quase certo que o Exército era demasiado pessimista em sua avaliação. Mas a mensagem deixou sua marca no gabinete, e no presidente. Hindenburg temia a possibilidade de uma guerra civil. Relutantemente, deixou Papen, seu preferido, ir embora e designou Schleicher para a Chancelaria.

III

Em consequência das propostas de Schleicher a Gregor Strasser, o movimento de Hitler entrou em sua maior crise desde a refundação de 1925. Strasser não era personagem secundário. Sua contribuição para o crescimento do NSDAP só era menor do que a do próprio Hitler. A organização do partido, em particular, fora em grande medida obra sua. Sua reputação dentro do partido — embora tivesse feito inimigos poderosos, como seu acólito de outrora Goebbels — era elevada. Em geral, era considerado o braço direito de Hitler. Desse modo, sua renúncia, em 8 de dezembro de 1932, a todos os cargos partidários causou sensação. Ademais, atingiu um partido já estremecido com a queda de apoio e moral abalado. Se não chegasse ao poder em breve, as probabilidades de que pudesse se desintegrar não podiam ser descartadas.

Por mais bombástica que tenha sido a renúncia de Strasser, o fato é que os problemas vinham fermentando havia bastante tempo. No outono de 1932, enquanto Hitler — outrora considerado "moderado" por partes do empresariado — já era visto como um obstáculo intransigente para um governo de direita dominado por conservadores, Strasser passou a ser considerado um político mais responsável e construtivo, que poderia trazer para um gabinete conservador o apoio da massa nazista. As diferenças entre ele e Hitler não eram fundamentalmente ideológicas. Ele era um racista rematado; não era contra a violência; suas "ideias sociais" eram quase tão vagas quanto as de Hitler; suas ideias econômicas, ecléticas e contraditórias, eram mais utópicas, mas ainda compatíveis com as noções mais cruas e brutais de Hitler; suas ambições de política externa não eram menos amplas; e era implacável e obstinado em sua busca pelo poder. Mas, taticamente, havia diferenças essenciais. E depois de 13 de agosto, quando a inflexibilidade política de Hitler ameaçou cada vez mais bloquear para sempre o caminho para o poder, essas diferenças vieram à tona com mais força. Em contraste com a postura do "tudo ou nada" de Hitler, Strasser achava que o NSDAP deveria se dispor a entrar em coalizões, explorar todas as alianças possíveis e, se necessário, entrar no governo, mesmo sem a oferta da Chancelaria.

Schleicher estava particularmente interessado na possibilidade de que Gregor Strasser pudesse ajudar a trazer o apoio dos sindicatos a um governo "nacional" —

isto é, autoritário. Ao contrário de Hitler, cuja aversão aos sindicatos nunca variou, Strasser era abertamente conciliador em relação a eles. Tendo em vista seus crescentes contatos com líderes sindicais interessados numa coalizão ampla para afastar os perigos que viam na extrema direita e na extrema esquerda, a possibilidade de obter o apoio deles para um gabinete de Schleicher, que tivesse Strasser no governo e oferecesse um amplo programa de criação de empregos, não podia ser descartada sem mais nem menos.

Durante o outono, o afastamento entre Hitler e Strasser aumentou. Após a eleição de novembro, Strasser perdeu seu lugar no círculo mais próximo de Hitler. À luz das sensibilidades políticas do outono, uma divisão pública na liderança do partido não era de forma nenhuma oportuna. Mas, na primeira semana de dezembro, as coisas não podiam mais continuar como estavam.

Em 3 de dezembro, em uma reunião secreta realizada em Berlim, Schleicher ofereceu a Strasser o cargo de vice-chanceler e ministro presidente da Prússia. Este tinha agora que escolher entre apoiar Hitler, rebelar-se contra ele na esperança de conquistar uma parte do partido, ou fazer o que fez em 8 de dezembro: renunciar aos cargos no partido e retirar-se da política ativa. Strasser deve ter percebido que as chances de liderar uma revolução palaciana contra Hitler eram mínimas. Seu maior apoio estava entre os membros nazistas do Reichstag. Mas lá também não controlava nada que equivalesse a uma facção firmemente organizada. O orgulho, bem como suas objeções de princípio, o impedia de apoiar e aceitar a estratégia do tudo ou nada de Hitler. Desse modo, ficou apenas com a terceira possibilidade. Talvez decepcionado com a falta de apoio aberto de seus amigos no partido, retirou-se para seu quarto no Hotel Excelsior, em Berlim, e escreveu sua carta de renúncia.

Na manhã de 8 de dezembro, convocou os inspetores regionais do partido — os *Gauleiter* mais antigos — que estivessem em Berlim para comparecer a seu gabinete no Reichstag. Seis estavam presentes, além do inspetor do Reich, Robert Ley, quando Strasser se dirigiu a eles. De acordo com o relato posterior à guerra de um deles, Hinrich Lohse, Strasser lhes disse que escrevera uma carta ao Führer renunciando a seus cargos no partido. Não criticava o programa de Hitler, mas sua falta de uma política clara em relação à conquista do poder desde a reunião com Hindenburg em agosto. Segundo ele, Hitler era claro somente sobre uma coisa:

queria ser o chanceler do Reich. Mas apenas querer o cargo não iria superar a oposição que havia encontrado. E, como o partido estava sob grande pressão e exposto à potencial desintegração, Strasser disse que estava preparado para seguir o caminho legal ou ilegal — ou seja, golpista — para o poder. Mas o que não estava disposto a fazer era simplesmente esperar que Hitler fosse nomeado chanceler e ver o partido se despedaçar antes que isso acontecesse. Em sua opinião, Hitler deveria ter aceitado a vice-chancelaria em agosto e usado essa posição como balcão de negociação para acumular mais poder. Num tom pessoal, Strasser expressou seu ressentimento por ser excluído das deliberações de alto nível, e asseverou que não desejava ser um coadjuvante de Göring, Goebbels, Röhm e outros. Como não aguentava mais essa situação, renunciava aos seus cargos e partia para se recuperar do desgaste e da decepção.

A carta de Strasser foi entregue a Hitler no Kaiserhof ao meio-dia de 8 de dezembro. Não passava de uma débil justificativa de sua posição, lavrada em termos de orgulho ferido e sem tocar nas questões fundamentais que o separavam do líder. Tinha a marca da derrota na própria maneira em que estava formulada. Hitler havia sido avisado da carta pelo *Gauleiter* Bernhard Rust, que comparecera à reunião convocada por Strasser. Ele imediatamente convocara o mesmo grupo de inspetores do partido para um encontro ao meio-dia no Kaiserhof. O grupo, em desalento, ficou esperando no apartamento de Hitler enquanto, em estado agitado, ele providenciava esta resposta ponto a ponto às razões da renúncia de Strasser, tal como resumidas por Robert Ley: Entrar no gabinete de Papen, disse ele, teria aberto o flanco para os inimigos do partido. Ele logo seria forçado, graças ao desacordo fundamental com as políticas de Papen, a renunciar. O efeito sobre a opinião pública seria a aparente demonstração de sua incapacidade para governar — o que seus inimigos sempre haviam alegado. O eleitorado daria as costas para ele. O movimento entraria em colapso. A rota ilegal era ainda mais perigosa. Ela simplesmente significaria — bastava lembrar as lições de 1923 — pôr "a nata da população masculina da nação" diante das metralhadoras da polícia e do Exército. Quanto a ignorar Strasser, Hitler alegava dissimuladamente que entrava em discussões com quem quer que fosse para um objetivo em particular, distribuía tarefas de acordo com circunstâncias específicas e — conforme a disponibilidade — estava aberto a todos. Devolvia a culpa a Gregor Strasser por evitá-lo. Sua fala

durou quase duas horas. Perto do fim, a velha tática foi usada uma vez mais: fez um apelo pessoal à lealdade. De acordo com o relato de Lohse, ficou "mais calmo e mais humano, mais amistoso e simpático em seus comentários". Havia encontrado "aquele tom camarada que os que estavam reunidos conheciam e que os convencia completamente. [...] Cada vez mais persuasivo para sua plateia e inexoravelmente enfeitiçando-a, ele [Hitler] triunfou e provou para seus lutadores vacilantes, mas honrados e indispensáveis nesse teste mais duro do movimento, que ele era o chefe e Strasser o auxiliar. [...] O velho laço com ele foi novamente selado com um aperto de mão".

Contudo, naquela noite, na casa de Goebbels, para onde Hitler voltou, o humor ainda estava sombrio. Havia uma verdadeira preocupação de que o movimento se desintegrasse. Se isso acontecesse, segundo Hitler, ele "acabaria" com as coisas "em três minutos". Os gestos dramáticos logo deram lugar a medidas para contra-atacar as possíveis ramificações da "traição". Na mesma noite, Goebbels foi convocado às duas da manhã para uma reunião no Kaiserhof, onde já estavam Röhm e Himmler. Hitler, ainda chocado com o gesto de Strasser, passou o tempo andando de lá para cá no quarto do hotel. A reunião durou até o amanhecer. O principal resultado foi a decisão de desmantelar a estrutura organizacional que Strasser erguera e que lhe dera uma base de poder no partido. À sua maneira tradicional, do mesmo modo como assumira a liderança da SA após o caso Stennes, Hitler assumiu formalmente a liderança da organização política, tendo Robert Ley como seu chefe de equipe. Foi estabelecida uma nova Comissão Política Central, sob o comando de Rudolf Heß, e as duas inspetorias do Reich criadas por Strasser foram abolidas. Vários adeptos conhecidos de Strasser foram removidos de seus cargos. E iniciou-se uma grande campanha para obter declarações de lealdade a Hitler de todas as partes da Alemanha, bem como de simpatizantes de Strasser — rapidamente transformado no arquitraidor do movimento. Hitler deu início aos apelos de lealdade no dia seguinte, 9 de dezembro, quando falou aos *Gauleiter* e deputados do Reichstag. De acordo com relatos publicados no *Völkischer Beobachter*, cada pessoa presente sentiu a necessidade de oferecer uma demonstração pessoal de lealdade apertando a mão do Führer. "Strasser está isolado. Homem morto!", escreveu Goebbels em tom triunfante. Pouco depois, Hitler partiu numa viagem de discursos, dirigindo-se a membros e funcionários dos partidos em sete reuniões realizadas em nove dias. Em

todas as ocasiões, seu apelo pessoal foi bem-sucedido. Não houve secessão após a renúncia de Strasser. A crise estava superada.

Strasser retirou-se completamente da atividade política e da vista do público. Não foi excluído do partido. Na verdade, no início de 1934, ele solicitou e obteve a insígnia de honra do NSDAP, que lhe foi concedida por ser o membro no 9 do partido, datado da refundação de 25 de fevereiro de 1925. Nem isso, nem a carta queixosa que escreveu a Rudolf Heß, em 18 de junho de 1934, em que enfatizava seus amplos serviços e sólida lealdade ao partido, puderam salvar sua pele. Hitler não perdoava quem julgava tê-lo traído. Seu ajuste de contas final com Gregor Strasser aconteceu em 30 de junho de 1934, quando o ex-segundo homem do partido foi assassinado no episódio que ficou conhecido como a Noite dos Longos Punhais.

Em última análise, o caso Strasser — a mais séria das crises internas do partido desde 1925 — revelou uma vez mais e de forma clara como era forte o domínio de Hitler sobre o NSDAP, o quanto ele se tornara um "partido de líder".

IV

Os eventos de janeiro de 1933 constituíram um extraordinário drama político — um drama que se desenrolou, em grade parte, longe dos olhos do povo alemão.

Franz von Papen, quinze dias depois que Schleicher lhe tomara a Chancelaria, foi o convidado de honra de um jantar no Herrenklub de Berlim. Entre os trezentos e tantos convidados que ouviram seu discurso no dia 16 de dezembro — no qual justificava as medidas que havia tomado em seu governo, criticava o gabinete Schleicher e dizia que, em sua opinião, o NSDAP deveria ser incluído no governo —, estava o barão Kurt von Schröder, banqueiro de Colônia. Poucas semanas antes, ele assinara a petição a Hindenburg para fazer de Hitler chanceler. Meses antes disso, já era um simpatizante nazista e membro do círculo de Keppler — o grupo de assessores econômicos que Wilhelm Keppler, outrora um pequeno empresário, montara para Hitler. Embora nada tenha vazado a esse respeito, já em novembro Keppler dissera a Schröder que Papen poderia estar disposto a interceder junto a Hindenburg em favor da designação de Hitler para a Chancelaria. Agora, depois do discurso de Papen no Herrenklub, interessado no que o ex-chanceler dissera, Schröder o encontrou por alguns minutos no fim da noite para discutir a situação política. Os dois se conheciam havia algum tempo. E, uma vez que Schröder também conhecia Hitler, ele era o intermediário ideal num momento em que as relações entre o líder nazista e o ex-chanceler ainda eram glaciais. Dessa discussão surgiu a sugestão de uma reunião entre Hitler e Papen, que veio a ocorrer na casa de Schröder em Colônia, no dia 4 de janeiro de 1933.

Papen chegou por volta do meio-dia. Encontrou Hitler — que entrara pela porta dos fundos —, esperando-o acompanhado de Heß, Himmler e Keppler. Hitler, Papen e Schröder reuniram-se em outra sala, enquanto os outros esperavam. Schröder não participou das discussões. O mais provável é que a questão da escolha de quem lideraria o novo governo tenha ficado indefinida. Papen falou vagamente sobre um tipo de duunvirato e deixou aberta a possibilidade de cargos ministeriais, mesmo que Hitler não se dispusesse a participar, para alguns de seus colegas. Após cerca de duas horas, as discussões terminaram para dar lugar ao almoço, com a concordância de que outras questões fossem tratadas numa reunião subsequente, em Berlim ou em outro lugar. Papen achou que havia feito progressos. Alguns dias

depois, numa audiência privada com o presidente do Reich, informou a Hindenburg que Hitler diminuíra suas exigências e estaria disposto a participar de um governo de coalizão com partidos da direita. O pressuposto não explicitado era que Papen lideraria esse governo. O presidente pediu a Papen que se mantivesse em contato com o líder nazista.

Um segundo encontro entre Hitler e Papen aconteceu em seguida. Dessa vez, foi no escritório da casa de Ribbentrop, em Dahlem, um luxuoso bairro residencial de Berlim, na noite de 10-11 de janeiro. A reunião não deu em nada, pois Papen disse a Hitler que Hindenburg ainda se opunha à sua designação para a Chancelaria. Hitler, irado, interrompeu as conversações até depois das eleições em Lippe.

Com seus 173 mil habitantes, o miniestado de Lippe-Detmold, em outros tempos, dificilmente seria alta prioridade para Hitler e seu partido. Mas agora as eleições representavam uma chance de provar que o NSDAP estava novamente em ascensão, após as perdas no mês de novembro anterior e a crise de Strasser. Apesar do mau estado das finanças partidárias, esforços não foram poupados para obter um bom resultado em Lippe. Durante quase duas semanas antes da eleição, marcada para 15 de janeiro, o estado foi saturado com propaganda nazista. Todos os figurões do partido foram mobilizados. Göring, Goebbels e Frick falaram. O próprio Hitler fez dezessete discursos em onze dias. Valeu a pena. O NSDAP obteve quase 6 mil votos a mais do que em novembro e aumentou sua participação nas urnas de 34,7 para 39,5%. O trem parecia estar em marcha novamente.

A posição de Hitler foi fortalecida, no entanto, menos pelo resultado em Lippe do que pelo crescente isolamento de Schleicher. Suas esperanças remanescentes, depositadas em Gregor Strasser e na obtenção de apoio das fileiras nazistas, praticamente evaporaram em meados de janeiro. Além disso, a Reichslandbun declarara guerra aberta ao seu governo porque ele se negava a aumentar os impostos de importação sobre produtos agrícolas. Schleicher sentia-se impotente diante dessa oposição, que tinha apoio não apenas do DNVP, mas também do NSDAP. Um acordo com os grandes produtores agrícolas significaria automaticamente a oposição de ambos os lados da indústria — patrões e sindicatos — bem como dos consumidores. As ofertas de Hugenberg de apoio do DNVP se Schleicher lhes desse os Ministérios da Economia e dos Alimentos estavam, portanto, fadadas a cair em ouvidos moucos. Em consequência, em 21 de janeiro o DNVP declarou sua oposição

total ao chanceler. As acusações estridentes de "bolchevismo" contra o governo, em virtude de seus planos de dividir as grandes propriedades falidas do leste em pequenos lotes para os desempregados, lembravam a campanha que ajudara a derrubar Brüning. A posição de Schleicher foi enfraquecida também pelo escândalo da *Osthilfe* (Ajuda ao Leste), que irrompeu em meados de janeiro. O lobby agrário ficou enfurecido porque o governo não abafara o caso. Dado que alguns amigos próximos de Hindenburg e colegas latifundiários estavam implicados, a ira dirigida a Schleicher podia ser transferida diretamente ao presidente do Reich. Para piorar as coisas, na esteira do escândalo foi revelado que a propriedade do próprio presidente em Neudeck — um presente que lhe fora dado pelo empresariado alemão cinco anos antes — havia sido registrada em nome de seu filho para evitar o imposto de transmissão, o que levou Hindenburg a considerar Schleicher responsável por permitir que seu nome fosse arrastado na lama.

Enquanto isso, servindo de intermediário, Ribbentrop marcava outro encontro entre Hitler e Papen, em 18 de janeiro. Acompanhado por Röhm e Himmler, Hitler — encorajado pelo sucesso em Lippe e pelas crescentes dificuldades de Schleicher — endureceu sua posição em relação às reuniões anteriores e exigiu expressamente a Chancelaria. Quando Papen objetou, alegando que sua influência junto a Hindenburg não era suficiente para conseguir isso, ele, como de costume, disse ao ex-chanceler que não via sentido em continuar as conversações. Ribbentrop sugeriu então que talvez valesse a pena falar com o filho de Hindenburg, Oskar. No dia seguinte, Ribbentrop levou sua sugestão adiante com Papen. O resultado foi uma reunião, marcada para o fim da noite de domingo, 22 de janeiro, na casa de Ribbentrop, à qual Oskar von Hindenburg e o secretário de Estado do presidente do Reich, Otto Meissner, concordaram em comparecer. Frick acompanhou Hitler. Göring uniu-se a eles mais tarde. Grande parte do encontro consistiu de uma discussão de duas horas entre Hitler e o filho do presidente. Hitler falou também com Papen, que lhe disse que o presidente não mudara de ideia a respeito de nomeá-lo chanceler, mas reconhecia que a situação mudara e que era necessário incorporar os nacional-socialistas ao governo atual ou futuro. Hitler foi inflexível. Deixou claro que a cooperação nazista só poderia ocorrer com ele na Chancelaria. Afora isso, insistiu apenas no Ministério do Interior do Reich para Frick e um outro cargo no gabinete para Göring. Essas reivindicações eram mais modestas — e assim

foram reconhecidas — do que aquelas apresentadas a Schleicher seis meses antes. Papen exigiu o cargo de vice-chanceler para si mesmo. Com base nisso, ele concordou em pressionar para que Hitler se tornasse chanceler — um avanço notável —, mas prometeu recuar se houvesse qualquer sinal de que não poderia contar com a confiança dele.

No dia seguinte, o chanceler Schleicher, consciente agora da ameaça à sua posição, informou o presidente do Reich que se podia esperar um voto de desconfiança contra o governo na atrasada reconvocação do Reichstag, em 31 de janeiro. Ele solicitou uma ordem de dissolução do Parlamento e de adiamento das novas eleições. Hindenburg concordou com a dissolução, mas rejeitou a violação do Artigo 25 da Constituição de Weimar, que seria acarretada por um adiamento indefinido do pleito eleitoral. Aquilo que estivera disposto a conceder a Papen cinco meses antes recusava agora a Schleicher.

Ao mesmo tempo, Hindenburg deixara pouco espaço de manobra para si mesmo. Rejeitara uma vez mais a ideia de entregar a Hitler a Chancelaria. Isso deixava como única saída o retorno do gabinete de Papen — sua solução preferida, mas que dificilmente resolveria a crise, e considerada com ceticismo até pelo próprio Papen. Enquanto os rumores em Berlim corriam, uma possível volta ao "gabinete de luta" de Papen, com um papel de destaque para Hugenberg, e uma declaração de estado de emergência eram vistas, por mais incrível que pareça agora, como mais preocupantes do que um gabinete liderado por Hitler. Os temores dessa eventualidade intensificaram-se muito depois que Schleicher, ao ver seu pedido de dissolução do Reichstag recusado por Hindenburg, apresentou sua renúncia e de todo o gabinete em 28 de janeiro. Horas depois, o presidente pediu a Papen que ele buscasse uma solução com base no marco constitucional e com o apoio do Reichstag. Segundo o relato do próprio Papen, Hindenburg pediu-lhe para sondar a possibilidade de um gabinete liderado por Hitler. Papen disse a Ribbentrop que Hitler deveria ser contatado sem demora. Chegava-se a um ponto crucial. Depois de sua conversa com Hindenburg, Papen julgava agora que Hitler na Chancelaria era uma possibilidade.

À essa altura dos acontecimentos, Papen passara à aceitação plena de um governo liderado por Hitler. A única questão era assegurar que ele fosse contido por conservadores "confiáveis" e "responsáveis". Após a renúncia do gabinete de

Schleicher, no dia 28, Papen teve reuniões com Hugenberg e Hitler. Hugenberg concordou que um gabinete comandado por Hitler era a única saída pela frente, mas enfatizou a importância de limitar seu poder. Exigiu para si mesmo os Ministérios da Economia do Reich e da Prússia como preço pelo apoio do DNVP. Hitler, evidentemente, recusou — como fizera em agosto — a ideia de um governo dependente de uma maioria parlamentar e insistiu na chefia de um gabinete presidencial com os mesmos direitos que haviam sido concedidos a Papen e Schleicher. Reiterou sua disposição de incluir os membros dos gabinetes anteriores que o presidente preferisse, desde que pudesse ser chanceler e comissário para a Prússia e que membros de seu partido fossem nomeados para os Ministérios do Interior do Reich e da Prússia. As exigências de poderes extensos na Prússia causaram problemas. Ribbentrop e Göring tentaram persuadir Hitler a concordar com menos. Por fim, "de má vontade", nas palavras de Papen, ele aceitou que os poderes do comissário do Reich para a Prússia permanecessem com Papen, na qualidade de vice-chanceler.

Enquanto isso, Papen fizera sondagens por telefone com vários ex-membros do gabinete, conservadores respeitados por Hindenburg. Todos responderam que estariam dispostos a trabalhar num gabinete de Hitler, com Papen na vice-chancelaria, mas não num "gabinete de luta" Papen-Hugenberg. Quando Papen contou isso a Hindenburg, no fim da noite de 28 de janeiro, ele ficou impressionado. Pela primeira vez, o presidente do Reich era receptivo a um gabinete liderado por Hitler. O impasse estava rompido.

Hindenburg e Papen discutiram a composição do gabinete. O presidente ficou satisfeito com a permanência do barão Konstantin von Neurath, homem de sua confiança, no Ministério do Exterior. Ele queria alguém igualmente íntegro no Ministério da Defesa, após a saída de Schleicher. Sua sugestão era o general Von Blomberg, o comandante do Exército na Prússia Oriental e, na ocasião, assessor técnico da delegação alemã na Conferência sobre Desarmamento, em Genebra. Hindenburg julgava-o muito confiável e "completamente apolítico". Na manhã seguinte, o general recebeu ordens de voltar a Berlim.

Papen deu continuidade à intermediação na manhã de 29 de janeiro, em discussões com Hitler e Göring, quando chegaram a um acordo sobre a composição do gabinete. Todos os cargos, exceto dois (além da Chancelaria),

seriam ocupados por conservadores, não por nazistas. Neurath (Exterior), Schwerin von Krosigk (Finanças) e Eltz-Rübenach (Correios e Transportes) haviam sido membros do gabinete Schleicher. O titular do Ministério da Justiça foi deixado momentaneamente em aberto. Frick foi indicado por Hitler para ser ministro do Interior do Reich. A compensação pela concessão feita ao posto de Comissário do Reich para a Prússia foi a aceitação, por Papen, de que Göring seria seu vice no Ministério do Interior da Prússia. Essa designação-chave dava efetivamente aos nazistas o controle da polícia no estado alemão que abrangia dois terços do território do Reich. Ainda não havia um lugar para Goebbels num Ministério da Propaganda, que fazia parte das expectativas nazistas do verão anterior. Mas Hitler assegurou-lhe que seu ministério o esperava. Tratava-se de uma simples questão de tática, necessária para uma solução temporária. Além disso, Hitler precisava de Goebbels para a campanha eleitoral, a qual, insistia, deveria ocorrer após sua nomeação para a Chancelaria.

Papen manteve conversações no mesmo dia com Hugenberg e com Seldte e Duesterberg, os líderes da Stahlheim. Hugenberg fez objeções à exigência nazista de novas eleições, com as quais seu partido não tinha nada a ganhar. Mas, tentado pela oferta do poderoso Ministério da Economia, que cobiçava havia muito tempo, ofereceu provisoriamente sua cooperação. Pouco depois, quando o vice-líder da Stahlhelm, Theodor Duesterberg, advertiu-o das consequências de confiar a Chancelaria a alguém tão desonesto quanto Hitler, Hugenberg rejeitou as objeções. Nada poderia acontecer. Hindenburg continuaria a ser o presidente do Reich e comandante supremo das Forças Armadas; Papen seria vice-chanceler; ele mesmo teria o controle de toda a esfera econômica, inclusive da agricultura; Seldte (o líder da Stahlhelm) estaria à frente do Ministério do Trabalho. "Estamos cercando Hitler", concluiu. Duesterberg retrucou sombriamente que Hugenberg se veria, uma noite, fugindo de cuecas pelos jardins ministeriais para não ser preso.

Alguns amigos conservadores de Papen também manifestaram profunda preocupação com a perspectiva de um gabinete de Hitler. Papen lhes disse que não havia alternativa dentro dos limites constitucionais. Para alguém que o advertiu que estava se colocando nas mãos de Hitler, Papen respondeu: "Você se engana. Nós o empregamos".

Um último problema precisava ser resolvido. Em uma reunião com Papen,

Hitler insistiu em promover novas eleições, às quais se seguiria a proposição de uma lei que lhe conferisse poderes excepcionais. Para Hitler, isso era vital para que ele pudesse governar sem depender do Reichstag ou do apoio presidencial para decretos de emergência. Mas a composição do Reichstag não oferecia esperanças de que uma lei desse tipo fosse aprovada. Como resposta, Papen informou, via Ribbentrop, que Hindenburg era contra a realização de novas eleições. Hitler, então, pediu a Ribbentrop que informasse o presidente que não haveria mais eleições depois dessas. Na tarde de 29 de janeiro, Papen estava em condições de dizer a Göring e Ribbentrop que tudo estava resolvido. "Tudo perfeito", informou Göring ao Kaiserhof. Hitler era esperado pelo presidente às onze horas da manhã seguinte para ser investido do cargo de chanceler.

Pouco antes de o novo gabinete entrar nas salas do presidente do Reich, finalmente foi acordado que seria pedida a ordem de dissolução que Hitler tanto queria. Por fim, pouco depois do meio-dia, os membros do gabinete de Hitler se reuniram nas salas do presidente. Hindenburg fez um breve discurso de recepção, manifestando satisfação de que a direita nacionalista tivesse por fim se unido. Papen fez então as apresentações formais. Hindenburg aprovou com a cabeça quando Hitler jurou solenemente levar a cabo suas obrigações sem interesses partidários e para o bem de toda a nação. Também deu sinais de apreciar os sentimentos expressos pelo novo chanceler do Reich, que, inesperadamente, fez um discurso curto em que enfatizava seus esforços para defender a Constituição, respeitar os direitos do presidente e, após a próxima eleição, retornar ao regime parlamentar normal. Hitler e seus ministros esperaram uma resposta do presidente do Reich. Ela veio, mas numa única frase: "E agora, cavalheiros, adiante com Deus".

V

“Hitler é chanceler do Reich. É como se fosse um conto de fadas”, anotou Goebbels. Com efeito, o extraordinário acontecera. O que poucos, além dos nazistas fanáticos, julgavam possível havia menos de um ano se tornara realidade. Contra todas as probabilidades, a obstinação agressiva de Hitler — consequência da falta de alternativas — dera resultado. O que ele fora incapaz de realizar por si mesmo, seus “amigos” nos altos escalões realizaram por ele. O “ninguém de Viena”, o “soldado desconhecido”, o demagogo de cervejaria, o líder daquilo que durante anos não passava de um partido lunático marginal, um homem sem credenciais para dirigir uma sofisticada máquina estatal — sendo praticamente sua única qualificação a capacidade de arregimentar o apoio das massas nacionalistas cujos instintos básicos tinha um talento incomum para provocar — recebera em suas mãos o governo de um dos principais países da Europa. Suas intenções estavam claras havia muitos anos. Apesar de suas declarações sobre seguir o caminho legal até o poder, cabeças iriam rolar, ele havia dito. O marxismo seria erradicado, ele havia dito. Os judeus seriam “removidos”, ele havia dito. A Alemanha reconstruiria o vigor de suas Forças Armadas, destruiria os grilhões de Versalhes, conquistaria “pela espada” a terra que precisava para seu “espaço vital”, ele havia dito. Uns poucos levavam a sério suas palavras e achavam que ele era perigoso. Mas muitíssimo mais gente, da direita à esquerda do espectro político — conservadores, liberais, socialistas, comunistas —, subestimou suas intenções e instintos inescrupulosos de poder, ao mesmo tempo que desdenhou de suas capacidades. A subestimação da esquerda, ao menos, não foi responsável por sua ascensão ao poder. Socialistas, comunistas e sindicatos foram todos pouco mais do que espectadores, com sua capacidade para influenciar os eventos castrada desde 1930. Foi a cegueira da direita conservadora para os perigos tão evidentes — resultado de sua determinação de eliminar a democracia e destruir o socialismo, e o consequente impasse governamental cujo desenvolvimento havia permitido — que entregou o poder de um Estado-nação contendo toda a agressão acumulada de um gigante ferido nas mãos do perigoso líder de uma quadrilha de gângsteres políticos.

Não havia nenhuma inevitabilidade na ascensão de Hitler ao poder. Se Hindenburg estivesse disposto a conceder a Schleicher a dissolução com que

concordara de forma tão fácil no caso de Papen e a suspender o Reichstag por um período que ultrapassasse os sessenta dias constitucionais, a presença de Hitler na Chancelaria talvez tivesse sido evitada. Com o ponto crítico da Depressão econômica sendo superado e com o movimento nazista enfrentando um possível rompimento se não chegasse logo ao poder, o futuro — mesmo sob um governo autoritário — teria sido muito diferente. A ascensão de Hitler de um começo humilde até a "tomada" do poder pelo "triunfo da vontade" era a matéria de que era feita a lenda nazista. Na verdade, mais do que qualquer ação de parte do líder nazista, foram os erros de cálculo político daqueles que tinham acesso habitual aos corredores do poder que desempenharam um papel maior na sua designação para o cargo de chanceler.

Seu caminho deveria ter sido bloqueado muito antes do drama final de janeiro de 1933. A oportunidade mais clara foi perdida quando não lhe impuseram uma sentença mais pesada após o fracasso do putsch de 1923 e, para piorar as coisas, quando o libertaram condicionalmente meses depois, permitindo-lhe um novo começo. Mas esses erros de cálculo, que abriram a possibilidade de que Hitler assumisse a Chancelaria, não foram atos aleatórios. Foram erros de uma classe política decidida a causar danos à nova, detestada ou, na melhor das hipóteses, tolerada república democrática — ou, ao menos, a fazer somente as tentativas mais débeis de defendê-la. Foi antes a ansiedade de destruir a democracia do que a disposição de entregar o poder aos nazistas que provocou os eventos complexos que conduziram Hitler à Chancelaria.

A democracia rendeu-se sem luta. Foi esse o caso, de forma muito especial, quando do colapso da grande coalizão em 1930. Foi novamente o caso — por mais inútil que pudesse ter sido a oposição — quando da falta de resistência ao golpe de Papen contra a Prússia, em julho de 1932. Ambos os eventos revelavam a fragilidade da base democrática. E uma das causas principais disso era o fato de que grupos poderosos jamais se reconciliaram com a democracia e agiam para derrubá-la. Durante a Depressão, a democracia foi menos rendida do que deliberadamente solapada por grupos de elite que serviam a seus próprios fins. Não se tratava de remanescentes da velha indústria, mas — por mais reacionários que fossem seus objetivos políticos — de lobbies modernos que trabalhavam em defesa de seus interesses adquiridos num sistema autoritário. No drama final, o setor agrário e o

Exército foram mais influentes do que o grande empresariado nas manobras que levaram Hitler ao poder. Mas o grande empresariado, politicamente míope e voltado apenas para seus interesses, também contribuiu de forma significativa para o enfraquecimento da democracia, que foi o prelúdio necessário para o sucesso de Hitler.

As massas também desempenharam seu papel na queda da democracia. As circunstâncias nunca haviam sido menos propícias ao estabelecimento de uma democracia bem-sucedida do que na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Já em 1920, os partidos que mais a defendiam receberam uma minoria dos votos. A democracia mal sobreviveu a seu parto, pois grandes parcelas do eleitorado se opunham radicalmente a ela. Se a grande Depressão não a tivesse afastado da rota por completo, quem pode dizer que ela não teria se assentado e consolidado? Mas a democracia estava longe de um estado saudável quando a Depressão atingiu a Alemanha. E, no decorrer da crise, as massas desertaram dela aos borbotões. Em 1932, os únicos defensores da democracia eram os enfraquecidos social-democratas (e até mesmo muitos deles haviam perdido o entusiasmo), alguns setores do Zentrum (que se inclinara fortemente para a direita) e um punhado de liberais. A república estava morta. Ainda em aberto estava o tipo de sistema autoritário que a substituiria.

Os grupos dominantes não tinham o apoio de massa para maximizar sua ascendência e destruir de uma vez por todas o poder dos trabalhadores organizados. Hitler foi trazido a fim de fazer esse trabalho para eles. Que ele pudesse fazer mais do que isso, que pudesse durar mais do que todas as previsões e expandir seu poder imensamente às expensas deles eram hipóteses que, ou não lhes havia ocorrido, ou foram consideradas muito improváveis. A subestimação de Hitler e de seu movimento pelos articuladores do poder foi o leitmotiv das intrigas que o alçaram ao posto de chanceler.

As mentalidades que condicionavam o comportamento das elites e das massas, e que tornaram possível a ascensão de Hitler, eram produto de tendências da cultura política claramente reconhecíveis nos vinte anos anteriores à Primeira Guerra Mundial. Ainda assim, Hitler não era o resultado inexorável de uma "linha de conduta especial" alemã, uma culminação lógica de tendências de longo prazo numa cultura e numa ideologia especificamente alemãs.

Tampouco foi um mero “acidente” no curso da história da Alemanha. Sem as condições peculiares em que chegou à proeminência, ele não teria sido nada. É difícil imaginá-lo subindo ao palco da história em qualquer outra época. Privado das condições daquele momento, seu estilo e seu tipo de retórica não seriam atraentes. O impacto da guerra, da revolução e da humilhação nacional sobre o povo alemão, e o medo agudo do bolchevismo compartilhado por amplos setores da população deram a Hitler sua plataforma. Ele explorou as condições brilhantemente. Mais do que qualquer outro político de sua época, ele foi o porta-voz dos temores, ressentimentos e preconceitos intensos da gente comum não atraída pelos partidos de esquerda ou ligada aos partidos políticos ortodoxos, e ofereceu a essas pessoas a perspectiva de uma sociedade nova, melhor, e que parecia se basear em “verdadeiros” valores alemães com os quais podiam se identificar. A visão do futuro ia de mãos dadas com a denúncia do passado na atração que Hitler exercia. O colapso total da confiança num sistema estatal baseado numa política partidária e numa administração burocrática desacreditadas levou mais de um terço da população a depositar sua confiança e suas esperanças na política da redenção nacional. O culto da personalidade cuidadosamente alimentado em torno de Hitler transformou-o na encarnação dessas esperanças.

Para aqueles que não compartilhavam o delírio das hordas da SA que marcharam em comemoração através do Portão de Brandemburgo, na noite de 30 de janeiro de 1933, o que o futuro reservava era, na melhor das hipóteses, incerto. “Um salto no escuro”, foi como um jornal católico descreveu a designação de Hitler para a Chancelaria.

Muitos judeus e adversários políticos dos nazistas passaram a temer por seu bem-estar — e até mesmo por suas vidas. Alguns fizeram planos apressados para deixar o país. Havia aqueles, não somente na esquerda derrotada, que previam um desastre. Mas outros abandonaram rapidamente seus maus presságios iniciais, convencendo-se de que Hitler e os nazistas tinham poucas perspectivas de governar por muito tempo. Sebastian Haffner, na época um jovem advogado berlinense e mais tarde — depois de deixar um país cujo governo não podia tolerar mais — jornalista e escritor eminente, resumiu suas opiniões de então: “Não. Tudo considerado, esse governo não era motivo de preocupação. Era apenas uma questão do que viria depois dele e, talvez, o medo de que conduzisse à guerra civil”. A maior parte da

imprensa séria, acrescentou, adotou a mesma linha de pensamento no dia seguinte.

A verdade é que poucos previram que as coisas viriam a ser tão diferentes.

10. A fabricação do ditador

I

> Hitler é chanceler do Reich! E que gabinete! Um com o qual não ousávamos sonhar em julho. Hitler, Hugenberg, Seldte, Papen!!! Uma grande parte das minhas esperanças alemãs está ligada a cada um deles. Impulso nacional-socialista, razão nacional alemã, a não política Stahlhelm e — não esquecido por nós — Papen. É tão maravilhoso. [...] Que façanha de Hindenburg!

Essa foi a reação extasiada de uma professora primária de Hamburgo, Louise Solmitz, diante da dramática notícia da designação de Hitler para a Chancelaria, em 30 de janeiro de 1933. Tal como tanta gente de classe média e formação nacional-conservadora que se aproximara de Hitler, ela hesitara no outono anterior, quando achou que ele estava cedendo às influências socialistas radicais do partido. Agora que ele estava no cargo, mas cercado por defensores de confiança da direita conservadora, chefiando um governo de "concentração nacional", a alegria dela não tinha limites. A renovação nacional pela qual ansiava havia tanto tempo podia começar agora. Muita gente de fora das fileiras dos nazistas intransigentes e que investira suas esperanças e ideais no gabinete de Hitler se sentia da mesma maneira.

Mas milhões não compartilhavam desse sentimento. Medo, ansiedade, alarme, hostilidade implacável, otimismo ilusório quanto ao fim precoce do regime e desafio destemido misturavam-se com apatia, ceticismo, condescendência em relação à presumível incapacidade do novo chanceler e seus colegas nazistas no gabinete — e também indiferença.

As reações variavam conforme as concepções políticas e a disposição pessoal. Ao

lado de esperanças equivocadas da esquerda na força e na unidade do movimento operário estava o erro crasso de entender Hitler como não mais do que o boneco dos "verdadeiros" donos do poder, as forças do grande capital, representadas por seus amigos no gabinete. Influenciada por anos de advertências do clero, a população católica estava apreensiva e insegura. Entre os muitos frequentadores das igrejas protestantes, predominava o otimismo de que a renovação nacional trouxesse com ela uma revitalização moral interior. Muitas pessoas comuns, depois do que haviam sofrido com a Depressão, ficaram simplesmente apáticas diante da notícia de que Hitler era o novo chanceler. Os habitantes da Alemanha provincial que não eram fanáticos nazistas ou oponentes comprometidos com frequência deram de ombros e continuaram sua vida, duvidando de que mais uma mudança de governo pudesse trazer alguma melhoria. Alguns achavam que Hitler duraria menos do que Schleicher no cargo e que sua popularidade despencaria assim que a desilusão chegasse por conta do não cumprimento das promessas nazistas. Mas os críticos perceptivos de Hitler foram capazes de ver que ele, agora que gozava do prestígio da Chancelaria, poderia superar rapidamente boa parte do ceticismo e obter grande apoio se resolvesse o desemprego em massa — coisa que nenhum de seus antecessores chegara perto de conseguir.

Para os próprios nazistas, evidentemente, 30 de janeiro de 1933 era o dia com que haviam sonhado, o triunfo pelo qual haviam lutado, a abertura das portas para o admirável mundo novo — e o início do que muitos esperavam ser oportunidade de prosperidade, progresso e poder. Multidões vibrantes acompanharam Hitler em seu caminho de volta ao Kaiserhof depois de seu encontro com Hindenburg. Às 19 horas, Goebbels já havia improvisado uma procissão de membros da SA e da SS portando tochas pelo centro de Berlim que durou até depois da meia-noite. Ele não perdeu tempo em explorar as instalações agora disponíveis da rádio estatal para fazer um comentário excitante. Alegou que 1 milhão de homens haviam participado. A imprensa nazista cortou esse número pela metade. O embaixador britânico estimou um número máximo em torno de 50 mil. Seu adido militar achou que eram cerca de 15 mil. Qualquer que fosse o número, o espetáculo foi inesquecível — estimulante e embriagador para os adeptos do nazismo, ameaçador para os que, no país e no exterior, temiam as consequências de Hitler no poder.

O poder não foi "tomado", como a mitologia nazista afirmava. Foi entregue a

Hitler, designado chanceler pelo presidente do Reich da mesma maneira que seus predecessores imediatos. Ainda assim, as ovações orquestradas, que punham o próprio Hitler e outros chefes do partido em estado de êxtase, indicavam que não se tratava de uma transferência comum de poder. E aqueles que não haviam compreendido ou interpretado bem a natureza momentosa dos eventos daquele dia se dariam conta, quase da noite para o dia, de quão errados estavam. Após 30 de janeiro de 1933, a Alemanha jamais seria a mesma.

Aquele dia histórico foi um fim e um começo. Ele caracterizou o fim não lamentado da República de Weimar e o ponto culminante da abrangente crise do Estado que provocara sua extinção. Ao mesmo tempo, a nomeação de Hitler para a Chancelaria marcou o início de um processo que levaria ao abismo da guerra e do genocídio e provocaria a destruição do Estado-nação da Alemanha. Ele significou o começo daquele espantosamente rápido abandono de restrições ao comportamento desumano, o que desaguou em Auschwitz, Treblinka, Sobibor, Majdanek e outros campos de extermínio cujos nomes são sinônimo do horror do nazismo.

O notável dos transtornos sísmicos de 1933-4 é o quão pouco o novo chanceler precisou para ampliar e consolidar seu poder, e não o contrário. Enquanto Hindenburg esteve vivo, havia uma fonte potencial de lealdade rival, especialmente para o Exército. Mas, no verão de 1934, quando Hitler combinou a chefia do Estado com a liderança do governo, seu poder já havia se despojado das restrições formais a seu uso. E então o culto da personalidade construído em torno de Hitler já atingira novos graus de idolatria e fazia milhões de novos adeptos, à medida que o "chanceler do povo" — como a propaganda o havia definido — passava a ser visto como um líder nacional e não meramente partidário. O desdém e a aversão por um sistema parlamentarista percebido em geral como um grande fracasso resultaram numa disposição para confiar o controle monopólico do Estado a um líder que alegava ter um senso incomparável de missão, e que foi investido por sua massa de seguidores de qualidades heroicas, quase messiânicas. As formas convencionais de governo eram, em consequência, cada vez mais expostas às incursões arbitrárias do poder personalizado. Era uma receita para o desastre.

II

De início, houve poucos indícios disso. Consciente de que sua posição não era segura e disposto a não afastar seus parceiros de coalizão no governo de "concentração nacional", Hitler foi cauteloso nas reuniões do gabinete, aberto a sugestões, mostrou-se pronto a aceitar conselhos — em especial em questões complexas de finanças e política econômica — e não desdenhou de pontos de vista opostos. O quadro só começou a mudar em abril ou maio. Nas primeiras semanas, o ministro das Finanças Schwerin von Krosigk, que se encontrara com Hitler pela primeira vez quando o gabinete fora empossado, em 30 de janeiro, não foi o único a julgá-lo "polido e calmo" na condução dos negócios do governo, bem informado, apoiado por uma boa memória e capaz de "captar o essencial de um problema", resumir longas deliberações e dar uma nova direção a questões difíceis.

O gabinete de Hitler reuniu-se pela primeira vez às cinco da tarde de 30 de janeiro de 1933. O chanceler do Reich começou destacando que milhões saudavam com alegria o gabinete agora formado sob sua liderança e pediu apoio a seus colegas. O gabinete discutiu então a situação política. Hitler comentou que o adiamento da reconvocação do Reichstag — marcada para 31 de janeiro, depois de um intervalo de dois meses — não seria possível sem o apoio do Zentrum. Uma maioria no Reichstag poderia ser obtida com a proibição do Partido Comunista (KPD), mas isso se mostraria impraticável e talvez provocasse uma greve geral. Ele estava ansioso para evitar qualquer envolvimento da Reichswehr na repressão desse tipo de greve — comentário recebido favoravelmente pelo ministro da Defesa, Blomberg. A melhor esperança, continuou Hitler, era dissolver o Reichstag e conquistar uma maioria para o governo em novas eleições. Somente Hugenberg, tão sem vontade de confiar no Zentrum quanto Hitler, mas também consciente de que novas eleições provavelmente favoreceriam o NSDAP, falou a favor do banimento do KPD a fim de abrir caminho para a aprovação de uma lei de concessão de poderes excepcionais. Ele duvidava que ocorresse uma greve geral. E ficou mais tranquilo quando Hitler garantiu que o gabinete permaneceria o mesmo após a eleição. Papen era a favor de propor imediatamente uma lei de autorização e reconsiderar a posição se ela fosse rejeitada pelo Reichstag. Outros ministros, prevendo nenhuma promessa de apoio do Zentrum, preferiam novas eleições à

ameaça de uma greve geral. A reunião foi suspensa sem decisões firmes. Mas Hitler já havia levado a melhor sobre Hugenberg e obtido apoio para o que desejava: a dissolução mais breve possível do Reichstag e novas eleições.

Na noite seguinte, Hindenburg foi persuadido a conceder a Hitler o que havia recusado a Schleicher apenas quatro dias antes: a dissolução do Parlamento. Hitler argumentou, sustentado por Papen e Meissner, que o povo deveria ter a chance de confirmar seu apoio ao novo governo. Embora pudesse obter maioria no Reichstag atual, novas eleições produziriam uma maioria mais forte, que, por sua vez, possibilitaria a aprovação de uma lei autorizando poderes excepcionais, dando uma plataforma para as medidas que trariam a recuperação. Como a dissolução não obedecia ao espírito da Constituição, as eleições foram transformadas em consequência, não em causa da formação de um governo. O Reichstag nem tivera chance de demonstrar sua confiança (ou falta dela) no novo governo: uma decisão de competência do Parlamento seria submetida diretamente ao povo. Já era um passo na direção da aclamação por plebiscito.

A aposta inicial de Hitler não ia além de novas eleições, seguidas de uma lei lhe concedendo maiores poderes. Seus parceiros conservadores, tão dispostos a acabar com o parlamentarismo e eliminar os partidos marxistas, foram manipulados por ele. Na manhã de 1o de fevereiro, ele contou ao gabinete sobre a concordância de Hindenburg em dissolver o Reichstag. As eleições foram marcadas para 5 de março. O chanceler do Reich forneceu pessoalmente o slogan do governo: "Ataque ao marxismo". Naquela noite, com o gabinete atrás dele em sua sala na Chancelaria do Reich, usando um terno escuro com gravata preta e branca, suando de nervosismo e falando — insolitamente — em tom monótono e lento, Hitler dirigiu-se ao povo alemão pela primeira vez pelo rádio. O "Apelo do governo do Reich ao povo alemão" que leu estava cheio de retórica e vazio de conteúdo: era antes o primeiro lance de propaganda da campanha eleitoral do que um programa declarado de medidas políticas. Cheio de emoção, Hitler apelou em nome do governo para que o povo superasse as divisões de classe e assinasse ao lado do governo uma lei de reconciliação para permitir o ressurgimento da Alemanha. "Os partidos do marxismo e aqueles que os acompanham tiveram catorze anos para ver o que poderiam fazer. O resultado é um monte de ruínas. Agora, povo alemão, deem-nos quatro anos e depois nos julguem e sentenciem", declarou. E terminou, como fazia

com frequência nos grandes discursos, em termos pseudor-religiosos, com um apelo ao Todo-Poderoso para que abençoasse o trabalho do governo. Com isso, a campanha eleitoral começava. Seria uma campanha diferente das anteriores, com o governo — já gozando de amplo apoio — separando-se claramente de tudo o que lhe precedera na República de Weimar.

Perto do fim de sua proclamação, Hitler posou pela primeira vez de homem de paz e declarou, apesar do amor pelo Exército como portador das armas e símbolo do grande passado alemão, que o governo ficaria feliz "se, por meio de uma restrição de seus armamentos, o mundo tornasse um aumento no número de nossas armas nunca mais necessário". Seu tom, todavia, quando convidado por Blomberg a falar aos líderes militares reunidos na casa do chefe do Exército, general barão Kurt von Hammerstein-Equord, na noite de 3 de fevereiro, foi totalmente diverso.

A atmosfera era fria e muitos oficiais mostravam uma atitude de reserva quando Hitler começou seu longo discurso. Mas o que ele disse não podia deixar de ser atraente. O desenvolvimento das Forças Armadas era a premissa mais importante para o objetivo central de recuperar o poder político. Era preciso trazer de volta o recrutamento geral. Antes disso, a liderança do Estado tinha de cuidar para que todos os traços de pacifismo, marxismo e bolchevismo fossem erradicados daqueles elegíveis para o serviço militar. As Forças Armadas — a instituição mais importante do Estado — deviam manter-se fora da política e acima dos partidos. A luta interna não era preocupação dela e podia ser deixada para as organizações do movimento nazista. As preparações para a ampliação das Forças Armadas tinham de ocorrer sem demora. Esse período era o mais perigoso, e Hitler insistiu na possibilidade de um ataque preventivo da França, provavelmente apoiada por seus aliados do leste. "Como deve ser usado o poder político, depois de conquistado?", perguntou. Ainda era cedo para dizer. Talvez a obtenção de novas possibilidades de exportação devesse ser a meta, insinuou. Mas como, desde o início do discurso, ele já descartara o aumento das exportações como solução para os problemas da Alemanha, isso não podia ser entendido por sua plateia como a sugestão preferida. "Talvez — e provavelmente melhor — a conquista de novo espaço vital no leste e sua germanização implacável" fosse a melhor alternativa. Os oficiais presentes não podiam ter dúvidas de que essa era a vontade de Hitler.

O único propósito da visita de Hitler à casa de Hammerstein fora cortejar os oficiais e garantir o apoio do Exército. Foi muito bem-sucedido nisso. Não houve oposição ao que ele disse. E muitos presentes, como o almirante Erich Raeder comentou depois, acharam o discurso de Hitler "extraordinariamente satisfatório". Nenhuma surpresa nisso. Por mais que desdenhassem do arrivista social vulgar, a perspectiva que ele defendia, de restaurar o poder do Exército como base para o expansionismo e a dominação alemã, estava de acordo com as metas estabelecidas pela liderança militar até mesmo nos dias que consideraram negros da "política de cumprimento" de meados da década de 1920.

O homem forte no ministério de Blomberg, seu chefe de gabinete ministerial, coronel Walther von Reichenau — brilhante, ambicioso, "progressista" em seu desprezo pelo conservadorismo das classes aristocrática e burguesa, e simpatizante havia muito tempo do nacional-socialismo —, estava certo de como o Exército deveria reagir ao que Hitler oferecia. "É preciso reconhecer que estamos numa revolução", observou. "O que está podre no Estado tem de desaparecer, e isso só pode acontecer por meio do terror. O partido agirá implacavelmente contra o marxismo. A tarefa das Forças Armadas: descansar. Nenhum apoio, se os perseguidos buscarem refúgio junto às tropas." Embora, em sua maioria, não fossem tão ativamente simpáticos ao nacional-socialismo quanto Reichenau, os líderes do Exército que haviam bloqueado pela força a tentativa de Hitler tomar o poder, em 1923, colocavam agora, dias depois de sua nomeação para a Chancelaria, a instituição mais poderosa do Estado a seu dispor.

De sua parte, Hitler não perdeu tempo em deixar claro para o gabinete que os gastos militares deviam ter absoluta prioridade. Em 8 de fevereiro, durante uma discussão sobre as implicações financeiras da construção de uma represa na Alta Silésia, ele interveio para dizer aos colegas de gabinete que "os próximos cinco anos devem ser devotados à restauração da capacidade de defesa do povo alemão". Cada projeto de criação de emprego financiado pelo Estado deveria ser julgado tendo em vista sua necessidade para esse fim. "Essa ideia deve sempre e em todos os lugares ser posta em primeiro plano."

Essas primeiras reuniões, ocorridas poucos dias depois da designação de Hitler para a Chancelaria, foram cruciais para determinar a primazia do rearmamento. Foram também típicas do modo como Hitler agia e de como seu poder era

exercido. Blomberg e a liderança da Reichswehr estavam ávidos por lucrar com a abordagem radicalmente diferente do novo chanceler no que dizia respeito aos gastos com armamentos, mas havia limitações práticas — financeiras, organizacionais e, não menos importantes, as referentes às restrições internacionais enquanto prosseguiam as conversações sobre desarmamento — impedindo que os primeiros estágios do rearmamento avançassem com a rapidez que Hitler desejava. Mas, enquanto Blomberg se contentava em trabalhar pela expansão dentro do reino do possível, Hitler pensava em dimensões diferentes e, de início, bastante irrealistas. Não oferecia medidas concretas. Mas sua afirmação dogmática da primazia absoluta do rearmamento, que não sofreu oposição ou contestação de nenhum ministro, estabeleceu novas bases de ação. Em março, quando Hjalmar Schacht substituiu Hans Luther na presidência do Reichbank, Hitler encontrou a pessoa que precisava para planejar e organizar o financiamento secreto e ilimitado do rearmamento. O orçamento da Reichswehr costumava ser, em média, de 700-800 milhões de marcos por ano; Schacht, por meio do esquema dos títulos Mefo — um desconto disfarçado de títulos do governo pelo Reichsbank —, logo pôde garantir à Reichswehr a quantia fantástica de 35 bilhões de marcos num período de oito anos.

Com esse apoio, após um início lento, o programa de rearmamento disparou em 1934. A decisão de dar a ele prioridade absoluta foi a base do pacto, fundado no benefício mútuo, entre Hitler e o Exército, o qual, embora frequentemente instável, foi um alicerce fundamental do Terceiro Reich. Hitler estabeleceu os parâmetros em fevereiro de 1933, mas eles não eram mais do que a expressão do acordo que fizera com Blomberg ao se tornar chanceler. A nova política foi possível porque Hitler se ligara aos interesses da instituição mais poderosa do país. De sua parte, os líderes militares tinham seus interesses atendidos porque se ligaram, a seus olhos, a um homem-frente que poderia nacionalizar as massas e devolver ao Exército sua devida posição de poder dentro do Estado. Mas eles não imaginaram que, em cinco anos, a tradicional elite de poder do corpo de oficiais seria transformada em mera elite funcional, a serviço de um chefe político que a levaria para um território desconhecido.

III

Nas primeiras semanas de seu governo, Hitler tomou medidas para obter o apoio não apenas dos "grandes batalhões" da liderança militar como também das principais organizações dos líderes econômicos. Os terratenentes precisavam de pouca persuasão. Sua principal organização, a Liga Agrária do Reich (Reichslandbund) — dominada por latifundiários do leste do Elba —, era fortemente pró-nazista antes de Hitler assumir a Chancelaria. Hitler deixou a política agrária, em seu estágio inicial, para seu parceiro de coalizão Hugenberg. As primeiras medidas — tomadas em fevereiro para defender os donos de terras endividados contra os credores e proteger os produtos agrícolas com tributos sobre a importação mais altos e suporte aos preços dos grãos — garantiram que o setor agrário não ficasse desapontado. Com Hugenberg no Ministério da Economia, parecia certo que seus interesses seriam bem cuidados.

O ceticismo, as dúvidas e os receios iniciais da maioria dos líderes empresariais em relação à ascensão de Hitler à Chancelaria não se dissiparam de imediato. Ainda havia uma considerável inquietação na comunidade dos negócios quando Gustav Krupp von Bohlen und Halbach — chefe da poderosa companhia de ferro e aço Krupp e presidente da Associação da Indústria Alemã — e outros industriais importantes foram convidados para uma reunião na residência oficial de Göring, em 20 de fevereiro, na qual Hitler delinearia sua política econômica. Krupp, até então crítico de Hitler, foi para o encontro preparado, como fizera em reuniões com chanceleres anteriores, para falar em nome da indústria. Em particular, pretendia enfatizar a necessidade de um crescimento comandado pelas exportações e destacar as consequências danosas do protecionismo em favor da agricultura. Na ocasião, não pôde dizer nada. Os empresários tiveram de esperar por Göring e ainda mais até Hitler aparecer. Receberam então o tratamento clássico do monólogo hitleriano. Num discurso de hora e meia, ele mal tocou em questões econômicas. Aplacou sua plateia, como fizera em outras oportunidades, defendendo a propriedade privada e a empresa individual e negando os rumores de que planejava fazer experiências radicais na economia. O resto foi, em larga medida, uma reafirmação de suas opiniões sobre a subordinação da economia à política, a necessidade de erradicar o marxismo, restaurar a força e a unidade

internas e, desse modo, ficar em posição de enfrentar os inimigos externos. A próxima eleição marcaria uma chance final de rejeitar o comunismo nas urnas. Se isso não acontecesse — sugeriu sombriamente —, usaria a força. Era uma luta de morte entre a nação e o comunismo, uma luta que decidiria o destino da Alemanha para o século seguinte. Quando terminou, Krupp não se sentiu em condições de fazer seu discurso preparado. Apenas improvisou algumas palavras de agradecimento e acrescentou algumas observações gerais sobre um Estado forte servindo ao bem-estar do país. Nessa altura, Hitler foi embora.

A agenda oculta da reunião ficou clara depois que Göring começou a falar. Repetiu as garantias de Hitler de que os industriais não precisavam temer experimentos econômicos e que o equilíbrio do poder não seria alterado pela eleição que estava por vir — que talvez fosse a última em cem anos. Mas, não obstante, a eleição era crucial. E aqueles que não estavam na frente da batalha política tinham a responsabilidade de fazer sacrifícios financeiros. Depois que Göring também se retirou, Schacht solicitou aos presentes que fizessem uma visita ao caixa. Três milhões de marcos foram prometidos e entregues em poucas semanas. Com essa doação, o empresariado ajudava a consolidar o poder de Hitler. Mas a oferta foi mais uma extorsão política do que o resultado de um apoio entusiástico.

Apesar do suporte financeiro, o setor industrial continuou a olhar com desconfiança para o novo regime. Seus membros começavam a perceber que sua posição também estava sendo afetada pelas mudanças que varriam a Alemanha. No início de abril, Krupp capitulou à pressão nazista para substituir a Associação da Indústria do Reich por um novo órgão nazificado, a fim de demitir empregados judeus e retirar os empresários judeus de posições representativas no comércio e na indústria. No mês seguinte, a outrora poderosa associação dissolveu-se e foi substituída pelo nazificado Estado Imperial da Indústria Alemã (Reichsstand der Deutschen Industrie). Apesar dessa intervenção e dos controles burocráticos maçantes que lhe foram impostos, os grandes empresários começaram então a se mostrar mais contentes em se ajustar à colaboração plena com o novo regime, para o que contribuíram a recuperação dos negócios, os lucros altos, a garantia da propriedade privada (exceto aos empresários judeus), o esmagamento do marxismo e a sujeição da classe trabalhadora.

O estilo de Hitler, como os industriais puderam testemunhar em 20 de fevereiro, era bem distinto daquele de seus antecessores na Chancelaria. Suas opiniões sobre economia também não eram convencionais. Ele ignorava totalmente os princípios da economia. Para ele, como declarou aos industriais, a economia tinha importância secundária e estava subordinada à política. Seu darwinismo social rudimentar ditava sua abordagem da economia, tal como acontecia com toda a sua "visão de mundo" política. Uma vez que a luta entre as nações seria decisiva para a sobrevivência no futuro, a economia alemã tinha de estar subordinada à preparação — e depois à efetivação — dessa luta. Isso significava que as ideias liberais de competição econômica tinham de ser substituídas pela sujeição da economia aos ditames do interesse nacional. Do mesmo modo, qualquer ideia "socialista" do programa nazista tinha de seguir os mesmos ditames. Hitler nunca foi um socialista. Mas, apesar de defender a propriedade privada, a empresa individual e a competição econômica, e desaprovar a interferência de sindicatos e trabalhadores na liberdade de donos e gerentes de dirigir seus negócios, seria o Estado, e não o mercado, que determinaria a forma do desenvolvimento econômico. Desse modo, o capitalismo continuaria vigente — mas, em seu funcionamento, ele foi transformado em um adjunto do Estado.

Como lhe faltava entendimento até mesmo dos rudimentos de teoria econômica, Hitler não pode ser considerado um inovador na área. A extraordinária recuperação econômica que se tornou rapidamente um componente essencial do mito do Führer não foi obra sua. Ele não demonstrou nenhum interesse inicial pelos planos de criação de empregos desenvolvidos por funcionários do Ministério do Trabalho. Com o ceticismo (nesse estágio) de Schacht, a oposição de Hugenberg, a pouca iniciativa de Seldte e a hostilidade da indústria, Hitler não fez nada para promover os projetos de criação de emprego antes do fim de maio. Então, eles foram assumidos pelo secretário de Estado no Ministério das Finanças, Fritz Reinhardt, e propostos como um programa de ação. Mesmo nesse estágio, Hitler permaneceu hesitante e teve de ser convencido de que o programa não levaria à renovação da inflação. Por fim, em 31 de maio, ele convocou ministros e especialistas em economia à Chancelaria e ouviu que todos, com exceção de Hugenberg, eram a favor do Programa Reinhardt. No dia seguinte, a Lei para a Redução do Desemprego foi anunciada. Schacht fez então surgir os necessários

créditos de curto prazo. O resto foi, em ampla medida, obra de banqueiros, servidores públicos, planejadores e industriais. À medida que os projetos de obras públicas, de início, e depois o rearmamento começavam a tirar a Alemanha da recessão e acabar com o desemprego em massa com mais rapidez do que qualquer previsão ousara especular, Hitler colhia todos os benefícios da propaganda.

Mas, indiretamente, ele deu uma contribuição significativa para a recuperação econômica ao reconstituir a estrutura política para a atividade empresarial e com a imagem de renovação nacional que representava. O ataque brutal ao marxismo e o reordenamento das relações industriais que comandou, o programa de criação de empregos que acabou por apoiar e a prioridade total ao rearmamento definida desde o início ajudaram a moldar um clima em que a recuperação econômica — já iniciada quando ele assumiu a Chancelaria — pôde ganhar impulso. E em uma área essencial, pelo menos, ele ofereceu estímulo direto para a recuperação: a indústria automotiva.

Foi o instinto de propaganda, e não o know-how econômico, que levou Hitler a uma iniciativa que ao mesmo tempo ajudou a recuperação da economia e alimentou a imaginação pública. Em 11 de fevereiro, poucos dias antes de seu encontro com os industriais, ele tratou de fazer o discurso de abertura da Exposição Internacional de Automóveis e Motocicletas em Berlim. Que o chanceler alemão fosse fazer o discurso já era uma novidade: só isso já causou alvoroço. Os líderes reunidos da indústria automobilística ficaram encantados. E mais ainda quando ouviram Hitler elevar a fabricação de automóveis à posição de indústria mais importante do futuro e prometer um programa que incluísse um alívio tributário gradual para o setor e a implementação de "um plano generoso de construção de estradas". Se os padrões de vida eram anteriormente medidos por quilômetros de linhas férreas, no futuro seriam medidos em quilômetros de estradas; essas eram as "grandes tarefas que também pertencem ao programa de construção da economia alemã", declarou ele. A propaganda nazista transformou depois esse discurso no "momento decisivo na história da motorização alemã". Ele marcou o início da parte de "construtor de estradas" do mito do Führer.

Na verdade, Hitler não ofereceu nenhum programa específico para a indústria automobilística, apenas a perspectiva de um programa. Ainda assim, o significado de seu discurso de 11 de fevereiro não deve ser subestimado. Ele enviou sinais

positivos para os fabricantes de carros. Eles ficaram surpresos com o novo chanceler, cujo antigo fascínio por automóveis e sua memória para os detalhes de modelos fizeram com que os industriais do setor o considerassem não somente simpático, mas também versado no assunto. O *Völkischer Beobachter*, explorando o potencial propagandístico do discurso, abriu imediatamente para seus leitores a perspectiva de possuir um carro. Não uma elite social com seus Rolls-Royces, mas a massa do povo com seu carro popular (*Volksauto*) era a perspectiva sedutora.

Nas semanas seguintes ao discurso, surgiram sinais notáveis de que a indústria automobilística estava melhorando. Os inícios de sua recuperação tiveram efeitos indiretos sobre as fábricas de peças e a indústria metalúrgica. A recuperação não fazia parte de um programa bem concebido da parte de Hitler. Tampouco pode ser atribuída total ou principalmente ao seu discurso. Boa parte dela teria acontecido de qualquer maneira, depois que a depressão começara a dar lugar à recuperação cíclica. Porém, o fato é que os fabricantes de carros continuavam pessimistas sobre suas perspectivas antes do discurso.

Independentemente da importância que tenha atribuído ao efeito de propaganda de sua fala, o fato é que transmitiu os sinais certos para a indústria. Depois que o "programa gigantesco" de construção de estradas que anunciou em 1o de maio encontrou obstáculos substanciais no Ministério dos Transportes, Hitler insistiu que a Empresa Imperial de Autoestradas fosse levada adiante. No fim de junho, ela acabou sendo colocada nas mãos de Fritz Todt, o inspetor-geral para as Estradas Alemãs. Ao estimular o comércio de automóveis e a construção de autoestradas — áreas que, inspiradas pelo modelo americano, tinham grande apelo popular e pareciam simbolizar tanto o salto para frente, para uma excitante era moderna tecnológica, como a "nova Alemanha", agora independente de novo —, Hitler dera uma contribuição decisiva para o fomento da economia.

IV

Em 11 de fevereiro, quando Hitler falou para os líderes da indústria automobilística, a campanha eleitoral para o Reichstag já estava em andamento. Ele dera início a ela na noite anterior, em seu primeiro discurso no Sportpalast como chanceler. Prometeu um governo que não mentiria nem enganaria o povo como os governos de Weimar haviam feito. Os partidos que defendiam a divisão de classes seriam destruídos. "Jamais, jamais me afastarei da tarefa de erradicar da Alemanha o marxismo e seus efeitos secundários", afirmou. A unidade nacional, apoiada no camponês e no operário alemães — devolvidos à comunidade nacional —, seria a base da sociedade futura. Era, declarou, "um programa de renascimento nacional em todas as áreas da vida, intolerante para com quem pecar contra a nação, irmão e amigo de quem estiver disposto a lutar pela ressurreição de seu povo, de nossa nação". E atingiu o clímax retórico de seu discurso: "Povo alemão, dê-nos quatro anos, depois julgue e nos sentencie. Povo alemão, dê-nos quatro anos, e eu juro que, assim como nós e eu entramos nesse cargo, eu estarei então pronto para deixá-lo".

Tratava-se de uma poderosa obra de retórica. Mas era um pouco mais do que isso. O "programa" não oferecia nada de concreto, além do confronto com o marxismo. Não ia além de uma "ressurreição" nacional que viria por meio da vontade, da força e da unidade. Mas para todos os nacionalistas — não apenas os nazistas —, os sentimentos que ele expressava não podiam deixar de ser atraentes.

A campanha foi acompanhada por uma onda sem paralelo de terror e repressão promovidos pelo Estado contra os oponentes políticos em estados sob o controle nazista. Esse foi o caso, sobretudo, do enorme estado da Prússia, que já estava sob o controle do Reich desde o golpe de Papen, em 20 de julho de 1932. O orquestrador da violência foi o ministro-comissário do Interior prussiano, Hermann Göring. Sob sua égide, as chefias da polícia e da administração do estado foram "limpas" (depois dos primeiros expurgos promovidos por Papen) do que restava daqueles que poderiam ser obstáculos para o vento de mudanças que soprava. Göring deu a seus sucessores instruções verbais, numa linguagem inequivocamente rude, sobre o que esperava da polícia e da administração durante a campanha eleitoral. E, em decreto de 17 de fevereiro, ordenou que a polícia trabalhasse com as "associações

nacionais" da SA, SS e Stahlhelm, apoiasse a "propaganda nacional com todo o seu vigor" e combatesse as ações de "organizações hostis ao Estado" com todas as forças a sua disposição, "fazendo uso implacável de armas de fogo, quando necessário". Ele acrescentou que os policiais que usassem armas de fogo, independente das consequências, seriam apoiados por ele; aqueles que não cumprissem o dever por "falso sentimento de consideração" deveriam, ao contrário, esperar medidas disciplinares. Não surpreende que, nesse clima, a violência desencadeada pelos bandos de terror nazista contra adversários e judeus fosse incontrolada. Foi o que aconteceu especialmente depois que a SA, a SS e a Stahlhelm foram apresentadas como "polícia auxiliar", sob o pretexto de um suposto aumento da violência "esquerdista radical". A intimidação foi maciça. Os comunistas, em particular, foram reprimidos com selvageria. Indivíduos foram espancados, torturados, seriamente feridos ou mortos, com total impunidade. Os comícios e manifestações comunistas foram proibidos na Prússia e em outros estados sob controle nazista, assim como seus jornais. A proibição de órgãos também do SPD e restrições impostas ao noticiário de outros jornais amordaçaram a imprensa, mesmo quando as proibições eram contestadas com sucesso nos tribunais e os jornais voltavam a circular.

Durante essa primeira orgia de violência estatal, Hitler fez o papel de moderado. Sua capacidade de dissimular era indescritível. Ele deu ao gabinete a impressão de que os membros radicais do movimento estavam desobedecendo a suas ordens, mas que os controlaria, e pediu paciência para poder disciplinar esses setores do partido.

Hitler não tinha necessidade de se envolver pessoalmente nos atos de violência de fevereiro de 1933. Sua execução podia ficar nas mãos de Göring e de líderes nazistas nos outros estados. De qualquer modo, era preciso apenas dar luz verde para que os nazistas sanguinários, agora certos da proteção do Estado, desencadeassem sua agressão acumulada contra aqueles que conheciam muito bem como velhos inimigos em seus bairros e locais de trabalho. A onda de terror na Prússia em fevereiro foi o primeiro sinal de que as restrições à desumanidade impostas pelo Estado haviam sido subitamente suspensas. Era um indicador precoce da "ruptura de civilização" que daria ao Terceiro Reich seu caráter histórico.

Mas a brutalidade e a violência não prejudicaram a reputação de Hitler junto à população. Muitos que eram inicialmente céticos ou críticos passaram, em fevereiro, a achar que ele era "o homem certo" e deveria ter uma chance. Uma leve mudança para melhor na economia ajudou. Mas o fervoroso antimarxismo de grande parte da população foi mais importante. O velho ódio ao socialismo e ao comunismo — ambos incluídos na categoria de "marxismo" — foi usado pela propaganda nazista e transformado numa paranoia anticomunista. Estimulado pelos nazistas, o medo de um levante comunista estava no ar. Quanto mais perto das eleições, mais estridente ficava a histeria.

A violência e a intimidação teriam provavelmente continuado mais ou menos da mesma forma até as eleições de 5 de março. Nada sugere que a liderança nazista tivesse algo mais espetacular em mente. Mas, em 27 de fevereiro, Marinus van der Lubbe tocou fogo no Reichstag.

Proveniente de família operária holandesa, ele pertencera a uma organização juvenil do Partido Comunista na Holanda. Havia rompido com o partido em 1931 e chegou a Berlim em 18 de fevereiro de 1933. Com 24 anos, era um indivíduo inteligente e solitário, sem ligações com grupos políticos, mas possuído de um forte sentimento de injustiça diante da miséria da classe operária nas mãos do sistema capitalista. Estava decidido a fazer um ato solitário e espetacular de protesto desafiador contra o "governo de concentração nacional", a fim de galvanizar a classe trabalhadora para a luta contra a repressão. Em 25 de fevereiro, suas três tentativas incendiárias feitas em diferentes prédios de Berlim fracassaram. Dois dias depois, ele obteve sucesso em seu protesto — embora as consequências dificilmente tenham sido aquelas que imaginara.

Na noite de 27 de fevereiro, Putzi Hanfstaengl deveria jantar na casa de Goebbels, onde Hitler também estaria presente. Mas, com febre e um forte resfriado, ele decidira ficar em seu quarto na residência oficial de Göring, onde estava temporariamente acomodado, na vizinhança imediata do edifício do Reichstag. No meio da noite, foi acordado pelos gritos da empregada: havia um incêndio no Reichstag. Ele saltou da cama, olhou pela janela, viu o Parlamento em chamas e correu para telefonar a Goebbels, dizendo sem fôlego que tinha de falar com urgência com Hitler. Quando Goebbels perguntou do que se tratava e se poderia transmitir a mensagem, Hanfstaengl disse: "Diga-lhe que o Reichstag está

queimando”. “Isso é uma piada?”, Goebbels retrucou. Ele achou que fosse uma “notícia fantasiosa louca” e recusou-se, de início, a contar para Hitler. Mas suas inquirições revelaram que a notícia era verdadeira. Diante disso, Hitler e Goebbels atravessaram Berlim e encontraram Göring “a todo o vapor” na cena do crime. Papen logo se reuniu ao grupo. Os líderes nazistas estavam convencidos de que o incêndio era um sinal para um levante comunista — uma “última tentativa”, como escreveu Goebbels, “de espalhar confusão pelo fogo e pelo terror a fim de, no pânico geral, tomarem o poder”. O temor de que os comunistas não permanecessem passivos e realizassem uma grande demonstração de força antes da eleição era corrente entre a liderança nazista — e entre membros não nazistas do governo nacional. Em 24 de fevereiro, um ataque de surpresa da polícia aos escritórios centrais do KPD na Karl-Liebknecht Haus havia intensificado a apreensão. Embora não tivesse encontrado nada digno de nota, a polícia alegou ter achado uma vasta quantidade de material traidor, inclusive folhetos convocando a população para uma revolta armada. Göring acrescentou a isso uma declaração à imprensa, alegando que as descobertas da polícia mostravam que a Alemanha estava prestes a ser lançada no caos do bolchevismo. Ataques a prédios públicos e assassinatos de líderes políticos, esposas e familiares de figuras públicas estavam entre os horrores que evocou. Nenhuma prova disso jamais se tornou pública.

Os primeiros policiais que interrogaram Van der Lubbe, que fora imediatamente detido e confessara seu “protesto”, não tiveram dúvidas de que ele ateara fogo ao edifício sozinho, que não havia mais ninguém envolvido. Mas Göring não demorou a ser convencido por autoridades presentes ao local de que o fogo devia ser obra de um complô comunista. Hitler, que chegou por volta das 22h30, cerca de uma hora depois de Göring, foi rapidamente persuadido a tirar a mesma conclusão. Ele disse a Papen: “Isso é um sinal de Deus, Herr vice-chanceler! Se este incêndio, como acredito, é obra dos comunistas, então devemos esmagar essa praga assassina com mão de ferro!”. Os deputados comunistas deveriam ser enforcados naquela mesma noite, vociferou. Tampouco deveriam demonstrar compaixão para com os social-democratas ou a Reichsbanner.

Realizou então uma reunião improvisada por volta das 23h15 no Ministério do Interior prussiano, que tratou sobretudo das implicações do atentado para a segurança da Prússia, e dali acompanhou Goebbels à redação berlinense do

Völkischer Beobachter, onde prepararam rapidamente um editorial inflamador e refizeram a primeira página do jornal do partido.

Na reunião no Ministério do Interior, foi o secretário de Estado nacional, Ludwig Grauert, firmemente convencido de que os comunistas haviam incendiado o Reichstag, quem propôs um decreto de emergência contra incêndios criminosos e atos de terror para o estado da Prússia. Na manhã seguinte, no entanto, o ministro do Interior do Reich, Wilhelm Frick, já tinha o rascunho de um decreto "Para a Proteção do Povo e do Estado", que estendia as medidas de emergência a todo o país — algo atribuído por Blomberg à presença de espírito de Hitler — e dava ao governo do Reich poderes de intervenção nos *Länder*. O caminho para a ditadura estava agora escancarado.

O decreto de emergência "Para a Proteção do Povo e do Estado" foi o último assunto tratado pelo gabinete na reunião da manhã de 28 de fevereiro. Com um único e breve parágrafo, as liberdades individuais consagradas na Constituição de Weimar — liberdade de manifestação, de associação e de imprensa, bem como privacidade das comunicações postais e telefônicas — foram suspensas indefinidamente. Com outro breve parágrafo, a autonomia dos *Länder* foi atropelada pelo direito do governo do Reich de intervir para restaurar a ordem. Esse direito viria a ter amplo uso após a eleição para assegurar o controle nazista em todos os estados alemães. O decreto de emergência redigido às pressas equivalia a uma carta magna do Terceiro Reich.

Quando da reunião do gabinete, o humor quase histérico de Hitler na noite anterior já havia dado lugar a uma impiedade mais fria. Chegara o "momento psicologicamente correto para o confronto final" com o KPD. Não fazia sentido esperar mais, disse ao gabinete. A luta contra os comunistas não deveria depender de "considerações jurídicas". De fato, não havia a menor possibilidade de que esse viesse a ser o caso. A prisão de deputados e funcionários comunistas já começara por ordem de Göring na noite anterior, em ataques realizados com brutalidade maciça. Os comunistas eram os alvos principais, mas social-democratas, sindicalistas e intelectuais de esquerda, como Carl Ossietzky, também estavam entre aqueles que foram arrastados para prisões improvisadas, muitas vezes em porões das sedes locais da SA ou SS, e selvagemente espancados, torturados e, em alguns casos, mortos. Em abril, o número dos que estavam sob "custódia

preventiva" apenas na Prússia já chegava a 25 mil.

A violência e a repressão foram muito populares. O "decreto de emergência" que acabou com as liberdades individuais e estabeleceu a plataforma para a ditadura foi calorosamente bem recebido. Louise Solmitz, tal como seus amigos e vizinhos, foi persuadida a votar em Hitler. "Agora, é importante apoiar de todas as maneiras o que ele está fazendo", disse-lhe uma amiga que até então não apoiara o NSDAP. "Todos os pensamentos e sentimentos da maioria dos alemães estão dominados por Hitler", comentou Frau Solmitz. "Sua fama sobe às estrelas, ele é o salvador de um mundo alemão triste e cruel."

Em 4 de março, Hitler fez um apelo final e apaixonado ao eleitorado, em um discurso transmitido pelo rádio de Königsberg. No dia seguinte, quando os resultados vieram a público, os nazistas tinham obtido 43,9% dos votos, o que representava 288 dos 647 assentos do novo Reichstag. Seus parceiros de coalizão nacionalistas ganharam 8%. Apesar do terror draconiano, o KPD ainda conseguiu espantosos 12,3% e o SPD, 18,3%. Mesmo naquelas circunstâncias, os partidos de esquerda, em conjunto, fizeram quase um terço dos votos. O Zentrum recebeu uma proporção de votos (11,2%) levemente inferior à da eleição de novembro anterior. O apoio aos demais partidos caiu quase a zero. Goebbels declarou que o resultado havia sido um "triunfo glorioso". Foi um pouco menos do que isso. Certamente houve ganhos substanciais. Sem dúvida, eles foram ajudados por um surto tardio após o incêndio do Reichstag. Hitler nutrira esperanças de uma maioria absoluta para o NSDAP. Com o resultado efetivo da eleição, a estreita maioria absoluta obtida pela coalizão governamental o deixava dependente de seus aliados conservadores. Não se livraria deles pelo menos enquanto Hindenburg fosse vivo, consta que teria dito ao ouvir os resultados. Ainda assim, mesmo levando em conta o clima de intensa repressão contra a esquerda, não era fácil obter 43,9% dos votos no sistema eleitoral de Weimar. O NSDAP lucrara sobretudo com o apoio de pessoas que não haviam votado antes e que deram à eleição o comparecimento recorde de 88,8% dos eleitores. E, embora o apoio mais forte continuasse a vir das áreas protestantes do país, dessa vez houve ganhos consideráveis nas áreas católicas em que o NSDAP antes encontrava dificuldade de penetrar. E não menos importante: com exceção da esquerda, nem todos os que votaram em outros partidos se opunham a tudo o que Hitler defendia. Depois que liquidasse o sistema pluralista e

fosse capaz de transformar sua imagem pública de líder partidário em líder nacional, estaria à sua disposição um reservatório potencialmente muito maior de apoio do que aquele que recebeu em março de 1933.

V

A eleição de 5 de março foi o ponto de partida para a verdadeira "tomada do poder" que ocorreu nos dias seguintes nos *Länder* que ainda não estavam sob controle nazista. Hitler não precisou fazer muito. Os militantes do partido não precisavam de estímulo para empreender as ações "espontâneas" que fortaleceram desmesuradamente seu poder de chanceler do Reich.

O padrão em cada caso era semelhante: pressão sobre os governos estaduais não nazistas para colocar um nacional-socialista no comando da polícia; manifestações ameaçadoras de tropas da SA e da SS nas grandes cidades; hasteamento simbólico da bandeira com a suástica nas prefeituras; capitulação dos governos eleitos, quase sem nenhuma resistência; imposição de um comissário do Reich sob o pretexto de restaurar a ordem. O processo de "coordenação" começou em Hamburgo antes mesmo da realização da eleição. Em Bremen, Lübeck, Schaumburg-Lippe, Hesse, Baden, Württenberg, Saxônia e, finalmente, na Baviera — o maior estado depois da Prússia — o processo se repetiu. Entre 5 e 9 de março, esses estados também se alinharam ao governo do Reich. Na Baviera, em particular, velhos acólitos de Hitler foram designados ministros comissários do governo: Adolf Wagner no Ministério do Interior, Hans Frank no Ministério da Justiça, Hans Schemm no Ministério da Educação. Ainda mais significativas foram as nomeações de Ernest Röhm para comissário do Estado sem Pasta, Heinrich Himmler para comandante da polícia de Munique e Reinhard Heydrich — o chefe alto e loiro do Serviço de Segurança do partido (Sicherheitsdienst, SD), oficial naval expulso com desonra, ainda com menos de trinta anos, e nos primeiros estágios de sua ascensão meteórica ao comando da polícia de segurança no império da SS — para chefe da Polícia Política bávara. O enfraquecimento da Prússia com o golpe de Papen e a efetiva tomada nazista do poder em fevereiro forneceram a plataforma e o modelo para a extensão do controle aos outros *Länder*, que passaram mais ou menos completamente para as mãos nazistas, com pouca consideração pelos parceiros nacionalistas alemães. Apesar da aparência de legalidade, a usurpação do poder dos estados pelo Reich era uma clara violação da Constituição. A força e a pressão das próprias organizações nazistas — uma cartada de chantagem política — foram as únicas responsáveis por criar a "agitação" que provocou a alegada restauração da "ordem". Os termos do

decreto de emergência de 28 de fevereiro não se justificavam, pois estava claro que não havia necessidade de defesa contra "atos de violência comunista que põem o Estado em risco". Os únicos atos desse tipo eram os dos próprios nazistas.

Na atmosfera triunfalista do período posterior à eleição, a violência descarada de bandos desenfreados de facínoras nazistas provocou protestos de altas esferas ao presidente do Reich, bem como ao próprio Hitler. Ele reagiu de forma característica, com uma defesa agressiva de seus homens da SA, em resposta a queixas de Papen sobre afrontas a diplomatas estrangeiros. Tratava-se de um incidente em que uma turba (que incluía homens da SA e da SS) se comportara de modo ameaçador em relação a esposas de proeminentes diplomatas, espancando um de seus motoristas e arrancando a bandeira do carro do embaixador romeno. Hitler teve a impressão de que a burguesia fora resgatada cedo demais. Se tivessem experimentado seis semanas de bolchevismo, então teriam "aprendido a diferença entre a revolução vermelha e nossa ascensão. No passado, vi explicitamente essa diferença na Baviera e jamais a esqueci. E não me deixarei me afastar por quem quer que seja da missão que anunciei repetidamente antes da eleição: a aniquilação e erradicação do marxismo". Mesmo assim, a violência estava se tornando contraproducente. Em 10 de março, referindo-se diretamente ao assédio de estrangeiros, mas pondo a culpa disso em provocadores comunistas, proclamou que, a partir daquele dia, o governo nacional controlaria o poder executivo em toda a Alemanha e que o curso futuro da "ascensão nacional" seria "dirigido de cima, conforme o plano". Os molestamentos de indivíduos, obstruções de automóveis e perturbações da vida comercial tinham de parar por uma questão de princípio. Ele repetiu os sentimentos numa fala pelo rádio dois dias depois. As exortações causaram pouco efeito.

O clima de terror e repressão vivido em fevereiro na Prússia havia se alastrado para o resto do país. Sob a égide de Himmler e Heydrich, o número de prisões na Baviera foi ainda maior do que na Prússia. Cerca de 10 mil comunistas e socialistas foram detidos em março e abril. Em junho, o contingente dos que estavam sob "custódia preventiva" — a maioria deles, operários — já havia dobrado. Um bom número de presos era de vítimas de denúncias de vizinhos ou colegas de trabalho. A onda de denúncias após a Lei de Práticas Malignas, de 21 de março de 1933, foi tão grande que até a polícia a criticou. Nos arredores da vila de Dachau, a cerca de

vinte quilômetros de Munique, foi montado, em 22 de março, numa antiga fábrica de pólvora, o primeiro campo de concentração, destinado aos funcionários marxistas. Seu temido nome logo se tornou sinônimo dos eventos horríveis que, sabia-se ou presumia-se, ocorriam no interior de seus muros.

Um dia antes, o regime mostrara sua outra face. Inclinado a manter-se a distância das demonstrações de terror, Hitler estava novamente em seu elemento, no centro de outro evento espetacular de propaganda. Tratava-se do Dia de Potsdam, mais uma invenção magistral do recém-designado ministro da Propaganda e Informação do Povo, Joseph Goebbels. Em completo distanciamento das bestialidades sórdidas do combate brutal contra a esquerda, o nacional-socialismo punha aqui suas melhores roupas e proclamava sua união com o conservadorismo prussiano.

O Dia de Potsdam representaria o início do novo Reich, baseado nas glórias do antigo. Também denotaria a forja dos laços entre a nova Alemanha e as tradições da Prússia. A igreja da guarnição de Potsdam, onde se realizaria a principal cerimônia, fora fundada pelos reis Hohenzollern da Prússia no começo do século XVIII. A igreja simbolizava os laços entre a monarquia militar prussiana, o poder do Estado e a religião protestante.

Em 21 de março de 1933, o presidente Hindenburg, vestido com o uniforme de um marechal de campo prussiano e erguendo seu bastão no trono vazio do Kaiser exilado, representou estes laços: trono, altar e tradição militar na glória da Prússia. Ele era a ligação entre o passado e o presente. Hitler marcava o presente e o futuro. Sem vestir o uniforme do partido, mas usando um terno formal escuro, ele desempenhou o papel do servidor humilde, inclinou-se profundamente diante do reverenciado e idoso presidente do Reich e ofereceu-lhe a mão. A renovação nacional por meio da unidade foi o tema de seu discurso. Ele mencionou aqueles que não faziam parte dessa unidade em apenas uma frase: eles deveriam ser tornados "inofensivos". Hindenburg era elevado a protetor da "nova ascensão de nosso povo". Era ele quem "confiara em 30 de janeiro a liderança do Reich a essa jovem Alemanha". "Não se pode negar", escreveu um observador não nazista, impressionado com a "moderação" do discurso de Hitler, "que ele cresceu. Para além do demagogo e líder partidário, do fanático e agitador, parece que o verdadeiro estadista está se desenvolvendo, para surpresa de seus oponentes." A mistura de tradição prussiana e regime nacional-socialista foi enfatizada no fim da

cerimônia com a colocação de coroas sobre os túmulos dos reis prussianos.

Dois dias depois, foi um Hitler diferente, novamente de camisa parda e imperioso, que entrou no Teatro Lírico Kroll, em Berlim, onde se realizariam a partir de então as sessões do Reichstag, sob aplausos exultantes das fileiras serradas de deputados nazistas uniformizados, para propor a Lei de Autorização que ele desejava desde novembro. Para seus oponentes, em especial os deputados do SPD, a atmosfera era ameaçadora. Uma suástica gigantesca dominava o salão. Homens armados da SA, da SS e da Stahlhelm guardavam todas as saídas e cercavam o prédio. Estavam sinalizando aos deputados da oposição o que aconteceria se a lei dos poderes excepcionais não recebesse o apoio necessário. Na ausência dos 81 deputados comunistas que haviam sido presos ou tinham fugido, os nazistas tinham agora maioria simples no Parlamento. Mas, para aprovar a lei, era preciso uma maioria de dois terços.

Para assegurá-la, concluiu Frick, a melhor manobra era que os deputados comunistas fossem simplesmente deduzidos do número total de membros do Reichstag, não sendo assim necessários 432 votos, mas apenas 378. Göring acrescentou que, se preciso, alguns social-democratas poderiam ser expulsos da câmara. Isso mostra quão pouco a "revolução legal" dos nazistas tinha a ver com legalidade. Mas os conservadores presentes não levantaram objeções. Em 20 de março, Hitler já podia dizer ao gabinete que, após discussões, o Zentrum percebera a necessidade da Lei de Autorização. A solicitação deles de um pequeno comitê para supervisionar as medidas excepcionais deveria ser aceita. Não havia então nenhum motivo para duvidar do apoio deles. "A aceitação da Lei de Autorização também pelo Zentrum significaria um fortalecimento do prestígio aos olhos dos países estrangeiros", comentou Hitler, consciente, como sempre, das implicações propagandísticas. Frick apresentou então o projeto de lei, que acabou aceito pelo gabinete. O ministro do Interior propôs também uma flagrante manipulação dos procedimentos do Reichstag para garantir a maioria de dois terços. Os deputados ausentes sem justificativa deveriam ser contados como presentes. Desse modo, não haveria problema com o quórum. O absenteísmo como forma de protesto foi eliminado. Mais uma vez, os conservadores não apresentaram objeções.

O caminho estava desimpedido. Na tarde de 23 de março de 1933, Hitler falou para o Reichstag. O programa que delineou nas duas horas de seu discurso

taticamente esperto, após traçar um quadro sombrio das condições que herdara, foi apresentado nos termos mais amplos. No fim do discurso, fez o que pareciam ser concessões importantes. A existência do Reichstag e do Reichsrat não estavam ameaçadas, declarou. A posição e os direitos do presidente do Reich permaneciam intocados. Os *Länder* não seriam abolidos. Os direitos das igrejas não seriam reduzidos e suas relações com o Estado não seriam alteradas.

Todas as promessas seriam logo quebradas. Mas, por enquanto, serviam ao seu propósito. Pareciam garantir o compromisso de salvaguardar a posição da Igreja católica, que o Zentrum exigira em suas discussões com Hitler. O líder do SPD, Otto Wels, falou corajosamente, dada a atmosfera ameaçadora, em defesa dos princípios de humanidade, justiça, liberdade e socialismo, tão caros aos social-democratas. Hitler fez anotações durante seu discurso e retornou à tribuna, sob uma tempestade de aplausos dos deputados do NSDAP, para fazer a mais selvagem das réplicas, em que cada frase foi saudada aos gritos. Afastando-se da relativa moderação de seu discurso anterior, ele mostrou suas garras. Um sentimento de direito não era suficiente sozinho; a posse do poder era decisiva. Não teria sido necessário submeter aquela lei ao Parlamento: "Apelamos nesta hora ao Reichstag alemão para que nos conceda aquilo que poderíamos ter tomado de qualquer modo". Com 441 votos contra os 94 dos social-democratas, o Reichstag, como órgão democrático, votou por sua extinção.

O poder estava agora nas mãos dos nacional-socialistas. Era o começo do fim dos partidos políticos, exceto do NSDAP. O papel do Zentrum havia sido particularmente aviltante. Com medo do terror e da repressão, havia cedido à tática de pseudolegalidade de Hitler. Ao fazê-lo, ajudou a legitimar a remoção de quase todas as restrições constitucionais ao seu poder. No futuro, ele não precisaria mais contar com o Reichstag ou com o presidente do Reich. Hitler estava ainda longe de exercer o poder absoluto. Mas os passos vitais na direção da consolidação de sua ditadura seguiram-se em rápida sucessão.

VI

Durante o verão e a primavera de 1933, a Alemanha alinhou-se ao comando de seus novos governantes. Dificilmente alguma esfera da atividade organizada, política ou social, ficou de fora do processo de *Gleichshaltung* — a "coordenação" de instituições postas sob o controle nazista. A pressão dos militantes nazistas desempenhou um papel importante na aceleração do ritmo da "coordenação". Mas muitas organizações demonstraram disposição excessiva de antecipar o processo e "coordenar" elas mesmas, de acordo com as expectativas da nova era. No outono, a ditadura nazista — Hitler à frente — já estava enormemente fortalecida. Além das indicações de que seu instinto para a realidade do poder e o potencial manipulador da propaganda estavam tão afinados como sempre, ele teve de tomar pouquíssimas iniciativas para provocar isso.

Uma iniciativa que de fato veio dele foi, no entanto, a criação dos governadores do Reich (*Reichsstatthalter*) para sustentar as "linhas de política estabelecidas pelo chanceler do Reich" nos *Länder*. Com sua apressada criação por meio da Segunda Lei para a Coordenação dos *Länder* com o Reich, de 7 de abril de 1933, a soberania de cada estado foi decisivamente diminuída. Tudo indica que Hitler estava ansioso por ter representantes de confiança nos *Länder* a fim de combater qualquer perigo de que em sua base a "revolução do partido" pudesse ficar fora de controle e, quem sabe, até ameaçar sua própria posição. A situação era especialmente sensível na Baviera, onde a SA e a SS tinham seus quartéis-generais e os radicais haviam efetuado uma verdadeira "tomada do poder" desde a eleição de março. A criação improvisada dos governadores do Reich foi feita tendo em mente, em particular, afastar a possibilidade de uma revolução do partido contra Berlim. O cavaleiro Von Epp, o antigo "herói" dos Freikorps que esmagara a Räterepublik, foi designado governador do Reich já em 10 de abril. Outros dez governadores, escolhidos entre os mais antigos e poderosos *Gauleiter*, foram instalados com menos pressa, em maio e junho, nos *Länder* restantes, exceto na Prússia. A dependência deles em relação a Hitler não era menor do que a de Hitler para com eles. Portanto, era possível contar com a confiança deles para bloquear a revolução vinda de baixo quando isso se tornasse contraproducente.

Na Prússia, Hitler reservou o posto de governador do Reich para si mesmo. Isso

destituiu de sentido a manutenção de Papen como comissário do Reich para a Prússia. É possível que ele cogitasse reunir a posição de chefe de governo da Prússia com a de chanceler do Reich, como acontecia na época de Bismarck. Se assim pensou, foi sem levar em conta as ambições de poder de Göring. Desde o golpe de Papen, em julho de 1932, não havia ministro presidente na Prússia. A expectativa de Göring era ocupar o posto depois das eleições para o Landtag prussiano, em 5 de março. Mas Hitler não o designou. Göring então maquinou colocar a eleição do ministro presidente na pauta da primeira reunião do recém-eleito Parlamento prussiano, em 8 de abril. Embora tivesse assumido o cargo de governador do Reich na Prússia apenas no dia anterior, Hitler teve de ceder ao fato consumado. Em 11 de abril, Göring foi nomeado ministro presidente da Prússia (mantendo seus poderes de ministro do Interior) e, em 25 de abril, os direitos do governador do Reich na Prússia foram-lhe transferidos. A Segunda Lei da Coordenação havia de forma indireta, mas eficaz, levado à consolidação da ampla base de poder de Göring na Prússia, baseada inicialmente em seu controle da polícia no mais importante dos estados alemães. Não admira que ele tenha reagido com declarações públicas efusivas de lealdade a Hitler, a quem servia como seu "mais fiel paladino". O episódio revela a pressa e a confusão por trás de toda a "coordenação" improvisada dos *Länder*. Mas ao preço de fortalecer o poder de Göring na Prússia e o dos mais agressivos *Gauleiter* em outros lugares, o poder do próprio Hitler foi também notavelmente reforçado em todos os estados.

Durante a primavera e o verão de 1933, Hitler esteve entre forças contrapostas. O dilema não se resolveria até a Noite dos Longos Punhais. De um lado, as pressões, represadas por tanto tempo e com tanta dificuldade antes da ascensão ao poder, haviam explodido depois das eleições de março. Hitler não só simpatizava com o ataque radical vindo de baixo contra os adversários, judeus e a quem quer que se interpusesse no caminho da revolução nazista, como precisava dos radicais para levar a cabo a derrubada da ordem política estabelecida e intimidar aqueles que obstruíam a consolidação do novo regime. Por outro lado, como a instituição dos governadores do Reich havia mostrado, ele estava consciente dos perigos para sua posição se a sublevação radical saísse do controle. E era sensível ao fato de que os bastiões tradicionais do poder nacionalista conservador, sem falar dos céticos em relação ao nacional-socialismo no Exército e em importantes setores empresariais,

embora não fizessem objeções à violência enquanto era dirigida contra comunistas e socialistas, passariam a vê-la de forma diferente assim que seus interesses adquiridos fossem ameaçados. Desse modo, ele não tinha outra escolha senão manobrar por uma via incômoda entre uma revolução partidária que não podia controlar completamente e o apoio militar e empresarial do qual não podia prescindir. Dessas forças contraditórias viria, em última análise, o confronto final com a SA. Mas, no meio-tempo, havia sinais do que se tornaria um traço duradouro do Terceiro Reich: pressão dos radicais do partido, estimulada e sancionada ao menos em parte por Hitler, resultando numa burocracia estatal que refletia o radicalismo na legislação e que a polícia canalizava para medidas executivas. O processo de "radicalização cumulativa" era reconhecível desde as primeiras semanas do regime.

Além do ataque geral à esquerda nas primeiras semanas de governo, muitos ultrajes foram perpetrados pelos radicais nazistas contra os judeus. Isso não surpreende, uma vez que o antissemitismo era o "cimento ideológico" do Movimento Nacional-Socialista desde o início, oferecendo ao mesmo tempo um veículo para o ativismo e um substituto para inclinações revolucionárias que ameaçavam o tecido da sociedade. A tomada do poder pelo antissemita radical Hitler retirara de súbito as restrições à violência contra os judeus. Sem nenhuma ordem de cima, e sem qualquer coordenação, os ataques aos negócios de judeus e o espancamento deles por sicários nazistas se tornaram lugar-comum. Incontáveis atrocidades foram cometidas nas semanas seguintes à ascensão de Hitler ao poder.

Muitos desses atos foram realizados pela Liga de Combate da Classe Média Comercial (Kampfbund des gewerblichen Mittelstandes), na qual o antissemitismo violento ia de mãos dadas com a oposição igualmente violenta aos magazines (muitos deles de propriedade de judeus). A amplitude da violência antijudaica levou intelectuais e financistas judeus no exterior, especialmente nos Estados Unidos, a empreender tentativas de mobilizar o sentimento público contra a Alemanha e organizar um boicote contra mercadorias alemãs — uma verdadeira ameaça, tendo em vista a debilidade da economia germânica. A partir de meados de março, o boicote ganhou impulso e se estendeu a numerosos países europeus. A reação na Alemanha, liderada pela Liga de Combate, foi previsivelmente agressiva. Foi exigido um "contra boicote" a lojas e magazines judeus em toda a Alemanha. O

apelo foi assumido por antissemitas importantes do partido, tendo à frente o *Gauleiter* da Francônia e antissemita patológico Julius Streicher. Eles alegavam que os judeus podiam servir de "reféns" para forçar o fim do boicote internacional.

Os instintos de Hitler favoreciam os radicais do partido. Mas ele também estava sob pressão para agir. Em relação à "questão judaica", sobre a qual havia pregado tão ruidosamente e com tanta frequência, ele não podia, agora que estava no poder, recuar diante das exigências dos militantes sem ser desacreditado dentro do partido. Quando, em 26 de março, ficou sabendo através de contatos diplomáticos que o Congresso Judeu Americano planejava a convocação, para o dia seguinte, de um boicote mundial contra as mercadorias alemãs, Hitler foi forçado a agir. Como de costume, quando empurrado contra a parede, não adotou meias medidas. Goebbels foi chamado a Obersalzberg. "Na solidão das montanhas", escreveu, o Führer havia chegado à conclusão de que os autores, ou pelo menos os beneficiários da "agitação estrangeira" — os judeus da Alemanha —, tinham de ser enfrentados. "Precisamos, portanto, avançar para um boicote amplamente articulado contra todos os negócios judeus na Alemanha." Streicher foi colocado à frente de um comitê de treze funcionários do partido que deveriam organizar o boicote. A proclamação do partido de 28 de março, sugerida pelo próprio chanceler do Reich e trazendo sua marca, conclamava comitês de ação a promover um boicote contra negócios, mercadorias, médicos e advogados judeus, até mesmo na menor aldeia do país. O boicote deveria ter duração indefinida. Goebbels ficou encarregado dos preparativos de propaganda. Por trás de toda a operação estava a pressão da Liga de Combate da Classe Média Comercial.

Lideradas por Schacht e pelo ministro do Exterior Von Neurath, começaram as contrapressões sobre Hitler para deter uma ação que teria provavelmente efeitos desastrosos para a economia alemã e seu prestígio no exterior. De início, ele se recusou a levar em consideração qualquer recuo. Mas, em 31 de março, Neurath informou ao gabinete que os governos britânico, francês e americano haviam declarado sua oposição ao boicote contra as mercadorias alemãs em seus países. Ele esperava que o boicote na Alemanha pudesse ser suspenso. Era pedir demais a Hitler que recuasse completamente. Os militantes já estavam inflamados. O abandono do boicote não traria apenas desprestígio para Hitler, mas também a probabilidade de que qualquer ordem de cancelamento da "ação" fosse ignorada.

Porém, ele indicou que estava agora disposto a adiar o início do boicote alemão de 1o para 4 de abril se houvesse declarações satisfatórias dos governos britânico e americano contra o boicote de mercadorias alemãs. Caso isso não ocorresse, o boicote alemão começaria em 1o de abril, mas seria então suspenso até 4 de abril. Uma azáfama de atividade diplomática varreu os governos ocidentais e, postos sob pressão, os grupos de lobby judeus se afastaram do boicote de mercadorias germânicas. As exigências de Hitler foram, em ampla medida, cumpridas. Mas então ele havia mudado de ideia e estava novamente insistindo na realização do boicote alemão. Mais pressão de Schacht resultou no confinamento do boicote a um único dia — mas sob a ficção propagandística de que seria reiniciado na quarta-feira seguinte, 5 de abril, se a "agitação de horror" no exterior contra a Alemanha não tivesse acabado por completo. Não havia intenção de levar isso adiante. Com efeito, na tarde do dia do boicote, 1o de abril, Streicher anunciou que ele não seria retomado na quarta-feira seguinte.

O boicote não foi o sucesso que a propaganda nazista alardeou. Muitas lojas judias haviam fechado de qualquer modo. Em alguns lugares, os homens da SA — postados do lado de fora dos magazines judeus portando cartazes com advertências sobre comprar em lojas de judeus — foram ignorados pelos consumidores. As pessoas se comportaram de várias maneiras. Houve um clima quase de feriado em alguns centros de compra movimentados, onde se formaram aglomerações para ver o que estava acontecendo. Grupos de pessoas discutiam os prós e os contras do boicote. Não poucos se opunham a ele, afirmando que voltariam a frequentar suas lojas preferidas. Outros davam de ombros. "Acho que a coisa toda é maluca, mas não vou me preocupar com isso", foi uma opinião, talvez não atípica, ouvida de um não judeu naquele dia. Até os homens da SA pareciam às vezes em dúvida sobre a ação em alguns lugares. Em outros, no entanto, o boicote foi simplesmente uma desculpa para o saque e a violência. Para as vítimas judaicas, o dia foi traumático — a indicação mais clara de que estavam numa Alemanha na qual não poderiam mais se sentir "em casa", na qual a discriminação rotineira fora substituída pela perseguição patrocinada pelo Estado.

As reações ao boicote na imprensa estrangeira foram quase universalmente condenatórias. Um exercício de minimização dos danos teve de ser levado a cabo pelo presidente do Reichsbank, Schacht, para tranquilizar os banqueiros

estrangeiros quanto às intenções da Alemanha em política econômica. Mas dentro do país — algo que se repetiria em anos futuros — a dinâmica da pressão antissemita de militantes do partido, sancionada por Hitler e pela liderança nazista, foi então assumida pela burocracia estatal e canalizada para uma legislação discriminatória. A exclusão dos judeus do serviço público e das profissões liberais era um objetivo dos militantes nazistas antes de 1933. Agora, a possibilidade de pressionar pela implementação desses objetivos estava aberta. Sugestões de medidas discriminatórias antissemitas vieram de vários setores. Os preparativos para revisar os direitos do serviço público ganharam um novo viés antissemita no fim de março, possivelmente por intervenção de Hitler (embora não se tenha certeza disso). Com base no notório Parágrafo Ariano — não havia nenhuma definição de judeu — da apressadamente redigida Lei para a Restauração do Serviço Público Profissional, de 7 de abril, os judeus, assim como os oponentes políticos, foram demitidos do serviço público. Por intervenção de Hindenburg, foi feita uma exceção para os judeus que haviam servido na frente de batalha. Os três outros textos de legislação antissemita aprovados em abril — discriminação contra a admissão de judeus na carreira jurídica, a exclusão de médicos judeus do tratamento de pacientes cobertos pelo plano de saúde nacional e a limitação do número de estudantes judeus permitidos nas escolas — foram improvisados para atender não somente à pressão de baixo, mas às medidas *de facto* que já estavam sendo implementadas em várias partes do país. O papel de Hitler limitou-se, em larga medida, a dar sua sanção à legalização de medidas já introduzidas de forma muitas vezes ilícita por militantes do partido que, ao lado das possíveis motivações ideológicas, tinham interesses pessoais na discriminação.

A mudança sísmica na cena política que ocorrera havia cerca de um mês, após o incêndio do Reichstag, deixara os judeus totalmente expostos à violência, à discriminação e à intimidação nazista. E também fragilizara por completo a posição dos adversários de Hitler. Havia agora pouca luta nos partidos de oposição. A disposição para entrar em acordo logo se tornou uma disposição para capitular.

Já em março, Theodor Leipart, presidente da ADGB, a confederação dos sindicatos, tentara aderir aos novos ventos, distanciando os sindicatos do SPD e oferecendo uma declaração de lealdade ao novo regime. Não serviu para nada. O planejamento da destruição dos sindicatos foi empreendido por Reinhold Mochow,

chefe do ainda relativamente insignificante sindicato nazista, o Nationalsozialistische Betriebszellenorganisation (NSBO, Organização Nacional-Socialista das Células de Fábrica), e, cada vez mais, por Robert Ley, o líder de Organização do NSDAP. Hitler de início hesitou, até que foi proposta a ideia de acoplá-la a um golpe de propaganda. No mesmo estilo do Dia de Potsdam, Goebbels preparou outra manifestação espetacular para o 1o de maio, quando os nacional-socialistas usurparam a celebração tradicional da Internacional e a transformaram no Dia do Trabalho Nacional. A ADGB participou plenamente dos comícios e desfiles. Mais de 10 milhões de pessoas compareceram, embora, para muitos, a presença da força de trabalho das fábricas não fosse voluntária.

No dia seguinte, depois da propaganda ruidosa, esquadrões da SA e da NSBO ocuparam os escritórios e as agências bancárias do movimento sindicalista social-democrata, confiscaram seus fundos e prenderam seus funcionários. Em uma hora, a "ação" estava terminada. O maior movimento sindicalista democrático do mundo havia sido destruído. Em questão de dias, seus membros foram incorporados à enorme Frente de Trabalho Alemã (Deutsche Arbeitsfront, DAF), fundada em 10 de maio, sob a chefia de Robert Ley.

O outrora poderoso Partido Social-Democrático da Alemanha, o maior movimento trabalhista que a Europa conhecera, também estava à beira do fim. Durante os últimos anos de Weimar, fora forçado a um acordo perverso após o outro em sua tentativa de sustentar suas tradições legalistas, ao mesmo tempo que esperava evitar o pior. Quando o pior chegou, ele estava mal equipado. Os anos da Depressão e a desmoralização interna haviam cobrado seu preço. O discurso de Otto Wels, em 23 de março, havia demonstrado coragem. Mas era muito pouco, e tarde demais. O apoio se esvaía. Durante março e abril, o braço paramilitar do SPD, a enorme Reichsbanner, foi forçada à dissolução. Seções do partido estavam fechando. Havia militantes presos e muitos fugiram para o exterior. Alguns já se preparavam para a ilegalidade. Junto com o medo vinha uma ampla desilusão com a social-democracia. A fuga de muitos líderes do partido para o exílio, embora uma medida necessária de segurança, realçou o sentimento de deserção. O SPD era agora um barco sem leme. Otto Wels e outros líderes foram para Praga, onde já se estabelecera uma sede do partido no exílio. Todas as atividades partidárias dentro da Alemanha seriam proibidas, a representação parlamentar social-democrata seria

abolida e seus ativos, confiscados.

Os outros partidos desmoronaram numa queda em dominó. O Staatspartei (antigo DDP, Deutsche Demokratische Partei) dissolveu-se em 28 de junho, seguido um dia depois pelo DVP. O DNVP, parceiro da coalizão conservadora com os nazistas — rebatizado em maio com o nome de Frente Nacional Alemã (Deutschnationale Front, DNF) —, também capitulou em 27 de junho. Ele vinha perdendo membros para o NSDAP em ritmo cada vez mais acelerado; suas organizações de base haviam sido submetidas à repressão e intimidação; a Stahlhelm — que contava com muitos membros que apoiavam o DNVP — fora colocada sob a liderança de Hitler no fim de abril e incorporada à SA em junho; e o líder do partido, Hugenberg, ficara totalmente isolado no gabinete, até mesmo de seus colegas conservadores. Sua renúncia do gabinete (instância que muitos, de início, haviam julgado que ele dominaria), em 26 de junho, foi inevitável, depois de constranger o governo alemão com seu comportamento na Conferência Econômica Mundial, realizada em Londres no mesmo mês. Sem consultar Hitler, o gabinete ou o ministro do Exterior Von Neurath, Hugenberg mandara um memorando ao Comitê Econômico da Conferência no qual rejeitava o livre comércio e exigia a devolução das colônias alemãs e terras para colonização no leste. Sua saída do gabinete significou o fim para seu partido. Longe de funcionar como o "verdadeiro" líder da Alemanha, e longe tampouco de assegurar com seus colegas conservadores do gabinete o "encurralamento" de Hitler, Hugenberg se tornou rapidamente um homem do passado. Poucos lamentaram. Brincando com o fogo, Hugenberg e seu partido, o DNVP, foram consumidos por ele.

Os partidos católicos resistiram um pouco mais. Mas sua posição foi enfraquecida pelas negociações, conduzidas por Papen, para uma concordata do Reich com a Santa Sé na qual o Vaticano aceitava a proibição das atividades políticas do clero na Alemanha. Isso significava que, numa tentativa de defender a posição da Igreja católica na Alemanha, o catolicismo político fora sacrificado. De qualquer modo, àquela altura o Zentrum vinha perdendo membros a um ritmo alarmante, muitos deles ávidos para se acomodar aos novos tempos. Bispos católicos haviam substituído os líderes do Zentrum no papel de principais porta-vozes da Igreja nas negociações com o regime e estavam mais preocupados em preservar suas instituições, organizações e escolas do que sustentar a posição

enfraquecida dos partidos políticos católicos. Intimidação e pressão fizeram o resto. No fim de junho, a prisão de 2 mil membros do BVP pela Polícia Política bávara, comandada por Himmler, fez com que vissem as coisas com clareza e trouxe a leitura rápida da extrema-unção para o partido, em 4 de julho. Um dia depois, o Zentrum, último partido remanescente, além do NSDAP, se dissolveu. Pouco mais de uma semana depois, a Lei contra a Constituição de Novos Partidos faria do NSDAP o único partido político legal na Alemanha.

VII

O que estava acontecendo no centro da política estava ocorrendo também na base, não apenas da vida política, mas em cada forma de organização da atividade social. A intimidação daqueles que representavam algum obstáculo e o oportunismo daqueles que buscavam a primeira ocasião para pegar carona no poder revelaram-se uma combinação irresistível. Em incontáveis cidades pequenas e aldeias, os nazistas tomaram o governo local. Professores e servidores públicos destacaram-se na corrida para aderir ao partido. Tão inchado ficou o NSDAP com o influxo em massa daqueles ávidos para aderir ao novo regime — os "caídos de março (*Märzgefallene*), como os "velhos combatentes" os apelidaram cinicamente — que em 1o de maio foi proibida a entrada de novos membros. Dois milhões e meio de alemães já haviam aderido ao partido, 1,6 milhão deles depois que Hitler se tornou chanceler. O oportunismo misturava-se ao idealismo genuíno.

O mesmo se aplicava, em larga medida, à esfera cultural mais ampla. Goebbels assumiu com grande energia e entusiasmo sua tarefa de reorganizar a imprensa, o rádio, a produção cinematográfica, o teatro, a música, as artes visuais, a literatura e todas as outras formas de atividade cultural. Mas a característica mais notável da "coordenação" da cultura foi o entusiasmo e a avidez com que intelectuais, escritores, artistas, atores e publicistas colaboraram em medidas que não somente empobreceram e manietaram a cultura alemã nos doze anos seguintes, mas baniram e puseram fora da lei seus expoentes mais brilhantes.

As esperanças nutridas havia tanto tempo em um futuro grande líder apagaram as faculdades mentais de muitos intelectuais, deixando-os cegos para a magnitude do ataque à liberdade de pensamento e de ação que eles saudavam. Muitos intelectuais neoconservadores, cujas ideias ajudaram a abrir caminho para o Terceiro Reich, logo ficaram profundamente desiludidos. Na prática, Hitler revelou que não era o líder místico com que sonhavam. Mas eles haviam ajudado a preparar o terreno para o culto ao Führer que foi assumido em miríades de formas por tantos outros.

Houve pouquíssimos protestos contra os expurgos de professores universitários promovidos pela nova lei do serviço público de abril de 1933, quando muitos dos mais ilustres acadêmicos foram demitidos e forçados ao exílio. Àquela altura, a

Academia de Artes da Prússia já havia empreendido sua própria "limpeza", exigindo lealdade ao regime de todos os que escolhessem permanecer como seus membros abençoados.

O momento simbólico da capitulação dos intelectuais ao "novo espírito" de 1933 veio em 10 de maio, com a queima de livros de autores inaceitáveis ao regime. Alguns corpos docentes e conselhos deliberativos de universidades colaboraram. Seus membros, com poucas exceções, compareceram às fogueiras. O poeta Heinrich Heine (1797-1856), cujas obras estavam entre aquelas consumidas pelas chamas, havia escrito: "Onde os livros são queimados, no fim, as pessoas também são queimadas".

VIII

Pouquíssimas transformações da Alemanha ocorridas durante a primavera e o verão de 1933 obedeceram a ordens diretas da Chancelaria do Reich. Hitler raras vezes se envolveu pessoalmente. Mas ele era o principal beneficiário. Durante esses meses, a adulação popular do novo chanceler alcançou níveis inenarráveis. Estabeleceu-se o culto ao Führer não somente no partido, mas em todo o Estado e a sociedade, como a própria base da nova Alemanha. Seu prestígio e poder, no país e cada vez mais no exterior, foram imensuravelmente impulsionados.

Já na primavera de 1933, o culto da personalidade em torno dele florescia e provocava manifestações extraordinárias. "Poemas" — em geral versos melosos, às vezes em tom pseudorreligioso — foram escritos em sua honra. "Carvalhos-Hitler" e "Tílias-Hitler", árvores cujo antigo simbolismo pagão lhes dava significado especial para os nacionalistas *völkisch* e praticantes de cultos nórdicos, foram plantados em vilas e aldeias de toda a Alemanha. Vilas e cidades apressaram-se em conferir cidadania honorária ao novo chanceler. Ruas e praças receberam seu nome.

Esse grau de culto ao herói jamais fora testemunhado na Alemanha. Nem mesmo o culto a Bismarck, nos últimos anos do fundador do Reich, chegara perto disso. No aniversário de 44 anos de Hitler, em 20 de abril de 1933, houve uma avalanche extraordinária de adulação, enquanto o país inteiro se fartava de festividades em homenagem ao "Líder da Nova Alemanha". Por mais bem orquestrada que fosse a propaganda, o fato é que ela captava sentimentos populares e níveis quase religiosos de devoção que não podiam ser apenas fabricados. Hitler estava a caminho de se tornar não mais o líder do partido, mas o símbolo da unidade nacional.

Para os espectadores que não chegavam a ser adoradores fanáticos do novo deus, tornava-se cada vez mais difícil evitar ao menos um sinal exterior de anuência na adoração sem limites. A expressão mais banal de aquiescência, a saudação "Heil Hitler", disseminou-se rapidamente. Para os servidores públicos, passou a ser compulsória um dia antes de o Partido Nazista se tornar o único permitido no país. Aqueles que não podiam erguer o braço direito em consequência de incapacidade física receberam ordens para erguer o braço esquerdo. A "saudação alemã" — "Heil

Hitler!" — era o sinal exterior de que o país se transformara num "Estado do Führer".

E o que dizer do homem que estava no centro dessa espantosa idolatria? Putzi Hanfstaengl, que era agora chefe da Seção de Imprensa Estrangeira do Ministério da Propaganda, embora não fizesse parte do "círculo íntimo", ainda via Hitler com assiduidade e de perto. Mais tarde, comentou como era difícil ter acesso a ele, mesmo nesse primeiro período no poder. Hitler levara consigo para a Chancelaria seu velho séquito bávaro — a "Chauffeureska", como Hanfstaengl a chamava. Seus ajudantes, os motoristas Brückner, Schaub, Schreck (sucessor de Emil Maurice, expulso depois de seu flerte com Geli Raubal) e o fotógrafo "da corte" Heinrich Hoffmann eram onipresentes e com frequência atrapalhavam os contatos, interferiam nas conversas com alguma forma de distração e invariavelmente ouviam e depois apoiavam as impressões e os preconceitos de Hitler. Até mesmo o ministro do Exterior Neurath e o presidente do Reichsbank Schacht encontravam dificuldades para ganhar a atenção do chanceler por mais de um ou dois minutos sem alguma intervenção de um ou outro membro da "Chaffeureska". Somente Göring e Himmler, segundo Hanfstaengl, podiam contar com uma breve audiência privada a pedido, embora Goebbels, pelo menos, devesse ser acrescentado a essa curta lista. A imprevisibilidade e a ausência de rotina de Hitler não ajudavam. Como sempre, tendia a dormir tarde — muitas vezes relaxava assistindo a um filme (um de seus preferidos era *King Kong*) em seu cinema particular. Às vezes, mal aparecia pela manhã, exceto para ouvir relatórios de Hans Heirich Lammers, o chefe da Chancelaria do Reich, e dar uma olhada nos jornais com Walther Funk, o braço direito de Goebbels no Ministério da Propaganda. O ponto alto do dia era o almoço. O *chef* da Chancelaria, que fora trazido da Casa Parda de Munique, tinha dificuldades para preparar uma refeição encomendada para a uma da tarde, mas com frequência servida até duas horas depois, quando Hitler finalmente aparecia. Otto Dietrich, o chefe de imprensa, passou a comer antes no Kaiserhof, aparecendo à uma e meia, preparado para todas as eventualidades. Os convidados à mesa de Hitler mudavam todos os dias, mas eram invariavelmente camaradas de confiança do partido. Até mesmo nos primeiros meses, era rara a presença dos ministros conservadores. Levando-se em conta a companhia, era óbvio que Hitler dificilmente — se é que isso acontecia — seria contestado. Qualquer tipo de

observação, no entanto, podia provocar uma longa diatribe que, em geral, se parecia com seus primeiros ataques propagandísticos a oponentes políticos ou lembranças de batalhas travadas e vencidas.

Teria sido impossível para ele evitar os efeitos da bajulação desbragada que o cercava diariamente, que filtrava o tipo de informação que chegava até ele e o encasulava em relação ao mundo exterior. Seu senso de realidade era distorcido exatamente por esse processo. Seu contato com pessoas que viam as coisas sob uma luz distinta era restrito a entrevistas dirigidas com dignitários, diplomatas ou jornalistas estrangeiros. O povo alemão era pouco mais que uma massa adoradora sem rosto e seu único contato com ele eram agora os discursos relativamente infrequentes e mensagens pelo rádio. Mas a adulação popular que recebia era como uma droga para ele. Sua autoconfiança já chegava às alturas. Comentários depreciativos casuais sobre Bismarck indicavam que ele considerava agora o fundador do Reich seu inferior. O que se transformaria num sentimento fatal de infalibilidade estava mais do que embrionário no presente.

É impossível saber o quanto a adulação disseminada com tanta rapidez por toda a sociedade em 1933 era genuína, o quanto era forçada ou oportunista. De qualquer modo, o resultado era mais ou menos o mesmo. A quase deificação de Hitler dava ao chanceler um status que deixava todos os outros ministros do gabinete e chefões do partido na sombra. As possibilidades de questionar, para não falar de contradizer, as medidas que se sabia que Hitler favorecia tornaram-se inexistentes. A sua autoridade abria agora portas para a ação radical que antes estavam fechadas, levantava restrições e removia barreiras a medidas que antes de janeiro de 1933 pareciam impensáveis. Sem transmissão direta de ordens, iniciativas que se imaginava estivessem afinadas com os objetivos de Hitler podiam ser empreendidas — e ter boa chance de sucesso.

Foi o caso da "lei de esterilização" — a Lei para a Prevenção de Descendência Hereditariamente Doente — aprovada pelo gabinete em 14 de julho de 1933. Hitler não teve nada a ver, de forma direta, com a redação da lei (que foi anunciada como um benefício para a família, bem como para a sociedade em geral). Mas ela foi confeccionada com base em sentimentos manifestados pelo Führer. E, quando foi apresentada ao gabinete, foi recebida com sua aprovação imediata, contra as objeções do vice-chanceler, preocupado com os sentimentos dos católicos em

relação à lei. O apelo de Papen para que a esterilização fosse feita somente com o consentimento voluntário da pessoa afetada foi simplesmente posto de lado por Hitler.

Embora, do ponto de vista nazista, fosse um começo modesto da engenharia racial, as consequências da lei estavam longe de ser desprezíveis: em obediência a seus dispositivos, cerca de 400 mil vítimas seriam compulsoriamente esterilizadas antes do fim do Terceiro Reich.

Embora na reunião do gabinete Papen tenha sugerido que a Igreja católica poderia causar problemas em relação à lei de esterilização, ele sabia melhor do que ninguém que isso era improvável. Menos de uma semana antes, havia assinado em nome do governo alemão a concordata com o Vaticano que ele mesmo se empenhara tanto para aprovar. A concordata foi firmada com grande pompa e circunstância em Roma, no dia 20 de julho. Apesar das contínuas perseguições ao clero católico e outros ultrajes cometidos pelos radicais nazistas contra a Igreja e suas organizações, o Vaticano mostrara-se ansioso para chegar a um acordo com o novo governo. Até mesmo as graves hostilidades que persistiram após a assinatura da concordata não impediram que o Vaticano concordasse com sua ratificação em 10 de setembro. O próprio Hitler atribuíra grande mérito a uma concordata desde o início de seu governo, sobretudo para eliminar qualquer papel do "catolicismo político" na Alemanha. Na mesma reunião do gabinete em que a lei da esterilização foi aprovada, ele destacou o triunfo que a concordata significava para seu regime. Há não muito tempo, observou, não julgaria possível "que a Igreja estivesse disposta a confiar os bispos a este Estado. Que isso tivesse acontecido, era sem dúvida um reconhecimento franco do regime atual". Com efeito, tratava-se de um triunfo incondicional para Hitler. O episcopado alemão enviou declarações efusivas de agradecimento e congratulações.

Surpreendentemente, a Igreja protestante revelou-se menos fácil de lidar nos primeiros meses de Hitler na Chancelaria. Embora seguida por cerca de dois terços da população, ela estava dividida em 28 igrejas regionais separadas, com diferentes ênfases doutrinárias. A pouca reflexão de Hitler talvez o tenha levado a subestimar o campo minado da mistura de religião e política em que entrou quando se envolveu no apoio a tentativas de criar uma Igreja do Reich unificada. Seu interesse, como sempre ocorria nesses assuntos, era puramente oportunista. Sua

escolha — não está claro a conselho de quem — para futuro bispo do Reich recaiu sobre Ludwig Müller, um ex-capelão naval de cinquenta anos sem nenhuma qualificação óbvia para o posto, exceto uma alta consideração por sua própria importância e uma admiração ardente pelo chanceler do Reich e seu movimento. Hitler disse a Müller que queria acelerar a unificação, sem nenhuma confusão, e formar uma Igreja que aceitasse a liderança nazista.

Porém, Müller revelou ser uma escolha desastrosa. Em 26 de maio, na eleição do bispo do Reich pelos líderes da Igreja evangélica, ele ganhou o apoio da ala nazificada, os "cristãos alemães", mas foi rejeitado por todos os outros setores. A propaganda nazista apoiou os cristãos alemães. Hitler manifestou-se publicamente a favor de Müller e, no dia anterior à eleição, transmitiu pelo rádio seu apoio às forças da Igreja que estavam de acordo com as novas políticas do Estado.

Os cristãos alemães obtiveram uma vitória convincente em 23 de julho, mas que viria a se revelar uma vitória de Pirro. Em setembro, Martin Niemöller, pastor de Dahlem, um bairro rico de Berlim, recebera 2 mil respostas a uma circular em que convidava pastores a se unirem a ele na criação da Liga de Emergência de Pastores a fim de sustentar a tradicional fidelidade à Sagrada Escritura e às Confissões da Reforma. Foi o início do que se transformaria na Igreja da Confissão, a qual se tornaria, para alguns pastores, o veículo para a oposição não somente à política eclesiástica do Estado, mas ao próprio Estado.

Ludwig Müller foi finalmente eleito bispo do Reich em 27 de setembro. Mas, então, o apoio dos nazistas aos cristãos alemães — principal sustentáculo de Müller — já estava em queda. Hitler queria agora distanciar-se deles, cujas atividades eram vistas cada vez mais como contraproducentes, e se afastar do conflito interno da Igreja. Um comício dos cristãos alemães, realizado no Sportpalast de Berlim em meados de novembro, ao qual compareceram 20 mil pessoas, causou tamanha indignação com um discurso que atacava o Velho Testamento e a teologia do "rabino Paulo" e pregava a necessidade de representar um Jesus mais "heroico", que Hitler se sentiu obrigado a levar a cabo sua dissociação dos assuntos eclesiásticos. A experiência da *Gliechschaltung** fora um fracasso. Era hora de abandoná-la. Hitler logo perdeu o interesse que porventura tivesse pela Igreja protestante. No futuro, ele seria forçado a intervir novamente em mais de uma ocasião. Mas o conflito eclesiástico não passava para ele de uma amolação.

IX

De qualquer modo, no outono de 1933 a discórdia no interior da Igreja protestante era apenas um espetáculo secundário aos olhos de Hitler. De importância imensuravelmente maior era a posição internacional da Alemanha. Em 14 de outubro, num lance dramático, Hitler retirou seu país das conversações sobre desarmamento, em Genebra, e também da Liga das Nações. Da noite para o dia, as relações internacionais foram postas em novo patamar. A era Stresemann da política externa acabara definitivamente. A "revolução diplomática" na Europa havia começado.

Hitler havia desempenhado um papel limitado na política externa durante os primeiros meses do Terceiro Reich. O novo e ambicioso rumo revisionista — voltado para a reversão às fronteiras de 1914, reaquisição de ex-colônias (e conquista de novas), incorporação da Áustria e domínio germânico no leste e no sudeste da Europa — foi elaborado por profissionais do Ministério do Exterior e apresentado ao gabinete já em março de 1933. No fim de abril, Rudolf Nadolny, o delegado alemão nas conversações sobre desarmamento, já falava em privado sobre as intenções de montar um grande Exército de 600 mil homens. Se a Grã-Bretanha e a França concordassem apenas com um Exército bem menor de 300 mil membros, ao mesmo tempo que reduzissem minimamente suas respectivas Forças Armadas, ou se concordassem com um desarmamento substancial, mas se recusassem a permitir qualquer rearmamento alemão, Nadolny acenaria com a perspectiva de a Alemanha se retirar das negociações e, talvez, da própria Liga das Nações. Enquanto isso, Blomberg, o novo ministro belicoso da Reichswehr, estava impaciente para romper com Genebra e dar início o mais rápido possível a um programa de rearmamento unilateral. A linha de Hitler naquele momento era bem mais cautelosa. Ele tinha um temor real de intervenção enquanto as defesas alemãs estivessem tão débeis.

As conversações em Genebra permaneciam num impasse. Vários planos apresentados por britânicos, franceses e italianos ofereciam aos alemães algumas concessões, além das provisões estabelecidas em Versalhes, mas mantinham uma clara supremacia em armamentos para as potências ocidentais. Nenhum deles tinha chance de ser aceito pela Alemanha, embora Hitler estivesse disposto a seguir uma

linha taticamente mais moderada do que a proposta por Neurath e Blomberg. Em contraste com a impaciência do Exército por uma imediata — mas inatingível — igualdade de armamentos, Hitler, tático mas astuto, estava preparado para jogar o jogo da espera. Àquela altura, ele só podia esperar que as evidentes divergências entre Grã-Bretanha e França sobre a questão do desarmamento lhe favorecessem. No fim, isso aconteceria de fato. Embora as duas maiores potências ocidentais se sentissem apreensivas diante da perspectiva de uma Alemanha rearmada, preocupadas com as disposições agressivas que vinham de Berlim e com a onda de terror nazista na Áustria, havia desavenças importantes entre elas. Isso significava que não havia uma perspectiva real da intervenção militar que Hitler tanto temia. A Grã-Bretanha estava disposta a ser mais receptiva do que a França. A esperança era que, por meio de pequenas concessões, o rearmamento alemão pudesse ser efetivamente retardado. Mas os britânicos sentiam-se pressionados pela linha dura francesa, ao mesmo tempo que temiam que isso pudesse forçar a Alemanha a sair da Liga das Nações.

No entanto, em 28 de abril, foi a Grã-Bretanha que tomou a iniciativa, com apoio da França, de fazer uma mínima concessão à Alemanha, permitindo a formação de um Exército de 200 mil homens, mas exigindo a proibição de todas as organizações paramilitares. Blomberg e Neurath reagiram publicamente com ira. Hitler, preocupado com a ameaça de sanções das potências ocidentais e a ostensiva exibição militar dos poloneses no leste, rendeu-se a uma força superior. Disse ao gabinete que a questão do rearmamento não seria resolvida em torno de uma mesa de conferência. Era preciso um método novo. Não havia possibilidade, naquele momento, de rearmamento "por métodos normais". A unidade do povo alemão em torno da questão tinha de ser mostrada "ao mundo". Ele aceitou a sugestão, apresentada ao gabinete pelo ministro do Exterior Neurath, de fazer um discurso ao Reichstag que resultasse numa aclamação da política governamental.

No discurso que fez em 17 de maio, Hitler parecia falar no tom de um estadista interessado em garantir a paz e o bem-estar de seu país e de toda a Europa. "Respeitamos os direitos nacionais também de outros povos", declarou, e "desejamos do mais fundo do coração viver com eles em paz e amizade." Suas exigências de tratamento igual para a Alemanha na questão do desarmamento podiam soar totalmente justificadas aos ouvidos alemães, e também no exterior. A

Alemanha estava disposta a renunciar às armas de agressão se outros países fizessem o mesmo, declarou. Qualquer tentativa de impor um acordo de desarmamento à Alemanha só poderia ser ditada pela intenção de expulsar o país das negociações. "Como um povo continuamente difamado, será difícil para nós permanecer na Liga das Nações", dizia sua ameaça mal velada. Ele falava com a voz da razão e punha seus adversários das democracias ocidentais na defensiva.

As conversações insolúveis de Genebra foram postergadas para junho, depois para outubro. Durante esse período, não houve planos concretos para a Alemanha romper com a Liga das Nações. Até o fim do mês, Hitler e o ministro do Exterior Neurath não contavam com uma retirada prematura. Em 4 de outubro, parece que Hitler ainda pensava em mais negociações. Mas, nesse mesmo dia, chegou a notícia de uma postura mais inflexível dos britânicos em relação ao rearmamento alemão, endurecida para apoiar os franceses, sem levar em conta as exigências de igualdade. Naquela tarde, Blomberg pediu uma audiência com Hitler na Chancelaria. Depois, Neurath admitiu que ele também havia dito ao chanceler, no fim de setembro, que não havia mais nada a ganhar em Genebra. Hitler reconheceu que o momento estava maduro para deixar a Liga, pois as circunstâncias davam a impressão de que a Alemanha era a parte lesada. A vantagem propagandística, especialmente na Alemanha, onde ele podia ter certeza de um apoio popular maciço, era uma chance boa demais para ser perdida.

O gabinete foi finalmente informado em 13 de outubro. Com um olho no valor propagandístico da aclamação plebiscitária, Hitler disse aos ministros que a posição da Alemanha seria fortalecida pela dissolução do Reichstag, a marcação de novas eleições e "o requisito de que o povo alemão se identifique com a política de paz do governo do Reich por meio de um plebiscito".

No dia seguinte, a Conferência de Genebra recebeu a notificação oficial da retirada dos alemães. As consequências foram de grande alcance. As conversações sobre desarmamento perderam sentido. A Liga das Nações, da qual o Japão já se retirara no início do ano, ficava fatalmente enfraquecida. Na decisão de abandonar a Liga, o momento escolhido e a exploração propagandística foram típicos de Hitler. Mas Blomberg, em especial, e Neurath vinham pressionando pela retirada muito antes de Hitler se convencer de que chegara o momento de a Alemanha ganhar o máximo de vantagem. Hitler não foi capaz somente de se beneficiar da

base instável da diplomacia europeia no início de seu governo. A crise econômica mundial havia minado a "política de cumprimento" sobre a qual estavam baseadas a estratégia de Stresemann e a segurança da Europa. Desse modo, a ordem diplomática europeia era tão estável quanto um castelo de cartas quando Hitler assumiu a Chancelaria. A retirada alemã da Liga das Nações foi a primeira carta a ser removida do castelo. As outras tombariam em breve.

Na noite de 14 de outubro, numa emissão de rádio astutamente construída, certo da ressonância positiva junto aos milhões de ouvintes em todo o país, Hitler anunciou a dissolução do Reichstag. Novas eleições, marcadas para 12 de novembro, propiciavam agora a chance de ter um Parlamento puramente nacional-socialista, livre dos remanescentes dos partidos dissolvidos. Embora apenas um partido disputasse as eleições, Hitler voou uma vez mais pela Alemanha fazendo comícios eleitorais. A campanha de propaganda direcionou suas energias para uma exibição de lealdade a Hitler em pessoa — que já era chamado, até pelo que restava da imprensa não nazista, simplesmente de "o Führer". A manipulação eleitoral ainda não era tão refinada como seria nos plebiscitos de 1936 e 1938. Mas estava longe de não existir. Formas variadas de trapaça foram comuns. O sigilo nas urnas estava longe de ser garantido. E a pressão para conformar-se era óbvia. Mesmo assim, o resultado oficial — 95,1% no plebiscito, 92,1% na "eleição para o Reichstag" — marcou um triunfo genuíno para Hitler. No exterior, assim como no país, mesmo levando-se em conta a manipulação e a falta de liberdade, era preciso concluir que a vasta maioria do povo alemão o apoiava. Sua estatura de líder nacional acima dos interesses partidários foi amplamente realçada.

A conquista da Alemanha por Hitler, no entanto, ainda estava incompleta. Por trás da euforia do resultado do plebiscito, uma velha questão ameaçava agora pôr em perigo o próprio regime: o problema da SA.

* Termo alemão que significa adesão, padronização, e foi utilizado pelos nazistas para designar a política de eliminação do individualismo e adesão à doutrina do partido. (N. E.)

11. O poder total

I

O exército partidário indisciplinado de Hitler, a SA, havia sobrevivido para além de seu objetivo, que era a conquista do poder. Tudo havia sido baseado na realização dessa única meta. O que aconteceria depois de obtido o poder, quais seriam o objetivo e a função da SA no novo Estado, que benefícios teriam as tropas de choque comuns, nada disso estava claro. Agora, meses após a "tomada do poder", a "política de arruaça" da SA era uma força de disrupção do Estado. E, em particular, levando em conta as ambições militares de seu líder, Ernst Röhm, a SA era um fator cada vez mais desestabilizador, sobretudo em relação à Reichswehr. Mas sua eliminação, ou a retirada de seu poder, não era uma questão simples. Tratava-se de uma organização enorme, muito maior do que o próprio partido. Abrigava muitos dos mais ardentes "velhos combatentes" (em sentido literal) do movimento. E havia sido a espinha dorsal da militância violenta que forçara o ritmo da revolução nazista desde que Hitler assumira a Chancelaria. As ambições de Röhm, como vimos em capítulos anteriores, jamais foram idênticas às de Hitler. A grande organização paramilitar que jamais aceitara sua subordinação à ala política do partido causara tensões e rebeliões ocasionais desde os anos 1920. Mas, qualquer que fosse a crise, Hitler sempre conseguira preservar a lealdade da SA. Desafiar a liderança da organização era correr o risco de perder essa lealdade, algo que não podia ser feito com facilidade ou encarado com leveza.

O problema da SA estava inextricavelmente ligado à outra ameaça à consolidação

do poder de Hitler. O presidente do Reich, Hindenburg, estava velho e debilitado. A questão da sucessão avultaria no futuro previsível. Hindenburg, o símbolo da "velha" Alemanha e da "velha" Prússia, era a figura de proa atrás da qual se posicionavam forças ainda poderosas, cujas lealdades eram um tanto ambivalentes em relação ao novo Estado. A mais importante delas era o Exército, do qual o comandante supremo era o próprio chefe de Estado. A liderança da Reichswehr estava cada vez mais alarmada com as pretensões militares da SA. Se Hitler não conseguisse resolver o problema da organização paramilitar, os líderes militares poderiam buscar uma alternativa para chefe de Estado após a morte de Hindenburg, o que talvez resultasse na restauração da monarquia e de uma ditadura militar *de facto*. Esse desdobramento seria bem recebido não só em setores da velha guarda militar, como também de alguns grupos nacional-conservadores favoráveis a uma forma de Estado antidemocrática e autoritária, mas que haviam ficado estarrecidos com o regime de Hitler. O gabinete do vice-chanceler Papen tornou-se gradualmente o foco das esperanças de cortar as asas da revolução nazista. Uma vez que Papen continuava a gozar da preferência do presidente do Reich, esses "reacionários", embora em número pequeno, não podiam ser ignorados em termos de poder político. E uma vez que havia, ao mesmo tempo, preocupação entre os líderes empresariais com os problemas econômicos graves e crescentes, a ameaça à consolidação do poder de Hitler — e, com isso, do próprio regime — era efetivamente real.

A SA de Ernst Röhm havia sido a ponta de lança da revolução nazista nos primeiros meses de 1933. A explosão de violência prescindira de comando de cima. Havia tempo que a organização era mantida sob controle, com ordens de esperar o dia do ajuste de contas. Agora, não podia mais ser contida. Orgias de vingança cheia de ódio contra inimigos políticos e ataques brutais aos judeus eram ocorrências diárias. Uma grande proporção das estimadas 100 mil pessoas mantidas sob custódia naqueles meses turbulentos ficou detida em prisões e campos improvisados da SA. Cerca de cem desses locais foram montados somente na região de Berlim. Muitas vítimas eram torturadas de forma bestial. O número mínimo de quinhentos a seiscentos assassinatos, naquilo que os nazistas proclamavam ser uma revolução legal e sem sangue, pode ser computado em grande medida na conta da SA. Rudolf Diels, o primeiro chefe da Gestapo, descreveu após a guerra as condições

em uma das prisões de Berlim: "Os 'interrogatórios' começavam e terminavam com um espancamento. Uma dezena de camaradas surrava suas vítimas a intervalos de algumas horas com barras de ferro, cassetetes de borracha e chicotes. Dentes e ossos quebrados testemunhavam as torturas. Ao entrarmos, esses esqueletos vivos com feridas supuradas jaziam sobre palha podre...".

Enquanto o terror recaía principalmente sobre comunistas, socialistas e judeus, é improvável que fosse muito impopular, e podia ser atribuído a "excessos" da "insurreição nacional". Mas, já no verão, cresceu o número de incidentes em que o comportamento autoritário e grosseiro de homens da SA causou ampla afronta pública até mesmo em círculos pró-nazistas. As reclamações vinham da indústria, do comércio e de governos locais sobre distúrbios e atos intoleráveis das tropas de choque. O Foreign Office britânico acrescentou seu protesto contra incidentes em que diplomatas estrangeiros haviam sido insultados e até ameaçados. A SA parecia estar totalmente incontrolável. Era preciso tomar medidas contra isso. O presidente Hindenburg em pessoa pediu a Hitler que restaurasse a ordem.

A necessidade de agir tornou-se especialmente urgente após Röhm declarar que o objetivo da SA era continuar a "revolução alemã", a despeito das tentativas de conservadores, reacionários e companheiros oportunistas de miná-la e suavizá-la. Ele estava dizendo com todas as letras aos novos governantes da Alemanha que, para ele, a revolução estava apenas começando e que exigiria um papel de protagonista para si e para a poderosa organização que comandava — na época, com cerca de 4,5 milhões de membros.

Forçado pela primeira vez a escolher entre as demandas da ala paramilitar do partido e os "grandes batalhões" que exigiam ordem, Hitler convocou os governadores do Reich para uma reunião na Chancelaria em 6 de julho. "A revolução não é uma condição permanente", anunciou; "ela não deve se transformar numa situação duradoura. É necessário conter o rio da revolução que se espraiou livremente, no leito seguro da evolução." Outros líderes nazistas — Frick, Göring, Goebbels e Heß — assumiram a execução da mensagem nas semanas seguintes. Havia uma inequívoca mudança de rumo.

Porém, as ambições de Röhm eram indômitas. Ele desejava nada menos do que a criação de um "Estado da SA", com amplos poderes na polícia, em assuntos militares e na administração pública. Não era uma questão apenas de ambição

pessoal por poder. No gigantesco exército de camisas pardas, as expectativas em relação ao maravilhoso paraíso que viria depois que o nacional-socialismo tomasse o poder haviam sido imensamente frustradas. Embora tivessem gasto sua bile contra os inimigos políticos, os cargos, recompensas financeiras e poder que acreditavam ingenuamente que inundariam seu caminho continuavam esquivos. As menções a uma "segunda revolução", por pouco que estivessem fundamentadas em um programa claro de mudança social, estavam, portanto, destinadas a encontrar forte ressonância entre os soldados da base da SA.

Desse modo, Ernst Röhm não encontrou dificuldade para expandir sua popularidade entre os homens da SA por meio de suas contínuas ameaças sombrias, no início de 1934, de uma revolução que realizaria o que a "insurreição nacional" fracassara em fazer. Em público, ele permanecia fiel a Hitler. Mas, em privado, era altamente crítico à política do chanceler no que dizia respeito à Reichswehr e sua dependência de Blomberg e Reichenau. E não fez nada para deter o florescimento de um culto à sua personalidade na liderança da SA. No Comício da Vitória do Reich, em 1933, havia sido o líder partidário mais proeminente depois de Hitler, apresentando-se como o braço direito do Führer. No início de 1934, nas páginas do jornal da SA, *SA-Mann*, a figura de Hitler já era, em larga medida, substituída pelo culto a Röhm em expansão.

Ao menos em público, a lealdade era retribuída. Hitler hesitava, como continuaria a fazer nos primeiros meses de 1934, entre a SA e a Reichswehr. Não conseguia reunir forças para disciplinar Röhm, muito menos demiti-lo. O dano político e a perda de credibilidade e popularidade envolvidos tornavam essa medida arriscada. Mas a realidade do poder o obrigou a ficar do lado da liderança da Reichswehr. Isso ficou plenamente claro apenas no fim de fevereiro.

Em 2 de fevereiro de 1934, numa reunião com seus *Gauleiter*, Hitler criticou novamente a SA, sem citar nomes. Somente "idiotas" achavam que a revolução não havia acabado; havia no movimento quem só entendia "revolução" como "condição permanente de caos".

No dia anterior, Röhm enviara a Blomberg um memorando sobre as relações do Exército com a SA. Parece que ele exigia — não restou cópia desse documento — nada menos que a concessão da área da defesa nacional para a SA e uma redução da função das Forças Armadas ao fornecimento de homens treinados para a SA. As

exigências eram tão grosseiras que parece bastante provável que Blomberg as tenha falsificado ou interpretado erroneamente quando falou numa reunião dos comandantes de distrito do Exército, realizada em 2 de fevereiro, em Berlim. Eles ficaram horrorizados. Agora, Hitler tinha de decidir, declarou Blomberg. O Exército o pressionou. Numa tentativa consciente de conquistar seu apoio contra a SA, Blomberg, sem pressão da liderança nazista, introduziu o emblema do NSDAP no Exército e aceitou o Parágrafo Ariano para o corpo de oficiais, levando à imediata demissão de cerca de setenta membros das Forças Armadas. Röhm também tentou obter seu apoio. Mas, diante da escolha entre a Reichswehr, com o apoio de Hindenburg, e o exército de seu partido, Hitler só podia decidir agora de uma única maneira.

Em 27 de fevereiro, os comandantes do Exército definiram suas "diretrizes para a cooperação com a SA", que foram a base para o discurso de Hitler no dia seguinte e que, portanto, haviam sido estabelecidas de comum acordo. Na reunião no Ministério das Forças Armadas, em 28 de fevereiro, à qual compareceram os líderes da Reichswehr, da SA e da SS, Hitler rejeitou totalmente os planos de institucionalização de uma milícia, apresentados por Röhm. A SA deveria confinar suas atividades aos assuntos políticos, não militares. Uma milícia, como Röhm sugeria, não era apropriada para a defesa nacional. Ele estava decidido a montar um "exército popular" bem treinado na Reichswehr, equipado com os armamentos mais modernos, que deveria estar preparado para todas as eventualidades de defesa em cinco anos e adequado para ataque depois de oito. Exigiu dos homens da SA que obedecessem suas ordens. Para o período de transição, antes da montagem da Wehrmacht planejada, ele aprovava a sugestão de Blomberg de usar a SA para tarefas de proteção das fronteiras e treinamento pré-militar. Mas "a Wehrmacht deve ser a única portadora de armas da nação".

Röhm e Blomberg tiveram de assinar o "acordo" e dar um aperto de mãos. Hitler foi embora. Em seguida, serviram champanhe. Mas a atmosfera estava longe de ser cordial. Depois que os oficiais partiram, alguém ouviu Röhm comentar: "O que o ridículo cabo declarou não se aplica a nós. Hitler não tem nenhuma lealdade e precisa pelo menos ser mandado de férias. Se não for com Hitler, cuidaremos das coisas sem ele". A pessoa que anotou essas observações traiçoeiras foi o *SA-Obergruppenführer* Viktor Lutze, que relatou o que acontecera a Hitler. "Teremos de

deixar a coisa amadurecer", foi tudo o que colheu como resposta. Mas a demonstração de lealdade foi anotada. Quando precisou de um novo chefe para a SA, após os eventos de 30 de junho, Lutze foi o homem escolhido.

II

A partir do início de 1934, Hitler parece ter admitido que não teria outra escolha senão reduzir Röhm a suas devidas proporções. Mas não estava claro o que fazer com ele. Hitler adiou o problema. Simplesmente aguardou os acontecimentos. A liderança da Reichswehr também dava tempo ao tempo, na espera de uma escalada gradual, mas na expectativa de um confronto final. As relações entre Exército e SA continuaram a se decompor. Mas parece que Hitler mandou monitorar as atividades da SA. De acordo com um relato posterior do chefe da Gestapo, Rudolf Diels, foi em janeiro de 1934 que o Führer pediu a ele e a Göring que coletassem material sobre os excessos da SA. A partir do fim de fevereiro, a liderança da Reichswehr começou a reunir suas próprias informações sobre as atividades da SA, que foram repassadas a Hitler. Depois que Himmler e Heydrich assumiram a Gestapo prussiana, em abril, a montagem de um dossiê sobre a SA foi evidentemente intensificada. Os contatos de Röhm no exterior foram anotados, assim como aqueles com figuras do país conhecidas pela frieza em relação ao regime, como o ex-chanceler Schleicher.

Àquela altura, Röhm já havia instigado um conjunto de inimigos poderosos que acabariam por formar uma aliança perversa contra a SA. Göring queria tanto se ver livre da base de poder alternativo da SA na Prússia — que ele mesmo fizera muito por criar, desde que transformara a SA numa polícia auxiliar, em fevereiro de 1933 — que não hesitou em conceder o controle da Gestapo prussiana a Heinrich Himmler, abrindo caminho para a criação de uma polícia de Estado centralizada nas mãos da SS. O próprio Himmler e ainda mais seu frio e perigoso auxiliar Reinhard Heydrich reconheceram que suas ambições de construir tal império — o edifício fundamental do poder e controle no Terceiro Reich — dependiam do rompimento da SS de elite com seu organismo superior, a SA, e da eliminação da base de poder mantida por Röhm. No partido, Rudolf Heß — o chefe da organização instalado em abril de 1933 sob o título grandioso de Führer adjunto — e uma figura cada vez mais poderosa por trás dos panos, Martin Bormann, estavam conscientes do desprezo que os homens de Röhm tinham pela organização política, bem como da ameaça de que a SA substituísse efetivamente o partido ou o tornasse redundante. Para o Exército, como já observamos, o objetivo de Röhm de

subordinar a Reichswehr aos interesses da milícia popular era execrável. A intensificação de exercícios militares, os grandes desfiles e, não menos importante, as notícias sobre grandes quantidades de armas nas mãos da SA pouco faziam para acalmar os nervos.

No centro dessa rede de intrigas e interesses antagônicos — unidos somente na ansiedade para esmagar a ameaça da SA —, Hitler, com seu instinto agudo para a realidade do poder, deve ter notado que precisava romper com Röhm sem mais tardar.

Em abril, soube-se que Hindenburg estava gravemente enfermo. Hitler e Blomberg já haviam sido informados de que o fim não estava distante. No início de junho, o presidente do Reich retirou-se para sua propriedade em Neudeck, na Prússia Oriental. O mais importante sustentáculo dos conservadores estava agora longe do centro da ação. E a questão da sucessão era iminente. Ademais, a fim de remover o obstáculo que a SA representava para o recomeço das conversações sobre rearmamento com as potências ocidentais, Hitler havia ordenado, no fim de maio, que a organização parasse com os exercícios militares e, na última conversa que teve com Röhm, alguns dias depois, mandou que as tropas de choque tirassem férias de um mês.

Essa distensão do estado de coisas, somada à ausência de Hindenburg, tornou a situação mais difícil do que fácil para os conservadores. Mas Papen aproveitou um discurso realizado em 17 de junho na Universidade de Marburg para fazer uma advertência apaixonada contra os perigos de uma "segunda revolução" e um ataque veemente ao "egoísmo, falta de caráter, insinceridade, falta de cavalheirismo e arrogância" que havia sob o disfarce de revolução alemã. Criticou até mesmo a criação de um "falso culto da personalidade". "Grandes homens não são feitos pela propaganda, mas nascem de suas ações", declarou. "Nenhuma nação pode viver num estado contínuo de revolução", continuou. "O dinamismo permanente não permite o estabelecimento de alicerces sólidos. A Alemanha não pode viver num estado contínuo de agitação, do qual ninguém vê um fim." O discurso foi recebido por aplausos calorosos do salão. Do lado de fora, Goebbels agiu rápido para proibir sua publicação, mas não antes que cópias dele circulassem, tanto na Alemanha como entre a imprensa estrangeira. A notícia espalhou-se velozmente. Nunca mais se ouviria no Terceiro Reich uma crítica tão notável vinda de uma figura

proeminente do centro do regime. Mas, se Papen e seus amigos esperavam provocar uma ação do Exército, apoiado pelo presidente, para "domar" Hitler, então ficaram decepcionados. Na verdade, o discurso de Marburg serviu de gatilho para as medidas brutais tomadas no fim do mês.

O estado de ânimo do próprio Hitler em relação aos "reacionários" estava ficando visivelmente mais sombrio. Sem especificar nomes, seu discurso em Gera, no Congresso do Partido do Distrito Turíngio, em 17 de junho, mesmo dia do discurso de Papen, dava clara indicação de sua fúria diante das atividades do círculo de Papen. Ele os acusou de "anões", chamando, ao que parece, o próprio Papen de "verme minúsculo". Depois, veio a ameaça:

> Se eles tentarem, a qualquer momento, mesmo da menor maneira, passar de suas críticas a um novo ato de perjúrio, podem ter certeza de que quem os enfrenta hoje não é a burguesia covarde e corrupta de 1918, mas o punho do povo inteiro. É o punho da nação que está fechado e derrubará quem ousar empreender a mais leve tentativa de sabotagem.

Esse humor prefigurava o assassinato de alguns membros proeminentes da "reação" conservadora em 30 de junho. Na verdade, logo depois do discurso de Papen, um ataque aos reacionários parecia mais provável do que um confronto final com a SA.

Diante da proibição da publicação de seu discurso, Papen foi falar com Hitler. Disse que a medida de Goebbels o deixava sem alternativa, senão renunciar. Pretendia informar o presidente do Reich sobre isso, a não ser que a proibição fosse levantada e Hitler se declarasse disposto a seguir as diretrizes delineadas no discurso. Hitler reagiu com esperteza, de forma muito diferente das diatribes na presença de membros de seu partido. Admitiu que Goebbels agira erradamente e que mandaria suspender a proibição. Atacou também a insubordinação da SA e declarou que daria um jeito nela. Porém, pediu a Papen que adiasse sua renúncia até que ele pudesse acompanhá-lo numa visita ao presidente para que discutissem juntos a situação. Papen cedeu — e a oportunidade foi perdida.

Hitler não perdeu tempo. Arranjou uma audiência sozinho com Hindenburg, em 21 de junho. Nas escadarias da residência presidencial, o castelo Neudeck, ganhou a companhia de Blomberg, que fora convocado por Hindenburg após o furor provocado pelo discurso de Papen. Blomberg disse-lhe bruscamente que era

urgente tomar medidas para garantir a paz interna no país. Se o governo do Reich era incapaz de aliviar o estado de tensão corrente, o presidente declararia lei marcial e entregaria o controle ao Exército. Hitler percebeu que não poderia haver mais tergiversação. Tinha de agir. Não havia alternativa senão aplacar o Exército — atrás do qual estava o presidente. E isso significava destruir sem demora o poder da SA.

Não está claro o que ele tinha em mente naquele momento. Parece que falou em depor Röhm, ou mandar prendê-lo. Mas, àquela altura, o SD de Heydrich — a parte da organização labiríntica da SS responsável pela vigilância interna — e a Gestapo faziam horas extras para inventar notícias alarmistas sobre um iminente golpe da SA. Os líderes do SD e da SS foram chamados a Berlim por volta de 25 de junho para receber instruções de Himmler e Heydrich sobre as medidas a serem tomadas na eventualidade de uma revolta da SA, esperada para qualquer momento. Apesar de toda a sua indisciplina, a SA jamais contemplara fazer isso. A liderança continuava fiel a Hitler. Mas, agora, a disposição para crer que Röhm estava planejando um golpe foi prontamente abraçada por todos os poderosos inimigos da SA. A Reichswehr, que suspeitava cada vez mais das ambições da liderança da SA, disponibilizou armas e transportes para a SS (cujo tamanho pequeno — na época — e a restrição, em larga medida, ao trabalho de policiamento não representavam ameaça para os militares). Julgava-se agora provável um golpe da SA no verão ou outono. Toda a liderança das Forças Armadas estava preparada para uma ação iminente contra Röhm. Formava-se rapidamente um estado psicológico para o ataque à SA. Os alarmes soaram altos em 26 de junho, graças ao que parecia ser uma ordem de Röhm para armar a SA, em preparação para um ataque à Reichswehr. A "ordem" — na verdade, uma provável falsificação (embora nunca tenha se sabido quem foi o autor) — foi parar misteriosamente no gabinete do chefe da Abwehr [contraespionagem], capitão Conrad Patzig. Lutze estava presente quando Blomberg e Reichenau apresentaram a Hitler a "prova", no dia seguinte. Dois dias antes, Hitler já havia dado a entender a Blomberg que convocaria os líderes da SA para uma conferência em Bad Wiessee, às margens do Tegernsee, a cerca de oitenta quilômetros de Munique, onde Röhm residia, e os prenderia. Essa decisão parece ter sido confirmada na reunião com Blomberg e Reichenau, em 27 de junho. No mesmo dia, o *SS-Obergruppenführer* Sepp Dietrich, comandante da guarda residencial de Hitler — a Leibstandarte-SS Adolf Hitler —, combinou com a

Reichswehr de apanhar as armas necessárias para uma "missão secreta e muito importante do Führer".

III

O momento para a "ação" parece ter sido finalmente determinado na noite de 28 de junho, quando Hitler, Göring e Lutze estavam em Essen para o casamento do *Gauleiter* Terboven. Durante a recepção, Hitler recebeu uma mensagem de Himmler, informando-o de que Oskar von Hindenburg concordara em fazer arranjos para que seu pai recebesse Papen, provavelmente em 30 de junho. Era uma tentativa final de obter a aprovação do presidente do Reich para medidas de contenção do poder, não somente de Röhm e da SA, mas do próprio Hitler. O Führer deixou a recepção e correu para seu hotel. Lá, de acordo com Lutze, decidiu que não havia tempo a perder: tinha de atacar.

O ajudante de Röhm recebeu ordens por telefone para garantir que todos os líderes da SA comparecessem a uma reunião com Hitler em Bad Wiessee no fim da manhã de 30 de junho. Enquanto isso, o Exército era posto de prontidão. Göring voltou de avião para Berlim a fim de se encarregar das coisas por lá, pronto para agir não somente contra a SA, mas também contra o grupo de Papen.

Os rumores sobre a agitação na SA foram transmitidos a Hitler, cujo humor ficava mais sombrio a cada minuto. O telefone tocou. Alguém informava que os "rebeldes" estavam prontos para atacar em Berlim. Na verdade, não havia tentativa de golpe em andamento. Mas grupos de homens da SA em diferentes lugares da Alemanha, conscientes dos rumores que corriam sobre um ataque iminente contra a organização ou sobre a deposição de Röhm, estavam agitados. Sepp Dietrich recebeu ordens de partir para Munique imediatamente. Pouco depois da meia-noite, ele telefonou de lá para Hitler e recebeu ordens de reunir duas companhias da Leibstandarte e estar em Bad Wiessee às onze horas da manhã. Por volta das duas horas da madrugada, Hitler saiu para tomar o avião para Munique, acompanhado de seus ajudantes Brückner, Schaub e Schreck, e ainda de Goebbels, Lutze e o chefe de imprensa Dietrich. Chegaram com as primeiras luzes da manhã. Hitler foi recebido pelo *Gauleiter* Adolf Wagner e dois oficiais da Reichswehr, que lhe contaram que os homens da SA de Munique, gritando ofensas ao Führer, haviam tentado fazer uma manifestação armada na cidade. Embora fosse uma perturbação séria da ordem, tratava-se, na verdade, apenas da maior das ações de protesto de membros desesperados da tropa de choque nazista: 3 mil homens

armados haviam tumultuado Munique nas primeiras horas do dia, denunciando a "traição" contra a SA e gritando: "O Führer está contra nós, a Reichswehr está contra nós; SA nas ruas". Porém, Hitler não ficara sabendo dos distúrbios antes de chegar à cidade, nas primeiras horas da manhã. Então, com ira cega diante do que interpretou como traição de Röhm — "o dia mais negro de minha vida", ouviram-no dizer —, decidiu não esperar até a manhã seguinte, mas agir imediatamente.

Ele e seu séquito correram para o Ministério do Interior bávaro. Os líderes locais da SA, *Obergruppenführer* Schneidhuber e *Gruppenführer* Schmid, foram convocados peremptoriamente. A fúria de Hitler continuou crescendo enquanto os esperava. Àquela altura, já estava num estado de espírito quase histérico, reminiscente da noite do incêndio do Reichstag. Sem aceitar explicações, arrancou as insígnias de seus ombros gritando "Vocês estão presos e serão fuzilados". Perplexos e assustados, eles foram levados para a prisão de Stadelheim.

Hitler, sem esperar a chegada dos homens de Dietrich, exigiu ser levado imediatamente a Bad Wiessee. Passava pouco das 6h30 quando os três carros estacionaram diante do Hotel Hanselbauer, onde Röhm e outros líderes da SA ainda dormiam depois de uma noitada de bebedeira. Hitler, seguido por membros de seu séquito e vários policiais, invadiu o quarto de Röhm e, pistola na mão, denunciou-o como traidor (o que o espantado Röhm negou veementemente) e o declarou preso. Edmund Heines, o líder da SA de Breslau, foi encontrado num quarto ao lado, na cama com um homem jovem — cena que a propaganda de Goebbels utilizou bastante para expor a SA ao opróbrio moral. Seguiram-se outras prisões da equipe de Röhm.

Hitler e seu grupo voltaram então para a Casa Parda. Ao meio-dia, ele falou a líderes do partido e da SA reunidos no Salão dos Senadores. A atmosfera era mortífera. Hitler estava fora de si, num frenesi de raiva, e a saliva escorria de sua boca quando começou a discursar. Falou da "pior traição da história mundial". Röhm, alegou, havia recebido 12 milhões de marcos em subornos da França para prendê-lo e matá-lo, para entregar a Alemanha a seus inimigos. O chefe da SA e seus cúmplices, vituperou, seriam punidos exemplarmente. Todos seriam fuzilados. Um após o outro, os líderes nazistas exigiram a exterminação dos "traidores" da SA. Heß pediu que a tarefa de atirar em Röhm lhe fosse reservada.

De volta a seu quarto, Hitler deu ordens para o fuzilamento imediato de seis dos

homens da SA detidos em Stadelheim, marcando seus nomes numa lista fornecida pela administração da prisão. Eles foram prontamente levados para fora e fuzilados pelos homens de Dietrich. Não houve nem mesmo um processo sumário. Aos acusados, disseram simplesmente antes do fuzilamento: "Você foi condenado à morte pelo Führer! Heil Hitler!".

O nome de Röhm não estava entre os seis marcados por Hitler para execução sumária. Mais tarde, uma testemunha alegou tê-lo escutado dizer que Röhm fora poupado graças aos seus muitos serviços prestados ao movimento. Uma observação semelhante aparece no diário de Alfred Rosenberg: "Hitler não queria fuzilar Röhm". Ao dono do império editorial nazista Max Amann, ele disse: "Ele esteve uma vez ao meu lado diante do Tribunal do Povo".

A perda de prestígio que poderia resultar da ordem de eliminição de seu braço direito — por conta da mera suposição da existência de um levante — foi provavelmente o motivo principal para a relutância de Hitler em determinar o assassinato de Röhm. De qualquer modo, naquele momento, ele hesitou quanto a matá-lo. Enquanto isso, em Berlim, não havia hesitação. Logo após voltar de Bad Wiessee, Goebbels telefonou a Göring com a senha "Kolibri" (Beija-flor), que pôs em movimento os esquadrões da morte na capital e no resto do país. Herbert von Bose, secretário de imprensa de Papen, foi brutalmente fuzilado pela Gestapo depois que a vice-chancelaria foi invadida por homens da SS. Edgar Jung, um intelectual da direita conservadora e redator de discursos de Papen, que estava em "custódia preventiva" desde 25 de junho, também foi morto e seu corpo foi encontrado numa vala, perto de Oranienburg, em 1o de julho. A equipe de Papen foi detida. O próprio vice-chanceler, cujo assassinato teria sido um constrangimento diplomático, foi posto em prisão domiciliar. A matança estendeu-se a outros que não tinham nada a ver com a liderança da SA. Acertaram-se velhas contas. Gregor Strasser foi levado para a sede da Gestapo e fuzilado em uma das celas. O general Schleicher e sua esposa foram mortos em sua casa. Entre as vítimas estava também o general de divisão Von Bredow, um dos auxiliares de Schleicher. Em Munique, o velho adversário de Hitler, cavaleiro Von Kahr, foi arrastado pelos homens da SS e depois encontrado espancado até a morte perto de Dachau. No total, foram 22 vítimas em Munique e seus arredores, mortos principalmente graças à "iniciativa local". A sede de sangue desenvolvera seu próprio ímpeto.

Hitler chegou a Berlim por volta das 22 horas de 30 de junho, cansado, tenso e com a barba por fazer, e foi recebido por Goebbels, Himmler e uma guarda de honra. Ele hesitou em relação ao destino do chefe do Estado-Maior da SA até o fim da manhã seguinte. Ao que parece, sofreu pressão de Himmler e Göring para liquidar Röhm. No início da tarde de domingo, 1o de julho, durante uma recepção ao ar livre oferecida na Chancelaria para membros do gabinete e suas esposas, Hitler finalmente concordou. Mas, mesmo assim, preferiu que Röhm tirasse a própria vida, em vez de ser "executado". Theodor Eicke, comandante do campo de concentração de Dachau, recebeu ordens de ir a Stadelheim e oferecer a Röhm a chance de reconhecer a enormidade de suas ações por meio do suicídio. Caso se recusasse, deveria ser fuzilado. Ao lado de seu adjunto, SS-*Sturmbannführer* Michael Lippert, e um terceiro homem da SS do campo, Eicke foi até a prisão e deixaram uma pistola com Röhm. Depois de dez minutos, nenhum tiro foi ouvido. A pistola continuava intocada sobre a pequena mesa. Eicke e Lippert retornaram à cela, de pistola na mão, assinalaram para Röhm — que estava de pé, de peito desnudo e tentava falar — que não esperariam mais, miraram cuidadosamente e atiraram para matar. O anúncio público de Hitler foi lacônico: "Foi dada ao ex-comandante da SA Röhm a chance de retratar-se pelas consequências de seu comportamento traiçoeiro. Ele não o fez e por isso foi fuzilado".

Em 2 de julho, Hitler anunciou formalmente o fim da "ação de limpeza". Há quem estime que o total de pessoas mortas ficou entre 150 e duzentas.

Com a SA ainda em estado de choque e incerteza, o expurgo em massa de seus membros começou sob seu novo comandante, o fiel hitlerista Viktor Lutze. Em um ano, o tamanho da SA foi reduzido em mais de 40%. Muitos líderes subordinados foram demitidos em audiências disciplinares. As estruturas montadas por Röhm — os alicerces de seu poder dentro da organização — foram sistematicamente desmanteladas. A SA foi transformada em pouco mais do que um órgão de esportes e treinamentos militares. Para quem ainda alimentava ideias alternativas, a reação implacável de Hitler deixara uma mensagem inconfundível.

IV

Fora da Alemanha, houve manifestações de horror diante da carnificina, e mais ainda diante dos métodos de gangsterismo utilizados pelos homens de Estado. Internamente, a coisa foi diferente. Não demoraram a chegar expressões públicas de gratidão a Hitler. Já em 1o de julho, o ministro da Reichswehr, Blomberg, numa declaração às Forças Armadas, elogiava a "determinação marcial e coragem exemplar" demonstradas pelo Führer ao atacar e esmagar "os traidores e amotinados". A gratidão das Forças Armadas, acrescentava, seria marcada por "devoção e lealdade". No dia seguinte, o presidente do Reich mandou um telegrama a Hitler em que manifestava sua "profunda gratidão" pela "intervenção resoluta" e "corajoso envolvimento pessoal" que haviam "resgatado o povo alemão de um grave perigo". Muito depois, quando estavam ambos na prisão em Nuremberg, Papen perguntou a Göring se o presidente alguma vez havia visto o telegrama de congratulações enviado em seu nome. Göring respondeu que Otto Meissner, secretário de Estado de Hindenburg, havia lhe perguntado, meio em tom de brincadeira, se ele ficara "satisfeito com o texto".

O próprio Hitler fez um longo relato do "complô" de Röhm numa reunião de ministros, na manhã de 3 de julho. Antecipando alegações sobre a ilegalidade de suas ações, Hitler as comparou àquelas de um capitão de navio que sufoca um motim, quando é necessário agir imediatamente para esmagar a revolta e um processo formal é impossível. Ele pediu ao gabinete para aceitar o projeto de Lei para a Defesa de Emergência do Estado que estava diante deles. Em um único e breve parágrafo, o texto dizia: "As medidas tomadas em 30 de junho e 1o e 2 de julho para a repressão de ataques de alta traição e traição do Estado são, na qualidade de defesa de emergência do Estado, legais". O ministro da Justiça do Reich, o conservador Franz Gürtner, declarou que o projeto não criava uma nova lei, mas apenas confirmava uma lei existente. O ministro Blomberg agradeceu ao chanceler em nome do gabinete por sua "ação resoluta e corajosa com a qual havia protegido o povo alemão da guerra civil". Com essa declaração de apoio irrestrito do chefe das Forças Armadas e a aceitação pelo chefe do sistema jurídico da legalidade dos atos de violência bruta, a norma que concedia a Hitler o direito de cometer assassinatos no interesse do Estado foi aceita por unanimidade. A lei foi

assinada por Hitler, Frick e Gürtner.

O relato ao gabinete foi, em essência, a base para a justificação que Hitler apresentou em seu longo discurso ao Reichstag em 13 de julho. Se não foi uma de suas melhores performances retóricas, foi certamente uma das mais notáveis e mais eficazes. A atmosfera era tensa. Treze membros do Reichstag estavam entre os assassinados; amigos e ex-camaradas de armas dos líderes da SA estavam entre os presentes. A presença de homens armados da SS flanqueando a tribuna e em vários pontos do salão era uma indicação da precaução de Hitler, mesmo entre as fileiras cerradas de membros do partido. Depois de apresentar um longo relato fabricado sobre a "revolta" e o suposto papel desempenhado pelo general Schleicher, o general de divisão Bredow e Gregor Strasser na conspiração, ele chegou às partes mais extraordinárias do discurso. Nelas, o chefe do governo alemão aceitava plena responsabilidade pelo que equivalia a um homicídio em massa. Hitler transformou a defesa em ataque:

> Os motins são rompidos de acordo com leis de ferro eternas. Se sou censurado por não procurar os tribunais em busca de sentenças, só posso dizer: nessa hora, eu era responsável pelo destino da nação alemã e, portanto, o juiz supremo do povo alemão. [...] Dei ordem para fuzilar os mais culpados dessa traição, e depois dei ordem para queimar até a carne crua as úlceras de nosso envenenamento de poço interno e do envenenamento externo.

A ovação foi tumultuosa. Não apenas entre os membros nazistas do Reichstag, mas no país em geral, a substituição implacável do império da lei pelo assassinato em nome da razão do Estado foi aplaudida. Isso combinava exatamente com o que o linguajar nazista chamava de "sentimentos saudáveis do povo".

O público ignorava os complôs, as intrigas e os jogos de poder que aconteciam por trás do pano. O que a maioria das pessoas via era a bem-vinda remoção de um flagelo. Depois que a SA fizera seu trabalho de esmagamento da esquerda, as provocações e a arrogância pomposa, os atos ostensivos de violência, os distúrbios diários e a constante indisciplina de seus soldados constituíam uma afronta enorme ao sentimento de ordem, não somente entre as classes médias. Em vez de ficar chocada com os fuzilamentos sem processo, a maioria das pessoas — aceitando também as versões oficiais do golpe planejado — aclamou as ações rápidas e resolutas de seu Líder.

Foi grande a admiração pelo que foi considerado proteção de Hitler ao "pequeno

homem" contra os abusos ultrajantes de poder da liderança superpoderosa da SA. E, mais ainda, a ênfase que Hitler deu em seu discurso à imoralidade e corrupção dos líderes da SA deixou uma grande marca na reação pública. Os doze pontos apresentados por ele em 30 de junho em sua ordem ao novo chefe do Estado-Maior, Viktor Lutze, centravam-se na necessidade de erradicar a homossexualidade, a libertinagem, a embriaguez e a vida luxuosa da SA. Hitler havia apontado explicitamente para o mau uso de grandes quantidades de dinheiro em banquetes e limusines. A homossexualidade de Röhm, Heines e outros chefes da SA, conhecida de Hitler e de outros líderes nazistas havia anos, foi destacada como particularmente chocante na propaganda de Goebbels. Sobretudo, Hitler era visto como o restaurador da ordem. O fato de o assassinato por ordem do chefe de governo ser a base da "restauração da ordem" não foi levado em conta, foi ignorado ou — de modo mais geral — aprovado pelo povo. Havia ampla expectativa de que Hitler viesse a estender o expurgo para o resto do partido — uma indicação da distância que já se criara entre a popularidade maciça de Hitler e a imagem conspurcada dos "pequenos Hitlers" do partido, os funcionários enlouquecidos pelo poder encontrados em cidadezinhas e aldeias de todo o país.

Nenhum setor da sociedade demonstrou desaprovação aos assassinatos oficiais de Hitler. Ambas as igrejas permaneceram em silêncio, apesar de o líder da Ação Católica, Erich Klausener, estar entre as vítimas. Dois generais também foram assassinados. Embora uns poucos colegas oficiais tenham pensado, por um momento, que deveria haver investigação, a maioria estava ocupada demais em brindar com taças de champanhe a destruição da SA. No que diz respeito a algum sinal de que o setor jurídico pudesse se distanciar dos atos de ilegalidade flagrante, o mais famoso teórico jurídico do país, Carl Schmitt, publicou um artigo relacionado diretamente ao discurso de Hitler de 13 de julho. Seu título era: "O Führer protege o Direito".

A destruição da SA removeu a única organização que desestabilizava seriamente o regime e ameaçava a posição de Hitler. A liderança do Exército podia celebrar o fim de sua rival e o apoio de Hitler a seu poder no Estado. Porém, o triunfo das Forças Armadas foi em vão. A cumplicidade nos eventos de 30 de junho de 1934 deixou-as mais amarradas a Hitler. Mas, ao fazê-lo, elas abriram a porta para a extensão do poder de Hitler após a morte de Hindenburg. Os generais podem ter

pensado que Hitler era um homem deles depois de 30 de junho. A realidade era diferente. Os anos seguintes mostrariam que o "caso Röhm" foi um estágio vital no processo em que o Exército, em vez de mandar em Hitler, passou a ser seu instrumento.

A outra grande beneficiada foi a SS. "Levando em conta os grandes serviços prestados pela SS, especialmente em conexão com os eventos de 30 de junho", Hitler retirou sua subordinação à SA. A partir de 20 de julho de 1934, a SS passou a responder apenas a ele. Em vez de depender da enorme e não confiável SA, com suas pretensões próprias, Hitler promoveu a guarda pretoriana de elite, menor, de lealdade inquestionável e com seus líderes já no comando quase total da polícia. A arma ideológica mais crucial do arsenal do Estado de Hitler estava forjada.

Não menos importante, o esmagamento da liderança da SA mostrou o que Hitler queria mostrar: que aqueles que se opunham ao regime estavam ameaçados de perder a cabeça. Todos os possíveis adversários podiam ter absoluta certeza, agora, de que Hitler não se deteria diante de nada para manter-se no poder, que ele não hesitaria em usar a máxima brutalidade para esmagar quem se interpusesse em seu caminho.

V

Um indício precoce de que um chefe de governo que mandara matar seu predecessor imediato na Chancelaria (o general Von Schleicher) poderia não hesitar em se envolver em violência no exterior foi fornecido pelo assassinato do chanceler austríaco Engelbert Dolfuss, numa tentativa de golpe fracassada executada pelos homens da SS austríaca em 25 de julho, enquanto Hitler comparecia ao Festival de Bayreuth. Não está totalmente claro o papel dele e o quanto tinha informações detalhadas sobre o putsch. É certo que a iniciativa do golpe foi dos nazistas locais. Porém, parece que Hitler estava a par do plano e deu sua aprovação. A tentativa de golpe foi rapidamente debelada. Sob o comando de Kurt Schuschnigg, sucessor do assassinado Dolfuss, o regime autoritário austríaco, caminhando na corda bamba entre as potências predatórias da Alemanha e da Itália, continuaria a existir — por enquanto.

O constrangimento internacional para Hitler foi enorme e os danos para as relações com a Itália, consideráveis. Por um tempo, até parecia ser provável uma intervenção italiana. Papen encontrou Hitler em estado quase histérico, criticando a idiotice dos nazistas austríacos por envolvê-lo numa confusão como aquela. Fizeram-se todas as tentativas, embora pouco convincentes, de dissociar o governo alemão do golpe. A sede do NSDAP austríaco em Munique foi fechada. Impôs-se uma nova política de restrição na Áustria. Mas pelo menos uma consequência do malfadado golpe agradou a Hitler. Achou a resposta para o que fazer com Papen — que “estava em nosso caminho desde o caso Röhm”, como consta que Göring teria dito. Fez dele o novo embaixador alemão em Viena.

Enquanto isso, em Neudeck, Hindenburg agonizava. Seu estado de saúde havia piorado nas últimas semanas. Em 1º de agosto, Hitler disse ao gabinete que os médicos davam menos de 24 horas de vida ao presidente. Na manhã seguinte, ele estava morto.

Tão perto do objetivo do poder total, Hitler não deixara nada ao acaso. A Lei de Autorização havia estipulado que os direitos do presidente do Reich permaneceriam intocados. Mas, em 1º de agosto, Hitler fez todos os seus ministros assinarem uma lei determinando que, após a morte de Hindenburg, o cargo de presidente seria combinado ao de chanceler do Reich. A razão dada depois foi que o

título de "presidente do Reich" estava ligado exclusivamente à "grandeza" do falecido. Hitler desejava que, a partir de então, numa regra a ser aplicada "para sempre", fosse chamado de "Führer e chanceler do Reich". A mudança em seus poderes seria apresentada ao povo alemão para confirmação mediante um "plebiscito livre", marcado para 19 de agosto.

Entre os signatários da "Lei sobre o Chefe de Estado do Reich Alemão", de 1o de agosto de 1934, estava o ministro Blomberg, da Reichswehr. A lei significava que, com a morte de Hindenburg, Hitler se tornaria automaticamente comandante supremo das Forças Armadas. Desse modo, desaparecia a possibilidade de o Exército apelar ao presidente do Reich, atropelando o chefe de governo. Isso não causou preocupação à liderança da Reichswehr. De qualquer modo, Blomberg e Reichenau estavam decididos a ir adiante. Queriam explorar o momento para atar Hitler mais de perto às Forças Armadas. Era o que imaginavam, mas o malfadado passo que deram teve o efeito exatamente oposto. Como Blomberg deixou claro depois, foi sem nenhuma solicitação de Hitler e sem consultá-lo que ele e Reichenau inventaram um juramento de lealdade incondicional à pessoa do Führer, a ser feito por todos os oficiais e soldados das Forças Armadas, em cerimônias realizadas em todo o país em 2 de agosto, quase antes de o cadáver de Hindenburg esfriar. O juramento significava que a distinção entre lealdade ao Estado e lealdade a Hitler desaparecia. A oposição tornava-se mais difícil. Para aqueles que mais tarde hesitaram em participar de uma conspiração contra Hitler, o juramento ofereceria também uma desculpa. Longe de criar uma dependência de Hitler em relação ao Exército, o juramento, derivado de ambições mal concebidas da liderança da Reichswehr, marcou o momento simbólico em que o Exército se acorrentou ao Führer.

"Hoje Hitler é toda a Alemanha", dizia uma manchete de 4 de agosto. O funeral do presidente do Reich, realizado com grande pompa e circunstância no Memorial Tannenberg, na Prússia Oriental, cenário de sua grande vitória na Primeira Guerra Mundial, viu Hindenburg, que havia representado a única fonte contrabalanceadora de lealdade, "entrar no Valhala", nas palavras de Hitler. A vontade do presidente morto era ser enterrado em Neudeck. Mas, sempre atento às oportunidades de propaganda, Hitler insistiu que o funeral fosse no Memorial Tannenberg. Em 19 de agosto, o golpe silencioso dos primeiros dias do mês ganhou

sua confirmação plebiscitária ritual. De acordo com os números oficiais, 89,9% dos eleitores apoiaram os poderes agora constitucionalmente ilimitados de Hitler como chefe de Estado, chefe de governo, líder partidário e comandante supremo das Forças Armadas. O resultado, ainda que decepcionante para a liderança nazista e menos impressionante como demonstração de apoio do que talvez se pudesse imaginar, levando-se em conta as óbvias pressões e manipulações, refletia, não obstante, o fato de Hitler contar com o apoio — boa parte dele fervorosamente entusiástico — da grande maioria do povo alemão.

Nas poucas semanas decorridas entre o caso Röhm e a morte de Hindenburg, Hitler havia removido todas as ameaças à sua posição com uma facilidade que pouco tempo antes mal poderia ser imaginada. Era agora institucionalmente incontestável, apoiado pelos "grandes batalhões", adorado por boa parte da população. Havia garantido para si o poder total. Estava criado o Estado do Führer. A Alemanha atrelara-se à ditadura que havia criado.

Depois do verão cheio de crises, em setembro, Hitler estava novamente em seu elemento no enorme palco de propaganda do Congresso de Nuremberg. Em contraste até mesmo com o do ano anterior, este fora concebido como veículo para o culto ao Führer. Hitler elevava-se agora acima de seu movimento, que se reunira para lhe prestar homenagem. O filme que a talentosa e atraente diretora Leni Riefenstahl fez do Congresso passou depois para plateias lotadas em todo o país e deu sua contribuição significativa para a glorificação de Hitler. O título do filme, criado pelo próprio Hitler, era *O triunfo da vontade*. Na realidade, seu triunfo devia pouco à vontade. Devia muito mais àqueles que tinham muito a ganhar — ou achavam que tinham — ao colocar o Estado alemão à sua disposição.

12. Trabalhar para o Führer

I

> Todos os que têm oportunidade para observar sabem que o Führer só pode, com grande dificuldade, ordenar de cima tudo o que pretende realizar mais cedo ou mais tarde. Ao contrário, até agora cada um trabalhou melhor na nova Alemanha se, por assim dizer, trabalhou para o Führer.

Essa era a ideia central de um discurso feito por Werner Willikens, secretário de Estado no Ministério da Agricultura prussiano, numa reunião de representantes dos ministérios da Agricultura dos *Länder* realizada em Berlim, em 21 de fevereiro de 1934. Willikens continuava:

> Com muita frequência e em muitos lugares, tem sido o caso de que indivíduos, já em anos anteriores, esperaram por comandos e ordens. Infelizmente, o mesmo acontecerá no futuro. Porém, ao contrário, é o dever de cada pessoa tentar, no espírito do Führer, trabalhar para ele. Quem cometer erros vai notar isso logo. Mas aquele que trabalha corretamente para o Führer, conforme suas diretrizes e voltado para seus objetivos, terá no futuro, como anteriormente, a melhor recompensa de um dia alcançar subitamente a confirmação legal de seu trabalho.

Esses comentários, feitos num discurso rotineiro, contêm a chave para entender como funcionava o Terceiro Reich. Entre a morte de Hindenburg, em agosto de 1934, e a crise Blomberg-Fritsch do fim de janeiro e início de fevereiro de 1938, o Estado do Führer tomou forma. Esses foram os anos "normais" do Terceiro Reich que permaneceram na memória de muitos contemporâneos como os anos "bons" (embora dificilmente o tenham sido para o número já crescente de vítimas do nazismo). Mas também foram anos em que a "radicalização cumulativa" tão

característica do regime nazista começou a ganhar impulso. Um traço desse processo era a fragmentação do governo, na medida em que a forma de mando personalizado de Hitler distorcia a máquina da administração e criava uma panóplia de órgãos sobrepostos e concorrentes, dependentes em variados graus da "vontade do Führer". Ao mesmo tempo, os objetivos raciais e expansionistas do âmago da *Weltanschauung* hitlerista começavam a entrar com mais nitidez em foco, embora nem sempre como consequência direta dos atos do próprio Hitler. E, não menos importante, aqueles foram os anos em que o prestígio e o poder de Hitler, institucionalmente incontestáveis depois do verão de 1934, se expandiram até se tornarem absolutos.

Essas três tendências — erosão do governo coletivo, surgimento de metas ideológicas mais claras e absolutismo do Führer — estavam estreitamente inter-relacionadas. As ações pessoais de Hitler, em particular no terreno da política externa, eram vitais para o desenvolvimento. Mas o componente decisivo era aquele apontado involuntariamente no discurso de Werner Willikens. Sua forma personalizada de governar convidava as iniciativas radicais de baixo e lhes oferecia suporte, desde que estivessem alinhadas com seus objetivos definidos de forma ampla. Isso promovia uma competição feroz em todos os níveis do regime, entre órgãos concorrentes e entre indivíduos desses órgãos. Na selva darwinista do Terceiro Reich, o caminho para o poder e o progresso passava por prever a "vontade do Führer" e, sem esperar por diretivas, tomar iniciativas para promover o que se presumiam ser as metas e desejos de Hitler. Para os funcionários e ideólogos do partido e para os "tecnocratas do poder" da SS, "trabalhar para o Führer" podia ter um sentido literal. Mas, metaforicamente, os cidadãos comuns que denunciavam seus vizinhos à Gestapo, usando muitas vezes animosidades ou ressentimentos pessoais para tirar vantagem com a calúnia política, os empresários felizes por explorar a legislação antissemita para se livrar de concorrentes e os muitos outros indivíduos cujas formas diárias de pequena cooperação com o regime aconteciam à custa de outrem estavam — quaisquer que fossem seus motivos — indiretamente "trabalhando para o Führer". Em consequência, estavam ajudando a impulsionar uma radicalização irreversível que assistiu à concretização gradual dos objetivos políticos encarnados na "missão" do Líder.

"Trabalhando para o Führer", tomaram-se iniciativas, criaram-se pressões,

instigaram-se leis, tudo de um modo alinhado com o que se supunha serem os objetivos de Hitler e sem que o ditador tivesse necessariamente que os ditar. O resultado foi uma radicalização contínua numa direção que deixou os imperativos ideológicos de Hitler mais claros como opções políticas viáveis. A desintegração da máquina formal do governo e a concomitante radicalização ideológica resultaram, de modo direto e inexorável, da forma específica de governo personalizado de Hitler. No sentido inverso, ambas moldaram decisivamente o processo pelo qual o poder personalizado de Hitler pôde se libertar de todas as restrições institucionais e se tornar absoluto.

Aqueles que conviviam com Hitler afirmaram, depois, que detectaram uma mudança nele após a morte de Hindenburg. Segundo o chefe de imprensa Otto Dietrich, os anos de 1935 e 1936, com Hitler "agora governante absoluto em busca de novas façanhas", foram "os mais significativos" em seu desenvolvimento "de reformador interno e líder social do povo para o posterior facínora da política externa e jogador na política internacional". E Dietrich continuava:

> Naqueles anos, uma certa mudança também se fez notar na conduta e no comportamento pessoal de Hitler. Ele tornou-se cada vez mais relutante em receber visitantes sobre questões políticas se não tivessem sido convocados a comparecer. Do mesmo modo, ele sabia agora como se distanciar de seu séquito. Antes da tomada do poder, eles tinham a possibilidade de apresentar suas opiniões políticas diferentes, mas Hitler, agora, como chefe de Estado e pessoa de posição, mantinha-se rigorosamente fora de toda discussão política não solicitada. [...] Hitler começou a odiar objeções a suas opiniões e dúvidas sobre a infalibilidade delas. [...] Ele queria falar, mas não ouvir. Queria ser o martelo, não a bigorna.

Sua crescente retirada da política interna depois que o período de consolidação do poder terminara, em agosto de 1934, não foi, como sugere Dietrich, apenas uma questão de caráter ou escolha. Ela também espelhava sua posição de Líder, cujos prestígio e imagem não lhe permitiam ser politicamente constrangido ou manchado pela associação com escolhas políticas impopulares. Hitler representava — e como mecanismo de integração central do regime *tinha* de representar — a imagem da unidade nacional. Ele não podia ser visto envolvido em conflitos políticos cotidianos, internos. Além disso, seu distanciamento crescente refletia também a transformação efetiva da política interna em propaganda e doutrinação. A escolha e o debate sobre opções — a essência da política — haviam sido removidos da arena pública (embora, é claro, grandes disputas e conflitos

continuassem nos bastidores). A “política” numa Alemanha “coordenada” equivalia ao que Hitler considerava desde o começo dos anos 1920 seu único objetivo: a “nacionalização das massas” em preparação para a grande e inevitável luta contra os inimigos externos. Mas esse objetivo — a criação de uma “comunidade nacional” forte, unida e invencível — era tão abrangente, tão universal em seu impacto, que significava pouco mais do que um incitamento emocional extremamente poderoso a formular iniciativas políticas em cada esfera da atividade do regime, afetando todos os estratos sociais. O resultado maior de sua forma de liderança, ligada às amplas “diretrizes para a ação” que ele encarnava — renascimento nacional, “remoção dos judeus”, “melhoria” racial e restauração do poder e do prestígio da Alemanha no mundo —, foi desencadear uma dinâmica sem fim em todas as áreas da elaboração de políticas. Como Willikens havia observado, as maiores chances de sucesso (e melhores oportunidades para o engrandecimento pessoal) ocorriam quando os indivíduos podiam demonstrar o quão efetivos eram “trabalhando para o Führer”. Mas, uma vez que essa atividade frenética não era coordenada — e não podia sê-lo —, em virtude da necessidade de Hitler de evitar a entrada explícita em disputas, ela levava inexoravelmente ao conflito endêmico (na compreensão geral de seguir a “vontade do Führer”). E isso, por sua vez, apenas reforçava a impossibilidade do envolvimento pessoal de Hitler na resolução do conflito. Portanto, ele era o esteio absolutamente indispensável de todo o regime e, ao mesmo tempo, estava desligado em ampla medida de qualquer mecanismo formal de governo. O resultado inevitável era um alto grau de desordem governamental e administrativa.

O temperamento pessoal de Hitler, seu estilo não burocrático de agir, sua inclinação darwinista a ficar do lado do mais forte e o distanciamento necessário ao seu papel de Führer, tudo isso se fundiu para produzir um fenômeno extraordinário: um Estado altamente moderno e avançado, sem órgão central de coordenação e com um chefe de governo em larga medida desconectado da máquina governamental. As reuniões de gabinete (que Hitler jamais gostou de dirigir) perderam sentido. Houve apenas doze reuniões ministeriais em 1935. Em 1937, já haviam caído para seis. Depois de 5 de fevereiro de 1938, o gabinete não se reuniu mais. Durante a guerra, Hitler chegou a proibir que seus ministros se reunissem vez por outra ao redor de um copo de cerveja. Na ausência de discussões

do gabinete que poderiam determinar prioridades, uma avalanche de legislação emanando de cada ministério de forma independente tinha de ser formulada por um processo complicado e extremamente ineficaz pelo qual os projetos circulavam e recirculavam entre os ministros até que eles chegassem a algum acordo. Somente nesse estágio é que Hitler — se aprovasse o texto depois que seu conteúdo fosse brevemente resumido para ele — assinava a lei (em geral, sem se dar ao trabalho de lê-la) e a tornava vigente. Hans Heinrich Lammers, o chefe da Chancelaria do Reich e único elo entre os ministros e o Führer, exercia naturalmente considerável influência sobre o modo como a legislação (ou outros assuntos ministeriais) era apresentada a ele. Quando Lammers decidia que o Führer estava ocupado demais com outros assuntos de Estado urgentes, um projeto de lei que demorara meses para ser elaborado podia ser ignorado ou postergado, às vezes indefinidamente. Ou então Hitler intervinha, às vezes nas minúcias, com base em alguma informação parcial que lhe haviam dado. O resultado era uma crescente arbitrariedade, à medida que o estilo altamente personalizado de governo de Hitler entrava num inevitável — e irreconciliável — conflito com a necessidade burocrática de normas reguladoras e procedimentos definidos de forma clara. A necessidade arraigada de sigilo, sua preferência por reuniões privadas com seus subordinados (que podia facilmente dominar) e seu forte favoritismo em relação a ministros e outros líderes, tanto do partido como do Estado, eram ingredientes acrescentados que ajudavam a solapar os padrões formais de governo e administração.

O acesso a Hitler era naturalmente um elemento fundamental na contínua luta pelo poder dentro do regime. Ministros que por algum motivo haviam caído em desfavor descobriam que era impossível falar com ele. O ministro da Agricultura Walther Darré, por exemplo, no fim dos anos 1930, tentou em vão por dois anos obter uma audiência com o Führer para discutir os graves problemas agrícolas do país. Embora não pudessem atrapalhar o acesso dos "favoritos da corte", como Goebbels e o jovem e ambicioso arquiteto Albert Speer — habilidoso em alimentar a obsessão de Hitler com planos de construção e astro em ascensão rápida no firmamento nazista —, os ajudantes de Hitler adquiriram uma boa quantidade de poder informal com o controle dos portais do Führer.

Fritz Wiedemann, que durante a Primeira Guerra Mundial foi o superior imediato de Hitler e, em meados dos anos 1930, um de seus ajudantes, relembrou

depois o estilo extraordinário de sua forma arbitrária e caótica de governar. Em 1935, segundo ele, Hitler ainda mantinha uma rotina relativamente organizada. As manhãs, entre mais ou menos as dez horas e o almoço, às treze ou catorze horas, eram em geral ocupadas com reuniões com Lammers, o secretário de Estado Meissner, Funk (do Ministério de Propaganda) e ministros e outras figuras importantes que tinham assuntos urgentes a discutir. À tarde, Hitler mantinha discussões com assessores militares ou de política externa, embora preferisse conversar com Speer sobre planos de construção. Porém, aos poucos, a rotina formal desmoronou. Hitler voltou ao estilo de vida diletante que, em essência, havia desfrutado quando jovem em Linz e Viena. "Mais tarde", relembrou Wiedemann, "Hitler aparecia, via de regra, somente logo antes do almoço, lia rapidamente os resumos das notícias feitos pelo chefe de imprensa, dr. Dietrich, depois ia comer." Tornou-se, portanto, cada vez mais difícil para Lammers e Meissner "obter decisões de Hitler que somente ele, como chefe de Estado, podia tomar". Quando estava em sua residência no Obersalzberg, era ainda pior. "Lá, ele deixava seu quarto invariavelmente perto das duas horas da tarde. Então, era hora do almoço. A tarde era ocupada sobretudo com uma caminhada e, à noite, logo depois da refeição noturna, assistia a filmes."

As caminhadas eram sempre morro abaixo, com um carro estacionado no sopé para levá-lo de volta. Sua aversão ao exercício físico e o medo do constrangimento por falta de condição atlética continuavam agudos. Toda a área era interditada durante a caminhada da tarde, para manter afastada a multidão de gente ávida por ver o Führer. Em vez disso, criou-se a tradição da "revista" dos visitantes. Até 2 mil pessoas de todas as idades e de todas as regiões da Alemanha, cuja devoção as persuadira a seguir as pegadas até o Obersalzberg e, com frequência, esperar horas, desfilavam, a um sinal de um de seus ajudantes, em coluna silenciosa diante de Hitler. Para Wiedemann, a adulação tinha conotações quase religiosas.

Hitler raramente deixava de ver seu filme da noite. Os ajudantes tinham de providenciar um filme novo todos os dias. Ele sempre preferia um divertimento leve a documentários sérios e, segundo Wiedemann, é provável que tenha colhido nesses filmes alguns de seus fortes preconceitos em relação à cultura de outros países.

Na Chancelaria do Reich, o grupo era quase exclusivamente composto de

homens — a atmosfera estava a meio caminho entre a de um clube masculino e um cassino de oficiais (com uma pitada de covil de gângsteres). No Obersalzberg, a presença de mulheres (Eva Braun e esposas ou amantes de membros do séquito de Hitler) ajudava a aliviar a atmosfera, e a conversa política estava proibida enquanto elas estivessem presentes. Hitler era cortês, até encantador de uma forma um tanto rígida e formal, com seus convidados, em especial com as mulheres. Era invariavelmente correto e atento ao lidar com secretários, ajudantes e outros funcionários de sua equipe pessoal que, em sua maioria, gostava dele e o respeitava. Era capaz de ser gentil e atencioso, bem como generoso, em sua escolha de presentes de aniversário e de Natal para eles. Mesmo assim, fosse na Chancelaria ou no Obersalzberg, as restrições e o tédio de viver próximo de Hitler eram consideráveis. Informalidade e descontração genuínas eram difíceis quando ele estava presente. Onde quer que estivesse, ele dominava. Ao conversar, não tolerava ser contestado. Os convidados para as refeições ficavam frequentemente nervosos ou hesitantes, com medo de que uma palavra em falso pudesse provocar seu descontentamento. Seus ajudantes ficavam mais preocupados no fim da noite, temerosos de que um convidado desavisado puxasse um dos assuntos preferidos de Hitler — notadamente a Primeira Guerra Mundial, ou a Marinha —, o que faria que ele iniciasse mais um de seus infindáveis monólogos, que seriam forçados a ouvir até as primeiras horas da manhã.

Sua atitude sem método e até negligente em relação à avalanche de assuntos de governo muitas vezes sérios levados à sua atenção era uma garantia de desordem administrativa. “Ele não gostava de ler documentos”, relembrou Wiedemann. “Eu obtinha decisões dele, mesmo sobre questões importantes, sem que ele jamais me pedisse os papéis pertinentes. Na opinião dele, muitas coisas se resolviam por si mesmas se fossem deixadas sozinhas.”

Sua letargia no que dizia respeito à papelada só admitia uma grande exceção. Quando se tratava de preparar seus discursos, que ele mesmo criava, retirava-se para seu quarto e era capaz de trabalhar noite adentro durante vários dias, ocupando três secretárias que os transcreviam direto na máquina de escrever, antes de corrigir cuidadosamente os rascunhos. A imagem pública era vital. Ele continuava a ser, acima de tudo, o propagandista *par excellence*.

Mesmo que tivesse sido mais consciencioso e menos idiossincrático e caótico em

seu estilo de liderança, Hitler teria achado a direção altamente personalizada das complexas e variadas questões de um Estado moderno acima de suas capacidades. Do modo como as coisas ocorreram, as portas ficaram escancaradas para a má administração e a corrupção em escala maciça. Hitler combinava a incompetência financeira e o desinteresse com um uso explorador e arrogante dos fundos públicos. Arranjava cargos para os "velhos combatentes". Grandes quantidades de dinheiro eram jogadas na construção de edifícios representativos imponentes. Arquitetos e construtores eram recompensados prodigamente. Para projetos artísticos ou arquitetônicos favorecidos, dinheiro não era problema. Figuras proeminentes do regime podiam ganhar salários enormes, gozar de isenções tributárias e se beneficiar de presentes, doações e subornos para suprir seus gostos extravagantes em residências palacianas, roupas luxuosas, obras de arte e outros luxos materiais — inclusive, é claro, a limusine aparatosa. A corrupção grassava em todos os níveis do regime. Hitler ficava feliz por satisfazer o desejo infinito de seus subalternos pelos adornos materiais do poder e do sucesso, sabedor de que a corrupção em escala maciça assegurava lealdade, à medida que o Terceiro Reich se transformava numa variante moderna de um sistema feudal baseado na fidelidade pessoal recompensada com feudos privados. Ele mesmo, milionário agora graças às vendas de *Mein Kampf*, levava sua aclamada vida espartana (no que dizia respeito à comida e à roupa) num contexto de luxo indescritível. Além de seus apartamentos magnificentes — o oficial, em Berlim, e o particular em Munique —, a residência alpina, inicialmente modesta, da Haus Wachenfeld, no Obersalzberg, foi transformada no grandioso Berghof, apropriado para visitas oficiais de dignitários estrangeiros. Sua energia impaciente exigia que ele e seu considerável séquito estivessem sempre em movimento na Alemanha. Para isso, estavam à sua disposição um trem especial com onze vagões com leitos, uma frota de limusines e três aviões.

Ainda mais grave do que o modo como os déspotas corruptos do partido lucravam com a mina aparentemente ilimitada e aberta a todos dos fundos públicos era a corrupção do próprio sistema político. Na crescente ausência de procedimento formal para chegar a decisões políticas, chefões do partido favorecidos pelo acesso a Hitler conseguiam, durante um almoço ou café, apresentar alguma iniciativa e manipular um comentário de aprovação em

vantagem própria. O parco envolvimento de Hitler na formulação de políticas internas, a partir de meados da década de 1930, e a falta de um órgão centralizado voltado para esse fim implicaram a abertura de um amplo espaço para aqueles capazes de exercer pressão em favor de ações que ecoavam os objetivos de nacionalização das massas e a exclusão daqueles considerados não pertencentes à "comunidade nacional". A pressão vinha, sobretudo, de duas fontes: do partido (tanto da sede central como dos chefes provinciais, os *Gauleiter*) e da organização de elite, a SS (agora fundida à polícia para se tornar uma força de segurança do Estado orientada ideologicamente e com imenso poder). Utilizando as metas expressas (e ilimitadas) do renascimento e fortalecimento nacional por meio da pureza racial para legitimar suas exigências e ações, o partido e a SS garantiam que a dinâmica desencadeada com a tomada do poder não se acalmasse.

Depois que chegou ao poder, em 1933, o NSDAP, cujo número de filiados inchou de forma rápida graças à entrada de centenas de milhares de oportunistas, tornou-se, em essência, um veículo frouxamente coordenado de propaganda e controle social. Após assumir a Chancelaria, Hitler passou a se interessar pouco pelo partido como instituição. Em abril, o fraco e ineficaz, mas devoto e fiel Rudolf Heß passou a ser o encarregado do partido. Uma vez que Robert Ley continuava a gerir as questões organizacionais, a autoridade de Heß estava longe de ser completa. Também não estava numa posição fortalecida no relacionamento com os *Gauleiter*, pois a maioria deles podia contar com seus velhos laços com Hitler para manter suas bases de poder nas províncias. Nunca foi instituída uma estrutura de comando genuína, hierárquica, no topo do partido, nem um órgão coletivo para determinar a política partidária. A "Liderança do Reich", dentro do partido, continuou a ser um grupo de indivíduos que nunca se encontravam, uma espécie de Politburo; as conferências dos *Gauleiter* só aconteciam por ordem de Hitler, para ouvir um discurso do Führer, não para discutir políticas; ao mesmo tempo, nunca existiu um conselho deliberativo no partido. Portanto, ele não adquiriu uma estrutura coerente nem uma política sistemática que pudesse impor à administração do Estado. Sua natureza essencial — a de um "partido de Führer" amarrado a objetivos gerais emocionalmente poderosos, mas frouxamente definidos, encarnados na pessoa do Führer e mantidos coesos pelo culto ao Führer — excluía ambos. Mesmo assim, depois que Heß ganhou, em 1934, o que equivalia ao direito de veto sobre as

leis propostas pelos ministros do governo e, no ano seguinte, sobre a nomeação de servidores civis para altos cargos, o partido fez avanços significativos no espaço governamental. As possibilidades de intervenção, embora assistemáticas, aumentaram a influência do partido, sobretudo no que considerava esferas ideológicas cruciais. A política racial e a "luta contra a Igreja" estavam entre as mais importantes. Em ambas as áreas, o partido não teve dificuldades para mobilizar seus militantes, cujo radicalismo, por sua vez, forçou o governo a tomar medidas legislativas. Na verdade, a liderança partidária via-se com frequência obrigada a reagir a pressões de baixo, provocadas por *Gauleiter* que faziam seu jogo pessoal, ou que emanavam de militantes radicais no nível local. Qualquer que fosse a origem, sustentava-se um *continuum* de radicalização em questões associadas aos objetivos do Führer.

Em meados da década de 1930, Hitler já dava pouca atenção aos assuntos partidários. O dualismo entre Estado e partido nunca foi resolvido — e não era passível de resolução. O próprio Hitler via com bons olhos a sobreposição de competências e a falta de clareza. Sensível, como sempre, a uma base organizacional que pudesse constranger seu poder, ele solapava qualquer tentativa de "reforma do Reich" proposta por Frick com o objetivo de montar uma estrutura estatal autoritária mais racional.

A relação de Hitler com o Estado, assim como com todos os poderes, era puramente exploradora e oportunista. Como havia declarado em *Mein Kampf*, o Estado era para ele apenas um meio para um fim — a noção vaga de "sustentar e fazer progredir uma comunidade de seres física e mentalmente semelhantes", a "sustentação daqueles elementos raciais básicos que, na qualidade de doadores de cultura, criam a beleza e a dignidade de um tipo superior de ser humano". Conclui-se que ele não dava importância a formas e estruturas, apenas a efeitos. Sua noção tosca de administração tinha por base que, se uma esfera específica de atividade não podia ser bem servida por um ministério do governo, atolado em burocracia, então outra organização, dirigida do modo menos burocrático possível, deveria geri-la. Os novos órgãos eram montados de forma a responder o mais diretamente possível ao próprio Hitler, com um pé no partido e outro no Estado, sem pertencer a nenhum dos dois. Na realidade, esse processo apenas criava burocracias novas, concorrentes, às vezes sobrepostas, e levava a infindáveis disputas de demarcação.

Isso não perturbava Hitler. Mas o efeito delas era solapar ainda mais qualquer coerência de governo e administração e promover uma crescente autonomia da posição do Führer no regime.

A mais nova, importante e ideologicamente radical instituição plenipotenciária, dependente direta de Hitler, era o aparato combinado SS-polícia, que adquiriu forma plena em meados de 1936. Já antes do "Röhm-Putsch", Himmler havia ampliado sua base de poder na Baviera para obter o controle da polícia em um estado após o outro. Depois que a SS desempenhara papel tão importante na destruição do poder da liderança da SA, no fim de junho, Himmler conseguira pressionar até Göring a ceder o controle total sobre a polícia de segurança no maior dos estados, a Prússia. Também fracassaram as tentativas do ministro do Interior Frick e do ministro da Justiça Gürtner de controlar o poder autônomo da polícia, que se expandia com o uso irrestrito da "prisão preventiva" e o número crescente de campos de concentração. Quando as restrições legais ao poder da polícia vinham à baila, Himmler podia contar invariavelmente com o apoio de Hitler. Em 17 de junho, ele decretou a unificação da polícia do Reich sob o comando de Himmler. A mais poderosa agência de repressão fundiu-se, assim, com a mais dinâmica força ideológica do movimento nazista. A subordinação de Himmler a Frick, mediante o cargo de chefe da polícia alemã que acabara de ocupar, existia apenas no papel. Como chefe da SS, ele estava subordinado pessoalmente apenas a Hitler. Com a politização das ações "criminais" convencionais — através da fusão das polícias criminal e política na "polícia de segurança", criada uma semana depois —, a central ideológica do Terceiro Reich e órgão executivo da "vontade do Führer" estava estabelecida.

Estava forjado o instrumento que tinha na realização da *Weltanschauung* do Führer seu objetivo central. A intensificação do radicalismo estava embutida na natureza dessa força policial, que combinava impiedade e eficácia na perseguição com propósito e dinamismo ideológicos. Não eram necessárias direções e ordens de Hitler. A SS e a polícia tinham indivíduos e departamentos mais do que capazes de garantir que a discriminação continuasse aumentando. A ascensão de Adolf Eichmann, de figura insignificante que coletava informações sobre o sionismo, mas posicionado naquele que se transformaria rapidamente no departamento-chave — a Seção Judaica do SD —, a "administrador" da "solução final" mostra como iniciativa

e disposição para agarrar as oportunidades não só rendiam recompensas em poder e engrandecimento como também aceleravam o processo de radicalização nas áreas mais estreitamente ligadas às fixações ideológicas de Hitler.

Em meados da década de 1930, esse processo ainda estava em seu estágio inicial. Mas as pressões do partido para agir em áreas de interesse ideológico, consideradas fundamentais para o nacional-socialismo, e a instrumentalização desses interesses por meio da expansão do aparato repressor da polícia significavam que o ímpeto ideológico não diminuiria depois que o poder estivesse consolidado. E, enquanto as iniciativas formuladas em diferentes níveis e por diferentes órgãos do regime tentavam se conformar ao impulso ideológico, a “ideia” do nacional-socialismo, localizada na pessoa do Führer, traduzia-se gradualmente de uma “visão” utópica para objetivos políticos realizáveis.

II

O início desse processo também era visível nas relações externas da Alemanha. A maior contribuição de Hitler a eventos de consequências tão graves consistia em seu instinto para o jogo, seu uso do blefe e sua aguda antena para os pontos fracos dos oponentes. Ele tomava as decisões fundamentais; ele sozinho determinava o momento oportuno. Mas pouca coisa mais era obra dele. As amplas metas de rearmamento e a revisão de Versalhes — embora cada posição escondesse uma variedade de interpretações — uniam os dirigentes e os grupos de poder das forças militares e do Ministério do Exterior, independentemente das diferenças em foco.

Depois que o isolamento diplomático da Alemanha foi selado com sua retirada da Liga das Nações, era preciso aproveitar qualquer oportunidade de acordo bilateral na Europa oriental que impedisse que as ambições alemãs fossem contidas pelos pactos multilaterais almejados pelos franceses. A primeira indicação desse tipo de movimento, que marcou uma mudança notável na política externa alemã, foi o surpreendente pacto de não agressão por dez anos com a Polônia, assinado em 26 de janeiro de 1934. A saída do país da Liga das Nações havia intensificado o interesse mútuo na melhoria das relações. O pacto beneficiou a Alemanha ao prejudicar a influência da França na Europa oriental (acabando, desse modo, com a possibilidade de uma ação militar franco-polonesa contra o país). Para os poloneses, propiciou ao menos a segurança temporária que se julgou necessária, diante da diminuição da proteção fornecida pela Liga das Nações, enfraquecida após a saída dos alemães.

Hitler estava preparado para parecer generoso em suas negociações com os poloneses. Havia uma urgência nova nas negociações. Neurath e o Ministério do Exterior, de início voltados para uma linha de ação diferente, adaptaram rapidamente suas velas aos novos ventos. "Como se fosse por ordens de cima, uma mudança em relação a nós está acontecendo em todas as frentes. Nas esferas hitleristas, falam de uma nova amizade polaco-germânica", observou Józef Lipski, ministro polonês em Berlim, em 3 de dezembro de 1933. O tratado foi preparado em grande sigilo, e surpreendeu a Europa em 26 de janeiro de 1934. Essa mudança na política externa alemã trazia claramente a marca de Hitler. "Nenhum ministro parlamentarista entre 1920 e 1933 poderia ir tão longe", observou Ernst von

Weizsäcker, embaixador alemão em Berna na época.

A aproximação com a Polônia significava inevitavelmente uma nova postura em relação à União Soviética. De início, pouco ou nada havia alterado o *modus vivendi* baseado na vantagem mútua que, apesar da deterioração das relações nos últimos anos da República de Weimar e da antipatia ideológica, havia existido desde os tratados de Rapallo, de 1922, e de Berlim, de 1926. Porém, a partir do verão, contrariando os desejos do Ministério do Exterior (apesar da preocupação crescente) e do equivalente soviético, mas em concordância com o clamor do movimento nazista, as relações diplomáticas pioraram significativamente. No outono de 1933, o próprio Hitler descartou qualquer arranjo. Ao longo de 1934, apesar dos esforços do embaixador alemão Rudolf Nadolny e das sinalizações dos soviéticos no sentido de melhorar as relações, a deterioração continuou. O próprio Hitler impediu avanços, levando Nadolny a renunciar. A consequência inevitável foi empurrar a União Soviética para mais perto da França, ampliando, assim, o espectro do cerco de que a propaganda nazista tirava tanta vantagem.

No início de 1935, a União Soviética ainda não passava de uma questão lateral na política externa alemã. As relações com as potências ocidentais constituíam a principal preocupação. As divisões, as fraquezas e a necessidade de ter o apoio da opinião pública das democracias ocidentais logo seriam manipuladas por Hitler. Enquanto isso, um rico presente de propaganda estava prestes a cair no colo dele, com o retorno do território do Sarre para a Alemanha por meio do plebiscito de 13 de janeiro de 1935. O Tratado de Versalhes havia retirado o Sarre da Alemanha e o colocado sob controle da Liga das Nações por quinze anos, entregando à França o direito a seus recursos naturais. Após quinze anos, previa-se que os habitantes do Sarre — cerca de meio milhão de eleitores — deveriam decidir se preferiam voltar à Alemanha, tornar-se parte da França ou manter a situação como estava. Era provável que a população, em sua maioria de língua alemã, entre a qual o ressentimento com o tratamento recebido em 1919 ainda ardia fortemente, quisesse voltar a fazer parte da Alemanha. Um bom trabalho do governo alemão preparou o terreno e, ao aproximar-se o dia do plebiscito, Goebbels desencadeou um fogo cerrado de propaganda dirigida aos habitantes do Sarre para despertar a consciência sobre a questão.

O território do Sarre era maciçamente católico, com um grande segmento da

população pertencente à classe operária industrial — os dois grupos sociais que haviam se mostrado menos entusiasmados com o nazismo na própria Alemanha. À luz da feroz repressão contra a esquerda e da perseguição ameaçadora, ainda que esporádica, da Igreja católica que se seguira à tomada do país pelos nazistas, os adversários de Hitler no Sarre ainda podiam alimentar ilusões de um substancial voto antinazista. Mas as autoridades católicas apoiaram o retorno à Alemanha. E muitos católicos do Sarre já viam em Hitler o líder que os salvaria do bolchevismo. Do lado da esquerda, a enorme erosão das lealdades ao partido se iniciara muito antes do plebiscito. Apesar de todos os esforços propagandísticos, a mensagem do número decrescente de militantes social-democratas e comunistas caiu no vazio. A propaganda nazista teve pouca dificuldade para alardear a alternativa do retorno à Alemanha: desemprego maciço, exploração econômica pela França e falta de voz política. Um pouco de intimidação, como no "tempo da luta" no próprio Reich, fez o resto.

A contagem dos votos revelou que quase 91% do eleitorado do Sarre escolhera livremente a ditadura. Pelo menos dois terços dos antigos eleitores dos dois partidos de esquerda apoiaram a volta à Alemanha. Se havia dúvidas a respeito do apoio genuíno do povo alemão a Hitler, elas se desfizeram.

Hitler explorou ao máximo esse triunfo. Ao mesmo tempo, tomou cuidado para fazer acenos de paz para consumo público. Em consequência da solução da questão do Sarre, esperava que as relações entre Alemanha e França melhorassem "de uma vez para sempre", conforme declarou. "Assim como queremos a paz, devemos esperar que nosso grande povo vizinho também esteja disposto e pronto para buscar essa paz conosco." Seus verdadeiros pensamentos eram diferentes. O triunfo no Sarre havia fortalecido sua posição, e ele tinha de explorar essa vantagem. Os diplomatas ocidentais esperavam seu próximo lance. Não teriam de esperar por muito tempo.

Ansioso por não fazer nada que pusesse em risco a campanha do Sarre, uma cautela especial fora tomada em relação ao rearmamento, ou por ordem de Hitler, ou do Ministério do Exterior. Portanto, podia-se esperar que as demandas do comando das Forças Armadas por uma aceleração do rearmamento ganhassem um ímpeto novo após o triunfo no Sarre. Os dirigentes do Exército estavam divididos quanto ao ritmo da expansão, mas não quanto à sua necessidade ou ao objetivo de

um exército de 36 divisões para tempos de paz, tamanho finalmente determinado por Hitler em março de 1935. Eles pretendiam expandir o Exército por meio de recrutamentos durante o verão. Restava apenas decidir o momento certo, com base na situação da política externa.

O clima externo ficara novamente tenso no início de 1935. Em 3 de fevereiro, um comunicado conjunto de britânicos e franceses condenara o rearmamento unilateral e apresentara propostas de restrições gerais em termos de armas e de um pacto de defesa internacional contra a agressão aérea. Depois de alguma protelação, a resposta alemã, em 15 de fevereiro, manifestava o desejo de ter conversações esclarecedoras com o governo britânico. O secretário do Exterior inglês, sir John Simon, e o ministro sem pasta Anthony Eden foram convidados para conversas em Berlim, em 7 de março. Três dias antes da visita planejada, a publicação de um *Livro branco* do governo britânico — que anunciava aumentos dos gastos militares em consequência do crescimento da insegurança na Europa, causado pelo rearmamento alemão e pela atmosfera belicosa cultivada no Reich — provocou um furioso protesto na imprensa alemã. Hitler teve imediatamente um resfriado "diplomático" e adiou a visita de Simon.

No dia 10 de março, três dias depois da data anteriormente programada para a visita, Göring anunciou a existência de uma força aérea alemã — uma clara violação do Tratado de Versalhes. Para causar efeito, em comentários com diplomatas, ele quase dobrou o número de aeronaves de que o país efetivamente dispunha na ocasião. Logo antes disso, a França havia renovado seu tratado militar de 1921 com a Bélgica. E, em 15 de março, a Assembleia Nacional francesa aprovou o prolongamento do período de serviço militar de um para dois anos. As medidas de sua arqui-inimiga provocaram a reação de Hitler. Elas forneceram o pretexto. Alerta, como sempre, às vantagens políticas e propagandísticas que poderia tirar das ações de seus oponentes, ele decidiu dar então o passo que daria de qualquer modo em breve.

Em 13 de março, o tenente-coronel Hoßbach, ajudante militar de Hitler, recebeu ordens para se apresentar na manhã seguinte no Hotel Vier Jahreszeiten, em Munique. Quando chegou, Hitler ainda estava na cama. Só pouco antes do meio-dia é que foi chamado para ouvir que o Führer havia decidido reintroduzir o serviço militar obrigatório no futuro imediato — uma medida que demonstraria ao

resto do mundo que a Alemanha recuperara sua autonomia e que deixava de lado as restrições militares de Versalhes. Hitler expôs suas razões durante duas horas. A situação vantajosa na política externa, pois outros países europeus estavam ajustando suas forças militares, e, em especial, as medidas tomadas na França foram decisivas. Em seguida, perguntou a Hoßbach qual deveria ser o tamanho do Exército. Espantosamente, ele não pensou em consultar o comandante em chefe do Exército, general Werner Fritsch, ou o chefe do Estado-Maior, Ludwig Beck, sobre esse tópico vital. Esperava que Hoßbach estivesse familiarizado com o pensamento da liderança militar. Sujeito à aprovação do ministro da Guerra, Blomberg, e de Fritsch, Hoßbach estipulou 36 divisões. Isso equivalia ao tamanho final do Exército de tempo de paz que o comando militar havia imaginado *como alvo futuro*. Significava um Exército de 550 mil homens, cinco vezes e meia o tamanho do Exército pós-Versalhes e um terço maior do que o imaginado por Beck num memorando escrito apenas nove dias antes. Hitler aceitou os números de Hoßbach sem discussão. O que os chefes do Exército pretendiam atingir gradualmente foi definido como o tamanho imediato.

Quanto mais espetacular, melhor — sempre foi esse um dos princípios de Hitler num golpe de propaganda. O sigilo para obter uma grande surpresa e evitar vazamentos danosos que pudessem provocar repercussões perigosas era outro. Ele havia tomado sua decisão sem consultar os comandantes militares ou os ministros pertinentes. Era a primeira vez que isso acontecia numa matéria séria de política externa, e a primeira vez que ele encontrou oposição dos dirigentes das Forças Armadas. Somente o apelo de Hoßbach o persuadira a informar, em 14 de março, Blomberg, Fritsch e alguns ministros do gabinete sobre o que ele pretendia fazer dois dias depois. De início, não queria lhes revelar sua intenção porque poderia pôr em risco o sigilo. O ministro da Guerra e o comando das Forças Armadas ficaram espantados e consternados com a disposição de Hitler de dar aquele passo numa conjuntura tão sensível de política externa. Não que discordassem da expansão das Forças Armadas, ou de sua dimensão: apenas julgavam que o momento escolhido e o modo como isso foi feito eram uma irresponsabilidade e um risco desnecessário. O ministro do Exterior foi mais otimista em relação aos riscos envolvidos, calculando que o perigo de intervenção militar era pequeno. A reação da Grã-Bretanha seria decisiva. E vários indícios que chegavam a Berlim apontavam para o

fato de que os britânicos estavam cada vez mais inclinados a aceitar o rearmamento alemão. Portanto, enquanto os chefes militares recuavam, os membros civis do gabinete saudavam a medida de Hitler.

A calma relativa dos outros membros do gabinete ajudou evidentemente a acalmar os nervos de Blomberg. Fritsch também mudou de ideia e deu sua aprovação. Suas objeções — lembradas por Hitler anos depois — estavam agora confinadas a problemas técnicos causados pela velocidade planejada do rearmamento.

No fim da tarde de sábado, 16 de março, Hitler, com Neurath a seu lado, informou aos embaixadores estrangeiros sobre seu ato iminente. Depois, foi dada a notícia dramática. Hitler proclamou a nova Wehrmacht de 36 divisões e a decretação do serviço militar obrigatório. Os jornais publicaram edições especiais que elogiavam “a primeira grande medida para liquidar Versalhes”, o apagamento da vergonha da derrota e a restauração da posição militar da Alemanha. Multidões em delírio reuniram-se diante da Chancelaria para aplaudir Hitler. O povo alemão estava despreparado para o que ele fizera. Muitos de início reagiram com choque, preocupados com as consequências no exterior e até com a possibilidade de uma nova guerra. Mas o estado de ânimo — ao menos da vasta maioria — mudou rapidamente para a euforia quando se percebeu que as potências ocidentais não fariam nada. Achava-se agora que a Alemanha tinha o direito de rearmar-se, uma vez que a França não fizera nada para *des*armar-se. O prestígio de Hitler foi às nuvens. As pessoas admiravam sua coragem e intrepidez. Ele havia posto os franceses em seu devido lugar e realizara o que “os outros” não haviam feito em catorze anos. “Entusiasmo enorme sobre 17 de março”, dizia um informe de fontes oposicionistas. “Munique inteira estava de pé. As pessoas podem ser obrigadas a cantar, mas não forçadas a cantar com tamanho entusiasmo. [...] Hitler ganhou novamente terreno extraordinário entre o povo. Ele é amado por muitos.”

Os governos estrangeiros também foram tomados de surpresa pelo lance de Hitler. As diplomacias francesa e tcheca entraram em hiperatividade. Nos dois casos, negociações arrastadas de tratados com Moscou foram aceleradas. Na Itália, Mussolini esbravejou contra a Alemanha, provocando por um momento uma atmosfera parecida com a de 1915, e procurou uma aliança mais estreita com a França. Mas a Grã-Bretanha tinha a chave. E seus interesses no Império ultramarino

e no Oriente Médio, além da preocupação com a ameaça do bolchevismo, estimulavam uma postura mais favorável à Alemanha, totalmente oposta à da diplomacia francesa, para vantagem direta de Hitler. Sem consultar a França, o governo britânico divulgou, em 18 de março, um protesto formal pela medida unilateral alemã e, para espanto dos diplomatas alemães, perguntava na mesma nota de protesto se o governo do Reich ainda estava interessado numa reunião entre Simon e Hitler.

Hitler estava confiante e seguro de si quando a visita adiada de Simon e Eden aconteceu finalmente na Chancelaria do Reich, em 25 de março. Paul Schmidt, ao encontrar Hitler pela primeira vez e atuando como seu intérprete, observou a atmosfera cordial no começo das conversações. Ele esperava pelo "demagogo furioso" que ouvira pelo rádio, mas, ao contrário, ficou bem impressionado com a habilidade e a inteligência com que Hitler conduziu as negociações. Na primeira sessão matinal de quase quatro horas, Simon e Eden não puderam mais do que fazer uma pergunta ocasional durante os monólogos de Hitler sobre a ameaça bolchevique. Além dos repetidos ataques às intenções expansionistas soviéticas, seu tema principal foi a igualdade de tratamento para a Alemanha em termos de armamentos. Ele insistiu com Simon sobre a paridade em forças aéreas com a França e a Grã-Bretanha. Perguntado sobre a capacidade atual da força aérea alemã, Hitler hesitou e depois declarou: "Já atingimos paridade com a Grã-Bretanha". Simon e Eden não acreditaram, mas não disseram nada. Tampouco falaram quando Hitler indicou que a Alemanha reivindicava ter uma Marinha numa proporção de 35% da força naval inglesa, mas a falta de objeção imediata por parte deles deu a entender que não se opunham. Os britânicos mostraram-se flexíveis, dispostos a negociar, insistentes na manutenção da paz, mas prontos para fazer concessões à custa da solidariedade com os franceses. A postura alemã, por outro lado, foi obstinada, inflexível sobre todos os pontos substanciais. A corte aos britânicos parecia progredir. O acordo europeu do pós-guerra estava visivelmente desmoronando. Tudo o que Hitler precisava fazer era ficar firme: todos os sinais eram de que os britânicos tratariam de conciliá-lo. As sementes do apaziguamento haviam sido plantadas.

Embora as declarações britânicas de solidariedade internacional continuassem, a tão alardeada Frente Stresa — resultado da reunião em Stresa dos líderes de Grã-

Bretanha, França e Itália em 11 de abril de 1935, na qual prometeram sustentar o Pacto de Locarno de 1925, que garantia as fronteiras ocidentais do Reich e apoiava a integridade da Áustria — existia apenas no papel. Mas o isolamento causado por Stresa, a condenação da Alemanha pela Liga das Nações e o pacto francês com a União Soviética tinham de ser rompidos. Esse foi o pano de fundo do segundo "discurso sobre a paz" de Hitler — depois daquele de 17 de maio de 1933 — perante o Reichstag, em 21 de maio de 1935. "Que mais eu poderia desejar senão tranquilidade e paz?", perguntou retoricamente. "A Alemanha precisa de paz, e quer a paz." Ele estava disposto a parecer razoável e moderado, ao mesmo tempo que reiterava as exigências alemãs de direitos iguais em armamentos. Descartou qualquer sinal de ameaça no programa de rearmamento. Declarou (como fizera em particular a Simon e Eden) que não queria mais do que a paridade em armamento aéreo e um limite de 35% da tonelagem naval britânica. Desdenhou das sugestões da imprensa de que isso levaria a uma demanda pela posse de colônias. Tampouco a Alemanha tinha desejo ou capacidade de rivalizar com a Marinha britânica.

> O governo do Reich alemão reconhece a necessidade esmagadora da existência e, portanto, da justificação de predomínio no mar para proteger o Império Britânico, assim como, por outro lado, estamos determinados a fazer todo o necessário para proteger nossa existência e liberdade continental.

Estava delineado o marco da desejada aliança com a Grã-Bretanha.

Os ministérios do Exterior dos dois países criticavam os planos de um acordo naval. Mas a Marinha britânica achava que o limite de 35% era aceitável, desde que não houvesse enfraquecimento de sua posição em relação à Marinha japonesa, considerada uma ameaça maior. O gabinete britânico cedeu. Apesar de a Alemanha ter sido condenada, ainda em meados de abril, pela Liga das Nações por sua violação do Tratado de Versalhes, a Grã-Bretanha, após o "discurso pela paz" de Hitler de 21 de maio, aceitou levar adiante as conversações navais em Londres, discutidas pela primeira vez na visita de Simon a Berlim.

Quando as conversas começaram, em 4 de junho, estava à frente da delegação alemã Joachim von Ribbentrop. O linguisticamente capaz, mas infinitamente vaidoso, arrogante e pomposo ex-vendedor de champanhe só entrara para o partido em 1932. Mas, com a paixão do convertido de última hora, demonstrara desde o início uma devoção fanática por Hitler; o intérprete Schmidt, que o via de perto

com frequência, disse que ele lhe lembrava o cachorro da marca de gramofones His Master's Voice [e dos discos da RCA Victor]. Em 1934, recém-nomeado comissário para Questões de Desarmamento, fora enviado por Hitler, como uma espécie de embaixador itinerante, a Roma, Londres e Paris para tentar melhorar as relações internacionais da Alemanha, mas não conseguira grande coisa. Apesar de sua óbvia falta de êxito, Hitler, que não confiava nos diplomatas de carreira, continuou a favorecê-lo. Em 1o de junho de 1935, ganhou o título grandioso de embaixador extraordinário e plenipotenciário em missão especial. Seu momento de triunfo em Londres o aguardava.

O Acordo Naval Anglo-Alemão foi finalmente fechado em 18 de junho. A Alemanha podia agora construir uma armada que tivesse 35% da tonelagem da Marinha britânica e uma frota de submarinos igual à inglesa. Ribbentrop cobriu-se de glória. Hitler obtivera um triunfo diplomático importante e, segundo ele, tivera o dia mais feliz de sua vida. Para o povo alemão, ele parecia estar realizando o inimaginável. Enquanto isso, o mundo assistia atônito. A Grã-Bretanha, que participara da condenação da Alemanha por violações de tratados, agora enfraquecera totalmente a Frente Stresa, abandonara seus aliados e ajudara Hitler a rasgar mais um grande pedaço do Tratado de Versalhes. Se a consequência disso seria uma paz mais segura, era algo que já provocava dúvidas.

Pouco mais de três meses depois, a diplomacia europeia mergulhou ainda mais no tumulto. Em 3 de outubro, Mussolini invadiu a Abissínia, numa aventura imperialista atávica, projetada para devolver à Itália o status de potência mundial e satisfazer o orgulho nacional e as ambições de um ditador. A invasão foi condenada por unanimidade pelos membros da Liga das Nações. Mas a aplicação lenta e desanimada de sanções econômicas — que deixaram de lado um componente essencial, o petróleo — só serviu para revelar mais uma vez a ineficácia da Liga. De novo, ficaram expostas as divisões entre as duas democracias ocidentais.

A ação de Mussolini mergulhou a Liga em mais uma crise. Ela explodia o acordo alcançado em Stresa. A Europa estava em movimento. Hitler podia esperar uma bela colheita.

III

Na primavera e no verão de 1935, enquanto os eventos no front diplomático favoreciam Hitler, a nova onda de violência antissemita que varreu o país entre maio e setembro — depois de uma relativa calmaria desde os últimos meses de 1933 — estimulou a radicalização na área de sua principal obsessão ideológica. Na época muito absorto com a política externa, Hitler envolveu-se com essa questão apenas esporadicamente nos meses que antecederam a promulgação improvisada das famigeradas Leis de Nuremberg, no grande Congresso do Partido realizado em setembro. Muito tempo depois, Hitler comentaria: "No que diz respeito aos judeus, eu também havia ficado inativo por muito tempo". Essa inatividade era tática, não temperamental. "Não faz sentido criar artificialmente dificuldades adicionais", acrescentou. "Quanto mais astutamente você agir, melhor." Ele não tinha necessidade de ser ativo. Tudo o que precisava fazer era proporcionar apoio aos radicais do partido — ou, menos ainda, não fazer nada para impedir o ativismo deles (até que se tornasse contraproducente) — e depois introduzir a legislação discriminatória que a agitação instigara. Saber que as ações para "remover" os judeus estavam de acordo com os objetivos de Hitler e contavam com sua aprovação dava mais ímpeto a elas.

Em virtude principalmente das sensibilidades da política externa e da precariedade econômica, o governo havia freado durante 1934 a violência contra os judeus que caracterizara os primeiros meses do regime nazista. A barbaridade havia apenas diminuído — e longe de ser por completo. A discriminação feroz continuava incessante. A intimidação era implacável. Em algumas regiões, como a Francônia de Streicher, o boicote econômico continuava fortíssimo e a atmosfera envenenada favorecia atos brutais. Mesmo assim, o êxodo dos judeus do país diminuiu notavelmente; alguns até voltaram, achando que o pior havia passado. Então, no início de 1935, com o plebiscito do Sarre superado, os freios às ações antissemitas começaram a afrouxar. A propaganda escrita e falada atiçou o fogo da violência, incitando as formações partidárias à ação — entre elas, unidades da Juventude Hitlerista, SA, SS e da organização dos pequenos comerciantes NS-Hago — que não precisavam de muito estímulo. O *Gauleiter* da Francônia Julius Streicher, o antissemita mais raivoso e primitivo entre os líderes do partido, estava na linha de

frente. Seu jornal quase pornográfico, *Der Stürmer*, que nunca deixara de destilar seu veneno, apesar de frequentes escaramuças até com autoridades nazistas, superava-se agora numa nova campanha imunda, centrada em infindáveis histórias de "contaminação racial". Suas vendas quadruplicaram durante 1935, graças sobretudo ao apoio das organizações partidárias locais.

O tom estava mudando nas altas esferas do poder. Em março de 1934, Heß proibira a propaganda antissemita da NS-Hago, sinalizando que era preciso ter autorização de Hitler para um boicote. Mas, no fim de 1935, Wiedemann disse a Bormann que Hitler não era a favor da proibição, pretendida por alguns, dos quadros de avisos contra judeus — "Judeus não são desejados aqui" (ou versões ainda mais ameaçadoras) — ao longo de estradas, na entrada de aldeias e em lugares públicos. Em consequência, os cartazes disseminaram-se rapidamente. Os radicais da base do partido captaram a mensagem óbvia da enxurrada de propaganda e dos discursos de notáveis do NSDAP, que davam sinal verde ao ataque aos judeus do modo como se achasse mais apropriado.

Na verdade, os líderes do partido reagiam e canalizavam as pressões que vinham dos radicais da base do movimento. O contínuo descontentamento nas fileiras da SA, pouco amortecido desde o "caso Röhm", era o ímpeto subjacente à nova onda de violência contra os judeus. Sentindo-se enganados pelo admirável mundo novo que julgavam seu, alienados e desmoralizados, os jovens valentões da SA precisavam de uma nova razão de ser. Atacar os judeus forneceu-lhes isso. Com o sinal verde vindo de cima, eles foram estimulados. O sentimento dos militantes, e em especial das tropas de choque, resumido em um relatório da Gestapo na primavera de 1935, era que "o problema judeu" tinha de "ser posto em movimento por nós a partir de baixo" e "que o governo teria então de ir atrás".

O valor instrumental da nova onda de agitação e violência ficava claro nos relatórios enviados da Renânia em março e abril de 1935 pelo *Gauleiter* Grohé, de Colônia-Aachen, que pensava que um novo boicote e a intensificação dos ataques aos judeus ajudariam "a elevar o estado de ânimo um tanto deprimido da classe média baixa". Grohé, um ardente radical da "questão judaica", regozijava-se com a revitalização do ativismo partidário e do moral da classe média baixa que havia sido propiciada pelos novos ataques aos judeus.

Apesar dos objetivos do programa nazista, aos olhos dos radicais do movimento

pouco havia sido feito até o início de 1935 para erradicar os judeus da sociedade alemã. Entre os antissemitas fanáticos, havia um sentimento de que a burocracia estatal se desviara das diretrizes do partido e não produzira grande coisa em termos de legislação para eliminar a influência judaica. A nova onda de violência, agora, levava a exigências vociferantes pela introdução de leis discriminatórias contra os judeus, que levassem ao cumprimento do programa do partido.

As tentativas de mobilizar as massas apáticas em apoio à violenta campanha antissemita das organizações do partido saíram pela culatra. Em vez de galvanizar os descontentes, a onda antissemita apenas alimentou as críticas já proeminentes ao partido. Havia pouca participação daqueles que não pertenciam ao NSDAP. Muita gente ignorava as exortações para boicotar os negócios judeus. E as exibições públicas de violência que acompanhavam o "movimento de boicote", nas quais judeus eram espancados e suas propriedades vandalizadas, eram recebidas com ampla condenação. Uma boa parte das críticas não tinha motivos humanitários. O egoísmo econômico desempenhava um papel maior, assim como a preocupação de que a violência pudesse se estender às igrejas. Atacava-se antes o método do que os objetivos. Havia poucas objeções de princípio à discriminação contra os judeus. O que preocupava as pessoas eram sobretudo as arruaças, a violência da turba, as cenas desagradáveis e a perturbação da ordem.

Desse modo, ao longo do verão, a violência se tornou contraproducente e as autoridades sentiram-se compelidas a tomar medidas para condená-la e restaurar a ordem. O terror nas ruas cumprira sua função. Fizera a discriminação avançar. A radicalização exigia ação de cima.

Por fim, Hitler, que ficara em silêncio sobre a questão durante todo o verão, foi forçado a assumir uma posição. Schacht já o advertira, em memorando de 3 de maio, sobre o dano econômico causado pelo combate aos judeus por meios ilegais. Na época, ele reagira dizendo que tudo ficaria bem com a evolução dos acontecimentos. Mas então, em 8 de agosto, deu uma ordem para suspender todas "as ações individuais", a qual foi transmitida por Heß ao partido no dia seguinte. Em 20 de agosto, o ministro do Interior Frick, com base na proibição de Hitler, ameaçou os que continuavam a perpetrar tais atos com punição severa. Chegara-se ao ponto em que as autoridades estatais estavam envolvidas na repressão aos membros do partido que buscavam implementar o que era um dogma central da

doutrina partidária. Não surpreende que a polícia, cada vez mais obrigada a intervir contra os militantes do partido envolvidos em ataques violentos aos judeus, também quisesse o fim das perturbações da ordem pública. Hitler ficou distante da rixa, mas desconfortavelmente posicionado entre os radicais e os conservadores. Seu instinto, como sempre, estava com os radicais, cuja amarga decepção com o que consideravam uma traição dos princípios nazistas era evidente. Mas o senso político ditava que ele deveria dar atenção aos conservadores. Liderados por Schacht, eles queriam uma regulamentação da atividade antissemita por meio de lei. Isso combinava com as exigências crescentes dentro do partido por medidas discriminatórias mais duras, em especial contra a "contaminação racial". Foi da necessidade de reconciliar essas posições conflitantes que surgiram as Leis de Nuremberg.

As demandas estridentes por uma legislação mais dura contra os judeus aumentaram na primavera e no verão de 1935. Frick parecia ter oferecido em abril a perspectiva de uma nova lei discriminatória sobre os direitos à cidadania, mas nada surgiu que satisfizesse aqueles que viam um item central do programa do partido sem implementação após dois anos de regime nazista. Em junho, os órgãos do partido exigiram que os judeus perdessem a cidadania alemã e pediram pena de morte para judeus que alugassem propriedades a "arianos", contratassem-nos como criados, prestassem-lhes serviços como médicos ou advogados ou se envolvessem em "contaminação racial".

Naquele momento, a questão da proibição do casamento e da proscrição das relações sexuais entre judeus e "arianos" alcançara o topo da pauta de exigências dos radicais. A pureza racial, alegavam, só poderia ser atingida por meio do apartheid físico total. Até mesmo uma única relação sexual entre um judeu e uma "ariana", anunciava Streicher, era suficiente para impedir que a mulher desse à luz um filho "de puro sangue ariano". A "contaminação" das moças "alemãs" por judeus predadores, uma alegação constante do maligno *Stürmer* e de seus imitadores, tornara-se um tema central da agitação antissemita.

Em maio de 1935, Streicher falara de uma iminente proibição dos casamentos entre judeus e alemães. No início de agosto, Goebbels proclamou que esses casamentos seriam proibidos. Enquanto isso, os militantes tomavam a questão em suas próprias mãos. Homens da SA fizeram manifestações diante das casas de

recém-casados em que um dos cônjuges era judeu. Mesmo sem a existência de uma lei, funcionários de alguns cartórios recusavam-se a celebrar "casamentos mistos". Uma vez que não eram legalmente proibidos, outros cartórios realizavam a cerimônia. Outros ainda informavam a Gestapo sobre um casamento pretendido. A própria Gestapo pressionava o Ministério da Justiça para que baixasse logo uma regulamentação sobre a confusa situação. Um impulso a mais veio com a nova Lei de Defesa de 21 de maio de 1935, que proibia o casamento dos membros da recém-formada Wehrmacht com "pessoas de origem não ariana". Em julho, cedendo às pressões do movimento, Frick já decidira apresentar uma lei para banir os "casamentos mistos". Um esboço de projeto de lei já havia sido redigido no Ministério da Justiça. O atraso no andamento da legislação se devia, em grande medida, à questão de como lidar com os *Mischlinge* — aqueles que tinham ascendência parcial judia.

Em 18 de agosto, num discurso feito em Königsberg, Schacht indicou que uma legislação antijudaica de acordo com o programa do partido estava "em preparação" e tinha de ser vista como um objetivo central do governo. Dois dias depois, Schacht convocou líderes do partido e dos estados para uma reunião no Ministério de Economia, tendo por pauta a "questão judaica". Ele atacou furiosamente os métodos violentos do partido por causarem grandes danos à economia e ao rearmamento, concluindo que era vital executar o programa partidário, mas somente por meio de legislação. A reunião acabou com o acordo de que partido e estados deveriam unir-se para levar sugestões ao governo do Reich "sobre medidas desejáveis".

Um relato da reunião preparado para o secretário de Estado no Ministério do Exterior comentava:

> Essencialmente, os representantes departamentais chamaram a atenção para as desvantagens práticas para o trabalho de seus departamentos, enquanto o partido justificou a necessidade de ação radical contra os judeus, com considerações político-emocionais e ideológicas abstratas [...].

Apesar de toda a veemência de seus argumentos, Schacht não quis — ou não achou que pudesse — contestar o princípio da exclusão dos judeus. "Herr Schacht não tirou a conclusão lógica", declarava o relatório do Ministério do Exterior, "e não pediu uma mudança radical no programa judaico do partido, nem mesmo nos

métodos de aplicá-lo, por exemplo, a proibição de *Der Stürmer*. Ao contrário, manteve a ficção de obedecer 100% ao programa judaico." A reunião promovida por Schacht havia destacado as diferenças entre fanáticos e conservadores. Não havia um desacordo fundamental sobre objetivos, apenas sobre métodos. Porém, não era possível arrastar a questão indefinidamente. Era preciso encontrar uma solução no futuro próximo.

As minutas da reunião foram enviadas para Hitler, que também discutiu o assunto com Schacht em 9 de setembro. Isso foi na véspera de Hitler partir para Nuremberg, onde centenas de milhares de fiéis do partido estavam reunidos para o ritual anual do Congresso Nacional da Liberdade do Partido — "a Missa Solene de nosso partido", nas palavras de Goebbels. Naquele momento, ele não tinha a intenção de proclamar as leis antissemitas de "cidadania" e de "sangue" durante o evento. Uma influência significativa na mudança de suas intenções foi exercida em Nuremberg por um dos mais fanáticos proponentes da proibição das relações sexuais entre alemães e judeus, o dr. Gerhard Wagner, o "líder dos médicos do Reich", que defendia a interdição do casamento entre "arianos" e judeus desde 1933.

No segundo dia do Congresso do Partido, 12 de setembro, Wagner anunciou em discurso que em pouco tempo uma "lei para proteger o sangue ariano" evitaria a continuação do "abastardamento" do povo alemão. Um ano depois, Wagner afirmaria que não tinha ideia, ao fazer o anúncio, que o Führer apresentaria as Leis de Nuremberg em poucos dias. É provável que Hitler não tenha dado a Wagner nenhuma indicação específica sobre quando a Lei do Sangue seria promulgada. Mas, uma vez que Wagner anunciou inequivocamente que uma lei desse tipo era iminente, ele deve ter recebido um sinal claro de Hitler de que ela viria no futuro imediato. De qualquer modo, no fim da noite seguinte, 13 de setembro, o dr. Bernhard Lösener, encarregado de preparar a legislação sobre a "questão judaica" no Ministério do Interior, foi chamado de surpresa a Nuremberg. Ele e um colega, o conselheiro ministerial Franz Albrecht Medicus, chegaram na manhã de 14 de setembro e foram informados por seus superiores no Ministério do Interior, secretários de Estado Hans Pfundtner e Wilhelm Stuckart, de que Hitler os instruíra no dia anterior a preparar uma lei para regulamentar os problemas do casamento entre "arianos" e "não arianos". Eles começaram imediatamente a trabalhar no

projeto. Parece provável que a insistência de Wagner, que ficou em companhia de Hitler durante horas no momento crucial, sem dúvida com o apoio de outros líderes nazistas, tenha sido fundamental para que a decisão fosse tomada. Wagner era o elo entre Hitler e os que foram encarregados da tarefa de redigir a lei, os quais não tinham clareza completa sobre o que vinha exatamente do doutor e o que vinha do próprio Hitler, uma vez que não haviam recebido instruções por escrito.

A atmosfera estava madura. O verão de intimidações e violência contra os judeus cuidara disso. As demandas cada vez mais estridentes por ação formavam um pano de fundo ameaçador para o grande evento do partido, enquanto centenas de milhares de adeptos chegavam a Nuremberg, que tinha seus muros, torres e casas cobertos de suástica. O ar se enchia de expectativa pelo grande espetáculo que aconteceria.

Os preparativos para as famigeradas leis que determinariam o destino de milhares de pessoas foram quase caóticos. Lösener e Medicus chegaram a Nuremberg no sábado, 14 de setembro. A reunião do Reichstag, especialmente convocada, estava marcada para as oito da noite do dia seguinte. Havia pouco tempo para os já cansados servidores públicos redigirem a legislação requerida. Qualquer que fosse o trabalho anterior sobre legislação antijudaica nos Ministérios do Interior e da Justiça, ele claramente não passara dos estágios iniciais. Não havia acordo sobre a definição de judeu. O partido pressionava para a inclusão dos *Mischlinge*, mas as complexidades disso eram consideráveis. O trabalho seguiu num ritmo frenético. No decorrer do dia, Lösener teve de enfrentar mais de uma vez a multidão para chegar à mansão onde estava Frick, do outro lado da cidade, e que demonstrava pouco interesse pelo assunto. Hitler, por insistência de Wagner, rejeitou as primeiras versões que Frick lhe trouxe por serem suaves demais. Por volta da meia-noite, Frick voltou do encontro com Hitler com a ordem de preparar para ele quatro versões da Lei do Sangue — variando em severidade as penalidades para as infrações da lei — e, além disso, redigir uma lei de cidadania do Reich para completar o programa legislativo. Em meia hora, eles redigiram, nos termos mais breves, uma lei que distinguia súditos do Estado de cidadãos do Reich, os quais seriam apenas os de sangue alemão ou relacionado. Embora quase desprovida de conteúdo, a lei proporcionava a base para a massa de decretos subsidiários que nos anos seguintes empurrariam os judeus para as margens da sociedade, prisioneiros

em sua própria terra. Às 2h30, Frick voltou com a aprovação de Hitler. Os funcionários só ficaram sabendo qual das quatro versões da Lei do Sangue havia sido escolhida quando o Reichstag se reuniu. Possivelmente por intervenção de Neurath ou, o que é mais provável, de Gürtner, ele escolhera a mais suave. Porém, ele riscou de próprio punho a restrição a "judeus plenos", aumentando a confusão ao ordenar que essa restrição fosse incluída na versão publicada pela Agência Alemã de Notícias. O casamento e as relações sexuais extramaritais entre judeus e alemães foram proscritos e seriam punidos com penalidades duras. Os judeus também estavam proibidos de empregar mulheres alemãs com menos de 45 anos como criadas.

As Leis de Nuremberg, naturalmente, foram um meio-termo adotado por Hitler, contra seus instintos, para esvaziar a agitação antissemita do partido, a qual durante o verão se tornara impopular não somente em amplos setores da população, mas também entre os setores conservadores da liderança, devido a seus efeitos econômicos danosos. A solução conciliatória não agradou aos radicais do partido. Mesmo assim, ela aplacava os membros que vinham exigindo uma legislação, especialmente sobre a "contaminação racial". E, ao mesmo tempo que freava a agitação e a violência desabrida, levava a discriminação para um novo patamar. A decepção dos militantes com o recuo de um ataque direto aos judeus foi mitigada pelo reconhecimento, como afirmado em um relatório, de "que o Führer, para manter as aparências, tinha de proibir as ações individuais contra os judeus em consideração à política externa, mas, na realidade, estava totalmente de acordo que cada indivíduo continuasse por iniciativa própria a lutar contra a judiaria da forma mais rigorosa e radical".

A dialética da radicalização na "questão judaica" em 1935 seguira o seguinte movimento: pressão de baixo; sinal verde de cima; mais violência de baixo; freios de cima para acalmar os radicais por meio de legislação discriminatória. O processo fizera a perseguição dar vários passos.

As Leis de Nuremberg serviram ao seu propósito de reduzir os ataques violentos aos judeus, que haviam marcado o verão. A maioria dos alemães que não pertenciam às fileiras de fanáticos do partido havia desaprovado a violência, mas não os objetivos da política antissemita — a exclusão dos judeus da sociedade alemã e, em última análise, a remoção deles do país. Em geral, aprovavam o quadro

jurídico que separava judeus e alemães por oferecer uma base permanente de discriminação sem o inconveniente da violência. Hitler associara-se à busca por uma solução "legal". Sua popularidade foi pouco afetada.

Ainda restava resolver a questão espinhosa de definir o que era um judeu. Os primeiros rascunhos da regulamentação da Lei da Cidadania do Reich que definia juridicamente um judeu foram formulados para tentar agir em conformidade com as supostas opiniões de Hitler. Mas, embora ele tenha feito intervenções, às vezes até em minúcias, seu envolvimento esporádico era insuficiente para terminar rapidamente com o cabo de guerra entre o gabinete de Heß e o Ministério do Interior. O ministério queria classificar como "judeus" somente aqueles com mais de dois avós "não arianos". O partido — com o dr. Wagner pressionando — insistia na inclusão dos que eram "um quarto judeus". Numerosas reuniões não produziram resultados. Enquanto isso, sem esperar por uma definição, alguns ministérios já impunham várias medidas discriminatórias aos que tinham antecedentes "mistos", usando critérios diferentes. Uma decisão era necessária com urgência. Mas Hitler não se decidia por um lado nem por outro. "Questão judaica ainda não decidida", anotou Goebbels em 1º de outubro. "Debatemos durante longo tempo sobre isso, mas o Führer ainda está hesitante."

No início de novembro, ainda sem resolução final à vista, Schacht e a direção do Reichsbank, alegando que a incerteza prejudicava a economia e a taxa de câmbio, uniram-se à pressão sobre Hitler para que acabasse com a disputa. O Führer não tinha nenhuma intenção de aceitar a garantia de direitos para os judeus, como o Reichsbank queria. A perspectiva de um confronto entre representantes do partido e os ministros do Interior, da Economia e das Relações Exteriores — e a provável derrota do partido — numa reunião marcada para 5 de novembro, na qual seria tomada a decisão final, fez com que Hitler a cancelasse pouco antes. Uma semana depois, o Primeiro Decreto Suplementar da Lei de Cidadania do Reich acabou finalmente com a incerteza. Wagner venceu na maioria dos itens. Mas, quanto à definição de judeu, o Ministério do Interior obteve algum êxito. Judeu, para os efeitos da lei, era aquele que tinha três quartos de sangue judeu. Os "meio judeus" (com dois avós judeus e dois "arianos") eram considerados judeus somente se praticassem a religião judaica, fossem casados (a partir da promulgação das Leis de Nuremberg) com judeus, filhos de um casamento com um cônjuge judeu, ou filhos

ilegítimos de um judeu e uma "ariana". A definição de judeu acabara numa contradição. Para os propósitos legislativos, fora impossível chegar a uma definição biológica de raça dependente de tipos de sangue. Então, foi necessário apelar para a crença religiosa a fim de determinar quem era racialmente judeu. Por conseguinte, era possível imaginar descendentes de pais "arianos puros" convertidos ao judaísmo que, desse modo, seriam considerados judeus raciais. Era absurdo, mas apenas destacava o disparate de toda a coisa.

A aproximação das Olimpíadas de Inverno, em Garmisch-Partenkirchen, e depois a realização dos jogos de verão em Berlim, além da situação sensível na política externa, faziam com que o regime estivesse apreensivo e disposto a evitar, a qualquer custo, uma repetição da violência do verão de 1935. Nos dois anos seguintes, embora a roda da discriminação continuasse girando, a "questão judaica" foi mantida distante do primeiro plano da política. Quando Wilhelm Gustloff, o principal representante do NSDAP na Suíça, foi assassinado por um jovem judeu, em fevereiro de 1936, as circunstâncias não se prestavam a uma retaliação violenta. Frick, em colaboração com Heß, proibiu rigorosamente "ações individuais". Hitler conteve seu instinto natural e se restringiu a um simples ataque generalizado à "judiaria" no funeral de Gustloff. A Alemanha permaneceu quieta. A ausência de violência após o assassinato é um sinal tão claro quanto os abusos da onda antissemita de 1935 de que o regime podia controlar, quando queria, as pressões dos radicais do partido. Em 1935, fora útil estimular e reagir a essas pressões. Em 1936, era oportuno mantê-las sob controle.

Para Hitler, independente das considerações táticas, o objetivo de destruir os judeus — sua ideia política central desde 1919 — continuava inalterado. Ele revelou sua maneira de abordar a questão numa reunião com os líderes distritais do partido, realizada no fim de 1937, em imediata justaposição a comentários sobre os judeus:

> Eu não quero exigir que um oponente lute. Não digo "lute" porque quero lutar. Em vez disso, digo: "Quero destruir você!". E então, que a destreza me ajude a encurralá-lo no canto, de tal modo que ele não possa desferir nenhum golpe. E então ele levará a punhalada no coração.

Na prática, porém, tal como fora a posição durante o verão de 1935, antes do Congresso de Nuremberg, Hitler não precisava fazer quase nada para levar adiante a radicalização da "questão judaica". Àquela altura, embora não tivesse ainda uma

coordenação central, ela permeava todas as áreas essenciais do governo; a pressão do partido, na sede e no resto do país, por novas formas de discriminação era incessante; os funcionários públicos seguiam restrições cada vez maiores determinadas pela Lei de Cidadania do Reich; os tribunais estavam engajados na perseguição aos judeus conforme o previsto nas Leis de Nuremberg; a polícia procurava novas maneiras de acelerar a eliminação de judeus e apressar a saída deles da Alemanha; e o público em geral, em sua maioria, aceitava a discriminação de forma passiva, quando não a estimulava diretamente ou dela participava. O antissemitismo se alastrava por todos os setores da sociedade. "Os nazistas conseguiram de fato aprofundar o abismo entre o povo e os judeus", dizia um informe da oposição socialista ilegal em janeiro de 1936. "O sentimento de que os judeus são outra raça é hoje generalizado."

IV

No fim de 1935, apoiado pelos esforços incansáveis da máquina de propaganda, Hitler já havia avançado bastante no sentido de se fixar como líder nacional, transcendendo os interesses puramente partidários. Ele representava os sucessos, as realizações do regime. Sua popularidade aumentava também entre aqueles que, sob outros aspectos, criticavam o nacional-socialismo. Com o partido, as coisas eram diferentes. O partido podia ser — e era, com frequência — responsabilizado por todos os males da vida cotidiana — pelo abismo entre as expectativas e a realidade que provocara decepção disseminada depois das exageradas esperanças iniciais de uma melhoria material rápida no Terceiro Reich.

Sobretudo, a imagem do partido sofrera muito devido a seus ataques às igrejas cristãs. O estado de ânimo sombrio nas regiões do país mais afetadas por essas ações era apenas uma parte de uma queda mais ampla da popularidade do regime no inverno de 1935-6. Hitler estava ciente da deterioração da situação política e das condições materiais subjacentes à piora do humor da população. No outono de 1935, a raiva, especialmente da classe trabalhadora, estava aumentando por causa da escassez de alimentos, do aumento dos preços da comida e do recrudescimento do desemprego.

Porém, enquanto os problemas internos aumentavam, a crise da Abissínia, que causou confusão na Liga das Nações, oferecia a Hitler novas oportunidades para buscar o sucesso na política externa. Ele estava alerta à possibilidade de romper o isolamento internacional da Alemanha enfiando uma cunha mais profunda entre os signatários de Stresa para, quem sabe, obter uma revisão maior de Versalhes. Ademais, tendo em vista a situação interna, um triunfo na política externa seria muito bem-vindo.

Pelos termos do acordo de paz de 1919, o Reich alemão estava proibido de erguer fortificações, estacionar tropas ou empreender qualquer preparativo militar na margem esquerda do Reno e em uma faixa de cinquenta quilômetros da margem direita. A desmilitarização da Renânia foi posteriormente endossada pelo Pacto de Locarno de 1925, que a Alemanha havia assinado. Qualquer alteração unilateral pela Alemanha equivaleria a uma violação devastadora do acordo pós-guerra.

A remilitarização da Renânia teria estado no programa de qualquer governo nacionalista alemão. O Exército a considerava essencial para os planos de rearmamento que estabelecera em dezembro de 1933 e para a defesa da fronteira ocidental. O Ministério do Exterior presumia que a condição de desmilitarização acabaria por meio de negociação em algum momento. Hitler havia falado confidencialmente sobre a abolição da zona desmilitarizada já em 1934. Falou disso novamente, em termos amplos, no verão de 1935. Por mais provável que a reocupação fosse nos próximos um ou dois anos, o aproveitamento da oportunidade, a escolha do momento e o caráter do golpe foram de Hitler. Eles traziam sua marca em todos os pontos.

A oportunidade foi proporcionada por Mussolini. Como observamos, sua aventura na Abissínia, provocando a condenação da Liga das Nações por conta de um ataque injustificado a um Estado-membro e a imposição de sanções econômicas, rompeu a frágil Frente Stresa. A Itália, diante de uma perspectiva militar pessimista, com as sanções começando a causar danos e procurando amigos, deu as costas para a França e a Grã-Bretanha e voltou-se para a Alemanha. O obstáculo para as boas relações era, desde 1933, a questão austríaca. Desde o assassinato de Dollfuß, em meados de 1934, o clima era gélido. De repente, isso se alterou. Em janeiro de 1936, Mussolini sinalizou que não tinha nada contra a Áustria se tornar satélite da Alemanha. O caminho para o “Eixo” abriu-se imediatamente. Ainda no mesmo mês, ele alegou publicamente que as conversas entre franceses e ingleses sobre uma possível ação militar conjunta contra a Itália no Mediterrâneo — sem que isso tivesse algum fundo de realidade — haviam destruído o equilíbrio de Locarno e só poderiam levar ao colapso do sistema preconizado pelo tratado. Hitler estava atento. Depois, numa entrevista com o embaixador Hassell, Mussolini admitiu que a Itália não apoiaria a França e a Grã-Bretanha se Hitler decidisse reagir à ratificação do pacto de assistência mútua franco-soviético, que estava sob exame da Câmara de Deputados francesa e era considerado por Berlim uma violação de Locarno. A mensagem era clara: do ponto de vista da Itália, a Alemanha podia reentrar na Renânia com impunidade.

A crise abissínia também prejudicou as relações anglo-francesas e distanciou ainda mais as duas democracias uma da outra. O governo francês percebeu que a remilitarização da Renânia era inevitável. A maioria dos observadores previa que

isso aconteceria no outono de 1936, após o fim das Olimpíadas. Poucos achavam que Hitler assumiria grandes riscos em relação à Renânia quando, em última instância, a diplomacia convencional poderia ter sucesso. Ministros rejeitavam uma ação militar independente contra uma flagrante violação alemã. De qualquer modo, o comando militar francês — superestimando de forma grosseira a potência armada alemã — deixara claro que se opunha à retaliação militar e que a reação a um *fait accompli* deveria ser essencialmente política. A verdade era que os franceses não estavam dispostos a entrar numa briga pela Renânia. E Hitler e o Ministério do Exterior alemão sabiam disso, graças a informações secretas recebidas de Paris. Outras sondagens levaram Hitler e Von Neurath à forte pressuposição de que a Grã-Bretanha também evitaria uma ação militar na eventualidade de um golpe. Para eles, naquele momento a Grã-Bretanha estava enfraquecida militarmente, preocupada com assuntos políticos internos e às voltas com a crise na Abissínia, portanto relutante em considerar a manutenção da desmilitarização da Renânia vital para os interesses britânicos e nutrindo até alguma simpatia pelas exigências alemãs. As chances de sucesso de um movimento rápido para remilitarizar a região eram, portanto, altas; a probabilidade de uma retaliação militar por parte da França e da Grã-Bretanha era relativamente baixa. Isso, evidentemente, se estivessem corretas as avaliações de Berlim sobre as prováveis reações das potências europeias. Nada era certo. Nem todos os assessores de Hitler eram a favor de correr o risco que ele estava cada vez mais disposto a correr sem demora. Mas o Führer mostrara estar certo em sua ousadia ao abandonar a Liga das Nações em 1933 e reintroduzir a convocação militar em 1935. Ele havia conquistado confiança. Seu papel na crise da Renânia foi ainda mais assertivo, menos disposto do que nunca a ceder à cautela recomendada pelos militares e diplomatas.

No início de fevereiro, eram abundantes os rumores em Berlim de que Hitler planejava entrar com tropas na Renânia em futuro próximo. Àquela altura, nada havia sido decidido. Hitler meditou sobre a questão enquanto estava em Garmisch-Partenkirchen para a abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno, em 6 de fevereiro. A ideia provocou objeções, em particular do Ministério das Relações Exteriores. Durante o mês de fevereiro, ele discutiu os prós e os contras com Neurath, Blomberg, Fritsch, Ribbentrop, Göring e depois com Hassell, o embaixador em Roma. Um círculo maior no Ministério do Exterior e na direção militar estava a par

da decisão pendente. Fritsch e Beck eram contra; Blomberg, como sempre, estava ao lado de Hitler. O ministro do Exterior Neurath também tinha sérias dúvidas. Julgava que "acelerar" a ação não valia o risco. Embora não fosse provável que a Alemanha viesse a enfrentar retaliações, o resultado seria um maior isolamento internacional. Hassell também argumentou que não havia pressa, uma vez que haveria chances futuras de abolir a zona desmilitarizada. Ambos eram de opinião que Hitler deveria esperar pelo menos a ratificação do pacto franco-soviético pelo Senado francês. Isso, assim como uma suposta violação de Locarno, serviria de pretexto. Hitler preferia atacar após a ratificação pela Câmara de Deputados, sem esperar pela decisão do Senado. Por mais que os diplomatas de carreira aconselhassem cautela, ele era, como sempre, incitado de forma interesseira pelo bajulador Ribbentrop.

Hitler disse a Hassell que a reocupação da Renânia era, "do ponto de vista militar, uma necessidade absoluta". De início, pensava dar esse passo em 1937. Mas a conjuntura internacional favorável, a vantagem do pacto franco-soviético (levando em conta o sentimento antissoviético na Grã-Bretanha e na França) e o fato de que o poderio militar das outras potências, especialmente dos russos, estava crescendo e logo alteraria o equilíbrio de forças eram razões para agir mais cedo, não mais tarde. Ele não acreditava que haveria retaliação militar. Na pior das hipóteses, poderia haver sanções econômicas. Nas discussões de 19 de fevereiro, Hassell argumentou que a mudança para melhor da sorte da Itália na Abissínia e a suspensão das sanções petroleiras haviam diminuído as chances de apoio italiano. Hitler se contrapôs, enfatizando as desvantagens do adiamento. "O ataque, neste caso também", argumentou caracteristicamente — com a "concordância entusiástica de Ribbentrop" — ,"é a melhor estratégia."

Mas ele continuou a hesitar. Seus argumentos não haviam convencido os diplomatas e os comandantes militares. O conselho que recebia apontava para a cautela, não para a ousadia. As coisas estavam nesse pé no fim de fevereiro. Por mais decidido que estivesse a atacar logo, o momento certo ainda precisava ser decidido. No almoço de 29 de fevereiro, ele ainda não se decidira.

Mas, no dia seguinte, domingo, 1o de março, com Munique banhada por um clima que parecia de primavera, Hitler apareceu bem-humorado no hotel onde Goebbels estava hospedado. A decisão havia sido tomada. "É outro momento

crítico, mas chegou a hora da ação", escreveu Goebbels. "A sorte favorece os corajosos! Quem não ousa nada não ganha nada."

No dia seguinte, 2 de março, Goebbels compareceu a uma reunião na Chancelaria do Reich às onze horas da manhã. Os chefes das Forças Armadas — Göring, Blomberg, Fritsch e Raeder — estavam presentes. Ribbentrop também. Hitler lhes disse que tomara uma decisão. O Reichstag seria convocado para sábado, 7 de março. Lá seria feita a proclamação da remilitarização da Renânia. Ao mesmo tempo, ele ofereceria a reentrada da Alemanha na Liga das Nações, um pacto aéreo e um tratado de não agressão com a França. Desse modo, o perigo agudo seria reduzido, o isolamento alemão evitado e a soberania de uma vez por todas restaurada. O Reichstag seria dissolvido e novas eleições seriam anunciadas, com slogans de política externa. Fritsch tinha de cuidar do transporte das tropas na sexta-feira à noite. "Tudo tem de acontecer tão rápido quanto um raio." O movimento das tropas seria camuflado fazendo com que parecessem homens da SA e da Frente de Trabalho em exercício. Os dirigentes militares tinham suas dúvidas. Os membros do gabinete só foram informados individualmente na tarde do dia seguinte, Frick e Heß já de noite. Então, os convites para o Reichstag já haviam sido enviados — mas, para manter o sigilo, apenas para uma noitada de cerveja. Na quarta-feira à noite, Hitler estava trabalhando no discurso para o Reichstag e Goebbels já preparava a campanha eleitoral. Na quinta-feira, ainda se ouviam vozes de advertência no Ministério do Exterior. Na sexta de manhã, Hitler já tinha o discurso pronto. O gabinete reuniu-se para ser informado pela primeira vez coletivamente sobre o que estava planejado. Goebbels anunciou que o Reichstag se reuniria ao meio-dia do dia seguinte. O único item em pauta era uma declaração do governo. Os planos para a campanha eleitoral estavam finalizados. Os funcionários do Ministério da Propaganda foram impedidos de deixar o prédio à noite para evitar vazamento de informações. "O sucesso está na surpresa", anotou Goebbels. "Berlim treme com tensão", acrescentou na manhã seguinte.

O Reichstag também estava tenso quando Hitler se levantou, em meio a um enorme aplauso, para falar. Os deputados, todos de uniforme nazista, ainda não sabiam o que esperar. O discurso tinha por alvo não apenas os presentes, mas os milhões de ouvintes de rádio. Após um longo preâmbulo em que denunciava Versalhes, reafirmava as demandas alemãs por igualdade e segurança e declarava

suas metas pacíficas, Hitler prosseguiu com um ataque violento ao bolchevismo que provocou aplausos frenéticos. Com isso, introduziu seu argumento de que o pacto franco-soviético havia invalidado Locarno. Ele leu o memorando que Von Neurath entregara aos embaixadores dos signatários de Locarno naquela manhã, declarando que o tratado perdera sentido. Fez uma breve pausa, depois continuou:

> A Alemanha se considera, portanto, de sua parte, não mais presa a esse pacto dissolvido. [...] No interesse dos direitos primordiais de um povo à segurança de suas fronteiras e à salvaguarda de sua capacidade de defesa, portanto, o governo do Reich alemão restaurou a partir de hoje a plena e irrestrita soberania do Reich na zona desmilitarizada da Renânia.

Ao ouvir isso, escreveu o jornalista americano William Shirer, testemunha da cena, os seiscentos deputados, "homens pequenos de corpos grandes, pescoços inchados, cabelos curtos, barrigas protuberantes, uniformes pardos e botas pesadas, pequenos homens de barro em suas finas mãos, saltaram como autômatos, com o braço direito erguido na saudação nazista e gritaram '*Heil*'". Quando o tumulto diminuiu, Hitler apresentou suas "propostas de paz" para a Europa: um pacto de não agressão com a Bélgica e a França; desmilitarização de *ambos* os lados de suas fronteiras conjuntas; um pacto aéreo; tratados de não agressão, semelhantes ao celebrado com a Polônia, com outros vizinhos do leste; e o retorno da Alemanha à Liga das Nações. Alguns acharam que ele estava oferecendo demais. Não precisavam se preocupar. Como Hitler sabia, não havia a menor chance de que sua "oferta" fosse aceita. Ele avançou para o clímax: "Homens, deputados do Reichstag alemão! Nesta hora histórica, quando nas províncias ocidentais do Reich tropas alemãs estão, neste momento, avançando para suas futuras guarnições de paz, nós todos nos unimos em dois votos interiores sagrados". Ele foi interrompido por um tumulto ensurdecedor dos deputados reunidos. "Eles se ergueram gritando e bradando", registrou William Shirer.

> A plateia nas galerias fez o mesmo, todos exceto alguns diplomatas e cerca de cinquenta de nós, correspondentes. Suas mãos estão levantadas em saudação servil, o rosto deles crispado pela histeria, as bocas escancaradas, gritando, gritando, seus olhos, ardendo de fanatismo, grudados no novo deus, o Messias. O Messias desempenha seu papel soberbamente.

Por volta da uma da tarde, no momento em que Hitler chegava ao ponto alto de sua peroração, tropas alemãs se aproximavam da ponte Hohenzollern, em Colônia.

Dois aviões lotados de jornalistas, escolhidos a dedo por Goebbels, estavam lá para registrar o momento histórico. A notícia se espalhara rapidamente pela cidade naquela manhã. Milhares de pessoas se aglomeraram nas margens do Reno e lotaram as ruas próximas à ponte. Os soldados foram alvo de uma recepção delirante ao atravessá-la. Mulheres forraram o caminho com flores. Padres católicos abençoaram-nos. O cardeal Schulte elogiou Hitler por "mandar de volta nosso Exército". A "luta contra a Igreja" estava temporariamente esquecida.

A força que seria enviada para a zona desmilitarizada não passava de 30 mil soldados regulares, ampliada por unidades da Landespolizei (polícia estadual). Apenas 3 mil deles penetrariam profundamente na zona. O restante havia assumido posições, em sua maioria, atrás da margem oriental do Reno. As tropas da vanguarda estavam preparadas para se retirar em uma hora, caso houvesse confronto militar com os franceses. Não havia chance disso. Como vimos, essa reação havia sido descartada por antecipação pelos comandantes militares franceses. O serviço de inteligência da França previra — computando SA, SS e outras formações nazistas como soldados — o número extraordinário de 295 mil homens na força militar alemã na Renânia. Na realidade, uma divisão francesa teria sido suficiente para acabar com a aventura de Hitler. "Se os franceses tivessem então entrado na Renânia", consta que Hitler, bem mais tarde, teria comentado mais de uma vez, "teríamos de nos retirar novamente com o rabo entre as pernas. A força militar à nossa disposição não era suficiente nem para uma resistência limitada." As 48 horas posteriores à entrada das tropas alemãs na Renânia, dizia ele, foram as mais tensas de sua vida. Como sempre, falava para causar efeito.

Na verdade, o risco fora apenas moderado. As democracias ocidentais careciam tanto da vontade como da unidade necessária para tornar a intervenção provável. Mas, para Hitler, o triunfo foi inestimável. Ele não só havia passado a perna nas grandes potências, que se mostraram novamente incapazes de se ajustar a um estilo de política do poder que não obedecia às regras da diplomacia convencional, como obtivera mais uma vitória sobre as forças conservadoras do Exército e das relações exteriores de seu país. Tal como em março de 1935, a cautela e a timidez da liderança das Forças Armadas e dos diplomatas de carreira revelaram-se inapropriadas. A Renânia foi a maior recompensa por sua ousadia. Seu desprezo pelos "profissionais" do Exército e do Ministério do Exterior aumentou. Sua

egomania ilimitada ganhou mais um grande impulso.

A euforia popular diante da notícia da reocupação da Renânia superou de longe até os sentimentos de celebração nacional em 1933 e 1935, ocasionados por triunfos anteriores. As pessoas não cabiam em si de contentamento. O temor difuso inicial de que a ação de Hitler traria guerra dissipou-se rapidamente. Era quase impossível não se contaminar com o clima de alegria, que ia muito além dos firmes adeptos do nazismo. Os grupos de oposição ficaram desmoralizados. A nova admiração por Hitler, o apoio ao seu desafio às potências ocidentais, ao ataque a Versalhes, à restauração da soberania sobre território alemão e às promessas de paz foram registrados — às vezes com relutância — até por adversários do regime.

A campanha "eleitoral" após o desempenho espetacular na Renânia — novas eleições haviam sido marcadas para 29 de março — não passou de um desfile triunfal para Hitler. Multidões em êxtase saudaram-no em sua passagem por toda a Alemanha. Goebbels se superou na cobertura propagandística massiva, levada às mais distantes aldeias por exércitos de militantes que alardeavam as grandes façanhas do Führer. O resultado da "eleição" — 98,8% "para a Lista e, portanto, para o Führer" — deu a Hitler o que ele queria: a maioria esmagadora do povo alemão unida atrás dele, apoio popular maciço para sua posição dentro e fora do país. Embora os números oficiais devessem um pouco a "irregularidades" eleitorais e bem mais ao medo e à intimidação, a aprovação avassaladora a Hitler, com sua enorme popularidade reforçada pelo golpe da Renânia, era incontestável.

O triunfo na Renânia deixou uma marca significativa em Hitler. A mudança que Dietrich, Wiedemann e outros viram nele datava dessa época. A partir de então, ele acreditou mais do que nunca em sua infalibilidade. Um sentimento de sua grandeza lhe fora instilado por seus admiradores desde o início dos anos 1920. Ele adotara prontamente a aura que lhe atribuíam. Ela havia oferecido sustento insaciável para sua já incipiente egomania. Desde então, os sucessos internos e, sobretudo, os da política externa a partir de 1933, atribuídos por milhões de pessoas ao gênio do Führer, intensificaram imensamente essa tendência. Hitler engolia a adulação sem limites. Tornou-se o principal crente de seu próprio culto do Führer. A desmedida — aquele excesso de arrogância que corteja o desastre — era inevitável. O ponto em que ela assume o comando foi atingido já em 1936.

A Alemanha fora conquistada. Não era suficiente. A expansão fazia acenos. A paz

mundial seria em breve ameaçada. Tudo estava acontecendo como apenas ele havia previsto, pensava Hitler. Passara a se considerar predestinado pela Providência. "Eu sigo com a certeza de um sonâmbulo ao longo do caminho traçado para mim pela Providência", disse numa grande concentração em Munique, no dia 14 de março. Seu domínio sobre todos os outros grupos de poder dentro do regime era agora quase completo, sua posição, inexpugnável, sua popularidade, imensa. Naquele momento, poucos tinham a presciência de perceber que o caminho traçado pela Providência levaria ao abismo.

13. Radicalização incessante

I

Para os observadores perspicazes, o golpe de Hitler na Renânia foi o catalisador de uma importante mudança de poder na Europa. A ascensão da Alemanha era um elemento imprevisível e bastante desestabilizador da ordem internacional; as probabilidades de uma nova guerra europeia no futuro previsível aumentaram consideravelmente.

Para o público alemão, Hitler declarou-se mais uma vez um homem da paz, insinuando a quem se deveria atribuir a culpa pelo acúmulo das nuvens tempestuosas da guerra. Falando para uma imensa plateia no Lustgarten de Berlim (uma enorme praça no centro da cidade) em 1o de maio — outrora um dia internacional de celebração dos trabalhadores, agora batizado de Dia Nacional de Celebração do Povo Alemão —, ele fez uma pergunta retórica: "Pergunto-me quem são esses elementos que não desejam ter descanso, não querem a paz e nenhum entendimento, que precisam continuamente agitar e semear a desconfiança? Quem são eles realmente?". Captando a implicação de imediato, a multidão ululou: "Os judeus!". Hitler reiniciou: "Eu sei...", mas foi interrompido por aclamações que duraram vários minutos. Quando por fim pôde continuar, retomou a frase, mas — com o efeito desejado alcançado — num tom bem diferente: "Eu sei quem são os milhões que teriam de pegar em armas se as intenções desses agitadores tiverem êxito. Não são eles...".

O verão de 1936 não era, no entanto — como Hitler sabia muito bem —, o

momento para promover uma nova campanha antissemita. Em agosto, Berlim receberia os Jogos Olímpicos. O esporte se transformaria num veículo para a política e a propaganda como jamais fora. A estética do poder nazista nunca teria uma plateia tão ampla. Com os olhos do mundo em Berlim, era uma oportunidade sem par para apresentar o melhor rosto da nova Alemanha a centenas de milhares de visitantes de todo o mundo. Nenhum gasto ou esforço foi poupado nesse sentido. A imagem positiva não podia ser posta em perigo com a exposição da face "negra" do regime. A violência aberta contra os judeus, que havia pontuado o verão anterior, não poderia ser permitida. Com alguma dificuldade, o antissemitismo foi ocultado. Foi preciso manter os antissemitas fanáticos do partido sob rédea curta. Havia outros objetivos mais importantes no momento. Hitler podia se dar ao luxo de esperar o momento propício para tratar dos judeus.

As Olimpíadas foram um enorme sucesso de propaganda para o regime nazista. A Alemanha de Hitler estava aberta aos olhos dos visitantes de todo o mundo. A maioria deles foi embora muito bem impressionada. Longe do glamour dos Jogos Olímpicos e dos olhos do público, o contraste com a imagem externa de boa vontade pacífica era agudo. Àquela altura, a crise autoinduzida da economia alemã, resultado da incapacidade de prover tanto armas quanto manteiga — sustentar a oferta de matérias-primas para armamentos e para o consumo —, estava chegando a um divisor de águas. A decisão sobre a direção econômica que o país tomaria não podia ser adiada por muito mais tempo.

II

Na primavera de 1936, já estava claro que não era mais possível conciliar as demandas do rearmamento rápido e do consumo interno crescente. Os suprimentos de matérias-primas para a indústria bélica só eram suficientes para dois meses. O fornecimento de combustível para as Forças Armadas estava num estado particularmente crítico. O ministro da Economia, Hjalmar Schacht, estava alarmado com o ritmo acelerado do rearmamento e suas consequências danosas para a economia. Somente uma redução drástica dos padrões de vida (impossível sem pôr em risco a estabilidade do regime) ou um grande aumento das exportações (igualmente impossível, tendo em vista as prioridades do regime, as dificuldades do câmbio e a situação dos mercados externos) poderiam, em sua opinião, garantir a expansão da indústria bélica. Desse modo, ele defendia firmemente uma brecada no rearmamento.

Os militares tinham outras ideias. Os líderes das Forças Armadas, desinteressados das sutilezas da economia, mas fascinados pelo potencial das armas modernas, pressionavam sem cessar pela aceleração rápida e maciça do programa de rearmamento. Não agiam em resposta a pressões de Hitler. Tinham sua agenda própria. Mas estavam ao mesmo tempo "trabalhando para o Führer", agindo consciente ou inconscientemente "conforme suas diretrizes e voltados para seus objetivos", com pleno conhecimento de que suas ambições rearmamentistas coincidiam com os objetivos políticos dele e que podiam contar com seu apoio contra as tentativas de diminuir os gastos com armamentos. O Ministro da Guerra, Werner von Blomberg, o comandante em chefe do Exército, general barão Werner von Fritsch, e o chefe do Estado-Maior do Exército, general Ludwig Beck, ao proporcionar o poderio armado necessário, abriam o caminho para o expansionismo que faria com que se arrastassem na esteira de Hitler.

Mesmo assim, o impasse econômico parecia total. Grandes aumentos na alocação da escassa moeda estrangeira eram exigidos tanto pelo Ministério da Alimentação quanto pelo de Armamentos. Não havia como manter a situação. Era preciso estabelecer com urgência prioridades econômicas fundamentais. Era impossível satisfazer a autarquia e os lobbies da exportação ao mesmo tempo. Hitler permaneceu inativo durante meses. Não tinha uma solução óbvia para o

problema. A figura-chave naquele momento foi Göring.

Na esperança de afastar a pressão do partido sobre suas costas, Schacht ajudou a persuadir Hitler a nomear Göring, no começo de abril, como Plenipotenciário para a Obtenção de Matérias-Primas e Exigências de Moeda Estrangeira do Reich. Sua missão era superar a crise, fazer o rearmamento avançar de novo e impor uma política de autossuficiência na produção de combustíveis. Isso significou pôr Göring no comando e deixar Schacht para trás. Em maio, chocado com a nova base de poder que sua manobra maquiavélica havia ajudado inadvertidamente a criar para Göring, o ministro da Economia protestou junto a Hitler, que não lhe deu atenção. Consta que disse a Schacht que não queria ter mais nada a ver com a questão e que ele tratasse do assunto diretamente com Göring. "A coisa não vai funcionar com Schacht por muito mais tempo", comentou Goebbels. "Seu coração não está conosco." Mas achava que Göring também teria dificuldades com a questão da moeda estrangeira e das matérias-primas: "Ele não entende muito disso".

Não era necessário que entendesse. Seu papel era jogar seu considerável peso, forçar o ritmo, trazer um senso de urgência para a questão, fazer as coisas acontecerem. "Ele traz a energia. Se tem know-how e experiência em economia? Quem sabe? De qualquer modo, ele vai fazer muita fanfarronice", foi a avaliação de Goebbels.

Em breve, Göring reuniu uma equipe de especialistas técnicos sob o comando de Fritz Löb, tenente-coronel da Luftwaffe. O departamento de pesquisa da equipe de planejamento de Löb, dirigido por Karl Krauch, diretor da empresa química IG-Farben, apresentou rapidamente soluções para maximizar a produção de combustíveis sintéticos e alcançar com rapidez a autossuficiência em extração de óleo mineral. Na metade do verão, os planejadores de Löb já tinham um programa detalhado para superar a crise incessante. Ele previa uma forte inclinação para uma economia mais dirigida, com prioridades claras baseadas num esforço total para assegurar o programa de armamentos e melhorar o abastecimento de alimentos por meio da máxima autarquia possível em campos específicos da produção de matérias-primas substitutas, tais como combustíveis sintéticos, borracha e gorduras industriais. Não era uma economia de guerra, mas era a coisa mais próxima disso em tempos de paz.

No fim de julho, enquanto Hitler estava em Bayreuth e Berchtesgaden, Göring

teve várias oportunidades para discutir com ele seus planos para a economia. Em 30 de julho, obteve a concordância do Führer para apresentá-los com grande estardalhaço no próximo Congresso Nacional do Partido, em setembro.

Enquanto isso, Hitler estava cada vez mais preocupado com a ameaça iminente, na sua visão, do bolchevismo e com a perspectiva de que o tumulto internacional crescente pudesse levar a uma guerra em um futuro mais próximo do que distante. Qualquer que fosse seu oportunismo tático e por mais que usasse o tema por motivos propagandísticos, não há dúvida de que o confronto próximo com o bolchevismo continuava a ser — como era desde meados da década de 1920 pelo menos — a estrela-guia de seu pensamento sobre política externa. Em 1936, essa luta titânica futura começava a entrar em um foco mais definido.

Após encontrar-se com o embaixador japonês em Berlim no começo de junho, Hitler repetiu sua ideia de que estava em andamento um aprofundamento do conflito no Extremo Oriente, embora ele achasse agora que o Japão fosse "esmagar" a Rússia. Naquele ponto, "esse colosso começará a cambalear. E então nossa grande hora terá chegado. Então precisaremos nos abastecer de terras por cem anos", disse a Goebbels. "Espero que estejamos preparados então", acrescentou o ministro da Propaganda em seu diário, "e que o Führer ainda esteja vivo. Para que entremos em ação."

Naquele momento, os eventos na Espanha também chamavam a atenção de Hitler para a ameaça do bolchevismo. Até então, mal havia pensado na Espanha. Mas, na noite de 25 de julho, sua decisão — contra os conselhos do Ministério do Exterior — de enviar ajuda ao general Franco fez com que a Alemanha se envolvesse naquilo que logo se transformaria na Guerra Civil Espanhola.

Em 17 de julho, guarnições do Exército no Marrocos espanhol rebelaram-se contra o governo eleito. O comandante em chefe do Exército no norte da África, general Francisco Franco, colocou-se na manhã seguinte à frente da rebelião. Mas um motim de marinheiros fiéis à República negou-lhe o transporte de que ele precisava para levar suas forças à Espanha, que, em sua maioria, permanecia em mãos republicanas. Os poucos aviões que estavam a seu alcance não eram suficientes para transportar suas tropas. Nessas circunstâncias pouco propícias, Franco apelou para Mussolini e Hitler. Demorou uma semana para superar a recusa inicial de Mussolini de ajudar os rebeldes espanhóis. Hitler foi persuadido em

questão de horas. As considerações ideológicas e estratégicas — a probabilidade de um triunfo do bolchevismo na península Ibérica — dominavam seu pensamento. Mas parece que a possibilidade de ganhar acesso a matérias-primas urgentemente necessárias para o programa de rearmamento — aspecto enfatizado por Göring — também desempenhou um papel na decisão.

Em contraste com a posição do Ministério do Exterior, Hitler se convencera de que o perigo de ficar cercado entre dois blocos bolcheviques era maior do que o risco de um envolvimento alemão na crise espanhola, ainda que ela se transformasse, como parecia provável, numa guerra civil total e prolongada. A guerra contra a União Soviética — a luta pelo "espaço vital" da Alemanha — seria, na sua visão, inevitável em algum momento. A perspectiva de uma Espanha bolchevique era uma complicação perigosa. Ele decidiu fornecer a Franco a ajuda solicitada. O fato de ter tomado essa decisão sozinho é uma indicação do grande aumento de sua confiança em si mesmo, e também do enfraquecimento da posição daqueles que o aconselhavam em assuntos internacionais. É possível que, sabendo da relutância do Ministério do Exterior em se envolver e consciente de que Göring, apesar de todo o seu interesse nos possíveis ganhos econômicos, compartilhava em parte dessas reservas, Hitler tenha decidido apresentar um fato consumado a eles.

Somente depois de ter tomado a decisão é que Göring e Blomberg foram chamados. Göring ficou inicialmente "horrorizado" com o risco das complicações internacionais do gesto. Mas, diante da costumeira intransigência de Hitler depois que chegava a uma decisão, logo cedeu. Blomberg, cuja influência estava em queda, em comparação com a posição poderosa que outrora ocupava, concordou sem fazer objeções. Ribbentrop, quando soube ao chegar a Bayreuth da intenção de Hitler de apoiar Franco, também o advertiu contra o envolvimento na Espanha. Mas Hitler foi inflexível. Já ordenara que pusessem aeronaves à disposição do general espanhol. A consideração crucial era ideológica:

> Se a Espanha realmente se tornar comunista, a França, em sua situação atual, também será bolchevizada no devido tempo, e então a Alemanha está acabada. Cercados entre o poderoso bloco soviético no leste e um forte bloco comunista franco-espanhol no oeste, dificilmente poderemos fazer algo se Moscou resolver nos atacar.

Hitler desconsiderou as fracas objeções de Ribbentrop — novas complicações

com a Grã-Bretanha e a força da burguesia francesa para deter o bolchevismo — e simplesmente terminou a conversa declarando que já tomara a decisão.

Apesar das advertências de que a Alemanha poderia ser sorvida por um atoleiro militar, e por mais que as considerações ideológicas pesassem para ele, Hitler provavelmente interveio apenas porque supunha que a ajuda alemã faria com que a balança pendesse rápida e decisivamente a favor de Franco. Ganhos de curto prazo e não um envolvimento de longo prazo foram a premissa de sua decisão impulsiva. O envolvimento militar e econômico significativo na Espanha só começou em outubro.

O ímpeto ideológico por trás da disposição de Hitler de envolver a Alemanha no turbilhão espanhol — sua preocupação com a ameaça do bolchevismo — não era um disfarce para as considerações econômicas que pesavam tanto para Göring. Isso é confirmado por suas manifestações tanto públicas quanto privadas. Publicamente, como havia antecipado a Goebbels no dia anterior, em sua proclamação de abertura do Congresso Nacional do Partido em Nuremberg, em 9 de setembro, ele anunciou que "o maior perigo mundial", sobre o qual havia advertido havia tanto tempo — a "revolucionarização do continente" por meio do trabalho de "manipuladores bolcheviques" comandados por "um quartel-general revolucionário judeu internacional em Moscou" —, estava se tornando realidade. A reconstrução militar fora empreendida justamente para evitar que aquilo que estava transformando a Espanha em ruínas acontecesse na Alemanha. Longe do olhar público, seus sentimentos não foram diferentes quando falou ao gabinete por três horas sobre a situação da política externa, no início de dezembro. Concentrou-se no perigo do bolchevismo. A Europa estava dividida em dois campos. Não havia mais como voltar atrás. Descreveu a tática dos "vermelhos". A Espanha se tornara a questão decisiva. A França, governada pelo primeiro-ministro Léon Blum — considerado um "agente dos soviéticos", um "sionista e destruidor do mundo" —, seria a próxima vítima. O vitorioso na Espanha ganharia muito prestígio. As consequências para o resto da Europa e, em particular, para a Alemanha e os remanescentes do comunismo no país eram de grande importância. Esse era o motivo para a ajuda alemã em armamentos para a Espanha. "A Alemanha só pode desejar que a crise seja adiada até estarmos preparados", declarou. "Quando ela chegar, aproveitar a oportunidade. Entrar no elevador no momento certo. Mas

também sair no momento certo. Rearmar. O dinheiro não pode desempenhar nenhum papel." Duas semanas antes, Goebbels havia anotado em seu diário:

> Depois do jantar, conversei bastante com o Führer sozinho. Ele está muito contente com a situação. O rearmamento está avançando. Estamos investindo nele quantias fabulosas. Em 1938, estaremos completamente prontos. O confronto final com o bolchevismo se aproxima. Então queremos estar preparados. O Exército está agora completamente conquistado por nós. O Führer é intocável. [...] O nosso domínio na Europa é tão bom quanto certo. É só não deixar a chance passar. Portanto, rearmar.

III

Em setembro, o anúncio do Plano Quadrienal no Congresso do Partido em Nuremberg colocou a política do rearmamento em um novo plano. As prioridades estavam estabelecidas. Na prática, isso significava que o equilíbrio entre gastos com consumo e rearmamento só poderia ser sustentado por um período limitado de tempo, graças a um programa de emergência com potencial autárquico maximizado a fim de preparar a Alemanha o mais rápido possível para o confronto que Hitler considerava inevitável, e outras figuras importantes do regime julgavam plausível, senão altamente provável, nos próximos dez anos. Com a introdução do Plano Quadrienal, a Alemanha foi economicamente empurrada na direção da expansão e da guerra. Economia e ideologia estavam agora entrelaçadas por inteiro. Mesmo assim, a decisão de levar adiante o Plano foi, em última análise, ideológica. As opções econômicas ainda estavam abertas — mesmo que as políticas dos três anos anteriores tivessem significado um forte estreitamento delas. Schacht, Goerdeler e outros, apoiados por importantes setores da indústria, eram a favor de uma economia majoritariamente de exportação, e não de rearmamento. Contra essa posição, o poderoso lobby da IG-Farben, ligado à Luftwaffe, pressionava a favor da maximização da produção de combustíveis sintéticos. O impasse persistiu durante todo o verão. A crise econômica que havia assolado o país no inverno e na primavera anteriores não estava resolvida. Sem um final da disputa no horizonte, Hitler foi pressionado no fim de agosto a tomar partido. A preocupação com o bolchevismo, que havia pesado muito durante todo o verão, foi decisiva em sua abordagem inimitável dos problemas econômicos da Alemanha.

A força propulsora por trás da criação do que veio a ficar conhecido como Plano Quadrienal não era, no entanto, Hitler, mas Göring. Após suas discussões em Bayreuth e Berchtesgaden em julho, Hitler solicitara relatórios a Göring sobre a situação econômica e como os problemas poderiam ser superados. No início de agosto, Göring, por sua vez, pediu que lhe mandassem o mais rápido possível memorandos de diversos ramos da economia. O prazo não era determinado por critérios econômicos, mas por considerações de propaganda: o que contava era a proximidade do Congresso Nacional no início de setembro. Os complexos relatórios não puderam ser finalizados com a rapidez que Göring desejava. Quando

foi a Berchtesgaden, no começo da última semana de agosto, tinha apenas uma pesquisa realizada por sua equipe sobre as possibilidades da produção de matérias-primas sintéticas no país. Nessa mesma ocasião, ele havia encontrado forte oposição aos seus planos econômicos por parte de Schacht, que manifestava os sentimentos de alguns setores importantes dos negócios e da indústria. Carl Goerdeler, o prefeito de Leipzig que fora comissário de Preços do Reich e viria a ser um importante oponente do regime, também aderiu às críticas por volta do fim do mês. Nessas circunstâncias, Hitler foi persuadido, na última semana de agosto, a ditar um longo memorando sobre a direção futura da economia — uma das raríssimas ocasiões, com exceção de leis, decretos e diretrizes, em que ele pôs no papel suas ideias enquanto esteve à frente do Terceiro Reich.

O memorando tinha duas partes. A primeira, sobre "a situação política", era Hitler puro. Estava formulada exclusivamente em termos ideológicos. O "raciocínio", tal como em *Mein Kampf* e no *Segundo livro*, era social-darwinista e racialmente determinista. "A política é o conduto e o curso da luta histórica pela vida dos povos", começava. "O objetivo dessas lutas é a afirmação da existência." O mundo avançava na direção de um novo conflito, centrado no bolchevismo, cuja essência era unicamente "a eliminação daqueles estratos da humanidade que até agora forneceram a liderança e sua substituição pela judiaria mundial". A Alemanha seria o foco do confronto final inevitável com o bolchevismo. "Não é o objetivo desse memorando profetizar sobre o momento em que essa situação insustentável na Europa se transformará numa crise aberta. Nestas linhas, quero apenas deixar clara minha convicção de que essa crise não pode deixar e não deixará de chegar", asseverava. "Uma vitória do bolchevismo sobre a Alemanha não levaria a um Tratado de Versalhes, mas à destruição final, à aniquilação do povo alemão. [...] Diante da necessidade de defesa contra esse perigo, todas as outras considerações devem ser deixadas de lado por serem completamente irrelevantes."

A segunda parte do memorando, que tratava da "situação econômica da Alemanha" e apresentava um "programa para uma solução final de nossa necessidade vital", trazia sinais inconfundíveis da influência de Göring, baseada, por sua vez, nos programas de matérias-primas traçados por sua equipe de planejamento, com participação significativa da IG-Farben. A semelhança com as declarações feitas por Göring no começo do verão sugere que Hitler as tinha diante

de si quando redigiu seu memorando, ou que o comissário para Matérias-Primas trabalhou ao seu lado na redação do documento. Não obstante, o tom era hitlerista clássico, até na ameaça de uma lei "tornando toda a judiaria responsável por todos os danos causados por espécimes individuais dessa comunidade de criminosos à economia alemã", ameaça posta em prática cerca de dois anos depois.

Uma solução temporária para os problemas econômicos seria encontrada na autarquia parcial. A maximização da produção interna, sempre que possível, permitiria a importação necessária de alimentos, que não poderia ocorrer ao custo do rearmamento. A produção de combustíveis, ferro e borracha sintética tinha de aumentar. O custo era irrelevante. As objeções — e a oposição se manifestou nas semanas precedentes — foram levadas em conta e postas de lado. A nação não vivia para a economia; ao contrário, "as finanças e a economia, os líderes e as teorias econômicas, devem todos servir exclusivamente a essa luta de autoafirmação em que nosso povo está engajado". O Ministério da Economia tinha simplesmente de estabelecer as missões econômicas nacionais; a indústria privada tinha de cumpri-las. Se não o fizesse, o Estado nacional-socialista, ameaçou Hitler, "conseguiria realizar essa tarefa sozinho". Embora os problemas econômicos do país, segundo o memorando, pudessem ser temporariamente aliviados pelas medidas propostas, só seriam resolvidos por completo com a ampliação do "espaço vital". Era "tarefa da liderança política resolver esse problema um dia". O memorando encerrava defendendo um "Plano de Vários Anos" — o termo "quadrienal" não era mencionado nesse documento — para maximizar a autossuficiência nas condições existentes e tornar possível exigir sacrifícios econômicos ao povo alemão. Nos quatro anos seguintes, seria preciso tornar o Exército alemão operacional e a economia, pronta para a guerra.

O modo de argumentar de Hitler era característico. A inflexibilidade de suas premissas ideológicas, associada à própria amplitude de suas generalidades dogmáticas, tornava impossível aos críticos contestá-lo sem que rejeitassem o próprio Hitler e sua "visão de mundo". Essa "cosmovisão", independente dos ajustes táticos necessários, mostrava de novo sua consistência interna no lugar central designado para o confronto final com o bolchevismo — uma questão que, como vimos, preocupou Hitler durante todo o ano de 1936.

Göring obteve o que queria com o memorando de Hitler. Armado com o apoio

do Führer, conseguiu determinar sua supremacia na arena central da economia dos armamentos. Schacht reconheceu a dimensão da derrota que sofrera. Hitler relutava em demiti-lo graças ao prestígio que gozava no exterior. Mas sua estrela estava em queda rápida. Políticas alternativas àquelas apresentadas no memorando podiam agora ser condenadas de antemão.

Parece que Hitler havia imaginado — na medida em que não fizera nenhuma consideração acerca de questões organizacionais — que Göring trabalharia apenas com uma pequena burocracia e funcionaria como um supervisor na coordenação da política econômica, enquanto os ministérios pertinentes conservariam suas responsabilidades específicas. Em vez disso, Göring improvisou uma panóplia de "comissários especiais", apoiados por aparatos burocráticos próprios, para as diferentes facetas do Plano Quadrienal, muitas vezes sem linhas claras de controle, que com frequência se sobrepunham ou interferiam nos assuntos do Ministério da Economia, e todos, evidentemente, respondiam ao próprio Göring. Era uma receita para a anarquia administrativa e econômica.

Mas o ímpeto criado pelo Plano Quadrienal foi imenso. Todas as áreas da economia foram afetadas nos anos seguintes de paz. As pressões resultantes sobre a economia como um todo não eram sustentáveis indefinidamente. O impulso econômico criou dinâmica própria, que se alimentava do imperativo ideológico de Hitler. Os tecnocratas ambiciosos dos escritórios e suborganizações do Plano Quadrienal, para não falar dos líderes do gigante dos produtos químicos em expansão rápida IG-Farben, também estavam, a sua maneira, "trabalhando para o Führer", qualquer que fosse sua motivação direta. A expansão territorial tornou-se necessária por motivos econômicos, além de ideológicos. E a política racial também foi empurrada para um novo plano, à medida que os despojos a serem ganhos com um programa de "arianização" eram avidamente tomados como restos fáceis numa economia que começava a se sobreaquecer graças às pressões fabricadas por ela mesma.

Em agosto de 1936, quando Hitler redigiu seu memorando, tudo isso estava no futuro. Ele não tinha noção clara de como as coisas se desenrolariam. Tampouco estava especialmente interessado nessas questões. Ao escrevê-lo, a propaganda o preocupava mais de imediato do que a economia. Ele precisava de um programa econômico novo para ser a pedra de toque do Congresso. O grande discurso que

fez na ocasião sobre economia estava baseado — e o repetiu às vezes *ipsis litteris* — no memorando de agosto. Falou publicamente pela primeira vez de um “novo Plano Quadrienal” (relembrando seu “plano quadrienal” inicial, apresentado logo depois de sua nomeação para chanceler, em 1933). O nome do plano logo pegou na imprensa alemã. Tornou-se oficial algumas semanas depois, em 18 de outubro, quando Hitler baixou o Decreto para a Implementação do Plano Quadrienal.

IV

No campo da política externa, as mudanças que haviam começado durante a crise da Abissínia se cristalizaram durante o verão e o outono de 1936. Contornos claros começavam a surgir. Considerações diplomáticas, estratégicas, econômicas e ideológicas — separáveis, mas com frequência entrelaçadas — começavam a levar a Alemanha para águas mais perigosas e desconhecidas. A possibilidade de uma nova conflagração europeia — por mais inimaginável e horripilante que essa perspectiva soasse para a maior parte da geração que havia sobrevivido à guerra anterior — parecia cada vez mais real.

A desejada aliança com a Grã-Bretanha, que parecera uma possibilidade concreta em junho de 1935, na assinatura do Pacto Naval, continuava esquiva. Ainda era um sonho distante. A crise da Abissínia, a reocupação da Renânia e, agora, a Guerra Civil Espanhola foram obstáculos para uma relação mais estreita, apesar dos esforços alemães em cortejar aqueles que imaginavam que tinham poder e influência na Inglaterra e alguns simpatizantes britânicos em altos cargos. Ribbentrop, designado para embaixador em Londres no verão, com mandato de Hitler para trazer a Grã-Bretanha para um pacto anti-Comintern, ficara, desde seu triunfo com o acordo naval, cada vez mais desiludido com a perspectiva de uma aliança com os ingleses. Hitler viu na abdicação do rei Eduardo VIII, em 11 de dezembro de 1936 — diante da oposição dos britânicos à sua proposta de casamento com Wallis Simpson, uma americana divorciada duas vezes —, uma vitória das forças hostis à Alemanha. Ribbentrop o estimulara a pensar que o rei era pró-alemão e antissemita e que fora deposto por uma conspiração antigermânica ligada aos judeus, maçons e poderosos lobbies políticos. No fim do ano, Hitler estava mais desinteressado numa aliança com os britânicos. Havia concluído que laços mais estreitos com a Itália serviam melhor aos interesses da Alemanha.

A aproximação com a Itália — lenta e tênue na primeira metade de 1936 — já se consolidara numa nova aliança das duas ditaduras militaristas de estilo fascista que dominavam o centro e o sul da Europa. A crise abissínia, como observamos, fizera a Itália voltar-se para a Alemanha. As repercussões na Áustria não demoraram a ser sentidas. Privado *de facto* de seu protetor italiano, o país foi arrastado inevitavelmente pelo turbilhão alemão. Estimulada pelos italianos, bem como

pressionada pelos alemães, a Áustria assinou, em 11 de julho de 1936, um acordo de amplo alcance com a Alemanha que melhorava as relações, acabava com as restrições à imprensa e às atividades econômicas e culturais alemãs no país. Embora reconhecesse a independência austríaca, o acordo levava o país vizinho a uma dependência econômica e de política externa. Era um desdobramento que, àquela altura, servia tanto à Alemanha quanto à Itália. E, em poucas semanas, a ajuda fornecida pelas duas ditaduras aos rebeldes nacionalistas da Espanha e o aprofundamento do envolvimento na Guerra Civil Espanhola aproximariam ainda mais Alemanha e Itália.

Os benefícios diplomáticos desses laços mais estreitos foram reforçados, aos olhos de Hitler, pelas credenciais antibolcheviques do regime de Mussolini. Em setembro, por intermédio de seu enviado Hans Frank, convidou o Duce a visitar Berlim no ano seguinte — convite prontamente aceito. Estavam de acordo sobre a luta comum contra o comunismo, o reconhecimento rápido de um governo de Franco na Espanha, o reconhecimento alemão da anexação da Abissínia e a "satisfação" italiana com o acordo austro-germânico.

Hitler estava muito bem-humorado quando recebeu o conde Ciano, o vaidoso cunhado de Mussolini, em Berchtesgaden, em 24 de outubro. Chamou Mussolini de "o maior estadista do mundo, com quem ninguém podia nem remotamente se comparar". Não havia choque de interesses entre Itália e Alemanha, declarou. O Mediterrâneo era "um mar italiano". A Alemanha tinha de ter liberdade de ação em relação ao leste e ao Báltico. Estava convencido de que a Inglaterra atacaria a Itália, a Alemanha ou ambas, se tivesse a oportunidade e chances prováveis de sucesso. Uma frente comum antibolchevique que incluísse as potências do leste, do Extremo Oriente e da América do Sul funcionaria, no entanto, como um dissuasivo e, provavelmente, até levaria a Grã-Bretanha a buscar um acordo. Se os britânicos continuassem com sua política ofensiva, buscando tempo para se rearmar, a Alemanha e a Itália tinham vantagem tanto no rearmamento material como no psicológico, entusiasmou-se. Em três anos, a Alemanha estaria pronta, em quatro anos, mais do que preparada; em cinco anos, seria ainda melhor.

Em discurso feito na praça da catedral de Milão uma semana depois, Mussolini falou da linha entre Berlim e Roma como um "eixo em torno do qual aqueles Estados europeus que estão envolvidos por um desejo de colaboração e paz podem

girar". Um novo termo estava cunhado: "Eixo" — que, num sentido positivo ou negativo, capturou a imaginação. Na propaganda italiana e alemã, evocava o poderio e a força dos dois países com filosofias similares que uniam suas forças contra inimigos comuns. Para as democracias ocidentais, erguia o espectro da ameaça combinada à paz europeia por duas potências expansionistas sob a liderança de ditadores perigosos.

A imagem ameaçadora tornou-se mundial quando, algumas semanas depois da formação do Eixo, Hitler fez outro pacto com a potência que, além da Itália, ele apontara no memorando de agosto como inimiga firme do bolchevismo: o Japão. A força propulsora por trás desse pacto, do lado alemão, havia sido desde o início Ribbentrop, agindo sob o estímulo de Hitler. Os profissionais do Ministério das Relações Exteriores, muito mais interessados nas relações com a China, viram-se em larga medida excluídos, enquanto os "amadores" da Dienststelle Ribbentrop (Escritório Ribbentrop) — a agência para assuntos exteriores fundada em 1934 que contava agora com cerca de 160 pessoas trabalhando para ela, na qual Hitler confiava cada vez mais — tomavam a direção das coisas.

Os líderes militares japoneses viam na aproximação com Berlim a chance de enfraquecer os laços alemães com a China e ganhar um aliado potencial contra a União Soviética. Em 27 de novembro de 1936, Hitler aprovou o que ficou conhecido como Pacto Anti-Comintern (ao qual a Itália aderiu um ano depois), cuja principal cláusula — num protocolo secreto — determinava que nenhuma das partes ajudaria a União Soviética, de forma alguma, caso ela atacasse a Alemanha ou o Japão. O pacto era mais importante por seu simbolismo do que por suas cláusulas escritas: as duas potências mais militaristas e expansionistas do mundo se aproximavam. Embora fosse aparentemente defensivo, o pacto não melhorava as perspectivas para a paz em nenhum dos lados do globo.

No discurso que fez no Reichstag em 30 de janeiro de 1937, para comemorar o quarto aniversário de sua subida ao poder, Hitler anunciou que "a época das assim chamadas surpresas acabou". A Alemanha desejava "a partir de agora, de forma leal", trabalhar como parceira igual com as outras nações para superar os problemas que assediavam a Europa. Esse pronunciamento em breve se revelaria ser mais cínico do que pareceu na ocasião. O fato de que mais "surpresas" eram inevitáveis — e não seriam adiadas por muito tempo — não se devia unicamente ao

temperamento e à psicologia de Hitler. As forças desencadeadas em quatro anos de regime nazista — internas e externas — estavam produzindo sua dinâmica própria. Aqueles que, de tantas maneiras diferentes, estavam "trabalhando para o Führer" garantiam, direta ou indiretamente, que as obsessões ideológicas de Hitler servissem de diretrizes amplas para iniciativas políticas. A inquietação — e a imprudência — entranhada na personalidade de Hitler refletia as pressões em favor da ação que emanavam, de diferentes formas, dos distintos componentes do regime, frouxamente unidos por objetivos de afirmação nacional e pureza racial encarnados na figura do Líder. Internacionalmente, a fragilidade e a instabilidade crônica da ordem do pós-guerra haviam sido expostas de forma brutal. Na Alemanha, a busca quimérica pela pureza racial, apoiada por uma liderança para quem isso era um dogma central, poderia, se as circunstâncias assim o exigissem, ser contida temporariamente, mas logo ressurgiria para apertar ainda mais o parafuso da discriminação. O regime nazista não podia ficar parado. Como o próprio Hitler comentaria antes do fim do ano, a alternativa à expansão — e à energia inquieta que era a alma do regime — era o que ele chamava de "esterilidade", trazendo em sua esteira, depois de um tempo, "tensões de tipo social", enquanto a falha em agir no futuro próximo poderia trazer uma crise interna e um "ponto enfraquecedor do regime". O movimento audacioso para a frente, marca registrada de Hitler, era intrínseco ao próprio nazismo.

V

Para a maioria dos observadores, tanto internos quanto externos, após quatro anos no poder, o regime de Hitler parecia estável, forte e bem-sucedido. A posição do próprio Führer era intocável. A imagem de grande estadista e líder nacional de gênio, fabricada pela propaganda, correspondia aos sentimentos e expectativas de grande parte da população. A reconstrução interna do país e os triunfos nacionais na política externa, tudo atribuído ao seu "gênio", fizeram dele o líder político mais popular da Europa. A maioria dos alemães comuns — como a maioria das pessoas comuns, em qualquer lugar e na maior parte do tempo — queria paz e prosperidade. Hitler parecia ter estabelecido as bases para isso. Restaurara a autoridade do governo. A lei e a ordem voltaram a reinar. Poucos se preocupavam se as liberdades civis haviam sido destruídas no processo. Havia trabalho de novo. A economia florescia. Era um grande contraste com o desemprego em massa e o fracasso econômico da democracia de Weimar. Evidentemente, ainda havia muito por fazer. E muitas queixas perduravam. O conflito com as igrejas era fonte de grande rancor. Mas Hitler era isento, em ampla medida, de culpa. Os aspectos negativos da vida cotidiana, imaginava a maioria, não eram obra do Führer. Eram culpa de seus subordinados, que frequentemente escondiam dele o que estava acontecendo.

Acima de tudo — e isso até os críticos tinham de admitir —, Hitler recuperara o orgulho nacional. Da humilhação do pós-guerra, a Alemanha se erguera para tornar-se mais uma vez uma grande potência. A defesa por meio da força revelara-se uma estratégia de sucesso. Ele assumira riscos. Houvera grande temor de que pudessem levar a uma nova guerra. Mas os fatos sempre mostraram que ele estava certo. E a posição da Alemanha fora desmesuradamente fortalecida em consequência disso. Mesmo assim, houve amplo alívio quando, em seu discurso de 30 de janeiro de 1937, Hitler indicou que o período de "surpresas" acabara. Suas palavras foram entendidas em todo o país como um sinal de que consolidação e estabilidade seriam agora as prioridades. A ilusão não duraria muito. O ano de 1937 seria a calmaria antes da tempestade.

Hitler não conquistava apenas as pessoas comuns. Até mesmo para os críticos internos do regime, ele podia criar uma impressão positiva num encontro face a

face. Era bom em harmonizar-se com as sensibilidades de seu interlocutor, podia ser charmoso e, com frequência, parecia razoável e acomodatício. Como sempre, era um hábil dissimulador. Num encontro *tête-à-tête*, era capaz de enganar até os críticos mais duros. Após uma reunião de três horas com ele no Berghof, no início de novembro de 1936, o influente arcebispo católico de Munique-Freising, cardeal Faulhaber — homem de perspicácia aguda, que muitas vezes criticara corajosamente os ataques nazistas à Igreja católica —, foi embora convencido de que Hitler era profundamente religioso. "O chanceler do Reich vive sem dúvida na crença de Deus", observou num relatório confidencial. "Ele reconhece que o cristianismo é o construtor da cultura ocidental."

Poucos, mesmo aqueles que estavam diariamente em sua companhia — o séquito habitual de ajudantes e secretárias — e aqueles que tinham acesso frequente e privilegiado, podiam afirmar que "conheciam" Hitler, que se aproximavam do ser humano que havia por dentro da figura do Führer. O próprio Hitler preferia manter a distância. "As massas precisam de um ídolo", diria mais tarde. Desempenhava o papel não somente para as massas, mas até para seu círculo mais próximo. Apesar das torrentes de palavras que derramava em público e dos longos monólogos que infligia aos membros de seu círculo, era por temperamento um indivíduo muito reservado. Um sentimento profundamente arraigado de desconfiança e ceticismo fazia com que não estivesse disposto e não fosse capaz de confiar nos outros. Por trás da figura pública conhecida por milhões de pessoas, a personalidade era fechada. As relações pessoais genuínas eram poucas. Mesmo a maioria daqueles que estavam em sua companhia imediata havia anos era mantida a distância. Usava a forma familiar *Du* com apenas um punhado de pessoas. Mesmo quando seu amigo de infância August Kubizek o reencontrou no ano seguinte, após a *Anschluß* [anexação da Áustria], Hitler usou a forma de tratamento formal *Sie* [senhor]. O modo convencional de se dirigir a ele, estabelecido depois de 1933, "Mein Führer", enfatizava a formalidade das relações. A autoridade de sua posição dependia da preservação da aura vinculada a ele, como Hitler bem se dava conta. Isso, por sua vez, exigia a distância do indivíduo, mesmo daqueles pertencentes a sua "família" imediata. O "mistério" da personalidade de Hitler tinha importantes causas funcionais, além de temperamentais. O respeito por sua autoridade era mais relevante para ele do que a simpatia pessoal.

As relações com sua equipe pessoal eram formais, corretas, polidas e corteses. Em geral, dizia uma ou duas palavras agradáveis a suas secretárias quando terminava algum compromisso do final da manhã e com frequência tomava chá com elas à tarde e à noite. Gostava das brincadeiras e canções (acompanhadas ao acordeão) de seu *chef* e *Hausintendant* [mordomo] Arthur Kannenberg. Era capaz de demonstrar simpatia e compreensão, como quando seu novo ajudante para a Luftwaffe, Nicolaus von Below, constrangido, teve de pedir licença para sua lua de mel logo após entrar para o serviço de Hitler. Mandou presentes a Christa Schroeder, uma de suas secretárias, quando ela ficou doente e visitou-a no hospital. Gostava de dar presentes a seus funcionários nos aniversários e no Natal, e dava atenção pessoal à seleção dos mimos.

Mas simpatia e afeição genuínas estavam ausentes. As demonstrações de gentileza e consideração eram superficiais. Tal como a maioria dos outros seres humanos, os membros da equipe pessoal de Hitler lhe interessavam apenas enquanto eram úteis. Por mais longo e leal que fosse o serviço deles, se sua utilidade estava no fim, eram dispensados. Por sua vez, a equipe admirava "o chefe", como o chamavam. Respeitavam-no e, às vezes, temiam-no. Sua autoridade era inquestionável. A fidelidade deles também era absoluta. Mas é duvidoso que gostassem genuinamente dele como pessoa. Havia uma certa rigidez na atmosfera sempre que ele estava presente. Era difícil relaxar em sua companhia. Ele era exigente em relação à equipe, que tinha de trabalhar longas horas e se adaptar aos seus hábitos de trabalho excêntricos. Suas secretárias estavam frequentemente de plantão pela manhã, mas tinham de estar preparadas para anotar longos discursos à noite ou mesmo nas primeiras horas da madrugada. Paternalisticamente elogioso em algumas ocasiões, em outras, mal lhes notava a existência. A seus próprios olhos, mais do que aos olhos dos que estavam a sua volta, ele era a única pessoa que importava. Seus desejos, seus sentimentos, seus interesses, eram os únicos que contavam. Podia ser leniente diante de uma má conduta quando não era afetado. Mas, quando se sentia afrontado ou desapontado, tratava com rispidez quem estava por perto. Foi brusco e insultuoso com a amante que desaprovava de seu ajudante-chefe Wilhelm Brückner, uma figura imensa, veterano da SA nos primeiros dias do partido e participante do putsch da cervejaria em 1923. Alguns anos depois, demitiria peremptoriamente Brückner, apesar de seus longos e fiéis serviços, após

uma altercação sem importância. Em outra ocasião, demitiu seu criado pessoal Karl Krause, que o servira por vários anos, de novo por motivo trivial. Até mesmo seu jovial chefe de cerimonial Arthur Kannenberg, que em geral gozava de uma liberdade parecida com a de um bobo da corte, tinha de ser muito cauteloso. Sempre apreensivo com a possibilidade de que um embaraço pudesse fazê-lo parecer tolo e prejudicasse sua posição, era frequentemente ameaçado com punição se sua equipe cometesse qualquer erro nas recepções.

Ele não gostava de mudanças no pessoal de seu séquito imediato. Gostava de ver os mesmos rostos ao seu redor. Queria que fossem as pessoas com quem estava acostumado e que estavam acostumadas com ele. Para alguém cujo estilo de vida havia sido, sob muitos aspectos, tão "boêmio", era notavelmente metódico em suas rotinas, inflexível em seus hábitos e muito relutante em fazer alterações em sua equipe pessoal.

Em 1937, tinha quatro ajudantes pessoais: *SA-Gruppenführer* Wilhelm Brückner (o ajudante-chefe); Julius Schaub (ex-chefe de sua guarda pessoal, veterano do putsch que estivera na prisão de Landsberg com Hitler e seu auxiliar próximo desde então, que cuidava de seus documentos confidenciais, levava dinheiro para uso do "chefe", funcionava como secretário pessoal, faz-tudo e "caderneta de anotações"); Fritz Wiedemann (que fora superior direto de Hitler durante a guerra); e Albert Bormann (irmão de Martin, com quem, no entanto, não se dava). Três ajudantes militares — o coronel Friedrich Hoßbach para o Exército, o capitão Karl-Jesko Otto von Puttkamer para a Marinha e o capitão Nicolaus von Below para a Luftwaffe — eram os responsáveis pelas conexões de Hitler com as Forças Armadas. Faziam ainda parte da equipe pessoal secretárias, criados (um dos quais tinha de estar de plantão a qualquer momento do dia), seu piloto Hans Baur, seu motorista Erich Kempka, o chefe da SS-Leibstandarte Adolf Hitler e seu velho homem de confiança Sepp Dietrich, os chefes da guarda pessoal e das conexões com a polícia criminal e os médicos que, em diferentes momentos, cuidavam dele.

Em 1937, o dia de Hitler seguia um padrão bastante regular, pelo menos quando estava em Berlim. No fim da manhã, Karl Krause batia em sua porta e deixava os jornais e mensagens importantes do lado de fora do quarto. Enquanto Hitler os lia, Krause aprontava o banho e as roupas que vestiria. Sempre preocupado em não ser visto nu, ele insistia em se vestir sozinho, sem a ajuda do criado. Somente perto do

meio-dia é que saía de sua suíte privada (ou "apartamento do Führer") na renovada Chancelaria do Reich, composta de sala de estar, biblioteca, quarto e banheiro, além de um quarto pequeno reservado para Eva Braun. Dava as instruções necessárias aos seus ajudantes militares, ou recebia informações deles, ouvia de Otto Dietrich um resumo da imprensa, e o chefe da Chancelaria Hans Heinrich Lammers o informava sobre seus vários compromissos. As duas horas seguintes — às vezes mais — eram preenchidas com reuniões e discussões, realizadas geralmente enquanto Hitler andava para lá e para cá com seu parceiro de discussão no jardim de inverno, de tal modo que o almoço era atrasado com frequência.

A espaçosa e iluminada sala de jantar tinha, no centro, uma grande mesa redonda com uma dúzia de cadeiras, e quatro mesas menores, cada uma com seis cadeiras, ao seu redor. Hitler sentava-se à mesa grande com as costas para a janela, tendo à frente um quadro de Kaulbach, *A entrada da deusa do Sol*. Alguns convidados — entre eles, Goebbels, Göring e Speer — eram frequentes. Outros eram novos visitantes ou convidados esporádicos. A conversa costumava ser sobre assuntos mundiais. Mas Hitler ditava a discussão para os presentes. Tomava cuidado com o que dizia. Queria conscientemente incutir sua opinião nos convidados, ou talvez avaliar a reação deles. Às vezes, dominava a "conversa" com um monólogo. Outras vezes, satisfazia-se em ouvir as discussões de Goebbels com outro conviva ou uma discussão mais geral. Às vezes, a conversa à mesa era interessante. Os convidados novos podiam achar a ocasião excitante e os comentários de Hitler, uma "revelação". Frau Below, a esposa do ajudante da Luftwaffe, achou a atmosfera e a companhia de Hitler inicialmente estimulantes e ficou muito impressionada com os conhecimentos dele de arte e história. Mas, para a equipe da casa que ouvia aquilo tantas vezes, o almoço era em geral uma coisa tediosa.

Após o almoço, em geral ocorriam outras reuniões no Salão de Música com embaixadores, generais, ministros, dignitários estrangeiros ou pessoas de seu círculo de relacionamento pessoal, como os Wagner e os Bruckmann. Essas reuniões raramente duravam mais de uma hora e eram marcadas para o horário do chá. Depois disso, Hitler retirava-se aos seus aposentos para descansar, ou dava uma caminhada em torno do parque anexo à Chancelaria. Durante o dia, não ficava junto à sua enorme escrivaninha, exceto para assinar apressadamente leis, cartas de nomeação ou outros documentos formais colocados diante dele. Além de seus

principais discursos, cartas a chefes de Estado estrangeiros e uma nota formal ocasional de agradecimentos ou condolências, ditava pouco ou nada para suas secretárias. Além de sua aversão temperamental à burocracia, procurava não se comprometer por escrito. Em função disso, seus ajudantes e equipe pessoal tinham com frequência a tarefa de pôr em forma escrita diretrizes confusas, mal pensadas ou reações espontâneas. O espaço para confusão, distorção e má compreensão era enorme. O que Hitler pretendera ou declarara originalmente, depois de passar por várias mãos, era impossível de reconstruir com certeza e ficava com frequência aberto a diferentes interpretações.

A refeição da noite, por volta das oito horas, seguia o mesmo padrão do almoço, mas em geral havia menos pessoas presentes e a conversa se concentrava mais nos temas preferidos de Hitler, como arte e história. Durante a refeição, um dos serviçais (a maioria vinha de sua guarda pessoal, a Leibstandarte) apresentava-lhe uma lista de filmes fornecida por Goebbels, que incluía obras estrangeiras e películas alemãs ainda não lançadas. (Ele ficou encantado com o presente que Goebbels lhe deu no Natal de 1937: trinta longas-metragens dos quatro anos anteriores e dezoito desenhos do Mickey Mouse.) Após o jantar, o filme escolhido para a noite seria projetado no Salão de Música. A criadagem e os motoristas dos convidados presentes podiam assistir. As secretárias de Hitler, no entanto, nunca estavam presentes nas refeições da Chancelaria, embora fossem incluídas na atmosfera mais descontraída do Berghof. A noite acabava com a conversa se prolongando habitualmente até duas horas da madrugada, quando Hitler se retirava.

No mundo interno da Chancelaria do Reich, com suas rotinas fixas e formalidades, onde ele estava cercado por sua equipe e se encontrava com visitantes oficiais ou convidados que lhe tinham uma admiração reverente, Hitler estava encasulado no papel e na imagem do Führer que o elevara ao status de semideus. Poucos podiam se comportar naturalmente em sua presença. Os "velhos combatentes", rudes dos primeiros dias do partido, vinham agora com menos frequência. Em sua maioria, aqueles que compareciam às refeições na Chancelaria do Reich só o conheciam desde que a aura de "grande líder" lhe fora atribuída. O resultado reforçava a crença de Hitler de que era um "homem do destino", trilhando seu caminho "com a certeza de um sonâmbulo". Ao mesmo tempo,

estava cada vez mais isolado do contato humano real, em seu reino de megalomania crescente. Sempre contente por sair de Berlim, era somente quando ficava com os Wagner, durante o festival anual de Bayreuth, e em seu refúgio "na montanha" acima de Berchtesgaden que Hitler relaxava um pouco. Mas, mesmo no Berghof, os rituais eram preservados. Lá também ele dominava a existência inteira de seus convidados. Uma verdadeira informalidade era impossível em sua presença. E Hitler, apesar do grande número de pessoas que cuidavam dele e lhe faziam a corte, permanecia pobre quando se tratava de contato real, distante de qualquer relacionamento pessoal significativo graças à superficialidade de suas emoções e sua atitude profundamente egocêntrica em relação a todos os outros seres humanos.

É impossível saber com certeza que satisfação emocional — se é que havia alguma — Hitler tinha em sua relação com Eva Braun (que conhecera em 1929 quando, aos dezessete anos, ela trabalhava no escritório de seu fotógrafo Heinrich Hoffmann). Não poderia ser muita. Por motivos de prestígio, ele a mantinha longe dos olhares públicos. Nas raras ocasiões em que estava em Berlim, ficava fechada no pequeno quarto do "apartamento do Führer" enquanto Hitler exercia suas funções oficiais ou tinha outros compromissos. Até mesmo em seu círculo mais próximo, ela não tinha permissão para participar das refeições quando estava presente algum convidado importante. Não acompanhava Hitler em suas numerosas viagens e tinha de ficar, na maior parte do tempo, no apartamento dele em Munique ou no Berghof, único lugar em que podia aparecer como alguém da "família" extensa. Mas, mesmo lá, ficava escondida durante as recepções para convidados importantes. Quando ela estava presente, Hitler com frequência a tratava muito mal e a humilhava na frente dos outros. O contraste com o charme antiquado — beija-mãos, braços dados, mãos no cotovelo — que ele habitualmente exibia em relação a mulheres bonitas apenas piorava a coisa.

É provável que o mais próximo que Hitler chegou da amizade tenha sido em suas relações com Joseph Goebbels e, cada vez mais, com o arquiteto da corte e novo favorito Albert Speer, ao qual, em janeiro de 1937, entregou a responsabilidade de reconstruir Berlim. Ele procurava amiúde a companhia deles, gostava da presença deles, de suas esposas e famílias, e era capaz de se sentir à vontade com eles. A casa de Goebbels era um refúgio frequente em Berlim. As longas conversas com Speer sobre a reconstrução da capital equivaliam ao que

tinha de mais parecido com um hobby, uma trégua bem-vinda em seu envolvimento total com a política. Pelo menos no caso de Goebbels, havia elementos de uma relação pai-filho. Uma rara centelha de preocupação humana pôde ser percebida quando pediu a Goebbels que ficasse por mais um dia em Nuremberg, após o Congresso de setembro de 1937, pois (segundo o ministro da Propaganda) não gostava que ele voasse à noite. Hitler era a figura dominante — a figura paterna. Mas talvez visse um pouco de si mesmo nos dois protegidos: o propagandista brilhante em Goebbels, o arquiteto talentoso em Speer.

No caso deste último, o fascínio pela arquitetura propiciava um laço óbvio. Ambos gostavam de edifícios neoclássicos em escala monumental. Hitler ficou bem impressionado com o gosto arquitetônico de Speer, sua energia e sua capacidade de organização. Não demorou a ver nele o arquiteto que poderia pôr em prática seus projetos de construção grandiosos, imaginados como a representação do poderio e da glória teutônica que duraria séculos. A atração de Hitler por Speer ia além da mania de construir que tanto os aproximava. Não havia nada de homoerótico envolvido — ao menos conscientemente. Mas talvez Hitler visse no belo, ambicioso, talentoso e bem-sucedido arquiteto uma imagem de si mesmo inconscientemente idealizada. O que está claro é que ambos, Goebbels e Speer, o idolatravam. A adoração constante de Goebbels pela figura paterna de Hitler vinha de meados da década de 1920. "Ele é um homem fabuloso" foi apenas uma de suas efusões de sentimento em 1937 em relação à figura que era o ponto central de seu universo. Para Speer, como ele mesmo reconheceu depois, seu amor por Hitler transcendia as ambições de poder que seu protetor e modelo a seguir era capaz de satisfazer — ainda que se originasse delas e não pudesse delas ser separado por completo.

Nos primeiros tempos, Hitler falara sempre de sua "missão" como o começo da passagem da Alemanha ao domínio mundial. O processo inteiro levaria gerações para se completar. Mas, diante dos triunfos dificilmente imagináveis obtidos desde 1933, e se tornando pouco a pouco vítima do mito de sua própria grandeza, ele ficou cada vez mais impaciente para ver sua "missão" cumprida enquanto estava vivo.

Em parte, tratava-se de uma megalomania incipiente. Em 1937, falou várias vezes em planos de construção de monumentalidade assombrosa. No dia de seu

aniversário, à meia-noite, ele, Goebbels e Speer estavam diante dos planos de reconstrução de Berlim, fantasiando sobre um futuro glorioso. "O Führer não falará de dinheiro. Construir, construir! Isso de algum modo se pagará", são as palavras que Goebbels lhe atribui. "Frederico o Grande não perguntou sobre dinheiro quando construiu Sanssouci."

Era também provocado pela crescente preocupação de Hitler com a imortalidade e sua impaciência em realizar o que pudesse enquanto estivesse vivo. Antes da metade da década de 1930, sua saúde em geral havia sido boa, o que é espantoso, tendo em vista sua falta de exercício, dieta ruim (mesmo antes do vegetarianismo radical que adotou após a morte de sua sobrinha Geli Raubal, em 1931) e alto dispêndio de energia nervosa. Porém, já sofria de dores estomacais crônicas que, em tempos de estresse, se tornavam espasmos agudos. Um remédio vendido sem receita que tomava — uma velha fórmula de trincheira baseada em óleo de limpar armas — revelou-se levemente venenoso, causando dores de cabeça, visão dupla, tontura e zumbido nos ouvidos. Em 1935, preocupara-se que um pólipo na garganta (retirado em maio daquele ano) pudesse ser canceroso. Não era. Em 1936, ano de tensão quase contínua, as cólicas estomacais foram frequentemente severas e ele desenvolveu também eczema em ambas as pernas, que tinham de ser cobertas com ataduras. No Natal de 1936, pediu ao dr. Theodor Morell, médico que havia tratado com sucesso seu fotógrafo Heinrich Hoffmann, que tentasse curá-lo. Morell receitou-lhe vitaminas e um novo remédio para problemas intestinais que dispensava receita. Goebbels mencionou em junho e, de novo, em agosto de 1937 que Hitler não estava bem. Mas, em setembro, o tratamento de Morell já havia aparentemente feito diferença. De qualquer maneira, Hitler estava bem impressionado. Sentia-se em forma de novo, seu peso estava de volta ao normal e o eczema desaparecera. Sua fé em Morell duraria até o bunker, em 1945. A partir do fim de 1937, sua crescente hipocondria fez com que dependesse cada vez mais dos comprimidos, remédios e injeções de Morell. E o medo do câncer (que causara a morte de sua mãe) jamais o abandonou. No fim de outubro, disse a um grupo de líderes da propaganda que seus pais haviam morrido jovens e que ele provavelmente não tinha muito tempo de vida. "Era necessário, portanto, resolver os problemas que tinham de ser resolvidos (espaço vital) o mais cedo possível, para que isso acontecesse enquanto ainda estivesse vivo. As gerações

posteriores não seriam mais capazes disso. Somente sua pessoa estava em condições de realizá-lo."

Em 1937, Hitler raramente estava fora da vista do público. Não se perdia nenhuma oportunidade de martelar ao público alemão uma variedade infindável de "realizações" nacionais dificilmente críveis e as glórias de seus grandes "triunfos" na política externa. Exaltado com o sucesso e certo da adulação das massas, ele queria ser visto. Os laços entre o Führer e o povo — o cimento do regime, dependente de sucessos e realizações recorrentes — eram assim reforçados. E, para Hitler, o êxtase de suas plateias de massa proporcionava sempre uma nova injeção da droga que alimentava sua egomania. Como sempre, o efeito de seus discursos dependia fortemente da atmosfera em que eram pronunciados. O conteúdo era repetitivo e monótono. Os temas eram os familiares. Louvava realizações do passado, proclamava grandiosos planos futuros, enfatizava os horrores da ameaça bolchevique. Mas não havia conflito entre propaganda e ideologia. Hitler acreditava no que dizia.

Seu longo discurso de encerramento do Congresso Nacional do Partido em Nuremberg, no início de setembro, foi um ataque violento ao "bolchevismo judeu". Em trechos que às vezes lembravam *Mein Kampf*, e em seu ataque público mais feroz aos judeus em muitos meses, retratou-os como a força por trás do bolchevismo e seu "ataque geral à ordem social dos dias de hoje" e falou da "reivindicação de um guilda internacional judaico-bolchevique de criminosos para governar a Alemanha, uma velha terra cultural da Europa, de Moscou". Era o que os devotos do partido queriam ouvir. Mas era muito mais do que um discurso de fachada. Mesmo em privado, ao ditar os discursos para sua secretária, quando chegava aos trechos sobre o bolchevismo, Hitler, com o rosto vermelho e os olhos fuzilando, ficava frenético e gritava a plenos pulmões suas denúncias bombásticas.

VI

Afora a contínua atividade de propaganda que girava em torno de discursos e aparições públicas, Hitler estava muito preocupado em 1937 em manter um olho vigilante sobre a mudança da situação nos assuntos internacionais e com seus gigantescos planos de construção. O conflito contínuo com as Igrejas católica e protestante, por mais radicais que fossem seus instintos, era antes uma irritação constante, especialmente nos primeiros meses do ano, do que uma preocupação prioritária (como era para Goebbels, Rosenberg e muitos outros membros do partido). Em relação à "questão judaica" — a crer nas muitas discussões privadas com Goebbels que o ministro da Propaganda registrou em seu diário, embora não tivesse mudado de opinião, mostrava pouco interesse ativo e raras vezes falava diretamente sobre o tema. Mas, por menos envolvido que estivesse, a radicalização do regime continuava incessante, forçada de várias maneiras por militantes do partido, pela burocracia ministerial, por oportunistas econômicos e, não menos importante, por uma polícia que agia ideologicamente.

Em fevereiro de 1937, Hitler deixou claro para seu círculo próximo que não queria uma "luta contra a Igreja" naquela conjuntura. O momento não estava maduro para isso. Ele esperava "a grande luta mundial em poucos anos". Se a Alemanha perdesse mais uma guerra, isso significaria o fim. A implicação estava clara: por enquanto, era preciso restaurar a calma nas relações com as igrejas. Em vez disso, o conflito com as instituições cristãs se intensificou. Os sentimentos anticlericais dos militantes da base do partido não podiam simplesmente ser erradicados. Os militantes se encorajavam com a violência verbal dos líderes do partido contra as Igrejas. Os ataques orquestrados de Goebbels ao clero por meio dos "julgamentos de imoralidade" de franciscanos encenados em 1937 — após alegações forjadas ou muito exageradas de impropriedade sexual nas ordens religiosas — forneceram mais munição. E, por sua vez, por mais que alegasse que queria uma trégua no conflito, os comentários incendiários do próprio Hitler davam aos seus subalternos imediatos toda a licença de que precisavam para acender o fogo da "luta contra a Igreja", confiantes de que estavam "trabalhando para o Führer".

Sua impaciência com as igrejas provocava frequentes explosões de hostilidade.

No início de 1937, declarou que "o cristianismo está maduro para a destruição" e que as igrejas deviam ceder diante da "primazia do Estado", vituperando contra qualquer acordo com "a mais horrível instituição que se possa imaginar". Em abril, Goebbels relatou com satisfação que o Führer estava ficando mais radical na "questão da Igreja" e havia aprovado o início dos "julgamentos de imoralidade" contra o clero. Nas semanas seguintes, anotou os ataques verbais de Hitler ao clero e sua satisfação com a campanha de propaganda. Mas Hitler estava contente por deixar que o ministro da Propaganda e outros fizessem o serviço. Se os diários de Goebbels podem servir de guia, o interesse e o envolvimento direto de Hitler na "luta contra a Igreja" declinaram durante a segunda metade do ano. Outros assuntos ocupavam então sua atenção.

A "questão judaica" não parece ter figurado com proeminência entre eles. Goebbels, que encontrava Hitler quase diariamente nesse período e que anotava os temas das muitas conversas privadas que mantinham, não registrou mais do que um par de ocasiões em que a "questão judaica" foi discutida. A política antissemita, como vimos, ganhara ritmo desde 1933 sem uma direção central frequente ou coerente. Não foi diferente em 1937. As opiniões de Hitler continuavam as mesmas desde sua primeira declaração sobre a "questão judaica", em setembro de 1919. Em abril de 1937, numa reunião de cerca de oitocentos líderes distritais do partido, ele deu uma indicação clara de sua cautela tática e consistência ideológica quanto ao assunto. Embora deixasse claro aos seus inimigos que queria destruí-los, a luta tinha de ser conduzida com inteligência e por um determinado período, disse aos seus ávidos ouvintes. A habilidade o ajudaria a manobrar os judeus e cercá-los num canto. Então viria o golpe no coração.

Mas, na maior parte do tempo, estava satisfeito em permanecer momentaneamente inativo no que dizia respeito à "questão judaica". Sua aprovação tácita era tudo o que era preciso. E nada mais foi necessário do que sua diatribe contra o "bolchevismo judaico" no Congresso de setembro para sinalizar a luz verde para a nova onda antissemita — ainda mais feroz que a de 1935 — que se desenrolaria durante 1938.

Após dois anos de relativa calma, a discriminação contra os judeus intensificou-se novamente. Medidas cada vez mais radicais foram tomadas para eliminá-los da economia e de mais e mais esferas da atividade social. Na verdade, o SD vinha desde

o início do ano defendendo mais pressões contra os judeus para expulsá-los da economia e acelerar sua emigração da Alemanha. Recomendavam-se a fabricação de um "clima popular hostil aos judeus" e o uso de "excessos" ilegais — a violência da turba era considerada particularmente eficaz. No outono, o clima estava mais hostil do que nunca contra a população judia. A perda de influência de Schacht e, por fim, sua saída do Ministério da Economia em 27 de novembro removiam um obstáculo à "arianização" da economia. Crescia a pressão para cumprir esse aspecto do programa do partido. Göring, então encarregado de fato da economia, estava mais do que disposto a fazer avançar a "arianização". Abandonadas as incertezas dos primeiros anos de regime nazista, o crescimento da economia fez dos grandes empresários parceiros de bom grado, ansiosos por lucrar com a tomada de firmas judias a preços irrisórios. Em abril de 1938, mais de 60% das empresas judaicas já haviam sido liquidadas ou "arianizadas". A partir do fim de 1937, os judeus também enfrentaram uma ampla gama de medidas discriminatórias, iniciadas sem coordenação central por vários ministérios e órgãos públicos — todos "trabalhando para o Führer" à sua maneira —, que apertaram imensuravelmente o parafuso da perseguição. A contribuição do próprio Hitler, como de costume, consistira, em grande medida, em estabelecer o tom e fornecer a sanção e legitimação para as ações dos outros.

Nos assuntos mundiais, eventos que estavam fora de seu controle faziam com que Hitler especulasse sobre o momento e as circunstâncias em que o grande confronto ocorreria. No fim de 1937, os sinais eram de que a radicalização estava ganhando ímpeto não somente na política antissemita (e, instigada em larga medida pela Gestapo, na perseguição e repressão de outras minorias étnicas e sociais), mas também na política externa.

Hitler iniciara o ano expressando para seus convidados de almoço a esperança de que ainda tinha seis anos para se preparar para o confronto vindouro. "Mas, se aparecer uma chance muito favorável, ele também não quer perdê-la", comentou Goebbels. Ele enfatizava a força da Rússia e advertia contra subestimar os britânicos por causa de sua liderança fraca. Via oportunidades para conquistar aliados na Europa oriental (em particular, a Polônia) e nos Bálcãs em consequência do projeto da Rússia de uma revolução mundial. Suas observações eram resultado de uma longa conversa com Blomberg naquela manhã no Ministério da Guerra

sobre a expansão rápida do rearmamento e os preparativos da Wehrmacht para o "Caso X" — supostamente a Alemanha, junto com seus aliados fascistas, contra a Rússia, a Tchecoslováquia e a Lituânia. A questão da ocupação alemã foi evidentemente levantada. Hitler, Goebbels e Blomberg discutiram a instalação de *Gauleiter* seniores como comissários civis. Hitler ficou satisfeito com o que ouviu.

Uma antecipação do que se poderia esperar da liderança alemã na guerra aconteceu após o lançamento de duas "bombas vermelhas" sobre o encouraçado *Deutschland*, ancorado ao largo de Ibiza, por um avião da República espanhola na noite de 29 de maio, que matou 23 e feriu mais de setenta marinheiros. O almirante Raeder, comandante em chefe da Marinha, foi enviado por Blomberg a Munique para suportar o impacto da fúria de Hitler. A reação imediata dele, "espumando de raiva", como diz Goebbels, foi bombardear Valência em represália. Mas, depois de uma conferência apressadamente arranjada com Blomberg, Raeder, Göring e Von Neurath, ele ordenou que o cruzador *Almirante Scheer* atirasse sobre o porto espanhol de Almería. Fervendo de raiva, mas ansioso para saber do resultado, Hitler andou para lá e para cá em seu quarto da Chancelaria até as três da madrugada. O bombardeio de Almería por uma hora deixou 21 civis mortos, 53 feridos e destruiu 39 casas. Hitler ficou satisfeito. Para ele, era tudo uma questão de prestígio. E o prestígio havia sido restaurado.

Já então havia perdido a fé em que a Espanha se tornasse um país genuinamente fascista. Considerava Franco uma variante espanhola do general Seeckt (o ex-homem forte do Exército alemão na década de 1920) — um militar sem um movimento de massa por trás. Porém, apesar de sua preocupação com a Espanha, não se arrependia de ter ordenado a intervenção alemã e apontava para as muitas vantagens que o país havia tirado desse envolvimento. As anotações no diário de Goebbels refletem as percepções mais amplas dos assuntos mundiais na segunda metade de 1937 e seu olho atento às oportunidades de expansão para a Alemanha. A radicalização na política externa que levou à *Anschluß* da Áustria e depois à crise dos Sudetos na Tchecoslováquia em 1938 estava prevista nas meditações que ele fazia naqueles meses sobre eventos futuros.

Aos olhos de Hitler, a arqui-inimiga União Soviética estava enfraquecida tanto por suas perturbações internas como pelos triunfos japoneses na guerra contra a China. Ele estava intrigado com os expurgos stalinistas. "Stálin está provavelmente

doente da cabeça", teria dito, segundo Goebbels. "Não há outra maneira de explicar seu regime sangrento. Mas a Rússia não conhece outra coisa senão o bolchevismo. Esse é o perigo que teremos de esmagar algum dia." Alguns meses depois, repetia a opinião de que Stálin e seus seguidores estavam loucos. "Precisam ser exterminados", era sua conclusão sinistra. Previa que a oportunidade poderia surgir após a vitória do Japão sobre os chineses. Depois que a China fosse esmagada, imaginava que Tóquio voltasse a atenção para Moscou. "Esse será então nosso grande momento", predizia.

A crença de Hitler numa aliança com a Grã-Bretanha havia então quase evaporado. Sua atitude em relação a Londres parecia agora a de um amante rejeitado. Desdenhoso do governo britânico, também considerava a Inglaterra muito enfraquecida como potência mundial. Incitado por Ribbentrop, agora agressivamente antibritânico, suas esperanças estavam depositadas em seu novo amigo Mussolini.

Nada foi poupado nos preparativos de um enorme espetáculo com toda pompa e circunstância para causar o máximo impacto no Duce durante sua visita oficial à Alemanha, entre 25 e 29 de setembro. Mussolini levou de volta uma imagem de poder e força da Alemanha, ao lado de um sentimento crescente de que o papel da Itália no Eixo estava destinado a ser o de coadjuvante. Hitler também ficou satisfeitíssimo com o resultado da visita. Houve acordo sobre a cooperação na Espanha e em atitudes em relação à guerra no Extremo Oriente. Tinha certeza de que a amizade italiana estava garantida, uma vez que, de todo modo, a Itália tinha poucas alternativas. Ficava em aberto apenas a questão austríaca, sobre a qual Mussolini não se deixou influenciar. "Bem, espera e verás", comentou Goebbels.

Das observações anotadas por Goebbels, fica claro que no verão de 1937 Hitler já começava a voltar seus olhos para a Áustria e a Tchecoslováquia, embora ainda não houvesse indicação de quando e como a Alemanha poderia avançar contra os dois países. Tampouco eram os motivos ideológicos ou estratégico-militares, por mais importantes que fossem para o próprio Hitler, os únicos a influenciar as ideias de expansão na Europa central. As constantes dificuldades econômicas, especialmente para satisfazer a demanda de matérias-primas da Wehrmacht, eram o principal estímulo para o aumento da pressão alemã sobre a Áustria desde a bem-sucedida visita de Göring à Itália em janeiro. Ouro e reservas em moeda estrangeira,

suprimento de mão de obra e importantes matérias-primas estavam entre os atrativos para uma tomada alemã da república alpina. Portanto, não surpreende que o gabinete do Plano Quadrienal estivesse na linha de frente das exigências de uma *Anschluß* o mais breve possível. O significado econômico da questão austríaca foi enfatizado pela nomeação, em julho de 1937, de Wilhelm Keppler, que havia sido antes de 1933 uma importante conexão com líderes empresariais, para coordenar os assuntos do partido em relação a Viena. Nesse mesmo mês, o governo austríaco foi forçado a aceitar mais concessões, além das feitas no acordo de 1936, inclusive o fim da censura a *Mein Kampf*. "Talvez estejamos dando novamente um passo à frente", refletiu Goebbels. "Na Áustria, o Führer fará *tabula rasa* em algum momento", anotou o ministro da Propaganda, depois de uma conversa com Hitler, no início de agosto. "Espero que possamos todos experimentar isso", continuava ele. "Ele irá em busca disso. Aquele Estado não é um Estado coisa nenhuma. Seu povo pertence a nós e virá para nós. A entrada do Führer em Viena será um dia seu triunfo mais orgulhoso." Algumas semanas depois, no fim do Congresso Nacional de Nuremberg, Hitler disse a Goebbels que a questão da Áustria seria em algum momento resolvida "pela força". Antes do fim do ano, Papen apresentou a Hitler planos para derrubar o chanceler austríaco Schuschnigg. Göring e Keppler estavam então convencidos de que Hitler resolveria a questão da Áustria na primavera ou no verão de 1938.

No caso da Tchecoslováquia, as intenções de Hitler também eram inconfundíveis para Goebbels. "A Tchecoslováquia também não é um Estado", anotou em seu diário em agosto. "Ela será um dia invadida." A recusa das autoridades tchecas em permitir que as crianças da região dos Sudetos passassem férias na Alemanha foi usada por Goebbels como pretexto para lançar uma campanha virulenta pela imprensa contra os tchecos. Àquela altura, Göring já enfatizara ao embaixador britânico Nível Anderson os direitos da Alemanha sobre a Áustria e os Sudetos (no devido tempo, também a revisão da fronteira com a Polônia). Ao conversar com um velho conhecido inglês, o ex-adido da Força Aérea em Berlim, coronel Christie, ele foi mais longe: a Alemanha devia ter não somente os Sudetos, mas toda a Boêmia e a Moravia. Em meados de outubro, após as demandas de autonomia de Konrad Henlein, o líder alemão dos Sudetos, Goebbels previa que a Tchecoslováquia, no futuro, "não teria nada do que rir".

Em 5 de novembro de 1937, o ministro da Propaganda, como de hábito, almoçou com Hitler. Discutiram a situação geral. A questão tcheca devia ser atenuada por enquanto porque a Alemanha ainda não estava em condições de agir. A questão das colônias também devia ser abordada mais lentamente, para não despertar falsas expectativas na população. Com a aproximação do Natal, era preciso esfriar também a "luta contra a Igreja". A prolongada saga de Schacht aproximava-se de seu fim. Schacht tinha de ir embora, concordavam. Mas o Führer queria esperar para agir depois da comemoração ritual do putsch, em 9 de novembro. À tarde, Goebbels foi trabalhar em casa. O Führer, anotou ele, tinha "conversas com o Estado-Maior".

VII

Na penumbra do fim da tarde, os chefes do Exército, da Força Aérea e da Marinha e o ministro da Guerra Blomberg foram à Chancelaria do Reich para uma reunião, segundo pensavam, com o objetivo de definir a alocação de suprimentos de aço para as Forças Armadas. O motivo da reunião datava de outubro, quando o almirante Raeder, cada vez mais preocupado com a alocação de aço feita por Göring e o tratamento preferencial dado à Luftwaffe, apresentara um ultimato a Blomberg mostrando que nenhuma expansão da Marinha seria possível sem suprimentos de aço adicionais. Raeder não estava disposto a fazer concessões. Achava que era necessária uma decisão imediata do Führer. Com a disputa entre as armas fervendo e a perspectiva de uma estagnação do rearmamento, Blomberg pressionou Hitler para obter esclarecimentos. Por fim, ele concordou com a reunião. Blomberg — e não Hitler — enviou os convites para discutir "a situação dos armamentos e as demandas de matéria-prima" aos chefes das três Armas. Os dirigentes militares tiveram uma surpresa quando chegaram à Chancelaria às quatro da tarde e encontraram, ao lado de Hitler e de seu ajudante militar, coronel Hoßbach, o ministro do Exterior Von Neurath. Outra surpresa os aguardava: em vez de tratar da alocação de matérias-primas (que foi discutida de forma relativamente breve perto do final da longa reunião), Hitler, falando a partir de anotações preparadas, entrou num monólogo que durou mais de duas horas sobre a necessidade de a Alemanha se expandir com o uso da força nos próximos anos.

Ele começou por enfatizar a importância do que tinha a dizer. Queria explicar seu pensamento sobre política externa. Caso morresse, o que tinha a dizer deveria ser considerado seu "legado testamentário". Não haviam tomado providências para fazer uma minuta da reunião, mas Hoßbach, sentado do lado oposto a Hitler, decidiu que o que estava por ouvir talvez fosse importante e começou a anotar em seu diário. Tinha certeza que seu mentor, o cada vez mais crítico general Beck, ficaria interessado.

Hitler entrou num tema bem conhecido: a necessidade de expandir o "espaço vital" alemão. Sem essa expansão, haveria "esterilidade", que levaria à desordem social — argumento que refletia sua premissa de que era necessária uma mobilização permanente e sempre novos objetivos, internos e externos, para

garantir o apoio popular ao regime. Em seu estilo característico, levantou alternativas à expansão do "espaço vital" apenas para descartá-las. Assim seria possível alcançar uma autonomia apenas limitada. O abastecimento de alimentos não podia ser garantido por esse caminho. A dependência da economia mundial jamais traria segurança econômica e deixaria a Alemanha fraca e exposta. "Espaço vital", afirmou, significava território para a produção agrícola na Europa, não a aquisição de colônias no ultramar. A Grã-Bretanha e a França, ambas implacavelmente hostis, estavam atravessadas no caminho da Alemanha. Mas a Inglaterra e seu império estavam enfraquecidos. E a França enfrentava dificuldades internas. A conclusão da primeira parte de seu discurso era que o problema da Alemanha só poderia ser resolvido com o uso da força, que era sempre acompanhado de riscos. Restava responder somente a duas questões: "quando" e "como".

Ele então delineou três possibilidades. Primeiro, argumentou tipicamente que o tempo não estava do lado da Alemanha, que seria imperativo agir até no máximo 1943-5. A força relativa em armamentos diminuiria. Outras potências estariam preparadas para uma ofensiva alemã. Aludindo aos problemas de 1935-6, levantou a perspectiva de que as dificuldades econômicas produziriam uma nova crise de alimentos sem moeda estrangeira para controlá-la — um potencial "ponto enfraquecedor do regime". Taxas de nascimento em declínio, padrões de vida em queda e o envelhecimento do movimento e de seus líderes foram itens acrescentados para sublinhar o que ele declarava ser sua "determinação inalterável de resolver o problema alemão de espaço até 1943-5 no máximo".

Nas outras duas possibilidades, Hitler esboçou circunstâncias em que seria necessário atacar antes de 1943-5: se a França ficasse tão envolvida com a luta interna, ou se enredasse numa guerra com outra potência, de tal modo que seria incapaz de ação militar contra a Alemanha. Em ambos os casos, seria chegado o momento de atacar a Tchecoslováquia. Ele via uma clara possibilidade de uma guerra de França e Grã-Bretanha contra a Itália por causa do longo conflito na Espanha (e cujo prolongamento era do interesse da Alemanha). Nessa eventualidade, a Alemanha devia estar preparada para tirar vantagem das circunstâncias e atacar os tchecos e a Áustria sem demora — até mesmo em 1938. O primeiro objetivo de qualquer guerra que envolvesse a Alemanha seria derrubar

a Tchecoslováquia e a Áustria simultaneamente para proteger o flanco oriental. Hitler supunha que a Grã-Bretanha — e provavelmente a França também — já tinha dado a Tchecoslováquia como perdida. Ele achava que os problemas do império — tinha em mente sobretudo a pressão crescente pela independência na Índia — e a relutância em se enredar numa longa guerra europeia seriam decisivos para dissuadir a Grã-Bretanha de se envolver numa guerra com a Alemanha. Era improvável que a França agisse sem o apoio britânico. A Itália não faria objeções à eliminação da Tchecoslováquia. Sua atitude em relação à Áustria não podia ser determinada no momento. Dependeria de Mussolini ainda estar vivo — outro argumento implícito para evitar a demora. A Polônia estaria preocupada demais com a Rússia para atacar a Alemanha. A Rússia estaria preocupada com a ameaça do Japão. A incorporação da Áustria e da Tchecoslováquia aumentaria a segurança das fronteiras alemãs, liberando forças para outros usos, e permitiria a criação de mais doze divisões. Supondo-se a expulsão de 3 milhões de pessoas dos dois países, a anexação deles significaria a aquisição de alimentos para 5 a 6 milhões de pessoas. Hitler terminou declarando que, quando o momento chegasse, o ataque aos tchecos teria de ser executado com "a rapidez de um relâmpago".

Seus comentários para os comandantes das Forças Armadas estavam de acordo com o que ele vinha dizendo havia semanas para Goebbels e outros líderes do partido. Queria usar a ocasião da reunião sobre distribuição de matérias-primas para incutir argumentos semelhantes em seus dirigentes militares. A reunião de 5 de novembro foi a primeira vez em que os comandantes em chefe da Wehrmacht ficaram sabendo explicitamente o que Hitler pensava sobre o momento provável e as circunstâncias da expansão alemã na Áustria e na Tchecoslováquia.

Ele não tinha ilusões quanto à recepção de seus comentários. Blomberg, Fritsch e Neurath, em particular, ficaram alarmados com o que ouviram. Não era a meta da expansão que os preocupava. Não havia discordância quanto a isso. Sua conhecida interpretação racial do *Lebensraum* tinha uma ênfase diferente, mas combinava bem com os interesses estratégico-militares pela supremacia alemã na Europa central e com o objetivo de Göring de dominação econômica no sudeste da Europa. Tampouco os preocupava a ideia da anexação da Áustria e da destruição da Tchecoslováquia. No fim de 1937, era tido como certo que ambas as coisas aconteceriam em algum momento. Até as críticas agudas do general Beck às

declarações de Hitler, quando leu um relato dias depois, não questionavam "a conveniência de esclarecer o caso da Tchecoslováquia (talvez também da Áustria) se a oportunidade se apresentasse".

O que os chocou foi a perspectiva do uso prematuro da força e, com isso, o grave perigo de a Alemanha mergulhar numa guerra contra a França e a Grã-Bretanha. Eles julgavam que Hitler estava assumindo riscos imprudentes. Levantaram objeções. Neurath achava que uma expansão do conflito no Mediterrâneo, do modo como Hitler a concebia, era altamente improvável. Os generais apontaram deficiências na análise militar de Hitler. Em nenhuma hipótese, a Alemanha deveria se ver em guerra com a Grã-Bretanha e a França, essa era a essência da observação deles. Até Göring, embora tivesse ficado calado até quando a discussão passou para a questão dos armamentos, era favorável a tentar um acordo com os britânicos. Somente Raeder, que fora o primeiro a querer a reunião, parecia imperturbável. A crer em seu testemunho posterior, não levou a sério as observações de Hitler, exceto como um veículo para incitar o Exército a acelerar seu rearmamento. Para Raeder, um possível conflito futuro com a Grã-Bretanha era um componente inevitável do planejamento da expansão naval. Mas um conflito iminente, na situação efetiva dos armamentos da Alemanha, era, em sua opinião, uma "loucura tão completa" que não podia ser vista como uma proposição séria.

Outros ficaram menos descontraídos. No fim da reunião, Hitler teve de tranquilizar Fritsch de que não havia perigo imediato de guerra, nem necessidade de cancelar suas férias. O general Beck, ao ler uma cópia do registro que Hoßbach fez da reunião, achou as observações de Hitler "arrasadoras". O que o deixou chocado foi a irresponsabilidade e o diletantismo com que Hitler estava preparado para correr o risco de envolver a Alemanha numa guerra catastrófica com as potências ocidentais. Neurath, que combinara com Beck e Fritsch que falaria com Hitler, teve a oportunidade de fazê-lo em meados de janeiro de 1938. Os planos do Führer, advertiu, significavam guerra. Muitos deles poderiam ser alcançados por métodos mais pacíficos, embora um pouco mais lentos. Hitler retrucou que não tinha mais tempo.

As dúvidas de Blomberg manifestadas na reunião de novembro tiveram, como de costume, vida curta. O maleável ministro da Guerra logo passou a transmitir os

desejos de Hitler aos altos escalões da Wehrmacht. Em poucas semanas, sem que Hitler tivesse dado nenhuma ordem expressa, o chefe do Estado-Maior da Defesa, coronel Alfred Jodl, reconhecendo o que era preciso, fez uma alteração significativa nos planos anteriores de mobilização contra a Tchecoslováquia, destinados a impedir a intervenção tcheca em caso de guerra contra a França. A nova diretriz incluía a sentença:

> Depois que a Alemanha tiver atingido sua preparação plena para a guerra em todas as esferas, estará criada a base militar para conduzir uma guerra ofensiva contra a Tchecoslováquia e, desse modo, levar também o problema do espaço alemão a uma conclusão triunfante, mesmo que uma ou outra grande potência intervenha contra nós.

Tanto externa como internamente, o Terceiro Reich estava entrando numa fase nova e mais radical. A inclinação das ideias de Hitler estava clara na reunião de novembro e em seus comentários anteriores no outono. Nada havia sido decidido, nenhum plano fora formulado, nenhum programa estabelecido. Estavam ainda no "esperar para ver". Mas um conjunto de casualidades tornou o poder de Hitler ainda mais fortalecido no fim de janeiro e início de fevereiro de 1938 — entre elas, um escândalo pessoal que envolveu o ministro da Guerra, Werner von Blomberg.

VIII

Blomberg não era popular no Alto-Comando do Exército. Era considerado muito mais um homem de Hitler do que do Exército. No fim de janeiro de 1938, quando sua vida pessoal causou um problema profissional, ele não teve amigos com quem contar.

Numa manhã de setembro de 1937, caminhando pelo Tiergarten, o marechal de campo, viúvo com cinco filhos crescidos, encontrou uma mulher que mudaria sua vida e, involuntariamente, levaria à maior crise interna do Terceiro Reich desde o caso Röhm, no verão de 1934. Blomberg, homem solitário e vazio, ficou totalmente apaixonado por sua nova amiga, Fräulein Margarethe Gruhn, 35 anos mais moça do que ele e de uma classe social totalmente diferente da sua. Em poucas semanas, pediu-a em casamento. Na qualidade de comandante supremo da Wehrmacht, precisava do consentimento de Hitler. Aludiu que sua noiva era uma datilógrafa, uma simples "moça do povo" e que ele estava preocupado com a reação dos oficiais a seu casamento com alguém de status inferior ao seu. Hitler imediatamente se ofereceu para ser testemunha do casamento a fim de enfatizar sua rejeição daquele esnobismo de classe ultrapassado e recomendou Göring para segunda testemunha. O casamento foi preparado com grande sigilo. Até o ajudante de Blomberg só ficou sabendo do fato na tarde anterior. A cerimônia, à qual compareceram somente os cinco filhos de Blomberg e a mãe da noiva, além do casal e das testemunhas Hitler e Göring, realizou-se no Ministério da Guerra em 12 de janeiro. Não houve comemorações. Uma nota extremamente simples foi publicada nos jornais.

Blomberg tinha bons motivos para querer manter Margarethe longe dos olhos do público: a noiva tinha um passado. Por volta do Natal de 1931, então com dezoito anos, ela havia posado para várias fotos pornográficas que chegaram às mãos da polícia. No ano seguinte, a polícia a registrou oficialmente como prostituta. Em 1934, ela chamou novamente a atenção da polícia, acusada de roubar um cliente. Agora, poucos dias depois do casamento, as prostitutas de Berlim começaram a falar de "uma delas" que havia subido tanto na escala social que havia se casado com o ministro da Guerra. Um telefonema anônimo passou a informação para o chefe do Exército, general de divisão Fritsch. Àquela altura, a Gestapo também havia captado os rumores. O chefe da polícia de Berlim, conde

Wolf Heinrich von Helldorf, foi informado e, consciente das implicações políticas do que viu na ficha de prostituta de Fräulein Gruhn, levou o assunto imediatamente para o colega mais próximo de Blomberg, o chefe de gabinete da Wehrmacht, general Wilhelm Keitel, para ter certeza de que a mulher dos registros policiais era de fato a esposa do ministro da Guerra. Keitel, que a vira apenas uma vez, sob véu espesso, no funeral da mãe de Blomberg, não pôde ajudar Helldorf, mas o mandou falar com Göring, que fora testemunha do casamento. Göring confirmou a identidade em 21 de janeiro. Três dias depois, ele estava nervoso no vestíbulo da Chancelaria do Reich, com uma pasta marrom na mão, esperando o retorno de Hitler da Baviera.

Hitler ficou chocado com a notícia que o aguardava. Puritanismo e preconceito racial deram-se as mãos quando ele soube que as fotos indecentes da noiva de Blomberg haviam sido tiradas por um judeu de origem tcheca com quem ela coabitava na época. Rumores vulgares espalharam que Hitler tomou banho sete vezes no dia seguinte para se livrar da nódoa de haver beijado a mão de Frau Blomberg. Porém, o que o preocupava acima de tudo era o golpe no prestígio que adviria daquilo; que, por ter sido testemunha do casamento, seria alvo de riso aos olhos do mundo. Durante a noite inteira, relembrou mais tarde, ficou acordado, pensando em como evitar o vexame. No dia seguinte, como relembrou seu ajudante Fritz Wiedmann, ele andava para lá e para cá em seu quarto, com as mãos nas costas, sacudia a cabeça e murmurava: “Se um marechal de campo alemão se casa com uma prostituta, tudo é possível no mundo”. Goebbels e Göring tentaram animá-lo durante o almoço. Naquela manhã, Hitler falara pela primeira sobre o assunto com seu ajudante militar, coronel Hoßbach. Elogiou as realizações de Blomberg. Mas o marechal de campo lhe causara grande embaraço ao não lhe contar a verdade sobre a noiva e envolvê-lo como testemunha do casamento. Expressou sua tristeza por ter de perder um colega tão leal. Mas não havia jeito: por causa do passado da esposa, Blomberg tinha de deixar o Ministério da Guerra. “Blomberg não pode ser salvo”, anotou Goebbels. “Resta somente a pistola para um homem honrado. [...] O Führer como testemunha do casamento. É impensável. A pior crise do regime desde o caso Röhm. [...] O Führer está com a aparência de um cadáver.”

Presumindo que Blomberg ignorasse o passado nebuloso de sua mulher e na

esperança de abafar a questão e evitar um escândalo público, Göring tratou de persuadir o marechal de campo a anular imediatamente o casamento. Para o espanto e desgosto de Göring e Hitler, Blomberg negou-se a fazê-lo. Na manhã de 27 de janeiro, Hitler teve sua última audiência com Blomberg. Começou de forma acalorada, mas ficou mais calma e terminou com Hitler oferecendo a Blomberg a perspectiva de reintegrar-se, tudo esquecido, se a Alemanha se envolvesse numa guerra. Um dia depois, Blomberg foi embora: atravessou a fronteira da Itália para iniciar um ano de exílio, adoçado por um "aperto de mãos dourado" de 50 mil marcos e sua pensão plena de marechal de campo.

Entrementes, a crise se aprofundara. Na mesma noite de 24 de janeiro, ainda sob o choque da notícia acerca do passado de Frau Blomberg e muito deprimido, Hitler lembrou da suspeita de um possível escândalo dois anos antes, envolvendo o chefe do Exército, general Von Fritsch. Na época, verão de 1936, Himmler lhe apresentara uma ficha que levantava suspeitas de que Fritsch fora chantageado por um michê de Berlim chamado Otto Schmidt, no fim de 1933. Hitler recusara-se a acreditar nas alegações, rejeitara de imediato uma investigação, dissera que não queria ouvir falar mais no assunto e mandara destruir o arquivo. Agora, disse a Himmler que queria o arquivo "reconstruído" com urgência. A reconstrução não apresentou dificuldades, pois, contrariando as ordens expressas de Hitler, Reinhard Heydrich, chefe da Polícia de Segurança, guardara a pasta num cofre. Em poucas horas, às 2h15 de 25 de janeiro, a ficha estava sobre a escrivaninha de Hitler.

Hitler não pedira a ficha como parte de uma estratégia bem arquitetada para se livrar de Fritsch. Na verdade, na manhã de 26 de janeiro, um dia depois de ver o arquivo "reconstruído", ainda pensava nele para possível sucessor de Blomberg no Ministério da Guerra. À luz do choque que acabara de sofrer e de sua imediata perda de confiança em seus oficiais de comando, ele queria agora garantia imediata de que não havia mais escândalos por vir. Mas, assim como o caso Blomberg fora inesperado, os desdobramentos do caso de Fritsch ocorreram de forma imprevisível. Consta que Hitler teria dito mais tarde ao seu ajudante do Exército, major Gerhard Engel, que, sem o caso de Blomberg, o de Fritsch jamais teria ressurgido. A segunda crise foi decorrência da primeira.

Na manhã de 25 de janeiro, deprimido por causa de Blomberg, Hitler deu a ficha de Fritsch a Hoßbach com instruções de sigilo absoluto. O ajudante militar ficou

horrorizado com as implicações para a Wehrmacht de um segundo escândalo. Achou que Fritsch, a quem admirava muito, resolveria a questão facilmente — ou saberia o que fazer. Em ambas as hipóteses, a honra do Exército seria preservada. Tendo isso em mente, desobedeceu à ordem expressa de Hitler e falou a Fritsch sobre o arquivo. Foi uma decisão desastrosa.

Na noite de 25 de janeiro, ao saber da ficha, Fritsch reagiu com raiva e repulsa diante das alegações e declarou que não passavam de um monte de mentiras. Hoßbach voltou a Hitler. O ditador não deu sinais de ira diante do ato de desobediência. Na verdade, pareceu aliviado e comentou que, uma vez que tudo estava em ordem, Fritsch poderia se tornar ministro da Guerra. Porém, acrescentou que Hoßbach lhe prestara um grande desserviço ao quebrar o sigilo. Na verdade, o ajudante militar havia prestado inadvertidamente a Fritsch um desserviço ainda maior.

Quando soube por Hoßbach o que estava acontecendo, Fritsch ruminou durante horas sobre as alegações. Elas deviam ter alguma coisa a ver com o membro da Juventude Hitlerista com quem havia almoçado, em geral sozinho, em 1933-4, com a disposição de colaborar com o pedido da Campanha de Ajuda de Inverno para fornecer refeições gratuitas aos necessitados. Presumia que línguas maliciosas tivessem fabricado uma relação ilícita a partir de um ato inofensivo de caridade. Achando que poderia resolver o mal-entendido, procurou Hoßbach no dia seguinte, 26 de janeiro. Tudo o que fez, no entanto, foi provocar dúvidas no ajudante militar de Hitler. Hoßbach não pensou em dizer a Fritsch que mencionar a história do membro da Juventude Hitlerista a Hitler talvez não fosse taticamente a melhor maneira de convencê-lo de sua inocência.

Durante a tarde, Hitler conversou com Himmler, o ministro da Justiça Gürtner e Göring (que via em Fritsch um rival para o cargo de ministro da Guerra). Havia uma atmosfera geral de desconfiança. No começo da noite, Hitler ainda vacilava. Göring pressionou-o para tomar uma decisão. Hoßbach aproveitou o momento para sugerir que Hitler falasse diretamente com Fritsch sobre a questão. Após certa hesitação, Hitler concordou. No meio-tempo, quatro oficiais da Gestapo foram enviados ao campo de internação de Börgermoor, na Emsland, para trazer Otto Schmidt a Berlim. Naquela noite, na biblioteca particular de Hitler, na Chancelaria do Reich, aconteceu uma cena notável: o chefe do Exército, em traje civil, foi

confrontado por seu acusador, um detido de comprovada má reputação, na presença de seu comandante supremo e chefe de Estado e do ministro presidente da Prússia.

Hitler pareceu desanimado a Fritsch. Mas foi direto ao ponto. Queria simplesmente a verdade. Se Fritsch admitisse sua culpa, ele estava disposto a guardar silêncio sobre o assunto e mandá-lo para longe da Alemanha. Havia contemplado a possibilidade de mandá-lo como assessor militar para Chiang Kai-shek. Fritsch professou sua inocência com veemência. E então cometeu o erro de contar a Hitler sobre o inocente episódio do rapaz da Juventude Hitlerista. A história causou o efeito oposto ao esperado por Fritsch. As suspeitas de Hitler aumentaram imediatamente. Deu então a ficha a Fritsch. Enquanto ele a lia, o suposto chantageador foi trazido. Otto Schmidt, que se mostrara uma testemunha confiável em outros casos em que havia chantageado pessoas, insistiu que reconhecia Fritsch como sendo o homem em questão. O general repetiu várias vezes, de forma fria e serena, que jamais vira aquele homem em sua vida e deu a Hitler sua palavra de honra que não tinha nada a ver com aquilo. Hitler havia esperado, assim contou aos seus generais alguns dias depois, que Fritsch jogasse a ficha aos seus pés. Seu comportamento contido não o impressionou. De sua parte, Fritsch achou difícil que Hitler e Göring mantivessem suas suspeitas e ignorassem a palavra de honra de um oficial alemão de alto escalão. A verdade, como reconheceu Goebbels, era que Hitler havia perdido a fé em Fritsch.

O interrogatório de Fritsch pela Gestapo na manhã de 27 de janeiro, quando encarou novamente seu atormentador, foi inconclusivo. Schmidt permaneceu inflexível nas acusações, Fritsch veemente e indignado na negação de envolvimento. O detalhamento da história do acusador parecia revelador. Mas, como Fritsch apontou, embora em vão, os detalhes estavam errados. O suposto encontro com Fritsch teria ocorrido em novembro de 1933. Schmidt alegou que lembrava dele como se fosse ontem. No entanto, dizia que Fritsch estava fumando (o que ele não fazia desde 1925), usava um casaco de pele (que ele jamais tivera) e — Schmidt foi repetidamente pressionado sobre esse ponto — se anunciara como "general da Artilharia Von Fritsch", posto que ele só alcançou em 1o de fevereiro de 1934. A inconsistência das provas não foi percebida nem investigada. Tudo continuou a ser uma questão de palavra contra palavra.

Hitler, por seu turno, dera a ficha de Fritsch ao ministro da Justiça Franz Gürtner, e lhe pedira sua opinião. Goebbels tinha pouca confiança no resultado. "Gürtner ainda tem de escrever um relatório jurídico", escreveu. "Mas para que serve tudo isso? A porcelana está quebrada." O relatório de Gürtner, entregue antes do fim do mês, foi condenatório. Virando de ponta-cabeça as noções jurídicas convencionais, ele declarava que Fritsch não provara sua inocência e considerava a questão do rapaz da Juventude Hitlerista prejudicial ao seu caso. Mas insistia num julgamento formal de Fritsch por uma corte militar. A liderança militar apoiava a exigência. Mesmo com relutância, no caso de uma pessoa tão proeminente como o chefe do Exército, Hitler não tinha outra escolha senão ceder.

O escândalo duplo de Blomberg e Fritsch deixara a liderança nazista com um grande problema de relações públicas. Como tudo aquilo seria explicado ao povo? Como seria possível evitar um golpe sério no prestígio? Na quinta-feira, 27 de janeiro, Hitler, com aparência pálida e cinzenta, decidiu cancelar seu grande discurso ao Reichstag no aniversário da "tomada do poder". A reunião do gabinete do Reich também foi cancelada. Goebbels sugeriu que uma forma de sair da crise política seria Hitler assumir pessoalmente a Wehrmacht e que as diferentes seções das Forças Armadas fossem transformadas em ministérios separados. "E então vem a questão mais difícil", acrescentava: "como contar isso para o povo. Circulam os rumores mais absurdos. O Führer não aguenta mais. Nenhum de nós dormiu desde segunda-feira."

A sugestão de Goebbels — se de fato era originalmente dele — para reestruturar a direção da Wehrmacht foi aceita, pelo menos em parte. Ela oferecia uma maneira limpa de evitar a escolha do sucessor de Blomberg. As ambições evidentes de Göring em relação ao cargo nunca foram levadas a sério por Hitler. Blomberg, Keitel e Wiedemann falaram todos em favor de Göring. Ele mesmo estava disposto a trocar o controle do Plano Quadrienal pelo Ministério da Guerra. Porém, Hitler desdenhava de suas capacidades militares. Ele não era capaz nem de comandar a Luftwaffe, zombou Hitler, muito menos as Forças Armadas inteiras. Para o Exército e a Marinha, a designação de Göring (que jamais passara de capitão em sua carreira militar) seria um insulto. Mais do que isso, para Hitler seria uma concentração demasiada de comando militar nas mãos de um único homem. Heinrich Himmler também cultivava ambições, embora totalmente irrealistas para

um chefe de polícia que dirigia uma força militar rival do Exército, e que se transformaria na Waffen-SS, que não servira na Primeira Guerra Mundial e que, no comentário depreciativo posterior de um general, mal sabia dirigir um carro de bombeiros. Em 5 de fevereiro, Hitler disse aos seus generais que os rumores sobre Himmler assumir a direção haviam sido um "disparate maluco". Um terceiro candidato ambicioso, o general Walter von Reichenau, era considerado próximo demais do partido e demasiado não tradicionalista para ser aceitável ao Exército.

Na verdade, já em 27 de janeiro, aceitando uma sugestão feita por Blomberg em sua audiência de despedida, Hitler decidira assumir ele mesmo a direção da Wehrmacht e não designar sucessor para o Ministério da Guerra. Em poucas horas, já iniciava o general Keitel (que ele mal conhecia, mas que fora recomendado por Blomberg) em suas — ou seja, inicialmente de Blomberg — ideias para uma nova estrutura organizacional da Wehrmacht. Com um lance, ele transferiu a concentração de poder dentro das Forças Armadas, que passou da liderança tradicionalista e do Estado-Maior do Exército para o gabinete da Wehrmacht, representando as forças combinadas, diretamente dependentes e obedientes a Hitler. Em 7 de fevereiro, uma declaração aos comandantes do Exército que explicava as mudanças ocorridas alegava que a assunção do comando da Wehrmacht por Hitler "já estava em seu programa, mas planejada para uma data posterior". Na realidade, foi uma decisão tomada com rapidez para enterrar uma crise constrangedora.

Com sua saída pendente por uma questão de dias, Fritsch recebeu de Hitler, em 3 de fevereiro, o pedido para que renunciasse. Já então haviam encontrado uma solução — cada vez mais urgente, tendo em vista os rumores que circulavam — para o problema de apresentar uma explicação para a saída dos dois mais altos líderes militares: "a fim de lançar uma cortina de fumaça em torno de toda a coisa, haverá um grande rearranjo ministerial", anotou Goebbels. Numa discussão de duas horas com Goebbels em seus aposentos privados, Hitler repassou todo o caso: como ficara desiludido com Blomberg, em quem confiara cegamente; como não acreditava em Fritsch, apesar de suas negações — "esse tipo de gente sempre faz isso"; como assumiria ele mesmo a Wehrmacht e as diferentes Forças Armadas ganhariam ministérios; e as mudanças de pessoal que pretendia fazer, em particular a substituição de Neurath por Ribbentrop no Ministério das Relações Exteriores.

“O Führer quer desviar o foco da Wehrmacht, fazer a Europa segurar a respiração”, registrou o coronel Jodl em seu diário. “O chanceler austríaco Schuschnigg”, acrescentava ameaçadoramente, devia estar “tremendo.”

Em quatro dias, a reorganização estava feita. Doze generais (além de Blomberg e Fritsch) foram removidos, seis da Luftwaffe; 51 outros postos (um terceiro na Luftwaffe) também ganharam novos titulares. O cargo de Fritsch foi dado a Walther von Brauchitsch — um candidato de conciliação sugerido por Blomberg e Keitel para deixar de fora Reichenau. A Marinha não foi tocada. De acordo com o relato de Goebbels sobre as opiniões de Hitler, Raeder havia “se comportado esplendidamente durante toda a crise e tudo está em ordem na Marinha”. Göring ganhou um bastão de marechal de campo como prêmio de consolação por não levar o Ministério da Guerra. Fizeram-se também grandes mudanças no serviço diplomático. Neurath, tendo de ceder o lugar para seu arquirrival Ribbentrop, foi “promovido” a um pseudocargo de chefe de um “conselho privado” de ministros que jamais se reuniria. Os postos-chaves de embaixador em Roma, Tóquio, Londres e Viena foram dados a novos ocupantes. A substituição de Schacht por Funk no Ministério da Economia também foi anunciada como parte da reorganização geral.

Foi dito que Blomberg e Fritsch se retiraram “por motivos de saúde”. Blomberg sobreviveria à guerra, ainda elogiando o “gênio” do Führer, mas consternado porque Hitler não convocara seus serviços de novo, e morreria na prisão de Nuremberg em março de 1946, evitado até o fim por seus ex-colegas do Exército. A inocência de Fritsch — vítima de identificação errada — seria reconhecida por uma corte militar em Berlim, em 18 de março de 1938. Embora seu nome tivesse sido limpo, ele não ganhou a reabilitação que esperava. Muito deprimido e amargurado, mas afirmando ainda ser um “bom nacional-socialista”, apresentou-se como voluntário para seu antigo regimento de artilharia na campanha da Polônia e foi ferido mortalmente nos arredores de Varsóvia, em 22 de setembro de 1939.

Um comunicado sobre as grandes mudanças — que se dizia serem no interesse da “concentração mais forte de todas as forças políticas, militares e econômicas nas mãos do líder supremo” — foi transmitido pelo rádio na noite de 4 de fevereiro. A notícia sensacional ocupou várias páginas dos jornais no dia seguinte. Grande surpresa, preocupações com a probabilidade de guerra e uma onda dos mais

desvairados rumores — um atentado contra o Führer, fuzilamentos e prisões em massa, tentativas de depor Hitler e Göring e proclamar uma ditadura militar, planos de guerra criticados pelos generais demitidos — foram reações comuns nos dias seguintes. Os verdadeiros motivos foram ocultados. "Graças a Deus que o povo não sabe nada e não acreditaria nisso", teria dito Hitler, de acordo com Goebbels. "Portanto, a maior discrição." O modo de Hitler de lidar com a coisa foi enfatizar a concentração de forças sob sua liderança e "não deixar nada ser noticiado".

Na tarde do dia seguinte, 5 de fevereiro, um Hitler pálido e com aparência exausta dirigiu-se aos seus generais. Descreveu o que acontecera, citou relatórios da polícia e leu trechos da avaliação condenatória de Fritsch feita por Gürtner. Os oficiais reunidos ficaram paralisados. Ninguém levantou objeções. As explicações de Hitler pareciam convincentes. Ninguém duvidou de que ele poderia ter agido de forma diferente. Num momento crucial, a infração do código moral do corpo de oficiais por seus principais representantes havia enfraquecido a autoridade da liderança militar e, desse modo, fortalecido consideravelmente a posição de Hitler.

Embora a crise não tivesse sido prevista, nem fabricada, o caso Blomberg-Fritsch engendrou uma mudança fundamental nas relações entre Hitler e a elite não nazista mais poderosa: o Exército. No exato momento em que o aventureirismo do Führer começava a provocar calafrios, o Exército demonstrou sua fraqueza e sem um murmúrio de protesto engoliu sua dominação completa até mesmo no domínio imediato da Wehrmacht. Hitler reconheceu a fraqueza dos militares, desprezou o corpo de oficiais de forma crescente e viu-se mais e mais no papel não somente de chefe de Estado, mas de um grande líder militar.

O resultado do caso Blomberg-Fritsch foi o terceiro degrau — depois do incêndio do Reichstag e do "putsch de Röhm" — na consolidação do poder absoluto de Hitler e, em especial, de seu domínio sobre o Exército. Com os militares castrados e o agressivo Ribbentrop nas Relações Exteriores, seu impulso pessoal para a expansão mais rápida possível — combinada com a dinâmica expansionista que vinha da economia e da corrida armamentista — libertou-se das forças que poderiam aconselhar cautela. Nos meses seguintes, a dinâmica radical que vinha crescendo ao longo de 1937 levaria os eventos internos e externos para um novo patamar. A ameaça de guerra ficaria mais perto. A perseguição racial se

intensificaria. A “visão” ideológica de Hitler começava a se tornar realidade. O movimento crescente que ele tanto buscou levar adiante, e que também ganhou força por motivos para além de sua personalidade, agora o carregava a reboque. A “visão” começava a superar o cálculo político frio. Entrava-se na zona de perigo.

14. O ímpeto expansionista

I

Desde sua meninice em Linz, Hitler pensava que o futuro da população austríaca de língua alemã estava na sua incorporação ao Reich alemão. Tal como muitos habitantes de sua região, ele gostava das ideias de Georg Schönerer, o líder pangermânico que rejeitava a monarquia dos Habsburgos e desejava uma união com a Alemanha. A derrota na Primeira Guerra Mundial provocara o desmembramento do império multiétnico dos Habsburgos. A nova Áustria, criação das potências vitoriosas no Tratado de Saint-Germain-en-Laye, em setembro de 1919, era um mero remanescente do antigo império. A pequena república alpina tinha agora apenas 7 milhões de cidadãos (em comparação com os 54 milhões do império), 2 milhões dos quais habitando em Viena. Era um país arruinado por problemas sociais e econômicos desanimadores e profundas fissuras políticas, acompanhadas por um ardente ressentimento em relação à perda de território e à revisão das fronteiras. Porém, a nova Áustria era quase totalmente de língua alemã. A ideia de uma união (*Anschluß*) com a Alemanha tornou-se muito mais atraente e foi apoiada de forma avassaladora em plebiscitos do início da década de 1920. A ascensão de Hitler ao poder na Alemanha mudou isso. Ela acentuou as já agudas divisões entre socialistas, pangermânicos e católicos conservadores (com sua própria versão de fascismo nacionalista austríaco). Somente para os pangermânicos, já totalmente imersos no movimento nazista austríaco, era atraente a proposta de uma *Anschluß* com a Alemanha de Hitler. Mas, apesar da proibição do Partido

Nazista na Áustria após o assassinato, inspirado pelos alemães, do chanceler Engelbert Dollfuß, em julho de 1934, o poderio cada vez maior do Terceiro Reich e a crescente exposição do país ao domínio alemão mantinham vivas as esperanças de uma união em parte considerável da população austríaca, tendo em vista que a proteção da Itália desaparecia na esteira do conflito abissínio.

Enquanto isso, para o regime hitlerista, a perspectiva de união com a Áustria, implícita no primeiro ponto do Programa do Partido Nazista de 1920, que exigia "a fusão de todos os alemães [...] numa Grande Alemanha", ficara muito mais rósea com a mudança das circunstâncias diplomáticas após o envolvimento da Itália na Abissínia e a remilitarização triunfante da Renânia. Hitler escrevera na primeira página de *Mein Kampf*: "A Áustria alemã deve retornar à grande mãe-pátria alemã, e não por motivos econômicos. Não e não: mesmo que essa união seja insignificante do ponto de vista econômico; sim, mesmo que seja danosa, ela deve, não obstante, ocorrer. Um sangue único exige um Reich único". Os impulsos ideológicos, no entanto, estavam longe de ser a única força propulsora da tentativa de trazer a Áustria para o domínio alemão. Independente do que dizia *Mein Kampf*, no fim da década de 1930 a posição geográfica da Áustria, no centro estratégico da Europa, e os recursos materiais significativos que poderia trazer à economia alemã, pressionada pelo projeto de rearmamento rápido previsto no Plano Quadrienal, foram os determinantes da aceleração do ritmo da política expansionista em relação ao vizinho oriental do Reich.

Na segunda metade de 1937, em várias ocasiões Hitler falou em termos imprecisos, mas ameaçadores, sobre o avanço contra a Áustria. Em setembro, havia sondado Mussolini sobre uma provável reação italiana, mas recebera respostas inconsequentes, se não desanimadoras. Mas depois, em meados de novembro, a visita à Alemanha de lorde Halifax, Guarda do Selo Real e presidente do Conselho do governo britânico, próximo do recém-designado primeiro-ministro Neville Chamberlain e que seria em breve seu ministro do Exterior, confirmara, na mente de Hitler, que a Grã-Bretanha não faria nada caso houvesse uma ação alemã contra a Áustria.

Hitler estava então disposto a acabar com a independência da Áustria num futuro próximo. O tratado austro-germânico de 11 de julho de 1936, ao lado da melhoria das relações com a Itália, causou inevitavelmente uma pressão maior

sobre a Áustria. Apenas a cada vez mais frágil proteção da Itália e esperanças reconhecidas como irrealistas nas potências ocidentais poderiam impedir a pressão inexorável sobre o país na Europa central. Papen, que era agora embaixador em Viena, e o ministro do Exterior Neurath exerciam influência sempre que possível, o primeiro através, em larga medida, de ligações diretas com Hitler, o segundo por meio de canais oficiais do ministério; o número crescente de nazistas austríacos provocava um clamor incessante de agitação; os chefes do Plano Quadrienal e os líderes das indústrias siderúrgicas lançavam olhares de cobiça aos depósitos de minério de ferro e outras fontes de matérias-primas escassas da Áustria; acima de tudo e mais do que Hitler, foi Hermann Göring, então perto do auge de seu poder, quem durante 1937 mais pressionou para uma solução rápida e radical da "questão austríaca".

Göring não era um simples agente de Hitler nos assuntos relacionados à "questão austríaca". Sua abordagem tinha ênfase diferente em aspectos significativos. Tal como para Hitler, o antibolchevismo era um aspecto central de seu pensamento. Mas suas amplas noções de política externa, que ele levou adiante por iniciativa própria em meados dos anos 1930, baseavam-se mais em conceitos pangermânicos tradicionais de política nacionalista para alcançar a hegemonia na Europa do que no dogmatismo racial que fundamentava a ideologia de Hitler. O retorno das colônias (que nunca foi uma questão crucial para Hitler), a aliança com a Grã-Bretanha (que ele continuou a desejar muito depois que o ardor de Hitler havia esfriado) e uma ênfase na dominação do sudeste europeu para garantir o abastecimento de matérias-primas de uma enorme esfera econômica de exploração (*Großraumwirtschaft*, ideia que diferia da ênfase racialmente determinada de Hitler no *Lebensraum*) eram as propostas básicas de seu programa para garantir a hegemonia da Alemanha. Nessa perspectiva, a geografia e as matérias-primas da Áustria davam a esse país uma posição central, tanto estratégica quanto economicamente.

Diante do problema de obter suprimentos de matérias-primas, Göring estava cada vez mais decidido, agora que era comandante supremo do Plano Quadrienal, a insistir no que chamava de "união" ou "fusão" de Áustria e Alemanha — mesmo, se necessário, à custa da aliança com a Itália, na qual Hitler apostava tanto. No início de 1938, a corda se apertara em torno do pescoço da Áustria. Göring pressionava

pela união monetária. Mas, com a Áustria dando evasivas e a incerteza quanto à reação da Itália, era improvável obter resultados imediatos por canais diplomáticos. Tampouco parecia provável no futuro iminente uma *Anschluß* resultante de uma intervenção alemã por meio da força.

Nessa conjuntura pouco promissora, surgiu a ideia de uma reunião entre Hitler e o chanceler austríaco Schuschnigg. Papen, de acordo com seu relato, sugerira esse encontro ao chanceler austríaco em dezembro e depois fizera a mesma proposta a Neurath e Hitler. Repetiu a sugestão para Guido Schmidt, do Ministério das Relações Exteriores da Áustria, em 7 de janeiro, indicando a disposição de Hitler de realizar uma reunião perto do fim do mês. Schuschnigg concordou com o encontro. Hitler teve de adiá-lo por causa da crise Blomberg-Fritsch. Por fim, foi remarcado para 12 de fevereiro.

Os austríacos, por sua vez, revelaram documentos constrangedores para o governo alemão, os quais continham os planos do NSDAP da Áustria para promover perturbações sérias (inclusive, como provocação, o assassinato de Papen por nazistas austríacos disfarçados de membros da Frente Patriótica), com o objetivo de derrubar Schuschnigg. Ao mesmo tempo, o chanceler austríaco tentava conquistar Arthur Seyß-Inquart — um advogado austríaco e simpatizante nazista que se mantivera afastado dos integrantes mais arruaceiros do NSDAP — para incorporar os nazistas a uma direita patriótica na Áustria, o que acalmaria Berlim, mas preservaria a independência do país. Porém, Seyß era homem de Hitler e denunciou a Berlim exatamente o que Schuschnigg estava pronto para conceder. Os termos apresentados ao chanceler austríaco na reunião de 12 de fevereiro eram, em essência, uma versão expandida daqueles que ele mesmo apresentara a Seyß e já eram conhecidos de Berlim antes do encontro. Não obstante, a principal diferença era muito significativa: que Seyß assumisse o Ministério do Interior e que seus poderes fossem ampliados para incluir o controle da polícia.

Às onze horas da manhã de 12 de fevereiro, Papen encontrou-se com o chanceler austríaco, na companhia de Guido Schmidt e um ajudante, na fronteira austro-germânica, em Salzburgo, onde haviam passado a noite. Os visitantes austríacos não ficaram encantados quando souberam que três generais alemães faziam parte do grupo que os aguardava no Berghof. Nicolaus von Below, assessor de Hitler para a Luftwaffe, encarregara-se de garantir a presença de Keitel, além de um ou

dois generais de postura particularmente “marcial”. Sua sugestão de trazer os comandantes do Exército e da Força Aérea em Munique, Walter von Reichenau (um dos generais mais nazificados) e Hugo Sperrle (que no ano anterior comandara a Legião Condor, os esquadrões enviados para ajudar Franco na Espanha), fora aceita com entusiasmo por Hitler. Keitel chegara pela manhã de Berlim, junto com Ribbentrop. Os dois generais vieram de Munique. Hitler lhes disse que a presença deles tinha como único objetivo intimidar Schuschnigg com a ameaça implícita de força militar.

Tenso e nervoso, Hitler recebeu o chanceler austríaco na escada de seu retiro alpino com a devida polidez. Porém, assim que entraram no grande salão, com sua vista emocionante para as montanhas, seu humor mudou abruptamente. Quando Schuschnigg comentou a beleza do panorama, Hitler retrucou: “Sim, aqui minhas ideias amadurecem. Mas não estamos aqui para falar sobre a bela vista e o tempo”.

Ele conduziu o austríaco para seu estúdio, enquanto Papen, Schmidt, Ribbentrop e os outros ficaram de fora. Lá dentro, lançou um ataque feroz, que durou até a hora do almoço, sobre a longa história de “traições” da Áustria contra o povo alemão. Consta ter proferido as seguintes palavras ameaçadoras:

> E isso eu lhe digo, Herr Schuschnigg, estou firmemente decidido a dar um fim em tudo isso. [...] Tenho uma missão histórica, e a cumprirei porque a Providência me destinou a fazê-lo. [...] O senhor não acredita que pode me deter por meia hora, acredita? Quem sabe? Talvez eu apareça em algum momento em Viena, da noite para o dia, como uma tempestade de primavera. Então o senhor verá.

Enquanto isso, Ribbentrop apresentava a Guido Schmidt o ultimato de Hitler: fim a todas as restrições à atividade nacional-socialista na Áustria, anistia para todos os nazistas presos, nomeação de Seyß para o Ministério do Interior, com controle sobre as forças de segurança, designação de outro simpatizante nazista, Edmund Glaise-Horstenau (um ex-arquivista militar e historiador), para ministro da Guerra, e medidas para começar a integração do sistema econômico austríaco ao da Alemanha. As exigências deveriam ser cumpridas até 15 de fevereiro — prazo determinado pelo importante discurso de Hitler sobre política externa, marcado para 20 de fevereiro.

Hitler ameaçou invadir a Áustria se suas exigências não fossem cumpridas plenamente. Schuschnigg recusou-se a ceder às ameaças. Declarou que somente o

presidente austríaco podia fazer nomeações para o gabinete e conceder anistia. Não podia garantir que essas medidas seriam tomadas. Enquanto Schuschnigg se retirava para conversar com Schmidt, o berro de Hitler para que Keitel viesse imediatamente pôde ser ouvido em toda a casa. Quando o general chegou em marcha acelerada ao estúdio e perguntou o que deveria fazer, Hitler respondeu: "Nada. Sente-se". Após dez minutos de papo inconsequente, foi mandado embora.

Mas o impacto do lance atingiu Schuschnigg. A ameaça de invasão militar parecia muito real. Por fim, Papen negociou algumas alterações nas exigências alemãs e, sob pressão, os austríacos aceitaram o ponto mais incômodo, a nomeação de Seyß-Inquart. Hitler disse a Schuschnigg: "Pela primeira vez em minha vida resolvi reconsiderar uma decisão final". Abatido, Schuschnigg suspirou.

Duas semanas depois, ao estabelecer diretrizes para o irrequieto NSDAP austríaco, que ameaçara perturbar os acontecimentos com planos desenfreados de agitação, Hitler enfatizou que queria agir de acordo com "o modo evolucionário, podendo ou não prever a possibilidade de sucesso no momento. O protocolo assinado por Schuschnigg", continuou ele, "era de tão amplo alcance que, se fosse totalmente implementado, a questão austríaca seria resolvida automaticamente". Uma solução por meio da força era algo que não queria, se pudesse ser evitada, "uma vez que, para nós, o perigo na política externa está diminuindo ano após ano e a força militar se tornando ano após ano maior". Sua abordagem naquele momento estava em harmonia com a política evolucionária de Göring. Na sua avaliação, o aperto em Schuschnigg na reunião de fevereiro resolvera a questão. A Áustria não passava de um satélite da Alemanha. A extinção dos remanescentes de independência era uma questão de tempo. Não era preciso usar a força.

Seguindo a política do "cavalo de Troia" de solapar a independência austríaca por dentro, após a reunião de Berchtesgaden, Hitler concordou com a exigência de Seyß-Inquart — que combinava com representações anteriores do próprio Schuschnigg — de depor o capitão Josef Leopold, o líder dos turbulentos nacional-socialistas austríacos, e seu grupo. Mesmo assim, a reunião no Berghof e o discurso de Hitler em 20 de fevereiro, o primeiro a ser transmitido na íntegra pelas rádios austríacas — em que declarava que "no longo prazo", era "insuportável" para os alemães ver a separação de 10 milhões de companheiros alemães por fronteiras impostas por tratados de paz —, deram novo alento aos nazistas austríacos. Os

distúrbios aumentaram, especialmente na província da Estíria, no sudeste do país, onde o ressentimento pela perda de território para o novo Estado da Iugoslávia após a Primeira Guerra Mundial ajudara a alimentar o radicalismo que transformou a região numa incubadora de nazismo austríaco. A situação estava altamente volátil e as forças estatais austríacas mal conseguiam controlar os nazistas. Os apelos emocionais de Schuschnigg ao patriotismo e à independência austríaca apenas exacerbaram a tensão no país e irritaram ainda mais Hitler. Ao mesmo tempo, o chanceler, evidentemente impressionado com as ameaças alemãs de uso da força e ansioso para evitar qualquer coisa que pudesse provocá-la, tranquilizava a Grã-Bretanha, a França e a Itália dizendo que tinha a situação sob controle, em vez de buscar a simpatia estrangeira diante da tática pesada dos alemães. Entrementes, a renúncia, em 21 de fevereiro, à chefia das Relações Exteriores de Anthony Eden, desprezado pela liderança alemã, e sua substituição por lorde Halifax foi vista em Berlim como mais uma indicação da conciliação britânica.

O mesmo tom aparece nos comentários de sir Nevile Henderson, embaixador britânico em Berlim, que teve um encontro com Hitler em 3 de março. O Führer, mal-humorado, estava inflexível. Se a Grã-Bretanha se opusesse a um acordo justo na Áustria, onde Schuschnigg tinha o apoio de apenas 15% da população, a Alemanha teria de lutar, declarou. E, se interviesse, ele o faria como um raio. Sua meta era, no entanto, "que os justos interesses dos austríacos germânicos fossem garantidos e acabasse a opressão por um processo de evolução pacífica". Por mais inadequado que fosse descrever como "evolução pacífica" o solapamento do Estado austríaco por dentro mediante uma combinação de infiltração e agitação, apoiada pela intimidação alemã, a tática de pressão, em vez da conquista armada, ainda era a solução preferida para a questão austríaca.

Essas ideias foram jogadas ao mar pela decisão totalmente inesperada de Schuschnigg, anunciada na manhã de 9 de março, de realizar um referendo sobre a autonomia austríaca quatro dias depois. Os próprios nazistas pressionavam havia anos em favor de um plebiscito sobre a *Anschluß*, confiantes de que obteriam uma aprovação maciça a uma proposta apoiada por grande número de austríacos desde 1919. Mas o referendo de Schuschnigg, que pedia aos eleitores apoio para "uma Áustria livre e germânica, independente e social, cristã e unida; para liberdade e trabalho e para a igualdade de todos que se declaram pela raça e a pátria", estava

redigido em termos tendenciosos, que dificilmente deixariam de provocar o resultado desejado. Era grande a chance, portanto, de que o referendo levasse a uma rejeição direta à união com a Alemanha. Os planos alemães ficariam imediatamente em desordem. O prestígio do próprio Hitler estava em jogo. Os movimentos que se seguiram, que culminaram na invasão alemã da Áustria e a *Anschluß*, foram todos improvisados em alta velocidade.

O governo alemão foi totalmente surpreendido pela jogada de Schuschnigg. De início, Hitler não acreditou. Mas seu espanto deu logo lugar à fúria diante do que considerava uma traição do acordo de Berchtesgaden. Quando Goebbels foi convocado à presença de Hitler, Göring já estava lá. Contaram-lhe sobre o lance de Schuschnigg — "um golpe extremamente sujo" para "enganar" o Reich "por meio de um plebiscito estúpido e idiota". O trio ainda não sabia como reagir. Consideraram responder com a abstenção dos nazistas no plebiscito (o que prejudicaria sua legitimidade), ou enviar mil aeroplanos para lançar folhetos sobre a Áustria "e depois intervir ativamente". Por enquanto, a imprensa alemã foi instruída a não publicar nada sobre a Áustria.

Tarde da noite, talvez instigado por Göring, Hitler já estava mais animado. Goebbels foi chamado novamente. Glaise-Horstenau, em visita ao sul da Alemanha, foi convocado a Berlim por Göring, que também estava presente. "O Führer traça drasticamente para ele seus planos", registrou Goebbels. "Glaise recua diante das consequências." Mas Hitler, que continuou discutindo a situação com Goebbels até as cinco da madrugada, estava agora "a pleno vapor" e demonstrava "um maravilhoso estado de ânimo combativo". "Ele acredita que chegou a hora", anotou Goebbels. Ele queria consultar o travesseiro, mas estava certo de que a Itália e a Inglaterra não fariam nada. Uma ação da França era possível, mas não provável. "Os riscos não são tão grandes quanto os da época da ocupação da Renânia", foi a conclusão.

Que a liderança alemã não estava preparada para a ação é evidente: o ministro do Exterior Ribbentrop estava em Londres, Reichenau foi chamado de volta do Cairo e o general Erhard Milch (braço direito de Göring na Luftwaffe) teve de interromper suas férias na Suíça. O próprio Göring deveria presidir a corte militar que julgaria o caso de Fritsch, cuja primeira audiência estava marcada para 10 de março. A audiência foi suspensa porque ele recebeu uma mensagem exigindo sua

presença imediata na Chancelaria do Reich. Goebbels também foi chamado e encontrou o Führer mergulhado em pensamentos, inclinado sobre mapas. Discutiram-se planos para transportar 4 mil nazistas austríacos que haviam sido exilados na Baviera, junto com 7 mil reservistas paramilitares.

O comando da Wehrmacht ficou totalmente surpreso com o pedido de Hitler para discutir os planos para a intervenção militar. Keitel, convocado às pressas na manhã de 10 de março, sugeriu de forma covarde chamar Brauchitsch e Beck, sabendo muito bem que tais planos não existiam, mas querendo evitar contar isso a Hitler. Brauchitsch não estava em Berlim. Beck disse a Keitel: "Não preparamos nada, nada aconteceu, nada". Mas suas objeções foram desconsideradas no ato por Hitler, e foi mandado embora para informar em poucas horas quais unidades do Exército estariam prontas para marchar na manhã do dia 12.

Por volta da meia-noite, Goebbels foi mais uma vez chamado por Hitler. "Os dados foram lançados", anotou. "No sábado, marcha. Direto para Viena. Grande atuação de aeroplanos. O Führer vai em pessoa à Áustria. Göring e eu ficaremos em Berlim. Em uma semana, a Áustria será nossa." Ele discutiu os arranjos de propaganda com Hitler, depois retornou ao seu ministério para trabalhar neles até as quatro da madrugada. Ninguém mais tinha permissão para sair do ministério até o início da "ação". A atividade era febril. "De novo, um grande momento. Com uma grande tarefa histórica. [...] É maravilhoso", escreveu ele.

Naquela manhã de 11 de março, ocupava lugar de destaque na cabeça de Hitler a reação provável de Mussolini. Por volta do meio-dia, mandou uma carta manuscrita, via seu emissário, príncipe Philipp de Hesse, dizendo ao Duce que, como "filho desse solo [austríaco]", não podia mais ficar parado, mas se sentia obrigado a intervir para restaurar a ordem em sua terra natal. Assegurava Mussolini de sua simpatia intacta e enfatizava que nada alteraria seu acordo para manter a fronteira Brenner. Mas, qualquer que fosse a reação do Duce, Hitler já havia divulgado sua diretriz para o "Caso Otto", expressando sua intenção de invadir a Áustria, caso outras medidas — as exigências apresentadas por Seyß-Inquart a Schuschnigg — falhassem. A ação, sob seu comando, ocorreria "sem o uso de força, na forma de uma entrada pacífica saudada pelo povo".

Hitler enviara o primeiro ultimato por volta das dez da manhã, exigindo que Schuschnigg adiasse o referendo por duas semanas para permitir que se realizasse

um plebiscito semelhante ao do Sarre em 1935. O chanceler austríaco renunciaria para dar lugar a Seyß-Inquart. Todas as restrições aos nacional-socialistas deveriam ser levantadas. Quando Schuschnigg, por volta das 14h45, aceitou o adiamento do plebiscito, mas rejeitou renunciar, Göring agiu por iniciativa própria e repetiu o ultimato que exigia sua substituição por Seyß. Com aparência atormentada e tensa, Seyß apresentou o ultimato ao gabinete austríaco, com a observação de que ele não era mais do que "uma telefonista". Àquela altura, continuavam os preparativos militares na Alemanha, "mas a marcha ainda é incerta", registrou Goebbels. Discutiram-se planos para fazer de Hitler presidente federal, a ser aclamado pelo voto popular "e depois, pouco a pouco, completar a *Anschluß*". No futuro imediato, o que se imaginava era a "coordenação" da Áustria, e não a *Anschluß* completa.

Chegou a notícia de que somente parte do segundo ultimato fora aceita. O apelo desesperado de Schuschnigg por ajuda dos britânicos provocou um telegrama de lorde Halifax que declarava descaradamente: "O governo de Sua Majestade não está em condições de garantir proteção". Por volta das 15h30, Schuschnigg renunciou. Mas o presidente Wilhelm Miklas recusava-se a nomear Seyß-Inquart chanceler. Outro ultimato foi enviado a Viena, com prazo até as 19h30. Àquela altura, Göring estava a todo vapor. Ao voltar à Chancelaria do Reich no começo da noite, Nicolaus von Below o encontrou "em seu elemento", constantemente ao telefone com Viena, completo "senhor da situação". Pouco antes das oito horas daquela noite, Schuschnigg fez um discurso emocionado no rádio em que descrevia o ultimato. A Áustria, disse ele, cedera à força. Para evitar o derramamento de sangue, as Forças Armadas não ofereceriam resistência.

Já então, turbas de nazistas tumultuavam as cidades austríacas, ocupando os prédios dos governos provinciais. Os líderes nazistas locais esperavam por uma *Gleichschaltung* [coordenação] com a tomada do poder de dentro para impedir uma invasão da Alemanha. Göring pressionou Seyß-Inquart a mandar um telegrama combinado de antemão, ditado de Berlim, em que pedia ao governo alemão ajuda para "restaurar a ordem" nas cidades austríacas, "para que tenhamos legitimação", como Goebbels admitiu francamente. Às 20h48, Seyß ainda se recusava a mandar o telegrama. Göring retrucou que não era necessário mandá-lo: tudo o que Seyß precisava fazer era dizer "concordo". Por fim, o telegrama foi enviado às 21h10. Era irrelevante. Vinte e cinco minutos antes, persuadido por Göring de que ficaria

desacreditado se não agisse depois de mandar o ultimato, Hitler já dera à Wehrmacht a ordem de marchar. Brauchitsch saíra da Chancelaria com a ordem de invasão no bolso, deprimido e preocupado com a reação no exterior. Pouco antes das 22h30, Hitler recebeu a notícia que aguardava impaciente: Mussolini estava disposto a aceitar a intervenção alemã. Extremamente aliviado, falou aos borbotões pelo telefone com Philipp de Hesse: "Por favor, diga a Mussolini que jamais o esquecerei por isso, jamais, jamais, jamais, aconteça o que acontecer". E, levado pelo entusiasmo, acrescentou: "Se alguma vez ele precisar de ajuda ou estiver em perigo, pode ter certeza de que, em qualquer situação, estarei ao seu lado, aconteça o que acontecer, mesmo que o mundo inteiro se levante contra ele".

À meia-noite, o presidente Miklas cedeu. Seyß-Inquart foi designado para a Chancelaria federal. Todas as exigências alemãs haviam sido cumpridas. Mas a invasão foi em frente. O jornalista americano William Shirer, observando as cenas em Viena, comentou com ironia: com a invasão, Hitler infringiu os termos de seu próprio ultimato. A "visita amiga" das tropas alemãs começou às 5h30.

Mais tarde, na mesma manhã, Hitler, acompanhado por Keitel, aterrissou em Munique, a caminho de sua entrada triunfal na Áustria, deixando Göring em seu lugar no Reich. Ao meio-dia, o cortejo de Mercedes de cor cinza, com teto aberto apesar do tempo gelado, já chegara a Mühldorf am Inn, perto da fronteira austríaca. O general Fedor von Bock, comandante em chefe do recém-formado Oitavo Exército, montado às pressas em dois dias com unidades da Baviera, pôde contar a Hitler que as tropas alemãs haviam sido recebidas com flores e júbilo desde que cruzaram a fronteira, duas horas antes. Hitler ouviu o informe sobre as reações no exterior do chefe de Imprensa do Reich Otto Dietrich. Ele não esperava complicações militares nem políticas e deu a ordem de partir para Linz.

Em Berlim, Frick redigia um conjunto de leis para regulamentar a tomada alemã da Áustria. Uma *Anschluß* plena — a incorporação completa da Áustria, marcando seu desaparecimento como país — ainda não era prevista; de qualquer modo, não no futuro imediato. Prescreviam-se eleições para 10 de abril, com a Áustria "sob proteção da Alemanha". Hitler seria presidente federal, determinando a Constituição. "Podemos então levar as coisas adiante como quisermos", comentou Goebbels. O próprio Hitler não sugeriu uma *Anschluß* em sua proclamação, lida ao meio-dia por Goebbels no rádio alemão e austríaco, declarando apenas que haveria

um “verdadeiro plebiscito” sobre o futuro e o destino da Áustria em breve.

Pouco antes das quatro da tarde, Hitler cruzou a fronteira austríaca pela ponte estreita de seu lugar de nascimento, Braunau am Inn. Os sinos da igreja tocavam. Dezenas de milhares de pessoas, extasiadas de alegria, perfilaram-se nas ruas da pequena cidade. Mas Hitler não se demorou. O valor propagandístico, e não o sentimento, ditara sua visita. Braunau desempenhou seu curto papel simbólico. Era o suficiente. O cortejo seguiu em sua jornada triunfal para Linz.

O avanço foi muito mais lento do que o esperado devido às multidões radiantes que enchiam as laterais da estrada. Foi na escuridão, quatro horas depois, que Hitler chegou finalmente à capital da Alta Áustria. Seus guarda-costas abriram caminho em meio à multidão para que ele pudesse chegar a pé à prefeitura. Sinos repicaram; a multidão extasiada gritava “Heil”; Seyß-Inquart mal conseguiu se fazer ouvir em suas palavras introdutórias. Hitler parecia profundamente comovido. Lágrimas escorreram por seu rosto. Em seu discurso, da sacada da prefeitura de Linz, disse às massas, que o interrompiam constantemente com aclamações arrebatadas, que a Providência o havia escolhido para devolver sua terra natal ao Reich alemão. Eles eram testemunhas agora de que ele cumprira sua missão.

Uma vez mais, os planos foram alterados de modo rápido. Ele pretendia ir direto para Viena, mas decidiu ficar em Linz no dia seguinte, domingo, 13 de março, e entrar em Viena na segunda-feira. A recepção extraordinária causara um impacto enorme nele. Disseram-lhe que os jornais estrangeiros já falavam da *Anschluß* da Áustria com a Alemanha como um fato consumado. Foi nessa atmosfera que a ideia de anexar a Áustria de imediato tomou forma rapidamente.

Ouviram Hitler dizer, excitado, que não queria meias medidas. Stuckart, do Ministério do Interior do Reich, foi convocado às pressas a Linz para esboçar a legislação. Numa entrevista que deu ao jornalista britânico Ward Price, Hitler insinuou que a Áustria se tornaria uma província alemã “como a Baviera ou a Saxônia”. Evidentemente, ele meditou sobre o assunto durante a noite. No dia seguinte, 13 de março, a *Anschluß*, não pretendida antes da noite anterior, foi completada. A visita de Hitler a Leonding, onde depositou flores no túmulo de seus pais e visitou a casa em que sua família morara, encontrando alguns conhecidos que não via havia trinta anos, talvez tenha reforçado a crença, estimulada na noite anterior pela recepção em Linz, de que a Providência o predestinara a unir sua terra

natal ao Reich.

Stuckart chegara durante a noite e estava projetando a Lei para a Reunião da Áustria com o Reich Alemão, redigida às pressas com muitas trocas de ideias entre ele em Linz e Keppler em Viena. Por volta das cindo da tarde, o Conselho Ministerial da Áustria — órgão que era agora muito diferente do gabinete de Schuschnigg — aceitou por unanimidade o projeto de Stuckart, com uma ou duas pequenas reformulações. A reunião durou apenas cinco minutos e terminou com os membros do Conselho erguendo-se para fazer a "saudação alemã". O presidente Wilhelm Miklas entregou o cargo mais ou menos na mesma hora, recusando-se a assinar a lei da reunião e entregando seus poderes a Seyß-Inquart. À noite, Seyß e Keppler foram de carro a Linz para confirmar que a lei fora aceita. Hitler assinou-a antes do fim da noite. A Áustria tornava-se uma província alemã.

Imediatamente, o Exército austríaco jurou obediência a Hitler. Num lance surpreendente, o *Gauleiter* Josef Bürckel, um "velho combatente" de confiança do movimento, mas sem conexões com a Áustria, foi trazido do Sarre para reorganizar o NSDAP. Hitler estava bem consciente da necessidade de pôr o partido da Áustria na linha o mais breve possível e não o deixar nas mãos da turbulenta, indisciplinada e imprevisível liderança austríaca.

No meio da manhã de 14 de março, Hitler partiu de Linz para Viena. A multidão exultante saudou o cortejo de limusines — treze carros da polícia acompanhavam sua Mercedes — até a capital, aonde ele chegou, novamente atrasado, no fim da tarde. Por ordem do cardeal Innitzer, arcebispo de Viena, todas as igrejas católicas da cidade tocaram sinos em homenagem a Hitler e penduraram estandartes com a suástica em seus campanários — um gesto extraordinário, tendo em vista a "luta contra a Igreja" que havia imperado no Reich nos anos anteriores. Hitler teve de aparecer várias vezes no balcão do Hotel Imperial em resposta aos gritos contínuos da multidão de "Queremos ver nosso Führer".

No dia seguinte, 15 de março, com um belo tempo de primavera, Hitler falou para uma multidão delirante estimada em 250 mil pessoas, na Heldenplatz de Viena. O Partido Nazista vienense esperara impacientemente por três dias sua chegada à capital. Seus membros tiveram tempo para assegurar que os preparativos fossem completos. Locais de trabalho receberam ordens para fechar; muitas fábricas e escritórios levaram seus empregados em grupo para ouvir o discurso

histórico; as escolas não abriam desde sábado; as meninas da Juventude Hitlerista da Bund Deutscher Mädel foram trazidas de ônibus de todos os lugares da Áustria; formações do partido compareceram em massa. Mas, mesmo levando-se em conta toda a organização, era inegável — e contagioso — o entusiasmo arrebatado da imensa multidão. Os menos entusiásticos já haviam sido intimidados pela brutalidade desatada das hordas nazistas, que exploravam seu triunfo desde o fim de semana para infligir espancamentos terríveis ou roubar e saquear à vontade, ou pelas primeiras ondas de prisões (já alcançando entre 10 mil e 20 mil nos primeiros dias) orquestradas por Himmler e Heydrich, que chegaram a Viena em 12 de março.

Cheia de presságios no discurso de Hitler foi sua referência à "nova missão" da "Província Limítrofe Oriental do povo alemão" (como o outrora país independente da Áustria passaria a ser conhecido) como o "baluarte" contra as "tempestades do leste". Sob uma aclamação tumultuosa que durou vários minutos, ele terminou declarando "diante da história, a entrada de minha terra natal no Reich germânico".

No início da noite, Hitler voou de volta a Munique, antes de retornar no dia seguinte a Berlim e ter outra "recepção de herói". Dois dias depois, em 18 de março, o Reichstag, convocado às pressas, ouviu seu relato dos eventos que levaram ao que ele descreveu como o "cumprimento da suprema comissão histórica". Dissolveu então o Parlamento e marcou novas eleições para 10 de abril. Em 25 de março, em Königsberg, iniciou o que seria sua última campanha "eleitoral", realizando seis dos catorze discursos principais na antiga Áustria. Em ambas as partes do Reich ampliado, a máquina de propaganda entrou novamente em ritmo frenético. Os jornais foram proibidos de usar a palavra *ja* [sim] em qualquer outro contexto que não fosse o do plebiscito. Em 10 de abril, os resultados foram anunciados: 99,08% dos eleitores do "Velho Reich" e 99,75% da Áustria votaram a favor da *Anschluß* e da "lista do Führer". O ministro da Propaganda Goebbels congratulou a si mesmo: "Esse resultado eleitoral de quase 100% é a mesma coisa que uma insígnia de honra para todos os propagandistas eleitorais", concluiu.

Do ponto de vista de Hitler, foi um resultado quase perfeito. Independentemente dos métodos manipuladores, fraudes e pressões que ajudaram a produzi-lo, o fato é que o apoio genuíno à ação de Hitler foi maciço. De novo, um

triunfo na política externa fortalecia sua posição dentro e fora do país. Para a massa do povo alemão, Hitler parecia uma vez mais um estadista de talentos extraordinários. Para os líderes das democracias ocidentais, a ansiedade em relação à instabilidade crescente na Europa central aumentou mais ainda.

A aventura austríaca acabara. As atenções de Hitler já se dirigiam para outro lugar. Poucos dias depois de retornar de Viena, examinava mapas com Goebbels. "A Tchecoslováquia vem em primeiro lugar agora", o ministro da Propaganda registrou. "E drasticamente, na próxima oportunidade. [...] O Führer é maravilhoso. [...] Um verdadeiro gênio. Agora ele se senta diante do mapa durante horas e rumina. Comovente quando diz que quer experimentar o grande Reich alemão dos teutônicos pessoalmente."

A *Anschluß* foi o divisor de águas para Hitler e para o Terceiro Reich. A embriaguez das multidões fez com que se sentisse como um deus. A rápida improvisação da *Anschluß* provou mais uma vez — assim lhe parecia — que ele poderia fazer o que quisesse. Seus instintos, ele acreditava, estavam sempre corretos. As "potências" ocidentais eram débeis. Na Alemanha, os duvidosos e céticos, como sempre, revelavam-se fracos e errados. Não havia ninguém capaz de atravessar seu caminho.

Com a incorporação de sua terra natal, Hitler criara a "Grande Alemanha". Ele estava impaciente por mais. A *Anschluß* sugeria a ele que o Grande Reich germânico, abrangendo todos os alemães e dominando a Europa continental, não tinha de ser um projeto de longo prazo, como antes imaginava. Ele mesmo poderia criá-lo. Mas tinha de ser logo. A incorporação da Áustria havia enfraquecido seriamente as defesas da Tchecoslováquia — o Estado eslavo que ele detestava desde sua fundação, aliado dos bolcheviques e da França. O próximo passo do domínio alemão sobre o continente europeu lhe acenava.

A *Anschluß* não pôs em movimento apenas a montanha-russa da expansão externa. Ela deu ímpeto maciço ao ataque aos "inimigos internos". A repressão foi feroz — pior ainda do que havia sido na Alemanha após a tomada do poder pelos nazistas, em 1933. Os defensores do regime derrubado, mas especialmente os socialistas, comunistas e judeus — caçados sob a égide do astro em ascensão no Departamento Judaico do SD, Adolf Eichmann — foram postos aos milhares em "custódia preventiva".

Muitos outros judeus foram maltratados, espancados e torturados com sofrimentos horríveis por sicários nazistas que pilhavam e destruíam. Lojas judaicas foram saqueadas à vontade. Judeus foram roubados nas ruas, perdendo dinheiro, joias e casacos de pele. Grupos de judeus, homens e mulheres, jovens e velhos, foram arrastados de escritórios, lojas e lares e forçados a escovar as calçadas em "esquadrões de limpeza", vigiados por seus supliciadores que os chutavam, jogavam água fria e suja neles e os submetiam a toda forma de humilhação impiedosa, enquanto os espectadores gritavam "trabalho para os judeus, finalmente".

Milhares tentaram fugir. Eles encheram as estações de trem, tentando ir para Praga. Os poucos bens que levavam consigo foram-lhes arrancados por esquadrões de homens usando braçadeiras com a suástica que se reuniram nas estações, "confiscando" propriedades à vontade, entrando nos compartimentos dos trens e arrastando para fora vítimas selecionadas arbitrariamente para mais maus-tratos e internação. Aqueles que partiram no expresso noturno das 23h15 acharam que haviam escapado, mas foram obrigados a voltar na fronteira tcheca. Seu suplício estava apenas começando. Outros tentaram fugir de carro. Logo as estradas para a fronteira tcheca estavam engarrafadas. Elas ficaram cheias de carros abandonados quando seus ocupantes, ao perceber que as autoridades tchecas estavam obrigando os refugiados a voltar, se dirigiram para os bosques a fim de cruzar a fronteira ilegalmente a pé.

Para muitos, havia uma única saída. Naqueles dias terríveis, o suicídio na comunidade judaica vienense tornara-se lugar-comum.

A campanha para erradicar os "inimigos do povo", que havia se acalmado na Alemanha na metade da década de 1930 e começara a ganhar novo impulso em 1937, foi revitalizada com as novas "oportunidades" que se abriram na Áustria. A campanha radicalizada seria rapidamente reimportada para o "Velho Reich", tanto na nova e terrível onda de antissemitismo do verão de 1938 como — por trás dos panos, mas em última análise ainda mais sinistra — na expansão do envolvimento da SS na busca de soluções para a "questão judaica".

Após os tremores do caso Blomberg-Fritsch, a posição interna de Hitler era agora mais forte do que nunca. No que dizia respeito à *Anschluß*, a vasta maioria dos oficiais estava de acordo com o povo: só podiam aprovar e — embora, às vezes,

a contragosto — admirar o último triunfo de Hitler. Na massa da população, “o milagre alemão” produzido por Hitler liberou o que foi descrito como “um frenesi elementar de entusiasmo” — depois que ficou claro que as potências ocidentais novamente ficariam olhando e não fariam nada e que “nosso Führer conseguiu vencer sem derramamento de sangue”. Seria a última vez que o povo alemão — agora com a adição de seus primos do leste, cuja desilusão rápida logo dissipou a euforia transbordante com que muitos saudaram Hitler — sentiria a ameaça de guerra levantada com tanta rapidez por obra de um golpe de política externa completado em poucos dias e apresentado como fato consumado. A crise seguinte, relacionada com os Sudetos, se arrastaria durante meses e deixaria o povo alemão quase em pânico com a probabilidade de uma guerra. E, se Hitler tivesse feito as coisas como queria, a guerra teria logo acontecido.

II

Até a *Anschluß*, os principais triunfos na política externa estavam alinhados com as expectativas revisionistas e nacionalistas dos interesses poderosos do Reich e, de modo bastante especial, do Exército. Os métodos — que o Exército, o Ministério do Exterior e outros viam com desconfiança — eram hitleristas. O momento havia sido determinado por Hitler. As decisões de agir eram somente dele. Mas, em cada caso, houve um forte apoio, e alguma hesitação, de seus assessores. E, em cada caso, ele estava refletindo diversas correntes de expressão revisionista. A imensa popularidade de seus triunfos entre todos os setores da elite política e as massas da população testemunhava o consenso subjacente por trás do revisionismo. As primeiras crises também haviam sido de curta duração. Em cada caso, a tensão durara pouco e o sucesso fora alcançado rapidamente. E, em cada caso, o júbilo popular foi, em parte, uma manifestação de alívio porque as potências ocidentais não intervieram, porque a ameaça de uma nova guerra — o que provocava arrepios de horror na espinha das pessoas mais comuns — fora afastada. A popularidade e o prestígio resultantes para Hitler deviam-se muito aos seus "triunfos sem derramamento de sangue". A debilidade e as divisões entre as potências ocidentais haviam sido, em cada caso, a plataforma para os golpes incruentos do Führer.

No verão de 1938, pela primeira vez, a política externa de Hitler foi além do revisionismo e da integração nacional, ainda que as potências ocidentais não tenham entendido isso. Independente do verniz público da preocupação com o tratamento dos alemães dos Sudetos, não havia dúvida, para os grupos dominantes da Alemanha que conheciam o pensamento de Hitler, de que seu objetivo não era somente a incorporação dos Sudetos ao Reich alemão, mas a destruição do próprio Estado da Tchecoslováquia. No fim de maio, essa meta e o momento imaginado para alcançá-la já haviam sido apresentados à liderança das Forças Armadas. Ela significava guerra — certamente contra a Tchecoslováquia e provavelmente (assim parecia para outros), apesar de Hitler presumir o contrário, contra as potências ocidentais. Estava claro, de forma inquestionável, que Hitler queria a guerra.

A imprudência de cortejar o desastre com o totalmente desnecessário (na opinião deles) risco de guerra contra as potências ocidentais — contra as quais, avaliavam, a Alemanha não poderia ganhar, no estado de preparação em que estava

— amedrontava e horrorizava vários daqueles que sabiam o que Hitler tinha em mente.

Não era a perspectiva de destruir a Tchecoslováquia que os afastava. Aos olhos nacionalistas alemães, esse país só podia ser visto como algo irritante que ocupava uma área estrategicamente crucial. Além disso, sob o disfarce de um preconceito antieslavo, havia pouca estima por uma democracia, hostil ao Reich, cuja destruição traria grandes vantagens para a dominação militar e econômica alemã na Europa central. Já em 1937, o Exército fizera planos para um ataque preventivo à Tchecoslováquia — *Fall Grün* [Caso Verde] — caso os tchecos atacassem o Reich do leste e seus aliados, os franceses, do oeste. Como a perspectiva de guerra contra a França, algo levado extremamente a sério em meados da década de 1930, havia arrefecido, o Caso Verde foi retificado um mês após a "reunião de Hoßbach", de 5 de novembro de 1937, para levar em conta as prováveis circunstâncias em que a Wehrmacht invadiria a Tchecoslováquia a fim de resolver o problema do "espaço vital".

A queda da Tchecoslováquia oferecia uma perspectiva sedutora também no plano econômico. Göring, sua equipe que dirigia o Plano Quadrienal e os líderes da indústria de armamentos lançavam olhares de cobiça para as matérias-primas e fábricas de armamentos tchecas. As pressões da expansão econômica combinavam plenamente com os objetivos de poder político da liderança do regime. Aqueles que defendiam uma estratégia econômica diferente, sobretudo Schacht, haviam perdido influência. Göring era a figura dominante. E, em seus sonhos de domínio alemão no sudeste da Europa, a aquisição da Tchecoslováquia era crucial.

Mas o que forçou a crise tcheca em 1938 não foi nem a estratégia militar nem a necessidade econômica. E até Göring, entusiasta do fim do Estado tcheco, estava ansioso, assim como outras figuras do alto escalão do regime, para evitar o que parecia ser a consequência quase certa de um ataque à Tchecoslováquia: a guerra contra as potências ocidentais.

Foi a visão de um desastre nacional o que levou, pela primeira vez, ao surgimento hesitante de tendências significativas de oposição ao que era visto como a "loucura" de Hitler. Na liderança do Exército (ainda sofrendo as consequências do escândalo de Fritsch), no Ministério do Exterior e em outros altos escalões, os germes da resistência estavam plantados entre aqueles certos de que a Alemanha

estava sendo conduzida para a catástrofe. Nas forças militares, os principais oponentes da política de alto risco de Hitler foram o general Beck, que renunciou à chefia do Estado-Maior no verão, e o almirante Wilhelm Canaris, chefe da Abwehr (inteligência militar). No Ministério das Relações Exteriores, o secretário-geral Ernst von Wiezsäcker estava à frente dos que se opunham à política apoiada avidamente por seu superior imediato, o ministro Von Ribbentrop. Entre os civis com conhecimento do que estava acontecendo, Carl Goerdeler, ex-comissário de Preços do Reich, utilizou seus amplos contatos externos para advertir sobre os objetivos de Hitler.

Não havia, assim, pressão para uma aventura no exterior, muito menos a favor de uma ação que provavelmente provocaria uma guerra com as potências ocidentais. Entre as pessoas comuns, excluídas das deliberações nas altas esferas que mantinham a Europa sobre a mais fina das cordas bambas entre a guerra e a paz em setembro, a prolongada crise em relação à Tchecoslováquia, que perdurou da primavera ao verão, ao contrário de crises anteriores, deu tempo para que as ansiedades em relação à guerra ganhassem ímpeto. A tensão aguda produziu o que foi descrito como uma "verdadeira psicose da guerra". Os alemães não morriam de amores pelos tchecos. E a persistente propaganda sobre a suposta perseguição que faziam à minoria alemã não deixava de causar impacto. Na verdade, havia quem alimentasse sentimentos entusiásticos a favor da agressão, mas estavam restritos, em larga medida, a jovens alemães crédulos que não haviam vivido durante a Primeira Guerra Mundial. O sentimento dominante era um desejo ardente de que a guerra fosse evitada e a paz preservada. Pela primeira vez, havia um indício de falta de confiança na política de Hitler. A maioria esperava dele que preservasse a paz e não conduzisse a Alemanha a uma nova guerra. Mas, dessa vez, tanto para os principais atores do drama quanto para os milhões que lhe assistiam ansiosamente, a guerra parecia um final mais provável do que a paz.

Entre aqueles que tinham poder e influência, o defensor mais direto da guerra para destruir a Tchecoslováquia era o novo ministro do Exterior, Joachim von Ribbentrop, pessoa totalmente diferente de seu antecessor conservador, Von Neurath. Ribbentrop estava mais disposto a deixar sua marca no ministério e compensar o constrangimento que sofrera — em boa medida, obra de Göring — quando fora deixado de lado em Londres e não pudera desempenhar nenhum papel

no triunfo na Áustria, de cujo planejamento participara seu rival na política externa. Naqueles meses, ele foi o principal sustentáculo de Hitler. Seu ódio da Inglaterra — país que o havia desprezado e ridicularizado — e sua devoção aduladora ao Führer faziam dele o mais agressivo dos linhas-duras, um belicista que só perdia para o próprio Hitler. Quando não estava incitando Hitler, fazia o máximo para sustentar a convicção de que, na hora H, a Grã-Bretanha não lutaria e que uma guerra seria localizada.

Porém, apesar de toda a influência de Ribbentrop, não há dúvida de que a crise que levou a Europa à beira da guerra no verão de 1938 foi instigada e dirigida pelo próprio Hitler. E, ao contrário da improvisação e da rapidez que haviam caracterizado as crises anteriores, esta foi conscientemente projetada para crescer ao longo de meses.

Até 1938, os movimentos de Hitler na política externa foram ousados, mas não imprudentes. Ele havia mostrado uma consciência perspicaz da fraqueza dos adversários, um instinto seguro para explorar divisões e incertezas. Seu senso de oportunidade era excelente, sua combinação de blefe e chantagem, eficaz, sua manipulação da propaganda em apoio a seus golpes, magistral. Fora mais longe e mais rápido do que se poderia esperar na revisão dos termos de Versalhes e na mudança para melhor dos acordos diplomáticos do pós-guerra. Do ponto de vista das potências ocidentais, seus métodos, para dizer o mínimo, eram de uma diplomacia não convencional — crus, brutais, intragáveis —, mas seus objetivos estavam de acordo com o tradicional clamor nacionalista alemão. Até a *Anschluß*, ele se mostrara um consumado político nacionalista. Durante a crise dos Sudetos, alguma simpatia pela exigência de incorporar as áreas de língua alemã ao Reich — numa espécie de outra *Anschluß* — ainda existia entre aqueles dispostos a engolir a propaganda de Goebbels sobre os maus-tratos impingidos aos alemães pelos tchecos, ou ainda a aceitar que mais um problema de nacionalidade carecia de solução. Foi preciso a crise para deixar claro que Hitler não se deteria diante de nada.

A primavera de 1938 marcou a fase em que a obsessão de Hitler de cumprir sua “missão” durante sua própria vida começou a tomar o lugar do cálculo político frio. Seu sentimento de infalibilidade, amplamente reforçado pelo triunfo da *Anschluß*, sustentou sua crescente confiança na vontade própria, acompanhado por sua

disposição cada vez menor para ouvir conselhos contrários. O fato de ter estado sempre certo em sua avaliação sobre a fraqueza das potências ocidentais no passado, a despeito da cautela de seus assessores no Exército e no Ministério do Exterior, convenceu-o de que sua avaliação atual era infalivelmente correta. Para Hitler, as potências ocidentais não fariam nada para defender a Tchecoslováquia. Ao mesmo tempo, isso fortalecia sua convicção de que a posição do Reich em relação a tais potências só poderia piorar, à medida que a acumulação de armas por parte delas começasse a se aproximar do ritmo do rearmamento da Alemanha. Permanecer inativo — elemento recorrente no seu modo de pensar — não era uma opção: isso apenas favoreceria os inimigos. Portanto, seu raciocínio característico era: agir sem demora para manter a vantagem.

Em sua opinião, o momento estava maduro para atacar a Tchecoslováquia. Enquanto esse país não fosse eliminado — era esse o elemento estratégico chave para Hitler —, a Alemanha seria incapaz de agir no leste ou no oeste. Ele havia passado de uma posição na política externa em que era indiretamente apoiado pela Grã-Bretanha para uma outra em que estava disposto a agir sem ela e, se necessário, contra ela. Apesar das apreensões dos outros, ele achava que a guerra contra a Tchecoslováquia traria poucos riscos. E se as potências ocidentais, ao contrário do que ele esperava, fossem suficientemente tolas para se envolver, a Alemanha as derrotaria.

Mas o que é importante notar aqui não é a construção do argumento da "pressa" em atacar a Tchecoslováquia, e sim que Hitler já estava, neste momento, em condições de passar por cima ou ignorar objeções de peso e determinar, sozinho, que a Alemanha fosse levada à beira de uma guerra europeia generalizada. Nisso, foi decisivo o processo, que seguimos, da expansão de seu poder em relação às outras instâncias do regime, até o ponto em que, na primavera de 1938, ele já se libertara de todas as restrições institucionais e estabelecera uma supremacia inconteste sobre todos os setores do "cartel do poder". Seus cinco anos de governo altamente personalizado haviam acabado com qualquer aparência de envolvimento coletivo na direção política. Esse estado de coisas tornou, ao mesmo tempo, quase impossível a organização de qualquer oposição dentro da elite do poder — para não falar das ameaças que representava à vida e à liberdade. O espaço para conselhos mais cautelosos havia diminuído muito. A constante "guerra de todos contra todos"

hobbesiana — os feudos de poder em competição que caracterizavam o regime nacional-socialista — acontecia num nível abaixo de Hitler, realçando sua extraordinária posição de fonte de toda autoridade e dividindo os interesses tanto pessoais como seccionais das diferentes entidades de poder (o movimento, a burocracia estatal, o Exército, o empresariado, a polícia e os sub-ramos de cada uma delas). Hitler era, portanto, a única peça central, capaz de lidar internamente — tal como na política externa — com relações bilaterais, oferecendo apoio aqui, negando-o ali, como único árbitro, mesmo quando preferia deixar — ou se sentia obrigado a isso — as coisas rolarem e seus subordinados brigarem entre si. Era menos uma estratégia de "dividir para governar" do que uma consequência inevitável da autoridade do Führer. Sem quaisquer órgãos de coordenação para unificar as políticas oficiais, cada interesse seccional no Terceiro Reich podia prosperar somente com a legitimidade do apoio do Führer. Portanto, todos "trabalhavam para o Führer" a fim de obter ou sustentar esse apoio, assegurando, desse modo, que seu poder aumentasse ainda mais e que suas obsessões ideológicas fossem promovidas.

A inexorável desintegração das estruturas coerentes de governo foi, portanto, ao mesmo tempo o produto do culto disseminado do Führer, que refletia e exagerava a supremacia absoluta de Hitler, e o vetor da criação do mito do Líder infalível, que via e sabia de tudo, e que se tornou por fim o verdadeiro princípio do governo. Ademais, como testemunhamos até agora, Hitler havia, no processo, engolido o próprio culto do Führer, com isca, linha e chumbada. Ele era o crente mais ardente em sua infalibilidade e seu destino. Não era uma boa premissa para uma tomada de decisão racional.

A cumplicidade de todos os setores do regime com o crescimento do culto ao Führer, a isenção de que ele gozava mesmo entre os críticos internos do partido ou da Gestapo e a plena consciência da imensa popularidade do "grande Líder", tudo isso contribuía para tornar extremamente difícil, no verão de 1938 — primeira vez em que afloraram ansiedades profundas a respeito do rumo de sua liderança —, pensar em retirar o apoio a Hitler e, muito menos, tomar medidas de oposição de qualquer tipo.

De todo modo, a extensão da oposição aos planos de ataque à Tchecoslováquia não deve ser superestimada. Dentro do regime, somente o Exército tinha potencial

para bloquear Hitler. Por certo, o caso Blomberg-Fritsch deixara um legado de raiva, desgosto e desconfiança na liderança das Forças Armadas, mas tais sentimentos dirigiam-se menos a Hitler do que à cúpula da SS e da polícia.

Após as mudanças de fevereiro de 1938, a posição do Exército se enfraquecera em relação a Hitler. No processo, a liderança das Forças Armadas fora transformada num adjunto do poder de Hitler, em vez de o "Estado dentro do Estado" que havia sido efetivamente desde a época de Bismarck. No verão de 1938, quaisquer que fossem as ansiedades em relação ao risco de guerra com as potências ocidentais, a liderança das Forças Armadas já estava dividida. Hitler podia contar com o apoio incondicional de Keitel e Jodl no Alto-Comando da Wehrmacht. Podia confiar em Brauchtisch para manter o Exército em linha, independente das reservas de alguns generais. Raeder estava, como sempre, totalmente a favor de Hitler e já preparava a Marinha para uma eventual guerra contra a Grã-Bretanha. Göring, o chefe da Luftwaffe, temia essa guerra e via nela a negação de sua concepção da política expansionista alemã, mas cedia sempre à autoridade superior do Führer em todos os pontos em que sua opinião começava a divergir da dele. Desse modo, quando Beck se sentiu obrigado a renunciar à chefia do Estado-Maior, não provocou nenhum amplo protesto dentro do Exército e muito menos nas outras Armas da Wehrmacht. Ao contrário, isolou-se e, a partir de então, estabeleceu ligações com indivíduos igualmente isolados e descontentes nas Forças Armadas, no Ministério do Exterior e em outros ministérios que começavam a pensar em maneiras de remover Hitler do poder. Tinham plena consciência de que remavam contra uma forte maré. Por mais que houvesse dúvidas e preocupações, eles sabiam que o consenso por trás de Hitler nas elites do poder estava intacto. Tinham consciência também de que, apesar da ansiedade em relação à guerra, Hitler ainda podia convocar reservas imensas de apoio fanático das massas. Portanto, as perspectivas de sucesso da resistência não eram boas.

Desse modo, não surpreende que houvesse concordância arrasadora e nenhuma contestação à liderança de Hitler, ou à sua perigosa política, enquanto a crise se desdobrava durante o verão. Apesar das reservas, todos os setores da elite do poder do regime já estavam amarrados a Hitler — para florescer ou perecer.

III

A constelação internacional também fez o jogo de Hitler. A Tchecoslováquia, apesar de seus tratados formais com a França e a União Soviética, ficou exposta e sem amigos. A vacilação francesa durante o verão refletiu o desespero de evitar o cumprimento das obrigações fixadas no tratado com os tchecos, que previa um envolvimento militar para o qual não havia vontade nem preparação. Os franceses temiam que a Tchecoslováquia caísse sob o controle alemão. Mas temiam ainda mais envolver-se numa guerra para defender os tchecos. A União Soviética, preocupada com instabilidades internas, só poderia ajudar na defesa da Tchecoslováquia se suas tropas tivessem permissão para cruzar solo polonês ou romeno — perspectiva que podia ser descartada. Polônia e Hungria viam com cobiça a possibilidade de obter ganhos revisionistas às custas do desmembramento tcheco. A Itália, tendo cedido à sua parceira do Eixo na questão central da Áustria, não tinha, é óbvio, interesse em amparar a Tchecoslováquia. A Grã-Bretanha, preocupada com compromissos globais e problemas em diferentes partes de seu império, e consciente de seu despreparo militar para um conflito cada vez mais provável com a Alemanha, estava ansiosa para evitar a qualquer custo entrar prematuramente numa guerra em torno de um problema de nacionalidade num país do centro da Europa ao qual não estava ligada por nenhum tratado. Os britânicos sabiam que os franceses não estavam preparados para ajudar os tchecos. O governo ainda estava dando a Hitler o benefício da dúvida, disposto a acreditar que os planos para o território dos Sudetos não equivaliam a uma "ânsia de poder internacional" tampouco significavam que ele imaginava um ataque futuro à França e à Grã-Bretanha. Além disso, aceitava-se em Londres que os tchecos estavam de fato oprimindo a minoria alemã dos Sudetos. A pressão sobre os tchecos para ceder às exigências de Hitler foi uma reação inevitável — apoiada pelos franceses.

A posição internacional cada vez mais periclitante da Tchecoslováquia foi ainda agravada pela fragilidade interna do país, o que terminou por muito ajudar Hitler. O governo tcheco estava diante de uma situação impossível, não somente pelo clamor dos alemães dos Sudetos, mas pelos projetos de autonomia dos eslovacos. Enfraquecida por dentro e por fora, a única democracia sobrevivente dos acordos

do pós-guerra estava prestes a ser abandonada por seus “amigos” e devorada por seus inimigos.

Duas semanas após a *Anschluß*, em discussões em Berlim com o líder dos alemães dos Sudetos, Konrad Henlein, Hitler já indicava que a questão tcheca seria resolvida “em pouco tempo”. Ele também prescrevia a estratégia geral de fazer demandas a que o governo de Praga não poderia atender — medida vital para evitar que o governo tcheco aceitasse a pressão britânica para acomodar os alemães dos Sudetos. Heinlein não perdeu tempo em apresentar suas exigências, entre as quais a autonomia para os alemães da região, em 24 de abril, no Congresso do Partido Alemão dos Sudetos, em Karlsbad (Karlovy Vary). Uma exigência a ser mantida na manga por Heinlein — que Hitler, com seu conhecimento do Estado multinacional austro-húngaro, sabia que jamais seria aceita — era a da existência de regimentos alemães no Exército tchecoslovaco. Na Alemanha, a estratégia era aumentar o volume da propaganda contra a suposta opressão dos alemães dos Sudetos pelos tchecos. Se necessário, poderiam fabricar incidentes para alimentar a agitação. Militarmente, Hitler esperava evitar a intervenção britânica e tinha certeza de que os franceses não agiriam sozinhos. Um elemento dissuasivo fundamental, em sua opinião, era a construção de uma fortificação de concreto de 640 quilômetros (planejada para incluir dispositivos antitanque “dentes de dragão” e plataformas para canhões, com mais de 11 mil casamatas e abrigos subterrâneos reforçados) ao longo da fronteira ocidental da Alemanha — a *Westwall* — a fim de proporcionar uma obstrução significativa a uma invasão francesa. O interesse direto de Hitler pela *Westwall* e a urgência em terminar as fortificações estavam relacionados com a questão do ataque aos tchecos. Naquele momento, fim de março e abril de 1938, Hitler não tinha evidentemente um cronograma preciso em mente para a destruição da Tchecoslováquia.

Esse ainda era o caso quando instruiu Keitel, em 21 de abril, a traçar planos para uma ação militar contra o país vizinho. Ele indicou que não pretendia atacar a Tchecoslováquia no futuro próximo, exceto se circunstâncias internas ou eventos internacionais fortuitos oferecessem uma oportunidade. O país teria de ser tomado tão rapidamente — a ação militar teria de ser decisiva em quatro dias — que as potências ocidentais perceberiam a inutilidade da intervenção. Keitel e Jodl não estavam com pressa para fazer o plano operacional. Em 20 de maio, quando um

esboço do plano foi finalmente apresentado, representava o que Keitel supunha ainda serem as intenções de Hitler. "Não é minha intenção esmagar a Tchecoslováquia com uma ação militar no futuro imediato", começava o esboço.

Nesse ínterim, Hitler havia reagido iradamente a um memorando escrito em 5 de maio pelo chefe do Estado-Maior, general Beck, que enfatizava a incapacidade militar da Alemanha de vencer uma guerra longa e advertia sobre os perigos de intervenção britânica caso houvesse uma ação militar contra a Tchecoslováquia naquele ano. Hitler ficou ainda mais contundente quando Göring lhe denunciou quão pouco progresso havia sido feito na *Westwall* (cuja construção estava sob a direção do Grupo de Comando 2 do Exército, chefiado pelo general Wilhelm Adam). Ele acusou o Estado-Maior de sabotar seus planos, removeu os oficiais responsáveis pela reconstrução do Exército e pôs no comando Fritz Todt, seu especialista em engenharia civil que, desde 1933, vinha organizando a construção de estradas. Era um exemplo do modo cada vez mais arbitrário com que lidava com o comando do Exército. Mais tarde, em 1942, ele ainda lembraria do que considerara obstrucionismo do Exército.

A atitude de Mussolini em relação à ação alemã na Tchecoslováquia ocupou um lugar de destaque na agenda de Hitler durante sua visita oficial à Itália, no início de maio. Ele se esforçou para dissipar qualquer frieza inicial quanto à visita com seu discurso em Roma, na noite de 7 de maio, no qual falou com entusiasmo da "fronteira alpina" natural que oferecia "uma separação clara dos espaços vitais das duas nações". Essa renúncia pública a uma reivindicação ao Tirol meridional não ia além do que Hitler vinha declarando desde a década de 1920. Mas, vindo logo depois da *Anschluß*, era importante para tranquilizar os italianos, especialmente porque Hitler estava ansioso para sondá-los a respeito da Tchecoslováquia. De seu ponto de vista, as sondagens foram a parte mais bem-sucedida da visita. Ele tomou as observações de Mussolini como um encorajamento para atacar os tchecos. O secretário das Relações Exteriores Weizsäcker anotou que a Itália pretendia permanecer neutra numa guerra entre Alemanha e Tchecoslováquia. Diplomaticamente, Hitler obtivera o que queria da visita. Foi nesse momento que sobreveio a chamada Crise do Fim de Semana.

Os informes que chegaram às embaixadas da França e da Grã-Bretanha e ao governo de Praga em 19-20 de maio sobre movimentos de tropas alemãs perto da

fronteira tcheca foram tratados seriamente, tendo em vista a estridente propaganda contra os tchecos na Alemanha e a tensão nos Sudetos por conta das iminentes eleições locais. O governo tchecoslovaco reagiu ao que supôs ser uma ameaça de invasão iminente mobilizando parcialmente suas reservas militares — perto de 180 mil homens. A tensão aumentou ainda mais quando dois alemães dos Sudetos foram mortos num incidente que envolvia a polícia tcheca. Enquanto isso, a explicação tranquilizadora de Keitel ao embaixador britânico Henderson, que foi repassada para a imprensa, era de que os movimentos não passavam de manobras rotineiras de primavera. Enfurecido porque Henderson não passara pelos canais diplomáticos apropriados ao divulgar a informação, Ribbentrop lançou uma furiosa diatribe, na qual ameaçava que a Alemanha lutaria como fizera em 1914, caso a guerra irrompesse.

Isso provocou preocupação genuína no embaixador britânico, que ficou apreensivo com a possibilidade de ter sido enganado por Keitel e com uma iminente invasão da Tchecoslováquia. Na tarde de sábado, 21 de maio, Henderson foi instruído pelo ministro do Exterior britânico, lorde Halifax, a informar Ribbentrop de que os franceses estavam inclinados a intervir caso houvesse um ataque à Tchecoslováquia e que os alemães não deveriam contar com a imobilidade britânica. A resposta histérica de Ribbentrop não foi nada tranquilizadora: "Se a França fosse realmente tão louca para nos atacar, isso levaria àquela que seria talvez a maior derrota da história francesa, e, se a Grã-Bretanha se unisse a ela, então uma vez mais teríamos de lutar até a morte". Porém, no domingo, 22 de maio, o reconhecimento das fronteiras feito pelos ingleses revelou que não havia nada a temer. Havia sido um alarme falso.

A crise apagou-se tão rapidamente quanto começara. Mas Hitler ficou ultrajado com a perda de prestígio da Alemanha. Keitel relembrou depois que ele declarou não estar disposto a tolerar "esse tipo de provocação" dos tchecos e exigiu os preparativos mais rápidos possíveis para um ataque. Não foi em consequência da crise que Hitler resolveu esmagar a Tchecoslováquia antes do fim do ano. Mas a crise acelerou as coisas. O golpe no orgulho reforçou sua determinação de agir assim que possível. A postergação foi descartada.

Depois de dias no Berghof ruminando sobre a questão, pensando sobre a advertência de seus comandantes militares de que a Alemanha estava mal equipada

para um ataque próximo contra os tchecos, Hitler voltou a Berlim e convocou para 28 de maio uma reunião com seus principais generais e figuras de proa do Ministério do Exterior. Ele disse sem rodeios aos generais: "Estou totalmente convencido de que a Tchecoslováquia deve desaparecer do mapa". Alegou que a Alemanha estava mais forte do que em 1914. Destacou a sucessão de êxitos desde 1933. Mas não existia uma coisa chamada estado duradouro de contentamento. A vida era uma luta constante. E a Alemanha precisava de espaço vital na Europa e em possessões coloniais. A geração atual tinha de resolver o problema. A França e a Grã-Bretanha continuariam hostis à expansão do poder alemão. A Tchecoslováquia era o inimigo mais poderoso da Alemanha em caso de conflito com a Europa ocidental. Portanto, era necessário eliminá-la. Ele deu como razões para agir logo o estado incompleto das fortificações tchecas, os programas de armamentos subdesenvolvidos de franceses e britânicos e a situação internacional vantajosa. As fortificações alemãs ocidentais seriam aceleradas drasticamente. Elas proporcionariam a estrutura para uma "invasão-relâmpago da Tchecoslováquia".

Dois dias depois, o Caso Verde estava pronto. Suas linhas básicas não diferiam daquelas traçadas no início do mês por Keitel e Jodl. Mas o preâmbulo dizia agora: "É minha decisão inalterável esmagar a Tchecoslováquia com uma ação militar no futuro próximo". A nota adjunta de Keitel dizia que os preparativos deveriam estar prontos até no máximo 1o de outubro. A partir dessa data, Hitler estaria decidido "a explorar todas as oportunidades políticas favoráveis" a fim de alcançar seu objetivo. Era uma decisão pela guerra — se preciso fosse, mesmo contra as potências ocidentais.

O chefe do Estado-Maior Beck reagiu com dois memorandos, de 29 de maio e 3 de junho, em que criticava tanto os pressupostos políticos de Hitler em relação à Grã-Bretanha e à França como as diretrizes operacionais para o Caso Verde. O "ponto cardeal" (em suas palavras) da discordância era sobre a perspectiva de uma guerra contra a França e a Grã-Bretanha que, Beck estava seguro, a Alemanha perderia. O que ficou claro pouco a pouco para ele foi apenas o quanto havia se isolado até do Alto-Comando do Exército. Em particular, o chefe do Exército, Brauchitsch, embora compartilhasse de algumas reservas de Beck, jamais faria algo que pudesse parecer uma contestação ou crítica aos planos de Hitler. A distância entre Brauchitsch e Beck ficou mais marcada. O chefe do Exército procurava cada

vez mais o adjunto de Beck, general Franz Halder.

A posição do chefe do Estado-Maior e a força de seus argumentos operacionais enfraqueceram-se notavelmente em meados de junho, quando os resultados dos jogos de guerra demonstraram, contrariando seus prognósticos sombrios, que a Tchecoslováquia seria com toda probabilidade dominada em onze dias, com a consequência de que os soldados poderiam ser enviados rapidamente para lutar na frente ocidental. Cada vez mais isolado e sem esperanças, Beck chegou ao ponto de defender, no verão, a renúncia coletiva da liderança militar para forçar Hitler a ceder, a qual seria seguida por um expurgo dos "radicais" responsáveis pelo aventureirismo internacional de alto risco. Em 16 de julho de 1938, ele escreveu:

> O dever de soldado [dos mais altos comandantes da Wehrmachr] tem um limite no ponto em que seu conhecimento, sua consciência e sua responsabilidade proíbem a execução de uma ordem. Se, nessa situação, seus conselhos e suas advertências não são ouvidos, eles têm o direito e o dever para com o povo e a história de renunciar aos seus postos. Se agirem todos com uma vontade unida, a execução de ação militar é impossível. Desse modo, terão salvo a Mãe Pátria do pior, da destruição. [...] Tempos extraordinários exigem ações extraordinárias.

Revelou-se impossível conquistar Brauchitsch para a ideia de um ultimato dos generais a Hitler, ainda que o comandante em chefe aceitasse boa parte da análise militar de Beck e compartilhasse seus temores de uma intervenção ocidental. Numa reunião de altos generais convocada para 4 de agosto, Brauchitsch não fez o discurso que Beck havia preparado de antemão para ele. Em vez disso, distanciou-se do chefe do Estado-Maior e fez Beck ler seu memorando de 16 de julho, com sua avaliação altamente pessimista das decorrências de uma invasão da Tchecoslováquia. A maioria dos que estavam presentes concordou que a Alemanha não poderia vencer uma guerra contra as potências ocidentais. Mas Reichenau, falando "a partir de seu conhecimento pessoal do Führer", advertiu contra a ideia de generais se aproximarem individualmente de Hitler com tal argumento; isso teria o efeito contrário ao desejado. E o general Ernst Busch questionou se cabia a soldados intervir em assuntos políticos. Como Brauchitsch reconheceu, os que estavam presentes se opunham ao risco de uma guerra com a Tchecoslováquia. Ele mesmo comentou que uma nova guerra mundial traria o fim da cultura alemã. Mas não havia acordo quanto às consequências práticas. O general Gerd von Rundstedt, um dos oficiais mais antigos e respeitados, não estava disposto a provocar uma

nova crise entre Hitler e o Exército com a contestação de sua política bélica de risco. O general de divisão Erich von Manstein, comandante da 18a Divisão de Infantaria, que depois se distinguiria como tático militar de calibre incomum, aconselhou Beck a se livrar do peso da responsabilidade — uma questão de liderança política — e desempenhar um papel pleno na obtenção do sucesso contra a Tchecoslováquia.

Brauchitsch, embora fosse covarde, não era o único a não querer encarar Hitler com um ultimato. A realidade é que não havia apoio coletivo para um desafio frontal. O comandante em chefe contentou-se em passar o memorando de Beck para Hitler por intermédio de um ajudante. Quando o Führer soube do que acontecera na reunião, ficou furioso. Brauchitsch foi convocado ao Berghof e submetido a um ataque verbal tão feroz que as pessoas sentadas no terraço abaixo das janelas abertas do quarto de Hitler sentiram-se constrangidas e foram para dentro.

Hitler reagiu com uma medida heterodoxa: convocou para uma reunião no Berghof em 10 de agosto não a liderança militar, mas um seleto grupo de oficiais seniores de segundo escalão, aqueles que poderiam esperar uma promoção rápida caso houvesse um conflito armado. Evidentemente, esperava obter influência sobre os chefes militares por intermédio de seus subordinados. Mas ficou desapontado. Sua arenga, que durou várias horas, não conseguiu convencer a plateia — que conhecia bem o conteúdo do memorando de julho de Beck. A crise de confiança entre Hitler e o alto escalão do Exército havia atingido um grau sério. Ao mesmo tempo, os oficiais reunidos estavam divididos entre si, alguns dos quais assumindo uma posição cada vez mais crítica a Beck.

O chefe do Estado-Maior fez uma última tentativa para persuadir Brauchitsch a assumir uma posição firme contra Hitler. Foi em vão. Em 18 de agosto, Beck finalmente apresentou a renúncia que já preparara um mês antes. Mesmo assim, deixou passar um último lance. Aceitou o pedido de Hitler — "por razões de política externa" — de não divulgar sua renúncia. Perdia, assim, a última chance de transformar a inquietação existente no Exército e no povo alemão num desafio aberto à liderança política do Reich, quando sabia que somente Ribbentrop e, talvez, Himmler apoiavam Hitler incondicionalmente. O caminho de Beck para a resistência fundamental foi corajoso. Mas, no verão de 1938, ele tornou-se, pelo

menos no que dizia respeito à estratégia política, uma figura cada vez mais isolada na liderança militar. Como ele mesmo reconheceu vários meses depois: "Eu adverti — e, no fim, estava sozinho". Por ironia, ele fora, mais do que ninguém, o responsável por fornecer a Hitler o poderio militar que o ditador mal podia esperar para usar.

Naquele momento, portanto, Hitler tinha certeza da concordância dos militares, ainda que estivessem mais relutantes do que entusiásticos em seu apoio à guerra contra os tchecos e as relações fossem tensas e de desconfiança. E, enquanto os generais se mantivessem na linha, sua posição seria segura e sua política, incontestável.

Os fatos mostraram que sua leitura da política internacional estava mais perto da realidade do que a de Beck e dos generais. No jogo de pôquer político que se desenrolou durante o verão, as potências ocidentais estavam ansiosas para evitar a guerra a qualquer custo, enquanto os vizinhos do leste da Tchecoslováquia queriam lucrar com uma guerra, mas sem disposição para assumir os riscos. Na metade do verão, Ribbentrop considerou que os dados estavam lançados. Disse a Weizsäcker que o Führer estava "firmemente decidido a resolver o caso tcheco pela força das armas". Meados de outubro era a última data possível por causa das condições de voo. "As outras potências definitivamente não farão nada em relação a isso e, se fizerem, nós as enfrentaremos também e venceremos."

Hitler passou boa parte do verão no Berghof. Apesar da crise dos Sudetos, sua rotina diária pouco diferiu da dos anos anteriores: levantava-se tarde, saía para caminhar, via filmes, relaxava em companhia de seu séquito habitual e favorecia visitantes como Albert Speer. Com base em notícias de jornais ou por meio de informações passadas por quem conseguia ter acesso a ele, intervinha — às vezes de forma extravagante — numa variedade de minúcias: punição para infrações de tráfego, alteração da base de uma estátua, considerações sobre fazer cigarros sem nicotina ou tipos de furos que deveriam ser feitos em mastros de bandeiras. Também interferia diretamente no curso na Justiça, ordenando pena capital para o perpetrador de uma série de assaltos em estradas e a condenação mais rápida possível para o suposto assassino em série de várias mulheres.

Mas a crise tchecoslovaca nunca estava muito distante. Ele estava preocupado com o planejamento operacional do "Caso Verde". A confiança em seus generais

diminuía à medida que crescia sua raiva diante do ceticismo deles em relação aos seus planos. Envolveu-se também nos menores detalhes da construção da *Westwall* — um componente fundamental de seus planos para vencer os tchecos sem intervenção francesa e o blefe para desencorajar os vizinhos ocidentais da Alemanha de tentar cruzar o Reno. Ainda esperava que as fortificações estivessem prontas no outono — quando começasse o congelamento, como disse a Goebbels — quando então calculava que o oeste da Alemanha seria inexpugnável. Mas o progresso lento feito pelo Exército deixou-o furioso. Quando o general Adam alegou que seria impossível construir os 12 mil bunkers a mais que ele havia ordenado, Hitler foi tomado pela raiva e declarou que para Todt a palavra "impossível" não existia. Ele sentiu-se impelido a escrever um longo memorando, baseado em suas experiências de guerra, em que discorria sobre a natureza das fortificações a serem erguidas, até os detalhes sobre dormir, comer, beber e banheiros nas casamatas — uma vez que os recrutas novos, em sua primeira batalha, com frequência sofriam de diarreia, disse relembrar. A *Westwall* tinha prioridade sobre todos os outros projetos de construção. No fim de agosto, 148 mil trabalhadores e 50 mil sapeadores do Exército já estavam posicionados nas fortificações. A construção de rodovias e moradias foi suspensa temporariamente para remanejar os operários.

Àquela altura, a crise começava a avançar para sua fase crucial. No último dia de agosto, quando Goebbels o viu no Obersalzberg, Hitler estava num estado de espírito decidido e otimista: não achava que a Grã-Bretanha fosse intervir. "Ele sabe o que quer e vai reto na direção de sua meta", observou Goebbels. O ministro da Propaganda já sabia que o momento planejado para a ação era outubro.

As pessoas comuns, evidentemente, não tinham a menor ideia do plano de agressão. As semanas de propaganda contra os tchecos, muitas vezes em tom histérico, haviam dado a impressão de que a questão tinha a ver com a perseguição desprezível da minoria alemã, não com a destruição militar da Tchecoslováquia. Mas que os alemães dos Sudetos viessem ou não "de volta para o Reich" era algo menos importante para a grande maioria da população do que evitar a guerra que Hitler estava decidido a travar. "A psicose da guerra está aumentando", anotou Goebbels. "Um estado de ânimo sombrio paira sobre o país. Todos esperam o que está por vir." Relatórios sobre a opinião popular compilados pelo SD e outras

agências registravam um padrão de sentimentos semelhantes. Um deles, do início de setembro, informava: “Existe nos setores mais amplos da população a preocupação grave de que no longo ou curto prazo uma guerra acabará com a prosperidade econômica e terá um fim terrível para a Alemanha”.

IV

Durante o mês de agosto, os britânicos haviam exercido indiretamente pressão sobre os tchecos para que aceitassem as exigências dos alemães dos Sudetos. Enviaram uma missão, comandada por lorde Runciman, destinada a ganhar tempo, fazer a mediação entre o Partido Alemão dos Sudetos e o governo de Praga e resolver a questão no quadro da continuação da existência da Tchecoslováquia. No fim do mês, o governo britânico soube, através de contatos com fontes de oposição na Alemanha, que Hitler pretendia atacar o país vizinho em semanas. O momento crucial, imaginaram eles, viria provavelmente depois do discurso de Hitler no Congresso Nacional do Partido em Nuremberg, em meados de setembro. Em 30 de agosto, numa reunião de emergência, o gabinete britânico recusou-se a fazer uma advertência formal a Hitler sobre uma provável intervenção britânica em caso de agressão alemã. Em vez disso, decidiram aplicar mais pressão sobre os tchecos, que receberam efetivamente um ultimato: ou aceitavam o programa de Henlein para dar autonomia aos alemães dos Sudetos dentro do Estado tchecoslovaco, tal como proposto em seu discurso de Karlsbad, em abril, ou estariam perdidos. Em 5 de setembro, o presidente Eduardo Beneš, diante de tal escolha inevitável, cedeu à pressão.

Isso deixou Henlein e a liderança dos alemães dos Sudetos num dilema: totalmente contra as expectativas deles, suas reivindicações haviam sido aceitas por completo. Com isso, o pretexto de Hitler para a guerra estava prejudicado. Desesperados por uma desculpa para romper as negociações com os tchecos, os alemães dos Sudetos agarraram-se a um incidente em que a polícia tcheca havia maltratado três alemães acusados de espionar e contrabandear armas. Foi o suficiente para manter as coisas em fogo lento até o discurso de Hitler em 12 de setembro.

Embora cada vez mais preocupados com a perspectiva da guerra, os líderes alemães dos Sudetos estavam dançando ao ritmo de Hitler. Em 26 de agosto, ele havia dito a Karl Hermann Frank, braço direito de Henlein, para instigar "incidentes" provocativos. E depois complementou as instruções para provocar os "incidentes" em 4 de setembro. Hitler não deixou nenhuma dúvida sobre suas intenções: "O Führer está decidido sobre a guerra", informara Frank. Hitler havia

atacado verbalmente Beneš, dizendo que o queria vivo e o enforcaria pessoalmente. Três dias depois, em 29 de agosto, sabia-se, a partir do que emanava do círculo próximo de Hitler, que a aceitação pelos tchecos das exigências de Karlsbad, sob pressão britânica, não seria mais suficiente. "Então, o Führer quer a guerra", foi a conclusão tirada por Helmuth Groscurth, chefe do Departamento II da Abwehr.

No entanto, em 2 de setembro, quando se encontrou com Henlein no Berghof, Hitler não revelou muita coisa. Deixou implícito ao líder dos Sudetos que agiria naquele mês, mas sem especificar datas. Embora soubesse que Hitler tinha uma solução militar em mente, Henlein disse ao seu contato britânico, Frank Ashton-Gwatkin, assistente de Runciman, que o Führer era a favor de uma solução pacífica — informação que alimentou ainda mais as ambições de apaziguamento. A realidade era bem diferente: numa conferência militar realizada no Berghof um dia após sua reunião com Henlein, Hitler determinou detalhes do Caso Verde, o ataque à Tchecoslováquia, pronto para ser lançado em 1o de outubro.

Hitler estava então impermeável aos sinais de alarme registrados nos círculos diplomáticos. Quando o almirante Canaris retornou da Itália com relatos de que os italianos advertiam contra a guerra e não participariam dela, Hitler tomou-os simplesmente como um reflexo das divisões entre o Estado-Maior e o Duce, semelhante às que ele experenciava com o Exército na Alemanha. Ele continuou insistindo que a Grã-Bretanha blefava para ganhar tempo, estava insuficientemente armada e permaneceria neutra. As advertências sobre o mau estado da Marinha alemã também tiveram a mesma resposta. O momento presente, com a colheita garantida, continuava a argumentar, era o mais favorável para a ação militar. Em dezembro, seria tarde demais. Também desqualificou os ruídos de advertência da França. Quando Joahnnes von Welczek, embaixador alemão em Paris, relatou sua forte impressão de que a França seria relutantemente obrigada a honrar seu compromisso com os tchecos, Hitler deixou o relatório de lado dizendo que não o interessava. Ao saber disso, lorde Halifax apontou esse fato ao gabinete britânico como prova de que "Herr Hitler estava possivelmente, ou até mesmo provavelmente louco".

Com a propaganda alemã chegando ao ponto de agitação máxima, Hitler fez sua muito esperada e temida diatribe contra os tchecos na assembleia final do Congresso do Partido, em 12 de setembro. Por mais viperino que fosse o ataque,

com uma ameaça indisfarçável se a "autodeterminação" não fosse concedida, Hitler não chegou a exigir a entrega dos Sudetos, ou um plebiscito para decidir a questão. Na Alemanha, havia uma atmosfera de guerra iminente e grande tensão. Os ansiosos tchecos achavam que guerra e paz pendiam da balança naquele dia. Mas, no cronograma de Hitler, ainda faltavam duas semanas.

Mesmo assim, seu discurso deflagrou uma onda de distúrbios na região dos Sudetos. Esses incidentes e o quase pânico que dominava o governo francês persuadiram Neville Chamberlain de que, se quisesse evitar a ofensiva alemã esperada para o fim de setembro, seriam necessárias conversações cara a cara com Hitler, uma ideia já elaborada no fim de agosto. Na noite de 14 de setembro, foi divulgada a notícia sensacional na Alemanha: Chamberlain havia solicitado uma reunião com Hitler, que o havia convidado para ir ao Obersalzberg ao meio-dia do dia seguinte.

No começo da manhã de 15 de setembro, o primeiro-ministro britânico, de 65 anos — uma figura empertigada, reservada, austera —, partiu do aeroporto de Croydon num bimotor Lockheed na esperança de, como disse, garantir a paz. Foi recebido por uma multidão em Munique enquanto era levado em carro aberto do aeroporto para a estação, de onde iria no trem especial de Hitler até Berchtesgaden. Estava chovendo, o céu escuro e ameaçador, quando Chamberlain chegou ao Berghof.

Depois de falar sobre algumas trivialidades, Hitler retirou-se com o primeiro-ministro britânico para seu estúdio. Ribbentrop sentiu-se muito irritado porque ficou fora da discussão. Somente o intérprete Paul Schmidt estava presente. Durante três horas, Hitler e Chamberlain falaram, enquanto a paz na Europa estava por um fio. Hitler desfilou as queixas alemãs, com ocasionais explosões de raiva contra Beneš. Chamberlain ouviu impassível enquanto a tempestade lá fora se avolumava para combinar com a atmosfera ameaçadora dentro do retiro alpino. Ele disse que estava disposto a levar em consideração qualquer solução para acomodar os interesses alemães, desde que a força fosse deixada de fora. Hitler retrucou com veemência: "Quem está falando de força? Herr Beneš está usando a força contra meus compatriotas nos Sudetos. Herr Beneš, e não eu, mobilizou-se em maio. Não vou mais aceitar isso. Vou resolver essa questão eu mesmo no futuro próximo, de uma maneira ou de outra". Chamberlain respondeu irado: "Se

compreendi corretamente, o senhor está decidido de qualquer modo a atacar a Tchecoslováquia. Se essa é sua intenção, por que me fez vir a Berchtesgaden? Nessas circunstâncias, é melhor que eu parta de imediato. Aparentemente, tudo é inútil". Foi um contra-ataque eficaz à bravata. Hitler, para espanto de Schmidt, recuou. "Se o senhor reconhece o princípio da autodeterminação para o tratamento da questão dos Sudetos, então podemos discutir como pôr esse princípio em prática", declarou. Chamberlain disse que teria de consultar seus colegas de gabinete. Mas, quando declarou sua disposição de se encontrar com Hitler de novo, o clima desanuviou. Chamberlain obteve a concordância de Hitler para não tomar nenhuma medida militar naquele entretempo. Com isso, a reunião terminou.

Imediatamente após o encontro, Hitler contou a Ribbentrop e Weizsäcker o que havia acontecido, esfregando as mãos de prazer diante do resultado. Alegou que havia empurrado Chamberlain para um canto. Sua "brutalmente anunciada intenção, mesmo ao risco de uma guerra europeia generalizada, de resolver a questão tcheca" — ele não falara da "questão dos Sudetos" — junto com sua concessão de que as reivindicações territoriais da Alemanha na Europa ficariam então satisfeitas, havia, segundo ele, forçado Chamberlain a ceder os Sudetos. Hitler prosseguiu dizendo que não conseguira rejeitar a proposta de um plebiscito. Se os tchecos se recusassem a realizá-lo, "o caminho estaria aberto para a invasão alemã". Se a Tchecoslováquia cedesse nos Sudetos, o resto do país seria tomado mais tarde, talvez na primavera seguinte. De qualquer modo, teria de haver uma guerra, e enquanto ele estivesse vivo.

Hitler estava obviamente satisfeito com o modo como se desenrolaram as conversações. No dia seguinte, falou para seu círculo imediato no Berghof sobre as discussões. Como na noite anterior, parecia que poderia agora estar disposto a considerar uma solução diplomática — pelo menos para o futuro imediato. A visita de Chamberlain o impressionara e, de certo modo, perturbara. O fato de tratar pessoalmente com um líder democrático que tinha de voltar para consultar os membros de seu governo e era responsável perante o Parlamento deixou um toque de incerteza. Ele disse que ainda pretendia marchar sobre Praga. Mas, pela primeira vez, havia sinais de hesitação. Começava a pensar num possível recuo. Somente muito contra a vontade, sugeriu, se isso se mostrasse inevitável à luz da situação geral europeia, ele aceitaria a proposta britânica. Além disso, as coisas podiam ser

resolvidas com os tchecos sem o envolvimento dos britânicos. De qualquer modo, continuou ele, a Tchecoslováquia era difícil de governar, tendo em vista sua mistura étnica e as reivindicações das outras minorias — poloneses, húngaros e, em especial, os eslovacos. O círculo imediato de Hitler teve então um vislumbre de esperança de que a guerra poderia ser evitada.

Chamberlain expôs ao gabinete britânico sua crença de que havia dissuadido Hitler de um ataque imediato à Tchecoslováquia e que os objetivos do ditador alemão eram "estritamente limitados". Se fosse concedida autodeterminação aos alemães dos Sudetos, pensava ele, isso marcaria o fim das reivindicações alemãs na Tchecoslováquia. O grau em que o primeiro-ministro britânico se permitira iludir pela personalidade e pelas garantias do ditador alemão fica claro na avaliação privada que fez para uma de suas irmãs ao retornar para a Inglaterra: "Apesar da rudeza e da impiedade que acho que vi em sua face, fiquei com a impressão de que ali estava um homem em quem se podia confiar quando desse sua palavra".

Nos dias seguintes os tchecos sofreram pressão constante para aceitar o desmembramento de seu país. Evitando, de preferência, um plebiscito, a posição conjunta de britânicos e franceses era obrigar o governo tcheco a fazer concessões territoriais em troca de uma garantia internacional contra uma agressão não provocada. Em 21 de setembro, os tchecos cederam. Entrementes, o segundo encontro de Chamberlain com Hitler fora marcado para 22 de setembro. Hitler também sentia agora a tensão. Descontraía vendo filmes de entretenimento. Não queria ver nada mais sério. Suas opções continuavam abertas. Como seus comentários posteriores à visita de Chamberlain mostravam, estava evidentemente se afastando da destruição militar total de alto risco da Tchecoslováquia num único golpe, na qual insistira durante todo o verão, apesar de muita oposição interna. Ao contrário, havia indícios de que avançava na direção de uma solução territorial não diferente daquela que estaria finalmente na base do Acordo de Munique. Não achava que obteria os Sudetos sem luta por parte dos tchecos, embora imaginasse que as potências ocidentais deixariam Beneš entregue ao seu destino. Assim, calculava um confronto militar limitado para ocupar os Sudetos num primeiro estágio. A destruição do resto da Tchecoslováquia viria depois, talvez imediatamente, mas, de qualquer modo, em pouco tempo.

Em 19 de setembro, ele mostrou a Goebbels o mapa que representaria as

reivindicações que apresentaria a Chamberlain na próxima reunião. A ideia era forçar a aceitação de uma linha de demarcação o mais ampla possível. O território a ser concedido deveria ser esvaziado pelos tchecos e ocupado por tropas alemãs em oito dias. Os preparativos militares, Goebbels ficou sabendo então, não estariam finalizados antes disso. Se houvesse alguma disputa, exigiria um plebiscito até o Natal. Se Chamberlain pedisse mais negociações, o Führer não se sentiria mais preso a qualquer acordo e teria liberdade de ação. "O Führer vai mostrar seu mapa a Chamberlain, e então — fim, basta! Somente dessa maneira esse problema pode ser resolvido", comentou Goebbels.

V

Na tarde de 22 de setembro, Hitler e Chamberlain se encontraram novamente, dessa vez no elegante Hotel Dreesen, em Bad Godesberg, com sua bela vista para o Reno. O primeiro-ministro chegara da Inglaterra naquela manhã e se hospedara na margem oposta do rio, no Hotel Petersberg.

A reunião começou com um choque para Chamberlain. Ele relatou inicialmente como as exigências levantadas em Berchtesgaden haviam sido cumpridas. Mencionou a garantia proposta por britânicos e franceses das novas fronteiras da Tchecoslováquia e o desejo alemão de pacto de não agressão com os tchecos. Recostou-se em sua cadeira, com uma expressão de autossatisfação no rosto. Ficou estupefato quando Hitler retrucou: "Sinto muito, Herr Chamberlain, mas não posso mais entrar nessas coisas. Depois dos eventos dos últimos dias, essa solução não se aplica mais". O primeiro-ministro ergueu-se na cadeira, irado e espantado. Hitler alegou que não poderia assinar um pacto de não agressão com a Tchecoslováquia enquanto as reivindicações de Polônia e Hungria não fossem aceitas. Ele tinha algumas críticas aos tratados propostos. Sobretudo, o tempo previsto era longo demais. Pondo-se histérico sobre Beneš e a suposta repressão terrorista dos alemães dos Sudetos, ele exigiu a ocupação imediata desse território. Chamberlain ponderou que se tratava de uma exigência completamente nova, que ia muito além dos termos delineados em Berchtesgaden. Ele retornou, deprimido e irado, para seu hotel na outra margem do Reno.

Chamberlain não apareceu no encontro pré-marcado para a manhã seguinte. Em vez disso, mandou uma carta a Hitler em que declarava ser impossível para ele aprovar um plano que seria visto pela opinião pública na Grã-Bretanha, na França e no resto do mundo como um desvio dos princípios anteriormente acordados. Tampouco tinha dúvida de que os tchecos mobilizariam suas Forças Armadas para resistir a uma entrada de tropas alemãs nos Sudetos. Hitler e Ribbentrop deliberaram apressadamente. Então o Führer ditou uma longa resposta, que equivalia a pouco mais do que suas declarações verbais do dia anterior e insistia na transferência imediata do território dos Sudetos para acabar com a "tirania tcheca" e sustentar "a dignidade de uma grande potência". O intérprete Schmidt foi designado para traduzir a carta de quatro a cinco páginas e levá-la em mãos a

Chamberlain. O primeiro-ministro britânico recebeu-a calmamente. Sua resposta foi dada a Ribbentrop cerca de duas horas depois. Oferecia-se para levar a nova exigência aos tchecos, dizia que teria de voltar à Inglaterra para se preparar para isso e solicitava um memorando do governo alemão que, ficou acordado, seria entregue mais tarde, naquela mesma noite, por Hitler.

Eram quase 21 horas quando Chamberlain retornou ao Hotel Dreesen. O drama dessa reunião tardia foi realçado pela presença de assessores de ambos os lados, plenamente conscientes de que a paz da Europa pendia por um fio, quando Schmidt começou a traduzir o memorando de Hitler. Ele exigia a retirada completa do Exército tcheco do território traçado num mapa, a ser cedido à Alemanha em 28 de setembro. Hitler falara com Goebbels em 21 de setembro sobre a demanda de oito dias para a retirada tcheca e a ocupação alemã. Agora, no fim da noite de 23 de setembro, exigia o início da retirada em pouco mais de dois dias e seu término em quatro. Chamberlain ergueu sua mão em desespero. "Trata-se de um ultimato", protestou. "Com grande decepção e profundo pesar, devo registrar, Herr chanceler do Reich, que o senhor não apoiou minimamente meus esforços para manter a paz", observou.

Nesse momento tenso, chegou a notícia de que Beneš havia anunciado a mobilização geral das Forças Armadas tchecas. Por alguns momentos, ninguém falou. A guerra parecia agora inevitável. Então Hitler, num tom de voz pouco mais alto que um sussurro, disse a Chamberlain que, apesar dessa provocação, ele manteria sua palavra e não faria nada contra a Tchecoslováquia — pelo menos enquanto o primeiro-ministro britânico estivesse em solo alemão. Numa concessão especial, concordaria com a data de 1o de outubro para a retirada dos tchecos do território dos Sudetos. Era a data que ele estabelecera semanas antes para atacar a Tchecoslováquia. Alterou à mão a data no memorando, acrescentando que as fronteiras seriam muito diferentes se tivesse de usar a força contra a Tchecoslováquia. Chamberlain concordou em levar o memorando revisado aos tchecos. Depois do drama, a reunião terminou em relativa harmonia. Desapontado, mas não desesperado, Chamberlain voltou a Londres na manhã seguinte para prestar contas ao seu gabinete.

No domingo, 25 de setembro, enquanto Chamberlain se reunia com seus ministros, Hitler passeava com Goebbels pelos jardins da Chancelaria do Reich

numa tarde cálida de início de outono e falava sobre seus próximos lances em detalhes. "Ele não acredita que Benesch [Beneš] cederá", anotou o ministro da Propaganda no dia seguinte em seu diário.

> Mas, então, uma terrível sentença cairá sobre ele. Em 27-8 de setembro, nossa preparação militar estará pronta. O Führer tem um espaço de cinco dias para manobrar. Ele já estabeleceu essas datas em 28 de maio. E as coisas decorreram exatamente como ele previu. O Führer é um gênio divinatório. Mas primeiro vem nossa mobilização. Isso acontecerá tão rapidamente que o mundo experimentará um milagre. Em oito-dez dias tudo estará pronto. Se atacarmos os tchecos a partir de nossas fronteiras, o Führer calcula que demorará duas-três semanas. Mas, se os atacarmos depois de nossa entrada, ele pensa que estará terminado em oito dias. A solução radical é a melhor. De outro modo, nunca nos livraremos da coisa.

Esse relato um tanto truncado parece indicar que Hitler contemplava naquele momento uma invasão em duas etapas: primeiro, a região dos Sudetos, depois, num momento não especificado, o resto do país. Isso combina com a noção registrada por Weizsäcker depois da primeira reunião com Chamberlain. Portanto, Hitler não estava blefando em seus planos de tomar os Sudetos pela força em 1o de outubro, se não fossem concedidos de antemão. Mas ele havia recuado da intenção, que existia desde a primavera, de destruir toda a Tchecoslováquia com uma única operação militar no início de outubro.

Enquanto isso, o clima em Londres estava mudando. Chamberlain passava a adotar uma linha mais dura e o gabinete britânico o apoiava. Após conversas com os franceses, foi decidido que os tchecos não seriam pressionados a aceitar os novos termos. Sir Horace Wilson, assessor mais próximo de Chamberlain, iria como enviado do primeiro-ministro a Berlim para recomendar uma transferência territorial supervisionada e, ao mesmo tempo, advertir Hitler de que, na eventualidade de uma ação militar alemã contra a Tchecoslováquia, a França honraria seus compromissos e a Grã-Bretanha apoiaria a França.

No fim da tarde de 26 de setembro, Wilson, acompanhado por sir Nevile Henderson e Ivone Kirkpatrick, primeira secretária da embaixada britânica, foram recebidos por Hitler em seu estúdio na Chancelaria do Reich. Naquela noite, ele estava por fazer um ataque feroz à Tchecoslováquia no Sportpalast. Wilson não escolhera um bom momento para esperar uma deliberação racional sobre a carta de Chamberlain que apresentou ao ditador alemão. Hitler ouviu, claramente agitado, a tradução da carta que informava que os tchecos haviam rejeitado os

termos que ele estabelecera em Godesberg. No meio da leitura, ele explodiu de raiva, ergueu-se subitamente e gritou: "Não faz nenhum sentido continuar negociando". Dirigiu-se à porta, como se estivesse terminando a reunião de imediato e fosse deixar os visitantes em seu estúdio. Mas recompôs-se e retornou ao seu assento, enquanto o restante da carta era traduzido. Assim que terminou a leitura, teve outro ataque desvairado. Paul Schmidt, o intérprete, comentou depois que jamais vira Hitler tão exaltado. A tentativa de Wilson de discutir as questões racionalmente e sua fria advertência sobre as implicações da ação militar alemã somente o provocaram mais. "Se a França e a Inglaterra querem atacar, que vão em frente", vociferou. "Não dou a mínima." Ele deu aos tchecos até as duas da tarde de quarta-feira, 28 de setembro, para aceitar os termos do Memorando de Godesberg e a ocupação alemã dos Sudetos em 1o de outubro. Senão, a Alemanha tomaria a região pela força. E recomendou a Wilson uma visita ao Sportpalast naquela noite, para que ele pudesse sentir por ele mesmo o estado de ânimo na Alemanha.

Os ouvidos do mundo estavam no discurso de Hitler para a tensa plateia de cerca de 20 mil pessoas apinhadas no cavernoso Sportpalast. Os diplomatas e jornalistas, presentes em grande número, estavam grudados em cada palavra. O jornalista americano William Shirer, sentado no balcão diretamente acima do chanceler alemão, achou que Hitler estava "no pior estado de excitação em que jamais o vi". Seu discurso — "uma obra-prima psicológica", na opinião de Goebbels — estava perfeitamente sintonizado com o ânimo anti-tcheco fomentado pelos fiéis do partido. Ele logo estava a pleno vapor, lançando diatribes sem fim contra Beneš e o Estado tchecoslovaco. Declarou que havia garantido ao primeiro-ministro britânico que não tinha outras reivindicações territoriais na Europa depois que o problema dos Sudetos fosse resolvido. A decisão entre a guerra e a paz estava com Beneš: "Ou ele aceita essa oferta e dá finalmente liberdade aos alemães, ou arrancaremos essa liberdade nós mesmos!", ameaçou. "Estamos decididos, Herr Beneš, pode escolher agora", concluiu.

A massa presente no salão, que havia interrompido quase cada frase com seu aplauso fanático, gritou, aclamou e cantou durante vários minutos depois que ele terminou: "O Führer comanda, nós seguiremos!". Hitler pusera-se num frenesi quase orgástico no fim de seu discurso. Quando Goebbels, encerrando o congresso, jurou lealdade de todo o povo alemão a ele e declarou que "um novembro de 1918

jamais se repetirá", Hitler, de acordo com Shirer, "olhou para ele, com uma expressão selvagem, ávida nos olhos [...] ergueu-se de um salto e com uma chama fanática nos olhos [...] levantou a mão direita num movimento grandioso, bateu com ela na mesa e gritou [...] '*Ja*'. Depois despencou na cadeira, exausto".

Hitler não estava com nenhum ânimo para acordo quando sir Horace Wilson retornou na manhã seguinte à Chancelaria com outra carta de Chamberlain na qual ele garantia, caso a Alemanha se abstivesse do uso da força, a implementação da retirada dos tchecos do território dos Sudetos. Quando Wilson perguntou se deveria levar alguma mensagem de volta a Londres, Hitler respondeu que os tchecos só tinham a opção de aceitar ou rejeitar o memorando alemão. Em caso de rejeição, gritou, repetindo duas ou três vezes, "eu esmagarei os tchecos". Wilson, homem alto, assumiu toda a sua altura e lenta e enfaticamente leu outra mensagem de Chamberlain: "Se, no cumprimento das obrigações de seu tratado, a França engajar-se ativamente em hostilidades contra a Alemanha, o Reino Unido se sentirá obrigado a apoiá-la". Enfurecido, Hitler gritou de volta: "Se a França e a Inglaterra atacarem, que o façam. É uma questão completamente indiferente para mim. Estou preparado para qualquer eventualidade. Só posso tomar nota da posição. Hoje é terça-feira e na próxima segunda-feira estaremos em guerra". A reunião acabou nesse ponto. Como relembrou Schmidt, era impossível conversar racionalmente com Hitler naquela manhã.

Mesmo assim, as advertências de Wilson fizeram efeito. Mais calmo, ele pediu a Weizsäcker que redigisse uma carta a Chamberlain pedindo-lhe que persuadisse os tchecos a serem razoáveis e assegurando-lhe que não tinha nenhum outro interesse na Tchecoslováquia depois que os alemães dos Sudetos fossem incorporados ao Reich.

No fim daquela tarde, uma divisão motorizada começou seu desfile agourento pela Wilhelmstraße, diante dos prédios do governo. Durante três horas, Hitler esteve à janela enquanto os veículos passavam. De acordo com as lembranças de seu ajudante para a Luftwaffe, Nicolaus von Below, ele ordenara o desfile não para testar o espírito marcial da população de Berlim, mas para impressionar os diplomatas e jornalistas estrangeiros com o poderio militar alemão e sua prontidão para a guerra. Se esse era seu objetivo, a tentativa falhou. Para o jornalista americano William Shirer, a reação sombria dos berlinenses — escondendo-se atrás

das portas, recusando-se a olhar, ignorando a exibição militar — foi "a mais notável demonstração contra a guerra que já vi". Consta que Hitler ficou desapontado e irado com a falta de entusiasmo demonstrada pelos berlinenses. O contraste com as reações da plateia escolhida a dedo do Sportpalast era gritante. Dava uma ideia do estado de ânimo em todo o país. Quaisquer que fossem os sentimentos em relação aos alemães dos Sudetos, somente uma minoria fanatizada achava que eles valiam uma guerra contra as potências ocidentais.

Mas, se Hitler estava decepcionado porque o ânimo do povo não se parecia com aquele de agosto de 1914, sua determinação em ir adiante com a ação militar em 1o de outubro, caso os tchecos não cedessem, continuava inabalável, como deixou claro naquela noite para Ribbentrop e Weizsäcker. Àquela altura, no entanto, Ribbentrop era praticamente a única influência belicista sobre Hitler. De todos os outros lados, cresciam as pressões para que ele recuasse.

Para Hitler, recuar de uma "decisão inabalável" equivalia a perder prestígio. Mesmo assim, para aqueles acostumados a lidar com ele de perto, o incrível aconteceu. Na manhã seguinte, 28 de setembro, horas antes de expirar o ultimato à Tchecoslováquia, ele mudou de ideia e cedeu às exigências de um acordo negociado. "Não dá para entender essa mudança. O Führer cedeu, e fundamentalmente", anotou Helmuth Groscurth.

A intervenção decisiva foi de Mussolini. Sondagens nesse sentido haviam sido feitas por Göring, cada vez mais ansioso, cerca de quinze dias antes. Ele também tentara, por intermédio de Henderson, despertar o interesse dos britânicos pela ideia de uma conferência das principais potências para resolver a questão dos Sudetos por meio de negociações. Antes do lance crucial de Mussolini, os britânicos e os franceses também tinham aplicado a pressão máxima. Chamberlain respondera à carta de Hitler enfatizando sua incredulidade de que o chanceler alemão estivesse disposto a correr o risco de uma guerra mundial, que talvez trouxesse o fim da civilização, "por causa de alguns dias de atraso na solução desse problema antigo". Sua carta continha propostas, de comum acordo com os franceses, para pressionar os tchecos a ceder imediatamente o território dos Sudetos, cuja transferência seria garantida pela Grã-Bretanha e se iniciaria em 1o de outubro. Uma Comissão Internacional de Fronteiras resolveria os detalhes do acordo territorial. O primeiro-ministro britânico indicava que estava disposto a ir a Berlim imediatamente, com

representantes da França e da Itália, para discutir toda a questão. Chamberlain escreveu também a Mussolini, instando-o a concordar com sua proposta "que manterá todos os nossos povos fora da guerra".

Os franceses também estavam ativos. O embaixador em Berlim, André François-Poncet, fora instruído, às quatro da madrugada, a apresentar para Hitler propostas semelhantes às de Chamberlain. Sua solicitação, no início da manhã seguinte, de uma audiência com Hitler não foi bem recebida por Ribbentrop, ainda desejoso da guerra. Mas depois da intercessão de Göring, sugerida por Henderson, Hitler concordou em receber o embaixador francês às 11h15.

François-Poncet advertiu Hitler de que ele não conseguiria manter localizado um conflito militar com a Tchecoslováquia, mas poria a Europa em chamas. Uma vez que podia obter quase todas as suas reivindicações sem guerra, o risco parecia sem sentido. Nesse momento, por volta das 11h40, a discussão foi interrompida por uma mensagem do embaixador italiano, Bernardo Attolico, dizendo que desejava ver Hitler imediatamente para discutir um assunto de grande urgência. Hitler deixou a sala com seu intérprete Paul Schmidt. O alto, recurvado e corado diplomata italiano não perdeu tempo e foi direto ao ponto. Ofegante, anunciou a Hitler que o governo britânico dissera a Mussolini que receberia bem sua mediação na questão dos Sudetos. As áreas de desacordo eram pequenas. O Duce apoiava a Alemanha, continuou o embaixador, mas era "de opinião que a aceitação da proposta inglesa seria vantajosa" e apelava por um adiamento da mobilização planejada. Depois de um momento de pausa, Hitler respondeu: "Diga ao Duce que aceito sua proposta". Era próximo do meio-dia. Hitler tinha agora uma maneira de recuar sem ficar desacreditado. "Não temos um ponto de partida para a guerra", comentou Goebbels. "Não se pode levar a cabo uma guerra por conta de minúcias."

Às 12h15, quando o embaixador Henderson entrou com a carta de Chamberlain, Hitler disse-lhe que, a pedido de seu "grande amigo e aliado, *signor* Mussolini", ele havia adiado a mobilização por 24 horas. O clímax da febre de guerra havia passado. Durante a audiência de uma hora de Henderson, Attolico interrompeu mais uma vez para dizer a Hitler que Mussolini havia concordado com a proposta britânica de uma reunião das quatro grandes potências. Quando a notícia dramática chegou a Chamberlain, perto do fim de um discurso sobre a crise que estava

fazendo diante de uma Câmara dos Comuns lotada, a casa explodiu. “Ficamos de pé sobre os bancos, sacudimos nossos papéis, gritamos até ficarmos roucos — uma cena de entusiasmo indescritível”, relembrou um membro do Parlamento. “A paz precisa agora ser salva.”

A guerra foi evitada — ao menos por enquanto. “Os céus começam a clarear um pouco”, escreveu Goebbels. “Nós ainda temos provavelmente a possibilidade de tomar o território dos Sudetos alemães de forma pacífica. A grande solução ainda permanece aberta, e vamos nos rearmar mais para eventualidades futuras.”

Já no início da tarde seguinte, Hitler, Mussolini, Chamberlain e Édouard Daladier, o baixo, quieto e garboso premiê francês, junto com Ribbentrop, Weizsäcker, Ciano, Wilson e Alexis Léger, secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores da França, tomaram assentos em torno de uma mesa na recém-construída Führerbau, em meio ao complexo de prédios do partido centrados em torno da Casa Parda — a grande e imponente sede do partido —, em Munique. Ali, trataram de dividir a Tchecoslováquia.

Os quatro chefes de governo começaram por declarar suas posições em relação à questão dos Sudetos. Todos eles — inclusive Hitler — falaram contra uma solução pela força. As discussões centraram-se na proposta escrita para resolver a questão, agora traduzida nos quatro idiomas, que Mussolini entregara no dia anterior (embora o texto, na realidade, tivesse sido esboçado por Göring, depois formalizado no Ministério do Exterior alemão sob os olhos de Weizsäcker, com alguma colaboração de Neurath, mas evitando o envolvimento de Ribbentrop, antes de ser entregue ao embaixador italiano). O documento forneceu a base para o que ficaria conhecido como o famigerado Acordo de Munique. O círculo dos envolvidos na discussão se ampliara para incluir Göring e os embaixadores de Itália, França e Grã-Bretanha (Attolico, François-Poncet e Henderson), bem como assessores jurídicos, secretárias e ajudantes. Mas agora era principalmente uma questão de tecnicalidades jurídicas e detalhes. O trabalho principal estava feito. Naquela noite, Hitler convidou os participantes para um jantar festivo. Chamberlain e Daladier arranjaram desculpas para não comparecer. Depois que o trabalho sujo fora feito, eles não estavam com disposição para celebrar.

No total, as deliberações haviam durado cerca de treze horas. Mas, por mais sensacional que a reunião de cúpula das quatro potências fosse para o mundo

externo, a verdadeira decisão já fora tomada por volta do meio-dia de 28 de setembro, quando Hitler concordara com a proposta de Mussolini de uma solução negociada. Finalmente, por volta das 2h30 de 30 de setembro, a minuta do acordo foi assinada. Os termos eram, na verdade, os do memorando de Godesberg, modificados pelas propostas finais anglo-francesas, e com datas marcadas para uma progressiva ocupação alemã, a ser completada em dez dias. "Conseguimos então obter essencialmente tudo o que queríamos de acordo com o pequeno plano", comentou Goebbels. "O grande plano é, no momento, tendo em vista as circunstâncias prevalecentes, ainda não realizável."

Hitler estava com aparência pálida, cansada e indisposta quando Chamberlain o visitou em seu apartamento da Prinzregentenplatz para lhe apresentar uma declaração conjunta de Alemanha e Grã-Bretanha da determinação de nunca entrarem em guerra uma com a outra novamente. Chamberlain sugerira o encontro privado durante um intervalo da reunião do dia anterior. Segundo o primeiro-ministro britânico, Hitler havia "aceitado de imediato a ideia". O inglês considerou a conversa "muito amistosa e agradável" e prosseguiu: "No final, tirei a declaração que havia preparado de antemão e perguntei se ele a assinaria". Depois de um momento de hesitação, Hitler acrescentou sua assinatura — com alguma relutância, segundo o intérprete Paul Schmidt. Para ele, o documento não tinha sentido. E Munique não era grande motivo de comemoração. Sentia-se privado do triunfo maior, que tinha certeza que viria de uma guerra limitada contra os tchecos — seu objetivo durante todo o verão. Mas, quando a crise seguinte inevitavelmente chegou, ele estava mais confiante ainda de conhecer seus adversários: "Nossos inimigos são pequenos vermes", diria aos seus generais em agosto de 1939. "Eu os vi em Munique."

Ele também desdenhava de seus generais depois de Munique. A oposição deles aos seus planos o enfurecera durante todo o verão. Como ele reagiria se soubesse que ninguém menos que seu novo chefe do Estado-Maior, general Halder, estivera envolvido em planos para um *coup d'état* caso houvesse uma guerra contra a Tchecoslováquia é algo que podemos deixar para a imaginação. Se os planos dos grupos mal coordenados, envolvidos na nascente conspiração, teriam ou não chegado a alguma coisa é uma questão em aberto. Mas, com o Acordo de Munique, a chance foi irremediavelmente perdida. Chamberlain voltou para casa e teve uma

recepção de herói. Mas, para os oponentes do regime nazista, que esperavam usar o aventureirismo militar de Hitler como arma para sua deposição e destruição, o primeiro-ministro britânico era qualquer coisa, menos o herói do momento. "Chamberlain salvou Hitler", foi a avaliação amarga que fizeram da diplomacia de apaziguamento das potências ocidentais.

A popularidade e o prestígio de Hitler alcançaram novas alturas depois de Munique. Ele teve nova recepção triunfal ao retornar a Berlim. Mas tinha plena consciência de que a onda elementar de euforia refletia o alívio de ver a paz preservada. A "volta ao lar" dos alemães dos Sudetos tinha importância apenas secundária. Ele não estava sendo festejado como o "primeiro soldado do Reich", mas como o salvador da paz que não desejara. Aos seus olhos, no momento crítico, o povo alemão perdera o entusiasmo pela guerra. Faltara o espírito de 1914. O rearmamento psicológico ainda estava por acontecer. Algumas semanas depois, ao se dirigir a uma plateia seleta de várias centenas de jornalistas e editores alemães, ele deu uma indicação notavelmente franca de seus sentimentos:

> As circunstâncias obrigaram-me a falar de paz quase sozinho durante décadas. É natural que essa [...] propaganda da paz tenha também seu lado dúbio. Ela pode levar facilmente ao estabelecimento, na mente das pessoas, da visão de que o regime atual é idêntico à determinação e à vontade de preservar a paz sob quaisquer circunstâncias. Isso levaria não somente a uma avaliação errada dos objetivos desse sistema, mas também, sobretudo, levaria a nação alemã, em vez de premunir-se diante dos eventos, a encher-se de um espírito que, como o derrotismo, no longo prazo levaria embora e deveria levar embora os sucessos do regime atual.

Era necessário, portanto, transformar a psicologia do povo alemão, fazê-lo ver que algumas coisas só podiam ser obtidas pela força, e representar as questões da política externa de tal modo que "a voz interior do próprio povo comece lentamente a clamar pelo uso da força".

O discurso é revelador. O apoio popular à guerra tinha de ser fabricado, uma vez que guerra e expansão estavam irrevogavelmente ligadas à sobrevivência do regime. Os sucessos, os triunfos sem fim eram indispensáveis ao regime — e à popularidade e ao prestígio de Hitler dos quais, em última análise, o regime dependia. Somente por meio da expansão — em si mesma impossível sem a guerra — a Alemanha e o regime nacional-socialista poderiam sobreviver. Esse era o pensamento de Hitler. A aposta na expansão era inevitável. Não se tratava de uma

questão de escolha pessoal.

O legado de Munique foi enfraquecer fatalmente aqueles que poderiam, mesmo então, constranger Hitler. Quaisquer limites potenciais — externos e internos — à sua liberdade de ação desapareceram. Seu ímpeto para a guerra não diminuiu. E, na próxima vez, ele estaria decidido a não se deixar bloquear no último minuto por manobras diplomáticas das potências ocidentais, cuja fraqueza havia visto com os próprios olhos em Munique.

15. Marcas de uma mentalidade genocida

I

A dinâmica ideológica do regime nazista não tinha a ver de forma nenhuma apenas com a *Weltanschauung* personalizada de Hitler. Na realidade, até então seus objetivos ideológicos haviam desempenhado apenas um papel secundário em sua política expansionista e não teriam destaque na crise polonesa durante o verão de 1939. O partido e suas numerosas suborganizações eram, evidentemente, importantes para sustentar a pressão por medidas discriminatórias contra grupos-alvo ideológicos. Mas, em termos de planejamento coerente, podia-se esperar pouco do comando central do partido, sob a direção de Rudolf Heß, o adjunto de Hitler para assuntos partidários. A agência-chave não era o partido, mas a SS.

O interesse pela expansão era evidente. Empolgados com seus sucessos na Áustria e nos Sudetos, Himmler, Heydrich e os altos escalões da SS estavam ansiosos para ampliar — sob os auspícios de Hitler, naturalmente — seu próprio império. Já em agosto de 1938, um decreto de Hitler veio a satisfazer o desejo de Himmler de desenvolver um braço armado da SS. Com efeito, ele criava um quarto ramo das Forças Armadas — muito menor do que os outros, mas concebido como um corpo de "soldados políticos" ideologicamente motivados, que ficariam à "disposição exclusiva" do Führer. Não surpreende que Himmler estivesse entre os belicistas da crise dos Sudetos, alinhando-se a Ribbentrop e estimulando a agressividade de Hitler. Os líderes da SS buscavam agora ganhos territoriais para abrir novas oportunidades de experimentação ideológica na trilha para a realização

de um Grande Reich Alemão racialmente purificado, comandado pela seleta casta da elite da SS. Num mundo pós-Hitler, com a "vitória final" conquistada, os homens da SS estavam dispostos a ser os senhores da Alemanha e da Europa.

Para eles, sua missão era erradicar implacavelmente os inimigos ideológicos da Alemanha, que, na estranha visão de Himmler, eram numerosos e ameaçadores. No início de novembro de 1938, ele disse aos altos líderes da SS:

> Devemos ter clareza de que nos próximos dez anos enfrentaremos conflitos críticos inauditos. Não se trata apenas da luta das nações, que neste caso são apresentadas pelos oponentes como uma frente, mas do combate ideológico contra a judiaria, a maçonaria, o marxismo e as igrejas do mundo. Essas forças — das quais presumo que os judeus sejam o espírito propulsor, a origem de todos os males — sabem que serão aniquiladas se Alemanha e Itália não forem aniquiladas. Trata-se de uma conclusão simples. Na Alemanha, os judeus não podem continuar a existir. É uma questão de anos. Nós os expulsaremos mais e mais, com impiedade sem precedentes....

Esse discurso foi pronunciado um dia antes de a Alemanha explodir numa orgia de violência brutal contra sua minoria judaica no famigerado pogrom de 9-10 de novembro de 1938, cinicamente apelidado pelo linguajar popular de Noite dos Cristais do Reich (*Reichskristallnacht*), numa referência aos milhões de fragmentos de vidro quebrado que encheram as calçadas de Berlim, diante de lojas de judeus vandalizadas. Essa noite de horror — a volta à selvageria associada a eras passadas num Estado moderno — desnudou para o mundo a barbárie do regime nazista. Na Alemanha, provocou medidas draconianas imediatas para excluir os judeus da economia, acompanhadas por uma reestruturação da política antissemita, colocada agora diretamente sob o controle da SS, cujos líderes relacionavam guerra e expansão à erradicação dos judeus.

Essa ligação não foi reforçada apenas aos olhos da SS na esteira da Noite dos Cristais. Também para Hitler, a conexão entre a guerra que sabia que viria e a destruição dos judeus da Europa começava agora a assumir forma concreta. Desde a década de 1920, ele não se desviara da concepção de que a salvação alemã só poderia vir por meio de uma luta titânica pela supremacia na Europa e por um poder mundial final, contra inimigos poderosos apoiados pelo inimigo mais poderoso de todos, talvez mais poderoso até do que o próprio Terceiro Reich: a "judiaria internacional". Era um risco colossal. Mas, para Hitler, era um risco que não podia ser evitado: o destino dos judeus estava inextricavelmente amarrado a

esse risco.

O pogrom nacional realizado por turbas nazistas na noite de 9-10 de novembro foi o ápice de uma terceira onda de violência antissemita — ainda pior do que aquelas de 1933 e 1935 —, que se iniciou na primavera de 1938 e se desenrolou como acompanhamento interno da crise de política externa durante o verão e o outono. Parte dos antecedentes para o verão de violência foi o terror deflagrado nas ruas de Viena em março, assim como o "sucesso" de Eichmann em forçar a emigração dos judeus vienenses. Os líderes nazistas em cidades do "velho Reich", particularmente em Berlim, registraram o acontecido. A chance de se livrarem de "seus" judeus parecia se abrir. Um segundo antecedente foi o movimento de "arianização" para expulsar os judeus da vida econômica alemã. No início de 1933, havia cerca de 50 mil negócios de judeus no país. Em julho de 1938, restavam apenas 9 mil. O grande impulso para excluí-los aconteceu entre a primavera e o outono de 1938. Em Munique, os 1690 negócios em mãos de judeus em fevereiro de 1938, por exemplo, caíram para apenas 666 (dois terços deles de propriedade de cidadãos estrangeiros) em outubro. O movimento de "arianização" não apenas fechou negócios ou fez com que fossem vendidos por uma ninharia para novos donos "arianos". Ele também provocou uma nova onda de medidas legislativas que impunham várias restrições discriminatórias e proibições ocupacionais — como a de judeus exercerem a medicina e a advocacia — a ponto de impedir que judeus tentassem sobreviver como mendigos. Da legislação que apontava para os negócios judeus remanescentes para a identificação de pessoas judias foi um pequeno passo. Um decreto de 17 de agosto tornava compulsório aos homens judeus acrescentar o prenome "Israel" ao nome e, às mulheres, "Sara". Tais nomes deveriam ser usados em todos os documentos oficiais, sob pena de prisão. Em 5 de outubro, foram obrigados a ter um "J" estampado em seus passaportes. Alguns dias depois, Göring declarou que "a questão judaica deve agora ser resolvida com todos os meios disponíveis, pois eles [os judeus] devem sair da economia".

Com a legislação inevitavelmente veio a violência. Dúzias de ataques localizados a pessoas e propriedades judaicas, geralmente efetuados por membros de organizações do partido, pontuaram os meses de verão. Muito mais do que nas primeiras ondas antissemitas, a atenção dos militantes nazistas voltou-se cada vez mais para sinagogas e cemitérios judeus, que foram reiteradamente vandalizados.

Como um indicador do estado de ânimo e um gosto prévio "ordenado" do que aconteceria em todo o país durante a Noite dos Cristais, a principal sinagoga de Munique foi demolida em 9 de junho, a primeira a ser destruída pelos nazistas na Alemanha. Alguns dias antes, durante uma visita à cidade, Hitler havia feito objeções à proximidade do templo da Deutsches Künstlerhaus (Casa dos Artistas Alemães). O motivo oficial para a demolição foi que o prédio atrapalhava o tráfego.

Hitler considerou importante que ele não fosse publicamente associado à campanha antissemita quando ela ganhou ímpeto, em 1938. Nenhuma discussão da "questão judaica" na imprensa, por exemplo, foi permitida simultaneamente a suas visitas a diferentes partes da Alemanha naquele ano. O motivo disso parece ter sido a preservação de sua imagem, tanto dentro como fora do país — em especial à luz da crise tcheca em andamento. Daí sua insistência, em setembro de 1938, no auge da crise dos Sudetos, para que sua assinatura da quinta ordem de implementação, de acordo com a Lei de Cidadania do Reich, para espoliar os advogados judeus não fosse divulgada num momento tão tenso, a fim de evitar uma possível deterioração da imagem da Alemanha — ou seja, da sua própria imagem.

Na verdade, ele pouco ou nada precisava fazer para estimular a crescente campanha contra os judeus. Outros cuidavam disso, tomavam a iniciativa, pressionavam por ação — sempre, é claro, com a suposição de que isso estava de acordo com a grande missão do nazismo. Era um caso clássico de "trabalhar para o Führer" — supor (geralmente por interesse próprio) que ele aprovava medidas destinadas a "remover" os judeus, medidas vistas como promotoras de seus objetivos de longo prazo. Os militantes do partido nas várias organizações do movimento não precisavam de estímulo para desencadear mais ataques aos judeus e suas propriedades. Os "arianos" em cada ramo dos negócios, dos menores aos maiores, aproveitavam cada oportunidade para lucrar à custa de seus colegas judeus. Centenas de negócios judeus — inclusive bancos privados estabelecidos havia muito tempo, como o Warburg e o Bleichröder — tiveram sua venda forçada por uma fração de seu valor para compradores "arianos", com frequência por meio de extorsões típicas de gangsterismo. Os grandes negócios foram os que ganharam mais. Empresas gigantes como Mannesmann, Krupp, Thyssen, Flick e IG-Farben, e bancos importantes como o Deutsche Bank e o Dresdner Bank, foram os principais beneficiários, enquanto uma variedade de consórcios, funcionários corruptos do

partido e um número incalculável de pequenos empreendimentos comerciais agarravam o que podiam. Pilares "arianos" do establishment, como médicos e advogados, também apreciavam as vantagens econômicas que podiam levar com a expulsão dos judeus de suas profissões. Professores universitários, sem que para isso fossem instigados, dedicaram-se a definir supostas características negativas do caráter e da psicologia dos judeus. E, durante todo o tempo, os servidores públicos trabalhavam com diligência para aprimorar a legislação que transformava os judeus em marginais e párias, e suas vidas em tormento e miséria. A polícia, em particular a Gestapo — auxiliada, como sempre, por cidadãos ávidos por denunciar judeus ou aqueles considerados "amigos de judeus" —, servia de agência proativa de imposição de lei, utilizando seus métodos "racionais" de prisão e internamento em campos de concentração, em vez da violência crua dos exaltados do partido, embora com o mesmo objetivo. Não menos importante, o SD — que começava sua vida de organização de inteligência do partido, mas já se transformava na agência crucial de vigilância e planejamento ideológico dentro da SS em rápida expansão — avançava na direção de exercer o papel central na moldagem da política antissemita.

Cada grupo, agência ou indivíduo envolvido em levar adiante a radicalização da discriminação contra os judeus tinha interesses próprios e uma pauta específica. O que os unia e justificava era a visão da purificação racial e, em particular, de uma Alemanha "livre de judeus", encarnada na pessoa do Führer. O papel de Hitler, portanto, era decisivo, embora às vezes indireto. Sua aprovação era necessária. Mas, na maior parte do tempo, pouco mais era exigido.

Não há dúvidas de que Hitler aprovava e apoiava plenamente o novo ataque aos judeus, ainda que tomasse cuidado para permanecer fora dos holofotes. Joseph Goebbels, um dos principais agitadores a favor da ação radical contra os judeus, não teve dificuldades, em abril de 1938 — logo após a perseguição selvagem dos judeus em Viena —, para persuadi-lo a apoiar seus planos de "limpar" Berlim, a sede de seu *Gau*. A única exigência de Hitler foi a de que nada deveria ser feito antes de seus encontros com Mussolini, no início de maio. O sucesso de suas conversas com o Duce tinha grande importância para ele, particularmente no contexto de seu plano para a Tchecoslováquia. Era preciso evitar possíveis repercussões diplomáticas do aumento da perseguição aos judeus na capital alemã. Goebbels já havia discutido

seus objetivos relacionados à "questão judaica" com o chefe da polícia de Berlim, conde Wolf Heinrich von Helldorf, antes de tratar do assunto com Hitler.

> Depois o apresentamos ao Führer. Ele concorda, mas só após sua viagem à Itália. Os estabelecimentos judeus serão eliminados. Os judeus terão então uma piscina, uns poucos cinemas e restaurantes alocados para eles. Fora disso, entrada proibida. Vamos remover o caráter de paraíso dos judeus de Berlim. Os negócios judeus serão marcados como tais. De qualquer modo, estamos agindo agora de forma mais radical. O Führer quer expulsá-los todos gradualmente. Negociar com a Polônia e a Romênia. Madagascar seria o mais adequado para eles.

A "solução Madagascar" era alardeada pelos antissemitas radicais havia décadas. A referência a ela nessa conjuntura parece significar que Hitler estava se afastando de qualquer pressuposição de que a emigração resolveria o "problema judaico" em favor de uma solução baseada em reassentamento territorial. É provável que fosse influenciado nisso por Heydrich, que relatava a ele as opiniões de "especialistas" em política judaica no SD. A relativa falta de sucesso em "persuadir" os judeus a emigrar — em outubro de 1938, quase três quartos da população judaica registrada em 1933 ainda viviam na Alemanha, apesar da perseguição —, somada aos crescentes obstáculos para a emigração judaica criados por outros países, havia obrigado o SD a revisar suas opiniões sobre a política antissemita futura. No fim de 1937, a ideia de favorecer um Estado judeu na Palestina, que Eichmann desenvolvera, em parte através de negociações secretas com contatos sionistas, já havia esfriado bastante. A visita do próprio Eichmann à Palestina, arranjada por seu contato sionista, fora um redondo fracasso. E, o que era mais importante, o Ministério do Exterior alemão era resolutamente hostil à noção de um Estado judeu na Palestina. Porém, a emigração continuava a ser o objetivo.

Hitler também tinha preferência pelo território da Palestina. No início de 1938, ele ratificou a política, decidida quase um ano antes, destinada a promover por todos os meios disponíveis a emigração de judeus para qualquer país disposto a recebê-los, embora visasse a Palestina em primeiro lugar. Mas estava alerta aos perigos de criar um Estado judeu que poderia ameaçar a Alemanha em algum momento futuro. De qualquer modo, outras ideias eram discutidas. Já em 1937, houvera sugestões na SD de deportar os judeus para lugares desertos e inóspitos do mundo, pouco capazes de sustentar a vida humana e, com certeza, na visão do SD, incompatíveis com um florescimento renovado da população judaica e com a

revitalização do potencial de "conspiração mundial". Além da Palestina, o Equador, a Colômbia e a Venezuela foram mencionados como possibilidades. Na ocasião, essas ideias não deram em nada. Mas as sugestões eram, em essência, pouco diferentes da velha noção, que seria depois renovada, de Madagascar como um território inóspito adequado para acomodar judeus até que — isso estava implícito — eles por fim desaparecessem. A ideia de reassentamento judaico, já ventilada no SD, era em si mesma potencialmente genocida.

Independente da linha política favorecida, a "meta final" (como os comentários de Hitler a Goebbels indicavam) continuava indistinta e, como tal, compatível com todas as tentativas de acelerar a "remoção" dos judeus. Essa "remoção" final era pensada para durar um bom número de anos até ser completada. Mesmo depois da Noite dos Cristais, Heydrich ainda imaginava uma "ação de emigração" que duraria de oito a dez anos. O próprio Hitler já sugerira a Goebbels, perto do fim de julho de 1938, que "os judeus devem ser removidos da Alemanha em dez anos". Nesse meio-tempo, acrescentou, eles deveriam ser mantidos como "garantia".

Enquanto isso, Goebbels estava impaciente para avançar com a "limpeza racial" de Berlim. "Um começo tem de ser feito em algum lugar", observou. Ele achava que a remoção dos judeus da economia e da vida cultural da cidade podia ser executada em poucos meses. O programa criado por Helldorf em meados de maio, com sua aprovação, propunha várias medidas discriminatórias — como carteiras de identidade especiais para judeus, marcação das lojas de sua propriedade, proibição do uso de parques públicos e compartimentos especiais nos trens —, a maioria das quais, após o pogrom de novembro, foi, em geral, implementada. Helldorf imaginou também a construção de um gueto em Berlim, a ser financiado pelos judeus mais ricos.

Ainda que esse último objetivo não tenha sido alcançado, a atmosfera venenosa provocada pela agitação de Goebbels — com a aprovação tácita de Hitler — teve resultados rápidos. Já em 27 de maio, uma turba de mil pessoas percorreu partes de Berlim, quebrando vitrines de lojas de judeus e fazendo com que a polícia, ansiosa para não perder a motivação na política antissemita, levasse os donos em "custódia preventiva". Em meados de junho, quando as lojas judaicas da Kurfürstendamm, a principal rua comercial da região oeste da cidade, foram pichadas com slogans antissemitas por militantes do partido — e algumas delas saqueadas —, a

preocupação com a imagem da Alemanha no exterior ditou uma pausa na violência pública. Hitler interveio diretamente de Berchtesgaden, e Goebbels, com pesar, proibiu todas as ações ilegais. Porém, Berlim havia dado o tom. "Ações" similares, iniciadas pelas organizações locais do partido, aconteceram em Frankfurt, Magdeburg e outras cidades. A falta de uma proibição geral explícita, vinda de cima, das "ações individuais", como fora imposta em 1935, foi entendida por militantes do partido em incontáveis lugares como um sinal verde para intensificar suas campanhas. O rastilho para o verão e outono de violência fora aceso. Quando a tensão da crise tcheca aumentou, as iniciativas antissemitas em várias regiões providenciaram para que a "questão judaica" se tornasse um barril de pólvora, à espera da faísca. A maré radical subiu. A atmosfera tornou-se extremamente ameaçadora para os judeus.

Mesmo assim, do ponto de vista da liderança do regime, o modo para tirar os judeus da economia e forçá-los a sair da Alemanha ainda parecia uma pergunta sem resposta óbvia. Já em janeiro de 1937, Eichmann havia sugerido, em longo memorando interno, que os pogroms eram a maneira mais eficaz de acelerar a emigração. Como se fosse uma resposta a uma oração, os disparos que o jovem judeu polonês de dezessete anos, Herschel Grynszpan, fez contra o terceiro-secretário da embaixada alemã em Paris, Ernst vom Rath, na manhã de 7 de novembro de 1938, representaram uma oportunidade que não podia ser perdida. Foi uma chance avidamente aproveitada por Goebbels. Ele não teve dificuldades para obter pleno apoio de Hitler.

II

A intenção de Grynszpan era matar o embaixador. Aconteceu de Vom Rath ser o primeiro funcionário que ele viu. O atentado foi um ato de desespero e vingança por sua existência miserável e pela deportação de sua família, no fim de outubro, de Hanover, junto com outros 18 mil judeus poloneses, que foram simplesmente depositados do outro lado da fronteira com a Polônia. Dois anos e meio antes, quando o estudante de medicina judeu David Frankfurter matara o líder nazista da Suíça Wilhelm Gustloff, em Davos, as circunstâncias haviam exigido que qualquer reação violenta dos fanáticos do partido na Alemanha fosse contida. No clima ameaçador do outono de 1938, a situação era muito diferente. Agora, as hordas nazistas seriam positivamente estimuladas a voltar sua ira contra os judeus. Ademais, a morte de Vom Rath — ele sucumbiu aos ferimentos na tarde de 9 de novembro — coincidiu com o 15o aniversário da tentativa do golpe de 1923. Em toda a Alemanha, os membros do partido encontravam-se para celebrar um dos eventos lendários do "tempo da luta". A comemoração anual era um ponto alto do calendário nazista. Em Munique, como de costume, os mandachuvas do partido estavam reunidos.

Na manhã seguinte ao fatídico atentado, a imprensa nazista, sob a coordenação de Goebbels, foi inundada por ataques violentos aos judeus, uma garantia de incitamento à violência. Com efeito, naquela noite de 8 de novembro, pogroms que compreendiam o incêndio de sinagogas, a destruição de propriedades judaicas, saques de mercadorias e maus-tratos de judeus foram instigados em várias regiões do país pela agitação dos líderes locais do partido, sem nenhuma diretriz de cima. Em geral, os líderes locais envolvidos eram antissemitas radicais em áreas com uma longa tradição de antissemitismo, como Hessen. Goebbels anotou os distúrbios com satisfação em seu diário: "Em Hessen, grandes manifestações antissemitas. As sinagogas foram incendiadas. Se ao menos a ira do povo pudesse agora ser solta!". No dia seguinte, ele referiu-se às "manifestações", incêndio de sinagogas e demolição de lojas em Kassel e Dessau. À tarde, chegou a notícia da morte de Vom Rath. "Agora, a coisa está feita", observou Goebbels.

A "velha guarda" do partido reunia-se naquela noite na Prefeitura Velha de Munique. Hitler também estava presente. A caminho de lá, junto com Goebbels,

contaram-lhe sobre os distúrbios contra os judeus na cidade, mas ele foi a favor de a polícia adotar uma linha branda. Hitler não podia deixar de saber dos atos antissemitas em Hessen e outros lugares, assim como dos incitamentos da imprensa. Era impossível ignorar o fato de que, entre os radicais do partido, a tensão antissemita era alta. Mas ele não dera nenhuma indicação, apesar do estado grave de Vom Rath naquele momento e do clima antissemita ameaçador, de pretender tomar alguma medida quando falara para a "velha guarda" do partido em seu tradicional discurso na Bürgerbräukeller, na noite anterior. No dia 9, quando os líderes do partido se reuniram para a recepção, Hitler já sabia da morte de Vom Rath. Uma vez que seu próprio médico, Karl Brandt, fora enviado a Paris, ele sem dúvida havia sido bem informado sobre o estado de saúde do diplomata e ficara sabendo de seu falecimento o mais tardar às sete horas daquela noite — com toda probabilidade, por telefone, algumas horas antes. De acordo com seu ajudante para a Luftwaffe, Nicolaus von Below, já lhe haviam dado a notícia — que recebera sem nenhuma reação visível — naquela tarde, quando discutia assuntos militares em seu apartamento de Munique.

Goebbels e Hitler foram vistos confabulando de forma agitada durante a recepção, embora a conversa não tenha sido ouvida. Hitler saiu logo depois, mais cedo do que o habitual, sem suas costumeiras trocas de palavras com os presentes, e retornou ao seu apartamento de Munique. Por volta das dez horas, Goebbels fez um discurso breve, mas inflamado, em que anunciava a morte de Vom Rath e destacava que já houvera ação "retaliatória" contra os judeus em Kurhessen e Magdeburg-Anhalt. Ele deixou bastante claro, sem dizer de forma explícita, que o partido deveria organizar e realizar "manifestações" contra os judeus em todo o país, mas fazer com que parecessem expressões espontâneas de ira popular.

As anotações em seu diário não deixam dúvidas sobre o conteúdo de sua discussão com Hitler:

> Vou à recepção do partido na Prefeitura Velha. Enorme quantidade de gente. Explico a questão ao Führer. Ele decide: deixar que as manifestações continuem. Retirar a polícia. Os judeus devem sentir pelo menos uma vez a cólera do povo. Está certo. Dou imediatamente diretrizes correspondentes para a polícia e o partido. Então falo por pouco tempo nessa linha para a liderança do partido. Tempestades de aplausos. Todos saem disparados para o telefone. Agora o povo vai agir.

Goebbels certamente fez seu melhor para garantir que "o povo" agisse. Emitiu

instruções detalhadas sobre o que deveria e não deveria ser feito. Inflamou o estado de ânimo onde havia hesitação. Logo depois de ter falado, a Stoßtrupp Hitler, um "esquadrão de assalto" cujas tradições remontavam aos dias inebriantes das brigas de cervejaria anteriores ao putsch, foi lançada para causar estragos nas ruas de Munique. Quase imediatamente, as tropas do esquadrão demoliram a velha sinagoga da Herzog-Rudolf-Straße, deixada em pé depois que a sinagoga principal fora destruída no verão. Adolf Wagner, *Gauleiter* de Munique e da Alta Baviera (que, como ministro do Interior bávaro, era supostamente o responsável pela ordem na província), de forma nenhuma moderado na "questão judaica", acovardou-se. Mas Goebbels o pôs na linha. A "capital do movimento" não poderia ser poupada do que já estava acontecendo em toda a Alemanha. Goebbels deu então instruções diretas por telefone a Berlim para a demolição da sinagoga na Fasanenstraße, perto da Kurfürstendamm.

O alto-comando da polícia e da SS, também reunido em Munique, mas ausente quando Goebbels fez seu discurso, soube da "ação" só depois que havia começado. Heydrich, que na ocasião estava no Hotel Vier Jahreszeiten, foi informado pela Gestapo de Munique por volta das 23h20, depois que as primeiras ordens já haviam sido dadas pelo partido e pela SA. Ele buscou imediatamente diretrizes sobre como a polícia deveria reagir. O *Reichsführer-SS* foi contatado no apartamento de Hitler em Munique. Ele perguntou quais as ordens que Hitler tinha para ele. O Führer respondeu — com toda probabilidade por sugestão de Himmler — que queria a SS fora da "ação". Desordem, violência descontrolada e destruição não eram do estilo da SS. Himmler e Heydrich preferiam a abordagem sistemática, "racional" da "questão judaica". Pouco depois da meia-noite, emitiram-se ordens para que os homens da SS que quisessem participar das "manifestações" o fizessem somente em trajes civis. À 1h20, Heydrich mandou um telex para todos os chefes de polícia instruindo-os a não obstruir a destruição de sinagogas e a prender tantos homens judeus, especialmente os ricos, quanto as acomodações das prisões pudessem comportar. A cifra de 20-30 mil judeus já fora mencionada numa diretriz da Gestapo enviada antes da meia-noite.

Enquanto isso, em todo o país, militantes do partido — em especial homens da SA — foram subitamente convocados por seus líderes locais para incendiar sinagogas e atacar outras propriedades de judeus. Muitos deles haviam participado

de comemorações do putsch da cervejaria e alguns ainda estavam sob os efeitos da bebida. A "ação" em geral era improvisada no momento.

À meia-noite, na Feldeherrnhalle, onde a tentativa de putsch de 1923 acabara, Goebbels havia testemunhado o juramento de fidelidade da SS a Hitler. O ministro da Propaganda estava pronto para retornar ao hotel quando viu o céu vermelho das chamas da sinagoga da Herzog-Rudolf-Straße. Ele voltou à sede do *Gau*. O corpo de bombeiros recebeu instruções para apagar somente o que era necessário, a fim de proteger os edifícios próximos. Deveriam deixar a sinagoga queimar. "A Stoßtrupp está causando um dano terrível", comentou. Chegou-lhe a informação de que 75 sinagogas estavam em chamas em todo o Reich, quinze delas em Berlim. Àquela altura, ele já sabia da diretriz da Gestapo. "O Führer ordenou que 20-30 mil judeus devem ser presos imediatamente", anotou. Na verdade, fora uma ordem da Gestapo sem nenhuma referência a uma diretriz do Führer. Porém, embora tivesse instigado o pogrom, estava claro que Goebbels supunha que as decisões fundamentais vinham de Hitler. Ele foi com Julius Schaub, o faz-tudo de Hitler, até o Clube dos Artistas para esperar por mais notícias. Schaub estava em excelente forma. "Seu velho passado de Stoßtrupp foi revivido", comentou Goebbels. Ele voltou para seu hotel. Podia ouvir o barulho dos vidros quebrados das vitrines. "Bravo, bravo", escreveu. Após algumas horas de sono roubado, ele acrescentou: "Os queridos judeus vão pensar sobre isso no futuro antes de matar diplomatas alemães assim. E esse foi o sentido do exercício".

Durante toda a manhã chegaram informes sobre a destruição. Goebbels avaliou a situação com Hitler. Diante das críticas crescentes à "ação", vindas também de altos escalões da liderança nazista — embora, naturalmente, não fossem por motivos humanitários —, tomaram a decisão de suspender a violência. Goebbels preparou um decreto para acabar com a destruição, comentando cinicamente que, se houvesse permissão para continuar, haveria o perigo de que "a turba começasse a aparecer". Apresentou-o a Hitler, que estava, segundo Goebbels, "de acordo com tudo. Suas opiniões são muito radicais e agressivas". "Com pequenas alterações, o Führer aprova meu édito sobre o fim das ações. [...] O Führer quer tomar medidas muito severas contra os judeus. Eles devem arrumar seus negócios sozinhos. O seguro não lhes pagará nada. Depois o Führer quer gradualmente expropriar os negócios judeus."

A noite de horror para os judeus da Alemanha causara a demolição de cerca de cem sinagogas, o incêndio de centenas de outras, a destruição de pelo menos 8 mil negócios e a danificação de incontáveis apartamentos. As calçadas das grandes cidades estavam coalhadas de cacos de vidro das vitrines de lojas; a mercadoria, quando não pilhada, foi espalhada pelas ruas. Apartamentos privados foram vandalizados, móveis demolidos, espelhos e quadros quebrados, roupas rasgadas, objetos de estimação gratuitamente destruídos. Os danos materiais foram estimados pouco depois por Heydrich em vários milhões de marcos.

O sofrimento humano das vítimas era incalculável. Espancamentos e maus-tratos bestiais, até de mulheres, crianças e idosos, foram comuns. Cerca de cem judeus foram assassinados. Não surpreende que tenha havido muitos suicídios naquela noite. Nas semanas seguintes ao pogrom, muitos outros sucumbiram às brutalidades nos campos de concentração de Dachau, Buchenwald e Sachsenhausen, para onde foram mandados 30 mil judeus do sexo masculino, detidos pela polícia, como maneira de forçá-los a emigrar.

A escala e a natureza da selvageria e o objetivo de maximizar a degradação refletiam o sucesso da propaganda de demonização da figura do judeu — sem dúvida, nas organizações do próprio partido — e reforçavam maciçamente o processo, em andamento desde a tomada do poder por Hitler, de desumanizá-los e excluí-los da sociedade alemã, um passo vital no caminho para o genocídio.

Ninguém acreditava, no entanto, na linha de propaganda que afirmava se tratar de ações de expressão espontânea de ira popular. O próprio tribunal do partido admitiu depois que “até o último homem, o público sabe que ações políticas como a de 9 de novembro são organizadas e levadas a cabo pelo partido, admita-se isso ou não. Se todas as sinagogas são incendiadas numa única noite, eis algo que tem de ser de alguma forma organizado, e só pode ser organizado pelo partido”.

Não obstante, cidadãos comuns, influenciados pelo clima de ódio e pela propaganda apelativa aos baixos instintos, motivados também pela pura inveja e cobiça material, seguiram o partido em muitos lugares e participaram da destruição e pilhagem das propriedades judaicas. Em certos casos, envolveram-se indivíduos considerados pilares de suas comunidades. Ao mesmo tempo, não há dúvida de que muitos cidadãos comuns ficaram horrorizados com o que viram na manhã de 10 de novembro. Uma mistura de motivos entrou em funcionamento. Alguns certamente

sentiram repulsa pelo comportamento das hordas nazistas e simpatia pelos judeus, até mesmo a ponto de oferecer-lhes ajuda material e conforto. Nem todos os motivos para a condenação eram nobres. Com frequência, era a vergonha infligida por "vândalos" à posição da Alemanha de "nação culta" que doía. Mas o sentimento mais comum era um enorme ressentimento pela destruição desenfreada de bens materiais num momento em que se dizia às pessoas que toda economia, por menor que fosse, contribuía para os esforços do Plano Quadrienal.

III

Na manhã de 10 de novembro, diante dos danos materiais, a raiva também crescia entre os nazistas responsáveis pela economia. Walther Funk, que substituíra Schacht no Ministério da Economia no início do ano, queixou-se diretamente a Goebbels, o qual, para aplacá-lo, disse que Hitler em breve daria ordens a Göring para excluir os judeus da economia. O próprio Göring, que estava num vagão-leito de trem indo de Munique para Berlim durante a noite de violência, ficou furioso quando descobriu o que acontecera. Sua credibilidade de comandante supremo da economia estava em jogo. Ele havia exortado o povo — assim disse a Hitler — a recolher tubos de pasta de dente usados, pregos enferrujados e cada pedacinho de material jogado fora. E, agora, propriedades valiosas haviam sido destruídas afoitamente.

Em 10 de novembro, quando se encontraram na hora do almoço em seu restaurante preferido de Munique, a Osteria Baviera, Hitler deixou claro para Goebbels sua intenção de propor medidas econômicas draconianas contra os judeus. Elas eram ditadas pela noção pervertida de que os próprios judeus teriam de arcar com a conta da destruição de suas propriedades pelos nazistas. Em outras palavras, as vítimas eram culpadas de sua própria perseguição. Elas teriam de reparar os danos sem nenhuma contribuição das companhias de seguros alemãs e seriam expropriadas. Não temos certeza se, como Göring alegou depois, foi Goebbels que sugeriu a imposição de uma multa de 1 bilhão de marcos aos judeus. O mais provável é que Göring, com interesse direto na exploração econômica dos judeus, na qualidade de chefe do Plano Quadrienal, tivesse ele próprio apresentado a ideia em conversas telefônicas com Hitler, e talvez também com Goebbels, naquela tarde. É possível que a ideia tenha sido do próprio Hitler, embora Goebbels não se refira a isso quando fala do desejo dele de "medidas muito duras" no encontro da hora do almoço. De qualquer modo, a sugestão estava fadada a ser aceita por Hitler. Afinal, ele já havia declarado em 1936, em seu "Memorando sobre o Plano Quadrienal", em conexão com a aceleração dos preparativos econômicos para a guerra, sua intenção de responsabilizar os judeus por qualquer dano à economia alemã. Com as medidas decididas, Hitler decretou "que agora a solução econômica também deveria ser levada a cabo" e "ordenou em termos gerais o que

tinha de acontecer”.

Isso foi efetivamente alcançado na reunião com mais de cem pessoas que Göring convocou para 12 de novembro, no Ministério da Aeronáutica. Ele começou por declarar que a reunião era de importância fundamental. Ele havia recebido uma carta de Bormann, em nome do Führer, que expressava o desejo de uma solução coordenada para a “questão judaica”. Além disso, o Führer o informara por telefone no dia anterior que os passos decisivos deveriam agora ser centralmente sincronizados. Em essência, continuou ele, o problema era econômico. Era nessa esfera que a questão devia ser resolvida. Ele criticou o método das “manifestações”, que causavam danos à economia do país. Concentrou-se então nas maneiras de confiscar negócios judeus e maximizar os possíveis ganhos para o Reich com a miséria judaica. Goebbels falou sobre a necessidade de numerosas medidas de discriminação social contra os judeus, as quais vinha defendendo para Berlim havia meses: exclusão de cinemas, teatros, parques, praias e termas, escolas “alemãs” e compartimentos de trens usados por “arianos”. Heydrich sugeriu uma insígnia a ser usada por judeus, o que levou à discussão da conveniência de guetos. Na ocasião, a ideia de criar guetos não foi aprovada (embora os judeus tivessem sido forçados a deixar blocos de moradia “arianos”, além de banidos de certas partes da cidade, o que os obrigou, de fato, a se congregar); e a sugestão de insígnias foi rejeitada pelo próprio Hitler logo depois (presumivelmente para evitar uma possível recorrência da violência estilo pogrom que provocara críticas mesmo entre os líderes do regime). Elas só seriam introduzidas no país em setembro de 1941.

Não obstante, a Noite dos Cristais havia gerado oportunidades completamente novas para medidas radicais. Isso ficou mais evidente na esfera econômica, à qual a reunião retornou. As companhias de seguros teriam de cobrir as perdas para que seus negócios no exterior não sofressem. Mas os pagamentos não seriam feitos, evidentemente, aos judeus, mas ao Reich. Perto do fim da longa reunião, Göring anunciou a “multa de compensação” que seria imposta aos judeus, a qual foi aprovada pelo grupo reunido. No mesmo dia, ele publicou decretos que impunham a multa de 1 bilhão de marcos, excluíam os judeus da economia a partir de 1o de janeiro de 1939 e estipulavam que os judeus eram responsáveis por pagar os danos causados às suas propriedades. “Ao menos uma *tabula rasa* está sendo feita agora”, comentou Goebbels com satisfação. “A visão radical triunfou.”

Com efeito, o pogrom de novembro abriu, da forma mais bárbara imaginável, uma trilha para superar o impasse em que a política antissemita nazista se metera em 1938. A emigração reduzira-se a pouco mais que um pingo, especialmente depois da Conferência de Evian, na qual, por iniciativa do presidente Franklin D. Roosevelt, delegados de 32 países reunidos no balneário francês deliberaram, de 6 a 14 de julho, e depois confirmaram a má vontade da comunidade internacional de aumentar as cotas de imigração para judeus. As medidas para retirar os judeus da economia ainda avançavam muito lentamente para satisfazer os fanáticos do partido. E a política antissemita sofria de completa falta de coordenação. O próprio Hitler se envolvia pouco. Goebbels, uma força propulsora na pressão por medidas mais duras contra os judeus desde a primavera, reconhecera a chance que o assassinato de Vom Rath lhe dera. Ele farejou o clima e soube que as condições estavam maduras. Num sentido pessoal também, a morte de Vom Rath veio em bom momento. As dificuldades conjugais de Goebbels e sua relação com a atriz do cinema tcheco Lida Baarova haviam ameaçado diminuir seu prestígio junto a Hitler. Agora havia uma chance, por meio do "trabalho para o Führer" numa área tão essencial, de reconquistar o favor do ditador.

Uma consequência da noite de violência foi que os judeus ficaram aflitos para deixar a Alemanha. Cerca de 80 mil fugiram, nas circunstâncias mais traumáticas, entre o fim de 1938 e o início da guerra. Pelos meios mais desesperados, milhares de judeus conseguiram escapar das garras dos nazistas e fugir através de fronteiras vizinhas para a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a América Latina, a Palestina (apesar das proibições britânicas) e para o refúgio distante, com a política mais leniente de todas: Shanghai, então ocupada pelos japoneses.

O objetivo nazista de expulsar os judeus ganhou um grande ímpeto. Além disso, o problema de sua eliminação lenta da economia foi atacado. Independente de suas críticas a Goebbels, Göring não perdeu tempo em aproveitar plenamente a chance de "arianizar" a economia e lucrar com a Noite dos Cristais. Uma semana depois, quando falou do "estado muito crítico das finanças do Reich", ele pôde acrescentar: "Ajuda, antes de tudo, do bilhão imposto aos judeus e dos lucros para o Reich da arianização dos negócios judeus". Outros membros da liderança nazista também aproveitaram a oportunidade para impor uma grande quantidade de medidas discriminatórias, intensificando a desesperança da existência judaica na Alemanha.

A radicalização alimentava-se da radicalização.

A radicalização não encontrou oposição de peso. As pessoas comuns que expressavam sua raiva, pena, aversão ou vergonha diante do que havia acontecido não tinham poder. Aqueles que poderiam articular esses sentimentos, como os líderes das igrejas cristãs, entre cujos preceitos estava o "amar ao próximo como a si mesmo", mantiveram-se calados. Nenhuma seita importante, protestante ou católica, fez um protesto oficial, nem apoiou os pastores ou padres corajosos que se manifestaram. Entre a liderança do regime, aqueles que, como Schacht, haviam usado objeções econômicas ou táticas para tentar combater o que consideravam "excessos" contraproducentes dos antissemitas radicais do partido estavam agora politicamente impotentes. De qualquer modo, esses argumentos econômicos perderam toda a força com a Noite dos Cristais. Os dirigentes das Forças Armadas, alguns deles escandalizados com a "desgraça cultural" do que havia acontecido, não fizeram protestos públicos. Além disso, o profundo antissemitismo presente nas Forças Armadas significava que não se podia esperar delas nenhuma oposição digna de menção ao radicalismo nazista. Típica da mentalidade dominante é uma carta que o reverenciado general de Exército Von Fritsch escreveu, quase um ano depois de sua demissão e apenas um mês após o pogrom de novembro. Ele estava supostamente indignado com a Noite dos Cristais. Mas, como acontecia com tantos outros, era o método e não o objetivo que o consternava. Ele menciona em sua carta que, depois da guerra anterior, havia concluído que a Alemanha tinha de vencer três batalhas para se tornar grande novamente. Hitler vencera a batalha contra a classe operária. As outras duas batalhas, contra o ultramontanismo católico e contra os judeus, ainda continuavam pendentes. "E a luta contra os judeus é a mais dura", escreveu ele. "Espera-se que a dificuldade dessa luta fique clara em todos os lugares."

A Noite dos Cristais marcou o último lance de "antissemitismo de pogrom" na Alemanha. Embora estivesse disposto a fazer uso desse método, Hitler enfatizara já em 1919 que ele não proporcionava uma solução para a "questão judaica". Os enormes danos materiais causados, o desastre de relações públicas que se refletiu na condenação quase universal pela imprensa internacional e, em menor medida, a crítica feita aos "excessos" (embora não à legislação antissemita draconiana que se seguiu) por amplos setores da população alemã indicavam que o recurso à violência

aberta deveria ser deixado de lado. Seu lugar foi ocupado por algo que se revelou ainda mais sinistro: a transferência da responsabilidade prática da política antijudaica para os antissemitas "racionais" da SS. Em 24 de janeiro de 1939, Göring, baseado no modelo que funcionara com eficácia em Viena, criou um Escritório Central para a Emigração Judaica, sob a égide do chefe do Serviço de Segurança, Reinhardt Heydrich. A diretriz ainda era a da emigração forçada, agora transformada num movimento acelerado e total para expulsar os judeus da Alemanha. Mas a transferência da responsabilidade geral para a SS deu início a uma nova fase da política antissemita. Para as vítimas, marcou um passo decisivo no caminho que acabaria nas câmaras de gás dos campos de extermínio.

IV

A brutalidade desenfreada do pogrom de novembro, a posterior detenção e encarceramento de cerca de 30 mil judeus e as medidas draconianas para forçá-los a sair da economia foram todas explicitamente aprovadas por Hitler, como o diário de Goebbels deixa claro, mesmo que as iniciativas fossem de outros, sobretudo do próprio ministro da Propaganda.

Para aqueles que o viram no fim da noite de 9 de novembro, Hitler parecia estar chocado e irado com as notícias que chegavam sobre o que estava acontecendo. Himmler, muito crítico a Goebbels, teve a impressão de que Hitler ficara surpreso quando seu ajudante-chefe Karl Wolff os informou sobre o incêndio da sinagoga de Munique, pouco antes das 23h30. Nicolaus von Below, que o viu logo depois que retornou da Prefeitura Velha para seu apartamento, estava convencido de que não havia dissimulação em sua aparente ira e condenação da destruição. Speer ouviu de um aparentemente arrependido e um tanto constrangido Hitler que ele não desejara os "excessos". Speer achava provável que Goebbels o houvesse empurrado para aquilo. Rosenberg, algumas semanas após os eventos, estava convencido de que Goebbels, a quem detestava profundamente, havia, "baseado em um decreto geral do Führer, ordenado a ação como se fosse no nome dele". Líderes militares, igualmente prontos para atribuir a culpa "àquele porco do Goebbels", ouviram de Hitler que a "ação" acontecera sem seu conhecimento e que um de seus *Gauleiter* saíra do controle.

Hitler foi de fato surpreendido pela dimensão da "ação" para a qual ele mesmo dera o sinal verde naquela mesma noite? É possível que a discussão agitada com Goebbels na Prefeitura Velha, como muitos outros casos de autorização verbal geral, dada no estilo desestruturado e informal de tomar decisões no Terceiro Reich, tenha deixado as intenções exatas abertas à interpretação. E, com certeza, no decorrer da noite, a quantidade de críticas de Göring, Himmler e outros nazistas importantes deixou evidente que a "ação" havia saído do controle, se tornara contraproducente e tinha de ser detida — principalmente por causa dos danos materiais que causara.

Mas, quando aceitou a sugestão de Goebbels para "deixar as manifestações continuarem", Hitler sabia muito bem, a partir dos relatos de Hessen, o que elas

significavam. Não era preciso ter muita imaginação para prever o que aconteceria se um ataque generalizado aos judeus em todo o Reich fosse ativamente encorajado. Se Hitler não pretendia que as "manifestações" que aprovou tomassem aquele rumo, o que de fato pretendia? Já a caminho da Prefeitura Velha, parece que ele havia rejeitado uma ação mais dura da polícia contra os vândalos antissemitas de Munique. A tradicional Stoßtrupp Hitler foi lançada sobre as propriedades judaicas de Munique assim que Goebbels terminou de falar com ele. Um de seus subordinados mais próximos, Julius Schaub, esteve no centro dos acontecimentos com Goebbels, comportando-se como o combatente da Stoßtrupp dos velhos tempos. Nos dias que se seguiram, Hitler cuidou de permanecer ambíguo. Não elogiou Goebbels, ou o que havia acontecido. Mas também não o condenou abertamente, mesmo para seu círculo íntimo — muito menos em público — ou se dissociou do impopular ministro da Propaganda. Goebbels tinha a sensação de que sua política contra os judeus contava com a plena aprovação do Führer.

Nada do que aconteceu foi realizado contra a vontade de Hitler, ou em oposição a suas intenções. Na verdade, parece que, como Speer presumiu, ele ficou constrangido quando percebeu que a ação que aprovara havia sido recebida com condenação até pelas mais altas esferas do regime. Se o próprio Goebbels era capaz de fingir cólera diante do incêndio de sinagogas cuja destruição ele incitara e até mesmo ordenara, Hitler era certamente capaz desse cinismo. A ira que porventura sentiu foi apenas contra uma "ação" que ameaçava engolfá-lo na impopularidade que ele não conseguira prever. Incapazes de acreditar que o Führer pudesse ser o responsável, seus subordinados ficaram contentes em ser enganados. Preferiam o alvo mais fácil representado por Goebbels, que havia desempenhado o papel mais visível. A partir daquela noite, foi como se Hitler quisesse lançar um véu sobre o assunto. Em seu discurso para representantes da imprensa feito em Munique na noite seguinte, 10 de novembro, não mencionou o ataque violento aos judeus. Mesmo em seu "círculo íntimo", ele nunca se referiu à Noite dos Cristais durante toda sua vida. Mas, embora tivesse se distanciado publicamente dos acontecimentos, ele havia, na verdade, sido favorável aos passos mais extremos em cada situação.

Os indícios são de que a Noite dos Cristais causou um impacto profundo em Hitler. Durante pelo menos duas décadas, provavelmente mais do que isso, ele

havia nutrido sentimentos que fundiam medo e ódio numa visão patológica dos judeus, como se fossem a encarnação do mal que ameaçava a sobrevivência da Alemanha. Ao lado da motivação pragmática de sua concordância com Goebbels, ou seja, que o momento era oportuno para desencadear a fúria do movimento nazista contra os judeus, estava a necessidade ideológica de destruir o que considerava o inimigo mais implacável da Alemanha, responsável pela guerra e sua consequência mais trágica e danosa para o Reich, a revolução de novembro. Essa demonização do judeu e o medo da "conspiração judaica mundial" faziam parte de uma visão de mundo, que considerava o ato aleatório e desesperado de Herschel Grynszpan parte de um complô para destruir o poderoso Reich alemão. Àquela altura, Hitler passara meses no epicentro de uma crise internacional que levara a Europa à beira de uma nova guerra. No contexto da constante crise na política externa, com a perspectiva de um conflito internacional dentro em breve, a Noite dos Cristais parece ter reinvocado — certamente enfatizado — as supostas ligações entre o poder dos judeus e a guerra, presentes em sua percepção deformada desde 1918-9 e expostas plenamente em *Mein Kampf*.

Ele havia comentado no último capítulo de seu livro que "o sacrifício de milhões na frente de batalha" não teria sido necessário se "12 ou 15 mil desses corruptores hebreus do povo tivessem sido detidos por gás venenoso". Essa retórica, embora revele sentimentos estarrecedores, não era uma indicação de que já tivesse em mente a solução final. Mas a ligação genocida implícita entre guerra e matança de judeus já estava lá. Os comentários de Göring no fim da reunião de 12 de novembro apontavam funestamente para a mesma direção: "Se o Reich alemão entrar em conflito de política externa no futuro próximo, podemos dar por certo que nós, na Alemanha, pensaremos em primeiro lugar em provocar um grande confronto final com os judeus".

Com a guerra se aproximando de novo, a questão da ameaça dos judeus num futuro conflito estava evidentemente presente na cabeça de Hitler. A ideia de usá-los como reféns, parte da mentalidade de Hitler, mas também proposta no órgão de imprensa da SS *Das Schwarze Korps* em outubro e novembro de 1938, é testemunha da conexão entre guerra e "conspiração mundial". "Os judeus que vivem na Alemanha e na Itália são os reféns que o destino colocou em nossas mãos para que possamos nos defender efetivamente dos ataques da judiaria mundial", comentou

Das Schwarze Korps em 27 de outubro de 1938, sob a manchete "Olho por olho, dente por dente". "Esses judeus na Alemanha fazem parte da judiaria mundial", ameaçava o mesmo jornal em 3 de novembro, dias antes de o pogrom nacional ser desencadeado. "Eles são também responsáveis por qualquer coisa que a judiaria mundial faça contra a Alemanha — e são responsáveis pelos danos que a judiaria mundial nos causa e causará." Os judeus deveriam ser tratados como membros de uma potência bélica e internados para evitar seu engajamento em defesa dos interesses da "judiaria mundial". Até então, Hitler nunca tentara apresentar a tática do "refém" como arma de sua política externa. Talvez as sugestões da liderança da SS tenham feito essa ideia reviver em sua mente. De qualquer modo, a possível utilização dos judeus alemães como garantia para chantagear as potências ocidentais e fazê-las aceitar uma nova expansão alemã foi provavelmente o motivo de seu desinteresse pelos planos de uma cooperação internacional para a emigração de judeus alemães, apresentados pelo ministro da Defesa e da Economia da África do Sul, Oswald Pirow, com quem se encontrou no Berghof em 24 de novembro. Isso acontecia no momento em que ele declarava que era sua "vontade inabalável" resolver "o problema judeu" em breve e que a política oficial era pressionar pela emigração de todas as maneiras possíveis. O mesmo motivo estava provavelmente por trás da ameaça horrível que fez ao ministro do Exterior tchecoslovaco, Franzišek Chavalkovský, em 21 de janeiro de 1939: "Os judeus daqui serão aniquilados. Eles não provocaram o 9 de novembro de 1918 por nada. Esse dia será vingado".

Mais uma vez, não devemos confundir retórica com um plano ou programa. É muito improvável que Hitler revelasse planos de extermínio dos judeus — que, quando surgiram, em 1941, foram tratados com o máximo sigilo — num comentário para um diplomata estrangeiro. Ademais, "aniquilação" (*Vernichtung*) era uma de suas palavras preferidas. Ele tendia a usá-la quando tentava impressionar sua plateia, grande ou pequena. No verão seguinte, por exemplo, ele falaria mais de uma vez de sua intenção de "aniquilar" os poloneses. Por mais terrível que tenha sido o tratamento dado a eles após 1939, não decorreu disso nenhum programa genocida.

Mesmo assim, a linguagem não era sem sentido. O germe de um resultado genocida possível, por mais vaga que fosse sua concepção, estava tomando forma.

A destruição e o aniquilamento dos judeus — e não apenas a emigração — estavam no ar. Já em 24 de novembro, *Das Schwarze Korps*, ao retratar os judeus afundando cada vez mais na situação de parasitas e criminosos depauperados, concluía: “No estágio desse desenvolvimento nos defrontaríamos, portanto, com a dura necessidade de erradicar o submundo judeu, do mesmo modo como estamos acostumados em nosso Estado organizado a erradicar os criminosos: com fogo e espada! O resultado seria o fim real e definitivo da judiaria na Alemanha, sua aniquilação completa”. Isso não era um trailer de Auschwitz e Treblinka. Mas, sem essa mentalidade, Auschwitz e Treblinka não teriam sido possíveis.

Em seu discurso ao Reichstag de 30 de janeiro de 1939, sexto aniversário de sua subida ao poder, Hitler revelou sua associação implicitamente genocida da destruição dos judeus com o advento de outra guerra. Como sempre, tinha um olho no impacto propagandístico. Mas suas palavras foram mais do que propaganda. Elas permitiam penetrar na patologia de sua mente, no propósito genocida que começava a predominar. Ele não tinha ideia de como a guerra provocaria a destruição dos judeus. Mas, de algum modo, tinha certeza de que esse seria o resultado de uma nova conflagração.

> Em minha vida, com muita frequência fui um profeta e, em geral, ridicularizado. Na época de minha luta pelo poder, foi em primeiro lugar o povo judeu que recebeu somente com risos minhas profecias de que eu em algum momento tomaria a liderança do Estado e de todo o povo da Alemanha e então, entre outras coisas, levaria o problema judeu à sua solução. Acredito que esse riso outrora oco da judiaria na Alemanha já esteja enterrado na garganta. Hoje, quero ser profeta de novo: se a judiaria financeira internacional, dentro e fora da Europa, conseguir mergulhar as nações novamente numa guerra mundial, o resultado não será a bolchevização da terra e, portanto, a vitória da judiaria, mas a aniquilação da raça judaica na Europa!

Era uma “profecia” à qual Hitler retornaria em numerosas ocasiões nos anos de 1941 e 1942, quando a aniquilação dos judeus não era mais uma retórica terrível, mas a terrível realidade.

16. Apostando tudo

I

Depois de Munique, as coisas começaram a andar depressa. Com o Estado da Tchecoslováquia desmembrado, desamparado e, sem suas fortificações de fronteira, exposto e à mercê da Alemanha, a complementação dos planos feitos em 1938 para liquidá-lo era apenas uma questão de tempo. Como vimos, essa era a ideia de Hitler antes mesmo de assinar o Acordo de Munique.

Além do que sobrava da Tchecoslováquia, a atenção da Alemanha voltou-se imediatamente para a Polônia. Naquele momento, não havia um plano para invasão e conquista. O objetivo — que logo se mostrou ilusório — era amarrar a Polônia à Alemanha contra a Rússia (e desse modo bloquear também qualquer possibilidade de aliança com a França). Ao mesmo tempo, a intenção era obter um acordo sobre Danzig e o Corredor (as terras que a Alemanha fora forçada a ceder à Polônia pelo Tratado de Versalhes de 1919, que dava acesso ao mar aos poloneses, mas deixava a Prússia Oriental separada do resto do Reich). Já no fim de outubro, Ribbentrop propunha resolver as diferenças entre Alemanha e Polônia com um acordo que devolvesse Danzig e uma passagem ferroviária e rodoviária através do Corredor — o que não era nenhuma ideia nova — em troca de um porto livre para a Polônia na área de Danzig e uma extensão do Tratado de Não Agressão para 25 anos, com uma garantia conjunta de fronteiras.

A proposta foi recebida com previsível frieza pelo governo polonês. A inflexibilidade dos poloneses, especialmente em relação a Danzig, logo provocou os

primeiros sinais de impaciência de Hitler e uma primeira indicação de preparativos para tomar Danzig pela força. Naquele momento, no entanto, ele estava mais interessado numa solução negociada com a Polônia. Informado erroneamente por Ribbentrop sobre a disposição polonesa, em princípio, de encontrar uma nova solução para a questão de Danzig e do Corredor, ele enfatizou a amizade germano-polonesa em seu discurso ao Reichstag de 30 de janeiro de 1939. Dias antes, alguns comandantes do Exército tinham sido mais belicosos. Em contraste com seus temores de intervenção ocidental durante a crise dos Sudetos, certos generais sustentavam agora que Grã-Bretanha e França permaneceriam inativas — um reflexo direto da fraqueza das potências ocidentais revelada em Munique — e que as negociações com os poloneses deveriam ser abandonadas em prol de medidas militares. Uma guerra contra a Polônia, argumentavam, seria popular junto às tropas e ao povo alemão.

Com a ajuda de Göring, Ribbentrop fez o papel de moderado — por motivos estratégicos — nessa ocasião. Para ele, o inimigo principal não era a Polônia, mas a Grã-Bretanha. Ele contra-argumentava que, com um ataque prematuro em 1939 à Polônia e à Rússia, a Alemanha ficaria isolada, perderia sua vantagem em armamentos e com muita probabilidade seria forçada pelas potências ocidentais a abrir mão de qualquer ganho territorial obtido. Em vez disso, a Alemanha precisava agir em conjunto com Itália e Japão, conservar a neutralidade polonesa até resolver o assunto com a França e deixar a Grã-Bretanha, senão derrotada militarmente, pelo menos isolada e sem nenhum poder na Europa continental. Uma guerra da Alemanha e da Itália para derrotar a França e deixar a Inglaterra isolada havia sido a base das diretrizes militares estabelecidas por Keitel, conforme as instruções de Hitler em novembro de 1938. A prioridade que ele atribuiu em janeiro de 1939 ao Plano Z da Marinha, de construir uma grande esquadra bélica direcionada diretamente contra o poder naval britânico, indica que ele previa à época um confronto final com as potências ocidentais como objetivo militar principal. A construção, ao mesmo tempo, de uma *Ostwall* — fortificações defensivas limitadas na fronteira leste, para a eventualidade de um conflito com a Polônia por causa de Danzig — é outro indício nessa direção. A Rússia e a erradicação do bolchevismo podiam esperar. Mas nem Hitler, nem ninguém de seu círculo esperava que uma guerra com Grã-Bretanha e França estourasse do modo como aconteceria naquele

outono.

No final do outono e no inverno de 1938-9, havia opiniões diferentes por parte da liderança alemã sobre os alvos e métodos da política externa. Os preparativos militares de longo prazo estavam direcionados para um confronto final no oeste, mas havia o reconhecimento de que as Forças Armadas distavam anos de estar prontas para um conflito com a Grã-Bretanha e a França. Ainda em 1938, o principal temor dos líderes militares era a Alemanha ser forçada a um confronto cedo demais devido a ações impetuosas e uma política externa muito arriscada. Göring e Ribbentrop defendiam políticas opostas em relação à Inglaterra. As esperanças de Göring ainda repousavam numa política expansionista no sudeste da Europa, apoiada no futuro próximo por um acordo com os britânicos. Ribbentrop, violentamente antibritânico, depositava suas esperanças numa atenuação dos problemas da Alemanha na frente oriental e num reforço da aliança com Itália e Japão a fim de preparar o terreno para um ataque à Grã-Bretanha assim que fosse possível. Mas, naquele momento, a estrela de Göring estava temporariamente em declínio e a diplomacia em geral desastrada de Ribbentrop tinha pouco sucesso na maioria das vezes. As ideias de Hitler, influenciadas ou não pelo raciocínio de Ribbentrop, tendiam a estar em consonância com as de seu ministro do Exterior. O confronto final com o bolchevismo, embora continuasse a ser para Hitler a luta decisiva que teria de ser travada em algum momento, caíra novamente na sombra. Mas, como sempre, ele preferia manter suas opções abertas e esperar os desdobramentos dos fatos.

A única certeza era a de que haveria desdobramentos, oferecendo, assim, a chance para a expansão alemã. Não havia agência de poder ou influência no Terceiro Reich que defendesse estabelecer um limite nos ganhos territoriais já feitos. Todos os grupos de poder queriam mais expansão — com ou sem guerra.

Os argumentos militares, estratégicos e de poder político para a expansão escoravam-se em considerações econômicas. No fim de 1938, as pressões do programa de rearmamento forçado já se faziam se sentir de forma aguda. A política de "rearmar a qualquer custo" mostrava que era sustentável apenas no curto prazo. Para que as tensões acumuladas numa economia superaquecida pelo esforço de rearmamento não chegassem ao ponto de fervura precisava haver mais expansão. Em 1938-9, já estava bem evidente que essa expansão não poderia ser postergada

indefinidamente, se se quisesse superar os impasses econômicos.

No início de janeiro de 1939, a direção do Reichsbank enviou a Hitler um documento com oito assinaturas em que pedia contenção financeira para evitar o "problema ameaçador da inflação". "Isso é um motim!", respondeu o Führer, irado. Doze dias depois, Schacht foi catapultado da presidência do Banco do Reich. Mas as Cassandras não estavam exagerando. Tampouco o problema se resolveria com a demissão de Schacht. A demanda insaciável por matérias-primas, somada ao aumento da demanda dos consumidores com o boom dos armamentos, havia deixado as finanças públicas em estado desolador.

Além da crise nas finanças públicas, a escassez de mão de obra que vinha crescendo rapidamente desde 1937 representava agora uma ameaça real à agricultura e à indústria. O único remédio para o futuro próximo era o uso de "trabalhadores estrangeiros" que a guerra e a conquista poderiam trazer. Para Hitler, o aumento dos problemas econômicos confirmava seu diagnóstico de que a posição da Alemanha jamais poderia ser fortalecida sem conquista territorial.

II

O arrependimento de Hitler em relação ao Acordo de Munique e o sentimento de que perdera uma chance de ocupar a Tchecoslováquia inteira de um só golpe cresceram, em vez de diminuir, durante os últimos meses de 1938. Por conseguinte, aumentou sua impaciência por agir. Decidira-se a não se deixar encurralar pelas potências ocidentais. Mais do que nunca, estava convencido de que elas não teriam lutado pela Tchecoslováquia e que não fariam, nem poderiam fazer nada, para evitar a expansão da dominação alemã na Europa Central e Oriental. Por outro lado, como havia dito a Goebbels em outubro, tinha certeza de que a Grã-Bretanha não concederia hegemonia à Alemanha na Europa sem luta. O revés de Munique confirmava sua opinião de que a guerra contra a Europa ocidental estava a caminho e chegaria provavelmente mais cedo do que ele imaginara, e que não havia tempo a perder se a Alemanha quisesse manter sua vantagem.

Já em 21 de outubro de 1938, somente três semanas depois do Acordo de Munique, Hitler deu à Wehrmacht uma nova diretriz a fim de se preparar para a "liquidação do resto do Estado tcheco". Por que insistia tanto nisso? Politicamente, não era necessário. Com efeito, a liderança alemã não podia deixar de perceber que uma invasão da Tchecoslováquia, que significaria rasgar o Acordo de Munique e romper promessas solenes feitas pouco tempo antes, teria inevitavelmente as mais graves repercussões internacionais.

Parte da resposta encontra-se, sem dúvida, na personalidade e psicologia do próprio Hitler. Seu passado austríaco e sua aversão aos tchecos desde a juventude eram provavelmente um elemento importante. Contudo, após a ocupação, a perseguição aos tchecos não foi de forma nenhuma tão dura quanto a que sofreriam depois os poloneses derrotados. E, após sua entrada em Praga, ele demonstrou pouquíssimo interesse pelos tchecos.

Mais importante, certamente, era o sentimento de que havia sido "enganado" em seu triunfo — seu "desejo inalterável" fora alterado pelos políticos ocidentais. "Aquele tal de Chamberlain estragou minha entrada em Praga", ouviram-no dizer em seu retorno a Berlim, após o acordo assinado em Munique no outono anterior. Não obstante, o diário de Goebbels mostra que Hitler havia decidido *antes* de Munique que cederia temporariamente às potências ocidentais, mas engoliria o

restante da Tchecoslováquia no devido tempo, e que a aquisição dos Sudetos tornaria o segundo estágio mais fácil. Ainda que fosse uma racionalização da posição em que ele fora colocado, isso indica a aceitação, já naquele momento, de um plano de dois estágios para conquistar toda a Tchecoslováquia, e que não tinha vingança como motivo principal.

Havia outras razões para ocupar o resto do país vizinho que iam além de sua motivação pessoal. As considerações econômicas tinham uma importância óbvia. Por mais dóceis que os tchecos estivessem dispostos a ser, o fato é que, mesmo depois da transferência de outubro de 1938, que trouxe importantes depósitos de matérias-primas para o Reich, permaneciam imensos recursos naturais na "Tcheco-Eslováquia" (com um significativo hífen inserido em seu nome, como o país passou a ser oficialmente chamado), fora do controle direto alemão. O grosso da riqueza industrial e dos recursos naturais do país estava nos velhos centros tchecos da Boêmia e da Morávia, não na Eslováquia, fundamentalmente agrícola. Estimava-se que quatro quintos das indústrias de engenharia, ferramentas e máquinas e eletricidade permaneciam em mãos tchecas. Têxteis, produtos químicos e vidro eram outros setores industriais que atraíam os alemães. Não menos importante, as fábricas da Skoda produziam locomotivas e máquinas, além de armas. A Tchecoslováquia possuía também grandes quantidades de ouro e moeda estrangeira que poderiam certamente aliviar um pouco as carências do Plano Quadrienal. E uma vasta quantidade de equipamentos poderia ser tomada e reutilizada pelo Exército alemão. O arsenal tcheco era tranquilamente o maior entre os pequenos países da Europa Central. As metralhadoras e artilharia de campo e antiaérea eram consideradas melhores do que suas equivalentes alemãs. Seriam todas tomadas pelo Reich, bem como os canhões pesados construídos nas fábricas da Skoda. Estimou-se posteriormente que caíram nas mãos de Hitler armas suficientes para equipar outras vinte divisões.

Mas de maior importância do que o ganho e a exploração econômica direta era a posição estratégico-militar do que restava da Tchecoslováquia. Enquanto os tchecos mantivessem alguma autonomia e a posse de amplo equipamento militar e recursos industriais, não era possível descartar dificuldades potenciais vindas daquele quadrante caso a Alemanha se envolvesse em hostilidades. E ainda mais importante: a posse dos territórios retangulares e cercados de montanhas da

Boêmia e da Morávia, na margem sudeste do Reich, ofereceria uma plataforma reconhecível para uma maior expansão para o leste e a dominação militar. O caminho para os Bálcãs ficaria aberto. A posição da Alemanha contra a Polônia se fortaleceria. E, caso houvesse conflito no oeste, as defesas no leste estariam consolidadas.

Em dezembro de 1938, ainda não havia indícios de que Hitler preparava um ataque iminente contra os tchecos. Porém, havia sinais de que os próximos lances da política externa não tardariam muito. Em 17 de dezembro, ele disse a Ernst Neumann, o líder alemão em Memel [hoje Klaipeda, Lituânia] — um porto marítimo no Báltico com uma grande população alemã que fora retirado da Alemanha pelo Tratado de Versalhes —, que a anexação daquela região ocorreria em março ou abril seguinte e que não queria nenhuma crise na região antes disso. Em 13 de fevereiro, disse a alguns colaboradores que pretendia agir contra os tchecos em meados de março. A propaganda alemã foi ajustada para isso. Os franceses já haviam recolhido, no início de fevereiro, informações de que a ação alemã contra Praga aconteceria em cerca de seis semanas.

A reunião com o ministro do Exterior e homem forte do governo polonês, Józef Beck, no Berghof, em 5 de janeiro, havia sido, do ponto de vista alemão, decepcionante. Hitler tentara parecer conciliador ao apresentar a necessidade de Danzig voltar para a Alemanha e de rotas de acesso através do Corredor Polonês para a Prússia Oriental. Beck deixou implícito que a opinião pública na Polônia não aceitaria quaisquer concessões relacionadas a Danzig. Quando Ribbentrop voltou de mãos abanando de sua visita a Varsóvia, em 26 de janeiro, indicando que os poloneses não se comoveriam, a postura de Hitler em relação à Polônia mudou consideravelmente.

De propostas amistosas, a política passou para a pressão. A Polônia seria excluída da divisão dos despojos da destruição do Estado tcheco. E transformar a Eslováquia num Estado-títere alemão intensificaria a ameaça à fronteira meridional polonesa. Desse modo, depois da demolição da Tchecoslováquia, os alemães esperavam que os poloneses se mostrassem mais cooperativos. O fracasso das negociações com a Polônia provavelmente acelerou a decisão de destruir o Estado tcheco.

Nesse período, segundo Goebbels, Hitler não falava praticamente de outra coisa que não fosse política externa. "Ele está sempre pensando em planos novos",

anotou ele. “Uma natureza napoleônica!” O ministro da Propaganda já havia adivinhado o que estava por vir quando Hitler lhe disse no fim de janeiro que ia “para a montanha” — para o Obersalzberg — a fim de pensar sobre seus próximos passos na política externa. “Talvez seja a vez da Tchecoslováquia de novo. Afinal, o problema só foi resolvido pela metade”, escreveu ele.

III

No início de março, diante do crescente clamor nacionalista eslovaco (incitado pela Alemanha) por independência plena de Praga, o rompimento do que restava do Estado da Tchecoslováquia parecia uma questão de tempo para os observadores. Quando o governo de Praga depôs o gabinete eslovaco, enviou a polícia para ocupar os prédios do governo em Bratislava e pôs o ex-primeiro-ministro, padre Jozef Tiso, sob prisão domiciliar, Hitler vislumbrou sua chance. Em 10 de março, disse a Goebbels, Ribbentrop e Keitel que decidira invadir e esmagar o Estado tcheco remanescente e ocupar Praga. A invasão deveria ocorrer cinco dias depois. "Nossas fronteiras precisam se estender aos Cárpatos", anotou Goebbels. "O Führer grita de alegria. Este jogo está ganho."

Em 12 de março, foram dadas ordens ao Exército e à Luftwaffe para estarem prontos a entrar na Tchecoslováquia às seis da manhã do dia 15, mas, antes disso, para não se aproximarem mais do que dez quilômetros da fronteira. Àquela altura, a mobilização alemã era tão óbvia que parecia impossível que o governo tcheco não soubesse o que estava acontecendo. No meio-tempo, a campanha de propaganda contra os tchecos se intensificara. Naquela noite, Tiso fora visitado por oficiais alemães e convidado a ir a Berlim. No dia seguinte, encontrou-se com Hitler. Ouviu que a hora histórica dos eslovacos havia chegado. Se não fizessem nada, seriam engolidos pela Hungria. Tiso captou a mensagem. No dia seguinte, 14 de março, ao meio-dia, de volta a Bratislava, ele fez com que a Assembleia eslovaca proclamasse a independência. A desejada solicitação de "proteção", no entanto, só viria um dia depois, após as belonaves alemãs no Danúbio apontarem seus canhões para os prédios do governo eslovaco.

Goebbels ouviu novamente Hitler apresentar seus planos. A "ação" inteira estaria terminada em oito dias. Os alemães já estariam em Praga em um dia, seus aviões, em duas horas. Não esperava derramamento de sangue. "Depois, o Führer quer um longo período de calma política", escreveu Goebbels, acrescentando que ele não acreditava nisso, por mais atraente que fosse a ideia. Um período de calma, achava ele, era necessário. "De outro modo, os nervos não aguentam."

Na manhã de 14 de março, a solicitação antecipada veio de Praga: o presidente do Estado tcheco, dr. Emil Hácha, pedia uma audiência com Hitler. Homem baixo,

um tanto ingênuo e também muito doente que ocupava o cargo desde o mês de novembro anterior, Hácha chegou a Berlim naquela noite, após uma jornada de cinco horas de trem. Hitler manteve-o numa espera nervosa até a meia-noite, para aumentar a pressão sobre ele — "os velhos métodos testados da tática política", nas palavras de Goebbels. Por volta da uma da manhã, o presidente tcheco, com o rosto vermelho de nervosismo e ansiedade, foi finalmente levado ao "estúdio" grandioso na nova Chancelaria do Reich. Estava presente um grupo apreciável de pessoas, que incluía Ribbentrop, o chefe de sua equipe pessoal Walther Hewel, Keitel, Weizsäcker, o secretário de Estado Otto Meissner, o chefe de imprensa Otto Dietrich e o intérprete Paul Schmidt. Göring, chamado de volta de suas férias, também estava lá.

Hitler estava nos seus momentos mais intimidantes. Iniciou uma diatribe violenta contra os tchecos e o "espírito de Beneš" que, alegava ele, ainda estava vivo. Para a salvaguarda do Reich, continuou, era necessário impor um protetorado sobre o remanescente da Tchecoslováquia. Hácha e Chvalkovský, o ministro do Exterior tcheco, que acompanhara o presidente a Berlim, ficaram impassíveis e imóveis. A entrada das tropas alemãs era "irreversível", vociferou Hitler. Keitel confirmaria que já marchavam na direção da fronteira tcheca e a cruzariam às seis da manhã. Hácha disse que não queria derramamento de sangue e pediu a Hitler que detivesse o ataque militar. O Führer negou: era impossível, as tropas já estavam mobilizadas. Göring interveio para acrescentar que sua Luftwaffe estaria sobre Praga ao amanhecer e que estava nas mãos de Hácha decidir se as bombas cairiam sobre aquela bela cidade. Diante da ameaça, o presidente tcheco desmaiou. Foi reanimado por uma injeção aplicada pelo médico pessoal de Hitler, dr. Morell.

Enquanto isso, Praga não pôde ser conectada por telefone. Por fim, foi feito o contato. O intimidado presidente se dirigiu imediatamente ao aparelho telefônico e, com a linha cheia de ruídos, passou ordens para que as tropas tchecas não abrissem fogo contra os invasores alemães. Pouco antes das quatro horas, Hácha assinou a declaração que colocava o destino de seu povo nas mãos do Líder do Terceiro Reich.

Transbordando de júbilo, Hitler foi ver suas duas secretárias, Christa Schroeder e Gerda Daranowski, que estavam de plantão naquela noite. "Então, meninas, cada uma de vocês me dê um beijo aqui e aqui", apontando para as bochechas. "Este é o

dia mais feliz da minha vida. Aquilo pelo qual batalhamos em vão durante séculos, tive a felicidade de alcançar. Consegui a união da Tchecoslováquia com o Reich. Hácha assinou o acordo. Serei lembrado como o maior alemão da história."

Duas horas depois da assinatura de Hácha, o Exército alemão cruzou a fronteira tcheca e marchou, no tempo previsto, até Praga. Às nove da manhã, unidades avançadas entraram na capital tcheca, avançando lentamente por estradas cobertas de gelo, em meio à névoa e a neve, com o tempo invernoso proporcionando um pano de fundo apropriado para o fim da última e traída democracia da Europa Central. As tropas tchecas, tal como fora ordenado, permaneceram em seus quartéis e entregaram suas armas.

Hitler saiu de Berlim ao meio-dia, viajando em trem especial até Leipa, cerca de cem quilômetros ao norte de Praga, onde chegou durante a tarde. Uma frota de Mercedes o esperava para levá-lo com sua comitiva até a capital. Nevava fortemente, mas ele ficou de pé durante a maior parte do caminho, com o braço estendido para saudar as infindáveis colunas de soldados alemães pelas quais passou. Ao contrário de suas entradas triunfais na Áustria e nos Sudetos, apenas uma magra parcela da população observava das margens da estrada, com ar taciturno e desamparado. Alguns ousaram saudar com punhos fechados a passagem do carro de Hitler. Mas as ruas estavam quase desertas quando ele chegou a Praga no começo da noite e foi até o castelo Hradschin, a antiga residência dos reis da Boêmia. Quando a população da capital acordou na manhã seguinte, viu o estandarte de Hitler tremulando no castelo. Vinte e quatro horas depois, ele foi embora. Para os tchecos, começavam seis longos anos de opressão.

Ele retornou a Berlim, via Viena, em 19 de março, para receber a inevitável e já agora costumeira recepção triunfante. Apesar da temperatura gelada, um grande número de pessoas apareceu para saudar o herói. Quando ele desceu do trem, na estação Görlitzer, Göring, com lágrimas nos olhos, saudou-o com um discurso constrangedor até pelos padrões dominantes de bajulação. Milhares o aclamaram loucamente enquanto Hitler era levado para a Chancelaria. A mão experiente do dr. Goebbels havia organizado outra manifestação de massa espetacular. Refletores formavam um "túnel de luz" ao longo da Unter den Linden. Uma exibição brilhante de fogos de artifício veio em seguida. Hitler apareceu então no balcão da Chancelaria do Reich, acenando para a multidão de súditos em êxtase, lá embaixo.

A verdadeira reação do povo alemão ao estupro da Tchecoslováquia foi, no entanto, mais variada — de qualquer modo, menos eufórica — do que a da multidão de adoradores, muitos deles galvanizados por ativistas do partido, em Berlim. Dessa vez, não houvera "volta para casa" de alemães étnicos para o Reich. A noção vaga de que a Boêmia e a Morávia haviam pertencido ao "espaço vital alemão" por mil anos deixava a maioria das pessoas indiferente — com certeza, a maioria dos alemães do norte, que tinham tradicionalmente pouca ou nenhuma conexão com as terras tchecas. Para muitos, como dizia o informe de um líder distrital nazista, qualquer que fosse a alegria pelos "grandes feitos" do Führer e a confiança depositada nele, "as necessidades e os cuidados com a vida cotidiana são tão grandes que o estado de ânimo volta a ser rapidamente sombrio". Havia uma boa quantidade de indiferença, ceticismo e crítica, junto com preocupações de que a guerra estava muito mais perto. "Aquilo era necessário?", perguntavam-se muitos. Eles lembravam das palavras precisas de Hitler após o Acordo de Munique, de que os Sudetos haviam sido sua "última demanda territorial".

Hitler desdenhara das potências ocidentais antes de tomar Praga. Ele julgou corretamente que uma vez mais elas protestariam, mas não fariam nada. Porém, tudo aponta para a conclusão de que ele calculou errado a reação de Grã-Bretanha e França *após* a invasão da Tchecoslováquia. A reação inicial de Londres foi de choque e consternação diante da demolição cínica do Acordo de Munique, apesar das advertências que o governo britânico recebera. A política de apaziguamento jazia em cacos nas ruínas do Estado tchecoslovaco. Hitler quebrara a promessa de que não tinha mais demandas territoriais a fazer. E a conquista da Tchecoslováquia destruíra a ficção de que suas políticas tinham por objetivo unir os povos germânicos em um único Estado. Estava agora bastante claro, num reconhecimento final muito tardio, que não era possível confiar em Hitler. Ele não se deteria diante de nada.

O discurso de Chamberlain em Birmingham, em 17 de março, indicava uma nova diretriz política. "Este é o último ataque a um Estado pequeno, ou virão outros?", perguntou. "Trata-se, na verdade, de um passo na direção de uma tentativa de dominar o mundo pela força?" A opinião pública britânica não tinha dúvidas. Hitler unira um país profundamente dividido em relação ao Acordo de Munique. De todos os lados, as pessoas diziam que a guerra contra a Alemanha era

inevitável e necessária. O recrutamento para as Forças Armadas aumentou quase da noite para o dia. Estava claro agora, tanto para o homem comum como para o governo, que Hitler tinha de ser enfrentado.

No dia seguinte, 18 de março, em meio a rumores de que a Alemanha estava ameaçando a Romênia, o gabinete britânico endossou a recomendação do primeiro-ministro de uma mudança fundamental na política externa. Não dava mais para confiar nas garantias dos líderes nazistas, declarou Chamberlain. A velha política de tentar negociar com as ditaduras sob a suposição de que elas tinham objetivos limitados não era mais possível. Em vez de tentar apaziguar Hitler, era preciso tentar detê-lo. Em qualquer nova agressão, a Alemanha se defrontaria desde o início com a escolha de recuar ou ir para a guerra. O primeiro-ministro tinha poucas dúvidas sobre a localização do próximo problema. "Ele pensava que a Polônia era, com muita probabilidade, a chave para a situação. [...] Chegara o momento de união para aqueles que estavam ameaçados pela agressão alemã (fosse imediata ou futura). Deveríamos nos perguntar o quanto a Polônia estava preparada para seguir essa linha de conduta." A garantia britânica para a Polônia e a gênese da crise do verão que, dessa vez, acabaria em guerra foram prenunciadas nas declarações de Chamberlain.

Reações semelhantes registraram-se em Paris. Daladier disse a Chamberlain que os franceses acelerariam o rearmamento e resistiriam a qualquer outra agressão. Os americanos ficaram sabendo que Daladier estava decidido a ir à guerra se os alemães atacassem Danzig ou a Polônia. Até mesmo defensores fortes da conciliação diziam agora que não dava mais para aguentar: não haveria outra Munique.

IV

Antes do desdobramento da crise polonesa, Hitler teve outro triunfo a registrar, ainda que fosse de menor envergadura, comparado aos anteriores. A incorporação da região de Memel ao Reich alemão seria a última anexação sem derramamento de sangue. Depois que a Alemanha o perdeu em 1919, o distrito de Memel, com uma população majoritariamente alemã, mas uma considerável minoria lituana, fora colocado sob administração da França. Em janeiro de 1923, os lituanos invadiram a região e forçaram a retirada da força de ocupação francesa. No ano seguinte, por um acordo internacional, o Memel ganhou certa independência, mas continuou sendo, na verdade, um enclave alemão sob tutela lituana.

Politicamente, a devolução do território à Alemanha não tinha grande relevância, nem mesmo do ponto de vista simbólico. Poucos alemães comuns tinham um interesse mais do que passageiro na incorporação de uma partícula remota de território ao Reich. Mas a obtenção de um porto no Báltico, com a possibilidade também de transformar a Lituânia em satélite alemão, tinha importância estratégica. Somada à subordinação da Eslováquia à influência alemã, na fronteira meridional da Polônia, isso aumentava a pressão sobre os poloneses.

Em 20 de março, Ribbentrop submeteu o ministro do Exterior lituano, Joseph Urbšys, à costumeira tática de intimidação. Ameaçou bombardear Kowno se a Lituânia não cumprisse a exigência alemã de devolver imediatamente o Memel. Urbšys voltou no dia seguinte para Kowno. Os lituanos não estavam com disposição de lutar e enviaram uma delegação a Berlim para acertar os detalhes. "Se a gente aplica um pouco de pressão, as coisas acontecem", anotou Goebbels, com satisfação.

Na tarde seguinte, 22 de março, Hitler foi de Berlim a Swinemünde, onde, acompanhado por Raeder, embarcou no cruzador *Deutschland*. No final daquela noite, Ribbentrop e Urbšys concordaram com os termos da transferência formal do Memel para a Alemanha. O decreto de Hitler foi assinado na manhã seguinte, 23 de março. Ele estava de volta a Berlim ao meio-dia do dia 24. Dessa vez, dispensou o espetáculo do retorno do herói. As entradas triunfais em Berlim não deveriam ser tão frequentes que se tornassem rotineiras.

Sem perder tempo, em 21 de março Ribbentrop pressionara o embaixador Lipski

a marcar uma visita de Beck a Berlim. Ele sugeriu que Hitler estava perdendo a paciência e que a imprensa alemã estava sedenta por cair em cima dos poloneses. Repetiu os pedidos relacionados com Danzig e o Corredor. Em troca, a Polônia poderia ser tentada a explorar a Eslováquia e a Ucrânia.

Mas os poloneses não estavam dispostos a agir conforme o script. Beck, sabendo do discurso de Chamberlain em Birmingham, enviou secretamente emissários a Londres para sondar a possibilidade de um acordo bilateral com a Grã-Bretanha. Enquanto isso, tratou de mobilizar suas tropas. Em 25 de março, Hitler ainda indicava que não queria resolver o problema de Danzig pela força, para não empurrar os poloneses para os braços dos ingleses. Na noite anterior, dissera a Goebbels que esperava que os poloneses respondessem à pressão, "mas devemos morder o fruto amargo e garantir as fronteiras da Polônia".

Porém, logo depois do meio-dia de 26 de março, em vez da desejada visita de Beck, Lipski simplesmente levou a Ribbentrop um memorando que representava as opiniões do ministro do Exterior polonês. Ele rejeitava totalmente as propostas alemãs, lembrando Ribbentrop da garantia verbal dada por Hitler, em discurso de 20 de fevereiro de 1938, de que os direitos e interesses da Polônia seriam respeitados. Ribbentrop perdeu a paciência. Extrapolando os poderes que lhe foram outorgados por Hitler, disse a Lipski que qualquer ação polonesa contra Danzig (da qual não havia nenhum indício) seria tratada como uma agressão contra o Reich. A tentativa de intimidação não funcionou com Lipski. Ele retrucou que um avanço dos planos alemães no sentido de recuperar Danzig significaria guerra com a Polônia.

Enquanto isso, em 27 de março, Chamberlain foi avisado de que um ataque alemão à Polônia poderia ser iminente. O primeiro-ministro informou ao gabinete britânico que estava disposto a oferecer um acordo unilateral à Polônia, destinado a reforçar a decisão desse país e deter Hitler. A diretriz que vinha se desenvolvendo desde a invasão de Praga encontrou sua expressão na declaração do primeiro-ministro à Câmara dos Comuns, em 31 de março de 1939: "Na eventualidade de alguma ação que ameace claramente a independência polonesa e à qual o governo polonês considere vital resistir com suas forças nacionais, o governo de Sua Majestade se sentirá obrigado de imediato a dar ao governo polonês todo o apoio ao seu alcance".

A isso seguiu-se, no final da visita de Beck a Londres, em 4-6 de abril, o anúncio de Chamberlain à Câmara dos Comuns de que Grã-Bretanha e Polônia haviam assinado um pacto de ajuda mútua na eventualidade de um ataque "por uma potência europeia".

Ao saber da garantia britânica de 31 de março, Hitler ficou furioso. Bateu o punho na mesa de tampo de mármore de seu estúdio na Chancelaria do Reich. "Vou preparar-lhes uma poção do diabo", desabafou.

Acontecera exatamente o que ele queria evitar. Havia esperado que a pressão sobre os poloneses funcionasse tão facilmente como no caso dos tchecos e eslovacos. Presumira que o governo polonês, no devido tempo, cairia em si e cederia Danzig e as rotas extraterritoriais através do Corredor. Havia dado por certo que a Polônia se tornaria então um satélite alemão — um aliado num ataque posterior à União Soviética. Queria manter a Polônia fora das garras britânicas. Tudo isso estava agora de pernas para o ar. Danzig teria de ser tomada à força. Ele havia sido frustrado pelos ingleses e rejeitado pelos poloneses. Daria uma lição neles.

Pelo menos, era o que pensava. Na realidade, seu excesso de confiança, a impaciência e a má interpretação do impacto da agressão alemã contra a Tchecoslováquia haviam produzido um erro de cálculo fatídico.

No fim de março, Hitler dissera a Brauchitsch, comandante em chefe do Exército, que usaria a força contra a Polônia se a diplomacia falhasse. Imediatamente, as Forças Armadas começaram a preparar propostas de planos operacionais, que lhe foram apresentadas no enorme "tipo Führer" que ele poderia ler sem óculos. Hitler acrescentou um preâmbulo sobre objetivos políticos. Em 3 de abril, a diretriz para o Caso Branco (*Fall Weiß*) estava pronta. Foi divulgada oito dias depois. Sua primeira seção, escrita pelo próprio Hitler, começava assim:

> As relações alemãs com a Polônia continuam baseadas nos princípios de evitar qualquer perturbação. Porém, se a Polônia mudar sua política em relação à Alemanha, uma resolução final talvez se torne necessária, apesar do tratado em vigência com a Polônia. O objetivo será então destruir o poderio militar polonês e criar no Leste uma situação que satisfaça as exigências de defesa nacional. O Estado Livre de Danzig será proclamado parte do território do Reich logo no início da irrupção de hostilidades. Os líderes políticos consideram sua tarefa nesse caso isolar a Polônia, se possível, ou seja, limitar a guerra somente à Polônia.

A Wehrmacht tinha de estar pronta para levar adiante o Caso Branco a qualquer momento antes de 1o de setembro de 1939.

Poucos meses antes, os comandantes militares haviam se dividido em relação aos méritos de atacar a Tchecoslováquia. Agora, não havia sinal de hesitação. Os objetivos da campanha para destruir a Polônia foram delineados em cerca de quinze dias pelo chefe do Estado-Maior Halder para os generais e oficiais a ele subordinados. As esperanças da oposição de montar um golpe contra Hitler no outono anterior, quando a crise dos Sudetos estava chegando ao seu desenlace, haviam se centrado em Halder. Na época, ele estava de fato preparado para ver Hitler assassinado. Era o mesmo Halder que agora saboreava evidentemente a perspectiva de uma vitória fácil e rápida sobre os poloneses e imaginava um conflito subsequente com a União Soviética ou com as potências ocidentais. Halder disse aos oficiais graduados que "graças à política notável, poderia dizer, instintivamente certa do Führer", a situação militar na Europa Central mudara de forma substancial. Em consequência, a posição da Polônia também se alterara significativamente. Halder disse que tinha certeza de que falava por muitos dos presentes ao comentar que, com o fim das "relações amistosas" com a Polônia, "um fardo saiu do coração". A partir de então, a Polônia deveria ser classificada entre os inimigos da Alemanha. O resto da fala de Halder tratou da necessidade de destruir a Polônia "em velocidade recorde". A garantia britânica não evitaria que isso acontecesse. Ele desdenhava da capacidade do Exército polonês. Não era um "oponente sério". Descreveu com alguns detalhes o rumo que o ataque alemão tomaria, reconhecendo a cooperação com a SS e a ocupação do país pelas formações paramilitares do partido. O objetivo, repetiu, era assegurar "que a Polônia fosse o mais rapidamente possível não só derrotada, mas liquidada", independente de uma intervenção da França e da Grã-Bretanha no oeste (que ele julgava improvável). O ataque tinha de ser "esmagador". E concluiu olhando para além do conflito polonês:

> Devemos acabar com a Polônia em três semanas, se possível, já em quinze dias. Então dependerá dos russos se a frente oriental vai se tornar o destino da Europa ou não. De qualquer modo, um Exército vitorioso, cheio do espírito das gigantescas vitórias obtidas, estará pronto para o confronto com o bolchevismo ou [...] para ser lançado contra o ocidente [...].

Em relação à Polônia, não havia divergência entre Hitler e seu chefe do Estado-Maior. Ambos queriam esmagá-la rápido, de preferência numa campanha isolada, mas, se necessário, mesmo com a intervenção ocidental (embora ambos achassem isso mais improvável do que provável). E ambos viam, adiante da Polônia, uma ampliação do conflito, para o leste ou para o oeste, em algum momento. Hitler podia ficar satisfeito. Dessa vez, não precisava esperar problemas de seus líderes militares.

Os contornos para a crise do verão de 1939 estavam traçados. Ela não terminaria com o desejado conflito limitado a destruir a Polônia, mas com as grandes potências europeias envolvidas em outra guerra continental. Em primeiro lugar, isso foi uma consequência do erro de cálculo de Hitler naquela primavera. Mas, como o discurso de Halder aos seus generais mostra, o erro de cálculo não foi só seu.

V

Com um triunfo extraordinário após o outro, a autoconfiança de Hitler atingia agora a megalomania completa. Até mesmo com seus convidados ao Berghof, ele se comparava com frequência a Napoleão, Bismarck e outras grandes figuras históricas. Os programas de reconstrução que constantemente o preocupavam eram vistos como seus próprios monumentos duradouros — um testamento da grandiosidade, como as construções dos faraós ou dos Césares. Ele sentia que estava caminhando com seu destino. No verão de 1939, essa mentalidade levaria a Alemanha para a guerra europeia.

Hitler tornou pública a mudança abrupta na política em relação à Polônia e à Grã-Bretanha ao falar para o Reichstag em 28 de abril de 1939. O discurso, que durou duas horas e vinte minutos, foi ocasionado por uma mensagem enviada pelo presidente Roosevelt duas semanas antes. Preocupado com a invasão da Tchecoslováquia, o presidente apelara a Hitler para que ele desse uma garantia de que desistiria de qualquer ataque, nos próximos 25 anos, a trinta países de uma lista, principalmente europeus, mas que também incluía Iraque, Arábia, Síria, Palestina, Egito e Irã. Se essa garantia fosse dada, declarava Roosevelt, os Estados Unidos desempenhariam o papel de trabalhar em prol do desarmamento e acesso igualitário a matérias-primas nos mercados mundiais. Hitler ficou enfurecido com o telegrama. O fato de ter sido publicado em Washington antes mesmo de ser recebido em Berlim foi tomado como uma desfeita. Hitler também julgou-o arrogante no tom. E a citação do nome de trinta países lhe permitiu alegar que indagações feitas a todos revelavam que nenhum deles se sentia ameaçado pela Alemanha. Porém, alguns, como a Síria, não haviam conseguido responder, disse ele, porque estavam privados de liberdade e sob controle militar de Estados democráticos, enquanto a República da Irlanda temia a agressão da Grã-Bretanha, não da Alemanha. O fato de Roosevelt levantar a questão do desarmamento (que Hitler capitalizara alguns anos antes) deu-lhe mais um motivo para propaganda. Com sarcasmo pesado, atacou Roosevelt, "respondendo" a suas alegações em 21 pontos, cada um deles aclamado pelos membros do Reichstag, que gargalhavam enquanto ele zombava do presidente americano.

Muitos alemães que ouviram o discurso pelo rádio acharam que foi um dos

melhores que ele já fizera. William Shirer, o jornalista americano em Berlim, estava inclinado a concordar. "Hitler foi um ator soberbo hoje", escreveu. A performance foi, em larga medida, para consumo interno. O mundo exterior — ao menos os países que achavam que haviam contemporizado com Hitler por tempo demais — ficou menos impressionado.

Como número prévio do *vaudeville*, ele escolhera a ocasião para denunciar o Pacto de Não Agressão com a Polônia e o Acordo Naval com a Grã-Bretanha. Pôs a culpa da renúncia ao pacto naval na "política de cerco" dos britânicos. Na realidade, estava agindo em conformidade com os interesses da Marinha alemã, que julgava que seus planos de construção eram restringidos pelo acordo e vinha pressionando Hitler havia algum tempo para que ele o denunciasse. A intransigência dos poloneses em relação a Danzig e ao Corredor, a mobilização deles em março e o alinhamento com a Grã-Bretanha contra a Alemanha eram dados como motivos para o fim do pacto com a Polônia.

Desde o final de março, com a garantia britânica para a Polônia, seguida logo depois pelo anúncio de que seria firmado um tratado anglo-polonês de assistência mútua, Hitler desistira dos poloneses. As diretrizes militares do início de abril eram um reconhecimento disso. Ele admitia que os poloneses não cederiam às exigências alemãs sem luta. Então, teriam sua luta. E seriam esmagados. Restava determinar apenas o momento e as condições para isso.

Em 23 de maio, numa reunião em seu estúdio da Chancelaria, ele expôs seu pensamento sobre a Polônia e sobre questões estratégicas mais amplas para um pequeno grupo de altos dirigentes militares. Manteve a perspectiva de um ataque à Polônia, mas deixou claro também que o objetivo de maior alcance era se preparar para o confronto inevitável com a Grã-Bretanha. Ao contrário da reunião de 5 de novembro de 1937, registrada por Hoßbach, desta vez não há nenhum indício de que os comandantes militares tenham ficado muito inquietos com o que ouviram. Hitler deixou suas intenções brutalmente claras: "Não é Danzig que está em jogo. Para nós, é uma questão de expandir nosso espaço vital no Leste e garantir suprimentos de alimentos, e também resolver o problema dos Estados bálticos". Declarou que era necessário "atacar a Polônia na primeira oportunidade apropriada. Não podemos esperar uma repetição da Tchecoslováquia. Haverá guerra. Nossa tarefa é isolar a Polônia. O sucesso em isolá-la será decisivo". Ele

reservava para si, portanto, a escolha do momento para atacar. Era preciso evitar um conflito simultâneo no oeste. Porém, se isso acontecesse — e aqui ele revelava suas prioridades —, "então a luta deve ser primordialmente contra a Inglaterra e a França". A guerra seria total: "Não haverá mais chance de recuo e não será mais uma questão de certo ou errado, mas de ser ou não ser para 80 milhões de pessoas". Era preciso calcular uma guerra de dez a quinze anos. "O alvo é sempre subjugar a Inglaterra", declarou. Para alívio dos presentes, que tomaram suas palavras como uma indicação de quando ocorreria o conflito no oeste, ele estipulou que os programas de rearmamento deveriam estar concluídos em 1943-4 — a mesma previsão que fizera em novembro de 1937. Mas ninguém duvidava de que Hitler pretendia atacar a Polônia naquele mesmo ano de 1939.

VI

Durante toda a primavera e o verão foram feitos esforços diplomáticos frenéticos para tentar isolar a Polônia e impedir que as potências ocidentais se envolvessem no que era para ser um conflito localizado. Em 22 de maio, Itália e Alemanha assinaram o chamado Pacto do Aço, com o objetivo de advertir Grã-Bretanha e França para que não apoiassem a Polônia. Ribbentrop havia enganado os italianos dizendo que o Führer queria paz por cinco anos e esperava que os poloneses aceitassem pacificamente as demandas alemãs quando percebessem que não teriam o apoio ocidental.

Na tentativa de garantir a ajuda ou a neutralidade benevolente de vários países europeus menores e evitar que fossem atraídos para a órbita anglo-francesa, o governo alemão teve um sucesso variado. No oeste, a neutralidade belga — independente dos planos de Hitler de ignorá-la, quando isso lhe fosse conveniente — foi reforçada para manter as potências ocidentais longe dos centros industriais da Alemanha. Fizeram-se todos os esforços nos anos anteriores para promover laços comerciais com os países neutros da Escandinávia a fim de manter, sobretudo, as vitais importações de minério de ferro da Suécia. No Báltico, Letônia e Estônia concordaram com pactos de não agressão. Na Europa Central, os esforços diplomáticos obtiveram resultados mais desiguais. Hungria, Iugoslávia e Turquia não estavam dispostas a se alinhar de perto com Berlim. Mas a pressão persistente transformara a Romênia num satélite econômico, selado por um tratado no fim de março de 1939, mais ou menos assegurando o acesso crucial da Alemanha ao petróleo e ao trigo romeno, caso houvesse hostilidades.

A grande interrogação dizia respeito à União Soviética. Pode-se dizer que era o anticristo do regime, mas detinha a chave para a destruição da Polônia. Se fosse possível evitar que a União Soviética desse a mão à Europa ocidental no pacto tripartite para o qual Inglaterra e França trabalhavam a contragosto, ou, melhor ainda, se o impensável — um pacto entre a União Soviética e o próprio Reich — pudesse ser assinado, então a Polônia ficaria isolada à mercê da Alemanha, as garantias anglo-francesas seriam inúteis e a Grã-Bretanha — o principal adversário — ficaria imensamente enfraquecida. Essas ideias começaram a se formar na mente do ministro do Exterior de Hitler na primavera de 1939. Nas semanas seguintes, do

lado alemão, foi Ribbentrop, e não Hitler, que tomou a iniciativa de explorar todos os sinais de que os russos pudessem ter interesse numa aproximação — sinais que vinham chegando desde março.

Na liderança soviética, a crença de que as potências ocidentais queriam estimular a agressão alemã no Leste (isto é, contra a União Soviética), o reconhecimento de que, após Munique, a segurança coletiva estava enterrada, a necessidade de evitar propósitos hostis dos japoneses no Oriente e, sobretudo, a necessidade de ganhar tempo para estabelecer defesas contra o ataque que sabiam que em algum momento ocorreria, tudo isso impelia — ainda que de forma hesitante por certo tempo — na mesma direção.

O discurso de Stálin no Congresso do Partido Comunista em 10 de março, no qual acusava a política de conciliação das potências ocidentais como encorajamento para a agressão alemã contra a União Soviética e declarava sua falta de vontade para "tirar as castanhas do fogo" em benefício das potências capitalistas, foi lido por Ribbentrop como um indício de que talvez houvesse uma chance. Em meados de abril, o embaixador soviético disse a Weizsäcker que as diferenças ideológicas não deveriam atrapalhar as relações. Depois, Gustav Hilger, um diplomata que servia havia muito tempo na embaixada alemã em Moscou, foi levado ao Berghof para explicar que a demissão, em 3 de maio, do ministro do Exterior soviético Maxim Litvínov (que estava associado à manutenção de laços estreitos com as potências ocidentais, em parte porque fora embaixador soviético nos Estados Unidos e, além disso, era judeu) e sua substituição por Viatcheslav Mólotov, o braço direito de Stálin, tinha de ser vista como um sinal de que o ditador soviético queria um acordo com a Alemanha.

Mais ou menos na mesma época, Ribbentrop soube pelo embaixador alemão em Moscou, conde Friedrich Werner von der Schulenburg, que a União Soviética estava interessada numa aproximação com a Alemanha. Ele farejou um golpe que viraria extraordinariamente a mesa contra a Grã-Bretanha, o país que ousara desdenhá-lo — um golpe que também lhe conquistaria a glória e o favor aos olhos do Führer, e seu lugar na história como o arquiteto do triunfo alemão. De sua parte, Hitler achava que as dificuldades econômicas da Rússia e a chance percebida pela "raposa ardilosa" (Stálin) de remover qualquer ameaça da Polônia às fronteiras ocidentais da União Soviética estavam por trás de uma abertura na direção da

Alemanha. Seus interesses eram isolar a Polônia e deter a Grã-Bretanha.

Ribbentrop conseguiu então persuadir Hitler a concordar com os pedidos soviéticos de retomada de negociações comerciais com Moscou, que haviam sido rompidas em fevereiro. Porém, Mólotov disse a Schulenburg que era preciso encontrar uma "base política" antes de retomar as conversações. Ele não deixou claro o que tinha em mente. As profundas suspeitas mútuas deixaram as relações no gelo novamente durante junho. Mólotov continuava com evasivas e mantinha suas opções em aberto. As discussões econômicas inconstantes mal se mantinham vivas. Mas, no fim de junho, Hitler, irritado com as dificuldades levantadas pelos soviéticos nas discussões comerciais, ordenou o fim de todas elas. Dessa vez, os soviéticos tomaram a iniciativa. Após três semanas eles deixaram claro que as conversações comerciais poderiam ser retomadas e que as perspectivas de um acordo econômico eram favoráveis. Esse era o sinal que Berlim vinha esperando. Em Moscou, Schulenburg recebeu ordens para "retomar os fios da meada".

Em 26 de junho, o especialista em assuntos russos do Departamento de Comércio do Ministério do Exterior, Karl Schnurre, insinuou ao *chargé d'affaires* soviético Georgui Astakhov e ao representante comercial Evgueny Babarin que o acordo comercial poderia ser acompanhado por um entendimento político entre a Alemanha e a União Soviética, levando-se em conta os interesses territoriais mútuos. A resposta foi encorajadora. Mólotov foi evasivo e um pouco negativo quando se encontrou com Schulenburg em 3 de agosto. Mas, dois dias depois, Astakhov informava a Ribbentrop que o governo soviético estava seriamente interessado na "melhoria das relações mútuas" e disposto a considerar as negociações políticas.

Perto do final de julho, Hitler, Ribbentrop e Weizsäcker haviam idealizado a base de um acordo com a União Soviética que envolvia a divisão da Polônia e dos Estados do Báltico. Insinuações sobre esse arranjo foram feitas a Mólotov em seu encontro com Schulenburg de 3 de agosto. Stálin não tinha pressa. Sabia o que os alemães pretendiam e o prazo amplo para a ação almejada contra os poloneses. Mas, para Hitler, não havia tempo a perder. O ataque à Polônia não podia ser adiado. As chuvas de outono, disse ao conde Ciano em meados de agosto, transformariam as estradas num lamaçal e a Polônia "num vasto pântano [...] completamente inadequado para uma operação militar". O ataque tinha de

acontecer no final do mês.

VII

É notável que, na maior parte dos três meses daquele verão de forte dramaticidade, com a Europa cambaleando à beira da guerra, Hitler tenha estado quase totalmente ausente da sede do governo em Berlim. Como de hábito, quando não estava em seu refúgio alpino de Berchtesgaden, passou boa parte do tempo viajando pela Alemanha. No início de junho, visitou o local de construção da fábrica da Volkswagen em Fallersleben, onde havia estado um ano antes para colocar a pedra fundamental. Dali foi a Viena, à Semana de Teatro do Reich, onde assistiu à estreia de *Friedenstag*, de Richard Strauss, brindando seus ajudantes com histórias de suas visitas à ópera e ao teatro trinta anos antes e dissertando sobre os esplendores da arquitetura vienense. Antes de ir embora, visitou o túmulo de sua sobrinha Geli Raubal. Foi de avião para Linz, onde criticou os novos apartamentos para operários porque não tinham terraços, que considerava essenciais. Dali foi de carro para Berchtesgaden via Lambach, Hafeld e Fischlham — lugares associados à sua infância e onde frequentara a escola pela primeira vez.

No início de julho, estava em Rechlin, no Mecklenburg, onde inspecionou novos protótipos de aviões, entre eles o He 176, o primeiro avião com propulsão a turbina, capaz de alcançar mil quilômetros por hora. Depois, na metade do mês, compareceu a um espetáculo extraordinário de quatro dias em Munique, a Concentração da Arte Alemã 1939, que culminou em um enorme desfile com imensos carros alegóricos e trajes extravagantes de eras passadas para ilustrar 2 mil anos de realizações culturais alemãs. Menos de uma semana depois, fez sua habitual visita ao Festival de Bayreuth. Na Haus Wahnfried, no anexo que a família Wagner havia separado especialmente para seu uso, Hitler sentiu-se relaxado. Lá, ele era o "Tio Lobo", como os Wagner o chamavam desde seus primeiros dias na política. Durante o festival, compareceu a apresentações de *O holandês voador*, *Tristão e Isolda*, *As Valquírias* e *Crepúsculo dos deuses*, saudando a multidão, como de costume, da janela do primeiro andar.

Houve também um segundo encontro (após a reunião do ano anterior em Linz) com seu amigo de juventude August Kubizek. Falaram sobre os velhos tempos em Linz e Viena, quando iam juntos às óperas de Wagner. Kubizek pediu timidamente que ele fizesse dezenas de autógrafos para levar aos seus conhecidos. Hitler

aquiesceu. O intimidado Kubizek, funcionário municipal típico de uma cidadezinha sonolenta, secou cuidadosamente com mata-borrão cada assinatura. Eles saíram para dar uma volta e, ao entardecer, conversaram sobre suas lembranças junto ao túmulo de Wagner. Depois Hitler levou Kubizek para conhecer a Haus Wahnfried. Kubizek lembrou seu antigo amigo do episódio de *Rienzi*, em Linz, naqueles dias longínquos do passado. (A terceira ópera de Wagner, baseada na história de um "tribuno do povo" na Roma do século XIV, havia entusiasmado tanto Hitler que, tarde da noite, depois da apresentação, ele arrastou o amigo até o Freinberg, uma colina nos limites de Linz, e explicou-lhe o sentido do que haviam visto.) Hitler contou essa história a Winifried Wagner e terminou dizendo, com muito mais emoção do que verdade: "Foi quando tudo começou". É provável que ele acreditasse em seu próprio mito. Kubizek certamente acreditava. Emotivo e impressionável como sempre fora, e agora uma vítima bem estabelecida do culto ao Führer, ele foi embora com lágrimas nos olhos. Pouco depois, ouviu a multidão aclamando quando Hitler partiu.

Hitler passou a maior parte de agosto no Berghof. Exceto quando tinha visitas importantes para receber, a vida cotidiana ali mantinha seus padrões habituais. Magda Goebbels falou a Ciano sobre seu tédio. "É sempre Hitler que fala!", disse ela, segundo as lembranças do italiano. "Ele pode ser o Führer o quanto quiser, mas sempre se repete e entedia seus convidados."

Embora menos do que em Berlim, as rígidas formalidades ainda eram obedecidas. A atmosfera era asfixiante, especialmente na presença de Hitler. Somente Gretl, a irmã de Eva Braun, aliviava um pouco o clima: ela fumava (o que era muito mal visto), flertava com os ordenanças e estava decidida a se divertir, por mais que o Führer pudesse ter um efeito amortecedor sobre as coisas. Afora isso, o pouco humor que aparecia ocasionalmente era de gosto duvidoso numa casa dominada por homens, onde as mulheres presentes, inclusive Eva Braun, serviam sobretudo de decoração. Mas, em geral, o tom era de extrema polidez, com muito beija-mão e expressões de "*Gnädige Frau*" [Minha senhora]. Embora os nazistas zombassem da burguesia, a vida no Berghof estava impregnada pelas maneiras e modas intensamente burguesas do ditador arrivista.

A longa ausência de Hitler de Berlim, enquanto a paz europeia pendia por um fio, ilustra até onde havia chegado a desintegração de algo parecido com um

governo central convencional. Poucos ministros tinham permissão para vê-lo. Até os poucos privilegiados usuais haviam diminuído em número. Goebbels ainda estava em desgraça em consequência de seu caso com Lida Baarova. Göring não recuperara o terreno que perdera desde Munique. Speer gozava da situação especial de protegido e passou quase todo o verão em Berchtesgaden, mas, na maior parte do tempo, satisfazia a paixão de Hitler por arquitetura, não discutia detalhes da política externa. Os "conselheiros" sobre a única questão de consequência real — a guerra e a paz — estavam agora confinados, em grande medida, a Ribbentrop, ainda mais belicoso do que havia sido no verão anterior, e aos comandantes militares. Nas questões cruciais da política externa, Ribbentrop — quando não representado pelo chefe de sua equipe pessoal, Walther Hewel, muito mais apreciado pelo ditador do que o afetado ministro do Exterior — tinha o campo quase todo para si. O segundo homem do Ministério das Relações Exteriores, Weizsäcker, encarregado dos negócios ministeriais enquanto seu chefe estava ausente de Berlim, afirmou não ter visto Hitler, mesmo à distância, entre maio e meados de agosto. Para ele, era difícil saber em Berlim o que se passava na cabeça do ditador.

A personalização do governo nas mãos de um único homem — equivalente nesse caso à concentração de poder para decidir sobre a guerra e a paz — era total e completa.

Danzig, a questão que supostamente arrastava a Europa para a guerra, não passava, na realidade, de um peão no jogo que a Alemanha armava em Berchtesgaden. O *Gauleiter* Albert Forster — um ex-funcionário de banco de 37 anos que aprendera algumas de suas primeiras lições políticas com Julius Streicher e era líder do NSDAP em Danzig desde 1930 — recebera instruções detalhadas de Hitler em vários momentos do verão sobre como manter a tensão fervendo, mas sem derramar. Como acontecera nos Sudetos no ano anterior, era importante não forçar a questão cedo demais. Os problemas locais tinham de soar exatamente no momento determinado por Hitler. Era preciso fabricar incidentes para mostrar à população do Reich e ao resto do mundo as supostas injustiças perpetradas pelos poloneses contra os alemães em Danzig. Casos de maus-tratos — alguns genuínos, outros, em sua maioria, inventados — da minoria alemã em outras regiões da Polônia também forneciam alimento periódico para uma campanha de propaganda orquestrada que, análoga àquela contra os tchecos em 1938, vinha gritando suas manchetes sobre as iniquidades dos poloneses desde maio.

A propaganda certamente surtiu efeito. O temor da guerra com as potências ocidentais, embora ainda disseminado entre a população alemã, não era — pelo menos até agosto — tão agudo como fora durante a crise dos Sudetos. As pessoas concluíram, com alguma razão (e apoiadas pela imprensa), que, apesar das garantias dadas à Polônia, era muito improvável que as potências ocidentais lutassem por Danzig quando já haviam cedido no caso dos Sudetos. Muitos achavam que Hitler conseguira vencer sem derramamento de sangue antes e faria isso de novo. Não obstante, o medo da guerra era difuso. O sentimento geral teve provavelmente seu melhor resumo no relatório de uma pequena cidade da Alta Francônia, no fim de julho de 1939: "A resposta à pergunta sobre como o problema 'Danzig e o Corredor' deve ser resolvido ainda é a mesma entre o público em geral: incorporação ao Reich? Sim. Através da guerra? Não".

Mas a ansiedade em relação a uma guerra geral por Danzig não significava que havia relutância em ver uma ação militar contra a Polônia — desde que a Europa ocidental pudesse ser mantido fora dela. Incitar o ódio aos poloneses por meio da propaganda era como empurrar uma porta aberta. "O ânimo do povo pode ser

levantado muito mais rapidamente contra os poloneses do que contra qualquer outro povo vizinho", comentou a Sopade, organização social-democrata no exílio. Muitos pensavam que "os poloneses merecem levar na cabeça". Sobretudo, alegava-se, ninguém, qualquer que fosse seu ponto de vista político, queria uma Danzig polonesa; a convicção de que Danzig era alemã era universal.

Uma questão que os nazistas de Danzig exploraram ao máximo foi a da supervisão da alfândega por inspetores aduaneiros poloneses. Em 4 de agosto, quando esses inspetores foram informados — no que se revelou uma iniciativa de um funcionário alemão excessivamente zeloso — de que não teriam permissão para executar suas tarefas e responderam com uma ameaça de fechar o porto para alimentos, a crise local ameaçou transbordar, e cedo demais. Os alemães recuaram com relutância, como observou a imprensa internacional. Forster foi chamado a Berchtesgaden no dia 7 de agosto e retornou para anunciar que o Führer atingira o limite de sua paciência com os poloneses, que estavam provavelmente agindo sob pressão de Londres e Paris.

Essa alegação foi transmitida por Forster a Carl Burckhardt, o alto comissário da Liga das Nações em Danzig. Fazendo vista grossa à impossibilidade de tentar manter a Europa ocidental fora de sua guerra com a Polônia, Hitler estava disposto a usar o representante da detestada Liga das Nações como seu intermediário. Em 10 de agosto, Burckhardt foi chamado ao telefone pelo *Gauleiter* Forster, que lhe disse que Hitler queria vê-lo no Obersalzberg às quatro da tarde do dia seguinte e mandaria seu avião pessoal, que estaria pronto para partir de manhã cedo. Após um voo em que teve de ouvir o eufórico Albert Forster contar histórias de brigas com os comunistas em cervejarias durante a "época da luta", Burckhardt aterrissou em Salzburg. Depois de um rápido lanche, foi levado de carro pela estrada sinuosa que passava pelo Berghof e ia até o Ninho da Águia, a recém-construída e espetacular Casa de Chá, nas alturas estonteantes do pico da montanha.

Hitler não gostava do Ninho da Águia e raramente subia até lá. Queixava-se de que o ar era rarefeito demais naquela altura e ruim para sua pressão arterial. Ele temia por um acidente nas estradas que Bormann construíra na encosta escarpada e por uma falha no elevador que levava os passageiros do enorme hall entalhado na rocha até o topo da montanha, quase cinquenta metros acima. Mas aquela era uma visita importante. Hitler queria impressionar Burckhardt com a vista dramática

para as montanhas alpinas, que invocava a imagem da majestade distante, do ditador da Alemanha como o senhor de tudo o que contemplava.

Ele explorou todos os tons para convencer Burckhardt — e, através dele, as potências ocidentais — sobre a modéstia e a sensatez de suas reivindicações em relação à Polônia e a inutilidade do apoio ocidental. Quase sem voz de tanta raiva, denunciou as sugestões da imprensa de que havia perdido a coragem e sido forçado a ceder na questão dos funcionários poloneses da alfândega. Elevando a voz até gritar, esbravejou sua resposta aos ultimatos poloneses: se ocorresse o menor incidente, ele os esmagaria sem avisar, de tal modo que não sobraria vestígio da Polônia. Se isso significasse uma guerra geral, que ela viesse. A Alemanha tinha de viver de seus próprios recursos. Essa era a única questão; o resto era bobagem. Acusou a Grã-Bretanha e a França de interferirem nas propostas razoáveis que fizera aos poloneses. Agora, a Polônia havia assumido uma posição que bloqueava para sempre qualquer acordo. Seus generais, hesitantes no ano anterior, dessa vez estavam ansiosos para cair sobre os poloneses.

Tal como Hitler pretendia, Burckhardt logo informou os governos britânico e francês o essencial dessa conversa. Eles não tiraram outra conclusão senão insistir para que os poloneses refreassem.

Enquanto Hitler e Burckhardt se encontravam no Ninho da Águia, outra reunião acontecia a poucos quilômetros dali, na recém-adquirida residência esplendorosa de Ribbentrop, com vista para o lago, em Fuschl, não longe de Salzburg. O conde Ciano, resplandecente em seu uniforme, ficara sabendo pelo ministro do Exterior alemão que os italianos haviam sido enganados durante meses a respeito das intenções de Hitler. A atmosfera estava gelada. Ribbentrop disse a Ciano que a "destruição implacável da Polônia pela Alemanha" era inevitável. O conflito não se generalizaria. Se Inglaterra e França interviessem, estariam condenadas à derrota. Mas suas informações "e, sobretudo, seu *conhecimento psicológico*" da Grã-Bretanha, insistia ele, faziam com que descartasse uma intervenção. Ciano julgou-o irracional e obstinado: "A decisão de lutar é implacável. Ele [Ribbentrop] rejeita qualquer solução que possa dar satisfação à Alemanha e evitar a luta".

A impressão foi reforçada quando Ciano visitou Berghof no dia seguinte. Hitler estava convencido de que o conflito seria localizado, que a Grã-Bretanha e a França não iriam à guerra, por mais que fizessem barulho. Seria necessário, um dia,

combater as democracias ocidentais. Mas ele achava “fora de questão que essa luta pudesse começar agora”. Ciano anotou: “Ele decidiu atacar, e ele vai atacar”.

Uma notícia importante chegou justamente no momento em que Hitler sublinhava para o desiludido Ciano sua determinação em atacar a Polônia até o fim de agosto: os russos estavam dispostos a iniciar conversações em Moscou, inclusive sobre a posição da Polônia. Feliz, Ribbentrop atendeu ao telefonema no Berghof. Hitler foi chamado do encontro com Ciano e voltou animado para contar sobre o avanço. O caminho estava aberto.

Uma lufada de atividade diplomática se desenrolou nos dias seguintes, Ribbentrop pressionando para chegar a um acordo possível com a máxima urgência, Mólotov astutamente tergiversando até ficar evidente que o interesse soviético pela missão anglo-francesa estava morto. Aprovaram o texto de um acordo comercial, pelo qual bens manufaturados alemães no valor de 200 milhões de marcos seriam trocados anualmente por uma quantidade equivalente de matérias-primas soviéticas. Por fim, na noite de 19 de agosto, o teletipo deu a Hitler e Ribbentrop, que esperavam ansiosamente no Berghof, a notícia que tanto queriam: Stálin estava disposto a assinar um pacto de não agressão sem demora.

O único problema sério era a data proposta para a visita de Ribbentrop: 26 de agosto. Era o dia que Hitler estabelecera para a invasão da Polônia. Ele não poderia esperar tanto. Em 20 de agosto, decidiu intervir pessoalmente. Telegrafou uma mensagem a Stálin, via embaixada alemã em Moscou, pedindo que Ribbentrop, armado de plenos poderes para assinar um pacto, fosse recebido no dia 22 ou 23. A intervenção de Hitler fez uma diferença. Mas uma vez mais Stálin e Mólotov fizeram-no suar. A tensão no Berghof estava quase insuportável. Foi somente mais de 24 horas depois, na noite de 21 de agosto, que a mensagem chegou. Stálin concordara. Ribbentrop era esperado em Moscou em dois dias, em 23 de agosto. Hitler bateu no próprio joelho de contentamento. Pediu champanhe para todos, embora não bebesse nada. “Isso vai realmente deixá-los em apuros”, declarou, referindo-se às potências ocidentais.

“Estamos por cima de novo. Agora podemos dormir mais facilmente”, registrou Goebbels, encantado. “A questão do bolchevismo é, no momento, de importância secundária”, acrescentou mais tarde, dizendo que essa era a opinião do Führer também. “Estamos necessitados e os comeremos como o diabo come moscas.” No

exterior, observou Goebbels, o anúncio do iminente pacto de não agressão foi "a grande sensação mundial". Mas a resposta não foi aquela que Hitler e Ribbentrop esperavam. A reação fatalista dos poloneses foi de que o pacto não mudaria nada. Em Paris, onde a notícia do pacto germano-soviético foi recebida de forma especialmente pessimista, o ministro do Exterior Georges Bonnet, temendo uma *entente* germano-soviética contra a Polônia, ponderou se não seria melhor pressionar os poloneses a fazer um acordo com Hitler, a fim de ganhar tempo para a França preparar suas defesas. Mas, finalmente, depois de hesitar por dois dias, o governo francês decidiu que a França seria fiel a seus compromissos. O gabinete britânico, reunido na tarde de 22 de agosto, não se comoveu com a notícia dramática, ainda que membros do Parlamento fizessem perguntas incômodas sobre a falha da inteligência britânica. O ministro do Exterior, de forma fria, embora absurda, disse que o pacto talvez não tivesse muita importância. Enviaram-se instruções às embaixadas de que os compromissos da Grã-Bretanha com a Polônia continuavam inalterados. A sugestão de sir Nevile Henderson, de se enviar uma carta pessoal do primeiro-ministro a Hitler, advertindo-o da determinação britânica de ficar ao lado da Polônia, foi aceita.

Enquanto isso, em excelente humor por conta de seu último triunfo, Hitler preparava-se, na manhã de 22 de agosto, para falar a todos os dirigentes das Forças Armadas sobre seus planos para a Polônia. A reunião no Berghof fora marcada antes da chegada das notícias de Moscou. Seu objetivo era convencer os generais da necessidade de atacar a Polônia sem demora. O golpe diplomático, já agora conhecido do público, só pode ter aumentado sua autoconfiança. E certamente enfraqueceu qualquer possível crítica de sua plateia.

Cerca de cinquenta oficiais estavam reunidos no Grande Salão do Berghof quando Hitler começou seu discurso ao meio-dia. "Estava claro para mim que um conflito com a Polônia tinha de acontecer mais cedo ou mais tarde", começou ele. "Eu já havia tomado essa decisão na primavera, mas achei que iria me voltar contra o ocidente em poucos anos e só depois contra o Leste." As circunstâncias fizeram com que mudasse de ideia. Destacou, em primeiro lugar, sua própria importância para a situação. Sem fazer concessões à falsa modéstia, afirmou:

> Essencialmente, tudo depende de mim, de minha existência, devido aos meus talentos políticos. Ademais, é provável que ninguém jamais tenha a confiança de todo o povo alemão, como eu tenho. É provável que

> jamais venha a existir no futuro um homem com mais autoridade do que eu. Minha existência é, portanto, um fator de grande valor. Mas posso ser eliminado a qualquer momento por um criminoso ou lunático.

Enfatizou também o papel pessoal de Mussolini e Franco, enquanto a França e a Inglaterra não tinham nenhuma "personalidade notável". Aludiu brevemente às dificuldades econômicas da Alemanha como mais um argumento para não postergar a ação. "É fácil para nós tomar decisões. Não temos nada a perder; [...] Em virtude de nossas restrições, nossa situação econômica é tal que só podemos aguentar por mais alguns anos. Göring pode confirmar isso. Não temos outra escolha. Devemos agir." Ele examinou a constelação de forças internacionais e concluiu: "Todas essas circunstâncias favoráveis não predominarão mais em dois ou três anos. Ninguém sabe quanto tempo ainda vou viver. Portanto, é melhor um conflito agora".

Era alta a probabilidade de que as potências ocidentais não interviessem, continuou. Havia um risco, mas o risco deveria ser assumido. Com seu costumeiro dualismo apocalíptico, declarou: "Defrontamo-nos com as duras alternativas de atacar ou de sermos aniquilados, mais cedo ou mais tarde". Comparou a força relativa dos armamentos da Alemanha e das potências ocidentais e concluiu que a Grã-Bretanha não estava em posição de ajudar a Polônia. Tampouco os britânicos estavam interessados numa guerra longa. A Europa ocidental investira suas esperanças na inimizade entre a Alemanha e a Rússia. "O inimigo não levou em conta minha grande determinação", jactou-se. Ele havia visto apenas figuras débeis em Munique. O pacto com a Rússia seria assinado em dois dias. "Agora, a Polônia está na posição em que eu a queria." Não havia necessidade de temer um bloqueio. O Leste forneceria os grãos, gado, carvão, chumbo e zinco necessários. Seu único temor, disse ele, numa alusão óbvia a Munique, era "que no último momento algum canalha" lhe apresentasse "um plano para mediação". Ele encontraria um pretexto propagandístico para o início da guerra, por mais implausível que fosse. E terminou com um resumo de sua filosofia:

> Não perguntarão ao vitorioso depois se ele disse a verdade ou não. Quando iniciamos ou travamos uma guerra, não é o certo que importa, mas a vitória. Fechem seus corações para a piedade. Ajam com brutalidade. Oito milhões de pessoas devem obter o que é o direito delas. Sua existência deve se tornar segura. O homem forte tem razão.

Os generais podem não ter se entusiasmado com o que Hitler disse, mas não apresentaram objeções. O estado de ânimo era, em grande medida, fatalista, resignado. O colapso desastroso da autoridade e da independência do Exército desde as primeiras semanas de 1938 não podia ser mais claro. O ainda lastimado ex-chefe do Exército, Werner von Fritsch, havia dito a Ulrich von Hassell alguns meses antes: "Este homem — Hitler — é o destino da Alemanha para o bem ou para o mal. Se ele está agora no abismo, carregará todos nós junto com ele. Não há nada a fazer". Era um indício da capitulação da liderança da Wehrmacht à vontade do Führer. Os comentários de Hitler depois da reunião indicavam que, às vésperas da guerra, tinha pouca confiança em seus generais e muito desprezo por eles.

Quase no final de seu discurso, Hitler desejou sucesso em Moscou ao seu ministro do Exterior. Ribbentrop saiu então para tomar o avião que o levaria a Berlim. Foi a Königsberg no Condor privativo de Hitler e, após uma noite nervosa preparando notas para a negociação, partiu dali na manhã seguinte para a capital russa. Estava no Kremlin duas horas depois de aterrissar. Acompanhado por Schulenburg (o embaixador alemão em Moscou), foi levado a uma sala comprida onde, para sua surpresa, era esperado não somente por Mólotov, mas pelo próprio Stálin. Ribbentrop começou declarando o desejo da Alemanha de ter relações novas, em bases duradouras com a União Soviética. Stálin respondeu que não havia obstáculo para acabar com a querela, embora os dois países tivessem "jogado baldes de sujeira" um sobre o outro durante anos. A discussão avançou rapidamente para o delineamento de esferas de influência. Stálin reivindicou o direito da União Soviética à Finlândia, à boa parte do território dos Estados do Báltico e à Bessarábia. Ribbentrop, como era de prever, trouxe à baila a Polônia e a necessidade de uma linha de demarcação entre a União Soviética e a Alemanha. Eles logo concordaram com a divisão que passaria pelos rios Vístula, San e Bug. O pacto de não agressão foi desenhado sem grande esforço. As mudanças territoriais que o acompanhavam e dividiam o Leste da Europa entre os dois países estavam contidas num protocolo secreto. A única demora foi causada pela reivindicação de Stálin aos portos letões de Libau (Liepaja) e Windau (Ventspils). Ribbentrop achou que tinha de fazer uma consulta.

Esperando nervosamente no Berghof, Hitler já mandara telefonar à embaixada em Moscou para saber sobre o progresso das conversações. Andava impaciente

para lá e para cá no terraço, enquanto o céu destacava a silhueta do Unterberg em cores fantásticas de turquesa, depois violeta, depois vermelho flamejante. Below comentou que ele previa uma guerra sangrenta. Se for assim, retrucou Hitler, quanto mais cedo, melhor. Quanto mais tempo passasse, mais sangrenta seria a guerra.

Poucos minutos depois, Ribbentrop telefonou. Assegurou-lhe que as conversações andavam bem, mas perguntou sobre os portos letões. Em meia hora, Hitler consultou um mapa e telefonou de volta: "Sim, concordo". O último obstáculo estava removido. No Kremlin, no final da noite houve uma ceia comemorativa. Vodca e vinho espumante da Crimeia lubrificaram o já efervescente ânimo de autocongratulação mútua. Entre os brindes, houve um de Stálin a Hitler. Nesse ínterim, os textos do pacto e do protocolo haviam sido redigidos. Embora datados de 23 de agosto, foram assinados por Ribbentrop e Mólotov bem depois da meia-noite. Hitler e Goebbels assistiam a um filme sem muita atenção, nervosos demais com os acontecimentos em Moscou. Por fim, por volta da uma hora, Ribbentrop telefonou de novo: sucesso completo. Hitler cumprimentou-o. "Isso vai cair como uma bomba", comentou.

O alívio, além da satisfação, refletiu-se na calorosa recepção a Ribbentrop quando ele voltou no dia seguinte a Berlim. Enquanto seu ministro do Exterior estivera em Moscou, Hitler começara a pensar que a Grã-Bretanha, no fim das contas, talvez entrasse na luta. Agora, estava confiante de que essa perspectiva fora descartada.

IX

Enquanto Ribbentrop ia a Moscou, sir Neville Henderson, embaixador britânico em Berlim, ia até Berchtesgaden para entregar a carta escrita pelo primeiro-ministro Neville Chamberlain, após a reunião do gabinete de 22 de agosto. Na carta, o premiê enfatizava sua convicção de que "uma guerra entre nossos dois povos seria a maior calamidade que poderia ocorrer". Mas não deixava dúvidas sobre a posição britânica. Um acordo germano-soviético não alteraria o compromisso da Grã-Bretanha com a Polônia. Mas estava disposto, caso houvesse uma atmosfera pacífica, a discutir os problemas que afetavam as relações com a Alemanha. E a Grã-Bretanha estava ansiosa para que a Polônia e a Alemanha encerrassem suas polêmicas a fim de possibilitar discussões diretas entre os dois países sobre o tratamento recíproco de minorias.

Acompanhado por Weizsäcker e Hewel, Henderson chegou ao Berghof às treze horas de 23 de agosto. Hitler estava em seu ânimo mais agressivo. "Ele não fez longos discursos, mas sua linguagem foi violenta e exagerada tanto em relação à Inglaterra como à Polônia", relatou Henderson. O chanceler alemão fez uma série de invectivas sobre o apoio britânico aos tchecos no ano anterior e agora aos polacos, e asseverou que ele só queria amizade com a Inglaterra. Mas alegou que o "cheque em branco" da Grã-Bretanha à Polônia excluía negociações. Foi recriminador, ameaçador e totalmente inflexível. Por fim, concordou em responder a Chamberlain em duas horas.

A caminho de Salzburgo, Henderson foi rapidamente chamado de volta ao Berghof. Dessa vez o encontro foi mais curto — menos de meia hora. Hitler estava mais calmo, mas firme ao declarar que atacaria a Polônia se outro alemão fosse maltratado naquele país. A culpa pela guerra seria inteiramente da Inglaterra (como sempre chamava a Grã-Bretanha), que "estava decidida a destruir e exterminar a Alemanha", continuou. Ele estava agora com cinquenta anos. Preferia a guerra nesse ponto de sua vida do que cinco ou dez anos depois. Henderson disse que aquela conversa de exterminação era absurda. Hitler retrucou que a Inglaterra lutava por raças menores, enquanto ele lutava apenas pela Alemanha. Dessa vez, os alemães lutariam até o último homem. Em 1914 teria sido diferente se ele fosse o chanceler. Suas reiteradas ofertas de amizade à Inglaterra haviam sido rejeitadas

com desprezo. Ele chegara à conclusão de que os dois países jamais concordariam. A Inglaterra forçava-o agora a fazer um pacto com a Rússia. Henderson declarou que a guerra seria inevitável se Hitler mantivesse sua ação direta contra a Polônia. O Führer terminou declarando que somente uma mudança completa da política britânica para a Alemanha poderia convencê-lo do desejo de boas relações. A resposta escrita a Chamberlain que entregou a Henderson estava redigida mais ou menos na mesma linha. Continha a ameaça — clara na implicação, senão na expressão — de ordenar uma mobilização geral se Grã-Bretanha e França mobilizassem suas forças.

As invectivas de Hitler eram, como quase sempre, teatrais. Tratava-se de uma tentativa encenada de romper a garantia britânica para a Polônia com uma demonstração calculada de brutalidade verbal. Assim que Henderson saiu, Hitler bateu na própria coxa — sua expressão de congratulação consigo mesmo — e exclamou para Weizsäcker: "Chamberlain não vai sobreviver a essa discussão. Seu gabinete vai cair nesta noite".

O governo de Chamberlain ainda estava lá na manhã seguinte. A crença de Hitler em seus próprios poderes havia superado a avaliação realista. Seu comentário revela o quanto ele ignorava a disposição do governo britânico, agora apoiado plenamente pela opinião pública. No dia seguinte, portanto, ficou intrigado com a reação discreta na Grã-Bretanha ao pacto germano-soviético e irritado com os discursos feitos no Parlamento por Chamberlain e Halifax, em que reafirmavam a decisão britânica de manter seus compromissos com a Polônia. Em 24 horas, Ribbentrop persuadiu-o de que, uma vez que as ameaças haviam produzido pouco efeito, era o momento de fazer ofertas.

Às 12h45 de 25 de agosto, Henderson foi informado de que Hitler desejava vê-lo à 13h30 na Chancelaria do Reich. A reunião durou mais de uma hora. Ribbentrop e o intérprete Paul Schmidt também estavam presentes. Hitler estava muito mais calmo do que em Berchtesgaden. Criticou o discurso de Chamberlain. Mas estava disposto a fazer "uma oferta abrangente" à Inglaterra e a prometer a continuidade da existência do Império britânico depois que o problema polonês tivesse sido resolvido como uma questão de urgência. Ele estava tão ansioso para que sua "oferta" fosse considerada imediata e seriamente que sugeriu a Henderson ir de avião a Londres, e pôs uma aeronave à sua disposição. Henderson partiu na manhã

seguinte.

Na verdade, a "oferta" à Grã-Bretanha não passava de uma artimanha, de mais uma tentativa — e agora cada vez mais desesperada — de afastá-la do apoio à Polônia e de evitar que a pretendida guerra localizada se tornasse uma guerra europeia generalizada. Mas a honestidade da "oferta" de Hitler era no mínimo questionável: os preparativos finais para o início do Caso Branco estavam sendo feitos no mesmo sábado, 26 de agosto, em que Henderson conversava na Chancelaria.

Hitler estabelecera, já em 12 de agosto, a data provável do dia 26 para a invasão da Polônia. Goebbels ficou sabendo na manhã do dia 25 que a mobilização deveria ocorrer naquela tarde. Ao meio-dia, Hitler deu suas instruções de propaganda, enfatizando que a Alemanha não tivera escolha senão lutar contra os poloneses e alertando para importância de preparar o povo para uma guerra que, se necessário, duraria "meses e anos". As comunicações telefônicas entre Berlim e Londres e Paris foram cortadas por várias horas naquela tarde. As comemorações de Tannenberg e o Congresso do Partido foram abruptamente cancelados. Os aeroportos foram fechados. No dia 27, começaria o racionamento de alimentos. Porém, ao meio-dia do dia 25, enquanto Hitler dava diretrizes de propaganda para Goebbels, o gabinete de Keitel telefonava a Halder para saber qual era o último momento para a ordem de marcha, uma vez que poderia haver um adiamento. A resposta foi: não depois das quinze horas. A ordem final foi dada às 13h30 porque Henderson estava naquele momento na Chancelaria do Reich. Foi então novamente postergada na esperança de que Mussolini tivesse respondido à comunicação de Hitler da manhã. Sob pressão do cronograma militar, mas ansioso por notícias de Roma, Hitler segurou o ataque por uma hora. Por fim, sem receber a resposta de Mussolini, mas incapaz de esperar mais, deu a ordem dois minutos após as quinze horas. As diretrizes para a mobilização foram passadas para os vários comandantes de tropas durante a tarde. Então, para surpresa de todos, em cinco horas a ordem foi cancelada. Enquanto os dirigentes do Exército murmuravam sobre incompetência, a complexa máquina da invasão foi detida na hora H.

A resposta de Mussolini chegara às 17h45. Às dezenove horas, Brauchitsch telefonou a Halder para suspender a ordem de invasão. Abalado, Hitler havia mudado de ideia.

Em 24 de agosto, ele havia preparado uma longa carta para Mussolini em que justificava a aliança com a União Soviética e indicava que um ataque à Polônia era iminente. A carta foi entregue pelo embaixador alemão em Roma na manhã do dia 25. A resposta de Mussolini causou um enorme choque ao excessivamente confiante Hitler. O Duce foi direto ao ponto: a Itália não estava em condições de oferecer ajuda militar no momento. Hitler dispensou glacialmente o embaixador italiano Attolico. "Os italianos estão se comportando exatamente como em 1914", Paul Schmidt ouviu-o comentar. "Isso altera toda a situação", julgou Goebbels. "O Führer pondera e contempla. Foi um golpe sério para ele." Durante uma hora, a Chancelaria do Reich ouviu comentários de indignação com o parceiro do Eixo. A palavra "traição" esteve na boca de muita gente. Brauchitsch foi chamado às pressas. Quando chegou, por volta das sete da noite, disse a Hitler que ainda havia tempo de deter o ataque e recomendou isso a fim de ganhar tempo para o "jogo político" do Führer. Hitler aceitou imediatamente a sugestão. Às 19h45, enviou-se uma ordem frenética a Halder para suspender o início das hostilidades. Keitel saiu da sala de Hitler e disse a um ajudante: "A ordem de marcha deve ser suspensa imediatamente".

Outra má notícia chegou mais ou menos na mesma hora. Minutos antes de receber as informações de Roma, Hitler soube pelo embaixador francês Robert Coulondre que a França também estava decidida a cumprir seus compromissos com a Polônia. Isso, em si mesmo, não era crítico. Hitler acreditava que os franceses poderiam ser mantidos fora da guerra se Londres não entrasse nela. Então Ribbentrop chegou para dizer-lhe que a aliança militar entre a Grã-Bretanha e a Polônia, ajustada em 6 de abril, fora assinada no fim daquela tarde. Isso aconteceu depois que Hitler fez sua "oferta" a Henderson. Tendo acabado de assinar a aliança, devia estar claro até para Hitler que a Grã-Bretanha não a romperia no dia seguinte. O herói de ontem, Ribbentrop, viu-se então em desgraça e, no meio de uma crise da política externa da qual dependia a paz, não esteve em evidência por dois dias. Hitler voltou-se mais uma vez para Göring, o grande rival do ministro do Exterior.

Imediatamente, Göring perguntou ao Führer se o cancelamento da invasão era permanente. "Não. Terei de ver se podemos eliminar a intervenção da Inglaterra", foi a resposta. Quando o emissário de Göring, seu amigo e industrial sueco Birger Dahlerus, já em Londres para convencer lorde Halifax com vagas ofertas de boas

intenções semelhantes às que Henderson logo levaria oficialmente, conseguiu, com muita dificuldade, telefonar para Berlim, pediram-lhe para apresentar-se de volta ao marechal de campo na noite seguinte.

O ânimo na Chancelaria no Reich não melhorou com a mensagem de Daladier de 26 de agosto, em que enfatizava a solidariedade da França com a Polônia. As coisas no centro do governo alemão pareciam caóticas. Ninguém tinha uma ideia clara do que estava acontecendo. Hewel, chefe da equipe pessoal de Ribbentrop, embora com opiniões diferentes das de seu superior, advertiu Hitler a não subestimar os britânicos. Ele tinha um melhor juízo sobre isso do que seu ministro, asseverou. Hitler interrompeu irado a discussão. Brauchitsch achava que o Führer não sabia o que fazer.

Dahlerus certamente o encontrou num estado de grande agitação quando chegou à Chancelaria, perto da meia-noite. Levava com ele uma carta de lorde Halifax na qual este indicava, em termos evasivos, que eram possíveis negociações se não fosse usada força contra a Polônia. Na verdade, ele não acrescentava nada ao que Chamberlain já havia declarado em sua carta de 22 de agosto. A carta causou impacto em Göring, mas Hitler nem olhou para ela e iniciou uma longa diatribe, em tom nervoso e frenético, andando para lá e para cá, com o olhar fixo, o discurso à certa altura incompreensível, citando fatos e números sobre o poderio das Forças Armadas alemãs e, no momento seguinte, gritando como se estivesse num comício do partido, com ameaças de aniquilar seus inimigos. Dahlerus teve a impressão de estar diante de alguém "completamente anormal". Por fim, ele se acalmou o suficiente para listar os itens da oferta que queria que Dahlerus levasse a Londres. A Alemanha queria um pacto ou aliança, garantiria as fronteiras polonesas e defenderia o Império britânico (até mesmo contra a Itália, acrescentou Göring). A Grã-Bretanha deveria ajudar a Alemanha a obter Danzig e o Corredor e fazer com que as colônias lhe fossem devolvidas. Deveriam ser oferecidas garantias à minoria alemã na Polônia. Hitler alterara o que estava em jogo para romper o apoio britânico aos poloneses. Em contraste com a "oferta" feita a Henderson, a aliança com a Grã-Bretanha parecia agora estar disponível *antes* de qualquer acordo com a Polônia.

Dahlerus levou a mensagem para Londres na manhã seguinte, 27 de agosto. A reação foi fria e cética. Ele foi enviado de volta para dizer que a Grã-Bretanha estava

disposta a chegar a um acordo com a Alemanha, mas não romperia seu compromisso com a Polônia. Após negociações diretas entre Alemanha e Polônia sobre fronteiras e minorias, os resultados exigiriam uma garantia internacional. Colônias seriam devolvidas no devido tempo, mas não sob ameaça de guerra. A oferta para defender o Império britânico foi rejeitada. Para espanto de Dahlerus, Hitler aceitou os termos no final daquela noite, desde que os poloneses fossem imediatamente instruídos a contatar a Alemanha e iniciar negociações. Halifax tomou providências nesse sentido. Em Varsóvia, Beck concordou em iniciar as negociações. Enquanto isso, a mobilização alemã, que, assim como a invasão, nunca havia sido cancelada, prosseguia. Antes de Henderson voltar a Berlim com a resposta britânica oficial, Brauchitsch informou Halder que Hitler havia fixado provisoriamente uma nova data para o ataque: 1o de setembro.

Henderson entregou a Hitler, às 22h30 do dia 28, uma tradução da resposta britânica a sua "oferta" de 25 de agosto. Ribbentrop e Schmidt estavam presentes. Hitler e Henderson conversaram por mais de uma hora. Dessa vez, o Führer não interrompeu nem se alongou em arengas. De acordo com o embaixador britânico, ele foi polido, razoável e não ficou irado com o que leu. Mas a "atmosfera amistosa" observada por Henderson era apenas relativa. Hitler ainda falou em aniquilar a Polônia. A resposta oficial não ia muito além da resposta informal que Dahlerus transmitira (e fora elaborada depois que a reação de Hitler àquela iniciativa já era conhecida). O governo britânico insistia numa solução prévia das diferenças entre Alemanha e Polônia. A Grã-Bretanha já tinha garantias da disposição polonesa de negociar. Dependendo do resultado de um acordo e do modo como fosse alcançado, ela estava disposta a trabalhar para um entendimento duradouro com a Alemanha. Mas o compromisso com a Polônia seria honrado. Hitler prometeu uma resposta por escrito para o dia seguinte.

Às 19h15 de 29 de agosto, Henderson, exibindo como sempre um cravo vermelho na lapela de seu terno de listras finas, passou na escura Wilhelmstraße — Berlim fazia blecautes experimentais — por uma multidão silenciosa, mas não hostil, de berlinenses, para ser recebido na Chancelaria do Reich, tal como na noite anterior, por um rufar de tambores e uma guarda de honra. Otto Meissner, cujo papel como chefe da chamada Chancelaria Presidencial era, em larga medida, decorativo, e Wilhelm Brückner, o ajudante-chefe, escoltaram-no até Hitler.

Ribbentrop também estava presente. O Führer estava com um humor menos receptivo do que na noite anterior. Deu a Henderson sua resposta. Havia elevado novamente o preço — exatamente como Henlein recebera ordens para fazer nos Sudetos no ano anterior, de tal modo a impossibilitar seu pagamento. Ele agora exigia a chegada de um emissário polonês com plenos poderes no dia seguinte, quarta-feira, 30 de agosto. Até mesmo o maleável Henderson protestou contra o prazo impossível e disse que aquilo parecia um ultimato. Hitler respondeu que seus generais o pressionavam para tomar uma decisão. Não estavam dispostos a perder mais tempo devido ao início da estação chuvosa na Polônia. Henderson disse a Hitler que qualquer tentativa de uso de força contra a Polônia resultaria inevitavelmente em conflito com a Grã-Bretanha.

Depois que o embaixador britânico saiu, o italiano Attolico entrou. Viera dizer a Hitler que Mussolini estava disposto a interceder junto à Grã-Bretanha, se isso fosse necessário. A última coisa que o Führer queria, como deixara claro aos seus generais na reunião de 22 de agosto, era uma mediação de último minuto para provocar um novo Acordo de Munique — muito menos de um parceiro que acabara de anunciar que não poderia cumprir o pacto tão recentemente assinado. Hitler disse friamente a Attolico que estavam em andamento negociações diretas com os britânicos e que ele já declarara sua disposição de aceitar um negociador polonês.

Hitler não gostara da reação de Henderson a sua resposta ao governo britânico. Pediu a Göring que enviasse Dahlerus novamente em missão não oficial à Inglaterra para que os britânicos conhecessem a essência dos termos "generosos" que se propunha a oferecer aos poloneses — devolução de Danzig à Alemanha e um plebiscito sobre o Corredor (em que a Alemanha ganharia um "corredor através do Corredor" se o resultado fosse favorável à Polônia). Às cinco horas da manhã de 30 de agosto, Dahlerus estava de novo a caminho de Londres num avião militar alemão. Uma hora antes, Henderson já havia transmitido a resposta previsível de lorde Halifax de que o pedido alemão de um emissário polonês naquele mesmo dia era exorbitante.

Durante o dia, enquanto falava de paz, Hitler preparava-se para a guerra. Pela manhã, instruiu Albert Forster, declarado uma semana antes chefe de Estado em Danzig, sobre as medidas que deveria tomar na Cidade Livre quando se iniciassem

as hostilidades. Mais tarde, assinou o decreto que criava um Conselho Ministerial para a Defesa do Reich com amplos poderes para promulgar decretos. Presidido por Göring, seus outros membros eram Heß, como vice-líder do partido, Frick como plenipotenciário para a administração do Reich, Funk como plenipotenciário para a economia, Lammers, chefe da Chancelaria do Reich, e Keitel, chefe do Alto-Comando da Wehrmacht. Tinha a aparência de um "gabinete de guerra" para administrar o Reich, enquanto Hitler se preocupava com assuntos militares. Na realidade, a fragmentação do governo do Reich fora longe demais para isso. O interesse de Hitler em evitar qualquer órgão centralizador que fiscalizasse seu poder significava que o Conselho Ministerial não viria a ser nem mesmo uma ressurreição limitada de um governo coletivo.

Hitler passou boa parte do dia trabalhando nas "propostas" que apresentaria ao negociador polonês que, previsivelmente, nunca chegou. Desde o início, não se tratava de uma sugestão séria. Mas, quando retornou à Chancelaria do Reich à meia-noite para apresentar a resposta britânica à comunicação de Hitler da noite anterior, Henderson encontrou Ribbentrop muito nervoso e de péssimo humor. As aparências diplomáticas mal foram mantidas. Depois de ler com extrema rapidez as "propostas" de Hitler, de tal modo que o embaixador britânico não pôde anotá-las, Ribbentrop o impediu — por ordem expressa de Hitler — de ler o documento, depois jogou-o sobre a mesa declarando que estava agora superado, uma vez que até a meia-noite não havia chegado nenhum emissário polonês a Berlim. Mais tarde, ao pensar sobre a cena, Henderson concluiu que Ribbentrop "estava deliberadamente jogando fora a última chance de uma solução pacífica".

Com efeito, não houve uma "última chance". Nenhum emissário polonês era esperado. Ribbentrop estava preocupado justamente em *não* entregar os termos que os britânicos pudessem repassar aos poloneses, que talvez estivessem dispostos a discuti-los. Hitler precisava da "generosa sugestão" dos britânicos "sobre a regulamentação da questão de Danzig e do Corredor", como Schmidt ouviu-o dizer depois, como "um álibi, especialmente para o povo alemão, para mostrar a ele que fiz tudo para preservar a paz".

Em 30 de agosto, o Exército recebeu ordens de fazer todos os preparativos para um ataque em 1o de setembro, às 4h30. Se as negociações em Londres exigissem um adiamento, seria dada uma notificação antes das quinze horas do dia seguinte.

“Intervenção armada das potências ocidentais considerada agora inevitável”, anotou Halder. “Apesar disso, o Führer decidiu atacar.”

Quando informado de que Ribbentrop havia chegado à Chancelaria, Hitler lhe disse que havia dado a ordem e que “as coisas” estavam “acontecendo”. O ministro do Exterior desejou-lhe sorte. “Parece que os dados foram finalmente lançados”, escreveu Goebbels.

Depois de tomar sua decisão, Hitler isolou-se de contatos externos. No fim da tarde, recusou-se a receber o embaixador polonês Jozef Lipski. Ribbentrop encontrou-se com ele um pouco mais tarde. Mas, ao saber que o embaixador não tinha poderes plenipotenciários para negociar, interrompeu imediatamente o encontro. Lipski voltou à embaixada e descobriu que as linhas telefônicas para Varsóvia haviam sido cortadas.

Às 21 horas, as rádios alemãs transmitiram a “proposta de dezesseis pontos” de Hitler que Ribbentrop havia apresentado de forma tão grosseira a Henderson. Às 22h30, chegaram os primeiros relatos sobre vários incidentes fronteiriços graves, inclusive um ataque armado “polonês” à estação de rádio alemã de Gleiwitz, na Alta Silésia. Eram ações planejadas durante semanas pelo gabinete de Heydrich, usando homens da SS em uniformes poloneses para realizar os ataques. Para aumentar a aparência de autenticidade, vários internos de campos de concentração mortos com injeções letais e levados para os locais forneceram os cadáveres necessários.

Em toda a Alemanha, as pessoas continuavam a levar a vida como se tudo fosse normal. Mas a normalidade era enganadora. Todas as mentes estavam agora fixadas na probabilidade de uma guerra. Uma guerra curta, com poucas perdas e confinada à Polônia era uma coisa. Mas uma guerra contra o oeste, que tanta gente com lembranças da Grande Guerra de 1914-8 temera durante anos, parecia agora quase certa. Não havia mais um estado de ânimo como o de agosto de 1914, nenhum “patriotismo entusiasmado”. O rosto das pessoas falava de suas ansiedades, medos, preocupações e aceitação resignada do que teriam de encarar. “Todos são contra a guerra”, escreveu o jornalista americano William Shirer em 31 de agosto. “Como um país pode entrar numa grande guerra com uma população tão contrária a isso?”, perguntava ele. “A confiança no Führer será provavelmente submetida agora ao seu teste mais duro”, dizia um relatório do distrito de Ebermannstadt, na Alta

Francônia. “A proporção esmagadora dos camaradas do povo espera dele a prevenção da guerra, até ao custo de Danzig e do Corredor, se não for possível de outra maneira.”

Não é possível assegurar se esse informe refletia com exatidão a opinião pública. De qualquer modo, a pergunta é irrelevante. Os cidadãos comuns, quaisquer que fossem seus temores, eram impotentes para influir no curso dos eventos. Enquanto muitos deles dormiam intermitentemente, na esperança de que mesmo agora, na undécima hora, algum milagre preservasse a paz, os primeiros tiros eram dados e bombas jogadas perto de Dirschau, às 4h30. E pouco mais de quinze minutos depois, no porto de Danzig, a velha belonave alemã *Schleswig-Holstein*, agora um navio de treinamento de cadetes, mirava seus canhões no depósito de munições fortificado na Westerplatte e abria fogo.

No final da tarde, o comando do Exército anunciou: “Nossas tropas cruzaram a fronteira em todos os lugares e avançam rapidamente no sentido de seu objetivo do dia, retidas apenas de leve pelas forças polonesas lançadas contra elas”. Na própria Danzig, o suposto objetivo do conflito entre os dois países, os postos de fronteira e os edifícios públicos guarnecidos por poloneses foram atacados ao amanhecer. O Alto Comissário da Liga das Nações fora forçado a ir embora e a bandeira da suástica, hasteada em seu edifício. O *Gauleiter* Albert Forster proclamou a reincorporação de Danzig ao Reich. No tumulto do primeiro dia de hostilidades, é provável que pouca gente na Alemanha tenha prestado muita atenção.

Numa manhã cinzenta e nublada, Shirer achou apáticas as poucas pessoas que estavam na rua. Não houve muitas saudações daqueles que estavam na calçada quando o carro de Hitler se dirigiu para o Reichstag, pouco antes das dez da manhã. Cerca de cem deputados haviam sido convocados para o Exército. Mas Göring tomou providências para que não houvesse espaços vazios quando Hitler falou. Os lugares vagos foram ocupados por funcionários do partido. Em uniforme da Wehrmacht, ele não estava no auge de sua forma. Parecia tenso. Houve menos aclamações do que o usual. Após uma longa justificação da suposta necessidade de ação militar da Alemanha, ele declarou: “Na noite passada, a Polônia atirou pela primeira vez sobre nosso território por intermédio de soldados regulares. Desde as 5h45” — ele queria dizer 4h45 — “o fogo foi revidado. E, a partir de agora, bomba será respondida com bomba”.

Hitler ainda não perdera a esperança de que os britânicos pudessem ser mantidos fora do conflito. Ao retornar do Reichstag, fez Göring chamar Dahlerus para uma última tentativa. Mas não queria mediação de fora, nenhuma repetição de Munique. Mussolini, sob a influência de Ciano e Attolico, e descontente com a humilhação da Itália por ser incapaz de oferecer apoio militar, vinha tentando por alguns dias arranjar uma conferência de paz. Temeroso de um ataque da França e da Grã-Bretanha contra a Itália, estava desesperado para impedir a expansão da guerra. Antes de ver Dahlerus, Hitler mandou um telegrama ao Duce em que declarava explicitamente que não queria a mediação dele. Então Dahlerus chegou. Encontrou Hitler nervoso. Seu mau hálito era tão forte que o industrial se sentiu tentado a dar um ou dois passos para trás. O Führer estava mais implacável do que nunca. Estava decidido a quebrar a resistência da Polônia "e aniquilar o povo polonês", disse a Dahlerus. No próximo fôlego, acrescentou que estava disposto a mais negociações, se os britânicos quisessem. Em seguida, voltaram as ameaças, em tom cada vez mais histérico. Era do interesse dos ingleses evitar uma luta com ele. Mas, se a Inglaterra escolhesse lutar, pagaria caro. Ele lutaria por um, dois, dez anos, se necessário.

Os relatos de Dahlerus sobre essa histeria não fizeram diferença em Londres. Tampouco uma abordagem oficial na noite de 2 de setembro, convidando sir Horace Wilson a ir conversar em Berlim com Hitler e Ribbentrop. Wilson respondeu sem rodeios que era preciso primeiro retirar as tropas alemãs do território polonês. Caso isso não acontecesse, a Grã-Bretanha lutaria. Isso era apenas para reiterar a mensagem que o embaixador britânico já passara a Ribbentrop na noite anterior. Nenhuma resposta àquela mensagem foi recebida. Às nove da manhã de 3 de setembro, Henderson entregou o ultimato britânico ao intérprete Paul Schmidt, em vez de Ribbentrop, que não queria encontrar o embaixador. Se até as onze horas da manhã não chegassem garantias de que a Alemanha estava disposta a encerrar sua ação militar e se retirar do solo polonês, dizia o ultimato, "um estado de guerra existirá entre os dois países a partir daquela hora". Nenhuma garantia daquele tipo estava a caminho. "Em consequência", anunciou Chamberlain pelo rádio ao povo britânico e imediatamente depois repetiu na Câmara dos Comuns, "este país está em guerra com a Alemanha." A declaração de guerra da França foi feita naquela tarde, às cinco horas.

Hitler conduzira a Alemanha para a guerra europeia generalizada que quisera evitar por muitos anos. Gente das forças militares achava que o Exército de 2,3 milhões de homens, apesar da rapidez do programa de rearmamento, estava menos preparado para uma grande guerra do que estivera em 1914. Hitler travaria a guerra aliado com a União Soviética, o arqui-inimigo ideológico. E ele estava em guerra com a Grã-Bretanha, a suposta "amiga" que havia tentado cortejar durante anos. Apesar de todas as advertências, seus planos — sempre apoiados por seu belicoso ministro do Exterior — basearam-se na pressuposição de que a Grã-Bretanha não entraria na guerra, embora ele demonstrasse que não se deteria mesmo diante dessa eventualidade. Não surpreende que — a crer no relato de Paul Schmidt —, quando recebeu o ultimato britânico na manhã de 3 de setembro, tenha se voltado raivosamente para Ribbentrop e perguntado: "E agora?".

X

“A responsabilidade por essa terrível catástrofe repousa sobre os ombros de um único homem”, disse Chamberlain na Câmara dos Comuns em 1º de setembro, “o chanceler alemão, que não hesitou em mergulhar o mundo na miséria a fim de servir a suas próprias ambições absurdas.” Tratava-se de uma compreensível simplificação excessiva. Essa visão personalizada deixava necessariamente de lado os pecados de omissão e comissão de outros — inclusive do governo britânico e seus aliados franceses — que haviam ajudado Hitler a acumular uma base de poder excepcional a ponto de suas ações poderem determinar o destino da Europa.

No plano internacional, sua combinação de intimidação e chantagem não teria funcionado não fosse a fragilidade da situação europeia no pós-guerra. O Tratado de Versalhes dera a Hitler a base para suas crescentes exigências, que se aceleraram drasticamente em 1938-9. O tratado fornecera a plataforma para a agitação étnica que ele pôde explorar com facilidade no caldeirão da Europa Central e Oriental. Não menos importante, Versalhes provocara um desconfortável complexo de culpa na Europa ocidental, especialmente na Grã-Bretanha. Hitler podia vociferar e exagerar, seus métodos podiam ser repelentes, mas não havia alguma verdade no que ele alegava? Os governos ocidentais — apoiados por suas populações cansadas da guerra, ansiosas mais do que ninguém para fazer todo o possível para evitar uma nova conflagração —, com sua diplomacia tradicional em descompasso com as técnicas sem precedentes de mentir e ameaçar, achavam que sim, e se esforçaram para aplacar Hitler. Quando as potências ocidentais perceberam plenamente com quem estavam lidando, já não tinham mais condições de controlar o “cachorro louco”.

Na Alemanha, o rompimento de qualquer aspecto de governo coletivo ao longo dos seis anos anteriores deixou Hitler numa posição em que tomava decisões sozinho. Ninguém duvidava que ele tinha o direito de decidir — o efeito sufocante dos anos de expansão do culto ao Führer levou a isso — e que suas decisões deviam ser executadas. Nos dias críticos, ele se encontrava bastante com Ribbentrop, Göring, Goebbels, Himmler e Bormann. Outras figuras de proa do partido, ministros do governo, até favoritos da corte como Speer, tinham pouco ou nenhum contato com ele. Naturalmente, também estava em contato constante com o

comando da Wehrmacht. Mas enquanto Goebbels, por exemplo, só sabia dos planos militares em segunda mão, dirigentes das Forças Armadas com frequência não tinham todas as informações sobre os desdobramentos diplomáticos, ou eram informados com atraso. O gabinete, é óbvio, jamais se reunia. Por incrível que pareça para um Estado moderno complexo, não havia governo além de Hitler e os indivíduos que ele escolhia para consultar num determinado momento. Ele era a única ligação entre as partes componentes do regime. Os passos essenciais podiam ser dados somente em sua presença. Mas aqueles que conseguiam vê-lo em pessoa, afora seu séquito costumeiro de secretárias, ajudantes e assemelhados, eram, em sua maioria, oficiais que precisavam de diretrizes operacionais ou aqueles que, como Ribbentrop ou Goebbels, pensavam como ele e dependiam dele. O governo interno do Reich tornara-se uma autocracia do Führer.

Para aqueles mais próximos de Hitler, as tomadas de decisões personalizadas significavam qualquer coisa, menos consistência, clareza e racionalidade. Ao contrário, davam a impressão de uma improvisação desnorteante, mudanças rápidas de rumo, incerteza. Hitler vivia ansioso, e isso era transmitido aos que o cercavam. As pressões externas do percurso que ele escolhera se encontraram com sua psicologia pessoal nesse ponto. Aos cinquenta anos de idade, os homens frequentemente ruminam sobre suas ambições e como o tempo para realizá-las está acabando. Para Hitler, um homem com um ego extraordinário e ambições de entrar para a história como o maior alemão de todos os tempos, e um hipocondríaco já influenciado pela aproximação da morte, o sentimento de envelhecimento, do desaparecimento do vigor juvenil, de não ter tempo a perder era imensamente ampliado.

Ele sentia o tempo diminuir, a pressão para agir antes que as condições se tornassem mais desvantajosas. Havia pensado numa guerra contra as potências ocidentais por volta de 1943-5 e contra a União Soviética em algum momento depois disso, embora nunca tenha estabelecido um cronograma. Nunca pensara em evitar a guerra. Ao contrário: reviver a primeira grande guerra perdida fazia com que baseasse tudo na vitória da segunda grande guerra por vir. O futuro da Alemanha — jamais duvidara disso e o dissera em inumeráveis ocasiões — só poderia ser determinado por meio da guerra. Em sua visão dualista, a vitória garantiria a sobrevivência, a derrota significaria a erradicação total, o fim do povo

alemão. Para ele, a guerra era inevitável. Somente o momento e a direção estavam em questão. E não havia tempo a perder. A partir de suas estranhas premissas, tendo em vista os recursos fatigados da Alemanha e os passos rápidos da França e da Grã-Bretanha em direção ao rearmamento, havia uma lógica distorcida no que ele dizia. O tempo para as opções de sua guerra estava acabando.

A essa forte força propulsora na mentalidade de Hitler acrescentavam-se outros aspectos de sua extraordinária estrutura psicológica. Os anos de sucessos espetaculares — todos atribuídos por ele ao "triunfo da vontade" — e a adulação pura que o cercava a cada momento, o culto ao Führer sobre o qual o "sistema" estava construído, haviam apagado completamente nele o pouco senso que tinha de suas limitações. Isso o levou a uma calamitosa superestimação de suas capacidades e a uma extrema depreciação daqueles que defendiam racionalmente uma cautela maior, em especial nas Forças Armadas. Isso ia de mãos dadas com uma desastrosa recusa de ver o acordo, para não falar do recuo, como sinal de fraqueza. A experiência da guerra e seu resultado traumático sem dúvida cimentaram essa característica, que estava presente no início de sua carreira política, como, por exemplo, na tentativa de golpe em Munique, em 1923. Mas ela devia ter raízes mais profundas. Os psicólogos talvez tenham respostas. De qualquer forma, o traço de comportamento de Hitler, cada vez mais perigoso à medida que seu poder se expandia para ameaçar a paz da Europa, lembrava a criança mimada que se transformou no suposto machão. Sua incapacidade para compreender a relutância do governo britânico em ceder a suas ameaças produzia ataques de raiva frustrada. A certeza de que obteria o que queria por meio da intimidação transformava-se em fúria cega sempre que seu blefe era descoberto. O valor que ele atribuía à sua imagem e posição era narcisista ao extremo. O número de vezes em que lembrou da mobilização tcheca, em maio de 1938, e da mobilização polonesa, em março de 1939, como uma desfeita ao seu prestígio é revelador. O aumento da sede de vingança era a consequência duradoura. Depois, a suspensão da ordem de atacar a Polônia em 26 de agosto, muito criticada pelos militares como sinal de incompetência, foi considerada por ele uma derrota diante de seus generais. Ele sentiu seu prestígio ameaçado. O resultado foi o aumento da impaciência para remediar isso com uma nova ordem, o mais cedo possível, da qual não poderia haver recuo.

Não eram somente as circunstâncias externas, mas também sua psique pessoal que o empurravam para frente, que compeliam ao risco. A resposta que deu em 29 de agosto, quando Göring sugeriu que não era necessário “apostar tudo”, foi, portanto, absolutamente de acordo com sua índole: “Em minha vida, sempre apostei tudo”. Para ele, não havia outra escolha.

17. Autorização para a barbárie

I

A "missão" de Hitler, desde que entrara na política, fora desfazer a mancha da derrota e da humilhação de 1918 com a destruição dos inimigos — internos e externos — da Alemanha e restaurar a grandeza nacional. Essa "missão", ele deixou claro em muitas ocasiões durante a década de 1920, só poderia ser realizada com "a espada". Isso significava guerra pela supremacia. O risco não poderia ser evitado. "Ou a Alemanha será uma potência mundial, ou não haverá Alemanha", escrevera em *Mein Kampf*. Nada mudara ao longo dos anos em sua crença fanática nessa "missão".

Na guerra, o nazismo sentiu-se em casa. O movimento nazista nascera de uma guerra perdida. Tal como acontecia com Hitler, a experiência daquela guerra e a eliminação da nódoa da derrota estavam em seu coração. O que o impulsionava era "a renovação nacional" e a preparação para outro conflito armado a fim de estabelecer a dominação na Europa que a Alemanha não conseguira na Primeira Grande Guerra. A nova guerra trazia as circunstâncias e oportunidades para a radicalização dramática da cruzada ideológica do nazismo. Metas de longo prazo pareciam se tornar, quase da noite para o dia, objetivos políticos alcançáveis. A perseguição, cujo alvo eram em geral minorias sociais vistas com maus olhos, era agora dirigida contra um povo inteiro conquistado e subjugado. Os judeus, uma proporção minúscula da população alemã, não eram apenas muito mais numerosos na Polônia, mas também desprezados por muitos poloneses e passaram a ser os

mais reles entre os reles aos olhos dos brutais ocupantes do país.

Tal como antes da guerra, Hitler deu o tom para a escalada da barbárie, aprovou-a e sancionou-a. Mas suas ações oferecem uma explicação inadequada dessa escalada. A desintegração acelerada de um ilusório governo coletivo, o solapamento da legalidade por um executivo policial cada vez mais entranhado e em expansão e a ambição de poder em uma liderança da SS cada vez mais autônoma, tudo isso desempenhou papéis importantes. Esses processos desenvolveram-se entre 1933 e 1939 no próprio Reich. Depois que a ocupação da Polônia abriu novas perspectivas, eles adquiriram um ímpeto totalmente novo. Os planejadores e organizadores, teóricos da dominação e os tecnocratas do poder na liderança da SS viram a Polônia como um playground experimental. A eles foi concedida uma *tabula rasa* para fazer mais ou menos o que quisessem. A "visão" do Führer era a legitimação de que precisavam. Líderes do partido postos na direção da administração civil das áreas da Polônia anexadas ao Reich, apoiados por servidores públicos propulsores e "inventivos", também consideravam que estavam "trabalhando para o Führer" em seus esforços para levar a cabo o mais rápido possível a "germanização" de seus territórios. E o Exército de ocupação — oficiais e soldados —, imbuído de um profundo preconceito contra os poloneses, também não precisou de muito estímulo para a impiedade com que os subjugou.

A radicalização ideológica que ocorreu na Polônia nos dezoitos meses seguintes à invasão alemã foi uma precursora essencial dos planos que se desenvolveriam na primavera de 1941 como preparação para a guerra que Hitler sabia que travaria em algum momento contra a Rússia bolchevique.

Perto das nove horas da noite de 3 de setembro, Hitler embarcou em seu trem blindado especial na estação Stettiner de Berlim e partiu para a frente de guerra. Durante boa parte das três semanas seguintes, o trem — estacionado inicialmente na Pomerânia (Hinterpommern), depois na Alta Silésia — constituiu o primeiro "quartel-general do Führer" em tempo de guerra. Entre seus acompanhantes estavam dois ajudantes pessoais, geralmente Wilhelm Brückner e Julius Schaub, duas secretárias (Christa Schroeder e Gerda Daranowski), dois criados, seu médico Karl Brandt (ou, às vezes, seu adjunto, Hans-Karl von Hasselbach) e seus quatro ajudantes militares (Rudolf Schmundt, Karl-Jesko von Puttkamer, Gerhard Engel e Nicolaus von Below). Atrás do vagão de Hitler, o primeiro do trem — que continha

uma espaçosa "sala de estar", compartimento de dormir e banheiro, além de leitos para seus ajudantes —, estava o vagão do comando, que possuía equipamentos de comunicação e uma sala de conferências para reuniões com os comandantes militares. No vagão seguinte ficava Martin Bormann. No dia da invasão da Polônia, ele havia informado a Lammers que "continuaria permanentemente no séquito do Führer". A partir de então, nunca esteve longe de Hitler — fazendo eco aos desejos do Führer e lembrando-o constantemente da necessidade de manter o impulso ideológico do regime.

As tropas polonesas, mal equipadas para a guerra moderna, não foram páreo para os invasores desde o início. Nos primeiros dois dias, a maioria dos aeródromos e quase toda a Força Aérea polonesa foram destruídas. As defesas do país foram sobrepujadas e o Exército rapidamente entrou em desordem. Já em 5 de setembro, o chefe do Estado-Maior Halder anotou: "Inimigo praticamente derrotado". Na segunda semana de luta, as forças alemãs já estavam nos arredores de Varsóvia. Hitler interveio raras vezes no comando militar, mas interessou-se profundamente pelos progressos da guerra. Na maioria das manhãs, saía de carro para ver partes diferentes da linha de frente. Suas secretárias, que passavam dias tediosos no vagão abafado do trem estacionado sob o sol, tentavam dissuadi-lo de passear pelas cenas de batalha de pé em carro aberto, como fazia na Alemanha. Mas Hitler estava em seu elemento. A guerra o revigorava.

Em 19 de setembro, ele entrou em Danzig, sob manifestações indescritíveis de júbilo. Instalou-se para a semana seguinte no Cassino-Hotel, no balneário adjacente de Zoppot. Dali, nos dias 22 e 25, foi de avião aos arredores de Varsóvia para ver a devastação causada pelos bombardeios, que ele havia ordenado. Em 27 de setembro, quando o comando militar da capital polonesa se rendeu, ele já estava de volta a Berlim, um retorno calmo e sem a habitual recepção de herói preparada de antemão. A Polônia não existia mais. Estima-se que 700 mil soldados poloneses foram feitos prisioneiros de guerra. Cerca de 70 mil foram mortos em ação e outros 133 mil feridos. As baixas alemãs somaram cerca de 11 mil, com 30 mil feridos e outros 3400 desaparecidos.

Os planos políticos e territoriais para a Polônia foram improvisados e emendados à medida que os eventos se desdobraram em setembro e outubro de 1939. Em 7 de setembro, ele estivera disposto a negociar e reconhecer um Estado remanescente

polonês (com concessões territoriais à Alemanha e o rompimento dos laços com Grã-Bretanha e França), e uma Ucrânia ocidental independente. Cinco dias depois, ainda era a favor de um Estado polonês quase autônomo com o qual pudesse negociar uma paz no leste e pensava em limitar as demandas territoriais à Alta Silésia e ao Corredor, se a Europa ocidental ficasse de fora. Outra opção apresentada por Ribbentrop era uma divisão da Polônia entre Alemanha e Rússia e a criação, a partir do território polonês restante, de uma Galícia autônoma e uma Ucrânia polonesa — proposta que Moscou provavelmente não aprovaria. De qualquer modo, a ocupação soviética tardia do leste da Polônia em 17 de setembro logo descartou essa possibilidade. Em seu discurso feito em Danzig em 19 de setembro, Hitler ainda deixava em aberto a forma final do país. Nos dias seguintes, Stálin deixou clara sua oposição à existência de um Estado polonês remanescente. Sua preferência inicial por uma linha de demarcação ao longo dos rios Pissia, Narev, Vístula e San foi então substituída pela proposta de trocar os territórios do centro da Polônia dentro da zona soviética, entre os rios Vístula e Bug, pela Lituânia. Depois que Hitler aceitou essa proposta — a base do Tratado de Amizade Germano-Soviético assinado em 28 de setembro de 1939 —, a questão da existência ou não de um Estado polonês ficou somente nas mãos de Berlim.

No final do mês, Hitler ainda contemplava a possibilidade de uma entidade política polonesa com alguma autonomia. Manteve a perspectiva de recriar um Estado polonês reduzido — embora descartasse expressamente qualquer recriação da Polônia do Tratado de Versalhes — pela última vez no discurso ao Reichstag de 6 de outubro, como parte de sua "oferta de paz" às potências ocidentais. Mas já então os arranjos provisórios montados para administrar a Polônia ocupada haviam eliminado o que restava dessa perspectiva. Antes mesmo de Chamberlain rejeitar formalmente a "oferta de paz" em 12 de outubro, eles haviam criado uma dinâmica própria que apontava para um território polonês títere — o "Governo Geral", como veio a ser conhecido — ao lado de partes substanciais do antigo Estado polonês que seriam incorporadas ao próprio Reich.

Em 26 de outubro, por meio de uma série de decretos caracterizados por pressa e improvisação extraordinárias, Hitler acabou com a administração militar da Polônia ocupada e a substituiu por um governo civil, nas mãos de "velhos combatentes" experimentados e testados. Albert Forster, *Gauleiter* de Danzig, foi

nomeado chefe do novo Reichsgau de Danzig-Prússia Ocidental. Arthur Greiser, ex-presidente do Senado de Danzig, foi encarregado da maior área anexada, Reichsgau Posen (ou Reichsgau Wartheland, como logo seria rebatizada, embora conhecida simplesmente como Warthegau). Hans Frank, o chefe oficial do partido, foi designado governador-geral no território polonês remanescente. Outro ex-território polonês foi acrescentado aos *Gaue* existentes da Prússia Oriental e Silésia. Em cada um dos territórios incorporados, a maioria deles na Wartheland, as fronteiras fixadas no decorrer de outubro incluíam áreas significativas que jamais haviam feito parte das antigas províncias prussianas. Desse modo, as fronteiras do Reich estenderam-se por cerca de 150-200 quilômetros para o leste. Os alemães eram maioria somente na área de Danzig. No restante dos territórios incorporados, a proporção de alemães raramente chegava a mais de 10% da população.

Era uma conquista imperialista, não um revisionismo. O tratamento para com o povo do território recém-conquistado não tinha precedente; suas formas modernas de barbárie evocavam, ainda que de modo mais terrível, as piores conquistas bárbaras de séculos passados. Na visão primitiva de seus novos senhores, o que era antes a Polônia não passava de um território colonial na Europa Oriental: recursos naturais para serem saqueados à vontade, um povo visto — com a ajuda de modernas teorias racistas que revestiam velhos preconceitos — como seres humanos inferiores, a serem tratados tão brutalmente quanto julgassem apropriado.

II

O terror desencadeado desde os primeiros dias da invasão da Polônia ofuscou por completo — por mais chocantes que tenham sido — a violência, a perseguição e a discriminação que haviam ocorrido no próprio Reich desde 1933. A orgia de atrocidades foi desencadeada de cima, explorando, nos estágios iniciais, o antagonismo étnico que a agitação e a propaganda nazistas haviam feito muito para incitar. O programa radical e planejado de "limpeza étnica" que se seguiu foi autorizado pelo próprio Hitler. Mas sua instigação — tudo aponta para isso — veio quase certamente da liderança da SS. A SS já havia reconhecido as oportunidades de expansão. Novas possibilidades para estender os tentáculos da polícia estatal abriram-se com a *Anschluß*. Einsatzgruppen (grupos-tarefa) da Polícia de Segurança foram usados na Áustria pela primeira vez. Eles estiveram presentes novamente no território dos Sudetos, depois no restante da Tchecoslováquia, onde houve um espaço ainda maior para o ataque da SS aos "inimigos do Estado". O caminho estava aberto para a escalada em massa da brutalidade descontrolada na Polônia. Uma vez mais, cinco (depois seis) Einsatzgruppen foram enviados para a ação. Eles interpretavam da forma mais liberalizada a instrução de atirar em "reféns" em represália por qualquer demonstração de hostilidade, ou em "insurgentes" — assim considerada qualquer pessoa que desse a mais leve indicação de oposição ativa às forças de ocupação. A necessidade de manter boas relações com a Wehrmacht a princípio restringiu a quantidade e a arbitrariedade dos fuzilamentos. Isso provavelmente restringiu também a "ação" voltada para liquidar a nobreza, o clero e a intelligentsia poloneses. Não obstante, estima-se que a "ação" fez 60 mil vítimas. Com a ocupação da Polônia, as barbaridades dos Einsatzgruppen avançaram claramente para um novo patamar. Estabeleceu-se a plataforma para o que aconteceria depois, no ataque à União Soviética, em 1941.

Não havia escassez de ajudantes ávidos entre os alemães étnicos dos antigos territórios poloneses. A explosão de violência lembrou, de forma imensamente ampliada, o tratamento selvagem e bárbaro dado aos "inimigos do Estado" na Alemanha, na primavera de 1933. Mas agora, após seis anos de destruição cumulativa dos princípios do comportamento humano e civilizado e da doutrinação persistente para o ódio chauvinista, a agressão represada podia ser

liberada sobre um inimigo desprezado e tiranizado.

Nas semanas seguintes à invasão, algumas das piores atrocidades alemãs foram perpetradas pela Volksdeutscher Selbstschutz (Autoproteção dos Alemães Étnicos), uma milícia civil criada por orientação de Hitler nos primeiros dias de setembro e que em menos de uma semana caiu sob o controle da SS. Ludolf von Alvensleben, ajudante de Himmler, assumiu a organização e mais tarde levou a Selbstschutz para a Prússia Ocidental, onde o grau de brutalidade se destacou até mesmo no catálogo horroroso de maldades dos outros ramos da organização. Especialmente na Prússia Ocidental, onde o conflito étnico fora mais feroz, essa organização realizou um número incalculável de "execuções" de civis poloneses. A Selbstschutz acabou sendo fechada — na Prússia Ocidental em novembro, nos outros lugares no início de 1940 — mas somente porque suas atrocidades incontroláveis estavam se tornando contraproducentes em virtude dos conflitos resultantes com o Exército e com as autoridades civis alemãs nas áreas ocupadas.

As ações devastadoras da Selbstschutz eram apenas um dos elementos do programa de "luta étnica" radical projetado pelo comando da SS para a "nova ordem" na Polônia. Operações de "limpeza étnica" mais sistemáticas, que envolviam a liquidação disseminada de grupos-alvo, estavam principalmente nas mãos dos Einsatzgruppen da Polícia de Segurança, que agiam na esteira do avanço militar. Já no final da primeira semana da invasão, conta-se que Heydrich estava furioso — tal como Hitler — com as legalidades das cortes militares, apesar das duzentas execuções por dia. Ele exigia fuzilamento ou enforcamento sem julgamento. "Os nobres, os clérigos e os judeus devem ser liquidados", consta terem sido suas palavras. Ele repetiu os mesmos sentimentos alguns dias depois, referindo-se a uma "limpeza de terreno" geral para Eduard Wagner, chefe do Serviço de Intendência de Halder. Os relatórios de atrocidades não demoraram a surgir. Em 10-11 de setembro, chegaram relatos sobre dois massacres de judeus, ambos realizados pela SS. Em 12 de setembro, o almirante Canaris, chefe da Abwehr, contou a Keitel que soubera "que amplos fuzilamentos estavam planejados na Polônia e que especialmente a nobreza e o clero seriam exterminados". Keitel respondeu que "esse assunto já foi decidido pelo Führer". Então, já haviam ouvido o chefe do Estado-Maior Halder dizer que era "intenção do Führer e de Göring aniquilar e exterminar o povo polonês", e que "o resto não

podia nem ser insinuado por escrito”.

O significado do programa de “limpeza étnica” total foi explicado por Heydrich aos comandantes dos Einsatzgruppen no dia 21 de setembro. A ideia era que as ex-províncias alemãs se tornariam *Gaue* germânicas. Seria criado um outro *Gau*, com uma “população de língua estrangeira”, com capital em Cracóvia. Um “muro oriental” cercaria as províncias alemãs e o “*Gau* de língua estrangeira” seria uma espécie de “terra de ninguém”. O *Reichsführer-SS* seria nomeado Comissário do Povoamento do Leste (uma designação de importância vital que dava a Himmler poderes imensos, praticamente ilimitados no Leste, confirmado por édito secreto de Hitler em 7 de outubro). “A deportação dos judeus para o *Gau* de língua estrangeira, a expulsão para o outro lado da linha de demarcação foi aprovada pelo Führer”, continuou Heydrich. O processo demoraria mais de um ano. No que dizia respeito à “solução do problema polonês”, os 3%, no máximo, da liderança polonesa que estavam nos territórios ocupados “tinham de se tornar inofensivos” e postos em campos de concentração. Os Einsatzgruppen fariam listas dos líderes significativos e de vários grupos profissionais e de classe média (inclusive professores e padres) que seriam deportados para o “campo de despejo” designado do Governo Geral. Os “polacos primitivos” seriam usados como trabalhadores migrantes e gradualmente deportados para o “*Gau* de língua estrangeira”. Os judeus das zonas rurais seriam removidos e colocados em cidades. Os judeus deveriam ser sistematicamente transportados por trens de carga das áreas alemãs. Heydrich também imaginava a deportação dos judeus do Reich e de 30 mil ciganos para a Polônia.

Pouco mais de uma semana depois, Hitler falou a Rosenberg do programa de germanização e deportação a ser realizado na Polônia. As três semanas passadas na Polônia durante a campanha haviam confirmado seus arraigados preconceitos raciais. Rosenberg lembrou-se de ele ter dito:

> Os polacos, uma fina camada germânica embaixo daquele material terrível. Os judeus, a coisa mais horrível que se pode imaginar. As cidades cobertas de sujeira. Ele aprendeu muito nessas semanas. Sobretudo: se a Polônia tivesse mandado por algumas décadas nas velhas partes do Reich, tudo estaria cheio de piolhos e decaído. Era preciso agora mão de ferro para governar lá.

Hitler referiu-se então aos seus planos para os territórios poloneses conquistados,

em tom semelhante ao da conversa de Heydrich com os chefes dos Einsatzgruppen.

> Ele queria dividir o território estabelecido agora em três faixas: 1) Entre o Vístula e o Bug: todos os judeus (inclusive do Reich) e todos os elementos de algum modo não confiáveis. Junto ao Vístula, uma invencível *Ostwall*, ainda mais forte que a *Westwall*. 2) Ao longo da fronteira anterior, um largo cinturão de germanização e colonização. Ali estaria a grande tarefa de todo o povo: criar um celeiro alemão, um campesinato forte, para reassentar bons alemães de todo o mundo. 3) No meio, uma "forma de Estado" polonês. Se, depois de décadas, o cinturão de povoamento puder ser empurrado para frente, isso poderá ser feito no futuro.

Alguns dias depois, ele falou com Goebbels na mesma linha. "O juízo do Führer sobre os polacos é aniquilador", registrou. "Mais animais do que seres humanos. [...] A imundície dos polacos é inimaginável." Hitler não queria assimilação. "Eles devem ser empurrados para seu Estado reduzido" — significando o Governo Geral — "e deixados inteiramente entre eles mesmos." Se Henrique o Leão — o poderoso duque da Saxônia e da Bavária do século XII, que havia reassentado camponeses em terras do norte e do leste da Alemanha — tivesse conquistado o Leste, o resultado, tendo em vista o alcance do poder disponível na época, teria sido uma raça mestiça alemã "eslavificada", continuou Hitler. "É muito melhor como está. Agora, ao menos, conhecemos as leis da raça e podemos agir de acordo com elas."

Em seu discurso no Reichstag de 6 de outubro, Hitler aludiu, embora nos mais vagos termos, para o consumo público, ao "trabalho de limpeza" e ao enorme reassentamento étnico como preparação para a "nova ordem de relações etnográficas" na antiga Polônia. Somente no trato confidencial com aqueles dirigentes do regime que precisavam saber — uma técnica característica de seu mando era não difundir informações para além dos limites essenciais — é que ele falava francamente, como fizera com Rosenberg e Goebbels, sobre o que pretendia. Numa reunião em 17 de outubro na Chancelaria do Reich à qual compareceram Keitel, Frank, Himmler, Heß, Bormann, Lammers, Frick e o secretário-geral do Ministério do Interior Stuckart, ele delineou a política draconiana para a Polônia. Os militares deveriam ficar contentes por se verem livres da responsabilidade administrativa. O Governo Geral não se tornaria parte do Reich. Não era tarefa da administração dele dirigi-lo como uma província modelo ou criar uma base econômica e financeira sólida. A intelligentsia polonesa deveria ser privada da chance de se transformar numa classe dirigente. O padrão de vida deveria

permanecer baixo: "Só queremos obter suprimento de mão de obra". A administração de lá teria mãos livres, independentes dos ministérios de Berlim. "Não queremos fazer lá nada do que fazemos no Reich", observou sinistramente. Levar a cabo esse trabalho envolveria "uma dura luta étnica que não permitirá nenhuma restrição legal. Os métodos não serão compatíveis com nossos princípios normais". O domínio sobre a área "nos permitirá também purificar o Reich de judeus e polacos". A cooperação do Governo Geral com os novos *Gaue* de Posen e Prússia Ocidental ocorreria somente para propósitos de reassentamento (através do novo papel de Himmler de chefe do programa para o reordenamento étnico da Polônia). "A inteligência e a dureza nessa luta étnica", terminou Hitler, com seu habitual recurso às necessidades nacionais como justificação, "precisam nos salvar de ter de novamente entrar nos campos de massacre por causa desta terra." "O trabalho do diabo", assim ele o chamou.

Não há dúvidas sobre a aprovação de Hitler ao que Heydrich havia posto em andamento. Vários meses depois, referindo-se às relações acidentadas da SS e da polícia com os dirigentes militares na Polônia, Heydrich destacou que o trabalho dos Einsatzgruppen estava "de acordo com a ordem especial do Führer". A "atividade política" levada à cabo na Polônia pelo *Reichsführer-SS*, que causara conflitos com alguns comandantes militares, seguira "as diretivas do Führer, bem como do general marechal de campo". Ele acrescentou que "as diretrizes, de acordo com as quais ocorreu a atividade da polícia, eram extraordinariamente radicais (isto é, ordens de liquidação para numerosos setores da liderança polonesa, chegando aos milhares)". Uma vez que a ordem não foi transmitida para os comandantes do Exército, eles haviam presumido que a polícia e a SS estavam agindo arbitrariamente.

Com efeito, os comandantes militares em campo na Polônia não receberam instruções explícitas sobre nenhuma determinação de Hitler acerca da política assassina de "limpeza étnica" da SS e da Polícia de Segurança, embora Brauchitsch, assim como Keitel, estivesse bem consciente do que se pretendia. Isso era em si mesmo característico de como o regime funcionava e do cuidado de Hitler em obscurecer sua responsabilidade, circunscrevendo o conhecimento pleno ao menor círculo possível e, mesmo nessas circunstâncias, falando na maior parte do tempo em generalidades, por mais draconianas que fossem. As mãos do Exército estavam

longe de limpas das atrocidades cometidas na Polônia. A proclamação de Brauchitsch aos poloneses, em 1o de setembro, afirmara que a Wehrmacht não considerava a população sua inimiga e que todos os acordos sobre direitos humanos seriam respeitados. Mas, já nas primeiras semanas de setembro, numerosos informes militares relatavam saques, "fuzilamentos arbitrários", "maus-tratos dos desarmados, estupros", "incêndio de sinagogas" e massacres de judeus por soldados da Wehrmacht. Os comandantes militares — até o mais pró-nazista entre eles — consideravam esses atos repugnantes graves infrações da disciplina, e não parte de uma política consistente e racialmente motivada de "limpeza" implacável a ser executada com todos os meios possíveis, e procuraram punir os envolvidos em tribunais militares. (Na realidade, a maioria deles foi anistiada por Hitler por meio de um decreto de 4 de outubro, que justificava seus atos como retaliação "provocada pelo rancor diante das atrocidades cometidas pelos poloneses".) Os comandantes em campo na Polônia, por mais duro que fosse seu domínio militar, não consideravam as atrocidades que reconheciam ser cometidas por seus soldados — em sua opinião, efeitos colaterais lamentáveis, ainda que inevitáveis, da conquista militar de um inimigo implacável e percebido como povo "inferior" — como sendo parte de um programa de exterminação. A abordagem deles, por mais draconiano que fosse o tratamento que davam aos poloneses, diferia notavelmente do pensamento de Hitler, Himmler e Heydrich.

Aos poucos, na segunda metade de setembro, o mal-estar dos comandantes militares na Polônia, diante da selvageria das ações da SS, transformou-se em crítica inequívoca. A consciência disso provocou queixas da liderança nazista sobre a "falta de compreensão" no Exército do que era necessário na "luta étnica". Em 13 de outubro, Hitler disse a Goebbels que os militares na Polônia eram "brandos e complacentes demais" e seriam substituídos assim que possível por uma administração civil. "Somente a força é eficaz com os polacos", acrescentou. "A Ásia começa na Polônia." Em 17 de outubro, ele retirou a SS e a polícia da jurisdição militar — uma medida que contribuiu muito para a ampliação da autonomia da SS.

As denúncias mais diretas e corajosas das contínuas atrocidades da SS foram feitas em relatórios escritos para Brauchitsch pelo general de Exército Johannes Blaskowitz, que, após o fim da administração militar, foi comandante do Exército na Polônia. Seus relatórios condenavam "atrocidades criminosas, maus-tratos e

saques realizados pela SS, pela polícia e pela administração", criticavam severamente os "instintos animais e patológicos" da SS, que provocara o massacre de dezenas de milhares de judeus e poloneses. Blaskowitz temia uma "imensurável brutalização e degradação moral" se os SS não fossem controlados — algo, dizia ele, que era cada vez mais impossível na Polônia, "pois eles podem muito bem acreditar que estão oficialmente autorizados e justificados a cometer qualquer ato de crueldade". O general Wilhelm Ulex, comandante em chefe da seção meridional da frente de batalha, fez relatórios semelhantes.

A resposta pusilânime do comandante em chefe do Exército Von Brauchitsch — na verdade, uma apologia da política bárbara de "limpeza étnica" autorizada por Hitler — foi fatídica. Ela comprometeu a posição do Exército e apontou o caminho para a acomodação entre Forças Armadas e SS em relação aos atos genocidas que ocorreriam na União Soviética em 1941. Brauchitsch falou de "lamentáveis erros" na "difícil solução" das "tarefas étnico-políticas". Após longas discussões com o *Reichsführer-SS*, ele estava confiante de que o futuro traria uma mudança. As críticas que punham em perigo "a unidade e o poder de luta das tropas" tinham de ser proibidas. "A solução das tarefas étnico-políticas, necessárias para garantir o espaço vital alemão e ordenadas pelo Führer, tinha de levar a medidas duras e incomuns contra a população polonesa da área ocupada", declarou ele. "A execução necessariamente acelerada dessas tarefas, causada pela luta decisiva do povo alemão, provocou naturalmente uma maior intensificação dessas medidas." Prevendo, sem dúvida, a inevitável explosão diante das inadequações do Exército, Brauchitsch nem entregou em pessoa os relatórios de Blaskowitz a Hitler: enviou, pelo menos o primeiro, em 18 de novembro de 1939 por intermédio do seu ajudante do Exército, Gerhard Engel. A esperada denúncia feroz das "atitudes infantis" do comando do Exército foi inevitável. "Não se pode travar uma guerra com métodos do Exército da Salvação", vociferou Hitler.

As inquirições iniciadas por Himmler depois das queixas do Exército concluíram que se tratava apenas de "trivialidades". Mas o *Reichsführer-SS* ficou irado com os ataques. Em março de 1940, finalmente encontrou uma chance para se dirigir aos comandantes do Exército. Aceitou a responsabilidade pelo que acontecera, embora tenha subestimado os relatórios, atribuindo os relatos de graves atrocidades a rumores. De acordo com as lembranças do general Weichs, que participou da

reunião, ele acrescentou que “estava preparado, em questões que pareciam talvez incompreensíveis, a assumir a responsabilidade perante o povo e o mundo, uma vez que a pessoa do Führer não podia ser conectada a essas coisas”. Outro participante, com mais motivos do que a maioria para se interessar muito pelos comentários de Himmler, o general Ulex, relembrou que o *Reichsführer* disse: “Não faço nada que o Führer não saiba”.

Com a aprovação do programa de liquidação no âmago da bárbara ofensiva de “limpeza étnica” na Polônia, Hitler e o regime que chefiava cruzaram o Rubicão. Não se tratava mais de uma exibição de brutalidade declarada no país, que chocava — como fora o massacre da liderança da SA em 1934, ou, ainda mais, o pogrom de novembro contra os judeus em 1938 — precisamente porque as estruturas e tradições de legalidade no Reich, independente das incursões feitas nelas, não haviam sido totalmente solapadas. No território em que havia existido a Polônia, a violência foi irrestrita, sistemática e numa escala jamais vista no próprio Reich. A lei, embora draconiana, não contava para nada. A polícia tinha rédeas soltas. Até as áreas incorporadas eram tratadas, em termos de policiamento, como exteriores ao Reich. O que aconteceu nos territórios conquistados, evidentemente, ainda estava longe do genocídio total que emergiria durante a campanha russa, no verão de 1941. Mas tinha traços quase genocidas. Constituiu o campo de treinamento para o que viria a seguir.

As observações de Hitler a Rosenberg e Goebbels ilustram como suas impressões pessoais dos poloneses proporcionavam-lhe a justificação para os métodos drásticos que havia aprovado. Nessas atitudes, fora inquestionavelmente fortalecido por Himmler e Heydrich. Goebbels também apelava aos preconceitos de Hitler ao ventilar os seus próprios. Em meados de outubro, contou-lhe sobre o trabalho preliminar do que viria a ser o sórdido documentário antissemita *Der ewige Jude* (O eterno judeu). Hitler escutou com grande interesse. O que Goebbels disse ao Führer pode ser deduzido de suas reações quando viu as primeiras cenas do que chamava de “o filme do gueto”. Os judeus degradados e tiranizados, esmagados sob o jugo nazista, se pareciam agora com a caricatura que sua propaganda havia produzido. “Descrições tão terríveis, brutais e detalhadas que seu sangue coagula nas veias”, comentou. “Você se encolhe diante de tanta bestialidade. Essa judiaria precisa ser aniquilada.” Cerca de quinze dias depois, Goebbels mostrou a Hitler as

horríveis cenas de abate ritual do filme e registrou suas próprias impressões — que já apontavam claramente na direção do genocídio — colhidas em sua visita ao gueto de Lodz: "É indescritível. Não são mais seres humanos. São animais. Assim, não se trata de uma tarefa humanitária, mas cirúrgica. Senão, a Europa perecerá pela doença judaica".

Num sentido muito literal, Goebbels, Himmler, Heydrich e outras lideranças nazistas estavam "trabalhando para o Führer", cuja autoridade permitia a realização de suas fantasias. O mesmo valia para incontáveis figuras menores no experimento racial em andamento nos territórios ocupados. Professores universitários — com os historiadores na linha de frente — primaram em justificar a hegemonia alemã no leste. "Especialistas" em raça do partido trataram de construir a base "científica" para a inferioridade dos poloneses. Exércitos de planejadores, levados para o leste, começaram a deixar a imaginação correr na criação de planos megalomaníacos de reassentamento étnico e reestruturação social. Hitler não precisava fazer mais do que fornecer a licença geral para a barbárie. Não havia escassez de mãos dispostas a pô-la em prática. A começar pelos chefes da administração civil na Polônia ocupada. Forster em Danzig-Prússia Ocidental, Greiser no Warthegau e Frank no Governo Geral eram "velhos combatentes" de confiança, escolhidos a dedo para a tarefa por Hitler. Eles sabiam o que se esperava deles. Não eram necessárias diretrizes regulares e precisas.

A chefia combinada de Estado e partido na área incorporada, seguindo a estrutura usada na Ostmark (a Áustria anexada) e nos Sudetos, proporcionava uma influência muito maior do partido do que no "velho Reich". A atitude de Hitler em relação à política nos territórios incorporados era típica. Ele atribuía grande valor em dar aos seus *Gauleiter* a "necessária liberdade de ação" para executar suas difíceis tarefas. Enfatizava

> que exigia somente um relatório do *Gauleiter* depois de dez anos que sua área era germânica, isto é, puramente germânica. Não perguntaria sobre os métodos que haviam utilizado para tornar a área germânica e lhe era irrelevante se em algum momento do futuro ficasse estabelecido que os métodos para conquistar esse território não fossem bonitos ou estivessem abertos à objeção legal.

A consequência inevitável desse amplo mandado — embora se tenha alegado que ia contra a intenção de Hitler — foi a competição entre Greiser e seu

arquirrival Forster para ser o primeiro a anunciar que seu *Gau* estava totalmente germanizado. Os dois buscaram esse objetivo de maneiras diferentes. Forster, para profunda irritação de Himmler, enfiava quantos poloneses fosse possível no terceiro grupo da *Deutsche Volksliste* (Lista de Alemães Étnicos), dando-lhes cidadania alemã dependente de aprovação (ou seja, constantemente sujeita à revogação). Por sua vez, Greiser buscava fanática e implacavelmente o apartheid completo, a máxima separação dos dois grupos étnicos. Enquanto Forster entrava muitas vezes em conflito com Himmler, Greiser dava pleno apoio às políticas do *Reichsführer-SS* e trabalhava em estreita cooperação com o mais alto chefe da SS e da polícia no Warthegau, Wilhelm Koppe.

O Warthegau transformou anos de tormento indescritível para o povo subjugado na coisa mais próxima da visão da "Nova Ordem" no Leste. Os vastos programas de deportação e reassentamento, a erradicação impiedosa da influência cultural polonesa, o fechamento em massa de igrejas católicas e a prisão ou o assassinato do clero, a expulsão de poloneses de suas propriedades e o grau incrível de discriminação contra a maioria da população polonesa — sempre acompanhada pela ameaça de execução sumária — foram executados sob a égide de Greiser e Koppe, com pouca necessidade de envolver Hitler. Ademais, o ímpeto feroz dessa dupla para livrar sua área germanizada dos mais inferiores entre os inferiores — a minoria judaica do Warthegau — viria a constituir um elo vital na cadeia que levaria, no fim de 1941, à solução final.

A rapidez com que as divisões geográficas e a estrutura administrativa para os territórios da antiga Polônia foram improvisadas, a rédea solta dada aos chefões do partido, a ampla autonomia que a polícia obteve e a completa ausência de restrições legais criaram uma briga pelo poder no "Leste selvagem". Mas, onde o conflito entre as autoridades da ocupação era mais endêmico, como no Governo Geral, a maior concentração de poder estava claramente nas mãos da Polícia de Segurança, representada pelo alto chefe da SS e da polícia, apoiado por Himmler e Heydrich. A "Ordem Negra" de Himmler, sob os poderes ampliados do *Reichsführer*, agora comissário do Reich para a Consolidação da Nação Alemã, com mandado de Hitler para "limpar" o Leste, chegara à sua realização nos territórios recém-ocupados.

III

Entrementes, no próprio Reich, o início da guerra também dava um passo vital em direção à barbárie moderna. Lá também Hitler autorizou o assassinato em massa.

Paralelamente aos assassinatos na Polônia ocupada, ocorria um avanço irreversível em direção ao genocídio. Chamado eufemisticamente de "ação de eutanásia", o programa para matar os doentes mentais e outros doentes incuráveis, lançado no outono de 1939, proporcionaria uma passagem para o vasto programa de exterminação que viria a seguir. E, como a destruição dos judeus europeus, estava evidentemente ligado à guerra que, ele tinha certeza, traria a realização de sua "missão" ideológica.

Foi em algum momento de outubro que Hitler fez uma de suas secretárias datilografar em papel de carta com seu timbre e antedatada de 1o de setembro de 1939 — o dia em que a guerra começou — esta frase única: "O *Reichsleiter* Bouhler e o dr. Brandt estão encarregados da responsabilidade de ampliar a autoridade de médicos específicos de tal modo que, após uma avaliação crítica de seu estado, aqueles julgados doentes incuráveis possam ter a concessão de uma morte misericordiosa". Ele pegou uma caneta e assinou essa sentença de morte lapidar, sem limites.

Àquela altura, o assassinato de pacientes mentais, autorizado verbalmente por Hitler, já estava em andamento. Não era adequado ao seu estilo, nem ao seu instinto transmitir ordens letais por escrito. O motivo de ter feito isso nessa única ocasião deveu-se às dificuldades, numa terra onde se presumia que o texto da lei ainda valia, já encontradas por aqueles que tentavam, sem nenhuma autoridade óbvia, montar uma organização em condições de sigilo para implementar um mandado homicida. Mesmo então, o conhecimento da autorização por escrito de Hitler estava confinado ao menor número de pessoas possível. Somente dez meses depois, em 27 de agosto de 1940, o ministro da Justiça do Reich, Franz Gürtner, diante das críticas crescentes à ilegalidade do que inevitavelmente estava vazando para o público, teve acesso a uma cópia da ordem.

Com efeito, não havia uma norma específica que regulasse o que estava ocorrendo. Hitler recusava-se explicitamente a propor uma lei de "eutanásia" e

rejeitava a perspectiva de uma burocracia pesada e de constrangimentos legais. Mesmo de acordo com as teorias jurídicas da época, uma ordem verbal de Hitler não possuía o caráter de lei. Mas uma determinação por escrito, qualquer que fosse seu status legal, era considerada vinculante, e a ela se submetia até mesmo o ministro da Justiça Gürtner. Depois que viu com os próprios olhos que a vontade de Hitler estava por trás da liquidação dos doentes mentais, e que isso não era obra de subalternos do partido agindo sem autorização, ele desistiu de tentar bloquear ou regulamentar a matança. Lothar Kreyssig, um corajoso juiz distrital, escrevera a Gürtner cartas de protestos sobre a ilegalidade gritante da ação. Quando lhe mostraram a autorização de Hitler, disse que, mesmo com base na teoria jurídica positiva, o errado não podia ser transformado em certo. Gürtner, então, deu-lhe uma resposta simples: "Se o senhor não consegue reconhecer a vontade do Führer como fonte de lei, como uma base para o direito, então não pode continuar a ser juiz". O pedido de aposentadoria de Kreyssig veio logo depois.

Esse diálogo entre Gürtner e Kreyssig mostra até que ponto o "poder do Führer" havia solapado a essência do direito. A gênese da "ação de eutanásia" que Hitler autorizou por escrito em outubro de 1939 oferece, além disso, um exemplo clássico do modo como "trabalhar para o Führer" converteu um objetivo ideológico numa política realizável.

Hitler era indispensável ao processo. Suas opiniões bastante divulgadas dos anos 1920 sobre "eutanásia" serviram, após 1933, de estímulo para aqueles — cujos representantes mais notáveis estavam na Liga dos Médicos Nacional-Socialistas, mas de forma nenhuma se confinavam aos nazistas fanáticos — que estavam ansiosos para agir em relação ao "problema" do que chamavam de "peso morto" da sociedade.

A noção da "destruição da vida que não vale a pena viver" já fora objeto de muito debate público. Porém, na época de Weimar, a imensa maioria dos médicos havia rejeitado a eutanásia. A tomada do poder por Hitler mudou o clima e abriu novas possibilidades para a profissão médica. Alguns importantes psiquiatras estavam mais do que dispostos a explorá-las. As supostas intenções de Hitler ofereciam diretrizes para seus intentos, ainda que o momento não fosse considerado maduro para introduzir o programa que queriam. Acima de tudo, o papel de Hitler foi decisivo em 1938-9 ao fornecer a aprovação para cada passo que

levou ao programa completo de "eutanásia" a partir do outono de 1939. Está claro que, sem essa aprovação e sem o impulso ideológico que ele encarnava, não teria havido nenhuma "ação de eutanásia".

Mas a mentalidade que levou ao assassinato dos doentes mentais não era criação de Hitler. Com base em alicerces firmemente estabelecidos, em especial depois dos cortes catastróficos de fundos públicos durante os anos da Depressão, a construção da ditadura dera a médicos e psiquiatras, após 1933, licença para pensar no impensável. Opiniões minoritárias, constrangidas mesmo numa democracia em falência, podiam agora se tornar dominantes. O processo ganhou velocidade. Em 1939, médicos e enfermeiras ligados a asilos já sabiam muito bem o que era exigido. O mesmo acontecia na burocracia médica que azeitava as rodas da máquina de matar. O clima da opinião pública também não era desfavorável. Embora houvesse fortes sentimentos contra a eutanásia, em particular de pessoas ligadas a igrejas, outras eram a favor — em especial, parece, no caso de crianças mentalmente doentes ou incapacitadas — ou, pelo menos, estavam passivamente preparadas para aceitá-la.

Por fim, mas não menos importante, a implementação de um programa secreto de assassinatos em massa, coincidindo com a erupção da guerra, teria sido inimaginável sem a erosão progressiva da legalidade e a desintegração das estruturas formais de governo que ocorreram a partir de 1933.

Hitler dera uma forte indicação de suas ideias sobre como lidar com os doentes incuráveis em *Mein Kampf*, no qual defendeu a esterilização dessas pessoas. Em 1929, quando falou no Congresso do Partido em Nuremberg sobre como deviam ser tratados os mais fracos da sociedade, o argumento econômico, usado pelo lobby da eugenia na medicina e outras profissões, pesou menos do que as questões de "higiene racial" e da "manutenção futura de nossa força étnica, na verdade, de toda a nossa nacionalidade étnica". No mesmo discurso, ele declarou: "Se a Alemanha viesse a ter 1 milhão de crianças por ano e se livrasse de 700-800 mil das mais fracas delas, o resultado final seria talvez um aumento da força". Isso implicava uma engenharia racial por meio do assassinato em massa, justificado por uma ideologia darwinista social, não "eutanásia" no sentido convencional, de libertação voluntária de uma doença terminal.

De acordo com os comentários do médico Karl Brandt em seu julgamento após

a guerra, Hitler era conhecido por ser a favor da eutanásia involuntária desde pelo menos 1933. Sua posição está clara na resposta que deu em 1935 a Gerhard Wagner, líder dos médicos do Reich. Evidentemente, Wagner estava pressionando por medidas radicais a fim de provocar a "destruição de vidas que não valem a pena ser vividas". Consta que Hitler lhe disse que "assumiria e levaria adiante as questões da eutanásia" na eventualidade de uma guerra. Ele era "da opinião de que esse problema poderia ser enfrentado com mais suavidade e facilidade na guerra", e que a resistência esperada das igrejas teria então um impacto menor do que em tempo de paz. Portanto, pretendia, "no caso de uma guerra, resolver radicalmente o problema dos asilos mentais".

Nos três anos seguintes, ele teve pouco envolvimento com a questão da "eutanásia". Outros estiveram mais ativos. Encorajado evidentemente pelo comentário de Hitler de que pretendia, quando a oportunidade se apresentasse através da guerra para a qual o regime estava se preparando, introduzir um "programa de eutanásia", Wagner promoveu discussões sobre como a população deveria ser preparada para esse tipo de ação. Cálculos sobre o custo de manter os doentes mentais e hereditários foram publicados, inculcando a impressão do que poderia ser feito para o bem do povo com os vastos recursos que eram "desperdiçados" em vidas "inúteis". Enviaram câmeras aos asilos a fim de produzir cenas para horrorizar o público alemão e convencê-lo da necessidade de eliminar aqueles retratados como a escória da sociedade para o bem de toda a população. O Escritório Político e Racial Nacional-Socialista produziu cinco filmes mudos desse tipo entre 1935 e 1937.

Enquanto isso, a Chancelaria do Führer do NSDAP, agência que viria a dirigir a "ação de eutanásia" a partir de 1939, fazia de tudo para expandir sua base de poder na selva política do Terceiro Reich. Apesar de seu nome pomposo, a Chancelaria do Führer tinha pouco poder efetivo. Hitler a criara no fim de 1934 para cuidar da correspondência enviada a ele, na qualidade de chefe do NSDAP, por membros do partido. Destinava-se oficialmente a manter o Führer em contato direto com as preocupações de seu povo. Boa parte dessa correspondência dizia respeito a queixas triviais, reclamações insignificantes e pequenas altercações entre membros do partido. Mas uma grande quantidade de cartas para Hitler choveu depois de 1933 — cerca de um quarto de milhão por ano no final da década. E, para preservar a ficção

de que o Führer ouvia seu povo, muitas delas precisavam de atenção.

Hitler pôs a Chancelaria do Führer sob o controle de Philipp Bouhler, um membro da *Reichsleitung* (Liderança do Reich) do Partido desde 1933, um tipo quieto, burocrático, mas intensamente fiel, deferente e fanático ideológico. Explorando suas conexões diretas com Hitler, a imprecisão de suas tarefas e a aleatoriedade dos assuntos que caíam no âmbito da organização que dirigia, ele conseguiu expandir seu pequeno império. Dos vários departamentos, o mais importante era o Departamento (*Amt*) II (a partir de 1939, Departamento Principal — *Hauptamt*), chefiado por seu adjunto, Viktor Brack. Esse departamento cobria uma ampla gama de assuntos heterogêneos, mas sua seção "IIb", dirigida por Hans Hefelmann, era responsável pelas petições relacionadas ao Ministério do Interior do Reich, inclusive questões sensíveis de competência do departamento de saúde do ministério. Cinco anos mais moço do que Bouhler, Brack era, no mínimo, mais ambicioso do que seu chefe e estava ideologicamente sintonizado com o que ele queria. Estava pronto para agarrar uma chance quando ela surgisse.

Essa oportunidade chegou em algum momento dos primeiros meses de 1939. Naquela ocasião, o pai de uma criança gravemente deficiente — nascida cega, sem antebraço esquerdo e com uma perna deformada — de Pomßen, perto de Leipzig, enviou uma petição a Hitler para que o filho fosse libertado por meio de eutanásia. A petição chegou ao gabinete de Hefelmann, na Chancelaria do Führer. Ele não pensou em envolver o Ministério do Interior ou da Justiça. Achou que deveria levá-la diretamente a Hitler, para ver sua opinião sobre como tratar o assunto. Isso aconteceu provavelmente em maio ou junho de 1939. Hitler enviou seu médico, Karl Brandt, à Clínica Infantil da Universidade de Leipzig para conferenciar com os médicos da criança e com o mandado de autorizar a realização da eutanásia caso a situação fosse como o pai a descrevera. Isso foi feito perto do final de julho de 1939. Pouco depois do retorno de Brandt, Hitler autorizou-o verbalmente, assim como Bouhler, a tomar medida similar se surgissem outros casos (a criança de Pomßen não era, evidentemente, um caso isolado naquela época). Não sabemos se Hitler deu esse passo por conta própria ou se seguiu uma sugestão de Brandt ou do ambicioso Bouhler. Mas, entre fevereiro e maio de 1939, Hefelmann, seguindo instruções de Brandt, realizou discussões com médicos conhecidos por simpatizar com a ideia e acabou por criar uma organização camuflada que ganhou o título de

Comitê do Reich para o Registro Científico de Graves Sofrimentos Hereditários e Congênitos. Estima-se que, sob sua égide, entre 5 e 8 mil crianças foram mortas, principalmente com injeções do barbitúrico luminal.

Em julho, Hitler disse a Lammers, Bormann e ao dr. Leonardo Conti (recém-nomeado líder da Saúde do Reich e secretário de Estado para a Saúde no Ministério do Interior do Reich) que era a favor da eutanásia para pacientes com doenças mentais graves. Um uso melhor de hospitais, médicos e equipes de enfermagem poderia ser feito na guerra, declarou. Conti foi encarregado de investigar a viabilidade desse tipo de programa. Naquele momento, a guerra era iminente. Os comentários de Hitler mostram que ele continuava a ver o "programa de eutanásia" no contexto da guerra. Mas naquele momento também ele já havia provavelmente recebido a avaliação encomendada no início do ano por Brack ao dr. Joseph Mayer, professor de Teologia Moral na Universidade de Paderborn. Hitler estava inquieto em relação à provável reação das Igrejas caso introduzisse um "programa de eutanásia". Ele imaginava que tanto a católica como a protestante se oporiam abertamente a isso. Haviam pedido a Mayer, que em 1927 havia publicado um tratado em favor da esterilização legal dos doentes mentais, que avaliasse a atitude da Igreja católica. Ele defendeu o direito do Estado de tirar a vida dos doentes mentais. Embora isso fosse contra os ensinamentos ortodoxos do catolicismo, Mayer deixou a impressão de que não se deveria esperar uma oposição inequívoca das Igrejas. Foi essa a conclusão que Hitler aparentemente tirou, após mais uma inquirição discreta. O maior obstáculo interno a esse tipo de programa parecia ser superável. O programa podia ir em frente.

A organização, montada para tratar da "eutanásia" de crianças, cuidaria dele. Brack ouvira indiretamente as instruções de Hitler a Conti na reunião de julho. Tendo divisado sua chance, mas precisando agir sem demora, a fim de não perder o controle para Conti e o Ministério do Interior, ele fez Hefelmann redigir um curto memorando estatístico sobre os asilos e levou-o a Bouhler. O chefe da Chancelaria do Führer teve pouca dificuldade para persuadir Hitler a estender a autorização que havia concedido antes a ele e Brandt para tratar da "eutanásia" de crianças. Foi em agosto de 1939 que Hitler disse a Bouhler que queria o mais rigoroso sigilo e "uma solução completamente não burocrática desse problema". O Ministério do Interior do Reich deveria ser mantido fora disso tanto quanto possível.

Pouco depois, uma quantidade considerável de médicos foi convocada para uma reunião na Chancelaria do Reich a fim de dar sua opinião sobre esse tipo de programa. A maioria arrasadora estava a favor e disposta a cooperar. Eles sugeriram que cerca de 60 mil pacientes poderiam ser "elegíveis". O número envolvido significava que havia um sério problema para manter o sigilo. Uma vez mais, eram necessárias organizações camufladas. Três foram criadas para distribuir questionários aos asilos (a Associação dos Asilos do Reich), cuidar de questões de pessoal e finanças (Fundação Comunitária para o Cuidado dos Asilos) e organizar o transporte (Transporte Comunitário de Pacientes). A sede das organizações, sob a direção de Brack, ficava numa residência despretensiosa em Berlim-Charlottenburg, na Tiergartenstraße, no 4, de onde toda a "ação de eutanásia" tirou seu codinome "T4". Além de Bouhler, Brandt e Brack, a organização compreendia 114 pessoas.

É claro que a construção desse tipo de organização e a execução de sua medonha tarefa precisavam mais do que a simples autorização verbal que até então fora suficiente para a "eutanásia" de crianças. Foi isso que levou à autorização escrita quase casual algumas semanas depois, antedatada (como vimos) de 1o de setembro. Essa outorga informal e o modo como a Chancelaria do Führer foi capaz, sem que os ministros de Estado fossem informados, de expropriar o controle sobre um programa calculado para provocar a morte de milhares de seres humanos numa ação sem nenhum fundamento jurídico são o indício mais claro do quanto as estruturas internas de governo haviam sido deformadas e substituídas por agências do executivo devotadas a executar o que consideravam ser a vontade do Führer. O sigilo de capa e espada — algumas figuras de proa, inclusive Brack, até trabalhavam com nomes falsos — indicava a ilegalidade do que estavam fazendo. O regime dera um passo adentro da criminalidade descarada.

As equipes médicas dos asilos selecionavam seus pacientes para a inclusão na "ação de eutanásia". Elas também estavam "trabalhando para o Führer", fosse essa ou não sua motivação aberta. Os pacientes incluídos tinham seus nomes marcados com uma cruz vermelha. Aqueles que seriam poupados tinham um sinal de subtração azul ao lado de seus nomes. A matança, feita principalmente com monóxido de carbono administrado por médicos cuja participação não era compulsória, era realizada em asilos selecionados, sendo os mais famigerados os de Grafeneck, Hadamar, Bernburg, Brandenburg, Hartheim e Sonnenstein.

Simultaneamente à Ação-T4, o *Gauleiter* da Pomerânia Franz Schwede-Coburg, rapidamente alertado para as novas possibilidades, trabalhou em colaboração estreita com a SS em outubro de 1939 para "limpar" os asilos próximos às cidades costeiras de Stralsund, Swinemünde e Stettin, a fim de abrir espaço para alemães étnicos da região do Báltico (e para um quartel da SS em Stralsund). Os pacientes foram removidos dos asilos, transportados para Neustadt, não longe de Danzig, e fuzilados por esquadrões de homens da SS. O *Gauleiter* Erich Kock logo seguiu o exemplo, arranjando o pagamento dos custos da "evacuação" de 1 558 pacientes de asilos de seu *Gau* da Prússia Oriental, liquidados por um esquadrão da SS fornecido por Wilhelm Koppe, recém-nomeado chefe da polícia no Reichsgau Posen. Tratava-se do "Sonderkommando Lange", que logo passou a usar protótipos de vans de gás móvel para matar os doentes mentais nessa parte da Polônia anexada. Estima-se que, em meados de 1940, essas "ações" regionais já haviam tirado a vida de 10 mil vítimas.

Em agosto de 1941, quando a Ação-T4 foi suspensa — tão sigilosamente quanto começara — a quantidade-alvo estabelecida pelos médicos no verão anterior havia sido superada. Até essa data, somente no âmbito da Ação-T4 calcula-se que entre 70 e 90 mil pacientes foram vítimas do "programa de eutanásia" de Hitler. Visto que os assassinatos não estavam confinados à T4, nem terminaram com sua suspensão em 1941, o número total de vítimas do programa nazista de liquidação dos doentes mentais pode ter chegado ao dobro.

IV

Havia vontade de deter a já avançada ruptura de civilização e a queda na barbárie moderna que haviam ganhado terreno tão rapidamente desde o início da guerra? E mesmo que houvesse essa vontade, era possível fazer alguma coisa?

Tendo em vista a dominação total e a posição inexpugnável de Hitler dentro do regime, uma mudança significativa naquele momento, outono de 1939, só poderia ser efetuada por meio de sua deposição ou seu assassinato. Essa verdade básica havia sido finalmente entendida no verão anterior, durante a crise dos Sudetos, por aqueles indivíduos que ocupavam altos cargos nas forças militares, no Ministério do Exterior e outros lugares próximos das instâncias do poder que haviam avançado de forma hesitante para uma oposição radical ao regime. Durante muito tempo, mesmo essas pessoas tenderam a eximir Hitler da crítica que faziam especialmente a Himmler, Heydrich e à Gestapo. Mas agora estavam bem conscientes de que, sem alteração no ponto mais alto da hierarquia, não haveria nenhuma mudança. Essa percepção começou a forjar laços mais estreitos entre os indivíduos e grupos envolvidos. O coronel Hans Oster, chefe do Estado-Maior da Abwehr, apoiado por seu chefe, o enigmático almirante Canaris, era a força propulsora no sentido de tornar a Abwehr o centro de uma rede de oposição, baseada nos contatos e nas relações estabelecidas no verão anterior. Oster colocou seu aliado de maior confiança, implacável opositor de Hitler, tenente-coronel Helmuth Groscurth, como oficial de ligação com o chefe do Estado-Maior Halder, no quartel-general do Alto-Comando do Exército, em Zossen, nos arredores do sul de Berlim. Ele estimulou Weizsäcker a designar para contato do Ministério do Exterior no quartel-general do Exército outro adversário do regime, o major de cavalaria Hasso von Etzdorf. Isso foi feito provavelmente por iniciativa de Erich Kordt, chefe do bureau ministerial que continuou, sob a proteção de Weizsäcker, a fazer do Ministério do Exterior outro centro de contatos da oposição, colocando simpatizantes (inclusive seu irmão Theo) em embaixadas no exterior. Oster também nomeou para sua equipe um indivíduo que desempenharia um papel enérgico na ampliação e aprofundamento dos contatos de oposição enquanto coletava oficialmente informações secretas no exterior: o capaz e bem relacionado advogado Hans Dohnanyi, que durante alguns anos esteve estreitamente associado ao ministro da

Justiça do Reich Gürtner e que havia ajudado a livrar o ex-comandante em chefe do Exército, Fritsch, das acusações forjadas de relações homossexuais. No outono de 1939 — semanas tristes para os que se opunham a Hitler — Dohnanyi levou várias vezes Oster a ver o homem que praticamente todos que desejavam o fim do regime nazista consideravam o patrono dos grupos de oposição: o ex-chefe do Estado-Maior Ludwig Beck. Aos poucos, começou a tomar forma algo parecido com um movimento de resistência fundamental, conspiratória entre "servidores" antigos ou atuais do regime. O dilema dessas pessoas — em sua maioria de inclinação nacional-conservadora, todos patriotas —, ao contemplar a derrubada do chefe de Estado era grande e ainda mais agudo agora que a Alemanha estava em guerra.

O outono de 1939 propiciaria um momento de teste crucial para a resistência nacional-conservadora. No fim, eles se resignariam ao fracasso. No centro de suas preocupações não estava em primeiro lugar a bestialidade na Polônia (embora os relatórios detalhados sobre as abominações cometidas lá tenham certamente servido para cimentar o sentimento oposicionista e o senso de urgência, tanto por motivos morais como por vergonha nacional, da necessidade de se livrarem de Hitler e seus asseclas que eram responsáveis por aqueles atos criminosos). Tampouco estava a "ação de eutanásia": durante meses, eles não tiveram nenhuma informação concreta sobre o assassinato em massa nos asilos. De qualquer modo, isso não era exposto como assunto de preocupação central. A questão fundamental para eles — que já o era havia cerca de dois anos — era a certeza de que Hitler estava conduzindo a Alemanha para a catástrofe ao entrar em guerra com as potências ocidentais. Urgia evitar um ataque calamitoso à França e à Grã-Bretanha e terminar a guerra. Essa questão chegou a um ponto crítico no outono de 1939, quando Hitler estava decidido a fazer um ataque precoce ao oeste. Mas mesmo antes de ele ter recuado — em virtude das más condições atmosféricas — dessa aventura arriscada no outono e no inverno, para depois avançar na primavera seguinte e obter sucessos militares inimagináveis na campanha ocidental, a fragilidade e as divisões da nascente resistência já estavam claras. Mas, até então, nenhuma tentativa de remover Hitler havia sido feita.

No fim de 1939, Hitler poderia ser derrubado somente de duas maneiras: por um golpe de Estado de cima, ou seja, um ataque de dentro da liderança do regime por parte daqueles que tinham acesso ao poder e à força militar, ou por algo que o

ditador nunca descartou — uma tentativa de assassinato vinda de baixo, por um indivíduo rebelde agindo sozinho, sem nenhum vínculo com grupos conhecidos de resistência clandestina de esquerda, agora minúsculos, fragmentados, impotentes, que podiam ser facilmente infiltrados pela Gestapo. Enquanto generais e altos funcionários ponderavam se *poderiam* agir, mas careciam de vontade e determinação para fazê-lo, um homem sem nenhum acesso aos corredores do poder, sem vínculos políticos e nenhuma ideologia rígida, um carpinteiro suábio chamado Georg Elser *agiu* efetivamente. No início de novembro de 1939, ele chegaria mais perto do que ninguém de destruir Hitler até julho de 1944. Naquela ocasião, somente a sorte salvou o ditador. E os motivos de Elser, decorrentes antes da ingenuidade de sentimentos elementares do que da consciência torturada dos mais cultos e informados, não espelhariam os interesses dos que ocupavam altos cargos, mas, sem dúvida, as preocupações de incontáveis cidadãos alemães comuns da época. Voltaremos a esses motivos em breve.

Para Hitler, a demolição rápida e abrangente da Polônia não assinalou uma vitória para sentar em cima e esperar os desdobramentos. Com certeza, ele esperava que o oeste, tendo visto agora o poderio da Wehrmacht em ação, recobraria o juízo — do seu ponto de vista — e entraria em acordo com a Alemanha. As sondagens que fez em setembro e outubro apontavam nesse sentido. No início de outubro, Weizsäcker, calculando que as chances de paz não eram superiores a 20% e resumindo o que entendia ser o resultado desejado de Hitler, na eventualidade um tanto improvável de que Londres pudesse concordar com uma solução à custa da Polônia, disse que a Alemanha "seria poupada da decisão incômoda de definir como a Inglaterra poderia ser militarmente forçada a aterrissar". Do modo como as coisas estavam, embora suas tentativas de aproximação fossem bastante sérias, Hitler tinha poucas esperanças de que a Grã-Bretanha viesse a demonstrar interesse por um acordo, em particular depois que o gabinete britânico anunciou que estava se preparando para uma guerra que duraria no mínimo três anos. Ele estava certo de que as potências ocidentais tentariam adiar o conflito o máximo possível, até que seus programas de armamentos estivessem completos. Isso marcaria o ponto de perigo para a Alemanha. Embora desprezasse as forças militares francesas — opinião que não era compartilhada por seus generais — tinha em alta estima a capacidade de resistência e o poder de luta

dos britânicos. E por trás dos britânicos sempre havia a ameaça (que na época não era levada em alta conta) de que os americanos viessem a intervir. Portanto, não havia tempo a perder. No mesmo dia de seu retorno a Berlim, com as bombas ainda chovendo sobre Varsóvia, ele disse aos comandantes militares que se preparassem para atacar o oeste naquele mesmo outono.

Segundo ele, "militarmente, o tempo, em especial no sentido material e psicológico, trabalha contra nós". Portanto, era "essencial que se preparassem planos imediatos para um ataque contra a França". A estação chuvosa chegaria em poucas semanas. A força aérea se sairia melhor na primavera. "Mas não podemos esperar", enfatizou. Se um acordo com Chamberlain não fosse possível, ele iria "esmagar o inimigo até que ele caia". A derrota da França, estava claramente implícito, forçaria a Grã-Bretanha a negociar. O objetivo era "deixar a Inglaterra de joelhos e destruir a França". Seu momento preferido para realizar o ataque era o final de outubro. Os comandantes em chefe — até mesmo Göring — ficaram surpresos. Mas nenhum protestou. Hitler jogou displicentemente suas anotações no fogo quando acabou de falar.

Dois dias depois, ele disse a Rosenberg que proporia uma grande conferência de paz (junto com um armistício e desmobilização) para regulamentar todas as coisas racionalmente. Rosenberg perguntou se ele pretendia prosseguir com a guerra no oeste. "Naturalmente", respondeu Hitler. Rosenberg lembrou depois ele ter dito que a Linha Maginot não era mais um impedimento. Se os ingleses não quisessem paz, ele os atacaria com todos os meios disponíveis e os "aniquilaria" — de novo, sua expressão preferida.

Seu discurso ao Reichstag de 6 de outubro trazia de fato, como ele havia dito a Rosenberg, a perspectiva de uma conferência das principais nações para resolver os problemas de paz e segurança da Europa. Mas um ponto de partida era que a divisão da Polônia entre Alemanha e União Soviética permaneceria. Não haveria uma recriação da Polônia do Tratado de Versalhes. Seria paz nos termos de Hitler, sem concessões naquilo que ele havia conquistado. Ele traçou um quadro sinistro de morte e destruição se as potências ocidentais declinassem de sua "oferta". Culpou os belicistas de "um certo capitalismo e jornalismo judeu internacional", implicando em particular Churchill e seus seguidores. Se a opinião de Churchill viesse a prevalecer, concluiu ele, então a Alemanha lutaria. Repetindo um de seus

motivos preferidos, acrescentou: “Um novembro de 1918 jamais se repetirá na história alemã”. O discurso equivalia a um ramo de oliveira apertado em um punho cerrado.

A “oferta” de Hitler foi desconsiderada por Chamberlain em discurso feito na Câmara dos Comuns seis dias depois. Era o que o ditador esperava. Ele não havia aguardado. No mesmo dia de seu discurso no Reichstag, enfatizou para Brauchitsch e Halder que um lance decisivo no noroeste era necessário para evitar um avanço francês naquele outono através da Bélgica, ameaçando o Ruhr. Dois dias depois, Brauchitsch foi informado de que Hitler havia marcado provisoriamente a data do ataque para 25 de novembro. Em 9 de outubro, ele terminou um longo memorando em que havia trabalhado durante duas noites, no qual delineava e justificava seus planos para um ataque ao oeste. Ele o havia preparado especificamente porque sabia da oposição à ideia no comando das forças militares. De novo, enfatizava que o tempo era essencial. Nunca seria cedo demais para atacar. O objetivo era a derrota militar completa das potências ocidentais. Ele leu o memorando numa reunião com os comandantes militares realizada em 10 de outubro. Seu conteúdo estava encarnado na Diretriz no 6 para a Condução da Guerra, distribuída mais tarde no mesmo dia (embora datada de 9 de outubro), em que ele declarava sua determinação de partir para a ofensiva “sem deixar muito tempo passar”.

Em 12 de outubro, quando ele soube da rejeição de sua “oferta de paz” por Chamberlain, não perdeu tempo em anunciar, mesmo sem esperar pelo texto completo do discurso do primeiro-ministro britânico, que a Grã-Bretanha havia desprezado a mão da paz e que, em consequência, a guerra continuava. Quatro dias depois, disse a Brauchitsch que desistira de chegar a um acordo com as potências ocidentais: “Os ingleses estarão dispostos a conversar somente depois de derrotas. Devemos atacá-los o mais rápido possível”. Ele pensava em uma data entre 15 e 20 de novembro. Em poucos dias, antecipou essa data e fixou o Caso Amarelo, codinome dado ao ataque ao oeste, para 12 de novembro.

Falando a seus generais, Hitler limitou-se, em larga medida, aos objetivos militares. Para seu círculo de confiança e para líderes do partido, foi mais expressivo. Goebbels achou-o muito confiante em 11 de outubro. A derrota da Alemanha na guerra anterior, declarou, devia-se exclusivamente à traição. Dessa

vez, os traidores não seriam poupados. Ele reagiu à rejeição de Chamberlain à sua “oferta de paz” declarando que estava contente por poder agora “atacar a Inglaterra”. Havia desistido de quase toda a esperança de paz. “Os ingleses terão de aprender pelo método mais duro”, afirmou.

Estava com disposição semelhante quando se dirigiu aos *Reichsgauleiter* num discurso de duas horas, no dia 21 de outubro. Calculava que a guerra no oeste era inevitável. Não havia outra escolha. Mas em seu fim estaria “o grande e totalmente abrangente Reich do povo alemão”. Aos líderes de seu partido disse que desencadearia seu maior ataque ao oeste — e à própria Inglaterra — em mais ou menos quinze dias. Utilizaria todos os métodos disponíveis, inclusive ataques às cidades. Após derrotar a Inglaterra e a França se voltaria novamente para o leste. Então — numa alusão ao Sacro Império Romano da Idade Média — criaria uma Alemanha como a de antigamente, incorporando a Bélgica e a Suíça. Ele estava evidentemente pensando na mesma linha quando disse a Goebbels, alguns dias depois, que havia escolhido a Borgonha para reassentar os tiroleses do sul. “Ele já está distribuindo as províncias francesas”, anotou o ministro da Propaganda. “Ele vai muito além de todos os passos de desenvolvimento. Como todos os gênios.”

Em 6 de novembro, Goebbels ouvia novamente as opiniões de Hitler sobre a guerra. “O ataque contra as potências ocidentais não terá de esperar muito mais”, registrou. E acrescentou: “Talvez o Führer consiga anular a Paz de Versalhes muito mais cedo do que todos pensamos. Com isso, sua vida histórica será coroada”. Goebbels achava que a decisão para ir em frente era iminente.

Todos os sinais são de que a pressão em favor de um ataque precoce ao oeste veio diretamente de Hitler, sem sugestão ou instigação de outros. Que recebesse o apoio de Goebbels e da liderança partidária, isso era axiomático. Mas, nas forças militares, a coisa era diferente. Hitler podia contar com o apoio — ou pelo menos, com a falta de objeção — de Raeder, comandante em chefe da Marinha. E, quaisquer que fossem suas ansiedades particulares, Göring jamais se desviaria em público da linha estabelecida por Hitler. Mas, como o ditador reconhecia, a decisão de atacar o oeste já no outono o colocava mais uma vez em rota de colisão com o comando do Exército, liderado por Brauchitsch e Halder. Em 14 de outubro, informado por Weizsäcker sobre a reação de Hitler ao discurso de Chamberlain que rejeitava a “oferta de paz”, o comandante do Exército e seu Estado-Maior se

reuniram para discutir as consequências. Halder apresentou três possibilidades: atacar, esperar, "mudanças fundamentais". Nenhuma delas oferecia perspectiva de um sucesso decisivo, muito menos a última, "pois é essencialmente negativa e tende a nos deixar vulneráveis". As observações qualificadoras foram feitas por Brauchitsch. O fraco, ultracauteloso e tradicionalista comandante em chefe do Exército não conseguia ver além de tentativas convencionais para dissuadir Hitler do que ele julgava ser uma linha de ação desastrosa. Mas ele estava, evidentemente, reagindo a uma sugestão ensaiada por Halder, após suas discussões com Weizsäcker no dia anterior, de prender Hitler no momento da ordem de ataque ao oeste. A terceira e enigmática possibilidade apontava nada menos do que para o fato extraordinário de que, nos primeiros estágios de uma grande guerra, os dois mais altos representantes do Exército levantavam a hipótese de uma forma de golpe de Estado para derrubar Hitler.

Contudo, as diferenças entre os dois comandantes do Exército eram amplas. E nada saiu da discussão na direção de um plano embrionário para tirar Hitler da chefia do Estado. Brauchitsch tentou, dentro dos limites da ortodoxia, convencer generais como Reichenau e Rundstedt a influenciar Hitler para que mudasse de ideia — uma empreitada infrutífera. Halder foi mais longe. No início de novembro, ele estava, no mínimo, ainda mais convencido de que era necessária uma ação direta contra Hitler para evitar a iminente catástrofe. Nisso, sua opinião começava a corresponder à do pequeno número de oponentes radicais do regime no Ministério do Exterior e na Abwehr, que pensavam ativamente em medidas para remover Hitler.

Nas últimas semanas de outubro, várias ideias para depor Hitler — muitas vezes irrealistas ou mal pensadas — eram furtivamente discutidas por grupos de oposição minúsculos, diversificados e com conexões frouxas. Goerdeler e seus principais contatos — Hassel (o ex-embaixador em Roma), Beck e Johannes Popitz (ex-secretário geral do Ministério das Finanças) — constituíam um desses grupos, esperando um momento em que um governo de transição chefiado por Göring (cuja relutância em travar uma guerra com a Grã-Bretanha era conhecida deles) pudesse ser uma opção. Esse grupo, por intermédio de Beck, estabeleceu laços frouxos com o grupo baseado na Abwehr — Oster, Dohnanyi, Hans-Bernd Gisevius (ex-oficial da Gestapo agora radicalmente oposto a Hitler) e Groscurth. Este último

grupo elaborou um plano de ação para um golpe que envolvia a prisão de Hitler (talvez o declarando doente mental) junto com Himmler, Heydrich, Ribbentrop, Göring, Goebbels e outros nazistas importantes. Estimulado por seu chefe, o almirante Canaris, e conduzido por Oster, o grupo da Abwehr tentou, embora com pouco sucesso, obter apoio para suas ideias junto ao grupo seleto de oficiais do quartel do Estado-Maior, em Zossen. A ambivalência deles em relação a Halder fez com que não o abordassem diretamente. Ademais, não sabiam nada sobre as ideias que ele manifestara para Brauchitsch em 14 de outubro. Um terceiro conjunto de indivíduos que compartilhavam a opinião de que era preciso depor Hitler e evitar a guerra com as potências ocidentais centrava-se em Weizsäcker, no Ministério do Exterior, e era representado principalmente por Erich Kordt, que conseguia utilizar seu cargo de chefe do Conselho Ministerial de Ribbentrop para estabelecer contatos dentro e fora do país. Como já observamos, esse grupo tinha contato com o da Abwehr e com simpatizantes conhecidos no Estado-Maior — principalmente oficiais desse organismo, embora não com o próprio Halder — por intermédio do elo de Weizsäcker com o Exército, o secretário da Legação Hasso von Etzdorf.

No final do mês, Halder e seu amigo e subordinado mais imediato, general Otto von Stülpnagel, concluíram pela ideia de um golpe, depois que Hitler confirmou sua intenção de atacar em 12 de novembro. Halder mandou Stülpnagel fazer sondagens sub-reptícias de generais selecionados sobre a provável reação deles a um golpe. As respostas não foram encorajadoras. Embora comandantes de grupos do Exército como Bock e Rundstedt se opusessem a uma ofensiva contra o ocidente, eles rejeitavam a ideia de um putsch, em parte porque não estavam convencidos de que teriam o apoio de seus oficiais subordinados. Além disso, Halder concluiu — com base numa "amostra" de opinião pública tirada do pai de seu motorista e de algumas outras pessoas — que o povo alemão apoiava Hitler e não estava pronto para um golpe. Sua hesitação refletia uma profunda incerteza quanto à moral, bem como ao aspecto de segurança de um ataque contra o chefe de Estado e comandante supremo das Forças Armadas. Outros tinham uma posição mais ousada. Mas, embora frouxamente ligados por pensamentos paralelos de se livrar de Hitler, os diferentes grupos de oposição não tinham um plano de ação coerente, unificado e com o qual todos estivessem de acordo. Tampouco havia confiança plena na determinação do chefe do Estado-Maior, do qual praticamente

tudo dependia, de levar o golpe a cabo.

Essa era a situação por volta do meio-dia de 5 de novembro, quando Brauchitsch abriu caminho nervosamente pelos corredores da Chancelaria do Reich para enfrentar Hitler diretamente sobre a decisão de atacar o oeste. Se era para desfechar o ataque em 12 de novembro, a ordem para os preparativos operacionais tinha de ser confirmada ao comandante em chefe do Exército até a uma da tarde do dia 5. Nos grupos de oposição, a esperança era que Brauchitsch pudesse finalmente ser persuadido a apoiar um golpe se Hitler, como era esperado, se mantivesse firme em sua decisão de atacar. Halder esperou na antessala enquanto Hitler e Brauchitsch conferenciavam. Keitel fez companhia a ele um pouco depois. A reunião foi um fiasco. Não durou mais de vinte minutos. O hesitante Brauchitsch começou a dizer para o ditador que os preparativos não estavam suficientemente avançados para uma ofensiva no oeste, a qual, portanto, tinha todas as chances de ser catastrófica. E apoiou seu argumento destacando que a infantaria demonstrara debilidades técnicas e de moral no ataque à Polônia e que, com frequência, oficiais e soldados haviam mostrado carência de disciplina. A frente de guerra mostrava sintomas semelhantes aos de 1917-8, alegou. Foi um grave erro de Brauchitsch. Suas palavras desviaram a discussão da questão principal e, como o comandante em chefe poderia ter previsto, provocou um ataque furioso de Hitler. Ele queria provas concretas e exigia saber quantas sentenças de morte haviam sido cumpridas. Não acreditava em Brauchitsch e iria de avião na noite seguinte até a frente de batalha para ver com os próprios olhos. Depois, desconsiderou o principal argumento do comandante. O Exército estava despreparado, asseverou, porque não queria lutar. O tempo ainda estaria ruim na primavera — e ruim para o inimigo também. Ele sabia do "espírito de Zossen", vociferou, e o destruiria. Quase tremendo de raiva, Hitler saiu da sala, bateu a porta e deixou o chefe do Exército mudo, tremendo, com o rosto branco como giz e destroçado.

"É impossível qualquer discussão sóbria sobre essas coisas com ele", comentou Halder em tom menor. Mas, para ele, o impacto da reunião foi mais longe. A menção à destruição do "espírito de Zossen" sugeriu ao chefe do Estado-Maior que Hitler sabia da trama para derrubá-lo. A Gestapo poderia aparecer em Zossen a qualquer momento. Halder retornou em pânico para seu quartel-general e ordenou a destruição de todos os papeis relacionados com a conspiração. No dia seguinte,

disse a Groscurth que o ataque ao ocidente seria realizado. Não havia nada a ser feito. "Uma impressão muito deprimente", registrou Groscurth.

Hitler deu a ordem para a ofensiva às 13h30 de 5 de novembro, logo depois de seu encontro com Brauchitsch. Dois dias depois, o ataque foi adiado em virtude do mau tempo. Mas a chance de atacar Hitler fora perdida. As circunstâncias não seriam tão favoráveis nos anos seguintes. A ordem do ataque, que seria o momento para dar o golpe proposto, viera e fora embora. Brauchitsch, abalado por sua audiência com Hitler, indicou que não faria nada, embora não pretendesse atrapalhar o putsch. Canaris, contatado por Halder, ficou indignado com a sugestão de que deveria instigar o assassinato de Hitler. Afora essa proposta de que outra pessoa pudesse assumir a responsabilidade pelo trabalho sujo, Halder pouco fez. O momento havia passado. Ele afastou-se aos poucos dos planos da oposição. No fim das contas, carecia de vontade, determinação e coragem para agir. O grupo da Abwehr não desistiu, mas admitiu que as perspectivas de sucesso haviam diminuído. As sondagens que Oster fez junto aos generais Witzleben, Leeb, Bock e Rundstedt produziram resultados diferentes. A verdade era que o Exército estava dividido. Alguns generais se opunham a Hitler, mas os que o apoiavam eram em maior número. E abaixo do Alto-Comando havia oficiais mais jovens, para não falar da soldadesca, cujas reações a qualquer tentativa de deter Hitler eram incertas. Durante todo o conflito com a direção do Exército, Hitler continuou na posição de controle. E não cedeu o mínimo. Apesar dos repetidos adiamentos por causa do mau tempo — 29 no total —, ele não cancelou a ofensiva. Divisões, desconfiança, fragmentação, mas, sobretudo, falta de decisão impediram que os grupos de oposição — especialmente as figuras centrais das forças militares — agissem.

Os conspiradores na Abwehr, no Ministério do Exterior e no Estado-Maior ficaram tão espantados quanto todos os outros alemães quando souberam do atentado à vida do Führer que ocorreu na Bürgerbräukeller na noite de 8 de novembro de 1939. Acharam que poderia ter sido obra de alguém de seus quadros, ou de nazistas dissidentes, ou de algum outro grupo de oponentes — comunistas, clérigos ou "reacionários" — e que Hitler havia sido avisado a tempo. Na realidade, sentado em seu compartimento do trem especial, discutindo com Goebbels que o confronto final com o clero teria de esperar pelo fim da guerra, o Führer ignorava totalmente o que acontecera até que sua viagem para Berlim foi interrompida em

Nuremberg pela notícia. Sua primeira reação foi de que o informe deveria estar errado. De acordo com Goebbels, ele achou que se tratava de uma "brincadeira". Logo foi posta em circulação a versão oficial de que o Serviço Secreto britânico estava por trás da tentativa de assassinato e que o perpetrador era "uma criatura" de Otto Strasser. A captura, no dia seguinte, dos agentes britânicos major R. H. Stevens e capitão S. Payne Best na fronteira dinamarquesa foi usada pela propaganda para sustentar essa interpretação forçada.

A verdade era menos complexa, mas ainda mais assombrosa. O atentado era obra de uma única pessoa, um alemão comum, um homem da classe operária, agindo sem a ajuda ou o conhecimento de ninguém. Enquanto os generais haviam hesitado, ele tentara explodir Hitler para salvar a Alemanha e a Europa de um desastre ainda maior.

Seu nome era Georg Elser. Tratava-se de um carpinteiro de Königsbronn, no Württemberg, de 36 anos de idade, um solitário com poucos amigos. Antes de 1933, apoiara o KPD nas eleições, porque, em sua opinião, os comunistas defendiam a melhoria das condições de vida dos trabalhadores, e não em virtude de um programa ideológico. Depois de 1933, disse que observou a deterioração do padrão de vida da classe operária e as restrições à liberdade. Notou o ódio de seus colegas de trabalho ao regime. Participava de discussões com eles sobre as más condições de vida e compartilhava de suas opiniões. Compartilhava também suas ansiedades em relação à guerra que todos esperavam acontecer no outono de 1938. Após o Acordo de Munique, continuou convencido "de que a Alemanha faria mais exigências de outros países e anexaria outros países e que, portanto, uma guerra seria inevitável". Sem que ninguém o instigasse, ficou obcecado em encontrar maneiras de melhorar a situação dos trabalhadores e evitar a guerra. Concluiu que somente a "eliminação" da liderança do regime — ou seja, de Hitler, Göring e Goebbels — traria esse resultado. A ideia não o abandonaria. No outono de 1938, decidiu que cuidaria disso pessoalmente.

Elser leu nos jornais que a próxima reunião dos líderes do partido seria na Bürgerbräukeller no início de novembro e foi até Munique avaliar as possibilidades do que tinha em mente. Não havia grandes problemas de segurança (nesses eventos, ela era feita pelo partido, não pela polícia). Concluiu que o melhor método seria pôr uma bomba-relógio na coluna que ficava atrás do tablado onde Hitler

ficaria de pé. Nos meses seguintes, roubou explosivos da fábrica de armamentos em que estava trabalhando na época e projetou o mecanismo para sua bomba-relógio. No início de agosto, retornou a Munique e, até novembro, escondeu-se mais de trinta vezes na Bürgerbräukeller, à noite, para fazer a cavidade na coluna escolhida; saía de manhã cedo por uma porta lateral. A bomba estava no lugar e ativada em 6 de novembro. Elser não deixou nada ao acaso. Retornou na noite de 7 de novembro para assegurar-se de que o dispositivo estava funcionando adequadamente. Encostou o ouvido na coluna e ouviu o tique-taque. Estava tudo certo. Na manhã seguinte, saiu de Munique para Konstanz, a caminho — assim pensava — da Suíça, em segurança.

Naquela noite, como sempre acontecia em 8 de novembro, a "velha guarda" do partido se reuniu. O discurso anual de Hitler durava normalmente das 20h30 até perto das 22 horas. Já fora anunciado que, devido às circunstâncias da guerra, a reunião daquele ano começaria mais cedo e a comemoração de dois dias do putsch seria encurtada. Hitler começou seu discurso logo depois de chegar à cervejaria, às 20h10, e o finalizou às 21h07. Escoltado por um bom número de figurões do partido, saiu imediatamente para a estação, a fim de tomar o trem das 21h31 de volta para Berlim.

Vinte minutos depois das 21 horas, a coluna que ficava atrás do tablado onde Hitler estivera minutos antes e parte do teto diretamente acima foram destruídos pela bomba de Elser. Oito pessoas morreram na explosão e outras 63 ficaram feridas, dezesseis delas em estado grave. Não fazia mais de dez minutos que Hitler fora embora quando a bomba explodiu.

Ele atribuiu sua salvação à obra da "Providência" — um sinal de que ele cumpriria a tarefa que o destino lhe reservara. Em sua manchete de 10 de novembro, o *Völkischer Beobachter* chamou o fato de "a milagrosa salvação do Führer". Na verdade, não havia nada de providencial ou milagroso. Foi pura sorte. Os motivos de Hitler para retornar sem demora a Berlim eram bastante legítimos. O ataque ao oeste fora temporariamente adiado em 7 de novembro, com uma decisão final marcada para o dia 9. Hitler tinha então de estar de volta à Chancelaria do Reich. Isso era mais importante do que relembrar os velhos tempos com os fiéis do partido na cervejaria. Elser não tinha como saber os motivos da redução da estadia de Hitler em Munique. Foi por puro acaso que o carpinteiro suábio não teve

sucesso.

O próprio Elser já estava detido no posto de alfândega perto de Konstanz quando a bomba explodiu. Ele fora apanhado tentando cruzar a fronteira suíça ilegalmente. Parecia uma prisão rotineira. Mas, algumas horas depois da explosão, as autoridades da fronteira perceberam que o conteúdo dos bolsos de Elser, inclusive um postal da Bürgerbräukeller, ligava-o à tentativa de assassinato de Hitler. Em 14 de novembro, Elser confessou. Alguns dias depois, fez um relato completo de seus atos e os motivos que estavam por trás dele. Foi internado no campo de concentração de Sachsenhausen e tratado espantosamente como um prisioneiro privilegiado. É provável que Hitler, que continuava a crer que Elser era o testa de ferro de uma conspiração internacional, pretendesse fazer um julgamento de fachada para incriminar o Serviço Secreto britânico. No fim de 1944 ou início de 1945, Elser foi levado para Dachau. Não haveria julgamento teatral. Com a guerra praticamente perdida, Elser não tinha mais valor para o regime. Pouco antes de os americanos libertarem Dachau, ele foi levado para fora e morto.

Em suas ansiedades em relação à guerra, Elser falava por muitos. Mas estava em terreno muito menos seguro ao atribuir a culpa da guerra à liderança nazista. Os sinais são de que a propaganda obtivera sucesso em persuadir os alemães comuns de que as potências ocidentais eram as culpadas pelo prolongamento de uma guerra que Hitler fizera de tudo ao seu alcance para evitar. Apesar das críticas — e elas eram muitas e amargas — que as pessoas faziam ao partido e ao regime, Hitler ainda mantinha sua imensa popularidade. Poucos teriam aplaudido seu assassinato. A vasta maioria teria ficado estarrecida. As chances de uma reação adversa e de uma nova lenda da "punhalada nas costas" seriam grandes. As pessoas diziam que, se tivesse sido bem-sucedido, o atentado teria resultado em confusão interna, benefício para os inimigos da Alemanha, perda da guerra, miséria pior do que a causada por Versalhes e a reviravolta de tudo o que fora conseguido desde 1933.

O domínio de Hitler sobre a Alemanha era mais forte do que nunca. O fracasso daqueles que detinham posições de poder em agir contra ele e as repercussões do atentado de Elser demonstraram que sua autoridade era inquestionável pelas elites do regime e que ele ainda era imensamente popular junto às massas. Ele se aproveitou dessa popularidade quando falou em uma reunião para cerca de duzentos generais em comando e outros oficiais graduados da Wehrmacht na

Chancelaria do Reich, ao meio-dia de 23 de novembro.

Seu discurso foi notável pela franqueza. À luz do conflito com a liderança militar nas semanas anteriores, seu objetivo era convencer os generais da necessidade de atacar o oeste sem demora. Após seu costumeiro *tour d'horizon*, chegou à conclusão característica: "Tudo é determinado pelo fato de que o momento é favorável agora; em seis meses, pode não ser mais". Falou então de seu próprio papel. "Como último fator, devo, com toda a modéstia, descrever minha própria pessoa: insubstituível. Nenhum militar, tampouco um civil, poderia me substituir. [...] Devo atacar e não capitular. O destino do Reich depende somente de mim." As condições internas também favoreciam um ataque mais cedo, continuou ele. Uma revolução interna era impossível. E por trás do Exército estava a indústria de armamentos mais forte do mundo. Ele disse que estava agora apostando tudo o que conseguira na vitória. Em jogo estava quem dominaria a Europa no futuro. Sua decisão era inalterável. "Atacarei a França e a Inglaterra no momento mais favorável e mais breve. O rompimento da neutralidade da Bélgica e da Holanda não tem importância. Ninguém questionará isso depois de vencermos." Seu argumento final era a disposição psicológica do povo alemão. Com um olho na possível deterioração do apoio que tinha do povo alemão, disse aos militares: "Quero aniquilar o inimigo. Atrás de mim está o povo alemão, cujo moral só pode piorar".

Hitler tinha razão em seu discurso: não se podia esperar nenhuma revolução de dentro. O Estado policial de Heydrich impedia isso. Mas não era uma questão apenas de repressão. Ao lado da crueldade do regime em relação aos oponentes internos estava o amplo consenso de quase toda a sociedade no apoio à grande parte do que o regime havia feito e, em particular, àquilo que julgava ser as realizações notáveis do próprio Hitler. A bomba de Elser simplesmente provocou uma demonstração renovada de sua popularidade. Enquanto isso, a oposição interna resignava-se a ser incapaz de agir. A Marinha e a Luftwaffe apoiavam Hitler. O comando do Exército, apesar de suas reservas, cumpriria seu dever. A divisão dos generais, associada a seu pronunciado sentimento de dever, mesmo quando julgava desastrosa uma linha de ação, era a força de Hitler.

Nada poderia deter a ofensiva contra o oeste. Hitler estava agora obcecado em "derrotar a Inglaterra". Era puramente uma questão de quando o ataque aconteceria. Depois de adiamentos de curto prazo, em 16 de janeiro de 1940 ele

finalmente o postergou para a primavera.

A guerra estava marcada para continuar. Também marcada para aumentar estava a barbárie que lhe era intrínseca. Na Alemanha, a matança nos asilos equivalia a um programa de assassinato em massa. Na Polônia, os grandiosos projetos de reassentamento comandados por Himmler e Heydrich cuidavam da brutal erradicação e deportação de dezenas de milhares de poloneses e judeus para o "terreno de despejo" do Governo Geral. Não menos importante, o ponto central da mania de "limpeza racial", a "remoção" dos judeus, estava mais longe de uma solução agora, quando mais de 2 milhões de judeus poloneses haviam caído nas mãos dos nazistas. Em dezembro, Goebbels relatou a Hitler sua recente visita à Polônia. O Führer, anotou ele, ouviu com atenção seu relato e concordou com suas opiniões sobre a "questão judaica e polonesa". "O perigo judeu deve ser banido de nós. Mas, em poucas gerações, reaparecerá. Não há panaceia."

Evidentemente, ainda não tinham em vista nenhuma "solução completa" para o "problema judaico". A busca constante dessa "panaceia" por subordinados nazistas que trabalhavam direta ou indiretamente "para o Führer" asseguraria, no entanto, que nos territórios conquistados e subjugados do Leste não demoraria muito para começar a surgir uma "solução".

18. Zênite do poder

I

Hitler havia posto o Reich num dilema. Ele não podia acabar com a guerra. Era uma decisão que estava fora de seu controle agora, a não ser que a Grã-Bretanha fosse forçada a participar de uma mesa de conferência ou sofresse uma derrota militar. Mas nem militarmente, como os chefes das Forças Armadas deixaram claro, nem economicamente, como todos os indicadores demonstravam, a Alemanha estava equipada naquele estágio para travar uma guerra longa com a qual os britânicos já contavam. No outono de 1939, a Wehrmacht entrara em hostilidades sem planos bem estabelecidos para uma grande guerra e nenhuma estratégia para uma ofensiva no oeste. Nada havia sido pensado completamente com clareza. A Luftwaffe era a mais bem equipada das três Armas. Mas mesmo aqui o programa de armamentos tinha por alvo 1942, não 1939. O planejamento operacional da Marinha baseava-se numa frota que não poderia estar pronta antes de 1943. Na verdade, o Plano Z de 1939 — suspenso no início da guerra — deixaria a Alemanha com severas limitações no mar até 1946. E, nesse plano, a construção dos submarinos necessários para o bloqueio econômico da Grã-Bretanha foi deliberadamente negligenciada por Hitler, em favor dos interesses do Exército. Porém, o próprio Exército carecia até de munição suficiente após a breve campanha polonesa (cerca de 50% dos tanques e unidades motorizadas utilizadas nela não serviam mais) para contemplar uma continuação imediata da guerra no oeste.

Hitler tinha de apostar tudo na derrota da França. Se fosse possível impedir a Grã-Bretanha de ganhar um ponto de apoio no continente europeu até que essa derrota fosse obtida, ele tinha certeza de que os britânicos pediriam paz. Tirar a Grã-Bretanha da guerra por meio do isolamento, após uma derrota da França, era sua única estratégia geral de guerra enquanto o inverno excepcionalmente gelado de 1940 aos poucos abria espaço para a primavera. Ele tinha consciência de que, em algum momento, o poderio dos Estados Unidos se alinharia contra a Alemanha. Era possível desconsiderar o envolvimento imediato da potência americana num conflito europeu, pois, naquele momento, ainda estava dominada pelo isolacionismo e provavelmente preocupada com as eleições presidenciais que aconteceriam no outono seguinte. Mas, enquanto a Grã-Bretanha permanecesse na guerra, a participação dos Estados Unidos — no mínimo por meio de uma neutralidade benevolente —, com seu imenso poderio econômico, não podia ser descartada. E isso era um fator que estava fora do alcance da Alemanha. Era mais um motivo — objetivo e simples, na obsessão maníaca de Hitler com o tempo — para eliminar sem demora a Grã-Bretanha da guerra.

Naquele momento, o leste não era a preocupação central de Hitler, mas não estava esquecido. Em seu memorando de outubro, já havia observado que era possível contar com a neutralidade soviética no presente, mas que nenhum tratado ou acordo poderia garanti-la no futuro. "Em oito meses, um ano, para não falar de alguns anos, isso poderá ser completamente diferente", havia dito. "Se todos os tratados assinados fossem respeitados, a humanidade não existiria mais", comentou com Goebbels. Ele presumia que os russos romperiam o pacto de não agressão quando lhes fosse conveniente. Por enquanto, eram fracos militarmente — condição ressaltada pelos inexplicáveis expurgos de Stálin. Eles estavam preocupados com seus próprios assuntos no Báltico, em especial com a perturbadora guerra com a Finlândia; portanto, não representavam um perigo. Seria possível tratar disso num estágio posterior. A disposição russa naquele momento oferecia mais uma prova para Hitler de que seu ataque ao oeste e a eliminação da Grã-Bretanha da guerra não podiam esperar.

No início de 1940, ficou claro que, antes de iniciar a ofensiva ocidental, era imperativo assegurar o controle da Escandinávia e das rotas marítimas setentrionais. Uma consideração fundamental era a salvaguarda dos suprimentos de

minério de ferro sueco, vitais para a economia de guerra alemã, que eram transportados através do porto de Narvik, no norte da Noruega. Já em 1934, Hitler admitira para Raeder como seria essencial para a Marinha garantir as importações de minério de ferro em caso de guerra. Mas só demonstrou verdadeiro interesse estratégico pela Escandinávia nos primeiros meses de 1940. Junto com a necessidade de assegurar o fornecimento de minérios estava, na mente de Hitler, o objetivo de manter a Grã-Bretanha fora do continente europeu. A própria Marinha não desenvolvera planos operacionais para a Escandinávia antes da irrupção da guerra. Mas, à medida que a perspectiva da guerra contra a Grã-Bretanha tomava forma concreta, no final dos anos 1930, os planejadores navais começaram a avaliar a necessidade de bases na costa norueguesa.

Depois de iniciada a guerra, não foi Hitler, mas o comando da Marinha que tomou a iniciativa de pressionar pela ocupação da Dinamarca e da Noruega. Em outubro e, de novo, no início de dezembro de 1939, Raeder, promovido no mês de abril a *Grossadmiral* [grande almirante, o posto mais alto da Marinha], ressaltou para Hitler a importância de ocupar a Noruega para a economia de guerra. Cada vez mais preocupado com a possibilidade de os britânicos se adiantarem nessa ocupação (sob o pretexto de ajudar os finlandeses na guerra contra a União Soviética), Raeder continuou a pressionar por uma ação rápida. Hitler ficou seriamente alertado para o perigo de uma intervenção aliada na Noruega depois que o *Altmark*, transportando cerca de trezentos marinheiros mercantes aliados capturados no Atlântico Sul, foi atacado em águas norueguesas por um grupo de abordagem do destróier britânico *Cossack*, que libertou os prisioneiros, em 16 de fevereiro. A questão ganhou urgência para ele. Em 1o de março, distribuiu a diretriz para o *Weserübung* (Exercício Weser). Dois dias depois, ressaltou a urgência da ação na Noruega. Queria uma aceleração dos preparativos e ordenou que o Exercício Weser fosse realizado poucos dias antes da ofensiva ocidental. Como os temores de uma ocupação britânica cresciam, Raeder finalmente persuadiu Hitler, perto do final de março, a estabelecer uma data exata para a operação. Quando falou aos seus comandantes, em 1o de abril, ele seguiu de perto a linha de argumentação de Raeder. No dia seguinte, a data da operação foi fixada para 9 de abril. Em 48 horas, souberam que a ação britânica era iminente. Em 8 de abril, navios de guerra britânicos minaram as águas em torno de Narvik. Começava a corrida pela

Noruega.

A colocação de minas pelos Aliados deu à Alemanha o pretexto que esperava. Hitler chamou Goebbels e explicou-lhe os acontecimentos enquanto caminhavam ao redor da Chancelaria, ao cálido sol de primavera. Tudo estava preparado. Não esperavam nenhuma resistência significativa. Ele não estava interessado na reação dos Estados Unidos. A ajuda material americana não chegaria antes de uns oito meses e soldados, não antes de um ano e meio. "E nós precisamos conquistar a vitória neste ano. Senão, a supremacia material do lado adversário será grande demais. E uma guerra longa também poderia ser psicologicamente difícil de suportar", admitiu Hitler. Deu a Goebbels uma ideia de seus objetivos para a conquista do Norte. "Ficaremos quietos por um breve período depois que tivermos os dois países" — Dinamarca e Noruega — "e então a Inglaterra será arrasada. E aí teremos uma base para o ataque." Estava disposto a não tocar nos reis da Noruega e da Dinamarca, desde que eles não criassem problemas. "Mas nunca mais abriremos mão dos dois países."

Na Dinamarca, a invasão pelo ar e pelo mar ocorreu no início da manhã de 9 de abril. Os dinamarqueses decidiram rapidamente não oferecer resistência. A operação norueguesa foi menos suave. Narvik e Trondheim foram tomadas. Mas o afundamento do *Blücher* por um obus, arremessado de uma bateria costeira antiga, que caiu no depósito de munição do novo cruzador quando ele passava pelo estreito próximo de Oscarsborg, forçou os navios que o acompanhavam a voltar. Isso atrasou a ocupação de Oslo pelas poucas horas que permitiram à família real norueguesa e ao governo do país deixar a capital. Apesar da forte resistência dos noruegueses e perdas navais relativamente altas pela frota britânica, a superioridade aérea, seguida pela rápida captura dos campos de aviação, ajudou a dar às forças alemãs controle suficiente para obrigar, no início de maio, a evacuação das tropas britânicas, francesas e polonesas que haviam descido no centro da Noruega. Os Aliados tomaram Narvik no fim de maio depois de uma longa batalha, mas foram retirados novamente por Churchill no início de junho, devido à crescente ameaça da ofensiva alemã à Grã-Bretanha no oeste. As últimas forças norueguesas capitularam no dia 10.

O Exercício Weser foi um sucesso, mas teve um preço. Boa parte da frota de superfície da Marinha alemã foi tirada de ação pelo resto de 1940. Administrar as

partes ocupadas da Escandinávia exigia a presença, mais ou menos permanente, de uma base de cerca de 300 mil homens, muitos deles engajados em conter a população norueguesa fortemente ressentida com uma gestão alemã assessorada e estimulada pelo movimento colaboracionista Vidkun Quisling. Além disso, havia uma consequência que se tornaria uma desvantagem para a Alemanha e teria grande importância para o esforço de guerra britânico. Indiretamente, o fracasso britânico levou ao fim do governo Chamberlain e conduziu ao poder a pessoa que viria a ser o adversário mais desafiador e incansável de Hitler: Winston Churchill.

O sucesso do Exercício Weser escondeu de todos, exceto do comando das Forças Armadas, as graves deficiências de Hitler como comandante militar. A falta de coordenação entre as três forças; as falhas de comunicação entre o OKW (Oberkommando der Wehrmacht — Alto Comando das Forças Armadas) e os chefes da Marinha e, em especial, do Exército e da Força Aérea (levando a alterações de diretrizes já assinadas e emitidas); a relutância do próprio Hitler em se opor a Raeder ou Göring em reuniões de informação, embora defendesse uma linha dura em conversas privadas; e sua constante interferência nos detalhes do controle das operações — tudo isso criou complicações sérias na execução do Exercício Weser. Naquela ocasião, a crise passou logo. Hitler podia deleitar-se com a glória de outro triunfo. Mas, quando as vitórias acabaram, as falhas de seu estilo de liderança militar revelaram uma debilidade duradoura.

Mas, por enquanto, ele podia voltar todas as suas energias para a tão esperada ofensiva ocidental.

Os repetidos adiamentos do Caso Amarelo proporcionaram não apenas a oportunidade para fortalecer o Exército depois da campanha polonesa, mas também tempo para repensar os planos operacionais. Na Polônia, Hitler não se envolvera nas operações militares. Agora, nos preparativos para a ofensiva ocidental, ele interveio diretamente pela primeira vez. Isso estabeleceu um padrão para o futuro. Já no outono ele estava inquieto em relação às diretrizes que vinham do Alto-Comando do Exército. Alguns altos comandantes também não estavam convencidos. Os planos pareciam demasiado convencionais. Eram o que o inimigo esperaria. Mesmo depois de algumas modificações, continuaram menos do que satisfatórios. Eles imaginavam que a investida decisiva viria do norte, de um dos lados de Liège. Hitler queria algo mais ousado, que tivesse o elemento crucial de

surpresa. Suas ideias ainda eram embrionárias. Elas favoreciam uma linha principal de ataque mais ao sul, ainda que o Alto-Comando julgasse isso arriscado demais, pois envolvia atacar através do terreno difícil e cheio de árvores das Ardenas, com óbvios problemas para as operações dos tanques. Hitler não soube por algumas semanas que ideias similares estavam sendo elaboradas de forma mais completa pelo general de divisão Erich von Manstein, chefe de Estado-Maior do Grupo de Exército A. Manstein era um dos generais preocupados com a estratégia trivial do Alto-Comando do Exército. As discussões com Heinz Guderian, o general com maior conhecimento em tanques de guerra, levou-o a concluir que as Ardenas não representavam uma barreira insuperável para uma investida de blindados. O general Von Rundstedt, superior imediato de Manstein, também apoiava o plano mais ousado. Brauchitsch opunha-se firmemente a qualquer alteração na estratégia estabelecida e nem mesmo se preparou para discutir o plano de Manstein. Halder ao menos concordou em levar em conta todas as propostas operacionais numa série de jogos de guerra. Em fevereiro, essas simulações o deixaram finalmente mais receptivo ao plano de Manstein. Mas, em janeiro, Brauchitsch ainda se recusava a levar esse plano a Hitler e transferiu o persistente general para um novo posto de comando em Stettin. Mesmo assim, o Führer ficara sabendo das linhas básicas do plano de Manstein na segunda metade de dezembro. O adiamento do Caso Amarelo para a primavera ofereceu-lhe a chance de declarar que queria dar uma nova base à operação e, sobretudo, garantir o sigilo absoluto e o elemento de surpresa.

Em meados de fevereiro, o plano operacional ainda não tinha a concordância definitiva de todos. Consta que Hitler teria descrito o planejamento do Alto-Comando do Exército como "ideias de um cadete militar". Mas ainda não havia nada em seu lugar. Nesse momento, o ajudante de Hitler para a Wehrmacht, Rudolf Schmundt, tomou a iniciativa e marcou uma reunião com Manstein para 17 de fevereiro. Já então Jodl fora informado de que o Führer preferia uma investida das unidades motorizadas no flanco meridional, perto de Sedan, onde o inimigo menos os esperaria. A liderança militar, levando esse desejo de Hitler em consideração, e também tendo em mente o resultado dos jogos de guerra, já havia ajustado seu pensamento estratégico quando, em 18 de fevereiro, Hitler falou da impressão favorável que tivera do plano de Manstein no dia anterior. Os dados

estavam lançados. Por acaso, as ideias básicas do amador coincidiam com o planejamento brilhantemente heterodoxo do estrategista profissional. Refinado pela OKH, o plano de Manstein deu a Hitler o que ele queria: um ataque de surpresa na área menos esperada, o qual, embora não sem risco, tinha a ousadia do gênio. O famoso "corte de foice" — embora essa designação tenha vindo depois — foi incorporado na nova diretriz de 24 de fevereiro. Enquanto as forças aliadas combatessem o esperado ataque alemão através da Bélgica, unidades blindadas do Grupo de Exército A atravessariam rapidamente as Ardenas e entrariam nas terras baixas do norte da França em direção à costa. Com isso, cortariam as Forças Aliadas como uma foice, empurrando-as para a trilha do Grupo de Exército B, que avançaria a partir do norte.

"O Führer pressiona por ação o mais rápido possível", comentou Goebbels em meados de abril. "Não podemos e não vamos esperar muito mais." O ataque foi finalmente marcado para maio. Hitler estava confiante. Para aqueles que o viam de perto, ele parecia calmo e otimista, como se as dúvidas do mês anterior tivessem se dissipado, e agora ele deixava os eventos seguirem seu curso. Ele achava que a França capitularia depois de mais ou menos seis semanas e que a Inglaterra se retiraria então da guerra que, se continuasse, significaria a perda de seu império — algo totalmente inimaginável. Havia certo equilíbrio das forças militares. O que não lhe haviam informado em detalhes era o estado crítico das reservas de matérias-primas da Alemanha: borracha suficiente para seis meses, combustível para apenas quatro meses. O butim da campanha ocidental seria crucial para garantir a base material a fim de continuar a guerra.

O grau de sigilo, mantido até mesmo nos círculos mais íntimos do poder nos dias anteriores à ofensiva, foi profundo. Quando seu trem blindado especial, de codinome *Amerika*, saiu de uma estação pequena e isolada dos arredores de Berlim na noite de 9 de maio, o chefe de imprensa Otto Dietrich pensou que ele estivesse a caminho de uma visita aos estaleiros de Hamburgo; suas secretárias acharam que estivessem partindo para a Dinamarca e a Noruega, numa visita às tropas. Depois da meia-noite, o trem mudou de rota na vizinhança de Hanover e seguiu para o oeste. Mesmo então, o destino não foi revelado. Mas já não havia mais dúvidas sobre o objetivo da viagem. Hitler estava em excelente estado de espírito. A manhã surgia quando desceram do trem numa pequena estação do Eifel, perto de

Euskirchen. Havia carros esperando-os para levá-los a sua nova casa temporária: o quartel-general do Führer perto de Münstereifel, que ganhou o nome de Felsennest (Ninho do Rochedo). As acomodações eram simples e apertadas. Além de Hitler, apenas Keitel, Schaub e um criado tinham quartos no primeiro bunker. Jodl, o dr. Brandt, Schmundt, Below, Puttkamer e o ajudante de Keitel ficaram no segundo. O resto teve de se acomodar numa aldeia vizinha. Os bosques ao redor repercutiam o canto primaveril dos pássaros. Mas, quando a equipe se reuniu diante do bunker de Hitler, os sons pacíficos do campo na primavera foram interrompidos pelo rumor distante dos obuses. "Cavalheiros, a ofensiva contra as potências ocidentais acaba de começar", declarou.

II

Essa ofensiva avançou num ritmo tão impressionante que assombrou o mundo. Até mesmo Hitler e seus comandantes militares não esperavam por esse nível de sucessos iniciais. No flanco setentrional, os holandeses renderam-se em cinco dias, e a rainha e o governo exilaram-se na Inglaterra. Antes disso, o bombardeio aterrorizante da cidade velha de Roterdam trouxera morte e devastação dos céus. Era a marca registrada de um novo tipo de guerra. Os civis de Varsóvia sofreram com ela em primeiro lugar; a população das cidades britânicas passariam a temê-la em breve; e, mais tarde, seria a vez dos cidadãos alemães ficarem expostos ao seu horror total. A neutralidade belga, pela segunda vez em menos de trinta anos, foi violada, assim como a dos holandeses. Em 28 de maio, o Exército belga rendeu-se incondicionalmente; o rei Leopoldo foi feito prisioneiro e o governo, exilado. Enquanto isso, o plano do "corte de foice" mostrava-se um sucesso brilhante e decisivo. Ajudado pela inépcia estratégica e operacional do comando militar francês, as unidades blindadas alemãs puderam atravessar as Ardenas, Luxemburgo e o sul da Bélgica para entrar no norte da França, rompendo a linha fina da defesa francesa e atravessando o rio Mosa já no dia 13 de maio. Dez dias após o início da ofensiva, na noite de 20-21 de maio, o avanço já havia coberto 240 quilômetros e atingido a costa do canal da Mancha. O "corte de foice" havia funcionado. As forças aliadas foram divididas em duas; boa parte delas estava agora espremida entre a costa e o avanço das divisões alemãs. Em 26 de maio, o Ministério da Guerra da Grã-Bretanha cedeu ao que se tornava cada vez mais inevitável e ordenou a evacuação da Força Expedicionária Britânica, cujo grosso travava uma desesperada ação de retaguarda perto de Dunquerque, o último porto do canal da Mancha em mãos dos Aliados. No dia seguinte, quase 340 mil soldados britânicos e franceses — a imensa maioria das tropas aliadas ainda em combate no noroeste da França — atravessaram o canal numa armada improvisada de barcos pequenos, enquanto a Luftwaffe bombardeava o cais e as praias do porto.

A evacuação recebeu grande ajuda da decisão de Hitler, às 11h42 de 24 de maio, de deter o avanço alemão quando sua vanguarda estava a menos de 25 quilômetros de Dunquerque. São implausíveis as sugestões feitas no pós-guerra de que Hitler permitiu deliberadamente que as tropas britânicas fugissem como um ato de

generosidade para estimular a Grã-Bretanha a sentar-se à mesa de paz com seus exércitos intactos. O próprio Hitler teria supostamente dito ao seu entourage quinze dias depois que "o Exército é a espinha da Inglaterra e do Império. Se esmagarmos os corpos de invasão, o Império está condenado. Uma vez que não queremos ou não podemos herdá-lo, devemos lhe dar a chance. Meus generais não entenderam isso". Tais sentimentos, se foram realmente expressos nesses termos, não passavam de uma justificativa para um erro militar. Isso porque a decisão de não avançar para Dunquerque foi tomada por razões militares, e por conselho militar. De acordo com seu ajudante para a Luftwaffe, Nicolaus von Below, "o Exército inglês não tinha importância para ele" em Dunquerque.

Naquela manhã de 24 de maio, Hitler fora de avião para Charleville, cerca de duzentos quilômetros a leste do canal da Mancha, para visitar o quartel-general do general de Exército Gerd von Rundstedt, comandante do Grupo de Exército A, que fizera o notável avanço no "movimento de foice" ao longo do flanco sul. Ao chegar, às 11h30, ouviu um relatório do general sobre a situação. A sugestão de segurar as unidades motorizadas não foi de Hitler, mas de Rundstedt, um de seus generais de maior confiança. Hitler concordou, acrescentando que os tanques precisavam ser conservados para as operações futuras no sul e que um avanço maior limitaria o raio de ação da Luftwaffe. Hitler estava ansioso para levar adiante o ataque ao sul sem a demora que julgava que aconteceria se levassem alguns dias lidando com as tropas aliadas cercadas em Dunquerque. Na manhã seguinte, dia 25, quando Brauchitsch chegou querendo fazer com que os tanques avançassem pelas planícies, Hitler se opôs, argumentando que os numerosos canais que entrecruzavam a Flandres tornavam o terreno inadequado para tanques. Mas deixou a decisão para Rundstedt, que rejeitou a sugestão devido à necessidade de recuperar os tanques para a operação no sul. Halder, tanto quanto Brauchitsch, ficou consternado. Eles teriam de aprender a conviver com um comandante supremo da Wehrmacht que intervinha na direção das operações. Mas não havia magnanimidade nenhuma na decisão de segurar os tanques. Hitler queria nocautear a Grã-Bretanha para forçá-la a aceitar seus termos de paz. Ele não tinha interesse em permitir que as tropas britânicas escapassem do cativeiro ou da destruição. Havia sido persuadido por Göring a deixar que a Luftwaffe acabasse cercando o inimigo. Ele achava que poucos britânicos escapariam.

Na realidade, a Luftwaffe não pôde cumprir a promessa de Göring. Apesar de sua alegação de sucesso, o mau tempo e a Força Aérea Real (RAF) britânica conseguiram evitar a colheita fácil que Göring imaginara. Dunquerque não fez nada para realçar o prestígio da Luftwaffe. Em dois dias, Hitler percebeu que a ordem de deter o avanço havia sido um erro. Em 26 de maio, reverteu a decisão e ordenou finalmente o avanço sobre Dunquerque para evitar mais evacuações. Poucos dos soldados cercados já haviam partido. Mas a demora de 48 horas foi vital para permitir que os britânicos organizassem o extraordinário recuo nos dias seguintes, numa obra-prima de improvisação, acompanhada de muita sorte.

Em termos militares, Dunquerque parecia de importância secundária para a Alemanha, tendo em vista sua sequência de sucessos militares assombrosos. A operação equivalia a uma imensa derrota para a Grã-Bretanha. Mas o fato de as tropas terem sido trazidas de volta naquelas condições para combater de novo em outro dia foi convertido pelo novo primeiro-ministro britânico Winston Churchill (que assumira o cargo no mesmo dia do início da ofensiva ocidental), e por mito popular, num símbolo do espírito de luta britânico — o triunfo arquetípico na adversidade. Desse modo, o grande revés de Dunquerque propiciou uma elevação do moral britânico em um dos pontos mais baixos da longa história da nação. Sob outro aspecto, Dunquerque também foi fatídica. Se a Força Expedicionária Britânica tivesse sido perdida, é quase inconcebível que Churchill tivesse sobrevivido à pressão crescente das poderosas forças de seu país dispostas a negociar com Hitler.

No final da primeira semana de junho, Hitler mudou seu quartel-general para Brûly-de-Pesche, no sul da Bélgica, perto da fronteira com a França. O segundo estágio da ofensiva alemã começava. As linhas francesas foram rapidamente esmagadas. Embora tivessem mais canhões e tanques do que os alemães, os franceses estavam em desvantagem irremediável no ar. Não apenas isso: suas armas e suas táticas estavam superadas, em descompasso com as exigências da guerra moderna mecanizada. E, tão importante quanto isso, o comando militar francês transmitia seu derrotismo aos soldados. A disciplina entrou em colapso, e o moral também. Seguindo o exemplo de seus combatentes, a população civil fugiu aos milhares das grandes cidades. Alguns procuraram ajuda na astrologia. Os crentes apelaram para as orações e a intercessão de santa Genoveva. Nenhuma das duas

opções seria suficiente.

Em 14 de junho, tropas alemãs penetraram a Linha Maginot, ao sul de Saarbrücken. No mesmo dia, menos de cinco semanas após o início da ofensiva ocidental, os soldados de Hitler entraram em Paris. Uma geração antes, os pais e tios desses soldados haviam lutado durante quatro anos e não tinham chegado à capital francesa. Agora, as tropas alemãs haviam conseguido isso em pouco mais de quatro semanas. A disparidade na quantidade de baixas espelhava a magnitude da vitória. As perdas aliadas foram calculadas em 90 mil mortos, 200 mil feridos e 1,9 milhão de capturados ou desaparecidos. Os mortos alemães chegavam a quase 30 mil e o total de feridos ficou abaixo de 165 mil.

Não surpreende que Hitler se sentisse no topo do mundo, batendo nas coxas de alegria — sua expressão de júbilo — e rindo de alívio, quando recebeu a notícia em Brûly-de-Pesche, em 17 de junho, que o marechal Pétain, novo chefe do governo francês, implorava pela paz. O fim da guerra parecia iminente. Agora, a Inglaterra certamente cederia. A vitória total, imaginava ele, estava ao seu alcance.

Mussolini levou a Itália a entrar na guerra uma semana antes, na esperança de lucrar com a ação antes que tudo terminasse, a tempo de colher ricas sobras e deleitar-se com a glória de uma vitória barata. Hitler não ficou feliz ao saudar seu novo camarada de armas quando foi, em 18 de junho, a Munique para encontrá-lo, a fim de discutir o pedido de armistício da França. Ele queria termos lenientes para os franceses e logo desfez a esperança de Mussolini de pôr as mãos em parte da frota francesa. Hitler estava ansioso para evitar que a frota francesa passasse para as mãos dos britânicos — algo que Churchill já havia tentado armar. "De tudo o que ele diz, está claro que quer agir rapidamente para acabar com isso", registrou Ciano. "Hitler é agora um jogador que ganhou uma grande bolada e gostaria de se levantar da mesa e não arriscar mais nada."

Tendo obtido sua grande vitória sem nenhuma ajuda dos italianos, Hitler estava decidido a impedir que o constrangido e desapontado Mussolini, agora forçado a engolir seu papel de parceiro menor no Eixo, participasse das negociações do armistício com os franceses. Já em 20 de maio, quando os tanques alemães haviam atingido a costa francesa, ele especificara que as negociações de paz com a França, nas quais seria exigida a devolução de antigo território alemão, se dariam na floresta de Compiègne, onde fora assinado o armistício de 1918. Deu ordens para

recuperarem o vagão de trem do marechal Foch, preservado como peça de museu, no qual os generais alemães haviam assinado o cessar-fogo, e trazê-lo para a clareira da floresta. Aquela derrota — e suas consequências — ficara marcada de forma indelével na sua consciência. Ela podia agora ser apagada com a retribuição da humilhação. Às 15h15 de 21 de junho, Hitler, acompanhado por Göring, Raeder, Brauchitsch, Keitel, Ribbentrop e Heß, visitou o monumento que registrava a vitória sobre a "arrogância criminosa do Reich alemão", depois tomou seu lugar no vagão, saudando em silêncio a delegação francesa. Durante dez minutos ele escutou sem pronunciar uma palavra, embora — relembrou depois — tomado pelo sentimento de vingança pela humilhação de novembro de 1918. Keitel leu o preâmbulo aos termos do armistício. Hitler então foi embora para seu quartel-general. A purgação simbólica da velha dívida estava completa. "A desgraça está agora extinta. É um sentimento de ter nascido de novo", registrou Goebbels depois que Hitler lhe contou por telefone os dramáticos eventos, no final daquela noite.

A França seria dividida: o litoral norte e noroeste ficariam sob ocupação alemã, o centro e o sul formariam um Estado-títere chefiado por Pétain, com sede em Vichy. Após a assinatura do armistício franco-italiano, em 24 de junho, declarou-se a cessação de toda a luta à 1h35 da manhã seguinte. Hitler proclamou o fim da guerra no ocidente e a "mais gloriosa vitória de todos os tempos". Ordenou que os sinos tocassem durante uma semana no Reich e bandeiras fossem desfraldadas durante dez dias. Quando o momento da conclusão oficial das hostilidades se aproximava, ele, sentado à mesa de madeira de seu quartel-general de campo, mandou apagar as luzes e abrir as janelas para ouvir, na escuridão, o corneteiro marcar o momento histórico.

Hitler passou parte dos dias seguintes fazendo turismo. Max Amann (chefe da editora do partido) e Ernst Schmidt, dois camaradas da Primeira Guerra Mundial, juntaram-se ao seu séquito habitual para uma visita nostálgica aos campos de batalha da Flandres, revisitando os lugares para onde haviam sido destacados. Depois, em 28 de junho, antes que a maioria dos parisienses acordasse, ele fez sua única visita à capital francesa ocupada. Não durou mais do que três horas. Acompanhado pelos arquitetos Hermann Giesler e Albert Speer e por seu escultor preferido, Arno Breker, Hitler desceu no aeroporto de Le Bourget às 5h30, extraordinariamente cedo para ele. O tour rápido começou na Ópera Nacional de

Paris. Hitler ficou emocionado com sua beleza. Os turistas foram adiante. Passaram de carro pela igreja Madeleine, cuja forma clássica o impressionou, subiram o Champs Elysées, pararam no Túmulo do Soldado Desconhecido, sob o Arco do Triunfo, contemplaram a Torre Eiffel e observaram em silêncio o túmulo de Napoleão nos Invalides. Hitler admirou as dimensões do Panthéon, mas achou seu interior (como relembrou depois) "uma decepção terrível", e parece ter ficado indiferente às maravilhas medievais de Paris, como a Sainte Chapelle. A excursão terminou curiosamente no monumento à devoção católica do século XIX, a igreja de Sacré-Coeur. Com uma última vista da cidade do alto de Montmartre, ele foi embora. No meio da manhã, já estava de volta ao seu quartel-general de campo. Ver Paris, contou para Speer, era o sonho de sua vida. Mas, para Goebbels, disse que achara grande parte da cidade muito decepcionante. Havia pensado em destruí-la. Porém, segundo Speer, observou que "quando tivermos terminado em Berlim, Paris será apenas uma sombra. Por que deveríamos destruí-la?".

A recepção que Hitler teve em Berlim quando seu trem entrou na estação Anhalter às três da tarde de 6 de julho superou até mesmo as comemorações dos grandes triunfos do pré-guerra, como a *Anschluß*. Muitas pessoas ficaram de pé durante seis horas, enquanto a manhã nublada dava lugar ao sol brilhante da tarde. No caminho entre a estação e a Chancelaria do Reich, todas as ruas estavam cobertas de flores. Milhares de pessoas aclamavam até ficarem roucas. Hitler, saudado por Keitel como "o maior senhor da guerra de todos os tempos", foi chamado várias vezes ao balcão para absorver a adulação entusiástica da massa. "Se um aumento do sentimento por Adolf Hitler ainda era possível, ele tornou-se realidade com o dia do retorno a Berlim", comentou uma reportagem das províncias. Diante de tanta "grandeza", dizia outra, "toda mesquinhez e todos os resmungos silenciam". Até os adversários do regime acharam difícil resistir ao clima de vitória. Os operários das fábricas de armamentos queriam permissão para entrar para o Exército. As pessoas julgavam que a vitória estava logo adiante. Somente a Grã-Bretanha estava no caminho. Talvez pela única vez no Terceiro Reich a população foi acometida por uma genuína febre de guerra. Incitado pela propaganda incessante, o ódio à Inglaterra disseminou-se. As pessoas estavam sedentas para ver a poderosa e velha rival finalmente de joelhos. Mas misturados com a agressão ainda havia sentimentos de medo e ansiedade. Fosse triunfalista ou

temeroso, o desejo de levar a guerra a um fim rápido era quase universal.

Entrementes, Hitler mudara de ideia sobre fazer seu discurso ao Reichstag na segunda-feira. Em 3 de julho, navios britânicos haviam afundado várias belonaves da França ancoradas na base naval de Mers-el-Kébir, perto de Orã, na Argélia francesa, matando 1250 marinheiros. Tratava-se de uma medida de Churchill para evitar que a frota de guerra de seus ex-aliados caísse nas mãos de Hitler, além de dar uma demonstração da determinação britânica. Para Hitler, isso significava uma situação nova. Ele queria esperar pelos desdobramentos. Não tinha certeza se deveria ir adiante e apelar à Inglaterra. "Ele ainda não está pronto para o golpe final", observou Goebbels. "Ele quer pensar sobre seu discurso de novo em paz e por essa razão vai para o Obersalzberg." Se Londres recusasse a última oferta, então a Grã-Bretanha receberia "imediatamente um golpe aniquilador. Parece que os ingleses não têm ideia do que os espera".

Enquanto estava no Berghof, Hitler conversou com seus comandantes militares sobre uma possível invasão da Grã-Bretanha, se sua "oferta de paz" fosse rejeitada. Raeder o alertara em junho que um desembarque naval só poderia ocorrer depois que a Luftwaffe garantisse a superioridade aérea sobre o sul da Inglaterra. Ele repetiu essa pré-condição no encontro com Hitler de 11 de julho no Obersalzberg, quando defendeu o início imediato de um "bombardeio concentrado". Mas as ambições navais iam muito além de uma presumida rendição britânica, evitando a necessidade daquilo que tanto Raeder como Hitler consideravam a aventura arriscada de invadir a Grã-Bretanha. A Alemanha precisaria de uma grande força naval para defender seu império colonial, em particular contra a ameaça iminente dos Estados Unidos. Aproveitando a oportunidade para promover os interesses da Marinha, Raeder defendeu a perspectiva de construir uma grande frota de guerra para combater uma potencial aliança naval anglo-americana. No dia seguinte, Jodl apresentou a Hitler as ideias iniciais sobre planos operacionais para um desembarque. No sábado, 13 de julho, foi a vez de Halder ir até o Berghof para apresentar planos operacionais. Mas o desembarque seria um último recurso. "O Führer está muito perplexo com a persistente falta de disposição da Grã-Bretanha para fazer a paz", anotou Halder. "Ele vê a resposta (tal como nós) na esperança britânica depositada na Rússia e, portanto, espera ter de obrigá-la a concordar com a paz pela força."

Em 16 de julho, Hitler assinou a Diretriz no 16 para Preparativos de uma Operação de Desembarque contra a Inglaterra. Dizia o preâmbulo: "Uma vez que a Inglaterra, apesar de sua situação militar desesperadora, ainda não dá sinais reconhecíveis de disposição para chegar a um acordo, determinei a preparação de uma operação de desembarque contra a Inglaterra e, se necessário, efetuá-la. O objetivo dessa operação é impedir que a pátria inglesa seja uma base para a continuação da guerra contra a Alemanha e, se for necessário, ocupá-la completamente". Seguiam-se os planos operacionais. Mas as restrições do preâmbulo — "se necessário", "se for necessário" — indicavam a falta de entusiasmo de Hitler.

Esse sentimento foi transmitido aos comandantes do Exército. Rundstedt, comandante em chefe no oeste, simplesmente não levou a sério a Operação Leão-Marinho — sentimento endossado por Göring ao contar que Hitler lhe dissera em privado que não pretendia levá-la a cabo. Ele nem mesmo se preocupou em assistir aos exercícios de desembarque anfíbio. Para ele e para todos que os estudaram, dado o poderio da Marinha britânica, as dificuldades logísticas pareciam insuperáveis.

Se os ingleses fossem razoáveis, pensava Hitler, isso seria muito mais desejável do que uma invasão. Após assinar a diretriz, ele marcou o discurso no Reichstag para a noite de sexta-feira, 19 de julho.

O Parlamento estava com aparência militar naquela noite. Seis assentos de deputados que haviam perecido na campanha ocidental estavam cobertos com coroas de louros. Na primeira fileira estavam os agaloados comandantes das forças militares, com o peito cheio de medalhas e condecorações, muitos deles envaidecidos com suas recentes promoções a marechal de campo e general de Exército. (Hitler tinha uma visão cínica da promoção de seus dirigentes militares. Por meio de atos de generosidade, como nos tempos antigos, eles estariam ainda mais presos, independente de suas opiniões políticas, aos seus juramentos de lealdade e a ele, o outorgante dessas promoções. Ele pretendia que seus salários fossem isentos de impostos e não seria mesquinho na doação de terras depois que a guerra fosse finalmente vencida. Isso não alterava em nada sua opinião de que o comando do Exército — Brauchitsch e Halder, em particular — tivesse mais uma vez se mostrado muito deficiente e que seu juízo tivesse novamente se revelado

correto na campanha ocidental.)

O objetivo de seu discurso, como dissera a Goebbels no mesmo dia, era fazer à Grã-Bretanha uma oferta curta, mas imprecisa, indicando que era sua última palavra e deixando a escolha para Londres. Uma grande parte do discurso, que durou não menos de duas horas e quinze minutos, foi ocupada com a descrição do percurso da guerra, elogios às realizações militares dos comandantes e a lista de suas promoções. Ao chegar aos nomes dos doze generais que seriam promovidos a marechal de campo, Hitler saudou cada um deles. De seus lugares no balcão, eles se ergueram e retribuíram a saudação. Uma menção especial foi feita a Göring, elevado agora a marechal do Reich. Göring parecia uma criança com um brinquedo novo quando recebeu a insígnia. Hitler enfatizou então a força da posição da Alemanha. Foi somente nos últimos minutos de seu discurso que chegou ao ponto que todos esperavam: seu "apelo à razão, também na Inglaterra". O "apelo" veio e foi — naquelas palavras, e pouco além daquilo. Houve a acusação costumeira de promotor da guerra a Churchill. Houve a ameaça de que a Grã-Bretanha e seu império seriam destruídos. Houve uma expressão hipócrita de lamento pelas vítimas da guerra. E houve o "apelo à razão" do vitorioso. Foi tudo. Não surpreende que a reação, mesmo de seu círculo mais próximo, tenha sido de desapontamento, especialmente quando a rejeição categórica pelos britânicos da "oferta" foi anunciada uma hora depois.

Hitler enganara-se a respeito do estado de ânimo na Grã-Bretanha. E seu discurso não oferecera nada que incitasse os adversários de Churchill, que poderiam formar um lobby pela paz. Ele ainda esperava evidentemente por uma solução diplomática quando se encontrou com os comandantes em chefe da Wehrmacht, em 21 de julho. "Atravessar o canal da Mancha parece ser muito arriscado para o Führer. Por isso, a invasão será empreendida somente se não houver outro modo de resolver a questão com a Grã-Bretanha", registrou Halder. "A posição da Grã-Bretanha é desesperadora. A guerra está ganha por nós", declarou Hitler.

Mas a Grã-Bretanha ainda punha suas esperanças nos Estados Unidos e na Rússia. Havia a possibilidade, disse Hitler, referindo-se a rumores de crise em Londres, de que um gabinete composto por Lloyd George, Chamberlain e Halifax subisse ao poder e buscasse um acordo de paz. Mas, se isso não acontecesse, a Grã-

Bretanha teria de ser reduzida, por uma ofensiva aérea combinada com a intensificação de ataques submarinos, a uma situação em que a invasão pudesse ser efetuada em meados de setembro. Hitler decidiria em dias, após ouvir o informe de Raeder do meio da semana sobre a logística das operações navais, se a invasão seria realizada no outono. Caso contrário, ocorreria antes do mês de maio seguinte. A decisão final sobre a intensidade dos ataques submarinos e aéreos seria deixada para o início de agosto. Havia a possibilidade de que a invasão pudesse começar já em 25 de agosto.

Hitler voltou-se finalmente para a questão que já começara a incomodá-lo: a posição da Rússia. Stálin tinha sua agenda própria, enfatizou. Ele estava flertando com a Grã-Bretanha para mantê-la na guerra, amarrar a Alemanha e explorar a situação para executar sua política expansionista própria. Não havia nenhum indício de agressão russa à Alemanha. "Mas nossa atenção deve estar voltada para enfrentar o problema russo e preparar o planejamento", acrescentou Hitler. Seriam necessárias de quatro a seis semanas para reunir a força militar alemã. Seu objetivo seria "esmagar o Exército russo ou, pelo menos, tomar o máximo de território russo para impedir ataques aéreos inimigos a Berlim e às indústrias da Silésia". Ele mencionou também a necessidade de proteger os campos de petróleo da Romênia. Seria preciso de oitenta a duzentas divisões. Ele contemplava a ideia de atacar a Rússia naquele mesmo outono. Na época da capitulação francesa, já comentara com Jodl e Keitel que, em comparação com o que fora realizado no ocidente, "uma campanha contra a Rússia seria brincadeira de criança".

O que Hitler apresentava para seus dirigentes militares era uma perspectiva espantosa. É claro que ele não estava se comprometendo com nada. Mas levava em consideração a guerra em duas frentes que sempre fora execrada. Paradoxalmente, tendo defendido desde a década de 1920 um confronto final com a União Soviética para destruir o bolchevismo e ganhar *Lebensraum*, ele agora voltava à ideia de uma guerra contra a Rússia por razões estratégicas: para forçar sua antiga candidata a amiga, a Grã-Bretanha, que agora resistia teimosamente apesar dos prognósticos, a aceitar um acordo. O objetivo ideológico de esmagar o bolchevismo, embora invocado por Hitler como parte de seu raciocínio, era naquele momento secundário em face da necessidade estratégica de tirar a Grã-Bretanha da guerra. Era um sinal das dificuldades em que Hitler se metera. Os britânicos não aceitariam

seu jogo. Mas a lição militar que insistia em dar na Inglaterra e que o público alemão agora esperava, ele sabia que era um caso arriscado. Então, estava avançando na direção de um passo que achava menos perigoso — e a maioria de seus generais não discordava: um ataque à União Soviética.

Com efeito, o comando do Exército, preocupado com a acumulação de tropas soviéticas no sul da Rússia, em conexão com a pressão crescente de Stálin sobre os países balcânicos, já havia, em meados de junho, acrescentado mais nove divisões motorizadas às quinze designadas anteriormente para transferência ao leste. E em 3 de julho, Halder, sem ordem de Hitler, mas seguindo indicações evidentemente transmitidas a ele por Weizsäcker, no Ministério do Exterior, mostrou-se disposto a antecipar a mudança de direção, para "trabalhar para o Führer", quando ele considerasse apropriado testar as possibilidades de uma campanha contra a União Soviética. O chefe do Estado-Maior, adiante de Hitler nessa questão, levantou junto a seus planejadores operacionais "as exigências de uma intervenção militar que obrigue a Rússia a reconhecer a posição dominante da Alemanha na Europa".

Hitler ainda estava evitando uma decisão final sobre a Grã-Bretanha. Mas foi com a impressão de que o desprezo oficial por sua "oferta de paz" do lorde Halifax, em discurso transmitido pelo rádio na noite de 22 de julho, equivalia à "rejeição final da Inglaterra" que ele partiu, naquela que seria a última vez, para Bayreuth a fim de ver no dia seguinte a apresentação de *Crepúsculo dos deuses*. "Os dados estão lançados", escreveu Goebbels. "Estamos afinando imprensa e rádio para uma luta." Na verdade, os dados não haviam sido finalmente lançados. Hitler continuava inseguro em relação ao modo de prosseguir.

Havia muito tempo que ele se convencera do que a propaganda alemã alardeava. Era ele que queria a paz. Churchill, apoiado pela "plutocracia judaica", era quem pregava a guerra, o obstáculo ao triunfo. Enquanto estava em Bayreuth, encontrou seu amigo de juventude, August Kubizek, pela última vez. Disse a ele, crédulo como sempre, que a guerra havia atrapalhado todos os seus grandes planos para a reconstrução da Alemanha. "Não me tornei chanceler do Grande Reich Alemão para fazer guerra." Kubizek acreditou nele. É provável que o próprio Hitler acreditasse nele mesmo também.

Ele foi de Bayreuth para o Obersalzberg. Enquanto estava lá, a direção do Exército soube por Raeder que a Marinha não poderia estar pronta para operações

contra a Inglaterra antes de 15 de setembro. A data mais próxima para uma invasão, dependendo da lua e das marés, era o dia 26 daquele mês. Se essa data se revelasse impossível, a invasão teria de ser adiada até o mês de maio seguinte. Brauchitsch duvidava que a Marinha pudesse propiciar a base para uma invasão no outono. (De fato, a Marinha concluíra que era altamente desaconselhável tentar invadir em qualquer momento daquele ano e era bastante cética em relação às perspectivas de sucesso.) Halder concordou com Brauchitsch quanto à eliminação da ideia de uma operação durante mau tempo. Mas eles previam desvantagens militares e políticas no adiamento para o ano seguinte. Consideraram a possibilidade de enfraquecer a posição da Grã-Bretanha no ultramar por meio de ataques a Gibraltar, Haifa e Suez, apoio aos italianos no Egito e incitação dos russos para que atacassem o golfo Pérsico. Um ataque à Rússia foi rejeitado em prol da manutenção das relações amistosas.

Enquanto isso, Hitler consultava Jodl em separado. Em 29 de julho, perguntou ao chefe do Estado-Maior da Wehrmacht sobre a mobilização do Exército no leste e se seria possível atacar e derrotar a Rússia naquele mesmo outono. Jodl descartou totalmente essa ideia por motivos práticos. Nesse caso, disse Hitler, era preciso segredo absoluto. Estudos de viabilidade deveriam ser feitos, mas o conhecimento deles deveria ficar confinado a uns poucos oficiais do Estado-Maior. Na realidade, numa antecipação notável, a Wehrmacht não esperara pelas ordens de Hitler. Mais tarde, Jodl diria que "o Exército já sabia das intenções do Führer no estágio em que elas ainda estavam sendo sopesadas. Um plano operacional foi traçado, portanto, antes mesmo de que fosse dada a ordem para isso". E já em julho, como ele disse depois, "por iniciativa própria", o general de brigada Bernhard von Loßberg, do Departamento de Defesa Nacional, chefiado pelo general de brigada Walter Warlimont, começara a trabalhar num "estudo operacional para uma campanha russa". Naquele estágio, a intenção era apenas ter um plano pronto para o momento em que fosse necessário. A discussão de Hitler com Jodl indicava que esse momento havia chegado.

Loßberg, dois outros membros da equipe de Warlimont e o próprio Warlimont estavam sentados no vagão restaurante do trem especial *Atlas*, na estação de Bad Reichenhall, quando Jodl desceu do Berghof para relatar sua discussão com o Führer. De acordo com Warlimont, a consternação diante do que ouviram — que

significava a temida guerra em duas frentes — deu motivo para uma hora de discussão encarniçada. Jodl contra-argumentou com a opinião de Hitler de que era melhor ter a inevitável guerra contra o bolchevismo agora, com o poderio da Alemanha em seu auge, do que mais tarde; e que, no outono de 1941, a vitória no leste teria levado a Luftwaffe ao seu pico para atacar a Grã-Bretanha. Quaisquer que fossem as objeções — é impossível saber se Warlimont as exagerou em seu relato feito após a guerra —, os estudos de viabilidade sob o codinome *Aufbau-Ost* (Construção Leste) foram retomados com um senso maior de urgência.

Dois dias depois, 31 de julho, Hitler encontrou-se com seus dirigentes militares no Berghof. Raeder repetiu a conclusão de seus planejadores navais de que a data mais próxima para uma invasão da Grã-Bretanha só poderia ser 15 de setembro e defendeu seu adiamento para maio do ano seguinte. Hitler queria manter suas opções abertas. As coisas se tornariam difíceis com o passar do tempo. Os ataques aéreos deveriam começar de imediato. Eles determinariam a força relativa da Alemanha. "Se os resultados da guerra aérea forem insatisfatórios, os preparativos para a invasão serão suspensos. Se tivermos a impressão de que os ingleses estão esmagados, e isso os efeitos começarão logo a dizer, deveremos prosseguir com o ataque", declarou. Ele continuava cético em relação a uma invasão. Os riscos eram altos; mas o prêmio também era, acrescentou. Porém, ele já estava pensando no próximo passo. E se não houvesse invasão? Ele voltou a mencionar a esperança que a Grã-Bretanha depositava nos Estados Unidos e na Rússia. Se a Rússia fosse eliminada, então a América também estaria perdida para a Inglaterra, devido ao aumento do poder do Japão no Extremo Oriente. A Rússia era "o fator no qual a Grã-Bretanha está confiando mais". Os britânicos tinham sido "completamente abatidos". Agora, haviam revivido. A Rússia nunca fora abalada pelos eventos no ocidente. Os britânicos vinham se segurando, na esperança de uma mudança na situação nos meses seguintes.

Ele chegou então a sua conclusão crucial: tirar a Rússia da equação. As anotações de Halder mantiveram a ênfase de Hitler:

> *Com a Rússia esmagada, a última esperança da Grã-Bretanha seria destruída*. A Alemanha será então senhora da Europa e dos Bálcãs. *Decisão: a destruição da Rússia deve, portanto, fazer parte dessa luta. Primavera de 1941. Quanto mais cedo a Rússia for esmagada, melhor*. O ataque atinge seu objetivo apenas se o Estado russo puder ser destruído até as raízes com um único golpe. Segurar somente parte do país não servirá. Ficar parado no

> próximo inverno seria perigoso. Então é melhor esperar um pouco mais, mas com a determinação resoluta de eliminar a Rússia. [...] Se começarmos em maio de 1941, teremos cinco meses para terminar o trabalho.

Ao contrário das reações ansiosas de 1938 e 1939, quando os generais haviam temido a guerra com a Grã-Bretanha, não há indicação de que tenham ficado horrorizados diante do que ouviram. A fatídica subestimação do potencial militar russo era algo que Hitler partilhava com seus comandantes. As informações da espionagem sobre o Exército russo eram fracas. Mas a subestimação não era apenas resultado disso. O desdém pelos eslavos misturava-se facilmente com o desprezo pelo que o bolchevismo havia conseguido realizar. O contato com os generais soviéticos na partilha da Polônia não deixara boa impressão nos alemães. O comportamento lamentável do Exército Vermelho na Finlândia (onde os finlandeses, embora mal equipados, haviam infligido perdas inesperadas e pesadas aos soviéticos nos primeiros estágios da Guerra de Inverno de 1939-40) não contribuíra em nada para melhorar sua imagem aos olhos germânicos. E, para piorar, havia a aparente loucura que levara Stálin a destruir seu próprio corpo de oficiais. Enquanto um ataque às Ilhas Britânicas continuava a ser um empreendimento perigoso, uma ofensiva contra a União Soviética não provocava grande alarme. Podia-se esperar uma verdadeira "guerra-relâmpago" ali.

No dia seguinte à reunião no Berghof, Hitler assinou a Diretriz no 17, que intensificava a guerra aérea e naval contra a Grã-Bretanha como base para sua "subjugação final". Ele reservava explicitamente — sublinhando a frase na diretriz — para si mesmo uma decisão sobre o uso de bombardeio de terror. A ofensiva foi marcada para iniciar quatro dias depois, mas foi adiada até o dia 8. Foi novamente adiada em virtude das más condições do tempo para o dia 13. A partir de então, os caças alemães procuraram destruir a RAF a partir do céu. Lançaram-se ondas sucessivas de ataques aos campos de aviação do sul da Inglaterra. Spitfires, Hurricanes e Messerschmitts giravam, descreviam arcos, mergulhavam e metralhavam uns aos outros nos dramáticos e heróicos combates aéreos dos quais a sobrevivência da Grã-Bretanha dependia. Os primeiros resultados otimistas anunciados em Berlim logo se revelaram muito enganadores. A tarefa estava além da capacidade da Luftwaffe. De início, os jovens pilotos britânicos resistiram por um triz, depois conquistaram gradualmente a superioridade. Apesar da ordem de Hitler de que somente ele decidiria sobre bombardeio de terror, cem aviões da

Luftwaffe, agindo ao que parece conforme uma diretriz pouco precisa emitida por Göring em 2 de agosto, atacaram o East End de Londres na noite de 24 de agosto. Em retaliação, a RAF realizou os primeiros ataques a Berlim na noite seguinte.

Hitler considerou o bombardeio de Berlim uma desgraça. Como sempre, sua reação foi ameaçar com uma retaliação maciça. "Vamos varrer suas cidades do mapa! Vamos acabar com o trabalho desses piratas noturnos", vociferou num discurso feito no Sportpalast em 4 de setembro. Conversou com Göring sobre a vingança. A partir de 7 de setembro, iniciaram-se os bombardeios noturnos de Londres. Foi a vez dos cidadãos da capital inglesa experimentarem noite após noite o terror que vinha dos céus. A mudança para o bombardeio de terror marcou um afastamento da ideia de desembarque que Hitler nunca vira com entusiasmo. Persuadido por Göring, ele pensou durante um tempo que a Grã-Bretanha poderia ser convencida pelos bombardeios a sentar-se à mesa de conferência, sem que as tropas alemãs tivessem de empreender o perigoso desembarque. Mas, por mais terrível que fosse a Blitz, a Luftwaffe simplesmente não era poderosa o suficiente para submeter a Grã-Bretanha por meio dos bombardeios.

Entre 10 e 13 de setembro, houve sinais de que Hitler ficara totalmente desinteressado da ideia do desembarque. Em 14 de setembro, disse então a seus comandantes que as condições para a Operação Leão-Marinho — o plano operacional para atacar a Grã-Bretanha — não tinham sido alcançadas.

Enquanto isso, os combates aéreos sobre o sul da Inglaterra e a costa do canal da Mancha intensificaram-se durante a primeira quinzena de setembro e atingiram seu clímax no domingo, dia 15. A Wehrmacht admitiu a perda de 182 aviões naquele período, 43 apenas no dia 15. Os horrores da Blitz continuariam durante meses nas cidades britânicas; entre as piores devastações consta o bombardeio de Coventry, na noite de 14 de novembro, quando o ataque voltou-se para o cinturão industrial das Midlands, a fim de atingir alvos mais fáceis do que Londres. Mas a Batalha da Grã-Bretanha estava acabada. Hitler nunca se convenceu de que a ofensiva aérea alemã teria sucesso em estabelecer a base para a invasão em relação à qual ele, de qualquer modo, era tão cético. Em 17 de setembro, ordenou o adiamento indefinido da Operação Leão-Marinho — embora, por motivos psicológicos, não tenha falado em cancelamento.

Os acenos para a paz haviam fracassado. A batalha pelos céus malograra.

Entrementes, em 3 de setembro, a concessão de cinquenta destróieres para a Grã-Bretanha pelos Estados Unidos — um acordo que Roosevelt finalmente havia aprovado, contra muita oposição inicial dos isolacionistas — dava a indicação mais clara até então, apesar do uso limitado dos velhos vasos de guerra, de que os britânicos poderiam no futuro próximo contar com o poderio militar ainda adormecido dos americanos. Era cada vez mais urgente tirar a Grã-Bretanha da guerra. No outono de 1940, as opções de Hitler ainda não estavam esgotadas. Havia a possibilidade de forçar a Grã-Bretanha a um acordo por meio de uma estratégia de ataques a suas fortalezas no Mediterrâneo e no Oriente Próximo. Mas, depois que essa opção também se desvaneceu, ele ficou com uma única possibilidade: aquela que, em sua opinião, não apenas era estrategicamente indispensável, mas encarnava uma de suas obsessões ideológicas mais antigas. Esse ponto não seria alcançado senão em dezembro de 1940. Então, seria tempo de se preparar para a cruzada contra o bolchevismo.

III

Em 1940, Hitler estava no zênite de seu poder. Contudo, não tinha poder suficiente para conduzir a guerra nos termos que queria. E, na Alemanha, era impotente para evitar que o governo do Reich saísse cada vez mais do controle. As tendências já evidentes antes da guerra — dualismo não resolvido entre partido e Estado, esferas de competência confusas ou sobrepostas, proliferação da criação *ad hoc* de "autoridades especiais" improvisadas em áreas de políticas públicas específicas, anarquia administrativa — ampliavam-se fortemente. Não que Hitler fosse um "ditador fraco". Seu poder era reconhecido e aceito em todas as frentes. Nada de significativo era feito em discrepância com seus desejos conhecidos. Seu apoio popular era imenso. Os oponentes estavam desmoralizados e sem esperança. Não havia contestação concebível que pudesse ser armada. A saída do controle não significava um declínio da autoridade de Hitler. Mas significava, efetivamente, que a natureza dessa autoridade trazia em si a erosão e o solapamento dos padrões habituais de governo e, ao mesmo tempo, a incapacidade de manter em foco todos os aspectos do governo de um Reich complexo e em expansão. Até mesmo alguém que fosse mais capaz, enérgico e engenhoso do que Hitler no que tange à administração não poderia dar conta do problema. E durante os primeiros meses da guerra, como vimos, Hitler esteve longe de Berlim por longos períodos, totalmente voltado para os eventos militares. Era impossível para ele ficar em contato direto e se envolver de forma competente na administração do Reich. Mas na ausência de um órgão de governo coletivo para substituir o gabinete, que não se reunia desde fevereiro de 1938, ou de uma delegação genuína de poderes (que Hitler evitava, vendo nela uma diluição potencialmente perigosa de sua autoridade), a desintegração de qualquer coisa parecida com um "sistema" coerente de administração inevitavelmente se acelerou. Longe de diminuir o poder de Hitler, a erosão contínua de qualquer aspecto de governo coletivo na realidade o aumentava. Porém, uma vez que essa desintegração ia de mãos dadas — parte causa, parte efeito — com a luta darwiniana travada por meio do apelo aos objetivos ideológicos de Hitler, a radicalização envolvida no processo de "trabalhar para o Führer" também inevitavelmente se acelerou.

O impulso ideológico do nacional-socialismo era inseparável do conflito

endêmico do regime. Sem esse motor ideológico, encarnado na "missão" de Hitler (tal como percebida por seus seguidores mais fanáticos), a queda do governo na quase anarquia de feudos em competição e rivalidades encarniçadas é inexplicável. Mas a radicalização interna ia além do envolvimento pessoal de Hitler. "Trabalhar para" sua "visão" era a chave para o sucesso na guerra interna do regime.

Por mais forte que fossem as rivalidades, todos os envolvidos podiam recorrer às "vontades do Führer" e alegar que estavam trabalhando para a realização de sua "visão". O que estava em jogo não eram objetivos, mas métodos — e, sobretudo, esferas de poder. A própria natureza do frouxo mandato dado aos paladinos de Hitler, o campo de ação que ganhavam para construir e ampliar seus impérios próprios e a falta de clareza das divisões de competência garantiam a continuação da luta e a anarquia institucional. Ao mesmo tempo, asseguravam o desdobramento de energia incessante para levar adiante a radicalização ideológica. Desordem governamental e "radicalização cumulativa" eram dois lados da mesma moeda.

A radicalização do "programa" nacional-socialista, vago como era, não tinha possibilidade de diminuir. A maneira como os diferentes grupos de poder e importantes indivíduos em posições de influência interpretavam o imperativo ideológico representado por Hitler cuidava para que o sonho de uma nova sociedade a ser criada por meio de guerra, luta, conquista e purificação racial se mantivesse bastante presente. No nível da base, considerações materiais banais — embora importantes para os indivíduos envolvidos — como a falta crônica de moradia, a crescente escassez e o custo cada vez maior dos bens de consumo ou a carência aguda de trabalhadores agrícolas produziam ressentimentos facilmente canalizáveis contra minorias menosprezadas, alimentados pela cobiça mesquinha diante da perspectiva de obter bens ou propriedades pertencentes aos judeus. As chamas desses antagonismos sociais eram avivadas pelas mensagens cheias de ódio da propaganda. As mentalidades fomentadas ofereciam uma porta aberta ao fanatismo dos crentes. A competição interna embutida no regime fazia com que o impulso radical não fosse apenas sustentado, mas intensificado à medida que a guerra fornecia novas oportunidades. E, com a vitória parecendo iminente, abriam-se novas perspectivas empolgantes para erradicar inimigos raciais, deslocar populações inferiores e construir o "admirável mundo novo".

Com pouquíssimo envolvimento direto de Hitler, a política racial desenvolveu sua dinâmica própria. Dentro do Reich, aumentaram as pressões para livrar a Alemanha de seus judeus de uma vez para sempre. Nos asilos, a matança dos doentes mentais estava a pleno vapor. A mania de segurança da nação em guerra, ameaçada por inimigos de todos os lados e em seu próprio interior, e as exigências intensificadas de unidade nacional estimularam a busca de novos alvos "de fora". Os "trabalhadores estrangeiros", em especial os da Polônia, estavam na linha de frente da perseguição.

Porém, o verdadeiro caldeirão era a Polônia. Lá, a megalomania racial tinha carta branca. Mas foi exatamente a ausência de planejamento sistemático na competição pelo poder ilimitado que produziu os problemas logísticos imprevistos e becos sem saída administrativos da "limpeza étnica", cuja abordagem se tornou cada vez mais radical e genocida.

Aqueles que detinham posições de poder e influência viram na ocupação da Polônia uma chance para "resolver a questão judaica" — apesar de , agora, mais judeus do que nunca estarem nas garras do Terceiro Reich. Para a SS, surgiram perspectivas totalmente novas. Entre os líderes do partido, todos os *Gauleiter* queriam se livrar de "seus" judeus e viam agora possibilidades de fazê-lo. Esses eram os pontos de partida. Ao mesmo tempo, para aqueles que mandavam nas partes da antiga Polônia que haviam sido incorporadas ao Reich, a expulsão dos judeus de seus territórios era apenas uma parte do objetivo mais amplo de germanização, a ser alcançado o mais rápido possível. Isso significava também resolver a "questão polonesa", ou seja, remover milhares de poloneses para abrir espaço aos alemães étnicos do Báltico e de outras áreas, classificar os "melhores elementos" como alemães e reduzir o resto dos servos incultos a escravos dos senhores alemães. A "limpeza étnica" para produzir a necessária germanização por meio do reassentamento estava intrinsecamente ligada à radicalização do pensamento sobre a "questão judaica".

Poucos dias depois da invasão da Polônia, a Polícia de Segurança e os líderes partidários em Praga, Viena e Kattowitz — aproveitando as ideias expostas por Heydrich de uma "reserva judaica" a ser criada a leste de Cracóvia — viram a chance de deportar os judeus de suas áreas. A iniciativa e a ambição de Eichmann parecem ter deflagrado as esperanças de expulsão imediata dos judeus. Entre 18 e

26 de outubro, ele organizou o transporte de vários milhares de judeus de Viena, Kattowitz e da Morávia para o distrito de Nisko, ao sul de Lublin. Ciganos de Viena também foram incluídos na deportação. Ao mesmo tempo, começou o reassentamento dos alemães do Báltico. Poucos dias depois do início dos transportes para Nisko, a falta de provisões para os judeus deportados que chegavam à Polônia criou circunstâncias caóticas e levou à suspensão abrupta da operação. Mas era uma amostra prévia das grandes deportações que aconteceriam mais tarde.

No final do mês, em sua nova condição de Comissário do Reich para a Consolidação da Nação Germânica, Himmler mandou retirar todos os judeus dos territórios incorporados. Previa-se a deportação de cerca de 550 mil judeus. Além disso, havia centenas de milhares de membros da "população polonesa especialmente hostil", chegando-se perto de 1 milhão de pessoas. A partir da maior das áreas designadas para deportações e para o reassentamento de alemães étnicos — o Warthegau — revelou-se impossível cumprir a quantidade inicialmente estipulada para deportação, ou a velocidade com que sua remoção fora prevista. Mesmo assim, na primavera de 1940, 128 011 poloneses e judeus já haviam sido deportados à força, em condições horríveis. Os sádicos da SS chegavam à noite, esvaziavam blocos inteiros de moradias e enfiavam os habitantes — sujeitos a toda forma de humilhação bestial — em caminhões abertos, apesar do frio intenso, que os levavam para campos de detenção, de onde eram amontoados em vagões de transporte de gado superlotados e levados para o sul, sem bens pessoais e, com frequência, sem comida e água. As mortes eram frequentes durante a viagem. Aqueles que sobreviviam sofriam muitas vezes de ulcerações causadas pelo frio ou outras consequências da terrível provação. Os deportados eram enviados para o Governo Geral, visto nos territórios anexados como uma espécie de campo de despejo para os indesejáveis. Mas o governador-geral Hans Frank queria tanto ter judeus em sua área quanto os *Gauleiter* das regiões incorporadas. Ele os imaginava apodrecendo numa reserva, mas fora de seu território. Em novembro de 1939, Frank havia deixado claras as intenções para sua província. Era um prazer, declarou, poder enfim enfrentar fisicamente o problema da raça judaica: "Quanto mais morrem, melhor. [...] Os judeus devem ver que chegamos. Queremos que de metade a três quartos de todos os judeus sejam postos a leste do Vístula. Vamos

eliminar esses judeus de todos os lugares que pudermos. O negócio todo está em jogo aqui. Os judeus fora do Reich, de Viena, de todos os lugares. Não temos utilidade para os judeus no Reich".

Mais ou menos na mesma época em que Frank expressava esses sentimentos, o governador da Wartheland, Arthur Greiser, falando de ter encontrado em Lodz "figuras às quais mal pode ser atribuída a designação de 'pessoa'", deixava saber que a "questão judaica" estava praticamente resolvida. Porém, no início de 1940, suas esperanças (e as de Wilhelm Koppe, chefe de polícia do Warthegau) de uma expulsão rápida dos judeus para o Governo Geral já se mostravam vãs. Hans Frank e seus subordinados começavam a levantar objeções ao número de judeus que eram forçados a aceitar, sem nenhum planejamento claro sobre o que fazer com eles, além de não perderem as esperanças de mandá-los para uma reserva — ideia, entretanto, abandonada. Frank conseguiu o apoio de Göring cujo interesse estava em evitar a perda de mão de obra útil para o esforço de guerra. Suas críticas fortes ao "reassentamento desordenado" numa reunião de 12 de fevereiro iam contra as exigências de Himmler de espaço para centenas de milhares de alemães étnicos, já retirados de seus lares originais. No dia seguinte, judeus de Stettin foram deportados para a área de Lublin a fim de dar lugar a alemães do Báltico "com empregos marítimos". O chefe da polícia do distrito de Lublin, Odilo Globocnik, sugeriu que, se os judeus que estavam por vir para o Governo Geral não pudessem se alimentar por si mesmos, ou ser alimentados por outros judeus, dever-se-ia deixá-los morrer de fome. Em 24 de março, por pressão de Frank, Göring sentiu-se obrigado a proibir toda "evacuação" para o Governo Geral "até novo aviso". Greiser foi informado que seu pedido para deportar os judeus do Warthegau teria de ser adiado para agosto. A partir de 1o de maio de 1940, o enorme gueto de Lodz, que continha 163177 pessoas — criado inicialmente como medida temporária até que os judeus do Warthegau pudessem ser empurrados para o Governo Geral —, foi isolado do restante da cidade. A mortalidade por doenças e fome começou a explodir durante o verão. Numa reunião realizada em Cracóvia em 31 de julho, Frank disse a Greiser em termos claros, garantidos por Himmler e sob instruções de Hitler, que nenhum judeu a mais deveria ser deportado para o Governo Geral. E, em 6 de novembro de 1940, Frank informou a Greiser por telegrama que não haveria mais deportações para o Governo Geral até o fim da guerra. Himmler sabia

disso. Qualquer transporte seria mandado de volta. A solução que parecia tão próxima para Greiser um ano antes estava indefinidamente bloqueada.

Enquanto uma porta se fechava, outra se abria — ou, por um breve momento, pareceu se abrir. Numa reunião realizada em Cracóvia no fim de julho, Greiser mencionou uma nova possibilidade que surgira. Ele ouvira pessoalmente de Himmler "que existe agora a intenção de impelir os judeus para o ultramar, em áreas específicas". Ele queria um esclarecimento urgente.

Havia décadas que os círculos antissemitas, não só da Alemanha, discutiam vagamente o reassentamento dos judeus na ilha de Madagascar, uma colônia francesa ao largo da costa africana, como uma possível solução para a "questão judaica". Na primavera de 1940, com a perspectiva mais forte de recuperar territórios coloniais no futuro próximo (e obter outros que não haviam pertencido à Alemanha), Madagascar começou a ser lembrada como uma clara opção política. Parece ter sido Himmler, talvez sondando o terreno, o primeiro a levantar naquele momento, junto aos altos círculos do poder, a ideia de deportar os judeus para uma colônia africana, embora não tenha se referido especificamente a Madagascar. Em meados de maio, após uma visita à Polônia, o *Reichsführer-SS* produziu um memorando de seis páginas (que Hitler leu e aprovou), intitulado "Alguns pensamentos sobre o tratamento da população estrangeira no Leste", em que detalhava planos brutais para a seleção racial na Polônia. Somente numa passagem breve ele mencionava o que imaginava que aconteceria com os judeus: "Espero ver completamente extinto o termo 'judeu' por meio da possibilidade de uma emigração em grande escala de todos os judeus para a África ou alguma outra colônia".

Percebendo o que estava no ar, Franz Rademacher, o recém-nomeado e altamente ambicioso chefe da Seção Judaica do Ministério do Exterior, preparou um longo memorando interno em 3 de junho em que apresentava, como um objetivo da guerra, três opções: remover todos os judeus da Europa; deportar os judeus europeus ocidentais, por exemplo, para Madagascar, e deixar os judeus orientais no distrito de Lublin como reféns para manter os Estados Unidos paralisados em sua luta contra a Alemanha (presumindo que, nessas circunstâncias, a influência dos judeus americanos impediria os Estados Unidos de entrar na guerra); ou criar um lar nacional judeu na Palestina — solução que ele não preferia.

Essa foi a primeira vez que Madagascar foi explicitamente mencionada num documento oficial como possível "solução para a questão judaica". Era um produto da iniciativa de Rademacher, e não um resultado de instruções recebidas de cima. Com o apoio de Ribbentrop (que havia provavelmente obtido a aprovação de Hitler e Himmler), Rademacher começou a trabalhar nos detalhes de sua proposta para reassentar todos os judeus da Europa na ilha de Madagascar, sob mandato alemão, mas com administração judaica. Mas Heydrich, presumivelmente alertado por Himmler na primeira oportunidade, não estava disposto a ceder o controle de uma questão tão vital ao Ministério do Exterior. Em 24 de junho, ele deixou claro para Ribbentrop que a responsabilidade por cuidar da "questão judaica" era dele, conforme a comissão que lhe fora confiada por Göring em janeiro de 1939. A emigração não era mais a resposta. "Uma solução final territorial será, portanto, necessária." Ele queria participar de todas as discussões "que dizem respeito à solução final da questão judaica" — na primeira vez, ao que parece, em que as exatas palavras "solução final" foram usadas e, naquele momento, claramente no contexto do reassentamento territorial. Em meados de agosto, Eichmann e seu braço direito, Theo Dannecker, já haviam pensado com mais detalhes os planos para pôr 4 milhões de judeus em Madagascar. O plano do SD não previa nada parecido com administração autônoma judaica. Os judeus viveriam sob controle estrito da SS.

Logo depois que Rademacher apresentara sua proposta original, no início de junho, a ideia de Madagascar foi levada a Hitler, presumivelmente por Ribbentrop. Mais tarde, no mesmo mês, o ministro do Exterior contou para Ciano "que é intenção do Führer criar um Estado judeu livre em Madagascar, ao qual ele enviará compulsoriamente os muitos milhões de judeus que vivem no território do velho Reich, bem como nos territórios recém-conquistados". Em meados de agosto, relatando uma conversa com Hitler, Goebbels ainda anotava: "Queremos depois transportar os judeus para Madagascar".

Mas, naquele momento, o breve apogeu do plano de Madagascar já era coisa do passado. Pô-lo em prática dependeria não somente de forçar os franceses a entregar sua colônia — uma questão relativamente simples — mas de obter controle sobre os mares, o que significava derrotar a Marinha britânica. Com a continuidade da guerra, o plano caiu em dormência no final do ano e nunca foi ressuscitado. Mas ao

longo do verão, por cerca de três meses, a ideia foi levada a sério por toda a alta liderança nazista, inclusive pelo próprio Hitler.

O rápido endosso de Hitler a um plano tão mal pensado e impraticável reflete seu envolvimento superficial na política antissemita durante 1940. Nesse ano, seus principais interesses estavam claramente em outro lugar, na direção da estratégia de guerra. Nessa ocasião, pelo menos, a "questão judaica" era um tema secundário para ele. Porém, bastava sua carta branca para "resolver a questão judaica" associada à "missão" do nacional-socialismo para que outros, mais ativos do que o próprio Hitler, tomassem medidas mais radicais. Para Goebbels, ele deu apenas a garantia de que os judeus estavam marcados para deixar Berlim, sem aprovar nenhuma ação imediata. Alguns tiveram mais sorte com suas demandas. Tal como no leste, os *Gauleiter* com responsabilidades nas áreas recém-ocupadas no oeste estavam dispostos a explorar sua posição para se livrar dos judeus de seus *Gaue*. Em julho, tanto Robert Wagner, *Gauleiter* de Baden e agora encarregado da Alsácia, como Josef Bürckel, *Gauleiter* do Sarre-Palatinado e chefe da Administração Civil na Lorena, pressionaram Hitler para permitir a expulsão *para oeste* — a França de Vichy — dos judeus de seus domínios. Hitler deu sua aprovação. Cerca de 3 mil judeus foram deportados naquele mês da Alsácia para a zona não ocupada da França. Em outubro, após outra reunião com os dois *Gauleiter*, um total de 6504 judeus foi enviado para a França em nove trens, sem nenhuma consulta prévia às autoridades francesas, que, parece, tinham em mente a deportação posterior dessas pessoas para Madagascar, assim que a passagem marítima fosse segura.

Acima de tudo, no comando da radicalização da política antissemita estava a direção da SS e da Polícia de Segurança. Enquanto Hitler, nesse período, dava relativamente pouca atenção à "questão judaica", quando não tinha de tratar de um assunto em particular levantado por um de seus subordinados, Himmler e Heydrich estavam fortemente empenhados em planejar a "nova ordem", em especial na Europa Oriental. A decisão de Hitler de preparar a invasão da União Soviética, tomada sob o impacto do fracasso em acabar com a guerra no ocidente, abria novas perspectivas no leste para uma "solução da questão judaica". Uma vez mais, a política do Governo Geral foi revertida. Hans Frank, que no verão esperara que os judeus de sua área fossem mandados para Madagascar, ficou sabendo que eles deveriam ficar. A emigração do Governo Geral foi proibida. As condições

brutais do trabalho forçado e a vida em gueto já eram altamente desgastantes. Na prática, os judeus eram com frequência obrigados a trabalhar até a morte. Uma mentalidade abertamente genocida já era evidente. No outono de 1940, Heydrich sugeriu provocar uma epidemia no gueto de Varsóvia recentemente fechado a fim de exterminar os judeus por esse meio. Era numa área em que essa mentalidade prevalecia que Frank, conforme o que Hitler lhe dissera em dezembro, tinha de estar preparado para aceitar mais judeus.

Com o Führer desempenhando um papel pouco ativo, mas proporcionando aprovação geral, criaram-se condições e mentalidades, nos territórios ocupados da antiga Polônia, em que o genocídio em escala total estava apenas um passo adiante.

IV

Antes de Hitler assinar a diretriz, em dezembro de 1940, para preparar o que se transformaria rapidamente numa "guerra de aniquilação" contra a União Soviética, houve um hiato em que a direção futura da guerra permaneceu incerta. Durante essa fase, que se estendeu de setembro a dezembro de 1940, ele esteve disposto a explorar diferentes possibilidades de forçar a Grã-Bretanha a sair do conflito antes que os americanos entrassem nele. A partir do fracasso da "estratégia periférica", expressão sugerida por Jodl no fim de julho, que em nenhum momento gozou do entusiasmo pleno de Hitler, surgiu o endurecimento da intenção de invadir a União Soviética. A proposta havia sido discutida pela primeira vez em julho e, em 18 de dezembro, ganhou a forma de diretriz de guerra.

Depois que a invasão da Rússia no outono de 1940 — tal como Hitler propusera inicialmente — foi excluída por motivos práticos por Jodl, era preciso buscar outras maneiras de manter a iniciativa estratégica. Hitler estava aberto a várias sugestões. Ribbentrop trouxe de volta a ideia que defendera antes da guerra, de um bloco antibritânico composto por Alemanha, Itália, Japão e União Soviética. A nova situação, na esteira das vitórias alemãs na Europa Ocidental, também abria a perspectiva de ampliar a frente antibritânica com a obtenção da cooperação ativa da Espanha e da França de Vichy na zona do Mediterrâneo, assim como de vários Estados-satélites do sudeste da Europa. Para o Japão, a invasão da Holanda, a derrota da França e um sério enfraquecimento da Grã-Bretanha ofereciam um convite aberto à expansão imperialista no Sudeste Asiático. As Índias Orientais holandesas e a Indochina francesa constituíam uma tentação irresistível, sem falar das possessões britânicas — Cingapura, Bornéu Britânica, Birmânia e a própria Índia — como um eventual prêmio extra. O interesse do Japão em se expandir para o sul fazia com que se dispusesse agora a diminuir as velhas tensões nas relações com a União Soviética. Ao mesmo tempo, os japoneses estavam interessados em melhorar as relações com a Alemanha, azedadas desde o pacto germano-soviético, a fim de estar com rédea solta no Sudeste Asiático. Naquele momento, Hitler se opunha a uma aliança formal com o Japão. Mudou sua posição apenas no final do verão, persuadido de que a Grã-Bretanha não aceitaria sua "oferta" e preocupado

com uma possível entrada dos Estados Unidos na guerra (uma medida que parecia mais próxima desde a notícia do acordo sobre destróieres com a Grã-Bretanha). As negociações que se iniciaram no fim de agosto levaram à assinatura do Pacto Tripartite em 27 de setembro de 1940, pelo qual Alemanha, Itália e Japão concordavam em ajudar-se mutuamente, caso um dos signatários fosse atacado por uma potência externa não envolvida nos conflitos europeu e sino-japonês — ou seja, os Estados Unidos.

Raeder também soube aproveitar a indecisão de Hitler no final do verão e no outono de 1940. Em setembro, ele apresentou dois memorandos em que defendia fortemente uma estratégia direcionada a destruir a força britânica no Mediterrâneo e no Oriente Próximo. O Führer não desestimulou a proposta ambiciosa do comandante em chefe da Marinha — voltada diretamente contra a Grã-Bretanha — de tomar o controle (com ajuda espanhola) de Gibraltar e do canal de Suez, para depois avançar pela Palestina e a Síria até a fronteira turca. Com a Turquia "em nosso poder", nas palavras de Raeder, a ameaça da União Soviética diminuiria. Seria "questionável se então ainda seria necessário avançar contra os russos a partir do norte", concluía ele.

Hitler não apresentou objeções. Observou que, depois da conclusão da aliança com o Japão, queria conversar com Mussolini e talvez com Franco antes de decidir se era mais vantajoso trabalhar com a França ou com a Espanha.

O oportunista Franco havia pensado em entrar para o Eixo em meados de junho, contando com os despojos de uma guerra prestes a ser vencida (assim parecia). Ele queria Gibraltar, o Marrocos francês e Orã, a ex-província espanhola então parte da Argélia francesa. Na ocasião, havia todos os motivos para Hitler evitar levar adiante propostas que poderiam pôr em risco o armistício. Em setembro, um ato diplomático para garantir o apoio para a estratégia mediterrânea de França, Espanha e Itália parecia desejável e oportuno. Ribbentrop e Ramón Serrano Suñer, cunhado e emissário pessoal de Franco, que em breve seria o ministro das Relações Exteriores da Espanha, encontraram-se em Berlim em 16 de setembro. Mas tudo o que resultou disso foi uma oferta de Franco para se encontrar com Hitler na fronteira espanhola em outubro.

Antes disso, em 4 de outubro, Hitler reuniu-se com Mussolini na passagem de Brenner, nos Alpes tiroleses. Ribbentrop, que se sentia indisposto e se manteve

surpreendentemente quieto, e Ciano também estavam presentes. Hitler levantou a questão da intervenção espanhola e apresentou as exigências de Franco. Mussolini concordou com a postura a ser tomada em relação à Espanha e reafirmou as demandas italianas para que a França cedesse Nice, a Córsega, Túnis e Djibuti — reivindicações postas de fato na geladeira no armistício. Ciano concluiu da reunião que o proposto desembarque na Grã-Bretanha não ocorreria, que o objetivo era agora conquistar a França para a coalizão antibritânica, uma vez que a Grã-Bretanha estava se mostrando mais difícil de derrotar do que previsto, e que o setor mediterrâneo havia adquirido um significado maior, para vantagem da Itália.

A reunião havia sido cordial. Mas, oito dias depois, a paciência de Mussolini foi testada de novo quando ele soube, sem aviso prévio, que uma comissão militar alemã fora enviada a Bucareste e que os alemães estavam assumindo a defesa dos campos de petróleo romenos. A retaliação de Mussolini foi marcar a invasão da Grécia para o fim do mês, a fim de apresentar dessa vez um fato acabado a Hitler. O Führer havia advertido contra essa aventura em numerosas ocasiões.

Em 20 de outubro, Hitler, acompanhado por Ribbentrop, partiu em seu trem especial para o sul da França, onde seu primeiro compromisso era uma reunião, dois dias depois, com Pierre Laval, vice-presidente e ministro do Exterior do regime de Vichy. Foi um encontro encorajador. Laval, cheio de humildade melíflua, abriu a perspectiva de uma colaboração estreita com a Alemanha, esperando como recompensa para a França a manutenção de suas possessões africanas e a liberação de reparações de guerra pesadas — ambas à custa da Grã-Bretanha — assim que pudesse ser concluído um acordo de paz. Hitler não entrou em detalhes. Não deixando dúvidas de que algumas colônias africanas ficariam para a Alemanha após a guerra, ele se limitou em oferecer o incentivo de que a leveza dos termos de paz para a França dependeria de seu grau de cooperação, assim como da rapidez com que a derrota da Grã-Bretanha fosse alcançada.

O trem de Hitler seguiu para Hendaye, na fronteira espanhola, onde se daria a reunião com o caudilho no dia 23. Do seu ponto de vista, o encontro era puramente exploratório. No dia seguinte, como fora combinado com Laval, conversaria com Pétain na mesma linha. O repúdio, pelas forças de Vichy, do desembarque britânico-gaullista no porto francês de Dacar, um mês antes, e a tentativa de tomar a África Ocidental estimularam a já existente inclinação de

Hitler e Ribbentrop pela França em detrimento da Espanha, caso os respectivos interesses dos dois não pudessem ser conciliados. Hitler sabia que seus chefes militares se opunham às tentativas de trazer a Espanha para a guerra. Weizsäcker também havia aconselhado fortemente sobre não haver "valor prático" na entrada da Espanha no Eixo. Do ponto de vista de Franco, o objetivo não era manter seu país fora da guerra, mas lucrar ao máximo com sua entrada. Na realidade, Hitler não tinha nada ou quase nada a oferecer a Franco, que queria um grande negócio. Estavam delineados os contornos para a difícil reunião que se seguiria.

Ela aconteceu no salão do trem de Hitler. Franco — indivíduo baixo, gordo, pele morena, cuja voz monótona, disseram depois, lembrava a de um muezim — disse que a Espanha lutaria com prazer ao lado da Alemanha na guerra em curso, embora as dificuldades econômicas do país impedissem isso. Mas, para decepção dos ouvidos espanhóis, Hitler foi claro em seu discurso divagador ao refrear quaisquer esperanças que Franco pudesse ter de conseguir grandes ganhos territoriais a custo mínimo. Ficou ainda mais claro que ele tinha pouco de concreto a oferecer à Espanha. Propôs uma aliança, com a Espanha entrando na guerra em janeiro de 1941, que seria recompensada com Gibraltar. Mas estava evidente que nenhum dos territórios coloniais no norte da África, cobiçados por Franco, estava marcado para a Espanha no pensamento de Hitler. O ditador espanhol não disse nada durante um tempo. Depois apresentou sua lista de exigências exorbitantes de alimentos e armamentos. A certa altura, a irritação de Hitler foi tão grande que ele se ergueu e declarou que não fazia mais sentido continuar com aquilo. Mas se acalmou e foi adiante. No entanto, as conversações não produziram mais do que um acordo vazio que deixava para a Espanha decidir quando entraria para o Eixo, se é que o faria. Alguém ouviu Hitler murmurar ao sair da reunião: "Não há nada a fazer com esse sujeito". Alguns dias depois, em Florença, Hitler disse a Mussolini que "preferiria arrancar três ou quatro dentes a ter de aguentar outras nove horas" de discussão com Franco.

As discussões com Pétain e Laval, em Montoire, em 24 de outubro, não foram mais frutíferas. Hitler queria a cooperação da França na "comunidade" de países que ele estava em processo de organizar contra a Grã-Bretanha. O idoso líder da França de Vichy foi evasivo. Podia confirmar o princípio da colaboração francesa com a Alemanha, com que Laval havia concordado na reunião com Hitler dois dias

antes, mas não poderia entrar em detalhes e precisava consultar seu governo antes de fazer um acordo vinculante. Hitler não ofereceu nada de específico a Pétain. Em troca, não recebeu nenhuma garantia precisa de apoio ativo francês, nem na luta contra a Grã-Bretanha, nem nas medidas para recuperar o território perdido na África Equatorial Francesa para os "franceses livres" de Charles de Gaulle, aliados aos britânicos. O resultado da reunião foi, portanto, sem consequências.

Não surpreende que Hitler e Ribbentrop tenham voltado para a Alemanha com um sentimento de decepção com a hesitação dos franceses. Foi uma viagem lenta, durante a qual Hitler, desanimado e convencido de que seus instintos iniciais estavam corretos, disse a Keitel e Jodl que queria avançar contra a Rússia no verão de 1941.

Ao cruzar a fronteira alemã, ele recebeu uma notícia que não ajudou em nada a melhorar seu humor. Informaram-lhe que os italianos estavam prestes a invadir a Grécia. Ficou furioso com a estupidez de empreender uma ação militar durante as chuvas de outono e as nevadas de inverno nas montanhas dos Bálcãs.

Porém, durante a reunião dos dois ditadores e seus ministros do Exterior realizada em Florença, em 28 de outubro — em essência, um relato das negociações com Franco e Pétain —, Hitler conteve seus sentimentos sobre a aventura grega dos italianos e o encontro decorreu em harmonia. Falou da desconfiança mútua entre ele e Stálin. Porém, disse que Mólotov iria em breve a Berlim. Era sua intenção, acrescentou, desviar as energias russas para a Índia. Essa ideia notável era de Ribbentrop — parte de seu plano para estabelecer esferas de influência para Alemanha, Itália, Japão e Rússia (as potências formariam seu pretendido Bloco Europeu-Asiático para "estender-se do Japão à Espanha"). Foi uma ideia de vida muito curta.

No início de novembro, ao informar seus comandantes militares sobre as negociações com Franco e Pétain, Hitler referiu-se à Rússia como "todo o problema da Europa" e disse que "tudo deve ser feito para estarmos prontos para o grande confronto final". Mas a reunião com seus dirigentes militares mostrou que as decisões sobre a continuação da guerra, se deveria ser no leste ou no oeste, ainda estavam abertas. Para seu ajudante do Exército, major Engel, que compareceu à reunião, Hitler parecia "visivelmente deprimido" e transmitia a "impressão de que no momento não sabe como as coisas devem prosseguir". Com toda a

probabilidade, a visita de Mólotov o convenceu de que o único caminho que lhe sobrava era aquele que, desde o verão, ele preferia por motivos estratégicos e ao qual estava, de qualquer modo, ideologicamente inclinado: um ataque à União Soviética.

As relações com a Rússia já estavam se deteriorando seriamente quando Mólotov foi convidado a visitar Berlim. Os planos soviéticos em relação a partes da Romênia (que fora forçada no início do verão a ceder a Bessarábia e o norte da Bukovina) e à Finlândia (que era um satélite soviético após a derrota na guerra recente) haviam provocado envolvimento alemão direto nessas regiões. Ansioso quanto aos campos de petróleo de Plesti, Hitler concordara em setembro com o pedido do marechal Antonescu de enviar uma missão militar com várias divisões blindadas e unidades da Força Aérea à Romênia, sob o pretexto de reorganizar o Exército romeno. Os protestos russos, de que as garantias alemãs das fronteiras romenas violavam o pacto de 1939, foram desconsiderados. No fim de novembro, a Romênia entrou totalmente na órbita alemã quando participou do Pacto Tripartite. A postura alemã em relação à Finlândia se alterara no fim de julho, no momento em que se discutiu pela primeira vez um ataque à União Soviética. Fizeram-se entregas de armas e acordos que permitiam a passagem de tropas alemãs pela Noruega, de novo sob protestos soviéticos. Enquanto isso, o número de divisões alemãs na fronteira oriental vinha aumentando para contrabalançar o aumento das forças militares ao longo da fronteira meridional da União Soviética.

Sem se deixar abalar pelas crescentes dificuldades nas relações germano-soviéticas, Ribbentrop insistiu junto ao cético Hitler sobre as chances de montar o bloco continental antibritânico com a inclusão da União Soviética no Pacto Tripartite. Hitler sugeriu que estava disposto a ver no que daria essa ideia. Mas, exatamente no mesmo dia em que se iniciaram as conversas com Mólotov, ele distribuiu uma diretriz para que "todos os preparativos já ordenados oralmente para o leste sejam continuados".

O convite ao ministro russo fora enviado em 13 de outubro — antes das sondagens infrutíferas feitas junto a Franco e Pétain. Na manhã de 12 de novembro, Mólotov e sua comitiva chegaram a Berlim. Weizsäcker achou que o mal vestido russo parecia um figurante de filme de gângster. A foice e o martelo das bandeiras soviéticas que tremulavam ao lado das suásticas proporcionaram um espetáculo

extraordinário na capital do Reich. Mas a *Internacional* não foi tocada para evitar a possibilidade de que os berlinenses, ainda familiarizados com a letra, cantassem junto. As negociações no estúdio de Ribbentrop no antigo palácio presidencial do Reich, agora luxuosamente redesenhado, decorreram mal desde o início. O ministro russo, de olhos frios e alertas por trás de um pince-nez de arame, um sorriso gelado ocasional em seu rosto de jogador de xadrez, fez com que Paul Schmidt — presente para fazer um registro escrito das discussões — se lembrasse de seu antigo professor de matemática. Suas observações e questões agudas e precisas contrastavam totalmente com as declarações pomposas e sinuosas de Ribbentrop. Ele deixou passar sem comentários as afirmações iniciais do ministro alemão de que a Grã-Bretanha já estava derrotada. E pouco respondeu às fortes sugestões de que a União Soviética deveria dirigir seus interesses territoriais para o golfo Pérsico, no Oriente Médio, e para a Índia (claramente indicada, mas não mencionada pelo nome). Mas quando Hitler entrou na conversa, na sessão da tarde, e fez seu costumeiro discurso grandioso sobre interesses estratégicos, Mólotov desencadeou uma chuva de perguntas precisas sobre a Finlândia, os Bálcãs, o Pacto Tripartite e as esferas propostas de influência na Ásia que pegou o líder alemão desprevenido. Hitler ficou visivelmente desconcertado e pediu um conveniente recesso.

Mólotov não havia terminado. No dia seguinte, ele começou onde havia parado na tarde anterior. Não respondeu à sugestão de Hitler de olhar para o sul e para os despojos do Império britânico. Disse que estava mais interessado em questões de óbvia importância europeia. Pressionou Hitler quanto aos interesses alemães na Finlândia, que via como uma violação do pacto de 1939, e quanto à garantia de fronteira dada à Romênia e à missão militar enviada para lá. Mólotov perguntou como a Alemanha reagiria se a União Soviética agisse da mesma forma em relação à Bulgária. Hitler só conseguiu dizer, sem convencer, que teria de consultar Mussolini. Mólotov apontou o interesse soviético na Turquia, oferecendo segurança nos Dardanelos e uma saída para o Egeu.

Para simbolizar o fiasco das negociações de dois dias, o banquete de encerramento na embaixada soviética acabou em confusão, sob o som das sirenes de ataque aéreo. Em seu bunker privado, Ribbentrop — demonstrando mais uma vez seu instinto certeiro para a inabilidade — tirou do bolso um esboço de acordo e fez uma última tentativa vã de persuadir Mólotov a concordar com uma divisão de

uma grande proporção do globo entre quatro potências. Mólotov reafirmou friamente o interesse soviético nos Bálcãs e no Báltico, não no oceano Índico. A questão que interessava a União Soviética, continuou ele, de forma um pouco mais expansiva do que nas negociações, não eram apenas a Turquia e a Bulgária e o destino da Romênia e da Hungria, mas também a intenção do Eixo na Iugoslávia, na Grécia e na Polônia. O governo soviético também queria saber qual era a posição alemã em relação à neutralidade sueca. E havia ainda a questão das saídas para o Báltico. Mais tarde, no fim de novembro, Mólotov disse a Graf von der Schulenburg, embaixador alemão em Moscou, que os termos soviéticos para concordar com um pacto das quatro potências incluíam a retirada de tropas alemãs da Finlândia, o reconhecimento da Bulgária como esfera de influência soviética, a concessão de bases na Turquia, a aceitação da expansão soviética para o golfo Pérsico e a cessão do sul da ilha de Sakhalin pelo Japão.

Mólotov apresentou essa lista em 26 de novembro. Hitler não precisou esperar tanto. Conforme havia dito ao major Engel antes da visita do ministro soviético, ele considerava as conversações em Berlim um teste para ver se Alemanha e União Soviética ficariam "costas com costas ou peito com peito". O resultado do "teste" estava claro aos olhos de Hitler. Os dois dias de negociações com Mólotov foram suficientes para mostrar que os irreconciliáveis interesses territoriais dos dois países significavam choques inevitáveis no futuro próximo. Hitler disse a Engel que de qualquer modo não havia esperado nada da visita de Mólotov. "As conversas mostraram para onde vão os planos russos. M[ólotov] deu com a língua nos dentes. Ele (F[ührer]) ficou realmente aliviado. Não continuaria a ser nem um casamento de conveniência. Deixar os russos entrarem na Europa significaria o fim da Europa Central. Os Bálcãs e a Finlândia também eram flancos perigosos."

A convicção de Hitler, reforçada desde o verão, estava confirmada: o ataque à União Soviética tinha de ocorrer em 1941. Em algum momento do outono, provavelmente após a visita de Mólotov, ele mandou seus ajudantes procurarem no leste um local adequado para um quartel-general de campo. Eles recomendaram um lugar na Prússia Oriental, perto de Rastenburg, e ele deu ordens a Todt para começar a construção e ter a instalação pronta até abril. Em 3 de dezembro, congratulou o marechal de campo Fedor von Bock por seu sexagésimo aniversário e lhe disse que a "questão oriental está ficando aguda". Falou do rumor sobre

vínculos entre a Rússia e os Estados Unidos e entre a Rússia e a Inglaterra. Esperar pelos acontecimentos era perigoso. Mas, se os russos fossem eliminados da equação, as esperanças britânicas de derrotar a Alemanha no continente desapareceriam, e a liberação japonesa das preocupações com um ataque soviético pela retaguarda significava que uma intervenção americana se tornaria mais difícil.

Dois dias depois, em 2 de dezembro, ele revisou os objetivos do ataque planejado à União Soviética com Brauchitsch e Halder. Declarou que as ambições soviéticas nos Bálcãs eram uma fonte de problemas potenciais para o Eixo. "A decisão referente à hegemonia na Europa virá na batalha contra a Rússia", acrescentou. "O russo é inferior. O Exército carece de liderança." A vantagem alemã em termos de liderança, materiais e tropas estaria em seu ponto máximo na primavera. "Quando o Exército russo for batido uma vez, o desastre final será inevitável", continuou, em sua crassa subestimação das forças soviéticas. O objetivo da campanha era "o esmagamento do pessoal russo". Os ataques fundamentais seriam nos flancos norte e sul. Moscou, segundo ele, não tinha "grande importância". Os preparativos para a campanha deveriam avançar a pleno vapor. A operação deveria acontecer no fim de maio. Halder relatou as ideias de Hitler numa reunião de comandantes militares realizada em 13 de dezembro. Contou que a campanha implicaria o envio de 130-140 divisões contra a União Soviética na primavera de 1941. Não há indícios de que Brauchitsch, Halder ou seus comandantes subordinados tenham levantado objeções à análise de Hitler. Em 17 de dezembro, ele resumiu sua estratégia para Jodl ao enfatizar que "devemos resolver todos os problemas europeus continentais em 1941, uma vez que os Estados Unidos estariam em posição de intervir a partir de 1942".

No dia seguinte, 18 de dezembro de 1940, sua diretriz de guerra no 21 começava com estas palavras: "A Wehrmacht alemã deve estar preparada, também antes do fim da guerra contra a Inglaterra, *para esmagar a Rússia soviética numa campanha rápida*".

A operação recebera do Estado-Maior o codinome "Otto". O staff operacional da Wehrmacht referia-se a ela como "Fritz" e o rascunho da Diretriz no 21 entregue a Jodl no dia 12 de dezembro trazia esse nome. Quando Jodl apresentou-a cinco dias depois, Hitler mudou o codinome para o mais imperioso "Barbarossa", numa alusão ao poderoso imperador do século XII, senhor do primeiro Reich germânico,

que dominara a Europa Central e liderara uma cruzada contra os infiéis. Hitler estava agora pronto para planejar sua cruzada contra o bolchevismo.

Em 8-9 de janeiro de 1941, Hitler realizou discussões no Berghof com seus comandantes militares. Sobre as razões da decisão de atacar a União Soviética, ele reiterou os argumentos que vinha apresentando desde o verão anterior. Em parte, o argumento se baseava numa leitura das intenções soviéticas, fortalecida desde a visita de Mólotov. Stálin era astuto, disse Hitler, e exploraria cada vez mais as dificuldades da Alemanha. Mas o ponto crucial de sua argumentação era, como sempre, a necessidade de retirar o que considerava um suporte vital dos interesses britânicos. "A possibilidade de uma intervenção russa na guerra está sustentando os ingleses", continuou. "Eles só desistirão da luta se essa última esperança continental for demolida." Não achava que os ingleses fossem loucos.

> Se eles não virem mais nenhuma chance futura de ganhar a guerra, deixarão de lutar, uma vez que perder a guerra significa que não terão mais poder para manter unido o Império. Se eles conseguirem se segurar, reunir quarenta ou cinquenta divisões e os Estados Unidos e a Rússia os ajudarem, então surgiria uma situação muito difícil para a Alemanha. Isso não deve acontecer [...]. A Rússia deve ser esmagada agora. Ou os ingleses desistem, ou a Alemanha continuará a lutar contra eles em circunstâncias mais favoráveis.

"O esmagamento da Rússia", acrescentou, "também permitiria que o Japão voltasse todo seu poderio contra os Estados Unidos", prejudicando a intervenção americana. Ele indicou outras vantagens para a Alemanha. O Exército no leste poderia ter seu tamanho substancialmente reduzido, permitindo uma maior utilização da indústria de armamentos para a Marinha e a Luftwaffe. E concluiu:

> A Alemanha seria então inexpugnável. O território gigantesco da Rússia contém riquezas imensuráveis. A Alemanha tem de dominá-lo econômica e politicamente, embora sem anexá-lo. Ela teria então em suas mãos todas as possibilidades de travar a luta contra continentes no futuro. Então, não poderá ser derrotada por ninguém. Se a operação for levada a cabo, a Europa prenderá a respiração.

Se tinham alguma objeção a esse discurso, os generais que o escutaram não a manifestaram.

Durante 1940, as obsessões gêmeas de Hitler — "remover os judeus" e o *Lebensraum* — haviam gradualmente entrado em foco agudo. Agora, na primeira metade de 1941, os preparativos práticos para o confronto final que ele sempre quisera podiam ser feitos. Nesses meses, as obsessões gêmeas se fundiriam uma na

outra. Os passos decisivos para a guerra genocida estavam prestes a ser dados.

19. O projeto de uma “guerra de aniquilação”

I

Entre janeiro e março de 1941, os planos operacionais para a “Barbarossa” foram elaborados e aprovados por Hitler. Embora aparentasse confiança, interiormente ele tinha menos certeza. No mesmo dia em que a diretriz para o ataque à União Soviética foi enviada aos comandantes em chefe da Wehrmacht, 18 de dezembro de 1940, o major Engel disse a Brauchitsch (que ainda não tinha certeza se Hitler estava blefando ao falar de invadir a União Soviética) que o Führer estava inseguro a respeito do andamento das coisas. Não confiava em seus comandantes militares, não tinha certeza em relação ao poderio dos russos e estava decepcionado com a intransigência dos britânicos. A falta de confiança no planejamento operacional dos dirigentes das Forças Armadas não foi totalmente mitigada nos primeiros meses de 1941. Sua intervenção no estágio de planejamento provocou atritos com Halder e levou, em meados de março, a mudanças de alguma relevância nos detalhes das diretrizes para a invasão.

Já no início de fevereiro, Hitler ficou sabendo das dúvidas — no mínimo, um estado de ânimo menos do que entusiástico — de alguns comandantes do Exército em relação às perspectivas de sucesso da campanha vindoura. O general Thomas apresentara ao Alto-Comando do Exército uma visão geral devastadora das deficiências em suprimentos. Halder havia anotado em seu diário, no dia 28 de janeiro, o essencial de sua discussão com Brauchitsch naquela tarde sobre a “Barbarossa”:

> O “objetivo” não está claro. Não atingimos os britânicos dessa maneira. Nosso potencial econômico não melhorará substancialmente. O risco no ocidente não deve ser subestimado. É possível que a Itália entre em colapso após a perda de suas colônias e ficamos com uma frente de batalha meridional na Espanha, Itália e Grécia. Se estivermos então amarrados na Rússia, uma situação ruim se tornará pior.

Os receios foram expressos por três comandantes de grupo do Exército, os marechais de campo Von Leeb, Von Bock e Von Rundstedt, quando almoçaram com Brauchitsch e Halder em 31 de janeiro. Brauchitsch, como de costume, relutava em mostrar preocupação para Hitler. Mas Bock tentou fazê-lo em 1o de fevereiro. Ele achava que o Exército alemão poderia derrotar os russos “se eles não arredarem pé e lutarem”. Mas duvidava que fosse possível forçá-los a aceitar os termos de um acordo de paz. Hitler não deu atenção. A perda de Leningrado, de Moscou e da Ucrânia obrigaria os russos a desistir da luta. Senão, os alemães avançariam para além de Moscou, até Ekaterinburg. A produção de guerra, continuou Hitler, era igual a quaisquer demandas. Havia abundância de material. A economia vicejava. As Forças Armadas tinham mais mão de obra do que no início da guerra. Bock não achou que valesse a pena sugerir que ainda era possível recuar do conflito. “Eu lutarei”, declarou Hitler. “Estou convencido de que nosso ataque vai cair sobre eles como uma chuva de pedra.”

Halder evitou comprometer-se numa conferência com Hitler realizada em 3 de fevereiro. Falou das dificuldades de suprimento, mas apontou para métodos pelos quais elas poderiam ser superadas e minimizou os riscos que havia enfatizado dias antes. Os dirigentes militares aceitaram a prioridade que Hitler dava à captura de Leningrado e da costa do Báltico em relação à Moscou. Mas esqueceram de calcular em detalhes suficientes as consequências dessa estratégia. Hitler foi informado da superioridade numérica dos soldados e dos tanques russos. Mas não acreditava na qualidade deles. Tudo dependia de vitórias rápidas nos primeiros dias e da conquista do Báltico e do flanco sul até Rostov. Moscou, como havia enfatizado várias vezes, podia esperar. De acordo com Below, Brauchitsch e Halder “aceitaram as diretivas de Hitler de travar a guerra contra a Rússia sem uma única palavra de objeção ou oposição”.

Nos dias seguintes à reunião, o general Thomas apresentou outros prognósticos sombrios da situação econômica. Havia combustível para os veículos somente para dois meses, para a aviação até o outono, produção de borracha até o fim de março.

Thomas pediu a Keitel que passasse seu relatório a Hitler. Keitel lhe disse que o Führer não se permitiria ser influenciado por dificuldades econômicas. É provável que o relatório nunca tenha chegado a ele. De qualquer modo, se Thomas estava tentando deter Hitler por meio da apresentação de realidades econômicas calamitosas, seu método certamente iria sair pela culatra. Outro relatório demonstrava que, se conseguissem vitórias rápidas e tomassem os campos de petróleo do Cáucaso, a Alemanha poderia ganhar 75% dos materiais que alimentavam a indústria bélica soviética. Esse prognóstico só poderia servir de estímulo para Hitler e outros líderes nazistas.

Hitler continuava preocupado com vários aspectos do planejamento do Alto-Comando do Exército. Achava que o comando militar estava subestimando os perigos de ataques soviéticos aos flancos alemães a partir dos pântanos de Pripiat e pediu, em fevereiro, um estudo detalhado para que pudesse tirar suas próprias conclusões. Em meados de março, contradisse as conclusões do Estado-Maior e afirmou — corretamente, como os eventos viriam a demonstrar — que o pântano de Pripiat não constituía empecilho para o movimento do Exército. Achava também que o plano existente deixaria as forças alemãs muito espalhadas e dependentes demais do que ele considerava a força duvidosa das divisões romenas, húngaras e eslovacas — esta última desconsiderada simplesmente porque se tratava de eslavos — na frente meridional. Ordenou, portanto, a alteração do avanço em duas pontas do Grupo do Exército Sul para uma única investida em direção a Kiev e ao longo do Dnieper. Por fim, repetiu que o objetivo crucial tinha de ser garantir Leningrado e o Báltico, não avançar até Moscou, que, na reunião com os comandantes militares de 17 de março, declarou ser "completamente irrelevante". Nessa conferência, as alterações do plano original foram aceitas por Brauchitsch e Halder sem objeções. Com isso, a base militar para a invasão estava finalizada em todos os seus aspectos essenciais.

No entanto, enquanto os preparativos para a grande ofensiva tomavam forma, Hitler estava preocupado com a situação perigosa que a mal pensada invasão da Grécia por Mussolini em outubro de 1940 criara nos Bálcãs e com remediar as consequências da incompetência militar italiana no norte da África.

No total, no calamitoso mês de janeiro, 130 mil italianos foram capturados na Líbia pelos britânicos. Era preciso encarar a possibilidade de uma derrota completa

dos italianos no norte da África. Em 6 de fevereiro, ele deu instruções ao general que escolhera para deter o avanço britânico e assegurar a Tripolitânia para o Eixo. Tratava-se de Erwin Rommel, que, com uma combinação de brilhantismo tático e blefe, conseguiria, na segunda metade de 1941 e na maior parte de 1942, virar o jogo e manter os britânicos distantes do norte da África.

Porém, as esperanças de Hitler de um ganho estratégico vital no Mediterrâneo com a aquisição de Gibraltar, afetando fortemente a situação no norte da África, seriam novamente frustradas pela obstinação do general Franco. Já no fim de janeiro, Jodl lhe informara que a Operação Félix — o planejado ataque a Gibraltar — teria de ser engavetada, pois não poderia ser realizada antes de meados de abril. As tropas e armas eram necessárias para a "Barbarossa", naquele momento planejada para um possível início um mês depois. Hitler ainda esperava que Mussolini, em sua reunião de 12 de fevereiro com Franco, pudesse persuadir o caudilho espanhol a entrar na guerra. No dia anterior à reunião, ele mandou uma carta pessoal a Franco, exortando-o a unir forças com as potências do Eixo e reconhecer "que nesses tempos difíceis, mais do que uma previsão prudente, é um coração ousado que pode resgatar as nações". Franco não ficou impressionado. Repetiu as reivindicações espanholas sobre o Marrocos e Gibraltar. Além disso, como preço pela entrada da Espanha na guerra em alguma data indeterminada, apresentou exigências tão extorsivas de suprimentos de grãos — dizendo que as 100 mil toneladas já prometidas pelos alemães eram suficientes apenas para vinte dias — que não havia possibilidade de serem satisfeitas. A Espanha, tal como antes, tinha de ser deixada de fora da equação.

II

Hitler confirmou as “condições horríveis” na Espanha que Goebbels lhe relatou no dia seguinte ao seu grande discurso no Sportpalast, em 30 de janeiro de 1941, para marcar o oitavo aniversário de sua designação para a Chancelaria do Reich. O ministro da Propaganda encontrou Hitler animado, confiante de que a Alemanha mantinha a iniciativa estratégica, convencido da vitória, revitalizado como sempre pelo entusiasmo arrebatado — que funcionava como uma droga para ele — da enorme multidão de admiradores ruidosos que lotava o Palácio dos Esportes. “Raramente o tenho visto assim em tempos recentes”, observou Goebbels. “O Führer sempre me impressiona de novo”, acrescentou. “Ele é um verdadeiro Líder, um doador de força inexaurível.”

Em seu discurso, Hitler se concentrou quase exclusivamente em atacar a Grã-Bretanha. Não dedicou uma única sílaba à Rússia. Mas pela primeira vez desde o início da guerra, reiterou sua ameaça “de que, se o resto do mundo vier a ser mergulhado numa guerra generalizada pela judiaria, toda a judiaria terá esgotado seu papel na Europa!”. “Eles ainda podem rir hoje sobre isso”, acrescentou ameaçador, “como costumavam rir de minhas profecias. Os meses e anos vindouros provarão que nesse aspecto também vi as coisas corretamente.” Hitler fizera essa ameaça, em tom similar, no discurso perante o Reichstag de 30 de janeiro de 1939. Ao repeti-la agora, afirmava lembrar de ter feito sua “profecia” no discurso pronunciado no Reichstag no início da guerra. Mas, na verdade, ele não havia mencionado os judeus no discurso de 1o de setembro, dia da invasão da Polônia. Ele cometeria o mesmo erro de datação em várias outras ocasiões nos dois anos seguintes. Era uma indicação — subconsciente ou, com maior probabilidade, intencional — de que ele associava diretamente a guerra à destruição dos judeus.

Por que ele repetiu a ameaça naquela conjuntura? Não havia necessidade contextual para isso. Referira-se antes em seu discurso a “uma certa panelinha capitalista judaico-internacional”; afora isso, não tocara no tema antissemita. Mas, nas poucas semanas imediatamente anteriores ao discurso, o destino dos judeus ocupara seus pensamentos, tendo encarregado Heydrich de desenvolver um plano novo, em substituição ao defunto projeto Madagascar, para deportar os judeus da esfera alemã de dominação. Talvez tivesse guardado sua “profecia” nos recessos de

sua mente desde que a fizera originalmente. Talvez um de seus subordinados o tenha lembrado dela. Mas o mais provável é que tenha sido a inclusão do trecho de seu discurso no filme de propaganda *Der ewige Jude* [O eterno judeu], que fora lançado em novembro de 1940, que avivou a lembrança de seu antigo comentário. Independente disso, a repetição da "profecia" naquele momento era um mau augúrio. Embora não tivesse certeza de *como* exatamente a guerra provocaria a destruição dos judeus europeus, estava certo de que esse seria o resultado. E isso acontecia a poucos meses do início da guerra contra o arqui-inimigo "judaico-bolchevismo". A ideia de que a guerra destruiria os judeus para sempre começava a tomar forma concreta na mente de Hitler.

De acordo com o relato de seu ajudante para o Exército Gerhard Engel — relembranças do pós-guerra, baseadas parcialmente em notas perdidas de um diário —, Hitler discutiu a "questão judaica" pouco depois de seu discurso, em 2 de fevereiro, com um grupo de seu círculo mais próximo. Keitel, Bormann, Ley, Speer e Walther Hewel, o braço direito de Ribbentrop, estavam presentes. Ley levantou o tema dos judeus. Foi o suficiente para Hitler expor em detalhes seus pensamentos. Ele imaginava que a guerra aceleraria uma solução, mas também criaria dificuldades adicionais. Originalmente, estivera ao seu alcance "acabar com o poder judeu no máximo na Alemanha". Em um momento, ele havia pensado em deportar, com a ajuda dos ingleses, o meio milhão de judeus alemães para a Palestina ou o Egito. Mas essa ideia fora bloqueada por objeções diplomáticas. Agora, o objetivo tinha de ser "excluir a influência judaica em toda a área de poder do Eixo". Em alguns países, como a Polônia e a Eslováquia, os próprios alemães poderiam executar isso. Na França ficara mais difícil depois do armistício, e era especialmente importante lá. Ele falou em abordar os franceses e exigir a ilha de Madagascar para o reassentamento dos judeus. Quando um incrédulo Bormann — ciente, sem dúvida, de que o Plano Madagascar fora engavetado havia muito tempo pelo Ministério do Exterior e, o que era mais importante, pelo Gabinete de Segurança do Reich — perguntou como isso poderia ser feito durante a guerra, Hitler respondeu vagamente que gostaria de disponibilizar para a tarefa toda a frota "Força pela Alegria" (navios que pertenciam ao programa de lazer da Frente Trabalhista Alemã), mas temia expô-la aos submarinos inimigos. Então, de forma um tanto contraditória, acrescentou: "Ele agora estava pensando em outra coisa,

não exatamente mais amistosa".

Esse comentário enigmático era uma indicação de que a derrota da União Soviética, prevista para ocorrer dentro de poucos meses, abriria a perspectiva de uma deportação em massa dos judeus para as terras recém-conquistadas no leste — e de trabalho forçado sob condições brutais nos pântanos de Pripiat (que se estendiam na direção da Rússia Branca, no que eram anteriormente partes orientais da Polônia) e nos desertos gelados do Ártico, no norte da União Soviética. Essas ideias foram veiculadas pela primeira vez nessa época por Himmler, Heydrich e Eichmann. Eles não hesitariam em apresentá-las a Hitler. Elas iam agora muito além do que havia sido contemplado no Plano Madagascar, já bastante desumano. Num clima inóspito como o de agora, o destino dos judeus estaria selado. Em um ano, a maioria morreria de fome, congelaria ou trabalharia até morrer. A ideia de uma solução territorial abrangente para o "problema judeu" tornava-se agora, efetivamente, sinônimo de genocídio.

Hitler estava sob pressão contínua dos líderes nazistas para deportar os judeus de seus territórios e o Governo Geral, agora como antes, era visto como o "campo de despejo" preferido. Entre os mais persistentes estava o *Gauleiter* de Viena e ex-líder da Juventude Hitlerista, Baldur von Schirach, que vinha insistindo muito desde o verão anterior, para aliviar os problemas crônicos de moradia da capital austríaca, em "evacuar" os 60 mil judeus da cidade para o Governo Geral. Hitler havia finalmente concordado com isso em dezembro de 1940. Os planos estavam prontos no início de fevereiro de 1941. Tendo acabado de chegar de sua visita à Áustria em março, no terceiro aniversário da *Anschluß*, Hitler discutiu com Hans Frank e Goebbels a remoção iminente dos judeus de Viena. Goebbels, ansioso por se ver livre dos judeus de Berlim, aplacou-se com a indicação de que a capital do Reich seria a próxima. "Mais tarde, eles devem sair em algum momento de toda a Europa", acrescentou o ministro da Propaganda.

Apesar dos problemas que haviam surgido em 1940 em relação à transferência de judeus e poloneses para o Governo Geral, Heydrich (em parte sob pressão da Wehrmacht, que precisava de terras para exercícios da tropa) havia aprovado, em janeiro de 1941, um novo plano para expulsar 771 mil poloneses e os 60 mil judeus de Viena (cedendo às exigências de deportação de Schirach, apoiadas por Hitler) para o domínio de Hans Frank, a fim de abrir espaço para o assentamento de

alemães étnicos. Uma força propulsora importante por trás da urgência desse ambicioso programa de reassentamento era a necessidade de acomodar (e incorporar na força de trabalho) os alemães étnicos que haviam sido trazidos para a Polônia da Lituânia, Bessarábia, Bukovina e outros lugares da Europa Oriental e, desde então, abrigados miseravelmente em campos de trânsito. Os subordinados de Frank ficaram consternados ao ter de lidar com um influxo novo e maciço de "indesejáveis". No caso, porém, as inevitáveis complicações logísticas do novo plano logo mostraram que se tratava de um grandioso exercício de loucura desumana. Em meados de março, o programa teve de parar. Somente cerca de 25 mil pessoas haviam sido deportadas para o Governo Geral. E somente cerca de 5 mil judeus, principalmente idosos, haviam sido removidos de Viena. Ainda não havia perspectiva, nos limites do território sob controle alemão, de realizar o programa abrangente de reassentamento pelo qual Himmler batalhava ou, dentro desse programa, resolver o que parecia se tornar um problema cada vez mais intratável: remover os judeus.

A partir de comentários do colega de Eichmann, Theodor Dannecker, e depois do próprio Eichmann, foi por volta da virada do ano de 1940 para 1941 que Heydrich obteve a aprovação de Hitler para sua proposta de "evacuação final" dos judeus alemães para um "território ainda a ser determinado". Em 21 de janeiro, Dannecker anotou: "De acordo com a vontade do Führer, a "questão judaica", na parte da Europa governada ou controlada pela Alemanha, será submetida a uma solução final após a guerra". Com essa finalidade, Heydrich havia obtido de Hitler, via Himmler e Göring, a "comissão para formular um projeto de solução final". Naquele momento, isso ainda era imaginado como uma solução territorial — uma substituição do abortado Plano Madagascar. Eichmann tinha em mente cerca de 5,8 milhões de pessoas.

Dois meses depois, Eichmann disse a representantes do Ministério da Propaganda que Heydrich "fora encarregado da evacuação final dos judeus" e havia apresentado uma proposta para isso cerca de oito a dez semanas antes. A proposta, no entanto, não fora aceita "porque o Governo Geral não estava em posição, naquele momento, de absorver um único judeu ou polonês". Em 17 de março, quando Hans Frank visitou Berlim para falar em particular com Hitler sobre o Governo Geral — presumivelmente para apresentar as dificuldades que estava

encontrando com o novo plano de deportação de Heydrich —, ele foi tranquilizado ao saber que o Governo Geral seria o primeiro território a ficar livre de judeus, o que equivalia a uma inversão da política anterior. Mas, apenas três dias depois de sua reunião, Eichmann ainda falava de Heydrich como comandante da "evacuação final dos judeus" *para* o Governo Geral. Evidentemente (pelo menos, esse era o raciocínio ao qual Eichmann se apegava), Heydrich ainda estava de olho no Governo Geral como base *temporária* para uma solução territorial. Frank recusava-se a contemplar isso. E Hitler abrira-lhe agora a perspectiva de seu território ser o primeiro a ficar livre de judeus. Talvez isso tenha sido dito simplesmente para aplacar Frank. Mas, à luz das ideias que já tomavam forma para uma nova solução territorial abrangente nas terras que em breve (presumia-se) seriam conquistadas à União Soviética, isso era, quase com certeza, mais uma indicação de que Hitler imaginava agora uma nova opção de solução radical para o "problema judeu" depois que a guerra terminasse, com uma deportação em massa para o leste.

Heydrich e seu chefe Himmler estavam ansiosos para aproveitar a oportunidade de expandir sua base de poder em escala grandiosa, explorando o novo potencial prestes a se abrir no leste. Himmler não perdera tempo em se familiarizar com o pensamento de Hitler e, sem dúvida, aproveitar a chance para apresentar suas sugestões. Em 18 de dezembro, na mesma noite da assinatura da diretriz militar para a Operação Barbarossa, ele fora à Chancelaria encontrar-se com Hitler. Não temos um registro do que foi discutido na ocasião. Mas não é difícil imaginar que Himmler levantou a questão das novas tarefas para a SS que seriam necessárias no confronto vindouro com o "judaico-bolchevismo". Naquele momento, não era mais do que uma questão de obter de Hitler ampla autoridade para planos que ainda deveriam ser elaborados.

Himmler e Heydrich ficariam ocupados, nas semanas seguintes, em lotear seu novo império. Em janeiro, Himmler informou a um seleto grupo de líderes da SS que haveria uma redução de cerca de 30 milhões na população eslava do Leste. O Gabinete de Segurança do Reich encomendou, no mesmo mês, preparativos para uma ampla ação policial. No início de fevereiro, Heydrich já havia realizado negociações preliminares com Brauchitsch sobre o uso de unidades da Polícia de Segurança junto com o Exército para "tarefas especiais". Não se previam grandes dificuldades.

III

O que essas "tarefas especiais" poderiam implicar tornou-se cada vez mais claro durante fevereiro e março para um círculo mais amplo daqueles iniciados no planejamento da "Barbarossa". Em 26 de fevereiro, o general Georg Thomas, o especialista em economia da Wehrmacht, soube por Göring que um objetivo inicial da ocupação da União Soviética era "acabar rapidamente com os líderes bolcheviques". Uma semana depois, em 3 de março, os comentários de Jodl sobre o esboço das diretrizes operacionais para a "Barbarossa" que haviam sido enviadas para ele deixam isso explícito: "todos os líderes ou comissários bolcheviques devem ser liquidados imediatamente". Jodl alterara um pouco o rascunho antes de mostrá-lo a Hitler. Ele agora resumia as diretrizes do Führer para a "versão final". Elas deixavam claro que

> a campanha vindoura é mais do que um simples conflito armado; ela levará também a um confronto final entre duas ideologias diferentes. [...] O ideal socialista não pode mais ser varrido da Rússia hoje. Do ponto de vista interno, a formação de novos Estados e governos deve basear-se inevitavelmente nesse princípio. A intelligentsia judaico-bolchevique, como "opressora" do povo até agora, deve ser eliminada.

E prosseguia dizendo que a tarefa envolvida era "tão difícil que não pode ser confiada ao Exército". Jodl fez o esboço ser datilografado de novo, com espaço duplo, para permitir que Hitler fizesse mais alterações. Quando a nova versão foi finalmente assinada por Keitel, em 13 de março, ela especificava que "o *Reichsführer-SS* ganhou do Führer certas tarefas especiais na zona de operação do Exército", embora agora não houvesse menção direta à liquidação da "intelligentsia bolchevique-judaica" ou dos "líderes e comissários bolcheviques".

Ainda assim, os soldados deveriam ser diretamente instruídos sobre a necessidade de tratar de forma impiedosa os comissários políticos e judeus que encontrassem. Quando Heydrich esteve com Göring, em 26 de março, para tratar de questões relacionadas às atividades da polícia na campanha oriental, foi-lhe dito que o Exército deveria ter um conjunto de três a quatro páginas de diretrizes "sobre o perigo da OGPU, dos comissários políticos, judeus etc., de forma que pudessem saber, na prática, quem eles deveriam pôr contra a parede". Göring enfatizou que os poderes da Wehrmacht seriam limitados no leste e que Himmler teria uma

grande autoridade independente. Heydrich apresentou o esboço de suas propostas para a "solução da questão judaica", que o marechal do Reich aprovou com pequenas emendas. Essas propostas previam evidentemente a solução territorial — que fora concebida por volta da virada do ano e que já estava aprovada por Himmler e Hitler — de deportar todos os judeus europeus para os desertos da União Soviética, onde pereceriam.

Nos primeiros três meses de 1941, os objetivos ideológicos do ataque à União Soviética ganharam forte relevo e foram, em grande medida, esclarecidos. No contexto do iminente confronto, a barbárie adotava agora formas e dimensões jamais encontradas antes, mesmo no campo de treinamento experimental da Polônia ocupada.

Os comandantes militares foram cúmplices no fatídico avanço para a política de assassinato na União Soviética. Em 17 de março, Halder anotou comentários feitos naquele dia por Hitler: "A intelligentsia posta no poder por Stálin deve ser exterminada. A máquina controladora do império russo deve ser esmagada. Na Grande Rússia, a força deve ser usada na sua forma mais brutal". Nessa ocasião, ele não disse nada sobre uma política mais ampla de "limpeza étnica". Mas a direção do Exército havia, dois anos antes, aceitado a política de aniquilação da classe dominante polonesa. Tendo em vista a profundidade de seu antibolchevismo, ela não teria dificuldades em aceitar a necessidade de liquidar a intelligentsia bolchevique. Em 26 de março, uma ordem secreta do Exército estabelecia, ainda que em termos brandos, a base do acordo com a Polícia de Segurança que autorizava "medidas executivas que afetam a população civil". No dia seguinte, o comandante em chefe do Exército, marechal de campo Von Brauchitsch, anunciou aos seus comandantes do Exército oriental: "As tropas devem ter clareza que a luta será realizada de disputa em disputa e avançará com a necessária severidade".

O Exército, portanto, já apoiava em grande medida o alvo estratégico e o objetivo ideológico de arrasar impiedosamente a base "judaico-bolchevique" do regime soviético quando, em 30 de março, num discurso na Chancelaria do Reich para mais de duzentos oficiais graduados, Hitler apresentou com clareza inconfundível suas opiniões sobre a guerra iminente contra o arqui-inimigo e sobre o que esperava de sua Força Armada. Não era um momento para falar de estratégia e táticas. Era para delinear aos generais em quem ele ainda tinha um pouco de

confiança a natureza do conflito em que estavam entrando. De acordo com as anotações de Halder, ele foi direto:

> Choque de duas ideologias. Denúncia esmagadora do bolchevismo, identificado com a criminalidade social. O comunismo é um perigo enorme para nosso futuro. Devemos esquecer o conceito de camaradagem entre soldados. Um comunista não é nenhum camarada antes ou depois da batalha. Esta é uma guerra de aniquilação. Se não compreendermos isso, poderemos ainda assim bater o inimigo, mas trinta anos depois teremos de lutar de novo contra o inimigo comunista. Não travamos uma guerra para preservar o inimigo.

Além disso, ele estipulou a "exterminação dos comissários bolchevistas e da intelligentsia comunista". "Devemos lutar contra o veneno da desintegração", continuou. "Isso não é trabalho para tribunais militares. Cada comandante de tropa deve conhecer as questões que estão em jogo. Eles devem ser os líderes nessa luta. [...] Comissários e homens da GPU são criminosos e devem ser tratados como tais". A guerra seria muito diferente daquela no ocidente. "No leste, o rigor hoje significa leniência no futuro." Os comandantes tinham de superar escrúpulos pessoais.

O general Warlimont, que estava presente, relembrou que "nenhum dos presentes aproveitou a oportunidade até mesmo para mencionar as exigências feitas por Hitler durante a manhã". Ao servir de testemunha num julgamento realizado dezesseis anos após o fim da guerra, Warlimont, no intuito de explicar o silêncio dos generais, declarou que alguns haviam sido persuadidos por Hitler de que os comissários soviéticos não eram soldados, mas "vilões criminosos". Outros — entre os quais se incluía — haviam seguido a visão tradicional dos oficiais de que, na qualidade de chefe de Estado e comandante supremo da Wehrmacht, Hitler "não podia fazer nada ilegal".

No dia seguinte ao discurso para os generais, 31 de março de 1941, foi dada a ordem para preparar, de acordo com a conduta para a campanha vindoura que ele havia delineado, normas para o "tratamento dos representantes políticos". Não está claro exatamente como essa ordem foi dada, nem por quem. Halder, quando questionado depois da guerra, presumiu que vinha de Keitel:

> Quando alguém viu como, dezenas de vezes, a observação mais casual de Hitler levava o extremamente zeloso marechal de campo correr ao telefone para causar um pandemônio, é fácil imaginar como uma observação aleatória do ditador preocuparia Keitel e o faria acreditar que era seu dever, naquela ocasião, dar expressão factual à vontade do Führer antes mesmo do início das hostilidades. Então, ele ou um de seus subordinados teria telefonado para o Alto-Comando do Exército e perguntado como estavam as coisas. Se o

OKH recebesse realmente essa pergunta, eles naturalmente a considerariam uma espetada no traseiro e entrariam em movimento de imediato.

Fosse uma ordem direta de Hitler ou se Keitel, mais uma vez, havia "trabalhado para o Führer", como Halder presumiu, o fato é que as normas iniciadas no fim de março se transformaram num édito formal em 12 de maio. Pela primeira vez, elas determinavam explicitamente por escrito a liquidação de funcionários do sistema soviético. A razão dada era que "os representantes políticos e líderes (comissários)" significavam um perigo, uma vez que "haviam provado claramente, com seu trabalho anterior subversivo e sedicioso, que rejeitavam toda a cultura, civilização, constituição e ordem europeias. Portanto, devem ser eliminados".

Isso fazia parte de um conjunto de ordens para a condução da guerra no leste (decorrentes do plano para a guerra que Hitler definira em seu discurso de 30 de março) dadas pelos Altos-Comandos do Exército e da Wehrmacht em maio e junho. Sua inspiração era Hitler. Isso é inquestionável. Mas elas foram postas em forma operativa por oficiais do comando (e seus assessores jurídicos), todos buscando avidamente realizar os desejos do Führer.

O primeiro rascunho do decreto de Hitler de 13 de maio de 1941, o chamado Decreto Barbarossa, que definia a aplicação da lei militar no âmbito dessa operação, foi formulado pela assessoria jurídica do Alto-Comando da Wehrmacht. A ordem retirava atos puníveis cometidos por civis inimigos da jurisdição das cortes militares. Os guerrilheiros deveriam ser peremptoriamente fuzilados. Ordenavam-se represálias coletivas contra comunidades inteiras em casos em que os indivíduos perpetradores desses atos não pudessem ser rapidamente identificados. As ações de membros da Wehrmacht contra civis não estariam sujeitas a medidas disciplinares de forma automática, mesmo que caíssem normalmente na classificação de crime.

A "Ordem dos Comissários", datada de 6 de junho, era uma decorrência direta da ordem anterior. Sua formulação foi instigada pelo Alto-Comando do Exército. As "Instruções sobre o Tratamento de Comissários Políticos" começavam assim:

Na luta contra o bolchevismo, não devemos supor que a conduta do inimigo se baseará em princípios de humanidade ou do direito internacional. Em particular, pode-se esperar um tratamento inspirado pelo ódio, cruel e desumano dos prisioneiros da parte de *todos os graus de comissários políticos*, que são os verdadeiros líderes da resistência. [...] Mostrar consideração para com esses elementos durante essa luta, ou agir em conformidade com as regras internacionais de guerra é errado e põe em perigo tanto nossa segurança

> quanto a pacificação rápida do território conquistado. [...] Os comissários políticos iniciaram métodos bárbaros, asiáticos de guerrear. Em consequência, eles serão tratados com severidade máxima e *imediata*. Como questão de princípio, serão fuzilados de imediato, tenham sido capturados *durante operações, ou tenham mostrado resistência*.

Isso não refletia uma imposição da vontade de Hitler a um Exército relutante. Em parte, a rápida aquiescência do comando do Exército em traduzir seus imperativos ideológicos em decretos operacionais tinha por objetivo demonstrar sua confiabilidade política e evitar perder terreno para a SS, como acontecera na campanha polonesa. Mas os motivos para a ávida concordância iam além. Na descida para a barbárie, a experiência na Polônia fora um elemento vital. O envolvimento na brutal subjugação dos poloneses durante dezoito meses — mesmo que as piores atrocidades fossem perpetradas pela SS, que o sentimento de repulsa diante delas tenha sido considerável e que alguns generais tenham sido suficientemente ousados para protestar contra elas — ajudara a preparar o terreno para a disposição em colaborar na barbárie premeditada de uma ordem totalmente diferente embutida na Operação Barbarossa.

À medida que toda a barbárie da Ordem dos Comissários se tornou amplamente conhecida dos oficiais nas semanas anteriores à campanha, houve, nisso também, honrosas exceções. Oficiais importantes do Grupo de Exército B (que se tornaria o Grupo de Exércitos Centro), o general Hans von Salmuth e o tenente-coronel Henning von Tresckow (mais tarde, uma força propulsora dos planos para matar Hitler), por exemplo, manifestaram-se confidencialmente que buscariam maneiras de persuadir seus comandantes de divisão a ignorar a ordem. Tresckow comentou: "Se o direito internacional será violado, então que sejam os russos, e não nós, a fazê-lo primeiro". Como a observação indica, era plenamente reconhecido que a Ordem dos Comissários consistia numa violação do direito internacional. O marechal de campo Fedor von Bock, comandante do Grupo de Exércitos Centro, rejeitou o fuzilamento de guerrilheiros e civis suspeitos, considerando-o incompatível com a disciplina do Exército, e usou isso como motivo para ignorar a implementação da Ordem dos Comissários.

Mas, como os comentários de Warlimont depois da guerra reconheceram, ao menos parte do corpo de oficiais acreditava que Hitler estava certo e que os comissários soviéticos eram "criminosos" e não deveriam ser tratados como

“soldados”, como ocorrera com o inimigo na frente ocidental. O general Georg von Küchler, comandante do 18o Exército, por exemplo, disse a seus comandantes de divisão, em 25 de abril, que a paz na Europa só poderia ser alcançada se a Alemanha dominasse territórios que garantissem seu suprimento de alimentos e o de outros Estados. Sem um confronto final com a União Soviética, isso era inimaginável. Em termos muito pouco diferentes daqueles do próprio Hitler, ele continuou:

> Um profundo abismo nos separa racial e ideologicamente da Rússia. Ela é, pela própria extensão das terras que ocupa, um Estado asiático. [...] O objetivo tem de ser aniquilar a Rússia europeia, dissolver o Estado russo europeu. [...] Os comissários políticos e o pessoal da GPU são criminosos. Essa é a gente que tiraniza a população. [...] Eles devem ser postos na mira de um tribunal de campo e sentenciados com base no testemunho dos habitantes. [...] Isso economizará muito sangue alemão e avançaremos com mais rapidez.

Ainda mais categórica foi a ordem operacional do Grupo de Blindados 4, emitida pelo general de Exército Erich Hoepner (que três anos depois seria executado por sua participação no complô para matar Hitler) em 2 de maio — ainda antes da formulação da Ordem dos Comissários:

> A guerra contra a União Soviética é um setor fundamental da luta pela existência do povo alemão. É a velha luta dos povos germânicos contra os eslavos, a defesa da cultura europeia contra a inundação asiático-moscovita, a repulsa ao bolchevismo judeu. Essa luta tem de ter por objetivo esmagar a Rússia atual e deve consequentemente ser levada a cabo com severidade sem precedentes. Cada ação militar deve, em concepção e execução, ser conduzida pela vontade de ferro impiedosa e totalmente para aniquilar o inimigo. Em particular, não devemos poupar aqueles que sustentam o atual sistema russo-bolchevique.

A cumplicidade de Küchler, Hoepner e numerosos outros generais estava enraizada no modo como haviam sido criados e educados, na sua maneira de pensar. A coincidência ideológica com a liderança nazista era considerável, e é inegável. Havia apoio para a criação de um império oriental. O desprezo pelos eslavos estava profundamente arraigado. O ódio ao bolchevismo era comum a todo o corpo de oficiais. O antissemitismo — embora raramente da variedade hitlerista total — também estava disseminado. Juntos, eles formavam a levedura ideológica cuja fermentação converteria os generais em acessórios do assassinato em massa na campanha que estava por vir.

IV

Na última semana de março, três dias antes de definir o caráter da Operação Barbarossa para seus generais, Hitler recebeu uma notícia muito desagradável para o planejamento da campanha no leste. Informaram-lhe sobre o golpe militar em Belgrado, que havia derrubado o governo do primeiro-ministro Cvetkovic e o príncipe regente Paulo, em favor de seu sobrinho, o rei Pedro II, de dezessete anos. Apenas dois dias antes, em 25 de março, numa cerimônia pródiga realizada no ambiente palaciano do castelo Belvedere, em Viena, na presença de Hitler, Cvetkovic havia assinado a adesão da Iugoslávia ao Pacto Tripartite: depois de muita pressão, seu país entrava finalmente para o Eixo. Hitler considerava isso "de extrema importância em conexão com as futuras operações militares alemãs na Grécia". Essas operações seriam arriscadas, disse ele a Ciano, se a postura da Iugoslávia fosse questionável, tendo em vista que a longa linha de comunicações estava a apenas vinte quilômetros da fronteira iugoslava, em território búlgaro. Portanto, ele ficara muito aliviado, embora, como observou, "as relações internas na Iugoslávia pudessem se desenvolver de forma mais complicada, apesar de tudo". Quaisquer que fossem suas apreensões, Keitel o encontrou, algumas horas após a assinatura do acordo, visivelmente aliviado, "feliz por não esperar mais surpresas desagradáveis nos Bálcãs". Não demorou 48 horas para que seu otimismo fosse destruído. O tecido da estratégia nos Bálcãs, cuidadosamente costurado durante vários meses, fora rasgado.

Essa estratégia tivera por alvo amarrar os Estados balcânicos, já interligados economicamente com o Reich, de forma ainda mais estreita à Alemanha. Manter essa área fora da guerra teria permitido que a Alemanha ganhasse o máximo benefício econômico para servir aos seus interesses militares em outros lugares. O impulso inicial era antibritânico, mas, desde a visita de Mólotov a Berlim, a política alemã nos Bálcãs assumira uma tendência cada vez mais antissoviética.

A afoita invasão da Grécia por Mussolini, em outubro de 1940, havia provocado uma importante revisão dos objetivos. A ameaça representada pela intervenção militar britânica na Grécia não podia ser ignorada. A União Soviética não podia ser atacada enquanto fosse tão evidente um perigo vindo do sul. Em 12 de novembro, Hitler havia emitido a Diretriz no 18, que mandava o Exército fazer preparativos

para, caso fosse necessário, ocupar a partir da Bulgária o território continental da Grécia ao norte do Egeu, a fim de possibilitar o ataque da Luftwaffe a bases aéreas britânicas que ameaçassem os campos de petróleo romenos. Nem a Luftwaffe, nem o comando da Marinha ficaram satisfeitos com isso e pressionaram pela ocupação de toda a Grécia e do Peloponeso. No fim de novembro, o comando operacional da Wehrmacht concordou. A Diretriz no 20, de 13 de dezembro de 1940, para a Operação Marita ainda falava da ocupação da costa norte do Egeu, mas trazia agora a possibilidade de ocupar toda a Grécia continental, "se isso for necessário". A intenção era ter a maior parte das tropas engajadas disponível "para novo deslocamento" o mais rápido possível.

Como a diretriz para a "Barbarossa" veio poucos dias depois, é óbvio o que significava "novo deslocamento". O tempo estava apertado. Em novembro, Hitler dissera a Ciano que a Alemanha não poderia intervir nos Bálcãs antes da primavera. A "Barbarossa" estava marcada para começar em maio. Quando um mau tempo inesperado atrasou os complexos preparativos para a "Marita", os problemas de cronograma se tornaram mais agudos. E depois que Hitler decidiu, em março, que a operação tinha de expulsar os britânicos de toda a Grécia continental e ocupá-la, a campanha teria de ser mais longa e mais extensa do que originalmente previsto. Foi isso que obrigou Hitler, em oposição às opiniões fortemente expressas do Alto-Comando do Exército, a reduzir o tamanho da força inicialmente destinada para o flanco sul da "Barbarossa".

Nos meses intermediários, fizeram-se esforços vigorosos na frente diplomática para garantir a lealdade de países estrategicamente vitais. Hungria, Romênia e Eslováquia assinaram o Pacto Tripartite em novembro de 1940. A Bulgária, muito cortejada por Hitler desde o outono anterior, comprometeu-se finalmente com o Eixo em 1o de março. A última peça do quebra-cabeça era a mais difícil de encaixar: a Iugoslávia. A simples posição geográfica fazia desse país um ponto vital para o sucesso de um ataque à Grécia. A partir de novembro, fizeram-se todas as tentativas para obter dele um compromisso formal com o Pacto Tripartite. A promessa do porto de Salônica no Egeu oferecia alguma tentação. A ameaça de ocupação alemã — a vara, como sempre, ao lado da cenoura — pedia uma maior concentração das mentes. Mas estava claro que, para o povo da Iugoslávia, o compromisso com o Eixo não seria uma medida popular. Hitler e Ribbentrop pressionaram fortemente

o príncipe Paulo quando ele visitou Berlim, em 4 de março. Apesar do temor de agitação interna, que o regente enfatizou, essa visita abriu caminho para a assinatura do Pacto Tripartite em 25 de março. Mas, poucas horas depois dessa assinatura, oficiais sérvios do alto escalão, que se ressentiam havia muito tempo da influência croata no governo, deram o golpe.

Hitler recebeu a notícia na manha do dia 27. Ficou indignado. Convocou Keitel e Jodl imediatamente. Jamais aceitaria aquilo, gritou, sacudindo o telegrama de Belgrado. Havia sido traído da forma mais infame e esmagaria a Iugoslávia independente do que o novo governo prometesse. Ainda havia tempo para resolver a questão dos Bálcãs. Mas agora era muito urgente. Halder também fora peremptoriamente chamado de Zossen. Hitler perguntou-lhe de imediato quanto tempo ele precisava para preparar um ataque à Iugoslávia. Halder forneceu na hora os rudimentos de um plano de invasão que havia inventado no carro, a caminho de Berlim.

Às 13 horas, Hitler já se dirigia a uma reunião considerável de oficiais do Exército e da Luftwaffe. Diria o relatório do Estado-Maior operacional da Wehrmacht: "O Führer está decidido [...] a fazer todos os preparativos para esmagar a Iugoslávia militarmente e como forma de Estado". A velocidade era essencial. Ele ordenou o início imediato dos preparativos. O Exército e a Luftwaffe deveriam indicar suas táticas pretendidas até a noite.

Os planos para a invasão da Grécia e a montagem da "Barbarossa" foram totalmente revisados às pressas para permitir o ataque preliminar à Iugoslávia. A operação acabou sendo marcada para começar nas primeiras horas de 6 de abril.

A crise iugoslava fez com que a reunião de Hitler com o belicoso ministro do Exterior japonês, Yosuke Matsuoka, fosse adiada por algumas horas. Obrigou também que Ribbentrop deixasse as conversas preliminares com seu colega japonês para comparecer às instruções de Hitler. A visita de Matsuoka a Berlim foi acompanhada de enorme pompa e circunstância. Fizeram-se todos os esforços para impressionar o importante hóspede. Como era costumeiro nas visitas oficiais, organizaram-se multidões para saudá-lo, dessa vez acenando pequenas bandeiras japonesas de papel, que foram distribuídas aos milhares. O baixinho Matsuoka, inevitavelmente apequenado pelos altos e magros homens da SS que o cercavam, agradecia o aplauso da multidão com um aceno de sua cartola.

Hitler apostava muito nessa visita. Estimulado por Raeder e Ribbentrop, esperava persuadir os japoneses a atacar Cingapura sem demora. Com o início iminente da "Barbarossa", isso amarraria as mãos dos britânicos no Extremo Oriente. A perda de Cingapura seria um golpe catastrófico para ainda invicta Grã-Bretanha. Isso, por sua vez — pensava-se em Berlim —, serviria para manter os Estados Unidos fora da guerra. E qualquer aproximação possível entre o Japão e os Estados Unidos, cujos sinais preocupantes aumentavam, acabaria de um golpe. Hitler não buscava ajuda militar do Japão na guerra vindoura contra a União Soviética. Na verdade, ele não estava disposto a divulgar nada sobre a "Barbarossa", embora Ribbentrop, em suas conversas com Matsuoka pela manhã, tivesse mencionado a deterioração das relações germano-soviéticas e insinuado a possibilidade de que Hitler pudesse atacar a União Soviética em algum momento.

Hitler utilizou todo seu repertório retórico, mas ficou amargamente desapontado com a resposta de Matsuoka. O ministro do Exterior japonês declarou que um ataque a Cingapura era apenas uma questão de tempo e, em sua opinião, não poderia acontecer muito cedo. Mas ele não governava o Japão e suas opiniões até então não haviam prevalecido contra uma oposição de peso. "No momento atual, ele não pode, nessas circunstâncias, entrar em nome de seu Império japonês em nenhum compromisso para agir", declarou.

Estava claro: Hitler não poderia contar com uma intervenção militar japonesa no futuro próximo. Em abril, quando Matsuoka retornou brevemente a Berlim para relatar seu encontro com Mussolini, Hitler estava preparado para dar-lhe todo o estímulo possível. Concordou com o pedido de assistência técnica na construção de submarinos. Depois fez uma oferta não solicitada. Se o Japão "entrasse" em conflito com os Estados Unidos, a Alemanha imediatamente "assumiria as consequências". Os americanos procurariam liquidar seus inimigos um de cada vez. "Portanto, a Alemanha interviria imediatamente em caso de um conflito Japão-Estados Unidos, pois a força das três potências do pacto era sua ação comum. A fraqueza delas seria se deixarem derrotar sozinhas", disse Hitler. Era o raciocínio que faria a Alemanha entrar em guerra contra os Estados Unidos naquele mesmo ano, após o ataque japonês a Pearl Harbor. Pouco depois, Hitler teve a desagradável surpresa de ficar sabendo do pacto de neutralidade soviético-japonês que Matsuoka negociou com Stálin em sua volta ao Japão via Moscou, o qual assegurava que o Japão não seria

arrastado para um conflito entre Alemanha e União Soviética e garantia seu flanco norte na eventualidade de uma expansão no sudeste da Ásia.

Enquanto Matsuoka estava em Berlim, os preparativos para a "Marita" andavam em ritmo acelerado. Em pouco mais de uma semana, estavam prontos. A Operação Marita começou às 5h20 de domingo, 6 de abril. Pouco depois, Goebbels leu no rádio a proclamação que Hitler havia ditado. Já então, centenas de bombardeiros da Luftwaffe estavam transformando Belgrado num monte de ruínas fumegantes. Para o povo alemão, Hitler justificou a ação como uma retaliação contra uma "panelinha criminosa sérvia" em Belgrado que, a soldo do Serviço Secreto britânico, estava tentando, como em 1914, espalhar a guerra nos Bálcãs.

Com a campanha em seus primeiros estágios, Hitler saiu de Berlim na noite de 10 de abril, a caminho de seu improvisado quartel-general de campo. Tratava-se de seu trem especial *Amerika*, estacionado na entrada de um túnel sob os Alpes, numa seção de via única da linha entre Viena e Graz, numa área de floresta perto de Mönichkirchen. Seus assessores mais próximos e o Estado-Maior operacional da Wehrmacht foram acomodados numa hospedaria perto dali.

Hitler permaneceu duas semanas em seu quartel-general de campo isolado e fortemente guardado. Ali recebeu a visita do rei Boris, da Bulgária, do almirante Horthy, regente da Hungria, e do conde Ciano — abutres reunidos em torno do cadáver da Iugoslávia. Seu aniversário de 52 anos, em 20 de abril, foi comemorado de forma bizarra com um concerto diante do trem especial, depois de Göring elogiá-lo como gênio do comando militar e de ser cumprimentado por cada um dos chefes das Forças Armadas com um aperto de mão. Enquanto estava ali, recebeu a notícia da capitulação da Iugoslávia e da Grécia.

Após superar uma firme resistência inicial, a campanha dupla contra os dois países fizera um progresso inesperadamente rápido. Na verdade, o planejamento operacional alemão havia superestimado grosseiramente as forças inimigas. Das 29 divisões alemãs empenhadas nos Bálcãs, somente dez estiveram em ação por mais de seis dias. Em 10 de abril, chegaram a Zagreb e foi proclamado um Estado croata independente, baseado no sanguinário movimento antissérvio Ustasha. Dois dias depois, chegaram a Belgrado. Em 17 de abril, o Exército iugoslavo rendeu-se incondicionalmente. Cerca de 344 mil homens caíram prisioneiros. As perdas do lado vitorioso não passaram de 151 mortos, 392 feridos e quinze desaparecidos.

Em comparação com o ataque punitivo à Iugoslávia, o interesse de Hitler na conquista da Grécia era puramente estratégico. Ele proibiu o bombardeio de Atenas e lamentou ter de lutar contra os gregos. Para Goebbels, disse que, se os britânicos não tivessem intervindo (enviando tropas no início de maio para ajudar os gregos a combater as forças de Mussolini), ele jamais teria precisado socorrer às pressas os italianos. Entrementes, o 12º Exército alemão havia atravessado rapidamente o território iugoslavo e atacado Salônica, que caiu em 9 de abril. O grosso das forças gregas capitulou em 21 de abril. Seguiu-se uma breve farsa diplomática. O golpe no prestígio de Mussolini exigia que a rendição aos alemães, que de fato ocorrera, fosse acompanhada por uma rendição aos italianos. Para evitar o afastamento de Mussolini, Hitler foi forçado a ceder. O acordo assinado pelo general List foi rejeitado. Jodl foi enviado a Salônica com um novo armistício. Dessa vez, os italianos participaram. O documento foi finalmente assinado, em meio aos protestos dos gregos, em 23 de abril. O número de prisioneiros gregos chegou a 218 mil, além de 12 mil britânicos, contra cem mortos e 3500 feridos ou desaparecidos do lado alemão. Numa versão menor de Dunquerque, os britânicos conseguiram evacuar 50 mil homens — cerca de quatro quintos de sua Força Expedicionária, que teve de deixar para trás ou destruir seu equipamento pesado. A campanha inteira não durou um mês.

Uma operação seguinte para tomar Creta — com a descida de paraquedistas pedida por Göring, que, por sua vez, fora pressionado pelo comandante da divisão de paraquedistas, general Kurt Student — recebeu a aprovação morna de Hitler enquanto ainda estava em Mönichkirchen. No fim de maio, ela também foi concluída com sucesso. Mas havia sido arriscada. E as perdas alemãs — de 2071 mortos, 2594 feridos e 1888 desaparecidos de um total de 22 mil soldados envolvidos — foram muito mais altas do que em toda a campanha dos Bálcãs. A Operação Mercúrio — o ataque à Creta — convenceu Hitler de que a descida em massa de paraquedistas não funcionava mais. Ele não pensou em usá-la no ataque à Malta, no ano seguinte. Potencialmente, a ocupação de Creta oferecia a perspectiva de intensificação do ataque às posições britânicas no Oriente Médio. O Alto-Comando Naval tentou persuadir Hitler disso. Mas seus olhos estavam agora voltados para uma única direção: o leste.

Em 28 de abril, ele estava de volta a Berlim. Seria a última vez que o senhor da

guerra retornaria em triunfo de uma vitória-relâmpago obtida a um custo mínimo. Embora o povo alemão tenha reagido de forma mais silenciosa do que diante das notáveis vitórias no oeste, a campanha dos Bálcãs parecia provar, mais uma vez, que seu Líder era um gênio da estratégia militar. Sua popularidade mantinha-se a mesma. Mas havia nuvens no horizonte. Em sua ampla maioria, o povo desejava, como sempre, paz: paz vitoriosa, naturalmente, mas, acima de tudo, paz. Suas orelhas se levantaram quando Hitler falou de "um ano duro de luta pela nossa frente" e, em seu triunfante relato ao Reichstag no dia 4 de maio sobre a campanha dos Bálcãs, de fornecer armas ainda melhores aos soldados alemães "no próximo ano". As preocupações do povo aumentaram com os rumores perturbadores de uma deterioração nas relações com a União Soviética e da acumulação de tropas nas fronteiras orientais do Reich.

Mas o povo evidentemente não tinha ideia de que Hitler já havia emitido a diretriz para a invasão da União Soviética quase cinco meses antes. Essa diretriz, de 18 de dezembro, estabelecera que os preparativos que exigiam mais de oito semanas deveriam estar concluídos até 15 de maio. Mas não estipulara uma data para o ataque efetivo. Em seu discurso aos comandantes militares de 27 de março, imediatamente após a notícia do golpe na Iugoslávia, Hitler falara de um adiamento de até quatro semanas por causa da necessidade de agir nos Bálcãs. De volta a Berlim depois de sua estadia em Mönichkirchen, ele não perdeu tempo em marcar com Jodl uma nova data para o início da "Barbarossa" — 22 de junho —, após a garantia de Halder de que haveria transporte para levar tropas para o leste.

Perto do final da guerra, na caça a bodes expiatórios, Hitler declararia que o fatídico adiamento havia sido decisivo no fracasso da campanha russa: "Se tivéssemos atacado a Rússia já a partir de 15 de maio [...] teríamos ficado em condições de concluir a campanha oriental antes do início do inverno". Tratava-se de uma simplificação extrema — bem como uma superestimação dos prejuízos causados pela campanha dos Bálcãs na Operação Barbarossa. As condições climáticas numa primavera excepcionalmente úmida na Europa Central teriam impedido um ataque importante antes de junho — talvez até meados de junho. Além disso, o desgaste das divisões alemãs engajadas na campanha dos Bálcãs veio menos do ataque tardio à Iugoslávia do que da invasão da Grécia, cujo plano foi elaborado durante vários meses em conjunção com o planejamento da

“Barbarossa”. O que prejudicou o início da operação foi a necessidade de remanejar rapidamente as divisões que haviam avançado até o sul da Grécia e agora, sem tempo para se recuperar, tinham de ser transportadas para suas posições no leste. Ademais, os danos causados aos tanques pelas estradas esburacadas dos morros balcânicos exigiram um enorme esforço para recuperá-los para a campanha oriental e provavelmente contribuíram para a alta taxa de falhas mecânicas durante a invasão da Rússia. É possível que o efeito mais grave da campanha dos Bálcãs sobre o planejamento da “Barbarossa” tenha sido a redução das forças alemãs no flanco meridional, ao sul dos pântanos de Pripiat. Mas já vimos que Hitler tomou a decisão em relação a isso em 17 de março, antes do golpe na Iugoslávia.

A debilidade do plano de invasão da União Soviética não podia ser atribuída aos italianos por seu fracasso na Grécia, ou aos iugoslavos, pelo que Hitler via como traição. A calamidade da “Barbarossa” estava na natureza dos objetivos e ambições de guerra da Alemanha. Estes não eram de forma nenhuma apenas um produto da obsessão ideológica, megalomania e vontade de poder indomável de Hitler. Com certeza, ele fora a força propulsora, mas não encontrara resistência significativa nos altos escalões do regime. O Exército, em particular, o apoiara totalmente na virada para o leste. E se Hitler subestimara o poderio militar soviético de forma crassa, tratava-se de uma subestimação compartilhada com seus chefes militares, que não haviam perdido a confiança de que a guerra na União Soviética estaria concluída muito antes do inverno.

V

Entrementes, Hitler era forçado mais uma vez a desviar sua atenção da "Barbarossa" por eventos fora de seu controle, dessa vez perto de casa.

Em 4 de maio, quando desceu da tribuna, ao final de seu discurso para os deputados do Reichstag, ele ocupou seu lugar de sempre, ao lado do vice-líder do partido, seu mais subserviente seguidor, Rudolf Heß. Alguns dias depois, quando Hitler estava no Obersalzberg, recebeu a notícia espantosa de que seu vice havia tomado um Messerschmidt 110 de Augsburg, voado sozinho na direção da Grã-Bretanha e desaparecido. A notícia caiu no Berghof como uma bomba. O primeiro desejo foi de que ele estivesse morto. "Esperemos que tenha caído no mar", ouviram Hitler dizer. Depois veio o anúncio de Londres — já então não inesperado — de que Heß havia descido na Escócia e caído prisioneiro. Com a campanha da Rússia iminente, Hitler via-se agora diante de uma crise interna.

Na tarde de sábado, 10 de maio, Heß se despediu de sua esposa Ilse e de seu jovem filho, Wolf Rüdiger, dizendo que estaria de volta segunda-feira à noite. De Munique, ele foi em sua Mercedes até a fábrica dos Messerschmidt, em Augsburg. Lá, vestiu um traje de aviador forrado de pele e uma jaqueta de capitão da Luftwaffe (seu pseudônimo nessa missão seria capitão Alfred Horn). Pouco antes das seis da tarde, ainda com sol claro, seu Messerschmidt 110 taxiou para a pista e decolou. Pouco depois das onze da noite, após sobrevoar a Alemanha, atravessar o mar do Norte e as Lowlands escocesas, Heß saiu da cabina, abandonou o avião próximo de Glasgow e saltou de paraquedas — algo que nunca praticara —, ferindo a perna ao deixar o avião.

A defesa aérea captara a rota do voo e observadores haviam visto seu ocupante saltar antes que o avião explodisse. Um lavrador escocês, Donald McLean, foi o primeiro a chegar ao local. Encontrou o paraquedista lutando para se soltar do equipamento e logo concluiu que estava desarmado. Perguntado se era britânico ou alemão, Heß respondeu que era alemão; seu nome era capitão Alfred Horn e ele tinha uma mensagem importante para o duque de Hamilton. Nas primeiras horas da manhã, quando o duque foi informado de que um piloto alemão capturado queria falar com ele, não havia referência a Heß e o nome Alfred Horn não lhe dizia nada. Confuso e muito cansado, Hamilton tomou providências para entrevistar o

misterioso aviador no dia seguinte e foi se deitar.

O duque, comandante de voo da RAF, chegou de sua base para falar com o prisioneiro alemão no meio da manhã de 11 de maio. O "capitão Horn" admitiu que seu verdadeiro nome era Rudolf Heß. A discussão foi irrelevante, mas convenceu Hamilton de que ele estava de fato cara a cara com Heß. À noite, voou para o sul, convocado para se apresentar a Churchill no Ditchley Park, em Oxfordshire, usado frequentemente pelo primeiro-ministro como residência de fim de semana. No dia seguinte, 12 de maio, os profissionais do Foreign Office entraram no circuito. Decidiu-se enviar Ivone Kirkpatrick, que fora primeira-secretária na embaixada britânica em Berlim de 1933 a 1938 e forte oponente da Conciliação, para interrogar Heß. Kirkpatrick e Hamilton partiram para a Escócia no início da noite. Passava da meia-noite quando chegaram ao castelo Buchanan, perto do lago Lomond, para interrogar o prisioneiro.

Hitler ficou sabendo do desaparecimento de Heß no final da manhã de domingo, 11 de maio, quando Karl-Heinz Pintsch, um dos ajudantes do vice-Führer, apareceu no Berghof. Trazia um envelope com uma carta que Heß lhe dera pouco antes de decolar e que deveria entregar pessoalmente a Hitler. Com alguma dificuldade, Pintsch conseguiu convencer os ajudantes do Führer de que se tratava de assunto da mais alta urgência e que precisava falar pessoalmente com ele. Ao ler a carta de Heß, Hitler empalideceu. Albert Speer, ocupado com esboços arquitetônicos na ocasião, ouviu subitamente um "grito quase animal". Depois Hitler berrou: "Bormann imediatamente! Onde está Bormann?".

Na carta, Heß explicava seus motivos para querer se encontrar com o duque de Hamilton e aspectos de um plano de paz entre a Alemanha e a Grã-Bretanha a ser apresentado antes do início da "Barbarossa". Afirmava que havia feito três tentativas de chegar à Escócia, mas fora forçado a abortá-las devido a problemas mecânicos com o avião. Seu objetivo era efetivar, por meio de sua pessoa, a realização da antiga ideia de Hitler de amizade com a Grã-Bretanha que o próprio Führer, apesar de todos seus esforços, não conseguira alcançar. Se o Führer não estivesse de acordo, poderia declará-lo insano.

Göring — que estava em seu castelo de Veldenstein, perto de Nuremberg — recebeu um telefonema em seguida. Hitler não estava para trivialidades. "Göring, venha imediatamente", gritou ao telefone. "Aconteceu uma coisa terrível."

Ribbentrop também foi convocado. Enquanto isso, Hitler mandava prender Pintsch, o infeliz portador da má notícia, e outro ajudante de Heß, Alfred Leitgen, e não parava de andar de um lado para o outro, espumando de raiva. O clima no Berghof era de alta tensão e especulação. Em meio à confusão, Hitler teve a clarividência de agir rapidamente e impedir um vácuo de poder na liderança do partido. No dia seguinte, 12 de maio, divulgou um decreto lacônico estipulando que o antigo cargo de vice-líder seria agora chamado de Chancelaria do Partido e estaria subordinado a ele. Seria comandado, como antes, pelo camarada Martin Bormann.

Hitler persuadiu-se — aproveitando a sugestão que o próprio Heß dera na carta — de que o vice-Führer estava de fato sofrendo de delírio mental e insistiu em fazer de sua "loucura" o ponto central do comunicado extremamente embaraçoso ao povo alemão. Ainda não havia notícia do paradeiro de Heß quando o comunicado foi transmitido pelo rádio, às oito horas daquela noite. O texto mencionava a carta que Heß deixara, que mostrava "infelizmente, em sua confusão, os traços de um transtorno mental" e dava margem ao temor de que ele tivesse sido "vítima de alucinações". "Nessas circunstâncias", terminava o comunicado, tinha-se de presumir que o "camarada do partido Heß tenha em sua viagem caído em algum lugar, ou seja, tenha sofrido um acidente".

Goebbels, que ficara de fora da primeira rodada de consultas de Hitler, também foi chamado ao Obersalzberg. "O Führer está completamente arrasado", anotou em seu diário. "Que espetáculo para o mundo: o segundo homem depois do Führer mentalmente perturbado." Enquanto isso, no início do dia 13 de maio, a BBC de Londres divulgava o anúncio oficial de que Heß era de fato prisioneiro dos britânicos.

Estava claro que o primeiro comunicado de Hitler não era suficiente. O novo comunicado de 13 de maio admitia o voo de Heß para a Escócia e sua captura. Deixava em aberto a possibilidade de que tivesse caído numa armadilha do Serviço Secreto britânico. Afetado por delírios, ele empreendera a ação de um idealista sem nenhuma noção das consequências. Seu ato, concluía o comunicado, não alteraria em nada a luta contra a Grã-Bretanha.

Os dois comunicados — forçados, em última análise, a admitir que o vice-Führer voara para o inimigo e atribuindo a ação a seu estado mental — traziam todas as

marcas de uma tentativa apressada e insensata de minimizar a enormidade do escândalo. É notável que Hitler não tenha pedido a Goebbels conselhos de propaganda sobre como apresentar o desastre e tenha apelado primeiro para Otto Dietrich, o chefe de imprensa. Goebbels criticou desde o início a explicação por "doença mental". Uma dificuldade real tinha de ser encarada: como explicar que um homem, reconhecido durante muitos anos como desequilibrado mental, fora deixado numa posição tão importante na direção do Reich? "Pergunta-se, com razão, como um idiota desses podia ser o segundo homem depois do Führer", observou o ministro da Propaganda.

Goebbels sentiu o golpe no prestígio tão profundamente que queria evitar ser visto em público. "É como um sonho horrível", anotou. "O partido terá de engolir isso por muito tempo." O próprio Hitler ficou na linha de fogo da crítica popular. Mas, no geral, foi alvo de simpatia, pois agora, além de todas as outras preocupações, tinha de se haver com aquilo. Como sempre, presumia-se que, enquanto ele trabalhava incansavelmente pela nação, alguns de seus subordinados lhe escondiam coisas, deixavam-no na mão ou o traíam.

Esse elemento essencial do "mito do Führer" foi usado pelo próprio Hitler quando, em 13 de maio, falou em uma reunião rapidamente arranjada para os *Reichsleiter* e *Gauleiter* no Berghof. Havia uma atmosfera de tensão quando Göring e Bormann, com expressão grave, entraram no salão antes de Hitler. Bormann leu a carta final de Heß. O sentimento de choque e ira entre os ouvintes era palpável. Então Hitler entrou na sala. Tal como fizera na última grande crise no interior da liderança do partido, em dezembro de 1932, ele lançou mão do tema da lealdade e da traição de forma magistral. Heß o havia traído, declarou. Ele apelou para a lealdade de seus "velhos combatentes" mais dignos de confiança. Declarou que Heß havia agido sem seu conhecimento, estava mentalmente doente e pusera o Reich numa posição impossível em relação a seus parceiros do Eixo. Enviara Ribbentrop a Roma para aplacar o Duce. Enfatizou mais uma vez o comportamento estranho de Heß (seu envolvimento com astrólogos e gente do mesmo tipo). Criticou a oposição do ex-vice-Führer a suas ordens de parar de pilotar aviões. Alguns dias antes da deserção, Heß viera vê-lo e lhe perguntara se ele ainda defendia o programa de cooperação com a Inglaterra que havia exposto em *Mein Kampf*. Hitler disse que havia, evidentemente, reafirmado essa posição.

Quando terminou de falar, Hitler encostou-se na grande mesa que ficava perto da janela. De acordo com um relato, ele estava "em lágrimas e parecia dez anos mais velho". "Nunca vi o Führer tão profundamente chocado", contou Hans Frank numa reunião com seus subordinados do Governo Geral dias depois. Enquanto ele estava de pé perto da janela, todas as sessenta ou setenta pessoas presentes foram aos poucos se erguendo de suas cadeiras e formaram um semicírculo a sua volta. Ninguém disse uma palavra. Então Göring fez uma declaração efusiva da devoção que todos os presentes sentiam por seu Líder. A raiva intensa foi reservada apenas a Heß. O "núcleo" de seguidores havia, uma vez mais, se reunido em torno do Führer, como no "tempo de luta", num momento de crise. O regime sofrera um forte abalo, mas a liderança do partido, sua espinha dorsal, ainda estava unida.

Todos os que viram Hitler nos dias seguintes à notícia da deserção de Heß registraram seu profundo choque, desânimo e ódio perante o que classificou de traição. Isso por vezes tem sido interpretado, assim como o foi por vários contemporâneos, como uma encenação esperta para encobrir um complô do qual só ele e Heß sabiam. De fato, Hitler era capaz de uma performance teatral, como já observamos mais de uma vez. Mas, se era encenação, então era do calibre de um Oscar de Hollywood.

O fato de o vice-Führer ter sido capturado na Grã-Bretanha foi algo que abalou os alicerces do regime. Como disse sarcasticamente Goebbels, parece que nunca ocorrera a Heß que aquele poderia ser o resultado de sua "missão". É difícil imaginar que aquilo não passasse pela cabeça de Hitler, se estivesse envolvido num complô. Mas não condizia com seu caráter envolver-se num plano tão estúpido. Sua sensibilidade para uma ameaça a seu prestígio, que pudesse fazê-lo parecer tolo aos olhos de seu povo e do mundo exterior, já seria suficiente para deixar de lado a ideia de mandar Heß à Grã-Bretanha numa missão de paz de um único homem. Além disso, havia todos os motivos, do seu ponto de vista, para *não* se envolver e proibir categoricamente o que Heß tinha em mente.

As chances de o voo de Heß ter sucesso eram tão remotas que Hitler jamais levaria essa ideia em consideração. E, se o tivesse feito, é difícil acreditar que escolhesse Heß para seu emissário. O vice-Führer não participara do planejamento da "Barbarossa". Estivera pouco na presença de Hitler nos meses anteriores. Sua competência estava restrita a assuntos partidários. Ele não tinha experiência em

negócios exteriores e jamais lhe haviam confiado uma negociação diplomática delicada.

De qualquer modo, seria difícil entender o motivo de Hitler para contemplar uma missão secreta como a que Heß tentou levar a cabo. Durante meses, ele vinha preparando de forma obsessiva o ataque e a destruição da União Soviética exatamente para forçar a Grã-Bretanha a sair da guerra. Ele e seus generais acreditavam que os soviéticos seriam derrotados até o outono. O cronograma do ataque não deixava espaço para manobra. A última coisa que Hitler queria era um atraso causado por complicações diplomáticas advindas da intervenção de Heß algumas semanas antes do início da invasão. Se a "Barbarossa" não acontecesse antes do final de junho, teria de ser adiada para o ano seguinte. Para Hitler, isso seria impensável. Ele sabia muito bem que havia gente no establishment britânico que ainda preferiria suplicar pela paz. E esperava que fizessem isso *depois*, e não *antes* da Operação Barbarossa.

Em nenhum momento Rudolf Heß implicou Hitler, fosse durante os interrogatórios feitos após sua descida na Escócia, fosse nas discussões com seus companheiros de prisão enquanto esperava o julgamento em Nuremberg, ou durante seu longo internamento em Spandau. Sua história nunca divergiu da versão que deu a Ivone Kirkpatrick em seu primeiro interrogatório, em 13 de maio de 1941. Conforme o relatório dela, "ele veio para cá sem conhecimento de Hitler a fim de convencer pessoas responsáveis de que, tendo em vista que a Inglaterra não poderia vencer a guerra, o melhor caminho era fazer a paz agora".

Os interlocutores britânicos de Heß logo chegaram à conclusão de que ele não tinha nada a oferecer que fosse além das declarações públicas de Hitler, em especial seu "apelo de paz" perante o Reichstag de 19 de julho de 1940. Kirkpatrick concluiu assim seu relatório: "Heß não parece [...] estar perto dos conselhos do governo alemão no que diz respeito a operações; e não é provável que possua mais informações secretas do que possa ter colhido no decorrer de conversas com Hitler e outros". Com base nisso, se Heß estava seguindo ordens de Hitler, teria de ser um ator soberbo — e continuar a sê-lo nas quatro décadas seguintes — tanto quanto supostamente o era o Líder que ele tanto reverenciava. Mas então, com que finalidade? Ele não disse nada que o próprio Hitler não tivesse declarado publicamente em várias ocasiões. Não trouxe nenhuma posição nova de

negociação. Era como se o mero fato de o vice-Führer — por um ato de coragem pessoal — se colocar nas mãos do inimigo bastasse para que o governo britânico visse a boa vontade do Führer, as intenções sinceras por trás de seu objetivo de cooperação com a Grã-Bretanha contra o bolchevismo, e a necessidade de derrubar a "facção belicosa" de Churchill e resolver as coisas de forma amigável. A ingenuidade desse pensamento aponta fortemente na direção de uma tentativa inspirada por ninguém mais do que o idealista, etéreo e desnorteado Heß.

Seus motivos pessoais não eram mais misteriosos ou profundos do que pareciam. Seu acesso a Hitler reduzira-se muito ao longo dos anos, especialmente desde o início da guerra. Na verdade, seu subordinado nominal, Martin Bormann, vinha usurpando sua posição, sempre na companhia do Führer, sempre capaz de dar uma palavra aqui e ali, sempre capaz de traduzir os desejos dele em ação. Um ato espetacular para realizar o que o Führer vinha querendo havia vários anos transformaria seu status da noite para o dia, transformando "Fräulein Anna", como era chamado de forma depreciativa por alguns membros do partido, num herói nacional.

Heß fora muito influenciado por Karl Haushofer — seu ex-professor e principal expoente das teorias geopolíticas que haviam influenciado a formação da ideia de *Lebensraum* de Hitler — e seu filho Albrecht (que depois se envolveu estreitamente com grupos de resistência). As ideias deles haviam reforçado sua crença de que se devia fazer tudo para evitar o enfraquecimento da "missão" que Hitler estabelecera quase duas décadas antes: o ataque ao bolchevismo *ao lado da* Grã-Bretanha, e não em oposição a ela. Albrecht Haushofer fizera várias tentativas de contatar o duque de Hamilton, que conhecera em Berlim em 1936, mas suas cartas não tiveram resposta. Hamilton negou com veemência — aparentemente com justificativas — ter recebido as cartas e também negou a alegação de Heß de tê-lo encontrado nas Olimpíadas de Berlim em 1936.

Em agosto de 1940, quando começou a planejar sua intervenção, Heß estava profundamente decepcionado com a resposta britânica aos "termos de paz" que Hitler havia oferecido. Estava consciente também de que Hitler, naquele momento, pensava em atacar a União Soviética antes mesmo que a Grã-Bretanha se dispusesse a "ser sensata" e concordar com os termos. Desse modo, a estratégia original estava em cacos. Heß via seu papel como o do paladino mais fiel do Führer,

destinado agora a restaurar, por meio de sua intervenção pessoal, a oportunidade de salvar a Europa do bolchevismo — uma chance única jogada fora gratuitamente pela panelinha "belicista" de Churchill que havia tomado o governo britânico. Heß agiu sem conhecimento de Hitler, mas na crença profunda (embora confusa) de que estava realizando os desejos dele.

VI

Em meados de maio, após passar uma semana preocupado com o caso de Heß, Hitler pôde se concentrar novamente na "Barbarossa". Mas o fim de um mês já complicado trouxe mais notícias ruins para o Berghof: em 27 de maio, o poderoso navio de guerra *Bismarck* foi afundado no Atlântico depois de um choque com navios e aviões de guerra britânicos. Cerca de 2300 marinheiros naufragaram com o navio. Hitler não se remoeu por causa das perdas humanas. Sua fúria voltou-se contra a liderança naval por ter exposto desnecessariamente a belonave ao ataque inimigo — um risco enorme, segundo ele, para poucos ganhos potenciais.

Enquanto isso, os preparativos ideológicos para a "Barbarossa" ganhavam rapidamente forma concreta. Hitler não precisava fazer mais nada a esse respeito. Havia estabelecido as diretrizes em março. Foi em maio que Heydrich reuniu os quatro Einsatzgruppen (grupos-tarefa) que acompanhariam o Exército na União Soviética. Cada um desses grupos compreendia entre seiscentos e mil homens (recrutados de vários ramos da organização policial, aumentada pelos Waffen-SS) e foi dividido em quatro ou cinco Einsatzkommandos (forças-tarefa) ou Sonderkommandos (forças especiais). A maioria dos comandantes de médio escalão tinha formação educacional. Professores universitários, servidores públicos, advogados, um pastor protestante e até um cantor de ópera estavam entre eles. A alta liderança vinha quase exclusivamente da Polícia de Segurança e do SD. Tal como os dirigentes do Gabinete Central de Segurança do Reich, eram, em sua maioria, homens de alta instrução de uma geração um pouco jovem para ter lutado na Primeira Guerra Mundial e que se embebera dos ideais *völkisch* nas universidades alemãs durante a década de 1920. Na segunda metade de maio, os cerca de 3 mil homens selecionados para os Einsatzgruppen reuniram-se em Pretzsch, ao noroeste de Leipzig, onde a Escola de Polícia de Fronteira servia de base para o treinamento ideológico que duraria até o início da "Barbarossa". Heydrich dirigiu-se a eles em várias ocasiões. Ele evitava uma precisão rigorosa ao descrever quais seriam seus grupos-alvo quando entrassem na União Soviética. Mas o sentido do que dizia estava claro. Mencionou que a "judiaria" era a fonte do bolchevismo no Leste e que tinha de ser erradicada conforme os objetivos do Führer. E disse que funcionários e militantes comunistas, judeus, ciganos,

sabotadores e agentes punham em perigo a segurança das tropas e deveriam ser executados imediatamente. Em 22 de junho, o ciclone genocida estava pronto para soprar.

"A Operação Barbarossa avança", registrou Goebbels em seu diário no dia 31 de maio. "Agora, a primeira grande onda de camuflagem entra em ação. Todo o aparato estatal e militar está sendo mobilizado. Somente umas poucas pessoas estão informadas sobre o verdadeiro pano de fundo." Com exceção de Goebbels e Ribbentrop, os ministros de governo foram mantidos na ignorância. O ministério do próprio Goebbels tinha de encenar o tema da invasão da Grã-Bretanha. Catorze divisões do Exército foram levadas para o oeste a fim de dar alguma aparência de realidade à charada.

Como parte do subterfúgio de que se deveria esperar ação *no ocidente* enquanto os preparativos para a "Barbarossa" ganhavam velocidade, Hitler marcou apressadamente outra reunião com Mussolini para 2 de junho no passo de Brenner. Não surpreende que o Duce não pudesse entender o motivo para conversas tão urgentes. O parceiro mais próximo de Hitler no Eixo estava desempenhando inadvertidamente seu papel num elaborado jogo de blefes.

Hitler não mencionou uma palavra sobre a "Barbarossa" para seus amigos italianos. O comunicado publicado declarava simplesmente que o Führer e o Duce haviam realizado discussões amistosas sobre a situação política, que duraram várias horas. A trapaça fora bem-sucedida. Quando se encontrou com o embaixador japonês Oshima no dia seguinte à reunião com Mussolini, Hitler fez uma forte insinuação — que foi corretamente compreendida — de que o conflito com a União Soviética no futuro próximo era inevitável. Mas o único estadista estrangeiro para o qual ele se dispôs a divulgar mais do que insinuações foi o ditador romeno, marechal Antonescu, quando se encontraram em Munique, no dia 12 de junho. Antonescu tinha de entrar no quadro. Afinal, Hitler estava contando com tropas romenas para apoio no flanco meridional. Antonescu ficou mais do que satisfeito em concordar. Ofereceu suas forças sem que Hitler tivesse de pedir. Quando o 22 de junho chegasse, ele proclamaria ao seu povo uma "guerra santa" contra a União Soviética. A isca de recuperar a Bessarábia e o norte da Bukovina, junto com a aquisição de partes da Ucrânia, era suficientemente tentadora para o ditador romeno.

Em 14 de junho, Hitler realizou sua última grande conferência militar antes do início da "Barbarossa". Os generais chegaram em horários escalonados à Chancelaria do Reich para evitar as suspeitas de que algo importante era iminente. Hitler repassou os motivos para atacar a Rússia. Mais uma vez, confessou sua confiança de que o colapso da União Soviética induziria os ingleses a aceitar seus termos de paz. Enfatizou que a guerra era contra o bolchevismo. Os russos lutariam muito e montariam uma resistência dura. Deveriam esperar pesados ataques aéreos. Mas a Luftwaffe obteria sucessos rápidos e facilitaria o avanço das forças terrestres. O pior da luta estaria acabado em cerca de seis semanas. Mas cada soldado tinha de saber pelo que estava lutando: a destruição do bolchevismo. Se a guerra fosse perdida, então a Europa seria bolchevizada. A maioria dos generais estava preocupada com a abertura de duas frentes de guerra, pois evitar esse tipo de situação era uma premissa do planejamento militar. Mas não manifestaram nenhuma objeção. Brauchitsch e Halder ficaram mudos.

Dois dias depois, Hitler chamou Goebbels à Chancelaria — com instruções para entrar por uma porta dos fundos a fim de não despertar suspeitas — para explicar a situação. O ataque à União Soviética seria o maior que a história já vira, declarou. Não haveria repetição de Napoleão (comentário que talvez traísse exatamente aqueles temores subconscientes de que a história de fato se repetia). Os russos tinham em torno de 180-200 divisões, mais ou menos tanto quanto a Alemanha, mas não havia comparação de qualidade. E o fato de estarem concentrados nas fronteiras do Reich era uma grande vantagem. "Eles serão facilmente encurralados." Hitler achava que "a ação" demoraria cerca de quatro meses. Goebbels estimava ainda menos tempo: "O bolchevismo cairá como um castelo de cartas".

Em 21 de junho, Hitler ditou a proclamação ao povo alemão que seria lida no dia seguinte. Àquela altura, tinha a aparência de exausto e estava muito nervoso, caminhando para lá e para cá, apreensivo, envolvendo-se em minúcias da propaganda como as fanfarras que seriam tocadas no rádio para anunciar as vitórias alemãs. Goebbels foi chamado à noite. Eles discutiram a proclamação, à qual Goebbels acrescentou algumas sugestões. Andaram para lá e para cá pelas salas durante três horas. Experimentaram as fanfarras novas por uma hora. Gradualmente, Hitler relaxou um pouco. "O Führer está se livrando de um

pesadelo à medida que a decisão se aproxima”, anotou Goebbels. “É sempre assim com ele.” Uma vez mais, Goebbels voltou à necessidade interna do futuro conflito, da qual Hitler convencera a si mesmo: “Não há outra coisa a fazer senão atacar”, escreveu, resumindo os pensamentos de Hitler. “Esse câncer tem de ser extirpado. Stálin cairá.” Desde julho do ano anterior, disse ele, havia trabalhado nos preparativos do que estava por acontecer. Agora, o momento havia chegado. Haviam feito tudo o que podia ser feito. “A fortuna da guerra deve agora decidir.” Às 2h30, Hitler decidiu finalmente que era hora de dormir um pouco. A Operação Barbarossa estava marcada para começar na próxima hora.

Goebbels estava nervoso demais para seguir seu exemplo. Às 5h30, duas horas depois que os canhões alemães abriram fogo em toda a fronteira, as novas fanfarras soaram nos rádios alemães. Goebbels leu no ar a proclamação de Hitler. Ela equivalia a uma longa justificação pseudo-histórica para a ação preventiva alemã. Os dirigentes judaico-bolcheviques de Moscou haviam procurado durante duas décadas destruir não somente a Alemanha, mas toda a Europa. Hitler fora forçado, alegava ele, pela política de cerco britânica, a tomar a medida amarga de entrar no pacto de 1939. Mas, desde então, a ameaça soviética aumentara. No momento, havia 160 divisões russas concentradas nas fronteiras alemãs. “Portanto, chegou a hora de contra-atacar essa conspiração dos pregadores judaico-anglo-saxões da guerra e os igualmente judeus senhores do quartel-general bolchevique em Moscou.” Uma declaração levemente alterada foi feita aos soldados que avançavam em massa na direção da fronteira e entravam na Rússia.

Em 21 de junho, Hitler havia finalmente escrito uma carta para seu principal aliado, Benito Mussolini, em que explicava e justificava tardiamente suas razões para atacar a União Soviética. Ele terminava a carta com frases que, assim como os comentários de Goebbels, lançam luz sobre sua mentalidade na véspera do confronto titânico: “Em conclusão, gostaria de dizer mais uma coisa, Duce. Desde que tomei essa decisão, sinto-me de novo espiritualmente livre. A parceria com a União Soviética, apesar da completa sinceridade dos esforços para produzir uma conciliação final, era, não obstante, com frequência muito fatigante para mim, pois de algum modo me parecia um rompimento com toda a minha origem, meus conceitos e minhas antigas obrigações. Estou contente agora por me livrar dessas agonias mentais”.

A guerra mais destrutiva e bárbara da história da humanidade começava. Era a guerra que Hitler queria desde os anos 1920, a guerra contra o bolchevismo. Era o confronto final. Ele havia chegado a ela por uma via indireta. Mas, finalmente, a guerra de Hitler se tornava realidade.

20. Confronto final

I

Ao amanhecer de 22 de junho, mais de 3 milhões de soldados alemães atravessaram as fronteiras e adentraram o território soviético. Por uma singularidade da história, como Goebbels observou com certa inquietação, tratava-se exatamente da mesma data em que o grande exército de Napoleão havia invadido a Rússia, 129 anos antes. Os invasores modernos mobilizaram mais de 3600 tanques, 600 mil veículos motorizados (incluindo carros blindados), 7 mil peças de artilharia e 2500 aviões. Nem todo o transporte era mecanizado: como na época de Napoleão, faziam uso também de cavalos — 625 mil deles. Para encarar os exércitos invasores, dispostos ao longo das fronteiras ocidentais da União Soviética, estavam quase 3 milhões de soldados soviéticos, apoiados por um número de tanques que, estima-se agora, chegavam a 14-15 mil (quase 2 mil deles do modelo mais moderno), mais de 34 mil peças de artilharia e de 8 a 9 mil aviões de combate. A escala do choque titânico que se iniciava — e determinaria o resultado da Segunda Guerra Mundial e o formato da Europa por quase meio século — quase desafia a imaginação.

Apesar da vantagem numérica em armamentos dos soviéticos, os primeiros estágios do ataque pareceram endossar todo o otimismo de Hitler e seu Estado-Maior a respeito da inferioridade de seus inimigos bolcheviques e a velocidade com que seria possível obter a vitória completa. O ataque em três pontas liderado pelos marechais de campo cavaleiro Wilhelm von Leeb no norte, Fedor von Bock no

centro e Gerd von Rundstedt no sul fez avanços iniciais espantosos. No final da primeira semana de julho, a Lituânia e a Letônia estavam em mãos germânicas. O avanço de Leeb ao norte, que tinha Leningrado como alvo, já chegara a Ostrov. O Grupo de Exércitos Centro avançara ainda mais. Grande parte da Rússia Branca fora tomada. Minsk estava cercada. Os exércitos de Bock já tinham a cidade de Smolensk à vista. Mais ao sul, em meados de julho, as tropas de Rundstedt já haviam capturado Zitomir e Berdicev.

A calamidade soviética era imensa — e evitável. Os tanques alemães já avançavam e Stálin ainda achava que Hitler estava blefando, que ele não ousaria atacar a União Soviética enquanto não tivesse acabado com a Grã-Bretanha. Ele havia previsto algumas demandas territoriais alemãs, mas confiava que, se necessário, as negociações poderiam deter um ataque em 1941, ao menos. A interferência desastrada e a incompetência militar de Stálin combinaram-se com o medo e o servilismo de seus generais, e as limitações do inflexível conceito estratégico soviético para que não se tomassem as precauções necessárias, se criassem disposições defensivas e o combate ficasse concentrado em uma ação de retaguarda. Em vez disso, exércitos inteiros foram deixados em posições expostas, presas fáceis para os movimentos em pinça do avanço rápido dos exércitos blindados. Em toda uma série de imensos cercos, o Exército Vermelho sofreu perdas assombrosas de homens e equipamentos. Ao chegar o outono, cerca de 3 milhões de soldados já haviam marchado em longas filas sombrias para o cativeiro alemão. Boa parte deles sofreria um tratamento desumano nas mãos de seus captores e não retornaria. Mais ou menos o mesmo número havia sido morto ou ferido. O caráter bárbaro do conflito, evidente desde o primeiro dia, fora determinado, como vimos, pelos planos alemães de uma "guerra de aniquilação" que tomara forma a partir de março. Os prisioneiros soviéticos não eram tratados como camaradas de armas, as convenções de Genebra não eram consideradas aplicáveis, os comissários políticos — categoria interpretada no sentido mais amplo — eram peremptoriamente fuzilados, a população civil era submetida às represálias mais cruéis. As atrocidades não se restringiam às ações da Wehrmacht. Do lado soviético, Stálin se recuperou de seu trauma diante da invasão e proclamou que o conflito não era uma guerra comum, mas "uma grande guerra patriótica" contra os invasores. Era necessário, declarou, formar grupos de guerrilheiros para organizar a

“batalha impiedosa”. O medo mútuo da captura alimentou rápida e diretamente a espiral da barbárie na frente oriental. Mas não foi a causa primeira do barbarismo. A força propulsora era o impulso ideológico nazista para extirpar o “judaico-bolchevismo”.

Já no primeiro dia da invasão, começaram a chegar a Berlim informes sobre até mil aviões soviéticos destruídos e a tomada de Brest-Litowsk pelas tropas alemãs. “Em breve acabaremos com isso”, escreveu Goebbels em seu diário. E acrescentou logo depois: “Precisamos acabar com isso logo. Entre o povo há um estado de ânimo um pouco deprimido. As pessoas querem paz. [...] Cada novo teatro de guerra causa preocupação e inquietação”.

O principal autor do choque mais letal do século, que em quase quatro anos produziria uma inimaginável colheita de dor para as famílias de toda a Europa Central e Oriental e um grau de destruição jamais experimentado na história da humanidade, deixou Berlim por volta do meio-dia de 23 de junho. Hitler partia com seu séquito para o novo quartel-general de campo na Prússia Oriental. Tal como nas campanhas anteriores, supunha que ficaria por lá por algumas semanas, faria um tour pelas áreas recém-conquistadas e voltaria para Berlim. Esse foi apenas um dos seus erros de cálculo. A Toca do Lobo (*Wolfsschanze*) seria seu lar na maior parte dos próximos três anos e meio. E ele finalmente o deixaria quando já fosse um homem arruinado em um país arruinado.

A Toca do Lobo — outro jogo com o pseudônimo favorito de Hitler da década de 1920, quando gostava de chamar a si mesmo de “Wolf” (o suposto significado de “Adolf”, que implicava força) — estava escondida nas sombrias florestas da Masúria, a cerca de oito quilômetros da cidadezinha de Rastenburg. Hitler e seus acompanhantes chegaram lá na noite de 23 de junho. O novo ambiente não era muito acolhedor. O ponto central consistia de dez bunkers, erguidos durante o inverno, camuflados e com algumas partes protegidas contra ataques aéreos por paredes de concreto de dois metros de espessura. O bunker de Hitler ficava no extremo norte do conjunto. Todas as janelas davam para o norte a fim de evitar a entrada do sol. Nos bunkers de Hitler e Keitel, havia salas grandes o suficiente para conferências militares e uma caserna com uma sala de refeições para cerca de vinte pessoas. Outro conjunto — conhecido como QG Área 2 — que ficava a pouca distância, cercado por arame farpado e quase invisível da estrada, abrigava o

Estado-Maior operacional da Wehrmacht, sob o comando de Warlimont. O quartel-general do Exército, onde ficavam Brauchitsch e Halder, situava-se a poucos quilômetros para o nordeste. Göring — designado por Hitler em 29 de junho para ser seu sucessor na eventualidade de sua morte — e a Luftwaffe permaneceram em seus trens especiais.

A parte de Hitler no quartel-general do Führer, conhecida como Zona de Segurança Um, logo desenvolveu seu ritmo próprio. O acontecimento central era a "sessão de informações sobre a situação", realizada ao meio-dia no bunker compartilhado por Keitel e Jodl e que, com frequência, durava até duas horas. Brauchitsch, Halder e o coronel Adolf Heusinger, chefe do Departamento de Operações do Exército, compareciam uma ou duas vezes por semana. A sessão era seguida por um longo almoço, que começava geralmente às duas horas em ponto, no qual Hitler mantinha sua rigorosa dieta vegetariana. As audiências sobre assuntos não militares eram marcadas para as tardes. Por volta das dezessete horas, ele chamava suas secretárias para o café. Uma palavra especial de elogio era reservada para aquela capaz de comer mais bolinhos. A segunda reunião de informações militares, dadas por Jodl, ocorria às dezoito horas. A refeição da noite era às 19h30 e durava muitas vezes duas horas. Depois, assistiam a filmes. A parte final da rotina era a reunião de secretárias, ajudantes e convidados para o chá, ao som dos monólogos de fim de noite de Hitler. Quem podia, tirava uma sesta durante a tarde para manter os olhos abertos nas primeiras horas da madrugada. Às vezes, já era dia claro quando as discussões noturnas acabavam.

Hitler sentava-se sempre no mesmo lugar às refeições, de costas para a janela, ladeado pelo chefe de Imprensa Dietrich e Jodl; do lado oposto ficavam Keitel, Bormann e o general Karl Heinrich Bodenschatz, oficial de ligação de Göring. Generais, oficiais do Estado-Maior, ajudantes, médicos de Hitler e muitos convidados compunham o restante da mesa. O clima era bom naqueles primeiros dias, sem muitas formalidades. O estado de espírito em geral ainda era otimista. A vida no quartel-general do Führer ainda não atingira o estágio em que viria a ser descrito por Jodl como a meio caminho "entre um mosteiro e um campo de concentração".

Duas secretárias de Hitler, Christa Schroeder e Gerda Daranowski, também o acompanharam ao quartel-general de campo. Não tinham nada para fazer. Dormir,

comer, beber e bater papo eram as atividades que preenchiam a maior parte de seus dias. Boa parte de sua energia era gasta tentando matar mosquitos a tapa. Hitler queixava-se de que seus assessores haviam escolhido "o lugar mais pantanoso, infestado de mosquitos e climaticamente desfavorável para ele" e brincava que mandaria a Luftwaffe caçar os mosquitos. Mas "o chefe" no geral manteve o bom humor durante a primeira parte da campanha russa.

Como em Berlim ou no Berghof, uma palavra durante as refeições sobre um de seus temas favoritos podia desencadear facilmente um monólogo de uma hora. Naqueles primeiros dias, ele costumava ficar de frente para um grande mapa da União Soviética pregado na parede. Sob qualquer pretexto, começava outra arenga sobre o perigo que o bolchevismo significava para a Europa e como seria tarde demais se esperassem mais um ano. Em uma ocasião, suas secretárias o viram, diante de um grande mapa da Europa, apontar para a capital russa e dizer: "Em quatro semanas, estaremos em Moscou. Moscou será arrasada". Tudo andara muito melhor do que se havia imaginado, observou. Tiveram a sorte de os russos colocarem suas tropas nas fronteiras, sem atrair os exércitos alemães para dentro de seu país, o que teria causado dificuldade de suprimentos. Dois terços das Forças Armadas bolcheviques e cinco sextos de seus tanques e aviões foram destruídos ou seriamente danificados, contou a Goebbels, quando da primeira visita deste ao quartel-general do Führer, em 8 de julho. Após avaliar a situação militar em detalhes com seus assessores da Wehrmacht, a conclusão do Führer, anotou Goebbels, era de que, "em grande parte, a guerra no Leste já estava ganha". Não poderia haver ideia de termos de paz com o Kremlin (ele pensaria diferente sobre isso apenas um mês depois). O bolchevismo seria destruído e a União Soviética dividida em suas partes componentes, privada de qualquer centro econômico, político ou intelectual. O Japão atacaria o leste da União Soviética em questão de semanas. E a queda da Inglaterra seria certa.

Chegou a notícia de que 3500 aviões e mais de mil tanques soviéticos haviam sido destruídos. Mas havia outra notícia, sobre a luta fanática dos soldados soviéticos que temiam o pior caso se rendessem. Em 14 de julho, Hitler diria ao embaixador japonês Oshima que "nossos inimigos não são mais seres humanos, são bestas". Foi quando Christa Schroeder, sem dúvida fazendo eco ao seu "chefe" e à atmosfera geral do quartel-general, disse a uma amiga que, "levando em conta toda

a experiência anterior, pode-se dizer que é uma luta contra animais selvagens".

Hitler não permitira a divulgação de nenhum informe da Wehrmacht nos primeiros dias de campanha. Mas o domingo, 29 de junho — uma semana depois do início do ataque —, nas palavras de Goebbels, foi "o dia dos anúncios especiais". Foram transmitidos pelo rádio doze, no total, cada um deles introduzido pela "Fanfarra russa", baseada em *Les Préludes* de Liszt, a partir das onze da manhã. O domínio no ar havia sido alcançado, proclamavam as notícias. Grodno, Brest-Litowsk, Vilna, Kowno e Dünaburg estavam em mãos alemãs. Minsk fora tomada. Os russos haviam perdido 2233 tanques e 4107 aviões. Enormes quantidades de materiais haviam sido capturadas. Fizera-se um enorme número de prisioneiros. Mas a recepção popular na Alemanha foi menos entusiástica do que se esperava. As pessoas se cansaram rapidamente dos anúncios especiais, um depois do outro, e mostravam-se céticas em relação à propaganda. Em vez de ficarem excitadas, seus sentidos ficaram embotados. Goebbels ficou furioso com a apresentação do OKW e jurou que aquilo jamais se repetiria.

A invasão da União Soviética foi apresentada ao público alemão como uma guerra preventiva. Ela fora empreendida pelo Führer, diziam as diretrizes de Goebbels para a imprensa, a fim de evitar, no último minuto, a ameaça ao Reich e a toda a cultura ocidental por meio da traição do "judaico-bolchevismo". Os bolcheviques planejavam atacar o Reich e invadir e destruir a Europa a qualquer momento. Somente a ação corajosa do Führer havia evitado isso. Mais extraordinário do que a mentira da propaganda é o fato de que Hitler e Goebbels haviam se convencido de que era verdadeira. Perfeitamente conscientes de sua falsidade, eles tinham de encenar uma ficção entre eles mesmos para justificar a decisão não provocada de atacar e destruir a União Soviética.

No fim de junho, os cercos a Bialystok e Minsk já haviam produzido a espantosa cifra de 324 mil prisioneiros do Exército Vermelho, 3300 tanques e 1800 peças de artilharia capturados ou destruídos. Pouco mais de duas semanas depois, a batalha de Smolensk dobrou esses números. Já no segundo dia de campanha, as estimativas alemãs diziam que o número de aviões derrubados ou destruídos no solo chegava a 2500. Quando Goebbels manifestou dúvidas sobre os números, eles foram verificados e descobriu-se que estavam 2300 abaixo do total. Após um mês de luta, a quantidade de aviões destruídos já chegava a 7564. No início de julho, estimava-se

que 89 das 164 divisões soviéticas haviam sido inteira ou parcialmente destruídas e que somente nove de 29 divisões de tanques do Exército Vermelho ainda estavam em condições de combate.

A subestimação do potencial de luta soviético logo provocaria um choque severo. Mas, no início de julho, não surpreende que o sentimento do comando militar alemão era de que a "Barbarossa" estava a caminho da vitória completa, que a campanha acabaria, como previsto, antes do inverno. Em 3 de julho, Halder resumiu seu veredicto em palavras que depois o perseguiriam: "Assim, não é provavelmente um exagero dizer que a campanha russa foi ganha no espaço de duas semanas". Ao menos, teve a prudência de admitir que isso não significava que a guerra acabara: "A simples vastidão geográfica do país e a obstinação da resistência, que é levada a cabo com todos os meios, exigirão nossos esforços por muito mais semanas".

II

Os ganhos territoriais obtidos com os sucessos espetaculares da Wehrmacht na primeira fase da "Barbarossa" deram a Hitler o comando sobre uma extensão do continente europeu maior do que a de qualquer outro governante desde Napoleão. Suas efusões discursivas divagadoras, na hora do almoço ou nos monólogos de tarde da noite para seu círculo habitual, eram a expressão mais pura do poder megalomaníaco ilimitado e de uma desumanidade impressionante. Eles eram a face do futuro no imenso império europeu-oriental, tal como ele o concebia.

"A beleza da Crimeia" se tornaria acessível aos alemães através de uma rodovia, entusiasmou-se no final da noite de 5 de julho de 1941. Seria a versão deles da Riviera francesa ou italiana. Depois da guerra, cada alemão tinha de ter a chance de ver os territórios conquistados com seu "carro do povo" (*Volkswagen*), uma vez que teria de "estar pronto, se necessário, para lutar por eles". O erro da era do pré-guerra, de limitar a ideia colonial à propriedade de alguns capitalistas ou empresas, não poderia se repetir. No futuro, as estradas seriam mais importantes para o transporte de passageiros do que as ferrovias. Somente viajando por rodovias era possível conhecer um país, asseverou ele.

Perguntaram-lhe se seria suficiente estender as conquistas até os Urais. "Inicialmente" isso seria o bastante, respondeu. Mas o bolchevismo devia ser exterminado e seria necessário realizar expedições a partir de lá para erradicar novos centros que pudessem aparecer. "São Petersburgo" — como ele chamava Leningrado — "é uma cidade incomparavelmente mais bela que Moscou". Mas decidira que seu destino seria o mesmo que o da capital. "É preciso dar um exemplo ali e a cidade desaparecerá completamente da terra." Ela seria cercada, bombardeada e as pessoas morreriam de fome. Ele imaginava também que sobraria pouco de Kiev. Considerava a destruição das cidades soviéticas a base para o poder alemão duradouro nos territórios conquistados. Nenhum poder militar seria tolerado num raio de trezentos quilômetros a leste dos Urais. "A fronteira entre a Europa e a Ásia não são os Urais, mas o lugar até onde vão os povoamentos de tipos de povos germânicos e começa a terra dos eslavos. É nossa tarefa empurrar essa fronteira o máximo possível para o leste e, se necessário, para além dos Urais."

Hitler achava que o povo russo só servia para o trabalho pesado sob coerção. A

desorganização geral era sua condição natural e desejada. Em outra ocasião, ele observou que os ucranianos eram "completamente preguiçosos, desorganizados e niilisticamente asiáticos, como os habitantes da Grande Rússia". Não fazia sentido falar de nenhum tipo de ética do trabalho. Tudo o que eles entendiam era "o açoite". Ele admirava a brutalidade de Stálin e pensava que o ditador soviético era "um dos maiores seres humanos vivos, uma vez que, ainda que mediante a compulsão mais dura, havia conseguido fundir um Estado a partir daquela família de coelhos eslavos". Ele chamava o "caucasiano astuto" de "uma das figuras mais extraordinárias da história mundial", que raramente saía de seu gabinete, mas podia governar dali por intermédio de uma burocracia subserviente.

Para Hitler, o modelo de dominação e exploração continuava a ser o Império britânico. Sua inspiração para o futuro governo de sua raça de senhores era o Raj. Em várias ocasiões, ele manifestou sua admiração pelo modo como um país pequeno como a Grã-Bretanha fora capaz de estabelecer seu domínio pelo mundo num imenso império colonial. O domínio britânico na Índia, em particular, mostrava o que a Alemanha poderia fazer na Rússia. Deveria ser possível controlar o território oriental com um quarto de milhão de homens, declarou. Com esse número, os ingleses mandavam em 400 milhões de indianos. A Rússia seria sempre dominada por governantes alemães. Eles deveriam cuidar para que as massas fossem instruídas o suficiente apenas para ler a sinalização das estradas, embora fosse do interesse alemão que tivessem um padrão de vida razoável. O sul da Ucrânia, em particular a Crimeia, seria colonizado por soldados-agricultores alemães. Ele não se importaria em deportar a população existente para outro lugar a fim de abrir espaço para eles. A concepção era de um tipo feudal moderno de colonização: haveria um exército permanente de 1,5 a 2 milhões de homens, fornecendo cerca de 30 a 40 mil todos os anos para uso quando terminasse seu serviço de doze anos. Se fossem filhos de agricultores, ganhariam do Reich uma granja totalmente equipada em retribuição por seus doze anos de serviço militar. Ganhariam também armas. A única condição era que se casassem com moças do campo e não da cidade. Os camponeses alemães viveriam em belos assentamentos, ligados à cidade mais próxima por boas estradas. Além desses limites, estaria "o outro mundo", onde os russos viveriam sob o jugo alemão. No caso de uma revolução, "tudo o que precisamos é jogar algumas bombas em suas cidades e o

assunto estará resolvido”. Ele previa que, depois de dez anos, haveria uma elite germânica com que poderia contar quando houvesse novas tarefas a empreender. “Um novo tipo de homem entrará em ação, verdadeira espécie de senhores que, é claro, não podem ser usados no ocidente: vice-reis.” Os administradores alemães seriam instalados em edifícios esplêndidos; os governadores viveriam em “palácios”.

Seus devaneios sobre a perspectiva de um equivalente alemão da Índia continuaram por três dias e noites sucessivos, de 8 a 11 de agosto. A Índia dera orgulho aos ingleses. Os vastos espaços os obrigaram a governar milhões com poucos homens. “O que a Índia foi para a Inglaterra, o território oriental será para nós”, declarou.

Para Hitler, a Índia era o coração de um império que dera à Grã-Bretanha não somente poder, mas prosperidade. A exploração econômica implacável estivera sempre no seu sonho de um império germânico no leste. Agora, parecia que esse sonho se tornaria realidade em breve. Ele previa que “a Ucrânia e depois a bacia do Volga serão um dia o celeiro da Europa”.

> E também forneceremos ferro à Europa. Se um dia a Suécia não fornecê-lo mais, tudo bem, nós o tomaremos do leste. A indústria belga pode trocar seus produtos — artigos de consumo baratos — por trigo dessas áreas. Da Turíngia e dos montes Harz, por exemplo, podemos retirar nossas pobres famílias trabalhadoras para dar-lhes grandes pedaços de terra.

“Seremos um exportador de trigo para todos os europeus que precisam dele”, continuou um mês depois.

> Na Crimeia, teremos frutas cítricas, indústrias de borracha (com 40 mil hectares, nos tornaremos independentes) e algodão. Os pântanos de Pripiat nos darão junco. Daremos aos ucranianos lenços de cabeça, correntes de vidro como joias e outras coisas que os povos coloniais gostam. Nós, alemães — isso é o principal — devemos formar uma comunidade fechada como uma fortaleza. O mais humilde cavalariço deve ser superior a qualquer nativo.

A autarquia, no pensamento de Hitler, era a base da segurança. E a conquista do Leste, como ele declarara repetidamente em meados da década de 1920, ofereceria agora essa segurança para a Alemanha. “A luta pela hegemonia no mundo será decidida para a Europa por meio da ocupação do espaço russo”, disse ao seu círculo em meados de setembro. “Isso faz da Europa o lugar mais firme no mundo contra a

ameaça de um bloqueio.” Ele voltou ao tema alguns dias depois.

> Assim que reconheço que uma matéria-prima é importante para a guerra, faço todos os esforços para nos tornar independentes nela. Ferro, carvão, petróleo, trigo, gado, madeira — devemos tê-los a nossa disposição. [...] Hoje posso dizer: a Europa é autossuficiente, desde que possamos evitar que venha a existir outro Estado gigantesco que poderia utilizar a civilização europeia para mobilizar a Ásia contra nós.

Ele comparava, como fizera com frequência muitos anos antes, os benefícios da autarquia com a economia de mercado internacional e os erros, na sua opinião, cometidos pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos ao depender de exportações e de mercados de ultramar, provocando uma competição acirrada, altas tarifas e custos de produção e desemprego. A Inglaterra aumentara o desemprego e empobrecera sua classe operária com o erro de industrializar a Índia. A Alemanha não estava amarrada às exportações e isso significava que era o único país sem desemprego.

> O país que estamos abrindo agora é para nós apenas uma fonte de matérias-primas e área de comercialização, não um campo para a produção industrial. [...] Não precisaremos mais procurar um mercado ativo no Extremo Oriente. Nosso mercado está aqui. Nós simplesmente precisamos garanti-lo. Forneceremos bens de algodão, panelas, todos os artigos simples para satisfazer a demanda das necessidades cotidianas. Não produziremos nada que não possa ser comercializado aqui. Eu vejo grandes possibilidades para a construção de um Reich forte, uma verdadeira potência mundial. [...] Nas próximas centenas de anos, teremos um campo de atividades sem igual.

Hitler não fazia rodeios ao justificar a conquista daquele território: o poder tem a razão. Um povo culturalmente superior, privado de “espaço vital”, não precisava de nenhuma outra justificativa. Para ele, como sempre, era uma questão das “leis da natureza”. “Se causo danos aos russos agora é porque, do contrário, elas causariam danos a mim”, declarou. “O querido Deus, uma vez mais, faz as coisas assim. Ele joga subitamente as massas da humanidade sobre a terra e cada um tem de cuidar de si mesmo e de como vai se safar. Uma pessoa tira uma coisa de outra. E, no fim, só se pode dizer que o mais forte vence. Essa é, afinal, a ordem mais sensível das coisas.”

Não haveria fim da luta no leste, isso estava claro, mesmo depois de uma vitória alemã. Hitler falava em construir uma *Ostwall* ao longo dos Urais como uma barreira contra súbitas investidas do “perigoso reservatório humano” da Ásia. Não seria uma fortificação convencional, mas um muro vivo feito de soldados-

fazendeiros que seriam os novos colonizadores do leste. “Uma luta fronteiriça permanente no leste produzirá um tronco sólido e evitará que mergulhemos de volta na moleza de um sistema baseado puramente na Europa.” Para ele, a guerra era a essência da atividade humana. “O que encontrar um homem significa para uma moça, a guerra significa para ele”, dizia ele. Naquelas semanas, referia-se com frequência a suas experiências na Primeira Guerra Mundial, provavelmente o período mais formativo de sua vida. Assistindo a um noticiário cinematográfico sobre a Batalha de Kiev, ficou totalmente fascinado com “uma epopeia heroica como jamais existiu”. “Estou imensamente feliz por ter experimentado a guerra dessa maneira”, acrescentou. Em outra ocasião, comentou que, se pudesse desejar algo ao povo alemão, seria que tivesse uma guerra a cada quinze ou vinte anos. Se o criticassem pela perda de 200 mil vidas, ele retrucaria que havia ampliado a nação alemã em 2,5 milhões e sentia-se justificado ao exigir o sacrifício da vida de um décimo. “A vida é horrível. Vir à luz, existir e falecer, há sempre uma morte. Tudo que nasce deve depois morrer. Seja por doença, acidente ou guerra, dá na mesma.”

Suas noções de uma “nova ordem” social precisam ser postas nesse contexto de conquista, exploração implacável, o direito do poderoso, dominação racial e guerra mais ou menos permanente num mundo em que a vida era barata e prontamente descartável. Com frequência, suas ideias tinham raízes no ressentimento que ainda remoia pelo fato de seus “talentos” não terem sido reconhecidos, ou na desvantagem de sua posição social em comparação com os privilégios dos bem-nascidos e abastados. Assim, defendia a educação livre, financiada pelo Estado, para todos os jovens de talento. Os trabalhadores teriam férias anuais e poderiam esperar, uma ou duas vezes na vida, fazer um cruzeiro marítimo. Criticava as distinções entre diferentes classes de passageiros nesses navios de cruzeiro. E aprovava a introdução da mesma comida para oficiais e soldados do Exército. Ele poderia ter a aparência de quem promovia ideias de uma sociedade moderna, móvel, sem classes, sem privilégios e baseada apenas na realização pessoal. Mas o princípio fundamental continuava a ser a raça, à qual todo o resto estava subordinado. Desse modo, no leste, todos os alemães viajariam nos vagões estofados de primeira ou segunda classe — para separá-los da população nativa. Era uma visão social que podia ter óbvios atrativos para muitos membros da suposta raça superior. A imagem era de uma cornucópia de riquezas fluindo do leste para o

Reich. A Alemanha estaria ligada às novas fronteiras por rodovias que cortariam as estepes infindáveis e os enormes espaços russos. Prosperidade e poder seriam garantidos por meio da nova raça de super-homens, que seriam os senhores das massas eslavas oprimidas.

Para aqueles que ouviam Hitler descrevê-la, essa visão parecia excitantemente moderna: um rompimento com os laços hierárquicos tradicionais de classe e status e a criação de uma sociedade em que o talento era recompensado e havia prosperidade para todos — para todos os alemães, bem entendido. Com efeito, alguns elementos do pensamento de Hitler eram inquestionavelmente modernos. Ele tinha em vista, por exemplo, os benefícios da tecnologia moderna e imaginava estufas aquecidas a vapor para fornecer frutas e verduras frescas às cidades alemãs durante todo o inverno. Queria também que o transporte moderno abrisse o leste. Enquanto a abundância do leste seria trazida por trem para a Alemanha, o carro seria para ele o meio de transporte vital do futuro. Mas, apesar de toda a modernidade aparente, sua concepção social era, em essência, atávica. As conquistas coloniais do século XIX forneciam sua inspiração. O que Hitler estava oferecendo era uma versão modernizada da antiga conquista imperialista, traduzida agora para o campo etnicamente misto da Europa Oriental, onde os eslavos seriam o equivalente germânico das populações nativas conquistadas na Índia e na África pelo Império britânico.

Em meados de julho, os passos fundamentais para traduzir a visão horrenda em realidade já haviam sido dados. Numa importante reunião de cinco horas realizada em 16 de julho no quartel-general do Führer, à qual compareceram Göring, Rosenberg, Lammers, Keitel e Bormann, Hitler estabeleceu as diretrizes básicas da política e os arranjos práticos para administrar e explorar as novas conquistas. Uma vez mais, a premissa subjacente era a justificação darwinista social de que os fortes mereciam herdar a terra. Mas o sentimento de que o que faziam era moralmente passível de objeção estava presente nos comentários de abertura de Hitler, tal como registrados por Bormann:

> A motivação de nossos passos aos olhos do mundo deve ser dirigida por pontos de vista táticos. Devemos proceder aqui exatamente como nos casos da Noruega, Dinamarca, Holanda e Bélgica. Nesses casos, também não dissemos nada sobre nossas intenções e continuaremos sensatamente a não dizer. Assim, enfatizaremos novamente que fomos obrigados a ocupar uma área para trazer ordem e impor segurança.

> No interesse da população nativa, tivemos de cuidar de fornecer calma, alimento, transporte etc. etc. Daí nosso assentamento. Portanto, não deve ser reconhecível que uma colonização final está começando! Todas as medidas necessárias — fuzilamento, deportação etc. — faremos e podemos fazer de qualquer modo. Não queremos fazer inimigos prematuros e desnecessários. Vamos simplesmente agir, portanto, como se quiséssemos executar um mandato. Mas deve estar claro para nós que jamais deixaremos de novo esses territórios.

A declaração franca de Hitler continuava:

> Desse modo, é uma questão de: 1) não fazer nada para atrapalhar a colonização final, mas prepará-la em sigilo; 2) enfatizar que somos os libertadores. [...] Basicamente, é uma questão de dividir o bolo gigantesco para que possamos primeiro governá-lo, em segundo lugar, administrá-lo e, em terceiro, explorá-lo. Os russos deram agora a ordem para uma guerra de guerrilhas atrás de nosso front. Essa guerra tem sua vantagem: nos dá a possibilidade de exterminar qualquer coisa que se oponha a nós. Como princípio básico: a construção de uma potência militar a oeste dos Urais nunca mais deve ser possível, mesmo se, em consequência, tenhamos de travar uma guerra por cem anos.

Ele tratou de nomear titulares para posições-chave no leste ocupado. Rosenberg foi confirmado no dia seguinte como chefe do que parecia, na superfície, ser o todo-poderoso Ministério do Reich para os Territórios Orientais Ocupados. Mas nada era o que parecia no Terceiro Reich. A autoridade de Rosenberg, como deixava claro o decreto de Hitler, não incluía as respectivas esferas de competência do Exército, da organização do Plano Quadrienal de Göring e da SS. Em outras palavras, as armas mais poderosas estavam fora do controle de Rosenberg. Mais do que isso, sua ideia de fazer aliados de certas nacionalidades contra a Grande Rússia — noção em que ele e sua equipe vinham trabalhando desde a primavera — entrava em choque com a política de repressão máxima e reassentamento brutal de Himmler e com o plano de Göring de exploração econômica total. Em poucas semanas, Himmler tinha em mãos planos para deportar, nos vinte anos seguintes, mais de 30 milhões de pessoas para as regiões mais orientais, de clima muito mais inóspito. Göring imaginava matar de fome entre 20 e 30 milhões de pessoas na Rússia — ideia apresentada mesmo antes da invasão alemã pelo Grupo Agrícola da Equipe Econômica para o Leste. Os três — Rosenberg, Himmler e Göring — podiam encontrar um denominador comum na meta de Hitler de destruir o bolchevismo e obter "espaço vital". Mas, além desse mínimo, o conceito de Rosenberg — não menos impiedoso, mas mais pragmático — não tinha chance quando confrontado com a ideia contrária, apoiada pela concepção do próprio Hitler de rapacidade e repressão

absoluta.

Na conferência de 16 de julho, em oposição aos desejos de Rosenberg, Hitler aceitara a sugestão de Göring, apoiada por Bormann, de que Erich Koch, o extraordinariamente brutal — até pelos padrões nazistas — e de espírito independente *Gauleiter* da Prússia Oriental, deveria ser nomeado comissário do Reich para o território-chave da Ucrânia. Koch, tal como Hitler, mas em contraste com Rosenberg, rejeitava a ideia de um estado-tampão ucraniano. Em sua opinião, era necessário "ser duro e brutal" desde o início. Ele era bem visto no quartel-general do Führer. Todos achavam que era a pessoa mais adequada para cumprir os requisitos na Ucrânia. Consideravam um elogio quando ele era chamado de "segundo Stálin".

Ao contrário do tirano Koch, que continuava a preferir seu velho domínio prussiano oriental ao seu novo feudo, Hinrich Lohse, nomeado para comissário do Reich no Báltico, agora rebatizado de Ostland, tornou-se objeto de ridículo entre as forças de ocupação alemãs com sua burocratização fanática e frequentemente mesquinha, desencadeada por cascatas de decretos e diretrizes. Apesar de tudo, ele era fraco em face do poder da SS e outras agências concorrentes. Do mesmo modo, Wilhelm Kube, designado por sugestão de Göring e Rosenberg para comissário do Reich na Bielorrússia, revelou-se não somente corrupto e incompetente em escala grandiosa, mas outro ditador fraco e mesquinho em sua província: suas instruções eram ignoradas muitas vezes por seus subordinados e era forçado com frequência a ceder diante do poder superior da SS.

Desse modo, estava aberto o caminho para uma "Nova Ordem" no leste que contradizia seu próprio nome. Nada se parecia com ordem. Tudo lembrava a guerra de todos contra todos embutida no sistema nazista e no próprio Reich, enormemente expandido na Polônia ocupada e agora levado a seu desenlace lógico nas terras conquistadas da União Soviética.

III

Na verdade, apesar dos ganhos extraordinários obtidos com o avanço da Wehrmacht, julho traria o reconhecimento de que o plano operacional da "Barbarossa" fracassara. E, apesar de todo o ar de confiança que Hitler exibia para seu círculo na Toca do Lobo, aquelas semanas apresentaram também os primeiros sinais das tensões e dos conflitos na liderança militar e em suas tomadas de decisões, que continuariam a infestar o esforço de guerra alemão. Hitler interveio em questões táticas desde o início. Já em 24 de junho, ele dissera a Brauchitsch que estava preocupado porque o cerco de Bialystok não era suficientemente apertado. No dia seguinte, expressou inquietação porque achava que os Grupos de Exércitos do Centro e do Sul estavam operando em profundidade demasiada. Halder desconsiderou a preocupação. "O velho refrão!", escreveu em seu diário. "Mas isso não vai mudar nada em nossos planos." Em 27, 29 e 30 de junho, e de novo em 2 e 3 de julho, Halder registrou questionamentos ou intervenções de Hitler no deslocamento tático das tropas. Em suas anotações, confidenciou: "O que está faltando no alto nível é aquela confiança nos comandos executivos, que é um dos traços mais essenciais de nossa organização de comando".

A irritação de Halder diante da interferência de Hitler era compreensível. Mas os erros e juízos incorretos, mesmo na primeira e aparentemente tão bem-sucedida fase da "Barbarossa", eram tanto dos profissionais do Alto-Comando do Exército quanto do ex-cabo da Primeira Guerra Mundial, que se julgava agora o maior senhor da guerra de todos os tempos.

O conflito crescente com Hitler girava em torno da implementação do plano estratégico da "Barbarossa" que fora traçado em dezembro de 1940. Por sua vez, esse plano emanara dos estudos de viabilidade realizados durante o verão por estrategistas militares. O Alto-Comando era a favor de fazer de Moscou o objetivo central. A concepção de Hitler, embora distinta, não diferia em vários aspectos essenciais do estudo estratégico independente preparado para o Estado-Maior Operacional da Wehrmacht em setembro de 1940, mas estava em desacordo quanto à questão crucial de Moscou.

A ênfase na "Diretriz Barbarossa" de Hitler em dezembro, e em todos os planejamentos estratégicos subsequentes, havia sido nas investidas ao norte, para

tomar Leningrado e garantir o Báltico e, ao sul, para tomar a Ucrânia. Mesmo sem se entusiasmar, o Estado-Maior do Exército aceitara a alteração daquilo que imaginara originalmente. De acordo com o novo plano, o Grupo de Exércitos Centro avançaria até Smolensk e depois se dirigiria para o norte, a fim de se juntar aos exércitos de Leeb para o ataque a Leningrado. A tomada de Moscou figurava no plano final da "Barbarossa" somente depois de terminada a ocupação de Leningrado e Kronstadt.

Já em 29 de junho, Hitler estava preocupado que o Grupo de Exércitos Centro de Bock, onde o avanço era especialmente espetacular, iria adiantar-se demais. Em 4 de julho, ele alegou que teve de encarar a decisão mais difícil da campanha: ater-se ao plano original da "Barbarossa" e emendá-lo para possibilitar uma investida mais profunda em direção ao Cáucaso (na qual Rundstedt seria ajudado por algumas das divisões blindadas do Grupo de Exércitos Centro), ou manter a concentração de blindados no centro e avançar na direção de Moscou. A decisão que tomou em 8 de julho foi a desejada por Halder: levar adiante a ofensiva do Grupo de Exércitos Centro com o alvo de destruir o grosso das forças do inimigo a oeste de Moscou. A estratégia modificada descartava, assim, a virada do Grupo de Exércitos Centro em direção a Leningrado, que fazia parte do plano original. A "solução ideal", aceita por Hitler, seria deixar o Grupo de Exércitos Norte de Leeb alcançar seus objetivos com seus próprios meios. Porém, Hitler ainda não estava tranquilo quanto à prioridade da captura de Moscou — aos seus olhos, como ele disse, "uma mera ideia geográfica".

O conflito com o Alto-Comando do Exército, apoiado pelo Grupo de Exércitos Centro, sobre a concentração na tomada de Moscou como objetivo continuou nas semanas seguintes. Hitler pressionava para que, em forma operacional revisada, fosse dada prioridade à captura de Leningrado, além de incluir agora a investida contra a zona industrial de Kharkhov até o Cáucaso, que deveria ser alcançado antes do início do inverno. Ao mesmo tempo, seu Suplemento à Diretriz no 33, datado de 23 de julho, definia que o Grupo de Exércitos Centro destruiria o inimigo entre Smolensk e Moscou apenas com suas divisões de infantaria e depois "tomaria Moscou em ocupação".

No fim de julho, Halder mudou seu tom sobre a certeza da rapidez da vitória. No início do mês, dissera a Hitler que somente 64 das 164 divisões soviéticas

conhecidas ainda eram capazes de combater. Isso, com toda probabilidade, havia sido uma sobrevalorização do grau de destruição e era, com certeza, uma subestimação precipitada da capacidade do inimigo de repor suas forças. Em 23 de julho, ele revisou o cálculo para um total de 93 divisões. O inimigo fora “decisivamente enfraquecido”, mas de forma alguma “finalmente esmagado”. Em consequência, uma vez que as reservas de pessoal eram consideradas agora inexauríveis, Halder defendia com mais força ainda que o objetivo das próximas operações tinha de ser a destruição das áreas de produção de armamentos em torno de Moscou.

Enquanto revisavam a resistência das defesas soviéticas, os danos ao seu Exército e sua Força Aérea também tinham de ser levados em conta. As tripulações dos aviões mostravam sinais de exaustão; a manutenção dos aviões não podia ser feita com rapidez suficiente. No fim de julho, somente 1045 aviões estavam em condições de uso. Os ataques aéreos a Moscou exigidos por Hitler tinham pouco efeito porque havia poucas aeronaves disponíveis. A maioria dos 75 ataques à capital soviética realizados nos meses seguintes foi feita por um pequeno número de bombardeiros, incapaz de causar mais do que danos menores à produção de armamentos do inimigo. A infantaria precisava de ainda mais repouso. Havia mais de um mês que marchavam e travavam batalhas ferozes sem descanso. O plano operacional original previa uma pausa para recuperação depois de vinte dias. Mas, após quarenta dias, as tropas não haviam descansado e a primeira fase da campanha ainda não terminara. Àquela altura, as baixas (feridos, desaparecidos e mortos) alcançavam 213301 oficiais e soldados. Além disso, apesar dos milagres realizados pela organização de Eduard Wagner, chefe da intendência do Exército, as dificuldades de locomoção em estradas muitas vezes inadequadas para o transporte mecanizado, mesmo em pleno verão, causaram problemas imensuráveis para a manutenção de linhas de suprimento de combustível, equipamento e provisões para um exército que avançava com rapidez. Os suprimentos para o Grupo de Exércitos Centro exigiam 25 trens de mercadorias por dia. Mas, apesar de trabalhar dia e noite para converter as linhas ferroviárias à bitola alemã, somente de oito a quinze trens chegavam à linha de frente no fim de julho e início de agosto.

No fim de julho, já ficava óbvio que o plano operacional revisado da “Barbarossa”, tal como estabelecido no Suplemento à Diretriz no 33, não poderia

ser levado a cabo antes do início do inverno. Hitler interpretou isso como uma exigência de apoio dos blindados do Grupo de Exércitos Centro ao ataque a Leningrado. Moscou podia esperar. Halder tinha opinião diametralmente oposta. Fazer de Moscou o objetivo obrigaria os soviéticos a comprometer o grosso de suas forças na defesa da capital. A tomada da cidade, inclusive de seu sistema de comunicações e suas indústrias, dividiria a União Soviética e tornaria a resistência mais difícil. Estava implícito que a captura da capital provocaria a queda do sistema soviético e o fim da guerra no leste. Se o ataque a Moscou não fosse feito a toda velocidade, o inimigo faria a ofensiva parar antes do inverno e depois se reagruparia. O objetivo militar da guerra contra a União Soviética teria então fracassado.

Hitler continuava insistindo que a captura da região industrial de Kharkhov e da bacia do Donets e o corte dos suprimentos de petróleo minariam a resistência mais do que a queda de Moscou. Mas estava hesitando. Naquele momento, até Jodl e o Estado-Maior Operacional da Wehrmacht haviam se curvado à necessidade de atacar Moscou. Em 30 de julho, citando a chegada de fortes reforços do inimigo à frente e nos flancos do Grupo de Exércitos Centro, Hitler cancelou o Suplemento à Diretriz no 33. Halder ficou por um momento extasiado. "Essa decisão livra cada soldado pensante da visão horrível que nos obseda nos últimos dias, uma vez que a obstinação do Führer fez o atolamento final da campanha oriental parecer iminente." Mas a Diretriz no 34, emitida no mesmo dia, ofereceu pouco conforto ao general. O Grupo de Exércitos Centro deveria se recuperar para o próximo ataque; no norte, o assalto a Leningrado deveria continuar; e o Grupo de Exércitos Sul deveria destruir as forças inimigas a oeste do Dnieper e na vizinhança de Kiev. A verdadeira decisão — a favor ou contra a investida contra Moscou — havia sido apenas adiada por algum tempo.

No início de agosto, Hitler continuava aferrado à ideia de dar prioridade a Leningrado. Ele calculava que o assunto estaria resolvido até 20 de agosto, e então as tropas e os aviões poderiam ser reutilizados pelo Grupo de Exércitos Centro. Sua segunda prioridade era, como antes, "o sul da Rússia, especialmente a região do Donets", que compunha "a base inteira da economia russa". Moscou estava claramente em terceiro lugar em sua lista de prioridades. Ele reconhecia que, nessa ordem de importância, a capital não poderia ser tomada antes do inverno. Halder

tentou em vão fazer com que Brauchitsch obtivesse uma decisão clara entre apostar tudo num golpe fatal ao inimigo atacando Moscou, ou tomar a Ucrânia e o Cáucaso por motivos econômicos. Ele persuadiu Jodl a intervir junto a Hitler para convencê-lo de que os objetivos de Moscou *e* da Ucrânia tinham de ser atingidos.

Àquela altura, Halder já percebia a magnitude da tarefa diante da Wehrmacht. "A situação toda deixa cada vez mais claro que subestimamos o colosso russo", escreveu em 11 de agosto.

> No início da guerra, calculávamos cerca de duzentas divisões inimigas. Agora, já contamos 360. Na realidade, essas divisões não estão armadas e equipadas de acordo com nossos padrões e seu comando tático é com frequência ruim. Mas elas estão aí e, se esmagamos uma dúzia delas, os russos simplesmente põem outra dúzia. [...] E assim nossas tropas, espalhadas por uma imensa linha de frente, sem nenhuma profundidade, são submetidas aos ataques incessantes do inimigo.

No Suplemento à Diretriz no 34, emitido em 12 de agosto, Hitler declarou categoricamente pela primeira vez que, depois que as ameaças aos flancos fossem eliminadas e os grupos de blindados fossem revigorados, o ataque às forças inimigas reunidas para a proteção de Moscou deveria prosseguir. O objetivo era "a remoção, antes do inverno, do inimigo de todo o Estado, armamentos e centro de comunicações em torno de Moscou", dizia a diretriz. Porém, três dias depois, Hitler interveio mais uma vez nas disposições táticas ao ordenar que as forças blindadas do flanco norte do Grupo de Exércitos Centro ajudassem o Grupo de Exércitos Norte a resistir a um forte contra-ataque soviético.

Sua concessão, ainda que cheia de reservas, a respeito de Moscou e depois a rápida negação da decisão podem ter sido afetadas pelo grave ataque de disenteria de que foi acometido na primeira metade de agosto. Apesar da crescente hipocondria, ele havia gozado em anos recentes de excelente saúde, o que talvez surpreenda, tendo em vista seus hábitos alimentares e seu estilo de vida. Mas, agora, estava prostrado num momento vital. Em 18 de agosto, quando Goebbels o visitou no quartel-general do Führer, encontrou-o ainda indisposto e "muito irritável", embora estivesse melhorando. As semanas de tensão e as dificuldades militares inesperadas do mês anterior haviam cobrado seu tributo, assim pensou o ministro da Propaganda. Na verdade, eletrocardiogramas feitos na época indicavam que Hitler tinha uma esclerose coronária rapidamente progressiva. A discussão dos resultados dos exames com Morell por certo não ajudaram a animá-lo, ou a

diminuir sua hipocondria.

É provável que a saúde debilitada de Hitler em agosto, num momento em que estava chocado com a admissão da grosseira subestimação pelos serviços de inteligência alemães do verdadeiro potencial das forças soviéticas, tenha enfraquecido temporariamente sua disposição de continuar a guerra no leste. Em sua visita de 18 de agosto, Goebbels ficou claramente espantado ao ouvir Hitler falar em aceitar termos de paz de Stálin e até declarar que o bolchevismo, sem o Exército Vermelho, não seria um perigo para a Alemanha. (Com efeito, parece que em julho Stálin chegou a pensar por um momento em fazer um acordo que envolvia a rendição em larga escala de território soviético.) Num estado de espírito pessimista quanto a uma vitória rápida e abrangente no leste, Hitler estava se agarrando a qualquer possibilidade: talvez Stálin implorasse paz; talvez Churchill fosse derrubado; de repente, talvez houvesse paz. A reviravolta podia acontecer tão depressa como fora em janeiro de 1933, sugeriu ele (e faria o mesmo em outras ocasiões até 1945), quando, sem perspectivas no início do mês, os nacional-socialistas se viram em questão de semanas no poder.

Os nervos de Halder também estavam desgastados. Achava agora que chegara o momento de enfrentar Hitler, de uma vez por todas, com a necessidade imperiosa de destruir as forças inimigas em torno de Moscou. Em 18 de agosto, August Brauchitsch encaminhou a Hitler o memorando de Halder. Nele, o general argumentava que os Grupos de Exército do Norte e do Sul teriam de alcançar seus objetivos com seus próprios recursos, mas que o principal esforço deveria ser a ofensiva imediata contra Moscou, uma vez que o Grupo de Exércitos Centro não seria capaz de continuar suas operações depois de outubro, em virtude das condições do tempo.

O memorando de Halder fora preparado pelo coronel Heusinger, o chefe do Departamento de Operações do Exército. Dois dias depois de sua apresentação, Heusinger discutiu-o com Jodl. O assessor militar mais próximo de Hitler sugeriu que havia motivos psicológicos por trás das escolhas estratégicas do ditador. Heusinger relembrou Jodl que Hitler tinha "uma aversão instintiva a seguir o mesmo caminho de Napoleão. Moscou lhe dá uma sensação sinistra". Quando Heusinger reafirmou a necessidade de derrotar as forças inimigas em Moscou, Jodl retrucou: "Isso é o que você diz. Agora vou lhe dizer qual será a resposta do Führer:

há no momento uma possibilidade muito melhor de derrotar as forças russas. Seu principal agrupamento está agora a leste de Kiev". Heusinger pressionou Jodl a apoiar seu memorando. Jodl finalmente observou: "Farei o que puder. Mas você deve admitir que as razões do Führer estão bem pensadas e não podem ser postas de lado assim. Não devemos compeli-lo a fazer algo que vai contra suas convicções íntimas. A intuição dele em geral tem sido correta. Você não pode negar isso!". O mito do Führer ainda prevalecia — e entre aqueles que lhe eram mais próximos.

Como era de prever, a resposta de Hitler não demorou a chegar — e foi uma réplica devastadora. Em 21 de agosto, o Alto-Comando do Exército soube que Hitler rejeitava suas propostas por não estarem de acordo com suas intenções. Ao contrário, ordenava: "O objetivo principal que deve ser alcançado antes do início do inverno não é a captura de Moscou, mas antes, no Sul, a ocupação da Crimeia e da região industrial e carbonífera do Donets, junto com o isolamento das regiões petrolíferas russas no Cáucaso e, no Norte, o cerco de Leningrado e a junção com os finlandeses". A medida fundamental imediata era o cerco e a destruição do Quinto Exército soviético na região de Kiev por meio de um movimento em pinça dos Grupos de Exércitos do Centro e do Sul. Isso abriria caminho para o avanço do Grupo de Exércitos Sul no sentido sudeste, em direção a Rostov e Kharkhov. A captura da Crimeia, acrescentava ele, era "de importância crucial para salvaguardar nosso suprimento de petróleo da Romênia". Portanto, era preciso empregar todos os meios para cruzar o Dnieper e chegar rapidamente à Crimeia, antes que o inimigo pudesse convocar novas forças.

No dia seguinte, Hitler desenvolveu seus argumentos em um "Estudo" no qual culpava o Alto-Comando por não executar seu plano operacional, reafirmava a necessidade de transferir o grosso do ataque para o norte e o sul e relegava Moscou a alvo secundário. Brauchitsch era acusado de falta de liderança ao se deixar influenciar pelos interesses especiais de determinados grupos do Exército. E, em contraste, era particularmente ferino o elogio feito à liderança firme de Göring na Luftwaffe.

Nesse "Estudo" de 22 de agosto, Hitler repetia mais uma vez o objetivo de eliminar a União Soviética como aliada continental da Inglaterra, retirando, desse modo, a esperança britânica de mudar o curso dos eventos na Europa. Segundo ele, esse objetivo só poderia ser alcançado por meio da aniquilação das forças soviéticas

e da ocupação e destruição da base econômica para continuar a guerra, com ênfase especial nas fontes de matérias-primas. Ele reafirmava a necessidade de concentrar-se na destruição da posição soviética no Báltico e na ocupação da Ucrânia e da região do mar Negro, que eram vitais para a economia de guerra soviética, em termos de matérias-primas. Destacava também a necessidade de proteger os suprimentos de petróleo alemães na Romênia. O Alto-Comando do Exército era culpado por ignorar suas ordens para acelerar o avanço sobre Leningrado. Ele insistia que as três divisões do Grupo de Exércitos Centro, destinadas desde o início da campanha ao numericamente mais fraco Grupo de Exércitos Norte, deveriam ser fornecidas de forma rápida e que o objetivo de capturar Leningrado seria então cumprido. Depois disso, as unidades motorizadas fornecidas pelo Grupo de Exércitos Centro poderiam ser usadas para concentrar-se em seu único objetivo remanescente, o avanço sobre Moscou. No sul, também não deveria haver desvios dos planos originais. Segundo ele, depois de finalizada a destruição das forças soviéticas a leste e oeste de Kiev que ameaçavam o flanco do Grupo de Exércitos Centro, o avanço sobre Moscou seria significativamente mais fácil. Rejeitava, portanto, as propostas do Alto-Comando do Exército para a condução futura das operações.

Na privacidade de suas anotações de diário, Halder não pôde se conter. "Considero insuportável para o OKH a situação criada pela interferência do Führer. Ninguém mais, senão o Führer, é responsável pelo caminho em zigue-zague causado por suas sucessivas ordens." O tratamento de Brauchitsch, continuava Halder, era "absolutamente ultrajante". Ele havia proposto ao comandante em chefe que ambos deveriam se demitir. Mas Brauchitsch recusara a ideia alegando que "as demissões não seriam aceitas e assim nada mudaria".

Profundamente contrariado, Halder voou no dia seguinte para o quartel-general do Grupo de Exércitos Centro. Como era de prever, os comandantes reunidos apoiaram sua preferência por retomar a ofensiva contra Moscou. Eles concordavam que atacar Kiev significaria uma campanha de inverno. O marechal de campo Von Bock sugeriu que o general Heinz Guderian, um dos comandantes preferidos de Hitler e particularmente franco na reunião, deveria acompanhar Halder até o quartel-general do Führer numa tentativa de persuadi-lo a mudar de ideia e concordar com o plano do Alto-Comando.

Estava escurecendo quando Halder e Guderian chegaram à Prússia Oriental. De acordo com o relato posterior de Guderian — destinado naturalmente a salvar sua pele —, Brauchitsch o proibiu de levantar a questão de Moscou. A operação sul recebera suas ordens, declarou o comandante em chefe, então o problema era apenas saber como executá-las. Discussões eram inúteis. Nem Brauchitsch nem Halder acompanharam Guderian quando ele entrou para ver Hitler, que estava ladeado por um grande séquito que incluía Keitel, Jodl e Schmundt. O próprio Hitler levantou a questão de Moscou, segundo Guderian, e depois, sem interrupção, deixou-o apresentar os argumentos em defesa da prioridade do ataque à capital russa. Depois que Guderian terminou, Hitler começou. Mantendo-se calmo, defendeu o ponto de vista oposto. As matérias-primas e a base agrícola da Ucrânia eram vitais para a continuação da guerra, declarou. A Crimeia tinha de ser neutralizada para impedir ataques aos campos de petróleo romenos. "Meus generais não sabem nada sobre os aspectos econômicos da guerra", Guderian ouviu Hitler dizer pela primeira vez. Ele estava inflexível. Já dera ordens rigorosas para um ataque a Kiev, o objetivo estratégico imediato. A ação tinha de ser executada com isso em mente. Todos os presentes assentiam com a cabeça a cada frase que o Führer pronunciava. Os representantes do OKW apoiavam-no inteiramente. Guderian sentiu-se isolado. Evitou continuar a discussão. Tendo em vista que a decisão de atacar a Ucrânia estava confirmada, ele assumiu a posição — assim disse muito tempo depois — de que sua tarefa agora era assegurar que ela fosse cumprida da forma mais eficaz possível, a fim de garantir a vitória antes das chuvas de outono.

Quando se apresentou a Halder no dia seguinte, 24 de agosto, o chefe do Estado-Maior Geral do Exército ficou furioso com o completo recuo de Guderian ao ser confrontado por Hitler em pessoa. A consternação de Halder era ainda maior porque Guderian — a quem considerava um possível futuro comandante em chefe do Exército — estivera entre os críticos mais veementes de Hitler na reunião do dia anterior. Bock compartilhou seu desprezo pelo modo como o franco e direto Guderian havia desmoronado sob a pressão de Hitler. Na realidade, independente do desdém de seus superiores, eram poucas as perspectivas de que ele conseguisse mudar a cabeça de Hitler. De qualquer forma, os dados estavam lançados. A grande batalha por Kiev e pelo domínio da Ucrânia estava prestes a começar.

Em 25 de setembro, quando terminou a Batalha de Kiev — a cidade propriamente dita caíra seis dias antes —, a frente sudoeste soviética estava totalmente destruída. A insistência de Hitler para que o Grupo Blindado de Guderian fosse mandado para o sul a fim de participar do cerco levara a uma vitória extraordinária. Foi feito um número espantoso de prisioneiros soviéticos — por volta de 665 mil. O enorme butim capturado incluía 884 tanques e 3018 peças de artilharia. A vitória abriu caminho para que Rundstedt avançasse para ocupar a Ucrânia, boa parte da Crimeia e a bacia do Donets, com novas perdas enormes de homens e materiais para o Exército Vermelho. À luz da imensa escala das perdas soviéticas nos três meses decorridos desde o início da "Barbarossa", o comando militar alemão concluiu então que a investida contra Moscou — que recebeu o nome de Operação Tufão — poderia ainda ter sucesso, apesar de começar tão tarde no ano.

Não surpreende que Hitler, se deleitando com a grande vitória em Kiev, estivesse exaltado quando Goebbels falou com ele sozinho no quartel-general do Führer em 23 de setembro. Seus comentários registrados permitem uma visão notável de seu pensamento naquela ocasião. Após queixar-se amargamente das dificuldades em conseguir o que queria com os "especialistas" do Estado-Maior, ele expressou a opinião de que as derrotas impostas ao Exército Vermelho na Ucrânia marcavam a abertura para uma nova etapa. "O encanto quebrou", anotou Goebbels. As coisas se desenrolariam rapidamente agora em outras partes do front. Podiam-se esperar novas grandes vitórias nas três ou quatro semanas seguintes. Em meados de outubro, os bolcheviques estariam em retirada total. A nova investida era contra Kharkhov, que seria alcançada em alguns dias, depois Stalingrado e o Don. Depois que essa área industrial estivesse em mãos alemãs e os bolcheviques estivessem sem seus suprimentos de carvão e sem a base de sua produção de armamentos, a guerra estaria perdida para eles.

Leningrado, terra natal do bolchevismo, repetia Hitler, seria destruída rua por rua e arrasada. Sua população de 5 milhões não poderia ser alimentada. Um dia, o arado passaria novamente sobre o lugar da cidade. O bolchevismo começara com fome, sangue e lágrimas. Terminaria da mesma maneira. O portão de entrada da Ásia para a Europa seria fechado, os asiáticos seriam forçados a voltar para o lugar que lhes pertencia. Também Moscou talvez tivesse um destino similar ao de

Leningrado, reiterou. O ataque à capital viria depois da captura da bacia industrial. A operação para cercar a cidade deveria estar completa até 15 de outubro. E, depois que as tropas alemãs chegassem ao Cáucaso, Stálin estaria perdido. Hitler tinha certeza de que, nessa situação, o Japão não perderia a oportunidade de obter ganhos no leste da União Soviética. O que aconteceria depois dependeria de Stálin. Ele poderia capitular. Ou talvez buscasse uma "paz especial", que Hitler naturalmente aceitaria. Com seu poderio militar destruído, o bolchevismo não representaria mais uma ameaça.

Ele retornou a um tema familiar. Com a derrota do bolchevismo, a Inglaterra perderia sua última esperança no continente. Sua chance final de vitória desapareceria. E os sucessos crescentes dos submarinos no Atlântico, que aconteceriam nas semanas seguintes, aumentariam a pressão sobre Churchill, que dava sinais de tensão nervosa. Hitler não descartava que a Grã-Bretanha destituísse Churchill para buscar a paz. Os seus termos seriam os de sempre: estava disposto a deixar o Império sossegado, mas a Inglaterra teria de sair da Europa. Os ingleses provavelmente dariam liberdade total para a Alemanha no leste, mas tentariam manter a hegemonia na Europa Ocidental. Isso ele não permitiria. "A Inglaterra sempre se achou uma potência insular. Ela é estranha à Europa, ou até mesmo hostil à Europa. Ela não tem futuro na Europa."

Tudo considerado, aos olhos de Hitler as perspectivas eram róseas naquele momento. Porém, uma observação indicava que um fim rápido do conflito não estava próximo. Ele disse a Goebbels, de passagem, que haviam tomado todas as precauções necessárias para a permanência das tropas no leste durante o inverno — uma pressuposição que em breve se revelaria desastrosa.

De fato, Hitler e o comando da Wehrmacht já haviam chegado à conclusão de que a guerra no leste não acabaria em 1941. O colapso da União Soviética, declarava um memorando do OKW em 27 de agosto, aprovado por Hitler, era o próximo e decisivo objetivo de guerra. Mas, continuava o documento, "se for impossível realizar esse objetivo completamente durante 1941, a continuação da campanha oriental tem máxima prioridade para 1942". Os sucessos militares do verão haviam sido notáveis. Mas o objetivo central da "Barbarossa" — um nocaute rápido — não fora alcançado. Apesar das imensas perdas, as forças soviéticas estavam longe de ter sido totalmente destruídas. Elas continuavam a ser repostas

com uma reserva aparentemente inesgotável de homens e recursos, e a lutar com unhas e dentes. Por sua vez, as perdas alemãs não eram insignificantes. Mesmo antes da Batalha de Kiev, as baixas chegavam a quase 400 mil, ou mais de 11% do Exército oriental. As substituições começavam a ser mais difíceis. No fim de setembro, metade dos tanques estava fora de ação ou em diferentes estágios de conserto. E as chuvas de outono já começavam a transformar as estradas em lodaçais intransponíveis. Quaisquer que fossem os sucessos do verão, as razões objetivas para continuar otimista precisavam ser vistas com muitas reservas. A investida na direção de Moscou, que começou em 2 de outubro em busca da vitória decisiva antes do início do inverno, baseava-se mais na esperança do que na expectativa. Era uma última tentativa desesperada de forçar uma derrota conclusiva da União Soviética antes do inverno. Era mais uma improvisação que marcava o fracasso do plano original da "Barbarossa" do que o coroamento de sua glória.

A responsabilidade de Hitler pelas dificuldades enfrentadas então pelo Exército alemão é evidente. Enquanto Stálin aprendia com as calamidades de 1941 e passava a deixar os assuntos militares cada vez mais para os especialistas, a interferência de Hitler nos detalhes táticos, assim como na estratégia geral, consequência de sua desconfiança crônica e crescente no Alto-Comando do Exército, era altamente danosa, como indicavam as dificuldades de Halder. Eram notáveis a tenacidade e a teimosia com que ele se recusava a conceder prioridade ao ataque a Moscou, mesmo quando, no fim de julho, não apenas os comandantes do Exército, mas também Jodl, seu assessor militar mais próximo, haviam aceitado o argumento. Depois das gloriosas vitórias de 1940, Hitler acreditava que seu juízo militar era superior ao de qualquer de seus generais. Seu desprezo por Brauchitsch e Halder era reforçado sempre que as concepções táticas deles diferiam das suas. Por outro lado, as semanas de conflito e o modo desnorteante como as diretrizes eram definidas e depois modificadas solapavam a confiança em Hitler, não somente do apático Brauchitsch e do Estado-Maior de Halder, mas também dos comandantes de campo.

Mas o problema não tinha apenas um lado. A tensão entre as concepções conflitantes da campanha no leste ainda não havia sido resolvida no tocante a Halder quando a Diretriz no 21, de 18 de dezembro de 1940, havia indicado que Moscou era um alvo secundário, prefigurando a disputa dos meses de verão. Ainda

que relutante, o Alto-Comando do Exército havia aparentemente aceitado a estratégia alternativa que Hitler preferia. O planejamento estratégico do ataque nos meses subsequentes partiu dessas premissas.

A estratégia de obter o controle do Báltico e cortar o acesso aos centros econômicos soviéticos essenciais no sul, ao mesmo tempo que protegia seu fornecimento de petróleo da Romênia, antes de atacar Moscou, não era em si mesma insensata. E o temor de que um ataque frontal a Moscou simplesmente empurrasse para trás as forças soviéticas, em vez de envolvê-las, era real. A preferência do Alto-Comando do Exército por desviar-se do plano da "Barbarossa" depois que a campanha estava em curso não era uma vantagem evidente. O retorno à estratégia originalmente preferida por Halder era tentador porque o Grupo de Exércitos Centro avançara com mais rapidez e de forma mais espetacular do que o previsto e era pressionado para continuar e terminar o trabalho com a conquista de Moscou. Mas, sobretudo, o temor era agora decorrência da percepção de que o serviço de inteligência do Exército havia sido lamentável na sua avaliação do poderio militar soviético. O ataque a Moscou, embora contasse com o apoio do OKH desde o início, tornara-se, de fato, um substituto para o plano da "Barbarossa", que dera errado não somente devido à interferência de Hitler, mas também por causa da inadequação e dos fracassos do comando militar.

Uma vez que fora ele que colocara os homens-chave Brauchitsch e Halder em seus postos, Hitler deveria assumir boa parte da culpa por suas falhas. Mas, como comandante em chefe do Exército, Brauchitsch era irrecuperavelmente fraco e ineficaz. Sua contribuição ao planejamento estratégico parece ter sido mínima. Dividido entre as pressões de seus comandantes de campo e as intimidações de Hitler, ele oferecia um buraco negro onde a visão clara e a liderança militar decidida eram essenciais. Muito antes da crise que acabaria por retirá-lo do cargo, Brauchitsch já não era um comandante confiável. O desprezo com que Hitler o tratava não era sem motivo.

Halder foi visto de forma mais generosa pela posteridade, em parte graças a sua apologética no pós-guerra e aos seus flertes com grupos de oposição a Hitler (embora não tenham dado em nada). Na qualidade de chefe do Estado-Maior, a responsabilidade pelo planejamento das operações do Exército era sua. As acidentadas relações com o Alto-Comando da Wehrmacht, em grande medida

porta-voz de Hitler, obviamente enfraqueciam muito a posição de Halder. Mas ele falhou ao não enfatizar as dificuldades do plano original da "Barbarossa". A virada do Grupo de Exércitos Centro para o norte não foi elaborada em detalhes. Os problemas que as forças motorizadas enfrentariam no caminho entre Leningrado e Moscou não foram levados em conta. Halder foi reticente desde o início em relação à concentração no Báltico e preferia o ataque frontal a Moscou. Mas, em vez de resolver a disputa com antecedência, deixou-a supurar depois que a campanha estava em curso.

Ademais, o ataque total a Moscou que Halder — e o comandante do Grupo de Exércitos Centro Von Bock — defendia teria sido uma aventura de alto risco. Teria sido quase impossível eliminar as grandes forças soviéticas nos flancos (como aconteceu na Batalha de Kiev). E os russos esperavam um ataque à capital. Se a Wehrmacht tivesse chegado à Moscou, na ausência de uma Luftwaffe capaz de arrasar a cidade (como Hitler queria), o resultado teria sido provavelmente uma prévia do que acabou acontecendo em Stalingrado.

O fato de a campanha oriental ter se desarticulado já no final do verão de 1941 não se deve apenas, ou principalmente, à interferência de Hitler em assuntos da alçada de profissionais militares. A sugestão, encontrada em algumas memórias do pós-guerra, de que os militares alemães teriam ganhado a guerra no leste se tivessem feito o que queriam, é uma alegação ao mesmo tempo arrogante e autodefensiva. Os problemas crescentes da "Barbarossa" foram, em última análise, uma consequência dos erros calamitosos do cálculo de que a União Soviética cairia como um castelo de cartas na esteira de uma *Blitzkrieg* [guerra relâmpago] baseada em pressupostos altamente otimistas, numa subestimação grosseira do inimigo, e em recursos bastante limitados. Foi um erro de cálculo de Hitler, mas compartilhado por seus planejadores militares.

IV

Em 23 de setembro, numa longa conversa com Hitler, Goebbels aproveitou a oportunidade para descrever o estado do moral na Alemanha. Hitler, observou ele, estava bem consciente do "sério teste psicológico" ao qual o povo alemão fora submetido nas últimas semanas. Goebbels pressionou o Führer — que não aparecia em público desde o início da campanha russa e havia falado ao povo alemão pela última vez em 4 de maio, após a vitória nos Bálcãs — a voltar a Berlim para falar à nação. Hitler concordou que o momento estava maduro e pediu a Goebbels que preparasse um comício de massa para a campanha de Ajuda de Inverno para o fim da semana seguinte. A data do discurso foi marcada para 3 de outubro.

O trem de Hitler chegou a Berlim por volta das treze horas daquele dia. Goebbels foi imediatamente chamado à Chancelaria do Reich. Encontrou Hitler com boa aparência e cheio de otimismo. Na privacidade de seu quarto, deu ao ministro da Propaganda uma visão geral da situação no front. A marcha sobre Moscou, que começara no dia anterior, avançava além das expectativas. Obtinham-se grandes sucessos. "O Führer está convencido de que, se o tempo permanecer moderadamente favorável, o Exército soviético será esmagado em quinze dias", comentou Goebbels.

Multidões, que o partido jamais tivera problema para mobilizar, aclamaram Hitler ao longo das ruas que seu carro cruzou a caminho do Sportpalast. Uma recepção extasiada o esperava no salão cavernoso. Goebbels comparou-a aos comícios de massa na caminhada para o poder. Hitler justificou o ataque à União Soviética como preventivo. Disse que as precauções alemãs haviam sido incompletas em uma única coisa: "Não tínhamos ideia de quão gigantescos eram os preparativos desse inimigo contra a Alemanha e a Europa e de quão imenso era o perigo, como escapamos por um fio de cabelo da aniquilação não somente da Alemanha, mas de toda a Europa". E pronunciou finalmente as palavras que a plateia estava ansiosa por ouvir: "Posso dizer, hoje, que esse inimigo já está destruído e não se erguerá novamente".

Quase todas as frases do final do discurso foram interrompidas por avalanches de aplausos. Apesar da longa pausa, Hitler não perdera sua habilidade. No final, a plateia do Palácio dos Esportes levantou-se numa ovação extasiada. Hitler estava

emocionado com a recepção, mas tinha pressa de ir embora. Foi levado diretamente para a estação ferroviária. Às sete da noite, apenas seis horas depois de ter chegado, já estava a caminho de volta ao seu quartel-general na Prússia Oriental.

Goebbels estava com ele no trajeto para a estação quando chegaram as últimas notícias do front. O avanço era muito melhor do que o esperado. Logo após o início da Operação Tufão, Halder disse em tom satisfeito que ela estava "fazendo progresso satisfatório" e seguindo "um curso absolutamente clássico". O Exército alemão investira contra as forças do marechal Timochenko 68 divisões, com quase 2 milhões de homens, e cerca de 2 mil tanques, apoiados por uma boa parte da Luftwaffe. Uma vez mais, a Wehrmacht parecia invencível. Uma vez mais, um imenso número de prisioneiros — 673 mil — caía em mãos alemãs, além de uma quantidade imensurável de materiais, dessa vez nos grandes cercos da batalha dupla de Brjansk e Viaz'ma, na primeira metade de outubro. Não surpreende que o clima no quartel-general do Führer e no comando militar fosse de otimismo. Na noite de 8 de outubro, Hitler falou da virada decisiva da situação militar nos três dias anteriores. Werner Koeppen, a ligação de Rosenberg no quartel-general, relatou ao seu chefe que "o Exército russo pode ser essencialmente considerado aniquilado".

Hitler estivera de um bom humor incomum à mesa de refeição na noite de 4 de outubro, depois de voltar de uma visita ao quartel-general do Alto-Comando do Exército para congratular Brauchitsch em seu sexagésimo aniversário. Não pela primeira vez, ele falou no futuro de seu "Leste germânico". No próximo meio século, previa a instalação de 5 milhões de fazendas colonizadas por ex-soldados, que controlariam o continente europeu por meio da força militar. Ele não dava valor às colônias de ultramar e poderia entrar rapidamente em acordo com a Inglaterra sobre isso. A Alemanha precisava apenas de um pequeno território colonial para plantações de café e chá. Todo o resto poderia ser produzido no continente europeu. Camarões e uma parte da África Equatorial Francesa ou do Congo Belga seriam suficientes para as necessidades alemãs. "Nosso Mississipi deve ser o Volga, não o Níger", concluiu.

Na noite seguinte, depois que Himmler brindou os convivas do jantar com suas impressões de Kiev e de como se poderia "prescindir" de 80% a 90% da população pobre de lá, Hitler voltou-se para o tema dos dialetos germânicos. Começou com

sua aversão ao sotaque saxônico e avançou para a rejeição de todos os dialetos alemães. Eles tornavam o aprendizado do alemão mais difícil para os estrangeiros. E agora o alemão tinha de se transformar na forma geral de comunicação na Europa.

Ele ainda estava com espírito expansivo quando recebeu a visita do ministro da Economia do Reich, Walther Funk, em 13 de outubro. Os territórios orientais significariam o fim do desemprego na Europa, afirmou. Imaginava ligações fluviais pelo Don e pelo Dnieper entre o mar Negro e o Danúbio, trazendo petróleo e grãos para a Alemanha. "A Europa — e não a América — será a terra das possibilidades ilimitadas."

Quatro dias depois, a presença de Fritz Todt instigou-o a descrever uma visão ainda mais grandiosa de novas estradas que se estenderiam pelos territórios conquistados. Agora, as rodovias não iram somente até a Crimeia, mas até o Cáucaso, bem como a áreas mais ao norte.

Cidades alemãs seriam criadas como centros administrativos nas travessias dos rios. Três milhões de prisioneiros de guerra estariam disponíveis para suprir a necessidade de mão de obra dos vinte anos seguintes. Granjas alemãs ficariam ao longo das estradas. "A estepe monótona de tipo asiático" logo poderia oferecer "uma aparência totalmente diferente." Falava agora em 10 milhões de alemães, bem como de colonizadores da Escandinávia, da Holanda, da Flandres e até da América criando raízes lá. A população eslava teria "de vegetar em sua imundície longe das grandes estradas". Saber ler as placas das estradas seria educação suficiente. Aqueles que comem o pão alemão hoje, disse ele, não ficaram empolgados em recuperar os celeiros do leste do Elba com a espada no século XII. "Aqui no leste, um processo similar se repetirá pela segunda vez, como na conquista da América." Hitler gostaria de ter dez ou quinze anos menos para vivenciar o que ia acontecer.

Mas, àquela altura, as condições meteorológicas diziam que as chances da visão de Hitler se materializar estavam diminuindo fortemente. O tempo já estava ruim. Em meados de outubro, as operações militares já estavam empacadas com as chuvas pesadas que varriam o front. Unidades estavam encalhadas. Os veículos do Grupo de Exércitos Centro estavam atolados em estradas intransponíveis. Fora das estradas obstruídas, nada podia se mover. "Os russos nos impedem muito menos

do que a umidade e a lama”, comentou o marechal de campo Bock. Por toda parte, havia uma “luta contra a lama”. E, para completar, havia grave escassez de combustível e munição.

Havia também, não sem tempo, preocupação com as provisões de inverno para as tropas. Em 26 de outubro, Hitler perguntou diretamente sobre isso ao chefe da intendência Wagner, numa visita que ele fez ao quartel-general do Führer. Wagner prometeu que os Grupos de Exércitos do Norte e do Sul teriam metade de suas provisões necessárias até o final do mês, mas que o Grupo do Centro teria apenas um terço. O suprimento do sul era especialmente difícil, pois os soviéticos haviam destruído parte dos trilhos da ferrovia ao longo do mar de Azov. Mesmo assim, quando falou com Goebbels, Wagner deu a impressão de que “tudo havia sido pensado e nada esquecido”.

Na verdade, parece que Wagner ficou seriamente preocupado com essa questão vital só depois da rápida deterioração das condições do tempo, em meados de outubro, ao passo que Halder estava consciente desde agosto que o problema do transporte de roupas e equipamentos de inverno para a frente oriental só poderia ser resolvido com a derrota do Exército Vermelho antes do augedo inverno. Brauchitsch ainda alegava, quando teve longas conversas com Goebbels em 1o de novembro, que um avanço até Stalingrado era possível antes da chegada da neve e que, quando as tropas ocupassem seus alojamentos de inverno, Moscou estaria isolada. Naquele momento, isso já não passava de otimismo precipitado. Brauchitsch foi obrigado a reconhecer os problemas existentes com o tempo, as estradas intransitáveis, as dificuldades de transporte e a preocupação com as provisões de inverno para as tropas. Na verdade, no que dizia respeito aos Altos-Comandos da Wehrmacht e do Exército, as esperanças exageradas de sucesso da Operação Tufão e em relação ao que poderia ser alcançado antes do período mais rigoroso do inverno sofreram um banho de água gelada nas duas últimas semanas de outubro. No final do mês, a ofensiva dos exaustos soldados do Grupo de Exércitos Centro foi obrigada a deter-se.

Foi bem diferente, no entanto, a impressão que Hitler transmitiu em seu tradicional discurso para a “velha guarda” do partido, reunida na Löwenbräukeller de Munique no final da tarde de 8 de novembro, aniversário do putsch de 1923. O discurso destinava-se principalmente ao consumo doméstico. Seu objetivo era

elevar o moral e congregar os membros mais antigos e mais fieis do séquito de Hitler, depois dos meses difíceis do verão e do outono. Ele descreveu a escala das perdas soviéticas e acrescentou: "Meus camaradas do Partido, nenhum exército do mundo, inclusive o russo, se recupera disso. Nunca antes um império gigantesco foi esmagado e derrubado em tempo tão curto como a Rússia soviética". Ele comentou a alegação do inimigo de que a guerra duraria até 1942: "Ela pode durar o quanto eles quiserem. O último batalhão em campo será alemão". Apesar do triunfalismo, tratava-se do indício mais forte de que a guerra estava longe de acabar.

No dia seguinte, ele estava de novo a caminho da Prússia Oriental e chegou à Toca do Lobo à noite. No leste nevava. Uma chuva torrencial dera lugar ao gelo e a temperaturas bem abaixo de zero (–17,8ºC). Até mesmo os tanques não conseguiam vencer as encostas cobertas de gelo. Para os soldados, as condições pioravam dia a dia. Já havia uma escassez aguda de roupas quentes para protegê-los. Casos severos de ulcerações provocadas pelo frio começavam a ser comuns. A capacidade de combate da infantaria diminuíra drasticamente. Somente o Grupo de Exércitos Centro havia perdido até então cerca de 300 mil homens, e os substitutos disponíveis não passavam da metade disso.

Foi nesse momento, em 13 de novembro, numa conferência de alto nível do Grupo de Exércitos Centro, sob uma temperatura de –22ºC, que o Exército Blindado de Guderian, como parte das ordens para renovar a ofensiva, recebeu a missão de isolar Moscou de suas comunicações com o leste mediante a tomada de Gorki, quatrocentos quilômetros *a leste* da capital soviética. Essa espantosa falta de realismo nas ordens do Exército derivava da perversa obstinação com que o Estado-Maior continuava a persistir na ideia de que o Exército Vermelho estava prestes a entrar em colapso e era muito inferior à Wehrmacht em termos de poder de luta e liderança. Essas ideias, apesar de todas as provas em contrário, que ainda prevaleciam em Halder (e, com efeito, compartilhadas em ampla medida por Von Bock, comandante em chefe do Grupo de Exércitos Centro), fundamentavam o memorando apresentado pelo Estado-Maior em 7 de novembro para a segunda ofensiva. As metas desesperadamente otimistas estabelecidas — a ocupação de Maykop (uma fonte essencial de petróleo do Cáucaso), Stalingrado e Gorki estava na lista de desejos — foram obra de Halder e sua equipe. Não houve pressão de

Hitler sobre Halder. Na verdade, era bem o oposto: o general pressionou pela aceitação de seus objetivos, que correspondiam, em boa medida, às metas que Hitler havia previsto como atingíveis somente no ano seguinte. Se o Führer tivesse sido mais assertivo na rejeição das propostas de Halder, os desastres das semanas seguintes poderiam ter sido evitados. Mas a incerteza, a hesitação e a falta de clareza de Hitler deram ao Alto-Comando do Exército o espaço para erros catastróficos de julgamento.

A oposição que os planos de Halder encontraram na conferência de 13 de novembro resultaram numa restrição dos objetivos a um ataque direto a Moscou. Isso foi decidido tendo em vista o pleno reconhecimento dos problemas logísticos insolúveis e dos imensos perigos de um avanço em condições quase árticas, sem nenhuma possibilidade de garantir suprimentos. Até mesmo o objetivo não estava claro. Não era possível conseguir o rompimento das comunicações soviéticas com o leste. Posições avançadas na vizinhança de Moscou estariam totalmente expostas. Somente a captura da própria cidade que provocasse — presumia-se — o colapso e a capitulação do regime soviético e o fim da guerra poderia justificar o risco. Mas, com poder aéreo insuficiente para submeter a cidade antes que as tropas terrestres chegassem, a entrada em Moscou significaria uma luta rua a rua. Com as forças disponíveis e nas condições predominantes, é difícil ver como o Exército alemão poderia vencer.

Entretanto, em meados de novembro, o avanço sobre Moscou recomeçou. Hitler estava então bastante inquieto em relação à nova ofensiva. Na noite de 25 de novembro, ele expressou, conforme as lembranças de seu ajudante para o Exército, major Gerhard Engel, sua "grande preocupação com o inverno e as condições climáticas russas". "Começamos com um mês de atraso", concluindo com a observação característica de que o tempo era "seu maior pesadelo".

Alguns dias antes, ele havia sido mais otimista numa conversa de três horas com Goebbels. "Se as condições climáticas continuarem favoráveis, ele ainda quer fazer a tentativa de cercar Moscou e, desse modo, abandoná-la à fome e à devastação", anotou o ministro da Propaganda. Hitler menosprezou as dificuldades; elas ocorriam em todas as guerras. "A história mundial não foi feita pelas condições climáticas", acrescentou.

Em 29 de novembro, com o Führer novamente por pouco tempo em Berlim,

Goebbels teve mais uma chance de conversar bastante com ele. Hitler parecia cheio de otimismo e confiança, transbordante de energia, em excelente estado de saúde. Declarou que ainda via as coisas de forma positiva, apesar do revés em Rostov, onde o grupo blindado do general Ewald von Kleist fora forçado a recuar no dia anterior, depois de ter tomado a cidade. Ele pretendia agora recuar para longe da cidade a fim de permitir ataques aéreos maciços que a arrasariam, para servir de "exemplo sangrento". O Führer jamais fora a favor da tomada de nenhuma das grandes cidades soviéticas, escreveu Goebbels. Não havia vantagens práticas nisso e restava o problema de alimentar mulheres e crianças. Não havia dúvida de que o inimigo havia perdido a maioria de seus grandes centros de armamentos. Esse, alegava ele, havia sido o objetivo da guerra, que fora em larga medida alcançado. Ele esperava avançar mais na direção de Moscou. Mas reconhecia que um grande cerco era impossível no momento. A incerteza sobre as condições climáticas significava que qualquer tentativa de avançar mais duzentos quilômetros para o leste, sem suprimentos seguros, seria loucura. As tropas da linha de frente seriam isoladas e teriam de recuar com grande perda de prestígio, o que, no momento presente, não podiam permitir. Assim, a ofensiva tinha de ser feita em escala menor. Hitler ainda esperava a queda de Moscou. Quando isso acontecesse, sobraria dela pouco mais que ruínas. No ano seguinte, haveria uma expansão da ofensiva até o Cáucaso para obter a posse dos suprimentos de petróleo soviéticos — ou pelo menos negá-los aos bolcheviques. A Crimeia seria transformada numa imensa área de colonização alemã para os melhores tipos étnicos e seria incorporada ao território do Reich como um *Gau* — batizado de "*Gau* Ostrogodo", para lembrar as mais antigas tradições germânicas e as próprias origens do reino germânico. "O que não pudermos realizar agora, será realizado no próximo verão", era o sentimento de Hitler, de acordo com as anotações de Goebbels.

A demonstração de otimismo de Hitler foi exibida para enganar Goebbels — ou ele mesmo. Exatamente no mesmo dia em que ele falou com o ministro da Propaganda, soube por Walter Rohland — o encarregado da produção de tanques que acabara de visitar o front —, na presença de Keitel, Jodl, Brauchitsch e outros comandantes militares, da superioridade da produção soviética de blindados. Rohland advertiu também, à luz de informações que colhera durante a viagem que fizera aos Estados Unidos em 1930, sobre o imenso potencial de armamentos que

seria usado contra a Alemanha caso os americanos entrassem na guerra, que estaria então perdida para os alemães. Fritz Todt, um dos mais talentosos ministros de Hitler, que combinara a reunião sobre armamentos, acompanhou os comentários de Rohland com uma declaração sobre a produção alemã de armas. Ele acrescentou, não sabemos se na reunião ou depois em privado: "Essa guerra não pode mais ser ganha militarmente". Hitler ouviu sem interrompê-lo e depois perguntou: "Como, então, devo terminar essa guerra?". Todt respondeu que a guerra só poderia ser concluída politicamente. Hitler retrucou: "Não vejo maneira de chegar politicamente a um fim".

Enquanto ele voltava para a Prússia Oriental na noite de 29 de novembro, as notícias que chegavam do front não eram boas. Nos dias seguintes, elas piorariam bastante.

Logo após seu retorno à Toca do Lobo, Hitler entrou num "estado de extrema agitação" em relação às forças blindadas de Kleist, expulsas de Rostov. Kleist queria recuar para uma posição defensiva segura, na foz do rio Bakhmut. Hitler o proibiu de fazer isso e exigiu que o recuo se detivesse mais a leste. Brauchitsch foi chamado ao quartel-general do Führer e submetido a uma torrente de insultos. Intimidado, o comandante em chefe, homem doente e gravemente deprimido, transmitiu a ordem ao comandante do Grupo de Exércitos Sul, marechal de campo Von Rundstedt. Sem, evidentemente, se dar conta de que ela partia do próprio Hitler, ele respondeu que não poderia obedecê-la e que, ou a ordem era alterada, ou ele deveria ser substituído no comando. Essa resposta foi passada diretamente a Hitler. Nas primeiras horas da manhã seguinte, Rundstedt, um dos generais mais fieis e notáveis de Hitler, foi demitido — o bode expiatório para o revés de Rostov — e o comando passado para o marechal de campo Walter von Reichenau. No mesmo dia, Reichenau telefonou para dizer que o inimigo havia rompido a linha ordenada por Hitler e pedir permissão para recuar até a linha que Rundstedt havia sugerido. Hitler concordou.

Em 2 de dezembro, Hitler foi de avião para o sul a fim de ver a posição de Kleist pessoalmente. Ele foi posto a par dos informes, que não havia visto, do Grupo de Exército antes do ataque a Rostov. O resultado fora previsto com precisão. Ele eximiu o Grupo de Exército e as forças blindadas de culpa, mas não reintegrou Rundstedt no posto. Isso equivaleria a admitir seu erro publicamente.

No mesmo dia 2 de dezembro, tropas alemãs, apesar do tempo atroz, avançaram quase até Moscou. Mas a ofensiva tornara-se inútil. Diante da intensidade do frio — em 4 de dezembro, a temperatura nos arredores de Moscou caiu para –35°C — e da falta de apoio adequado, Guderian decidiu, na noite de 5 de dezembro, recuar suas tropas para posições defensivas mais seguras. O Quarto Grupo Blindado de Hoepner e o Terceiro, de Reinhardt, que estavam a pouco mais de trinta quilômetros ao norte do Kremlin, foram forçados a fazer o mesmo. O contra-ataque soviético começou nesse mesmo dia em que a ofensiva alemã irremediavelmente fracassou. No dia seguinte, 6 de dezembro, cem divisões, ao longo de um trecho de trezentos quilômetros do front, caíram sobre os exaustos soldados do Grupo de Exércitos Centro.

V

Em meio ao crescente desalento no quartel-general do Führer quanto aos eventos no leste, a melhor notícia que Hitler poderia desejar chegou. Na noite de 7 de dezembro chegaram informes de que os japoneses haviam atacado a frota americana ancorada em Pearl Harbor, no Havaí. Os primeiros relatos indicavam que dois navios de guerra e um porta-aviões haviam sido afundados e que outros quatro cruzadores estavam severamente danificados. Na manhã seguinte, o presidente Roosevelt recebeu o apoio do Congresso americano para declarar guerra ao Japão. Winston Churchill, cheio de satisfação por ter agora os americanos "no mesmo barco" (como Roosevelt lhe dissera), não teve dificuldades para obter autorização do Gabinete de Guerra para uma imediata declaração de guerra britânica.

Hitler achou que tinha bons motivos para se alegrar. "Não podemos de forma nenhuma perder a guerra", exclamou. "Temos agora um aliado que jamais foi conquistado em 3 mil anos." Essa afirmação precipitada baseava-se em uma antiga opinião: a de que a intervenção do Japão prenderia os Estados Unidos no teatro de guerra do Pacífico e enfraqueceria seriamente a Grã-Bretanha com um ataque a suas possessões no Extremo Oriente.

As relações entre o Japão e os Estados Unidos deterioraram-se fortemente ao longo do outono. No início de novembro, embora sem ter acesso aos detalhes, o embaixador alemão em Tóquio, general Eugen Ott, passou para Berlim sua impressão de que a guerra entre o Japão e os Estados Unidos e a Grã-Bretanha era provável. Ele também soubera que o governo japonês estava prestes a pedir a garantia de que a Alemanha o ajudaria, caso o Japão entrasse em guerra com os Estados Unidos.

Com efeito, em 12 de novembro, os líderes japoneses decidiram que, caso a guerra contra os Estados Unidos se tornasse inevitável, eles deveriam tentar fazer um acordo com a Alemanha sobre a participação na guerra contra os americanos e sobre um compromisso de evitar uma paz em separado. Em 21 de novembro, Ribbentrop definira a posição do Reich para Ott: Berlim considerava evidente que se um dos países — Alemanha ou Japão — se visse em guerra com os Estados Unidos, o outro país não assinaria uma paz em separado. Dois dias depois, o

general Okamoto, chefe da seção do Estado-Maior japonês que cuidava dos exércitos estrangeiros, avançou uma etapa a mais: perguntou ao embaixador Ott se a Alemanha se consideraria em guerra com os Estados Unidos se o Japão abrisse as hostilidades. Não há registro da resposta de Ribbentrop ao telegrama de Ott, que chegou no dia 24 de novembro. Mas quando se encontrou com o embaixador Oshima em Berlim, na noite de 28 de novembro, Ribbentrop assegurou-o de que a Alemanha ajudaria o Japão, se este entrasse em guerra com os Estados Unidos. E não havia possibilidade de paz em separado entre a Alemanha e os Estados Unidos, sob nenhuma circunstância. O Führer estava decidido em relação a isso. Dois dias antes do encontro entre Ribbentrop e Oshima, forças aéreas e navais japonesas já haviam partido para o Havaí. E, em 1o de dezembro, já fora dada a ordem para o ataque do dia 7.

As garantias de Ribbentrop estavam perfeitamente de acordo com as observações de Hitler, durante a visita de Matsuoka a Berlim na primavera, que davam conta de que a Alemanha arcaria imediatamente com as consequências se o Japão entrasse em conflito com os Estados Unidos. Mas àquela altura, antes de fazer qualquer acordo formal com os japoneses, Ribbentrop evidentemente considerou necessário consultar o Führer. Ele disse isso a Oshima na noite de 1o de dezembro. No dia seguinte, como vimos, Hitler foi visitar o Grupo de Exércitos Sul, após o revés em Rostov. Na volta, o mau tempo forçou-o a passar a noite em Poltava, onde ficou sem comunicação. Só conseguiu retornar ao seu quartel-general em 4 de dezembro. Ribbentrop conseguiu então contato com ele e obteve aprovação para o que equivalia a um novo pacto tripartite — para o qual o ministro do Exterior alemão conseguiu rapidamente o apoio de Ciano — estipulando que, se irrompesse a guerra entre um dos signatários e os Estados Unidos, os outros dois Estados imediatamente também se considerariam em guerra contra os americanos. Já antes de Pearl Harbor, portanto, a Alemanha havia efetivamente se comprometido com a guerra contra os Estados Unidos caso o Japão, como parecia inevitável agora, se envolvesse em hostilidades.

O acordo ainda não estava assinado quando os japoneses atacaram Pearl Harbor. Essa agressão não motivada dos japoneses deu a Hitler o que ele queria, sem que já tivesse comprometido formalmente a Alemanha. Porém, ele estava disposto a ter um acordo revisado — assinado em 11 de dezembro e que estipulava apenas uma

obrigação de não fazer um armistício ou tratado de paz com os Estados Unidos sem consentimento mútuo — por motivos de propaganda: para incluí-lo em seu grande discurso ao Reichstag naquela tarde.

Assim que soube do ataque japonês, ele telefonara a Goebbels para expressar sua satisfação e ordenar a convocação do Reichstag para a quarta-feira, 10 de dezembro, "a fim de deixar a posição alemã clara". Goebbels comentou:

> Com base no Pacto Tripartite, provavelmente não evitaremos uma declaração de guerra aos Estados Unidos. Mas isso agora não é tão ruim. Estamos agora, até certo ponto, protegidos nos flancos. Os Estados Unidos não serão mais tão precipitadamente capazes de fornecer aviões, armas e espaço de transporte para a Inglaterra, pois precisarão de tudo isso para sua guerra contra o Japão.

Do ponto de vista da propaganda, o ataque japonês a Pearl Harbor veio no momento certo para Hitler. Tendo em vista a crise na frente de batalha oriental, ele tinha pouca coisa favorável para incluir num relatório ao povo alemão. Mas, agora, o ataque japonês lhe dava um ângulo positivo. Em 8 de dezembro, Ribbentrop disse ao embaixador Oshima que o Führer estava pensando na melhor maneira, do ponto de vista psicológico, de declarar guerra aos Estados Unidos. Uma vez que queria tempo para preparar com cuidado um discurso tão importante, Hitler fez adiar a reunião do Reichstag por um dia. Pelo menos, observou Goebbels, a hora do discurso, três da tarde do dia 11 de dezembro, embora não muito boa para o povo alemão, permitiria que os japoneses e os americanos o ouvissem.

Que a Alemanha *iria* declarar guerra aos Estados Unidos, era de esperar. Nenhum acordo com os japoneses obrigava a isso. Mas Hitler não hesitou. Uma declaração formal talvez tivesse de aguardar até a convocação do Reichstag. Mas na primeira oportunidade, na noite de 8 para 9 de dezembro, ele já dera ordens para que os submarinos alemães afundassem navios americanos. Uma declaração formal era necessária para garantir até onde possível — conforme o acordo de 11 de dezembro — que o Japão ficasse na guerra. E também era importante, do ponto de vista de Hitler, manter a vantagem e não deixá-la passar aos Estados Unidos. Como tinha certeza, havia meses, de que Roosevelt esperava somente uma oportunidade para intervir no conflito europeu, Hitler achou que sua declaração apenas antecipava o inevitável e, de todo modo, formalizava o que já era uma realidade. E, não menos importante, tinha de demonstrar ao povo alemão que ele ainda

controlava os acontecimentos. Do seu ponto de vista, esperar por uma declaração de guerra dos Estados Unidos, que era certa, seria um sinal de fraqueza. Prestígio e propaganda, como sempre, estavam no centro de suas considerações. "Uma grande potência não deixa que declarem guerra a ela, mas toma a iniciativa de declará-la", disse Ribbentrop a Weizsäcker, expressando, sem dúvida, os sentimentos de Hitler.

Na tarde de 11 de dezembro, o discurso de Hitler não constou entre seus melhores. A primeira parte consistiu apenas de um relatório longo e triunfalista sobre o progresso da guerra que ele pretendia fazer muito antes do ataque a Pearl Harbor. O resto do discurso foi dedicado, em grande medida, a um ataque contundente e interminável a Roosevelt. Ele construiu a imagem de um presidente, apoiado por "toda a insídia satânica dos judeus", voltado decididamente para a guerra e a destruição da Alemanha. Por fim, ele chegou ao clímax do discurso: as provocações — até então não respondidas — haviam forçado a Alemanha e a Itália a agir. Leu em voz alta uma versão do documento que havia entregado ao encarregado de negócios americano naquela tarde, com uma declaração formal de guerra aos Estados Unidos. E então anunciou o novo acordo, assinado naquele mesmo dia, pelo qual Alemanha, Itália e Japão se comprometiam a rejeitar um armistício ou a paz unilateral com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos.

Na visão de Goebbels, o discurso teve um efeito "fantástico" no povo alemão, para o qual a declaração de guerra não foi uma surpresa, nem um choque. Na realidade, o discurso fez pouco para elevar o moral, que atingira seu ponto mais baixo desde o início do conflito, dada a extensão certeira da guerra por um futuro indefinido e o temor da agressão contra mais um adversário poderoso.

Hitler concordou com o desejo de Goebbels de preparar o povo para reveses inevitáveis por meio de uma propaganda mais em consonância com o realismo da dureza da guerra e dos sacrifícios que ela exigia. Ambos discutiram a catastrófica falta de roupas de inverno para as tropas e o efeito que isso causava em seu moral. Goebbels sabia muito bem, através das críticas amargas de incontáveis cartas de soldados para seus entes queridos, quão ruim era o impacto da crise de suprimentos sobre o moral, tanto no front como em casa. Mas os olhos de Hitler já estavam voltados para a grande ofensiva da primavera de 1942. E, como sempre, quando tinha de encarar reveses, ele apontava para a "luta pelo poder" e como as dificuldades haviam sido superadas naquela época.

A necessidade de elevar o moral, em primeiro lugar daqueles que considerava responsáveis por sustentá-lo no front doméstico, estava sem dúvida por trás do discurso que ele fez aos *Gauleiter* na tarde de 12 de dezembro.

Hitler começou com as consequências de Pearl Harbor. Se o Japão não tivesse entrado na guerra, ele teria, em algum momento, de declarar guerra aos Estados Unidos. "Agora, o conflito no leste da Ásia cai como um presente no colo para nós", disse ele, conforme as anotações de Goebbels. A significação psicológica não deveria ser subestimada. Sem o conflito entre Japão e Estados Unidos, uma declaração de guerra aos americanos teria sido dificilmente aceita pelo povo alemão. Da forma como as coisas ocorreram, era vista como inevitável. A extensão do conflito também tinha consequências positivas para a guerra submarina no Atlântico. Livre de restrições, ele esperava que a frota afundada aumentasse muito — e isso seria provavelmente decisivo para ganhar a guerra.

Tratou então da guerra no leste. Tanto o tom como o conteúdo foram parecidos com os da conversa em privado com Goebbels. Ele admitia que havia sido necessário, por enquanto, recuar as tropas para uma linha defensiva, mas, tendo em vista os problemas de suprimento, considerava isso muito melhor do que ficar parado uns trezentos quilômetros adiante. Os soldados estavam agora sendo economizados para a ofensiva da primavera e do verão seguintes. Um novo exército blindado em preparação na Alemanha estaria pronto na ocasião.

Era sua firme intenção, declarou, acabar com a União Soviética no ano seguinte, pelo menos até os Urais. "Então talvez seja possível chegar a um ponto de estabilização na Europa por meio de uma espécie de meia paz"; com isso, ele parecia querer dizer que a Europa existiria como uma fortaleza autossuficiente, fortemente armada, deixando que as potências beligerantes remanescentes lutassem em outros teatros de guerra.

Ele delineou sua visão do futuro. Depois que a guerra terminasse, seria essencial empreender um imenso programa social que abrangesse operários e agricultores. O povo alemão fazia por merecer. E esse programa proporcionaria — sempre o raciocínio político por trás do objetivo da melhoria material — a "mais segura base de nosso sistema de Estado". O enorme programa habitacional que tinha em vista, anunciou abertamente, seria possível graças à mão de obra barata — aos salários achatados. O trabalho seria feito pela mão de obra forçada dos povos derrotados.

Destacou que os prisioneiros de guerra estavam agora sendo plenamente empregados na economia de guerra. Era assim que as coisas deveriam ser, declarou, como haviam sido na Antiguidade, dando origem, em primeiro lugar, ao trabalho escravo. As dívidas de guerra alemãs seriam, sem dúvida, da ordem de 200 a 300 bilhões de marcos. Essa quantia teria de ser coberta pelo trabalho "principalmente dos povos que perderam a guerra". A mão de obra barata possibilitaria a construção de moradias que seriam vendidas com um lucro substancial, cujo fim seria o pagamento das dívidas de guerra num prazo de dez a quinze anos.

Hitler apresentou mais uma vez sua visão do Leste como a "Índia futura" da Alemanha, que se tornaria, no espaço de três ou quatro gerações, "absolutamente alemã". E deixou claro que não haveria lugar para as igrejas cristãs nessa utopia. Por enquanto, ordenava uma progressão lenta na "questão da Igreja". "Mas está claro", anotou Goebbels, ele mesmo um dos mais agressivos radicais contra as igrejas, "que, depois da guerra, ela precisa ser resolvida. [...] Há, principalmente, uma oposição insolúvel entre a visão de mundo germânico-heroica e a cristã."

Compromissos urgentes em Berlim impediram Hitler de voltar naquela noite para a Toca do Lobo, como era sua intenção. Quando chegou ao seu quartel-general, na manhã de 16 de dezembro, encontrou uma realidade bem distinta do quadro cor-de-rosa que pintara para seus *Gauleiter*. Uma crise militar potencialmente catastrófica estava em andamento.

VI

Antes mesmo de Hitler partir para Berlim, o marechal de campo Von Bock havia descrito a fraqueza de seu Grupo de Exércitos contra um ataque concentrado e expusera o risco de uma grave derrota se não fossem enviadas reservas. Depois, enquanto o Führer estava na capital e a contraofensiva soviética penetrava as linhas alemãs, abrindo uma perigosa cunha entre o Segundo e o Quarto Exército, Guderian informou a posição desesperada de suas tropas e uma séria "crise de confiança" dos comandantes de campo. Depois que Schmundt foi enviado ao Grupo de Exércitos Centro em 14 de dezembro para discutir a situação pessoalmente, Hitler reagiu de imediato, sem esperar o relatório de Brauchitsch, que havia acompanhado Schmundt, nem envolver Halder. Chamou o general de Exército Friedrich Fromm, comandante do Exército de Reserva, e lhe pediu um relatório sobre as divisões que poderiam ser enviadas imediatamente para a frente oriental. Göring e o chefe do transporte da Wehrmacht, general de divisão Rudolf Gercke, receberam ordens para providenciar o transporte. Quatro divisões e meia de reservistas, convocados apressadamente em toda a Alemanha, foram enviadas às pressas para o front. Outras nove divisões foram trazidas da frente ocidental e dos Bálcãs. Em 15 de dezembro, Jodl transmitiu a Halder a ordem de Hitler de que não deveria haver recuo onde existisse possibilidade de manter a frente. Mas onde a posição fosse insustentável, e depois de tomadas as medidas para uma retirada em ordem, o recuo para uma linha mais defensiva estava permitido. Isso estava de acordo com as recomendações de Bock e do homem que iria em breve substituí-lo no comando do Grupo de Exércitos Centro e que na ocasião estava à frente do Quarto Exército, o marechal de campo Günther von Kluge. Naquela noite, Brauchitsch, profundamente deprimido, disse a Halder que não via como o Exército poderia sair de sua posição atual. Havia tempo que Hitler não dava mais ouvidos ao seu comandante em chefe do Exército e tratava diretamente com os comandantes de Grupos de Exércitos.

Na verdade, Bock já recomendara a Brauchitsch, em 13 de dezembro, que Hitler tomasse uma decisão sobre mandar o Grupo de Exércitos Centro firmar posição e lutar por ela, ou recuar. Em ambos os casos, declarou claramente, havia o perigo de o Grupo de Exércitos transformar-se "em ruínas". Bock não apresentou nenhuma

recomendação firme, mas indicou as desvantagens do recuo: a disciplina das tropas poderia ceder e a ordem de defender a nova linha ser desobedecida. A implicação era óbvia. O recuo poderia se transformar em fuga. É notável que essa avaliação não tenha sido transmitida a Hitler no mesmo dia. Ele só a recebeu em 16 de dezembro, quando Bock contou a Schmundt o que havia informado a Brauchitsch três dias antes.

Naquela noite, Guderian, que dois dias antes havia atravessado uma nevasca por 24 horas para encontrar-se com Brauchitsch em Roslavl e fazer a defesa de uma retirada, recebeu um telefonema cheio de ruídos de Hitler: não deveria haver retirada; a linha tinha de ser mantida; seriam enviadas reposições. No mesmo dia 16 de dezembro, o Grupo de Exércitos Norte recebeu ordens de defender o front até o último homem. O Grupo de Exércitos Sul deveria fazer a mesma coisa e receberia reservas da Crimeia depois da iminente queda de Sebastopol. O Grupo de Exércitos Centro foi informado de que não seriam permitidas retiradas extensas, pois isso causaria perda maciça de armamentos pesados. "Com a dedicação pessoal do comandante, dos comandantes subordinados e dos oficiais, os soldados deveriam ser obrigados a uma resistência fanática em suas posições, sem levar em consideração o avanço do inimigo nos flancos ou na retaguarda."

A decisão de que não deveria haver recuo, transmitida a Brauchitsch e Halder na noite de 16-17 de dezembro, foi do próprio Hitler. Mas essa tática de alto risco parece ter levado em conta a avaliação de Bock. Sua ordem declarava: "Uma retirada está fora de cogitação. Somente em *alguns* lugares houve penetração profunda do inimigo. Montar posições de retaguarda é uma fantasia. O front está sofrendo apenas de uma coisa: o inimigo tem mais soldados. Ele não tem mais artilharia. Está muito pior do que nós".

Em 13 de dezembro, o marechal de campo Von Bock havia apresentado a Brauchitsch seu pedido de dispensa do comando, uma vez que, assim alegava, não havia superado as sequelas de sua doença anterior. Cinco dias depois, Hitler mandou Brauchitsch informar a Bock que seu pedido fora aceito. Kluge assumiu o comando do Grupo de Exércitos Centro. Em 19 de dezembro, foi a vez — já com muito atraso — do comandante em chefe do Exército, marechal de campo Walther von Brauchitsch partir.

A exoneração de Brauchitsch estava sobre a mesa havia algum tempo. Os

ajudantes militares de Hitler vinham especulando sobre sua substituição desde meados de novembro, quando sofrera um grave ataque do coração. No início de dezembro, observou Halder, sua saúde estava "de novo dando motivo de preocupação", sob a pressão das dificuldades constantes. Ainda em novembro, Hitler disse que Brauchitsch era "um homem totalmente doente, no fim de suas forças". Espremido no meio do conflito entre Hitler e Halder, sua posição não era, de fato, invejável. Mas sua debilidade contribuíra muito para sua situação aflitiva. Tentando constantemente equilibrar as exigências dos comandantes de Grupos de Exércitos e de Halder com a necessidade de agradar Hitler, sua fraqueza e sua condescendência o deixaram cada vez mais exposto, na crise crescente, a um Líder que desde o início não confiava em sua liderança e estava decidido a intervir nas disposições táticas. Aqueles que viam a maneira como Hitler o tratava reconheciam que ele não estava mais à altura do cargo. De sua parte, Brauchitsch estava ansioso para renunciar ao posto e tentou fazê-lo logo após o início da contraofensiva soviética, na primeira semana de dezembro. Pensava em Kluge ou Manstein como seus possíveis sucessores.

Na ocasião, Hitler disse dissimuladamente a Schmundt (e comentou dois dias depois na mesma linha com seu ajudante para a Luftwaffe, Nicolaus von Below) que não tinha ideia de quem nomearia para substituir Brauchitsch. Havia algum tempo que Schmundt era a favor de Hitler assumir ele mesmo a chefia do Exército para restaurar a confiança, e aproveitou a oportunidade para dizer-lhe isso. O Führer disse que ia pensar no assunto. De acordo com Below, foi na noite de 16-17 de dezembro que ele finalmente decidiu assumir pessoalmente o comando supremo do Exército. Os nomes de Manstein e Kesselring foram colocados momentaneamente sobre a mesa. Mas Hitler não gostava de Manstein, embora fosse um comandante excepcional. E o marechal do ar Albert Kesselring, conhecido como um organizador duro e capaz, além de ser um eterno otimista, estava destinado a comandar a Luftwaffe no Mediterrâneo (e talvez fosse considerado demasiadamente homem de Göring). De qualquer modo, Hitler convencera a si mesmo que comandar o Exército não era mais do que "uma pequena questão de comando operacional" que "qualquer um pode fazer". Halder, que poderia ter mais a perder com a mudança, na verdade, parece que a viu com bons olhos. Talvez tenha se iludido que a mudança o levaria diretamente à presença de Hitler na

tomada de decisões e que poderia expandir sua influência em assuntos relativos a toda a Wehrmacht. Keitel pôs um fim precoce a essas pretensões, assegurando-o que, como antes, suas responsabilidades estavam restritas aos assuntos do Exército.

A tomada do comando supremo do Exército por Hitler foi formalmente anunciada em 19 de dezembro. Em certo sentido, uma vez que Brauchitsch fora cada vez mais deixado de lado durante a crise, a mudança era menos fundamental do que parecia. Entretanto, significava que Hitler assumia agora responsabilidade direta pela tática, bem como pela grande estratégia. Ele estava se sobrecarregando ainda mais, de forma absurda. E ao assumir o comando direto do Exército privava-se, aos olhos do público alemão, de bodes expiatórios para os futuros desastres militares.

Imediatamente após o anúncio da renúncia de Brauchitsch chegou um sinal ainda mais claro da crise no leste. Em 20 de dezembro, Hitler publicou um apelo ao povo alemão para que enviasse roupas quentes de inverno às tropas no leste. Naquela noite, Goebbels fez uma lista de todos os itens de vestuários necessários durante um longo programa de rádio. A população reagiu com choque e raiva, pasma com o fato de a liderança não ter feito provisões adequadas para as necessidades básicas de seus entes queridos que lutavam no front e estavam expostos ao impiedoso inverno polar.

No dia seguinte à demissão de Brauchitsch, Hitler também mandou uma diretriz em palavras fortes ao Grupo de Exércitos Centro, na qual reafirmava a ordem emitida quatro dias antes, para que se mantivesse posição e se lutasse até o último homem: "A vontade fanática de defender o terreno no qual estão as tropas deve ser introjetada nos soldados com todos os meios possíveis, até os mais duros. [...] A conversa do recuo de Napoleão ameaça tornar-se realidade. Assim, só deve haver retirada onde exista uma posição preparada mais atrás". Nos lugares onde ocorreria uma retirada sistemática, Hitler mandou aplicar a mais brutal política da terra arrasada. "Cada pedaço de território que formos forçados a deixar para o inimigo deve ficar inutilizável o máximo possível para ele. Cada lugar de habitação deve ser queimado e destruído sem consideração pela população, para privar o inimigo de toda possibilidade de abrigo."

Um comandante menos disposto do que a maioria a aceitar a Ordem de Alto de Hitler era o herói dos blindados Guderian. Por intermédio de Schmundt, ele tinha

uma linha direta com o Führer. Fez uso dela para conseguir uma reunião especial no quartel-general do Führer na qual poderia apresentar abertamente sua defesa da retirada. Guderian tinha seu jeito próprio de lidar com as ordens militares que julgasse inaceitáveis. Com a conivência de Bock, havia ignorado tacitamente ou driblado ordens anteriores, em geral agindo primeiro e notificando depois. Mas, com a substituição de Bock por Kluge, isso mudou. Os dois não se davam bem. Hitler estava bem informado sobre a "heterodoxia" de Guderian. Portanto, talvez fosse surpreendente que ainda estivesse disposto a conceder uma audiência ao comandante dos tanques e permitir que ele apresentasse longamente sua argumentação.

O encontro aconteceu no dia 20 de dezembro e durou cinco horas. Todo o séquito militar de Hitler estava presente. Guderian informou-o sobre o estado do Segundo Exército Blindado e do Segundo Exército e sobre sua intenção de recuar. Hitler o proibiu expressamente de fazê-lo. Mas Guderian não estava contando toda a história. O recuo, para o qual ele presumira que receberia autorização de Brauchitsch seis dias antes, já estava em andamento. Hitler foi inflexível. Disse que os soldados deviam entrincheirar-se onde estavam e segurar cada metro quadrado de terreno. Guderian observou que a terra estava congelada até uma profundidade de 1,5 metro. Hitler retrucou que teriam então que abrir crateras com morteiros, como fora feito na Flandres durante a Primeira Guerra Mundial. Guderian observou com tranquilidade que as condições do solo na Flandres e na Rússia no meio do inverno eram dificilmente comparáveis. Hitler insistiu em sua ordem. Guderian não concordou, alegando que as perdas humanas seriam enormes; Hitler apontou para o "sacrifício" dos homens de Frederico o Grande: "O senhor acha que os granadeiros de Frederico o Grande estavam ansiosos por morrer? Eles também queriam viver, mas o rei estava certo ao pedir o sacrifício deles. Acredito que eu também tenho o direito de pedir a qualquer soldado alemão que submeta sua vida". Ele achou que Guderian estava perto demais do sofrimento de seus soldados e tinha piedade demais deles. "O senhor deveria ficar mais recuado", sugeriu. "Creia-me, as coisas parecem mais claras quando examinadas a longa distância."

Guderian voltou para o front de mãos vazias. Em poucos dias, Kluge pediu o afastamento do comandante dos tanques e, em 26 de dezembro, ele foi informado de sua demissão. Estava longe de ser o último dos generais de alto escalão a cair em

desgraça durante a crise do inverno. Nas três semanas seguintes, os generais Helmuth Förster, conde Hans von Sponeck, Erich Hoepner e Adolf Strauß foram demitidos, o marechal de campo Von Leeb foi retirado do comando do Grupo de Exércitos Norte e o marechal de campo Von Reichenau morreu em decorrência de um derrame cerebral. Sponeck foi condenado à morte — sentença depois comutada — por retirar suas tropas da península de Kerch, na frente de batalha da Crimeia. Hoepner, também por recuar, foi sumariamente expulso do Exército, com perda de todos os seus direitos de pensão. Quando a crise foi finalmente superada, na primavera, numerosos comandantes subalternos também já haviam sido substituídos.

Foi somente em meados de janeiro que Hitler se dispôs a conceder a retirada tática pela qual Kluge vinha implorando. No final do mês, o pior já havia passado. A frente oriental, a um custo enorme, fora estabilizada. Hitler reivindicou todos os méritos por isso. Aos seus olhos, era mais um "triunfo da vontade". Alguns meses depois, olhando retrospectivamente, ele pôs a culpa da crise de inverno no fracasso quase completo da liderança do Exército. Disse que um general viera a ele querendo recuar. Estava claro para ele, continuou, que um recuo teria significado "o destino de Napoleão". Ele havia descartado totalmente qualquer recuo. "E eu consegui! O fato de termos superado esse inverno e estarmos hoje de novo em posição de avançar vitoriosamente [...] se deve unicamente à bravura dos soldados no front e a minha vontade firme de não ceder a qualquer preço."

A salvação graças ao gênio do Führer foi, evidentemente, a linha adotada (e acreditada) por Goebbels e outros líderes nazistas. Suas declarações públicas combinavam pura fé e propaganda impura. Mas apesar da condenação cabal feita por Halder — depois da guerra — da Ordem de Alto de Hitler, nem todos os especialistas militares estavam tão dispostos a interpretá-la como um erro catastrófico. O chefe do Estado-Maior de Kluge, general Guenther Blumentritt, por exemplo, estava disposto a admitir que a determinação de ficar firme foi não somente correta, mas decisiva para evitar um desastre maior do que o ocorrido.

O reconhecimento precoce de Hitler dos perigos de um colapso total do front e a determinação implacável com que resistiu aos pedidos de recuo contribuíram provavelmente para evitar uma calamidade de proporções napoleônicas. Mas, se ele tivesse sido menos inflexível e dado mais atenção a alguns dos conselhos que

vinham dos comandantes de campo, é provável que o mesmo fim tivesse sido alcançado com uma perda muito menor de vidas. Ademais, a estabilização foi obtida somente depois que ele relaxou a Ordem de Alto e concordou com uma retirada tática para formar uma nova linha de frente.

As tensões da crise de inverno deixaram sua marca em Hitler. Ele mostrava agora sinais inconfundíveis de desgaste físico. Goebbels ficou chocado ao vê-lo em março. Estava grisalho e muito envelhecido. Admitiu ao ministro da Propaganda que estivera doente durante algum tempo e desmaiava com frequência. O inverno, reconheceu, também o afetara psicologicamente. Mas ele parecia ter resistido ao pior. Apesar da aparência externa, sua confiança não diminuíra. Não se ouviam mais as insinuações de dúvida quanto ao resultado da guerra, feitas no outono. Na primavera, contra aquilo que no auge da crise do inverno pareciam probabilidades insuperáveis, a Alemanha estava pronta para lançar outra ofensiva no leste.

A guerra ainda tinha um longo caminho pela frente. É certo que naquele momento as forças estavam equilibradas. E o curso dos eventos passaria por muitos caprichos antes que a derrota da Alemanha parecesse inexorável. Não obstante, em retrospecto, o inverno de 1941-2 pode ser visto não apenas como um ponto de inflexão, mas como o começo do fim. Embora isso só viesse a ficar claro meses depois, a aposta de Hitler, na qual ele jogava nada menos que o futuro da nação, havia fracassado de forma desastrosa.

21. O cumprimento da profecia

I

Não foi por acaso que a guerra no leste levou ao genocídio. O objetivo ideológico de erradicar o "judaico-bolchevismo" estava no centro da "guerra de aniquilação", associado de forma inseparável à campanha militar. O caráter genocida do conflito estava definido com o ataque violento dos Einsatzgruppen, apoiado pela Wehrmacht e deflagrado nos primeiros dias da invasão. E ele se transformaria rapidamente num programa genocida total, como o mundo jamais tinha visto.

Durante o verão e o outono de 1941, Hitler falou muito para seu círculo próximo sobre seus objetivos ideológicos ao esmagar a União Soviética, nos termos mais brutais que se possa imaginar. No mesmo período, falou também sobre os judeus em seus monólogos no quartel-general do Führer, embora sempre em generalizações bárbaras. Esses foram os meses em que, a partir das contradições e da falta de clareza da política antissemita, o programa para matar todos os judeus da Europa ocupada pelos nazistas começou a tomar forma concreta.

Em comparação com os assuntos militares — nos quais sua reiterada interferência refletia a preocupação com minúcias táticas e a desconfiança nos profissionais do Exército —, o envolvimento de Hitler em questões ideológicas era menos frequente e menos direto. Ele havia estabelecido as diretrizes gerais em março de 1941. Não precisava fazer muito mais do que isso. A autocombustão faria com que, uma vez acesos, os incêndios genocidas se transformassem numa

poderosa conflagração em meio à barbárie da guerra para destruir o "judaico-bolchevismo". Quando se tratava de objetivos ideológicos, Hitler não precisava temer que os "profissionais" o decepcionassem. Podia ter certeza de que Himmler e Heydrich, sobretudo, não deixariam pedra sobre pedra para eliminar o inimigo ideológico de uma vez por todas. E podia ter certeza também de que eles encontrariam ajudantes em todos os níveis entre os senhores do novo *Imperium* no leste, fossem eles do partido, da polícia ou da burocracia civil. A organização, o planejamento e a execução podiam ficar a cargo dos outros, sem problemas. Não faltavam indivíduos dispostos a "executar o trabalho prático para nosso Führer", como um policial de baixo escalão afirmou. Bastava autorizar as principais medidas; com isso, tinha certeza de que, em relação à "questão judaica", sua "profecia" de 1939 seria cumprida.

Às vésperas da Operação Barbarossa, Hitler assegurara a Hans Frank que os judeus seriam "removidos" do Governo Geral "num futuro previsível". A província de Frank podia, portanto, ser considerada apenas uma espécie de "campo de trânsito". Frank registrou o prazer de poder "se livrar" dos judeus do Governo Geral e observou que a "judiaria" estava "perecendo gradualmente" na Polônia. "O Führer profetizou isso de fato para os judeus", comentou Goebbels. Como observamos, desde o início do ano a intenção era deportar os judeus do domínio de Frank para o leste, após a vitória sobre a União Soviética, esperada para o outono. Os judeus da Polônia — e depois do restante da Europa — seriam varridos do leste em poucos anos através da fome e do trabalho forçado até a morte nos desertos gelados de clima ártico. O destino dos incapacitados para o trabalho não era mencionado, mas não era difícil imaginar.

Os 5 a 6 milhões de judeus da União Soviética estavam incluídos no plano de reassentamento em massa para o reordenamento racial da Europa Oriental — o Plano Geral para o Leste que Himmler, dois dias após o início da Barbarossa, encomendara a seus planejadores de colonização. O plano previa a deportação de 31 milhões de pessoas, principalmente eslavos, para além do Ural, na Sibéria ocidental, nos trinta anos seguintes. Sem dúvida, os judeus seriam o primeiro grupo étnico a perecer numa solução territorial que, para eles, equivalia a uma sentença de morte. O objetivo era claramente genocida. A "solução territorial" podia, portanto, ser considerada um tipo de solução final. Mas, nessa etapa, ainda não

tinham em mente o fuzilamento e a morte por gás de todos os judeus da Europa — o programa de matança industrializada total que se transformou nos meses seguintes numa solução final definida diferentemente.

Em março, Reinhard Heydrich já recebera sinal verde de Hitler para mandar os Einsatzgruppen à União Soviética, na esteira da Wehrmacht, a fim de "pacificar" as áreas conquistadas com a erradicação de "elementos subversivos". De acordo com uma carta que enviou em 2 de julho aos quatro recém-nomeados altos líderes da SS e da polícia para as áreas conquistadas da União Soviética, os Einsatzgruppen haviam sido instruídos a liquidar "todos os judeus que trabalham para o partido e o Estado", junto com os funcionários comunistas e uma variedade de "elementos extremistas". As recomendações verbais de Heydrich devem ter deixado claro que essa instrução estava sujeita a ampla interpretação.

Desde o início, a matança esteve longe de ficar restrita aos judeus que eram funcionários do Partido Comunista ou do governo. Já em 3 de julho, por exemplo, o chefe do Einsatzkommando em Luzk, no leste da Polônia, mandou fuzilar 1160 homens judeus. Ele disse que queria pôr seu selo na cidade. Em Kowno, na Lituânia, 2514 judeus foram fuzilados em 6 de julho. A matança foi efetuada durante vinte dias de julho pelo Einsatzkommando 3, instalado na região. Do total de 4400 "executados" (de acordo com uma listagem meticulosa), a vasta maioria era de judeus. Mas as instruções, evidentemente, não foram inequívocas. Eram passíveis de diferentes interpretações. Enquanto o Einsatzgruppe A, no Báltico, matou praticamente sem restrição, o Einsatzgruppe B, na Rússia Branca, teve por alvo inicial sobretudo a "intelligentsia" judaica; por sua vez, o Einsatzgruppe C falava em fazer os judeus trabalharem até a morte nos pântanos de Pripiat. Enquanto alguns Einsatzkommandos matavam judeus mais ou menos indiscriminadamente, em Chotin, junto ao Dnjestr, um esquadrão da morte restringiu sua ação no início de julho aos "intelectuais" comunistas e judeus (além dos médicos).

No Báltico, a carnificina do Einsatzgruppe A foi especialmente feroz. O primeiro massacre de judeus aconteceu em 24 de junho, apenas dois dias depois do início da Barbarossa, na pequena vila lituana de Gargzdai, logo do outro lado da fronteira. Homens da Polícia de Segurança e uma unidade policial do Memel mataram 201 judeus naquela tarde. Em 18 de julho, os esquadrões da morte já reivindicavam

3300 vítimas; em agosto, esse número chegaria a 10-12 mil, principalmente homens judeus, incluindo comunistas.

Nos primeiros estágios, as unidades de matança foram ajudadas por nacionalistas lituanos que foram instigados a promover pogroms selvagens contra os judeus. Em Kowno, judeus foram espancados com porrete até a morte por um entusiasta local, enquanto um grupo de espectadores — mulheres erguendo os filhos para que vissem — batia palmas e incentivava com gritos. Uma testemunha ocular lembrou depois que cerca de 45 a cinquenta judeus foram mortos dessa maneira em três quartos de hora. Quando o carniceiro terminou o massacre, subiu na pilha de cadáveres e tocou o hino nacional lituano no acordeão. Soldados alemães assistiram a tudo impassíveis e alguns tiraram fotografias. O comandante da área da Wehrmacht, general de Exército Ernst Busch, ao ouvir o relato das atrocidades, foi de opinião que se tratava de uma disputa interna lituana e que ele não tinha autoridade para intervir. Tratava-se de um assunto da alçada exclusiva da polícia de segurança.

Hitler gostava de estar informado sobre as operações de matança na União Soviética. Em 1o de agosto, o *SS-Brigadeführer* Heinrich Müller, chefe da Gestapo, transmitiu uma mensagem cifrada aos comandantes dos quatro Einsatzgruppen: "Relatórios contínuos sobre o trabalho dos Einsatzgruppen no leste devem ser apresentados ao Führer".

Goebbels registrou sua satisfação ao receber um informe detalhado, em meados de agosto, com a informação de que "a vingança está sendo infligida aos judeus nas grandes cidades" do Báltico, e que eles estavam "sendo massacrados em massa nas ruas pelas organizações de autoproteção". Ele relacionou a matança diretamente à "profecia" de Hitler de janeiro de 1939. "O que o Führer profetizou está ocorrendo agora", escreveu, "que, se a judiaria conseguisse provocar outra guerra, ela perderia sua existência." Três meses mais tarde, quando visitou Vilna, o ministro da Propaganda falou novamente da "horrível vingança" da população local contra os judeus, que haviam sido "abatidos a tiros aos milhares" e ainda eram "executados" às centenas. O resto havia sido amontoado em guetos e trabalhava em benefício da economia local. Segundo ele, os habitantes dos guetos eram "figuras repugnantes". Os judeus eram "os piolhos da humanidade civilizada. Eles tinham de ser erradicados de alguma forma, senão voltariam sempre a desempenhar seu papel

torturante e opressivo. A única maneira de lidar com eles é tratá-los com a necessária brutalidade. Se você poupá-los, mais tarde será vítima deles".

Essas eram as expressões extremadas e patológicas de sentimentos que, com frequência de modo não menos explicitamente genocida, tinham ampla circulação entre os novos senhores dos territórios do leste e estavam longe de ser privilégio de nazistas fanáticos.

Em contraste com os conflitos entre a Wehrmacht e a SS ocorridos após a invasão da Polônia, a estreita cooperação entre Heydrich e o comando militar na montagem da Barbarossa possibilitou que a barbárie dos Einsatzgruppen na campanha oriental prosseguisse sem embaraço e, muitas vezes, em perfeita harmonia. A liderança da Wehrmacht alinhou-se desde o início ao objetivo ideológico do combate ao "judaico-bolchevismo". A cooperação com o SD e a Polícia de Segurança foi ampla e oferecida de boa vontade. Sem ela, os Einsatzgruppen não poderiam ter funcionado como o fizeram. "A relação com a Wehrmacht está agora, como antes, totalmente sem problemas", dizia o informe de um Einsatzgruppe em meados de agosto. "Sobretudo, um interesse crescente e uma compreensão das tarefas e assuntos do trabalho da Polícia de Segurança podem ser vistos nos círculos da Wehrmacht. Isso pode ser especialmente observado nas execuções."

Numa ordem emitida em 12 de setembro de 1941, o chefe do OKW, marechal de campo Wilhelm Keitel, declarava: "A luta contra o bolchevismo exige ação implacável, enérgica e rigorosa, sobretudo contra os judeus, os principais veículos do bolchevismo". Outras exortações de comandantes militares iam mais longe. Um mês depois, o enfático pró-nazista marechal de campo Walter von Reichenau, comandante em chefe do Sexto Exército, disse às suas tropas:

> O soldado na esfera oriental não é somente um combatente conforme as regras da arte da guerra, mas também o portador de uma impiedosa ideologia racial (*völkisch*) e o vingador de todas as bestialidades que foram infligidas à nação alemã e a povos etnicamente relacionados a ela. Portanto, o soldado deve ter plena compreensão da necessidade de uma severa, mas justa expiação dos sub-humanos judeus.

E concluiu: "Somente dessa maneira cumpriremos nosso dever histórico de liberar o povo alemão da ameaça asiático-judaica de uma vez por todas".

O comandante em chefe do 17o Exército, general Hermann Hoth, foi ainda mais

longe do que Reichenau. Em uma ordem de 17 de novembro sobre o "Comportamento dos soldados alemães no leste", ele falou de uma luta de "duas filosofias intrinsecamente incomunicáveis. [...] O sentimento alemão de honra e raça, séculos de tradição marcial germânica, contra modos de pensar e instintos primitivos asiáticos fomentados por um pequeno número de intelectuais, principalmente judeus". Seus homens deveriam agir movidos pela "crença numa mudança de época, na qual, com base na superioridade de sua raça e suas realizações, a liderança da Europa passou para o povo alemão". Tratava-se de uma "missão de resgatar a cultura europeia do avanço da barbárie asiática". Ele destacava o modo como o Exército Vermelho havia "bestialmente assassinado" soldados alemães. Qualquer simpatia pela população nativa era totalmente inapropriada. Ele enfatizava a culpa dos judeus pela situação da Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial. Considerava a exterminação do "apoio espiritual ao bolchevismo" e da "ajuda dos guerrilheiros" uma "norma de autopreservação".

Perto do final de novembro, o comandante em chefe do 11o Exército, Erich von Manstein, numa ordem secreta para suas tropas, foi igualmente inflexível. Ele declarava que o povo alemão mantinha, desde 22 de junho, uma luta de vida ou morte contra o sistema bolchevique, a qual não estava sendo travada segundo as regras de guerra tradicionais europeias. A implicação clara era que o regime soviético dominado pelos judeus era responsável por isso. Manstein referia-se à guerra de guerrilhas soviética atrás das linhas de frente. A "judiaria", com "todos os pontos-chave da liderança política e da administração, comércio e indústrias" em suas mãos, compunha, alegava ele, o "intermediário entre o inimigo na retaguarda e o resto do Exército Vermelho e da liderança vermelha que ainda luta". Disso, ele tirava sua conclusão. "O sistema judaico-bolchevique deve ser erradicado de uma vez por todas. Ele nunca mais deve entrar em nosso espaço vital europeu. O soldado alemão tem a tarefa, portanto, não somente de esmagar os meios militares de poder desse sistema. Ele é também o portador de uma ideia racial e vingador de todas as atrocidades perpetradas contra ele e o povo alemão. [...] O soldado deve mostrar simpatia pela necessidade da dura expiação exigida pela judiaria, o portador espiritual do terror bolchevique [...]."

Outros comandantes militares usaram a guerra de guerrilhas como justificativa para o tratamento sem limites dos judeus. Já nas primeiras semanas da Barbarossa,

os judeus eram equiparados a guerrilheiros por alguns comandantes, ou vistos como a principal fonte de apoio a eles. Mas a "luta de guerrilhas" só começou para valer no outono. Na retaguarda do Grupo de Exércitos Centro organizou-se um "seminário", em setembro de 1941, para possibilitar um intercâmbio de opiniões e experiências entre oficiais selecionados e importantes porta-vozes da SS sobre o "combate aos guerrilheiros". Os participantes levaram de seu "curso de orientação" a mensagem clara para servir de diretriz da futura política de "pacificação": "Onde há um guerrilheiro, há um judeu, e onde há um judeu, há um guerrilheiro".

Essas vozes eram influentes. Mas havia outras. Alguns comandantes insistiam na separação rigorosa entre a Wehrmacht e as ações da Polícia de Segurança. Um deles, o general Karl von Roques, emitiu uma ordem no fim de julho que proibia qualquer participação de seus homens em pogroms, porque isso era "impróprio de soldado" e prejudicaria seriamente a posição da Wehrmacht. No entanto, sua ordem foi ineficaz. Continuaram a ocorrer casos em que "soldados e também oficiais haviam empreendido fuzilamentos de judeus ou participado deles de forma independente". Em setembro, ele foi forçado a emitir outra ordem, na qual repetia que "medidas executivas", especialmente contra judeus, eram da competência exclusiva do alto líder da SS e da polícia, e o fuzilamento não autorizado levado a cabo por soldados, ou a participação em "medidas executivas" da SS e da polícia seriam tratados como desobediência e estariam sujeitos a ação disciplinar.

A partir de cartas escritas para a família do front, fica claro que muitos soldados alemães comuns precisavam de pouca persuasão para acreditar que o massacre impiedoso dos judeus era justificado. Submetidos durante anos à doutrinação incessante sobre os judeus na escola e na Juventude Hitlerista, e inundados desde o início da Barbarossa pela propaganda sobre os horrores do "judaico-bolchevismo", na invasão da Rússia eles procuravam com frequência confirmar seus preconceitos. Um soldado, escrevendo para casa em julho, falou de seu choque diante das "provas de atrocidades judaicas, bolcheviques, do tipo que eu dificilmente acreditava ser possível", e prometia que ele e seus camaradas se vingariam. Outro soldado escreveu também em julho: "Todos, até mesmo o último cético, sabem hoje que a batalha contra esses sub-humanos, que foram incitados ao máximo pelos judeus, era não somente necessária, como chegou na hora H. Nosso Führer salvou a Europa do caos certo". Com essa mentalidade, não surpreende que muitas

unidades da Wehrmacht tenham se envolvido no fuzilamento de judeus e outras atrocidades desde as primeiras etapas da Barbarossa.

Nas primeiras semanas da operação no leste, as "ações" empreendidas pelos Einsatzgruppen e suas subunidades tinham por alvo principal os homens judeus. A matança, embora horrorosa, não chegava perto da escala que alcançou a partir de agosto. Na Lituânia, por exemplo, um Einsatzkommando particularmente assassino matou *nove vezes* mais judeus em agosto e *catorze vezes* mais em setembro do que em julho. O que era considerada uma "ação" em grande escala nas primeiras semanas envolvia geralmente o fuzilamento de centenas de judeus, em raros casos, mais de mil. Mas, no início de outubro, o Einsatzkommando 4a, vinculado ao Einsatzgruppe C na Ucrânia, foi capaz de informar com precisão fria: "Em retaliação ao incêndio em Kiev, todos os judeus foram presos e, nos dias 29 e 30/9, um total de 33771 judeus foram executados". Tratava-se do famigerado massacre de Babi-Yar, nos arredores de Kiev. Os judeus, muitos deles mulheres, crianças e idosos, foram presos em retaliação por uma série de explosões na cidade, as quais haviam matado centenas de soldados alemães, pouco antes de Kiev cair para a Wehrmacht. Eles foram levados em pequenos grupos para os arredores da cidade, forçados a se despir e a ficar de pé em um morro acima da ravina de Babi-Yar. Quando as repetidas salvas de tiros dos pelotões de execução soavam, os corpos das vítimas caíam sobre o monte crescente de cadáveres abaixo.

Em agosto, mulheres e crianças — vistas como possíveis "vingadores" do futuro — passaram a ser incluídas nos massacres, conforme instruções verbais dadas por Himmler e transmitidas aos comandantes dos esquadrões da morte. Desse modo, o Einsatzkommando 3 fuzilou 135 mulheres entre os 4239 judeus "executados" em julho, mas 26243 mulheres e 15112 crianças, no total de 56459 judeus assassinados em setembro de 1941. Levando-se em conta o conjunto dos quatro Einsatzgruppen e suas subunidades, os judeus mortos antes de meados de agosto somavam cerca de 50 mil — um aumento enorme em relação aos assassinatos na Polônia, mas apenas um décimo do meio milhão estimado que pereceria nos quatro meses seguintes.

O imenso aumento no número de vítimas exigia diferentes técnicas de matar. De início, foi preservada uma aparência de lei marcial e "execução" por pelotão de fuzilamento. Mas, após algumas semanas, os assassinos se revezavam com uma submetralhadora, dizimando suas vítimas nuas ajoelhadas à borda de uma cova.

A variação na intensidade das operações de matança nas primeiras semanas e a aguda escalada a partir de agosto sugerem fortemente que não havia um mandado geral para exterminar a totalidade dos judeus soviéticos antes do início da Barbarossa. De qualquer modo, o número de homens — em torno de 3 mil, a maioria recrutada da Gestapo, da polícia judicial, da polícia comum (*Ordnungspolizei*) e do SD — engajados nas ações dos Einsatzgruppen teria sido incapaz de executar um programa genocida em escala total e dificilmente poderia ser reunido como tal com isso em mente. Batalhões suplementares de policiais engrossaram o efetivo no fim de julho. No fim do ano, havia *onze* vezes mais membros nas unidades de matança do que no início da Barbarossa.

Em 15 de agosto, depois de testemunhar naquela manhã uma "execução" de judeus perto de Minsk que o fez passar mal, Himmler disse aos seus homens que ele e Hitler responderiam perante a história pela exterminação necessária dos judeus, que eram "os portadores do bolchevismo mundial". Foi durante suas visitas às unidades de matança no leste, feitas naquele mês, que Himmler as instruiu a ampliar o morticínio para incluir mulheres e crianças. Teria recebido uma nova autorização explícita de Hitler? Ou presumia que o mandado do Führer era suficiente para a extensão maciça das operações de assassinato?

Em meados de julho, quando esteve no quartel-general do Führer, Himmler recebera as minutas de uma importante reunião que Hitler tivera no dia 16 com Göring, Bormann, Lammers, Keitel e Rosenberg. Nela, ele fizera o comentário revelador de que a guerra de guerrilhas proclamada por Stálin propiciava "a possibilidade de exterminar qualquer coisa que se oponha a nós" e que a melhor maneira de obter a pacificação do território conquistado seria fuzilando até mesmo "quem olhasse de soslaio". Um dia depois, ele emitiu um decreto dando a Himmler a responsabilidade pela segurança nas regiões civis recém-estabelecidas sob domínio alemão no leste. Efetivamente, isso tornava a "questão judaica" parte de um escopo de policiamento mais amplo que estava nas mãos de Himmler.

Em uma semana, Himmler ampliou as operações de "policiamento" atrás da linha do front oriental com 11 mil homens; era o início do crescimento muito maior que viria a seguir. Muito provavelmente, captando o estado de ânimo de Hitler na ocasião, ele havia apontado para a insuficiência das forças então disponíveis para a "pacificação" do leste e depois pedira — e obtivera — a

autoridade para aumentar a força a um nível apropriado. O fato de os judeus serem considerados, como era o caso desde o início da campanha, o principal grupo-alvo a ser exterminado — sob o pretexto de representarem a oposição mais perigosa à ocupação — significava que não era necessário nenhum mandado específico sobre o tratamento deles dentro do escopo geral da "pacificação". Ao tratar os judeus no leste como ele considerava apropriado, Himmler estava certo de que "trabalhava para o Führer".

II

Os comentários de Hitler feitos por volta daquela época certamente teriam assegurado Himmler disso. Em 10 de julho, no lusco-fusco do amanhecer, ele havia dito: "Sinto-me como o Robert Koch da política. Ele descobriu o bacilo da tuberculose e com isso mostrou novos caminhos para o conhecimento médico. Eu descobri que os judeus são o bacilo e o fermento de toda decomposição social. O fermento deles. E provei uma coisa: que um Estado pode viver sem judeus".

Ele manteve a terminologia biológica ao falar — com notável franqueza — com o ministro da Defesa do recém-criado e violentamente racista Estado da Croácia, marechal Sladko Kvaternik, em 22 de julho. Chamou os judeus de "flagelo da humanidade". "Comissários judeus" haviam exercido um poder brutal no Báltico, declarou. E agora os lituanos, estonianos e letões estavam realizando uma "vingança sangrenta" contra eles. E continuou: "Se tivessem rédeas soltas como no paraíso soviético, os judeus poriam em ação os planos mais insanos. Assim, a Rússia se tornou o centro da peste para a humanidade. [...] Pois, se apenas um único Estado tolerar uma família judia, isso fornecerá o bacilo para uma nova decomposição. Se não houvesse mais judeus na Europa, a unidade dos Estados europeus não seria mais perturbada. O lugar para onde os judeus forem mandados, seja a Sibéria, seja Madagascar, é irrelevante".

A disposição era francamente genocida. A referência a Madagascar não fazia sentido: era uma opção descartada meses antes. Mas a Sibéria, que nesse ínterim ganhara a preferência, significava uma espécie de genocídio. E, como mostram seus comentários a Kvaternik, ele estava pensando claramente numa "solução para a questão judaica" não somente na União Soviética, mas em toda a Europa.

Nenhuma decisão sobre a solução final — a exterminação física dos judeus de toda a Europa — havia sido tomada até então. No Warthegau, a maior área anexada da Polônia, as autoridades nazistas ainda estavam divididas, em julho de 1941, sobre o que fazer com os judeus que não haviam conseguido deportar para o Governo Geral. Uma ideia era concentrá-los num enorme campo que poderia ser facilmente policiado, perto do centro de produção de carvão, e obter o máximo benefício econômico com a exploração implacável deles. Mas havia a questão do que fazer com os judeus incapacitados para o trabalho.

Um memorando enviado em 16 de julho de 1941 para Eichmann, no Gabinete Central de Segurança do Reich, pelo chefe do SD em Posen, *SS-Sturmbannführer* [major] Rolf-Heinz Höppner, traz um sinal sinistro. Diz ele em seu informe cínico: "Neste inverno, há o perigo de que nem todos os judeus possam ser alimentados. Deve-se considerar seriamente se a solução mais humana não seria liquidar os judeus incapacitados para o trabalho com algum tipo de preparação rápida". Depois de perguntar a opinião de Eichmann, Höppner concluía: "As coisas parecem em parte fantásticas, mas em minha opinião são bem possíveis de implementar".

No último dia do mês, Heydrich fez Eichmann redigir uma autorização por escrito em nome de Göring — encarregado da política antissemita desde janeiro de 1939 — para preparar "uma solução completa da questão judaica na esfera de influência alemã na Europa". O mandato estava formulado como um suplemento à tarefa atribuída a Heydrich em 24 de janeiro de 1939 para resolver o "problema judeu" por meio de "emigração" e "evacuação". Heydrich recebia agora a encomenda de produzir um plano geral que tratasse das medidas organizacionais, técnicas e materiais necessárias. A ordem escrita era uma extensão da ordem verbal que ele já recebera de Göring antes de abril. Ela aumentava sua autoridade no trato com autoridades estatais e estabelecia um marcador para seu controle sobre a solução final depois que a vitória — supostamente iminente — no leste estivesse garantida. Não havia necessidade de consultar Hitler.

O cerco se fechava sobre os judeus da Europa. Mas o mandado de Heydrich não era o sinal para montar campos de extermínio na Polônia. Naquele momento, o objetivo ainda era uma solução territorial — remover os judeus para o leste. Nos meses seguintes, o reconhecimento de que a aposta numa vitória rápida no leste havia fracassado alteraria irrevogavelmente aquele objetivo.

III

Com a vitória aparentemente ao alcance da Alemanha, as pressões para intensificar a discriminação contra os judeus e deportá-los do Reich aumentaram. As privações crescentes da guerra possibilitaram aos militantes do partido voltar as queixas cotidianas e o ressentimento da população contra os judeus. Em Bielefeld, por exemplo, o SD informou, em agosto de 1941, que um forte sentimento em relação ao "comportamento provocativo dos judeus" resultara na proibição da presença deles nas feiras semanais "a fim de evitar atos de violência". Além disso, alegavam que havia aprovação geral para um anúncio a ser publicado nos jornais locais de que os judeus não receberiam compensações pelos prejuízos sofridos em consequência da guerra. Afirmavam também que havia uma forte impressão de que os judeus só deveriam ser atendidos nas lojas depois dos clientes alemães. Pairava no ar a ameaça de apelar para as próprias mãos e usar a força contra os judeus se nada fosse feito. Sinistramente, diziam ainda que essas medidas não seriam suficientes para satisfazer a população. Cresciam as demandas pela introdução de uma marca compulsória de identificação, como a que os judeus usavam no Governo Geral desde o início da guerra, para que não pudessem evitar as restrições impostas a eles.

Evidentemente, os nazistas fanáticos estavam ocupados — com sucesso, ao que parece — em agitar a opinião pública contra os judeus. As pressões vindas de baixo eram música para os ouvidos de líderes do partido e da polícia, como Goebbels e Heydrich, ansiosos — cada um com seus motivos — por acelerar a discriminação antissemita e retirá-los totalmente da Alemanha o mais rápido possível. Não demorou para que isso chegasse, por intermédio de Goebbels, ao próprio Hitler.

Uma marca de identificação para os judeus era algo que Hitler havia recusado quando fora pedida depois da Noite dos Cristais. Na ocasião, ele não julgara oportuna essa medida. Mas, agora, ele seria submetido a novas pressões para mudar de ideia. Em meados de agosto, Goebbels já se convencera de que a "questão judaica" em Berlim se tornara novamente "aguda". Alegava que os soldados em licença não compreenderiam como os judeus de Berlim ainda podiam ter criadas "arianas" e apartamentos grandes. Os judeus estavam minando o moral por meio de comentários em filas ou no transporte público. Portanto, ele julgava necessário

que eles usassem uma insígnia para que pudessem ser imediatamente reconhecidos.

Três dias depois, uma reunião convocada às pressas no Ministério da Propaganda, cheia de escribas do partido, tentou persuadir representantes de outros ministérios da necessidade de introduzir a identificação para os judeus. Eichmann, representante do RSHA (Gabinete Central de Segurança do Reich), informou que pouco tempo antes Heydrich já fizera uma proposta nesse sentido a Göring, que a devolvera dizendo que cabia ao Führer decidir. Diante disso, Heydrich reformulara sua proposta, que seria enviada a Bormann, para que falasse com Hitler sobre ela. A opinião do Ministério da Propaganda ampliava as observações que Goebbels fizera em seu diário alguns dias antes. Alegava que os judeus de Berlim eram um "centro de agitação" e que ocupavam apartamentos necessários a outras pessoas. Entre outras coisas, eles eram responsáveis, por meio do açambarcamento de alimentos, até da escassez de morangos na capital. Soldados de folga do leste não podiam entender que os judeus ainda tivessem essa licença. A maioria dos judeus não estava empregada. Eles deveriam ser "carregados" para a Rússia. "Seria melhor matá-los todos." Sobre a questão da "evacuação dos judeus do Velho Reich", Eichmann comentou que Heydrich apresentara uma proposta ao Führer, mas que fora recusada, e que o chefe da Polícia de Segurança estava agora trabalhando numa proposta alterada para a "evacuação" parcial dos judeus das principais cidades. Tendo em vista a suposta urgência da necessidade de proteger o estado de ânimo dos soldados do front, anunciou-se que Goebbels pretendia solicitar uma audiência com o Führer na primeira oportunidade.

Foi esse o propósito da visita do ministro da Propaganda ao quartel-general do Führer em 18 de agosto. Ele encontrou Hitler recuperando-se de uma doença, no meio de um conflito com seus comandantes militares, num estado de tensão nervosa e altamente irritadiço. Nessas condições, Hitler estava, sem dúvida, mais receptivo a sugestões radicais. Ao levantar por fim a "questão judaica", Goebbels repetiu as alegações sobre os males que causavam ao moral, especialmente dos soldados da frente de batalha. Estava chovendo no molhado. Hitler deve ter se lembrado do moral baixo que tanto o havia indignado em Berlim e Munique perto do fim da Primeira Guerra Mundial, cuja culpa ele (e muitos outros) atribuía aos judeus. Ele concedeu ao ministro da Propaganda o que este viera buscar: permissão para forçar os judeus a usar uma marca de identificação. De acordo com Goebbels,

Hitler expressou sua convicção de que sua "profecia" no Reichstag — a de que, "se a judiaria conseguir provocar de novo uma guerra mundial, ela acabará com a destruição dos judeus" — estava se cumprindo com uma "certeza que se pode dizer quase sobrenatural". Os judeus do leste estavam pagando a conta, anotou Goebbels. A "judiaria" era um corpo estranho nas nações culturais. "De qualquer maneira, os judeus não terão muito motivo para rir no mundo futuro", teria dito Hitler, conforme as anotações de seu ministro.

No dia seguinte, Goebbels escreveu que iria agir imediatamente sobre a "questão judaica", uma vez que o Führer lhe dera permissão para criar uma grande estrela de Davi amarela que todos os judeus deveriam usar. Com essa insígnia, ele tinha certeza de que os judeus desapareceriam rapidamente dos lugares públicos. "Se no momento não é possível livrar Berlim dos judeus, eles devem ao menos não aparecer mais em público", observou. "Mas, além disso, o Führer me deu permissão para deportar os judeus de Berlim para o leste assim que a campanha oriental terminar." Os judeus, acrescentou, estragavam não apenas a aparência, mas também o humor da cidade. Forçá-los a usar uma insígnia seria uma melhoria. Mas "só se pode parar com isso totalmente suprimindo-os. Temos de enfrentar o problema sem nenhum sentimentalismo".

Em 1o de setembro, um decreto da polícia estipulou que todos os judeus com mais de seis anos de idade tinham de usar a estrela de Davi. Uma semana depois, a fim de preparar a população para a novidade, Goebbels fez com que o Departamento de Propaganda do partido incluísse um folheto especial, de circulação em massa, em sua publicação *Wochensprüche* (Máximas da semana), ornado com a "profecia" de Hitler.

De acordo com informes do SD — que ecoavam, sem dúvida, os sentimentos da linha dura do partido —, a introdução da estrela amarela foi recebida com aprovação geral, mas, aos olhos de alguns, a medida não ia longe o suficiente e precisava ser estendida aos *Mischlinge*, além dos judeus puros. Alguns disseram que a estrela devia ser usada também nas costas. Mas nem todos os alemães comuns reagiram da mesma maneira que os radicais do partido. Houve numerosas indicações de desagrado e desaprovação, além de simpatia pelas vítimas. É impossível ter certeza sobre quais foram as reações mais típicas. De qualquer modo, o apoio aberto aos judeus era perigoso. Goebbels criticou severamente

aqueles que sentiam simpatia pela situação difícil dos judeus e os ameaçou com prisão num campo de concentração. Ele aumentou ainda mais o volume de sua invectiva antissemita. Mas, independente do grau de simpatia, ela não podia ter peso ao lado do clamor estridente dos radicais, cujas exigências — expressas especialmente pelo ministro da Propaganda do Reich — se voltavam cada vez mais para a remoção total dos judeus. Como Goebbels havia reconhecido, a deportação tinha de esperar. Mas a pressão a favor dela não diminuiria.

Grande parte dessa pressão vinha da Polícia de Segurança. Não surpreende que na linha de frente dela estivesse a Polícia de Segurança do Warthegau, onde as autoridades nazistas vinham tentando em vão expulsar os judeus da província desde o outono de 1939. Deve ter sido perto do final de agosto que Eichmann pediu a opinião sobre a política de reassentamento e sua administração ao chefe do SD em Posen, o *SS-Sturmbannführer* Rolf-Heinz Höppner — o mesmo indivíduo que lhe havia escrito em julho sugerindo a possível liquidação dos judeus incapacitados para o trabalho de sua área durante o inverno vindouro.

O memorando de quinze páginas de Höppner, enviado a Eichmann em 3 de setembro, não tratava apenas, ou mesmo principalmente, da deportação de judeus, mas o "problema judeu" fazia parte de sua visão geral do potencial para amplo reassentamento de base racial. Suas opiniões correspondiam de perto às ideias elaboradas no Plano Geral para o Leste (*Generalplan Ost*). Ele previa deportações, depois do fim da guerra, "para fora do espaço de assentamento alemão" dos "setores indesejáveis da população" do Grande Reich Alemão e dos povos do leste e do sudeste da Europa, considerados inadequados para a germanização. Incluía especificamente em suas sugestões "a solução definitiva da questão judaica", não somente na Alemanha, mas também em todos os Estados sob influência alemã. As áreas que tinha em mente para o imenso número de deportados eram os "grandes espaços da atual União Soviética". Ele acrescentava que seria pura especulação pensar a organização desses territórios, "pois primeiro é preciso tomar as decisões básicas". Mas era essencial que houvesse clareza completa desde o início sobre o destino dos "indesejáveis", "quer o objetivo seja estabelecer permanentemente para eles uma forma de existência, quer eles devam ser completamente liquidados".

Höppner, conhecedor do pensamento dos altos escalões do SD, estava plenamente aberto à ideia de matar os judeus. Afinal, ele mesmo havia expressado

essa ideia algumas semanas antes. Mas, no início de setembro, desconhecia qualquer decisão de exterminar os judeus da Europa. No que lhe dizia respeito, o objetivo ainda era a expulsão deles para "espaços" disponíveis na desmantelada União Soviética depois que a guerra acabasse.

IV

A decisão de permitir a deportação dos judeus da Europa para o leste só poderia ser tomada por Hitler. Havia poucas semanas, ele rejeitara a proposta de Heydrich de deportá-los. Sem sua aprovação, Heydrich não pudera agir. Mesmo agora, em setembro, Hitler não estava disposto a dar esse passo. Evidentemente, ele presumia que as deportações e uma solução final para a "questão judaica" viriam após o fim vitorioso de uma guerra que esperava durar quatro ou cinco meses. Mas, naquele momento, ele estava bem consciente de que essa expectativa fora uma ilusão. Assim, surgiram considerações práticas. Havia a questão do transporte. Não havia trens disponíveis suficientes para levar suprimentos à linha de frente. Isso era mais urgente do que mandar os judeus para o leste. E para onde eles seriam enviados? As áreas então sob ocupação alemã destinavam-se à "limpeza étnica", não a uma reserva judia. Lá, os judeus soviéticos estavam sendo massacrados aos milhares. Mas lidar com um influxo de milhões a mais de judeus de toda a Europa para aquela área era um problema de ordem completamente distinta. A morte em massa por inanição — o destino ao qual Hitler estava disposto a condenar os cidadãos de Leningrado e Moscou — ainda exigia uma área disponível para assentar os judeus até que morressem de fome. Isso tinha de ser feito num território destinado à "exportação" e à "importação" de "indesejáveis". Como alternativa, isso só poderia ser feito na própria zona de batalha, ou pelo menos na retaguarda. Mas tratava-se de algo simplesmente impraticável; ademais, os Einsatzgruppen haviam sido mobilizados para aniquilar dezenas de milhares de judeus justamente dessas áreas; do ponto de vista de Hitler, isso significaria levar o inimigo racial mais potente para o lugar onde seria mais perigoso. Assim, ele deve ter raciocinado que, enquanto houvesse guerra no leste, a expulsão dos judeus para perecer nos desertos áridos que seriam conquistados à União Soviética tinha de esperar.

De repente, em meados de setembro, ele mudou de ideia. Não há indício claro do motivo. Mas, em agosto, Stálin ordenou a deportação dos alemães do Volga — cidadãos soviéticos de ascendência alemã que se haviam estabelecido no século XVIII ao longo do rio Volga. No final do mês, a população inteira da região — mais de 600 mil pessoas — foi retirada à força e deportada em vagões de gado, em condições horrorosas, supostamente por serem "sabotadores e espiões", para a

Sibéria ocidental e o norte do Cazaquistão. No total, quase 1 milhão de alemães do Volga foram vítimas de deportação. A notícia chegou à Alemanha no início de setembro. Goebbels sugeriu na época que deviam preparar uma reação radical, e ela não demorou a chegar. Alfred Rosenberg, o recém-nomeado ministro do Reich para os Territórios Ocupados do Leste, não demorou a defender "a deportação de todos os judeus da Europa Central" para o leste em retaliação. Em 14 de setembro, ele instruiu seu oficial de ligação no quartel-general do Exército, Otto Bräutigam, a obter a aprovação de Hitler para a proposta. Bräutigam acabou por atrair o interesse de Rudolf Schmundt, ajudante-chefe de Hitler para a Wehrmacht, que reconheceu nela "um assunto muito importante e urgente" que seria de grande interesse para o Führer.

Vingança e represália desempenhavam sempre um grande papel na motivação de Hitler. Mas, de início, ele hesitou. Sua resposta imediata foi mandar o assunto para o Ministério do Exterior. Ribbentrop a princípio foi evasivo. Queria discuti-lo pessoalmente com Hitler. Werner Koeppen, oficial de ligação de Rosenberg no quartel-general do Führer, anotou em 20 de setembro: "O Führer não tomou nenhuma decisão até agora na questão das represálias contra os judeus alemães por conta do tratamento dos alemães do Volga". Dizia ainda que ele pensava em tomar essa medida caso os Estados Unidos entrassem na guerra. O informe de Koeppen, no entanto, já estava ultrapassado quando ele o apresentou.

Na verdade, Hitler estava agora disposto a aceitar a posição de que era urgentemente necessário pôr em ação os antigos planos de uma "solução para a questão judaica" abrangente, e que a deportação para o leste era factível, apesar da guerra inacabada. O motivo para que ele agora consentisse com tais argumentos estava, em parte, em sua aceitação de que o fim da campanha russa não se daria em breve. Com efeito, isso ocorreu no mesmo momento em que ele reconheceu que a guerra no leste se estenderia para 1942. Ele deve ter pensado que o enfrentamento da "solução final da questão judaica" não podia esperar tanto tempo. Se a vitória sobre o bolchevismo tinha de ser postergada, deve ter concluído, o momento de acertar as contas com seu inimigo mais poderoso, os judeus, não podia mais ser adiado. Eles haviam provocado a guerra; agora veriam sua "profecia" ser cumprida.

Seria digno de nota que, quando Himmler almoçou com Hitler na Toca do Lobo em 16 de setembro, a questão da deportação não tivesse sido levantada. É quase

certo que o *Reichsführer-SS* pressionou para que os judeus do Reich fossem deportados. No dia seguinte, 17 de setembro, Ribbentrop encontrou-se com Hitler para discutir a proposta de Rosenberg. Naquela noite, Himmler fez uma visita ao ministro do Exterior. Já então Hitler devia ter concordado com a sugestão de iniciar a deportação de judeus alemães, austríacos e tchecos para o leste. Himmler evidentemente foi embora com a autorização. Ele notificou a decisão no dia seguinte.

Em 18 de setembro, Arthur Greiser, governador e *Gauleiter* do Warthegau, recebeu uma carta de Himmler que dizia: "O Führer deseja que o Velho Reich e o Protetorado [Boêmia e Morávia] fiquem vazios e livres de judeus, que devem ser levados para o leste o mais rápido possível". Himmler disse a Greiser que era sua intenção deportar os judeus primeiro para os territórios poloneses que tinham sido conquistados pelo Reich dois anos antes, depois, "na próxima primavera, expulsá-los para ainda mais ao leste". Com isso em mente, estava mandando 60 mil judeus para o gueto de Lodz, na província de Greiser, para passar o inverno.

Por volta de meados de setembro, então, Hitler cedera à pressão para deportar os judeus alemães e tchecos para o leste, alguns deles por meio de uma estadia temporária em Lodz (onde o gueto já estava seriamente superlotado). Isso foi o gatilho para uma nova fase crucial no desenvolvimento de um programa abrangente de genocídio.

O consentimento de Hitler para a deportação dos judeus alemães não equivalia a uma decisão em favor da solução final. É duvidoso que uma decisão única e abrangente desse tipo tenha sido tomada em algum momento. Mas sua autorização abriu a porta para toda uma gama de novas iniciativas por parte de numerosos líderes nazistas locais e regionais, que aproveitaram a oportunidade para se livrar de seu próprio "problema judaico" e começar a matar judeus em suas áreas. Houve uma perceptível aceleração do ritmo genocida nas semanas seguintes. Mas não havia um programa abrangente e coordenado de genocídio total, que levaria ainda alguns meses para surgir.

V

Dias depois da decisão de deportar os judeus do Reich, Goebbels estava de volta ao quartel-general do Führer, aproveitando a oportunidade para pressionar uma vez mais em favor da remoção dos judeus de Berlim. Antes de sua audiência com Hitler, teve a chance de falar com Reinhard Heydrich. Himmler, Neurath e várias outras figuras importantes também estavam na Toca do Lobo. O motivo da reunião de notáveis era a decisão de Hitler de "retirar" Neurath do posto de protetor do Reich em Praga, após intrigas contra ele armadas por radicais da administração nazista da antiga capital tcheca, hábeis em explorar informes sobre a crescente incidência de greves e sabotagens. O grau de repressão fora relativamente contido por Neurath. Mas o aumento dos distúrbios fez Hitler nomear um homem duro, o chefe da Polícia de Segurança Heydrich, para o cargo de protetor-adjunto do Reich, com mandato para sufocar com mão de ferro todas as formas de resistência.

Goebbels não perdeu tempo em lembrar Heydrich de seu desejo de "evacuar" os judeus de Berlim o mais rápido possível. Evidentemente, Heydrich disse ao ministro da Propaganda que isso seria feito "assim que a questão militar no leste estiver mais clara. Eles [os judeus] deverão ser todos transportados, no fim, para os campos criados pelos bolcheviques. Esses campos foram criados pelos judeus. O que seria mais adequado, então, do que povoá-los com judeus?".

Durante seu encontro de duas horas a sós com Hitler, Goebbels não teve dificuldade em obter a garantia que queria de que Berlim se livraria em breve de seus judeus. No dia seguinte, ele anotou: "A opinião do Führer é de que os judeus precisam ser removidos de toda a Alemanha. As primeiras cidades a se tornarem livres de judeus são Berlim, Viena e Praga. Berlim está em primeiro lugar na fila e tenho a esperança de que conseguiremos transportar uma parte substancial dos judeus de Berlim para o leste no decorrer deste ano".

Do modo como as coisas aconteceram, ele acabou ficando menos do que totalmente satisfeito. Perto do fim de outubro, anotou que houvera um começo de deportação dos judeus de Berlim. Vários milhares haviam sido enviados em primeiro lugar para Litzmannstadt (como Lodz era agora oficialmente chamada). Mas logo depois reclamaria de obstáculos à "evacuação" rápida. E, em novembro,

soube por Heydrich que as deportações haviam provocado mais dificuldades do que o previsto.

Goebbels manteve a pressão com uma diatribe cheia de ódio publicada em *Das Reich* — um jornal de "qualidade" que alcançava 1,5 milhão de lares — em 16 de novembro, intitulada "Os judeus são culpados". Ele citava explicitamente a "profecia" de Hitler sobre a "aniquilação da raça judia na Europa" ao afirmar: "Estamos experimentando exatamente agora o cumprimento dessa profecia". O destino dos judeus, declarava, "era duro, mas mais do que justificado", e qualquer simpatia ou pesar eram inteiramente inapropriados. Goebbels ordenou que o artigo tivesse a mais ampla circulação entre os soldados da frente oriental.

O ministro da Propaganda levantou de novo a questão da deportação dos judeus de Berlim numa discussão de três horas que teve com Hitler alguns dias depois, em 21 de novembro. Hitler, como de costume, conseguiu aplacá-lo. Disse-lhe que concordava com sua visão da "questão judaica". Ele queria uma "política enérgica" contra os judeus, mas que não "causasse dificuldades desnecessárias". A "evacuação dos judeus" tinha de ser feita cidade por cidade, e ainda era incerto quando seria a vez de Berlim. Quando chegasse o momento, a "evacuação" deveria ser concluída o mais rápido possível.

Uma vez mais, como acontecera com Frank em Cracóvia e Schirach em Viena, Hitler criava esperanças que estimulavam a pressão de seus subordinados por uma ação radical. O fato de que essas esperanças só podiam se realizar com menos facilidade do que o antecipado servia apenas para atiçar as chamas e encorajar a busca frenética por uma solução definitiva para um problema criado exclusivamente pelo próprio fanatismo ideológico nazista.

Em outubro, tanto Himmler como Heydrich ainda falavam em deportar os judeus para o leste; Riga, Reval e Minsk eram os lugares mencionados. Planos para campos de exterminação foram postos em andamento em Riga e, ao que parece, em Mogilew, cerca de duzentos quilômetros a leste de Minsk. As dificuldades de transporte e a contínua guerra de guerrilhas fizeram com que fossem abandonados. Mas, instigados pelas iniciativas assassinas de seus subordinados, que logo perceberam que tinham sinal verde e não perderam tempo em preparar a execução de genocídios localizados, a atenção da direção da SS começou a se voltar para a Polônia, cujas dificuldades logísticas eram menores para que a "solução final da

questão judaica” pudesse ocorrer.

O uso de gás venenoso já fora contemplado antes da concessão da ordem de deportação. Era preciso lançar mão de um meio de matar mais eficaz, menos público e — com o característico cinismo nazista — menos estressante (para os assassinos, bem entendido) do que os fuzilamentos em massa. Os furgões de gás, já utilizados na Prússia Oriental em 1940 para matar os candidatos a “eutanásia”, ofereciam uma alternativa, embora, como logo ficou claro, apresentassem inconvenientes. Outros métodos, que envolviam instalações fixas de matança, foram levados em consideração. No início de setembro, como experiência, várias centenas de prisioneiros de guerra russos foram executados com gás em Auschwitz, que na ocasião era um campo de concentração principalmente para poloneses. Então, em outubro, encomendaram um grande crematório à firma de J. A. Topf e Filhos, em Erfurt. O gás venenoso Zyklon-B foi usado pela primeira vez em prisioneiros soviéticos; no verão de 1942, entraria em uso regular para exterminar os judeus da Europa, levados de trem para a enorme fábrica de matar de Auschwitz-Birkenau.

Depois de tomada a decisão de deportar os judeus do Reich para o leste, as coisas começaram a andar rapidamente. Em 4 de outubro, Heydrich disse ao *Gauleiter* Alfred Meyer, secretário-geral no Ministério para os Territórios Orientais Ocupados dirigido por Rosenberg, que as tentativas do setor industrial de reivindicar os judeus como parte de sua força de trabalho “estragariam o plano de uma evacuação total dos judeus dos territórios ocupados por nós”. Ainda em outubro, após uma visita a Berlim do chefe de polícia de Lublin, *SS-Brigadeführer* Odilo Globocnik, destinada evidentemente a instigar a exterminação dos judeus em seu distrito, trabalhadores poloneses receberam ordens da SS para construir um acampamento em Belzec, no leste da Polônia. Especialistas de técnicas de extermínio a gás usadas nos pacientes da “ação de eutanásia” chegaram algumas semanas depois, para assessorar a construção das câmaras de gás naquele local. Inicialmente, o objetivo era usar Belzec, cuja capacidade de matar era relativamente pequena nos primeiros meses de funcionamento, para matar os judeus incapacitados para o trabalho da área de Lublin. Somente aos poucos ficou claro que a meta era liquidar *todos* os judeus poloneses — naquilo que, com a adição de dois outros campos, Sobibor e Treblinka, na primavera de 1942, viria a ficar conhecido como “Aktion Reinhard”.

No outono, Eichmann também foi enviado a Auschwitz para discutir com o comandante do campo, Rudolf Höß, as instalações de extermínio a gás. As operações de matança em massa em Belzec começaram na primavera de 1942, em Auschwitz, no verão. Elas foram precedidas por acontecimentos no Warthegau. Lá, os primeiros vinte carregamentos de judeus alemães para Lodz haviam chegado em 16 de outubro. As autoridades da cidade haviam protestado, a princípio com veemência, contra a ordem emitida em setembro de receber mais judeus. Himmler foi implacável. Censurou com rispidez o presidente do governo de Lodz, Friedrich Uebelhoer, ele mesmo encarregado de um posto honorário da SS. Mas, junto com a reprimenda, as autoridades de Lodz foram evidentemente acalmadas com a notícia de que os judeus incapacitados para o trabalho seriam logo liquidados. Assassinatos em massa por fuzilamento ou gás (em furgões de gás) já estavam ocorrendo nas semanas do outono. Ao mesmo tempo, Herbert Lange, chefe de um comando especial que havia sido deslocado anteriormente para Soldau, na Prússia Oriental, para eliminar com gás os internos de asilos mentais, procurava um local adequado a fim de levar a cabo a exterminação sistemática dos judeus do Warthegau. Não sabemos se Hitler foi consultado ou não sobre os detalhes, mas sua aprovação era quase certamente necessária. No início de dezembro de 1941, Chelmno, uma estação de furgões de gás no sul do Warthegau, já se tornara a primeira unidade de exterminação a iniciar as operações.

O Warthegau não era a única área escalada para receber deportados. Pouco antes do início da matança em Chelmno, os primeiros carregamentos de judeus alemães haviam chegado ao Báltico. A intenção inicial era mandá-los para Riga, onde seriam internados num campo de concentração nos arredores da cidade, antes da deportação para o leste. Hitler havia aprovado a proposta de montar um campo de concentração, feita pelo comandante local da Polícia de Segurança, *SS-Sturmbannführer* dr. Otto Lange. Porém, Lange havia proposto a construção de um campo para judeus letões. Isso foi transformado, de acordo com um "desejo" do Führer, na construção de um "grande campo de concentração" para judeus da Alemanha e do Protetorado. Esperava-se internar ali cerca de 25 mil judeus, a caminho, como foi dito, para um destino final "mais para leste". Alguns líderes nazistas, ao menos, sabiam muito bem o que a deportação para o leste significava. Em meados de dezembro, quando Goebbels, ainda pressionando para deportar os

judeus de Berlim o mais rápido possível, referiu-se à deportação de judeus da parte ocupada da França para o leste, disse que isso era, "em muitos casos, sinônimo de condenação à morte".

No momento em que os primeiros judeus do Reich deveriam chegar a Riga, a construção do campo mal começara. Foi preciso encontrar uma solução improvisada. Em vez de seguirem para Riga, os trens foram desviados para Kowno, na Lituânia. Entre 25 e 29 de novembro, judeus exaustos e aterrorizados foram tirados de trens que vinham de Berlim, Frankfurt, Munique, Viena e Breslau e, sem seleção baseada na capacidade de trabalho, foram levados e fuzilados por membros do Einsatzkommando estabelecido no local. O mesmo destino aguardavam os mil judeus que, estes sim, chegaram a Riga em 30 de novembro. Foram simplesmente levados para a floresta e fuzilados, assim como cerca de 14 mil judeus da Letônia, do gueto de Riga. Naquele mês, Himmler havia dito ao chefe da polícia da área, Friedrich Jeckeln, "que todos os judeus na Ostland, até o último, devem ser exterminados".

Por mais certo que Jeckeln estivesse de sua incumbência assassina, outros líderes nazistas no leste tinham suas dúvidas. Hinrich Lohse, comissário do Reich para a Região Oriental (Ostland), e Wilhelm Kube, comissário-geral para a Bielorrússia (Weißruthenien), estavam entre aqueles que tinham menos certeza de que os judeus do Reich deveriam ser incluídos nos fuzilamentos em massa e massacrados indiscriminadamente junto com os judeus do leste. Eles pediram esclarecimentos urgentes do Ministério do Reich para os Territórios Orientais Ocupados e do Gabinete Central de Segurança do Reich. Lohse, pressionado pela Wehrmacht a reter os trabalhadores judeus especializados, queria orientações sobre se os critérios econômicos eram relevantes ou não na escolha dos judeus que deveriam ser liquidados. Em Minsk, onde 12 mil judeus do gueto local haviam sido fuzilados pela Polícia de Segurança para dar lugar ao influxo de judeus alemães, Kube protestou que "as pessoas que vêm de nossa própria esfera cultural" deveriam ser tratadas de forma diferente das "hordas estúpidas nativas". Ele queria saber se deveria abrir exceção para meio-judeus (*Mischlinge*), judeus com condecorações de guerra ou judeus com cônjuges "arianos". Outros protestos e indagações que refletiam tanto desconforto quanto falta de clareza a respeito do destino pretendido para os judeus do Reich chegaram ao Ostministerium e ao RSHA. Isso levou Himmler a intervir,

em 30 de novembro, para tentar proibir a liquidação do carregamento de mil judeus — muitos deles idosos, alguns condecorados com a Cruz de Ferro de Primeira Classe — enviado a Riga. Seu telefonema chegou tarde demais: os judeus já haviam sido mortos pelos esquadrões da morte de Jeckeln.

No dia anterior, 29 de novembro, Heydrich enviara convites a vários secretários-gerais e representantes selecionados da SS para uma conferência a ser realizada em 9 de dezembro perto do Wannsee, um belo lago no extremo oeste de Berlim. Ele queria envolver ministérios relevantes nos planos do RSHA de deportar para o leste todos os judeus da Europa ao alcance da Alemanha. Além disso, queria garantir, de acordo com a comissão que havia solicitado e recebido no fim de julho, que sua primazia na organização das deportações fosse reconhecida por todas as partes envolvidas. Em 8 de dezembro, um dia antes da data marcada para a conferência, Heydrich adiou-a para 20 de janeiro de 1942.

O adiamento foi causado pelos eventos dramáticos que se desenrolavam no Pacífico e na Europa Oriental. Heydrich sabia que o ataque dos japoneses a Pearl Harbor, em 7 de dezembro, traria uma declaração de guerra da Alemanha aos Estados Unidos em dias. Com isso, a guerra europeia se tornaria uma guerra mundial. Ao mesmo tempo, o início da primeira grande contraofensiva do Exército Vermelho, em 5 de dezembro, havia bloqueado qualquer perspectiva de deportação em massa para o território soviético no futuro próximo. Ambos os desdobramentos da guerra traziam consequências importantes para o programa de deportação. O impacto de ambos logo ficou evidente.

Os planos para pôr em execução uma solução final para a "questão judaica" estavam prestes a entrar numa nova fase — mais mortífera do que nunca.

VI

A responsabilidade de Hitler pelo genocídio dos judeus não pode ser questionada. Contudo, apesar de todas as suas diatribes públicas antissemitas, incitando ataques ainda mais radicais de violência extrema, e de todas as suas sugestões sombrias de que sua "profecia" se tornava realidade, ele tratou de apagar consistentemente os rastros de seu envolvimento no assassinato dos judeus. Tendo percebido que o povo alemão não estava pronto para conhecer o segredo mortífero, ele estava determinado — sua inclinação para o sigilo era, como sempre, marcante — a não falar sobre isso senão em termos imprecisos. Até mesmo em seu círculo mais íntimo, ele jamais conseguiu falar com franqueza absoluta sobre a matança dos judeus.

Mesmo assim, em comparação com os primeiros anos da guerra, quando não mencionava muito os judeus, nem em público, nem em particular — levando em conta as anotações do diário de Goebbels —, agora, nos meses em que o destino deles estava sendo decidido, referiu-se a eles em numerosas ocasiões. Invariavelmente, em discursos públicos ou em comentários de seus monólogos de fim de noite no quartel-general da Prússia Oriental, suas observações restringiam-se a generalidades — mas com alusão ameaçadora ao que estava acontecendo.

No almoço de 6 de outubro, a conversa concentrou-se principalmente na eliminação da resistência tcheca após a nomeação de Heydrich para protetor-adjunto do Reich, em 27 de setembro. Hitler falou sobre os modos de "apequenar os tchecos". Uma maneira era deportar os judeus. Disse isso três semanas depois de concordar com a deportação deles do Reich e do Protetorado. Seus comentários revelam pelo menos um dos motivos de ter concordado com essa medida: continuava a acreditar que os judeus eram perigosos "quintas-colunas" que espalhavam a sublevação entre a população. Era exatamente o que havia pensado sobre o papel dos judeus na Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. "Todos os judeus devem ser removidos do Protetorado", declarou durante o almoço, "e não somente para o Governo Geral, mas diretamente para mais longe no leste. No momento isso é impraticável apenas devido à grande demanda militar por meios de transporte. Junto com os judeus do Protetorado, todos os judeus de Berlim e Viena deveriam desaparecer ao mesmo tempo. Os judeus estão em todos os lugares da

tubulação pela qual todas as notícias do inimigo passam com a velocidade do vento para todos os ramos da população."

Em 21 de outubro, um mês depois da ordem de deportação, como parte de uma diatribe que comparava o "cristianismo judaico" com o "bolchevismo judaico", ele comparou a queda de Roma com a bolchevização dos últimos tempos pelos judeus e concluiu: "Se erradicarmos essa praga, faremos uma boa ação para a humanidade, de cujo significado nossos homens lá fora não podem ter ideia". Quatro dias depois, seus convidados eram Himmler (visitante frequente da Toca do Lobo naqueles dias) e Heydrich. De novo, a conversa girou principalmente em torno das conexões entre judeus e cristianismo. Hitler lembrou seus convidados e seu círculo habitual de sua "profecia". "Essa raça criminosa tem os 2 milhões de mortos da Guerra Mundial em sua consciência", continuou, "e agora centenas de milhares. Que ninguém me diga que não podemos mandá-los para os pântanos! Quem se importa, então, com nosso povo? É bom quando o horror se antecipa em exterminar a judiaria." Embora incoerentes, essas anotações mostram seu conhecimento das tentativas feitas no verão — finalmente abandonadas — de afogar mulheres judias levando-as para os pântanos de Pripiat. A atribuição da culpa aos judeus pelos mortos da Primeira Guerra Mundial e da guerra em andamento, e o recurso uma vez mais a sua "profecia" enfatizam sua certeza de que a destruição deles era iminente. Mas as consequências decorrentes da ordem de deportação do mês anterior ainda tinham de se fundir no programa completo de genocídio.

Na noite de 5 de novembro, observações sobre a "inferioridade racial" da classe baixa inglesa levaram-no uma vez mais a um monólogo sobre os judeus. Como de hábito, relacionou-a com a guerra. Tratava-se da "guerra mais idiota" que os ingleses já haviam começado, vociferou, e a derrota conduziria a uma erupção de antissemitismo na Grã-Bretanha que não teria paralelo. O fim da guerra, proclamou, traria "a queda do judeu". Desencadeou então um ataque verbal extraordinário à falta de capacidade e criatividade dos judeus em todos os setores da vida, exceto um: mentir e enganar. "Todo o edifício [do judeu] cairá se lhe recusarem um séquito", continuou. "Eu sempre disse que os judeus são os demônios mais estúpidos que existem. Eles não têm um verdadeiro músico, pensador, nenhuma arte, nada, absolutamente nada. São mentirosos, falsários, impostores. Só conseguem alguma coisa graças à ingenuidade dos que os cercam.

Se o judeu não fosse lavado pelo ariano, não seria capaz de ver com seus olhos por causa da sujeira. Nós podemos viver sem os judeus. Mas eles não podem viver sem nós."

As conexões que via entre os judeus e a guerra que eles haviam supostamente inspirado, depois de anos em que mal havia mencionado os judeus, voltavam a ocupar um lugar proeminente em seus discursos públicos. Mas, independente dos floreios retóricos e dos motivos propagandísticos para apelar aos instintos antissemitas de seus adeptos incondicionais do partido, não pode haver a menor dúvida, com base em seus comentários em privado, de que Hitler acreditava no que dizia.

Em seu discurso para a "velha guarda" do partido, em 8 de novembro (data de significado especial no calendário nazista, que ligava o aniversário do putsch com a revolução de 1918, supostamente inspirada pelos judeus), ele insistiu no tema da culpa dos judeus pela guerra. Apesar das vitórias do ano anterior, ainda estava preocupado porque identificava o "judeu internacional" por trás da guerra. Eles haviam envenenado as pessoas por meio do controle da imprensa, do rádio, do cinema e do teatro; haviam garantido que o rearmamento e a guerra beneficiassem seus negócios e interesses financeiros; ele passara a conhecer os judeus como os instigadores da conflagração mundial. A Inglaterra, sob influência judia, havia sido a força propulsora da "coalizão mundial contra o povo alemão". Mas havia sido inevitável que a União Soviética, "a maior serva da judiaria", enfrentasse um dia o Reich. Desde então, ficara claro que o Estado soviético era dominado por comissários judeus. Stálin também não passava de "um instrumento nas mãos dessa judiaria toda-poderosa". Atrás dele estavam "todos aqueles judeus que em milhares de ramificações dirigem esse poderoso império". Essa "compreensão profunda", sugeriu ele, havia pesado muito e o obrigava a encarar o perigo vindo do leste.

Hitler retornou ao suposto "caráter destrutivo" dos judeus quando falou novamente para sua habitual plateia cativa na Toca do Lobo, nas primeiras horas da madrugada de 1-2 de dezembro. De novo, temos uma alusão, mas não mais do que isso, do que ele via como imposição da justiça natural aos judeus: "aquele que destrói a vida se expõe à morte. E nada diferente disso está acontecendo com eles". Os furgões de gás de Chelmno começariam a matar os judeus do Warthegau naqueles mesmos dias. Na mentalidade perversa de Hitler, essa matança era uma

vingança natural pela destruição causada pelos judeus — sobretudo na guerra que, aos seus olhos, era obra deles. Sua "profecia" evidentemente nunca estava longe de sua mente naquelas semanas em que se desenrolava a crise de inverno no leste. Ela estaria na primeira fila de seus pensamentos depois de Pearl Harbor. Com a declaração de guerra aos Estados Unidos, em 11 de dezembro, a Alemanha entrava numa "guerra mundial", termo até então usado quase que exclusivamente para a devastação de 1914-8. No discurso que fez ao Reichstag em 30 de janeiro de 1939, ele havia "profetizado" que a destruição dos judeus seria a consequência de uma nova guerra mundial. Essa guerra, na sua opinião, havia chegado agora.

Em 12 de dezembro, um dia após anunciar a declaração de guerra aos Estados Unidos, Hitler dirigiu-se aos *Reichsleiter* e *Gauleiter* — uma plateia de cerca de cinquenta pessoas — reunidos na Chancelaria do Reich. Boa parte de sua fala tratou das consequências de Pearl Harbor, da guerra no leste e do futuro glorioso que aguardava a Alemanha após a vitória final. Falou também dos judeus. E, uma vez mais, evocou sua "profecia".

"No que diz respeito à questão judaica", registrou Goebbels, resumindo os comentários de Hitler, "o Führer está decidido a fazer uma clara varredura dela. Ele profetizou que, se eles provocassem outra guerra mundial, experimentariam sua aniquilação. Essas não foram palavras vazias. A guerra mundial está aqui. A aniquilação da judiaria deve ser a necessária consequência. Essa questão deve ser vista sem nenhum sentimentalismo. Não estamos aqui para ter simpatia pelos judeus, mas somente simpatia por nosso povo alemão. Se o povo alemão sacrificou-se de novo com cerca de 160 mil mortos na campanha oriental, os causadores desse conflito sangrento terão de pagar com as próprias vidas."

O tom era mais ameaçador e vingativo do que nunca. A "profecia" original fora uma advertência. Apesar dela, os judeus — na visão de Hitler — haviam desencadeado a guerra mundial. Eles pagariam o preço.

Ele ainda tinha sua "profecia" em mente quando falou em particular com Alfred Rosenberg, ministro do Reich para os Territórios Orientais, em 14 de dezembro, dois dias depois do discurso para os *Gauleiter*. Referindo-se ao texto de um discurso futuro, sobre o qual queria o conselho de Hitler, Rosenberg observou que "sua posição não era falar da exterminação dos judeus. O Führer aprovou essa postura e disse que eles nos haviam sobrecarregado com a guerra e provocado a destruição,

então não era surpresa se fossem os primeiros a sentir as consequências".

Os chefetes do partido que ouviram Hitler falar em 12 de dezembro, agora no contexto dramático da guerra contra os Estados Unidos e da crise no leste, compreenderam a mensagem. Nenhuma ordem ou diretriz era necessária. Eles entenderam facilmente que o momento do ajuste de contas havia chegado. Em 16 de dezembro, Hans Frank transmitiu as informações para figuras importantes da administração do Governo Geral. "No que diz respeito aos judeus", começou ele, "direi a vocês de forma bastante franca: é preciso dar um fim de uma maneira ou de outra." Referiu-se explicitamente à "profecia" de Hitler sobre a destruição deles na eventualidade de uma nova guerra mundial. Repetiu as palavras do discurso aos *Gauleiter* de que a simpatia pelos judeus era completamente equivocada. A guerra teria apenas um sucesso parcial se os judeus da Europa sobrevivessem a ela, continuou Frank. "Portanto, procederei em princípio, em relação aos judeus, como se eles fossem desaparecer. Eles precisam ir embora", declarou. Disse que ainda estava negociando a deportação deles para o leste. Referiu-se à Conferência de Wannsee remarcada para janeiro, onde a questão da deportação seria discutida, e comentou: "De qualquer forma, uma grande migração judia vai começar. Mas o que acontecerá com os judeus? Vocês acreditam que eles serão acomodados em assentamentos na Ostland? Disseram-nos em Berlim: por que vocês estão tendo todo esse trabalho? Não podemos fazer nada com eles na Ostland ou no Comissariado do Reich [Ucrânia]. Liquidem-nos vocês mesmos! [...] Devemos destruir os judeus sempre que os encontrarmos e sempre que for possível fazer isso [...]". Porém, Frank ainda desconhecia um programa para levar isso a cabo. Não sabia como isso aconteceria. "Os judeus também são extraordinariamente danosos para nós por causa de sua voracidade", continuou. "Estimamos que temos agora no Governo Geral 2,5 milhões — talvez contando com aqueles intimamente relacionados aos judeus chega-se a 3,5 milhões. Não podemos fuzilar 3,5 milhões de judeus, não podemos envenená-los, mas devemos ser capazes de tomar medidas que, de alguma forma, levem a exterminação ao sucesso".

A solução final ainda estava emergindo. A ideologia da aniquilação total começava a superar o raciocínio econômico restante de fazer os judeus trabalharem até a morte. "As considerações econômicas devem permanecer fundamentalmente fora de consideração ao lidar com o problema", foi a resposta dada em 18 de

dezembro à consulta de Lohse sobre utilizar trabalhadores especializados judeus do Báltico na indústria de armamentos. No mesmo dia, numa discussão em particular com Himmler, Hitler confirmou que no leste a guerra de guerrilhas, que se expandira muito no outono, propiciava uma moldura útil para destruir os judeus. Eles deveriam "ser exterminados como guerrilheiros", anotou Himmler como resultado da discussão. Os fios separados do genocídio estavam sendo puxados juntos rapidamente.

Em 20 de janeiro de 1942, a conferência sobre a solução final, que fora adiada em 9 de dezembro, finalmente aconteceu numa grande casa de campo às margens do Wannsee. Ao lado de representantes dos Ministérios do Interior, da Justiça, dos Territórios Orientais e do Exterior, do gabinete do Plano Quadrienal e do Governo Geral, sentaram-se o chefe da Gestapo, *SS-Gruppenführer* Heinrich Müller, os comandantes da Polícia de Segurança no Governo Geral e na Letônia, Karl Schoengarth e Otto Lange, e Adolf Eichmann, o especialista do RSHA em deportação, que tinha a missão de produzir um registro por escrito da reunião.

Heydrich abriu a reunião recapitulando que Göring lhe atribuíra a responsabilidade — uma referência ao mandado do mês de julho anterior — de preparar "a solução final da questão judaica europeia". O encontro tinha por objetivo esclarecer e coordenar arranjos organizacionais. (Mais adiante na reunião, foi feita uma tentativa inconclusiva de definir a situação do *Mischlinge* no contexto dos planos de deportação.) Heydrich repassou o caminho da política antissemita, depois declarou que "a evacuação dos judeus para o leste surgiu agora, com permissão prévia do Führer, como mais uma solução possível, em vez da emigração". Ele falou de juntar "experiências práticas" no processo para a "solução final vindoura da questão judaica", que abrangeria até 11 milhões de judeus em toda a Europa (estendendo-se, fora do controle territorial alemão da época, para a Grã-Bretanha, Irlanda, Suíça, Espanha, Turquia e as colônias francesas do norte da África). No gigantesco programa de deportação, os territórios ocupados pela Alemanha seriam varridos de oeste para leste. Os judeus deportados seriam postos a trabalhar em grandes grupos de mão de obra. Muitos — talvez a maioria — morreriam nesse processo. Os tipos particularmente fortes e rijos que sobrevivessem teriam de "ser tratados de forma correspondente".

Heydrich não estava organizando um programa existente e finalizado de

extermínio em massa em campos de morte. Mas a Conferência de Wannsee foi um passo fundamental no caminho para aquela terrível finalidade genocida. Um programa de deportação para aniquilar os judeus mediante trabalho forçado e fome no território soviético ocupado, após uma guerra vitoriosa, abriu caminho para a percepção de que os judeus teriam de ser sistematicamente destruídos antes do final da guerra — e que o principal lugar de sua destruição não seria mais a União Soviética, mas o território do Governo Geral.

Durante a conferência, o representante do Governo Geral, secretário-geral Josef Bühler, pediu que sua jurisdição fosse a primeira área a implementar a solução final. Ele queria que os 2,5 milhões de judeus existentes no Governo Geral — a maioria incapacitada para o trabalho, enfatizou — fossem "removidos" o mais rápido possível. As autoridades da área fariam tudo o que pudessem para ajudar a agilizar o processo. A expectativa de Bühler seria satisfeita nos meses seguintes. A matança regionalizada nos distritos de Lublin e Galícia foi ampliada na primavera para todo o Governo Geral, à medida que os trens de deportação começaram a levar sua carga humana para os campos de extermínio de Belzec, Sobibor e Treblinka. Já naquele momento, um programa abrangente de aniquilação sistemática dos judeus, que abarcava toda a Europa ocupada pela Alemanha, tomava forma rapidamente. Os transportes vindos do oeste começaram em julho. A maioria seguia para o maior campo de extermínio em operação na época, Auschwitz-Birkenau, no território anexado da Alta Silésia. A solução final estava em andamento. O assassinato em massa industrializado continuaria incessante. No fim de 1942, de acordo com os cálculos da própria SS, 4 milhões de judeus já estavam mortos.

Hitler não se envolvera na Conferência de Wannsee. É provável que soubesse o que estava acontecendo, mas mesmo disso não podemos ter certeza. Não havia necessidade de seu envolvimento. Em dezembro de 1941, ele havia sinalizado de novo, em termos inconfundíveis, qual deveria ser o destino dos judeus agora que a Alemanha estava envolvida em outra guerra mundial. Na época, iniciativas locais de matar haviam criado seu ímpeto próprio. Heydrich estava mais do que feliz por ter carta branca de Hitler para as deportações para o leste a fim de expandir as operações de matança e transformá-las num programa total de genocídio para toda a Europa.

Em 30 de janeiro de 1942, nono aniversário da "tomada do poder", Hitler falou

para um Sportpalast lotado. Como vinha fazendo em particular nas semanas anteriores, ele invocou mais uma vez — é notável a frequência com que repetiu o tema nesses meses — sua “profecia” de 30 de janeiro de 1939. Como sempre, datou-a erroneamente, dizendo que a pronunciara no dia do início da guerra com o ataque à Polônia. “Temos clareza”, declarou, “que a guerra só poderá acabar seja com a exterminação dos povos arianos, seja com o desaparecimento da judiaria da Europa.” E continuou:

> Já afirmei, em 1o de setembro de 1939 no Reichstag alemão — e evito as profecias precipitadas demais — que essa guerra não chegará ao fim, como os judeus imaginam, com a exterminação dos povos ariano-europeus, mas que o resultado desta guerra será a aniquilação da judiaria. Pela primeira vez, a velha lei judaica será agora aplicada: olho por olho, dente por dente. [...] E chegará a hora em que o mais maligno inimigo do mundo de todos os tempos terá esgotado seu papel, pelo menos por mil anos.

A mensagem foi entendida por sua plateia. O SD — sem dúvida, captando comentários feitos sobretudo por adeptos fanáticos do nazismo — informou que suas palavras haviam sido “interpretadas no sentido de que a batalha do Führer contra os judeus seria levada até o fim com consistência implacável e que, muito em breve, o último judeu desapareceria do solo europeu”.

VII

Quando Goebbels falou com Hitler em março, as fábricas da morte de Belzec já haviam começado suas operações sinistras. No que dizia respeito à questão judaica, Hitler continuava "impiedoso", registrou o ministro da Propaganda. "Os judeus devem sair da Europa, se necessário, mediante o uso dos meios mais brutais", era sua opinião.

Uma semana depois, Goebbels não deixou dúvidas sobre o que significavam os "meios mais brutais":

> Do Governo Geral, a começar de Lublin, os judeus estão sendo agora deportados para o leste. Um procedimento bastante bárbaro, que não deve ser descrito em grandes detalhes, está sendo usado aqui, e não resta muito dos próprios judeus. Em geral, pode-se provavelmente estabelecer que 60% deles devem ser liquidados, enquanto apenas 40% podem ser postos a trabalhar. [...] Está sendo aplicado um julgamento aos judeus que é bárbaro, mas plenamente merecido. A profecia que o Führer fez sobre eles, por provocarem uma nova guerra mundial, está começando a se tornar realidade da forma mais terrível. Não se pode permitir que prevaleça um sentimentalismo nessas coisas. Se não os rechaçássemos, os judeus nos aniquilariam. É uma luta de vida ou morte entre a raça ariana e o bacilo judeu. Nenhum outro governo e nenhum outro regime poderiam produzir a força para resolver essa questão. Aqui, também, o Führer é o defensor inflexível e o porta-voz de uma solução radical.

O próprio Goebbels, ao longo dos anos, desempenhara um papel nada pequeno na defesa de uma "solução radical". Ele fora um dos membros mais importantes do partido e dos escalões do governo a pressionar Hitler em numerosas ocasiões para que tomasse medidas radicais em relação à "questão judaica". A Polícia de Segurança tivera papel decisivo na conversão gradual de um imperativo ideológico em um plano de extermínio. Muitos outros, em diferentes níveis do regime, haviam contribuído em maior ou menor grau para o processo contínuo e sem limites de radicalização. A cumplicidade era maciça, do comando da Wehrmacht e capitães da indústria aos escribas do partido, lacaios da burocracia e alemães comuns que esperavam obter vantagens materiais da perseguição e deportação de uma minoria indefesa, mas detestada, que era rotulada de inimiga implacável da nova "comunidade do povo".

Mas Goebbels sabia o que estava dizendo ao destacar o papel de Hitler. Este fora com frequência indireto, em vez de aberto. Consistira mais em autorizar do que em

dirigir. E as diatribes cheias de ódio, embora sem par em sua desumanidade profunda, continuaram no nível das generalidades. Não obstante, não pode haver dúvidas: o papel de Hitler foi decisivo e indispensável no caminho para a solução final. Se em 1933, em vez dele, tivesse subido ao poder um governo nacionalista-conservador, talvez uma ditadura militar, é bem provável que, mesmo assim, uma legislação discriminatória contra os judeus tivesse sido introduzida na Alemanha. Mas, sem Hitler e o regime peculiar que chefiou, a criação de um programa para exterminar fisicamente os judeus da Europa teria sido impensável.

22. O último grande lance de dados

I

A neve ainda cobria o chão ao redor da Toca do Lobo. Um vento gelado não dava trégua. Mas, no fim de fevereiro de 1942, viam-se os primeiros sinais de que a primavera não estava longe. Hitler mal podia esperar que o terrível inverno passasse. Estava decepcionado com seus líderes militares, planejadores logísticos, organizadores de transporte; achava que os comandantes do Exército haviam sido frouxos, não duros o suficiente quando tiveram de encarar a crise; que somente sua força de vontade e sua determinação haviam evitado a catástrofe. A crise do inverno aguçara seu sentimento de que ele tinha de lutar não somente contra inimigos externos, mas contra aqueles que eram incompetentes, incapazes ou mesmo desleais em suas próprias fileiras. Mas a crise fora superada. Isso, em si mesmo, era um golpe psicológico no inimigo, que também sofrera seriamente. Agora, era necessário atacar de novo o mais rápido possível, destruir aquele inimigo mortalmente enfraquecido com um último grande esforço. Eram esses seus pensamentos: nas noites insones em seu bunker, ele não queria apenas apagar as lembranças dos meses escuros e frios, marcados pela crise. Ele mal podia esperar pelo começo da nova ofensiva no leste — o empurrão até o Cáucaso, Leningrado e Moscou, que lhes possibilitaria ter o controle da situação novamente. Seria uma aposta colossal. Se falhasse, as consequências seriam impensáveis.

Para os que estavam no quartel-general do Führer sem se preocupar com o planejamento militar, a vida era chata e monótona. As secretárias de Hitler faziam

uma caminhada diária de ida e volta até a aldeia próxima. Afora isso, matavam o tempo. O dia era preenchido com conversa fiada, um filme à noite e a reunião obrigatória todas as tardes na Casa de Chá e nos finais da noite de novo, para o chá. "Uma vez que a reunião em torno do chá acontece sempre com as mesmas pessoas, não há estímulo de fora e ninguém experimenta nada em nível pessoal", escreveu Christa Schroeder para uma amiga em fevereiro de 1942, "a conversa é frequentemente apática e tediosa, cansativa e aborrecida. Ela sempre segue na mesma linha." Os monólogos de Hitler — que descreviam sua expansiva visão de mundo — estavam reservados para o almoço ou para as horas do crepúsculo. Nos chás da tarde, jamais discutiam política. Qualquer coisa ligada à guerra era tabu. Era somente conversa fiada. Os presentes, ou não tinham opiniões independentes, ou as reservavam para si. A presença de Hitler dominava, mas raras vezes ele fazia algo para animar. Estava sempre cansado, mas tinha dificuldade para dormir. A insônia fazia com que relutasse em ir para a cama. Com frequência, seu círculo mais próximo preferia que ele fosse dormir. O tédio em torno dele às vezes parecia incessante. Ocasionalmente, era aliviado pela audição de discos — sinfonias de Beethoven, seleções de Wagner ou *Lieder* de Hugo Wolf. Hitler escutava de olhos fechados. Mas queria sempre os mesmos discos. As pessoas à sua volta conheciam as músicas de cor. Ele pedia: "*Aida*, último ato", e alguém gritava para um dos criados: "Número cem e alguma coisa".

A guerra era tudo o que importava para Hitler. Contudo, encerrado no estranho mundo da Toca do Lobo, ele estava cada vez mais distanciado de suas realidades, tanto na frente de batalha como na Alemanha. O distanciamento apagava todos os vestígios de humanidade. Até mesmo em relação às pessoas de seu séquito que estavam com ele havia anos, não havia nada parecido com afeição verdadeira, para não falar de amizade; a genuína ternura era reservada à sua jovem cadela pastora-alemã. A vida e o sofrimento humanos não tinham importância para ele. Jamais visitava um hospital de campanha, nem os que ficavam sem lar depois de bombardeios aéreos. Não via massacres, não chegava perto de campos de concentração, não se deparava com prisioneiros de guerra mortos de fome. Aos seus olhos, os inimigos eram como vermes que era preciso liquidar. Mas seu profundo desprezo pela existência humana estendia-se ao seu próprio povo. Decisões que custavam a vida de dezenas de milhares de seus soldados eram

tomadas — talvez fosse a única maneira então possível de tomá-las — sem consideração pelo sofrimento humano. As centenas de milhares de mortos e mutilados eram uma mera abstração, o sofrimento, um sacrifício necessário e justificado na "luta heroica" pela sobrevivência do povo.

Àquela altura, Hitler estava se tornando uma figura remota para o povo alemão, um senhor da guerra distante. Sua imagem teve de ser refeita por Goebbels para combinar com a mudança que a campanha russa provocara. A estreia do faustoso filme *O grande rei*, no início de 1942, permitiu que Goebbels transformasse Hitler, por associação, num moderno Frederico o Grande isolado em sua majestade, conduzindo uma luta heroica por seu povo contra inimigos poderosos e superando finalmente a crise e a calamidade para emergir triunfante. Era um retrato que combinava cada vez mais com a imagem que Hitler tinha de si mesmo nos últimos anos da guerra.

Mas a mudança na imagem não podia fazer nada para alterar a realidade: os laços do povo alemão com Hitler estavam começando a afrouxar. E, à medida que a guerra se virava inexoravelmente contra a Alemanha, Hitler procurava ainda mais por bodes expiatórios.

Uma primeira complicação em 1942 surgiu com a perda de seu ministro dos Armamentos, dr. Fritz Todt, numa queda de avião na manhã de 8 de fevereiro, logo após ter decolado do campo de aviação do quartel-general do Führer.

Todt dirigira a construção das estradas e da *Westwall* para Hitler. Em março de 1940, como ministro do Reich, ganhara a tarefa de coordenar a produção de armas e munições. Em julho de 1941, assumiu uma função ainda mais importante com a centralização do controle da energia e das vias fluviais. Na segunda metade do ano, quando os primeiros sinais de escassez de mão de obra na indústria alemã ficaram evidentes, Todt recebeu a incumbência de organizar o deslocamento em massa, dentro da Alemanha, de prisioneiros de guerra e trabalhadores forçados civis soviéticos. A acumulação de funções cruciais para a economia de guerra era uma indicação de que Hitler o tinha em alta consideração. Era um sentimento recíproco. Todt era um nacional-socialista convicto. Mas, no fim de 1941, consciente do potencial de armamentos dos Estados Unidos e estarrecido com a incompetência logística do planejamento econômico da Wehrmacht durante a campanha oriental, tornara-se profundamente pessimista e estava convencido de que a guerra não

poderia ser vencida.

Na manhã de 7 de fevereiro, ele fora de avião a Rastenburg para apresentar a Hitler propostas que haviam surgido em sua reunião, alguns dias antes, com representantes das indústrias de armamentos. A reunião daquela tarde foi tudo, menos harmoniosa. Com espírito deprimido e depois de uma noite inquieta, Todt saiu na manhã seguinte para ir a Munique a bordo de um bimotor Heinkel III. Pouco depois de decolar, o avião virou abruptamente, embicou em direção ao solo, incendiou e caiu. Os corpos de Todt e de quatro outras pessoas a bordo foram tirados dos destroços em chamas com varas longas. Um inquérito oficial descartou sabotagem, mas a suspeita nunca foi totalmente dissipada. A causa do acidente continuou a ser um mistério.

De acordo com testemunhas que o viram de perto, Hitler ficou profundamente emocionado com a perda de Todt, a quem, dizia-se, admirava e de quem precisava muito para a economia de guerra. Mesmo que — como depois foi alegado — a ruptura entre ele e Todt tivesse se tornado irreparável, por conta da convicção expressa pelo ministro de que a guerra não poderia ser ganha, não é óbvio o motivo de Hitler ficar desesperado a ponto de apelar para matar Todt numa queda de avião em seu próprio quartel-general, em circunstâncias que provocariam suspeitas. Se ele quisesse dispensar os serviços de Todt, a "aposentadoria" por motivo de saúde teria oferecido uma solução mais simples. O único beneficiado óbvio com a morte de Todt foi seu sucessor, nomeado por Hitler com notável rapidez: o extremamente ambicioso arquiteto da corte, Albert Speer. Mas a única "prova" usada depois para sugerir algum envolvimento de Speer foi sua presença no quartel-general do Führer na ocasião da queda e sua rejeição, horas antes da partida, de uma oferta de carona no avião. Qualquer que tenha sido a causa da queda que matou Todt, ela levou Albert Speer, até então no segundo escalão dos líderes nazistas e conhecido apenas como arquiteto da corte de Hitler e favorito do Führer, para o primeiro plano.

A ascensão meteórica de Speer na década de 1930 baseara-se na exploração astuta da mania de construção do fracassado arquiteto Hitler, associada a sua forte ambição e seu inegável talento organizacional. Hitler gostava de Speer. "Ele é um artista e tem um espírito semelhante ao meu", disse. "Ele é uma pessoa construtora como eu, inteligente, modesto, e não uma cabeça obstinada de militar." Mais tarde,

Speer comentou que ele foi a pessoa que mais chegou perto de ser amigo de Hitler. Agora, ele estava exatamente no lugar certo — perto de Hitler — quando foi preciso achar um sucessor para Todt. Seis horas depois da morte inesperada do ministro, Speer foi nomeado para substituí-lo em todas as suas funções. A designação surpreendeu muita gente — inclusive o próprio Speer, se acreditarmos em sua versão dos acontecimentos. Mas ele certamente estava prevendo que sucederia Todt no trabalho de construção — e talvez mais. De qualquer modo, não perdeu tempo em usar a autoridade de Hitler para abarcar poderes mais amplos do que Todt jamais desfrutara. Speer teria em breve que abrir caminho na selva de rivalidades e intrigas em que se constituía o governo do Terceiro Reich. Mas depois que Hitler, um dia após retornar a Berlim para o funeral oficial de Todt, em 12 de fevereiro (no qual ele mesmo fez a oração fúnebre enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas, talvez de crocodilo), apoiou a supremacia de Speer na produção de armamentos num discurso feito aos dirigentes das indústrias de armas, o novo ministro, que ainda não completara 38 anos de idade, achou que poderia, "dentro dos limites mais amplos, fazer praticamente tudo o que queria". Com base nas mudanças que seu predecessor havia iniciado, acrescentando sua capacidade organizacional e seu ímpeto implacável e aproveitando sua posição favorável junto a Hitler, Speer revelou-se uma escolha inspirada. Nos dois anos seguintes, apesar da intensificação dos bombardeios aliados e das fortunas da guerra se afastarem da Alemanha, ele comandou uma duplicação da produção de armamentos.

Hitler estava cheio de confiança quando Goebbels teve a chance de conversar com ele longamente durante sua estadia em Berlim, após o funeral de Todt. Depois das dificuldades do inverno, o ditador tinha razão para sentir que havia dobrado a esquina. Exatamente nos dias em que estava em Berlim, os britânicos sofriam dois golpes duros em seu prestígio. Dois navios de guerra alemães, *Gneisenau* e *Scharnhorst*, e o cruzador pesado *Prinz Eugen* haviam saído de Brest e, embaixo do nariz dos ingleses, haviam passado pelo canal da Mancha com perdas mínimas, encaminhando-se para ancoradouros mais seguros em Wilhelmshaven e Kiel. Hitler mal pôde conter seu prazer. Ao mesmo tempo, chegava a notícia do Extremo Oriente da queda iminente de Cingapura. Acima de tudo, Hitler estava contente com as perspectivas no leste. Os problemas do inverno haviam sido superados e lições importantes foram aprendidas. "Soldados que conseguem lidar

com um inverno desses são imbatíveis”, anotou Goebbels. Agora, começava o grande degelo. “O Führer está planejando investidas muito duras e esmagadoras, que já estão em boa medida preparadas e, sem dúvida, levarão gradualmente ao esmagamento do bolchevismo.”

II

Em 15 de março, Hitler estava de novo em Berlim. As graves perdas durante o inverno tornavam essencial que ele comparecesse à cerimônia do Dia em Memória dos Heróis. Em seu discurso, ele retratou os meses anteriores como uma luta sobretudo contra os elementos, num inverno como não se via havia quase um século e meio. "Mas uma coisa sabemos hoje", declarou. "As hordas bolcheviques, que não foram capazes de derrotar os soldados alemães e seus aliados neste inverno, serão abatidas e aniquiladas por nós no próximo verão."

Muita gente estava preocupada demais com o rumor sobre a redução das rações para dar maior atenção ao discurso. Goebbels sabia muito bem que o suprimento de comida havia atingido um ponto crítico e que seria preciso uma "obra de arte" para explicar ao povo os motivos da redução. Ele admitia que os cortes levariam a uma "crise no estado de ânimo interno". Hitler, reconhecendo plenamente a delicadeza da situação, chamara o ministro da Propaganda ao seu quartel-general para discutir a questão antes que o corte nas rações fosse anunciado. A opinião de Goebbels era de que a deterioração do moral no país exigia medidas duras para contrabalançá-la. Ele estava decidido a levar a questão ao Führer e esperava o apoio de Bormann e do partido para fazer Hitler intervir e apoiar medidas mais radicais. Ele achava que, do modo como as coisas estavam, uma abordagem radical do direito, necessária na guerra total, estava sendo sabotada por representantes do sistema jurídico formal. Era a favor das demandas de Bormann por sentenças mais duras para os praticantes do mercado negro. E assumiu a missão de pressionar Hitler para mudar a direção do Ministério da Justiça que, desde a morte de Gürtner no ano anterior, era dirigido pelo secretário-geral Franz Schlegelberger. "Os elementos burgueses ainda dominam lá", comentou, "e, uma vez que os céus são altos e o Führer está longe, é extraordinariamente difícil ter sucesso contra essas autoridades interinas teimosas e letárgicas". Foi com esse estado de ânimo — decidido a persuadir Hitler a apoiar medidas radicais, atacar privilégios e criticar a burocracia estatal (sobretudo juízes e advogados) — que Goebbels chegou à Toca do Lobo na manhã gélida de 19 de março.

Hitler mostrava sinais claros da tensão que sofrera nos últimos meses, num estado de espírito que o deixava mais do que aberto às sugestões radicais de

Goebbels. Ele não precisava de instruções sobre o humor na Alemanha e o impacto que a redução das rações causaria. Queixou-se que a falta de transporte impedia que os alimentos fossem levados da Ucrânia. Responsabilizava o Ministério dos Transportes pela escassez de locomotivas. Estava decidido a tomar medidas duras. Goebbels então não perdeu tempo em censurar o "fracasso" do sistema judicial. Hitler não contestou. Nisso ele também estava decidido a tomar "as medidas mais duras". Goebbels apresentou sua sugestão de uma nova lei abrangente para punir os que violassem os "princípios da liderança nacional-socialista do povo". Ele queria que o Ministério da Justiça do Reich fosse entregue a outras mãos e insistiu no nome de Otto Thierack, "um verdadeiro nacional-socialista", um *SA-Gruppenführer* e, naquele momento, presidente do famigerado Tribunal do Povo — responsável por tratar de casos de traição e outros crimes graves contra o regime. Cinco meses depois, Hitler faria a nomeação que Goebbels queria e, nas mãos de Thierack, a capitulação do sistema judicial diante do Estado policial se tornaria completa.

Por enquanto, Hitler aplacava Goebbels com a sugestão de preparar o terreno para um ataque radical aos privilégios sociais mediante uma convocação do Reichstag para que lhe concedessem "um poder plenipotenciário especial", de modo que os "malfeitores saibam que ele está coberto de todas as maneiras pela comunidade do povo". Levando-se em conta os poderes que ele já possuía, o motivo era puramente populista. Um ataque aos servidores públicos e juízes e aos privilegiados da sociedade — ou, nas palavras de Hitler, "sabotadores" e "negligentes no dever das funções públicas" — não poderia deixar de ser popular junto às massas. Até aquele momento, os juízes não podiam ser demitidos, nem mesmo pelo Führer. Também havia limites para seu direito de intervir na esfera militar. O caso do general de Exército Erich Hoepner ainda era uma ferida aberta. Hitler o havia destituído do comando e demitido do Exército por desobedecer sua ordem de não recuar. Hoepner entrara então com um processo contra o Reich pela perda de sua pensão — e ganhara. Com os novos poderes de Hitler, isso não poderia acontecer nunca mais. Seria possível baixar punições exemplares que serviriam para dissuadir os outros e "limpar o ar".

"Nesse clima", escreveu Goebbels no dia seguinte, "minhas sugestões para a radicalização de nossa liderança de guerra tiveram naturalmente um efeito positivo sobre o Führer. Eu só preciso mencionar um tema e já consigo o que queria. Tudo

o que apresento em separado é aceito peça por peça pelo Führer, sem contestação."

O estímulo de Hitler à radicalização interna continuou depois do retorno de Goebbels da Toca do Lobo. Além do ministro da Propaganda, o encorajamento vinha em particular de Bormann e Himmler. Em 26 de março, o SD informou uma "crise de confiança" resultante do fracasso do Estado em assumir uma postura suficientemente dura contra o mercado negro e seus clientes corruptos entre os bem situados e privilegiados. Ao que parece, Himmler havia pedido diretamente o informe; Bormann levou-o ao conhecimento de Hitler. Três dias depois, Goebbels criticou o mercado negro em *Das Reich* e divulgou dois casos de pena de morte imposta aos especuladores.

Foi nessa mesma noite de 29 de março que Hitler fez uma longa diatribe para sua pequena plateia da Toca do Lobo sobre advogados e deficiências do sistema jurídico, concluindo que "todo jurista deve ser defeituoso por natureza, ou se torna defeituoso com o tempo".

Isso aconteceu poucos dias depois de ele intervir com raiva cega junto ao ministro interino da Justiça Schlegelberger e, quando este se mostrou dilatório, junto ao mais obediente Roland Freisler (depois presidente famigerado do Tribunal do Povo, sucessor de Thierack, mas na ocasião segundo secretário-geral do Ministério da Justiça), insistindo na pena de morte para um homem chamado Ewald Schlitt. Fez isso não tendo por base sólida mais do que uma notícia sensacionalista de um jornal vespertino de Berlim sobre como um tribunal de Oldenburg havia sentenciado Schlitt a apenas cinco anos de prisão por um horrendo ataque físico — segundo o relato do jornal — que levara à morte de sua esposa num manicômio. O tribunal fora leniente porque admitira que Schlitt havia estado temporariamente demente. Schlegelberger não teve a coragem de apresentar o caso completo para Hitler e defender os juízes ao mesmo tempo. Em vez disso, prometeu melhorar a severidade das sentenças. Freisler não teve compunção em satisfazer os desejos do Führer. A sentença original foi cancelada. Em nova audiência, Schlitt foi convenientemente condenado à morte e guilhotinado em 2 de abril.

Hitler ficara tão irado com o que lera sobre o caso de Schlitt — que combinava com seus preconceitos sobre advogados e acontecia no momento em que o sistema judicial servia de bode expiatório para as dificuldades no front interno — que havia

ameaçado em privado, caso ocorressem outras sentenças "excessivamente lenientes", "mandar o ministro da Justiça para o diabo por meio de uma lei do Reichstag". Com efeito, o caso Schlitt serviu de pretexto para exigir do Reichstag poderes absolutos sobre a própria lei.

Hitler telefonou a Goebbels em 23 de abril para lhe dizer que havia decidido fazer o discurso ao Reichstag que tinha em mente havia muito tempo. Goebbels tratou de fazer os arranjos necessários e convocar o Parlamento para as três horas da tarde de domingo, 26 de abril.

Num almoço rápido logo antes do discurso ao Reichstag, uma boa parte da conversa girou em torno da devastação de Rostock em novo raide britânico — o mais pesado até então. Grande parte das casas do centro da cidade portuária do Báltico havia sido destruída. Mas estimava-se que a fábrica Heinkel havia perdido apenas 10% de sua capacidade produtiva. A retaliação alemã aos raides britânicos consistira de ataques a Exeter e Bath. Goebbels era a favor da devastação completa de "centros culturais" ingleses. Hitler, furioso com o novo ataque a Rostock, concordou, segundo o relato de Goebbels. O terror tinha de ser respondido com terror. Os "centros culturais" ingleses, balneários da costa e "cidades burguesas" seriam arrasados. O impacto psicológico — e isso era o ponto central — seria muito maior do que o obtido com tentativas geralmente malsucedidas de atingir fábricas de armamentos. O bombardeio alemão começaria agora em grande estilo. Ele já passara as diretrizes para que preparassem um plano completo de ataque conforme essas coordenadas.

Aquela que viria a ser a derradeira sessão do Grande Reichstag alemão começou pontualmente. No início, Hitler estava nervoso, hesitante e depois falou tão depressa que partes de seu discurso foram quase ininteligíveis. Ele insinuou que havia carências no transporte, na administração e na justiça. Atingiu de raspão (sem mencionar nomes) o general Hoepner: "ninguém [podia] se sentar sobre seus direitos adquiridos", mas tinha de saber "que hoje há somente deveres". Portanto, solicitava ao Reichstag autorização legal "para obrigar cada um a cumprir seus deveres" e demitir do cargo sem respeito a "direitos adquiridos". Usando o caso Schlitt como exemplo, iniciou um ataque violento às falhas do judiciário. A partir de agora, ele interviria nesse tipo de caso e demitiria juízes "que visivelmente deixam de reconhecer as exigências do momento".

Assim que Hitler terminou o discurso, Goebbels leu em voz alta a "Resolução" do Reichstag que dava poderes ao Führer "sem ficar preso aos preceitos legais existentes", em sua capacidade de "líder da nação, comandante supremo da Wehrmacht, chefe de governo e ocupante supremo do Poder Executivo, como supremo senhor da lei e líder do partido", de remover de cargo e punir quem, independente da posição, deixasse de cumprir seu dever, sem respeito por direitos de pensão e sem qualquer procedimento formal estipulado.

Naturalmente, a "Resolução" foi aprovada por unanimidade. Os últimos retalhos de constitucionalidade estavam rasgados. Agora, Hitler *era* a lei.

Muita gente surpreendeu-se por Hitler ainda precisar de uma ampliação de seus poderes. Perguntavam-se o que acontecera para causar seus ataques virulentos à administração interna. Logo se observou uma decepção porque não houve ações imediatas provocadas por suas palavras fortes. Advogados, juízes e servidores públicos ficaram consternados com o ataque a suas profissões e posições. A causa daquilo era um mistério para eles. Evidentemente, pensaram, o Führer fora mal informado. Porém, as consequências eram inequívocas. Como o chefe do judiciário em Dresden comentou, com o fim de toda a autonomia judicial, a Alemanha se transformara agora num "verdadeiro Estado do Führer".

Os instintos populistas de Hitler não o haviam abandonado. Setores mais baixos da população entusiasmaram-se com seu ataque à hierarquia e ao privilégio. Isso lhe permitiu desviar a atenção de questões mais fundamentais, relacionadas aos fracassos do inverno anterior, e propiciar uma elevação muito necessária do moral com ataques a alvos fáceis.

Para a massa do povo alemão, no entanto, somente a perspectiva da paz que a vitória final traria podia sustentar o moral por um tempo. Muitas "almas desanimadas", dizia um relatório do partido sobre o estado de ânimo do povo, foram "atingidas somente por uma parte do discurso do Führer: aquele em que ele falou dos preparativos para a campanha do inverno de 1942-3. Quanto mais a pátria tomou consciência da crueldade e dificuldade da luta de inverno no leste, mais aumentou o anseio por um fim. Mas, agora, o fim não está a vista".

III

Horas depois do discurso no Reichstag, Hitler foi para Munique, a caminho do Berghof e de um encontro com Mussolini. Ele estava expansivo depois do almoço em seu restaurante predileto, a Osteria. Discorreu para Hermann Giesler, um de seus arquitetos preferidos, e para Hermann Esser, seu companheiro de armas das primeiras lutas do partido em Munique, sobre seus planos para trens expressos de dois andares que correriam a duzentos quilômetros por hora sobre trilhos de quatro metros de largura entre a Alta Silésia e a bacia do Donets. Dois dias depois, no Berghof coberto de neve e tendo Eva Braun como anfitriã, regalava seus convidados da ceia com queixas a respeito da falta de tenores wagnerianos de primeira na Alemanha e das deficiências de maestros renomados, como Bruno Walter e Hans Knappertsbusch. Walter, um judeu que ficara famoso na direção da Ópera Estadual da Baviera e do Gewandhaus de Leipzig antes de ser expulso pelos nazistas e emigrar para os Estados Unidos, era uma "absoluta nulidade", segundo Hitler, que arruinara a orquestra da Ópera Estatal de Viena a tal ponto que ela era capaz de tocar apenas "música de cervejaria". Embora Knappertsbusch, alto, loiro e de olhos azuis, tivesse a aparência de um macho "ariano" modelar, ouvi-lo reger uma ópera era um "castigo" para Hitler, pois a orquestra afogava o canto e o maestro realizava tamanhos rodopios que era doloroso olhar para ele. Somente um regente tinha sua aprovação incondicional: Wilhelm Furtwängler, que transformara a Filarmônica de Berlim numa orquestra magnífica, era um dos embaixadores culturais mais importantes do regime e um maestro reconhecido na direção dos compositores favoritos do Führer, como Beethoven, Brahms, Bruckner e Wagner.

Entre um e outro monólogo, ele teve "discussões" com Mussolini no castelo barroco de Klessheim, outrora residência dos príncipes bispos de Salzburg, agora luxuosamente decorado com móveis e tapetes trazidos da França para compor um centro de conferências e casa de hóspedes nazista. A atmosfera foi cordial. Hitler pareceu cansado a Ciano, com os sinais das tensões do inverno. Seus cabelos estavam ficando grisalhos, observou o ministro italiano. Seu objetivo primordial era transmitir otimismo ao Duce em relação à guerra no leste. A mensagem de Ribbentrop a Ciano, em seu encontro privado, não foi diferente: o "gênio do Führer" havia dominado os males do inverno russo; uma futura ofensiva na direção

do Cáucaso privaria a Rússia de combustível, levaria o conflito a um final e forçaria a Grã-Bretanha a aceitar a paz; as esperanças britânicas em relação aos Estados Unidos não passavam de "um blefe colossal".

As conversas continuaram no dia seguinte, agora com a presença dos comandantes militares, no Berghof. Fica claro o quanto houve de discussão genuína na descrição de Ciano: "Hitler fala, fala, fala, fala" sem parar por uma hora e quarenta minutos. Mussolini, acostumado a dominar as conversações, tinha de sofrer em silêncio, lançando de vez em quando olhadelas ao seu relógio. Ciano desligou-se e pensou em outras coisas. Keitel bocejava e lutava para ficar acordado. Jodl não conseguiu: "depois de uma batalha épica", dormiu, finalmente, no sofá. Mussolini, intimidado como sempre por Hitler, estava aparentemente satisfeito com as reuniões.

Uma semana depois, em 8 de maio, a Wehrmacht começou sua planejada ofensiva de primavera. Os primeiros alvos para o 11o Exército de Manstein, tal como estabelecidos pela diretriz de Hitler de 5 de abril, eram a península de Kerch e Sebastopol, na Crimeia. A diretriz estipulava que o principal objetivo da ofensiva do verão seguinte, de codinome Azul, seria o avanço sobre o Cáucaso, para capturar os campos de petróleo e ocupar as passagens das montanhas que abriam a rota para o golfo Pérsico. A retirada da base da economia de guerra soviética e a destruição das forças militares remanescentes, extremamente enfraquecidas durante o inverno, trariam a vitória no leste, assim presumiam os alemães. Hitler reafirmara, ao planejar as operações do verão, que a guerra seria decidida. O fator fundamental não era mais o "espaço vital", mas o petróleo. "Se eu não conseguir o petróleo de Maykop e Grozny, então deverei terminar essa guerra", admitiu ele.

Os Altos-Comandos da Wehrmacht e do Exército não se opuseram à prioridade estratégica. De qualquer modo, não tinham uma alternativa melhor a recomendar. E a falta de estrutura coordenada de comando significava, como antes, uma competição pela aprovação de Hitler — uma versão militar do "trabalhar para o Führer". Não se tratava de uma imposição de Hitler aos seus dirigentes militares. Apesar de seu pleno reconhecimento da gravidade das perdas alemãs durante o inverno, Halder apoiou a decisão por uma ofensiva total para destruir as bases da economia soviética. A diretriz de abril para a Azul trazia claramente sua marca. E, apesar da magnitude dos erros de cálculo do ano anterior, os planejadores

operacionais, alimentados por um serviço de inteligência cheio de falhas, longe de basearem seu trabalho no "pior cenário", apoiaram o otimismo sobre a fraqueza militar e econômica da União Soviética.

Independente das suposições sobre as perdas soviéticas — sobre as quais o serviço de inteligência alemão continuava mal informado — a força da própria Wehrmacht, como Halder sabia muito bem, estava drasticamente enfraquecida. Mais de 1 milhão dos 3,2 milhões de homens que haviam atacado a União Soviética em 22 de junho de 1941 estavam mortos, capturados ou desaparecidos. No fim de março, somente 5% das divisões do Exército tinham plenas condições operacionais. Os números que Halder deu a Hitler em 21 de abril eram extremamente assustadores. Cerca de 900 mil homens haviam sido perdidos desde o outono, somente a metade havia sido substituída (incluindo a convocação de todos os homens de vinte anos disponíveis e de graves incursões na força de trabalho da Alemanha). Somente cerca de 10% dos veículos perdidos haviam sido substituídos. As perdas de armas também eram enormes. No início da ofensiva de primavera, faltavam cerca de 625 mil homens na frente oriental . Tendo em vista tamanha carência, tudo foi jogado no reforço da ofensiva no sul da União Soviética. Das 68 divisões estabelecidas nessa parte do front, 48 haviam sido totalmente reconstituídas e dezessete, ao menos em parte.

A debilidade do sistema de informações soviético fez com que o Exército Vermelho estivesse novamente despreparado para o ataque alemão quando ele aconteceu. Em 19 de maio, a ofensiva de Kerch estava em boa medida finalizada, com a captura de 150 mil prisioneiros e grande quantidade de despojos de guerra. Uma pesada contraofensiva soviética em Kharkhov fora rechaçada, ainda que com dificuldade. No fim de maio, a batalha de Kharkhov resultou também numa vitória notável, com a destruição de três exércitos soviéticos e mais de 200 mil homens capturados, além de enorme quantidade de despojos de guerra. Isso se devia, em grande parte, à recusa de Hitler, totalmente endossada por Halder, em permitir que o marechal de campo Bock, que comandava o Grupo de Exércitos Sul desde meados de janeiro, interrompesse a ofensiva planejada e assumisse uma posição defensiva.

Hitler tinha motivos para estar contente consigo mesmo quando falou por duas horas a portas fechadas na Chancelaria do Reich para os *Reichsleiter* e *Gauleiter*, na

tarde de 23 de maio. Viera a Berlim para o funeral de Carl Röver, *Gauleiter* de Weser-Ems, realizado no dia anterior. Após um período difícil, também no front interno, ele evidentemente não poderia perder a chance de reforçar a solidariedade e a lealdade de seus velhos partidários, um setor vital de sua base de poder. E, nesse tipo de companhia, ele se dispunha a falar com alguma franqueza sobre seus objetivos.

Enfatizou que a guerra no leste não era comparável com nenhuma guerra do passado. Não era uma simples questão de vitória ou derrota, mas de "triunfo ou destruição". Estava consciente da enorme capacidade do programa de armamentos americano. Mas a escala da produção alegada por Roosevelt "não podia de forma alguma estar correta". E ele tinha boas informações sobre a escala da construção naval japonesa. Previa perdas graves para a Marinha americana quando entrasse em choque com a frota japonesa. Na sua visão, os alemães haviam ganhado a guerra no inverno passado. Estavam prontos os preparativos para lançar a ofensiva no sul da União Soviética, a fim de cortar o suprimento de petróleo do inimigo. Ele estava decidido a acabar com os soviéticos no próximo verão.

Lançou um olhar para o futuro. O Reich ampliaria imensamente suas terras no leste, ganhando carvão, grãos, petróleo e, sobretudo, segurança nacional. No ocidente, o Reich também teria de ser fortalecido. Os franceses teriam de "sangrar para isso". Mas lá havia uma questão não étnica, mas estratégica. "Devemos resolver as questões étnicas no leste." Depois que os territórios necessários para a consolidação da Europa estivessem em mãos alemãs, era sua intenção construir uma fortificação gigantesca, como os *limes* dos tempos romanos, para separar a Ásia da Europa. Ele prosseguiu com sua visão de um campo colonizado por agricultores-soldados, acumulando uma população de 250 milhões em setenta ou oitenta anos. Então a Alemanha estaria segura contra todas as ameaças futuras. Não deveria ser difícil preservar o caráter étnico germânico dos territórios conquistados. "Esse também seria o sentido verdadeiro dessa guerra, pois o sacrifício sério de sangue só se justificaria se as gerações futuras ganhassem a bênção de trigais ondulantes." Embora fosse interessante obter colônias para ter café e borracha, "nosso território colonial está no leste. Lá se encontram terra preta fértil e ferro, as bases de nossa riqueza futura".

Ele terminou sua visão do futuro com a noção mais vaga do que entendia ser

uma revolução social. O movimento nacional-socialista tinha de se assegurar de que a guerra não acabaria numa vitória capitalista, mas numa vitória do povo. Uma nova sociedade teria de ser construída a partir da vitória, uma sociedade que não se baseasse em dinheiro, posição social ou nome, mas na coragem e na prova de caráter. Ele tinha confiança de que a vitória seria da Alemanha. Depois que "o assunto do leste" terminasse — no verão, esperava-se —, a guerra estaria praticamente ganha para eles. Então estariam em condições de "realizar uma guerra pirata em larga escala" contra as potências anglo-saxônicas, que no longo prazo não seriam capazes de suportar.

Hitler estava excitado quando Goebbels o viu na hora do almoço, na Chancelaria do Reich, em 29 de maio. Com o avanço na direção do Cáucaso, disse ao seu ministro da Propaganda, "pressionaremos o sistema soviético em seu pomo de Adão, por assim dizer". Ele achava que as novas perdas soviéticas em Kerch e Kharkhov eram irreparáveis; Stálin estava chegando ao fim de seus recursos; havia grandes dificuldades de suprimento de alimentos na União Soviética; o moral deles estava baixo. Ele tinha planos concretos para a ampliação das fronteiras do Reich também no ocidente. Considerava natural que a Bélgica, com suas antigas províncias germânicas da Flandres e de Brabante, fosse dividida em *Reichgaue* alemães. O mesmo aconteceria com a Holanda, independente do que pensasse o líder nacional-socialista holandês Anton Mussert.

Dois dias antes, um dos seus seguidores mais importantes, o chefe da Polícia de Segurança Reinhardt Heydrich, que desde o outono anterior era protetor-adjunto da Boêmia e da Morávia, havia sido fatalmente ferido numa tentativa de assassinato efetuada por exilados tchecos patriotas que saíram de avião de Londres — com a ajuda da agência de guerra subversiva britânica, a Executiva de Operações Especiais (SOE) — e desceram de paraquedas nas vizinhanças de Praga. Hitler sempre foi a favor de represálias brutais. Não podia haver dúvidas de que o ataque a um dos representantes essenciais de seu poder provocaria uma reação feroz. Mais de 1300 tchecos, cerca de cem deles mulheres, foram detidos pela SS e executados. Em 10 de junho, a aldeia inteira de Lídice — o nome fora encontrado num agente tcheco da SOE preso anteriormente — foi destruída, seus habitantes do sexo masculino, fuzilados, as mulheres, levadas para o campo de concentração de Ravensbrück e as crianças, removidas.

O humor de Hitler estava maduro para que Goebbels levantasse mais uma vez a questão da deportação dos judeus remanescentes de Berlim. O envolvimento de vários judeus jovens (associados a um grupo de resistência ligado aos comunistas e liderado por Herbert Baum) na tentativa de incêndio da exposição antibolchevique O Paraíso Soviético, no Lustgarten de Berlim em 18 de maio, possibilitou que o ministro da Propaganda enfatizasse os perigos para a segurança, caso os cerca de 40 mil judeus estimados que ainda estavam na capital do Reich não fossem deportados. Ele vinha fazendo o melhor que podia, anotara um dia antes, para que o maior número possível de judeus de seu domínio "fossem despachados para o leste". Agora, pedia "uma política judia mais radical" e, disse ele, "empurrei uma porta que estava aberta pelo Führer", que mandou Speer substituir os judeus da indústria de armamentos por "trabalhadores estrangeiros" o mais rápido possível.

A conversa derivou para os perigos de uma possível revolta interna caso a situação da guerra ficasse crítica. Se o perigo se intensificasse, declarou Hitler, as prisões "seriam esvaziadas por meio de liquidações", a fim de evitar que os portões fossem abertos e a "turba em revolta" caísse sobre o povo. Mas, em contraste com 1917, não havia nada a temer dos trabalhadores alemães, observou ele. Todos os operários alemães desejavam a vitória. Eles tinham muito a perder com a derrota e não pensariam em apunhalá-lo pelas costas. "Os alemães participam de movimentos subversivos somente quando os judeus os aliciam para isso", disse Hitler, nas palavras de Goebbels. "Portanto, é preciso liquidar o perigo judeu a qualquer custo." A civilização europeia ocidental proporcionava apenas uma fachada de assimilação. No gueto, os judeus logo retomariam seu tipo. Mas havia elementos entre eles que agiam "com brutalidade perigosa e sede de vingança". "Portanto", registrou Goebbels, "o Führer não quer de forma alguma que os judeus sejam evacuados para a Sibéria. Lá, sob as mais duras condições de vida, eles sem dúvida voltariam a representar um elemento vigoroso. Ele preferiria vê-los reassentados na África Central. Lá viveriam sob um clima que certamente não os tornaria fortes e capazes de resistência. De qualquer modo, é objetivo do Führer tornar a Europa Ocidental totalmente livre de judeus. Aqui eles não podem mais ter seu lar."

Esses comentários poderiam significar que Hitler não sabia que a solução final estava em andamento? Que os judeus já haviam sido massacrados aos milhares na

Rússia e estavam sendo agora mortos por gás venenoso em centros industrializados de assassinatos em massa já em operação em Chelmno, Belzec, Sobibor e Auschwitz-Birkenau (aos quais se acrescentariam em breve Treblinka e Maidanek)? Isso parece inconcebível.

Em 9 de abril de 1942, quando as deportações dos países da Europa Ocidental para as câmaras de gás da Polônia também estavam em andamento, Hans Frank disse aos seus subordinados do Governo Geral que as ordens para liquidar os judeus vinham "de autoridade mais alta". O próprio Himmler afirmaria explicitamente, numa carta interna e sigilosa ao *SS-Obergruppenführer* Gottlob Berger, chefe do Gabinete Central da SS, de 28 de julho de 1942, que ele estava agindo sob a autoridade de Hitler: "Os territórios orientais ocupados estão ficando livres de judeus. O Führer pôs a execução dessa ordem muito difícil sobre meus ombros".

Não temos como saber o quanto Hitler pediu ou ganhou. De acordo com o testemunho do pós-guerra de seu criado pessoal, Heinz Linge, e seu ajudante pessoal, Otto Günsche, obtido pelos soviéticos que os capturaram, Hitler mostrava um interesse direto no desenvolvimento das câmaras de gás e falou com Himmler sobre o uso de furgões de gás. No mínimo, um indício de que sabia da matança de uma quantidade enorme de judeus é fornecido por um relatório que Himmler fez para ele no fim de 1942, que traz estatísticas sobre judeus "executados" no sul da Rússia por conta de uma suposta conexão com atividade bandoleira. Tendo ordenado, em meados de dezembro, que os "bandos" de guerrilheiros deveriam ser combatidos "pelos meios mais brutais", os quais deveriam ser usados também contra mulheres e crianças, Hitler recebeu de Himmler dados estatísticos para o sul da Rússia e a Ucrânia sobre o número de "bandidos" liquidados nos meses de setembro, outubro e novembro de 1942. Quanto às pessoas que ajudavam os "bandos" ou suspeitas de ter conexão com eles, o informe listava 363211 "judeus executados". A conexão com atividade subversiva era uma óbvia farsa. Os outros incluídos na categoria de "executados" totalizavam "somente" 14257.

Quatro meses depois, em abril de 1943, Himmler enviaria para Hitler um relatório estatístico resumido sobre "a solução final da questão judaica". Sabedor do tabu dominante no círculo do Führer sobre referências explícitas à matança em massa de judeus, Himmler apresentou o relatório estatístico em linguagem camuflada. A ficção precisava ser mantida. Ele mandou apagar a expressão

“tratamento especial” (em si mesma um eufemismo para matar) da versão resumida que seria mandada a Hitler. Seu estatístico, o dr. Richard Korherr, recebeu ordens para referir-se simplesmente ao “transporte de judeus”. Havia referências a judeus que eram “levados aos borbotões” para campos não nomeados. A linguagem camuflada servia a um propósito específico. Hitler compreenderia o que ela significava e reconheceria a “realização” do *Reichsführer-SS*.

Em 29 de maio de 1942, quando falou na hora do almoço para Goebbels e outros convivas sobre sua preferência pela “evacuação” dos judeus para a África Central, ele estava sustentando a ficção, que tinha de ser mantida até mesmo em seu “círculo da corte”, de que estavam sendo reassentados e postos para trabalhar no leste. O próprio Goebbels, em seu diário, acompanhou a ficção, embora soubesse muito bem o que estava acontecendo com os judeus na Polônia. Àquela altura, Hitler já internalizara sua autorização para matá-los. Era típico de sua maneira de lidar com a solução final que ele falasse sobre ela repetindo o que sabia já não ser o caso havia tempos, ou aludindo à remoção dos judeus da Europa (frequentemente no contexto de sua “profecia”) em algum ponto distante do futuro.

Por que ele estava tão ansioso por manter a ficção do reassentamento e sustentar o “terrível segredo” até mesmo junto ao seu círculo íntimo? Uma explicação parcial está, sem dúvida, em sua aguda inclinação pessoal ao sigilo extremo que ele traduziu para um modo geral de governo, tal como estabelecido em sua “Ordem Básica” de janeiro de 1940, de que as informações só deveriam ser disponibilizadas com base na “necessidade de saber”. O conhecimento do extermínio poderia dar um presente de propaganda para os inimigos e, talvez, provocar agitação e dificuldades internas nos territórios ocupados, em particular na Europa Ocidental. Não menos importante, no que dizia respeito à opinião pública no próprio Reich, a liderança nazista acreditava que o povo alemão não estava pronto para a desumanidade flagrante da exterminação dos judeus. Hitler concordara com Rosenberg em meados de dezembro de 1941, logo após a declaração de guerra aos Estados Unidos, que seria inapropriado falar de extermínio em público. No fim de 1942, Bormann dispôs-se a sufocar os rumores que circulavam sobre a solução final no leste. Mais tarde, Himmler, falando para os dirigentes da SS, referiu-se a ela como “uma página gloriosa de nossa história que jamais deverá ser escrita”. Evidentemente, era um segredo a ser levado para o túmulo.

Nas referências à sua “profecia” de 1939 feitas em suas declarações públicas, Hitler podia agora reivindicar seu lugar na “página gloriosa de nossa história”, ao mesmo tempo que se afastava das realidades sórdidas do assassinato em massa. Além disso, outro incentivo para o sigilo era que Hitler não queria interferência burocrática e jurídica. Ele havia experimentado isso na “ação de eutanásia”, que precisava de sua autorização por escrito, e os problemas que consequentemente surgiram depois. Suas diatribes sobre o sistema judiciário e a burocracia na primavera de 1942 eram mais uma indicação de sua sensibilidade em relação a essa interferência. Para evitar intromissões legalistas, Himmler recusou-se, no verão de 1942, a fazer tentativas de definir o que era “um judeu”.

IV

A dificuldade de Manstein de tomar Sebastopol segurou o início da Operação Azul — a investida na direção do Cáucaso — até o final de junho. Mas, naquele momento, Hitler não precisava ter dúvidas de que a guerra ia bem. No Atlântico, os submarinos alemães haviam obtido um sucesso sem precedentes. Nos primeiros seis meses de 1942, eles afundaram quase um terço a mais de tonelagem mercante do que em todo o ano anterior, e muito menos submarinos foram perdidos no processo. E, na noite de 21 de junho, chegou a notícia sensacional de que Rommel havia tomado Tobruk. Nas três semanas anteriores, por meio de brilhantes manobras táticas, o general alemão havia enganado o Oitavo Exército britânico, mal equipado e sob comando ineficaz, e depois conseguira infligir uma séria derrota à causa dos Aliados ao tomar a fortaleza de Tobruk, na costa da Líbia, capturando 33 mil soldados britânicos e aliados (muitos deles sul-africanos) e uma enorme quantidade de despojos de guerra. Foi uma vitória alemã espetacular e um desastre para os britânicos. A porta para o domínio do Egito estava escancarada. De uma só vez, era possível vislumbrar uma enorme tenaz das tropas de Rommel avançando para leste pelo Egito e do exército do Cáucaso descendo pelo Oriente Médio, unindo forças para varrer a presença britânica dessa região crucial. Hitler, transbordando de alegria, promoveu Rommel a marechal de campo. As esperanças italianas de apoio alemão para invadir Malta foram finalmente engavetadas até o final do ano. Em vez disso, Hitler apoiou os planos de Rommel de avançar na direção do Nilo. Em poucos dias, as tropas alemãs estariam a uma distância surpreendente de Alexandria.

Uma nuvem escura sobre um horizonte ensolarado era, no entanto, o dano causado pelos bombardeios aéreos britânicos a cidades do oeste da Alemanha. Em 30 de maio, Hitler dissera que não levava muito a sério as ameaças da RAF de raides pesados. Precauções haviam sido tomadas, alegou. A Luftwaffe tinha tantas esquadrilhas posicionadas no oeste que a destruição pelo ar seria devolvida em dobro. Naquela mesma noite, o centro da cidade de Colônia foi devastado pelo primeiro ataque de mil bombardeiros. Hitler ficou furioso com o fracasso da Luftwaffe em defender o Reich e culpou Göring pessoalmente por negligenciar a construção de instalações suficientes de artilharia antiaérea.

Apesar do bombardeio de Colônia, a situação militar no início de junho deixou Hitler e seu círculo de excelente humor. No primeiro dia do mês, ele foi de avião ao quartel-general do Grupo de Exércitos Sul, em Poltava, para discutir com o marechal de campo Bock o cronograma e as táticas da próxima ofensiva. Com exceção de Manstein, todos os comandantes estavam presentes quando ele concordou com a proposta de Bock de retardar o início da Operação Azul por alguns dias, a fim de aproveitar a vitória em Kharkhov para destruir forças soviéticas nas áreas adjacentes. Hitler informou aos comandantes que o resultado da Azul seria decisivo para a guerra.

Em 4 de junho, ele fez uma visita surpresa — fora combinada somente no dia anterior — à Finlândia. Oficialmente, era uma visita para comemorar o aniversário de 75 anos do herói militar finlandês, marechal barão Carl Gustaf von Mannerheim, comandante supremo das Forças Armadas daquele país. O objetivo era reforçar a solidariedade finlandesa com a Alemanha, enfatizando para Mannerheim — um veterano das lutas contra o Exército Vermelho — a imensidade da ameaça do bolchevismo. Ao mesmo tempo, os finlandeses seriam advertidos sobre qualquer consideração em relação a deixar a "proteção" alemã e fazer sondagens junto à União Soviética. Além disso, a visita evitaria a possibilidade de a Finlândia estabelecer laços com os Aliados ocidentais.

O encontro não apresentou resultados concretos. Não era esse o objetivo. Para o momento, Hitler reassegurou-se de que contava com o apoio dos finlandeses. Ele ficou bastante satisfeito com a visita. Os finlandeses, por sua vez, mantiveram suas superficialmente boas relações com a Alemanha, ao mesmo tempo que ficavam de olho nos eventos. O curso da guerra, nos seis meses seguintes, transmitiu-lhes uma mensagem clara para que começassem a procurar por outras lealdades.

Enquanto Hitler estava a caminho da Finlândia, chegou a notícia de Praga de que Reinhard Heydrich havia morrido em consequência dos ferimentos sofridos no ataque de 27 de maio. De volta ao seu quartel-general, o Führer pôs na conta da "estupidez ou pura tolice incompetente" que "um homem tão insubstituível como Heydrich" se expusesse ao perigo de ser assassinado andando sem guarda-costas adequado num carro aberto, enfatizando que os líderes nazistas deveriam obedecer às precauções de segurança. Ele estava reflexivo no funeral com honras de Estado realizado em Berlim, em 9 de junho. Uma perda tão próxima à de Todt lhe dava a

impressão — na verdade, não muito distante dos fatos — de que a liderança do partido e do governo só se reunia nos enterros estatais. À noite, passou algum tempo relembrando com Goebbels os primeiros dias do partido. "O Führer está muito feliz nessas lembranças", observou Goebbels. "Ele vive do passado, que lhe parece um paraíso perdido."

V

A Operação Azul, grande ofensiva de verão no sul, começou em 28 de junho. Realizada por cinco exércitos, em dois grupos, contra a parte mais fraca do front soviético — entre Kursk, no norte, e Taganrog, às margens do mar de Azov, no sul —, a ofensiva conseguiu, tal como a Barbarossa no ano anterior, usar o elemento surpresa para obter ganhos iniciais impressionantes. A queda de Sebastopol, finalmente obtida em 1º de julho, levou à imediata promoção de Manstein a marechal de campo.

Após o rompimento inicial das linhas russas, o rápido avanço sobre Voronej acabou com a captura da cidade em 6 de julho. Porém, isso provocou o primeiro confronto entre Hitler e seus generais em relação à nova campanha. Voronej era um alvo sem importância, mas um contra-ataque soviético segurara duas divisões blindadas na cidade por dois dias. Isso reduziu a velocidade do avanço ao longo do rio Don e permitiu que forças inimigas escapassem. Hitler ficou irado porque Bock ignorou suas instruções de que o avanço das divisões blindadas deveria seguir sem paradas até o rio Volga para possibilitar a máxima destruição das forças soviéticas. Na verdade, quando estivera no quartel-general de Bock em Poltava, em 3 de julho, ele havia sido muito menos dogmático e franco na discussão cara a cara com o marechal de campo do que na sala de mapas da Toca do Lobo. Mas isso não salvou Bock. Hitler disse que não teria seus planos prejudicados por marechais de campo como acontecera no outono de 1941. Bock foi demitido e substituído pelo general de Exército conde Maximilian von Weichs.

Em 16 de julho, para estar mais próximo da frente meridional, Hitler mudou seu quartel-general para um novo local que ganhou o nome de "Werwolf", perto de Vinnitsa, na Ucrânia. Naquele dia, dezesseis aviões, com os motores já ligados, esperavam na pista da Toca do Lobo por Hitler e seu séquito para levá-los num voo de três horas até o novo destino. As secretárias de Hitler não ficaram nada contentes com suas acomodações apertadas. Tal como em Rastenburg, tinham pouca coisa para fazer e se entediavam. A rotina diária de Hitler continuou a mesma. Às refeições — a sua consistia, com frequência, de não mais do que um prato de vegetais com maçãs de sobremesa —, ele ainda podia parecer aberto, descontraído, interessado. Como sempre, monopolizava a conversação à mesa

sobre uma ampla variedade de temas que tocavam seus interesses ou obsessões. Entre eles estavam os males de fumar, a construção de um sistema rodoviário nos territórios orientais, as deficiências do sistema jurídico, as realizações de Stálin como um Gengis Khan dos tempos modernos, a necessidade de manter baixo o padrão de vida dos povos subjugados e de remover os últimos judeus das cidades alemãs, e a promoção da iniciativa privada, em vez de uma economia controlada pelo Estado.

Porém, longe dos solilóquios da ceia, a tensão crescia entre Hitler e seus comandantes militares. O avanço militar prosseguia conquistando terreno, mas o número de prisioneiros soviéticos continuava a diminuir. Isso foi discutido interminavelmente no quartel-general do Führer. Os assessores militares de Hitler estavam preocupados. Achavam que os soviéticos recuavam suas forças em preparação para uma grande contraofensiva, provavelmente junto ao Volga, na região de Stalingrado. Em 12 de julho, Halder já havia advertido que o inimigo, reconhecendo a tática de cerco alemã, evitava a luta direta e recuava para o sul. Mas, para Hitler, o Exército Vermelho estava perto do limite de suas forças. Ele insistiu ainda mais num avanço acelerado.

Seu estilo de comando impulsivo, ainda que às vezes confuso e ambíguo, causava dificuldades constantes para os planejadores operacionais. Mas o problema essencial era de mais longo alcance. Hitler sentia-se compelido por dois imperativos: tempo e recursos materiais. A ofensiva tinha de estar concluída antes que os poderosos recursos dos Aliados entrassem completamente em jogo. E a posse dos campos de petróleo do Cáucaso seria, na sua opinião, decisiva para levar a guerra no leste a termo com sucesso, assim como para proporcionar a plataforma necessária à continuidade da longa guerra contra as potências anglo-saxônicas. Ele havia dito que, se não conseguissem o petróleo, a guerra estaria perdida para a Alemanha em três meses. De acordo com sua lógica, ele não tinha escolha senão apostar tudo na investida ambiciosa na direção do Cáucaso, numa ofensiva de verão vitoriosa. Ainda que houvesse algumas vozes céticas, Halder e os profissionais do Alto-Comando do Exército foram a favor da ofensiva. Mas a brecha entre eles e o ditador, já aberta no verão anterior, estava se alargando rapidamente. O que Hitler considerava negatividade, pessimismo e timidez das abordagens tradicionais do Alto-Comando o levava a paroxismos de raiva. De sua parte, os

planejadores militares acovardavam-se diante do que lhes parecia uma aposta temerária levada a cabo com métodos diletantes, com uma probabilidade cada vez maior de acabar em desastre. Mas não podiam agora cair fora da estratégia de cuja implementação haviam participado. O esforço de guerra alemão pusera em movimento uma dinâmica autodestrutiva.

O risco de um desastre militar foi seriamente ampliado pela diretriz no 45 de Hitler, datada de 23 de julho de 1942. A partir de então, uma calamidade aguardava para acontecer. Diferentemente da diretriz de abril, na qual o toque de Halder era visível, a nova ordem se baseava numa decisão exclusiva de Hitler, que o Estado-Maior tentara evitar. A diretriz para a continuação da Azul, agora rebatizada de Operação Braunschweig, começava com uma alegação preocupantemente irrealista: "Numa campanha de pouco mais de três semanas, os objetivos amplos estabelecidos para o flanco sul da frente oriental foram essencialmente atingidos. Somente as fracas forças inimigas dos exércitos de Timochenko conseguiram escapar do cerco e alcançar a margem sul do Don. Temos de levar em conta o reforço deles vindo da área do Cáucaso".

No começo do mês, ele havia dividido o Grupo de Exércitos Sul em um setor norte (Grupo de Exércitos B, originalmente sob o comando do marechal de campo Bock e, depois, do general de Exército conde Von Weichs) e um setor sul (Grupo de Exércitos A, sob o comando do marechal de campo Wilhelm List). A intenção inicial, conforme a diretriz no 41 de 5 de abril, era avançar na direção do Cáucaso *após* o cerco e a destruição das forças soviéticas na vizinhança de Stalingrado. Essa orientação era alterada agora para permitir que os ataques ao Cáucaso e a Stalingrado (inclusive a tomada da cidade) fossem feitos *simultaneamente*. O Grupo de Exércitos A, mais forte, foi designado para destruir as forças inimigas na região de Rostov e depois conquistar todo o Cáucaso sozinho. Isso incluiria a costa oriental do mar Negro, cruzar o Kuban e ocupar os lugares altos em torno dos campos de petróleo de Maykop, controlar as quase impenetráveis passagens montanhosas do Cáucaso e avançar para sudeste a fim de tomar a região rica em petróleo em torno de Grozny, depois Baku, bem mais ao sul, junto ao mar Cáspio. O ataque a Stalingrado foi deixado para o mais fraco Grupo de Exércitos B, que deveria depois avançar ao longo do baixo Volga até o Astrakhan, às margens do Cáspio. A estratégia era pura loucura.

Somente a avaliação mais incautamente otimista da fraqueza das forças soviéticas poderia justificar o grau do risco envolvido. Mas Hitler fez exatamente isso. Ademais, ele estava, como sempre, predisposto por temperamento a uma estratégia de arriscar tudo, descartando de imediato as alternativas e não deixando possibilidade de recuo. Como sempre, ainda, sua justificativa podia ser reforçada com a visão dogmática de que não havia alternativa. Halder, a par de avaliações mais realistas da capacidade soviética e da acumulação de suas forças na área de Stalingrado, não conseguia exercer nenhuma influência sobre Hitler e estava seriamente preocupado e frustrado com sua própria impotência. Em 23 de julho, dia em que o Führer emitiu sua diretriz no 45, ele havia escrito em seu diário:

> Essa tendência crônica a subestimar as capacidades do inimigo está gradualmente assumindo proporções grotescas e se transformando num perigo completo. A situação está cada vez mais intolerável. Não há espaço para trabalho sério. Essa assim chamada liderança caracteriza-se por uma reação patológica às impressões do momento e uma total falta de compreensão dos mecanismos de comando e suas possibilidades.

Em 15 de agosto, as anotações de Halder sobre a situação começavam assim: “Quadro geral: levamos o risco longe demais?”. A questão se justificava. Mas a percepção chegara tarde demais.

Em meados de agosto, o Grupo de Exércitos A já havia avançado cerca de 560 quilômetros para o sul, pela planície ao norte do Cáucaso. Estava agora muito distante do Grupo de Exércitos B, com um longo flanco exposto e problemas logísticos imensos para obter suprimentos. Seu avanço diminuiu bastante nas encostas arborizadas do norte do Cáucaso. Tomaram Maykop, mas as refinarias de petróleo foram encontradas em ruínas, destruídas sistematicamente pelas forças soviéticas em retirada. O ímpeto fora perdido. Hitler demonstrou pouco senso de realidade quando falou em particular com Goebbels em 19 de agosto. Disse que as operações no Cáucaso iam extremamente bem. Ele queria tomar posse dos poços de petróleo de Maykop, Grozny e Baku durante o verão, garantindo o fornecimento de petróleo para a Alemanha e destruindo o da União Soviética. Depois de atingir a fronteira soviética, entrariam no Oriente Próximo, ocupariam a Ásia Menor e invadiriam o Iraque, o Irã e a Palestina, cortando o fornecimento de petróleo à Inglaterra. Em dois ou três dias, queria começar o grande ataque a Stalingrado. Pretendia destruir a cidade totalmente, não deixando pedra sobre

pedra. Isso era necessário tanto psicológica quanto militarmente. Considerava que as forças mobilizadas eram suficientes para conquistar a cidade em até oito dias.

Entretanto, os últimos sucessos significativos do Grupo de Exércitos B haviam sido o cerco e a destruição de dois exércitos russos a sudoeste de Kalac, às margens do Don, a oeste de Stalingrado, em 8 de agosto. Avançando sob um calor extenuante e prejudicado pela escassez crônica de combustível, em 23 de agosto, o Sexto Exército, sob o comando do general Friedrich Paulus, conseguiu chegar ao Volga, a norte de Stalingrado. Em meio à forte defesa soviética, o avanço logo se deteve. A ofensiva de verão havia chegado ao fim em menos de dois meses. Em 26 de agosto, Halder anotou: "Perto de Stalingrado, tensão séria por conta dos contra-ataques superiores do inimigo. Nossas divisões não são mais tão vigorosas. O comando está nervoso e sob forte pressão". No entanto, o Sexto Exército conseguiu consolidar sua posição. Nas semanas seguintes, até ficou em vantagem. Mas o pesadelo de Stalingrado estava apenas começando.

Enquanto a parte sul do front imensamente ampliado perdia ímpeto, com o Sexto Exército preso em Stalingrado e o Grupo de Exércitos A paralisado no Cáucaso, o Grupo de Exércitos Centro de Kluge enfrentava um terrível revés e sofria perdas horrendas numa malfadada tentativa, ordenada por Hitler, de liquidar as forças russas em Sukhinitchi, 240 quilômetros a oeste de Moscou, onde esperava estabelecer a base para uma nova investida contra a capital. Kluge, numa visita ao Werwolf em 7 de agosto, pedira a Hitler para retirar duas divisões blindadas da ofensiva em Sukhinitchi a fim de usá-las num contra-ataque ameaçador na área de Rjev. Hitler negara o pedido, insistindo que elas fossem mantidas na ofensiva de Sukhinitchi. Kluge saíra do encontro dizendo: "O senhor, meu Führer, assume, portanto, a responsabilidade por isso".

E no norte, no fim de agosto, as expectativas de lançar um ataque e tomar finalmente uma Leningrado destroçada pela fome foram frustradas pela contraofensiva soviética ao sul do lago Ladoga. O 11o Exército de Manstein fora trazido da frente meridional para liderar o assalto final a Leningrado em setembro, na ofensiva das "Luzes do Norte". Em vez disso, viu-se envolvido no rechaço do ataque soviético. Não havia possibilidade de capturar Leningrado e arrasá-la. A última chance para isso estava perdida. A demonstração de confiança de Hitler na vitória não podia esconder sua ansiedade crescente. Seu pavio estava curto. Os

ataques de raiva tornaram-se mais comuns. Como sempre, saiu em busca de bodes expiatórios para a deterioração rápida da situação militar no leste. Não demorou muito para encontrá-los.

As relações com Halder já haviam atingido o fundo do poço. Em 24 de agosto, a piora da situação em Rjev levou o chefe do Estado-Maior a insistir com Hitler para que permitisse um recuo do Nono Exército para uma linha mais curta e mais defensável. Na frente de todos os presentes à conferência do meio-dia, Hitler virou-se furioso contra Halder: "Você sempre vem aqui com a mesma proposta, a da retirada. Exijo da liderança a mesma firmeza dos soldados do front". Halder, profundamente insultado, gritou de volta: "Eu tenho a firmeza, meu Führer. Mas, lá fora, bravos mosqueteiros e tenentes estão caindo aos milhares num sacrifício inútil, numa situação sem esperança, simplesmente porque seus comandantes não têm permissão para tomar a única decisão razoável e têm suas mãos atadas nas costas". Hitler olhou-o fixamente: "O que o senhor pode me dizer sobre os soldados, Herr Halder, o senhor que nem mesmo usa a insígnia negra dos feridos?". Amedrontados e constrangidos, os presentes se dispersaram. Hitler tentou acalmar Halder naquela noite. Mas estava claro, para todos os que testemunharam a cena, que os dias do chefe do Estado-Maior estavam contados.

Até mesmo o braço direito de Hitler, o fiel e devotado Jodl, sentiu o impacto de sua ira. Em 5 de setembro, List pediu-lhe para ir ao quartel-general do Grupo de Exércitos A, em Stalino, ao norte do mar de Azov, a fim de discutir os deslocamentos futuros do 39o Corpo de Montanha. A visita aconteceu dois dias depois. Do ponto de vista de Hitler, o objetivo era instar List a acelerar o avanço no front do Cáucaso, que se encontrava em grande medida paralisado. Sua paciência diante da falta de progresso estava por um fio já havia algum tempo. Mas, longe de trazer notícias positivas, Jodl retornou com um relato devastador das condições no front. Não era mais possível forçar os soviéticos a recuar pelas passagens da montanha. O máximo que poderiam conseguir, com maior mobilidade e total concentração de forças, era uma última tentativa de chegar a Grozny e ao mar Cáspio. Hitler foi ficando cada vez mais irado a cada frase que ouvia. Ele criticou a "falta de iniciativa" do comando militar; e então, pela primeira vez, atacou Jodl, o mensageiro que trouxera as más notícias. Era a pior crise entre Hitler e seus comandantes militares desde o mês de agosto anterior. Ele estava totalmente

enfurecido. Mas Jodl não arredou pé. A coisa se transformou numa disputa aos gritos. Jodl apoiou plenamente a avaliação da situação feita por List. Hitler explodiu. Acusou Jodl de trair suas ordens, ter sido enrolado por List e ficar do lado do Grupo de Exércitos. Não o havia mandado ao Cáucaso para trazer dúvidas das tropas. Jodl retrucou que List estava obedecendo fielmente às ordens do próprio Hitler. Fora de si, Hitler gritou que suas palavras estavam sendo distorcidas. As coisas teriam de ser diferentes. Ele teria de se assegurar que suas palavras não fossem deliberadamente mal interpretadas no futuro. Num ataque de prima-dona, Hitler saiu porta afora, recusando-se a apertar as mãos (como fazia sempre ao final de suas reuniões) de Jodl e Keitel. Deprimido e irado, naquela noite ele disse ao seu ajudante para a Wehrmacht, Schmundt: "Ficarei contente quando puder tirar este uniforme detestável e pisoteá-lo". Ele não via um fim para a guerra na Rússia, uma vez que nenhum dos objetivos do verão de 1942 havia sido alcançado. A ansiedade em relação ao inverno vindouro era terrível, disse ele. "Mas, por outro lado, ele não recuará em nenhum lugar", anotou o ajudante para o Exército Engel.

Hitler passou a se trancar em sua cabana escura durante o dia. Recusava-se a aparecer para as refeições comunais. As reuniões militares, com o menor número de pessoas possível, aconteciam numa atmosfera glacial em sua própria cabana, não no quartel-general da Wehrmacht. E recusava-se a apertar a mão de todos. Em 48 horas, um grupo de taquígrafas chegou ao quartel-general do Führer. Ele havia insistido em registrar todas as reuniões militares para que não fosse novamente mal interpretado.

No dia seguinte à discussão com Jodl, Hitler demitiu List. Demonstrando sua desconfiança contra os generais, assumiu ele mesmo o comando interino do Grupo de Exércitos A. Era agora comandante das Forças Armadas, de um setor dessas forças e de um grupo desse setor. Ao mesmo tempo, encarregou Keitel de avisar Halder que seria substituído em breve. Havia rumores de que também Keitel e Jodl eram candidatos à demissão. Jodl admitiu em privado que cometera o erro de tentar mostrar a um ditador onde ele havia errado. Isso, disse Jodl, só poderia abalar sua confiança em si mesmo — a base de sua personalidade e de suas ações. Jodl acrescentou que, independente de quem viesse a substituí-lo, essa pessoa não poderia ser um nacional-socialista mais leal do que ele.

No final das contas, a piora das condições em Stalingrado e no Mediterrâneo

impediu a pretendida substituição de Jodl por Paulus e de Keitel por Kesselring. Mas não houve salvação para Halder. Hitler queixou-se amargamente a Below que Halder não compreendia as dificuldades no front e lhe faltavam ideias para soluções. Via a situação de maneira fria apenas nos mapas e tinha "noções completamente erradas" sobre o modo como as coisas andavam. Hitler levou em conta o conselho de Schmundt de substituir Halder pelo general de brigada Kurt Zeitzler — um homem de 47 anos com caráter muito diferente, baixo, calvo, ambicioso e dinâmico, adepto firme do Führer, que fora trazido por Hitler em abril para sacudir o exército no oeste e, como chefe de Estado-Maior de Rundstedt, montar as defesas costeiras. Göring também estimulou Hitler a se livrar de Halder.

Esse momento chegou em 24 de setembro. Surpreso, Zeitzler fora chamado ao quartel-general do Führer e soube por Hitler de sua promoção a general de Exército da Infantaria e de suas novas responsabilidades. Depois daquela que seria sua última reunião de informações militares, Halder foi removido de seu posto sem cerimônia. Os nervos dele estavam destroçados, disse-lhe Hitler, assim como os seus próprios estavam. Era necessário que Halder fosse embora e que o Estado-Maior fosse educado para acreditar fanaticamente "na ideia". Hitler estava decidido a impor sua vontade também no Exército, foi a última anotação que Halder registrou em seu diário.

O tradicional Estado-Maior, que fora uma força poderosa durante tanto tempo, tinha agora seu chefe descartado como um cartucho usado e chegava ao seu ponto final simbólico de capitulação diante das forças com as quais havia se casado em 1933. Zeitzler começou o novo regime exigindo crença no Führer dos membros do Estado-Maior. Ele mesmo perceberia em breve que apenas isso não seria suficiente.

VI

A batalha por Stalingrado era agora iminente. Ambos os lados sabiam o quanto ela seria crucial. A liderança alemã continuava otimista.

Os planos de Hitler para a superlotada cidade às margens do Volga eram semelhantes às intenções aniquiladoras que cultivava em relação a Leningrado e Moscou. "As ordens do Führer são para liquidar toda a população masculina ao entrar na cidade", registrou o Alto-Comando da Wehrmacht, "pois Stalingrado, com sua população inteira de 1 milhão de comunistas, é especialmente perigosa." Halder anotou, sem comentário adicional: "Stalingrado: população masculina a ser destruída, feminina, a ser deportada".

Quando visitou o quartel-general do Führer em 11 de setembro, o general de Exército Von Weichs, comandante do Grupo de Exército B, disse a Hitler que acreditava que o ataque ao centro de Stalingrado poderia começar quase imediatamente e estaria completo em dez dias. Com efeito, os primeiros sinais eram de que a queda da cidade não demoraria muito. Mas, na segunda metade de setembro, a disputa por Stalingrado já se transformara numa batalha de intensidade e ferocidade dificilmente imagináveis. A luta se desenrolava muitas vezes à queima-roupa, rua a rua, casa a casa. Os soldados alemães e soviéticos estavam praticamente pulando uns nos pescoços dos outros. Os alemães começaram a perceber que a conquista final do que se tornava rapidamente pouco mais que um monte de ruínas fumegantes poderia levar semanas, até meses.

As notícias que chegavam de outros lugares também não eram muito encorajadoras. A ofensiva de Rommel em El Alamein, na direção do canal de Suez, tivera de ser interrompida já em 2 de setembro, apenas três dias depois de iniciada. Rommel continuou confiante nas semanas seguintes, tanto em público como em particular, embora tenha informado sobre graves problemas de escassez de armas e equipamentos quando se encontrou com Hitler em 1o de outubro para receber seu bastão de marechal de campo. Na realidade, porém, a retirada de 2 de setembro seria o começo do fim do Eixo no norte da África. No outono, com o moral revitalizado pela presença de um novo comandante — o general Bernard Montgomery —, e com seus blindados perdidos tendo sido substituídos por novos tanques Sherman, o Oitavo Exército aliado se mostraria superior às forças limitadas

de Rommel.

No próprio Reich, os ataques aéreos noturnos dos britânicos se intensificaram. Munique, Düsseldorf, Bremen e Duisburg estavam entre as cidades que sofreram grave destruição. Hitler disse que estava contente que seu apartamento em Munique tivesse sido bastante danificado; ele não teria gostado de vê-lo poupado — obviamente, não ficaria bem — quando o restante da cidade havia sido atacado. Achava que o raide poderia ter o efeito salutar de despertar a população de Munique para as realidades da guerra. Os ataques aéreos tinham um outro lado bom, dissera ele a Goebbels em meados de agosto: o inimigo havia "feito um trabalho para nós" ao destruir prédios que teriam de ser demolidos de qualquer forma para permitir o planejamento urbano aperfeiçoado do pós-guerra.

No fim de setembro, Hitler voltou a Berlim. Havia prometido a Goebbels usar a abertura da Campanha de Ajuda do Inverno para se dirigir à nação. Mais uma vez, era preciso sustentar o moral num momento crítico.

Seu discurso no Sportpalast no dia 30 de setembro combinou uma glorificação das façanhas militares alemãs com um ataque sarcástico a Churchill e Roosevelt. Isso não era nenhuma novidade, embora a plateia escolhida a dedo tenha se deleitado. Voltou a repetir sua profecia sobre os judeus — já uma arma habitual de seu arsenal retórico — com as frases mais ameaçadoras que havia usado até então: "Os judeus costumavam rir, na Alemanha também, de minhas profecias. Não sei se ainda estão rindo hoje, ou se o riso já desapareceu deles. Mas eu também só posso oferecer uma garantia agora: o riso vai desaparecer deles em todos os lugares. E eu também estarei certo em minhas profecias". Mas o aspecto mais notável do discurso foram suas afirmações sobre a batalha por Stalingrado. A metrópole do Volga, que levava o nome do líder soviético, estava sendo tomada de assalto e seria conquistada. E acrescentou: "Vocês podem ter certeza de que ninguém vai nos tirar daquele lugar de novo!".

Sua exibição pública de otimismo era ilimitada, mesmo num fórum mais restrito, como quando falou por quase três horas aos *Reichsleiter* e *Gauleiter* na tarde seguinte. "A captura de Stalingrado é para ele um fato consumado", registrou Goebbels, ainda que pudesse levar um pouco de tempo. Ao examinar a posição dos inimigos, ele chegava à notável conclusão de que "a guerra estava praticamente perdida para o lado oposto, não importava por quanto tempo estivesse em

condições de levá-la adiante”.

O otimismo absurdo de Hitler no início de outubro não combinava com a ansiedade crescente de seus assessores militares em relação à situação em Stalingrado. O inverno já não estava longe. Paulus, Weichs, Jodl e Zeitzler eram a favor de se retirar de um alvo que, quase em total ruína, já perdera o significado como centro de comunicações e armamentos, e de assumir posições mais seguras para o inverno. A única alternativa era investir em reforços pesados. Para Hitler, dessa vez, os preparativos para o inverno haviam sido tão bons que os soldados no leste estariam vivendo melhor do que a maioria deles havia vivido em tempos de paz.

Em 6 de outubro, depois que Paulus informou uma interrupção temporária do ataque porque suas tropas estavam exaustas, Hitler ordenou que a “captura completa” de Stalingrado fosse o objetivo-chave do Grupo de Exércitos B. Com efeito, talvez houvesse alguma coisa a dizer a favor de preferir a proteção de uma cidade, mesmo arruinada, às estepes abertas e expostas durante o inverno, caso a situação dos suprimentos fosse tão favorável quanto Hitler evidentemente imaginava que fosse, as linhas de suprimento fossem seguras e a ameaça de uma contraofensiva soviética fosse bem menor. Porém, as provisões de inverno para o Sexto Exército eram insuficientes. As linhas de suprimento estendiam-se por uma frente de batalha imensamente longa e longe de estar segura no flanco norte. E havia informações sobre grandes concentrações de tropas soviéticas que poderiam representar um perigo real para a posição do Sexto Exército. A retirada era a opção sensata.

Hitler não quis saber disso. No início de outubro, Zeitzler e Jodl ouviram-no enfatizar pela primeira vez, ao rejeitar o conselho deles sobre o perigo de ficarem presos a uma luta de casa em casa e com perdas pesadas, que a captura da cidade era necessária não só por motivos operacionais, mas também “psicológicos”: para mostrar ao mundo a força persistente das armas alemãs e para elevar o moral dos aliados do Eixo. Mais do que nunca desdenhando dos generais e assessores militares a quem faltaria a força de vontade necessária, ele se recusou a aceitar qualquer sugestão de retirada de Stalingrado. O medo de perder o prestígio sobrepujava o raciocínio militar. Suas declarações públicas no Sportpalast e depois para os *Gauleiter* significavam que a tomada de Stalingrado se tornara uma questão de

prestígio pessoal. E o recuo dessa cidade, em especial, aumentaria a perda de prestígio, embora ele dissesse que o fato de ela ter o nome de Stálin não representava nada.

Pouco depois, Hitler começou a reconhecer a preocupação crescente entre seus assessores militares com a acumulação de forças soviéticas na margem norte do Don, a seção mais fraca do front, onde a Wehrmacht dependia da determinação de seus exércitos aliados — romenos, húngaros e italianos.

A situação no norte da África também estava crítica. O Oitavo Exército de Montgomery iniciara sua grande ofensiva em El Alamein no dia 23 de outubro. Rommel cancelara sua licença de saúde e voltara para segurar a defesa das forças do Eixo e evitar um avanço decisivo do inimigo. A confiança inicial de Hitler de que Rommel manteria o terreno tinha evaporado rapidamente. Com falta de combustível e munições, e diante de um inimigo numericamente muito superior, a Raposa do Deserto não conseguiu evitar que os tanques de Montgomery penetrassem as linhas alemãs no avanço maciço iniciado em 2 de novembro. No dia seguinte, Hitler mandou um telegrama em resposta ao informe deprimente de Rommel sobre a posição e as perspectivas de suas tropas. Dizia a mensagem: "Na situação em que o senhor se encontra, não pode haver outro pensamento senão perseverar, não ceder um passo e jogar todas as armas e combatentes disponíveis na batalha". Tudo seria feito para enviar reforços. "Não seria a primeira vez na história que a vontade mais forte triunfaria sobre batalhões inimigos mais fortes. Mas o senhor não pode mostrar outro caminho para seus soldados senão vitória ou morte." Rommel não esperava pela resposta de Hitler. Prevendo o que ela diria, ordenou um recuo horas antes da chegada do telegrama. Generais haviam sido peremptoriamente demitidos por esse tipo de insubordinação durante a crise de inverno do início do ano. A posição de Rommel perante o público alemão — poucas semanas antes, havia sido festejado como herói militar — foi o que o salvou da mesma ignomínia.

Em 7 de novembro, quando Hitler foi a Munique para fazer seu tradicional discurso na Löwenbräukeller aos participantes do putsch de 1923, as notícias do Mediterrâneo já haviam piorado dramaticamente. No caminho de Berlim para Munique, seu trem especial parou numa pequena estação da floresta da Turíngia para que ele recebesse uma mensagem do Ministério do Exterior: a esquadra aliada,

reunida em Gibraltar, que durante dias dera origem à especulação sobre um provável desembarque na Líbia, estava desembarcando em Argel e Oran. Ela trazia a primeira remessa de tropas de solo americanas para a guerra na Europa.

Hitler imediatamente deu ordens para a defesa de Túnis. Mas o desembarque o pegara desprevenido, bem como os seus assessores militares. E Oran estava fora do alcance dos bombardeiros alemães, o que deu origem a uma nova torrente de fúria diante da incompetência da falta de planejamento da Luftwaffe. Mais adiante na viagem, em Bamberg, Ribbentrop embarcou no trem. Ele pediu a Hitler que o deixasse fazer sondagens sobre paz junto a Stálin, através da embaixada soviética em Estocolmo, com uma oferta de amplas concessões no leste. Hitler descartou bruscamente a sugestão: um momento de fraqueza não era ocasião para negociações com o inimigo. Em seu discurso para a "velha guarda" do partido, na noite de 8 de novembro, descartou publicamente qualquer perspectiva de uma paz negociada. Referindo-se a suas "ofertas de paz" anteriores, declarou: "A partir de agora não haverá mais oferta de paz".

Não era de forma alguma a atmosfera que Hitler escolheria para seu grande discurso. Além de não ter nada de positivo para informar, o discurso teve de ser feito em meio a uma crise militar. E se esperavam alguma iluminação de Hitler sobre a situação, os "velhos combatentes" do partido ficaram desapontados. Os ataques verbais usuais aos líderes dos Aliados e os paralelos vociferantes com a situação interna antes da "tomada do poder" eram tudo o que ele tinha a oferecer. A recusa ao compromisso, a vontade de lutar, a determinação de superar o inimigo, a falta de uma alternativa que não fosse o sucesso total e a certeza da vitória final numa guerra pela própria existência do povo alemão compunham a base de sua mensagem. Ao contrário do Kaiser, que havia capitulado na Primeira Guerra Mundial "um quarto para as doze", ele terminava, assim declarou, "em princípio sempre cinco minutos depois das doze". E, pela quarta e última vez naquele ano, invocou sua "profecia" sobre os judeus.

O discurso não foi um dos melhores de Hitler. Ele era um orador persuasivo quando conseguia distorcer a realidade de forma plausível para sua plateia. Mas, agora, ignorava fatos indigestos, ou os virava de cabeça para baixo. O abismo entre a retórica e a realidade se tornara largo demais. Para a maioria dos alemães, como os informes do SD deixavam claro, os discursos de Hitler não tinham mais do que

um impacto superficial. A notícia do desembarque dos Aliados no norte da África causou um profundo desalento diante das forças poderosas reunidas contra a Alemanha numa guerra cujo fim parecia mais distante do que nunca. Isso se somava à crescente inquietação em relação a Stalingrado. Críticas à liderança alemã por ter envolvido o povo naquela guerra eram agora mais comuns (em sua maioria, formuladas com cautela) e, com frequência, incluíam implicitamente Hitler — não mais desconectado, como costumava ser, do lado negativo do regime.

Mas sua plateia de base nunca fora os milhões de pessoas colados nos aparelhos de rádio, mas os velhos fieis do partido dentro do salão. Era essencial reforçar essa espinha dorsal de seu poder pessoal e da vontade de conservar o front interno unido. Ali, em meio a sua plateia, Hitler ainda podia explorar boa parte do entusiasmo, da dedicação e do fanatismo de antigamente. Ele sabia quais acordes deveria tocar. A música era uma canção familiar. Mas todos os presentes devem ter reconhecido — e, em certa medida, compartilhado — um sentimento de autoengano na letra.

A verdadeira preocupação de Hitler naquela noite era a reação dos franceses aos eventos no norte da África. Decidiu fazer uma reunião em Munique com Laval e Mussolini. Chegavam então notícias de que a resistência inicial estava desmoronando na África Setentrional Francesa. O desembarque estava garantido.

Quando Ciano chegou a Munique — Mussolini não se sentia bem e declinou de ir — Hitler já ouvira que o general Henri Giraud se pusera a serviço dos Aliados e fora contrabandeado para fora da França e levado para o norte da África. Comandante do Sétimo Exército francês antes da débâcle de 1940 e aprisionado desde então, Giraud havia escapado da prisão em 1942 e fugido para a França não ocupada. O perigo estava no fato de que ele seria uma figura de proa para a resistência francesa no norte da África e um foco de apoio aos Aliados. Crescia também a suspeita, logo confirmada, de que o almirante Jean François Darlan, chefe das Forças Armadas francesas, se preparava para mudar de lado. Os americanos o haviam conquistado, logo antes dos desembarques da Operação Tocha, com a oferta de reconhecê-lo como chefe do governo francês. Mas o conflito com os britânicos, que preferiam o general Charles de Gaulle (o líder da "França Livre" exilado em Londres), foi evitado quando um jovem monarquista francês assassinou Darlan logo antes do Natal.

Hitler enfatizara a necessidade de estar preparado para ocupar o sul da França em suas conversas com Mussolini do final de abril. Quando Ciano o encontrou na noite de 9 de novembro, ele já tomara uma decisão. O que Laval teria a dizer era irrelevante. Hitler não modificaria "seu ponto de vista já definitivo: a ocupação total da França, desembarcando na Córsega, uma cabeça de ponte para a Tunísia". Quando finalmente chegou, Laval foi tratado com pouco mais que desprezo. Hitler exigiu pontos de desembarque na Tunísia. Laval tentou obter concessões da Itália. Hitler recusou-se a perder tempo com essas deliberações.

Enquanto Laval estava na sala ao lado fumando, Hitler deu a ordem de ocupar o resto da França no dia seguinte — 11 de novembro, aniversário do armistício de 1918. Laval deveria ser informado na manhã seguinte. Numa carta ao marechal Pétain e numa proclamação ao povo francês, Hitler justificava a ocupação pela necessidade de defender a costa do sul da França e a Córsega de uma invasão aliada a partir da nova base no norte da África. Naquela manhã, tropas alemãs ocuparam o sul da França sem resistência militar, de acordo com o plano da Operação Anton que fora criado em maio.

No Berghof para passar alguns dias, a máscara de entusiasmo de Hitler escorregou um pouco. Below encontrou-o profundamente preocupado com as ações anglo-americanas. Estava apreensivo também com as dificuldades de suprimentos no Mediterrâneo, causadas pela intensificação da ação de submarinos britânicos. Sua confiança nos italianos desaparecera. Ele tinha certeza de que estavam vazando informações sobre o movimento dos navios de suprimento alemães para os britânicos. As deficiências da Luftwaffe também o preocupavam. No que dizia respeito à frente oriental, esperava que não houvesse mais "novas surpresas", mas temia que uma ofensiva soviética em grande escala fosse iminente.

VII

Em 19 de novembro, Zeitzler disse a Hitler que a ofensiva soviética começara. Imediatamente, as forças soviéticas no noroeste e oeste de Stalingrado romperam a parte fraca do front mantida pelo Terceiro Exército romeno. O 48o Corpo de Blindados do general Ferdinand Heim foi enviado ao local, mas não conseguiu fechar a brecha. Furioso, Hitler o demitiu. Mais tarde, ordenou que o condenassem à morte, numa sentença que só não foi cumprida graças à intervenção de Schmundt. No dia seguinte, o Front Stalingrado do Exército Vermelho abriu caminho através das divisões do Quarto Exército romeno ao sul da cidade e se encontrou com as forças soviéticas que haviam penetrado pelo norte e oeste. Com isso, os 220 mil homens do Sexto Exército alemão ficaram completamente cercados.

Hitler decidira voltar para a Toca do Lobo naquela noite. Sua viagem de trem de Berchtesgaden à Prússia Oriental demorou mais de vinte horas, devido às longas paradas para telefonar a Zeitzler. O novo chefe do Estado-Maior insistia em pedir permissão para que o Sexto Exército lutasse para sair de Stalingrado. Hitler não cedeu um milímetro. Já em 21 de novembro, ordenou: "O Exército está temporariamente cercado pelas forças russas. Conheço o Sexto Exército e seu comandante em chefe e sei que ele se conduzirá bravamente nessa difícil situação. O Sexto Exército precisa saber que estou fazendo tudo para ajudá-lo e aliviá-lo". Ele achava que a posição podia ser remediada. Era possível organizar a ajuda para permitir uma saída. Mas isso não podia ser feito da noite para o dia. Inventou-se às pressas um plano para que o Quarto Exército Blindado do general Hermann Hoth, que estava a sudoeste de Stalingrado, preparasse um ataque para liberar o Sexto Exército. Mas isso demoraria cerca de dez dias. No meio-tempo, Paulus teria de manter a posição, enquanto as tropas recebessem suprimentos pelo ar. Era uma operação de vulto e altamente arriscada. Mas Göring assegurou a Hitler que poderia ser executada. O chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, Hans Jeschonnek, não o contradisse. Zeitzler, no entanto, discordou com veemência. E, de dentro da própria Luftwaffe, o general conde Von Richthofen, a quem Hitler normalmente dava ouvidos, levantou as dúvidas mais sérias, tanto em função do mau tempo (a temperatura já estava despencando, havia nevoeiros glaciais, a chuva congelava e

enchia de gelo as asas dos aviões) quanto do número de aviões disponíveis. Hitler preferiu acreditar em Göring.

Sua decisão de levar suprimentos ao Sexto Exército via aérea até que a ajuda chegasse foi tomada em 23 de novembro. Naquele momento, Paulus já informara que o estoque de alimentos e equipamentos estava perigosamente baixo e era insuficiente para a defesa da posição. Paulus pediu permissão para tentar escapar. Weichs, comandante em chefe do Grupo de Exércitos B, e Zeitzler, chefe do Estado-Maior, também apoiaram essa opção, a única realista. Zeitzler, agindo evidentemente com base num mal-entendido notável, chegou a informar Weichs, às duas horas do dia 24 de novembro, que havia "persuadido o Führer de que uma fuga era a única possibilidade de salvar o exército". Em quatro horas, o Estado-Maior teve de transmitir a decisão oposta de Hitler: o Sexto Exército tinha de ficar firme e receberia suprimentos pelo ar até que a ajuda pudesse chegar. O destino de quase 250 mil homens foi selado com essa ordem.

Hitler não estava totalmente isolado no apoio militar a essa decisão. Na manhã de 24 de novembro, o marechal de campo Von Manstein chegou ao quartel-general do Grupo de Exércitos B para assumir o comando, tal como ordenado por Hitler três dias antes, de um novo Grupo de Exércitos Don (que incluía o cercado Sexto Exército). O principal objetivo era escorar o enfraquecido front sul e oeste de Stalingrado, a fim de garantir as linhas de suprimento do Grupo de Exércitos A, no Cáucaso. Ele também assumiu o comando da tentativa do general Hoth de ajudar o Sexto Exército. Mas, em contraste com Paulus, Weichs e Zeitzler, Manstein não aprovava a tentativa de escapar antes da chegada dos reforços e tinha uma opinião otimista sobre as chances de um socorro aéreo. Tratava-se de um dos generais em quem Hitler mais confiava. Sua avaliação só pode ter fortalecido a opinião do próprio Führer.

Mas, em meados de dezembro, Manstein já havia mudado diametralmente de opinião. Richthofen o persuadira de que, naquelas condições atmosféricas atrozes, um socorro aéreo adequado era impossível. Mesmo que o tempo melhorasse, não havia como manter o abastecimento pelo ar. Manstein pediu então, em numerosas ocasiões, uma decisão para permitir que o Sexto Exército escapasse. Mas, àquela altura, as chances de fuga haviam diminuído muito; na verdade, elas se tornaram rapidamente nulas após a tentativa de ajuda de Hoth ser detida pelo fogo inimigo a

cerca de cinquenta quilômetros de Stalingrado e, dias depois, ser forçada a recuar. Em 19 de dezembro, Hitler rejeitou mais uma vez todos os apelos para considerar uma fuga. De qualquer modo, as informações militares indicavam agora que o Sexto Exército, muito enfraquecido e cercado por poderosas forças soviéticas, só seria capaz de avançar um máximo de trinta quilômetros para o sudoeste — distância insuficiente para se encontrar com o Exército Blindado de Hoth. Em 21 de dezembro, Manstein pediu a Zeitzler uma decisão final sobre a tentativa de fuga do Sexto Exército enquanto ainda era possível estabelecer uma conexão com o 57o Corpo Blindado, ou se o comandante em chefe da Luftwaffe poderia garantir suprimentos via aérea por um longo período. Zeitzler telegrafou de volta informando que Göring confiava que a Luftwaffe poderia suprir o Sexto Exército, embora Jeschonnek tivesse agora opinião diferente. Hitler permitiu que perguntassem ao comando do Sexto Exército sobre a distância que avaliavam que poderiam avançar em direção ao sul, caso as outras frentes pudessem ser mantidas. A resposta foi que havia combustível para vinte quilômetros e que não conseguiriam manter posição por muito tempo. O Exército de Hoth ainda estava a uma distância de 54 quilômetros. Mesmo assim, nenhuma decisão foi tomada. "É como se o Führer não fosse mais capaz [de tomar uma decisão]", anotou o diarista da guerra do OKW, Helmuth Greiner.

O próprio comando do Sexto Exército descreveu a tática de fuga em massa sem ajuda de fora — a Operação Trovão — como uma "solução catastrófica" (*Katastrophenlösung*). Naquela noite, Hitler descartou a ideia: Paulus tinha combustível apenas para uma distância curta; não havia possibilidade de escapar ao cerco. Dois dias depois, em 23 de dezembro, Manstein teve de retirar unidades do Exército Blindado de Hoth para segurar o flanco esquerdo de seu Grupo de Exércitos. Com isso, Hoth precisou recuar suas forças enfraquecidas. A tentativa de romper o cerco de Stalingrado fracassara. O Sexto Exército estava condenado.

Paulus ainda pediu permissão para escapar. Mas, na véspera do Natal, Manstein já desistira de tentar persuadir Hitler a aprovar o que então já podia ser considerada uma medida de puro desespero, sem esperança de sucesso. A maior prioridade era agora manter o flanco esquerdo para evitar uma catástrofe ainda pior. Isso era essencial para permitir o recuo do Grupo de Exércitos A do Cáucaso. Zeitzler apresentou a urgência desse recuo para Hitler na noite de 27 de dezembro. O

Führer concordou com relutância, depois mudou de ideia. Era tarde demais. Zeitzler havia transmitido por telefone sua aprovação inicial. O recuo do Cáucaso estava em andamento. Stalingrado se tornara menos prioritária.

Embora preocupado com seu front oriental e, em particular, com a agora inevitável catástrofe em Stalingrado, Hitler não podia se permitir negligenciar o que estava acontecendo no norte da África. E estava cada vez mais apreensivo com a firmeza de seus aliados italianos.

Montgomery forçara o Afrika Korps de Rommel a um recuo precipitado e expulsaria o exército alemão e italiano da Líbia em janeiro de 1943. Estimulado por Göring, Hitler estava agora convencido de que Rommel perdera a coragem. Mas, ao menos, os 50 mil soldados alemães e 18 mil italianos enviados às pressas para Túnis em novembro e dezembro seguraram os Aliados, evitando que dominassem rapidamente o norte da África e tentassem um primeiro ataque ao continente europeu. Mesmo assim, Hitler sabia que os italianos estavam vacilando. A visita de Göring a Roma no fim de novembro havia confirmado isso. Havia sérias dúvidas sobre a dedicação deles à guerra. E em 18 de dezembro, quando Ciano e o marechal conde Ugo Cavalero, chefe das Forças Armadas italianas, chegaram à Toca do Lobo para três dias de conversas, o Oitavo Exército italiano havia acabado de sofrer um colapso catastrófico durante a ofensiva soviética dos dois dias anteriores junto ao curso médio do rio Don. Na ocasião, Ciano apresentou a proposta de Mussolini para que a Alemanha fizesse um acordo com a União Soviética a fim de redirecionar todos os esforços para a defesa contra as potências ocidentais. Hitler rejeitou a ideia: se fizesse isso, respondeu, seria forçado em pouco tempo a combater de novo uma União Soviética revigorada. Os hóspedes italianos foram evasivos diante da exortação de Hitler para que esquecessem todas as considerações pelos civis em favor do envio de suprimentos para o norte da África.

Para o povo alemão e, em especial, para as muitas famílias alemãs com entes queridos no Sexto Exército, o Natal de 1942 foi uma festa deprimente. A propaganda triunfalista de setembro e outubro, sugerindo que a vitória em Stalingrado estava logo adiante, deu lugar, nas semanas seguintes à contraofensiva soviética, a pouco mais que um silêncio sinistro. Os rumores sobre o cerco do Sexto Exército — transmitidos pelas cartas desesperadas dos soldados sitiados — espalharam-se rapidamente. Logo ficou evidente que espelhavam a realidade.

Nicolaus von Below recebeu uma série de cartas de oficiais superiores do Sexto Exército, em que eles descreviam sua terrível situação em detalhes. O ajudante da Luftwaffe mostrou-as a Hitler, lendo em voz alta os trechos principais. Ele ouviu sem comentários, exceto pela observação inescrutável de que "o destino do Sexto Exército deixou para todos nós um profundo dever na luta pela liberdade de nosso povo". O que ele realmente estava pensando, ninguém sabia.

Depois que Paulus rejeitou um pedido de rendição, o ataque final soviético para destruir o Sexto Exército começou em 10 de janeiro. Um emissário à Toca do Lobo pedindo permissão para que Paulus tivesse liberdade de ação para acabar com a carnificina foi ignorado por Hitler. Em 15 de janeiro, ele encarregou o marechal de campo Erhard Milch, chefe de Armamentos da Luftwaffe e cérebro da organização de todo seu transporte, de levar por via aérea trezentas toneladas de suprimentos por dia para o exército sitiado. Era pura fantasia — embora baseada parcialmente na informação errada da qual Zeitzler reclamou em mais de uma ocasião. O gelo e a neve nas pistas, em temperaturas subárticas, impediam com frequência decolagens e aterrissagens. De qualquer modo, em 22 de janeiro, a última pista de pouso nas vizinhanças de Stalingrado foi perdida para o inimigo. Agora, os suprimentos só poderiam ser jogados do ar. Os soldados restantes, congelados, quase mortos de fome, sob constante fogo pesado, muitas vezes não conseguiam resgatá-los.

Àquela altura, o povo alemão já estava sendo preparado para o pior. Depois de um longo período de silêncio, o informe da Wehrmacht de 16 de janeiro havia falado em termos sinistros de uma "defensiva heroicamente corajosa contra o inimigo que ataca de todos os lados". A imprensa foi instruída a falar do "grande e comovente sacrifício heroico que as tropas cercadas em Stalingrado oferecem à nação alemã".

Em 22 de janeiro, Hitler relatou sem rodeios a situação do Sexto Exército para Goebbels. Quase não havia esperança de resgatar os soldados. Era um "drama heroico da história alemã". Enquanto eles conversavam, chegaram notícias que descreviam uma situação em rápida deterioração. Segundo Goebbels, Hitler ficou "profundamente abalado". Mas não pensou em assumir a culpa. Queixou-se amargamente da Luftwaffe, que não cumprira suas promessas sobre os níveis de suprimentos. Em separado, Schmundt disse a Goebbels que elas haviam sido

ilusórias. O staff de Göring lhe dera o retrato otimista que presumiam que ele queria e ele o havia transmitido ao Führer. Era um problema que afligia toda a ditadura — até o próprio Hitler. Somente mensagens positivas eram aceitáveis. O pessimismo (que significava usualmente realismo) era um sinal de fracasso. As distorções da verdade estavam incrustadas no sistema de comunicações do Terceiro Reich em todos os níveis — sobretudo, nos altos escalões do regime.

Além de sentir-se iludido por sua própria Força Aérea, Hitler expressava um desprezo total pelo fracasso dos aliados da Alemanha em sustentar a linha de batalha diante do contra-ataque soviético. Os romenos eram ruins, os italianos, piores, e os piores de todos eram os húngaros. A catástrofe não teria acontecido se toda a frente oriental fosse controlada por unidades alemãs, como ele havia querido. As formações de padeiros alemães, vituperou, haviam tido um desempenho melhor do que as divisões de elite italianas, romenas e húngaras. Mas não achava que os parceiros do Eixo estavam prontos para desertar. A Itália gostaria de "pular do barco", mas, enquanto Mussolini estivesse presente, isso podia ser descartado. O Duce era suficientemente esperto para saber que isso significaria o fim do fascismo e dele mesmo. A Romênia era essencial para a Alemanha graças ao seu petróleo, disse Hitler. Ele deixara claro para os romenos o que aconteceria com eles caso tentassem fazer alguma estupidez.

Ele ainda esperava — pelo menos foi o que disse a Goebbels — que partes do Sexto Exército conseguissem se segurar até que pudessem receber ajuda. Na verdade, sabia mais do que ninguém que não havia a menor chance disso. O Sexto Exército estava nas últimas. Em 22 de janeiro, mesmo dia em que Goebbels conversou com Hitler no quartel-general do Führer, Paulus pediu permissão para se render. Hitler rejeitou-a. Depois, rejeitou apelo semelhante de Manstein para permitir a rendição do Sexto Exército. Por uma questão de honra, declarou, a capitulação estava fora de cogitação. À noite, telegrafou para o Sexto Exército para dizer que ele havia dado uma contribuição histórica para a maior luta da história alemã. O Exército deveria ficar firme "até o último soldado e a última bala".

A partir de 23 de janeiro, o Sexto Exército começou a se romper. Foi dividido em dois quando as tropas soviéticas que vinham do sul e do oeste da cidade uniram suas forças. Em 26 de janeiro, sua divisão estava completa. Uma seção ergueu a bandeira branca no dia 29. No mesmo dia, Paulus enviou um telegrama de

congratulações a Hitler pelo décimo aniversário de sua tomada do poder no dia 30.

As “celebrações” na Alemanha pelo aniversário do dia do triunfo de Hitler em janeiro de 1933 foram discretas. Bandeiras foram proibidas. Hitler não fez seu discurso costumeiro. Permaneceu em seu quartel-general e deixou para Goebbels ler sua proclamação. Uma única frase referia-se a Stalingrado: “A heroica luta de nossos soldados junto ao Volga deve ser uma advertência para que todos façam o máximo na luta pela liberdade da Alemanha e pelo futuro de nosso povo e, assim, num sentido mais amplo, pela manutenção de nosso continente inteiro”. Em Stalingrado, o fim se aproximava. Os remanescentes do Sexto Exército fizeram sondagens sobre uma rendição junto aos soviéticos naquela mesma noite de 30 de janeiro de 1943. As negociações aconteceram no dia seguinte. Na mesma data, anunciou-se que Paulus fora promovido a marechal de campo. Esperava-se que ele terminasse a luta com uma morte heroica. À noite, ele rendeu-se. Dois dias depois, em 2 de fevereiro, o setor norte das tropas cercadas também se rendeu. A batalha de Stalingrado estava terminada. Cerca de 100 mil homens de 21 divisões alemãs e duas romenas haviam tombado em batalha. Outros 113 mil soldados alemães e romenos foram feitos prisioneiros. Apenas uns poucos milhares sobreviveriam ao cativeiro.

VIII

Hitler não fez menção nenhuma à tragédia humana quando se encontrou com seus dirigentes militares na conferência de meio-dia de 1o de fevereiro. O que o preocupava era o prestígio perdido com a rendição de Paulus. Ele achava impossível compreendê-la — e impossível perdoá-la. "Eis um homem que pode ficar olhando enquanto 50 ou 60 mil de seus soldados morrem e se defendem bravamente até o fim. Como ele pode se entregar aos bolcheviques?" Fez a pergunta quase sem voz, com raiva diante do que considerava uma traição. Não poderia ter respeito por um oficial que escolhia o cativeiro a se matar. "Como é fácil fazer uma coisa assim. A pistola — é tão simples. Que tipo de covardia faz com que recue diante disso?" "Ninguém mais vai ser promovido a marechal de campo nesta guerra", declarou (embora não tenha mantido a palavra). Ele tinha certeza — suposição que se revelou correta — que, em mãos soviéticas, Paulus e os outros generais capturados em breve promoveriam propaganda antigermânica. Baseando-se em histórias de torturas nas prisões russas que circulavam na imprensa *völkisch* desde o início da década de 1920, disse: "Vão trancá-los num porão cheio de ratos e dois dias depois estarão tão debilitados que vão falar direto. [...] Eles agora vão para a Lublianka e então serão comidos pelos ratos. Como alguém pode ser tão covarde? Não entendo. Tanta gente tem de morrer. Então um homem desses vem e mancha o heroísmo de tantos outros no último minuto. Ele poderia se libertar de todo o sofrimento e entrar na eternidade, na imortalidade nacional, e prefere ir para Moscou. Como pode haver uma escolha? Isso é loucura".

Para o povo alemão, a chance de Paulus ganhar a imortalidade não era a preocupação central. Seus pensamentos, em 3 de fevereiro, quando ouviram o terrível anúncio — falso até o fim — de que os oficiais e soldados do Sexto Exército haviam lutado até o último tiro e "morrido para que a Alemanha possa viver", estavam voltados para a tragédia humana e a dimensão do desastre militar. O "sacrifício heroico" não era consolo para os parentes e amigos consternados.

O SD informou que a nação inteira estava "profundamente abalada" com o destino do Sexto Exército. Havia uma forte depressão e ira disseminada porque Stalingrado não fora evacuada ou ajudada enquanto ainda havia tempo. As pessoas perguntavam como tinham sido possíveis os informes otimistas de pouco tempo

atrás. Criticavam a subestimação — como no inverno anterior — das forças soviéticas. Muitos achavam agora que a guerra não poderia ser vencida e contemplavam com ansiedade as consequências da derrota.

Até Stalingrado, Hitler havia sido largamente isentado das eventuais críticas que o povo tinha ao regime. Isso mudou de maneira rápida e aguda. Sua responsabilidade pelo desastre era evidente. As pessoas haviam esperado que ele desse uma explicação em seu discurso de 30 de janeiro. Sua óbvia relutância em falar à nação só fez aumentar as críticas. Os oponentes do regime sentiram-se encorajados. As inscrições que apareceram nos muros atacando Hitler, "o assassino de Stalingrado", eram um sinal de que a resistência clandestina não estava extinta. Consternados diante dos acontecimentos, alguns oficiais do Exército e servidores civis de alto escalão reviveram planos conspiratórios que estavam adormecidos desde 1938-9.

Em Munique, um grupo de estudantes e um de seus professores, cujo idealismo e crescente aversão à desumanidade criminosa do regime os haviam levado a criar o grupo de oposição Rosa Branca no ano anterior, passaram a exibir seu ataque a Hitler abertamente. Os estudantes de medicina Alexander Schmorell e Hans Scholl, que consistiam na força propulsora inicial, logo receberam o apoio de Christoph Probst, Sophie Scholl (irmã de Hans), Willi Graf e Kurt Huber, professor de filosofia da Universidade de Munique, cuja atitude crítica ao regime os havia influenciado em palestras e discussões. Todos os estudantes vinham de famílias conservadoras de classe média. Todos estavam inflamados por crenças cristãs e idealismo humanista. Os horrores da frente oriental, experimentados por um curto período quando Graf, Schmorell e Hans Scholl foram convocados, converteram o idealismo elevado numa mensagem política explícita. O último manifesto deles (escrito pelo professor Huber), distribuído na Universidade de Munique em 18 de fevereiro, dizia: "Colegas! A nação está profundamente abalada com a destruição dos homens de Stalingrado. A estratégia genial do cabo da Guerra Mundial levou absurda e irresponsavelmente 330 mil homens alemães à morte e à ruína. Führer, nós lhe agradecemos!".

Era uma demonstração altamente corajosa de desafio. Mas era suicida. Hans e Sophie Scholl foram denunciados por um servente da universidade (que depois foi aplaudido por estudantes pró-nazistas por sua ação) e rapidamente presos pela

Gestapo. Christoph Probst foi apanhado pouco depois. O julgamento deles perante o "Tribunal do Povo", presidido por Roland Freisler, ocorreu em quatro dias. O veredicto foi o previsto — sentença de morte. Os três foram guilhotinados na mesma tarde. Willi Graf, Kurt Huber e Alexander Schmorell tiveram o mesmo destino alguns meses depois. Outros estudantes, das margens do movimento, foram condenados a longos anos de prisão.

O regime fora severamente atingido, mas não a ponto do colapso. Ele contra-atacaria sem escrúpulo e com total ferocidade ao menor sinal de oposição. O grau de brutalidade em relação a sua própria população estava prestes a aumentar fortemente, à medida que crescia a adversidade externa.

Se sentiu algum remorso por Stalingrado ou simpatia pelos mortos do Sexto Exército e seus parentes, Hitler não deixou transparecer. Os que conviviam com ele puderam detectar sinais de tensão nervosa. Em particular, insinuou a preocupação de que sua saúde não suportaria a pressão. Suas secretárias tiveram de aguentar monólogos noturnos ainda mais longos, à medida que sua insônia assumia proporções crônicas. Os temas eram os mesmos de sempre: sua juventude em Viena, o "tempo de luta", a história da humanidade, a natureza do cosmo. Não havia alívio para o tédio delas, que àquela altura já conheciam de cor suas verborragias. Até as eventuais noitadas de escuta de discos para romper o tédio haviam cessado. Algumas semanas antes, Hitler dissera a Goebbels que não queria mais ouvir música. Falar era como uma droga para ele. Dois anos depois, ele disse a um de seus médicos que tinha de falar — sobre qualquer outra coisa que não fossem questões militares — para se desviar das noites insones pensando em disposição de tropas e mentalizando onde estava cada divisão em Stalingrado. Como Below adivinhou, as más notícias do front no norte da África e do front oriental devem ter suscitado nele sérias dúvidas, na privacidade de seu quarto no bunker, sobre se a guerra ainda podia ser ganha. Mas, para consumo externo, mesmo diante de seu círculo mais próximo na Toca do Lobo, ele tinha de manter a fachada da invencibilidade. Não podia mostrar nenhuma rachadura. Permanecia fiel ao seu credo de vontade e força. Em seu pensamento, qualquer indício de fraqueza seria um presente para os inimigos e subversivos. Uma fissura de desmoralização logo se transformaria num abismo. Os dirigentes militares e, sobretudo, os líderes do partido jamais poderiam deixar transparecer sinais de hesitação em suas

decisões.

Em 7 de fevereiro, não havia traço de desmoralização, depressão ou incerteza quando ele falou aos *Reichsleiter* e *Gauleiter* por quase duas horas em seu quartel-general. Disse-lhes logo no início de seu discurso que acreditava mais do que nunca na vitória. Depois descreveu aquilo que Goebbels chamou de "a catástrofe no front oriental". Não olhou por perto para achar o responsável pelas falhas. Embora tenha dito que aceitava a total responsabilidade pelos eventos do inverno, não deixou dúvidas sobre onde estava, em sua opinião, a verdadeira culpa. Desde o início de sua carreira política — na verdade, desde seus primeiros comentários conhecidos sobre política — ele sempre procurou bodes expiatórios. Era um traço tão enraizado em sua psique que não poderia fugir dele agora que tinha de explicar, pela primeira vez, um desastre nacional completo. Ao falar para a liderança partidária, tal como fizera quinze dias antes em conversa privada com Goebbels, mais uma vez pôs a culpa do desastre em Stalingrado no "fracasso completo" dos aliados da Alemanha — os romenos, italianos e húngaros — por cuja capacidade de luta ele tinha "absoluto desprezo".

Não era apenas a busca por bodes expiatórios que estava entranhada no seu pensamento, mas também o sentimento de deslealdade e traição. Outra linha de sua explicação para o desastre de Stalingrado era a perspectiva de uma iminente traição dos franceses, que o forçava a manter várias divisões, especialmente da SS, no oeste, quando eram desesperadamente necessárias no leste. Mas Hitler tinha a capacidade extraordinária, como observou seu ajudante Below, de transformar o negativo em positivo e convencer sua plateia disso. Um desembarque dos Aliados na França teria sido muito mais perigoso, alegou ele, do que aquele que ocorrera no norte da África e havia sido contido pela ocupação de Túnis. Ele via motivos para otimismo também no sucesso dos submarinos alemães e no programa de armamentos de Speer, que permitia uma melhor defesa antiaérea contra os raides inimigos, junto com a produção em escala total do tanque Tigre, que ocorreria no verão.

Boa parte de seu discurso restante foi sobre a "psicologia" da guerra. Declarou que a crise era mais psicológica do que material e, portanto, deveria ser superada por "meios psicológicos". Era tarefa do partido conseguir isso. Os *Gauleiter* deveriam lembrar do "tempo de luta". Agora eram necessárias medidas radicais.

Austeridade, sacrifício e o fim de todos os privilégios para certos setores da sociedade estavam na ordem do dia. Invocou os reveses e a vitória final de Frederico o Grande, numa óbvia comparação com sua própria liderança. Os reveses que encaravam agora — culpa exclusiva dos aliados da Alemanha — tinham até suas vantagens psicológicas. A propaganda e a agitação do partido poderiam despertar o povo para o fato de que tinha diante de si uma opção simples: ou se tornar senhor da Europa, ou sofrer uma "liquidação e exterminação total".

Hitler apontou uma vantagem que, segundo ele, os Aliados tinham: eram sustentados pela "judiaria internacional". A consequência, conforme as anotações de Goebbels, era que "temos de eliminar os judeus não somente do território do Reich, mas também de toda a Europa".

O Führer descartou categoricamente, como sempre fizera, qualquer possibilidade de capitulação. Declarou que um colapso do Reich alemão estava fora de questão. Mas as observações que fez depois traíam o fato de que estava contemplando precisamente essa ideia. Tal colapso representaria "o fim de sua vida", declarou. Estava claro que, nessa eventualidade, o bode expiatório seria o próprio povo alemão. "Esse colapso só poderia ser causado pela fraqueza do povo", registrou Goebbels. "Mas, se o povo alemão se revelasse fraco, ele não mereceria nada mais do que ser extinto por um povo mais forte; então, não se poderia ter simpatia por ele." Esse sentimento ficaria com ele até o fim.

Para a liderança do partido, espinha dorsal de seu apoio, Hitler podia falar dessa maneira. Os *Gauleiter* podiam ser revigorados com esse tipo de retórica. Afinal, eram tão fanáticos quanto o próprio Hitler. Faziam parte de sua "comunidade juramentada". A responsabilidade do partido pela radicalização da "frente de batalha interna" era música para seus ouvidos. De qualquer modo, independente das dúvidas que abrigassem (se é que tinham alguma), não havia outra escolha senão se manterem firmes com Hitler. Estavam no mesmo barco e ele era o único fiador de seu poder.

O povo alemão era mais difícil de aplacar do que seus vice-reis imediatos. Em 21 de março de 1943, quando falou à nação pela primeira vez depois de Stalingrado, por ocasião do Dia em Memória dos Heróis (que naquele ano, sobretudo, ele não poderia evitar), seu discurso gerou mais críticas do que qualquer outro que havia feito desde que se tornara chanceler.

Foi um de seus discursos mais curtos. Talvez o temor de um ataque aéreo tenha feito com que acelerasse sua salmodia enfadonha. O ataque rotineiro ao bolchevismo e aos judeus como a força por trás da "guerra impiedosa" não podia provocar entusiasmo. A decepção era profunda. Renasceram rumores sobre o estado de saúde de Hitler — junto com outros, segundo os quais quem falara era um substituto, enquanto o verdadeiro Führer estava sob prisão domiciliar no Obersalzberg, vítima de um colapso mental depois de Stalingrado. O fato extraordinário é que ele não mencionou diretamente Stalingrado numa cerimônia dedicada à memória dos soldados mortos, num momento em que o trauma não diminuíra. E sua referência de passagem, feita no final do discurso, ao número de 542 mil alemães mortos na guerra foi recebida com incredulidade, pois o consideraram baixo demais.

Hitler, como mais e mais cidadãos comuns reconheciam agora, havia fechado todos os caminhos que pudessem levar a uma paz negociada. As primeiras vitórias eram vistas cada vez mais por um ângulo diferente. Não havia final a vista. Mas, para um número crescente de cidadãos comuns, parecia claro agora que Hitler os conduzira para uma guerra que só poderia terminar em destruição, derrota e desastre. Ainda havia muito pela frente, mas o que se revelou depois de Stalingrado ficaria cada vez mais evidente: para a vasta maioria dos alemães, o caso de amor com Hitler estava acabado. Restava apenas o processo amargo de divórcio.

23. Sitiado

I

"Os ingleses alegam que o povo alemão perdeu a confiança no Führer", declarou Goebbels. Era o início da quinta de suas dez perguntas retóricas, perto do final de seu discurso de duas horas em que proclamava "guerra total", na noite de 18 de fevereiro de 1943. A plateia escolhida a dedo do Sportpalast de Berlim ergueu-se como se fosse um homem só para denunciar tamanho ultraje. O coro gritou: "O Führer comanda, nós obedeceremos!". O tumulto durou o que pareceram horas. Orquestrando com perfeição o ânimo do público até o paroxismo, o maestro da propaganda finalmente interrompeu o alvoroço para perguntar: "A confiança de vocês no Führer é maior, mais leal e mais inabalável do que nunca? A disposição de vocês de segui-lo em todos os seus caminhos e fazer todo o necessário para levar a guerra a um fim triunfante é absoluta e irrestrita?". Catorze mil vozes gritaram histericamente em uníssono a resposta desejada por Goebbels em sua tentativa de sufocar os céticos internos e transmitir ao mundo exterior a inutilidade de uma esperança de colapso interno na Alemanha. Goebbels terminou sua peroração para elevar o moral — interrompida mais de duzentas vezes por palmas, aclamações, gritos de aprovação e aplausos ensurdecedores — com as palavras de Theodor Körner, o poeta patriótico da época da luta da Prússia contra Napoleão: "Agora, povo, ergue-te — e a tempestade irrompe!". O grande salão explodiu. Em meio às aclamações entusiásticas, soaram o hino nacional alemão "Deutschland, Deutschland über alles" e o "Horst-Wessel-Lied" do partido. O espetáculo

terminou com gritos de "o grande líder alemão Adolf Hitler, Sieg Heil, Sieg Heil".

O discurso destinava-se a demonstrar a completa solidariedade do povo com o líder e transmitir a determinação da Alemanha de continuar a luta e mesmo intensificá-la até a conquista da vitória. Apesar da impressão causada pelo show de propaganda de Goebbels, a solidariedade encolhia de forma rápida e a crença da massa da população em Hitler estava seriamente minada. O que Goebbels fez, na verdade, foi solicitar de sua plateia "uma espécie de 'sim' plebiscitário para a autodestruição" numa guerra que a Alemanha não podia mais vencer, nem acabar por meio de uma paz negociada.

A esperança de Goebbels de que o discurso lhe traria a autorização de Hitler para concentrar a direção da "guerra total" em suas mãos esvaiu-se rapidamente. O ministro da Propaganda pressionava havia muito tempo por medidas práticas para radicalizar o esforço de guerra. Mas Hitler, apoiado por Göring, resistira a impor mais dificuldades e sacrifícios materiais à população civil. Não se esquecia do colapso do moral interno durante a Primeira Guerra Mundial, certo de que isso prejudicara o esforço militar e abrira caminho para a revolução. Todavia, durante a crise de Stalingrado, ele finalmente admitiu que fosse feita uma mobilização de toda a mão de obra e dos recursos existentes no país, e algumas medidas iniciais foram tomadas.

Goebbels, no entanto, havia errado seus cálculos. A direção do esforço de "guerra total" ficou longe de suas mãos. Sua ambição de assumir o controle do front interno foi ignorada. Incapaz de julgar de forma racional ou sistemática os inevitáveis conflitos que surgiam com a sobreposição e, às vezes, contradição de esferas de competência, mas cauteloso como sempre para proteger seu poder, Hitler nunca permitiu que Goebbels tivesse a autoridade pela qual ele ansiava no front interno. O esforço de "guerra total" conseguiu com dificuldade alguns sucessos parciais em determinadas áreas. Mas a ausência de uma liderança forte e consistente produziu o que Goebbels lamentava ser "uma completa falta de direção na política interna alemã".

Desse modo, os resultados do discurso de Goebbels, no que se refere à sua ambição de assumir o controle do esforço de "guerra total", foram decepcionantes. Ele logo se deu conta de que continuava a ser apenas um jogador na disputa por tentar garantir o apoio da autoridade indiscutível de Hitler. Ele também perceberia

que, apesar de o ditador manter sua autoridade, sua frequente ausência, a preocupação com assuntos militares e o envolvimento esporádico na administração do Reich significavam que Hitler estava mais do que nunca exposto à influência daqueles em sua presença — "a bagagem inteira de idiotas da corte e agitadores irresponsáveis" — incapazes de conciliar ou superar os interesses em disputa. Portanto, mesmo que estivesse disposto, ele era incapaz de impor linhas claras de autoridade para combater os sinais já avançados de desintegração no governo e na administração.

Para Hitler, os meses posteriores a Stalingrado intensificaram seus traços de caráter arraigados e familiares. A fachada de otimismo muitas vezes absurdo permanecia em larga medida intacta, mesmo diante de seu círculo íntimo. O espetáculo de vontade indômita continuava. Os voos da fantasia assumiram novas dimensões. Mas, de vez em quando, a máscara escorregava em observações que revelavam uma profunda depressão e fatalismo. Era a admissão fugaz do que ele já reconhecera para si mesmo: havia perdido a iniciativa para sempre. Esse reconhecimento provocava invariavelmente novas torrentes de fúria que recaíam sobre qualquer um que pudesse arcar com a culpa — sobretudo, como sempre, seus comandantes militares: eram todos mentirosos, desleais, inimigos do nacional-socialismo, reacionários e carentes de apreciação cultural. Sonhava não ter mais nada a ver com eles. Em último caso, culparia o próprio povo alemão, que consideraria fraco demais para sobreviver e indigno dele na grande luta. À medida que os reveses se repetiam, o Führer sitiado apelava cada vez mais para a busca de vingança e retaliação implacável, tanto contra seus inimigos externos — por trás dos quais ele via, como sempre, a figura demoníaca do judeu — como contra quem ousasse mostrar derrotismo, para não falar de "traição" a ele. Não havia influência pessoal que pudesse moderar sua desumanidade fundamental. O homem que fora idolatrado por milhões não tinha amigos, com exceção (como ele mesmo dizia) de Eva Braun e sua cadela Blondi.

A guerra e os ódios que Hitler investia nela consumiam-no cada vez mais. Afora a guerra e sua mania de construção, pouco se interessava pelo resto. Sob muitos aspectos, era agora uma casca esgotada e vazia de um indivíduo. Mas sua resistência e força de vontade continuavam extraordinárias. E, no regime estranhamente disforme que ele dirigia, seu poder ainda era imenso, irrestrito e

inconteste.

À medida que a guerra que ele desencadeara “voltava para o Reich”, o ditador — cada vez mais envelhecido, arruinado fisicamente e com sinais pronunciados de intensa tensão nervosa — se distanciava mais de seu povo. Era como se não pudesse encará-lo, agora que não havia mais triunfos para contar e ele tinha de assumir a responsabilidade pelos sofrimentos e perdas crescentes. Mesmo antes da calamidade de Stalingrado, no início de novembro de 1942, quando seu trem havia parado por acaso ao lado de um trem militar que voltava do leste com soldados exaustos da batalha e aparência abatida, sua única reação fora pedir a um de seus criados que baixasse as cortinas. Entre 1943 e 1945, enquanto a sorte alemã na guerra despencava, o ex-cabo de uma grande guerra anterior nunca quis conhecer pessoalmente os sentimentos dos soldados comuns.

O número de grandes discursos públicos que fez constitui um indicador claro da distância crescente entre Führer e povo. Em 1940, fez nove desses discursos; em 1941, sete; em 1942, cinco. Em 1943, foram apenas dois (além de um transmitido pelo rádio, em 10 de setembro). O grosso de seu tempo era gasto bem longe dos ministérios da Wilhelmstraße de Berlim — bem longe do povo alemão —, em seu quartel-general de campo, ou em seu refúgio na montanha acima de Berchtesgaden. Ele não passou mais do que uns poucos dias em Berlim durante todo o ano de 1943. No total, passou três meses no Berghof. No resto do tempo, esteve encerrado em seu quartel-general na Prússia Oriental, sem contar algumas visitas curtas à Ucrânia.

Em julho de 1943, Goebbels lamentou o modo como Hitler se afastara das massas. Segundo ele, eram elas que haviam dado a aclamação sobre a qual repousava sua extraordinária autoridade. Ele havia dado a elas a crença e a confiança que haviam sido o ponto focal do apoio ao regime. Mas agora, aos olhos do ministro da Propaganda, a relação estava seriamente ameaçada — e, com ela, a estabilidade do regime. Ele apontava para o grande número e tom crítico das cartas — metade delas anônimas — que chegavam ao seu ministério. E continuava:

> Sobretudo, a questão que é levantada repetidamente nessas cartas é por que o Führer jamais visita as áreas que sofreram ataques aéreos [...], mas especialmente por que o Führer nem mesmo fala ao povo alemão para explicar a situação atual. Considero muitíssimo necessário que o Führer faça isso, apesar do fardo dos eventos no setor militar. Não se pode negligenciar o povo por muito tempo. Em última análise, ele é o

coração de nosso esforço de guerra. Se o povo perder sua força de resistência e crença na liderança alemã, então se criará a mais grave crise de liderança que jamais encaramos.

II

A mudança para a “guerra total”, realizada durante a crise de Stalingrado, proporcionou a demonstração definitiva de que nada parecido com um governo coletivo e um processo decisório racional dentro do Reich era compatível com o mando pessoal de Hitler.

A campanha para mobilizar todas as reservas restantes do front interno — o que veio a ser chamado de “guerra total” — tinha origem na necessidade de preencher a enorme lacuna de pessoal militar deixada pelas altas perdas sofridas pela Wehrmacht durante os primeiros meses da Barbarossa.

No Natal de 1942, Hitler dera ordens para medidas mais radicais a fim de obter pessoal para o front e mão de obra para as indústrias de armamentos. Martin Bormann foi encarregado de coordenar os esforços, em colaboração com o chefe da Chancelaria do Reich, Hans-Heinrich Lammers. Goebbels e Fritz Sauckel (plenipotenciário para a Mobilização de Mão de Obra) foram imediatamente informados. O objetivo era fechar todos os negócios do setor de itens de “luxo”, ou que não fossem necessários para o esforço de guerra, e realocar o pessoal no Exército ou na produção de armas. As mulheres estariam sujeitas ao alistamento para o trabalho. Todos concordavam que não seria possível liberar homens para o serviço no front se as mulheres não os substituíssem em várias modalidades de trabalho. De acordo com o Ministério da Propaganda, o número de mulheres que trabalhavam caíra em cerca de 147 mil desde o início da guerra. E, das 8,6 milhões de mulheres empregadas no fim de 1942, somente 968 mil trabalhavam em armamentos.

Na primavera de 1942, Hitler havia rejeitado de imediato o alistamento das mulheres para trabalhar nas indústrias relacionadas com a guerra. Mas, no início de 1943, a situação da mão de obra piorara a tal ponto que ele foi obrigado a concordar que a convocação das mulheres não podia mais ser evitada. Até o trabalho forçado dos cerca de 6 milhões de trabalhadores estrangeiros e prisioneiros de guerra não conseguia compensar os aproximadamente 11 milhões de homens que haviam sido convocados pela Wehrmacht. Um decreto não publicado do Führer, de 13 de janeiro de 1943, ordenava que as mulheres entre dezessete e cinquenta anos de idade se apresentassem para a mobilização no esforço militar.

Antes mesmo de Hitler assinar o decreto, a disputa pelas esferas de competência havia começado com intensidade. A fim de manter mão firme sobre as medidas de "guerra total" e evitar a dispersão do controle centralizado, Lammers — apoiado pelos principais servidores civis da Chancelaria do Reich, Leo Killy e Friedrich Wilhelm Kritzinger — sugeriu a Hitler que todas as medidas deveriam ser tomadas "sob a autoridade do Führer" e que fosse criado um órgão especial para cuidar delas. A ideia era formar uma espécie de pequeno "gabinete de guerra". Para Lammers, o arranjo mais apropriado seria os chefes dos três principais braços executivos da autoridade do Führer — o Alto-Comando da Wehrmacht, a Chancelaria do Reich e a Chancelaria do Partido — agirem em estreita colaboração, reunindo-se com frequência, mantendo contatos periódicos com Hitler e colocando-se acima dos interesses particulares de cada ministério. Hitler concordou. É evidente que ele não via nesse arranjo nenhuma ameaça possível a sua posição. Ao contrário: as três pessoas envolvidas — Keitel, Lammers e Bormann — eram garantia de que seus interesses seriam defendidos diante de outros súditos superpoderosos. Uma indicação de que era esse, de fato, seu pensamento estava na exclusão de Göring, Goebbels e Speer do órgão de coordenação — logo conhecido como o Comitê dos Três (*Dreierausschuß*).

Desde o início, o comitê só teve poder para emitir ordens que obedeciam às diretrizes gerais estabelecidas por Hitler, sem nenhuma autonomia. Hitler reservava-se, como sempre, a decisão final sobre qualquer coisa importante para ele mesmo. O Comitê dos Três realizou onze reuniões formais entre janeiro e agosto de 1943, mas logo se deparou com grupos de interesses profundamente arraigados, nos ministérios do governo e nos escritórios regionais do partido, empenhados em segurar seu pessoal e suas esferas de competência que poderiam ser ameaçadas por medidas para centralizar e simplificar as linhas cruzadas da administração do regime. Ele teve poucas chances de romper os feudos nos quais se baseava o regime nazista e logo revelou que qualquer esperança de levar ordem ao caos administrativo endêmico do Terceiro Reich era totalmente ilusória.

No entanto, os súditos mais poderosos de Hitler estavam decididos a fazer de tudo para sabotar algo que consideravam adverso às suas posições de poder — e do qual haviam sido excluídos. As primeiras noções de uma contestação ao papel do Comitê dos Três foram sugeridas durante uma recepção na residência de Goebbels,

após seu discurso sobre a "guerra total" de 18 de fevereiro. Nove dias depois, Walther Funk (ministro da Economia), Robert Ley (chefe da Frente do Trabalho) e Albert Speer (o poderoso ministro dos Armamentos) encontraram-se novamente para uma rodada de conhaque e chá no imponente apartamento de Goebbels — sombrio agora que as lâmpadas haviam sido retiradas para obedecer às novas exigências da "guerra total" — e ver o que poderia ser feito. Pouco depois, no início de março, Goebbels viajou de Berlim a Berchtesgaden para tramar com Göring uma maneira de descartar o comitê. Speer já o havia sondado. Em conversas que duraram cinco horas na suntuosa mansão de Göring no Obersalzberg, em parte com Speer presente, o marechal do Reich, vestido com "roupas um tanto barrocas", logo aderiu.

O plano do ministro da Propaganda — sugerido inicialmente por Speer — era dar nova vida ao Conselho Ministerial para a Defesa do Reich (criado sob a presidência de Göring pouco antes do começo da guerra e que logo se tornou inativo) e transformá-lo num órgão efetivo de governo, deixando Hitler livre para se concentrar nos assuntos militares. Goebbels lembrou Göring da ameaça, caso a guerra fosse perdida: "Sobretudo em relação à questão judaica, estamos nela tão profundamente que não há como sair mais. E isso é bom. Um movimento e um povo que não têm como recuar lutam com menos restrições do que aqueles que ainda têm uma chance de recuo". O partido precisava de revitalização. E se Göring pudesse reativar o Conselho Ministerial e colocá-lo nas mãos dos seguidores mais leais de Hitler, argumentou Goebbels, o Führer certamente concordaria. Eles escolheriam o momento para apresentar-lhe a proposta. Sabiam que isso não seria fácil.

O problema, porém, especialmente como Goebbels o via, ia além do Comitê dos Três: era um problema do próprio Hitler. Para resgatar o esforço de guerra, era preciso uma liderança mais forte dentro do Reich. Goebbels continuava totalmente fiel à pessoa que durante anos ele considerara uma figura paterna quase divinizada. Mas via no estilo de liderança do Führer — sua ausência de Berlim, seu afastamento do povo, sua quase total preocupação com assuntos militares e, sobretudo, sua crescente confiança em Bormann para tudo o que dizia respeito aos assuntos internos — uma fraqueza fundamental no governo do Reich.

Em seu diário, ele se queixou de uma "crise de liderança". Achava que os

problemas entre os líderes eram tão graves que o Führer deveria varrê-los com uma vassoura de ferro. Com efeito, o Führer carregava um peso esmagador durante a guerra. Mas isso porque ele não tomava decisões para alterar o pessoal para que não tivesse que se preocupar com questões triviais. Para Goebbels — embora expressasse isso discretamente —, Hitler era fraco demais para fazer tudo: "Quando um assunto é apresentado a ele por diferentes ângulos, o Führer às vezes vacila um pouco em suas decisões. Ele também nem sempre reage corretamente diante das pessoas. Um pouco de ajuda é necessário nisso".

Quando conversara com Speer, Funk e Ley em sua residência apenas uma semana depois de seu discurso sobre a "guerra total", ele havia ido mais longe. De acordo com o relato posterior de Speer, Goebbels dissera naquela ocasião: "Não temos somente uma 'crise de liderança', mas, estritamente falando, uma 'crise de Líder'!". Os outros concordaram. "Estamos sentados aqui em Berlim. Hitler não ouve o que temos a dizer sobre a situação. Não posso influenciá-lo politicamente", queixou-se Goebbels. "Não posso nem mesmo falar com ele sobre as medidas mais urgentes em minha área. Tudo passa por Bormann. Hitler deve ser convencido a vir com mais frequência a Berlim." E acrescentou que Hitler perdera o controle da política interna para Bormann, que dava ao Führer a sensação de que ele ainda mantinha as rédeas firmes em suas mãos. Mais tarde, quando Bormann ganhou o título de "secretário do Führer", em 12 de abril, a impressão de Goebbels, de que o chefe da Chancelaria do Partido estava "administrando" Hitler, ficava ainda mais evidente.

Goebbels e Speer podiam lamentar que o controle de Hitler sobre os assuntos internos enfraquecera. Mas, quando o encontraram no início de março, com a intenção de lhe apresentar a proposta de reativação do Conselho Ministerial sob a direção de Göring para dirigir o front doméstico, foram eles que se revelaram fracos. Em 5 de março, Speer fora até o quartel-general do Führer — temporariamente instalado de novo em Vinnitsa, na Ucrânia — a fim de preparar o caminho para uma visita de Goebbels. O ministro da Propaganda chegou a Vinnitsa três dias depois. De imediato, Speer pediu-lhe cautela. Os bombardeios contínuos e quase sem obstáculos de cidades alemãs haviam deixado Hitler num estado de espírito agressivo contra Göring e as insuficiências da Luftwaffe. Não era um momento propício para tocar no assunto de recolocar o marechal do Reich no

centro da direção dos assuntos internos. Todavia, Goebbels achou que deveriam fazer uma tentativa.

Na primeira reunião, durante o almoço, Hitler, com aparência cansada, mas sentindo-se bem e mais animado do que nos últimos tempos, lançou-se, como de hábito, num ataque virulento aos generais que o enganavam sempre que podiam, segundo ele. Naquela tarde, durante uma reunião de quatro horas apenas com Goebbels, ele continuou na mesma linha. Estava furioso com Göring e toda a direção da Luftwaffe, com exceção do chefe do Estado-Maior Hans Jeschonnek. Como era do seu feitio, achava que a melhor maneira de evitar que as cidades alemãs fossem reduzidas a montes de escombros era responder com "terror de nosso lado". Goebbels, apesar de sua insistência com Speer de levar a proposta adiante, evidentemente concluiu, durante a conversa, que seria infrutífero fazê-lo e anotou: "Em vista do humor geral, considero inoportuno apresentar ao Führer a questão da liderança política de Göring; estamos num momento inadequado. Devemos adiar o assunto para um pouco depois". A esperança de levantar a questão, mesmo de forma oblíqua, quando Goebbels e Speer se sentaram com Hitler diante da lareira até tarde daquela noite, esvaiu-se com a chegada da notícia de um bombardeio pesado sobre Nuremberg. Hitler ficou furioso com Göring e a direção da Luftwaffe. Speer e Goebbels acalmaram-no com dificuldade e adiaram seus planos. Eles jamais seriam revividos.

Goebbels e Speer haviam fracassado diante do primeiro obstáculo. Face a face com Hitler, sentiram-se incapazes de enfrentá-lo. A fúria do Führer contra Göring era suficiente para vetar até a perspectiva de uma discussão racional sobre a reestruturação do governo do Reich.

Em setembro, Goebbels ainda falaria de ter apoio suficiente para barrar a tentativa de Lammers (na visão do ministro da Propaganda) de se arrogar autoridade, com base num decreto do Führer, para examinar disputas entre ministros e decidir se deveriam ser levadas até Hitler. Mas, àquela altura, não havia necessidade de intrigas para entravar o Comitê dos Três. Ele já se havia atrofiado na insignificância.

A experiência fracassada do comitê mostrou de modo conclusivo que, por mais fraca que fossem suas estruturas, todas as formas de governo coletivo estavam condenadas pela necessidade de proteger a arbitrária "vontade do Führer". Mas era

cada vez mais impossível que essa “vontade” fosse exercida em favor do funcionamento de um Estado moderno, muito menos se agisse sob as condições de crise de uma grande guerra. Como sistema de governo, a ditadura de Hitler não tinha futuro.

III

Os assuntos internos estavam longe de ser a principal preocupação de Hitler na primavera de 1943. Na verdade, ele se ocupava quase que exclusivamente do curso da guerra. A tensão deixara suas marcas no Führer. Guderian, de volta às boas graças após uma longa ausência, ficou impressionado, no reencontro que teve com ele, em 20 de fevereiro de 1943, com a mudança em sua aparência física desde que o vira pela última vez, em meados de dezembro de 1941: "No intervalo de catorze meses, ele envelhecera muitíssimo. Sua conduta era menos segura e sua fala era hesitante; sua mão esquerda tremia".

Numa entrevista coletiva concedida no fim de uma reunião realizada em Casablanca, no Marrocos francês, entre 14 e 24 de janeiro de 1943, para discutir a estratégia da guerra com Churchill e os chefes de Estado-Maior associados, o presidente Roosevelt anunciou — para surpresa do primeiro-ministro britânico — que os Aliados imporiam "rendição incondicional" aos seus inimigos. O anúncio combinava perfeitamente com a mentalidade de Valhala de Hitler. Para ele, isso não mudava nada. Apenas confirmava que sua postura inflexível estava certa. Como diria aos líderes do partido no início de fevereiro, sentia-se, por conseguinte, liberado de tentar um acordo de paz negociado. Como ele sempre dissera, a guerra se tornara uma questão clara de vitória ou destruição. Poucos, mesmo entre seus seguidores mais próximos, como admitiu Goebbels, ainda podiam acreditar na primeira alternativa. Mas os acordos estavam descartados. O caminho para a destruição abria-se cada vez mais. Para Hitler, o fechamento das rotas de fuga tinha vantagens claras. O medo da destruição era um forte motivador.

Alguns dos principais generais alemães, em especial Manstein, tentaram persuadi-lo imediatamente após Stalingrado de que ele deveria, se não desistir do comando do Exército, ao menos designar um comandante supremo de sua confiança para a frente oriental. Hitler não queria saber disso. Depois dos conflitos dos meses anteriores, preferia a aquiescência de um Keitel aos contra-argumentos afiados de um Manstein. Isso significava um enfraquecimento ainda maior do potencial militar da Alemanha.

A tentativa de Manstein de retomar Kharkhov e chegar ao Donets em meados de março foi um sucesso necessário. Mais de 50 mil soldados soviéticos pereceram.

Isso sugeriu novamente a Hitler que as reservas de Stálin deveriam estar secando. De imediato, ele quis tomar a ofensiva. Era importante atacar enquanto o Exército Vermelho ainda sentia as consequências do revés em Kharkhov. Era preciso também mandar um sinal à população alemã, angustiada com Stalingrado, assim como aos aliados do Reich, de que qualquer dúvida sobre a vitória final estava completamente equivocada.

Naquele momento, a divisão no planejamento militar entre o Estado-Maior do Exército, responsável direto pela frente oriental, e o setor de operações do Alto-Comando da Wehrmacht (encarregado dos outros teatros de guerra) veio à tona mais uma vez. Os planejadores da Wehrmacht eram a favor de um estratagema defensivo em todas as frentes para permitir a acumulação gradual e mobilização de recursos em toda a Europa para uma grande ofensiva posterior. O Alto-Comando do Exército pensava diferente: queria uma ofensiva limitada, mas mais cedo. Kurt Zeitzler, chefe do Estado-Maior do Exército, planejara uma operação que envolvia o cerco e a destruição de um grande número de divisões soviéticas numa frente de batalha avançada a oeste de Kursk, um importante entroncamento ferroviário, a cerca de 480 quilômetros ao sul de Moscou. Cinco exércitos soviéticos estavam estacionados, desde a campanha de 1942-3, num bolsão do front, com cerca de duzentos quilômetros de largura e 150 de profundidade. Se vitoriosa, a operação enfraqueceria gravemente o potencial ofensivo soviético.

Não havia dúvida sobre qual estratégia atrairia Hitler. Ele apoiou de imediato o plano do Exército para uma investida decisiva numa frente de luta muito mais curta — cerca de 150 quilômetros, em comparação com os 2 mil quilômetros da invasão de 1941. O alcance limitado da operação refletia a redução das ambições alemãs no leste desde junho de 1941. Ainda assim, uma vitória tática seria de grande importância. Com toda probabilidade, eliminaria a perspectiva de outra ofensiva soviética em 1943, liberando as tropas alemãs para serem enviadas ao teatro de operações cada vez mais ameaçador do Mediterrâneo. A ordem para a Operação Cidadela, emitida em 13 de março, previa um ataque em pinça por parte do Grupo de Exército de Manstein, vindo do sul, e do de Kluge, avançando do norte, resultando no cerco das tropas soviéticas no bolsão. Em sua ordem de confirmação de 15 de abril, Hitler declarou: "Este ataque tem importância decisiva. Deve ser um sucesso rápido e conclusivo. Deve nos dar vantagem nessa primavera e verão. [...]

Cada oficial, cada soldado deve ser convencido da importância decisiva deste ataque. A vitória de Kursk deve brilhar como um farol para o mundo". Ela faria isso. Mas de forma muito diferente do que Hitler havia imaginado.

A Cidadela estava marcada para meados de maio. Como nos dois anos anteriores, no entanto, ocorreram atrasos significativos que prejudicaram o sucesso da operação. Tais adiamentos não foram obra direta de Hitler, mas revelavam de novo os sérios problemas na estrutura de comando militar e no processo decisório. Eles se deram em razão de disputas entre os principais generais sobre o momento propício. Em 4 de maio, Hitler encontrou-se com eles em Munique para discutir a operação. Manstein e Kluge queriam iniciá-la o mais breve possível. Era a única chance de impor fortes perdas ao inimigo. De outro modo, argumentavam, era melhor cancelar a operação. Estavam temerosos de perder a vantagem do efeito surpresa e em relação ao acúmulo de forças soviéticas se houvesse algum adiamento. A derrota em Stalingrado e a fraqueza do flanco sul impediam que outros generais quisessem iniciar uma nova ofensiva em grande escala tão rapidamente. O general Walter Model — conhecido como um comandante especialmente duro e capaz, reputação que ajudou a fazer dele um dos preferidos de Hitler, e designado para comandar o ataque do Nono Exército a partir do norte — recomendou um adiamento até que houvesse reforços disponíveis. Ele acatou a convicção de Zeitzler, que também gozava de prestígio junto a Hitler, de que o pesado tanque Tigre, que começava a sair das linhas de produção, e o novo e mais leve Pantera dariam à Alemanha a arma necessária para recuperar a dianteira. Hitler depositava grandes esperanças nos dois tanques e apoiou Model.

Em 4 de maio, postergou a Cidadela para meados de junho. Ela foi então adiada novamente e só foi implementada no início de julho. Mas, mesmo nessa data, havia menos tanques Tigre e Pantera disponíveis do que se imaginara. E os soviéticos, alertados pelo serviço de inteligência britânico e por uma fonte de dentro do Alto-Comando da Wehrmacht, haviam aumentado suas defesas e estavam prontos, à espera.

Enquanto isso, a situação no norte da África dava motivos para as piores apreensões. Alguns dos assessores militares mais próximos de Hitler, entre eles Jodl, estavam silenciosamente resignados à perda completa do norte da África já em dezembro de 1942. O próprio Hitler insinuara, em certo momento, que pensava na

evacuação das tropas alemãs, mas não tomara nenhuma iniciativa. Ele era muito influenciado pelas opiniões do comandante em chefe do sul, marechal de campo Kesselring, um otimista por natureza e, como a maioria dos que ocupavam altos cargos no Terceiro Reich, obrigado a exalar otimismo independente de seus verdadeiros sentimentos e por mais sombria que fosse a situação real. Hitler precisava de otimistas para bajulá-lo — mais uma forma de "trabalhar para o Führer". Na área militar, isso reforçava as chances de graves erros estratégicos.

Em março, animado pelo sucesso de Manstein em Kharkhov, Hitler declarou que a manutenção de Túnis seria decisiva para o resultado da guerra. Tratava-se, portanto, de uma alta prioridade. Com a recusa de contemplar uma retirada, o próximo desastre militar estava a vista. No final do mês, quando Below foi ao sul para ver o front do norte da África e trazer um informe para Hitler, nem mesmo Kesselring foi capaz de esconder o fato de que Túnis não poderia ser mantida. O general de Exército Hans-Jürgen von Arnim, que havia assumido o comando do norte da África no lugar do exausto e desanimado Rommel, era da mesma opinião. O Estado-Maior de Kesselring era ainda mais pessimista: não viam como impedir a travessia dos Aliados de Túnis para a Sicília depois que o norte da África fosse perdido, o que consideravam inevitável. Diante do informe de Below, Hitler disse pouco. O ajudante para a Luftwaffe achou que ele já havia desistido do norte da África e preparava-se interiormente para a defecção de seus parceiros italianos para o inimigo.

No início de abril, ele passara boa parte dos quatro dias que esteve no palácio barroco restaurado de Klessheim, perto de Salzburgo, segurando o moral abatido de Mussolini — meio que instando, meio que intimidando o Duce a manter a luta, ciente do quanto se enfraqueceria com o golpe maciço que viria em breve do norte da África. Exaurido pela tensão da guerra e a depressão, Mussolini pareceu a Hitler um "velho alquebrado", ao descer de seu trem sendo ajudado. O Duce também causou uma impressão apagada no intérprete Paul Schmidt quando pediu desanimadamente um acordo de paz no leste a fim de reforçar as defesas no ocidente, descartando a possibilidade de derrotar a União Soviética. Ao desconsiderar essa ideia de imediato, Hitler lembrou Mussolini da ameaça que a queda de Túnis representaria para o fascismo na Itália. Deixou-o com a impressão "de que não pode haver outra salvação para ele senão alcançar a vitória conosco ou

morrer". Exortou-o a fazer o máximo para usar a Marinha italiana no fornecimento de provisões para as forças que estavam lá. O restante da visita consistiu, em boa medida, de monólogos de Hitler — incluindo longas digressões sobre a história da Prússia — destinados a fortalecer a resistência de Mussolini. Hitler posteriormente ficou satisfeito que isso havia sido conseguido.

As conversas com Mussolini fizeram parte de uma série de reuniões com seus aliados realizadas em abril, quando estava no Berghof. O rei Boris da Bulgária, o marechal Antonescu da Romênia, o almirante Horthy da Hungria, o primeiro-ministro Vidkun Quisling da Noruega, o presidente Tiso da Eslováquia, o *Poglavnik* (Líder) Ante Pavelic da Croácia e o primeiro-ministro Pierre Laval da França de Vichy visitaram o Berghof ou Klessheim até o final do mês. Em cada caso, o objetivo era reforçar a decisão — em parte com lisonjas, em parte com ameaças mal veladas — e manter os pusilânimes e hesitantes amarrados à causa do Eixo.

Hitler fez Antonescu saber que estava cônscio das tentativas de aproximação dos Aliados feitas por ministros romenos. Como de costume, apresentou uma escolha simples entre vitória total ou "completa destruição" numa luta até o fim por "espaço vital" no leste. Parte do argumento implícito de Hitler, buscando evitar que o apoio se esvaísse, era jogar com a cumplicidade na perseguição dos judeus. Sua paranoia sobre a responsabilidade dos judeus pela guerra e todos os seus males levava facilmente à sugestiva ameaça de que não era mais possível recuar, não havia saída e a retaliação em caso de derrota viria a ser terrível. A referência a isso estava implícita em sua desaprovação ao tratamento dispensado aos judeus, que julgava suave demais, e na declaração de que, ao lidar com eles, quanto mais radicais as medidas, melhor.

Em seus encontros com Horthy no castelo de Klessheim, em 16-17 de abril, ele foi mais brusco. Horthy foi censurado por sondagens junto ao inimigo feitas secretamente por proeminentes fontes húngaras, mas detectadas pelo serviço de inteligência alemão. Hitler disse-lhe que "a Alemanha e seus aliados estavam no mesmo barco num mar tempestuoso. Era óbvio que, nessa situação, quem quisesse sair se afogaria imediatamente". Tal como fizera com Antonescu, embora em termos muito mais duros, ele criticou o que considerava uma política demasiado suave em relação aos judeus. Horthy mencionara que, apesar de medidas duras, a criminalidade e o mercado negro ainda floresciam na Hungria. Hitler retrucou que

a culpa era dos judeus. Horthy perguntou o que se esperava que ele fizesse com os judeus. Ele já havia retirado a subsistência econômica deles; ele poderia apenas deixá-los morrer. Nesse ponto, Ribbentrop interveio para dizer que os judeus deveriam ser "aniquilados" ou trancados em campos de concentração. Não havia outra maneira. Hitler regalou Horthy com dados estatísticos destinados a mostrar a força da antiga influência judaica na Alemanha. Comparou a cidade "alemã" de Nuremberg com a cidade vizinha "judia" de Fürth. Sempre que deixados por sua própria conta, disse ele, os judeus produziram somente miséria e desamparo. Eles eram puros parasitas. Apresentou a Polônia como modelo. Lá, as coisas haviam sido "totalmente limpas". Se os judeus não quisessem trabalhar, "então seriam fuzilados. Se não pudessem trabalhar, então teriam de apodrecer". Como fazia com frequência, usou seu símile bacteriológico preferido. "Eles teriam de ser tratados como o bacilo da tuberculose que pode infectar um corpo saudável. Isso não seria cruel se considerássemos que mesmo criaturas inocentes, como lebres e cervos, tinham de ser mortas. Por que deveríamos poupar as bestas que querem nos trazer o bolchevismo?"

A insistência de Hitler em chamar os judeus de germes-bacilos e em responsabilizá-los pela guerra e pela disseminação do bolchevismo não era nada nova, evidentemente. E sua crença arraigada no poder demoníaco que os judeus ainda detinham enquanto eram dizimados não precisa ser enfatizada. Mas essa era a primeira vez que ele usava a "questão judaica" em discussões diplomáticas para pressionar chefes de Estado a fim de introduzir medidas antissemitas mais draconianas. O que provocou isso?

Ele estaria particularmente alerta para a "questão judaica" em abril de 1943. No mês anterior, concordara por fim com a deportação do que restava da comunidade judaica de Berlim. Em abril, recebeu a análise preparada pelo estatístico da SS, Richard Korherr, de quase 1,5 milhão de judeus "evacuados" e "canalizados para" campos poloneses. A partir de meados do mês, ficou cada vez mais frustrado com os relatos da batalha travada no gueto de Varsóvia, onde a Waffen-SS encontrava uma resistência brava e desesperada dos habitantes. Não menos importante, poucos dias antes de seu encontro com Horthy, foram descobertas na floresta de Katyn, perto de Smolensk, covas comuns com os restos de milhares de oficiais poloneses, assassinados em 1940 pela NKVD, a Polícia de Segurança soviética. Hitler

imediatamente deu permissão a Goebbels para fazer o máximo de propaganda em cima da questão. Também o instruiu para pôr a "questão judaica" no primeiro plano da propaganda. Goebbels aproveitou o caso de Katyn como uma excelente oportunidade para fazer exatamente isso.

A diretriz de Hitler para ampliar o tratamento propagandístico da perseguição aos judeus e o uso explícito da "questão judaica" nas reuniões com dignitários estrangeiros indicam motivos práticos. Ele acreditava inquestionavelmente, como sempre fizera, no valor propagandístico do antissemitismo. No início de maio, disse aos *Gauleiter* que o antissemitismo, tal como propagado pelo partido nos primeiros anos, tinha de se tornar mais uma vez a mensagem central. Alimentava esperanças de sua disseminação na Grã-Bretanha. A propaganda antissemita tinha de começar da premissa de que os judeus eram os líderes do bolchevismo e proeminentes na plutocracia ocidental. Os judeus tinham de sair da Europa. Isso precisava ser constantemente repetido no conflito político embutido na guerra. Nos encontros com Antonescu e Horthy, Hitler falou, como sempre, para causar efeito. Como observamos, ele esperava manter seus hesitantes parceiros do Eixo mais perto do Reich por meio da cumplicidade na perseguição dos judeus.

Embora satisfeito com o resultado de suas conversas com Antonescu, ele achava que não causara impacto em Horthy. O almirante húngaro apresentara o que Hitler descreveu — somente de sua perspectiva poderiam ser visto assim — como "contra-argumentos humanitários". Desconsiderados por ele, naturalmente. No resumo de Goebbels, Hitler disse: "Em relação à judiaria, não se pode falar de humanidade. Eles devem ser abatidos".

No início da primavera, Ribbentrop, aproveitando o temor expresso por parceiros do Eixo sobre seu futuro sob dominação alemã, havia apresentado ao Führer ideias vagas de uma federação europeia. Pode-se ver o quanto o ditador não lhe deu ouvidos a partir de suas reações às reuniões de abril com os chefes de Estado e governo — em particular, a discussão insatisfatória com Horthy. Conforme disse aos *Gauleiter* em maio, ele chegou à conclusão de que "o lixo dos pequenos Estados" deveria ser "liquidado assim que possível". A Europa deveria ter uma forma nova, mas isso só poderia acontecer sob a liderança alemã. E continuou: "Vivemos hoje num mundo de destruir e ser destruído". Expressou sua certeza de que "o Reich será um dia senhor de toda a Europa", abrindo caminho para o

domínio do mundo. E aludiu à alternativa: "O Führer pinta um quadro chocante para os *Reichsleiter* e *Gauleiter* das possibilidades para o Reich no caso de uma derrota alemã. Portanto, essa derrota não deve jamais ocupar um lugar em nossos pensamentos. Devemos desde o início considerá-la impossível e decidirmos lutar até o último suspiro".

Em 6 de maio, ao falar com Goebbels em Berlim, para onde fora a fim de comparecer ao funeral do chefe da SA Viktor Lutze (morto num acidente de carro), Hitler aceitou que a situação em Túnis era "quase irremediável". A incapacidade de obter suprimentos para as tropas significava que não havia saída. Goebbels resumiu o modo de pensar do Führer: "Quando se pensa que 150 mil de nossos melhores jovens ainda estão em Túnis, tem-se uma ideia da catástrofe que nos ameaça lá. Será da escala de Stalingrado e certamente produzirá também as críticas mais duras do povo alemão". Mas, quando falou no dia seguinte aos *Reichsleiter* e *Gauleiter*, não mencionou Túnis e não fez referência às últimas notícias de que as tropas dos Aliados haviam penetrado até os arredores da cidade e que o porto já estava em mãos britânicas.

Na verdade, àquela altura, os soldados do Eixo estavam se entregando aos borbotões. Em uma semana, no dia 13 de maio, quase 250 mil se renderam — o maior número capturado até então pelos Aliados, cerca de metade deles alemães, o resto italianos. Apenas cerca de oitocentos conseguiram escapar. O norte da África estava perdido. Para Mussolini, era um sinal de aviso. Mas também para Hitler a derrota era nada menos do que calamitosa. Um passo curto dos Aliados através do estreito da Sicília significaria que a fortaleza da Europa teria uma fissura aberta em seu baixo-ventre.

Enquanto isso, no Atlântico a batalha estava perdida, embora ainda fossem necessários alguns meses para isso se tornar claro. A renúncia, em 30 de janeiro de 1943, do comandante em chefe da Marinha, almirante-mor Raeder — expoente do que Hitler passara a considerar uma estratégia naval superada, baseada numa grande frota de belonaves de superfície —, e sua substituição por Karl Dönitz, protagonista do submarino alemão, haviam assinalado uma importante mudança das prioridades. Em 7 de maio, Hitler disse aos *Gauleiter* que o submarino era a arma para cortar as artérias do inimigo. Mas, na verdade, naquele mesmo mês, 41 submarinos com 1336 homens haviam sido perdidos no Atlântico — as maiores

perdas em um único mês durante a guerra — e o número de naves em operação já havia sido maior em outros momentos do conflito. A decifração dos códigos alemães pela inteligência britânica com o decodificador "Ultra" permitia a leitura dos sinais dos submarinos alemães. Era possível saber com alguma precisão onde eles estavam operando. O uso dos bombardeiros de longo alcance B-24 Liberator, equipados com radar e capazes de cobrir a "lacuna do Atlântico" — o trecho de quase mil quilômetros de largura entre a Groenlândia e os Açores, antes fora do alcance de aeronaves que partissem da Grã-Bretanha e da América —, foi um segundo fator do sucesso dos Aliados contra a ameaça dos submarinos alemães. Os suprimentos cruciais da América do Norte para a Grã-Bretanha, sob grave perigo nos dois anos anteriores, podiam circular agora com segurança cada vez maior. Nada poderia diminuir a crescente desvantagem do Reich diante do poderio material dos Aliados ocidentais.

A maior preocupação de Hitler, depois da queda de Túnis, era com sua mais antiga aliada. Em meados de maio, ouviu um informe sobre a situação na Itália do conde Konstantin Alexander von Neurath, filho do ex-ministro do Exterior e por um tempo homem de ligação do Ministério do Exterior com os Afrika Korps de Rommel, e ficou profundamente desanimado. Na sua visão, os monarquistas e a aristocracia da Itália haviam sabotado o esforço de guerra desde o início, apesar do empenho pessoal do Duce. Ele tinha certeza de que as forças reacionárias associadas ao rei Victor Emmanuel III — cujos poderes como chefe de Estado ainda o tornavam foco de uma possível fonte alternativa de lealdade — triunfariam sobre as forças revolucionárias do fascismo. Era preciso levar em conta um colapso. Era necessário fazer planos para defender o Mediterrâneo sem a Itália. Como isso seria feito, com uma ofensiva iminente no leste e sem tropas de reserva, ele não disse.

Por volta desse período, Hitler pretendera voltar para Vinnitsa. Mas o adiamento da Cidadela, a situação precária no Mediterrâneo e problemas com sua própria saúde fizeram-no decidir subitamente por um retorno ao Obersalzberg, depois de uma curta estadia na Toca do Lobo. Ficou na montanha até o final de junho. Durante suas semanas nos Alpes bávaros, o distrito de Ruhr, coração industrial da Alemanha, continuou a sofrer a devastação vinda do céu. Em maio, houvera ataques espetaculares às grandes represas que forneciam água para a região. Se tivessem sido prolongados, o dano teria sido incalculável. Da forma como

aconteceu, as represas puderam ser reparadas. Depois desses ataques, as cidades importantes de Duisburg, Düsseldorf, Bochum, Dortmund e Wuppertal-Barmen foram devastadas por intensos bombardeios noturnos. A ineficiência da defesa aérea era óbvia. Hitler continuava a destilar sua bile sobre Göring e a Luftwaffe. Mas sua impotência para fazer qualquer coisa a respeito também estava clara. Goebbels ao menos mostrou sua cara, visitando as cidades bombardeadas, falando em um funeral em sua cidade natal de Elberfeld e num grande comício em Dortmund. Hitler permaneceu em seu refúgio alpino. O ministro da Propaganda achava que uma visita do Führer seria psicologicamente importante para a população do Ruhr. Embora Goebbels tivesse ficado bem impressionado com a reação positiva que encontrara em suas visitas encenadas, impressões mais realistas do moral fornecidas por relatórios do SD pintavam um quadro diferente. A raiva diante do fracasso do regime em protegê-los era disseminada. A saudação "Heil Hitler" quase desaparecera. Observações hostis ao regime e à pessoa de Hitler eram comuns.

Perto do fim de junho, Hitler prometeu a Goebbels que faria uma longa visita à área devastada. Ela ocorreria "na próxima semana, ou na semana seguinte". Hitler sabia muito bem que isso estava fora de questão. Já havia marcado o início da Cidadela para a primeira semana de julho. E esperava o desembarque dos Aliados na costa italiana a qualquer momento. No fim das contas, o sofrimento humano da população do Ruhr tinha pouco significado para ele, como deixou claro para Goebbels: "Por mais lamentável que sejam as perdas pessoais, elas infelizmente precisam ser levadas em conta no interesse de um esforço de guerra superior".

Enquanto esteve no Obersalzberg, sua maior preocupação era com a perspectiva de uma invasão iminente dos Aliados no sul e a aproximação da Cidadela no leste.

Ele achava que o desembarque dos Aliados se daria na Sardenha. Em sua opinião, a Sicília estava suficientemente segura e poderia ser mantida. Julgava mais provável que os italianos cedessem pouco a pouco, em acordos com o inimigo, do que capitulassem por completo. Sua confiança em Mussolini finalmente evaporara. Achava que seria diferente se o Duce ainda fosse jovem e estivesse em forma. Mas estava velho e desgastado. Não era possível confiar um milímetro na família real. E — numa última reflexão característica — os judeus não tinham sido liquidados na Itália, enquanto na Alemanha (como Goebbels resumiu) "podemos estar muito

contentes por ter seguido uma política radical. Não haverá judeus nas nossas costas para serem nossos herdeiros ".

À medida que a guerra se voltava implacavelmente contra a Alemanha, o sitiado Führer retomava cada vez mais sua obsessão pela responsabilidade dos judeus na conflagração. Em sua visão de mundo maniqueísta, a luta entre as forças do bem e do mal — a raça ariana e os judeus — estava chegando ao clímax. Não podia haver abrandamento na guerra para acabar com a "judiaria".

Pouco mais de um mês antes, instigado por Goebbels, ele havia falado longamente sobre a "questão judaica". O ministro da Propaganda achou que foi uma das discussões mais interessantes que já tivera com o Führer. Andara relendo *Os protocolos dos sábios do Sião* — a grosseira falsificação russa que pretendia mostrar uma conspiração judaica para dominar o mundo — com intenção de usá-lo na propaganda e levantou o assunto durante o almoço. Hitler tinha certeza da "absoluta autenticidade" dos *Protocolos*. Segundo ele, os judeus não estavam trabalhando conforme um programa fixo, mas, como sempre, seguiam seu "instinto racial". De acordo com as anotações de Goebbels, ele disse que os judeus eram os mesmos em todo o mundo, nos guetos do leste "ou nos palácios bancários da City [de Londres] ou Wall Street", e seguiriam instintivamente os mesmos objetivos e usariam os mesmos métodos sem a necessidade de elaborá-los juntos. Poder-se-ia perguntar, continuou ele (conforme o resumo de Goebbels) por que, afinal, existem judeus. Era o mesmo que perguntar — de novo a analogia familiar com insetos — por que existe o besouro-da-batata. Sua crença mais básica — a vida como luta — propiciava como sempre a resposta. "A natureza é governada pela lei da luta. Haverá sempre formas parasitárias de existência para acelerar a luta e intensificar o processo de seleção entre o forte e o fraco. [...] Na natureza, a vida sempre trabalha imediatamente contra os parasitas; na existência dos povos, esse não é exclusivamente o caso. Disso resulta o perigo judeu. Então, não resta outra coisa aos povos modernos senão exterminar os judeus."

Os judeus utilizariam todos os meios para se defender do "processo gradual de aniquilação". Um dos seus métodos era a guerra. Tratava-se da mesma visão distorcida encarnada na sua "profecia": os judeus desencadeavam a guerra, mas provocavam a própria destruição no processo. A "judiaria mundial", na visão de Hitler, estava à beira de uma derrocada histórica. Isso demoraria. Ele aludia

presumivelmente aos judeus fora do alcance alemão, em especial nos Estados Unidos, quando comentou que seriam necessárias algumas décadas para "arrancá-los de seu poder. Essa é nossa missão histórica, que não pode ser detida, mas somente acelerada, pela guerra. A judiaria mundial pensa que está à beira de uma vitória mundial. Essa vitória mundial não virá. Ao contrário, haverá uma derrocada mundial. Os primeiros povos a reconhecer e combater os judeus é que ascenderão ao domínio do mundo".

Quatro dias depois dessa conversa, no dia 16 de maio, o *SS-Brigadeführer* Jürgen Stroop mandou por telex a notícia: "O bairro judeu de Varsóvia não existe mais! A grande operação terminou às 20h15, quando a sinagoga de Varsóvia foi explodida. [...] O número total de judeus capturados e destruídos, de acordo com os registros, é de 56065". Uma força de cerca de 3 mil homens, a vasta maioria da SS, havia usado um tanque, veículos blindados, metralhadoras pesadas e artilharia para explodir e incendiar os prédios que os judeus defendiam ferozmente, e combater a corajosa resistência montada pelos habitantes do gueto, armados com pouco mais do que pistolas, granadas e coquetéis molotov. A velha disposição de Hitler de associar os judeus a ações subversivas ou guerrilheiras fez com que se interessasse ainda mais em acelerar a sua destruição. Depois que discutiu com ele a questão em 19 de junho, Himmler anotou que "o Führer declarou, depois de meu informe, que a evacuação dos judeus, apesar da agitação que provocaria nos próximos três ou quatro meses, era para ser radicalmente executada e finalizada".

Essas discussões eram sempre reservadas. Hitler ainda não falava do destino dos judeus, exceto da forma mais genérica, mesmo para seu círculo íntimo. Era um tema que todos que conviviam com ele sabiam que deveriam evitar. Criticar o tratamento aos judeus era, evidentemente, impensável. A única vez em que a questão foi levantada de forma inesperada ocorreu durante a visita de dois dias ao Berghof, no fim de junho, de Baldur von Schirach, *Gauleiter* de Viena, e sua esposa Henriette. Filha de seu fotógrafo Heinrich Hoffmann, Henriette conhecia Hitler desde criança e achou que poderia falar abertamente com ele. Porém, seu marido havia caído em certo desfavor, em parte após a desaprovação de Hitler às pinturas modernas exibidas numa exposição montada por Schirach em Viena no início daquele ano. A caminho de Berchtesgaden, Henriette disse a Baldur que queria contar para Hitler o que havia testemunhado em Amsterdam, onde vira um grupo

de mulheres judias brutalmente reunidas e deportadas. Um homem da SS lhe oferecera bens valiosos subtraídos aos judeus a preço de banana. O marido lhe disse para não mencionar o fato. As reações de Hitler eram imprevisíveis. E, de qualquer modo — numa reação típica da época —, ela não poderia mudar nada.

Já no primeiro dia da visita, 23 de junho, Schirach conseguiu provocar uma resposta irada de Hitler ao sugerir que uma política diferente na Ucrânia poderia ter gerado dividendos. Na tarde seguinte, o Führer estava de mau humor durante a visita obrigatória à Casa de Chá. A atmosfera estava gelada. Continuou tensa à noite, quando se reuniram ao redor da lareira no hall do Berghof. Henriette estava sentada ao lado de Hitler e esfregava nervosamente as mãos enquanto falava em voz baixa. De súbito, Hitler deu um salto, marchou para lá e para cá na sala e explodiu: "É tudo o que preciso, você vir até mim com essa tolice sentimental. O que você tem a ver com essas mulheres judias?". Os outros convidados não sabiam para onde olhar. Houve um longo e embaraçoso silêncio. Era possível ouvir a lenha estalando na lareira.

Quando chegou, Goebbels tirou vantagem da cena jogando com a aversão de Hitler a Viena. Hitler atacou o desventurado Schirach elogiando as realizações de Berlim — o domínio de Goebbels, evidentemente — e criticando seu trabalho de *Gauleiter* em Viena. Fora de si de raiva, disse que fora um erro mandar Schirach para Viena e ter trazido os vienenses para o Reich. Schirach ofereceu sua renúncia. "Não cabe a você decidir. Você fica onde está", foi a resposta de Hitler. Já eram então quatro horas da madrugada. Bormann sugeriu aos Schirach que seria melhor partirem. Eles assim fizeram, sem se despedir e em alta desgraça.

Na semana anterior ao incidente com Schirach, Hitler decidira finalmente levar adiante a ofensiva da Operação Cidadela. Seus receios só podem ter aumentado com os informes de Guderian de que o Pantera ainda tinha fragilidades importantes e não estava pronto para a ação na linha de frente. E, no meio do mês, recebeu a recomendação do OKW de que a Cidadela deveria ser cancelada. Estava ficando tão tarde que havia uma chance cada vez maior de que ela se chocasse com a esperada ofensiva dos Aliados no Mediterrâneo. Jodl, que acabara de voltar de licença, concordou que era perigoso e imprudente comprometer tropas no leste em nome, na melhor das hipóteses, de um sucesso limitado quando o perigo principal do momento estava em outro lugar. De novo, entrou em jogo a divisão entre o OKW e

o comando do Exército. Zeitzler fez objeções ao que considerava uma interferência. Guderian suspeitava que a influência de Zeitzler havia sido decisiva em persuadir Hitler a ir em frente. De qualquer modo, o Führer rejeitou o conselho do Comando de Operações da Wehrmacht. O início da ofensiva foi marcado para 3 de julho, depois adiado uma última vez por mais dois dias.

No fim de junho, Hitler retornou à Toca do Lobo para o começo da Cidadela. Em 1o de julho, dirigiu-se aos seus comandantes. A decisão de ir em frente, declarou, era determinada pela necessidade de prevenir uma ofensiva soviética mais adiante no mesmo ano. Um sucesso militar teria também um efeito salutar sobre os parceiros do Eixo e sobre o moral em casa. Quatro dias depois, a última ofensiva alemã no leste foi finalmente lançada. Era o começo de um mês desastroso.

IV

O bombardeio pela artilharia pesada soviética logo antes do início da ofensiva deu uma clara indicação de que o Exército Vermelho fora alertado para o cronograma da Cidadela. Ao menos 2700 tanques soviéticos foram levados para defender Kursk. Eles enfrentaram um número semelhante de tanques alemães. A maior batalha de tanques da história durou mais de uma semana. De início, tanto Model como Manstein fizeram bons avanços, embora com perdas pesadas. Mas Guderian estava certo em suas advertências sobre as deficiências do Pantera. A maioria quebrou. Poucos continuavam em ação depois de uma semana. A investida de Manstein foi mais prejudicada do que ajudada pelo tanque no qual tantas esperanças haviam sido depositadas. Os noventa Tigre Porsche mobilizados por Model também revelaram grandes deficiências no campo de batalha. Não tinham metralhadoras e, assim, estavam mal equipados para o combate a curta distância. Eram incapazes, portanto, de neutralizar o inimigo. Em meados de julho, os soviéticos lançaram sua ofensiva contra o bolsão alemão em torno de Orel, ao norte dos campos de batalha da Cidadela, na retaguarda de Model. Embora Manstein continuasse avançando, a parte norte da tenaz estava agora em perigo.

Em 13 de julho, Hitler convocou Manstein e Kluge, os dois comandantes dos Grupos de Exército, para avaliar a situação. Manstein era a favor da continuidade. Kluge declarou que o exército de Model não podia continuar. Relutante, Hitler acabou por decretar um fim prematuro para a Cidadela. As perdas soviéticas eram maiores, mas a operação havia fracassado em seus objetivos.

Eventos igualmente catastróficos se desenrolavam no Mediterrâneo. Na noite de 9 para 10 de julho, chegaram informações sobre uma armada de navios transportando grandes forças de assalto dos Aliados do norte da África para a Sicília. Hitler esperava um desembarque na Sardenha, não na Sicília. O momento oportuno pegou Hitler desprevenido. As tropas alemãs na Sicília — apenas duas divisões — eram poucas para segurar a costa inteira. A defesa dependia muito das forças italianas. A superioridade aérea dos Aliados logo ficou evidente. E chegaram notícias alarmantes de soldados italianos que jogavam fora suas armas e fugiam. Embora o combate pesado tenha continuado durante todo o mês de julho, em dois dias estava claro que o desembarque fora bem-sucedido. Em 19 de julho, Hitler foi

ao encontro de Mussolini em Feltre, perto de Belluno, no norte da Itália. Seria a última vez que poria o pé em solo italiano.

O objetivo da visita era reforçar o moral vacilante do Duce e evitar que a Itália aceitasse um acordo de paz em separado. Os generais de Hitler acharam que a visita foi um esforço em vão. O próprio Hitler — ainda convencido do poder de sua retórica — provavelmente pensou que havia conseguido mais uma vez despertar o espírito de luta de Mussolini. Em breve seria desenganado. Na noite seguinte ao encontro em Feltre, mostraram-lhe um informe do serviço de inteligência, enviado por Himmler, de que um golpe de estado era planejado para substituir Mussolini pelo marechal Pietro Badoglio.

No decorrer de sábado, 24 de julho, começaram a chegar informes de que o Grande Conselho Fascista havia sido convocado pela primeira vez desde o início da guerra. Suas demoradas deliberações culminaram na decisão surpreendente de pedir ao rei que buscasse uma política mais eficiente para salvar a Itália da destruição. No final da manhã, Vittorio Emanuele III disse a Mussolini que, uma vez que a guerra parecia perdida e o moral do Exército estava à beira do colapso, o marechal Badoglio assumiria o cargo de primeiro-ministro. Quando saiu dos aposentos reais, o estupefato Duce foi enfiado numa ambulância e levado rapidamente para prisão domiciliar na ilha de Ponza, no Mediterrâneo.

Na reunião da noite para a troca de informações militares, no quartel-general do Führer, as notícias sensacionais da Itália já haviam chegado, mas ainda não havia clareza completa. Quase toda a sessão foi tomada pelas implicações dos eventos italianos. Uma vez que a Itália não havia caído fora da guerra, os planos para ocupar o país nessa eventualidade — cujo codinome era "Alarich" — não podiam ser postos em operação. Mas, num estado de espírito muito agitado, Hitler exigiu ação imediata para ocupar Roma e depor o novo regime. Chamou o que havia acontecido de "traição nua" e Badoglio de "nosso inimigo mais sinistro". Ele ainda acreditava em Mussolini, enquanto fosse amparado por armas alemãs. Presumindo que o Duce ainda estivesse livre, queria que o trouxessem imediatamente para a Alemanha. Achava que, desse modo, a situação ainda poderia ser remediada. Declarou, furioso, que mandaria tropas a Roma no dia seguinte para prender a "ralé" — o governo inteiro, o rei, o príncipe herdeiro, Badoglio, "o bando todo". Em dois ou três dias haveria então um novo golpe. Telefonou para Göring —

"extremamente frio nas crises mais sérias", como havia dito várias vezes ao meio-dia, deixando de lado suas falhas na direção da Luftwaffe — e lhe disse para ir o mais rápido possível à Toca do Lobo. Rommel foi localizado em Salônica e convocado a se apresentar sem demora. Hitler pretendia colocá-lo no comando geral na Itália. Queria contato com Himmler. Goebbels também recebeu um telefonema com ordens para seguir imediatamente para a Prússia Oriental. A situação era "extraordinariamente crítica", reconheceu o ministro da Propaganda. Ribbentrop, que ainda não se recuperara de uma infecção no peito, foi chamado de Fuschl, sua residência no Salzkammergut, perto de Salzburg. Logo depois da meia-noite, Hitler reuniu-se pela terceira vez com seus comandantes militares em pouco mais de doze horas, improvisando freneticamente detalhes para a evacuação da Sicília e a planejada ocupação de Roma, bem como para a captura dos membros do novo governo italiano.

Às dez da manhã de 26 de julho, Hitler encontrou-se com Goebbels e Göring, que tinham acabado de chegar no quartel-general do Führer. Ribbentrop uniu-se a eles meia hora depois. Hitler deu a sua interpretação da situação. Presumia que Mussolini fora tirado à força do poder. Não se sabia se ainda estava vivo, mas com certeza não estava livre. Para ele, as forças da maçonaria — proibida por Mussolini, mas ainda ativa na clandestinidade — estavam por trás do golpe. Em última análise, o golpe era contra a Alemanha, pois Badoglio iria certamente chegar a um acordo com os ingleses e americanos para tirar a Itália da guerra. Os ingleses iriam procurar agora o melhor momento para desembarcar na Itália — talvez em Gênova, a fim de isolar as tropas alemãs no sul. Era preciso tomar precauções militares para evitar isso.

Hitler explicou também sua intenção de transferir uma divisão de paraquedistas, então estacionada no sul da França, para Roma, como parte do movimento para ocupar a cidade. O rei, Badoglio e os membros do novo governo seriam presos e levados de avião para a Alemanha. Depois que estivessem em mãos alemãs, as coisas seriam diferentes. Talvez fosse possível fazer de Roberto Farinacci — o chefão fascista radical de Cremona e ex-secretário do partido, que havia escapado da prisão abrigando-se na embaixada alemã e estava agora a caminho do quartel-general do Führer — chefe de um governo-títere, caso não fosse possível resgatar Mussolini. Para Hitler, o Vaticano também estava envolvido no complô para

derrubar o Duce. Na reunião militar realizada logo depois da meia-noite, ele havia falado desvairadamente em ocupar o Vaticano e "expulsar toda a turma de porcos". Goebbels e Ribbentrop dissuadiram-no dessa ação precipitada que, por certo, teria repercussões internacionais danosas. Hitler ainda insistia numa ação rápida para capturar o novo governo italiano. Rommel, que também já havia chegado ao quartel-general, se opôs à reação improvisada, de alto risco, motivada pelo pânico. Era a favor de uma ação cuidadosamente preparada, mas talvez sua execução demorasse uns oito dias. A reunião acabou sem uma saída clara para crise.

A conferência militar do meio-dia foi tomada novamente pela operação de envio de tropas para a Itália a fim de garantir sobretudo o norte do país e pelo plano, feito às pressas, para capturar o governo de Badoglio. O marechal de campo Von Kluge, que viera do Grupo de Exércitos Centro — que tentava desesperadamente segurar a ofensiva soviética no bolsão de Orel, ao norte de Kursk — ficou sabendo, de súbito, das implicações dos eventos na Itália para a frente oriental. Hitler disse que precisava transferir de imediato para a Itália as divisões de elite Waffen-SS, que naquele momento estavam designadas para Manstein, no sul da frente oriental. Isso significava que Kluge teria de ceder parte de suas forças para reforçar o front de Manstein. Kluge declarou energicamente, mas em vão, que isso tornaria impossível a defesa na região de Orel. Mas as posições junto ao Dnieper, cujas tropas começavam a ser preparadas para um recuo a ser efetuado antes do inverno, não estavam prontas. O que lhe pediam, protestou Kluge, era fazer "uma evacuação absolutamente precipitada". "Isso mesmo, Herr marechal de campo: aqui não somos senhores de nossas decisões", retrucou Hitler. Kluge ficou sem escolha.

Nesse meio-tempo, Farinacci chegara. Sua descrição dos acontecimentos e suas críticas a Mussolini não agradaram Hitler. A ideia de usá-lo como testa de ferro de um regime controlado pela Alemanha foi descartada. Hitler falou individualmente com seus principais asseclas e se retirou aos seus aposentos a fim de comer sozinho e descansar depois de 24 horas frenéticas. Ele retornou à noite para uma longa conferência, à qual estavam presentes 35 pessoas. Mas a questão não foi levada adiante. Em poucos dias, ele seria forçado a concordar que a ideia de ocupar Roma e enviar um grupo de assalto para prender os membros do governo de Badoglio e a família real italiana era não só precipitada, como totalmente impraticável. Os planos foram cancelados. A atenção de Hitler concentrou-se então em descobrir

onde estava o Duce e trazê-lo para a Alemanha o mais breve possível.

Com a crise italiana ainda no auge, o mês desastroso de julho terminou em meio aos bombardeios aéreos mais pesados ocorridos até então. Entre 24 e 30 de julho, o Comando de Bombardeiros da RAF, usando tiras de alumínio para cegar os radares alemães, desencadeou a Operação Gomorra — uma série de raides devastadores sobre Hamburgo que superaram em mortes e destruição tudo o que fora experimentado anteriormente na guerra aérea. Ondas de bombas incendiárias provocaram tempestades de fogo horríveis, transformando a cidade num inferno atroz, que consumia tudo e todos que estivessem em seu caminho. Milhares de pessoas sufocaram em seus porões ou foram transformadas em cinzas nas ruas. Estimas-se que 30 mil morreram; 500 mil pessoas perderam suas casas; 24 hospitais, 58 igrejas e 277 escolas ficaram em ruínas; mais de 50% da cidade foi completamente arrasada. Como de costume, Hitler não revelou nenhum remorso diante das perdas humanas. Estava preocupado sobretudo com o impacto psicológico. Quando lhe informaram que cinquenta aviões alemães haviam minado o estuário do Humber, ele explodiu: "Não se pode dizer ao povo alemão nessa situação: isso está minado; cinquenta aviões colocaram minas! Isso não tem nenhum efeito. [...] Só se rompe o terror com o terror! Temos de contra-atacar. Todo o resto é bobagem".

Hitler não soube reconhecer o estado de ânimo de um povo com o qual perdera contato. O que a vasta maioria dos alemães queria era menos a retaliação do que uma defesa adequada contra o terror que vinha do céu e, sobretudo, o fim da guerra que lhes custava suas casas e suas vidas. Mas Hitler continuava mais interessado nos eventos da Itália do que na agonia de Hamburgo.

Embora ainda rejeitasse a evacuação da Sicília, acreditando que o inimigo não poria os pés no território continental italiano, Kesselring havia tomado medidas a fim de preparar o terreno para o que se mostrou uma evacuação brilhantemente planejada na noite de 11 para 12 de agosto. A operação pegou os Aliados de surpresa e possibilitou que 40 mil alemães e 62 mil italianos escapassem com seus equipamentos. Mas, no decorrer de agosto, aumentaram as suspeitas de que os italianos mudariam de lado em breve. E, no final do mês, foram emitidas diretrizes, engavetadas havia meses e reformuladas sob o codinome "Eixo", para ação no caso de uma defecção italiana.

Sob a pressão dos acontecimentos na Itália, Hitler finalmente tomou uma medida que deveria ter tomado havia tempo. Durante meses, incitado por Goebbels, ele manifestara sua insatisfação com o ministro do Interior do Reich, Wilhelm Frick, que desprezava como “velho e desgastado”. Mas não conseguia pensar numa alternativa. Continuava a postergar a decisão até que a derrubada de Mussolini o persuadiu de que chegara o momento de endurecer o controle na frente interna e eliminar qualquer perspectiva de que o moral baixo se transformasse em ação subversiva. O homem em quem ele podia confiar para essa missão estava ao seu alcance.

Em 20 de agosto, designou o *Reichsführer-SS* Heinrich Himmler para o Ministério do Interior. Para Hitler, a nomeação equivalia ao reconhecimento tácito de que sua autoridade na Alemanha repousava agora na repressão policial e não na adulação das massas de que outrora gozara.

Em 3 de setembro, os primeiros soldados britânicos cruzaram o estreito de Messina em direção à Itália e desembarcaram em Reggio di Calabria. No mesmo dia, os italianos assinaram um armistício secreto com os Aliados, que só veio a público cinco dias depois.

Em 8 de setembro, Hitler foi pela segunda vez em quinze dias ao quartel-general do Grupo de Exércitos Sul, em Zaporojye, no baixo Dnieper, ao norte do mar de Azov, para conferenciar com Manstein sobre a situação cada vez mais crítica do flanco sul da frente oriental. Seria a última vez que ele poria os pés em território capturado da União Soviética. Alguns dias antes, após avanços soviéticos expressivos, ele fora forçado a autorizar a retirada da bacia do Donets — tão importante por seus ricos depósitos de carvão — e da cabeça de ponte de Kuban nos estreitos de Kerch, a porta para a Crimeia. Agora, o Exército Vermelho rompia a fina linha que unia os Grupos de Exército de Manstein e Kluge e passava aos borbotões pela brecha. O recuo era a única medida possível.

Ao retornar para a Toca do Lobo, Hitler encontrou uma atmosfera tensa. O que ele previra havia muito tempo se tornava realidade. Os jornais ingleses e americanos da manhã de 8 de setembro traziam reportagens sobre a iminente capitulação do Exército italiano. Às seis da tarde, as notícias foram confirmadas pela BBC de Londres. Uma vez mais, os líderes nazistas foram convocados ao quartel-general do Führer para uma reunião sobre a crise, no dia seguinte. No meio-tempo

fora dada a ordem para pôr a Operação Eixo em movimento. “O Führer está decidido a fazer *tabula rasa* na Itália”, escreveu Goebbels.

O anúncio prematuro da BBC deu ao staff operacional do OKW uma vantagem inicial. Dezesseis divisões alemãs haviam sido transferidas para o território italiano. As unidades da SS, retiradas do front oriental no fim de julho e início de agosto, bem como tropas recuadas da Sicília, da Córsega e da Sardenha, estavam em posição para assumir o controle do centro da Itália. Em 10 de setembro, Roma já estava em mãos alemãs. As tropas italianas foram desarmadas. Pequenos focos de resistência foram liquidados; uma divisão que resistiu até 22 de setembro acabou com 6 mil mortos. Mais de 650 mil soldados tornaram-se prisioneiros alemães. Apenas uma parte da pequena Marinha e uma Força Aérea ineficaz escaparam e se entregaram aos Aliados. Em poucos dias, a Itália foi ocupada por sua ex-aliada do Eixo.

Horas após a capitulação italiana, os Aliados desembarcaram no golfo de Salerno, a pouco menos de cinquenta quilômetros a sudeste de Nápoles. A resistência alemã obstinada que encontraram durante uma semana, até a chegada de reforços possibilitar que saíssem de sua ameaçada cabeça de ponte — estabelecendo conexão com o Oitavo Exército de Montgomery, que avançava de Reggio di Calabria para o norte, e entrando em Nápoles em 1o de outubro —, era um indício do que aguardava os Aliados nos meses seguintes, quando a Wehrmacht obrigou-os a lutar quilômetro a quilômetro em sua progressão para o norte.

Porém, estava claro para a liderança alemã que, na nova situação, seria ainda mais difícil para suas Forças Armadas enfrentar as pressões crescentes em ambas as frentes de combate, no leste e no sul. Goebbels viu a necessidade iminente de buscar a paz com a União Soviética ou com os Aliados ocidentais, e sugeriu que estava na hora de sondar Stálin. Ribbentrop era da mesma opinião. Ele sondou o terreno para sentir a disposição do ditador soviético, mas Hitler descartou a ideia. Se fosse preciso, disse, preferiria buscar um acordo com a Inglaterra — possivelmente aberta para isso. Mas, como sempre, não considerava negociar a partir de uma posição de fraqueza. Na ausência do sucesso militar decisivo de que precisava, e que estava cada vez mais distante, qualquer esperança de persuadi-lo a levar em conta algo que não fosse a continuação impiedosa da luta era ilusória.

Por fim, Goebbels, apoiado por Göring, conseguiu que Hitler falasse para o povo alemão. Ele relutou até o último minuto antes de gravar a mensagem, em 10 de

setembro. Queria adiá-la, para ver como as coisas aconteceriam. Goebbels examinou o texto com ele, frase por frase. Por fim, conseguiu pôr o Führer diante do microfone. O discurso — restrito ao elogio generoso de Mussolini, à condenação de Badoglio e seus apoiadores, à alegação de que a "traição" fora prevista, às medidas tomadas e a um apelo para que mantivessem a confiança e sustentassem a luta — não tinha nada de substancial a oferecer, além de insinuar uma futura retaliação com o bombardeio das cidades alemãs. Mas Goebbels ficou satisfeito. Os informes sugeriam que o discurso caíra bem e ajudara a levantar o moral.

No que dizia respeito à situação na Itália, Hitler já se resignara a perder o domínio sobre o sul do país. Sua intenção era recuar para os Apeninos, numa linha de defesa que o staff operacional do OKH preferia havia tempos. Porém, ele estava apreensivo com a possibilidade de os Aliados avançarem da Itália para os Bálcãs. No outono, essa preocupação o persuadiria a mudar de ideia e defender a Itália muito mais ao sul. A consequência seria deter na península forças desesperadamente necessárias em outros lugares.

Os sucessos rápidos da Wehrmacht na tomada da Itália proporcionaram algum alívio. Hitler animou-se quando recebeu a notícia, em 12 de setembro, de que Mussolini, cuja localização fora recentemente descoberta, havia sido libertado de um hotel de esqui na montanha mais alta dos Abruzzi por meio de uma operação ousada de paraquedistas e homens da SS, realizada com um planador e comandada pelo *SS-Hauptsturmführer* austríaco Otto Skorzeny. A euforia não durou muito. Hitler recebeu o ex-Duce de forma calorosa quando ele, não mais o ditador ataviado, mas abatido e vestido sobriamente com um terno escuro e sobretudo preto, foi levado a Rastenburg em 14 de setembro. Mas Mussolini, despojado dos adornos do poder, era um homem destruído. As conversas em privado que tiveram deixaram Hitler "extraordinariamente desapontado". Três dias depois, Mussolini foi enviado a Munique para começar a formar seu novo regime. No fim de setembro, já havia reconstituído sua Repubblica di Salò fascista no norte da Itália, um Estado policial repressivo e brutal dirigido com uma combinação de crueldade, corrupção e banditismo, mas funcionando inequivocamente sob os auspícios dos senhores alemães. O outrora bombástico ditador da Itália não passava agora de um obediente fantoche de Hitler com algum tempo de sobrevida.

À medida que o outono avançava, a situação na frente oriental piorava. O

deslocamento de tropas para a Itália diminuíra as chances de deter a ofensiva soviética. E o preço de não ter erguido a “muralha oriental” de fortificações ao longo do Dnieper durante os dois anos em que estivera em mãos alemãs revelou-se caro. A velocidade do avanço soviético não deu oportunidade de construir uma linha de defesa sólida. No fim de setembro, o Exército Vermelho já havia cruzado o Dnieper e estabelecido importantes cabeças de ponte na margem ocidental do grande rio. A cabeça de ponte alemã em Zaporojye foi perdida no começo de outubro. Àquela altura, a Wehrmacht já fora empurrada para trás cerca de 240 quilômetros ao longo da frente sul. Tropas alemãs e romenas também ficaram isoladas na Crimeia, pois Hitler recusou-se a evacuá-la, temendo a possibilidade de ataques aéreos aos campos de petróleo romenos e a mensagem que isso daria à Turquia e à Bulgária. No final do mês, o Exército Vermelho já avançara tanto sobre a grande curva do Dnieper no sul que qualquer ideia alemã de segurar sua pretendida linha defensiva era pura fantasia. Ao norte, a maior cidade soviética em mãos alemãs, Kiev, foi recapturada em 5-6 de novembro. Manstein queria fazer uma tentativa de retomá-la. Para Hitler, o baixo Dnieper e a Crimeia eram mais importantes. O controle do baixo Dnieper era a chave para a proteção das minas de manganês de Nikopol, vitais para a siderurgia alemã. E, se o Exército Vermelho viesse a controlar a Crimeia, os campos de petróleo romenos seriam novamente ameaçados pelo ar. Mas, independente da sede de Hitler por novos sucessos militares, a realidade era que, no fim de 1943, os celeiros sem limite da Ucrânia e o coração industrial do norte do Cáucaso, considerados por ele, em tantas ocasiões, vitais para o esforço de guerra (bem como fonte da futura prosperidade alemã na “Nova Ordem”), estavam irremediavelmente perdidos.

V

Não estava perdida, porém, a guerra contra os judeus. No outono de 1943, terminou a "Aktion Reinhard": o 1,5 milhão de judeus da região haviam sido mortos nas câmaras de gás dos campos de extermínio de Belzec, Sobibor e Treblinka, no leste da Polônia. A liderança da SS pressionava agora para que a solução final fosse levada para todos os cantos restantes do *imperium* nazista — mesmo onde as deportações teriam provavelmente repercussões diplomáticas. Entre esses lugares estavam a Dinamarca e a Itália.

Em setembro, Hitler cedeu ao pedido de Werner Best, o plenipotenciário do Reich na Dinamarca, para deportar os judeus dinamarqueses, desconsiderando a preocupação de Ribbentrop com uma possível greve geral e outras desobediências civis. Embora essas reações não tenham se concretizado, o cerco aos judeus dinamarqueses foi um fracasso retumbante. Várias centenas — menos de 10% da população judaica — foram capturadas e deportadas para Theresienstadt. A maioria escapou. Incontáveis cidadãos dinamarqueses ajudaram a imensa maioria de seus compatriotas judeus — no total, 7900 pessoas, incluindo umas poucas centenas de cônjuges não judeus — a fugir em segurança para a neutra Suécia, na mais notável ação de resgate da guerra.

Em outubro, Hitler aceitou a recomendação de Ribbentrop (instigada pelo Gabinete de Segurança do Reich) de enviar 8 mil judeus de Roma "como reféns" para o campo de concentração austríaco em Mauthausen. De novo, a "ação" de prender os judeus falhou. A maioria da comunidade judaica conseguiu evitar a captura. Alguns foram escondidos por cidadãos não judeus. Milhares encontraram abrigo nos conventos e mosteiros de Roma ou no próprio Vaticano. Em troca, o papado estava disposto a manter silêncio público sobre a atrocidade. Apesar da diretriz de Hitler, seguindo conselho de seu ministro do Exterior, os judeus capturados não foram, na verdade, levados para Mauthausen. Dos 1259 que caíram nas mãos dos alemães, a maioria foi levada direto para Auschwitz.

A concordância de Hitler com a exigência da SS de acelerar e levar a cabo a solução final era inquestionavelmente impulsionada por seu desejo de completar a destruição daqueles que considerava responsáveis pela guerra. Ele queria, agora como antes, ver o cumprimento da "profecia" que fizera em 1939 e repetira várias

vezes. Porém, mais ainda do que na primavera, quando estimulara Goebbels a aumentar o volume da propaganda antissemita, havia a necessidade, com as costas na parede, de manter unidos seus seguidores mais próximos numa "comunidade de destino", ligados por seu conhecimento do extermínio dos judeus e das implicações disso.

Em 4 de outubro, o *Reichsführer-SS* Heinrich Himmler falou aberta e francamente sobre a matança dos judeus aos líderes da SS reunidos na prefeitura de Posen, capital do Warthegau. Ele disse que se referia "ao programa de evacuação dos judeus, à exterminação do povo judeu". Tratava-se, continuou, de "uma página gloriosa de nossa história, uma página que jamais foi escrita e jamais poderá ser escrita. Pois sabemos como seria difícil para nós se, além dos bombardeios aéreos, das dificuldades das privações da guerra, tivéssemos ainda judeus em cada cidade, como sabotadores secretos, agitadores e criadores de confusão. Teríamos provavelmente chegado ao estágio de 1917-8, quando os judeus ainda faziam parte do corpo do povo alemão". A mentalidade era idêntica à de Hitler. "Nós tínhamos o direito moral, nós tínhamos o dever para com nosso povo", concluiu Himmler, "de destruir esse povo que queria nos destruir. [...] Nós não queremos no fim, porque exterminamos um bacilo, ficar doentes por causa do bacilo e morrer." O vocabulário também lembrava o de Hitler. Himmler não se referiu ao Führer. Não havia necessidade disso. O ponto central para o *Reichsführer-SS* não era atribuir responsabilidade a uma única pessoa, mas enfatizar a responsabilidade conjunta, de que todos estavam naquilo juntos.

Dois dias depois, no mesmo Salão Dourado de Posen, Himmler dirigiu-se aos *Reichsleiter* e *Gauleiter* do partido. O tema era o mesmo. Ele traçou, segundo Goebbels, um "quadro simples e franco" do tratamento aos judeus. E declarou:

> Nós enfrentamos a questão: o que deveríamos fazer com as mulheres e crianças? Decidi aqui também encontrar uma solução completamente clara. Não me considero satisfeito em exterminar os homens — ou seja, matá-los ou deixá-los morrer — e permitir que os vingadores, na forma das crianças, cresçam para nossos filhos e netos. É preciso tomar a difícil decisão de fazer esse povo desaparecer da terra.

Himmler parecia indicar que a extensão da matança a mulheres e crianças havia sido de sua iniciativa. Porém, disse imediatamente que ele e a SS receberam uma "incumbência" — "a mais difícil que tivemos até agora". Os *Gauleiter*, entre eles

Goebbels, que havia falado tantas vezes diretamente com Hitler sobre o tema, não teriam dificuldades em presumir qual a autoridade que estava por trás da "incumbência". Mais uma vez, o objetivo das revelações notavelmente francas sobre o tema tabu era claro. Himmler fez uma lista daqueles que não compareceram ao seu discurso ou anotaram seu conteúdo.

Os discursos de Himmler para garantir que seus subordinados e a liderança do partido estivessem plenamente a par do extermínio dos judeus foram feitos — não pode haver dúvida quanto a isso — com a aprovação de Hitler. No dia seguinte, depois de ouvir Himmler, os *Gauleiter* receberam ordens para comparecer à Toca do Lobo e ouvir o próprio Hitler fazer um relato sobre o estado da guerra. Por princípio, estava descartado que o Führer falasse explicitamente sobre a solução final. Mas ele podia agora dar por certo que eles compreendiam que não havia como cair fora. O conhecimento deles enfatizava sua cumplicidade. "Todo o povo alemão sabe que é uma questão de eles existiram ou não existirem", dissera aos *Reichsleiter* e *Gauleiter*. "As pontes foram destruídas atrás deles. Resta somente o caminho para frente."

Em 8 de novembro, aniversário do putsch, ao falar (sem saber, pela última vez) para a "velha guarda" do partido na Löwenbräukeller de Munique, estava desafiante como sempre. Não haveria capitulação, nenhuma repetição de 1918, declarou mais uma vez — o pesadelo daquele ano indelevelmente gravado em sua psique — e nenhum solapamento da frente de batalha pela subversão interna. Que ficasse claro: qualquer comentário subversivo ou derrotista entreouvido custaria a cabeça de quem o fizesse.

Naquele momento, embora não deixasse transparecer em seu discurso, Hitler estava apreensivo com uma nova ameaça militar, a qual, se não fosse rechaçada, resultaria na destruição da Alemanha: uma invasão no oeste no ano seguinte, que ele dava por certa. Dizia o preâmbulo da diretriz no 51 de 3 de novembro:

> O perigo no leste continua, mas um perigo maior nos espreita no oeste: o desembarque anglo-saxão! [...] Se o inimigo conseguir romper aqui nossas defesas numa frente ampla, as consequências em pouco tempo serão imprevisíveis. Tudo sugere que o inimigo, o mais tardar na primavera, mas talvez até antes, atacará o front ocidental da Europa.

Em 20 de dezembro, ele disse a seus assessores militares ter certeza de que a

invasão ocorreria em algum momento entre meados de fevereiro e início de março. Os meses seguintes seriam gastos nos preparativos para o grande assalto que estava por vir no ocidente. Isso, observou Hitler, iria “decidir a guerra”.

24. À espera de milagres

I

"O ano de 1944 fará exigências duras e severas a todos os alemães. O curso da guerra, em toda a sua enormidade, atingirá seu ponto crítico durante este ano. Estamos plenamente confiantes em que o superaremos com sucesso." Isso, e a perspectiva de novas cidades erguendo-se resplandecentes das ruínas dos bombardeios depois da guerra, era tudo o que Hitler tinha a oferecer em 1944, na sua proclamação de Ano-Novo. Poucos deles eram capazes de compartilhar essa confiança. Para os soldados a postos no front de batalha, sua mensagem não foi diferente. A crise militar de 1943, segundo ele, fora causada por sabotagem e traição dos franceses no norte da África e dos italianos após a derrubada de Mussolini. Mas a maior crise da história alemã havia sido dominada com triunfo. Por mais dura que tivesse sido a luta no leste, "o bolchevismo não alcançou seu objetivo". Ele lançava um olhar aos Aliados ocidentais e ao futuro: "O mundo plutocrático ocidental pode empreender sua tentativa de desembarcar onde quiser: não conseguirá!".

Desde que a Alemanha fora forçada a assumir a defensiva, experimentando apenas reveses, Hitler não havia mudado de tom. Sua postura tornara-se imobilizada, fossilizada. Em sua opinião, os desastres militares haviam sido consequência de traição, incompetência, desobediência de ordens e, sobretudo, fraqueza. Ele não admitia um único erro ou má avaliação de sua parte. Nenhuma capitulação; nenhuma rendição; nenhum recuo; nenhuma repetição de 1918; manter as posições a qualquer custo, independente das probabilidades: era essa a

mensagem imutável. Junto com ela estava a crença — inabalável (exceto, talvez, em seus pensamentos mais íntimos e ataques de depressão durante noites insones), mas um item de fé cega, sem base racional — de que a energia para manter a posição acabaria por levar a uma virada da sorte e à vitória final da Alemanha. Em público, ele expressava esse otimismo infundado por meio de referências à graça da Providência. Como disse aos soldados em 1o de janeiro de 1944, depois de superar o período defensivo e retornar ao ataque para impor golpes devastadores ao inimigo, "a Providência concederá a vitória ao povo que mais fez por merecê-la". Sua crença instintiva na recompensa ao mais forte continuava intacta. "Se, portanto, a Providência concede a vida como prêmio àqueles que lutaram e defenderam da forma mais corajosa, então nosso povo encontrará misericórdia do árbitro justo que, em todos os tempos, deu a vitória aos que mais merecem."

Por mais vazios que esses sentimentos soassem aos homens nas várias frentes de batalha — os quais sofriam dificuldades indizíveis, suportavam perigos constantes e muitas vezes percebiam que jamais voltariam a ver seus entes queridos —, eles estavam, para o próprio Hitler, longe de ser mera propaganda cínica. Ele tinha de acreditar nessas ideias — e acreditava, com certeza até o verão de 1944, se não mais. As referências, em público e privado, à "Providência" e ao "Destino" aumentavam à medida que seu controle sobre o curso da guerra declinava. As opiniões sobre a guerra que ele expressava aos generais, aos outros líderes nazistas e ao seu círculo próximo não davam sinal de hesitação, ou de que ele estivesse resignado à perspectiva da derrota. Se era encenação, tratava-se então de uma representação brilhante, que continuava idêntica em qualquer contexto ou pessoas envolvidas. "É impressionante a certeza com que o Führer acredita em sua missão", anotou Goebbels em seu diário no início de junho de 1944. Outras pessoas que o viam com frequência bem de perto, menos impressionáveis do que Goebbels, achavam a mesma coisa. Sem a convicção interior, Hitler não teria sido capaz de influenciar, como fizera tantas vezes, os que estavam a sua volta a encontrar uma nova resolução. Sem isso, ele não teria se envolvido tão fanaticamente em conflitos ferozes com seus dirigentes militares. Sem isso, ele teria sido incapaz de sustentar em si mesmo a determinação de continuar, apesar das dificuldades cada vez mais esmagadoras.

O espantoso otimismo não cedeu, apesar das crises e calamidades da primeira

metade de 1944. Mas o autoengano era colossal. Hitler vivia cada vez mais num mundo de ilusão, agarrando-se desesperadamente a qualquer coisa que encontrasse. Achava que a invasão, quando viesse, seria rechaçada. Depositava também enormes esperanças no efeito devastador das "armas maravilhosas". Quando elas frustravam as expectativas, continuava convencido de que a aliança contra ele era frágil e logo se desfaria, como ocorrera na Guerra dos Sete Anos, dois séculos antes, após a defesa indômita de um de seus heróis, Frederico o Grande. Até mesmo no final de um ano catastrófico para a Alemanha, ele não desistiria da esperança de que isso acontecesse. Ainda estaria à espera de milagres.

Hitler não tinha, no entanto, nenhuma saída racional para a inevitável catástrofe a oferecer àqueles que lhe haviam sido pródigos em adulações, em tempos melhores. Albert Speer, em esboço feito logo após a guerra, viu o "gênio" inicial de Hitler para encontrar meios "elegantes" de sair das crises desgastado pelo excesso de trabalho imposto pelas exigências da guerra, o que minava a intuição, que demandaria um estilo de vida com mais tempo ocioso, tal como requereria um temperamento artístico. A mudança no padrão de atividades — que o transformou, contra seu temperamento natural, num viciado em trabalho, preocupado com os detalhes, incapaz de relaxar, cercado pelas mesmas e monótonas pessoas — trouxera consigo uma enorme tensão mental, junto com uma crescente inflexibilidade e obstinação nas decisões, o que acabou por fechar todos os caminhos, exceto o que levava ao desastre.

O fato é que a existência de Hitler fora consumida pela execução da guerra. Os tempos de ócio dos anos anteriores ao conflito tinham acabado. A impaciência com os detalhes, a distância das questões cotidianas, a preocupação com projetos arquitetônicos grandiosos, o generoso tempo para o relaxamento, ouvir música, ver filmes, entregar-se à indolência, que era uma característica sua desde a juventude — tudo isso deu lugar a um cronograma de trabalho exaustivo em que ruminava detalhes de tática militar, sem espaço para nada que não estivesse ligado à condução da guerra, numa rotina imutável dia após dia. Noites de pouco sono; levantar-se tarde da manhã; longas conferências ao meio-dia e início da noite; uma dieta rigorosa, espartana, e refeições feitas com frequência sozinho em seu quarto; nenhum exercício além de uma curta caminhada diária com a cadela Blondi; os mesmos ambientes, o mesmo séquito; monólogos de fim de noite para tentar

relaxar (às custas de seu entediado *entourage*) com lembranças de sua juventude, da Primeira Guerra Mundial e dos "bons e velhos tempos" da ascensão do Partido Nazista ao poder; depois, finalmente, outra tentativa de dormir: uma rotina como essa — da qual só fugia um pouco quando estava no Berghof — só poderia ser danosa à saúde no longo prazo e dificilmente levaria a uma reflexão racional, calma e meditada.

Todos que o encontravam mencionavam como ele havia envelhecido durante a guerra. Outrora, aqueles que o cercavam viam-no com aparência vigorosa. Agora, seus cabelos agrisalhavam rapidamente, seus olhos estavam injetados, caminhava encurvado, tinha dificuldade para controlar um tremor no braço esquerdo; parecia velho para um homem entre cinquenta e sessenta anos. Sua saúde começara a sofrer notavelmente a partir de 1941. A quantidade crescente de comprimidos e injeções administrados todos os dias pelo dr. Morell — noventa variedades no total durante a guerra e 28 diferentes comprimidos diários — não conseguia deter a deterioração física.

Em 1944, Hitler já era um homem doente e, em alguns momentos do ano, extremamente enfermo. Cardiogramas — os primeiros feitos em 1941 — revelaram uma doença cardíaca que se agravava. E, desde 1942, além dos problemas crônicos de estômago e intestinos, ele apresentava sintomas, agravados em 1944, que apontam, com alguma certeza médica, para o início do mal de Parkinson. Sobretudo, um tremor incontrolável do braço esquerdo, uma puxada na perna esquerda e um andar arrastado eram evidentes para quem o via de perto. Embora as tensões da última fase da guerra cobrassem seu preço, não há prova convincente de que sua capacidade mental estivesse prejudicada. As fúrias e mudanças bruscas de humor eram características inatas de seu caráter, e sua frequência, na fase final da guerra, era reflexo do estresse causado pela rápida deterioração das condições militares e sua incapacidade de mudá-las. Isso provocava, como de costume, críticas violentas aos seus generais e a qualquer outra pessoa em quem ele pudesse pôr a culpa que, na verdade, começara em sua própria casa.

Ao abordar a perda de "gênio" devido às pressões do excesso de trabalho, inadequado ao suposto talento de Hitler para a improvisação, Speer dava uma explicação ingênua e enganadora para o destino da Alemanha, personalizando-o, em última análise, na figura "demoníaca" de Hitler. A adoção desse estilo de

trabalho danoso e excessivamente pesado não ocorreu por acaso. Era resultado direto de um método extremado de mando personalizado que, no início da guerra, já começara a erodir seriamente as estruturas de governo e comando militar mais formais e regulares, essenciais nos Estados modernos. As rédeas do poder estavam totalmente nas mãos de Hitler. Ele ainda era apoiado por importantes bases de poder. Não existia ninguém que pudesse contorná-lo — por maior que fossem as apreensões dos militares, industriais e figuras do alto escalão da burocracia estatal em relação ao caminho ladeira abaixo para o qual ele os conduzia. Todas as medidas vitais, tanto militares quanto referentes aos assuntos internos, precisavam de sua autorização. Não havia órgãos superiores de coordenação — nenhum gabinete de guerra, nenhum Politburo. Mas Hitler, inteiramente forçado a se colocar na defensiva na condução da guerra, estava agora quase paralisado em seu pensamento, e com frequência em sua ação. Em assuntos que diziam respeito ao "front interno", embora se recusasse a ceder um milímetro de sua autoridade, era incapaz, como Goebbels lamentava interminavelmente, de fazer mais do que intervenções esporádicas ou inação prevaricadora.

Indivíduos muito mais bem-dotados do que Hitler teriam se sentido sobrecarregados e incapazes de dar conta da escala e da natureza dos problemas administrativos envolvidos na condução de uma guerra mundial. Os triunfos de Hitler na política externa, nos anos 1930, depois como líder da guerra, até 1941, não se deviam ao seu "gênio artístico" (como dizia Speer), mas principalmente à sua habilidade infalível de explorar as fraquezas e divisões de seus oponentes e à oportunidade das ações levadas a cabo com extrema rapidez. Não foi o "gênio artístico", mas o instinto do jogador que aposta alto com uma boa mão contra adversários fracos que serviu bem a Hitler nos primeiros tempos. Esses instintos agressivos funcionaram bem enquanto a vantagem podia ser mantida. Mas, depois que a aposta falhou e ele teve de enfrentar um longo jogo com mão fraca e chances cada vez menores, os instintos perderam sua eficácia. Então fundiram-se fatalmente suas características individuais, em condições de crescente desastre, com as fraquezas estruturais da ditadura. Sua falta de confiança naqueles que o rodeavam, especialmente em seus generais, era um lado da moeda. O outro era sua egomania sem limites, que se expressava colericamente — mais pronunciada ainda quando os desastres começaram a se acumular — na crença de que ninguém era competente

ou confiável e que somente ele poderia garantir a vitória. Sua assunção do comando operacional do Exército na crise do inverno de 1941 foi a manifestação mais óbvia dessa síndrome desastrosa.

A explicação de Speer é ainda mais deficiente ao ignorar o fato de que a situação catastrófica da Alemanha em 1944 era consequência direta das medidas que Hitler — maciçamente apoiado pelas forças mais poderosas do país e aclamado pelas massas — havia tomado nos anos em que seu "gênio" (na percepção de Speer) havia sido menos constrangido. Não foram as mudanças em seu estilo de trabalho, mas o resultado direto de uma guerra que ele — e grande parte da direção militar — desejara que fez com que ele não pudesse achar uma solução "elegante" para a camisa de força imposta progressivamente pela poderosa coalizão cuja existência se devia à agressão alemã. Portanto, ele ficara sem escolha, exceto encarar a realidade de que a guerra estava perdida ou se agarrar a ilusões.

Cada vez menos alemães compartilhavam do fatalismo de Hitler em relação ao resultado da guerra. A retórica do ditador, tão poderosa nos períodos "ensolarados", perdera a capacidade de influenciar as massas. Ou elas acreditavam no que ele dizia, ou em seus próprios olhos e ouvidos, vendo as cidades devastadas, lendo as longas listas de soldados tombados nas colunas necrológicas dos jornais, escutando as notícias sombrias pelo rádio (por mais disfarçadas que fossem) sobre novos avanços soviéticos, sem vislumbrar sinais de mudanças de rumo na guerra. Hitler percebia que havia perdido a confiança de seu povo. O grande orador não tinha mais sua plateia. Sem triunfos para proclamar, não queria mais falar ao povo alemão. Os laços entre o Führer e o povo haviam sido uma base vital do regime em tempos passados. Mas, agora, a distância entre governante e governados se transformara num abismo.

Ao longo de 1944, Hitler se distanciaria ainda mais do povo alemão do que nos dois anos anteriores. Ele estava fisicamente distante — fechado na maior parte do tempo em seu quartel-general de campo na Prússia Oriental, ou em seu refúgio nas montanhas da Bavária — e quase invisível, até mesmo nos noticiários cinematográficos, para os alemães comuns. Naquele ano, em nenhuma ocasião ele apareceu em público para discursar. Quando, em 24 de fevereiro, no aniversário da proclamação do programa do partido, falou na Hofbräuhaus de Munique para um círculo fechado da "velha guarda", não aceitou as exortações de Goebbels para que

o discurso fosse transmitido pelo rádio, e os jornais não fizeram menção a ele. Duas vezes — em 30 de janeiro e 21 de julho — ele falou à nação pelo rádio. Em nenhum outro momento o povo alemão ouviu diretamente seu líder em todo o ano de 1944. Até seu tradicional discurso aos "velhos combatentes" do partido, em 8 de novembro, foi lido por Himmler. Para as massas, ele se tornara um líder invisível. Estava longe da vista e, para a maioria, provavelmente longe do coração, exceto como um obstáculo para o fim da guerra.

A intensificação da repressão nos últimos anos da guerra e a unidade forjada pelo medo da vitória do bolchevismo contribuíram, em grande medida, para garantir que uma revolta interna, como acontecera em 1918, jamais se materializasse. Mas, apesar de todas as reservas de força (de certo modo espantosas) do culto ao Führer entre os adeptos declarados do nazismo, Hitler se tornara o principal empecilho para o fim da guerra para a imensa maioria dos alemães. As pessoas comuns talvez preferissem, como se registrou que diziam, "um fim com horror" a "um horror sem fim". Mas elas não tinham nenhum modo óbvio de alterar seu destino. Somente aqueles que circulavam nos corredores do poder tinham alguma possibilidade de destituir Hitler. Alguns grupos de oficiais, por meio de conexões conspiratórias com servidores públicos de alto escalão, estavam tramando exatamente isso. Após algumas tentativas abortadas, o ataque aconteceria em julho de 1944. Seria a última chance que os próprios alemães teriam de acabar com o regime nazista. As rivalidades ferozes entre os líderes subordinados, a ausência de foro centralizado (equivalente ao Grande Conselho Fascista na Itália) no qual pudesse surgir um golpe interno, a falta de forma das estruturas do governo nazista e a indispensabilidade da autoridade de Hitler em todas as facetas do governo — e, não menos importante, o fato de seus líderes terem descartado, junto com o ditador, o recuo no genocídio do regime e outros atos inconfessáveis de desumanidade —, tudo isso excluía outra possibilidade de derrubada. Com isso, o regime tinha a contemplar apenas seu suicídio coletivo numa guerra inexoravelmente perdida. Mas, tal como uma fera mortalmente ferida e encurralada, ele lutava com a ferocidade e a crueldade advindas do desespero. E seu Líder, perdendo cada vez mais contato com a realidade, à espera de milagres, continuava combatendo moinhos de vento — disposto, ao estilo wagneriano, no caso de uma catástrofe apocalíptica, e em consonância com sua indissolúvel crença social-darwinista, a

levar o povo consigo para as chamas, se a vitória que ele exigia não pudesse ser alcançada.

II

Os preparativos para a invasão no oeste, cuja ocorrência era certa para os próximos meses, eram a principal preocupação de Hitler e seus assessores militares no início de 1944. Eles tinham certeza de que a fase crítica imediatamente posterior à invasão decidiria o resultado da guerra. As esperanças foram depositadas nas fortificações que eram rapidamente erguidas ao longo da costa atlântica da França e nas novas e poderosas armas de destruição que estavam em preparação e ajudariam a Wehrmacht a infligir uma derrota retumbante aos invasores assim que pusessem os pés em solo continental. Forçados a recuar, com a Grã-Bretanha cambaleando sob golpes devastadores de armas de poderio incalculável, contra as quais não haveria defesa, os Aliados ocidentais perceberiam que a Alemanha não poderia ser derrotada; a aliança "antinatural" com a União Soviética se desfaria; e, livre do perigo no oeste, o Reich alemão poderia devotar todas as suas energias, talvez até com o apoio britânico e americano após um acordo de paz em separado, à tarefa de repelir e derrotar o bolchevismo. Assim diziam as correntes otimistas de pensamento no quartel-general de Hitler.

Enquanto isso, os eventos na frente oriental — o teatro-chave da guerra — eram suficientemente preocupantes para concentrar a atenção de Hitler. Uma nova ofensiva soviética no sul começara em 24 de dezembro de 1943 e fizera rápidos avanços, desanimando um já sombrio estado de espírito natalino no quartel-general do Führer. Hitler passou o Ano-Novo fechado em seus aposentos com Bormann. Não participou de nenhuma festividade. Na companhia de Bormann, seu fiel braço direito em todos os assuntos do partido, ele estava ao menos "entre os seus". Nas conferências militares diárias era diferente. As tensões com seus generais eram palpáveis. Alguns dos mais fiéis, como Jodl, compartilhavam, em alguma medida, de seu otimismo. Outros já eram mais céticos. De acordo com Nicolaus von Below, até o deslumbrado chefe do Estado-Maior do Exército, Kurt Zeitzler, não acreditava mais numa palavra do que Hitler dizia. O que o Führer realmente achava da guerra, se tinha dúvidas que conflitavam com o otimismo que manifestava em todas as ocasiões, era impossível deduzir, mesmo para aqueles que em geral estavam em sua companhia.

Quaisquer que fossem seus pensamentos mais íntimos, sua postura era

previsível. O recuo estava descartado, independente da necessidade tática ou até da vantagem a ser ganha com ele. Quando inevitavelmente acabava por acontecer, o recuo sempre se dava em condições menos favoráveis do que no momento em que fora proposto. A "vontade" de defender até o fim era, como sempre, o valor supremo para Hitler. Na verdade, eram necessárias maior habilidade militar e flexibilidade tática que o comandante em chefe do Exército não podia exibir. Nessas circunstâncias, sua obstinação e sua interferência em questões táticas representavam dificuldades cada vez maiores para seus comandantes em campo.

Manstein deparou-se com a inflexibilidade de Hitler novamente quando foi ao quartel-general do Führer, em 4 de janeiro de 1944, para informar sobre a rápida deterioração da situação do Grupo de Exércitos Sul. As forças soviéticas, centradas na curva do Dnieper, haviam feito importantes avanços, que agora ameaçavam a sobrevivência do Quarto Exército Blindado (situado na região entre Vinnitsa e Beritchev). O rompimento dessa posição abriria uma enorme brecha entre os Grupos de Exércitos Sul e Centro, pondo toda a frente meridional em perigo mortal. Na opinião de Manstein, a situação exigia a transferência urgente de forças para o norte a fim de contrabalançar a ameaça. Isso só poderia ser feito com a evacuação da curva do Dnieper, o abandono de Nikopol (com seus suprimentos de manganês) e da Crimeia e a redução drástica do front para uma largura que pudesse ser defendida com mais facilidade. Hitler recusou-se categoricamente a aceitar essa proposta. Perder a Crimeia, argumentou, provocaria o abandono da neutralidade da Turquia e a defecção da Bulgária e da Romênia. Os reforços para a ala norte ameaçada não poderiam vir do Grupo de Exércitos Norte, pois levaria à defecção da Finlândia, à perda do Báltico e à falta de disponibilidade de minérios vitais da Suécia. Não era possível remanejar forças do oeste antes que a invasão fosse repelida. "Havia tantos desacordos do lado do inimigo", Manstein relembrou Hitler ter dito, "que a coalizão estava condenada a um dia se desfazer. Ganhar tempo, portanto, era uma questão de importância fundamental." Manstein teria simplesmente de defender sua posição até que houvesse reforços disponíveis.

Quando a conferência militar terminou, Manstein pediu para falar com Hitler em particular, apenas na companhia de Zeitzler. Com relutância (como de costume, quando não sabia o que estava por vir), ele concordou. Depois que a sala esvaziou, Manstein começou. A atitude de Hitler, já fria, logo chegou ao ponto de

congelamento. Seus olhos fuzilavam o marechal de campo enquanto ele dizia que a responsabilidade pela situação terrível do exército no leste não era apenas da superioridade do inimigo, mas "também do modo como somos comandados". Impávido, apesar da atmosfera intimidante, Manstein renovou o pedido, que já fizera em duas ocasiões anteriores, de que fosse designado comandante em chefe para o front oriental, com plena independência de ação, segundo os objetivos estratégicos gerais, do mesmo modo como gozavam de autoridade similar Rundstedt, no oeste, e Kesselring, na Itália. Para Hitler, isso significava entregar seus poderes de comando no teatro de guerra oriental. Ele não faria isso. Mas seu argumento saiu pela culatra: "Até eu não consigo que os marechais de campo me obedeçam! O senhor imagina, por exemplo, que vão lhe obedecer mais prontamente?". Manstein respondeu que suas ordens jamais eram desobedecidas. Diante disso, com a ira sob controle, mas com a insubordinação claramente registrada, Hitler encerrou a discussão. Manstein tivera a última palavra, mas voltou para seu quartel-general de mãos vazias.

Além de não ter em vista um candidato para o comando geral da frente oriental, as opiniões francas de Manstein suscitaram dúvidas em Hitler sobre sua adequação para comandar o Grupo de Exércitos Sul. Enquanto isso, suas ordens para as tropas eram claras: não deveria haver recuo. A resistência tenaz dos soldados alemães na curva do Dnieper e em Nikopol conseguiu, de fato, segurar o avanço soviético naquele momento. Mas a perda desse território e da própria Crimeia era um fim inevitável, apenas adiado por algum tempo.

Guderian, outro que esteve entre os comandantes preferidos de Hitler, não se saiu melhor do que Manstein quando tentou, numa audiência privada ocorrida em janeiro, persuadi-lo a simplificar e unificar o comando militar com a nomeação de um general de confiança para um posto novo de chefe do Estado-Maior da Wehrmacht. A proposta, destinada a remover a fraqueza do coração do Alto-Comando da Wehrmacht, implicaria a demissão de Keitel. Hitler rejeitou-a de imediato. Ela significaria também, como o Führer não teve dificuldade em perceber, uma diminuição de seus poderes dentro do comando militar. Tal como Manstein, Guderian se defrontou com um obstáculo irremovível. Tal como as de Manstein, suas recomendações de recuo tático caíram no vazio.

O nível da deterioração das relações entre Hitler e seus altos generais — entre

eles, aqueles que haviam sido seus comandantes mais leais e confiáveis — revelou-se num incidente ocorrido durante um longo discurso que fez a cerca de cem de seus dirigentes militares, em 27 de janeiro. Após um almoço simples, durante o qual o clima foi frio, Hitler, com o costumeiro apelo prolixo às lições da história, com ênfase na "luta" como lei natural, e a descrição de seu despertar político e sua construção do partido, não ofereceu mais do que uma exortação a não recuar. Para isso, a doutrinação no espírito do nacional-socialismo era vital. De uma coisa eles podiam ter certeza: "jamais pode haver o menor pensamento de capitulação, independente do que possa acontecer". Ele falou de seu direito de exigir de seus generais não simplesmente lealdade, mas apoio fanático. Cheio de emoção, declarou: "Em último caso, se eu por acaso for abandonado como Líder supremo, devo ter como última defesa, ao meu redor, todo o corpo de oficiais, que devem cerrar fileiras com espadas desembainhadas em torno de mim". Uma pequena sensação ocorreu então: Hitler foi interrompido — algo que nunca mais acontecera, desde as cervejarias de Munique — pelo marechal de campo Von Manstein, que exclamou: "E assim será, meu Führer". Hitler ficou visivelmente desconcertado e perdeu o fio do que estava dizendo. Com olhar fixo e gelado, disse: "Isso é bom. Se esse é o caso, jamais perderemos essa guerra, jamais, aconteça o que acontecer. Pois a nação entrará então na guerra com a força necessária. Observo isso com muita satisfação, marechal de campo Von Manstein!". Ele se recuperou rapidamente, enfatizando a necessidade, mesmo assim, de grandes avanços na "educação" do corpo de oficiais. No sentido literal, as palavras de Manstein poderiam ser vistas não somente como inofensivas, mas até encorajadoras. Mas, como o próprio marechal indicou após a guerra, o sentido implícito era mais crítico a Hitler. A interrupção fora consequência do sangue que lhe subira à cabeça ao perceber que Hitler havia posto em dúvida sua honra e a de seus colegas oficiais, ao insinuar que a lealdade deles pudesse estar em questão.

De sua parte, Hitler viu na interrupção uma repreensão por sua desconfiança dos generais. O encontro com Manstein, ocorrido três semanas antes, ainda lhe doía, assim como uma carta franca que o marechal de campo lhe escrevera em seguida. Minutos após a interrupção, Hitler chamou Manstein a sua presença. Diante de Keitel, proibiu-o de interrompê-lo no futuro. "O senhor mesmo não toleraria esse comportamento de seus subordinados", declarou, acrescentando, num insulto

gratuito, que sua carta presumivelmente fora uma justificativa perante a posteridade em seu diário da guerra. Sentindo-se provocado, Manstein retrucou: "O senhor me desculpe se uso uma expressão inglesa nesse sentido, mas tudo o que posso dizer de sua interpretação de meus motivos é que sou um gentleman". Com essa nota dissonante, a audiência foi encerrada. Os dias de Manstein estavam obviamente contados.

Três dias depois, no 11º aniversário da tomada do poder, Hitler falou para o povo alemão ao meio-dia, restringindo-se a uma mensagem relativamente curta pelo rádio, transmitida de seu quartel-general. Enquanto sua voz crepitava através do éter a partir da Toca do Lobo, as sirenes em Berlim anunciavam o início de outro ataque aéreo em massa à cidade. Simbolicamente, o Sportpalast, palco de muitos triunfos nazistas no "tempo da luta" anterior a 1933, e onde desde então milhares de seguidores do partido se reuniram com tanta frequência para ouvir os grandes discursos de Hitler, foi destruído por uma chuva de bombas incendiárias naquela noite.

O programa de rádio de Hitler não podia oferecer nada do que os ouvintes ansiavam por ouvir: quando a guerra teria fim, quando a devastação vinda do ar acabaria. Em vez disso, o que escutaram foi nada além de uma arenga (na linha usual, acompanhada do vocabulário habitual sobre a "bactéria judia") sobre a ameaça do bolchevismo. Nenhuma palavra foi dita para consolar os que haviam perdido entes queridos no front, ou sobre o sofrimento humano causado pelos ataques aéreos. Até Goebbels reconheceu que o discurso não causou impacto por não enfrentar praticamente nenhuma das questões que preocupavam as pessoas comuns. Era um contraste notável com os primeiros anos. Seus slogans caíam agora em ouvidos moucos. Indiretamente, o julgamento sobre o discurso podia ser traduzido pelo comentário anotado por um operário berlinense, de que somente "um idiota pode me dizer que a guerra será ganha".

III

O ceticismo em relação à capacidade da defesa aérea alemã de proteger as cidades e ao potencial para lançar ataques retaliatórios contra a Grã-Bretanha justificava-se plenamente. A popularidade de Göring junto ao público evaporara-se havia tempos, tendo em vista que sua tão alardeada Luftwaffe se mostrava incapaz de evitar a destruição das cidades alemãs. E a última onda de raides, em particular o severo ataque a Berlim, também não fez muito para melhorar a situação do marechal junto ao quartel-general do Reich. Não demorou para que Hitler fizesse diatribes fulminantes contra a competência de Göring como chefe da Luftwaffe. Em particular, Goebbels — que, como *Gauleiter* de Berlim e responsável por coordenar as medidas de defesa civil na guerra aérea, tinha possivelmente mais experiência do que qualquer outro líder nazista no impacto do bombardeio das cidades alemãs pelos Aliados — não perdia a chance, sempre que se encontrava com Hitler, de descarregar sua bile sobre Göring. Mas, por mais violenta que fosse sua condenação daquilo que Goebbels descrevia como "fiasco total de Göring", Hitler não consideraria se separar de um dos seus mais antigos paladinos. Ele "não podia dizer nada sobre Göring porque a autoridade do Reich ou do partido sofreria, assim, um dano maior". Essa seria a posição de Hitler durante todo o ano.

Uma grande esperança de minar a superioridade aérea dos Aliados repousava na produção do caça a jato Me262, que fora encomendado em maio de 1943. Sua velocidade de até oitocentos quilômetros por hora significava que seria capaz de voar mais rápido do que qualquer aeronave inimiga. Mas, quando o projetista do avião, professor Willy Messerschmitt, falou para Hitler de seu consumo desproporcionalmente alto de combustível, a prioridade de sua produção foi retirada em setembro. Ela só foi renovada um quarto de ano depois, em 7 de janeiro de 1944, quando Speer e Milch foram chamados ao quartel-general do Führer e informados de que o teste de aviões a jato britânicos estava quase completo, segundo notícias da imprensa inglesa. Hitler exigiu então que a produção do Me262 fosse acelerada imediatamente. Mas se perdera um tempo valioso. Estava claro que levaria meses para produzir as primeiras máquinas. É questionável que o Führer tenha sido informado claramente sobre isso, como Speer alegou mais tarde.

Como sempre, os instintos de Hitler inclinavam-se para o ataque como melhor

forma de defesa. Ele buscava uma chance de lançar armas de destruição devastadoras contra a Grã-Bretanha, para dar aos britânicos um gosto de seu próprio remédio e forçar os Aliados a repensar sua estratégia de guerra aérea. Suas ilusões sobre a velocidade com que seria possível produzir "armas maravilhosas" prontas para uso e seu provável impacto sobre a estratégia de guerra britânica estavam também escorados pelos prognósticos otimistas de seus assessores.

Speer persuadira-o já em outubro de 1942, depois de assistir a testes realizados em Peenemünde naquele ano, do potencial destrutivo de um foguete de longo alcance, o A4 (conhecido depois como o V2), capaz de entrar na estratosfera a caminho de causar uma devastação irreversível na Inglaterra. Hitler ordenara sua produção imediata em larga escala. Disse a Speer que se tratava da "arma decisiva da guerra", que livraria a Alemanha do fardo quando fosse lançada sobre os ingleses. A produção deveria avançar a toda velocidade — se necessário, às custas da produção de tanques. Em fevereiro de 1944, Speer ainda dizia a Goebbels que o programa de foguetes poderia estar pronto no fim de abril. Na realidade, eles seriam lançados somente em setembro.

O projeto alternativo da Luftwaffe, que produziu o que veio a ser conhecido como bombas voadoras V1, estava mais avançado. Este também datava de 1942. E, como o projeto do A4, trazia grandes esperanças e as expectativas de seu ritmo de produção eram um tanto otimistas. A produção começou em janeiro de 1944. Os testes foram muito encorajadores. No início de fevereiro, Speer disse a Goebbels que a arma estaria pronta no começo de abril. Um mês depois, Milch traçou para Hitler o retrato da total devastação de Londres numa onda de 1500 bombas voadoras durante dez dias, a começar no aniversário do Führer, em 20 de abril, e o resto sendo despachado no mês seguinte. Depois de três semanas de exposição a esses bombardeios, ele imaginava que a Inglaterra estaria de joelhos. Tendo em vista as informações que recebia, explicam-se melhor as ilusões de Hitler. A competição — nesse caso, entre o projeto A4 do Exército e o programa Kirschkern da Luftwaffe — desempenhou seu papel. E ainda se aplicava a vontade de "trabalhar para o Führer" — como chave para manter poder e posição — tentando realizar o que se sabia que ele preferiria, propiciar o milagre que ele queria e satisfazer seus desejos, por mais irrealistas que fossem. A relutância em dar notícias más ou deprimentes era o outro lado da mesma moeda. Juntas, tinham por

consequência um excesso de otimismo sistêmico, que escorava esperanças irrealizáveis e levava inevitavelmente à desilusão amarga.

IV

Em fevereiro, folheando o resumo das notícias da imprensa internacional, como de costume fornecida para ele por seu chefe de imprensa, Otto Dietrich, Hitler vira uma nota de Estocolmo que dizia que um oficial do Estado-Maior do Exército fora designado para matá-lo à bala. O *SS-Standartenführer* Johann Rattenhuber, responsável por sua segurança pessoal, foi instruído a endurecer as medidas de segurança na Toca do Lobo. Todos os visitantes deveriam ser cuidadosamente controlados e suas pastas, revistadas. Porém, Hitler tinha reservas em ser mais rigoroso com as precauções de segurança. De qualquer modo, depois de alguns dias, o assunto perdeu urgência, pois ele decidiu deixar a Toca do Lobo e mudar-se para o Berghof. Os recentes bombardeios de Berlim e a supremacia aérea dos Aliados significavam que a possibilidade de um ataque ao quartel-general do Führer não podia mais ser descartada. Era essencial, portanto, fortalecer as paredes e os tetos dos prédios. Enquanto operários da Organização Todt realizavam esse extenso trabalho, o quartel-general seria transferido para o Berchtesgaden. Na noite de 22 de fevereiro, depois de anunciar que falaria para a "velha guarda" em Munique no dia 24, na celebração anual da proclamação do programa do partido em 1920, Hitler deixou a Toca do Lobo em seu trem especial e seguiu para o sul. Não retornaria do Berghof antes de meados de julho.

Ele não estivera bem de saúde em meados do mês. Seus problemas intestinais foram acompanhados por um resfriado severo. O tremor de sua perna esquerda era visível. Queixava-se também de visão borrada no olho direito; quinze dias depois, um oftalmologista diagnosticou sua causa numa hemorragia de vaso sanguíneo minúsculo. Seus problemas de saúde eram agora crônicos e crescentes. Mas ele estava bem melhor quando chegou, em 24 de fevereiro, em um de seus antigos refúgios, a Hofbräuhaus de Munique, a fim de fazer seu discurso para uma grande reunião de adeptos fervorosos. Na companhia deles, Hitler estava em seu elemento. Sua boa forma de orador voltava. As velhas certezas eram suficientes. Ele acreditava, conforme ouviram os fanáticos reunidos, mais fortemente do que nunca na vitória que a firmeza em não recuar traria; a retaliação estava a caminho em ataques maciços a Londres; a invasão dos Aliados, quando viesse, seria rapidamente repelida. Os judeus da Inglaterra e da América — acusados como

sempre de causar a guerra — podiam esperar o que já acontecera com os judeus da Alemanha. Era um ataque grosseiro ao principal alvo ideológico nazista, como compensação pela falta de qualquer sucesso militar tangível. Mas era exatamente o que sua plateia queria ouvir. Eles adoraram.

No início de março, Hitler chamou Goebbels ao Berghof. O motivo imediato era a perspectiva da iminente defecção da Finlândia. Na verdade, naquele momento era um alarme falso. A Finlândia só se afastaria seis meses depois. Mas a reunião com Goebbels em 3 de março, como de costume, não se restringiu a uma questão específica e provocou outro *tour d'horizon* de Hitler, permitindo um vislumbre do que pensava naquela conjuntura.

Ele disse a Goebbels que, à luz da crise finlandesa, estava decidido agora a pôr um fim na "traição" contínua da Hungria. Trataria disso o mais breve possível. Em relação à situação militar, transpirava confiança. Achava que uma frente de guerra menor no leste poderia ser mantida. Queria voltar à ofensiva novamente no verão. Sobre a invasão que deveriam esperar com toda probabilidade nos meses subsequentes, estava "absolutamente certo" das chances alemãs. Delineou o poderio das forças para repeli-la, enfatizando especialmente a qualidade das divisões da SS que mandara para lá. Mesmo na guerra aérea, ele calculava que a Alemanha seria capaz de manter sua posição. Era raro Goebbels deixar transparecer algum indício de crítica a Hitler em suas anotações no diário. Mas, nessa ocasião, o otimismo pareceu infundado até para o ministro da Propaganda, que escreveu: "Gostaria que esses prognósticos do Führer estivessem corretos. Temos nos desapontado com tanta frequência recentemente, que sentimos um certo ceticismo crescendo dentro de nós".

Hitler também esperava muito da "retaliação", que imaginava que se iniciaria em estilo maciço na segunda metade de abril, e dos novos poder de fogo e de radar que estavam sendo incorporados aos caças alemães. Achava que a espinha dorsal dos ataques aéreos inimigos seria quebrada no inverno seguinte e, depois disso, a Alemanha poderia "novamente ser ativa no ataque à Inglaterra". Ele não precisava de muito estímulo para derramar sua bile sobre seus generais. Era mais fácil para Stálin, comentou. Ele teria fuzilado o tipo de general que estava causando problemas na Alemanha. Mas, no que dizia respeito à "questão judaica", a Alemanha estava se beneficiando de sua política radical: "os judeus não podem nos

causar mais danos".

Pouco mais de duas semanas depois da conversa com Goebbels, a Hungria foi invadida — a última invasão alemã da guerra. O serviço de inteligência alemão soubera que os húngaros haviam tentado fazer aproximações diplomáticas tanto com os Aliados como com a União Soviética.

Do ponto de vista de Hitler, de pleno acordo com a opinião de seus dirigentes militares, era o momento certo para agir. Pensando que vinha para discutir, em particular, a retirada de tropas da frente oriental, o almirante Horthy, o chefe de Estado húngaro de 75 anos de idade, chegou a Klessheim com seus ministros do Exterior e da Guerra e o chefe do Estado-Maior, na manhã de 18 de março. Acabava de cair numa armadilha.

De início, Hitler acusou o governo húngaro de negociar com os Aliados, numa tentativa de tirar a Hungria da guerra. Aferrado, como sempre, à ideia de que os judeus estavam por trás da guerra e que, por consequência, a existência deles em qualquer país fornecia uma quinta-coluna para subverter e pôr em perigo o esforço de guerra, Hitler foi especialmente agressivo ao acusar Horthy de permitir que quase 1 milhão de judeus vivesse sem impedimentos, o que, do ponto de vista alemão, tinha de ser considerado uma ameaça aos fronts oriental e dos Bálcãs. Por conseguinte, a liderança alemã tinha temores justificáveis da ocorrência de uma defecção, similar àquela que acontecera na Itália. Ele se decidira, portanto, pela ocupação militar da Hungria e exigiu a concordância de Horthy numa declaração conjunta. O almirante recusou-se a assinar o documento. A temperatura da reunião subiu. Hitler declarou que, se Horthy não assinasse, a ocupação simplesmente ocorreria sem a aprovação dele. Qualquer resistência armada seria esmagada por tropas croatas, eslovacas e romenas, além de alemãs. Horthy ameaçou renunciar. Hitler disse que, nesse caso, não poderia garantir a segurança da família dele. Diante dessa chantagem infame, Horthy levantou-se de um salto e protestou: "Se tudo aqui já está decidido, não faz sentido ficar mais. Estou indo embora imediatamente". E saiu às pressas da sala.

Enquanto Horthy exigia ser levado ao seu trem especial e Ribbentrop repreendia Döme Sztojay, o embaixador húngaro em Berlim, o alarme de ataque aéreo soou. Na verdade, o "ataque aéreo", uma cortina de fumaça cobrindo o palácio de Klessheim e o corte das linhas telefônicas para Budapeste não passavam de

artimanha. Essa elaborada fraude foi usada para persuadir Horthy a deixar de lado a ideia de partir e obrigá-lo a retomar as conversas com Hitler. A intimidação e a trapaça, como de costume, resolveram o problema. Quando Horthy retornou ao seu trem naquela noite, foi na companhia do chefe da Polícia de Segurança Ernst Kaltenbrunner e do emissário de Ribbentrop na Hungria, Edmund Veesenmeyer, investido de plenos poderes para garantir que os interesses alemães fossem satisfeitos. E isso só depois que Horthy concordou finalmente em instalar um regime-títere, com Sztojay de primeiro-ministro, pronto para cumprir as ordens da Alemanha.

No dia seguinte, 19 de março de 1944, a Hungria estava em mãos alemãs. Não se tratava apenas de mais matérias-primas e mão de obra a serem exploradas para o esforço de guerra alemão; como dissera Hitler a Goebbels quinze dias antes, a "questão judaica" podia agora ser enfrentada na Hungria.

Com a tomada de Budapeste pelos alemães, a grande e ainda intacta comunidade judaica da Hungria — cerca de 750 mil pessoas — estava condenada. Os novos senhores do país não perderam um minuto. Os homens de Eichmann entraram em Budapeste com as tropas alemãs. Em poucos dias, 2 mil judeus já estavam detidos. A primeira deportação — um trem com mais de 3 mil homens, mulheres e crianças, enfiados em condições indescritíveis em cerca de quarenta vagões de gado — seguiu para Auschwitz um mês depois. No início de junho, 92 trens já haviam transportado quase 300 mil judeus húngaros para a morte. Um mês depois, quando Horthy deteve as deportações, desencadeando os eventos que levariam à sua deposição, 437402 judeus húngaros já haviam sido enviados para as câmaras de gás.

V

No dia em que as tropas alemãs entraram na Hungria, aconteceu uma estranha e pequena cerimônia no Berghof. Os marechais de campo, convocados de diferentes partes do front, testemunharam a apresentação a Hitler por Rundstedt, o mais velho deles, de uma declaração de lealdade que todos tinham assinado. As assinaturas haviam sido coletadas pelo ajudante-chefe para a Wehrmacht de Hitler, general Schmundt, numa excursão pelo front. A ideia fora caracteristicamente de Goebbels (embora isso não tenha sido contado a Hitler). Ela havia sido instigada pela propaganda subversiva antialemã disseminada de Moscou pelo general capturado Walter von Seydlitz-Kurzbach e outros oficiais que haviam caído em mãos soviéticas em Stalingrado. Na verdade, o efeito da propaganda de Seydlitz foi mínimo. Mas aqueles eram tempos nervosos para a liderança nazista. De qualquer modo, a principal intenção de Schmundt era acabar com a desconfiança de Hitler acerca de seus generais e melhorar as relações geladas que ficaram tão em evidência na reunião de janeiro interrompida por Manstein. Não obstante, era ao mesmo tempo notável e um sinal claro de que nem tudo estava bem se, em meio a um conflito titânico, os comandantes militares mais graduados considerassem adequado produzir uma declaração de lealdade ao seu comandante supremo e chefe de Estado. Manstein, o último marechal de campo a assinar o documento, certamente pensava assim. Ele julgou a declaração bastante supérflua do ponto de vista de um soldado. Hitler pareceu comovido na ocasião. Foi um raro momento de harmonia em suas relações com os generais.

Porém, tudo voltou logo à normalidade. Em uma semana, Manstein estava de volta ao Berghof. O Primeiro Exército Blindado, sob o comando do general Hans Valentin Hube, corria o risco de ficar cercado por tropas soviéticas que haviam penetrado até o Dniester. Manstein insistiu (contra a recomendação de Hube de que seu Exército buscasse segurança recuando para o sul atravessando o Dniester) numa saída para oeste, a fim de montar uma nova frente na Galícia. Com essa finalidade, seriam necessários reforços para ajudar o Primeiro Exército Blindado. E, para que esses reforços viessem de outra parte do front, era preciso a concordância de Hitler. Houve um diálogo ríspido entre Manstein e Hitler na conferência militar do meio-dia. Mas o Führer recusou-se a ceder ao pedido do marechal e o

responsabilizou pessoalmente pela posição desfavorável de seu Grupo de Exércitos. As deliberações foram adiadas para a noite. Aborrecido, Manstein disse a Schmundt que pretendia renunciar ao comando caso suas ordens não fossem aprovadas por Hitler.

Quando a discussão foi retomada à noite, Hitler havia espantosamente mudado de opinião. Não se sabe quem ou o que o persuadiu, ou se ele apenas refletiu sobre o assunto antes de alterar sua decisão. De qualquer modo, ofereceu a Manstein os reforços que queria, inclusive um Corpo de Blindados da SS que seria transferido da frente ocidental. Manstein foi embora momentaneamente satisfeito. Mas Hitler ressentia-se das concessões que lhe eram arrancadas — em particular depois de uma recusa inicial diante de uma plateia significativa. E, de seu ponto de vista, Manstein, nas semanas anteriores, havia sido encrenqueiro e ineficaz no comando. O modo de Hitler lidar com os grandes reveses militares era invariavelmente culpar o comandante (com exceção do tratamento com luvas de pelica dispensado ao seu velho aliado político Göring, apesar dos desastres na guerra aérea) e procurar um substituto que incendiasse o moral combatente dos soldados e estimulasse a vontade deles de continuar. Estava na hora de mandar Manstein embora, assim como outro marechal de campo, Kleist, o qual, dois dias antes de Manstein, também estivera no Berghof, pedindo permissão para o Grupo de Exércitos A, que estava na costa no mar Negro, recuar do rio Bug para o Dniester.

Em 30 de março, Manstein e Kleist embarcaram no avião Condor de Hitler e foram levados ao Berghof. Zeitzler contou a Manstein que, depois de sua última visita, Göring, Himmler e provavelmente Keitel o haviam criticado. Zeitzler oferecera sua renúncia, que foi sumariamente recusada. Schmundt cuidara para que as demissões dos dois marechais de campo fossem realizadas com decoro, não com rancor. Eles foram substituídos por Walter Model e Ferdinand Schörner, ambos generais duros e preferidos de Hitler, os quais ele considerava ideais para elevar o moral das tropas e instilar-lhes um rigoroso espírito de luta nacional-socialista. Ao mesmo tempo, os nomes dos agrupamentos foram alterados para Grupo de Exércitos Norte da Ucrânia e Grupo de Exércitos Sul da Ucrânia. Na verdade, a Ucrânia já fora perdida. A renomeação simbólica fazia parte da estratégia de levantar o moral pela implicação de que a Ucrânia seria em breve retomada.

Mas logo ficaria claro de novo que mudanças de pessoal e nomenclatura não

seriam suficientes. Os novos comandantes não eram mais capazes que Manstein e Kleist para deter o inexorável avanço soviético. Em 2 de abril, Hitler emitiu uma ordem operacional que começava assim: "A ofensiva russa no sul do front oriental passou seu ponto alto. Os russos gastaram e dividiram suas forças. Chegou o momento de finalmente deter o avanço russo". Era uma esperança vã. Um componente crucial das novas linhas traçadas era a decisão para a Crimeia, que deveria ser mantida a qualquer custo. Tratava-se de uma impossibilidade. Odessa, o porto no mar Negro que era vital para as linhas de suprimento da Crimeia, foi abandonado em 10 de abril. No início de maio, toda a Crimeia estava perdida e Hitler foi forçado a concordar, na noite de 8 para 9 de maio, com a evacuação de Sebastopol pelo mar. A luta em vão para manter a Crimeia custara mais de 60 mil vidas alemãs e romenas. Quando a ofensiva soviética de primavera cessou, em alguns setores os alemães haviam sido empurrados de volta quase mil quilômetros em um ano.

Goebbels sugerira a Hitler que talvez ele pudesse falar ao povo alemão no dia 1o de maio. Ele não estivera suficientemente bem para falar no Dia da Memória dos Heróis, 12 de março, quando o grão-almirante Dönitz — um dos poucos dirigentes militares que Hitler respeitava muito e evidentemente um homem de futuro — o substituíra. Hitler disse a Goebbels (que notou sua tensão nervosa, em particular em relação à Hungria nas semanas anteriores) que estava dormindo apenas três horas por noite — um exagero, mas os velhos problemas de insônia certamente haviam piorado. Ele mostrou alguma inclinação para ler uma mensagem pelo rádio em 1o de maio, mas alegou que não estava em condições de saúde para fazer um discurso em público. Não sabia se conseguiria fazê-lo.

Era uma desculpa. Após a conversa com Goebbels, fez um exaltado discurso improvisado de exortação aos líderes do partido, sem que desse nenhum sinal de preocupação quanto a ter um colapso durante a fala (na qual declarou, entre outras alegações para reforçar a confiança, que o avanço soviético também tinha a vantagem de deixar claro para todas as nações a seriedade da ameaça). Mas, quando falava para a "velha guarda", estava em companhia de gente de confiança. Um discurso para as massas naquelas circunstâncias, em que estava bem ciente do ânimo da população, seria algo totalmente diferente.

O aniversário de Hitler daquele ano — completava 55 anos — teve os

costumeiros adornos e cerimoniais. Goebbels encheu Berlim de estandartes e um novo slogan de retumbante caráter emocional: "Nossas paredes se partiram, mas nossos corações não". O Teatro Lírico do Estado, na Unter den Linen, festivamente decorado para a celebração, teve a presença de dignitários do Estado, do partido e da Wehrmacht. Goebbels retratou as realizações históricas de Hitler. A Filarmônica de Berlim, regida por Hans Knappertsbusch, executou a sinfonia *Eroica* de Beethoven. Mas o estado de espírito dos fiéis nazistas em tais eventos era artificial. Goebbels sabia muito bem dos informes dos departamentos de Propaganda regionais que o ânimo popular era "muito crítico e cético" e que "a depressão nas amplas massas" havia atingido "níveis preocupantes".

VI

Um rosto familiar, desaparecido por alguns meses, havia retornado ao Berghof em meados de abril. Desde que entrara no hospital da Cruz Vermelha em Hohenlychen, cem quilômetros ao norte de Berlim, para uma operação de joelho (acompanhada de grave tensão nervosa), Albert Speer estivera fora de circulação. Hitler o vira brevemente em março, quando ele convalescia por um curto período em Klessheim, mas o ministro dos Armamentos partira então para Meran, no sul do Tirol, a fim de se recuperar em companhia da família.

No Terceiro Reich, um ministro ausente era um convite para que outros sedentos de poder ocupassem o vácuo. Karl Otto Saur, o hábil chefe do gabinete técnico no ministério de Speer, aproveitara a oportunidade para explorar a estima de Hitler na ausência do chefe. Em março, quando foi criado um Estado-Maior dos Caças, ligando o ministério de Speer à Luftwaffe para acelerar e coordenar a produção de defesa aérea, Hitler colocou-o nas mãos de Saur, contra a vontade expressa de Speer. E quando, reagindo à quase ausência de obstáculos aos bombardeios das cidades alemãs, Hitler descobriu que haviam feito poucos progressos na construção de enormes bunkers subterrâneos a prova de bombas para proteger a produção de caças dos ataques aéreos, o outro braço direito de Speer, Xaver Dorsch, chefe do imenso aparato de construção da Organização Todt, achou ter encontrado sua chance. Ele recebeu de Hitler a responsabilidade pela construção de seis imensos bunkers dentro do Reich — desse modo, passando por cima de Speer —, acompanhada de autoridade total para garantir que o trabalho tivesse prioridade máxima.

Speer, no entanto, não chegara a seu alto cargo sem que tivesse a capacidade de cuidar de seus próprios interesses no jogo implacável de estratagemas e manobras para obter posições que se desenrolava ao redor de Hitler. Ele não estava disposto a aceitar o enfraquecimento de sua autoridade sem lutar. Em 19 de abril, escreveu uma longa carta a Hitler em que se queixava das decisões que ele havia tomado e exigia a restauração de sua autoridade sobre Dorsch. Deixava claro que pretendia renunciar se o Führer não concordasse com suas intenções. A raiva inicial de Hitler diante da carta deu lugar à consideração mais pragmática de que ainda precisava dos talentos organizacionais de Speer. Transmitiu então uma mensagem ao

arquiteto, via Erhard Milch, o chefe dos Armamentos da Luftwaffe, em que dizia que ainda o tinha em alta estima. Em 24 de abril, Speer apareceu no Berghof. Hitler, vestido formalmente, de luvas na mão, saiu para encontrá-lo, acompanhando-o como se fosse um dignitário estrangeiro pelo salão imponente. Isso tocou a vaidade do arquiteto, que ficou imediatamente cativado. Hitler continuou a lisonjear Speer. Disse-lhe que precisava dele para supervisionar todas as obras de construção. Estava de acordo com qualquer coisa que o arquiteto julgasse certa nessa área. Speer foi conquistado. Naquela noite, estava de volta à "família" do Berghof, conversando à toa com Eva Braun e os outros na sessão de fim de noite ao redor da lareira. Bormann sugeriu que ouvissem música. Tocaram discos de Wagner, naturalmente, e *O morcego* de Johann Strauss. Speer sentiu-se em casa de novo.

Na sua ausência, e apesar dos extensos danos dos bombardeios aéreos, Saur havia, na verdade, conseguido um aumento notável na produção de caças — embora com um declínio correspondente na produção de bombardeiros. Embora estivesse encantado com as perspectivas melhores de defesa aérea, os instintos de Hitler, como sempre, apontavam para a agressão e recuperação da iniciativa por meio de bombardeios. Desse modo, o novo chefe da equipe operacional da Luftwaffe, Karl Koller, não encontrou dificuldades quando, no início de maio, apresentou a Hitler um relatório que apontava para a diminuição perigosa da produção de bombardeiros e mostrava o que era necessário para manter a supremacia alemã. Hitler imediatamente disse a Göring que as baixas metas de produção de bombardeiros eram inaceitáveis. Göring passou a mensagem à equipe dos caças de que, além do aumento maciço da produção de caças, era preciso triplicar a produção de bombardeiros. Ansioso como sempre por agradar, Göring falara a Hitler sobre o progresso rápido na produção do jato Me262, no qual o ditador depositava tantas esperanças.

No outono anterior, ele havia retirado o rótulo de alta prioridade da produção do Me262 devido ao seu alto consumo de combustível; em janeiro de 1944, mudara de ideia. Fora levado a crer pelo projetista Willi Messerschmitt — possivelmente graças a um mal-entendido — que o jato poderia ser usado não como um caça, mas como um bombardeiro para atacar a Grã-Bretanha e desempenhar um papel decisivo na defesa da futura invasão, provocando destruição nas praias em que as

tropas aliadas desembarcassem. Göring, no mínimo tão irrealista quanto seu Líder, prometeu que os bombardeiros a jato estariam disponíveis em maio. Em sua reunião de janeiro com Speer e Milch, quando ele exigiu a aceleração da produção do jato, Hitler declarara, para horror da equipe técnica da Luftwaffe, que queria usá-lo como bombardeiro. Os argumentos em contrário não serviram para nada.

Agora, em 23 de maio, numa reunião no Berghof com Göring, Saur e Milch sobre produção de aeronaves, ele ouviu uma menção ao Me262 como caça. Interrompeu a fala e declarou que presumia que o jato estava sendo construído como bombardeiro. Transpirou que suas instruções do outono anterior haviam sido simplesmente ignoradas. Hitler explodiu em fúria e ordenou que o Me262 — apesar de todas as objeções técnicas levantadas pelos especialistas presentes — fosse construído exclusivamente para bombardeios. Göring não perdeu tempo em repassar as críticas aos especialistas em construção da Luftwaffe. Mas teve de dizer a Hitler que o redesenho necessário para o avião atrasaria a produção em cinco meses. Se haveria combustível disponível então, essa era uma outra questão. Os pesados ataques aéreos dos americanos a refinarias de combustível no centro e no leste da Alemanha, realizados em 12 de maio, seguidos por bombardeios ainda mais destruidores no fim do mês, somados aos ataques dos Aliados, feitos a partir de bases na Itália, às refinarias de petróleo romenas, perto de Ploesti, reduziram a produção alemã de combustível à metade. Aproveitando-se com destreza do último constrangimento de Göring, Speer não teve dificuldades em persuadir Hitler a transferir para seu ministério o controle pleno da produção de aeronaves.

Três dias depois da contenda sobre o Me262, uma reunião maior aconteceu no Obersalzberg. Uma quantidade considerável de generais e outros oficiais graduados, que haviam participado de cursos de treinamento ideológico e estavam prontos para retornar ao front, foi convidada a ir ao Berghof e ouvir um discurso de Hitler — um dos vários desse tipo que fez entre o outono de 1943 e o verão de 1944. Em 26 de maio, eles reuniram-se no Platterhof, o grande hotel ao lado do Berghof, no local da bem mais modesta Pensão Moritz, onde Hitler ficara na década de 1920. Um trecho central do discurso tocava na solução final. Hitler falou dos judeus como um “corpo estranho” entre o povo alemão que, embora nem todos tivessem entendido por que ele tinha de proceder de forma tão “brutal e implacável”, fora essencial expelir. E chegou ao ponto principal.

> Ao remover os judeus, eliminei na Alemanha a possibilidade de criar algum tipo de centro ou núcleo revolucionário. Vocês poderiam naturalmente dizer: sim, mas não se poderia fazer de uma maneira mais simples — ou não mais simples, uma vez que todo o resto teria sido mais complicado, mas de forma mais humana? Cavalheiros, estamos numa luta de vida ou morte. Se seus oponentes fossem vitoriosos nessa luta, o povo alemão seria erradicado. O bolchevismo massacraria milhões e milhões e milhões de nossos intelectuais. Quem não morresse com um tiro na nuca seria deportado. As crianças das classes altas seriam levadas e eliminadas. Essa bestialidade inteira foi organizada pelos judeus.

Ele falou de 40 mil mulheres e crianças queimadas até a morte pelas bombas incendiárias jogadas sobre Hamburgo e acrescentou: "Não esperem outra coisa de mim exceto a defesa implacável do interesse nacional do modo como, em minha opinião, terá o maior efeito e benefício para a nação alemã". Ao ouvir essas palavras, os oficiais irromperam num alto e longo aplauso. Ele continuou: "Nisso, como em geral, a humanidade equivaleria à maior crueldade para com nosso povo. Se já incorro no ódio aos judeus, ao menos não quero perder as vantagens desse ódio". Ouviram-se gritos de "isso mesmo" da plateia. E ele foi adiante:

> A vantagem é que possuímos uma entidade limpamente organizada na qual ninguém pode interferir. Vejam o contraste de outros países. Obtivemos revelações sobre um Estado que tomou o caminho oposto: a Hungria. O Estado inteiro minado e corroído, judeus por toda parte, até nos lugares mais altos judeus e mais judeus, e todo o Estado coberto, devo dizer, por uma rede cerrada de agentes e espiões que desistiram de atacar somente porque temiam que um ataque prematuro nos atrairia, embora esperassem por esse ataque. Intervim nisso também e esse problema também será resolvido agora.

Ele citou de novo sua "profecia" de 1939 de que, no caso de outra guerra, não seria a nação alemã, mas a própria "judiaria" que seria "erradicada". A plateia aplaudiu vigorosamente. Continuando, ele enfatizou "um único princípio, a manutenção de nossa raça". O que servia a esse princípio, estava certo; o que se desviava dele, estava errado. E concluiu, sob nova tempestade de aplausos, falando da "missão" do povo alemão na Europa. Como sempre, apresentou alternativas inflexíveis: a derrota na guerra significaria "o fim de nosso povo", a vitória, "o início de nossa dominação sobre a Europa".

VII

Nos primeiros dias de junho, se havia nervosismo no Berghof em relação a uma invasão certa de acontecer num futuro próximo, aparentemente quase não se via sinal disso. Para Nicolas von Below, o ajudante para a Luftwaffe, parecia um pouco os tempos do pré-guerra no Obersalzberg. Hitler puxava a esposa de Von Below para um canto, quando era convidada para o almoço, e falava sobre as crianças ou sobre a fazenda dos pais dela. À tarde, pegava seu chapéu, sua bengala e sua capa curta e fazia a caminhada de praxe até a Casa de Chá para tomar café com bolo. À noite, em torno da lareira, encontrava um pouco de descontração na conversa inconsequente de seus convidados, ou discorria longamente, como sempre, sobre temas habituais — grandes personalidades da história, a configuração futura da Europa, levar adiante o trabalho da Providência no combate aos judeus e bolcheviques, a influência das igrejas e, é claro, planos arquitetônicos e as usuais lembranças do passado. Até mesmo a notícia, recebida em 3-4 de junho, de que os Aliados haviam tomado Roma e as tropas alemãs haviam recuado para os Apeninos foi recebida com calma. Apesar de sua importância estratégica, a Itália era para Hitler pouco mais que uma atração secundária. Ele não teria de esperar muito pelo evento principal.

Hitler parecia calmo e estava com boa aparência em comparação ao seu estado em meses anteriores, quando Goebbels o acompanhou à Casa de Chá, na tarde de 5 de junho. Antes, ele dissera ao ministro da Propaganda que os planos para a retaliação estavam agora tão avançados que ele estaria pronto para lançar entre trezentas e quatrocentas das novas bombas voadoras sem piloto sobre Londres em poucos dias (de fato, ele havia dado ordem em 16 de maio para um grande ataque aéreo a Londres, que incluía o uso dessas bombas). Repetiu como confiava que a invasão, quando viesse, seria rechaçada. Segundo ele, Rommel também estava confiante. Em 4 de junho, a Raposa do Deserto, a quem Hitler atribuíra no outono anterior a responsabilidade pelas defesas junto ao Atlântico, tinha até tirado uns dias de férias com a família perto de Ulm. Outros oficiais no comando do front oeste também não estavam cientes da iminência da invasão, embora o setor de reconhecimento tivesse feito advertências telegráficas naquele mesmo dia sobre a agitação no outro lado do canal da Mancha. Nada disso foi informado ao OKW em

Berchtesgaden ou, o que é mais espantoso ainda, ao Sétimo Exército do general Friedrich Dollmann, que estava diretamente no front da invasão.

Naquela noite, Hitler e seu círculo viram os últimos noticiários cinematográficos. A discussão centrou-se em cinema e teatro. Eva Braun fez críticas agudas a algumas produções. "Sentamos depois em volta da lareira até duas da madrugada", escreveu Goebbels, "trocando lembranças, sentindo prazer nos belos dias e semanas que passamos juntos. O Führer pergunta sobre isso e aquilo. No todo, o clima é como nos bons e velhos tempos". Os céus se abriram e trovoadas e raios caíram enquanto Goebbels deixava o Berghof. Havia quatro horas que pingaram as primeiras notícias de que a invasão começaria naquela noite. Goebbels não estivera inclinado a acreditar na interceptação das comunicações do inimigo. Mas, ao descer do Obersalzberg para seus aposentos em Berchtesgaden, a notícia já estava clara demais: "o dia decisivo da guerra havia começado".

Hitler foi para a cama não muito depois da partida de Goebbels, provavelmente por volta das três da madrugada. Quando Speer chegou, na manhã seguinte, sete horas depois, ele ainda não havia sido acordado com a notícia da invasão. Na verdade, parece que o ceticismo inicial do Alto-Comando da Wehrmacht quanto a se tratar de fato da invasão só foi desfeito um pouco antes, provavelmente entre 8h15 e 9h30. Influenciado pelos informes do setor de inteligência, Hitler havia falado bastante, nas semanas anteriores, que a invasão começaria com um ataque falso para arrastar as forças alemãs para longe do verdadeiro local do desembarque. (De fato, o estratagema dos Aliados de lançar simulações de paraquedistas e outras táticas diversivas contribuiu para a confusão inicial dos alemães sobre a localização do desembarque.) Seus ajudantes hesitavam em acordá-lo com informações erradas. De acordo com Speer, Hitler — que havia previsto corretamente que o desembarque seria na costa da Normandia — ainda suspeitava, na conferência militar da hora do almoço, de que se tratava de uma tática diversiva da inteligência inimiga. Só então ele concordou com o pedido já atrasado do comandante em chefe no oeste, marechal de campo Von Rundstedt (que havia manifestado, em telegramas do início da manhã, incerteza quanto ao desembarque ser mera isca), de enviar duas divisões de blindados, mantidas em reserva na área de Paris, contra a cabeça de ponte que se estabelecia rapidamente a cerca de duzentos quilômetros. O atraso foi crucial. Se tivessem avançado à noite, as divisões blindadas poderiam ter

feito diferença. Seus movimentos durante o dia foram dificultados por pesados ataques aéreos dos Aliados, que causaram graves perdas de homens e equipamentos.

Ao receber as primeiras notícias da invasão, Hitler pareceu aliviado, como se, na visão de Goebbels, um grande fardo tivesse saído de suas costas. O que ele esperava havia meses era agora realidade. A invasão, disse, acontecera exatamente onde ele havia previsto. E acrescentou que o mau tempo estava do lado da Alemanha. Ele exalava confiança e declarou que era possível agora esmagar o inimigo. Estava "absolutamente certo" de que as tropas aliadas, por cuja qualidade não tinha muita consideração, seriam rechaçadas. Göring achava que a batalha estava praticamente vencida. Ribbentrop, como sempre, estava "inteiramente do lado do Führer. Ele também está mais do que seguro sem que seja capaz, como o Führer, de dar razões detalhadas para isso", comentou ironicamente Goebbels — como Jodl, um dos céticos silenciosos. Havia bons motivos para ceticismo. Na verdade, o atraso da reação alemã ajudara a assegurar que, àquela altura, a batalha pelas praias já estivesse quase perdida.

A vanguarda da enorme esquadra aliada, de quase 3 mil navios, que se dirigia para a Normandia havia desembarcado as primeiras tropas americanas na praia Utah, na península de Cotentin, às 6h30, sem encontrar forte resistência. Pouco depois, os desembarques dos britânicos e canadenses — nas praias Gold, Juno e Sword — também foram melhores do que o esperado. Somente o segundo desembarque americano, na praia Omaha, defrontou-se com uma boa divisão alemã de infantaria, que aconteceu de estar em estado de alerta e atrás de um trecho particularmente firme de fortificações, e encontrou sérias dificuldades. Os soldados que desembarcaram nessa praia foram completamente dizimados. O número de baixas foi imenso. Omaha mostrou o que os desembarques poderiam ter enfrentado em outros lugares, se a defesa alemã estivesse devidamente preparada e alerta. Mas, mesmo em Omaha, depois de várias horas de um terrível derramamento de sangue, quase 35 mil soldados americanos conseguiram finalmente avançar e ganhar um ponto de apoio em solo francês. No final do dia, em torno de 156 mil soldados aliados haviam desembarcado e feito contato com os 13 mil paraquedistas americanos e britânicos lançados atrás dos flancos das linhas inimigas várias horas antes do desembarque, bem como estabelecido cabeças de

ponte com sucesso, inclusive um trecho respeitável de cerca de trinta quilômetros de comprimento e dez de largura.

O que parece às vezes, em retrospecto, um triunfo quase inexorável da Operação Overlord poderia ter tido resultado bem diferente. Com efeito, o otimismo inicial de Hitler não era totalmente infundado. Ele presumira que a costa do Atlântico estava mais bem fortificada do que na realidade estava. Mesmo assim, nos primeiros estágios decisivos, a vantagem deveria ser dos defensores da costa, como aconteceu em Omaha. Mas a ação dilatória custou muito caro. As desavenças entre os comandantes alemães e a falta de acordo sobre táticas entre Rommel (que era a favor de uma maior proximidade das divisões blindadas da costa, na esperança de esmagar de imediato a força invasora) e o general Leo Geyr von Schweppenburg, comandante do Grupo de Blindados do Oeste (que queria segurar os blindados até que ficasse claro onde eles deveriam se concentrar) significaram uma debilidade significativa no planejamento alemão para deter a invasão. As iscas estratégicas aliadas, como observamos, também desempenharam seu papel na confusão inicial dos comandantes alemães na noite da invasão. E, não menos importante, a ampla superioridade aérea dos Aliados — a Luftwaffe só conseguiu pôr no ar oitenta caças estacionados na Normandia, em comparação com mais de 10 mil investidas aliadas no Dia D — deu às forças invasoras uma enorme vantagem na cobertura oferecida durante os primeiros estágios decisivos. Depois que as tropas aliadas haviam estabelecido suas cabeças de ponte, a questão central era se poderiam ser mais bem reforçadas e mais rápido do que as alemãs. Nisso, o poder de fogo do ar foi fundamental. Os aviões aliados puderam, ao mesmo tempo, dificultar seriamente as linhas de suprimento alemãs e ajudar na manutenção do desembarque de reforços nas praias da Normandia. Em 12 de junho, as cinco cabeças de ponte aliadas já estavam consolidadas numa frente única e os defensores alemães, ainda que lentamente, começavam a ser empurrados para trás. Enquanto isso, tropas americanas já arremetiam pela península de Cotentin. Abria-se o caminho para o porto-chave de Cherbourg.

Aos líderes nazistas, cujo otimismo inicial se evaporou em poucos dias, restava uma grande esperança: as “armas milagrosas”. Não apenas Hitler esperava que elas trouxessem uma mudança na fortuna da guerra. Mais de cinquenta locais haviam sido montados na costa, no Pas de Calais, de onde as bombas voadoras V1 —

mísseis de cruzeiro primitivos, movidos por motor a jato e difíceis de derrubar — poderiam ser disparadas na direção de Londres. Hitler contava com o efeito devastador de um ataque à capital inglesa de centenas das novas armas disparadas simultaneamente. Mas as armas estavam atrasadas devido a vários problemas de produção. Ele exigiu ação, mas as plataformas de lançamento não estavam prontas. Por fim, em 12 de junho, dez bombas voadoras foram catapultadas de suas rampas. Quatro caíram na decolagem; somente cinco chegaram a Londres, mas causaram danos mínimos. Em fúria, Hitler queria cancelar a produção. Mas, três dias depois, o efeito sensacional do lançamento bem-sucedido de 244 bombas V1 sobre Londres persuadiu-o a mudar de ideia. Ele achou que a nova força destrutiva levaria rapidamente à evacuação de Londres e à interrupção do esforço de guerra aliado.

O tom triunfalista do relatório da Wehrmacht sobre o lançamento da V1 e de vários artigos de jornal, igualmente fantasiosos, deixou Goebbels consternado, pois ainda estava preocupado em dar sustentação a um clima de resistência a todo custo, em vez de um otimismo perigoso. O ministro da Propaganda notou que se criara a impressão de que a guerra acabaria em poucos dias. Ele estava aflito para deter essas ilusões. A euforia poderia se transformar rapidamente em atribuição de culpa ao governo. Ordenou que as notícias fossem atenuadas e que as expectativas exageradas fossem moderadas — e persuadiu Hitler de que suas instruções para a imprensa, que promoviam o ânimo eufórico, deveriam seguir as novas diretrizes.

O avanço contínuo dos Aliados e o que parecia ser uma perspectiva nova oferecida pela V1 levaram Hitler, junto com Keitel, Jodl e o resto de sua equipe, a voar na noite de 16 de junho de Berchtesgaden para a frente ocidental a fim de discutir a situação com seus comandantes regionais, Rundstedt e Rommel. Ele queria reforçar o moral vacilante deles enfatizando os poderes da V1, ao mesmo tempo que ressaltava a necessidade imperativa de defender o porto de Cherbourg. Depois que os quatro Focke-Wulf Condors pousaram em Metz, Hitler e seu séquito seguiram, nas primeiras horas da manhã seguinte, num carro blindado para Margival, ao norte de Soissons, onde fora instalado, a grande custo, o velho quartel-general do Führer construído em 1940, com novo equipamento de comunicações e maciçamente reforçado. Naquela manhã, a conversa aconteceu num túnel ferroviário próximo, à prova de bombas.

Hitler, com aparência pálida e cansada, sentado encurvado num banco, remexia

nervosamente seus óculos e brincava com lápis coloridos enquanto falava com seus generais, que tiveram de ficar de pé. Rundstedt fez um relato dos acontecimentos dos dez dias anteriores e concluiu que era impossível agora expulsar os Aliados da França. Hitler pôs a culpa nos comandantes locais. Rommel se contrapôs, apontando para a inutilidade da luta contra a força imensamente superior dos Aliados. Hitler voltou-se para a V1, uma arma que, segundo ele, poderia decidir a guerra e fazer os ingleses pedir paz. Impressionados com o que ouviram, os marechais de campo pediriam que a V1 fosse usada contra as cabeças de ponte aliadas, mas o general Erich Heinemann, comandante responsável pelo lançamento da bomba voadora, explicou que a arma não era suficientemente precisa para permitir esse tipo de uso. Hitler prometeu-lhes, no entanto, que teriam em breve caças a jato ao seu dispor para obter o controle dos céus. Porém, como ele mesmo sabia, esses aviões tinham acabado de entrar em produção.

Depois do almoço (feito num bunker devido ao perigo de ataques aéreos), Hitler conversou a sós com Rommel. A discussão foi acalorada em certos momentos. O marechal de campo pintou um quadro sombrio das perspectivas. Declarou que a frente ocidental não poderia ser mantida por muito tempo e implorou que Hitler buscasse uma solução política. "Preste atenção à invasão de seu front, não na continuação da guerra", foi a resposta brusca que recebeu. Hitler não esperou mais e voltou para Salzburg naquela tarde. À noite, no Berghof, insatisfeito com os eventos do dia, ele observou para seu círculo que Rommel perdera a coragem e se tornara um pessimista. "Somente otimistas podem conseguir alguma coisa hoje", acrescentou.

No dia seguinte, 18 de junho, os americanos chegaram à costa ocidental da península de Cotentin, isolando a península e o porto de Cherbourg dos reforços da Wehrmacht. Oito dias depois, a guarnição alemã de Cherbourg rendeu-se. Com esse porto nas mãos (ainda que tenham levado quase um mês para reparar a destruição causada pelos alemães e fazer uso do porto) e o controle quase total dos céus, os Aliados deixavam de ter muitas preocupações em relação aos seus reforços. O avanço contra uma defesa obstinada era dolorosamente lento. Mas a invasão fora um sucesso. Não havia mais perspectiva de forçar os Aliados, que chegavam em grande número, a voltar para o mar. Hitler estava furioso pelo fato de o inimigo ter conquistado vantagem. Restava-lhe agora pouco mais do que a esperança de que a

Aliança se desfizesse.

No entanto, em 21 de junho, quando Goebbels o encontrou para uma discussão privada de três horas, ele continuava resistindo à sugestão de que chegara o momento de tomar medidas drásticas, de introduzir finalmente a "guerra total" que o ministro da Propaganda defendia havia tanto tempo. Depois do almoço, sentados juntos no grande saguão do Berghof, com sua enorme janela que se abria para um panorama fantástico dos Alpes, Goebbels expôs seu argumento. Expressou suas dúvidas sobre o otimismo sem base, "para não dizer ilusões" sobre a guerra. "Guerra total" continuava a ser um mero slogan. Era preciso reconhecer a crise para poder superá-la. Uma reforma completa da Wehrmacht era urgentemente necessária. Observara que Göring (e lá vinham os ataques habituais ao marechal do Reich) vivia num mundo de fantasia total. O ministro da Propaganda estendeu seu ataque ao restante da alta direção militar. O Führer precisava de um Scharnhorst e um Gneisenau — os heróis militares prussianos que haviam criado o Exército que repeliu Napoleão —, não de um Keitel e um Fromm (comandante do Exército de Reserva). Ele prometia que seria capaz de levantar 1 milhão de soldados com uma rigorosa reorganização da Wehrmacht e medidas draconianas na esfera civil. O povo esperava e queria medidas duras. A Alemanha estava perto de mergulhar numa crise que poderia acabar com qualquer possibilidade de tomar essas medidas com perspectiva de sucesso. Era necessário agir com realismo, totalmente desligado de derrotismo, e agir imediatamente.

Hitler aceitou que havia alguma debilidade na organização da Wehrmacht e que poucos de seus comandantes eram nacional-socialistas. Mas prescindir deles durante a guerra seria absurdo, pois não havia substitutos. No fim das contas, concluiu, o momento não estava maduro para as medidas extraordinárias que Goebbels queria. Disse-lhe que, quando sentisse necessidade de apelar para "medidas finais", ele concederia os poderes apropriados ao ministro da Propaganda. Hitler achava que não superestimava o impacto da V1 (abreviação de *Vergeltungswaffe-1* — Arma de Retaliação 1), como Goebbels apelidara a bomba voadora. Mas esperava ter o foguete A4 (depois rebatizado de V2) pronto para ser lançado em agosto e contava com seu poder de destruição para decidir a guerra. Hitler descartou novamente a perspectiva de um "arranjo" com a Grã-Bretanha, mas estava menos inclinado — assim deduziu Goebbels — a descartar a

possibilidade de um acordo com a União Soviética em algum momento. Isso não podia ser considerado naquela conjuntura militar, mas uma mudança significativa nos eventos do Extremo Oriente poderia alterar a posição. Porém, como Goebbels percebeu, ele estava entrando no terreno das vagas conjeturas.

No dia seguinte, 22 de junho de 1944, exatamente três anos depois do início da Operação Barbarossa, o Exército Vermelho lançou sua nova grande ofensiva no leste. Hitler previra que Stálin não seria capaz de resistir ao apelo de lançar seu ataque naquele dia. A principal investida da ofensiva — a maior até então, mobilizando quase 2,5 milhões de homens e 5 mil tanques, apoiada por 5300 aviões —, que Stálin batizou de Bagration, nome de um herói militar quando da destruição do Grande Exército de Napoleão em 1812, tinha por alvo o Grupo de Exércitos Centro da Wehrmacht. Com base em informações fatalmente erradas, transmitidas ao chefe do Estado-Maior Zeitzler pelo chefe do serviço de inteligência do leste, Reinhard Gehlen, os preparativos alemães haviam antecipado uma ofensiva à parte sul do front, onde todas as reservas e o grosso das divisões blindadas haviam sido concentrados. O Grupo de Exércitos Centro ficara com apenas 38 divisões, que compreendiam somente metade dos homens e um quinto dos tanques do Exército Vermelho, numa seção de frente de batalha que se estendia por cerca de 1300 quilômetros. Parece que perceberam com atraso, e contra os conselhos constantes de Zeitzler, que a ofensiva atacaria o Grupo de Exércitos Centro. Mas quando o marechal de campo Ernst Busch, comandante em chefe desse grupo, recomendou encurtar o front para limites mais defensáveis, Hitler perguntou desdenhosamente se ele também era um daqueles generais "que sempre olham para a retaguarda".

O início relativamente brando da ofensiva levou os assessores militares de Hitler a pensar que se tratava de um engodo. Porém, o ataque inicial foi suficiente para romper as defesas alemãs em torno de Vitebsk. De repente, a primeira grande onda de tanques passou pela brecha. Outras seguiram-se rapidamente. Bombardeios e ataques de artilharia pesada acompanharam as investidas. Busch apelou a Hitler para abandonar os "lugares fortificados" (*Feste Plätze*) em Vitebsk, Orsha, Moguilev e Bobruisk, que haviam sido estabelecidos na primavera numa tentativa vã de criar um conjunto de baluartes defensivos fundamentais — fortalezas que deveriam sem mantidas em quaisquer circunstâncias, sob o comando de seletos generais

implacáveis.

A resposta de Hitler podia ser dada como certa. Os "lugares fortificados" deveriam ser mantidos a qualquer custo, cada metro quadrado de terra tinha de ser defendido. Busch, um dos admiradores fervorosos de Hitler entre os generais, aceitou a ordem sem discussão. Procurou cumpri-la de forma inquestionável, como demonstração de sua lealdade. As consequências eram previsíveis. O Exército Vermelho avançou por entre as fortalezas, as divisões alemãs foram imobilizadas, cercadas e finalmente destruídas por forças que vinham na esteira das tropas avançadas. As divisões da Wehrmacht perdidas por esse desastroso erro tático teriam sido vitais na defesa de outras partes do front.

Após dois dias do início da ofensiva, o Terceiro Exército Blindado em Vitebsk ficou isolado e, dois dias depois, o Nono Exército, perto de Bobruisk, foi cercado. Nos primeiros dias de julho, o Quarto Exército teve o mesmo destino, perto de Minsk. Os reforços vindos da parte meridional do front não puderam evitar sua destruição. Em meados de julho, quando a ofensiva através do centro diminuiu seu ritmo, a vanguarda soviética já havia avançado bem mais de trezentos quilômetros, abrira uma brecha de 150 quilômetros no front e encontrava-se a uma distância que possibilitava o ataque a Varsóvia. Àquela altura, o Grupo de Exércitos Centro já perdera 28 divisões com 300 mil homens, numa catástrofe ainda maior do que a de Stalingrado. No mesmo momento, ofensivas devastadoras no Báltico e no sul ganhavam ímpeto. Os meses seguintes trariam calamidades ainda piores que, somadas ao avanço impossível de deter dos Aliados no ocidente, conduziriam à fase final da guerra.

VIII

A capacidade de Hitler como estrategista militar pagou dividendos somente enquanto a Alemanha esteve em vantagem e ofensivas-relâmpago foram possíveis. Depois que a estratégia defensiva tornou-se a única viável, sua inadequação para o posto de senhor supremo da guerra ficou exposta. Não porque fosse totalmente desprovido de conhecimento tático, apesar de sua falta de aprendizagem formal. Também não é verdade que profissionais que sabiam mais eram invariavelmente forçados a obedecer às ordens lunáticas de um amador militar inepto. Muitas vezes as táticas de Hitler não eram inerentemente absurdas, tampouco em geral estavam em contradição crassa com os conselhos militares que recebia.

Mesmo assim, em momentos de crise, as tensões e conflitos invariavelmente vinham à tona. E, em 1944, as diversas crises militares se acumulavam numa única e poderosa crise de vida ou morte para o próprio regime. Àquela altura, a habilidade política de Hitler já se fora havia muito tempo. Ele descartava de cara toda ideia de uma possível tentativa de chegar a uma solução política. As pontes haviam sido destruídas (como indicara em várias ocasiões): não havia caminho de volta. E uma vez que ele se recusava a negociar de outra posição que não fosse a de força, da qual advinham todos os seus primeiros sucessos, não havia chance de buscar um acordo de paz. O instinto de apostador, que dera tão certo até 1941, perdera havia muito sua eficácia no que se transformara numa luta de costas contra a parede. Mas, quanto pior ficava a situação, mais desastrosamente autodestrutivo se tornava o outro instinto predominante e irracional de Hitler — que a "vontade" sozinha triunfaria sobre todas as adversidades, até mesmo sobre a diferença enorme de homens e armamentos. A tendência autodestrutiva inata, que sempre esteve implícita na postura de tudo ou nada característica de sua carreira política, transferia-se agora, catastroficamente, para a liderança militar.

Era inevitável que estrategistas militares experientes e generais endurecidos pelas batalhas, escolados em formas mais sutis de comando tático, entrassem em choque com ele — muitas vezes agudamente — quando suas leituras das opções disponíveis eram tão diferentes daquelas do comandante supremo e quando as ordens que lhes eram emitidas pareciam tão suicidas do ponto de vista militar. Porém, eles também eram escolados em obediência às ordens superiores e Hitler

era chefe de Estado, chefe das Forças Armadas e, desde 1941, o desastrado comandante em chefe (responsável pelas decisões táticas) do Exército. Recusar-se a obedecer não era apenas um ato de insubordinação militar: era um ato traidor de resistência política.

Poucos estavam dispostos a trilhar esse caminho. Mas a lealdade a ponto de acreditar na missão do Führer não era salvaguarda contra a demissão se exigências quase impossíveis não fossem cumpridas. De acordo com sua lógica torta, onde a "vontade" não tivesse triunfado, por piores que fossem as circunstâncias, Hitler culpava a fraqueza ou inadequação do comandante. Ele presumia que outro comandante, com uma atitude superior, obteria um resultado diferente, por mais que a posição real fosse objetivamente desfavorável. Desse modo, o fidelíssimo comandante do Grupo de Exércitos Centro, marechal de campo Busch, pagou o preço pelo "fracasso" de seu grupo durante o início da ofensiva soviética. Ele foi demitido por Hitler em 28 de junho e substituído por um de seus comandantes favoritos, o duro e enérgico recém-promovido marechal de campo Walter Model (que mantinha, ao mesmo tempo, seu comando do Grupo de Exércitos Norte da Ucrânia), apelidado por alguns de "bombeiro de Hitler", tendo em vista a frequência com que era encarregado de resolver crises.

Em poucos dias, houve também uma mudança de comando no oeste. Relatórios enviados ao Alto-Comando da Wehrmacht pelo comandante em chefe, marechal de campo Von Rundstedt, e pelo comandante do Grupo de Blindados Oeste, general Geyr Von Schweppenburg, haviam traçado um quadro pessimista das perspectivas de manter as linhas contras as investidas inimigas na França. Jodl mexeu com os sentimentos de Hitler ao observar que isso significava o primeiro passo a caminho da evacuação da França. O relatório seguira avaliações igualmente realistas da situação na frente ocidental apresentadas por Rundstedt e Rommel no Berghof dois dias antes, em 29 de junho. Em 3 de julho, Rundstedt recebeu um aviso manuscrito de sua demissão por Hitler. Oficialmente, foi substituído por motivo de saúde. Em seguida, veio a demissão de Geyr e do marechal de campo Hugo Sperrle, que fora o responsável pela defesa aérea no oeste. Kluge, o substituto de Rundstedt, que então gozava de alta estima do Führer, chegou à França, como disse Guderian depois, "ainda cheio do otimismo que prevalecia no quartel-general supremo". Logo descobriu que as coisas eram diferentes.

Outro dirigente militar que caiu irremediavelmente em desgraça nessa ocasião foi o chefe do Estado-Maior do Exército, Kurt Zeitzler. Ao ser designado para substituir Halder em setembro de 1942, ele havia impressionado Hitler pelo ímpeto, energia e espírito de luta — o tipo de líder militar que ele queria. A relação esfriou visivelmente a partir da primavera de 1944, quando Hitler lhe atribuiu a maior parte da culpa pela perda da Crimeia. Em maio, Zeitzler já mencionava sua vontade de renunciar. Seu forte apoio, no fim de junho, ao recuo do Grupo de Exércitos Norte no Báltico para uma linha mais defensável e seu pessimismo em relação à situação no front ocidental foram a gota d'água. Zeitzler não conseguia mais ver a razão da tática de Hitler; o Führer via com desprezo o que considerava derrotismo de Zeitzler e do Estado-Maior. Com a paciência esgotada depois de altercações furiosas com Hitler, Zeitzler simplesmente desapareceu do Berghof em 1º de julho. Sofrera um colapso nervoso. Hitler nunca mais falou com ele. Ele o demitiria da Wehrmacht em janeiro de 1945, recusando-lhe o direito de usar uniforme. Até que Guderian fosse nomeado seu substituto, em 21 de julho, o Exército ficou efetivamente sem um chefe de Estado-Maior.

O avanço soviético deixou o Exército Vermelho, no setor norte do front, posicionado não muito longe de Vilna, na Lituânia. As fronteiras da Prússia Oriental já estavam a vista. Em 9 de julho, Hitler, acompanhado por Keitel, Dönitz, Himmler e o chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, general Günther Korten, retornou de avião ao seu antigo quartel-general, perto de Rastenburg, na Prússia Oriental. O marechal de campo Model e o general Johannes Frießner, recentemente designado para comandar o Grupo de Exércitos Norte no lugar do general Georg Lindemann, vieram da frente oriental. A discussão se deu em torno principalmente dos planos para a criação urgente de novas divisões de apoio à frente oriental e de proteção contra qualquer penetração na Prússia Oriental. Model e Frießner estavam otimistas. Hitler também continuava com uma visão positiva dessa frente, conforme seu ajudante Von Below. Naquela tarde, ele voltou ao Berghof. Já dera a entender que, diante da situação no leste, teria de mudar seu quartel-general de novo para a Prússia Oriental, embora as fortificações de suas acomodações ainda estivessem incompletas. Lendo nas entrelinhas de dois ou três comentários, Below ficou com a impressão de que, durante aqueles que seriam seus últimos dias no Berghof — antes de partir em 14 de julho para a Toca do Lobo para

nunca mais voltar —, Hitler não tinha mais ilusões sobre o resultado da guerra. Mesmo assim, qualquer indício de pessimismo era mais do que contrabalançado com a repetida ênfase na continuação da guerra, o impacto das armas novas e a vitória no fim. Uma vez mais, ficou claro para Below que Hitler jamais capitularia. Não haveria repetição de 1918. Desde o início, sua "missão" política se baseara nessa premissa. O Reich inteiro seria destruído pelas chamas antes.

Hitler havia vivido na relativa tranquilidade do Obersalzberg por quase quatro meses. O círculo habitual de pessoas no Berghof diminuíra um pouco durante esse tempo. E, nos dias anteriores à partida, houve poucos convidados para animar as coisas. O próprio Hitler parecia ter se tornado mais reservado. Na última noite, talvez pressentindo que nunca mais veria o Berghof, fez longas pausas diante dos quadros que enfeitavam as paredes do grande saguão. Depois, beijou a mão da esposa de Below e de Frau Brandt, esposa de um de seus médicos, dando-lhes adeus. Na manhã seguinte, 14 de julho, voou de volta para a Prússia Oriental e chegou no final da manhã à Toca do Lobo, agora muito reforçada e com aparência muito diferente de quando foi construída, em 1941. A uma da tarde, dirigiu a conferência militar como se nunca estivesse estado ausente. Caminhava mais encurvado do que antes. Mas sua força de vontade, apesar dos imensos reveses, continuava a impressionar Below.

Para outros, essa força de vontade — ou recusa obstinada de encarar a realidade — era precisamente o que evitava o fim da guerra e arrastava a Alemanha para a catástrofe inevitável. Eles estavam decididos a agir antes que fosse tarde demais — salvar o que restava do Reich, estabelecer os alicerces de um futuro sem Hitler e mostrar ao mundo exterior que havia "outra Alemanha" além das forças do nazismo.

25. Uma sorte do diabo

I

A tentativa de matar Hitler, em 20 de julho de 1944, teve uma longa pré-história que datava da crise dos Sudetos de 1938. Os elementos complexos dessa pré-história continham profundas manifestações e misturas de altos valores éticos e um sentimento transcendental de dever moral, códigos de honra, idealismo político, convicções religiosas, coragem pessoal, desprendimento notável, humanidade profunda e um amor pela pátria que distava anos-luz do chauvinismo nazista. A pré-história também estava repleta — como poderia ser diferente naquelas circunstâncias? — de desacordos, dúvidas, erros, enganos, dilemas morais, miopia, hesitação, divisões ideológicas, choques pessoais, organização bagunçada, desconfiança — e simples má sorte.

A ação de um assassino solitário, o marceneiro suábio Georg Elser, que não tinha a hesitação daqueles que pertenciam à hierarquia do poder, esteve muito perto de liquidar Hitler na Bürgerbräukeller, na noite de 8 de novembro de 1939. Naquela ocasião, Hitler salvou-se por pura sorte. Uma vez que os grupos clandestinos de resistência de esquerda, embora nunca eliminados, estavam fracos, isolados e sem acesso aos corredores do poder, a única esperança de derrubar Hitler estava naqueles que ocupavam posições de poder ou influência dentro do próprio regime.

Nas franjas da conspiração, a participação no governo nazista criava naturalmente ambivalência. Romper com juramentos de lealdade não era fácil, mesmo para aqueles cuja aversão a Hitler era evidente. Os valores prussianos eram

uma faca de dois gumes: um senso profundo de obediência à autoridade e ao serviço estatal chocava-se com sentimentos igualmente profundos de dever perante Deus e a pátria. A inclinação para um dos dois lados era uma questão de consciência e julgamento: ou aceitar servir com o coração dilacerado um chefe de Estado considerado legitimamente constituído, embora detestado, ou rejeitar essa lealdade em nome do que era tido como um bem maior, se o chefe de Estado estivesse levando o país à ruína. Era possível, como aconteceu, seguir um desses caminhos.

Embora houvesse numerosas exceções a uma generalização ampla, as diferenças de geração desempenharam um papel importante. A tendência a ter pensamentos de participação ativa numa tentativa de derrubar o chefe de Estado era maior na geração de oficiais mais jovens, por exemplo, do que nos escalões mais altos de general ou marechal de campo. Isso estava implícito num comentário do homem que lideraria a tentativa de matar Hitler em julho de 1944, o coronel conde Claus Schenk von Stauffenberg: "Visto que os generais nada fizeram até agora, chegou a hora de os coronéis intervirem". Por outro lado, as opiniões sobre a moralidade de assassinar o chefe de Estado — em meio a uma luta externa de proporções titânicas contra um inimigo cuja vitória ameaçava a própria existência de um Estado alemão — diferiam fundamentalmente por motivos morais, e não devido a diferenças geracionais. Evidentemente, qualquer ataque ao chefe de Estado constituía alta traição. Mas, numa guerra, distinguir isso da traição contra a própria pátria era, sobretudo, uma questão de crença pessoal e de avaliação da importância relativa de valores morais. E somente uns poucos indivíduos estavam em posição de acumular experiências detalhadas e em primeira mão de desumanidade grosseira, ao mesmo tempo que possuíam os meios para remover Hitler do caminho. E um número menor ainda estava disposto a agir.

Além das considerações éticas, havia o temor existencial das consequências terríveis — para as famílias, além dos próprios indivíduos — da descoberta de qualquer cumplicidade num complô para destituir Hitler e instigar um golpe de Estado. Isso com certeza era suficiente para frear muitos que eram simpáticos aos objetivos dos conspiradores, mas que não estavam dispostos a se envolver. Tampouco eram apenas os perigos constantes da descoberta e dos riscos físicos que agiam como dissuasores. Havia também o isolamento da resistência. Participar da

conspiração contra Hitler, ou até mesmo flertar com ela, significava aceitar uma distância de amigos, colegas e camaradas, entrar num mundo crepuscular de imenso perigo e de isolamento social, ideológico e até moral.

Além da necessidade evidente, num Estado policial terrorista, de minimizar os riscos por meio do máximo sigilo, os conspiradores tinham consciência da falta de apoio popular. Mesmo naquela conjuntura, em que os desastres militares se acumulavam e era possível entrever a catástrofe final, o apoio fanático a Hitler não havia evaporado e continuava a mostrar uma notável resiliência e força. Aqueles que ainda estavam comprometidos com o regime agonizante, aqueles que haviam investido nele e ainda acreditavam no Führer provavelmente não se deteriam diante de nada, em meio à adversidade crescente, para reprimir sem peias qualquer sinal de oposição. Mas, além dos fanáticos, havia muito outros indivíduos que — ingenuamente, ou após reflexão profunda — julgavam não apenas errado, mas desprezível e traiçoeiro, prejudicar a pátria em guerra. Stauffenberg resumiu o dilema dos conspiradores alguns dias antes de colocar uma bomba na Toca do Lobo: "Chegou o momento em que algo precisa ser feito. Mas o homem que tiver coragem de fazer alguma coisa deve fazê-lo com o conhecimento de que entrará para a história alemã como traidor. Porém, se não o fizer, será traidor de sua própria consciência".

Como essa declaração deixa implícito, a necessidade de evitar a lenda da "punhalada nas costas", tal como aquela do final da Primeira Guerra Mundial, que deixara um legado funesto para a malfadada República de Weimar, era um peso e uma ansiedade constantes para aqueles que haviam decidido — às vezes com grande pesar — que o futuro da Alemanha dependia da capacidade deles de remover Hitler de cena, por meios violentos ou não, constituir um novo governo e buscar acordos de paz. Eles preocupavam-se com as consequências da remoção de Hitler e em dar a impressão de apunhalar o esforço de guerra pelas costas depois de um grande desastre, mesmo quando a vitória final já não era mais do que uma quimera. Em vez de controlar o momento do ataque, os conspiradores deixaram-no ao sabor de contingências externas, que, conforme a natureza das coisas, eles não podiam orquestrar.

Quando o ataque finalmente ocorreu, com a invasão consolidada no oeste e o Exército Vermelho avançando na direção das fronteiras do Reich no leste, os

próprios conspiradores admitiram que tinham perdido a chance de influenciar o resultado da guerra por meio de sua ação. Como disse o general de brigada Henning von Tresckow, a partir do final de 1943 chefe do Estado-Maior do Segundo Exército na seção meridional da frente oriental e uma das forças propulsoras da conspiração: "Não se trata mais do objetivo prático, mas de mostrar ao mundo e à história que o movimento de resistência alemã, sob risco de morte, ousou dar o golpe decisivo. Ao lado disso, todo o resto é indiferente".

II

Todas as perspectivas de oposição a Hitler empalideceram diante da espantosa série de sucessos militares obtidos entre o outono de 1939 e a primavera de 1941. Então, após a promulgação da famigerada Lei dos Comissários, que ordenava a liquidação de comissários políticos capturados do Exército Vermelho, Tresckow, primeiro oficial do Estado-Maior do marechal de campo Von Bock no Grupo de Exércitos Centro, foi fundamental para revitalizar a ideia de resistência entre vários oficiais do front — alguns deles selecionados graças a sua postura contra o regime. Nascido em 1901, alto, calvície em progresso, atitude séria, soldado profissional, defensor fervoroso dos valores prussianos, frio e reservado, mas, ao mesmo tempo, de personalidade admirável e vigorosa, desconcertantemente modesto, mas com uma determinação de ferro, Tresckow fora, de início, um admirador de Hitler, mas logo se transformou num crítico inflexível das políticas criminosas e desumanas do regime. Entre aqueles que conseguiu levar para o Grupo de Exércitos Centro estavam aliados estreitos na conspiração contra Hitler, em especial Fabian von Schlabrendorff — seis anos mais moço que Tresckow, com formação em direito, que seria o contato entre o Grupo de Exércitos Centro e outros pontos focais da conspiração — e o barão Rudolf-Christoph von Gersdorff, nascido em 1905, soldado profissional extremamente crítico de Hitler e agora situado numa posição-chave no setor de inteligência do Grupo de Exércitos Centro. Mas fracassaram as tentativas de persuadir Bock, além de outros dois comandantes de grupo na frente oriental — Rundstedt e Leeb —, a enfrentar Hitler e recusar-se a cumprir suas ordens. Quaisquer perspectivas realistas de oposição do front desapareceram novamente até o final de 1942. Já então, na esteira da crise em andamento de Stalingrado e considerando Hitler responsável pela ruína certa da Alemanha, Tresckow estava disposto a assassiná-lo.

No decorrer de 1942, alguns pontos focais da praticamente adormecida oposição dentro da Alemanha — militar e civil — começaram a dar sinais de vida. A selvageria da guerra na frente oriental e, à luz da crise do inverno de 1941-2, a magnitude da calamidade para a qual Hitler conduzia a nação revitalizaram a ideia, ainda menos que concreta, de que era preciso fazer alguma coisa. Ludwig Beck (ex-chefe do Estado-Maior Geral do Exército), Carl Goerdeler (que fora comissário de

Preços do Reich), Johannes Popitz (ministro das Finanças da Prússia) e Ulrich von Hassel (que fora embaixador alemão em Roma) — todos ligados à conspiração do pré-guerra — encontraram-se novamente em Berlim em março de 1942, mas decidiram que eram poucas as perspectivas naquele momento. Mesmo assim, decidiram que Beck seria um ponto central para a oposição embrionária. Pouco depois, realizaram-se reuniões com o coronel Hans Oster — chefe do escritório central que tratava da inteligência estrangeira na Abwehr, a força propulsora por trás da conspiração de 1938, que vazara o plano alemão de invasão da Holanda em 1940 — e Hans von Dohnanyi, um jurista que também desempenhara um papel importante no complô de 1938 e que, tal como Oster, usava sua posição na seção estrangeira da Abwehr para desenvolver bons contatos com oficiais de tendências oposicionistas. Mais ou menos na mesma época, Oster estabeleceu um contato estreito com um novo e importante recruta para os grupos de oposição em Berlim, o general Friedrich Olbricht, chefe da Repartição Geral do Exército. Nascido em 1888 e militar de carreira, Olbricht não era alguém em busca de holofotes. Era o exemplo do general de gabinete, o organizador, o administrador militar. Mas era incomum em sua atitude a favor de Weimar antes de 1933 e, a partir de então — levado, em larga medida, por sentimentos cristãos e patrióticos — em sua postura coerente contra Hitler, mesmo em meio ao júbilo provocado pelos triunfos da política externa dos anos 1930 e as vitórias da primeira fase da guerra. Ele seria o planejador do golpe de Estado que viria depois do assassinato de Hitler.

Já durante o aprofundamento da crise de Stalingrado, perto do final de 1942, Tresckow — descrito depois pela Gestapo como "sem dúvida, uma das forças propulsoras e o 'espírito maligno' dos círculos golpistas", a quem Stauffenberg teria supostamente chamado de seu "mestre guia" — defendia o assassinato de Hitler sem demora. Convencera-se de que não se podia esperar nada do alto-comando militar quanto a iniciar um golpe. "Eles apenas seguirão uma ordem", era sua opinião. Ele assumiu o encargo de fornecer a "ignição", como os conspiradores rotularam o assassinato de Hitler que levaria à destituição da liderança nazista e à tomada do Estado. No verão de 1942, Tresckow já encarregara Gersdorff de obter explosivos apropriados. Enquanto isso, Olbricht coordenava as ligações com os outros conspiradores em Berlim e fazia o trabalho de base para um golpe que ocorreria em março de 1943. Os planos de ocupar importantes posições civis e

militares em Berlim e outras cidades eram, em essência, semelhantes aos que seriam seguidos em julho de 1944.

Um problema óbvio era como se aproximar o suficiente de Hitler para executar um assassinato. Os movimentos dele eram imprevisíveis. Em meados de fevereiro de 1943, uma agenda não confiável havia frustrado a intenção de dois oficiais, o general Hubert Lanz e o general de brigada Hans Speidel, de prender Hitler numa visita esperada ao quartel-general do Grupo de Exércitos B, em Poltava. A visita não se concretizou. Entrementes, a segurança pessoal do Führer tornava-se consideravelmente mais rígida. Ele estava sempre cercado por guarda-costas da SS, pistolas engatilhadas, e era sempre conduzido por seu motorista Erich Kempka em uma de suas limusines, estacionadas em diferentes pontos do Reich e dos territórios ocupados. E seu ajudante para a Wehrmacht, Schmundt, havia dito a Tresckow e Gersdorff que Hitler usava um colete e um chapéu a prova de balas. Isso ajudou a persuadi-los de que não eram grandes as chances de um assassino ter tempo para sacar sua pistola, mirar com cuidado e ter certeza de que seu tiro mataria Hitler.

Não obstante, fizeram-se preparativos para alvejá-lo numa visita ao quartel-general do Grupo de Exércitos Centro, em Smolensk, em 13 de março. Esse plano foi abandonado, uma vez que havia uma clara possibilidade de matarem, junto com Hitler, o marechal de campo Von Kluge, comandante do Grupo de Exércitos Centro, e outros oficiais superiores. Tresckow voltou ao plano original de explodir Hitler. Durante a refeição em que Hitler teria sido alvejado a tiros se o plano original fosse obedecido, Tresckow pediu ao general de divisão Heinz Brandt, membro da comitiva que viajava no mesmo avião de Hitler, que levasse uma encomenda para o coronel Hellmuth Stieff, no Alto-Comando do Exército. O pacote se parecia com duas garrafas de conhaque, mas continha, na verdade, duas partes de uma bomba que Tresckow montara.

Schlabrendorff levou o pacote ao aeródromo e entregou-o a Brandt no momento em que ele subia no Condor de Hitler, pronto para decolar. Momentos antes, Schlabrendorff havia pressionado a cápsula do estopim para ativar o detonador, marcado para trinta minutos. Era de esperar que Hitler explodisse no céu pouco antes de o avião chegar a Minsk. Schlabrendorff retornou rapidamente ao quartel-general e informou à oposição na Abwehr em Berlim que a "ignição" para o golpe fora acesa. Mas não chegou notícia de uma explosão. A tensão no grupo de

Tresckow era palpável. Horas depois, souberam que o avião do Führer pousara em segurança em Rastenburg. Schlabrendorff enviou a Berlim a palavra código informando o fracasso da tentativa. O motivo da não ocorrência da explosão era um mistério. Era provável que o frio intenso houvesse impedido a detonação. Para os nervosos conspiradores, as ruminações sobre a causa do fracasso ficaram em segundo plano diante da necessidade vital de recuperar o pacote incriminador. Na manhã seguinte, Schlabrendorff viajou ao Alto-Comando do Exército com duas garrafas genuínas de conhaque, recuperou a bomba, levou-a para um local discreto, abriu cautelosamente o pacote com uma lâmina de barbear e, com grande alívio, conseguiu desativá-la. Misturada ao alívio, a decepção da oposição pela chance perdida foi imensa.

Porém, logo depois surgiu outra oportunidade. Gersdorff tinha a possibilidade de comparecer ao Dia em Memória dos Heróis, que seria celebrado em 21 de março de 1943, em Berlim. Ele declarou que estava disposto a sacrificar sua vida para explodir Hitler durante a cerimônia. A tentativa seria feita enquanto o Führer visitava uma exposição de despojos de guerra soviéticos, montada para encher o tempo entre a cerimônia no Zeughaus (o antigo arsenal no centro de Berlim) e a colocação de uma coroa de flores no monumento fúnebre, do lado de fora. Gersdorff postou-se na entrada da exposição, nas salas do Zeughaus. Ergueu sua mão direita para saudar a passagem do ditador. No mesmo momento, com a mão esquerda, pressionou a carga do detonador da bomba. O melhor estopim que conseguira durava dez minutos. Ele esperava que Hitler permanecesse na exposição por meia hora, tempo mais que suficiente para que a bomba explodisse. Mas, naquele ano, possivelmente temendo um ataque aéreo aliado, Hitler percorreu rapidamente a exposição, mal olhando para o material reunido para ele, e em dois minutos já estava fora do prédio. Gersdorff não podia mais segui-lo. Correu para o banheiro mais próximo e com destreza desativou a bomba.

Uma vez mais, Hitler tivera uma sorte espantosa. É provável que o estado de espírito deprimido e chocado após a derrota de Stalingrado oferecesse o melhor momento psicológico para um golpe contra ele. Uma tentativa bem-sucedida naquela ocasião talvez tivesse uma chance de dividi-los, apesar da recém-anunciada estratégia de “rendição incondicional” dos Aliados. De qualquer modo, a remoção da liderança nazista e a oferta de capitulação no oeste que Tresckow pretendia fazer

teriam colocado os Aliados num dilema sobre como reagir às sondagens de paz.

Até então, as tentativas de aproximação dos grupos de oposição haviam sido sistematicamente rejeitadas pelos Aliados ocidentais. Para a liderança de guerra britânica (e os americanos compartilhavam dessa opinião), a resistência alemã era pouco mais que um estorvo. Achavam que um golpe interno bem-sucedido poderia pôr em risco a aliança com a União Soviética — exatamente a estratégia dos conspiradores — e causaria dificuldades no estabelecimento da ordem na Alemanha depois da guerra. Visto que a guerra estava virando inevitavelmente a favor deles, os Aliados não estavam inclinados a dar muita trela a uma oposição interna que alegava muito, mas aparentemente não fazia nada e, além disso, cultivava expectativas de manter alguns dos ganhos territoriais obtidos por Hitler.

Esse de fato era o caso, certamente em relação aos membros mais velhos do grupo nacionalista-conservador alinhado com Goerdeler, cujo rompimento com Hitler ocorrera já em meados da década de 1930. Eles desprezavam a barbárie do regime nazista, mas queriam restabelecer a posição de grande potência da Alemanha e continuavam a ver o Reich dominando a Europa Central e Oriental. Internamente, suas ideias eram, em essência (apesar das diferenças em ênfase), oligárquicas e autoritárias. Eram a favor da restauração da monarquia e da limitação dos direitos eleitorais em comunidades autônomas, com base nos valores familiares cristãos — a encarnação da verdadeira "comunidade nacional" que os nazistas haviam corrompido.

As ideias de Goerdeler e seus aliados mais próximos, cujas idade, mentalidade e formação os inclinavam a se inspirar no Reich anterior a 1914, tinham pouca recepção junto ao grupo de uma geração mais jovem (nascida principalmente na primeira década do século XX), que ganhou identidade comum por meio da oposição direta a Hitler e seu regime. O grupo, cujos líderes tinham, em sua maioria, ascendência aristocrática, veio a ser conhecido como "o Círculo de Kreisau", nome cunhado pela Gestapo e tirado da propriedade rural na Silésia onde havia feito várias reuniões. A propriedade pertencia a uma de suas figuras centrais, o conde Helmuth James von Moltke, nascido em 1907, formado em direito, grande admirador das tradições britânicas, descendente do famoso chefe do Estado-Maior do Exército prussiano na época de Bismarck. As ideias do Círculo de Kreisau para uma "nova ordem" datavam de 1940, quando foram elaboradas por Moltke e seu

amigo íntimo e parente, conde Peter Yorck von Wartenburg, três anos mais velho, também formado em direito, figura organizadora do grupo e com bons contatos com a oposição militar. Ambos haviam rejeitado o nazismo e sua desumanidade desde muito cedo. Em 1942-3, já atraíam para as reuniões em Kreisau e em Berlim vários amigos e conhecidos que pensavam da mesma forma e que vinham de diferentes classes e convicções religiosas, entre eles o ex-professor de Oxford e porta-voz para política externa do grupo, Adam von Trott zu Solz, o social-democrata Carlo Mierendorff, o socialista especializado em pedagogia Adolf Reichwein, o padre jesuíta Alfred Delp e o pastor protestante Eugen Gerstenmaier.

O Círculo de Kreisau inspirava-se fortemente no idealismo do movimento da juventude alemã, em filosofias socialistas e cristãs e em experiências do sofrimento e da ascensão do nacional-socialismo no pós-guerra. Moltke, Yorck e seus companheiros — ao contrário do grupo de Goerdeler — não desejavam manter a hegemonia alemã no continente europeu. Em vez disso, visavam um futuro em que a soberania nacional (e as ideologias nacionalistas que a sustentavam) daria lugar a uma Europa federal, modelada, em parte, nos Estados Unidos da América. Estavam conscientes de que a Alemanha teria de fazer grandes concessões territoriais, além de alguma forma de reparação para os povos europeus que haviam sofrido tanto sob o mando nazista. Seu conceito de uma nova forma de Estado baseava-se fortemente nos ideais cristãos e sociais alemães, visando à democratização vinda de baixo, por meio de comunidades autônomas trabalhando com base na justiça social, garantidas por um Estado central que seria pouco mais do que uma organização guarda-chuva de interesses localizados e particularizados dentro de uma estrutura federal.

Essas noções eram inevitavelmente utópicas. O Círculo de Kreisau não tinha armas para apoiá-las e nenhum acesso a Hitler. Dependia do Exército para agir. Moltke, que se opunha ao assassinato, e Yorck, muito especialmente, defenderam em várias ocasiões a realização de um golpe para derrubar Hitler. Isso ainda deixava fora da equação o modo *como* destituir Hitler e *quem* deveria fazê-lo. Em vez de visões utópicas de uma ordem social e política futura, essa era a questão principal que continuava a preocupar Tresckow e seus colegas oficiais que haviam se comprometido com a oposição. O problema tornou-se no mínimo mais difícil durante o verão e o outono de 1943. As expectativas de que Manstein aderisse à

oposição foram totalmente abandonadas no verão. "Marechais de campo prussianos não se amotinam", foi sua resposta lapidar às sondagens de Gersdorff. Manstein foi pelo menos honesto e direto. Kluge, ao contrário, variava com o vento, oferecendo apoio a Tresckow e Gersdorff e depois recuando. Não havia nada a ganhar daquele lado, embora os oposicionistas persistissem na ilusão de que Kluge estava, em última análise, do lado deles.

Houve outros reveses. Beck ficou gravemente enfermo. E o conde Fritz-Dietlof von der Schulenburg — um advogado de formação que, depois de simpatizar com o nacional-socialismo e ocupar alguns altos cargos administrativos do regime, passara a servir de conexão entre a oposição civil e militar — foi interrogado sob suspeita de estar envolvido em planos golpistas, embora tenha sido liberado depois. Outros, entre eles Dietrich Bonhoeffer, um pastor evangélico radical, também foram detidos, à medida que os tentáculos da Gestapo ameaçavam enredar as principais figuras da resistência. Pior ainda: Hans von Dohnanyi e Hans Oster, da Abwehr, foram presos em abril, inicialmente por supostas irregularidades com moeda estrangeira, embora isso tenha atraído suspeitas sobre o envolvimento deles com a oposição política. O chefe da Abwehr, almirante Canaris, um ofuscador profissional, conseguiu durante um tempo jogar areia nos olhos dos agentes da Gestapo. Mas, como centro de resistência, a Abwehr tornara-se insustentável. Em fevereiro de 1944, seu departamento estrangeiro, que Oster controlara, foi incorporado ao Gabinete Central de Segurança do Reich e Canaris, figura dúbia para a oposição, colocado sob prisão domiciliar.

Tresckow, enquanto estava de licença em Berlim, era incansável nas tentativas de levar adiante planos de ação contra Hitler. Mas, em outubro de 1943, foi designado para comandar um regimento no front, longe de sua antiga posição influente no quartel-general do Grupo de Exércitos Centro. De qualquer modo, na mesma ocasião Kluge feriu-se num acidente de carro e foi substituído pelo marechal de campo Ernst Busch, um firme adepto de Hitler, de tal modo que uma tentativa de assassinato oriunda do Grupo de Exércitos Centro deixava de ser possível. Naquele momento, Olbricht reviveu o plano anteriormente pensado, mas nunca levado adiante, de realizar o ataque contra Hitler e o subsequente golpe não através do Exército do front, mas a partir do quartel-general do Exército de Reserva, em Berlim. Um grande problema fora encontrar um assassino com acesso

a Hitler. Agora, havia um à mão.

O conde Claus Schenk von Stauffenberg vinha de uma família aristocrática suábia. Nascido em 1907, o mais moço de três irmãos, cresceu sob a influência do catolicismo — embora sua família não fosse praticante — e do movimento jovem. Sentiu-se particularmente atraído pelas ideias do poeta Stefan George, que gozava então da estima extraordinária de um círculo de jovens admiradores, cativados por seu vago misticismo cultural neoconservador, que se afastava da esterilidade da vida burguesa e buscava uma nova elite de esteticismo, santidade e virilidade aristocráticos. Tal como muitos jovens oficiais, Stauffenberg foi atraído inicialmente por aspectos do nacional-socialismo — sobretudo sua ênfase no valor de Forças Armadas fortes e sua política externa anti-Versalhes —, mas rejeitava seu antissemitismo racial e, depois da crise Blomberg-Fritsch do início de 1938, tornou-se cada vez mais crítico de Hitler e seu impulso bélico. Mesmo assim, ao servir na Polônia, desprezou o povo polonês, aprovou a colonização do país e entusiasmou-se com a vitória alemã. Sentiu júbilo maior ainda depois dos incríveis sucessos na campanha ocidental e deu a entender que mudara sua opinião sobre Hitler.

Contudo, a barbárie crescente do regime deixou-o estarrecido. E quando se voltou irremediavelmente contra Hitler, no final da primavera de 1942, foi sob a influência de relatos de testemunhas incontestáveis dos massacres dos judeus ucranianos perpetrados pelos homens da SS. Ao ouvir os informes, Stauffenberg concluiu que era preciso eliminar Hitler. Em abril de 1943, quando estava no norte da África com a Décima Divisão Blindada, foi ferido gravemente e perdeu o olho direito, a mão direita e dois dedos da mão esquerda. Em agosto, pouco depois de sua alta hospitalar, ao conversar com Friedrich Olbricht sobre um novo posto de chefe na Repartição Geral do Exército em Berlim, foi sondado sobre entrar para a resistência. Havia poucas dúvidas de que sua resposta seria positiva. Ele já chegara à conclusão de que a única maneira de lidar com Hitler era matá-lo.

No início de setembro, Stauffenberg já fora apresentado às principais figuras da oposição. Tal como Tresckow, era um homem de ação, mais organizador do que teórico. No outono de 1943, discutiu com Tresckow sobre a melhor maneira de assassinar Hitler e sobre a questão relacionada, mas separada, de organizar o golpe que se seguiria. Como meio de tomar o Estado, tiveram a ideia de remodelar um plano operacional, batizado de Valquíria, já criado por Olbricht e aprovado por

Hitler, para mobilizar o Exército de Reserva dentro da Alemanha, caso houvesse uma agitação interna séria. Em meados de outubro, Tresckow já tinha um projeto elaborado. Previa um ataque pela 18a Divisão de Artilharia do Grupo de Exércitos Centro, não somente contra Hitler, mas também contra Himmler, Göring e Ribbentrop, a ser realizado em seus respectivos quartéis-generais, na Prússia Oriental. O golpe seria desencadeado pela declaração de que "elementos traiçoeiros da SS e do partido estão tentando explorar a situação para apunhalar pelas costas o [Exército] que luta duro na frente oriental e tomar o poder para seus próprios propósitos", exigindo a proclamação da lei marcial. O objetivo da Valquíria, que fora o de proteger o regime, transformava-se agora numa estratégia para acabar com ele.

Desencadear a Valquíria apresentava, no entanto, dois problemas, uma vez que a nova designação de Tresckow, em meados de outubro, significava que o golpe teria de ser dirigido de Berlim, e não do Grupo de Exércitos Centro. O primeiro era que, nas novas circunstâncias, o comando tinha de ser dado pelo chefe do Exército de Reserva. Tratava-se do general de Exército Friedrich Fromm, nascido em 1888 numa família protestante com tradição militar, homem enorme, um pouco reservado de caráter, com crenças fortes no Exército como fiador da posição da Alemanha como potência mundial. Fromm não era um seguidor indiscutível de Hitler, mas alguém que preferia ficar em cima do muro, com opções abertas, e apoiaria quem estivesse no poder, o regime ou os golpistas — política que acabaria por voltar-se contra ele. O outro problema era a velha questão do acesso a Hitler. Tresckow concluíra que somente uma tentativa de assassinato no quartel-general do Führer poderia evitar a imprevisibilidade de sua agenda e as precauções de segurança que o rodeavam. A dificuldade era encontrar alguém disposto a levar a cabo o atentado e que tivesse motivos para estar perto do quartel-general.

Stauffenberg, que trouxera um dinamismo novo ao movimento de oposição, queria um ataque contra Hitler até meados de novembro. Mas quem o realizaria? Dois oficiais contatados por ele não aceitaram a missão. O atentado teve de ser adiado. Nesse meio-tempo, Stauffenberg foi apresentado ao capitão barão Axel von dem Bussche, cuja bravura em ação fora recompensada com a Cruz de Ferro, Primeira Classe, entre outras condecorações. Testemunhar um fuzilamento em massa de milhares de judeus na Ucrânia em outubro de 1942 foi uma experiência

marcante para Bussche e fez com que ficasse aberto a qualquer ideia de liquidar Hitler e seu regime. Ele estava disposto a se sacrificar saltando sobre Hitler com uma granada detonada enquanto o Führer visitasse uma exibição de uniformes novos.

A má sorte continuou a perseguir os planos. Em dezembro de 1943, uma dessas exibições teve de ser cancelada porque o trem que levava os uniformes foi atingido por um ataque aéreo. Antes que pudesse ser trazido para uma nova tentativa, Bussche foi seriamente ferido no front oriental, perdeu uma perna e deixou de fazer parte dos planos de Stauffenberg.

O tenente Ewald Heinrich von Kleist, filho do latifundiário prussiano e velho crítico de Hitler Ewald von Kleist-Schmenzin, expressou o desejo de assumir a missão. Tudo estava preparado para a visita de Hitler a uma apresentação de uniformes em meados de fevereiro. Mas a exibição foi novamente cancelada.

Contudo, outra chance surgiu quando o capitão de cavalaria Eberhard von Breitenbuch, ajudante de campo do marechal de campo Busch (sucessor de Kluge no comando do Grupo de Exércitos Centro) e já iniciado nos planos para eliminar Hitler, teve a chance de acompanhar Busch a uma reunião militar no Berghof, em 11 de março de 1944. Breitenbuch declarara-se disposto a atirar na cabeça de Hitler. Sua pistola Browning estava no bolso de sua calça e pronta para ser disparada assim que se aproximasse do Führer. Mas, nessa ocasião, os ajudantes de campo não tiveram permissão para entrar na reunião. A sorte continuava do lado de Hitler.

Até mesmo Stauffenberg começou a desanimar, especialmente depois que os Aliados estabeleceram uma cabeça de ponte firme no solo da França. A Gestapo estava no encalço da oposição: várias prisões de figuras importantes apontavam para o perigo crescente. Não seria melhor agora esperar a inevitável derrota? Um ataque bem-sucedido a Hitler não seria mais do que um gesto vazio? Tresckow deu a resposta: era vital que o golpe fosse dado, que o mundo exterior visse que existia um movimento de resistência alemão cujos membros estavam dispostos a perder suas vidas para derrubar o impiedoso regime.

Uma última oportunidade apresentou-se. Em 1o de julho de 1944, promovido agora a coronel, Stauffenberg foi designado para chefe do Estado-Maior de Fromm — na realidade, seu adjunto. Isso lhe deu o que até então faltava: acesso a Hitler em reuniões de informações militares relacionadas com o Exército interno. Ele não

precisava mais procurar alguém para matar o Führer. Poderia executar a missão ele mesmo.

Mas, ao assumir o papel de assassino, surgia uma dificuldade: Stauffenberg era necessário também em Berlim, para organizar o golpe a partir do quartel-general do Exército de Reserva. O papel duplo significava que as chances de fracasso aumentavam. Estava longe de ser o ideal. Mas era preciso assumir o risco.

Em 6 de julho, Stauffenberg esteve presente pela primeira vez, na qualidade de chefe de Estado-Maior de Fromm, numa reunião de duas horas realizada no Berghof. Levava explosivos com ele. Mas parece que não se apresentou uma oportunidade apropriada. Qualquer que tenha sido o motivo, ele não tentou nada nessa ocasião. Impaciente por agir, resolveu tentar em sua próxima visita ao Berghof, cinco dias depois. Mas a ausência de Himmler, que os conspiradores queriam eliminar junto com Hitler, o deteve. De novo, nada aconteceu. Em 15 de julho, quando esteve novamente com o Führer em seu quartel-general (de volta à Toca do Lobo, na Prússia Oriental), Stauffenberg estava decidido a agir. Mais uma vez, nada aconteceu. O mais provável é que ele não tenha conseguido programar a carga a tempo da primeira das três reuniões daquela tarde. Enquanto decorria a segunda e curta reunião, ele estava telefonando para Berlim para esclarecer se deveria levar adiante o atentado na ausência de Himmler. E, durante a terceira reunião, ele esteve diretamente envolvido na apresentação, o que o privou da possibilidade de aprontar a bomba e realizar o ataque. Dessa vez, Olbricht chegou até a emitir a ordem da Valquíria, o que teve de ser explicado como um exercício de alarme. O erro não poderia se repetir. Na próxima vez, a emissão da ordem da Valquíria não poderia acontecer antes da tentativa de assassinato. Seria preciso esperar a confirmação de Stauffenberg de que Hitler estava morto. Após a perda da chance no dia 15 — terceira vez em que correra risco inutilmente —, Stauffenberg preparou-se para o que seria a última tentativa, conforme disse a seus companheiros de conspiração, reunidos em sua casa no Wannsee de Berlim, na noite de 16 de julho. Ela ocorreria durante sua próxima visita à Toca do Lobo, marcada para 20 de julho.

III

Depois de duas horas de voo de Berlim, Stauffenberg e seu ajudante, tenente Werner von Haeften, desceram em Rastenburg às 10h15 de 20 de julho. Stauffenberg foi imediatamente levado de carro para a Toca do Lobo, distante pouco mais de seis quilômetros. Haeften acompanhou o general de brigada Stieff, que viera no mesmo avião, até o Alto-Comando do Exército, antes de retornar ao quartel-general do Führer. Às 11h30, Stauffenberg estava presente numa reunião prévia dirigida por Keitel, que durou três quartos de hora. O tempo era curto, visto que a reunião de informações com Hitler, devido à chegada de Mussolini naquela tarde, seria realizada meia hora antes do horário costumeiro, às 12h30.

Assim que terminou a reunião com Keitel, Stauffenberg perguntou onde poderia se lavar e trocar de camisa. Era um dia quente e um pedido normal, mas ele precisava apressar-se. Haeften, que trazia a pasta com a bomba, encontrou-o no corredor. Assim que chegaram ao banheiro, começaram a preparar os estopins de ação retardada para os dois dispositivos explosivos que haviam trazido. Stauffenberg montou a primeira carga. A bomba poderia detonar a qualquer momento depois de um quarto de hora, tendo em vista as condições do lugar quente e abafado, e explodiria em meia hora, no máximo. Do lado de fora, Keitel estava ficando impaciente. Exatamente naquele momento, chamou por telefone o general Erich Fellgiebel, chefe das comunicações no Alto-Comando da Wehrmacht e encarregado, no complô contra Hitler, da tarefa vital de bloquear as comunicações do quartel-general do Führer logo após a tentativa de assassinato. O ajudante de Keitel, major Ernst John von Freyend, atendeu o telefone. Fellgiebel queria falar com Stauffenberg e pediu que ele ligasse de volta. Não havia tempo para isso. Freyend mandou o sargento-ajudante Werner Vogel avisar Stauffenberg da mensagem e apressá-lo. Vogel encontrou Stauffenberg e Haeften ocupados com algum objeto. Diante do pedido para se apressar, Stauffenberg respondeu bruscamente que estava a caminho. Freyend gritou então que ele deveria ir de imediato. Vogel esperava junto à porta aberta. Stauffenberg fechou apressadamente a pasta. Não houve chance de montar o estopim da segunda bomba. Haeften enfiou-a junto com diversos papéis em sua própria sacola. Foi um momento decisivo. Se o segundo dispositivo tivesse sido posto na pasta de Stauffenberg,

mesmo sem estopim montado, ele teria sido detonado pela explosão do primeiro, mais do que dobrando seu efeito. É quase certo que ninguém teria sobrevivido nesse caso.

A reunião, realizada como sempre na cabana de madeira, cercada pelo alto muro do perímetro interno fortemente vigiado da Toca do Lobo, já havia começado quando Stauffenberg entrou. Hitler, sentado no meio do longo lado da mesa mais próximo da porta, de frente para as janelas, estava ouvindo o general de brigada Adolf Heusinger, chefe de operações no quartel-general do Estado-Maior Geral, que descrevia a deterioração rápida da posição na frente oriental. Distraído, Hitler apertou a mão de Stauffenberg, quando Keitel o apresentou, e voltou ao informe de Heusinger. Stauffenberg pedira um lugar mais próximo do Führer. Sua deficiência auditiva e a necessidade de ter seus papéis à mão, quando informasse sobre a criação de várias divisões novas do Exército de Reserva para ajudar a bloquear a entrada dos soviéticos na Polônia e na Prússia Oriental, davam-lhe uma boa desculpa. Abriram espaço para ele à direita de Hitler, perto da ponta da mesa. Freyend, que trouxera a pasta de Stauffenberg para a sala, colocou-a no chão, encostada à direita do sólido pé da mesa.

Logo após chegar à sala, Stauffenberg arranjou uma desculpa para sair. Isso não atraiu nenhuma atenção especial, pois havia muito entra-e-sai durante as conferências diárias. Era comum atender a telefonemas importantes ou ser chamado para alguma coisa. Stauffenberg deixou o boné e o cinturão para sugerir que voltaria. Fora da sala, pediu a Freyend para arranjar a conexão para o telefonema que ainda tinha de fazer ao general Fellgiebel. Mas, assim que o ajudante de Keitel retornou à reunião, Stauffenberg desligou e voltou correndo ao prédio dos ajudantes da Wehrmacht, onde se encontrou com Haeften e Fellgiebel. O tenente Ludolf Gerhard Sander, oficial de comunicações do departamento de Fellgiebel, também estava presente. Nesse meio-tempo, a ausência de Stauffenberg na reunião fora notada: precisavam dele para fornecer uma informação durante a apresentação de Heusinger. Mas, naquele momento, ninguém desconfiou de nada. No prédio dos ajudantes, Stauffenberg e Haeften faziam preparativos ansiosamente no carro que deveria levá-los ao campo de aviação. De repente, ouviram uma explosão ensurdecedora vinda da direção dos alojamentos. Fellgiebel olhou espantado para Stauffenberg, que deu de ombros. Sander não pareceu surpreso e

observou que minas em torno do quartel-general eram constantemente detonadas por animais selvagens. Era por volta de 12h45.

Stauffenberg e Haeften partiram para o aeródromo de carro, dirigido por um motorista, assim que puderam fazê-lo sem despertar suspeita. O alarme ainda não havia tocado quando Stauffenberg conseguiu passar pelos guardas do portão da zona interna. Encontrou maior dificuldade para sair do perímetro externo, quando o alarme já soara. Teve de telefonar para um oficial, o capitão de cavalaria Leonhard von Möllendorf, que o conhecia e se dispôs a autorizar sua passagem. Uma vez fora, aceleraram pela estrada sinuosa até o campo de aviação. No caminho, Haeften jogou longe o pacote com o segundo explosivo. O carro os deixou a cem metros do avião que os aguardava e voltou imediatamente. Às 13h15, eles estavam a caminho de Berlim, firmemente convencidos de que Hitler estava morto.

Quando a bomba explodiu, com um clarão de chamas azuis e amarelas e ruído ensurdecedor, Hitler estava inclinado sobre a pesada mesa de carvalho, apoiado no cotovelo, mão no queixo, estudando posições de reconhecimento aéreo num mapa. Janelas e portas voaram. Acumularam-se nuvens de fumaça grossa. Cacos de vidro, pedaços de madeira e uma chuva de papéis e outros escombros voaram em todas as direções. Partes da cabana destruída estavam em chamas. Por alguns instantes, houve um pandemônio. No momento da explosão, 24 pessoas estavam no local. Alguns foram jogados no chão ou atirados do outro lado da sala. Outros tinham cabelos e roupas em chamas. Ouviam-se gritos de socorro. Formas humanas cambaleavam — contundidas, parcialmente cegas, tímpanos estourados — entre a fumaça e os escombros, buscando desesperadamente sair das ruínas da cabana. Os menos afortunados jaziam nos destroços, alguns fatalmente feridos. Entre os que estavam dentro da cabana, somente Keitel e Hitler safaram-se de forte concussão; e apenas Keitel escapou de ter os tímpanos estourados.

Hitler havia, incrivelmente, sobrevivido apenas com ferimentos superficiais. Após o choque inicial da explosão, percebeu que estava inteiro e podia mover-se. Então seguiu para a porta através dos escombros, batendo nas chamas de suas calças e arrancando os cabelos queimados da parte posterior da cabeça enquanto avançava. Ele se chocou com Keitel, que o abraçou chorando e gritando: "Meu Führer, o senhor está vivo, o senhor está vivo!". Keitel ajudou-o a sair do prédio:

estava com o casaco do uniforme rasgado, as calças e as ceroulas aos pedaços. Mas conseguia caminhar sem dificuldade. Retornou imediatamente ao seu bunker. O dr. Morell foi chamado com urgência. Seu braço direito, que mal conseguia levantar, estava inchado e dolorido, havia inchaços e escoriações no braço esquerdo, queimaduras e bolhas nas mãos e nas pernas (que estavam também cheias de estilhaços de madeira) e cortes na testa. Mas esses, além dos tímpanos estourados, foram seus ferimentos mais graves. Quando Linge, seu criado pessoal, chegou esbaforido, Hitler já estava calmo e, com um sorriso amarelo, disse: "Linge, alguém tentou me matar".

Below, seu ajudante para a Luftwaffe, apesar do choque e das lacerações no rosto provocadas por cacos de vidro, teve controle suficiente para correr até a cabana das comunicações, onde exigiu o bloqueio de todas elas, exceto aquelas de Hitler, Keitel e Jodl. Ao mesmo tempo, convocou Himmler e Göring para que comparecessem ao bunker de Hitler. Depois, foi ele mesmo para lá. Hitler estava sentado em seu estúdio, com o alívio escrito no rosto, pronto para exibir — aparentemente com uma ponta de orgulho — suas roupas esfrangalhadas. Sua atenção já se voltara para a questão da autoria da tentativa de assassinato. De acordo com Below, ele rejeitou sugestões (em que a princípio parece ter acreditado) de que a bomba fora colocada por operários da Organização Todt que estavam temporariamente no quartel-general do Führer para completar o reforço do complexo contra ataques aéreos. A suspeita já recaía sobre o ausente Stauffenberg. A procura por ele e a investigação da tentativa de assassinato começaram por volta das duas da tarde, embora naquele momento não se dessem conta de que se tratava de um sinal para um levante geral contra o regime. A fúria de Hitler contra os dirigentes militares, em quem nunca confiara, crescia minuto a minuto. Ele estava pronto para desencadear uma vingança terrível contra aqueles que, na sua visão, estavam apunhalando o Reich pelas costas num momento de crise.

IV

Àquela altura, Stauffenberg estava a meio caminho de Berlim. Na capital, os conspiradores esperavam ansiosos por seu retorno, ou notícias do que lhe acontecera, e hesitavam em agir, inseguros sobre o prosseguimento da Operação Valquíria. A mensagem que Fellgiebel conseguira enviar, antes mesmo de Stauffenberg partir de Rastenburg, era menos clara do que ele pensava: algo terrível acontecera, o Führer ainda estava vivo. Era tudo. Não havia detalhes. Não ficava claro se a bomba explodira, se Stauffenberg fora preso, nem mesmo se estava vivo. Outras mensagens recebidas indicavam que alguma coisa acontecera na Toca do Lobo, mas que Hitler sobrevivera. A Valquíria deveria seguir em frente? Não havia planos contingenciais para dar um golpe se Hitler ainda estivesse vivo. E, sem notícia confirmada da morte do Führer, Fromm, em sua posição de comandante do Exército de Reserva, certamente não daria aprovação ao golpe. Olbricht concluiu que tomar qualquer medida antes de ter uma notícia definitiva seria cortejar o desastre para todos os envolvidos. Perdeu-se um tempo vital. Enquanto isso, só fora possível bloquear temporariamente as comunicações da Toca do Lobo. Logo depois das quatro daquela tarde, antes do início de algum golpe, as linhas estavam restabelecidas de novo.

Stauffenberg chegou de volta a Berlim entre 14h45 e 15h15. Não havia carro a esperá-lo. Seu motorista o aguardava no aeródromo de Rangsdorf, mas o avião descera em Tempelhof (ou outro campo de pouso de Berlim — esse detalhe não está totalmente claro) e ele teve de telefonar pedindo um carro que o levasse junto com Haeften à Bendlerstraße. Foi mais um atraso. Stauffenberg só chegou ao quartel-general da conspiração, onde a tensão era febril, às 16h30. Haeften já havia telefonado do aeródromo, anunciando que Hitler estava morto. Stauffenberg repetiu a mensagem quando chegaram à Bendlerstraße. Disse que estava com o general Fellgiebel fora da cabana e vira com seus próprios olhos os homens dos primeiros socorros correndo e veículos da emergência chegando. Ninguém poderia ter sobrevivido àquela explosão, era sua conclusão. Por mais convincente que fosse para os que estavam ansiosos por acreditar em sua mensagem, uma figura-chave, o general de Exército Fromm, tinha outra informação. Ele falara com Keitel por volta das quatro da tarde e soubera que o Führer sofrera somente ferimentos sem

importância. Afora isso, Keitel perguntara onde poderia estar o coronel Stauffenberg.

Fromm recusou de imediato o pedido de Olbricht para que assinasse as ordens para a Valquíria. Mas, quando Olbricht retornou à sua sala para anunciar a recusa de Fromm, seu impaciente chefe de Estado-Maior, coronel Mertz von Quirnheim, amigo de Stauffenberg e envolvido havia muito tempo no complô, já dera início à ação com uma mensagem telegrafada aos comandantes militares regionais que começava assim: "O Führer, Adolf Hitler, está morto". Quando Fromm tentou mandar prender Mertz, Stauffenberg lhe disse que, ao contrário, era ele, Fromm, que estava detido.

Àquela altura, vários dos principais conspiradores já haviam sido contatados e começaram a se reunir na Bendlerstraße. Beck estava lá e anunciava que assumira o comando no Estado; e que o marechal de campo Erwin von Witzleben, ex-comandante em chefe na França e envolvido havia muito tempo na conspiração, era o novo comandante em chefe do Exército. O general de Exército Hoepner, sucessor de Fromm designado no golpe, demitido por Hitler em desgraça no início de 1942 e proibido de usar seu uniforme, chegou por volta das 16h30, em trajes civis, carregando uma mala. Ela continha seu uniforme, que ele vestiu de novo naquela noite.

As cenas na Bendlerstraße eram cada vez mais caóticas. Conspirar para dar um golpe num Estado policial não é coisa simples. Mas, mesmo nas circunstâncias prevalecentes, muita coisa lembrava uma organização diletante. Havia muitos fios soltos. Pouca atenção fora dada a detalhes pequenos, mas importantes no cronograma, na coordenação e, não menos relevante, nas comunicações. Não haviam feito nada para explodir o centro de comunicações no quartel-general do Führer, ou ao menos para deixá-lo permanentemente fora de ação. Não tomaram medidas para obter o controle imediato de estações de rádio em Berlim e outras cidades. Nenhuma transmissão por rádio foi feita pelos golpistas. Líderes do Partido Nazista e da SS não foram presos. O próprio senhor da propaganda, Goebbels, não foi perturbado. Entre os conspiradores, havia gente demais envolvida em emitir e executar comandos. Havia incerteza e hesitação demasiadas. Tudo dependia da morte de Hitler. Eles simplesmente davam por certo que, se Stauffenberg conseguisse explodir a bomba, Hitler estaria morto. Quando essa premissa foi posta

em questão e depois desmentida, o plano para o golpe de Estado logo se revelou desordenado. O fator crucial, na ausência da confirmação da morte de Hitler, foi que havia fiéis ao regime em demasia e um excesso de hesitantes, com muito a perder caso se comprometessem com o lado dos conspiradores.

Apesar das insistentes declarações de Stauffenberg sobre a morte de Hitler, a notícia de sua sobrevivência, deprimente para os conspiradores, ganhou força. No meio da noite, estava cada vez mais óbvio para os insurrectos que o golpe falhara sem apelação.

No quartel-general do Führer, ficou rapidamente claro que a tentativa de assassinato era o sinal para uma insurreição militar e política contra o regime. No meio da tarde, Hitler dera a Himmler o comando do Exército de Reserva. E Keitel havia informado aos distritos militares que ocorrera um atentado contra Hitler, mas que ele estava vivo, e que as ordens dos conspiradores não deveriam ser obedecidas de forma nenhuma. Era possível encontrar fiéis ao regime até mesmo na Bendlerstraße, sede da insurreição. O oficial de comunicações dali, após receber a ordem de Keitel à noite — enquanto os conspiradores se desesperavam cada vez mais —, enviava a mensagem de que as ordens que tinha de transmitir em nome deles eram inválidas. Enquanto isso, os ajudantes de Fromm disseminavam no prédio a notícia de que Hitler ainda estava vivo e reuniam um grupo de oficiais disposto a desafiar os conspiradores, cujo apoio, dentro e fora da Bendlerstraße, já limitado e hesitante, esvaziava-se rapidamente. Unidades do Exército, que de início haviam apoiado o golpe, diante da notícia da sobrevivência de Hitler, recuavam.

Isso aconteceu também em Paris. Seu comandante militar, general Karl Heinrich von Stülpnagel, e seus oficiais subordinados haviam apoiado firmemente os insurrectos. Mas o supremo comandante no oeste, marechal de campo Von Kluge, vacilou como de costume. Num telefonema inútil de Berlim, Beck não conseguiu persuadi-lo a participar da revolta. Depois que soube do fracasso da tentativa de assassinato, Kluge contradisse as ordens de Stülpnagel para prender toda a SS, a SD e a Gestapo em Paris, demitiu o general, denunciou suas ações a Keitel e, mais tarde, congratulou Hitler por ter sobrevivido a um ataque traiçoeiro contra sua vida.

Àquela altura, os eventos em Berlim haviam chegado ao seu desfecho. No final da manhã, Speer fizera um discurso sobre a situação da Alemanha em armamentos no Ministério da Propaganda, ao qual compareceram ministros, autoridades

públicas e industriais. Depois de encerrar a reunião, Goebbels levara Walther Funk e o palestrante ao seu estúdio para falar sobre a mobilização dos recursos remanescentes no país. Enquanto conversavam, ele foi chamado com urgência para atender a um telefonema do quartel-general do Führer. Apesar do rápido bloqueio das comunicações, ele tinha uma linha direta com o QG, que evidentemente ficara aberta. O telefonema era do chefe de imprensa Otto Dietrich, que lhe deu a notícia do atentado a Hitler. Isso ocorreu minutos depois da explosão. Naquele momento havia poucos detalhes, além do fato de Hitler ter sobrevivido. Dietrich lhe disse que provavelmente operários da Organização Todt eram os responsáveis e Goebbels censurou Speer pela óbvia deficiência das precauções de segurança tomadas.

O ministro da Propaganda ficou estranhamente quieto e pensativo durante o almoço. E, para as circunstâncias, é incrível que tenha se retirado para sua costumeira sesta da tarde. Foi acordado entre duas e três da tarde por Wilfried von Oven, chefe de seu gabinete de imprensa, que acabara de receber um telefonema agitado de Heinz Lorenz, adjunto de Dietrich. Lorenz ditara um texto breve — redigido, segundo ele, pelo próprio Hitler — para transmissão imediata pelo rádio. Goebbels não gostou do laconismo dos termos e observou que a urgência em transmitir a notícia era menos importante do que a certeza de que ela estivesse redigida de modo apropriado para consumo do público. Deu instruções para preparar um comentário adequadamente manipulado. Naquele momento, estava claro que o ministro da Propaganda não tinha ideia da gravidade da situação, que oficiais do Exército estavam envolvidos e que uma revolta fora desencadeada. Acreditando que uma falha de segurança permitira que operários não confiáveis perpetrassem um atentado, haviam lhe dito que Hitler estava vivo. Mais do que isso ele não sabia. Mesmo assim, seu comportamento após saber da notícia e depois, durante a tarde, quando cumpriu sua agenda normal de trabalho e mostrou demora incomum ao pôr no ar a transmissão urgente pedida pelo quartel-general do Führer, foi estranho. É possível que tenha concluído que a crise imediata havia passado e que esperaria mais informações antes de divulgar qualquer comunicado à imprensa. O mais provável é que não tivesse certeza dos desdobramentos da crise e quisesse minimizar seus riscos.

Por fim, após esse longo intervalo, notícias novas da Toca do Lobo acabaram com sua inação. Ele telefonou a Speer, disse-lhe para deixar tudo de lado e vir

correndo para sua residência, perto do Portão de Brandenburgo. Lá contou a Speer que o quartel-general do Führer lhe informara que um grande golpe militar em todo o Reich estava em andamento. Speer ofereceu imediatamente seu apoio a qualquer tentativa de derrotar e esmagar a revolta. Em poucos minutos, o arquiteto viu tropas armadas na rua que cercavam o prédio. Naquele momento — por volta das 18h30 — Goebbels deu uma olhada para fora e desapareceu em seu quarto, pondo uma pequena caixa de comprimidos de cianureto — "para todas as eventualidades" — em seu bolso. O fato de não conseguir localizar Himmler deixou-o preocupado. O *Reichsführer-SS* teria caído nas mãos dos golpistas? E se ele estivesse por trás do golpe? Não faltavam suspeitas. A eliminação de uma figura importante como Goebbels deveria ser prioritária para os conspiradores. Espantosamente, nem pensaram em cortar seu telefone. Isso e o fato de que os líderes do levante não tivessem feito nenhuma proclamação pelo rádio persuadiram o ministro da Propaganda que nem tudo estava perdido, embora tivesse ouvido informes inquietantes sobre movimento de tropas em Berlim.

O batalhão de guarda da casa de Goebbels era comandado pelo major Otto Ernst Remer, na época com 32 anos, hitlerista fanático que acreditou inicialmente na ficção construída pelos conspiradores de que estavam debelando um levante contra o Führer de grupos insatisfeitos da SS e do partido. Quando recebeu ordens de seu superior, o comandante da cidade de Berlim, general de brigada Paul von Hase, de participar do cerco ao bairro do governo, Remer obedeceu sem objeção. Porém, logo suspeitou de que se tratava de uma mentira e que, na verdade, não estava ajudando a debelar um golpe de líderes do partido e da SS contra Hitler, mas um golpe militar contra o regime deflagrado por oficiais rebeldes. Quis a sorte que o tenente Hans Hagen, encarregado de incutir os princípios nazistas entre os soldados, tivesse feito naquela tarde uma palestra ao batalhão de Remer em nome do ministro da Propaganda. Hagen utilizou então seu contato fortuito com Remer para combater a conspiração contra Hitler. Persuadiu Goebbels a falar diretamente com Remer, convencê-lo do que estava de fato acontecendo e conquistá-lo para seu lado. Hagen procurou então Remer, instilou as sementes da dúvida sobre a ação em que estava engajado, convenceu-o a desconsiderar as ordens de seu superior e procurar Goebbels. Até então, Remer não sabia se Goebbels fazia parte ou não de um golpe interno do partido contra Hitler. Se cometesse um erro, poderia custar-

lhe a cabeça. Porém, depois de alguma hesitação, concordou em se encontrar com o ministro da Propaganda.

Goebbels lembrou-lhe seu juramento ao Führer. Remer expressou sua fidelidade a Hitler e ao partido, mas observou que o Führer estava morto. "O Führer está vivo!", retrucou Goebbels. "Falei com ele há poucos minutos." Remer hesitava. Goebbels sugeriu que ele falasse pessoalmente com Hitler. Era por volta das sete da noite. Em poucos minutos, foi feito o telefonema para a Toca do Lobo. Hitler perguntou ao major se ele reconhecia sua voz. Rigidamente atento, Remer disse que reconhecia. "Você está me escutando? Então estou vivo! O atentado falhou", foram as palavras do Führer, segundo Remer. "Uma minúscula panelinha de oficiais ambiciosos queria me liquidar. Mas agora sabemos quem são os sabotadores do front. Vamos acabar sumariamente com essa peste. Encarrego o senhor da tarefa de restaurar imediatamente a calma e a segurança na capital do Reich, se necessário pela força. O senhor está sob meu comando pessoal para esse fim até que o *Reichsführer-SS* chegue à capital do Reich!" Tudo o que Speer, que estava na sala naquele momento, pôde ouvir foi "Sim, meu Führer. [...] Sim, como o senhor mandar, meu Führer". Remer foi encarregado da segurança em Berlim, no lugar de Hase. Ele deveria seguir todas as instruções de Goebbels.

O major combinou que o ministro falaria aos seus homens. Por volta das 20h30, Goebbels dirigiu-se ao batalhão de guarda no jardim de sua residência e conquistou-os rapidamente. Quase duas horas antes, havia divulgado um comunicado pelo rádio em que contava aos ouvintes o ataque a Hitler e como ele havia sofrido apenas ferimentos leves, recebera Mussolini naquela tarde e já estava de volta ao trabalho. Para aqueles que ainda hesitavam, a notícia da sobrevivência de Hitler foi uma informação vital. Entre oito e nove horas da noite, o cerco ao bairro do governo foi levantado. O batalhão de guarda era agora requisitado para outros deveres: arrancar os conspiradores de seu quartel-general na Bendlerstraße. O ponto alto da conspiração havia passado. Para os conspiradores, o destino estava traçado.

V

Alguns já tentavam se safar antes mesmo que a transmissão do comunicado de Goebbels anunciasse que Hitler estava vivo. À noite, o grupo de conspiradores no Bendlerblock, o prédio do Alto-Comando da Wehrmacht na Bendlerstraße, era praticamente o que restava do levante. O batalhão de guarda de Remer cercava o edifício. Unidades blindadas fiéis ao regime aproximavam-se do centro de Berlim. Comandantes de tropas não estavam mais dispostos a ouvir as ordens dos conspiradores. Até mesmo oficiais mais antigos recusavam-se a obedecer às ordens deles no próprio Bendlerblock, lembrando-lhes do juramento que haviam feito a Hitler, o qual ainda era válido com a notícia de sua sobrevivência veiculada pelo rádio.

Um grupo de oficiais do Estado-Maior, insatisfeitos com a explicação cada vez mais esfarrapada de Olbricht sobre o que estava acontecendo e, independente de seus sentimentos em relação a Hitler, ansiosos por salvar a própria pele diante de uma causa evidentemente perdida, rebelou-se. Logo após as 21 horas, retornaram armados ao gabinete de Olbricht. Enquanto seu porta-voz, o tenente-coronel Franz Herber, falava com Olbricht, ouviram-se tiros no corredor, um dos quais atingiu Stauffenberg no ombro. Foi uma breve perturbação, nada além disso. Herber e seus homens invadiram o gabinete de Fromm, onde estavam reunidos o general de Exército Hoepner, escolhido pelos conspiradores para comandar o Exército de Reserva, Mertz, Beck, Haeften e o ferido Stauffenberg. Herber exigiu falar com Fromm e lhe disseram que ele ainda estava em seu apartamento (onde era mantido sob guarda desde a tarde). Um dos oficiais rebeldes foi imediatamente para lá e contou a Fromm o que estava acontecendo. O guarda do lado de fora da porta do general desapareceu. Libertado, Fromm retornou ao seu gabinete para enfrentar os golpistas. Por volta das 22 horas, seu corpanzil surgiu na porta da sala, ele lançou um olhar de desprezo aos líderes da insurreição, já totalmente desanimados, e declarou: "Então, cavalheiros, agora vou fazer com vocês o que fizeram comigo nesta tarde".

O que os conspiradores haviam feito com Fromm fora trancá-lo em seu quarto e lhe dar sanduíches e vinho. Fromm foi menos ingênuo. Tinha seu pescoço a salvar — pelo menos, era o que pensava. Disse aos golpistas que estavam presos e exigiu a

entrega de todas as armas. Beck pediu para ficar com a sua, "para uso privado". Fromm ordenou que fizesse uso dela imediatamente. Beck disse que naquele momento estava pensando em dias antigos. Fromm instou-o a ir adiante com aquilo. Beck pôs a arma contra sua cabeça, mas só conseguiu ferir de raspão a têmpora. Fromm ofereceu aos outros alguns momentos, se quisessem escrever suas últimas palavras. Hoepner aproveitou a oportunidade e sentou-se à escrivaninha de Olbricht; o mesmo fez o próprio Olbricht. Enquanto isso, Beck, cambaleando em consequência do golpe de raspão na têmpora, recusava-se a entregar a pistola e insistia em ter permissão para dar outro tiro. Mesmo assim, só conseguiu infligir um ferimento grave em sua cabeça. Com Beck contorcendo-se no chão, Fromm saiu da sala e ficou sabendo que uma unidade do batalhão de guarda havia entrado no pátio do Bendlerblock. Sabia também que Himmler, o novo comandante designado para o Exército de Reserva, estava a caminho. Não havia tempo a perder. Retornou à sua sala após cinco minutos e anunciou que havia realizado uma corte marcial em nome do Führer. Mertz, Olbricht, Haeften e "esse coronel cujo nome não mencionarei mais" haviam sido condenados à morte. "Leve alguns homens e execute esta sentença lá embaixo, no pátio, imediatamente", ordenou a um oficial presente. Stauffenberg tentou assumir toda a responsabilidade, declarando que os outros haviam simplesmente cumprido suas ordens. Fromm não disse nada enquanto os quatro homens eram conduzidos para a execução e Hoepner — de início também marcado para morrer, mas poupado temporariamente após uma discussão em particular com Fromm — era levado para a prisão. Com um olhar de relance para Beck, Fromm mandou que um dos oficiais acabasse com ele. O ex-chefe do Estado-Maior foi arrastado para a sala adjacente e liquidado.

Os homens condenados foram rapidamente escoltados até o pátio, onde um pelotão de fuzilamento de dez homens, escolhidos do batalhão de guarda, já esperava. Para ampliar o efeito macabro da cena, os motoristas dos veículos estacionados no pátio receberam ordem para acender os faróis na direção do pequeno monte de areia próximo à porta de onde emergiram Stauffenberg e seus colegas de conspiração. Sem cerimônia, Olbricht foi posto sobre o monte de areia e prontamente fuzilado. O próximo a ser trazido foi Stauffenberg. No momento em que o pelotão abriu fogo, Haeften jogou-se na frente dele e morreu primeiro. Não adiantou nada. Stauffenberg foi imediatamente colocado de novo sobre o monte de

areia. Quando os tiros foram disparados, ouviu-se ele gritar: “Viva a sagrada Alemanha”. Segundos depois, Mertz von Quirnheim foi executado também. De imediato, Fromm mandou um telegrama anunciando a repressão sangrenta da tentativa de golpe e a execução de seus cabeças. Depois, fez um discurso ardoroso aos que estavam reunidos no pátio, atribuindo a salvação assombrosa de Hitler à Providência. Terminou gritando três vezes “Sieg Heil” ao Führer.

Enquanto os corpos dos homens executados, além do cadáver de Beck, que fora arrastado escada abaixo até o pátio, eram levados num caminhão para serem enterrados — no dia seguinte, Himmler mandaria exumá-los e cremá-los —, os conspiradores restantes no Bendlerblock eram presos. Era por volta de 0h30.

Afora os remanescentes do golpe em Paris, Praga e Viena, e as terríveis e inevitáveis represálias que estavam por vir, a última tentativa de derrubar Hitler e seu regime estava acabada.

VI

Horas antes desse fatídico 20 de julho de 1944, pouco depois de voltar ao seu bunker após a explosão, Hitler recusara-se a cancelar a visita do Duce, marcada para as 14h30 daquela tarde, mas postergada em meia hora devido ao atraso do trem que trazia Mussolini. Seria a última das dezessete reuniões dos dois ditadores. E foi certamente a mais estranha. Com a aparência recomposta, havia poucos sinais de que Hitler acabara de escapar de um atentado. Saudou Mussolini com a mão esquerda, uma vez que tinha dificuldade para erguer o braço direito ferido. Ele contou ao Duce o que havia acontecido e depois o levou à cabana de madeira destruída onde a explosão acontecera. Numa cena macabra, em meio à devastação, acompanhado apenas pelo intérprete Paul Schmidt, Hitler descreveu ao seu colega ditador onde estava, com o braço direito apoiado na mesa enquanto estudava o mapa, quando a bomba detonou. Mostrou-lhe os cabelos chamuscados na nuca. Sentou-se numa caixa revirada. Schmidt achou no meio dos destroços um banco ainda utilizável para Mussolini. Por alguns instantes, eles ficaram em silêncio. Então Hitler disse, com voz calma: "Quando penso nisso tudo de novo [...] concluo, de minha maravilhosa salvação, enquanto outras pessoas presentes na sala receberam ferimentos graves [...], que nada me acontecerá". E acrescentou que estava ainda mais convencido de que recebera o dom de liderar a causa comum deles até um fim vitorioso.

O mesmo tema — de que a Providência o salvara — estava presente em seu discurso transmitido por todas as estações de rádio pouco depois da meia-noite. Disse que estava falando ao povo alemão por dois motivos: para que ouvissem sua voz e soubessem que não estava ferido e passava bem, e para contar-lhe sobre um crime sem paralelo na história alemã. "Uma minúscula panelinha de oficiais estúpidos, ambiciosos, irracionais e criminosos forjou um plano para me eliminar e, ao mesmo tempo, erradicar junto comigo praticamente a direção das Forças Armadas alemãs." Comparou isso à punhalada nas costas de 1918. Mas, dessa vez, "o minúsculo bando de elementos criminosos" seria "impiedosamente erradicado". Em três momentos, referiu-se à sua sobrevivência como "um sinal da Providência de que preciso continuar meu trabalho e, portanto, continuarei com ele".

Na verdade, como ocorreu com tanta frequência em sua vida, não fora a

Providência que o salvara, mas a sorte: uma sorte do diabo.

26. Sem saída

I

"Agora eu sei quem são os porcos que sabotaram meu trabalho durante anos", enfureceu-se Hitler quando os detalhes do complô começaram a vir à luz. "Agora tenho a prova: todo o Estado-Maior Geral está contaminado." Sua antiga e enraizada desconfiança dos dirigentes militares havia encontrado confirmação. De repente, pareceu-lhe óbvio por que seus planos militares tinham sofrido tantos reveses: haviam sido sabotados completamente pela traição dos oficiais de seu Exército. "Agora sei por que todos os meus grandes planos na Rússia tinham de fracassar em anos recentes", vociferou. "Era tudo traição! Não fossem aqueles traidores, teríamos ganhado há muito tempo. Essa é minha justificação perante a história" (uma indicação também de que Hitler estava conscientemente buscando seu lugar no panteão dos heróis teutônicos). Goebbels, como ocorria com tanta frequência, fez eco aos seus sentimentos. "Os generais não se opõem ao Führer porque sofremos crise no front", escreveu em seu diário. "Ao contrário, sofremos crise no front porque os generais se opõem ao Führer." Hitler estava convencido de que havia um "envenenamento do sangue interno". Com posições de direção ocupadas por traidores inclinados a destruir o Reich, vituperou, com figuras-chave como o general Eduard Wagner (responsável pelos suprimentos do Exército por ser chefe da Intendência) e o general Erich Fellgiebel (chefe das operações de sinais no quartel-general do Führer) ligadas à conspiração, não era de admirar que as táticas militares alemãs fossem conhecidas de antemão pelo Exército Vermelho. Houvera

durante todo aquele tempo uma “traição permanente”. Ela era sintomática de uma “crise do moral” subjacente. Deveria ter tomado medidas mais cedo. Sabia-se, afinal, que havia traidores no Exército há um ano e meio. Mas, agora, era preciso pôr um fim. “As mais abjetas das criaturas a usar o uniforme de soldado em toda a história, essa ralé que se preservou a ela mesma desde tempos idos, devemos nos livrar dela.” A recuperação militar viria com a recuperação da crise no moral. Seria “a salvação da Alemanha”.

A vingança ocupava lugar dominante na mente de Hitler. Não haveria misericórdia na tarefa de limpar as cavalariças de Augias. Medidas rápidas e implacáveis seriam tomadas. Ele iria “varrer e erradicar” todos eles. Não concederia àqueles “criminosos” a execução honrada por um pelotão de fuzilamento. Seriam expulsos da Wehrmacht, levados ao tribunal como civis e executados duas horas após a sentença. “Eles devem ser enforcados imediatamente, sem clemência”, declarou. Deu ordens para montar um “Tribunal de Honra” no qual generais superiores (entre eles, Keitel, Rundstedt — que o presidiria — e Guderian) expulsariam os envolvidos no complô. Aqueles que posteriormente fossem condenados à morte pelo Tribunal do Povo deveriam ser enforcados em trajes de presidiário como criminosos. Ele falou favoravelmente sobre os expurgos de Stálin de seus oficiais. “O Führer está extraordinariamente furioso com os generais, em especial os do Estado-Maior”, anotou Goebbels após ver Hitler, em 22 de julho. “Ele está absolutamente decidido a dar um exemplo sangrento e erradicar uma loja maçônica que se opôs a nós o tempo todo e só esperava o momento para nos apunhalar pelas costas na hora mais crítica. A punição que deve ser imposta agora precisa ter dimensões históricas.”

Hitler ficara indignado com a ação peremptória do general Fromm de executar imediatamente por fuzilamento Stauffenberg e os outros líderes do golpe. Deu ordens para que os outros conspiradores capturados comparecessem perante o Tribunal do Povo. O presidente dessa corte, Roland Freisler, um nazista fanático que, apesar de suas simpatias iniciais pela esquerda radical, estava ideologicamente comprometido com a causa *völkisch* desde o início dos anos 1920, dizia que julgava como o “Führer julgaria ele mesmo o caso”, num exemplo clássico de “trabalhar para o Führer”. Para ele, o Tribunal do Povo era expressamente um “tribunal político”. Sob sua presidência, o número de sentenças de morte aumentou de 102,

em 1941, para 2097, em 1944. Não surpreende que já tivesse granjeado a reputação de "juiz carrasco". Recapitulando os comentários feitos por Hitler em sua recente reunião, Goebbels observou que aqueles implicados no complô seriam levados perante o Tribunal do Povo "e sentenciados à morte". E acrescentou que Freisler "encontraria o tom certo para lidar com eles". O próprio Hitler queria, sobretudo, que os conspiradores não tivessem "tempo para longos discursos" durante sua defesa. "Mas Freisler cuidará disso", acrescentou: "Ele é o nosso Vichinski" — uma referência ao famigerado promotor de Stálin nos julgamentos de fachada dos anos 1930.

Goebbels não precisou se esforçar para persuadir Hitler de que Fromm, o oficial superior direto de Stauffenberg, havia agido com tamanha rapidez para tentar encobrir sua cumplicidade. Na verdade, Fromm já havia sido mencionado por Bormann numa circular aos *Gauleiter*, emitida na noite de 20 de julho, como um dos que deveriam ser presos como participante do "bando reacionário de criminosos" que estava por trás da conspiração. Após a repressão do golpe no Bendlerblock e a rápida execução de Stauffenberg, Olbricht, Haeften e Mertz von Quirnheim, Fromm fora até o ministro da Propaganda, querendo falar ao telefone com Hitler. Em vez de conectá-lo, Goebbels deixou o general numa sala enquanto ele ligava pessoalmente para o quartel-general do Führer. Logo obteve a decisão que queria e colocou imediatamente o ex-comandante em chefe do Exército de Reserva sob guarda armada. Após meses de prisão, uma farsa de julgamento perante o Tribunal do Povo e uma condenação fabricada por suposta covardia — apesar do pouco heroico motivo de autopreservação que havia ditado seu papel no palco central do Bendlerblock em 20 de julho, ele não era covarde —, Fromm finalmente morreria nas mãos de um pelotão de fuzilamento, em março de 1945.

Na confusão que tomou conta do Bendlerblock no final da noite de 20 de julho, parecia que outras execuções se seguiriam às dos líderes do golpe (junto com o suicídio assistido de Beck). Mas a chegada, logo após a meia-noite, de uma unidade da SS sob o comando do *Sturmbannführer* Otto Skorzeny — que havia resgatado Mussolini da prisão no verão anterior — ao lado do aparecimento em cena do chefe do SD Ernst Kaltenbrunner e do major Otto Ernst Remer, recém-designado comandante do batalhão de guarda de Berlim e responsável, em grande medida, por sufocar o golpe, bloqueou outras execuções sumárias e acabou com o levante.

Entrementes, o próprio Himmler viajara para Berlim e, na qualidade temporária de comandante em chefe do Exército de Reserva, dera ordens para que nenhuma medida independente fosse tomada contra oficiais mantidos sob suspeita.

Pouco antes das quatro da manhã, Bormann pôde informar aos chefes provinciais do partido, os *Gauleiter*, que o putsch tinha acabado. Àquela altura, os detidos na Bendlerstraße — inclusive o irmão de Stauffenberg, Berthold, o ex-funcionário sênior e vice-presidente da polícia de Berlim, Fritz-Dietlof von der Schulenburg, o membro do Círculo de Kreisau, conde Peter Yorck von Wartenburg, o pastor protestante Eugen Gerstenmaier e o oficial da Abwehr, conde Ulrich Wilhelm Schwerin von Schwanenfeld — haviam sido levados para esperar por seu destino. O ex-general de Exército Erich Hoepner, preso por Fromm, mas não executado, e o marechal de campo Erwin von Witzleben, que havia deixado a Bendlerstraße antes do colapso do golpe, também foram prontamente detidos, junto com vários outros implicados. O ministro das Finanças da Prússia Popitz, o ex-ministro da Economia Schacht, o ex-chefe do Estado-Maior, general de Exército Halder, o general de brigada Stieff, e o almirante Canaris e o general de brigada Oster, ambos da Abwehr, também foram rapidamente presos. O major Hans Ulrich von Oertzen, oficial de ligação do Distrito de Defesa de Berlim (Wehrkreis III), que emitira as primeiras ordens da Valquíria, explodiu-se com uma granada de mão. O general de brigada Henning von Tresckow, a primeira força propulsora por trás das tentativas de assassinar Hitler, matou-se da mesma maneira no front, perto de Ostrov, na Polônia. O general Wagner matou-se com um tiro. O general Fellgiebel recusou-se a fazer isso. "Você se mantém firme, não faz isso", disse ao seu ajudante de campo. Ciente de que sua prisão era iminente, passou boa parte da tarde na Toca do Lobo e até congratulou-se com Hitler por sua sobrevivência, enquanto esperava seu destino inevitável.

Aqueles que caíram nas garras da Gestapo tiveram de enfrentar torturas terríveis. Elas foram suportadas, em sua maioria, com o idealismo e até heroísmo que os haviam sustentado durante toda a perigosa oposição. Nos primeiros estágios da investigação, a Gestapo conseguiu espremer informações notavelmente limitadas, além do que já sabia, daqueles homens tão maltratados. Mesmo assim, com a expansão das investigações da "Comissão Especial 20 de Julho", criada no dia seguinte à tentativa de golpe, o número de prisões engrossou rapidamente para

seiscentas pessoas. Quase todas as figuras importantes nos vários ramos da conspiração foram rapidamente capturadas, embora Goerdeler tenha aguentado escondido até 12 de agosto. Hitler recebia relatórios diários sobre os novos nomes de implicados. Sua crença inicial de que não passava de uma "panelinha minúscula" de oficiais revelou-se errada. A conspiração tinha tentáculos que iam muito além do que ele poderia imaginar. Ele ficou particularmente enfurecido ao saber que até o conde Helldorf, presidente da polícia de Berlim, "velho combatente" do movimento nazista e ex-líder da SA, estava profundamente envolvido. À medida que a lista crescia e a extensão da conspiração ficava clara, aumentava a fúria e o ressentimento contra os conservadores — em especial, a aristocracia agrária — que nunca o haviam aceitado plenamente. "Nós liquidamos a luta de classes à esquerda, mas infelizmente nos esquecemos de acabar com a luta de classes à direita", ouviram-no comentar. Mas aquele era o pior momento para estimular o divisionismo entre o povo; o confronto final com a aristocracia teria de esperar até o fim da guerra.

Em 7 de agosto, os julgamentos de fachada começaram no Tribunal do Povo em Berlim. Os primeiros oito — entre eles, Witzleben, Hoepner, Stieff e Yorck — do que se tornaria um desfile dos acusados foram escoltados por dois policiais até uma sala de tribunal ornamentada com suásticas, onde estavam cerca de trezentos espectadores selecionados (entre eles, jornalistas escolhidos a dedo por Goebbels). Lá tinham de suportar a ira feroz, o desprezo contundente e a humilhação impiedosa do presidente do tribunal, o juiz Roland Freisler, em sua toga vermelha. Sentado sob um busto de Hitler, o rosto de Freisler refletia nele suas contorções extremas de ódio e escárnio. Ele presidia algo que não passava de um torpe arremedo de julgamento legal, em que a sentença de morte era uma certeza desde o início. Os acusados apresentavam sinais visíveis de seus tormentos na prisão. Para degradá-los até na aparência física, estavam vestidos com roupas surradas, sem colarinho e gravata, e vinham presos com algemas até sentarem-se no tribunal. Witzleben estava privado até de suspensórios e cinto, de tal modo que tinha de segurar as calças com a mão. Os acusados não tinham permissão para se expressar apropriadamente ou explicar sua motivação: Freisler os interrompia berrando insultos, chamando-os de patifes, traidores, assassinos covardes. Havia uma ordem, dada provavelmente por Goebbels, mas por certo com autorização de Hitler, para

filmar os procedimentos da corte, tendo em vista mostrar trechos nos noticiários cinematográficos, bem como num "documentário" intitulado *Traidores perante o Tribunal do Povo*. Freisler gritava tão alto que os cameramen tiveram de informá-lo que ele estava arruinando a gravação de som. Não obstante, os acusados conseguiram alguns momentos de desafio corajoso. Por exemplo, depois que a sentença de morte foi pronunciada, o general Fellgiebel disse: "Então, apresse o enforcamento, senhor presidente, senão será enforcado antes de nós". E o marechal de campo Von Witzleben gritou: "Você pode nos entregar ao carrasco. Em três meses, o povo irado e atormentado lhe pedirá contas e o arrastará vivo pela lama da rua". Os julgamentos eram uma farsa tão sinistra que até o ministro da Justiça do Reich, Otto Georg Thierack — um nazista fanático que, em seu ardor ideológico, já havia entregado praticamente os últimos vestígios de um sistema jurídico pervertido ao arbítrio da SS —, viria a queixar-se mais tarde da conduta de Freisler.

Depois da leitura do veredicto, a maioria dos condenados era levada para a prisão de Plötzensee, em Berlim. Por instrução de Hitler, negavam-lhes os últimos ritos ou o cuidado pastoral (embora essa ordem desumana tenha sido, ao menos em parte, desobedecida na prática). No Terceiro Reich, o modo usual de execução para crimes capitais civis era a decapitação. Mas consta que Hitler ordenou que os conspiradores de 20 de julho de 1944 fossem "enforcados, pendurados como carcaças de carne". Na pequena sala térrea de execução, com paredes caiadas, dividida por uma cortina preta, haviam colocado ganchos — de fato, parecidos com os de um açougue — num trilho logo abaixo do teto. Normalmente, a única luz da sala vinha de duas janelas que mal iluminavam uma guilhotina usada com frequência. Dessa vez, no entanto, certamente para os primeiros grupos de conspiradores, as execuções deveriam ser filmadas e fotografadas, e a cena macabra foi iluminada com luzes fortes, como num estúdio cinematográfico. Sobre uma mesa pequena no canto da sala havia uma bandeja com uma garrafa de conhaque — para os carrascos, não para acalmar os nervos das vítimas. Os condenados eram trazidos algemados e vestindo calças da prisão. Não havia últimas palavras, nenhum conforto de um padre ou pastor; nada além do humor negro do carrasco. Relatos de testemunhas falam da firmeza e dignidade dos executados. O enforcamento era realizado após vinte segundos da entrada do prisioneiro na sala. A morte, porém, não era imediata. Às vezes, vinha depressa; em outros casos, a agonia era lenta,

durando mais de vinte minutos. Numa obscenidade gratuita a mais, os carrascos puxavam as calças de alguns dos condenados antes que eles morressem. E, durante todo o tempo, a câmera rodava. As fotos e o filme sinistro eram levados ao quartel-general do Führer. Mais tarde, Speer contou ter visto uma pilha dessas fotografias sobre a mesa de mapas de Hitler quando visitou a Toca do Lobo, em 18 de agosto. E acrescentou que homens da SS e alguns civis foram ver o filme naquela noite, mas não havia ninguém da Wehrmacht. Não temos certeza se Hitler viu o filme das execuções, pois os testemunhos são contraditórios.

A maioria das execuções relacionadas à tentativa de golpe de 20 de julho ocorreu nas semanas seguintes. Algumas só aconteceram meses depois. Quando o banho de sangue amainou, o número de mortos dos diretamente implicados chegava a cerca de duzentos. Mas foi o último triunfo de Hitler.

A conspiração Stauffenberg deixou nele uma marca duradoura. Os ferimentos que sofreu com a explosão da bomba foram relativamente superficiais. Como que para enfatizar sua indestrutibilidade e sua capacidade viril de superar a dor, ele deu pouca importância às feridas e até fez piadas sobre elas para seu círculo íntimo. Mas elas eram menos triviais do que ele fingia serem. Ainda vazava sangue através das ataduras quase quinze dias depois do ataque. Ele sofria de fortes dores, especialmente no ouvido direito, e sua audição estava prejudicada. Foi tratado pelo dr. Erwin Giesing, um especialista em olhos, ouvidos e garganta de um hospital próximo, depois pelo professor Karl von Eicken, que lhe havia retirado um pólipo da garganta em 1935 e foi trazido de Berlim. Mas o pior ferimento, o tímpano rompido, continuou a sangrar por vários dias e demorou várias semanas para sarar. Por algum tempo, ele achou que seu ouvido direito nunca se recuperaria. O distúrbio de equilíbrio, causado pelos ferimentos no ouvido interno, fazia seus olhos virarem para a direita e lhe dava uma tendência a inclinar-se para esse lado quando caminhava. Sentia também tonturas e mal-estares frequentes. Sua pressão sanguínea estava alta demais. Tinha a aparência envelhecida, doentia e tensa. Onze dias depois do atentado, disse aos presentes à conferência militar diária que não estava, por enquanto, em condições de falar em público; não conseguia ficar de pé por muito tempo, temia um ataque súbito de tontura e estava preocupado também com não caminhar em linha reta. Poucas semanas depois, admitiu ao seu médico Morell que as semanas vividas desde o ataque à bomba haviam sido “as piores de

sua vida" — e acrescentou que havia dominado as dificuldades "com um heroísmo que nenhum alemão seria capaz de sonhar". Estranhamente, o tremor na perna e na mão esquerdas praticamente desapareceu após a explosão. Morell atribuiu isso ao choque nervoso. Em meados de setembro, porém, o tremor já havia retornado. Àquela altura, as fortes doses diárias de comprimidos e injeções não podiam fazer nada para evitar a deterioração da saúde de Hitler a longo prazo. Igualmente graves, no mínimo, eram os efeitos psicológicos.

Seu sentimento de desconfiança e traição atingia agora níveis paranoicos. Tomaram-se rapidamente medidas de precaução externa. A segurança foi imensamente apertada no quartel-general do Führer. Nas conferências militares, todas as pessoas passaram a ser revistadas em busca de armas e explosivos. Os alimentos e os remédios de Hitler eram testados para verificar se não estavam envenenados. Todos os presentes comestíveis, como chocolate e caviar (de que ele gostava muito), eram imediatamente destruídos. Mas as medidas de segurança externa nada podiam fazer para alterar o choque profundo diante do fato de que alguns de seus generais haviam se voltado contra ele. De acordo com Guderian, designado por Hitler para suceder Zeitzler na chefia do Estado-Maior Geral do Exército horas depois da explosão da bomba de Stauffenberg, "ele não acreditava em mais ninguém. Antes, já era suficientemente difícil lidar com ele; agora, tornou-se uma tortura que piorava mês após mês. Com frequência, ele perdia o autocontrole e sua linguagem se tornava cada vez mais violenta. Em seu círculo íntimo, não encontrava agora nenhuma influência restritiva".

Em 1918, de acordo com sua visão distorcida das memoráveis semanas de derrota e revolução, inimigos internos haviam apunhalado as costas dos que lutavam no front. Toda a sua vida política tinha por objetivo reverter aquele desastre e eliminar uma possível repetição disso numa nova guerra. Agora, surgira uma variante dessa traição, dessa vez liderada não por marxistas subversivos que ameaçavam o esforço militar, mas por oficiais da Wehrmacht que haviam chegado perto de minar o esforço de guerra no front interno. A suspeita sempre esteve profundamente enraizada na natureza de Hitler. Mas os eventos de 20 de julho transformaram esse sentimento subjacente na crença mais visceral em perfídia e traição ao redor dele no Exército, voltadas, uma vez mais, a apunhalar nas costas uma nação engajada numa luta titânica por sua sobrevivência.

Junto com a sede por vingança brutal, o atentado fracassado deu mais um poderoso alento ao seu sentimento de caminhar com o destino. Com a "Providência" ao seu lado, como ele imaginava, sua sobrevivência era para ele a garantia de que cumpriria sua missão histórica. O atentado intensificou a queda no puro messianismo. "Esses criminosos que queriam me liquidar não têm ideia do que aconteceria ao povo alemão", disse a suas secretárias. "Eles não conhecem os planos de nossos inimigos, que querem aniquilar a Alemanha para que ela nunca mais se levante. Se acham que as potências ocidentais são suficientemente fortes sem a Alemanha para deter o bolchevismo, estão enganando a si mesmos. Esta guerra precisa ser ganha por nós. Senão, a Europa estará perdida para o bolchevismo. E cuidarei para que ninguém mais possa me deter ou eliminar. Sou o único que sabe do perigo e o único que pode evitá-lo." Tais sentimentos lembravam, embora através de um espelho que distorce, a figura do redentor wagneriano, um herói que podia salvar sozinho os guardadores do Graal — na verdade, o mundo todo — do desastre, como um Parsifal redivivo.

Mas, de olho mais uma vez em seu lugar na história e nos motivos de por que a trilha do destino conduzira a uma tragédia crescente para a Alemanha, em vez de uma vitória gloriosa, ele encontrou outra razão, além da traição de seus generais: a fraqueza do povo. A acreditar em Speer, Hitler insinuou naquele momento que o povo alemão talvez não o merecesse, talvez se tivesse mostrado fraco, tivesse fracassado em seu teste perante a história e, desse modo, estaria condenado à destruição. Foi um dos poucos indícios, públicos ou privados, em meio à constante manifestação de otimismo sobre o resultado da guerra, de que ele pensava, ainda que momentaneamente, na possibilidade de uma derrota total.

Independente da interpretação positiva que dava às notícias dos últimos reveses, no desempenho perfeito de seu papel de Führer, Hitler não deixava de compreender o significado do desembarque bem-sucedido dos Aliados na Normandia, do dramático colapso da frente oriental — que deixara o Exército Vermelho a uma distância arriscada das fronteiras do Reich —, dos bombardeios aéreos incessantes que a Luftwaffe não conseguia evitar, da superioridade esmagadora dos Aliados em armas e matérias-primas e dos informes sombrios sobre uma crescente e crítica escassez de combustíveis. Kluge e Rommel o haviam instado a terminar uma guerra que não poderia vencer. Mas ele continuava a

descartar de imediato qualquer conversa sobre acordo de paz. A situação ainda não estava "madura para uma solução política", declarou. "Esperar por um momento político favorável para fazer alguma coisa num tempo de graves derrotas militares é naturalmente infantil e ingênuo", continuou, durante uma sessão de informes militares com seus generais, em 31 de agosto de 1944. "Esses momentos se apresentam quando se tem sucessos." Mas onde os sucessos se concretizariam? Tudo a que ele podia se referir era a um sentimento de certeza de que, em algum momento, a coalizão aliada se romperia sob o peso de suas tensões internas. Era uma questão de esperar por esse momento, por mais difícil que a situação estivesse.

"Minha tarefa tem sido, especialmente desde 1941, não perder a coragem em nenhuma circunstância", continuou. Ele vivia apenas para levar adiante aquela luta, pois sabia que só poderia ser ganha com vontade de ferro. Mas, em vez de disseminar essa vontade de ferro, os oficiais do Estado-Maior a haviam solapado, difundindo nada, senão pessimismo. Mas a luta continuaria, se necessário, junto ao Reno. Uma vez mais, evocou um de seus grandes heróis da história. "Sob todas as circunstâncias, continuaremos com a luta até que, como disse Frederico o Grande, um de nossos desgraçados oponentes se canse de lutar e até que obtenhamos uma paz que garanta a existência da nação alemã pelos próximos cinquenta ou cem anos e que" — de volta à sua obsessão central — "não manche nossa honra pela segunda vez, como aconteceu em 1918." Esse pensamento o levou diretamente ao atentado à bomba e à sua sobrevivência: "O destino poderia ter tomado caminho diferente. Se tivessem acabado com minha vida, teria sido para mim, pessoalmente, eu poderia dizer, apenas uma libertação de preocupações, noites insones e grave tensão nervosa. Numa mera fração de segundo, estaria livre de tudo isso e repousaria em paz eterna. Pelo fato de ainda estar vivo, não obstante, devo agradecer à Providência".

Eram pensamentos um tanto incoerentes. Mas seu sentido estava suficientemente claro: não se poderia levar em consideração uma paz negociada, exceto de uma posição de força (que, em termos realistas, era inimaginável); a única esperança era manter-se firme até que a coalizão aliada entrasse em colapso (mas o tempo e o enorme desequilíbrio de recursos materiais não estavam do lado alemão); seu papel histórico, tal como o via, era erradicar qualquer possibilidade de uma segunda capitulação na linha daquela de novembro de 1918; havia somente ele

entre a Alemanha e a calamidade; mas o suicídio o libertaria (quaisquer que fossem as consequências para o povo alemão) em um segundo. Na extraordinária perspectiva de Hitler, sua tarefa histórica era continuar a luta até a destruição total — e até a autodestruição — a fim de evitar outro "novembro de 1918" e apagar a memória daquela "desgraça" para a nação. Era uma missão de honra infinitamente maior do que negociar a paz por fraqueza — algo que lançaria uma nova vergonha sobre ele e o povo alemão. Isso equivalia a pouco menos que a percepção de que o momento da última batalha se aproximava, e que não haveria limites numa luta que provavelmente acabaria em esquecimento, na qual a única visão monumental remanescente seria a busca por grandeza histórica — mesmo que o Reich e o povo perecessem em chamas no processo.

Isso significava, por sua vez, que não havia saída. O fracasso da conspiração para eliminar Hitler liquidou a última oportunidade de um fim negociado para a guerra. Os horrores de uma guerra que a Alemanha infligira ao resto da Europa estavam ricocheteando — ainda que de forma muito mais suave — sobre o próprio Reich. Com o esmagamento da resistência interna e uma liderança incapaz de trazer a vitória e evitar a derrota, bem como sem vontade de tentar um acordo de paz, somente a destruição militar total poderia trazer uma libertação.

Na verdade, para as incontáveis vítimas de Hitler em toda a Europa, o sofrimento humano ainda não tinha atingido seu auge. E esse sofrimento aumentaria cada vez mais nos meses que estavam por vir.

II

Os pilares institucionais do regime — a Wehrmacht, o partido, os ministérios de Estado e o aparato de segurança controlado pela SS — continuavam intactos na segunda metade de 1944. E Hitler, a pedra angular que mantinha a estrutura do regime em pé, ainda era, paradoxalmente, indispensável para sua sobrevivência, ao mesmo tempo que — agora, até aos olhos de algumas pessoas próximas da liderança — conduzia a Alemanha para sua perdição inexorável. A previsível união em torno dele, após a tentativa de assassinato de julho, não poderia esconder por muito tempo o fato de que o edifício do regime começava a ruir à medida que o império nazista em toda a Europa encolhia. A crescente certeza de que perderiam a guerra fazia com que até mesmo alguns indivíduos que haviam ganhado com o nazismo começassem a procurar possíveis rotas de fuga. No momento seguinte ao atentado, o regime entrou na sua fase mais radical. Mas era um radicalismo que espelhava uma reação cada vez mais desesperada do regime à crise tanto interna como externa.

A reação óbvia de Hitler após o choque da bomba de Stauffenberg foi voltar-se para sua base firme e leal, a liderança do partido, e ao seu mais antigo e confiável bando de paladinos. Na atmosfera de pressão dos últimos meses, o partido desempenharia um papel mais dominante do que em qualquer outro momento desde a "tomada do poder", invocando a superação da adversidade no "tempo de luta", procurando instilar o "espírito de luta do nacional-socialismo" em todo o povo, numa tentativa vã de combater a superioridade avassaladora em armas e material dos Aliados com pouco mais do que um fanático poder da vontade.

Como sempre acontecia numa crise, também depois da tentativa de golpe de 20 de julho Hitler não perdeu tempo em se assegurar da lealdade dos *Gauleiter*, os chefes provinciais do partido. Entre eles, estavam alguns que haviam sido seus mais confiáveis lugares-tenentes por quase duas décadas. Coletivamente, os *Gauleiter* constituíam agora, como antes, um esteio vital de seu regime. Os vice-reis provinciais, com suas posições no partido realçadas por seus amplos poderes de comissários da defesa do Reich, eram sua garantia contra qualquer perspectiva de agitação ou insurreição liderada pelos militares nas regiões. Nos meses seguintes, à medida que os fios da administração estatal começavam a se esgarçar, os caciques

do partido — em especial aqueles que atuavam como comissários de defesa do Reich — se tornaram decisivos para conservar o que restava do poder nazista nas províncias.

O alcance ampliado para a propaganda, a mobilização e o controle mais forte sobre a população — as tarefas primordiais do partido, enquanto a maioria do povo olhava além do fim do regime e da iminente derrota militar para um futuro incerto — couberam aos comissários de defesa do Reich na última tentativa desesperada de maximizar os recursos para a "guerra total". A escassez de homens disponíveis para enviar ao front e de operários para as indústrias bélicas aumentara de forma alarmante na primeira metade de 1944. A autorização dada em janeiro por Hitler a Fritz Sauckel, plenipotenciário para a Mobilização de Trabalho, para que resolvesse a escassez de mão de obra com trabalho forçado originário dos territórios ocupados, ao mesmo tempo que protegia os trabalhadores das fábricas de armamentos de Speer na França, não resolvera a dificuldade e aguçara o conflito entre Sauckel e Speer. Além de Speer, a SS, a Wehrmacht e o partido também se revelaram adeptos de evitar incursões sobre seu pessoal. Bormann havia até determinado um aumento de 51% no número de "ocupações reservadas", isentas de convocação, na administração do partido entre maio de 1943 e junho de 1944.

Enquanto isso, a escassez de mão de obra aumentava graças ao desastre militar duplo do desembarque dos Aliados na Normandia e da ofensiva devastadora do Exército Vermelho na frente oriental. Isso fizera Goebbels e Speer unirem esforços para persuadir Hitler a concordar com uma radicalização drástica no "front interno" a fim de recrutar toda a mão de obra restante para o esforço de guerra. Ambos enviaram-lhe longos memorandos em meados de julho, prometendo uma enorme quantidade de mão de obra para ajudar a salvar a situação, enquanto as armas novas não estivessem disponíveis e a coalizão contra a Alemanha não se rompesse. Mas, como vimos, antes da bomba de Stauffenberg, Hitler mostrara pouca disposição para aceitar essas demandas radicais. Independente da retórica que as acompanhava e do sentimento dos desfavorecidos (que a propaganda de Goebbels ajudara a alimentar) de que muitos ricos ainda escapavam do fardo da guerra e não davam sua contribuição para a causa nacional, essas demandas estavam destinadas a ser mal-recebidas em muitos círculos e a contrariar interesses pessoais poderosos, além de transmitir uma impressão de desespero. E, como a

administração estatal tratou de mostrar, os ganhos poderiam ser parcos: somente uma em cada doze pessoas que ainda estavam no serviço público e não haviam sido convocadas tinha menos de 43 anos, e mais de dois terços tinham acima de 55 anos de idade.

Hitler dissera ainda em julho ao ministro da Propaganda que o momento não estava maduro para "um grande apelo à guerra total no verdadeiro sentido da palavra", que as crises seriam superadas "do modo costumeiro", mas que ele estaria pronto para introduzir "medidas completamente anormais" se "acontecesse uma crise mais séria". Sua mudança de ideia, logo após a tentativa fracassada de assassinato, e a decisão de conceder a Goebbels a nova autoridade que ele cobiçava, como plenipotenciário do Reich para o Esforço de Guerra Total, era uma admissão tácita de que o regime estava diante de uma crise mais fundamental.

A ação decisiva de Goebbels para debelar a revolta de 20 de julho pesou muito em seu favor quando Hitler procurou alguém para supervisionar a radicalização do front interno. E onde antes encarara um Führer hesitante, agora encontrava o caminho aberto para sua demanda de medidas draconianas. Na verdade, a decisão já fora tomada quando, numa reunião de representantes ministeriais e de outras figuras de proa do regime realizada dois dias depois do atentado de Stauffenberg, o chefe da Chancelaria do Reich, Lammers, propôs atribuir amplos poderes ao ministro da Propaganda para efetuar a reforma do Estado e da vida pública. Ao mesmo tempo, Himmler ganhava poderes complementares extensos para reorganizar a Wehrmacht e recrutar todo o pessoal remanescente. No dia seguinte, 23 de julho, os líderes do regime, agora com a presença de Göring, reuniram-se na Toca do Lobo, onde o próprio Hitler, baseando-se fortemente no memorando de Goebbels da semana anterior, confirmou o novo papel do ministro da Propaganda. Ele exigiu "alguma coisa fundamental" se ainda quisessem ganhar a guerra. Alegou que imensas reservas estavam disponíveis, mas não haviam sido mobilizadas. Isso seria feito agora sem respeitar pessoa, posição ou cargo. Lembrou os primeiros dias do partido, que obtivera "o maior sucesso histórico" apenas com um aparato administrativo simples. Goebbels notou com interesse a mudança de opinião de Hitler desde a reunião anterior, cerca de um mês antes. A tentativa de assassinato e os eventos na frente oriental haviam trazido clareza para suas decisões, anotou em seu diário. Para sua equipe, o ministro da Propaganda observou laconicamente que

"é preciso uma bomba debaixo de seu traseiro para fazer Hitler enxergar com bom senso".

Goebbels saboreou seu momento de triunfo. Parecia que finalmente alcançara o que desejava havia tanto tempo: o controle sobre o "front interno" com "os mais amplos poderes plenipotenciários [...] que foram até agora concedidos no Reich nacional-socialista", com direito — o fator decisivo em sua opinião — a emitir diretrizes a ministros e às mais altas autoridades administrativas. Para sua equipe, disse que tinha "praticamente poderes ditatoriais plenos" no interior do Reich.

Porém, nada era exatamente o que parecia no Terceiro Reich. O decreto limitava os poderes de Goebbels em alguns aspectos. Ele podia emitir diretrizes para as "mais altas autoridades do Reich", mas somente elas podiam emitir decretos e regulamentações — e estas tinham de contar com a concordância de Lammers, Bormann e Himmler (na qualidade de plenipotenciário para a Administração do Reich). Qualquer diretriz relacionada com o partido tinha de ter o apoio de Bormann (e, por trás de Bormann, corresponder aos desejos de Hitler). Objeções a diretrizes de Goebbels não resolvidas tinham de passar a Lammers para a decisão final do próprio Hitler. Além de redigir pessoalmente o decreto, o Führer disse a Goebbels que as autoridades que respondiam diretamente a ele — os envolvidos nos planos de reconstrução de Berlim, Munique e Linz, sua equipe de motoristas e o pessoal da Chancelaria do Reich, Chancelaria Presidencial e Chancelaria do partido — também estavam excluídas das diretrizes. A Wehrmacht, cujo recrutamento estava sob a autoridade de Himmler, estivera isenta desde o início.

Tais restrições aos seus poderes não diminuíram o entusiasmo de Goebbels por sua nova missão. A crença de que a "vontade" superaria todos os problemas foi posta imediatamente em ação. Com seu habitual vigor, ele desencadeou um verdadeiro frenesi de atividades em seu novo papel. A equipe de cinquenta membros, que ele formou rapidamente com pessoas de vários ministérios, com destaque para o seu próprio Ministério da Propaganda, orgulhava-se de seus métodos não burocráticos, das tomadas de decisões ágeis e da improvisação. Enquanto seus principais agentes garantiam a implementação das diretrizes nas regiões, não deixando pedra sobre pedra na busca de todas as reservas de pessoal, Goebbels reforçava os poderes já extensos dos *Gauleiter* como comissários da defesa do Reich. Em sua opinião, era possível confiar neles, reinvocar o espírito do "tempo

de luta" para garantir que a burocracia não se intrometesse no caminho da ação. (Na prática, a cooperação dos *Gauleiter* era garantida desde que o pessoal de suas sucursais do partido não fosse atingido. Bormann os protegia.)

Além do ativismo do partido, Goebbels precisava do apoio de Hitler. Para tanto, publicava um fluxo constante de boletins sobre o progresso (*Führer-Informationen*) feitos na "Máquina do Führer" — uma máquina de escrever com tipos muito maiores do que a visão deficiente de Hitler podia ler — em que registrava os sucessos e formulava recomendações gerais, tais como simplificar a papelada burocrática desnecessária. Isso era feito de tal maneira que, tendo em vista o modo de pensar do Führer, a aprovação seria praticamente automática, abrindo, assim, novos caminhos para a intervenção. No entanto, Hitler não dava carta branca para todas as medidas sugeridas por Goebbels. Ele confiava em Bormann para trazer a ele as propostas que suas antenas ainda aguçadas lhe indicassem que poderiam provocar um impacto danoso no moral interno e, em especial, dos soldados no front.

Goebbels certamente produziu um novo impulso de austeridade extrema na Alemanha, nas primeiras semanas de seu novo cargo de plenipotenciário para a Guerra Total. Mas uma boa parte dos 451800 homens selecionados na administração e na economia eram velhos demais para o serviço militar. Ele foi forçado então a buscar homens aptos em ocupações reservadas — trabalho considerado essencial para o esforço de guerra, como o da mão de obra especializada em fábricas de armamentos ou na produção de alimentos. A substituição deles, quando possível, por trabalhadores mais velhos, menos aptos, menos experientes e menos qualificados era administrativamente complicada e ineficaz. E a adição de mulheres à força de trabalho não passou de pouco mais de 250 mil. Embora, graças em parte às medidas de Goebbels, tenha sido possível mandar cerca de 1 milhão de homens para o front entre agosto e dezembro de 1944, as perdas alemãs entre agosto e outubro alcançaram 1,189 milhão de mortos e feridos. Por mais que Goebbels se vangloriasse de seu sucesso como plenipotenciário do Reich para o Esforço de Guerra Total, a realidade é que ele estava raspando o fundo do tacho.

Entre os aspectos mais bizarros do esforço de "guerra total", na segunda metade de 1944, estava o fato de que, exatamente quando recrutava as últimas reservas de

pessoal, Goebbels — segundo o diretor cinematográfico Veit Harlan — permitia que ele, sob ordem expressa de Hitler, mobilizasse 187 mil soldados, retirados do serviço ativo, para serem figurantes no épico colorido do heroísmo nacional *Kolberg*. O filme retratava a defesa de uma pequena cidade do Báltico contra Napoleão como um modelo para a realização da guerra total. Segundo Harlan, Hitler e Goebbels estavam "convencidos de que um filme desse tipo era mais útil do que uma vitória militar". Mesmo na crise terminal do regime, a propaganda tinha de vir em primeiro lugar.

A evocação de defesa heroica da terra natal pelas massas contra o Exército invasor de Napoleão — o mito enunciado em *Kolberg* — era posta em uso direto na expressão mais vívida do esforço final da "guerra total": o lançamento, por Heinrich Himmler, da Volkssturm — Milícia Popular — em 18 de outubro de 1944, 131o aniversário da lendária derrota de Napoleão na Batalha dos Povos, perto de Leipzig, quando uma coalizão de forças sob o comando de Blücher liberou o território alemão das tropas do imperador francês para sempre. A Volkssturm era a encarnação militar da crença do partido no "triunfo da vontade". Era a tentativa do partido de militarizar a pátria, simbolizando a unidade por meio da participação do povo na defesa nacional, superando as deficiências em armas e recursos com o puro poder da vontade.

Embora Goebbels continuasse a acalentar a crença de que ele incorporaria à sua comissão da "guerra total" a organização da Volkswehr (Defesa do Povo), como se chamaria inicialmente, deixando os aspectos militares para a SA, Bormann e Himmler haviam chegado a um acordo para dividir a responsabilidade entre eles. O rascunho de um decreto de Hitler foi apresentado no início de setembro. Ele finalmente o assinou no dia 26 daquele mês, embora fosse datado do dia anterior. O texto dizia que o "objetivo final" da aliança inimiga era a "erradicação da pessoa alemã". Esse inimigo tinha de ser agora repelido até que fosse possível obter uma paz que garantisse o futuro da Alemanha. Para tanto, continuava o decreto de Hitler, em sua linguagem típica, "estabelecemos a mobilização total de todos os alemães contra a conhecida vontade aniquiladora de nossos inimigos judeus-internacionais". Em cada *Gau* do partido deveria ser criada a Volkssturm alemã, abrangendo todos os homens capazes de portar armas entre as idades de dezesseis e sessenta anos. O treinamento, a organização militar e a provisão de armas caberiam

a Himmler, na qualidade de comandante do Exército de Reserva. As questões políticas e organizacionais ficavam a cargo de Bormann, agindo em nome de Hitler. Os funcionários do partido ganharam a tarefa de formar companhias e batalhões. Pensava-se num total de 6 milhões de homens na Volkssturm. Cada um deles tinha de fazer um juramento de que seria "incondicionalmente leal e obediente ao Führer do Grande Reich Alemão Adolf Hitler" e iria "antes morrer do que abandonar a liberdade e, desse modo, o futuro social de meu povo".

Os homens convocados tinham de fornecer suas próprias roupas, bem como utensílios para comer e beber, equipamento para cozinhar, uma mochila e um cobertor. E, visto que a munição para o front estava escassa, o armamento para os homens da Volkssturm era previsivelmente pobre. Não surpreende que, em boa medida, a milícia fosse impopular e vista como inútil, dado que a guerra já estava perdida. A relutância em servir nessa força, especialmente na frente oriental, justificava-se perfeitamente. O *Gauleiter* Erich Koch registrava severas perdas em unidades da Volkssturm na Prússia Oriental já em outubro. As perdas foram militarmente vãs, pois o avanço do Exército Vermelho não foi detido nem um único dia. No total, perto de 175 mil cidadãos — em sua maioria, demasiado velhos, jovens ou fracos para lutar — perderam suas vidas na Volkssturm. A inutilidade das perdas era um sinal claro de que a Alemanha estava perto da falência militar.

À medida que o outono de 1944 avançava para aquele que seria o último inverno da guerra, o tecido do regime ainda se mantinha, mas os fios começavam a se esfarrapar. O fechamento das fileiras, após a tentativa de assassinato de Hitler por Stauffenberg, havia causado uma revitalização temporária do élan do partido. Quase como num reflexo, Hitler se voltara para dentro, para aqueles em quem confiava. Sua distância, não somente dos dirigentes militares que detestava, mas também dos órgãos da administração estatal, começou a aumentar imensuravelmente, e sua confiança passou a ser depositada num número cada vez menor de velhos paladinos. A posição de Bormann — combinando os papéis de chefe da organização do partido e em especial de secretário e porta-voz do Führer, guardando os portais e restringindo o acesso a Hitler, mas garantindo sua proximidade dele — foi particularmente fortalecida. Ele foi um dos que ganharam com a mudança das circunstâncias após o 20 de julho — e também Goebbels, que havia aproveitado a chance para melhorar sua posição de poder à medida que o

partido aumentava o controle sobre praticamente todos os setores da vida alemã. Mobilização e controle haviam sido a essência da atividade partidária desde o início. Agora que o regime cambaleava, ele retomava sua essência.

Outro desdobramento da crise, vindo de uma fonte altamente improvável, oferece, numa visão retrospectiva (uma vez que, na época, foi muito bem escondida), a indicação mais clara de que o regime começava a cambalear. Entre os maiores beneficiários do fracasso do golpe de 20 de julho de 1944 estava o *Reichsführer-SS* Heinrich Himmler. Hitler dera ao "fiel Heinrich", chefe de sua confiança da labiríntica organização de segurança, responsabilidade total para descobrir os detalhes do complô e prender os conspiradores. Além de seus outros extensos poderes, Himmler ganhara agora acesso direto à esfera militar na qualidade de comandante do Exército de Reserva, com a missão de empreender uma ampla reorganização. Em breve, como vimos, ele teria também o controle da Milícia Popular. Contudo, exatamente na mesma época, Himmler, o indivíduo mais poderoso na Alemanha depois de Hitler, estava fazendo jogo duplo, combinando cada manifestação de lealdade máxima com propostas secretas às potências ocidentais, na vã esperança de salvar não somente sua pele, mas também sua posição de poder, caso britânicos e americanos finalmente recuperassem o juízo e tratassem, com a ajuda de sua SS, de rechaçar a ameaça do comunismo. Em outubro, Himmler usou um intermediário da SS para fazer a um industrial italiano com boas conexões na Inglaterra a proposta de pôr 25 divisões alemãs na Itália à disposição dos Aliados como defesa contra o comunismo, em troca da garantia de preservação do território e da população do Reich. Britânicos e americanos rejeitaram a proposta de imediato. Nesse cenário, Hitler seria dispensável. Mas era puro autoengano. Himmler estava demasiadamente envolvido nas facetas mais estarrecedoras do regime nazista para que fosse levado a sério pelos Aliados como possível líder de uma Alemanha pós-hitlerista. Para Himmler, também não havia saída. Sem o apoio de Hitler, seu poder evaporaria como um sopro no ar frio da manhã. Isso era verdade no fim de 1944 tanto quanto em qualquer outro momento do Terceiro Reich.

A autoridade de Hitler permanecia intacta. Mas, se pudessem ter achado uma rota de fuga removendo-o ou descartando-o, havia agora entre seus paladinos mais próximos quem a teria tomado.

III

Enquanto isso, o cerco em torno do Reich de Hitler se apertava. Entre junho e setembro, a Wehrmacht perdeu bem mais de 1 milhão de homens, entre mortos, capturados ou desaparecidos em todas as frentes. A perda de tanques, canhões, aviões e outros armamentos era incalculável. A guerra nos ares era agora quase de um lado só. A escassez de combustível deixava muitos caças alemães no solo, enquanto esquadrilhas de bombardeiros britânicos e americanos devastavam vilas e cidades alemãs, tanto à noite como de dia. A guerra marinha também estava definitivamente perdida. A frota alemã de submarinos nunca se recuperou das perdas sofridas na segunda metade de 1943, enquanto os comboios aliados agora podiam cruzar o Atlântico quase sem ser molestados. No final do verão, os territórios do império nazista encolhiam de forma marcante, após os avanços dos Aliados em ambas as frentes, oriental e ocidental, a partir de junho.

No front ocidental, havia muito tempo que os comandantes militares alemães consideravam a continuidade da guerra sem sentido. Ao substituir Rundstedt no início de junho, o fraco e impressionável Kluge foi facilmente persuadido por Hitler de que os comandantes, em especial Rommel, haviam sido pessimistas demais na avaliação da situação. Após uma visita de dois dias ao front, no entanto, Kluge foi forçado a admitir que Rommel tinha razão. Em sua carta a Hitler de 15 de julho, Rommel havia declarado que, por mais que as tropas combatessem heroicamente, "a luta desigual está caminhando para seu fim". Portanto, ele se sentia compelido a pedir a Hitler para "considerar as consequências dessa posição sem demora". E deixou os líderes da conspiração saber que estaria disposto a se unir a eles se as demandas pelo fim da guerra fossem desconsideradas por Hitler. O mais famoso marechal de campo da Alemanha jamais foi posto à prova. Três dias antes da explosão da bomba de Stauffenberg, ele ficou gravemente ferido quando seu carro derrapou na estrada e capotou depois de ser metralhado por um avião inimigo.

Cinco dias depois do atentado contra Hitler, a Operação Cobra, o ataque dos Aliados no sul, na direção de Avranches, começou com um ataque cerrado de mais de 2 mil aviões que lançaram 47 mil toneladas de bombas sobre uma divisão alemã de blindados já debilitada, numa área de apenas quinze quilômetros quadrados. A operação terminou em 30 de julho com a tomada de Avranches e a abertura da rota

não somente para os portos da costa da Bretanha, como também para o exposto flanco alemão para leste, e para o coração da França.

O significado da perda de Avranches ainda não fora plenamente apreciado quando Hitler deu a Jodl sua visão geral sobre toda a situação militar na noite de 31 de julho. Ele estava longe de ser irrealista em sua avaliação. Sabia muito bem como era ameaçadora a posição em todas as frentes e como era impossível, naquelas circunstâncias, combater a avassaladora superioridade de homens e materiais dos Aliados, sobretudo de potência aérea. Sua principal esperança era ganhar tempo. A tecnologia bélica, mais aviões e uma eventual divisão na Aliança trariam novas chances. Ele tinha de obter um pouco de espaço para respirar na frente ocidental, disse ao seu ajudante para a Luftwaffe, Nicolaus von Below, pouco depois da reunião com Jodl. Então, com novas divisões blindadas e formações de caças, ele poderia lançar uma grande ofensiva no ocidente. Tal como muitos observadores, Below achava mais importante concentrar todas as forças contra o Exército Vermelho no leste. Hitler respondeu que poderia atacar os russos mais tarde. Mas isso não poderia ser feito com os americanos já dentro do Reich. (Ao mesmo tempo, levou Below a acreditar que temia mais o poder dos judeus nos Estados Unidos do que os bolcheviques.) Sua estratégia era, portanto, ganhar tempo, infligir um golpe importante nos Aliados, esperar por uma divisão entre os inimigos e atacar os russos a partir de uma nova posição de força.

Hitler achava — foi o que disse a Jodl — que a frente oriental poderia ser estabilizada desde que forças adicionais fossem mobilizadas. Mas uma abertura de brecha pelo inimigo no leste, na Prússia Oriental ou na Silésia, ameaçando a própria pátria e provocando graves consequências psicológicas, representaria um perigo crítico. Qualquer desestabilização no front oriental afetaria a postura de Turquia, Romênia, Bulgária e Hungria, continuou ele. Era preciso tomar medidas preventivas. Era essencial garantir a Hungria, tanto pelas matérias-primas vitais, como bauxita e manganês, como pelas linhas de comunicação com o sudeste da Europa. A Bulgária era fundamental para manter o domínio dos Bálcãs e obter minérios da Grécia. Ele temia também um desembarque britânico nos Bálcãs ou nas ilhas Dálmatas, que a Alemanha dificilmente conseguiria repelir e que "poderia naturalmente levar a consequências catastróficas".

No front italiano, Hitler via a maior vantagem em prender forças aliadas

significativas que, caso contrário, poderiam ser usadas em outro lugar. O recuo das forças germânicas para os Apeninos retiraria a mobilidade tática, não evitaria o avanço aliado e deixaria como possibilidade apenas o recuo para posições de defesa nos Alpes — liberando, assim, as tropas aliadas para a frente ocidental. Mas, como último recurso, ele estava disposto a desistir da Itália (e dos Bálcãs inteiros), recuar as tropas para os Alpes e retirar suas principais forças para a batalha vital na frente ocidental.

Esse era para ele o teatro decisivo da guerra. Os soldados não compreenderiam a permanência na Prússia Oriental quando partes ocidentais valiosas do Reich estavam ameaçadas e, atrás delas, o Ruhr — o coração industrial da Alemanha. Seria preciso fazer preparativos a fim de mudar o quartel-general do Führer para o oeste. O comando teria de ser centralizado. Kluge, comandante supremo no oeste, não poderia ficar com essa responsabilidade. Àquela altura, Hitler estava tão paranoico com uma possível traição no Exército que disse a Jodl que seria preciso evitar a comunicação desse plano ao comando do Exército no oeste — mencionando o envolvimento de Stülpnagel na conspiração contra ele —, visto que provavelmente seria entregue de imediato ao inimigo.

O Führer apontou para o que considerava ser a questão decisiva no oeste: "Se perdermos a França como área de guerra, perderemos a base da guerra submarina". (Embora os submarinos fossem ineficazes na segunda metade de 1944, Hitler foi persuadido por Dönitz de que submarinos novos e melhores estariam prontos em breve e seriam uma arma vital na guerra contra as potências ocidentais.) Além disso, matérias-primas essenciais — mencionou o tungstênio (importante para a produção de aço) e produtos eletrotécnicos — seriam perdidas. Se não fosse tão importante para o esforço de guerra segurar a França, ele esvaziaria as áreas costeiras — ainda vitais para as bases de submarinos em Brest e St. Nazaire — e recuaria forças móveis para uma linha mais defensiva. Mas no momento não via perspectiva de manter uma linha assim com as forças disponíveis, independente de onde ela fosse traçada. "Temos de ter clareza de que só poderá haver uma mudança na França se conseguirmos — mesmo por certo tempo — obter a supremacia aérea". Mas sua conclusão era de que, "por mais sangrento" que fosse o momento", tudo deveria de ser feito para reter "para o caso mais extremo", como "última reserva", as divisões da Luftwaffe que pudessem ser reunidas no Reich. Assim, elas

poderiam ser levadas para onde fosse preciso, "como último lance dos dados", a fim de provocar uma mudança decisiva na sorte — embora isso pudesse levar semanas.

Hitler estava desesperado para ganhar tempo. "Eu mesmo não posso realizar operações, mas posso tornar colossalmente difícil para o inimigo fazê-lo no coração da área", disse ele. Para isso, era fundamental privar o inimigo de acesso a portos da costa francesa, evitando o desembarque de tropas, armamentos e provisões (naquele momento, somente Cherbourg, com um porto muito danificado, estava nas mãos dos Aliados). Ele estava disposto, como declarou sem rodeios, a "simplesmente sacrificar certas tropas" com esse fim. Os portos deveriam ser mantidos, enfatizou, "sob todas as circunstâncias, com completa desconsideração pelas pessoas de lá, para tornar impossível ao inimigo suprir uma quantidade ilimitada de homens". Se isso não acontecesse, um rompimento de linhas poderia ocorrer logo. Junto com isso, num vislumbre precoce do que viria a ser a política de "terra arrasada" voltada finalmente para o próprio Reich, todas as instalações ferroviárias, inclusive trilhos e locomotivas, deveriam ser destruídas, assim como as pontes. Em última instância, os portos também deveriam ser destruídos, caso não pudessem ser mantidos. Se conseguissem mantê-los por seis a dez semanas no outono, um tempo precioso seria ganho.

O tempo, porém, não estava do lado de Hitler. Ao saber da gravidade da captura de Avranches pelos Aliados, ele ordenou um contra-ataque imediato a partir de Mortain — um plano operacional que fora apresentado por Kluge — de início marcado para 2 de agosto e destinado a retomar Avranches e dividir as forças americanas comandadas pelo general George S. Patton. A contraofensiva, lançada finalmente em 7 de agosto, foi desastrosa. Durou somente um dia, não conseguiu evitar que algumas tropas de Patton entrassem na Bretanha (onde, no entanto, uma sangrenta defesa fez com que a guarnição de Brest se mantivesse firme até 19 de setembro) e terminou com as forças alemãs em desordem, mas evitando por pouco uma calamidade ainda maior.

Em 15 de agosto, Hitler recusou o pedido de Kluge para recuar cerca de 100 mil soldados, ameaçados por desastre iminente provocado por um cerco perto de Falaise. Naquele dia, quando não conseguiu contatar Kluge — o marechal de campo havia entrado pessoalmente na zona de batalha, no coração do "bolsão de Falaise", e seu rádio havia sido danificado pelo fogo inimigo — o Führer, ciente do

flerte de Kluge com a conspiração e de seu pessimismo quanto à frente ocidental, concluiu que ele estava negociando uma rendição com os Aliados. Mais uma vez, Hitler disse que "foi o pior dia de minha vida". Ele prontamente chamou o marechal de campo Model da frente oriental, um de seus comandantes de maior confiança, designou-o para tomar o lugar de Kluge e despachou-o para o quartel-general do front ocidental. Até a chegada de Model, Kluge nem fora informado pelo Führer de que estava prestes a ser demitido. Model entregou-lhe um bilhete peremptório, escrito a mão por Hitler, que ordenava sua volta à Alemanha e terminava com o comentário ameaçadoramente ambíguo de que o marechal deveria pensar em qual direção queria ir. A chegada de Model não alterou o sofrimento das tropas alemãs, mas sob seu comando — ajudado por erros táticos do comandante das forças aliadas de terra, general Montgomery — foi possível retirar no último momento cerca de 50 mil homens do "bolsão de Falaise" para lutar de novo, mais perto de casa. No entanto, outros tantos foram feitos prisioneiros e cerca de 10 mil morreram.

Kluge deve ter calculado que seria imediatamente preso, expulso da Wehrmacht e levado perante o Tribunal do Povo por suas conexões com os conspiradores. Em 19 de agosto, no caminho de volta à Alemanha, nas vizinhanças de Metz, pediu ao motorista que parasse o carro para descansar. Deprimido, esgotado e desesperado, engoliu um comprimido de cianureto.

No dia anterior, havia escrito uma carta para Hitler. O marechal de campo, que tivera conhecimento prévio (como Hitler sabia) da conspiração e que no ano anterior ao atentado de Stauffenberg havia até mostrado simpatia por Tresckow e o grupo de oposição do Grupo de Exércitos Centro, usou suas últimas palavras para elogiar a liderança de Hitler. "Meu Führer, sempre admirei sua grandeza", escreveu ele. "O senhor liderou uma luta honesta e inteiramente grande", continuava a carta, com referência à guerra no leste. "A história será testemunha disso." Depois, apelava a Hitler para que mostrasse a grandeza necessária e terminasse uma luta sem nenhuma perspectiva de sucesso, a fim de aliviar o sofrimento de seu povo. Esse apelo final era o máximo em que ele se distanciaria da liderança de guerra do ditador. E acabava a carta com um juramento final de lealdade: "Afasto-me do senhor, meu Führer, de quem eu estava interiormente mais próximo do que o senhor imaginava, com a consciência de ter cumprido meu dever até o limite

máximo".

Não sabemos qual foi a reação direta de Hitler à carta. Mas o suicídio de Kluge o convenceu não somente do envolvimento do marechal no complô, como também que ele tentara render suas forças ao inimigo na frente ocidental. Era uma coisa difícil de entender, refletiu amargamente. Havia promovido Kluge duas vezes, dera-lhe as mais altas honrarias, fizera-lhe doações consideráveis (inclusive um cheque de 250 mil marcos livres de impostos, no dia em que o marechal completara sessenta anos, e um grande suplemento ao seu salário). Ele estava ansioso para evitar que vazasse alguma notícia sobre a suposta tentativa de capitulação de Kluge. Ela poderia afetar o moral e certamente traria mais desprezo pelo Exército. Aos generais, informou sobre o suicídio de Kluge. Mas, para o consumo do público, a morte do marechal — de um ataque do coração — foi anunciada somente depois que seu corpo repousava havia quinze dias na igreja de sua propriedade rural em Brandenburgo. O funeral de Kluge foi discreto. Hitler havia proibido todos os cerimoniais.

Em 15 de agosto, dia em que Kluge esteve temporariamente fora de contato, os Aliados empreenderam a Operação Dragão, o desembarque de tropas na costa francesa do Mediterrâneo. Depois de capturar Marselha e Toulon, eles avançaram para o norte, forçando Hitler a concordar relutantemente em transferir quase todas as suas forças do sul da França para o norte, numa tentativa de montar uma frente coesa ao longo do alto Marne e Saône, que se estendesse até a fronteira suíça. O fim da ocupação alemã da França estava próximo. Ela ainda demoraria várias semanas para se completar, mas o momento simbólico aconteceu quando um levante popular, inspirado por greves, e um ataque da Resistência francesa aos ocupantes germânicos, além da disposição do comandante alemão, general Dietrich von Choltitz, de render-se (apesar das ordens de Hitler para reduzir Paris a escombros se não pudesse segurá-la), levaram o supremo comandante dos Aliados, general Dwight D. Eisenhower, a dar a uma divisão francesa a honra de libertar a capital francesa, em 24 de agosto.

Naquele momento, os Aliados já tinham mais de 2 milhões de homens no continente europeu. Eles entraram na Bélgica, libertaram Bruxelas em 3 de setembro e, no dia seguinte, capturaram o importante porto de Antuérpia, antes que as instalações portuárias pudessem ser destruídas. Até então, os Aliados

contavam apenas com Cherbourg, entre os principais portos do canal da Mancha, e os suprimentos por essa rota eram seriamente prejudicados pela escala da destruição. Antuérpia era vital para o ataque à Alemanha. Mas foi só em 27 de novembro que o estuário do Scheldt foi garantido e a aproximação do porto ficou completamente livre das minas. Nesse ínterim, o avanço aliado em direção às fronteiras alemãs sofreu um grande revés com graves perdas, especialmente para as tropas britânicas, em dez dias de luta sangrenta na operação combinada terrestre e aérea — Jardim do Mercado — lançada em 17 de setembro, para tomar as travessias de rios em Grave, Nijmegen e Arnhem. Além de problemas de suprimento, fadiga da batalha e substituição de soldados mortos, o avanço aliado foi detido pela ferrenha defesa alemã, ajudada por linhas de suprimento mais curtas, redistribuição dos homens retirados do bolsão de Falaise e reforços vindos do leste. No oeste, estava claro, apesar dos incríveis sucessos dos Aliados desde o Dia D, a guerra estava longe de acabar.

No leste, após a grande ofensiva de verão do Exército Vermelho, a rede de alianças alemã com os países dos Bálcãs começou a se desfazer em agosto, como Hitler temia. Em 2 de agosto, a Turquia anunciou que estava rompendo relações com a Alemanha. Do ponto de vista econômico, isso significava a perda do suprimento de cromo. Do ponto de vista militar, estava claro que, em algum momento, os turcos se juntariam aos Aliados. Em 20 de agosto, quando os soviéticos atacaram o Grupo de Exércitos Sul da Ucrânia, unidades romenas desertaram em massa e muitas delas bandearam-se para o lado inimigo. Alcançando o Danúbio antes dos alemães em retirada, tropas romenas fecharam a travessia do rio. Dezesseis divisões germânicas, expostas ao ataque do Exército Vermelho, foram dizimadas. Foi uma calamidade militar de primeira grandeza. Três dias depois, Antonescu foi deposto por um golpe em Bucareste. Seu sucessor, o rei Michael, pediu paz. A Romênia trocou de lado e declarou guerra à Alemanha — e à Hungria (da qual pretendia recuperar agora o território da Transilvânia que fora obrigada a entregar em 1940). O Exército Vermelho, com ajuda de unidades romenas, estava livre para atravessar o Danúbio. A Wehrmacht havia perdido 380 mil soldados indispensáveis em quinze dias.

A Bulgária, país que desde 1941 fazia um jogo diplomático cauteloso, ficou então completamente exposta. Tropas soviéticas cruzaram sua fronteira em 8 de

setembro (a União Soviética declarara guerra três dias antes) e, no mesmo dia, o país mudou de lado e declarou guerra à Alemanha. O controle alemão de toda a região balcânica estava por um fio. O colapso da Romênia e da Bulgária, seguido pela rápida ocupação soviética, significava que a retirada urgente das tropas alemãs da Grécia era imperativa. Essa operação começou em setembro. Em meados de outubro, tropas britânicas aerotransportadas conseguiram ocupar Atenas. Àquela altura, o exército de guerrilhas de Tito estava prestes a entrar em Belgrado. Enquanto isso, tropas alemãs estavam engajadas na repressão brutal — consumada no fim de outubro — de uma revolta no Estado-títere da Eslováquia, empreendida principalmente por guerrilheiros eslovacos inspirados pelos soviéticos, junto com uma minoria considerável do exército local de 60 mil homens. E o mais importante de tudo, do ponto de vista de Hitler, era que a Hungria, seu principal aliado, mas hesitante havia muito tempo, logo depois da virada de casaca da Romênia, começara sondagens urgentes para uma paz com a União Soviética.

Nessas mesmas semanas cruciais, Hitler perdeu um aliado vital no norte da Europa. Havia meses que lampejavam os sinais de perigo em relação à posição da Finlândia. Em 2 de setembro, o presidente Mannerheim informou Hitler que a Finlândia não poderia mais continuar na luta. As relações seriam rompidas imediatamente e as tropas alemãs deveriam deixar o país até 15 de setembro. Em 19 de setembro, os finlandeses assinaram um armistício com a União Soviética.

Nesse mesmo período, durante os meses de agosto e setembro, a liderança alemã teve de encarar também a repressão ao levante de Varsóvia, iniciado em 1o de agosto, dois dias após os tanques do Exército Vermelho entrarem nos subúrbios da cidade, a leste do rio Vístula, e as emissões de rádio soviéticas estimularem os habitantes a revoltar-se contra seus ocupantes. Os poloneses sabiam que não poderiam contar com muita ajuda das potências ocidentais, mas não estavam preparados para ser abandonados pela União Soviética. Porém, o Exército Vermelho deteve-se junto ao Vístula e não entrou na cidade, enquanto Stálin — cinicamente disposto a conter as esperanças de independência dos poloneses numa ordem do pós-guerra — não os ajudava nem facilitava as tentativas dos britânicos e americanos de suprir os insurgentes com armas e munições, até que fosse tarde demais.

Sem saber do estratagema de Stálin, o chefe do Estado-Maior alemão, Guderian,

temendo a cooperação entre os insurgentes e o Exército Vermelho, pediu a Hitler para incluir Varsóvia — ainda sob o domínio do governador geral Hans Frank — na zona de operações militares e colocá-la sob o controle da Wehrmacht. Hitler recusou o pedido. Em vez disso, entregou a responsabilidade plena para esmagar o levante a Himmler, que ordenou a destruição total da cidade. Homens, mulheres e crianças foram massacrados aos milhares enquanto Varsóvia queimava. Quando o general Bor-Komorowski, líder do exército clandestino polonês, se entregou, em 2 de outubro, a repressão selvagem já produzira 200 mil vítimas civis entre os poloneses. As perdas alemãs chegavam a cerca de 26 mil homens mortos, feridos ou desaparecidos. Em 11 de outubro, Hans Frank recebeu a notificação de que todas as matérias-primas, têxteis e equipamentos deixados em Varsóvia deveriam ser removidos antes que os restos ardentes da cidade fossem arrasados.

IV

Enquanto as notícias de todas as partes de seu império iam de consternadoras a desastrosas, Hitler ficava doente. Em 8 de setembro, queixou-se ao seu médico Morell de pressão em torno do olho direito. Em suas anotações, Morell indicou pressão arterial. Seis dias depois, ele registrou flutuação na pressão arterial "após grande agitação". No dia seguinte, 15 de setembro, Morell anotou: "Queixas de tontura, cabeça latejante e retorno do tremor nas pernas, particularmente a esquerda, e mãos". Seu tornozelo esquerdo estava inchado. De novo, Morell registrou "muita agitação". A pressão arterial de Hitler era costumeiramente alta, às vezes de modo preocupante. Era um indício de problema cardíaco, e um eletrocardiograma feito em 24 de setembro acusou de fato arteriosclerose progressiva (mas não perigo agudo de angina).

Na noite anterior ao cardiograma, seus espasmos estomacais agudos voltaram. Foram tão fortes, na noite seguinte, que ele não conseguiu se levantar de manhã — ocorrência extremamente rara — e parecia apático de modo incomum. Em 27 de setembro, sua pele tinha uma aparência amarelada e ele já estava bastante doente. A icterícia, acompanhada de febre e severas cólicas estomacais, manteve-o na cama por alguns dias. Foi só em 2 de outubro que o amarelado da pele desapareceu e Hitler se sentiu suficientemente bem para sair da cama, vestir-se e comparecer à primeira reunião militar desde que ficara doente. Porém, ainda parecia sem vida para os que o encontraram. Em meados do mês de outubro, quando se sentiu finalmente recuperado, já havia emagrecido mais de sete quilos.

Enquanto Hitler sofria de icterícia, o dr. Giesing, o otorrinolaringologista que o tratara depois da explosão da bomba de Stauffenberg, começou a suspeitar do tratamento de Morell. Ele se perguntava se os pequenos tabletes pretos que Hitler tomava todos os dias, os "comprimidos contra gases do dr. Koester" receitados por Morell, não estariam, na verdade, contribuindo para as dores estomacais crônicas do ditador, em vez de aliviá-las. Independente de sua preocupação com Hitler, a ambição de Giesing de substituir Morell desempenhou seu papel no que ele fez em seguida. Conseguiu pôr as mãos em alguns comprimidos, mandou analisá-los e descobriu que continham estricnina. Giesing tomou ele mesmo os comprimidos e viu que causavam efeitos moderadamente danosos — que associou aos sofridos por

Hitler. Mencionou então sua descoberta — e suas suspeitas — aos outros médicos de Hitler, drs. Karl Brandt e Hans-Karl von Hasselbach, que transmitiram o parecer aos outros membros do círculo do ditador. Quando Hitler descobriu, ficou furioso. Declarou sua fé total em Morell e demitiu Brandt e Hasselbach, que estavam com ele desde os primeiros anos de seu governo. Giesing também teve de deixar o serviço do Führer. Eles foram substituídos por um dos antigos médicos do staff de Himmler, o *SS-Obersturmbannführer* Ludwig Stumpfegger.

Com efeito, os diagnósticos e tratamentos de Morell eram frequentemente questionáveis. Diversos dos inumeráveis tabletes, remédios e injeções que receitava a Hitler eram de valor duvidoso, muitas vezes inúteis, e em alguns casos até exacerbavam o problema (em particular no que dizia respeito ao crônico distúrbio intestinal). Mas as alegações de que ele estava prejudicando Hitler de forma intencional eram inapropriadas. Gordo, melífluo, sempre suando muito, Morell era fisicamente repelente e, graças ao seu acesso privilegiado a Hitler, provocava muito ressentimento no "círculo da corte". O fato de explorar a relação com seu paciente para obter poder, influência e vantagens materiais aumentava a má vontade para com ele. Mas quaisquer que fossem suas consideráveis limitações como praticante da medicina, Morell estava certamente dando o melhor de si ao Líder que ele tanto admirava e ao qual era devotado.

Por sua vez, o hipocondríaco Hitler dependia de Morell. Ele precisava crer, e aparentemente acreditava mesmo, que o tratamento de Morell era o melhor que poderia obter e era benéfico. Nesse sentido, o médico pode ter sido bom de fato para o Führer. De qualquer modo, Morell e seus remédios não desempenhavam nenhum papel na explicação dos apuros em que estava a Alemanha no outono de 1944. Podemos passar por alto que Hitler era envenenado por estricnina e beladona nos comprimidos contra gases e outros medicamentos, drogado com opiáceos receitados para aliviar seus espasmos intestinais, ou dependente da cocaína que compunha 1% das gotas oftalmológicas receitadas pelo dr. Giesing para conjuntivite. É provável que, àquela altura, ele fosse de fato dependente do coquetel nocivo de medicamentos administrados por Morell. Entre eles estavam estimulantes frequentes para combater o cansaço e sustentar sua energia, e que podem muito bem ter intensificado as violentas mudanças de humor e o declínio físico. Porém, seus problemas físicos no outono de 1944, embora fossem crônicos,

eram decorrência, em boa medida, de seu estilo de vida, sua dieta, da falta de exercício e do estresse excessivo, além de uma provável fraqueza congênita (que possivelmente explicava o problema cardíaco e o mal de Parkinson). Mentalmente, ele estava sob uma tremenda pressão que ampliava seus traços de personalidade. Suas fobias, a hipocondria e as reações histéricas eram provavelmente indicadores de alguma forma de distúrbio de personalidade ou anormalidade psiquiátrica. Um elemento de paranoia estava subjacente a toda a sua "carreira" política e se tornou ainda mais evidente perto do fim. Mas Hitler não sofria de nenhum dos principais distúrbios psicóticos. Com certeza, não era clinicamente insano. Se havia loucura na posição em que a Alemanha se viu no outono de 1944, não era a suposta insanidade de um homem, mas aquela do jogo do tipo "o vencedor leva tudo" feito de altas apostas pelo domínio continental e poder mundial que os líderes do país — não apenas Hitler —, com o apoio de grande parte da população crédula, haviam feito e que agora cobrava seu preço e revelava ser uma política de alto risco, sem cláusula de saída.

V

Durante aquelas semanas, ficou claro mais uma vez que todas as saídas estavam fechadas. No fim de agosto, haviam chegado insinuações do Japão de que Stálin talvez nutrisse ideias de um acordo de paz com a Alemanha de Hitler. Os japoneses estavam interessados em intermediar essa paz, pois isso deixaria a Alemanha livre para devotar todo o seu esforço de guerra aos Aliados e, desse modo, esperavam que as energias americanas fossem desviadas do Pacífico. Com imensas baixas no lado soviético, os territórios perdidos em 1941 recuperados e um suposto interesse em que Stálin desejasse aproveitar o que sobrava do potencial industrial alemão para uma luta posterior contra o ocidente, Tóquio julgava que as perspectivas para uma paz negociada não eram totalmente insignificantes. Em 4 de setembro, Oshima, o embaixador em Berlim, foi até a Prússia Oriental para sugerir diretamente a Hitler que fizesse sondagens nesse sentido junto a Stálin. A resposta foi a previsível. A Alemanha lançaria em breve uma nova contraofensiva com as novas armas a sua disposição. De qualquer modo, não havia sinais de que Stálin pensasse em paz. Somente um bloqueio ao seu avanço poderia fazê-lo mudar de opinião, concluiu Hitler com realismo. Por enquanto, não queria que os japoneses fizessem propostas.

Oshima evidentemente não desistiu. Ainda em setembro, usou o pretexto de discutir com Werner Naumann, secretário-geral do Ministério da Propaganda, sobre o esforço de "guerra total" para levar aos ouvidos de Goebbels a sugestão de uma paz separada com a União Soviética. Ele tinha certeza de que por esse caminho a proposta chegaria de novo a Hitler, talvez com o apoio de alguém que era conhecido por exercer influência no quartel-general do Führer.

O relato de Naumann foi claramente o primeiro que Goebbels ouviu sobre a sugestão japonesa. Ele chamou de "bastante sensacional" a conversa entre seu secretário e o embaixador japonês. Oshima disse a Naumann, de acordo com o resumo de Goebbels, que a Alemanha deveria fazer todas as tentativas para chegar a uma "paz especial". Ele levou Naumann a crer que um arranjo desse tipo seria possível. Foi franco sobre o interesse japonês, forçado por seus próprios problemas na guerra, em dar carta branca à Alemanha no oeste. Achava que Stálin, um realista, estaria aberto a sugestões, caso os alemães estivessem dispostos a aceitar

“sacrifícios”, e criticou a inflexibilidade da política externa alemã. Goebbels observou que a proposta de Oshima equivalia a uma inversão da política de guerra alemã e sabia que a posição do embaixador japonês pró-germânico se enfraquecera seriamente em seu país à medida que a sorte da guerra mudava. Mas, tal como Oshima havia presumido, Goebbels transmitiu imediatamente a informação a Bormann e Himmler, para posterior transmissão ao próprio Hitler.

Goebbels resolveu que era preciso fazer mais. Mas, em vez de tentar apresentar o caso verbalmente ao Führer, decidiu preparar um longo memorando. À meia-noite de 20 de setembro, depois de ter trabalhado toda a tarde e noite nele, o memorando estava pronto. Repetindo o que ouvira de Oshima, ele sugeria que o realismo frio de Stálin, sabendo que mais cedo ou mais tarde se veria em conflito com o ocidente, oferecia uma abertura, uma vez que o líder soviético não iria querer exaurir sua força militar, nem permitir que o potencial de armamentos da Alemanha caísse nas mãos das potências ocidentais. Ele mencionava o interesse do Japão em mediar um acordo. Um acordo com Stálin traria novas perspectivas no oeste e colocaria os anglo-americanos numa posição em que não poderiam continuar com a guerra. E concluía: “O que conseguiríamos não seria a vitória com que sonhamos em 1941, mas ainda seria a maior vitória da história alemã. Os sacrifícios que o povo alemão fizeram nesta guerra estariam, assim, plenamente justificados”.

Goebbels esperou impacientemente pelas reações de Hitler ao seu memorando. Por fim, soube que ele o lera, mas depois o colocara de lado sem comentário. Uma audiência prometida para discutir o assunto com o Führer nunca se concretizou. A doença de Hitler interferiu. Mas, de qualquer modo, não há indicação de que tenha dado a menor atenção à sugestão de seu ministro da Propaganda. Seus planos iam numa linha bastante diferente. A ideia de uma ofensiva no oeste, que havia urdido em meados de agosto, tomava forma concreta. Ele pensava numa tentativa final de virar o jogo: utilizar as últimas reservas de tropas e armas para uma ofensiva através das Ardenas, no final do outono ou no inverno, com o objetivo de infligir um golpe significativo nos Aliados mediante a recuperação de Antuérpia (privando-os de seu principal porto continental) e até forçando-os a “voltar para o Atlântico”. “Uma única brecha no front ocidental! Você verá!”, disse a Speer. “Isso levará ao colapso e pânico entre os americanos. Avançaremos pelo meio e tomaremos

Antuérpia. Com isso, eles terão perdido seu porto de suprimento. E haverá um enorme cerco de todo o Exército inglês com centenas de milhares de prisioneiros. Como aconteceu na Rússia!"

O objetivo era ganhar tempo para desenvolver armas novas. De uma posição de força, ele poderia então voltar-se contra os russos. Estava bem cônscio de que as "armas maravilhosas" eram incapazes, no seu estágio atual de desenvolvimento, de provocar uma mudança decisiva na sorte da guerra, ou de satisfazer as exageradas esperanças que a propaganda incessante havia despertado no público germânico. Quando vira pela primeira vez os protótipos do V2, imaginara 5 mil desses foguetes sendo dirigidos contra a Grã-Bretanha, num ataque maciço inicial. Mas quando o lançamento ocorreu efetivamente, em 8 de setembro, foi possível disparar apenas 25 foguetes num período de dez dias. Eles constituíam pouco mais que uma alfinetada na investida aliada contra a Alemanha nazista. Mesmo assim, Hitler esperava muito do desenvolvimento da arma. Ao chegar ao final da guerra, por meio da exploração brutal de trabalhadores estrangeiros, havia sido possível disparar mais de 3 mil V2, principalmente contra Londres, Antuérpia e Bruxelas. Não havia defesa contra os mísseis. Seu efeito terrorista era considerável, causando a morte de 2724 pessoas na Inglaterra e muito mais na Bélgica. Porém, seu efeito militar era insignificante.

Enquanto isso, desde o início da guerra, trabalhava-se no desenvolvimento da arma secreta certamente capaz de mudar a sorte da Alemanha no conflito, a bomba atômica, mas com progresso lento. A pesquisa recebia apoio especial de Speer em 1942, mas, apesar de sua oferta de mais fundos, estava longe de seu término e — embora os cientistas nucleares alemães não soubessem disso — estava muito atrás dos avanços feitos nos Estados Unidos. Na primeira fase triunfante da guerra, parecia não haver necessidade de forçar a pesquisa sobre esse tipo de arma. Em meados de 1942, quando ocorreu o encontro de Speer com os principais cientistas atômicos, entre eles Otto Hahn e Werner Heisenberg, eles disseram ao ministro dos Armamentos que uma arma nuclear era teoricamente possível, mas, na prática, demoraria vários anos para construí-la. Hitler, que já sabia, em termos gerais, da exequibilidade de uma bomba atômica num futuro mais distante, tomou o informe de Speer como uma confirmação de que não viveria para ver seu uso e que ela não poderia desempenhar um papel na guerra de então. Em consequência, não se

interessou muito pelo assunto. De qualquer modo, em 1944, os recursos necessários para usar a bomba não estavam disponíveis — e diminuíam rapidamente. O fato é que, se houvesse a bomba, Hitler não hesitaria por um instante em jogá-la sobre Londres e Moscou.

Uma parte fundamental de sua estratégia era a mobilização de grande número de caças na frente ocidental para recuperar a iniciativa aérea. Ele enfatizara isso em sua reunião com Jodl no fim de julho. Em agosto, quando Speer e Adolf Galland, o ás da aviação que chefiava o setor de caças da Luftwaffe, tentaram persuadi-lo a usar os caças no Reich, em vez de no front ocidental, ele havia explodido num tal ataque de fúria que ordenara parar toda a produção de aviões em favor de uma concentração total na artilharia antiaérea. Speer ignorara o ataque de frustração. Em setembro, a produção de caças alcançou o recorde de 2878 aeronaves — um aumento de duas vezes e meia sobre a produção de janeiro. Hitler tinha seus caças.

Se teriam combustível, era outra questão. O Führer sabia que as matérias-primas e o combustível haviam despencado para níveis perigosos. Speer enviou-lhe um memorando em 3 de setembro, no qual dizia que a perda do cromo da Turquia significava que toda a produção de armamentos pararia em cerca de dezesseis meses, em janeiro de 1946. Hitler aceitou a notícia com calma. Ela só pode tê-lo estimulado a pensar que não havia nada a perder e que tudo tinha de ser apostado na nova ofensiva ocidental. Speer informou-o também que a situação dos combustíveis era tão crítica que esquadrões de caças estavam permanecendo em solo e movimentos do Exército sofriam restrições. Para disponibilizar 17500 toneladas de combustível — o que antes era resultado de dois dias e meio de produção — para a ofensiva das Ardenas, foi preciso cortar seriamente o fornecimento a outras partes do front.

No fim de setembro, junto com Jodl, Hitler estudou os mapas das Ardenas enquanto jazia doente na cama. Mais tarde, contou a Goebbels que havia passado as semanas de sua doença ruminando quase exclusivamente sobre sua vingança. Agora que estava bem de novo, poderia começar a pôr em execução suas intenções. Seria sua jogada final. Como sabia, era uma aposta arriscada. "Se não for bem-sucedida, não vejo outra possibilidade de levar a guerra a uma conclusão favorável", disse a Speer. E acrescentou: "Mas venceremos as dificuldades".

Antes que pudesse concentrar toda a sua atenção nos preparativos operacionais

da ofensiva, um problema remanescente da conspiração de julho o deteve momentaneamente. Ele suspeitava desde o início de agosto que Rommel soubera do complô. Isso foi confirmado pelo testemunho do tenente-coronel Cäsar von Hofacker, membro do staff de Stülpnagel em Paris envolvido no complô, que forneceu uma declaração por escrito sobre o apoio de Rommel à conspiração. Hitler mostrou a declaração a Keitel e mandou convocar Rommel à sua presença. O marechal de campo, que se recuperava de seus ferimentos do acidente de carro em casa, perto de Ulm, alegou que não tinha condições físicas para viajar. Diante disso, Keitel escreveu-lhe uma carta, redigida por Hitler, sugerindo que ele se apresentasse ao Führer se fosse inocente. Senão, enfrentaria julgamento. Ele deveria pesar as consequências e, se necessário, tomar as medidas cabíveis. Hitler mandou que a carta e a declaração incriminadora de Hofacker fossem levadas a Rommel pelo general Wilhelm Burgdorf, cujo posto de ajudante-chefe da Wehrmacht havia assumido no lugar de Schmundt, que morrera em consequência dos ferimentos sofridos na explosão da bomba de 20 de julho.

Burgdorf e seu adjunto, general Ernst Maisel, foram até a casa de Rommel, em Herrlingen, no sábado, 14 de outubro, e lhe entregaram a carta e a declaração. Rommel perguntou se Hitler sabia da declaração. Pediu então um pouco de tempo para pensar. Não demorou. Hitler dera ordens a Burgdorf para impedir que Rommel se matasse com um tiro — o modo tradicional de suicídio dos oficiais — e oferecer-lhe veneno, a fim de que a morte pudesse ser atribuída a dano cerebral causado pelo acidente de carro. Consciente da popularidade de Rommel junto ao público alemão, Hitler oferecia-lhe um funeral oficial com todas as honras. Frente à expulsão do Exército, de julgamento perante o Tribunal do Povo, da execução certa e da inevitável recriminação de sua família, Rommel tomou o veneno.

Rundstedt representou Hitler no funeral de Estado na prefeitura de Ulm, em 18 de outubro. Rundstedt declarou em seu discurso fúnebre que "o coração de Rommel pertencia ao Führer". Dirigindo-se ao marechal de campo morto, ele recitou: "Nosso Führer e comandante supremo envia-lhe, por meu intermédio, seus agradecimentos e suas saudações". Para consumo do público em geral, Hitler anunciou no mesmo dia que Rommel sucumbira aos graves ferimentos causados por seu acidente de carro. "Com ele, foi-se um dos nossos melhores líderes do Exército. [...] Seu nome entrou para a história do povo alemão."

Outro problema, de maior alcance, preocupava Hitler em meados de outubro: a tentativa da Hungria de abandonar a aliança com a Alemanha. Hitler vinha temendo (e esperava) essa eventualidade havia semanas. As sondagens, conhecidas pelo serviço de inteligência alemão, feitas junto aos Aliados e à União Soviética depois da defecção da Romênia, emitiam um sinal claro sobre o modo como as coisas estavam avançando. No início de outubro, Horthy mandou uma delegação a Moscou para iniciar negociações a fim de tirar a Hungria da guerra. As condições duras apresentadas por Mólotov, em nome dos Aliados, para a Hungria mudar de lado, inclusive uma declaração imediata de guerra à Alemanha, foram aceitas por Horthy e assinadas pela delegação húngara em Moscou, em 11 de outubro. A implementação delas tinha de esperar o golpe que estava sendo preparado em Budapeste contra as forças alemãs no país. Pressionado pela União Soviética a agir, em 15 de outubro Horthy informou ao enviado alemão, Edmund Veesenmayer, que a Hungria estava deixando a aliança com a Alemanha e anunciou o armistício pelo rádio no início da tarde.

Hitler não estava inerte enquanto esses eventos se desenvolviam. Tanto do ponto de vista estratégico como da importância econômica para alimentos e suprimento de combustível, era preciso fazer de tudo para impedir que a Hungria seguisse o exemplo da Romênia e da Bulgária. Durante semanas, Hitler vinha preparando seu contragolpe em Budapeste, destinado a derrubar Horthy e substituí-lo por um governo-títere sob o comando de Ferencz Szalasi — líder fanático do radical partido fascista húngaro, a Cruz de Flechas —, que manteria a aliança do país com a Alemanha. Já em meados de setembro, Otto Skorzeny, o principal solucionador de problemas de Hitler (desde seu ousado resgate de Mussolini um ano antes), fora chamado à Toca do Lobo e recebera ordens para preparar um plano operacional cujo objetivo seria tomar à força a Cidadela de Budapeste — a fortaleza que era a residência de Horthy e seu séquito — caso a Hungria traísse sua aliança com a Alemanha.

Skorzeny começou imediatamente um planejamento detalhado da complexa operação. Ela envolvia o sequestro do filho de Horthy, Miklós (que, como o serviço de inteligência alemã sabia, vinha trabalhando, por intermédio de contatos iugoslavos, para promover uma paz em separado com a União Soviética), a fim de chantagear o pai para que abandonasse sua intenção de mudar de lado. Na manhã

de domingo, 15 de outubro, numa emboscada ousada, os homens de Skorzeny, após um tiroteio de cinco minutos com guarda-costas húngaros, pegaram o filho de Horthy, enrolaram-no num tapete, enfiaram-no num caminhão, levaram-no para um aeródromo e colocaram-no num avião que voou para Viena e seu destino final, o campo de concentração de Mauthausen.

O almirante Horthy teve de encarar o fato do sequestro de seu filho quando Veesenmayer chegou para a reunião entre eles marcada para o meio-dia. O enviado alemão disse a ele que, ao primeiro sinal de "traição", seu filho seria fuzilado. A reação do regente foi uma combinação de protesto furioso e quase colapso nervoso. Evidentemente, nenhum dos dois serviu para alguma coisa. Mas as ameaças alemãs tampouco o impediram de fazer, duas horas depois, seu anúncio de paz em separado com a União Soviética pelo rádio. Assim que terminou de falar, o prédio da rádio foi tomado por homens da Cruz de Flechas, que puseram no ar uma contradeclaração afirmando que a Hungria continuava do lado alemão na luta contra os soviéticos. Pouco depois, Szalasi anunciava sua tomada do poder. Naquela noite, a chantagem sobre Horthy entrou em plena vigência. Disseram-lhe que, se renunciasse e entregasse formalmente o poder a Szalasi, ele receberia asilo na Alemanha e seu filho seria libertado; caso contrário, a Cidadela seria tomada a força. Horthy dobrou-se sob a pressão extrema. Concordou em deixar o cargo e abrir caminho para Szalasi. Skorzeny encontrou pouca resistência quando, acompanhado por unidades de tanques Pantera e Golias, entrou na Cidadela na manhã seguinte. Dois dias depois, em 18 de outubro, Horthy estava a caminho da Alemanha num trem especial, acompanhado por Skorzeny e uma escolta do Exército alemão. Ele passaria o resto da guerra "como convidado do Führer" no castelo Hirschberg, perto de Weilheim, na Alta Bavária. Sob nova direção fascista fanática, o destino da Hungria permaneceu atado ao da Alemanha até o momento em que os defensores de Budapeste, cercados, desistiram da luta, em 11 de fevereiro de 1945.

Com o fracasso da tentativa de Horthy de tirar a Hungria da guerra, começou o tormento da maior comunidade judaica ainda sob controle germânico. Como observamos antes, Horthy detivera as deportações — principalmente para Auschwitz — em julho. Até aquele momento, 437402 judeus — mais da metade de toda a comunidade — haviam sido enviados para a morte. Em meados de outubro,

quando ocorreu a deposição do almirante e a tomada do poder por Szalasi, Himmler estava interrompendo a solução final e limitando as mortes em Auschwitz. Mas a desesperada escassez de mão de obra na Alemanha levou ao plano de utilizar os judeus húngaros como trabalhadores escravos nos locais subterrâneos de montagem dos mísseis V2. Sem trens para transportá-los, eles teriam de caminhar. Dias depois da tomada do poder por Szalasi, dezenas de milhares de judeus — tanto homens como mulheres — foram presos e, no final do mês, começaram o que para muitos se transformaria em marcha para a morte, sucumbindo à exaustão, ao frio e à tortura infligida por guardas alemães e húngaros. Com efeito, a taxa de mortalidade entre as mulheres foi tão alta que Szalasi, provavelmente preocupado com a própria pele à medida que a sorte da Alemanha na guerra continuava a piorar, parou com as caminhadas em meados de novembro. Tentativas posteriores da SS de remover mais judeus por trem foram prejudicadas pela falta de transporte. Enquanto isso, para os 70 mil judeus remanescentes em Budapeste, amontoados num gueto ao alcance dos canhões soviéticos, privados de todos os bens, aterrorizados e mortos por homens da Cruz de Flechas, o pesadelo diário continuou até a rendição da cidade, em fevereiro. Estima-se que os corpos de até 10 mil judeus jaziam então insepultos nas ruas e casas de Budapeste.

Em 21 de outubro, recuperado de sua recente doença, Hitler recebia Skorzeny de braços abertos em seu bunker da Toca do Lobo, para ouvir, sob a fraca iluminação, a história de seu triunfo em Budapeste e recompensá-lo com a promoção a *Obersturmbannführer*. Quando Skorzeny se levantou para sair, Hitler o deteve:

Espere. Eu tenho para o senhor talvez o trabalho mais importante de sua vida. Até agora, poucas pessoas sabem dos preparativos para um plano secreto no qual o senhor terá um grande papel a desempenhar. Em dezembro, a Alemanha começará uma grande ofensiva, que pode decidir seu destino.

E fez a Skorzeny um relato detalhado da operação militar que, a partir de então, ocuparia grande parte de seu tempo: a Ofensiva das Ardenas.

VI

Hitler apresentara suas exigências para uma ofensiva nas Ardenas em 16 de setembro. Guderian manifestou graves receios em virtude da situação na frente oriental, teatro de guerra pelo qual era diretamente responsável. Jodl advertiu sobre a supremacia aérea e a probabilidade da descida de paraquedistas. Hitler ignorou-os. Disse que queria 1500 caças até 1º de novembro, quando os preparativos para a ofensiva deveriam estar prontos. O início dela seria feito com tempo ruim, quando a ação dos aviões inimigos estaria fortemente prejudicada. As forças inimigas seriam divididas e cercadas. Antuérpia seria tomada, deixando o inimigo sem rota de fuga.

Àquela altura, o inimigo já havia invadido o território alemão no leste. Em 16 de outubro, o Terceiro Front Russo Branco, comandado pelo general Ivan Tscherniakowski, entrara na Prússia Oriental e avançara até Nemmersdorf, Goldap — a primeira cidade de tamanho considerável da província — e as proximidades de Gumbinnen, a caminho de Königsberg. As estradas estavam cheias de refugiados, que escapavam em pânico dos russos. O quartel-general do Führer estava ao alcance do ataque do Exército Vermelho. Por algum tempo, Hitler resistiu às pressões para abandonar a Toca do Lobo. Achava que uma mudança para o Berghof ou Berlim enviaria os sinais errados para seus combatentes no front. Deu instruções estritas de que não se deveria falar em ir embora. Mas o staff estava reduzido, enquanto Schaub empacotava todos os arquivos e bens de Hitler, pronto para partir a qualquer momento. Mostrou-se possível protelar esse momento. Gumbinnen foi recapturada — revelando cenas horrorosas de atrocidades (inclusive casos não relatados de mulheres estupradas e assassinadas e casas saqueadas por soldados soviéticos). O Exército Vermelho foi forçado a ficar na defensiva na Prússia Oriental. Goldap também foi retomada pela Wehrmacht cerca de quinze dias depois. O perigo imediato foi contido.

Em 24 de outubro, quando retornou à Toca do Lobo, depois de se recuperar durante várias semanas dos efeitos da explosão da bomba de 20 de julho, Nicolaus von Below encontrou o ditador completamente envolvido nos preparativos para a ofensiva das Ardenas, que deveria ocorrer no fim de novembro ou início de dezembro. A grande ansiedade, como sempre, dizia respeito à Luftwaffe estar em

condições de fornecer a cobertura aérea necessária para a ofensiva. O ajudante naval Karl-Jesko von Puttkamer disse a Below que o fracasso da Luftwaffe ainda era o "tópico número um" e havia uma tensão permanente entre Hitler e Göring. Embora apresentasse a coisa pelo melhor ângulo, Hitler estava bem cônscio de que o poder aéreo era seu ponto mais fraco; daí as constantes diatribes contra Göring. Suas chances na ofensiva vindoura eram muito menores do que ele estava disposto a admitir.

Imerso em assuntos militares e enfrentando calamidades por todos os lados, Hitler não estava com ânimo de atravessar um Reich cansado da guerra para falar à "velha guarda" do partido como de costume no dia 8 de novembro, o aniversário do putsch de 1923 e a data mais sagrada do calendário nazista. Em vez disso, uma sombra pálida do evento costumeiro foi marcada pela primeira vez fora do dia exato do golpe, para o domingo, 12 de novembro, em Munique. Seu momento culminante seria uma proclamação de Hitler a ser lida por Himmler. Como Goebbels observou, ela teve um efeito nada parecido com ouvir o próprio Hitler, em particular quando lida com a dicção fria de Himmler.

A proclamação, em si mesma, só poderia ser uma decepção para aqueles que esperavam notícias de uma reversão da sorte na guerra ou — o desejo da maioria das pessoas — uma insinuação de que a guerra acabaria em breve. Ela não oferecia mais do que o velho refrão de que o triunfo final viria. E Hitler deixava claro que, enquanto ele estivesse vivo, não haveria capitulação, não haveria fim da luta. Ele estava "inabalável em sua vontade de dar ao mundo futuro um exemplo não menos digno de elogio nessa luta do que os grandes alemães deram no passado". Era uma indicação velada de que lhe restava apenas lutar por seu lugar na história. A luta "heroica" que ele imaginava, de proporções wagnerianas, descartava qualquer ideia de capitulação, o ato vergonhoso de 1918. A luta até o fim, parecia claro, estava destinada a arrastar para a destruição o próprio povo alemão com a "heroica" autodestruição de seu senhor da guerra.

O fim do próprio senhor da guerra começava agora a ocupar seus pensamentos. Um novo acesso de doença, dessa vez na garganta, talvez tenha provocado seu estado de ânimo depressivo. E talvez o tenha também levado a concordar com Bormann de que finalmente chegara o momento de mudar seu quartel-general da Prússia Oriental, pois fora decidido que ele precisava de uma pequena cirurgia em

Berlim para remover um pólipo das cordas vocais. Na tarde de 20 de novembro, ele e seu séquito embarcaram em seu trem especial em direção a Berlim, deixando a Toca do Lobo para sempre.

Àquela altura, Hitler era uma presença real tão pequena para o povo alemão que, como Goebbels anotou, corriam muitos rumores de que ele estava gravemente enfermo, ou mesmo morto. O ministro da Propaganda teve oportunidade de falar com ele longamente no início de dezembro. Encontrou-o recuperado dos problemas estomacais, capaz de comer e beber normalmente. Havia superado também a operação nas cordas vocais e sua voz estava novamente normal. Hitler contou-lhe que viera para Berlim a fim de preparar o ataque no oeste. Estava tudo pronto para dar um grande golpe nos Aliados, que lhe traria não somente um sucesso militar, mas também político. Disse que havia trabalhado noite e dia no plano para a ofensiva, também durante sua doença. Goebbels achou que o Führer estava de volta a sua velha forma.

Hitler delineou o objetivo grandioso da ofensiva. Antuérpia seria tomada em oito ou dez dias. A intenção era esmagar toda a força inimiga ao norte e ao sul, depois fazer um ataque maciço de mísseis a Londres. Um grande sucesso teria um impacto imenso sobre o moral alemão e influenciaria a atitude em relação à Alemanha no exterior. Na visão de Goebbels, Hitler era um homem redivivo. A perspectiva de uma nova ofensiva, de recuperar a vantagem, tinha evidentemente funcionado para ele como uma droga.

Os planos operacionais para a ofensiva das Ardenas foram criados pelo OKW em setembro e apresentados a Hitler em 9 de outubro. O objetivo da operação — o avanço pelo Eifel e as Ardenas, atravessando a Bélgica até a costa do canal da Mancha para tomar Antuérpia — foi finalizado naquela ocasião. Os planos detalhados da ofensiva foram apresentados por Jodl aos altos comandantes no oeste em 3 de novembro. Dezesseis divisões, oito delas blindadas, formariam o ponto focal do ataque. O *SS-Obergruppenführer* Sepp Dietrich comandaria o Sexto Exército Blindado da SS; o general Hasso von Manteuffel, o Quinto Exército Blindado. Sem exceção, os comandantes militares reunidos acharam o objetivo — a tomada de Antuérpia a cerca de duzentos quilômetros — bastante irrealista. Argumentaram que as forças disponíveis para isso eram inadequadas, em especial nas condições de inverno. Alegaram que, na melhor das hipóteses, um objetivo mais limitado — a

recuperação de Aachen e das partes adjacentes à *Westwall*, com o possível estabelecimento de uma base para um avanço posterior — poderia ser atingido. Jodl desconsiderou as objeções, deixando claro aos comandantes que ganhos limitados não seriam suficientes. Em consequência da ofensiva, Hitler deveria ficar em posição de "deixar as potências ocidentais prontas para negociar". Em 10 de novembro, o Führer assinou a ordem para a ofensiva. No preâmbulo, ele admitia que estava disposto "a aceitar o máximo risco a fim de levar a cabo a operação".

Hitler deixou Berlim na noite de 10 de dezembro e mudou seu quartel-general para Ziegenberg, não longe de Bad Nauheim, perto do front ocidental. Bunkers e casernas haviam sido construídos numa área de floresta pela Organização Todt no início da guerra. Rundstedt e seu staff estavam aquartelados numa mansão próxima.

Em dois grupos, no dia de sua chegada — 11 de dezembro — e no dia seguinte, Hitler falou aos comandantes militares no *Adlerhorst* (Ninho da Águia), nome do novo quartel-general, para informá-los sobre a ofensiva iminente. Após um longo preâmbulo sobre os antecedentes da guerra, ele apresentou suas ideias por trás da ofensiva. Como sempre, as considerações psicológicas eram fundamentais para ele. Só era possível suportar a guerra enquanto houvesse esperança de vitória. Portanto, era necessário destruir essa esperança por meio da ação ofensiva. Uma estratégia defensiva não podia atingir esse objetivo. Um ataque bem-sucedido deveria sucedê-la. "Desse modo, procurei desde o início conduzir a guerra sempre que possível na ofensiva", declarou. "As guerras são finalmente decididas com o reconhecimento, de um lado ou de outro, de que a guerra enquanto tal não pode mais ser vencida. Fazer com que o inimigo perceba isso é, portanto, a tarefa mais importante." Se forçados a voltar à defensiva, era ainda mais importante convencer o inimigo de que a vitória não estava próxima. E assim Hitler chegava à outra premissa inalterável de sua condução da guerra: "É importante também fortalecer esses fatores psicológicos, não deixando passar nenhum momento sem deixar claro ao inimigo que, independente do que ele faça, jamais pode contar com a capitulação, jamais, jamais. Este é o ponto decisivo". Referiu-se, quase inevitavelmente, à inversão da sorte de Frederico o Grande na Guerra dos Sete Anos. Aqui, chegava à outra constante em seu pensamento: a vontade do líder heroico que, em meio à adversidade, tornava possível o triunfo sozinho, quando todos ao seu redor não

acreditavam mais no sucesso.

Isso levou Hitler ao tema da fragilidade (era o que pensava) da coalizão que enfrentava. Segundo ele, "se uns poucos golpes realmente pesados fossem infligidos, essa frente comum, sustentada de modo artificial, poderia entrar em colapso a qualquer momento, com uma enorme trovoada". Com efeito, as tensões entre os soviéticos e os Aliados ocidentais tinham se tornado mais evidentes durante a segunda metade de 1944. Mas Hitler sabia que sua própria destruição e a do regime que chefiava ofereciam campo comum suficiente para manter a coalizão unida até a derrota da Alemanha. Ele sabia também que os Aliados ocidentais, assim como os soviéticos — apesar do que Oshima lhe dissera —, não buscariam a paz com a Alemanha enquanto estivessem em avassaladora superioridade militar.

Como supremo propagandista que era, Hitler podia sempre se armar de convicção absoluta, quando falava para uma plateia que precisava persuadir, de que sua proposta era a única alternativa em oferta. Havia sido sua maior força desde o começo da década de 1920. Os sinais de pessimismo — ou de maior realismo — observados por Below e outros nas semanas que antecederam a ofensiva das Ardenas, embora fossem escorregões momentâneos, sugerem, no entanto, que ele estava bem consciente do tamanho da aposta nas Ardenas. Ele tinha de assumir os riscos porque, de fato, do seu ponto de vista, não havia outra saída. Se o tiro no escuro desse certo e ele infligisse uma grave derrota às potências ocidentais, enquanto as novas armas alemãs começassem a entrar em operação e antes que a esperada ofensiva de inverno soviética iniciasse, então poderiam se abrir novas opções. De qualquer forma, do modo como ele via as coisas, a única alternativa à aposta era lutar palmo a palmo pelo solo alemão numa luta de retaguarda que acabaria certamente não somente em derrota, mas na destruição total da Alemanha — e dele mesmo. O risco tinha de ser assumido.

A Operação Névoa de Outono — a ofensiva das Ardenas — começou no início da manhã de 16 de dezembro. Todas as reservas possíveis haviam sido reunidas. Cerca de 200 mil soldados germânicos, apoiados por seiscentos tanques, foram lançados contra uma frente que compreendia aproximadamente 80 mil soldados americanos com quatrocentos tanques. O tempo estava perfeito para o ataque alemão, com nuvens pesadas atrapalhando a aviação inimiga. As forças americanas foram tomadas de surpresa. O Exército Blindado da SS de Sepp Dietrich logo

encontrou forte defesa no norte do front e seu avanço foi lento. O Quinto Exército Blindado de Manteuffel, no entanto, abriu caminho no sul e avançou cerca de cem quilômetros até perto do rio Meuse, estabelecendo o cerco da cidade de Bastogne, importante ponto de comunicações. Mas Bastogne não cedeu, segurando três divisões alemãs até ser libertada pelo Terceiro Exército americano do general Patton.

Enquanto isso, o avanço de Manteuffel diminuía, prejudicado por terreno difícil, mau tempo, pontes derrubadas e escassez de combustível, bem como uma resistência cada vez mais dura dos americanos. Em 24 de dezembro, o tempo melhorou e expôs as tropas alemãs ao implacável ataque aéreo de cerca de 5 mil aviões aliados. Agora, os movimentos de tropa só podiam ser efetuados à noite. Linhas de suprimento e campos de aviação alemães foram pesadamente bombardeados. Os caças alemães sofreram perdas graves. Depois que Patton abriu caminho através do front alemão para libertar Bastogne, em 26 de dezembro, Manteuffel teve de abandonar a esperança de avançar mais. A Operação Névoa de Outono havia fracassado.

Hitler não estava disposto, no entanto, a ceder ao inevitável. Como manobra diversionista, ordenou uma ofensiva subsidiária no norte da Alsácia (Operação Vento Norte). O objetivo era isolar e destruir as forças americanas no canto nordeste da Alsácia para que Manteuffel desse continuidade à ofensiva principal nas Ardenas. Uma vez mais, ele se dirigiu aos comandantes da operação. E uma vez mais enfatizou a natureza "tudo ou nada" da luta pela existência da Alemanha. De novo, descartou a possibilidade de travar indefinidamente uma guerra defensiva. Por motivos estratégicos e psicológicos, era essencial retornar à ofensiva e assumir o controle da situação. Afirmou que a operação seria decisiva. Seu sucesso removeria automaticamente a ameaça na parte meridional da ofensiva das Ardenas e, com isso, a Wehrmacht forçaria o inimigo a se retirar de metade do front ocidental. "Então, vamos querer avaliar novamente a situação", acrescentou.

Um lapso de linguagem, no entanto, parecia revelar que Hitler sabia que seu objetivo ambicioso quanto à ofensiva das Ardenas não poderia mais ser alcançado, que não poderia mais expulsar os Aliados do continente e que, portanto, as operações defensivas teriam de continuar no oeste e no leste. A certa altura, ele falou do "objetivo inabalável" da operação, que seria produzir meramente "em

parte" uma "limpeza" da situação no oeste. Isso significava que seu discurso aos comandantes tinha sido pouco mais do que a elevação da esperança acima da razão.

A Vento Norte começou no dia de Ano-Novo. Foi a última ofensiva de Hitler e a menos eficaz. As tropas alemãs não conseguiram avançar mais de vinte quilômetros, obtendo ganhos mínimos e obrigando Eisenhower a recuar forças na área de Estrasburgo por algum tempo. Mas a ofensiva foi fraca demais para causar muito efeito. Foi possível detê-la sem que os americanos tivessem de retirar tropas das Ardenas. A Vento Norte mostrou não ser nada além de uma forte brisa momentânea.

No Ano-Novo de 1945, as rádios alemãs transmitiram a tradicional mensagem de Hitler aos alemães. Ela não trazia nada de novo para eles. O Führer não lhes ofereceu uma única frase sobre o efeito das "armas maravilhosas", sobre medidas para conter o terror vindo dos céus, ou qualquer coisa específica sobre progresso militar nas frentes de batalha. Sobretudo, não deu nenhum sinal de que o fim da guerra estava próximo. Falou somente da continuidade do conflito em 1945 e até que uma vitória final — que, àquela altura, apenas sonhadores poderiam imaginar — fosse alcançada. Sua audiência já ouvira aquilo muitas vezes antes: a reafirmação de que "um 9 de novembro no Reich alemão jamais se repetirá"; que os inimigos da Alemanha, liderados pela "conspiração mundial judaico-internacional", pretendiam "erradicar" seu povo; que a situação difícil da Alemanha fora causada pela fraqueza de seus aliados; que o esforço combinado de front e pátria mostrava a "essência de nossa comunidade social" e um espírito indômito, incapaz de ser destruído; e que "o inimigo mundial judaico-internacional" não só fracassaria em sua tentativa de destruir a Europa e erradicar seus povos, como provocaria sua própria destruição".

Poucos continuavam convencidos. Muitos, como alguns observadores da região de Stuttgart, estavam provavelmente dispostos a reconhecer que "o Führer trabalhou pela guerra desde o início". Longe de ser o gênio alardeado pela propaganda de Goebbels, diziam esses observadores, Hitler havia "intencionalmente desencadeado essa conflagração mundial a fim de ser proclamado o grande 'transformador da humanidade'". Era o reconhecimento atrasado do impacto catastrófico do líder que tinham antes apoiado, aplaudido, elogiado. O apoio do povo ajudara a colocá-lo numa posição de poder total sobre o Estado alemão. Agora, na ausência da capacidade ou da disposição —

especialmente após os eventos de 20 de julho — daqueles que tinham acesso aos corredores do poder de desafiar sua autoridade, para não falar de derrubá-lo, Hitler tinha simplesmente o destino do povo alemão em suas mãos. Ele havia admitido de novo, como sempre fizera, sua recusa intransigente em contemplar a capitulação em qualquer situação. Isso significava que o sofrimento do povo alemão — e das incontáveis vítimas do regime que havia apoiado com tanto entusiasmo — tinha de continuar. Estava bastante claro que esse sofrimento só cessaria quando Hitler deixasse de existir. E isso só poderia significar a derrota total, a ruína e a ocupação da Alemanha.

Com o esgotamento da ofensiva das Ardenas, desapareceu toda a esperança de repelir o inexorável avanço dos Aliados ocidentais. E, no leste, o Exército Vermelho esperava pelo momento certo para lançar sua ofensiva de inverno. Em 3 de janeiro, Hitler foi obrigado a aceitar que "a continuação da operação originalmente planejada [nas Ardenas] não tem mais nenhuma perspectiva de sucesso". Cinco dias depois veio o reconhecimento tácito de que sua última aposta havia sido um fracasso, com sua aprovação da retirada do Sexto Exército Blindado para o noroeste de Bastogne e, no dia seguinte, sua ordem para retirar suas divisões blindadas da SS do front. Em 14 de janeiro, um dia antes de deixar seu quartel-general no front ocidental para retornar a Berlim, o Alto-Comando da Wehrmacht reconheceu que "a vantagem na área da ofensiva passou para o inimigo".

Hitler havia declarado de forma categórica, em suas reuniões anteriores às ofensivas das Ardenas e da Alsácia, que a Alemanha não poderia sustentar indefinidamente uma guerra defensiva. E havia gasto suas últimas e preciosas reservas de pessoal, perdido uma quantidade incontável de armamentos e exaurido suas divisões remanescentes numa ofensiva que custara a vida de cerca de 80 mil soldados alemães, ao mesmo tempo que enfraquecia a frente oriental e abria caminho para as rápidas investidas do Exército Vermelho nas semanas seguintes. Os remanescentes da Luftwaffe haviam sido irremediavelmente devastados, e os suprimentos de combustível e de outros materiais essenciais para o esforço de guerra eram suficientes apenas para mais uns poucos meses de luta. A lógica estava clara: o último débil raio de esperança se extinguira, a última rota de fuga fora cortada. A derrota era inevitável. Hitler não perdera o contato com a realidade. Ele percebia isso. Uma noite, após o fracasso da ofensiva, Below o encontrou em seu

bunker profundamente deprimido, após as sirenes de ataque aéreo soarem. Falou de tirar a própria vida, uma vez que a última chance de sucesso evaporara. Foi selvagem em suas críticas ao fracasso da Luftwaffe e dos "traidores" do Exército. De acordo com o relato posterior de Below, Hitler disse: "Sei que a guerra está perdida. O poder superior é grande demais. Fui traído. Desde 20 de julho, aconteceu tudo o que eu não julgava possível. Exatamente aqueles que eram contra mim foram os que mais lucraram com o nacional-socialismo. Mimei-os todos e os condecorei. Esse é o agradecimento. O que eu mais gostaria de fazer era enfiar uma bala em minha cabeça". Mas, como acontecia com frequência, em seguida se recompôs e disse: "Não capitularemos. Nunca. Podemos afundar. Mas levaremos o mundo conosco".

Era isso o que fazia Hitler seguir em frente. Fora a base de sua "carreira" política desde o início. Não haveria repetição de 1918: nenhuma punhalada nas costas, nenhuma capitulação. Isso — e seu lugar na história como um herói germânico derrubado pela fraqueza e a traição dos outros — era tudo o que lhe restava.

27. O mergulho no abismo

I

Hitler ainda estava cambaleando com o fracasso da ofensiva das Ardenas, sua última esperança, quando o inferno baixou na frente oriental. Era o início da ofensiva soviética. A principal investida, a partir de cabeças de ponte sobre o rio Vístula, ao sul de Varsóvia, tinha por alvo o sul da Polônia, o vital cinturão industrial silesiano e o rio Oder, última barreira antes de Berlim. O Primeiro Front Ucraniano do marechal Ivan Kóniev começou o ataque em 12 de janeiro, após uma barragem de artilharia de cinco horas, a partir da cabeça de ponte de Baránov, no Vístula meridional. Em seguida, mais ao norte, veio o ataque do Primeiro Front Bielorrusso do marechal Gueorgui Júkov, a partir das cabeças de ponte em Polavy e Magnuszev. Uma investida secundária, feita pelo Segundo e Terceiro Fronts Bielorrussos, a partir de cabeças de ponte sobre o rio Narev, ao norte de Varsóvia, pretendia isolar tropas alemãs na Prússia Oriental.

A superioridade numérica do Exército Vermelho era avassaladora. No setor central e vital do front de novecentos quilômetros, que ia dos Cárpatos ao Báltico, cerca de 2,2 milhões de soldados soviéticos estavam dispostos em ordem de batalha contra 400 mil do lado alemão. Mas o desequilíbrio era muito maior nas cabeças de ponte sobre o Vístula, de onde a ofensiva partira. O Estado-Maior germânico calculou que era de onze para um na infantaria, sete para um em tanques e vinte para um em canhões a favor do Exército Vermelho. Conhecendo os informes do general Reinhard Gehlen, chefe do Departamento de Exércitos Estrangeiros Leste,

sobre a enorme concentração de forças soviéticas e da ofensiva iminente, Guderian pedira a Hitler no Natal, quando a ofensiva das Ardenas já perdera ímpeto, que transferisse tropas para o leste. Hitler desconsiderara os relatórios de Gehlen dizendo que era blefe do inimigo, "a maior impostura desde Gengis Khan". No dia de Ano-Novo de 1945, quando Guderian fez nova visita ao quartel-general do Führer em Ziegenberg e arrancou de Hitler a liberação de quatro divisões, o ditador insistiu que fossem enviadas à Hungria, não ao centro da frente oriental, onde o serviço de inteligência militar apontava para perigo iminente. Em 9 de janeiro, Guderian voltou a Ziegenberg para apresentar a Hitler gráficos e mapas que mostravam o poder relativo das forças nas áreas vulneráveis junto ao Vístula. Enfurecido, Hitler descartou-os como "completamente idiotas" e afirmou que quem os havia compilado deveria ser trancado num asilo de loucos. Guderian defendeu Gehlen e não recuou. A tempestade amainou tão rápido quanto eclodira. Mas mesmo assim Hitler desdenhou das recomendações urgentes para evacuar partes do Vístula e do Narev, recuar para posições mais defensáveis e transferir forças do oeste a fim de apoiar esses pontos fracos no front. Guderian observou, profético: "O front oriental é como um castelo de cartas. Se for rompido em um ponto, todo o resto desmoronará". A resposta de Hitler foi que "o front oriental deve ajudar a si mesmo e arranjar-se com o que tem". Como Guderian comentou mais tarde, tratava-se de uma "estratégia de avestruz".

Uma semana depois, em 16 de janeiro, com o Exército Vermelho já fazendo avanços maciços, Hitler, de volta a Berlim, se dispôs finalmente a transferir tropas do oeste para o leste. Mas Guderian ficou indignado ao saber que o Sexto Exército Blindado de Sepp Dietrich — trazido de volta da campanha nas Ardenas e que compunha o grosso das novas forças disponíveis — seria enviado para a Hungria, onde Hitler esperava forçar os russos a atravessar de volta o Danúbio e libertar Budapeste. Visto que as fábricas de petróleo sintético alemãs haviam sido destruídas por ataques aéreos, a manutenção dos campos petrolíferos e refinarias húngaros era de vital importância. Hitler argumentava que, sem eles, o esforço de guerra alemão estaria condenado. Guderian também não teve êxito em tentar persuadi-lo a evacuar, pelo mar Báltico, as tropas alemãs em grave perigo de ficarem isoladas em Courland, na ponta da Letônia, e reutilizá-las no front oriental. Dönitz convencera Hitler de que Courland era uma área costeira essencial aos novos submarinos que,

segundo ele, estavam quase prontos para ser usados contra os Aliados. O resultado foi que 200 mil soldados, tão necessários em outros lugares, ficaram presos em Courland até a capitulação da Alemanha, em maio.

Como Guderian previra, a Wehrmacht foi totalmente incapaz de bloquear o avanço do Exército Vermelho. Em 17 de janeiro, as tropas soviéticas já haviam passado como um rolo compressor sobre os soldados alemães. O caminho para a fronteira alemã estava aberto diante delas. Aviões soviéticos controlavam o espaço aéreo, metralhando e bombardeando à vontade. Algumas divisões alemãs foram cercadas; outras recuaram o mais rápido que podiam. As forças alemãs remanescentes em Varsóvia foram evacuadas em 17 de janeiro, levando Hitler a um tal paroxismo de fúria que, num momento crítico do avanço, quando eram necessários para operações militares vitais, mandou prender vários oficiais do Estado-Maior, que haviam manifestado sinais de concordância com a retirada de Varsóvia. Todos foram interrogados — junto com o próprio Guderian — pelo chefe do Gabinete Central de Segurança do Reich, Ernst Kaltenbrunner, e pelo chefe da Gestapo, Heinrich Müller.

Em 18 de janeiro, tropas soviéticas entraram em Budapeste. As batalhas na cidade durariam até meados de fevereiro, e a luta sangrenta em torno do lago Balaton e de outras partes da Hungria, por várias semanas mais. Porém, por mais peso que Hitler atribuísse a esses eventos, o resultado da disputa desigual só poderia ser um. A Hungria era pouco mais que um detalhe diante da grande catástrofe que se desenrolava mais ao norte, onde tropas soviéticas quase não encontravam oposição séria enquanto avançavam rapidamente pela Polônia. Lodz foi tomada. As cidades de Kalisz e Posen no Warthegau já estavam à vista. Em 20 de janeiro, elas cruzaram a fronteira alemã na área de Posen e na Silésia.

Ainda mais ao norte, as forças alemãs estavam em desordem diante dos avanços na Prússia Oriental. O general Hans Reinhardt, comandante do Grupo de Exércitos Centro que combatia na Prússia Oriental, foi demitido por Hitler por evacuar as posições costeiras quando as tropas soviéticas avançaram em 26 de janeiro, isolando dois exércitos alemães. O general Friedrich Hoßbach, que comandava o Quarto Exército, também foi peremptoriamente demitido por Hitler por ignorar ordens de manter posição — e não consultar seu Grupo de Exércitos sobre essa decisão — quando se viu diante de grave perigo de cerco. Furioso, Hitler acusou os dois

militares de traição. Mas a mudança de pessoal — o competente general de Exército austríaco Lothar Rendulic no lugar de Reinhardt e o general Friedrich-Wilhelm Müller no lugar de Hoßbach — não podia fazer nada para mudar o desastroso colapso germânico na Prússia Oriental nem na frente oriental. O mesmo aconteceu com a substituição, feita em 17 de janeiro, do general Josef Harpe, transformado em bode expiatório do colapso do front no Vístula, pelo seu favorito, general Ferdinand Schörner, e sua designação insensata, em 25 de janeiro, de Heinrich Himmler, apesar das fortíssimas objeções de Guderian, para o comando do recém-criado às pressas Grupo de Exércitos Vístula, cujo objetivo era deter o avanço soviético na Pomerânia. A esperança de que o "triunfo da vontade" e a tenacidade de um de seus homens "duros" de maior confiança iriam prevalecer revelou-se rapidamente sem fundamento. Himmler, apoiado por corajosos, mas militarmente inexperientes oficiais da Waffen-SS, logo descobriu que combater o poderio do Exército Vermelho era uma tarefa muito mais difícil do que prender e perseguir oponentes políticos e "inferiores raciais" indefesos. Em meados de fevereiro, Hitler foi forçado a admitir que o Grupo de Exércitos Vístula não era comandado de forma adequada. Após uma discussão furiosa de duas horas com Guderian, ele recuou e designou o general Walther Wenck para o quartel-general de Himmler, com a função de assumir o controle da contraofensiva limitada junto ao rio Oder, na Pomerânia. O fracasso do *Reichsführer-SS* como comandante militar seria finalmente — e com atraso — reconhecido por Hitler em 20 de março, quando o substituiu pelo general Gotthard Heinrici. Esse episódio marcou um ponto significativo no crescente afastamento entre Hitler e o chefe da SS.

Àquela altura, a catástrofe na frente oriental já era praticamente completa. No sul, instigada pela liderança nazista fanática do *Gauleiter* Karl Hanke, Breslau resistiu sob cerco até o início de maio. Glogau, a noroeste, também manteve a resistência. Mas eram pontos de pouco significado militar. No fim de janeiro, a região de valor industrial fundamental da Silésia já estava perdida. Em 23 de janeiro, tropas russas já tinham alcançado o Oder, entre Oppeln e Ohlau; cinco dias depois, cruzaram o rio em Steinau, ao sul de Breslau. Mais ao norte, Posen foi cercada e a maior parte do Warthegau perdida. Seu *Gauleiter*, Arthur Greiser — um dos asseclas mais brutais de Hitler, que impusera um reino de terror sobre a população predominantemente polonesa de seu feudo —, já havia fugido para o oeste com

outros líderes nazistas da região na vã tentativa de salvar a própria pele. Sua fuga, assim como a de outros representantes do partido, alimentou a raiva e o desprezo das pessoas comuns pelo comportamento dos mandachuvas nazistas.

Nos primeiros dias de fevereiro, os soviéticos estabeleceram uma cabeça de ponte sobre o Oder, entre Küstrin e Frankfurt an der Oder. Mesmo assim, Hitler, erguendo os punhos num ataque de fúria, recusava-se a dar ouvidos às súplicas de Guderian para evacuar de imediato os postos militares avançados nos Bálcãs, na Itália, na Noruega e, em especial, em Courland, a fim de liberar reservas para defender a capital. Tudo o que conseguiu foi jogado na contraofensiva de vida curta da Pomerânia, em meados de fevereiro. O Exército Vermelho repeliu-a com facilidade e ocupou praticamente toda a Pomerânia durante fevereiro e o início de março. Embora Königsberg, sitiada, ainda resistisse, a maior parte da Prússia Oriental estava agora em mãos soviéticas.

Os imensos ganhos soviéticos de janeiro estavam agora consolidados — e até ampliados. Os homens de Júkov tinham avançado quase quinhentos quilômetros desde meados daquele mês. A partir da cabeça de ponte sobre o Oder, perto de Küstrin, Berlim, distante cerca de 65 quilômetros, estava aberta ao ataque. O último obstáculo a caminho da capital havia sido superado. Mas a rapidez do avanço fez com que as linhas de suprimento soviéticas se atrasassem. Elas precisavam ser montadas através das rotas de transporte destruídas da Polônia. Além disso, os estrategistas soviéticos calcularam que o clima úmido da primavera certamente dificultaria as manobras militares. Estava claro que as batalhas sangrentas para tomar Berlim exigiriam uma preparação detalhada. Concluíram, então, que a investida final contra a capital podia esperar um pouco.

Enquanto esse desastre de proporções colossais se desenrolava na frente oriental, os Aliados no oeste recompunham-se rapidamente depois de conter a ofensiva das Ardenas. No início de fevereiro, cerca de 2 milhões de soldados americanos, britânicos, canadenses e franceses já estavam prontos para o ataque à Alemanha. A investida do Primeiro Exército Canadense, iniciada em 8 de fevereiro ao sul de Nijmegen, na direção de Wesel, encontrou oposição firme e, de início, só pôde avançar lentamente em meio à luta virulenta. Mas, na última semana do mês, tropas americanas avançaram rápido na direção de Colônia, alcançando em 2 de março o Reno, ao sul de Düsseldorf, e os arredores de Colônia três dias depois.

Hitler demitiu — de novo — o marechal de campo Gerd von Rundstedt, comandante em chefe no oeste que tentara convencê-lo a recuar suas forças para trás do Reno, e o substituiu em 10 de março pelo marechal de campo Albert Kesselring, o inflexível defensor das posições alemãs na Itália. Mas isso não fez nenhuma diferença.

As tropas alemãs em retirada haviam explodido as pontes sobre o Reno em todos os lugares, exceto em Remagen, entre Bonn e Koblenz, que foi descoberta intacta, pois os alemães não conseguiram detonar a tempo os explosivos que haviam plantado; a ponte foi imediatamente controlada pelas forças americanas do Primeiro Exército, sob o comando do general Courtney H. Hodges, em 7 de março. Com uma cabeça de ponte estabelecida, os Aliados cruzaram a última barreira natural em seu caminho. Em quinze dias, os soldados americanos cruzaram de novo o Reno em Oppenheim, ao sul de Mainz. Àquela altura, as margens do Reno entre Koblenz e Ludwigshafen estavam sob controle americano. Mais ao norte, Montgomery gozou de um momento de glória encenado quando, observadas por Churchill e Eisenhower, suas tropas atravessaram o baixo Reno em 23-24 de março, após um ataque maciço aéreo e de artilharia a Wesel. A resistência alemã mais séria estava, em boa medida, superada. Um terço de todas as forças germânicas posicionadas no front ocidental fora perdido desde o início de fevereiro: 293 mil homens capturados, 60 mil mortos ou feridos. A insistência de Hitler em não conceder nenhum território a oeste do Reno, em vez de recuar para lutar atrás do rio, como Rundstedt havia recomendado, contribuiu significativamente para a magnitude e a rapidez do sucesso dos Aliados.

Enquanto as defesas alemãs tombavam nas duas frentes de batalha e as forças inimigas se preparavam para atacar no coração do Reich, as cidades alemãs, bem como as instalações militares e fábricas de combustível, eram submetidas ao bombardeio mais feroz de toda a guerra. Pressionados pelo Comando de Bombardeiros do chefe da Força Aérea Britânica, marechal Arthur Harris, os chefes de Estado-Maior americanos e britânicos haviam concordado, no fim de janeiro, em explorar o choque da ofensiva soviética estendendo os ataques aéreos de alvos estratégicos — principalmente refinarias de petróleo e trevos rodoviários — para Berlim, Leipzig, Dresden e outras cidades do centro e do leste da Alemanha. O objetivo era intensificar o caos nos grandes centros urbanos no leste do Reich, à

medida que milhares de pessoas fugiam da trilha do Exército Vermelho em direção ao oeste. Além disso, os Aliados ocidentais queriam demonstrar a Stálin, prestes a se reunir com Churchill e Roosevelt em Ialta, que estavam dando apoio à ofensiva soviética por meio de seus bombardeios. O resultado foi uma ampliação maciça do terror vindo dos céus, com bombas chovendo sobre cidadãos quase indefesos. Além dos 49 ataques de precisão em larga escala a Magdeburg, Gelsenkirchen, Botrop, Leuna, Ludwigshafen, assim como a instalações que destruíram a produção alemã de combustível, raides maciços contra a população civil transformaram os centros das cidades em desertos. Em 3 de fevereiro, Berlim foi atingida pelo mais violento ataque aéreo que sofrera até então, matando 3 mil pessoas e ferindo outras 2 mil. Algumas áreas mais pobres do centro sofreram mais. Dez dias depois, na noite de 13-14 de fevereiro, a bela cidade de Dresden — capital cultural da Saxônia conhecida por sua porcelana fina, mas não um centro industrial importante, que agora fervilhava de refugiados — foi transformada num inferno por milhares de bombas explosivas e incendiárias lançadas por levas de bombardeiros Lancaster da RAF (complementadas, no dia seguinte, por um ataque maciço de aviões B-17 americanos). Estima-se que cerca de 40 mil cidadãos perderam a vida na exibição mais impiedosa de força e superioridade aérea dos Aliados. Entre as outras cidades devastadas estavam Essen, Dortmund, Mainz, Munique, Nuremberg e Würzburg. Nos últimos quatro meses e meio da guerra, foram jogadas sobre a Alemanha 471 mil toneladas de bombas, o dobro do que fora lançado em todo o ano de 1943. Somente em março, foram jogadas quase três vezes mais bombas do que em 1942 inteiro.

Àquela altura, a Alemanha já estava de joelhos, militar e economicamente. Mas, enquanto Hitler vivesse, não havia perspectiva de rendição.

II

O homem que estava no centro do sistema que implodia, e que desencadeara o horror e sofrimento sem precedentes entre incontáveis vítimas do regime nazista, embarcou em seu trem especial em Ziegenberg na noite de 15 de janeiro de 1945 e, com seu séquito de ordenanças, secretárias e ajudantes, partiu de seu quartel-general ocidental para Berlim. Suas esperanças de sucesso militar no oeste definitivamente chegavam ao fim. Tentar deter a ofensiva soviética no leste era agora sua prioridade. A partida de Hitler tinha sido provocada pela oposição de Guderian à sua ordem de 15 de janeiro para transferir o poderoso Corpo Blindado Großdeutschland da Prússia Oriental para a vizinhança de Kielce, na Polônia, onde o Exército Vermelho ameaçava penetrar e abrir caminho através do Warthegau. Guderian argumentou que não era possível executar a manobra em tempo hábil para bloquear o avanço soviético; além disso, ela enfraqueceria gravemente as defesas da Prússia Oriental no momento em que o ataque soviético vindo do Narev punha aquela província em perigo máximo. O resultado foi que as tropas do Großdeutschland ficaram esperando em desvios ferroviários enquanto o Führer e seu chefe do Estado-Maior discutiam por telefone sobre o deslocamento. Hitler não revogaria sua ordem. Mas a discussão ajudou a convencê-lo de que precisava dirigir as coisas de perto. Estava na hora de voltar a Berlim.

Seu trem, com as cortinas cerradas, chegou à capital naquela noite. As entradas triunfantes em Berlim eram apenas lembranças distantes. Enquanto o carro de Hitler seguia por ruas em escombros e sem iluminação para a Chancelaria do Reich — agora fria e sombria, sem quadros, tapetes e tapeçarias, que haviam sido removidos por conta dos crescentes ataques aéreos à cidade —, poucos habitantes sabiam que ele havia retornado; provavelmente um número menor ainda se importava. De qualquer modo, o Führer não tinha nenhuma vontade de vê-los. O caminho para seus portais estava bloqueado a todos, exceto aos poucos que tinham os papéis e passes necessários para satisfazer o forte escrutínio dos guardas da SS, armados com metralhadoras e posicionados numa série de postos de controle. Até mesmo o chefe do Estado-Maior tinha de entregar suas armas e submeter sua pasta a uma revista meticulosa.

Nos dias seguintes, Hitler ficou imerso nos eventos da frente oriental.

Aparentemente incapaz de admitir os desequilíbrios entre as forças e a debilidade tática que deixara o front do Vístula tão exposto, ele farejava traição em tudo. Arengas frequentes sobre a incompetência ou traição de seus generais faziam com que as duas reuniões militares diárias se arrastassem por tempo indefinido. Guderian calculou que suas duas viagens diárias do quartel-general do Estado-Maior em Zossen, ao sul de Berlim, tomavam cerca de três horas. Outras quatro a seis horas eram consumidas pelas próprias conferências. Do ponto de vista do chefe do Estado-Maior, era um tempo perdido.

Os choques habituais entre Hitler e seu outrora admirador Guderian refletiam o que eram agora filosofias total e irreconciliavelmente conflitantes. Para o Führer, não era admissível pensar em capitulação, mesmo ao preço da destruição total da Alemanha. Para o chefe do Estado-Maior, era preciso evitar a destruição da Alemanha, mesmo ao preço da capitulação — pelo menos, no oeste. Para Guderian — e ele estava longe de ser o único a pensar assim —, a única esperança de evitar a destruição completa da Alemanha estava em jogar tudo no bloqueio do avanço soviético e, ao mesmo tempo, abrir negociações para um armistício com o ocidente, por mais pobre que fosse a base de negociação. Os Aliados ocidentais talvez pudessem ser persuadidos de que era de seu interesse evitar o domínio russo da Alemanha no pós-guerra e aceitassem a rendição das partes ocidentais do país para permitir que o Reich defendesse suas fronteiras orientais.

Essa foi a proposta que Guderian apresentou em 23 de janeiro ao dr. Paul Barandon, o novo contato do Ministério do Exterior com o Exército. Era uma esperança débil, mas, como Guderian observou, homens em vias de se afogar agarram-se a palhas. Ele esperava que Barandon lhe arranjasse uma audiência com Ribbentrop e que o ministro e ele pudessem abordar Hitler imediatamente com vistas a pôr fim à guerra. Barandon conseguiu a entrevista. Quando Guderian encontrou Ribbentrop dois dias depois, o ministro do Exterior pareceu chocado com a perspectiva de ver os russos às portas de Berlim em poucas semanas. Mas declarou que era fiel seguidor do Führer, sabia da antipatia dele por qualquer sondagem de paz e não estava disposto a apoiar o chefe do Estado-Maior. Ao entrar na sala de reunião de informações naquela noite, Guderian ouviu Hitler dizer em voz alta e agitada: "Então, quando o chefe do Estado-Maior vai ver o ministro do Exterior e o informa da situação no leste com o objetivo de obter um armistício no

oeste, ele está cometendo, nem mais nem menos, alta traição!". Evidentemente, Ribbentrop havia reportado a Hitler os termos de sua conversa com o chefe militar. Nenhuma medida foi tomada. Mas era um tiro de advertência. Speer lembra de Hitler vociferar: "Proíbo da forma mais peremptória generalizações e conclusões sobre a situação geral. Isso cabe a mim. No futuro, quem afirmar a outra pessoa que a guerra está perdida será tratado como traidor de seu país, com todas as consequências para ele e sua família. Agirei sem respeitar cargo e posição". A partir de então, Ernst Kaltenbrunner, o chefe da Polícia de Segurança, passou a sentar-se silenciosa e ameaçadoramente no fundo da sala durante as sessões de informações.

Na verdade, no início de 1945, apesar desse acesso de raiva — e da recusa de Ribbentrop de contemplar a sugestão de Guderian —, Hitler estava ciente das tentativas de sondagem de seu ministro do Exterior, via Estocolmo, Berna e Madri, junto aos Aliados ocidentais para pôr fim à guerra com a Alemanha e estabelecer uma aliança contra o bolchevismo. Ele sabia também que Ribbentrop levava em consideração uma sugestão alternativa: aproximar-se da União Soviética para ajudar a esmagar a Grã-Bretanha. De início, Hitler se opusera à ideia de sondagens de paz. Depois, parece que mudou de ideia. "Isso não vai dar em nada", disse a Ribbentrop. "Mas, se o senhor realmente quer, pode tentar." Porém, além de não haver, àquela altura, perspectiva de soviéticos ou Aliados ocidentais mostrarem disposição genuína para entrar em negociações de paz, Ribbentrop sabia que o Führer não tinha a menor vontade de levá-las adiante. Uma das premissas de qualquer conversação de paz, como Hitler sabia muito bem, seria sua destituição. Isso bastava para que ele desconsiderasse furiosamente qualquer ideia de negociação. Como o próprio ministro do Exterior observou mais tarde, Hitler "considerava qualquer sondagem de paz um sinal de fraqueza". Seus balões de ensaio, assim disse ele, apenas "mostraram que nenhuma conversação de paz era possível" enquanto Hitler estivesse vivo.

Isso estava igualmente claro para Goebbels. O ministro da Propaganda foi abordado por Göring no fim de janeiro, desolado com os eventos no leste e descrente das chances militares da Alemanha. Göring disse que estava disposto a usar seus contatos suecos para sondar a Grã-Bretanha e buscou a ajuda de Goebbels para persuadir Hitler de que ele deveria tentar esse caminho, uma vez que as iniciativas de Ribbentrop (visto com total desprezo pelo marechal do Reich e pelo

ministro da Propaganda) estavam condenadas ao fracasso. Goebbels não foi encorajador. Em privado, não estava disposto a defender essa posição para Hitler, pois corria o risco de perder a confiança do Führer, a qual, acrescentou oportunamente, "é, com efeito, toda a base do meu trabalho". De qualquer modo, observou ele, Göring só poderia agir com a aprovação de Hitler "e o Führer não lhe concederá essa aprovação". Göring achava Hitler intransigente demais e se perguntava se ele queria realmente uma solução política. Ele queria, retrucou Goebbels, mas "o Führer não vê muita possibilidade disso no momento".

A esperança de Hitler, como sempre, estava numa divisão da aliança contra ele. Ele disse a Goebbels que, se a Grã-Bretanha e os Estados Unidos quisessem evitar a bolchevização da Europa, teriam de pedir ajuda da Alemanha. A coalizão tinha de se romper; era uma questão de resistir até que o momento chegasse. Em privado, Goebbels achava Hitler otimista demais.

Jodl e Göring, no entanto, apelaram para essa ilusão na reunião militar de 27 de janeiro. Por mais pessimista que tenha sido quando falou com Goebbels, na presença de Hitler Göring veio com outra conversa. O avanço soviético havia inquestionavelmente arruinado os planos britânicos, calculavam ele e Jodl. Göring achava que, se as coisas fossem muito mais longe, eles poderiam esperar um telegrama dos ingleses dizendo que estavam dispostos a unir forças a fim de evitar uma ocupação soviética da Alemanha. Hitler sugeriu que o Comitê Nacional da Alemanha Livre, a organização de "traidores" com sede em Moscou e ligada ao general Seydlitz, do Sexto Exército perdido em Stalingrado, poderia ser útil. Ele havia mandado Ribbentrop vazar uma história aos ingleses de que os soviéticos haviam treinado até 200 mil comunistas, sob a liderança de oficiais alemães, prontos para marchar. A perspectiva de um governo nacional conduzido por russos na Alemanha provocaria certamente nervosismo na Inglaterra, assegurou Hitler. Os ingleses não entraram na guerra para ver "o Leste chegar ao Atlântico", acrescentou Göring. Hitler comentou: "Jornais ingleses já estão escrevendo em tom áspero: qual o sentido da guerra?".

Não obstante, Goebbels não viu possibilidade de aproximação com os inimigos do ocidente quando tentou abordar a questão. Em dias sucessivos do final de janeiro, em discussões com o ministro da Propaganda, com aparência de fadiga extrema, Hitler refletiu sobre o fracasso da pretendida aliança com a Grã-Bretanha.

Achava que isso poderia ter sido possível se Chamberlain ainda estivesse à frente do governo, mas Churchill, "o verdadeiro pai da guerra", inviabilizara totalmente essa possibilidade. Por outro lado, continuava a expressar admiração pelo realismo brutal de Stálin como um revolucionário que sabia o que queria e havia aprendido seu método de atrocidades com Gengis Khan. Aqui também Hitler descartava qualquer perspectiva de negociações. Declarou a Goebbels que "queria se mostrar digno dos grandes exemplos da história". Se conseguisse mudar a sorte da Alemanha, pensava o ministro da Propaganda, Hitler não seria o homem apenas do século, mas do milênio.

Goebbels continuava a achar Hitler otimista demais em relação às chances de deter o avanço soviético. Com efeito, por mais pessimista ou fatalista que fosse nos momentos sombrios, ele ainda estava longe de se dispor a desistir da luta. Falou de seus objetivos para a próxima ofensiva na Hungria. Depois que estivesse novamente de posse do petróleo húngaro, poria divisões adicionais da Alemanha para libertar a Alta Silésia. A operação toda demoraria em torno de dois meses. O ar de irrealidade não escapou ao ministro da Propaganda. Seria preciso muita sorte para ter sucesso, anotou.

Goebbels ficara "espantado" que Hitler, depois de relutar durante dois anos para falar em público, aceitasse logo a sugestão de fazer uma declaração à nação pelo rádio no 12o aniversário da "tomada do poder", em 30 de janeiro. O ditador deve ter achado que, naquele ponto da crise nacional, com o inimigo já no interior do Reich, não falar numa data tão importante do calendário nazista seria emitir os piores sinais para o povo alemão. Era imperativo que ele fortalecesse a vontade de lutar, principalmente nas já encolhidas fronteiras alemãs.

Seu discurso gravado e transmitido às dez da noite não passava de uma tentativa de fortalecer o moral, apelar ao espírito de luta, exigir sacrifício extremo na "crise mais grave da Europa em muitos séculos" e enfatizar sua própria vontade de continuar lutando e recusar qualquer outra possibilidade que não fosse a vitória. Referiu-se inevitavelmente à "conspiração mundial judaico-internacional", aos "judeus do Kremlin", ao "espectro do bolchevismo asiático" e a uma "inundação tempestuosa vinda do interior da Ásia". Mas não disse uma palavra sobre os desastres militares da quinzena anterior. E uma única frase mencionava "o destino horrível que acontece agora no leste, erradicando pessoas às dezenas e centenas de

milhares em aldeias, nos pântanos, no campo e nas cidades", que seria finalmente "combatido e dominado". O discurso só poderia atrair poucas pessoas além dos fanáticos remanescentes.

Naquele mesmo dia, 30 de janeiro, Speer enviou a Hitler um memorando em que informava que a economia de guerra e a produção de armamentos estavam no fim. Após a perda da Alta Silésia, não era mais possível satisfazer as necessidades do front em munições, armas e tanques. "Desse modo, a superioridade material do inimigo não pode mais ser compensada com a bravura de nossos soldados." A resposta fria de Hitler deixava claro: ele não via com bons olhos receber informes que cheiravam a derrotismo. Proibiu Speer de encaminhar o memorando a qualquer outra pessoa, acrescentando que cabia somente a ele tirar conclusões sobre a situação dos armamentos. Com exceção do milagre pelo qual ainda esperava, devia estar óbvio para ele, assim como para todos que o cercavam, que a Alemanha não poderia aguentar muito mais, tanto do ponto de vista militar como econômico.

Muito depois desses eventos, Speer perguntou por que, àquela altura, Hitler não teve de ser confrontado com uma ação conjunta daqueles que tinham contato habitual com ele para exigir uma explicação sobre como pretendia terminar a guerra. (Ele não deu nenhum indício do que poderia ter acontecido depois de um cenário tão improvável.) Göring, Himmler, Ribbentrop e até, de certo modo, Goebbels estavam entre os líderes nazistas que em algum momento haviam abordado a questão das propostas de paz ao inimigo, as quais Hitler sempre repeliu de imediato. Agora, o fim estava próximo e a Alemanha tinha diante de si não apenas a derrota militar, mas a destruição total. "Com certeza, alguma coisa deve acontecer", sussurrou Speer a Dönitz durante uma reunião militar no início de fevereiro, quando outros desastres foram informados. Dönitz respondeu friamente que estava ali apenas para representar a Marinha. O Führer devia saber o que estava fazendo.

As palavras do almirante davam uma reposta à questão que Speer levantaria muitos anos depois. Não havia nenhuma perspectiva de uma frente unida contra Hitler naquele momento, nem entre aqueles que viam com clareza cristalina o abismo que os aguardava. A reação ao complô do ano anterior para matá-lo não deixara a menor dúvida entre os membros de seu séquito sobre a brutalidade que

ele usaria contra quem fosse considerado uma ameaça. Mas a impossibilidade de uma frente unida contra o Führer não advinha apenas, ou principalmente, do medo. Havia muito tempo que a estrutura mais profunda do regime dependia do modo como Hitler jogava seus paladinos uns contra os outros. As divisões e animosidades profundas entre eles eram conciliadas somente pela lealdade inquestionável e adesão ao Líder, do qual ainda dependiam todas as migalhas de poder e autoridade. O culto ao Führer ainda estava longe de morto nessa parte interna da "comunidade carismática". Entre a mais alta hierarquia militar, Keitel, Jodl e Dönitz ainda estavam totalmente amarrados a Hitler, com lealdade inabalável e admiração pura. Göring, com seu prestígio no fundo do poço, já perdera toda a energia para fazer alguma coisa contra Hitler e, com certeza, não tinha vontade de fazê-lo. O mesmo valia para Ribbentrop, que, além de tudo, não tinha amigos na hierarquia nazista e era desprezado e detestado pela maioria. Goebbels, o líder da Frente do Trabalho Robert Ley, e principalmente Martin Bormann, o líder do partido mais próximo de Hitler, estavam entre os apoiadores mais radicais de sua linha intransigente e permaneciam inteiramente fieis. De sua parte, Speer — independente de seus sentimentos após a guerra — era um dos menos prováveis a liderar uma oposição a Hitler, apresentar-lhe um ultimato ou servir de ponto focal de um movimento conjunto para pressioná-lo. O cenário contemplado por Speer muito tempo depois dos eventos era, portanto, completamente inconcebível. A "comunidade carismática" era obrigada por sua lógica interna a seguir o Líder do qual sempre dependera — mesmo quando ele a estava conduzindo à perdição a olhos vistos.

III

A área de Berlim onde ficavam os prédios do governo, tal como o resto da cidade, já apresentava uma visão triste e deprimente antes mesmo que, em plena luz do dia 3 de fevereiro, uma enorme esquadrilha de bombardeiros americanos desencadeasse uma nova onda de destruição no mais pesado ataque aéreo da guerra à capital alemã. A antiga Chancelaria do Reich, um palácio neobarroco que datava da época de Bismarck, ficou em ruínas: não passava de uma casca vazia. A nova Chancelaria do Reich, projetada por Speer, também foi alvo de vários ataques diretos. A sede da Chancelaria do Partido foi seriamente danificada e outros edifícios do centro do império nazista foram destruídos em parte ou completamente. A área toda se transformou numa pilha de escombros. Havia crateras abertas pelas bombas no jardim da Chancelaria do Reich. Por algum tempo houve total falta de energia, e a água vinha de um caminhão-pipa estacionado na frente do prédio. Mas, ao contrário da maioria da população, que vivia nos bairros bombardeados de Berlim e de outras cidades, ao menos os líderes do Terceiro Reich tinham à sua disposição abrigo e acomodações, ainda que modestos para seus padrões.

Com seus aposentos na Chancelaria do Reich destruídos em boa medida por bombas incendiárias, Hitler mudou-se para um abrigo subterrâneo, onde passaria a maior parte de seu tempo. Uma escadaria de pedra aparentemente infindável, ladeada por paredes de concreto nu, conduzia ao mundo claustrofóbico e labiríntico do bunker do Führer, uma construção de dois andares enterrada nas profundezas do jardim da Chancelaria. O enorme complexo do bunker fora aprofundado em 1943 — ampliando um bunker anterior (originalmente construído para possível uso futuro como abrigo antiaéreo) que datava de 1936 — e muito reforçado durante a estadia de Hitler em seu quartel-general ocidental. O complexo era completamente autossuficiente, com aquecimento e iluminação próprios, e bombas de água movidas por um gerador a óleo diesel. Hitler passou a dormir nele desde seu retorno a Berlim. A partir de então, seria o domicílio macabro das semanas restantes de sua vida.

O bunker estava muito distante dos ambientes palacianos com que ele se acostumara desde 1933. Havia uma tentativa de manter um certo esplendor no

corredor que conduzia a seus aposentos, que foi convertido numa espécie de sala de espera, coberta com um tapete vermelho e mobiliada com fileiras de cadeiras elegantes encostadas nas paredes, de onde pendiam quadros trazidos de seus aposentos na Chancelaria. Adiante, uma pequena antessala dava acesso à entrada acortinada de seu estúdio, que tinha cerca de 2,70 por 3,60 metros e parecia opressivo. Uma porta à direita abria-se para seu quarto, que tinha portas para uma pequena sala de reuniões, o banheiro e um minúsculo quarto de vestir (e dali entrava-se no que viria a ser o quarto de Eva Braun). Uma escrivaninha, um sofá pequeno, uma mesa e três poltronas espremiam-se no estúdio, deixando-o desconfortável. Um grande retrato de Frederico o Grande dominava o lugar e oferecia a Hitler um lembrete das aparentes recompensas por se manter firme quando tudo parecia perdido até a mudança milagrosa dos ventos. "Quando as más notícias ameaçam esmagar meu ânimo, extraio uma nova coragem da contemplação deste quadro", alguém o ouviu observar.

De início, mesmo depois de ter mudado seus aposentos para o bunker, Hitler continuava a passar parte do dia na ala não danificada da Chancelaria do Reich. Almoçava todos os dias com suas secretárias atrás de cortinas fechadas, numa sala escura iluminada por luz elétrica. Visto que a sala de operações da velha Chancelaria não estava mais em condições de uso, as conferências militares da tarde, iniciadas por volta das três horas, passaram a ser realizadas em torno da mesa de mapas no imponente estúdio de Hitler da nova Chancelaria do Reich, com seus pisos encerados, tapetes espessos, pinturas, poltronas e sofá de couro e, o que é notável, janelas até o teto, com cortinas cinza ainda intactas. O círculo de participantes se ampliara para incluir Bormann, Himmler, Kaltenbrunner e, com frequência, Ribbentrop. Depois da reunião, Hitler costumava tomar uma taça de chá com secretárias e ajudantes antes de voltar à segurança de seu refúgio subterrâneo. Para a refeição da noite, seu séquito atravessava cozinhas e corredores, passava por casas de máquinas, poços de ventilação e banheiros, além de dois pesados portões de ferro, em direção ao bunker do Führer. Na primeira vez em que se aventurou a visitá-lo, Goebbels falou de achar seu caminho através de corredores "exatamente como num labirinto de trincheiras". Nas semanas seguintes, Hitler transferiu quase todas as suas atividades para o bunker, saindo apenas para ocasionais respiradas de ar fresco em que levava Blondi a passear por

alguns minutos no jardim da Chancelaria, ou para almoçar com suas secretárias. A partir de então, raramente viu a luz do dia. Para ele e sua "corte", que passavam quase todo o tempo nos confins do quartel-general subterrâneo, o dia e a noite quase perderam sentido.

Nesse período, o dia de Hitler começava com o som das sirenes de ataque aéreo no final da manhã. Linge tinha instruções para acordá-lo, se já não estivesse de pé, ao meio-dia, às vezes à uma da tarde. Com frequência, alegava que dormira apenas três horas — provavelmente afetado pelo coquetel de comprimidos, poções e injeções que tomava diariamente (inclusive estimulantes e sedativos). Os ataques aéreos deixavam-no aflito. Imediatamente vestia-se e fazia a barba: o Führer precisava manter boa aparência. Não poderia encarar seu círculo próximo barbudo e em trajes noturnos, mesmo durante um ataque aéreo. As tardes eram quase exclusivamente tomadas pelo almoço e a primeira das duas longas reuniões militares do dia. A refeição noturna, que não costumava começar antes das oito horas, às vezes mais tarde, frequentemente se arrastava até tarde da noite. Às vezes, Hitler retirava-se por uma ou duas horas e tirava uma soneca até a hora da segunda reunião militar. Agora, ela ocorria usualmente por volta da uma da manhã. No final da conferência — sempre estressante ao extremo para todos os presentes, inclusive o próprio Hitler —, ele estava pronto para cair no sofá de seu quarto. Porém, não estava cansado o suficiente para deixar de arengar para suas secretárias e outros membros do círculo próximo, chamados para tomar chá com ele no meio da noite. Durante até duas horas regalava-os então, como fizera durante toda a guerra, com banalidades e monólogos sobre a Igreja, os problemas raciais, o mundo clássico, o caráter alemão. Depois de acariciar Blondi e brincar com o filhote dela (que chamava de Wolf), permitia finalmente que suas secretárias se retirassem e ia para a cama. De acordo com Linge, era então, como regra, por volta das cinco da manhã, embora na prática fosse com frequência muito mais tarde.

Nesse período, um lance de puro escapismo temperava a dose diária de más notícias das frentes de batalha recebida por Hitler: suas visitas à maquete de sua cidade natal Linz, onde pretendia se aposentar, tal como ela seria reconstruída no final da guerra, após uma gloriosa vitória germânica. A maquete tinha sido projetada pelo arquiteto Hermann Giesler (que no outono de 1940 fora encarregado por Hitler da reconstrução de Linz) e montada em fevereiro de 1945

no espaçoso porão da nova Chancelaria do Reich. Em janeiro de 1945, quando o fracasso da ofensiva das Ardenas ficou claro, a frente oriental ruía sob o ataque do Exército Vermelho e as bombas choviam também na região do Danúbio, onde se situava Linz, o escritório de Giesler recebia telefonemas frequentes dos ajudantes de Hitler e de Bormann. O Führer não parava de falar da maquete de Linz, diziam eles: quando ela estaria pronta para ser inspecionada?

A equipe de Giesler trabalhou dia e noite para atender ao pedido do Führer. Quando a maquete finalmente ficou pronta, em 9 de fevereiro, Hitler encantou-se. Inclinado sobre a maquete, examinou-a de todos os ângulos e sob diferentes luzes. Pediu uma cadeira. Verificou as proporções dos diferentes edifícios. Perguntou sobre os detalhes das pontes. Estudou a maquete por um longo tempo, perdido em seus pensamentos. Enquanto Giesler esteve em Berlim, Hitler o acompanhou duas vezes ao dia para ver a maquete, ao meio-dia e durante a noite. Os membros do círculo próximo eram levados ao porão para que ele lhes explicasse seus planos de construção enquanto examinavam a maquete. Olhando para o modelo de uma cidade que, como ele sabia, jamais seria construída, Hitler era capaz de cair no devaneio, revisitando as fantasias de sua juventude, quando sonhava, ao lado de Kubizek, com a reconstrução de Linz. Eram dias do passado distante. Ele logo voltava à dura realidade do presente.

No início de fevereiro, falou com Goebbels sobre a defesa de Berlim. Discutiram a possível evacuação de algumas repartições do governo para a Turíngia. Porém, Hitler disse ao ministro da Propaganda que estava decidido a ficar em Berlim "e defender a cidade". Ele ainda estava otimista e acreditava que a frente do Oder poderia ser mantida. Goebbels era mais cético. Os dois falaram da guerra no leste como uma luta histórica para salvar o "mundo cultural europeu" dos hunos e mongóis do presente. Dar-se-iam melhor os que haviam decidido não recuar e não pensavam em acordos. "Em hipótese nenhuma, jamais pensamos em capitulação", anotou Goebbels. Não obstante, com Hitler ainda certo de que a coalizão contra ele entraria em colapso em um ano, Goebbels recomendou que fossem feitas sondagens sobre uma conversação com os britânicos. Ele não elaborou como isso poderia ser feito. Como sempre, Hitler alegou que o tempo não era favorável a esse tipo de medida. Com efeito, ele temia que os ingleses pudessem recorrer a métodos de guerra mais draconianos, inclusive ao uso de gás venenoso. Nesse caso, estava

decidido a mandar fuzilar uma grande quantidade de prisioneiros anglo-americanos em mãos alemãs.

Na noite de 12 de fevereiro, “os três grandes” — Roosevelt, Stálin e Churchill — divulgaram um comunicado em Ialta, na Crimeia, onde haviam estado em conferência durante uma semana, gastando boa parte do tempo na discussão do futuro formato da Alemanha e da Europa depois da guerra. O comunicado não deixava nenhuma ilusão à liderança nazista sobre os planos dos Aliados para a Alemanha: o país seria dividido e desmilitarizado, sua indústria seria controlada, haveria reparações a pagar, os criminosos de guerra seriam processados, o Partido Nazista seria abolido. “Agora sabemos onde estamos”, comentou Goebbels. Hitler foi imediatamente informado. Ele não pareceu impressionado. Não precisava de mais confirmações de sua posição sobre a inutilidade da capitulação. Comentou que os líderes aliados queriam “separar o povo alemão de sua liderança. Eu sempre disse: não há hipótese de outra capitulação”. Após uma breve pausa, acrescentou: “A história não se repete”.

Na noite seguinte, o centro da cidade de Dresden foi destruído. Hitler recebeu impassível a notícia da devastação, com os punhos cerrados. Goebbels, que tremia de fúria, exigiu imediatamente a execução de dezenas de milhares de prisioneiros de guerra, um para cada cidadão morto em ataques aéreos. Hitler gostou da ideia. Ele tinha certeza de que um tratamento brutal dos prisioneiros provocaria pronta retaliação dos Aliados. Isso impediria que os soldados alemães da frente ocidental desertassem. Guderian relembrou depois as palavras dele: “Os soldados na frente oriental combatem muito melhor. O motivo de eles cederem com tanta facilidade no ocidente é simplesmente culpa daquela estúpida convenção de Genebra que promete bom tratamento aos prisioneiros. Devemos abandonar essa convenção”. Foi preciso que Jodl, Keitel, Dönitz e Ribbentrop unissem esforços para dissuadi-lo dessa medida drástica, pois a consideravam contraproducente.

Alguns dias depois, Hitler convocou à Chancelaria do Reich os *Gauleiter*, os vice-reis do partido de sua maior confiança, para aquela que seria uma reunião final. A última vez que haviam se reunido fora em agosto do ano anterior, pouco após o atentado de Stauffenberg à vida de Hitler. Dessa vez, o pretexto era o 25o aniversário da proclamação do Programa do Partido na Hofbräuhaus, em Munique, no dia 24 de fevereiro de 1920.

Nos anos anteriores, Hitler havia falado com frequência com os *Gauleiter* em momentos de crise. O verdadeiro objetivo da reunião de agora era arregimentar seu núcleo de apoio quando o regime encarava sua mais grave crise. Ele não tinha nada parecido com uma boa notícia a dar. No oeste, os Aliados avançavam na direção do Reno. No leste, a contraofensiva lançada alguns dias antes na Pomerânia oferecia não mais que um raio de luz passageiro na escuridão profunda. O Grupo de Exércitos Vístula de Himmler enfrentava, exatamente naquele dia, um novo ataque do Exército Vermelho. A ausência de Erich Koch, cujo *Gau* da Prússia Oriental estava praticamente isolado pelo Exército soviético, e de Karl Hanke, cercado em Breslau, era um lembrete do destino das províncias orientais. E os vários *Gauleiter* que pressionavam Martin Mutschmann, *Gauleiter* da Saxônia, por notícias sobre Dresden, ou seus camaradas de partido da Renânia, sobre o fracasso da ofensiva das Ardenas e do combate no oeste, falava por si mesmo.

A aparência de Hitler, quando entrou no salão às duas horas daquela tarde, causou um choque em muitos *Gauleiter* que não o viam havia cerca de seis meses. Seu estado físico se deteriorara muito nesse período. Ele estava mais abatido, envelhecido e curvado, andando de forma instável, como se arrastasse as pernas. O braço e a mão esquerda tremiam incontrolavelmente. Seu rosto não tinha cor, os olhos estavam injetados, com bolsas nas pálpebras inferiores, e às vezes uma gota de saliva pingava do canto de sua boca.

Bormann advertira os *Gauleiter* para que não fizessem nenhuma crítica. Como sempre, havia pouca probabilidade de confronto. Mas a compaixão pela aparência do Führer fez com que a disposição crítica inicial se bloqueasse. Talvez jogando com isso, a certa altura ele desistiu de levar um copo de água à boca com sua mão trêmula sem derramá-la e fez referência à sua debilitação. Falou sentado a uma pequena mesa durante uma hora e meia, com as anotações espalhadas diante dele. Começou, como fazia com tanta frequência, com a história “heroica” do partido. Com o presente e o futuro tão sombrios, ele passara a se refugiar cada vez mais nos “triunfos” do passado. Referiu-se mais uma vez à Primeira Guerra Mundial, à sua decisão de entrar para a política e à luta do nacional-socialismo na República de Weimar. Elogiou o novo espírito criado pelo partido depois de 1933. Mas sua plateia não queria ouvir sobre o passado distante. Estavam ansiosos para saber como ele superaria a crise avassaladora do presente, se é que conseguiria. Como de

costume, ele tratou somente de generalidades. Falou sobre a aproximação da hora decisiva da guerra, que determinaria a forma do século vindouro. Referiu-se como sempre às "novas armas" que trariam uma mudança na sorte, elogiando os jatos e os submarinos. Seu objetivo principal era inspirar seus partidários mais fortes para um esforço final, reforçar o moral deles e entusiasmá-los para lutar até o fim, de tal modo que eles, por sua vez, levassem a população de suas regiões ao sacrifício altruísta, à defesa indomável e à recusa da capitulação. Se o povo alemão perdesse a guerra — declarou em mais uma demonstração de seu darwinismo social imutável —, isso seria uma indicação de que não possuía o "valor interno" que lhe fora atribuído e ele não teria compaixão por seu povo. Tentou convencer os *Gauleiter* de que podia julgar sozinho o curso dos eventos corretamente. Mas, mesmo nesse círculo, entre os chefetes do partido que durante tantos anos haviam sido a espinha dorsal de seu poder, poucos compartilhavam de seu otimismo. Sua capacidade de motivar os partidários mais próximos pela força da retórica dissolvera-se.

Isso era mais verdade ainda em relação à massa da população, para quem as palavras do maior demagogo da história tinham perdido o impacto e, no geral, eram vistas como pouco mais do que frases vazias que prometiam nada além de mais sofrimento até que a guerra acabasse. O aniversário da promulgação do Programa do Partido havia sido tradicionalmente, até 1942, a data de um grande discurso de Hitler no Festsaal da Hofbräuhaus, em Munique. Em 1945, assim como em 1942 e 1943, ele se restringiu a uma proclamação. Lida por Hermann Esser, um de seus camaradas dos primeiros tempos do partido, ela viria a ser a última declaração pública de Hitler ao povo alemão.

A proclamação foi uma repetição das longas frases vazias da velha mensagem. Somente o nacional-socialismo havia dado ao povo a resistência para combater a ameaça representada por uma "aliança antinatural", "um pacto diabólico entre o capitalismo democrático e o bolchevismo judaico". As atrocidades do bolchevismo — "essa praga judia" — estavam sendo agora sentidas diretamente nas partes orientais do Reich. Apenas "o fanatismo extremado e a firmeza resoluta" poderiam rechaçar o perigo dessa "aniquilação judaico-bolchevique de povos e seus proxenetas europeus e americanos". A fraqueza iria e deveria perecer. Era "dever manter a liberdade da nação alemã para o futuro" e — numa tentativa inequívoca de escorar o espírito de luta através do medo — "não deixar os trabalhadores

alemães serem enviados para a Sibéria". Com seu ódio fanático pelo "destruidor da humanidade", reforçado pelo sofrimento que havia suportado, a Alemanha nacional-socialista continuaria a luta até "a virada histórica", que aconteceria naquele ano. Ele terminava com uma nota de emoção. Sua vida só tinha valor para a nação. Ele queria compartilhar o sofrimento do povo e quase lamentou que o Berghof não tivesse sido bombardeado, o que lhe teria permitido partilhar o sentimento de perda de bens. (Quanto a isso, os Aliados estavam prontos a lhe prestar esse favor algumas semanas depois.) No final, declarava: "A vida que nos resta pode servir apenas a um comando, que é retribuir o que os criminosos judeus internacionais e seus capangas fizeram ao nosso povo".

Um comentário pungente foi feito num informe de rotina da seção do SD em Berchtesgaden, onde antes milhares de "peregrinos" chegavam para tentar ver o Führer durante sua estadia no Berghof. "Entre a maioria esmagadora dos camaradas do povo, o conteúdo da declaração passou zunindo como o vento nos ramos vazios".

Foi presumivelmente a preocupação de Hitler com sua imagem pública que o levou a recusar o pedido de Goebbels para uma reportagem a fim de levantar o moral. Ele devia estar alerta para a inevitável zombaria que seria provocada pela notícia sobre os soldados — muitos deles não passavam de meninos agora — que o saudaram numa breve visita que fez no dia 3 de março, com um pequeno séquito, às tropas reunidas em Wriezen, a cerca de sessenta quilômetros ao norte de Berlim, logo atrás do front do rio Oder. As notícias vindas da frente oriental haviam-no deixado deprimido e o tremor na mão esquerda estava mais perceptível do que nunca quando o ministro da Propaganda o encontrou na noite seguinte. Na Pomerânia, os tanques soviéticos haviam rompido as defesas e estavam agora diante de Kolberg, junto ao Báltico. (Perto do fim do mês, quando a cidade teve finalmente de ser evacuada, Goebbels suprimiu a notícia devido à imagem flagrantemente contraditória do filme épico colorido que ele fizera sobre a resistência de Kolberg contra Napoleão, destinado a instigar o duelo contra o Exército Vermelho.) Himmler, comandante do Grupo de Exércitos Vístula e responsável pela defesa da Pomerânia, caíra doente de cama — ao que parece, sofrendo nada além de um forte resfriado em cima de um esgotamento nervoso — e se retirara para convalescer numa clínica de Hohenlychen, a cerca de cem

quilômetros ao norte de Berlim. Como sempre, Hitler culpou o Estado-Maior pela debacle. Ainda tinha esperanças de bloquear o avanço do Exército Vermelho; Goebbels tinha suas dúvidas. Mais ao sul, as áreas industriais tchecas estavam sob grave ameaça. Sem elas, Goebbels não via como as exigências mínimas de armamentos seriam atendidas. Hitler esperava que as tropas alemãs pudessem resistir, lá e na Silésia, e infligir sérios reveses ao Exército soviético numa contraofensiva — que foi iniciada em 6 de março e que viria a ser a última da guerra.

No oeste, Hitler ainda estava otimista quanto a segurar as posições no Reno. Na realidade, tropas americanas estavam prestes a entrar em Colônia e, poucos dias depois, tomariam a ponte situada em Remagen e estabeleceriam uma cabeça de ponte através da poderosa artéria. Goebbels, sempre disposto a contrabalançar o otimismo instintivo de Hitler com doses cautelosas de realismo, observou que, se as defesas ocidentais não conseguissem conter o inimigo, "nosso último argumento político para a guerra cairia por terra", pois os anglo-americanos poderiam penetrar no centro da Alemanha e não teriam interesse em negociar. A crise crescente na Aliança continuava a ser a última esperança, mas Goebbels sabia que a Alemanha poderia estar prostrada antes que ela se materializasse.

Para Hitler, era mais provável que Stálin mostrasse interesse em negociar do que as potências ocidentais. Roosevelt e Churchill teriam dificuldades com a opinião pública, mas Stálin poderia ignorá-la e mudar sua política de guerra da noite para o dia. Hitler enfatizava que a base para uma "paz especial" só poderia ser o sucesso militar. Empurrar os soviéticos de volta e infligir perdas pesadas a eles os tornaria mais receptivos. Uma nova divisão da Polônia, a volta da Hungria e da Croácia para as mãos alemãs e liberdade operacional contra o ocidente seriam o prêmio, assim esperava ele. A partir de então, seu objetivo, segundo Goebbels, era "continuar a luta contra a Inglaterra com energia mais brutal". A Grã-Bretanha, achava Hitler, voltando-se contra o país que havia desprezado suas aproximações anteriores, era "a eterna causadora de problemas na Europa". Expulsá-la do continente europeu para sempre traria alguma paz para a Alemanha, ao menos por algum tempo. Goebbels refletiu que as atrocidades soviéticas significavam uma desvantagem para aquela solução. Mas Hitler observou laconicamente que a Europa sobrevivera outrora aos estragos dos mongóis: "As tempestades do leste vêm e vão, e a Europa

tem de lidar com isso".

Goebbels continuava a ser o devoto fervoroso de Hitler que fora durante vinte anos. Embora muitas vezes frustrado e crítico, pelas costas, de seu líder, pelo que considerava uma relutância indevida em tomar as medidas necessárias para radicalizar o front interno e uma fraqueza em assuntos pessoais — em particular, a falta de disposição para demitir Göring e Ribbentrop (para ele, os grandes responsáveis pelo sofrimento da Alemanha) —, Goebbels nunca deixou de se entusiasmar com Hitler depois de passar algum tempo em sua companhia. Para ele, a determinação e o otimismo do Führer brilhavam em meio ao "estado de ânimo desolado" da Chancelaria do Reich. "Se alguém pode dominar a crise, é ele", observou o ministro da Propaganda. "Não há ninguém que chegue aos seus pés."

Embora mantivesse sua subordinação pessoal à figura paterna que reverenciava havia tanto tempo, até mesmo Goebbels não se convencia mais com a aparente confiança de Hitler em virar o jogo. Ele previa o fim, olhando para os livros de história. Acontecesse o que tivesse de acontecer, Magda e as crianças ficariam com ele em Berlim, disse a Hitler. Se a luta não pudesse ser vencida, ao menos que fosse enfrentada com honra, escreveu. Estava entusiasmado com a biografia de Thomas Carlyle que glorificava o heroísmo de Frederico o Grande, e presenteou o Führer com um exemplar. Leu para ele em voz alta os trechos sobre a recompensa do rei por sua inflexibilidade em circunstâncias de desespero crescente durante a Guerra dos Sete Anos, com a súbita e dramática inversão de sua sorte. Os olhos de Hitler encheram-se de lágrimas. Ele também esperava por seu lugar na história. Em 11 de março, Dia em Memória dos Heróis, disse a Goebbels: "Devemos aspirar também em nossos dias a dar um exemplo para as gerações futuras olharem, em crises e pressões semelhantes, assim como olhamos hoje para os heróis do passado". O tema perpassou sua declaração à Wehrmacht daquele dia, na qual deixou claro que era sua "inalterável decisão [...] oferecer ao mundo do futuro um exemplo melhor do que os tempos passados nos deixaram". A frase seguinte resumia a essência da "carreira" política de Hitler: "O ano de 1918, portanto, não se repetirá".

IV

Para evitar isso, nenhum preço — mesmo a autodestruição — era alto demais. Em seu característico modo "tudo ou nada" de pensar, Hitler havia invariavelmente postulado a destruição total como alternativa à vitória completa pela qual lutara. Convencido de que seus inimigos pretendiam provocar a destruição total — o Plano Morgenthau de 1944, que previa a redução da Alemanha derrotada à situação de país agrícola com uma economia pré-industrial, dera sustentação a essa crença —, nenhuma medida era, para ele, radical demais na luta pela sobrevivência. Coerente apenas com seu tipo peculiar e torto de lógica, estava disposto a tomar medidas com consequências de grande alcance que ameaçavam a própria sobrevivência da população alemã pela qual ele alegava estar lutando. Em última análise, a existência do povo alemão — se ele se mostrasse incapaz de derrotar seus inimigos — era menos importante do que a recusa em capitular.

Poucos, mesmo entre seus acólitos mais próximos, estavam dispostos a seguir à letra esse impulso autodestrutivo. Albert Speer era um desses que olhavam para o futuro depois da guerra. Talvez o ambicioso arquiteto esperasse ter ainda algum papel numa Alemanha sem Hitler. De todo modo, sabia que a guerra estava perdida e queria salvar o que fosse possível dos recursos econômicos do país. Não tinha interesse numa Alemanha imersa num redemoinho de destruição para satisfazer o princípio irracional e inútil do autossacrifício "heroico", em vez de capitular. Speer sabia muito bem que a preservação dos recursos materiais da Alemanha para um futuro pós-Hitler era o objetivo dos principais industriais com que havia trabalhado estreitamente. Ele havia dificultado a execução da ordem de Hitler para destruir a indústria francesa. E, recentemente, havia combinado com o general Heinrici, na Alta Silésia, o marechal de campo Model, no Ruhr (agora à beira de ser tomado pelos Aliados), e o general Guderian, no front oriental, para que poupassem de destruição, sempre que possível, minas, ferrovias, estradas, pontes, estações de tratamento de água, gasômetros, usinas elétricas e outras instalações vitais para a economia alemã.

Em 18 de março, Speer passou a Below um memorando que redigira três dias antes. Below deveria escolher um momento favorável para entregá-lo a Hitler. O documento declarava que o colapso da economia alemã ocorreria entre quatro e

oito semanas, período após o qual não seria possível continuar a guerra. O primeiro dever dos que dirigiam o país era fazer o que pudessem pela população civil. Mas detonar pontes, com a consequente destruição da infraestrutura de transportes, significaria "a eliminação de toda a possibilidade futura de existência para o povo alemão". Speer concluía: "Não temos o direito, nesse estágio da guerra, de empreender uma destruição que poderia afetar a existência do povo. [...] Temos o dever de deixar ao povo todas as possibilidades de reconstrução no futuro distante".

Um forte indício da provável resposta de Hitler pôde ser observado na reunião de informações militares daquela noite, quando surgiu o tema da evacuação da população local da zona de combate no Sarre. Apesar da quase total falta de transporte, sua ordem expressa foi de que a evacuação completa deveria ser feita de imediato. Não se podia levar em consideração a população. Algumas horas depois do final da reunião, pouco antes de Speer partir para uma visita às áreas ameaçadas da frente ocidental, Hitler chamou-o. De acordo com o relato de Speer, registrado dez dias depois, o Führer lhe disse friamente que, se a guerra fosse perdida, o povo também estaria perdido, e não havia necessidade de levar em consideração nem sua sobrevivência mais rudimentar. O povo alemão se mostrara o mais fraco durante a luta. Agora sobrariam somente os inferiores.

Hitler prometera a Speer uma resposta por escrito ao seu memorando. Ela não demorou a chegar e dizia previsivelmente o oposto do que ele recomendara. Na opinião de Hitler, qualquer que fosse o custo, não se podia permitir que instalações vitais para a produção industrial caíssem intactas nas mãos do inimigo, como acontecera na Alta Silésia e no Sarre. Seu decreto de 19 de março, intitulado "Medidas destrutivas no Território do Reich", era coerente com uma filosofia totalmente oposta à de Speer.

> A luta pela existência de nosso povo obriga ao uso de todos os meios, também dentro do território do Reich, para enfraquecer o poder de luta de nosso inimigo e seu avanço. Devemos explorar todas as possibilidades de causar direta ou indiretamente danos ao poder de ataque do inimigo. É um erro acreditar que instalações de transporte, comunicações, industriais e de suprimento intactas ou apenas temporariamente incapacitadas possam ser postas em operação para nossos propósitos após a recaptura de territórios perdidos. O inimigo nos deixará apenas terra arrasada em seu recuo e não terá nenhuma consideração pela população. Portanto, eu ordeno: 1) Todas as instalações de transporte militar, comunicações, industriais e de suprimento, bem como bens materiais no interior do território do Reich que o inimigo possa tornar utilizável imediatamente ou no futuro próximo devem ser destruídas. 2) Aqueles

responsáveis pela execução dessa destruição são: autoridades de comando militar, por todos os objetos militares, inclusive instalação de transporte e comunicações; os *Gauleiter* e os comissários de Defesa do Reich, por todas as instalações industriais e de suprimento e outros bens materiais. As tropas devem fornecer a necessária ajuda aos *Gauleiter* e comissários de Defesa do Reich na execução de sua tarefa [...].

O decreto nunca foi posto em prática. Embora a princípio vários *Gauleiter* — com destaque para Friedrich Karl Florian, em Düsseldorf — estivessem dispostos a executar as ordens de Hitler ao pé da letra, Speer conseguiu convencê-los da inutilidade da ação. De todo modo, os *Gauleiter* concordaram que era impossível, na prática, executar a ordem. Model foi um dos comandantes militares da linha de frente dispostos a cooperar com Speer e manter a destruição das indústrias num patamar mínimo. No fim de março, com dificuldade, Speer conseguira convencer Hitler — embora estivesse cônscio da efetiva sabotagem de sua ordem pelo ministro dos Armamentos — de que ele deveria ser o responsável geral pela implementação das medidas de destruição. Isso tirou as decisões essenciais das mãos dos *Gauleiter*, os principais representantes de Hitler nas regiões. Significava, como Hitler sabia, que tudo seria feito para evitar a destruição que ele ordenara.

A não execução da ordem de "terra arrasada" foi o primeiro sinal óbvio de que a autoridade de Hitler começava a declinar. Seus mandados não eram mais cumpridos. "Estamos dando ordens em Berlim que, na prática, não chegam à base e muito menos podem ser cumpridas", observou Goebbels no fim de março. "Vejo nisso o perigo de um extraordinário declínio de autoridade."

Hitler continuava a se considerar indispensável. "Se alguma coisa me acontecer, a Alemanha estará perdida, pois não tenho sucessor", disse a suas secretárias. "Heß enlouqueceu, Göring desperdiçou as simpatias do povo alemão e Himmler é rejeitado pelo partido", era sua avaliação.

Ao conversar com Goebbels em meados de fevereiro de 1945, ele desdenhou por completo as qualidades de liderança de Göring em "tempos turbulentos". Como "líder da nação", ele era "absolutamente inimaginável". As diatribes sobre o marechal do Reich eram habituais. Em uma ocasião, com os punhos cerrados e o rosto vermelho de raiva, humilhou Göring na frente de todos os presentes a uma reunião de informações militares, ameaçando-o reduzi-lo às fileiras e dissolver a Luftwaffe como ramo independente das Forças Armadas. Göring apenas retirou-se para uma antessala e engoliu algumas doses de brandy. Mas, apesar da exposição

constante ao veneno de Goebbels em relação ao marechal do Reich e apaixonadas súplicas para que o demitisse, Hitler persistia em sua opinião de que não havia substituto adequado para ele.

A atitude do Führer em relação a Himmler também endurecera. Sua fúria cega com o recuo de divisões — inclusive daquela batizada com seu nome, a Leibstandarte-SS Adolf Hitler — do Sexto Exército Blindado de Sepp Dietrich, diante de perdas pesadas e iminente cerco em combate virulento junto ao Danúbio, era dirigida a Himmler. O *Reichsführer-SS* estava desesperado com a ruptura com Hitler, simbolizada pela ordem que foi obrigado a levar a Dietrich — comandante das quatro divisões Waffen-SS, entre elas a Leibstandarte Adolf Hitler — para que retirassem as braçadeiras, sinal de que estavam caindo em desgraça. Com Hitler sentindo-se traído agora até por seus comandantes da SS, a estrela em declínio de Himmler despencou graças a suas evidentes deficiências no comando do Grupo de Exércitos Vístula. Hitler considerou o *Reichsführer-SS* pessoalmente responsável pelo fracasso do bloqueio do avanço soviético na Pomerânia. Acusou-o de ter caído sob a influência do Estado-Maior — uma ofensa hedionda aos olhos de Hitler — e até de desobediência direta de suas ordens para montar defesas antitanque na Pomerânia. Culpando os outros como de costume, ele achava que a Pomerânia poderia ter sido mantida se Himmler tivesse seguido suas ordens. E disse a Goebbels que deixaria claro no próximo encontro entre eles que qualquer repetição levaria a uma ruptura irreparável. Não está claro se a fissura foi agravada pelos rumores que corriam no exterior — e, na verdade, próximos da verdade — ligando o nome de Himmler a sondagens de paz. Mas não havia dúvida de que o prestígio de Himmler junto a Hitler despencara. De sua parte, o *Reichsführer-SS* continuava tanto consternado com a ruptura quanto cauteloso ao extremo, pois sabia que mesmo então sua autoridade dependia somente da consideração de Hitler. Mas, depois de ser substituído no comando do Grupo de Exércitos Vístula em 20 de março, Himmler seguiu cada vez mais um caminho próprio.

O círculo dos que gozavam da confiança de Hitler estava diminuindo drasticamente. Ao mesmo tempo, sua intolerância em relação a qualquer contestação de suas opiniões se tornara quase absoluta. Entre seus generais, a única voz restante, cada vez mais franca em suas críticas, era a de Guderian. Enquanto Keitel falava com tão pouca autoridade que os oficiais mais jovens o apelidaram

desdenhosamente de "servente de garagem do Reich" e Jodl afinava cautelosamente seus informes em consonância com o humor de Hitler e antecipava seus desejos, Guderian era sucinto, agudo e franco em seus comentários. Os conflitos, cuja intensidade crescia desde o Natal, acabaram subitamente no fim de março com a demissão do general. Àquela altura, a ofensiva final alemã perto do lago Balaton, na Hungria, iniciada em 6 de março, já havia fracassado e os soviéticos marchavam sobre as reservas de petróleo remanescentes da Alemanha. Enquanto isso, o Exército Vermelho havia isolado Königsberg, na Prússia Oriental, rompido as linhas de defesa em Oppeln, na Alta Silésia, tomado Kolberg, na costa do Báltico, aberto as defesas alemãs perto de Danzig e cercado os batalhões da SS que defendiam com ferocidade a estrategicamente importante fortaleza de Küstrin, às margens do Oder. No oeste, fora da esfera de responsabilidade de Guderian, as notícias eram no mínimo igualmente sombrias. O Terceiro Exército americano do general Patton havia tomado Darmstadt e chegado ao rio Main; e tanques americanos haviam entrado nos arredores de Frankfurt. Hitler não esperava que o front ocidental caísse tão rapidamente. Como sempre, farejou traição. E, como era de seu estilo, estava pronto para fazer de Guderian o bode expiatório da situação terrível na frente oriental.

Guderian esperava uma reunião tempestuosa quando chegou ao bunker do Führer em 28 de março, para a reunião militar da tarde. Estava decidido a continuar sua defesa do general Theodor Busse contra a acusação de que era responsável pelo fracasso de seu Nono Exército na ajuda às tropas cercadas em Küstrin. Mas Hitler não estava disposto a ouvir. Adiou a reunião, segurando apenas Keitel e Guderian. Sem rodeios, disse ao chefe do Estado-Maior que seus problemas de saúde exigiam que ele tirasse imediatamente seis semanas de licença para convalescer. Guderian foi substituído pelo mais submisso general Hans Krebs.

Começavam a chegar informes do quartel-general de Kesselring de que a frente ocidental, na região de Hanau e Frankfurt am Main, mostrava sérios sinais de desintegração. Bandeiras brancas eram hasteadas, mulheres abraçavam os soldados americanos que chegavam, soldados que não queriam mais lutar fugiam de qualquer perspectiva de batalha ou simplesmente se entregavam. Kesselring queria que Hitler falasse sem demora para reforçar a vontade de lutar. Goebbels concordava. Churchill e Stálin haviam falado a suas nações em momentos de

máximo perigo. A posição da Alemanha era ainda pior. "Numa situação grave como essa, a nação não pode ficar sem um apelo da mais alta autoridade", anotou Goebbels. Ele telefonou ao general Burgdorf, ajudante-chefe de Hitler para a Wehrmacht, e convenceu-o a persuadir o Führer a falar ao povo alemão. No dia seguinte, ao caminhar durante uma hora entre as ruínas do jardim da Chancelaria do Reich ao lado da figura encurvada de Hitler, Goebbels tentou exercer toda a sua influência ao lhe pedir que fizesse um discurso de dez ou quinze minutos pelo rádio. O Führer, no entanto, não queria falar "porque no momento não tenho nada de positivo para oferecer". Goebbels não desistiu. Hitler finalmente concordou. Mas o evidente ceticismo do ministro da Propaganda mostrou-se justificado. Alguns dias depois, Hitler prometeu de novo que faria o discurso — mas só depois que tivesse um sucesso no oeste. Ele sabia que tinha de falar ao povo, mas o SD o informara de que seu discurso anterior — a declaração de 24 de fevereiro — fora criticado por não trazer nada de novo. E Goebbels reconhecia que, com efeito, ele não tinha nada de novo a oferecer ao povo. O ministro da Propaganda repetiu sua esperança de que Hitler, contudo, falaria. "O povo espera pelo menos um slogan", insistiu ele. Mas, àquela altura, Hitler já não tinha nem mesmo slogans de propaganda para o povo alemão.

Goebbels continuava intrigado — e, por trás de sua admiração, irritado e frustrado — com a relutância de Hitler em tomar o que ele considerava medidas radicais e vitais, mesmo naquela hora tardia, para mudar a sorte da Alemanha. Nisso, refletia ele, Frederico o Grande havia sido muito mais implacável. Hitler, ao contrário, aceitava o diagnóstico do problema, mas não fazia nada. Goebbels pensava que ele aceitava os reveses e os graves perigos sem levá-los muito a sério — ao menos em sua presença, acrescentou oportunamente; "em privado, ele certamente pensa de forma diferente". Ele ainda confiava na divisão entre os Aliados que vinha prevendo havia tanto tempo. E Goebbels anotou:

> Mas me dói que no momento ele não seja levado a fazer alguma coisa para aprofundar a crise política no campo inimigo. Ele não muda o pessoal, seja no governo do Reich ou no serviço diplomático. Göring fica. Todas os fracassos — exceto os do segundo escalão — são conservados e, na minha opinião, seria tão necessário realizar aqui em particular uma mudança de pessoal, porque isso teria uma importância decisiva para o moral de nosso povo. Eu pressiono e pressiono, mas não consigo convencer o Führer da necessidade dessas medidas que apresento.

Era "como se ele vivesse nas nuvens", observou Goebbels. Não era apenas Hitler que se aferrava a um mundo de faz-de-conta. "Um dia, o Reich de nossos sonhos surgirá", escreveu Gerda Bormann ao marido. "Pergunto-me se nós ou nossos filhos viveremos para vê-lo." "Tenho toda a esperança de que veremos!", anotou Martin entre as linhas. "De certo modo, sabe, isso me lembra o *Crepúsculo dos deuses* no Edda", continuava a carta de Gerda. "Os monstros estão tomando de assalto a ponte dos deuses [...], a cidadela dos deuses desmorona e tudo parece perdido; e então ergue-se subitamente uma nova cidadela, mais linda do que nunca. [...] Não somos os primeiros a travar um combate mortal com os poderes do submundo, e que sejamos impelidos, e também capazes, de fazê-lo deveria nos dar a convicção da vitória final."

Um ar de irrealidade também permeava parte da máquina administrativa do Estado e do partido. A burocracia estatal havia sido em grande medida removida de Berlim e tinha de enfrentar a realidade de uma guerra perdida e tentar resolver os problemas agudos dos refugiados do leste, abrigar os sem-teto de cidades destruídas e manter os serviços públicos funcionando. No entanto, grande parte do que restava da administração civil — prejudicada pelas constantes interrupções nas comunicações postais e ferroviárias — tinha pouco a ver com as necessidades do dia a dia da população. O discreto ministro das Finanças, conde Lutz Schwerin von Krosigk, por exemplo, terminou no fim de março seu plano para uma reforma tributária — criticada por Goebbels (como se estivesse prestes a ser implementado) por sua ênfase "antissocial" no imposto sobre consumo, que afetaria a massa da população, em vez de focar no imposto sobre a renda. O fato de boa parte do país estar ocupada pelo inimigo parecia irrelevante.

Enquanto isso, Martin Bormann ainda trabalhava febrilmente na reestruturação do partido para controlar a nova Alemanha que surgiria da guerra. E à medida que o Reich encolhia, as linhas de comunicação se desintegravam e as diretrizes eram cada vez mais superadas pelos eventos, ele despachava mais do que nunca circulares, decretos e promulgações — mais de quatrocentos nos últimos quatro meses da guerra — que desciam até os funcionários mais modestos do partido. "De novo, jorra uma massa de novos decretos e ordens de Bormann", anotou Goebbels em 4 de abril. "Bormann transformou a Chancelaria do Partido numa chancelaria de papel. Todos os dias, ele envia uma montanha de cartas e arquivos que os

Gauleiter, em meio à luta, não podem nem ler. Em parte, são coisas completamente inúteis, sem nenhum valor para a luta prática." Uma burocracia partidária hiperativa jorrava regulamentos sobre a provisão de grão para pão, treinamento com pequenas armas para mulheres e meninas, reparos de ferrovias e comunicações rodoviárias, obtenção de alimentos adicionais de plantas, frutas e cogumelos silvestres, e assim por diante.

Com essa miscelânea seguiam as exigências e exortações constantes para não ceder terreno, qualquer que fosse o custo. Em 1o de abril, Bormann informava aos funcionários do partido que uma punição sumária e draconiana para a deserção esperava "qualquer canalha [...] que não lute até o último suspiro". Ele destacava funcionários para trabalhar com unidades da Wehrmacht no reforço do moral em áreas próximas ao front e montar organizações quase guerrilheiras como o Freikorps Adolf Hitler (composto por funcionários do partido) e o Werwolf (a ser constituído principalmente por membros da Juventude Hitlerista) para levar adiante a luta por meio de atividade guerrilheira nas áreas ocupadas do Reich. A propaganda alemã tentava transmitir aos Aliados a impressão de que estavam sob o perigo de um amplo movimento organizado de resistência clandestina. Na prática, o Werwolf tinha pouca relevância militar e era sobretudo uma ameaça, em sua arbitrária e violenta retaliação, aos cidadãos alemães que revelassem qualquer traço de "derrotismo".

Em 15 de abril, Bormann enviou uma circular aos líderes políticos do partido: "O Führer espera que os senhores controlem todas as situações em seus *Gaue*, se necessário, com a velocidade de um relâmpago e extrema brutalidade". Tal como mais e mais de suas missivas, ela existia em larga medida somente no papel. A correspondência à realidade era mínima. Tratava-se de uma ilustração clássica da crença ilusória e desesperada no triunfo da vontade por si mesmo. Mas até a violência irrestrita e arbitrária de um regime agonizante não conseguia conter as manifestações de desintegração. Cada vez menos uniformes pardos eram vistos nas ruas. E, à medida que o inimigo se aproximava, cada vez mais funcionários do partido desapareciam no éter, mais interessados na autopreservação do que em atitudes heroicas derradeiras. "O comportamento de nossos líderes de *Gau* e Distrito no oeste levou a uma forte queda de confiança da população", comentou Goebbels. "Em consequência, o partido está bastante exaurido no oeste."

No início de abril, as últimas tropas alemãs se retiraram da Hungria. Bratislava caiu para o Exército Vermelho em seu avanço na direção de Viena. Ao norte, as tropas alemãs isoladas em Königsberg entregaram a cidade em 9 de abril. No oeste, tropas aliadas entraram na Westfália, tomando Münster e Hamm. Em 10 de abril, Essen e Hanover já estavam em mãos americanas. O cerco apertava sobre o Ruhr, o coração industrial da Alemanha. Um súbito raio de otimismo penetrou na densa sombra que envolvia o bunker de Hitler com a notícia da morte, em 12 de abril, em seu retiro de Warm Springs, Geórgia, do presidente Roosevelt, um de seus maiores adversários e peça-chave da coalizão diabólica das forças inimigas.

Goebbels telefonou exultante para congratular Hitler. Duas semanas antes, o ministro da Propaganda recebera um arquivo de material astrológico, incluindo um horóscopo do Führer que profetizava uma melhora da posição militar alemã na segunda metade de abril. O ministro disse que seu único interesse no material era de ordem propagandística, para dar ao povo alguma coisa em que se agarrar. Nesse sentido, servia, no momento, para o Führer. "Veja, leia isso!", disse um Hitler revitalizado e com voz excitada a Speer. "Veja! Você nunca quis acreditar nisso. Veja! [...] Eis o grande milagre que eu sempre previ. Quem tem razão agora? A guerra não está perdida. Leia! Roosevelt está morto!" Goebbels, que acabara de ler a biografia de Frederico o Grande, lembrou Hitler que a morte da czarina Elisabeth provocara uma súbita mudança da sorte para o rei prussiano na Guerra dos Sete Anos. A coalizão artificial dos inimigos alinhados contra a Alemanha se romperia agora. A história se repetia. Não temos certeza se Hitler estava tão convencido quanto parecia de que a mão da Providência havia produzido o ponto de virada da guerra. Uma pessoa próxima dele naqueles dias, seu ajudante Nicolaus von Below, achou-o mais sóbrio diante da notícia do que Goebbels — cujo olho cínico estava, como sempre, voltado para as possíveis vantagens propagandísticas.

Até mesmo para aqueles que viam Hitler de perto era difícil ter certeza de seus verdadeiros sentimentos em relação à guerra. O marechal de campo Kesselring, que se encontrou com ele pela última vez em 12 de abril, dia da morte de Roosevelt, relembrou depois: "Ele ainda estava otimista. O quanto estava encenando, é difícil dizer. Olhando para trás, estou inclinado a pensar que ele estava literalmente obcecado com a ideia de alguma salvação milagrosa, que se agarrava a isso como um homem que se afoga a um junco".

Fosse genuíno ou encenado, o júbilo de Hitler não durou muito tempo. Em 13 de abril, recebeu a notícia de que o Exército Vermelho havia tomado Viena. No dia seguinte, os ataques americanos conseguiram dividir as forças que defendiam o Ruhr. Após três dias, os combates na região estavam acabados. O marechal de campo Model, um velho preferido de Hitler, dissolveu seu Grupo de Exércitos B que estava cercado, em vez de oferecer uma capitulação formal. Não fez diferença alguma. Em torno de 325 mil soldados e trinta generais alemães se entregaram aos americanos em 17 de abril. Model suicidou-se quatro dias depois, num bosque ao sul de Duisburg.

Em 15 de abril, prevendo uma nova ofensiva dos soviéticos — que ele achava, provavelmente graças à desinformação de Stálin sobre os Aliados ocidentais, que atravessariam primeiro a Saxônia em direção a Praga para interceptar os americanos antes de atacar Berlim —, Hitler emitiu uma "ordem básica" para a eventualidade de o Reich ser dividido em dois. Criou um comandante supremo — na verdade, seu representante militar — que assumiria plena responsabilidade pela defesa do Reich, se as comunicações fossem interrompidas, na parte do país em que ele não estivesse. O almirante Dönitz foi designado para a zona norte e o marechal de campo Kesselring para a sul. Hitler estava mantendo aberta a opção de levar adiante a luta a partir do sul, na fortaleza dos Alpes bávaros.

No mesmo dia, emitiu aquela que viria a ser sua última declaração aos soldados da frente oriental, na qual se aproveitava das histórias das atrocidades soviéticas. "Pela última vez, o inimigo mortal judaico-bolchevique partiu com suas massas ao ataque", começava o texto. "Ele está tentando demolir a Alemanha e exterminar nosso povo. Vocês, soldados do Leste, sabem em larga medida que destino ameaça principalmente todas as mulheres, moças e crianças alemãs. Enquanto os velhos e as crianças são assassinados, mulheres e moças são rebaixadas a prostitutas de caserna. O resto é mandado para a Sibéria." A declaração alertava os soldados para o menor sinal de traição, em particular — o antigo exagero da influência do Comitê Nacional para uma Alemanha Livre, criado em Moscou por oficiais alemães capturados — para tropas lutando contra eles em uniformes alemães financiadas pelos russos. Qualquer desconhecido que ordenasse um recuo deveria ser capturado e "se necessário, imediatamente liquidado, independente de posição hierárquica". A declaração tinha seu clímax no slogan: "Berlim permanece alemã,

Viena será alemã de novo e a Europa jamais será russa".

Não adiantou nada. Nas primeiras horas de 16 de abril, uma imensa barragem de artilharia anunciou o início do esperado ataque, a partir da linha dos rios Oder e Neisse, de mais de 1 milhão de soldados soviéticos, sob o comando dos marechais Júkov e Kóniev. Os defensores alemães do Nono Exército e, ao sul, do Quarto Exército Blindado lutaram tenazmente. Os soviéticos sofreram algumas perdas significativas. Por algumas horas, a linha de frente segurou o ataque. Mas as chances eram mínimas. Durante a tarde, após novo bombardeio pesado da artilharia, a linha alemã se rompeu ao norte de Küstrin, na margem ocidental do Oder. A brecha entre o Nono e o Quarto Exército ampliou-se rapidamente. A infantaria soviética penetrou por ela, logo seguida por centenas de tanques e, nos dois dias seguintes, o Exército Vermelho ampliou e consolidou seu domínio na área ao sul de Frankfurt an der Oder. A partir de então, a frente do Oder desmoronou completamente. Agora, só poderia haver um único resultado. O Exército Vermelho atropelou as defesas restantes. Berlim estava diretamente a sua vista.

O Nono Exército do general Busse foi empurrado na direção sul da cidade. Hitler lhe dera ordens para manter uma linha que o comandante de seu Grupo de Exércitos, general Heinrici, julgou que expunha o Nono Exército ao cerco. Ignorando as ordens do Führer, Heinrici ordenou a retirada para oeste. Àquela altura, apenas partes do Exército de Busse tinham condições de escapar ao cerco iminente. Enquanto isso, o Estado-Maior alemão era forçado a fugir de seu quartel-general em Zossen para o Wannsee; sua coluna de veículos que recuavam foi confundida com parte de uma unidade soviética e atacada por aviões alemães. Ao norte, as forças sob o comando de Heinrici e do *SS-Obergruppenführer* Felix Steiner eram a última barreira à perspectiva cada vez mais ameaçadora de cerco da cidade diante do avanço do Exército Vermelho através de Eberswalde até Oranienburg. Em 20 de abril, tanques soviéticos já haviam alcançado os arredores da capital alemã. Naquela tarde, Berlim ficou sob o fogo.

O rumor do fogo de artilharia podia ser ouvido plenamente da Chancelaria do Reich. Lá, com o Exército Vermelho à porta e ao acompanhamento do bombardeio quase sem intervalo dos aviões aliados, líderes nazistas reuniram-se por aquela que sabiam seria a última vez, para celebrar o aniversário de 56 anos de Hitler e, na maioria dos casos, dizer adeus. Era o início dos últimos ritos para o Terceiro Reich.

28. Extinção

I

A atmosfera no bunker em 20 de abril de 1945, dia em que Hitler completava 56 anos, era mais fúnebre do que festiva. Não havia sinal da pompa e circunstância de outros anos. As ruínas lúgubres da Chancelaria do Reich eram em si mesmas um lembrete duro, se ainda era necessário, de que não havia motivo para comemoração. O próprio Hitler sentia isso. Seu aniversário, com os russos às portas de Berlim, era — tudo aponta para isso — um constrangimento para ele e para todos os que eram obrigados a cumprimentá-lo pela data.

Tradicionalmente, sua equipe pessoal se reunia para serem os primeiros a congratulá-lo ao soar a meia-noite. Dessa vez, Hitler, deprimido, já dissera ao seu criado pessoal Heinz Linge que não queria receber ninguém: não havia razão para cumprimentos. Linge recebeu ordens para transmitir a mensagem. Previsivelmente, a ordem foi ignorada. Com a aproximação da meia-noite, esperavam na antessala para lhe dar os parabéns formais o ajudante-chefe para a Wehrmacht, general Wilhelm Burgdorf, o oficial de ligação de Himmler, *SS-Gruppenführer* Hermann Fegelein (que se casara recentemente com a irmã de Eva Braun, Gretl), o faz-tudo Julius Schaub, membro da "família" desde meados dos anos 1920, os ajudantes de Hitler, *NSKK-Oberführer* Alwin-Broder Albrecht e *SS-Sturmbannführer* Otto Günsche, o contato de Ribbentrop, Walther Hewel, e o assessor de imprensa Heinz Lorenz. Cansado e abatido, Hitler disse a Linge que deveria informá-los de que não tinha tempo para recebê-los. Foi somente depois

que Fegelein intercedeu junto a sua cunhada Eva Braun (que retornara para a Chancelaria do Reich algumas semanas antes, anunciara que ficaria com Hitler e resistira a todas as tentativas de persuadi-la a ir embora) que ele cedeu e se arrastou ao longo da fila de sua equipe para receber os parabéns murmurados com um aperto de mão frouxo e uma expressão vazia. Mais mudas e quase constrangidas foram as congratulações dos comandantes militares presentes à primeira reunião de informações do dia. Depois, Hitler tomou chá com Eva Braun em seu estúdio. Era perto de nove horas da manhã quando foi finalmente para a cama, só para ser perturbado quase imediatamente pelo general Burgdorf com a notícia de um novo rompimento das defesas e avanço soviético na direção de Cottbus, cerca de cem quilômetros a sudeste de Berlim, na parte sul da frente de batalha. Hitler, de camisola, ouviu a notícia de pé, junto à porta do quarto, e disse a Linge que não havia dormido até aquele momento e que o acordasse uma hora depois do que o normal, às duas da tarde.

Depois do desjejum e de brincar com seu filhote de pastor-alemão por um instante, além de pedir que Linge lhe administrasse o colírio de cocaína, ele subiu lentamente os degraus até o parque da Chancelaria do Reich. Esperando de braços erguidos na saudação nazista estavam delegações do Exército de Courland, de unidades da SS em Berlim e vinte rapazes da Juventude Nazista que se haviam distinguido em combate. Era daquilo que dependia a defesa de Berlim?, perguntou-se uma das secretárias de Hitler. O Führer murmurou-lhes algumas palavras, deu uma palmadinha no rosto de um ou dois deles e em poucos minutos deixou-os para que cuidassem da luta contra os tanques russos.

Bormann, Himmler, Goebbels, o líder da Juventude do Reich Artur Axmann e o dr. Morell estavam entre aqueles que em outra fileira o aguardavam à porta do Jardim de Inverno da Chancelaria para serem recebidos. Pálido, com aparência esgotada e apática e ainda mais encurvado, ele fingiu fazer um breve discurso. Não surpreende que não fosse capaz de elevar os ânimos. O almoço com Christa Schroeder e a secretária mais antiga, Johanna Wolf, foi deprimente. Depois, desceu de volta os degraus para as entranhas da terra, para a reunião militar do final da tarde. Não voltaria a sair vivo do bunker.

Àquela altura, a maioria das figuras de proa do Reich — ao menos, os que se encontravam nas vizinhanças de Berlim — estava reunida. Göring, Dönitz, Keitel,

Ribbentrop, Speer, Jodl, Himmler, Kaltenbrunner, o novo chefe do Estado-Maior, general Hans Krebs, e outros apresentaram seus cumprimentos. Ninguém falou da catástrofe iminente. Todos juraram fidelidade eterna. Todos notaram que Göring havia trocado seu resplandecente uniforme cinza-prateado com dragonas bordadas de ouro por brim cáqui — "como um general americano", observou um dos participantes da reunião. Hitler não fez nenhum comentário.

O ataque iminente a Berlim dominou a discussão. As notícias do extremo sul da cidade eram catastróficas. Göring informou que uma única estrada para o sul, através da Bayerischer Wald, ainda estava aberta, mas poderia ser bloqueada a qualquer momento. Seu chefe de Estado-Maior, general Karl Koller, acrescentou que podia ser descartada qualquer tentativa de transferir mais tarde o Alto-Comando da Wehrmacht pelo ar para um novo quartel-general. Hitler foi pressionado de todos os lados a partir imediatamente para Berchtesgaden. Ele retrucou que não poderia esperar que seus soldados travassem a batalha decisiva por Berlim se ele se retirasse para um lugar seguro. Antes da reunião, Keitel havia dito a Koller que o Führer estava decidido a permanecer em Berlim. Ao cumprimentá-lo, Keitel havia murmurado palavras de confiança de que tomaria decisões urgentes antes que a capital se transformasse em campo de batalha. Era uma forte sugestão de que Hitler e seu séquito deveriam partir para o sul enquanto havia tempo. Hitler interrompeu-o e disse: "Keitel, sei o que quero. Continuarei lutando diante, dentro ou atrás de Berlim". Não obstante, ele parecia agora indeciso. Cada vez mais agitado, declarou momentos depois que deixaria nas mãos do destino se morreria na capital ou fugiria no último momento para o Obersalzberg.

Göring não mostrou indecisão nenhuma. Mais de dois meses antes, havia enviado a esposa Emmy e a filha Edda para a segurança das montanhas bávaras. Escrevera seu testamento em fevereiro. Caixas cheias de seus tesouros de arte, fruto de pilhagens, que adornavam o Carinhall, sua mansão de campo no Schorfheide, cerca de sessenta quilômetros ao norte de Berlim, haviam sido enviadas para o sul em março. Transferiu meio milhão de marcos para sua conta em Berchtesgaden. Quando ele chegou na Chancelaria do Reich para cumprimentar Hitler pelo aniversário, Carinhall já estava minada com explosivos e o que restava de seus pertences já estava embalado e carregado em caminhões,

prontos para seguir para o Obersalzberg. No final da sessão de informes, Göring não perdeu tempo em obter uma palavra em particular com Hitler. Disse que era urgente que partisse para o sul da Alemanha a fim de comandar a Luftwaffe de lá. Precisava deixar Berlim naquela mesma noite. Hitler mal se deu conta. Murmurou algumas palavras, apertou a mão distraído e o primeiro paladino do Reich partiu apressado e sem fanfarras. Para Albert Speer, que estava a pouca distância deles, o gesto pareceu um divisor de caminhos que simbolizava o fim iminente do Terceiro Reich.

Foi a primeira de numerosas partidas. A maioria daqueles que vieram dar parabéns a Hitler e declarar votos de lealdade eterna esperava nervosamente pelo momento em que pudessem fugir da cidade condenada. Comboios de carros logo partiram para o norte, o sul e o oeste de Berlim, por qualquer estrada que ainda estivesse aberta. Dönitz foi para o norte, armado com instruções de Hitler — a execução da diretriz de cinco dias antes sobre a repartição de comando caso o Reich fosse geograficamente dividido — para assumir a liderança no norte e continuar a luta. Era um sinal do alto apreço de Hitler por ele, graças a seu apoio incondicional à postura de lutar até o fim e à esperança de continuar a guerra com submarinos, que ganhasse plenos poderes para dar todas as ordens pertinentes ao Estado e ao partido, bem como à Wehrmacht na zona norte. Himmler, Kaltenbrunner e Ribbentrop também foram embora logo. Speer partiu no final daquela noite na direção de Hamburgo, sem nenhuma despedida formal.

De acordo com o testemunho de Julius Schaub após a guerra, Hitler estava profundamente decepcionado com o desejo de seus paladinos de deixar o bunker numa pressa mal disfarçada. Ele não deu mais do que um sinal mecânico de adeus àqueles que, agora que seu poder estava quase no fim, estavam ansiosos por salvar o que pudessem de si mesmos e de seus pertences. Àquela altura, a maior parte das altas patentes militares já fora embora. E Bormann já havia dito aos ministros remanescentes do governo — o conde Lutz Schwerin-Krosigk, das Finanças, Julius Dorpmüller, dos Transportes, Otto Georg Thierack, da Justiça, Alfred Rosenberg, dos Territórios Ocupados do Leste (cargo redundante havia muito tempo), Bernhard Rust, da Educação, Franz Seldte, do Trabalho, e ao velho sobrevivente Otto Meissner, chefe da Chancelaria Presidencial — que fizessem preparativos rápidos para partirem para o sul, uma vez que a estrada seria bloqueada em breve.

O ajudante naval de Hitler, almirante Karl-Jesko von Puttkamer, foi despachado ao Obersalzberg com a missão de destruir documentos importantes. Suas duas secretárias mais antigas, Johanna Wolf e Christa Schroeder, foram chamadas ao seu estúdio naquela noite e receberam instruções de se aprontar e partir para o Berghof em uma hora. Quatro dias antes, ele lhes havia dito em tom confidencial: "Berlim continuará alemã. Precisamos apenas ganhar tempo". Agora, dizia ele, a situação mudara tanto nos últimos quatro dias que tinha de dividir sua equipe.

A cena no pátio da Chancelaria do Reich era quase caótica, com veículos lotados de sacos e malas, o rumor da artilharia lembrando quão próximo estava o Exército Vermelho enquanto os carros se apressavam na noite, em meio a nuvens de fumaça expelidas por prédios incendiados, ruínas sombrias e homens da Volkssturm montando barricadas nas ruas, na direção de aviões que os aguardavam. Nas três noites seguintes, cerca de vinte voos partiram dos aeródromos de Gatow e Staaken levando a maior parte do staff de Hitler de Berlim para Berchtesgaden.

Tarde da noite, os ajudantes e secretárias remanescentes e sua jovem cozinheira e nutricionista austríaca, Constanze Manziarly, reuniram-se para um drinque com Hitler e Eva Braun. Não se falou de guerra. Naquele dia, mais cedo, a secretária mais jovem, Traudl Junge, ficara chocada ao ouvi-lo admitir pela primeira vez em sua presença que não acreditava mais na vitória. *Ele* podia estar pronto para se afundar, mas, ela achava, a vida dela mal começara. Depois que o Führer se retirou para o quarto — cedo para seus padrões —, ela ficou feliz de se unir a Eva Braun e outros "internos" no bunker, inclusive Bormann e Morell, numa festa "não oficial" na velha sala de estar, no primeiro andar do apartamento de Hitler na Chancelaria do Reich. No ambiente fantasmagórico de uma sala despida de quase todo o seu antigo esplendor, com o gramofone arranhando o único disco que conseguiram achar — um sucesso meloso de antes da guerra chamado *Rosas vermelhas trazem felicidade* —, eles riram, dançaram e beberam champanhe, tentando gozar uma ou duas horas de escapismo, até que uma explosão nas proximidades os sacudiu e os trouxe de volta à realidade.

Às 9h30 da manhã seguinte, Hitler foi acordado com a notícia de que o centro de Berlim estava sob fogo de artilharia. De início, ele não acreditou e exigiu imediatamente informações de Karl Koller, o chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, sobre a posição da bateria de artilharia soviética. Um posto de observação instalado

no zoológico da cidade forneceu a resposta: a bateria não estava a mais de treze quilômetros, no subúrbio de Marzahn. O cerco se fechava rapidamente. A informação não ajudou a acalmar o humor cada vez mais explosivo de Hitler. À medida que o dia avançava, ele se parecia cada vez mais com um homem no fim de suas forças, nervos em frangalhos, sob forte tensão, perto do colapso. As reações irracionais, quando se mostrou impossível executar uma cascata de ordens gritadas de forma quase histérica e obter as informações exigidas, apontam nessa direção.

Logo ele estava novamente ao telefone com Koller, dessa vez exigindo saber quantos aviões alemães estavam em ação no sul da cidade. As falhas de comunicação impediam que Koller fornecesse a informação solicitada. Hitler telefonou de novo, dessa vez querendo saber por que os jatos estacionados perto de Praga não haviam entrado em ação no dia anterior. Koller explicou que caças inimigos haviam atacado os campos de aviação de forma tão persistente que os jatos não tinham conseguido decolar. "Então, não precisamos mais dos jatos. A Luftwaffe é supérflua", respondeu furioso. "Toda a direção da Luftwaffe deve ser enforcada imediatamente!"

II

O homem prestes a se afogar agarrou-se a outro tronco. Os soviéticos haviam estendido tanto suas linhas para o nordeste de Berlim que abriam a oportunidade, assim pensavam Hitler e o chefe do Estado-Maior Krebs, para que o Corpo de Blindados comandado pelo *SS-Obergruppenführer* Felix Steiner lançasse um contra-ataque com boas chances de sucesso. Uma lufada de telefonemas com mais do que uma pitada de quase histeria colocou sob o comando de Steiner uma miscelânea de unidades remanescentes, entre elas, forças navais e aéreas sem treinamento em guerra em solo e sem armamento pesado. "Todo comandante que retirar forças perderá a vida em cinco horas", gritou a Koller. "Os comandantes devem saber disso. O senhor mesmo garante com sua cabeça que até o último homem seja mobilizado." Qualquer recuo para oeste estava estritamente proibido para as forças de Steiner. Os oficiais não dispostos a obedecer deveriam ser fuzilados imediatamente. "Do sucesso de sua missão depende o destino da capital alemã", ele disse a Steiner — acrescentando que a vida do comandante também dependia da execução da ordem. Ao mesmo tempo, o Nono Exército de Busse, ao sul de Berlim, recebia ordens para reestabilizar e reforçar a linha defensiva de Königswusterhausen a Cottbus. Além disso, ajudado por um avanço para o norte de partes do Grupo de Exércitos Centro de Schörner, que ainda lutava tenazmente nas vizinhanças de Elsterwerda, cerca de cem quilômetros ao sul de Berlim, deveria atacar e isolar as forças blindadas de Kóniev que haviam atacado pela sua retaguarda. Era uma esperança ilusória. Mas o falso otimismo de Hitler ainda era incensado por alguns generais. Seu humor melhorou visivelmente depois de ouvir informes otimistas de seu mais recente marechal de campo, Schörner (que fora promovido em 5 de abril), e do general Wenck sobre as chances de seu recém-montado 12o Exército atacar as forças americanas junto ao rio Elba.

O general Heinrici, comandante do Grupo de Exércitos do Vístula, não era um dos eternos otimistas que satisfaziam a necessidade constante de Hitler de boas notícias. Ele advertiu sobre o perigo de cerco se o Nono Exército não recuasse. Ameaçou renunciar se Hitler persistisse em suas ordens. Mas Hitler persistiu, e Heinrici não se demitiu. Dias antes, o general deixara implícito para Speer que Berlim seria tomada sem resistência séria. Essa ideia era execrada por Hitler. O

Führer disse a Jodl no dia em que emitiu as ordens a Steiner e ao Nono Exército: "Lutarei enquanto tiver um único soldado. Quando o último soldado me abandonar, me matarei". No final daquela noite, ele ainda transpirava confiança no ataque de Steiner. Quando Koller lhe falou da inadequação das tropas da Luftwaffe que fora obrigado a fornecer às forças de Steiner, Hitler retrucou: "O senhor verá. Os russos vão sofrer a maior derrota, a derrota mais sangrenta da história deles diante dos portões da cidade de Berlim".

Era uma bravata. Duas horas antes, o dr. Morell o encontrara esgotado e abatido em seu estúdio. O médico e seus medicamentos, por menos eficazes que fossem em termos objetivos, haviam sido durante anos um importante apoio psicológico para Hitler. Agora, Morell queria lhe ministrar uma inofensiva dose adicional de glicose. Sem nenhum aviso prévio, Hitler reagiu com um ataque incontrolável, acusando Morell de querer drogá-lo com morfina. Ele sabia que os generais o queriam drogado para que pudessem enviá-lo a Berchtesgaden. "Você me toma por louco?", gritou. Ameaçando mandar fuzilá-lo, dispensou furiosamente o médico apavorado.

A tempestade vinha se formando havia dias. Ela irrompeu na tarde de 22 de abril, durante a reunião de informações que começou às 15h30. Já no início da sessão, Hitler estava desfigurado, o rosto impassível, embora extremamente agitado, como se seus pensamentos estivessem em outro lugar. Deixou duas vezes a sala para ir aos seus aposentos particulares. Depois, quando chegaram notícias desanimadoras de que as tropas soviéticas haviam rompido o cordão de defesa interna e estavam nos subúrbios do norte de Berlim, contaram-lhe finalmente — depois que uma série frenética de telefonemas havia elucidado informações contraditórias — que o ataque de Steiner, que ele aguardara com impaciência durante toda a manhã, não se efetivara. Diante disso, ele pareceu acordar. Ordenou que todos saíssem da sala de reunião, exceto Keitel, Jodl, Krebs e Burgdorf. Mesmo para aqueles que tinham uma longa experiência de seus ataques de fúria, a diatribe que trovejou pelo bunker pela meia hora seguinte foi um choque. Uma testemunha registrou naquela noite: "Alguma coisa quebrou dentro de mim hoje que ainda não pude entender". Hitler gritou que fora traído por todos em quem confiava. Vituperou a antiga traição do Exército. Agora, até a SS mentia para ele: depois do fracasso de Sepp Dietrich na Hungria, Steiner não havia atacado. Os soldados não lutavam, as defesas antiaéreas não funcionavam. E, como acrescentou Jodl, ele sabia também que munições e

combustíveis acabariam em breve.

Hitler despencou em sua cadeira. A tempestade passou. Sua voz transformou-se praticamente numa lamúria. A guerra estava perdida, soluçou. Era a primeira vez que alguém de sua pequena plateia o ouvia admitir isso. Ficaram mudos. Em consequência, continuou ele, havia decidido ficar em Berlim e comandar a defesa da cidade. Era fisicamente incapaz de lutar e corria o risco de cair ferido nas mãos do inimigo. Assim, no último momento, se suicidaria. Todos tentaram convencê-lo a mudar de ideia. Ele deveria deixar Berlim imediatamente e mudar seu quartel-general para Berchtesgaden. Deveriam retirar as tropas da frente ocidental e mobilizá-las no leste. Hitler respondeu que, de todo modo, tudo estava desmoronando. Ele não poderia fazer aquilo. Göring podia. Alguém objetou que nenhum soldado lutaria pelo marechal do Reich. "O que significa lutar?", perguntou ele. "Não há muito mais pelo que lutar e, se é uma questão de negociações, o marechal do Reich pode fazer isso melhor do que eu."

Dito isso, com o rosto mortalmente pálido, retirou-se da sala de reuniões e recolheu-se aos seus aposentos. Mandou buscar as secretárias remanescentes Gerda Christian e Traudl Junge e sua nutricionista Constanze Manziarly. Eva Braun também estava presente quando ele disse à sua equipe que deveriam se aprontar: um avião as levaria para o sul em uma hora. "Está tudo perdido, irremediavelmente perdido", declarou. Para surpresa delas mesmas, suas secretárias se viram rejeitando a oferta de partir e dizendo que ficariam com ele no bunker. Eva Braun já lhe dissera que não iria embora.

Então, Dönitz e Himmler telefonaram. Nenhum deles conseguiu persuadi-lo a mudar de ideia. Ribbentrop chegou. Não teve sequer permissão para ver o Führer. Goebbels também estava presente. Hitler, completamente perturbado, tinha lhe telefonado por volta das cinco horas, delirando sobre traição, deslealdade e covardia. Goebbels correu o mais rápido que pôde ao bunker e falou por algum tempo sozinho com Hitler. Conseguiu acalmá-lo. E reapareceu para anunciar que, por ordem do Führer, ele, sua mulher e seus filhos se mudariam para o bunker e viveriam ali a partir de então. Para o ministro da Propaganda, a decisão de Hitler era a consequência lógica de sua postura coerente; era uma façanha histórica que determinava o fim heroico em Berlim de um Siegfried moderno, traído por todos ao seu redor.

Para militares obstinados como Karl Koller, a perspectiva era muito diferente: Hitler estava abandonando o povo alemão no momento em que ele mais precisava; havia renunciado à sua responsabilidade perante as Forças Armadas, o Estado e o povo na hora mais crítica; era um abandono do dever mais grave do que muitos delitos que haviam recebido punição draconiana.

Com efeito, havia graves considerações práticas decorrentes do comportamento histérico de Hitler. Ele simplesmente havia dito que ficaria em Berlim. Os outros podiam sair e ir para onde quisessem. Ele não tinha mais ordens para a Wehrmacht. Mas ainda era o comandante supremo. Quem daria ordens agora? Berlim estaria certamente condenada em poucos dias. Onde seria o quartel-general da Wehrmacht? Como as forças poderiam retirar-se da frente ocidental sem nenhuma negociação de armistício? Depois de pedidos infrutíferos a Hitler, Keitel decidiu viajar até o quartel-general do 12o Exército do general Wenck. Hitler havia finalmente aceitado assinar uma ordem a Wenck para abandonar os planos operacionais anteriores — defender-se contra os americanos junto ao Elba — e marchar para Berlim, fazendo conexão com o que restava do Nono Exército, que ainda lutava ao sul da cidade. O objetivo era isolar forças inimigas a sudoeste da capital, avançar "e liberar de novo a capital do Reich onde o Führer resiste, confiando em seus soldados". O Exército de Wenck fora montado apressadamente no início de abril. Não estava armado de forma adequada, o apoio blindado era fraco e muitos de seus soldados estavam mal treinados. Eram numericamente inferiores às tropas soviéticas que enfrentariam e tinham apenas um quarto dos armamentos. O que Wenck deveria fazer na eventualidade improvável de penetrar até o centro de Berlim — além de tirar Hitler, se necessário pela força (como Keitel disse depois) — não estava de forma nenhuma claro.

Com o equilíbrio temporariamente recuperado, Hitler foi solícito o suficiente para assegurar-se de que Keitel fosse bem alimentado antes de partir. Enquanto isso, Jodl tomava medidas para garantir que parte do Alto-Comando da Wehrmacht fosse imediatamente transferida para Berchtesgaden, ao passo que o resto seria levado para o quartel em Krampnitz, perto de Potsdam. A direção geral de Hitler permaneceria intacta, mantida através de ligações telefônicas para Krampnitz e Berchtesgaden. As reuniões de informação continuariam, embora com pessoal reduzido.

Na mesma ocasião, Hitler dera ordens a Schaub para queimar todos os papéis e documentos que estavam em seu cofre particular no bunker. Posteriormente, ele foi instruído a fazer o mesmo em Munique e no Berghof. Após uma despedida superficial do senhor a quem servira por vinte anos, ele foi de avião para o sul. A companhia no bunker encolhera. Os que permaneceram se consolavam na bebida. Chamavam o bunker de "necrotério" e seus internos de "cadáveres vivos". O principal tema das conversas era quando e como cometer suicídio.

Na manhã seguinte, Hitler já havia recuperado a compostura. Ainda descarregava raiva contra tropas que pareciam ter evaporado. "É tão vergonhoso", disse enfurecido. "Quando se pensa nisso tudo, por que continuar vivendo?" Mas as notícias de Keitel sobre sua reunião com Wenck proporcionavam mais um raio de esperança. Ele mandou que todas as tropas, ainda que mal equipadas, fossem incorporadas ao Exército de Wenck. Dönitz já havia telegrafado na noite anterior ordenando que, acima de todas as preocupações navais, todos os marinheiros disponíveis fossem urgentemente levados de avião para Berlim a fim de participar da "batalha do destino alemão" na capital do Reich. Enviaram-se telegramas também a Himmler e ao Alto-Comando da Luftwaffe para que mandassem suas reservas remanescentes a fim de ajudar na defesa de Berlim. "Os inimigos sabem que estou aqui", acrescentou Hitler, referindo-se à declaração daquele dia de Goebbels aos berlinenses, em que lhes contava que o Führer permaneceria na cidade para liderar sua defesa. Eles concentrariam todos os esforços para tomar a capital o mais breve possível. Hitler achava que isso lhe dava a chance de atraí-los para a armadilha do Exército de Wenck. Krebs calculava que ainda tinham quatro dias. "Em quatro dias, o assunto tem de ser decidido", concordou Hitler.

Naquela tarde, Albert Speer chegou de volta ao bunker. Fizera uma tortuosa viagem de dez horas para cobrir os menos de trezentos quilômetros que separavam Hamburgo de Berlim. Havia desistido logo de dirigir pelas estradas cheias de refugiados desesperados para deixar Berlim por qualquer rota ainda aberta e voou primeiro até o campo de aviação de Rechlin, no Mecklenburg, depois foi para o aeródromo de Gatow, no oeste de Berlim. Dali, pegou um avião leve Fieseler Storch para finalmente conseguir descer no Eixo Leste-Oeste, perto do Portão de Brandenburgo, o largo bulevar pelo qual havia desfilado em triunfo seis anos antes, nas comemorações dos cinquenta anos de Hitler; agora, com os postes de

iluminação removidos, era uma faixa de pouso improvisada. Durante semanas, Speer vinha trabalhando com industriais e generais para sabotar as ordens de "terra arrasada" de Hitler. Apenas dois dias antes, em Hamburgo, havia gravado um discurso — jamais transmitido e provavelmente feito com a intenção de melhorar suas perspectivas num mundo pós-Hitler — em que pedia o fim da destruição inútil. Mas, apesar da distância crescente, ainda não conseguia romper com Hitler. Os laços emocionais permaneciam fortes. Após sua partida discreta na noite do aniversário do Führer, o ex-ministro dos Armamentos sentiu-se infeliz por terminar aquela relação especial sem uma despedida apropriada. Era esse o motivo para seu voo totalmente desnecessário e extremamente perigoso de volta ao caldeirão.

A caminho da sala de Hitler no bunker, Speer encontrou Bormann. Sem entusiasmo por terminar seus dias nas catacumbas do bunker, o secretário do Führer implorou a ele que usasse sua influência para persuadir Hitler a partir para o sul. Ainda era possível; em poucas horas, seria tarde demais. Speer deu uma resposta evasiva. Depois foi levado até Hitler, que, como Bormann havia previsto, não perdeu tempo em perguntar sua opinião sobre se deveria permanecer em Berlim ou ir para Berchtesgaden. Speer não hesitou e disse que seria melhor ele acabar a vida como Führer na capital do Reich do que em sua "casa de fim de semana". Hitler parecia cansado, apático, resignado, esgotado. Decidira ficar em Berlim, murmurou. Apenas quisera saber a opinião de Speer. Tal como no dia anterior, disse que não lutaria. Havia o perigo de ser capturado vivo. Estava preocupado também em evitar que seu corpo caísse nas mãos do inimigo para ser exibido como um troféu. Por isso, dera ordens para que seu cadáver fosse incinerado. Eva Braun morreria ao seu lado. "Acredite-me, Speer, será fácil acabar com minha vida. Um breve momento, e estarei livre de tudo, libertado dessa existência miserável."

Minutos depois, na reunião militar diária — agora muito menor, mais rápida e, devido às dificuldades de comunicação, muitas vezes sem informações precisas — Hitler, que acabara de falar de sua morte e cremação iminentes, tentava novamente transpirar otimismo. Só agora Speer se dava conta do quanto de encenação sempre houvera no papel do Führer.

De repente, houve uma comoção no corredor. Bormann entrou correndo com um telegrama para Hitler. Era de Göring. O relato da importante reunião do dia

anterior, para a qual Koller tinha voado até Berchtesgaden, colocara o marechal do Reich num dilema. Koller ajudara a persuadir o hesitante Göring de que, por meio de suas ações, Hitler havia de fato desistido da liderança do Estado e da Wehrmacht. Em consequência, o édito de 29 de junho de 1941, que designava Göring sucessor do Führer caso ele estivesse incapacitado para agir, deveria entrar em vigor. O marechal do Reich ainda estava inseguro. Não podia ter certeza de que Hitler não mudara de ideia e se preocupava com a influência de seu arqui-inimigo Bormann. Por fim, Koller sugeriu o envio de um telegrama. Göring concordou. Koller, assessorado por Lammers, redigiu suas cuidadosas palavras, estipulando cautelosamente que, se Göring não recebesse uma resposta até as dez horas daquela noite, ele deveria presumir que os termos da lei de sucessão entrariam em vigor e assumir a liderança do Reich. Göring disse a Koller que tomaria providências imediatas para render-se às potências ocidentais, mas não aos russos.

O telegrama de Koller a Hitler (com uma cópia para Below, o ajudante para a Luftwaffe que ainda estava no bunker) não continha nenhuma insinuação de deslealdade. Mas, como Göring temia, Bormann tratou imediatamente de montar o pior cenário possível em cima da mensagem. De início, Hitler pareceu despreocupado, ou apático. Mas quando Bormann mostrou outro telegrama de Göring, em que ele convocava Ribbentrop para vê-lo imediatamente, caso não tivesse recebido outra diretriz de Hitler ou dele mesmo até a meia-noite, foi fácil invocar o fantasma da traição de novo. Bormann não precisou se esforçar. Durante meses, Goebbels e o próprio Bormann haviam se destacado entre aqueles que instavam Hitler a demitir Göring, acusado de incompetente, corrupto, sibarita consumidor de drogas, único responsável pela debacle da Luftwaffe e pela superioridade aérea dos Aliados, que consideravam tão decisiva para a sorte da Alemanha. Tendo em vista a extrema volatilidade de Hitler, como os eventos do dia anterior haviam demonstrado de forma cabal, a torrente incontrolável de ódio por Göring, viciado em morfina, corrupto notório e responsabilizado pela ruína da Luftwaffe, era totalmente previsível.

Saboreando sua vitória, Bormann redigiu um telegrama que retirava de Göring seus direitos de sucessão e o acusava de traição, mas não tomava outras medidas desde que o marechal do Reich renunciasse imediatamente a todos os seus cargos por motivos de saúde. A concordância de Göring chegou em meia hora. Mas,

naquela noite, o outrora homem mais poderoso do Reich depois de Hitler foi posto sob prisão domiciliar e o Berghof, cercado por guardas da SS. O poder de Hitler apagava-se com rapidez, mas ainda não chegara ao fim.

Mais tarde, na mesma noite, antes de deixar o bunker, Speer esteve no quarto de Eva Braun, tomou uma garrafa de Moët & Chandon e comeu bolos e doces. Eva parecia calma e relaxada. Disse a Speer que Hitler queria mandá-la de volta a Munique, mas que ela se recusara: viera a Berlim para o fim. Às três horas da madrugada, Hitler apareceu. Speer emocionou-se ao dizer adeus. Voltara ao bunker exatamente para isso. Para ele, era um momento pungente. Hitler deu-lhe um aperto de mão frouxo. "Você está indo, então. Bem. Adeus." Foi tudo.

Outro visitante além de Speer chegara ao bunker sem ser anunciado na noite anterior: o general Helmuth Weidling, comandante do 56o Corpo Blindado, vinculado ao Nono Exército que lutava no sudeste de Berlim. As comunicações com o general estavam cortadas desde a noite de 20 de abril e Hitler dera ordens para sua prisão por deserção. Espantosamente, ele abrira caminho de volta a Berlim e ao bunker do Führer, para protestar inocência. Hitler ficou bem impressionado. Na manhã seguinte, fez de Weidling o responsável pela defesa de Berlim, substituindo o coronel Ernst Kaether, que ocupara o posto por dois dias.

Era uma missão desanimadora. Weidling tinha à sua disposição unidades reunidas às pressas que compreendiam 44600 soldados, ao lado de 42500 homens da Volkssturm (cuja capacidade de luta era severamente limitada em virtude da idade e do equipamento miserável), cerca de 2700 meninos da Juventude Hitlerista e algumas centenas de outros "combatentes" da Organização Todt, designados para defender as pontes que o Exército de Wenck teria de cruzar. Dönitz prometera 5500 marinheiros, mas ainda não estavam disponíveis. Diante deles, acercando-se da cidade a cada hora que passava, estavam cerca de 2,5 milhões de soldados de combate em divisões de primeira ordem do Exército Vermelho. Weidling sabia desde o começo que sua missão era impossível.

As notícias dos fronts cada vez mais limitados em torno de Berlim se tornavam mais sombrias. Ao meio-dia de 24 de abril, tropas soviéticas dos Exércitos de Júkov e Kóniev se encontraram nos subúrbios do sul da cidade. O cerco ao Nono Exército de Busse estava completo. A esperança de que pudesse abrir caminho para se unir ao 12o Exército de Wenck era agora ilusória. Chegaram informes à Chancelaria do

Reich de combates de rua virulentos nos distritos do leste e do sul da capital. Vários bairros do norte já estavam em mãos soviéticas e a estrada de Nauen, a última importante para o oeste, estava bloqueada por tanques T34. O aeródromo de Tempelhof, próximo do centro da cidade, estava sob bombardeio da artilharia soviética desde o meio-dia. À noite, o campo de pouso de Gatow, às margens do Havel, também estava sob intenso bombardeio. O Eixo Leste-Oeste, onde Albert Speer aterrissara no dia anterior, era agora a última artéria de comunicação não telefônica de Berlim com o mundo externo.

No dia seguinte, ao amanhecer, áreas próximas do centro da cidade passaram a sofrer um intenso e persistente fogo de artilharia. Por volta do meio-dia, em Ketzin, no oeste, a vanguarda do Exército de Kóniev, margeando a cidade em direção ao sul, encontrou-se com unidades do Exército de Júkov, que avançavam pelas bordas da cidade para o norte. Berlim estava quase cercada. Mais ou menos na mesma hora, tropas soviéticas e americanas fumavam cigarros juntas em Torgau, junto ao Elba, na Alemanha central. O Reich estava agora dividido em dois.

Naquela manhã, o palácio alpino de Hitler, o Berghof, acima de Berchtesgaden, fora reduzido simbolicamente a ruínas fumegantes por bombardeiros da RAF. Não havia nenhum propósito militar na operação, exceto atingir um possível foco de guerrilha nazista do que transpirou ser um reduto nacional mítico, após o cessar-fogo formal.

Em seu covil subterrâneo cada vez mais isolado e cercado, com as comunicações piorando rapidamente e com mapas operacionais desatualizados e quase de imediato superados pelos eventos, Hitler ainda tinha certeza de que sabia mais. “A situação em Berlim parece pior do que é”, declarou, com aparente confiança, em 25 de abril, sem ter se aventurado a sair por cinco dias. Mandou recrutar na cidade todas as possíveis últimas reservas de pessoal para jogar na refrega e ajudar a preparar o terreno para a chegada de Wenck. Àquela altura, Wenck fizera alguns avanços na direção dos lagos ao sul de Potsdam. Mas partes de seu Exército ainda estavam engajadas no combate contra os americanos ao norte de Wittenberg, junto ao Elba. E do Nono Exército, que deveria juntar forças a ele, sobravam poucos remanescentes. Com o que havia à sua disposição, Wenck tinha apenas uma chance remota de chegar a Berlim.

Mas ele era agora a única esperança. Hitler ainda procurava uma vitória final,

uma última chance para virar a mesa. Mesmo naquela situação, ele agarrava-se à crença de que a aliança dos inimigos se romperia se ele conseguisse dar um golpe doloroso no Exército Vermelho. E asseverou:

> Penso que chegou o momento em que, por impulso de autopreservação, os outros enfrentarão de todo modo esse imenso e inchado colosso Moloch bolchevique proletário. [...] Se eu tiver sucesso aqui e segurar a capital, talvez cresça a esperança entre os ingleses e americanos de que eles talvez ainda possam encarar todo esse perigo junto com a Alemanha nazista. E o único homem para isso sou eu.

Seus comentários para Goebbels naquele dia estavam, em parte, obviamente voltados para convencer a si mesmo de que sua decisão de permanecer em Berlim estava certa. "Considero mil vezes mais covarde cometer suicídio no Obersalzberg do que ficar e cair aqui", declarou. "Eles não deveriam dizer: 'O senhor, como Führer...'. Sou o Führer somente enquanto puder liderar. E não posso liderar sentado em algum lugar das montanhas, mas tenho de ter a autoridade sobre exércitos que obedeçam. Deixe-me ter uma vitória aqui, por mais difícil e dura, então terei direito novamente de acabar com os elementos lerdos que estão constantemente causando obstrução. Então trabalharei com os generais que se puseram à prova."

Mais do que qualquer outra coisa, as palavras de Hitler tinham por alvo seu lugar na história. Mesmo naquele momento — atiçado naturalmente por Goebbels —, ele continuava a ser o propagandista, preocupado com a imagem. Fosse numa vitória gloriosa ou na autodestruição sacrificial, a última posição no bunker era necessária por motivos de prestígio. Nunca lhe ocorreu questionar o massacre de soldados e civis com essa finalidade. "Somente aqui posso alcançar um sucesso", disse a Goebbels, "[...] e, mesmo que seja apenas moral, é no mínimo a possibilidade de salvar as aparências e ganhar tempo." "Somente por meio de uma atitude heroica podemos sobreviver a este que é o mais duro dos tempos", continuou. Se ele ganhasse a "batalha decisiva", seria "reabilitado". Isso provaria pelo exemplo que ele estava certo em demitir generais por não manterem suas posições.

E, se perdesse, então teria perecido "decentemente", não como algum "refugiado inglório sentado em Berchtesgaden e emitindo ordens inúteis". Ele via "uma possibilidade de reparar a história" por meio de um sucesso. "É a única

chance de restaurar a reputação pessoal. [...] Se deixarmos o palco do mundo em desgraça, teremos vivido para nada. Se continuamos ou não nossa vida um pouco mais é completamente irrelevante. Antes terminar a luta com honra do que continuar alguns meses ou anos a mais em vergonha e desonra." Goebbels, com as façanhas de Frederico o Grande na famosa Batalha de Leuthen — a épica vitória do rei prussiano em 1757 sobre um Exército austríaco numericamente muito superior — na ponta da língua, resumiu as alternativas "heroicas": "Se tudo correr bem, então de toda forma será bom. Se as coisas não correrem bem e o Führer encontrar em Berlim uma morte honrosa e a Europa se bolchevizar, então em cinco anos, no máximo, o Führer será uma personalidade lendária e o nacional-socialismo alcançará status mítico".

III

Nem todos no labirinto de túneis sob a Chancelaria do Reich estavam dispostos a compartilhar o fim "heroico" que Hitler e Goebbels contemplavam. "Não quero morrer com aquela turma lá embaixo no bunker", manifestou o major Bernd von Freytag-Loringhoven, o ajudante de 31 anos de Krebs. "Quando chegar o fim, quero minha cabeça acima do solo e livre." Até os homens da SS da guarda pessoal de Hitler perguntavam ansiosamente sobre o avanço de Wenck, consolando-se na bebida quando estavam de folga e procurando possíveis rotas de fuga daquilo que se parecia cada vez mais com um túmulo certo. Nas ruas da cidade, apesar da ameaça — cumprida com frequência — de execução sumária ordenada por "cortes marciais volantes" sob acusação de "derrotismo", para não falar de deserção, muitos homens idosos da Volkssturm, conscientes da inutilidade de levar adiante uma luta tão desigual e procurando evitar uma morte "heroica" sem sentido, esperavam uma chance para, com a chegada das tropas soviéticas, sumir e tentar reencontrar suas famílias e se refugiar em porões e bunkers.

Em meio às ruínas fumegantes da grande cidade, as condições de vida se deterioravam rapidamente. A comida estava acabando. O sistema de fornecimento de água fora interrompido. Os velhos, doentes, mulheres e crianças, soldados feridos refugiados, todos se agarravam à vida em porões, abrigos lotados e estações subterrâneas enquanto o inferno se propagava na superfície.

Com as comunicações sumindo aos poucos — as linhas para Jodl, no quartel-general do OKH, ficaram mudas por um tempo no decorrer da noite —, as "informações" sobre movimentos de tropa na cidade eram colhidas para o outrora poderoso Alto-Comando do Exército no bunker através de telefonemas aleatórios feitos a números coletados na lista telefônica. "Desculpe-me, a senhora viu os russos?", era a pergunta. "Sim", vinha a resposta, "meia hora atrás dois deles estiveram aqui. Faziam parte de um grupo de cerca de doze tanques na encruzilhada."

Apesar da disputa desigual, as tropas regulares — em sua maioria, treinadas de modo insuficiente e mal equipadas, muitas vezes com as últimas reservas de munição — continuavam a combater nas ruas de Berlim. Na noite de 26 de abril, soldados soviéticos já estavam perto da Alexanderplatz, no coração da cidade. A

Chancelaria do Reich, no distrito do governo, sob fogo pesado durante todo o dia, estava agora a menos de dois quilômetros de distância.

Um novo momento de excitação tomou conta dos internos do bunker no início da noite: a chegada inesperada do general da Luftwaffe, cavaleiro Robert von Greim, que estava ferido, e sua charmosa companheira, vinte anos mais moça, a piloto de teste e ás da aviação Hanna Reitsch. Ambos eram admiradores antigos e fervorosos de Hitler. Greim fora chamado dois dias antes a Berlim. Ele e Reitsch tiveram de se arriscar num voo extremamente perigoso a partir de Munique. O general fora ferido no pé quando o Fieseler Storch deles foi atingido por fogo de artilharia no momento em que se aproximavam do centro de Berlim. Reitsch assumiu o comando da aeronave e aterrissou em segurança no Eixo Leste-Oeste. Requisitaram então um carro para levá-los à Chancelaria. Apoiado em Reitsch, Greim entrou mancando no bunker. Ainda não sabia o motivo de sua vinda.

Após Greim fazer uma bandagem no pé, Hitler foi vê-lo e explicou-lhe a convocação. Contou sobre a "traição" de Göring e informou que o estava promovendo a marechal de campo e nomeando-o chefe da Luftwaffe. Tudo isso poderia ter sido feito por telefone, mas Greim tivera de arriscar a vida para receber a notícia pessoalmente. Além disso, ele e Reitsch pareciam agora condenados a terminar suas vidas no bunker. Mas, longe de ficarem furiosos ou deprimidos, ou ambos, Greim e Reitsch sentiram-se felizes. Imploraram para permanecer no bunker com Hitler. Receberam ampolas de veneno, caso o pior acontecesse. Mas Hitler persuadiu Greim de que nem tudo estava perdido. "Apenas não perca a fé", Koller ouviu Greim dizer, quando telefonou ao bunker. "Tudo chegará a um bom termo. O encontro com o Führer e o vigor dele me deram uma energia nova extraordinária. Aqui parece uma fonte da juventude." Koller achou que parecia mais um hospício.

Àquela altura, as sessões de informes eram reduzidas e tinham mudado de caráter. Krebs era agora o único militar de alta patente presente. Goebbels participava desde que passara a morar no bunker. O líder da Juventude Hitlerista Axmann, o general Weidling (responsável pela defesa de Berlim), o vice-almirante Voß (oficial de ligação de Dönitz), o coronel Nicolaus von Below (o ajudante da Luftwaffe de longa data) e o *SS-Brigadeführer* Wilhelm Mohnke, recém-nomeado comandante do quarteirão do governo em Berlim (apelidado de Cidadela), também

estavam presentes.

As discussões da primeira reunião de 27 de abril de início centraram-se nas perspectivas de Wenck abrir caminho. Ele havia chegado aos arredores de Potsdam, mas tinha apenas três divisões à sua disposição. Precisava desesperadamente de reforços. As chances do Nono Exército sitiado de Busse de abrir caminho para se juntar a Wenck eram mínimas. Mas ainda havia esperanças de que tropas sob o comando do general de divisão Rudolf Holste, que estavam a noroeste de Berlim, pudessem abrir caminho para o sul e estabelecer contato com Wenck. O tempo era curto. Krebs disse que havia combates de rua pesados no coração da cidade. Os soviéticos tinham avançado sobre a Alexanderplatz. Teriam em breve a Potsdamer Platz a vista; e era ali que estava situado o bunker. "Que Deus faça Wenck chegar!", implorou Goebbels. "Uma situação terrível me passa pela cabeça", acrescentou, lúgubre. "Wenck está em Potsdam e aqui os soviéticos avançam sobre a Potsdamer Platz!" "E eu não estou em Potsdam, mas na Potsdamer Platz", comentou Hitler laconicamente.

Sua avaliação da situação era realista. As três divisões de Wenck não eram suficientes. Elas talvez servissem para tomar Potsdam, mas eram apenas divisões de infantaria, sem apoio blindado e incapazes de abrir caminho através de unidades de tanques soviéticos. Voß transmitiu entusiasmo. "Wenck chegará aqui, meu Führer! É só uma questão de saber se pode fazer isso sozinho." Foi o suficiente para Hitler cair em novo delírio. "É preciso imaginar. Isso vai se espalhar como um incêndio incontrolável por toda Berlim quando souberem: um Exército alemão rompeu o cerco no oeste e estabeleceu contato com a Cidadela." Ele achava que os soviéticos haviam sofrido grandes perdas, estavam sofrendo ainda mais na intensa luta nas ruas e só podiam jogar mais tropas em posições avançadas expostas. A ideia bastava: ele se convencera de que a situação não estava totalmente preta. As explosões constantes haviam-no mantido acordado em noites recentes, mas ele dormiria melhor naquela noite, disse. Só queria ser acordado "se um tanque russo estiver diante de minha cabine", para que tivesse tempo de fazer o que era necessário.

A segunda reunião do dia começou com Mohnke anunciando que os primeiros tanques inimigos tinham conseguido penetrar até a Wilhelmplatz, no coração dos prédios do governo. Haviam sido rechaçados — naquela ocasião —, mas o tempo

estava se esgotando. Krebs calculou que os residentes do bunker não tinham mais do que 24 a 26 horas; a conexão entre os Exércitos de Wenck e Busse tinha de acontecer nesse período para que houvesse esperança. Em seu íntimo, porém, Hitler sabia que isso não ocorreria. Ele lastimou repetidamente "o erro catastrófico" do Nono Exército, que culpava por ignorar suas ordens e tentar penetrar as linhas soviéticas na direção errada. As débeis esperanças nas forças remanescentes no norte, aquelas de Holste e Steiner (em quem Hitler havia perdido toda a confiança dias antes), também foram abandonadas — se não em sonhos, na realidade.

Apesar de um apelo desesperado de Keitel para concentrar tudo na defesa de Berlim, Jodl havia desviado as unidades, sob pressão de Holste e Steiner, para combater forças soviéticas ao norte da capital. Isso equivalia a desistir de Berlim. Bormann comentou duramente em seu diário, em observações dirigidas à reconhecida relutância de Himmler em utilizar as tropas da SS comandadas por Steiner para ajudar a salvar Berlim: "As divisões que marcham para nos ajudar foram detidas por Himmler-Jodl! *Nós* ficaremos e cairemos com o Führer; leais até a morte. Outros acreditam que têm de agir 'a partir de uma visão mais alta'. Eles sacrificam o Führer, e a falta de lealdade deles — vergonha para eles — está à altura de seus 'sentimentos de honra'".

Hitler e Goebbels caíram em reminiscências, provocadas pelo comentário de Mohnke, sem ironia: "Não realizamos por completo o que queríamos em 1933, meu Führer!". A explicação de Hitler — que dificilmente estivera em sua mente na época — foi que ele havia chegado ao poder cedo demais. Um ano e pouco mais tarde, quando da morte de Hindenburg, teria sido o momento certo. Para fazer uma revolução completa, o velho sistema precisaria ter se revelado totalmente falido. Da forma como as coisas aconteceram, ele fora forçado a fazer acordos com Hugenberg, Schleicher — estranho "acordo", uma vez que o ex-chanceler do Reich havia sido assassinado pelos asseclas de Hitler por ocasião do "caso Röhm" em 1934 — e outros pilares da velha ordem. Na época da morte de Hindenburg, continuou ele, a determinação de se livrar dos conservadores havia diminuído e o trabalho de reconstrução estava em andamento. "Senão, milhares teriam sido eliminados naquela época", declarou. "Isso poderia ter acontecido se eu tivesse chegado ao poder pela vontade expressa do povo" — presumivelmente, uma eleição

presidencial — “ou por meio de um putsch. A gente se arrepende depois de ter sido tão bonzinho”, concluiu.

Isso levou a discussão mais uma vez de volta ao páthos e a uma evocação do “heroísmo”. Hitler ficava em Berlim, em suas palavras, “para que eu tenha mais direito moral de agir contra a fraqueza. [...] Não posso ameaçar constantemente os outros se fugir da capital do Reich na hora crítica. [...] Tive o direito de comandar esta cidade. Agora, devo obedecer aos comandos do destino. Mesmo que pudesse me salvar, não o faria. O capitão também afunda com seu navio”. Voß, previsivelmente, aproveitou a metáfora. Páthos e emoção também tiravam o melhor dele. “Aqui, na Chancelaria do Reich, é como a ponte de comando de um navio”, ruminou de forma implausível. “Uma coisa aqui se aplica a todos. Não queremos ir embora.” (Não obstante, como a maioria dos outros, Voß também procuraria fugir do bunker no último momento.) “Nós estamos juntos. É só uma questão de ser uma comunidade honrada.”

IV

As notícias que chegaram durante o dia dificilmente poderiam ser piores. As tropas de Wenck, sem a ajuda do Nono Exército (cujo cerco era agora aceito como um final anunciado), foram obrigadas a recuar ao sul de Potsdam. Havia um clima de "juízo final" no bunker, aliviado apenas por suprimentos copiosos de bebidas alcoólicas e comida da adega da Chancelaria do Reich. Hitler disse a Below que decidira dar a Weidling, o comandante de Berlim, ordem de evadir-se. Toda a sua equipe deveria ir embora, assim como Goebbels e Bormann. Ele ficaria e morreria na capital. À noite, em meio a notícias piores, mudou de ideia. Uma tentativa de evasão seria inútil. Ele deu a Below uma cápsula de veneno, se a "situação ficasse difícil".

Na terceira reunião de informes do dia, o destino do cercado Nono Exército, com suas onze divisões quase quatro vezes mais fortes do que as forças à disposição de Wenck, levou Hitler de volta, como num long-play que se repete, ao que considerava uma desobediência e deslealdade constantes do Exército. Somente Schörner, comandante do Grupo de Exércitos Centro, foi agraciado com o elogio de ser um "verdadeiro senhor da guerra". Dönitz também era tido em alta conta por cumprir a promessa de mandar unidades navais para a defesa de Berlim e para a proteção pessoal dele. A débil esperança em Wenck ainda não se extinguira totalmente. Mas Hitler já pensava na última defesa da Cidadela, para a qual eram vitais um comando firme e tropas confiáveis. Seu medo de ser capturado veio à tona novamente. Após ouvir a notícia de que tanques inimigos haviam forçado, por um curto período de tempo, a entrada na Wilhelmstraße, ele disse: "Preciso ter certeza absoluta de que não serei arrastado para fora por meio de algum truque astuto de um tanque russo". Para ele, era uma questão de tempo que os soviéticos trouxessem artilharia pesada para bombardear a Cidadela de perto. "Será uma questão então de luta heroica por uma última ilha pequena", comentou. "Se a ajuda não chegar, precisamos ser claros: não é um fim ruim para uma vida cair na luta pela capital de seu Reich."

Nem todos estavam dispostos a participar de um pacto suicida. Hermann Fegelein, o oportunista cínico, mulherengo e fanfarrão que chegara a um alto posto na hierarquia da SS graças ao favor de Himmler e depois selara seus laços com a

"corte" de Hitler por meio de um casamento com a irmã de Eva Braun, havia desaparecido do bunker. Sua ausência foi notada em 27 de abril. E, naquela noite, ele foi descoberto em trajes civis em seu apartamento em Charlottenburg, completamente bêbado e com uma boa quantidade de dinheiro guardado em sacos prontos para partir. Ele telefonou a Eva Braun para pedir que intercedesse. (Na verdade, parece que se sentia mais atraído por Eva Braun do que pela irmã dela, e que, já em seu apartamento, mantivera contato com ela tentando persuadi-la a deixar o bunker antes que fosse tarde demais.) Mas não adiantou. Ele foi arrastado de volta ao bunker em profunda desgraça, teve suas divisas arrancadas, foi rebaixado e mantido numa cela improvisada até que Hitler estivesse pronto para vê-lo.

Nas primeiras horas de 28 de abril, chamadas desesperadas foram feitas do bunker para Keitel e Jodl, pedindo absoluta prioridade para todos os esforços possíveis de ajuda a Berlim. O tempo era fundamental. Achavam que tinham, no máximo, 48 horas. "Se não chegar ajuda nesse tempo, será tarde demais", disse Krebs a Keitel. "O Führer transmite isso de novo!" De Wenck não vinha nada, senão silêncio.

Como de costume, os internados no bunker achavam que sentiam o cheiro de deslealdade e traição. Bormann telegrafou a Puttkamer naquela noite: "Em vez de instigar as tropas que deveriam nos libertar com ordens e apelos, os homens em comando estão silenciosos. A lealdade deu lugar à deslealdade. Nós permanecemos aqui. A Chancelaria do Reich já é um monte de ruínas". Em seu diário, a anotação era de alta traição do país.

Uma hora depois, as suspeitas pareceram se confirmar de forma dramática. Heinz Lorenz apareceu no bunker. Ele acabara de captar uma mensagem da Reuters, enviada pela BBC de Londres e confirmada em Estocolmo. Deu uma cópia a Bormann, que encontrou sentado ao lado de Goebbels e Hewel. Entregou a outra cópia a Linge para que a repassasse a Hitler. A mensagem confirmava uma história perturbadora transmitida pelo noticiário matinal da rádio Estocolmo e informada a Hitler no meio da tarde, à qual de início parecia faltar substância: o *Reichsführer-SS* Heinrich Himmler havia oferecido rendição aos Aliados ocidentais, mas sua oferta fora recusada. De início, Hitler recebera as notícias sobre Himmler acerca da capitulação "com desprezo completo". Havia telefonado imediatamente ao

almirante Dönitz, que disse não saber nada sobre o assunto. Por sua vez, Dönitz entrou em contato com Himmler, que negou categoricamente a informação e recomendou ignorá-la, em vez de divulgar um desmentido pelo rádio. Mas Hitler continuou a ruminar o assunto. Talvez esperasse algo parecido. Sua desconfiança acerca de Himmler havia aumentado nas últimas semanas. Aquilo que considerava uma desobediência de Sepp Dietrich na Hungria e de Feliz Steiner no fracasso da tentativa de ajuda a Berlim mostrava que até os homens da SS lhe eram agora infiéis. Na visão de Below, à medida que o dia avançava, aumentava a amargura de Hitler em relação a Himmler.

E agora tudo se encaixava: a primeira história estava correta e o desmentido de Himmler era uma mentira. Mais do que isso: a notícia da Reuters acrescentava que "Himmler informou aos Aliados ocidentais que poderia implementar uma rendição incondicional e sustentá-la". Isso equivalia a dizer que o *Reichsführer-SS* era agora o chefe de Estado *de facto* e que Hitler não mandava mais. Era uma bomba. Aquilo não poderia ser de forma alguma tolerado. Tratava-se de uma vil traição.

Não sabemos se Hitler tinha informações sobre as tentativas de Himmler de se aproximar das potências ocidentais por intermédio do conde Folke Bernadotte, vice-presidente da Cruz Vermelha sueca e parente próximo do rei da Suécia. Os encontros do *Reichsführer* com Bernadotte datavam de dois meses antes. O *SS-Brigadeführer* Walter Schellenberg, chefe do Serviço de Inteligência Externa no Gabinete Central de Segurança do Reich, havia instigado as reuniões e agira como intermediário. O objetivo inicial de Bernadotte havia sido negociar a libertação de prisioneiros — em particular, escandinavos — dos campos de concentração. Do ponto de vista de Himmler, instado por Schellenberg, Bernadotte oferecia uma abertura possível ao ocidente. Na medida em que a situação militar da Alemanha havia piorado drasticamente, Himmler, ainda hesitante e sob grande tensão nervosa, tornara-se mais bem disposto a gestos de concessão humanitária, a fim de se mostrar pelo melhor ângulo possível. Tal como a maioria dos líderes nazistas, ele buscava sobreviver, em vez de se jogar na pira fúnebre do *Götterdämmerung* de Berlim. Em março, contrariando o desejo de Hitler, ele concordara que os campos de concentração fossem entregues ao inimigo, em vez de destruídos. Havia concedido a libertação de um pequeno número de judeus e outros prisioneiros para serem enviados à Suíça e à Suécia. No início de abril, em sua segunda reunião com

Bernadotte, consentira também em deixar que as mulheres dinamarquesas e norueguesas e os enfermos dos campos fossem levados para a Suécia. Ao mesmo tempo, ainda considerava os prisioneiros dos campos seus "reféns" — peças de barganha para negociações com o ocidente.

Bernadotte deixara de lado a sugestão de Schellenberg — quase certamente instigado por Himmler — de sondar Eisenhower sobre a possibilidade de uma rendição no oeste. Uma proposta desse tipo, dissera o sueco, tinha de vir do próprio *Reichsführer*. Porém, Himmler estava num estado de indecisão crônica e de extrema tensão nervosa. Ele via que a guerra estava irremediavelmente perdida, mas sabia que Hitler levaria consigo a Alemanha para a perdição em vez de capitular. Tal como a maioria dos líderes nazistas, Himmler queria salvar a própria pele — e ainda sonhava em ter algum papel num acordo pós-Hitler. Tão dogmático quanto Hitler na luta contra o bolchevismo, ele alimentava a notável ilusão de que o inimigo poderia fazer vista grossa para sua participação nos monstruosos crimes contra a humanidade graças a seu valor na continuidade da luta contra o inimigo mortal não somente da Alemanha, mas também das potências ocidentais. No entanto, não conseguia se libertar dos laços com Hitler nem mesmo naquele momento. Ainda ansiava pela consideração do líder e ficara aflito com o modo como caíra em descrédito após seu fracasso no comando do Grupo de Exércitos Vístula. Para não mencionar que agora, como antes, tinha medo de Hitler.

Um terceiro encontro com Bernadotte em 21 de abril, em que o *Reichsführer-SS* pareceu esgotado e extremamente nervoso, não resultou em progressos na questão da aproximação com o ocidente. Himmler ainda estava ultracauteloso, sem se dispor a se arriscar em qualquer iniciativa. É possível, como Schellenberg sugeriu depois, que ele já tivesse decidido, na hora do almoço de 22 de abril, que chegara o momento de agir, embora isso pareça duvidoso. O que certamente o convenceu foram as notícias que Fegelein lhe passou por telefone do bunker do Führer, no dia do ataque extraordinário de fúria de Hitler contra a traição vinda de todos os lados — sobretudo da SS, por conta do fracasso de Steiner em lançar a contraofensiva ordenada — e que culminou em seu anúncio de que ficaria e morreria em Berlim. Diante disso, a indecisão de Himmler se evaporou.

Em 23 de abril, o conde Bernadotte concordou, ainda que de forma relutante, com a sugestão de Schellenberg de se encontrar com Himmler por uma quarta vez

naquela noite. A reunião aconteceu no consulado sueco em Lübeck, iluminado por velas devido ao corte de energia. "É muito provável que Hitler já esteja morto", começou Himmler. De todo modo, seu fim não poderia estar mais distante do que alguns dias. Até agora, seu juramento de lealdade o impedira de agir, continuou o *Reichsführer*. Mas com Hitler morto, ou às vésperas da morte, a situação era diferente. Ele agora tinha mãos livres. Não poderia haver rendição para a União Soviética. Ele era e sempre seria o inimigo jurado do bolchevismo. Insistiu que a luta contra o bolchevismo deveria continuar. Mas estava disposto a declarar a derrota da Alemanha para as potências ocidentais e implorava a Bernadotte que transmitisse sua oferta de capitulação ao general Eisenhower, a fim de evitar mais destruição sem sentido. Ainda à luz de velas, Himmler escreveu uma carta que Bernadotte levaria ao ministro do Exterior sueco para ser repassada aos Aliados ocidentais.

Himmler, tal como Göring (embora de modo diferente), havia suposto que o ataque de Hitler em 22 de abril implicava sua efetiva abdicação. Tal como Göring, ele logo seria desenganado dessa pressuposição. Porém, seu instinto imediato, agora que sua decisão estava clara, foi montar um gabinete, inventar o nome de um partido novo (por sugestão de Schellenberg) — o Partido da Concentração Nacional — e refletir se deveria apertar a mão ou se inclinar quando encontrasse Eisenhower. Parece que nunca lhe ocorreu que sua oferta de capitulação pudesse ser recusada. Mas era exatamente isso — quase certo para todos que estavam fora do perímetro do mundo mental isolado dos líderes nazistas naquela conjuntura — que havia acontecido quando, durante a tarde de 28 de abril, vazou a notícia sensacional de que o *Reichsführer-SS* estava disposto a capitular.

Para Hitler, foi a gota d'água. Que seu "fiel Heinrich", cuja SS tinha como lema "Minha honra é lealdade", quisesse apunhalá-lo pelas costas, era o fim. Era a traição de todas as traições. O bunker reverberou uma explosão elementar final de fúria. Todo o seu veneno armazenado recaiu sobre Himmler num último espasmo de raiva fervilhante. Tratava-se, gritou, "da mais vergonhosa traição da história da humanidade".

Quando o ataque amainou, Hitler retirou-se para seus aposentos com Goebbels e Bormann para uma longa discussão. Assim que reapareceu, mandou buscar Fegelein e o submeteu a um terrível ataque verbal. O desaparecimento recente do

homem de confiança de Himmler parecia ter agora um significado sinistro: participar da abjeta traição planejada pelo *Reichsführer-SS*. As suspeitas paranoicas de Hitler tornaram-se incontroláveis. Himmler estava possivelmente tramando assassiná-lo, ou entregá-lo ao inimigo. E Fegelein fazia parte do complô. Por consideração a Eva Braun, sua primeira reação, relativamente leniente à deserção de Fegelein, havia sido mandá-lo como soldado para as tropas de defesa de Berlim comandadas por Mohnke. Mas Günsche e Bormann persuadiram-no a entregá-lo a uma corte marcial, que foi improvisada às pressas. Após as mais simples formalidades, Fegelein foi sumariamente condenado à morte, levado de imediato para fora e alvejado nas costas por um homem do SD antes mesmo que pudesse ser posto diante de um pelotão de fuzilamento. Algumas das pessoas reclusas no bunker ficaram chocadas com o fato de alguém do "círculo íntimo" ser culpado de "traição" e ser liquidado de forma tão peremptória. Para Hitler, era o máximo que ele podia fazer para se vingar do próprio *Reichsführer-SS*.

V

Àquela altura, tropas soviéticas já haviam aberto caminho até a Potsdamer Platz e as imediações da Chancelaria do Reich. Estavam a não mais do que poucas centenas de metros do bunker. Uma interrupção nas comunicações durante grande parte do dia deixara os reclusos no bunker desesperados por notícias do Exército de Wenck (que permanecia encurralado ao sul de Potsdam). No clima predominante dentro do bunker, até o submisso Keitel e o sempre confiável Jodl estavam agora caindo sob suspeita de traição por não providenciar ajuda a Berlim.

Pouco depois da meia-noite, após a execução de Fegelein, Hitler encarregou Greim de mobilizar a Luftwaffe para fazer todos os esforços de ajuda a Wenck por meio de ataques às posições soviéticas que bloqueavam sua rota para Berlim. Era a mais débil entre as débeis esperanças. Ele tinha uma segunda missão para Greim, no mínimo mais importante. Deveria sair de Berlim de avião e ir até onde estava Dönitz, em Plön, para garantir a prisão do traidor Himmler — melhor ainda, sua liquidação imediata. Com essa finalidade, um avião de treinamento Arado 96 recebera ordens de ir de Rechlin a Berlim e, espantosamente contrariando todas as probabilidades, pousar no Eixo Leste-Oeste. Embora manifestassem o desejo de permanecer no bunker com Hitler, Greim, de muletas e longe de estar recuperado do ferimento no pé, e sua companheira Hanna Reitsch aceitaram a missão. Foram levados num veículo blindado até o avião que os esperava perto do Portão de Brandenburgo, conseguiram decolar e, o que é ainda mais notável, atravessar o pesado fogo antiaéreo soviético e chegar a Rechlin, de onde voaram mais tarde para Plön. A perigosa jornada foi inútil. Os poucos aviões que Greim conseguiu enviar para a defesa de Berlim não fizeram a menor diferença. E, quando ele chegou ao quartel-general de Dönitz, o almirante não tinha mais nada a ganhar com a prisão de Himmler, muito menos seu fuzilamento. Até mesmo evitar a morte no bunker não foi consolo para Greim e Reitsch. "É a maior tristeza de nossas vidas não ter tido permissão para morrer com o Führer", disseram em coro alguns dias depois. "Devemos nos ajoelhar em reverência no altar da Pátria e rezar."

Depois que Greim e Reitsch partiram, Hitler ficou mais calmo. Estava na hora de cuidar dos preparativos. Enquanto ele tivera futuro, descartara o casamento. Sua vida, dizia, era devotada à Alemanha. Não havia espaço para uma esposa. Também

era politicamente inconveniente. Ninguém de fora do círculo íntimo deveria saber da existência de Eva Braun. Ela fora forçada a aceitar que não passava de um apêndice, que deveria estar ali quando Hitler quisesse, guardada fora da vista pelo resto do tempo. Mas ela escolhera ir para o bunker e recusara as súplicas do próprio Hitler para ir embora. Comprometera-se com ele para sempre, enquanto os outros desertavam. O casamento agora não lhe custaria nada. Ele decidiu fazê-lo apenas para agradar Eva Braun, para dar-lhe o que ela mais queria num momento em que casar com ele era o destino menos invejável do mundo.

Mais cedo, naquele mesmo dia, Eva Braun dera a entender que aquela seria sua noite de núpcias. Agora, depois da partida de Greim e Reitsch, não muito depois da meia-noite de 29 de abril, num ambiente macabro, com o bunker tremendo devido às explosões nas proximidades, Hitler e Eva Braun trocaram juramentos matrimoniais na sala de conferências, diante de um dos funcionários menores de Goebbels, o conselheiro municipal Walter Wagner, vestido com o uniforme nazista e uma braçadeira da Volkssturm. Ele fora trazido ao bunker para oficiar a bizarra cerimônia. Goebbels e Bormann foram as testemunhas. O restante da equipe esperou do lado de fora para cumprimentar os recém-casados. Seguiram-se champanhe, sanduíches e reminiscências — com uma jovialidade um tanto forçada — de tempos mais felizes.

Logo antes da cerimônia de casamento, Hitler pedira a sua secretária mais jovem, Traudl Junge, para ir com ele até a sala das conferências militares. Era por volta das 23h30 quando ele disse que precisava ditar alguma coisa para ela. A secretária ainda se perguntava do que poderia se tratar àquela hora tardia quando, inclinando-se sobre a mesa, ele começou a ditar suas últimas vontades e testamento.

Começou com um curto testamento particular. Referia-se primeiro ao seu casamento com Eva Braun e a decisão dela de vir para Berlim e morrer a seu lado. Deixava seus bens para o partido — ou, se ele não existisse mais, ao Estado; ainda esperava que sua coleção de pinturas fosse para uma galeria em Linz; e designava Martin Bormann inventariante para que cuidasse que seus parentes e sua equipe de longa data ganhassem alguma recompensa para seu sustento.

Ele chegou então à parte mais significativa. "Este é o meu testamento político", declarou. Traudl Junge parou por um instante, na expectativa. Mas já ouvira tudo

aquilo antes. Suas últimas palavras para a posteridade eram uma peça de pura justificação de si mesmo. A retórica é reconhecível de imediato, reminiscente de *Mein Kampf* e de incontáveis discursos. A ideia central da responsabilidade da "judiaria internacional" pelo sofrimento, morte e destruição na guerra permanecia imutável, mesmo no momento em que ele mesmo encarava a morte. "Não é verdade que eu ou qualquer outra pessoa na Alemanha quisesse a guerra em 1939", ditou. "Ela foi desejada e instigada exclusivamente por aqueles estadistas internacionais que eram de descendência judaica ou trabalhavam para interesses judeus. [...] Séculos se passarão, mas das ruínas de nossas cidades e monumentos culturais se renovará o ódio contra aqueles responsáveis em última instância, aos quais devemos agradecer por tudo: a judiaria internacional e seus ajudantes." A teoria conspiratória continuava imbatível. Ele atribuiu a rejeição de sua proposta, na véspera do ataque à Polônia, em parte aos interesses econômicos de "círculos importantes na política inglesa", em parte à "influência da propaganda organizada pela judiaria internacional".

Vinha então um trecho fundamental — uma referência oblíqua à solução final — relacionado uma vez mais ao cumprimento da "profecia" de 1939:

> Eu também não deixei dúvidas de que, se as nações da Europa quiserem de novo ser consideradas meras carteiras de ações desses conspiradores internacionais do dinheiro e das finanças, então também aquela raça que é realmente culpada dessa luta assassina será chamada a responder: judiaria! Além disso, não deixei ninguém duvidar que dessa vez milhões de filhos dos povos arianos da Europa não morreriam de fome, milhões de homens maduros não sofreriam morte e milhares de mulheres e crianças não seriam queimadas e bombardeadas até a morte em cidades, sem que o verdadeiro culpado tivesse de expiar sua culpa, ainda que por meios mais humanos.

Apesar de todos os seus reveses, continuava ele, a luta de seis anos entraria um dia para a história como "a mais gloriosa e valente manifestação da vontade de existir de uma nação". Ele próprio não podia abandonar Berlim. As forças que ali estavam eram pequenas demais para deter o inimigo e — o inevitável ataque lateral aos que supostamente o haviam traído — "nossa própria resistência é gradualmente desvalorizada por indivíduos iludidos e sem caráter". Ele escolheria a morte no momento apropriado.

De novo, dava uma indicação de seu medo do que via como o poder ainda dominante dos judeus. "Não quero cair nas mãos de inimigos que, para a diversão

de suas massas incitadas, precisarão de um espetáculo arranjado por judeus."

Do sacrifício dos soldados e de sua morte ao lado deles emergiria finalmente um renascimento do nacional-socialismo, sustentava ele. E terminava com uma exortação a continuar a luta. Pedia aos chefes das Forças Armadas para instilar o espírito do nacional-socialismo nas tropas. Nem mesmo naquele momento, seu velho bode expiatório, o corpo de oficiais do Exército, saía ileso: "Que venha em algum momento fazer parte do conceito de honra do oficial alemão — como já é o caso em nossa Marinha — que a rendição de um distrito ou cidade é impossível e que, sobretudo, os líderes devem proceder aqui como um exemplo brilhante do cumprimento mais fiel de seu dever até a morte".

Na segunda parte de seu testamento, Hitler tratou da charada da designação de um governo sucessor para o que restava do Reich. O tom era vingativo. Göring e Himmler estavam formalmente expulsos do partido e de todos os seus cargos em virtude do dano que haviam causado por meio das negociações com o inimigo "sem meu conhecimento e contra a minha vontade", por tentar tomar o poder no Estado e por deslealdade a sua pessoa. Tampouco havia lugar no novo governo para Speer. O novo chefe de Estado e das Forças Armadas seria o almirante Dönitz — à primeira vista nenhuma grande surpresa, considerando seu alto prestígio junto a Hitler na fase final da guerra e, em particular, a responsabilidade que recebera dias antes pelos negócios do partido e do Estado, bem como pelos assuntos militares no norte do país. No entanto, Dönitz não herdaria o título de Führer; ele seria presidente do Reich, título abandonado em 1934, depois da morte de Hindenburg, e reinventado agora. Goebbels, que pressionava havia tempos para obter o controle pleno dos assuntos internos, teve sua lealdade recompensada ao ser designado chanceler de um Reich que quase nem existia mais. Bormann, outro que havia provado sua fidelidade, passava a ser ministro do partido. Goebbels — que, com Bormann, trazia para Fräulein Junge os nomes de mais ministros para incluir na lista — provavelmente maquinou a demissão, naquele momento tardio, de seu velho adversário Ribbentrop e sua substituição no Ministério do Exterior por Arthur Seyß-Inquart. O general preferido de Hitler, Schörner, seria o comandante em chefe do Exército, enquanto o *Gauleiter* Karl Hanke, que ainda mantinha Breslau, substituiria Himmler como *Reichsführer-SS* e chefe da polícia alemã. O duro *Gauleiter* de Munique, Paul Giesler, foi designado ministro do Interior,

enquanto Karl-Otto Saur substituía Speer no Ministério dos Armamentos. O cargo inútil de ministro da Propaganda ficaria com o secretário-geral de Goebbels, Werner Naumann. Permaneciam em seus postos Schwerin-Krosigk (Finanças), Funk (Economia), Thierack (Justiça) e Herbert Backe (Agricultura). Hitler encarregou-os de dar andamento à tarefa — "o trabalho dos próximos séculos" — de construir um Estado nacional-socialista. E o testamento político concluía: "Sobretudo, encarrego a liderança da nação e seus súditos de manter uma meticulosa observância das leis sobre raça e da resistência impiedosa ao envenenador universal de todos os povos, a judiaria internacional".

Já passava das quatro da madrugada quando Goebbels, Bormann, Burgdorf e Krebs assinaram o testamento político e Nicolaus von Below acrescentou sua assinatura ao testamento particular.

Hitler, com aspecto cansado, retirou-se para repousar. Havia concluído sua ordem derradeira sobre o Terceiro Reich. Restava apenas o ato final de autodestruição.

Para Fräulein Junge, no entanto, seus deveres de secretária ainda não tinham acabado. Logo após Hitler ter se retirado, Goebbels, num estado altamente emotivo, pálido, lágrimas escorrendo pelo rosto, apareceu na antessala onde ela terminava seu trabalho. Pediu-lhe para acrescentar seu próprio arremate à última vontade do Führer. Disse que Hitler lhe ordenara deixar Berlim, como membro do novo governo. Mas, "se o Führer estiver morto, minha vida não tem sentido", disse à secretária. De todos os líderes nazistas, ele era o único que durante semanas tinha avaliado com algum realismo as perspectivas militares, evocara muitas vezes as imagens de heroísmo, tendo em vista seu lugar no panteão dos heróis teutônicos, e, por conseguinte, trouxera esposa e filhos para morrer ao lado de seu adorado Líder num ato final de *Nibelungentreue*. Foi, portanto, com absoluta coerência que ele ditou: "Pela primeira vez em minha vida, devo me recusar categoricamente a obedecer a uma ordem do Führer". A esposa e os filhos estavam juntos nessa recusa. Ele perderia todo o respeito por si mesmo — independente das exigências de lealdade pessoal — se "deixasse o Führer sozinho nessa hora da maior necessidade". A traição estava em sua mente, assim como na de seu senhor. Ele fez Fräulein Junge datilografar: "No delírio de traição, que cerca o Führer nestes dias cruciais da guerra, houve ao menos alguns que permaneceram incondicionalmente

fiéis a ele, mesmo até a morte, ainda que isso contradiga uma ordem formal e bem fundada na realidade que encontra expressão em seu testamento político". Em consequência, ele, a esposa e os filhos (os quais, se tivessem idade suficiente para julgar, estariam de acordo) estavam firmemente decididos a não deixar a capital do Reich "e ao lado do Führer terminar uma vida que para mim pessoalmente não tem mais valor se não puder ser usada a serviço do Führer e ao seu lado". Eram 5h30 quando esse último ato do drama noturno terminou.

VI

O estado de ânimo no bunker caiu abaixo de zero. O desespero estava escrito no rosto de cada um. Todos sabiam que era apenas uma questão de horas para que Hitler se matasse e se perguntavam o que o futuro reservaria para eles após sua morte. Falou-se muito sobre os melhores métodos de se suicidar. Secretárias, ajudantes e quem mais quisesse tinham ganhado do dr. Ludwig Stumpfegger, o cirurgião da SS que entrara para a "corte" em outubro de 1944, ampolas de metal com ácido cianídrico. A paranoia de Hitler agora provocava dúvidas sobre as cápsulas. Em anos recentes, ele havia demonstrado mais afeição por sua cadela Blondi do que por qualquer ser humano, inclusive, provavelmente, Eva Braun. Agora que o fim se aproximava, mandou testar o veneno no animal. O médico Werner Haase foi chamado de seus deveres no abrigo antiaéreo construído sob o prédio da nova Chancelaria. Pouco antes da reunião de informações do meio-dia de 29 de abril, com a ajuda do sargento Fritz Tornow, que cuidava da cadela de Hitler, ele abriu à força a boca do animal e esmagou dentro dela uma cápsula de acido cianídrico com um alicate. A cadela tombou de imediato no chão. Hitler não estava presente. Porém, entrou na sala logo depois. Lançou um olhar de alguns segundos para o animal morto e depois, com o rosto impassível, saiu sem dizer nada e trancou-se em seu quarto.

A comunidade do bunker continuava encolhendo. Três emissários — o ajudante de Bormann, *SS-Standartenführer* Wilhelm Zander, o ajudante para o Exército de Hitler, major Willi Johannmeier, e o chefe de imprensa interino Heinz Lorenz — haviam partido naquela manhã na missão perigosa e inútil de entregar cópias do testamento a Dönitz, Schörner e na Casa Parda, a sede do Partido Nazista em Munique. Àquela altura, as comunicações telefônicas normais haviam sido interrompidas, mas os fios telegráficos da Marinha e do partido continuaram funcionando, com dificuldades, até o fim. Mensageiros trouxeram notícias de que as tropas soviéticas estavam a não mais de quatrocentos ou quinhentos metros da Chancelaria do Reich. O comandante de Berlim, general Weidling, informou Hitler que elas haviam iniciado um ataque concentrado à Cidadela e a resistência só se sustentaria por pouco tempo. Três jovens oficiais, o major Bernd von Loringhoven (ajudante de Krebs), seu amigo Gerhard Boldt (o ordenança do Estado-Maior) e o

tenente-coronel Rudolf Weiß (ajudante do general Burgdorf) decidiram tentar uma última chance de escapar de seu predestinado túmulo. Convenceram Krebs de que deveriam tentar atravessar as linhas inimigas para chegar a Wenck. Hitler concordou após a conferência do meio-dia e, enquanto apertava as mãos dos oficiais, disse: "Mandem minhas lembranças a Wenck. Digam-lhe que se apresse ou será tarde demais".

Naquela tarde, Below, que era membro da "família" de Hitler desde 1937, também decidiu tentar sua sorte. Perguntou a Hitler se permitia que tentasse atravessar para oeste. Hitler concordou de imediato. Below partiu no fim da noite, levando uma carta de Hitler a Keitel, que, segundo as lembranças de Below (a própria carta foi destruída), repetia seu elogio à Marinha, a atribuição da culpa do fracasso da Luftwaffe exclusivamente a Göring e sua condenação do Estado-Maior, da deslealdade e da traição que haviam solapado por tanto tempo seus esforços. Ele não podia acreditar que o sacrifício do povo alemão fora em vão. O objetivo ainda tinha de ser a conquista de território no Leste.

Naquele momento, Hitler já sabia que Mussolini fora capturado e executado por guerrilheiros italianos. Não sabemos se lhe contaram os detalhes — como Mussolini fora pendurado de cabeça para baixo numa praça de Milão, junto com sua amante Clara Petacci, e apedrejado por uma multidão. Se ficou sabendo de tudo, isso só pode ter confirmado sua ansiedade em tirar a própria vida antes que fosse tarde demais, e evitar que seu corpo fosse tomado pelos inimigos. Durante a conferência da noite, o general Weidling dissera que os russos chegariam à Chancelaria do Reich antes de 1o de maio. Restava pouco tempo.

Não obstante, Hitler fez uma última tentativa de avaliar as possibilidades de ajuda, mesmo naquela hora tardia. Sem nenhuma notícia sobre o avanço (ou falta de) de Wenck, ele telegrafou a Jodl, que estava no mais recente quartel-general do OKW, em Dobbin, às onze da noite, fazendo cinco perguntas lacônicas: onde estavam as pontas de lança de Wenck, quando viria o ataque, onde estava o Nono Exército, onde estavam as tropas de Holste e para quando poderia esperar o ataque *deles*.

A resposta de Keitel chegou pouco antes das três da madrugada de 30 de abril: o Exército de Wenck ainda estava lutando ao sul do lago Schwielow, nos arredores de Potsdam, e não tinha condições de continuar seu avanço na direção de Berlim. O

Nono Exército estava cercado. Holste fora obrigado a cair na defensiva. Abaixo do informe, Keitel acrescentou: "Ataques a Berlim sem avanço em nenhum lugar". Estava claro para além de qualquer equívoco: não haveria ajuda à capital do Reich.

Na verdade, Hitler já desistira. Antes das duas da madrugada, havia dito adeus a um grupo de vinte ou 25 servidores e guardas. Mencionou a traição de Himmler e lhes disse que decidira tirar a própria vida em vez de ser capturado pelos russos e posto em exibição como numa exposição de museu. Apertou a mão de cada um deles, agradeceu seus serviços, liberou-os do juramento de fidelidade e desejou que conseguissem chegar aos ingleses ou americanos, em vez de cair nas mãos dos russos. Depois, realizou a mesma cerimônia de adeus com seus dois médicos, Haase e Schenck, e com as enfermeiras e assistentes que haviam trabalhado no hospital de emergência montado sob o prédio da nova Chancelaria.

Ao amanhecer, a artilharia soviética abriu um bombardeio intenso contra a Chancelaria do Reich e prédios vizinhos. Hitler perguntou logo depois ao comandante da Cidadela, *SS-Brigadeführer* Mohnke, por quanto tempo ele poderia resistir. Um ou dois dias no máximo, foi a resposta. Na última reunião de informações, no final da manhã, o general Weidling, comandante de Berlim, foi ainda mais pessimista. A munição estava acabando depressa; os suprimentos pelo ar haviam acabado e um reabastecimento estava fora de questão; o moral estava no fundo do poço; os combates se travavam agora numa área muito pequena da cidade. Com toda a probabilidade, a batalha por Berlim acabaria naquela noite. Após um longo silêncio, Hitler, com voz cansada, pediu a opinião de Mohnke. O comandante da Cidadela concordou. Hitler ergueu-se pesadamente de sua cadeira. Weidling pediu-lhe uma decisão: se, no caso de uma falta total de munição, os soldados remanescentes poderiam tentar escapar. Hitler falou brevemente com Krebs, depois deu permissão — que confirmou por escrito — para uma fuga a ser tentada em pequenos grupos. Como antes, rejeitava enfaticamente uma capitulação da capital.

Por volta do meio-dia, mandou buscar Bormann. Disse-lhe que chegara o momento: ele se mataria com um tiro naquela tarde. Eva Braun também se suicidaria. Seus corpos deveriam ser queimados. Chamou então seu ajudante pessoal, *SS-Sturmbannführer* Otto Günsche. Disse que não queria ser exposto em algum museu de cera de Moscou. Encarregou Günsche de tomar providências para

a cremação e para garantir que fosse executada conforme suas instruções. Estava calmo e controlado. Günsche, menos calmo, correu imediatamente para telefonar ao motorista de Hitler, Erich Kempka, a fim de obter o máximo de gasolina possível. Inculcou-lhe a urgência da missão. Os soviéticos podiam chegar ao jardim da Chancelaria a qualquer momento.

Como de hábito, Hitler almoçou por volta da uma da tarde com suas secretárias Traudl Junge e Gerda Christian e sua nutricionista Fräulein Manziarly. Eva Braun não estava presente. Hitler estava sereno, sem deixar transparecer que sua morte era iminente. Pouco depois do almoço, Günsche disse às secretárias que Hitler queria se despedir delas. Elas se uniram a Martin Bormann, Joseph e Magda Goebbels, os generais Burgdorf e Krebs e outros membros do "círculo interno" da comunidade do bunker. Parecendo mais curvado do que nunca, vestido como sempre com seu casaco do uniforme e calças pretas, Hitler apareceu ao lado de Eva Braun, que usava um vestido azul com enfeites brancos. Ele estendeu a mão a cada um deles, murmurou algumas palavras e em poucos minutos, sem outras formalidades, retornou ao seu estúdio.

Eva Braun foi para o quarto de Magda Goebbels com ela. Magda, a quem três dias antes Hitler dera sua insígnia de ouro do partido, numa demonstração de estima por uma de suas mais fervorosas admiradoras, estava em lágrimas. Tinha consciência de que não se tratava apenas do fim do Führer que ela reverenciava, mas também de que, em horas, ela tiraria a vida de seus seis filhos, que ainda brincavam alegremente pelos corredores do bunker. Muito agitada, Magda reapareceu e perguntou a Günsche se poderia falar com Hitler de novo. O Führer, meio contra a vontade, foi ver a mulher de Goebbels, que lhe implorou uma derradeira vez para que saísse de Berlim. A resposta foi previsível e fria. Em um minuto, ele voltou a seu estúdio pela última vez. Eva Braun seguiu-lhe quase imediatamente. Passava pouco das 15h30.

Nos minutos seguintes, Goebbels, Bormann, Axmann (que chegara tarde demais para se despedir de Hitler) e os outros membros da comunidade do bunker esperaram. Günsche ficou de guarda junto à porta do quarto de Hitler. O único ruído que se ouvia era o zumbido do ventilador a diesel. Na parte de cima do bunker, Traudl Junge conversava com as crianças de Goebbels enquanto elas lanchavam.

Após esperar cerca de dez minutos, ainda sem ouvir um som no quarto de Hitler, Linge tomou a iniciativa. Levou Bormann com ele e cautelosamente abriu a porta. No estúdio apertado, Hitler e Eva Braun estavam sentados um ao lado do outro no pequeno sofá. Eva Braun estava caída à esquerda de Hitler. Um forte odor de amêndoas amargas — o cheiro característico do ácido cianídrico — emanava de seu corpo. A cabeça de Hitler pendia sem vida. Escorria sangue de um buraco de bala em sua têmpora direita. Sua pistola Walther 7,65 milímetros jazia aos seus pés.

Epílogo

I

Hitler estava morto. Restavam apenas as últimas exéquias. Elas não deteriam os habitantes do bunker por muito tempo. O homem que, quando vivo, havia dominado a existência deles até o fim era agora um mero cadáver do qual deveriam se livrar o mais rápido possível. Com os russos às portas da Chancelaria do Reich, os reclusos no bunker tinham em mente outros pensamentos além de seu líder morto.

Poucos minutos depois da confirmação das mortes, os corpos de Adolf Hitler e de sua esposa de um dia e meio Eva Braun foram enrolados em cobertores obtidos rapidamente por Heinz Linge, o criado pessoal do Führer. Os cadáveres foram então retirados do sofá e levados pelo bunker e pelos quase oito metros de escadas até o jardim da Chancelaria do Reich. Linge, ajudado por três guardas da SS, carregou o corpo de Hitler, a cabeça coberta pelo cobertor e a parte inferior das pernas aparecendo. Martin Bormann levou o corpo de Eva Braun até o corredor, onde o motorista Erich Kempka o aliviou do fardo. Otto Günsche, o ajudante pessoal de Hitler encarregado de supervisionar a queima dos corpos, assumiu nas escadas e levou Eva Braun até o jardim. Depositou os corpos lado a lado, com Eva Braun do lado direito de Hitler, sobre um pedaço de terreno plano, aberto e arenoso, distante apenas três metros da porta do bunker. Era impossível procurar um lugar mais adequado. Até mesmo aquele ponto, perto da porta do bunker, era

extremamente perigoso, uma vez que continuava a cair uma chuva de obuses soviéticos em toda a área, inclusive no próprio jardim. O general Hans Krebs, último chefe do Estado-Maior de Hitler, Wilhelm Burgdorf, seu ajudante da Wehrmacht, Joseph Goebbels, recém-designado chanceler do que restava do Reich, e Martin Bormann, recém-nomeado ministro do partido, seguiram o pequeno cortejo e participaram do extraordinário funeral, testemunhando a cena macabra.

Uma boa quantidade de gasolina fora reunida no bunker. A pedido de Günsche, Kempka conseguira até duzentos litros. Havia mais, armazenada na casa de máquinas do bunker. A gasolina foi rapidamente jogada sobre os corpos. Porém, enquanto o bombardeio continuava, revelou-se difícil acender a pira funérea com os fósforos fornecidos por Goebbels. Günsche estava prestes a tentar com uma granada quando Linge achou um pouco de papel para fazer uma tocha. Bormann conseguiu finalmente acendê-la e ele ou Linge jogaram-na sobre a pira, recuando imediatamente para a segurança da entrada da porta. Alguém fechou a porta do bunker, deixando aberta apenas uma pequena fresta através da qual foi possível ver uma bola de fogo crescer em torno dos cadáveres embebidos em gasolina. Depois de uma breve saudação final com os braços erguidos de "Heil Hitler", o minúsculo grupo apressou-se a descer para o bunker, longe do perigo dos obuses. Enquanto as chamas consumiam os corpos num cenário apropriadamente infernal, o fim do líder cuja presença, poucos anos antes, eletrizava milhões não foi testemunhado por nem um único de seus seguidores, inclusive os mais próximos.

Nem Linge, nem Günsche, os dois homens encarregados por Hitler de se desfazerem dos corpos, retornaram para ter certeza de que a tarefa estava completa. Um dos guardas no jardim da Chancelaria, Hermann Karnau, testemunhou depois que, quando voltou ao local da cremação, os corpos haviam sido reduzidos a pouco mais que cinzas, que desabaram quando ele as tocou com o pé (mas, tal como várias testemunhas que estavam no bunker, ele deu versões contraditórias em momentos diferentes). Outro guarda, Erich Mansfeld, lembrou que vira a cena com Karnau por volta das seis da tarde. Karnau lhe havia gritado que estava tudo acabado. Quando se aproximaram juntos, encontraram dois corpos encolhidos, transformados em carvão, irreconhecíveis. O próprio Günsche contou que, cerca de meia hora depois de retornar da cremação, encarregou dois homens da SS do Pelotão de Escolta do Führer (Führerbegleitkommando), o

Hauptsturmführer Ewald Lindloff e o *Obersturmführer* Hans Reisser, de providenciar o enterro dos restos mortais. Mais tarde, Lindloff informou que havia cumprido a ordem. Disse que os corpos já tinham sido completamente queimados e estavam num "estado chocante", despedaçados — Günsche presumia — pelo pesado bombardeio do jardim. O envolvimento de Reisser não fora necessário, pois, uma hora e meia depois de receber a ordem, Günsche lhe contou que Lindloff já havia se encarregado de tudo. Não passava então das 18h30 de 30 de abril.

Sobrara pouco de Hitler e Eva Braun para Lindloff dar sumiço. Os poucos restos mortais juntaram-se aos inúmeros outros corpos inidentificáveis (ou partes deles), alguns provenientes do hospital sob a nova Chancelaria, que haviam sido jogados nas crateras abertas por bombas nos arredores da saída do bunker nos dias anteriores. O intenso bombardeio, que continuou por cerca de mais 24 horas, serviu para destruir e espalhar os restos humanos esparramados pelo jardim da Chancelaria.

Quando os vitoriosos soviéticos chegaram ali em 2 de maio, imediatamente deram início a uma busca vigorosa dos corpos de Hitler e Eva Braun. Nove dias depois, mostraram ao protético Fritz Echtmann, que trabalhara para o dr. Johann Hugo Blaschke, dentista de Hitler desde 1938, parte de um osso maxilar e duas pontes. Com base em seus arquivos, ele conseguiu identificar uma das pontes como sendo de Hitler e a outra, de Eva Braun. O osso do maxilar inferior também era de Hitler. Esses restos do outrora todo-poderoso dirigente da Alemanha foram posteriormente levados para Moscou e mantidos numa caixa de charutos. Parte de um crânio com uma perfuração à bala, descoberto em 1946, foi igualmente levada para Moscou, sob a suposição de que também era de Hitler. Os outros supostos restos mortais de Hitler e Eva Braun — ainda não está claro o que os soviéticos acharam exatamente — foram depositados num túmulo não identificado numa floresta distante de Berlim, enterrados de novo em 1946 num terreno em Magdeburg e, depois, finalmente exumados e queimados em 1970.

II

Os habitantes do bunker estavam finalmente livres para pensar em sua própria sobrevivência. Os corpos ainda queimavam no jardim da Chancelaria e eles já haviam esquecido seus juramentos de autoimolação ao lado do líder e concordavam em fazer o que ele sempre descartara: buscar um acordo de última hora com a União Soviética. Um emissário portando uma bandeira branca foi enviado para tentar marcar um encontro do general Krebs (que, como ex-adido militar em Moscou, tinha a vantagem de falar fluentemente russo) com o marechal Júkov. Às dez horas daquela noite, Krebs atravessou as linhas soviéticas levando uma carta de Goebbels e Bormann.

Foi uma noite nervosa para os que estavam encarcerados no bunker. E quando Krebs voltou, por volta das seis horas da manhã seguinte, foi só para anunciar que os soviéticos insistiam numa rendição incondicional e exigiam uma declaração nesse sentido até as quatro da tarde daquele dia, 1o de maio.

Era o fim. Era a hora dos preparativos finais — de acordo com o único princípio remanescente do salve-se quem puder. Às 10h53, um telegrama para Dönitz chegou a Plön: "Testamento em vigência. Irei até você o mais rápido possível. Até então, em minha opinião, segure a divulgação. Bormann". No início daquela manhã, mais de nove horas depois da cena grotesca no jardim da Chancelaria, o almirante, acreditando que Hitler ainda estivesse vivo, telegrafara uma expressão de sua lealdade incondicional ao bunker. Somente agora percebia que Hitler estava morto. Isso foi confirmado por outro telegrama — o último a sair do bunker — ditado por Goebbels e que chegou a Plön às 15h18 daquele dia. Nem a Wehrmacht nem o povo alemão sabiam da morte de Hitler. Quando finalmente foram informados, sete horas depois, numa transmissão pelo rádio feita às 22h26 daquela noite, foi tipicamente com uma dupla distorção da verdade: que Hitler morrera naquela tarde — havia sido no dia anterior — e que sua morte ocorrera em combate "em seu posto na Chancelaria do Reich, enquanto lutava até o último suspiro contra o bolchevismo". Em sua declaração à Wehrmacht, Dönitz falou da "morte heroica" do Führer. O informe da Wehrmacht declarava que ele havia caído "à frente dos heroicos defensores da capital do Reich". O atraso em informar Dönitz ocorrera claramente para permitir a Bormann e Goebbels a chance final de

uma rendição negociada ao Exército Vermelho sem consultar o novo chefe de Estado. A mentira retransmitida por Dönitz à Wehrmacht e ao povo alemão era para evitar uma reação previsível das tropas, se soubessem do suicídio, ao fato de que o Führer os abandonara no fim. De fato, foi exatamente essa a mensagem que o general Helmuth Weidling, o comandante de Berlim, transmitiu aos seus soldados quando lhes ordenou que cessassem a luta, nas primeiras horas de 2 de maio. "Em 30/4/45, o Führer tirou sua própria vida e assim abandonou aqueles que lhe haviam jurado lealdade", dizia a ordem. "Por determinação do Führer, vocês acreditam que ainda devem lutar por Berlim, embora a falta de armas pesadas e munição e a situação geral mostrem que a luta é inútil. [...] De acordo com o Alto-Comando das tropas soviéticas, portanto, eu ordeno que cessem a luta imediatamente."

Àquela altura, o drama no bunker havia finalmente acabado. A maioria dos que ainda estavam sob a Chancelaria do Reich passou a tarde e a noite de 1o de maio planejando a fuga. Goebbels não estava entre eles. Ao lado da esposa, tomava providências para o suicídio deles — e para tirar a vida de seus seis filhos. No início da noite, Magda chamou Helmut Gustav Kunz, ajudante do médico-chefe da SS na Chancelaria, e pediu-lhe para dar em cada um de seus filhos — Helga, Hilde, Helmut, Holde, Hedda e Heide, com idades entre quatro e doze anos — uma injeção de morfina. Por volta das 20h40, Kunz executou a tarefa. Depois que caíram no sono provocado pela droga, o dr. Ludwig Stumpfegger, o próprio médico de Hitler no final, esmagou uma ampola de ácido cianídrico na boca de cada uma das crianças.

Mais tarde, quando Wilhelm Mohnke, comandante da Cidadela, deu ordens para a fuga em massa do bunker, Goebbels instruiu seu ajudante Günther Schwägermann para cuidar da cremação do corpo dele e de Magda. Deu-lhe de lembrança uma fotografia de Hitler emoldurada em prata, que durante muitos anos estivera sobre sua escrivaninha. Então, ele e a esposa, depois de se despedirem rapidamente, subiram as escadas até o jardim da Chancelaria e morderam as cápsulas de ácido cianídrico. Um ordenança da SS deu dois tiros nos corpos por segurança. Havia muito menos gasolina disponível para a cremação do que fora economizado para queimar os corpos de Hitler e Eva Braun. As tropas soviéticas tiveram pouca dificuldade para identificar os cadáveres quando entraram no jardim

da Chancelaria no dia seguinte.

Krebs, Burgdorf e Franz Schädle, chefe do Pelotão de Escolta do Führer, também optaram por acabar com suas vidas antes da chegada dos russos. Os outros arriscaram a sorte naquela noite, numa fuga em massa, empreendida em grupos. O túnel subterrâneo da ferrovia levou-os até a estação da Friedrichstraße, a algumas centenas de metros ao norte da Chancelaria do Reich. Mas, uma vez na superfície, no inferno em chamas de Berlim, com bombas caindo por toda parte, a confusão tomou conta deles. Os grupos se dividiram no caos. Cada um aproveitou a chance que surgia. Alguns, entre eles as secretárias Gerda Christian, Traudl Junge e Else Krüger, conseguiram incrivelmente abrir caminho para o oeste. A maioria, entre eles Otto Günsche e Heinz Linge, caíram em mãos soviéticas e passaram anos de miséria e maus-tratos em prisões de Moscou. Outros foram mortos quando buscavam uma rota para se salvar, ou tomaram a última decisão que lhes restava. Entre estes, estavam o braço direito de Hitler durante a guerra, Martin Bormann, e seu médico, Ludwig Stumpfegger. Ambos perderam a esperança de escapar e, para não cair em mãos soviéticas, engoliram veneno nas primeiras horas de 2 de maio de 1945 na Invalidenstraße de Berlim.

III

Fora de Berlim, as ordens finais sobre o Terceiro Reich começavam a ser cumpridas. Mas, sediado em Flensburg, no norte de Schleswig-Holstein, o novo regime de Dönitz as executava com grande relutância e sob a evidente coerção da situação militar irremediável. Ao final da Primeira Guerra Mundial, por mais desastrosa que tivesse sido a derrota, fora possível salvar a existência do Reich e do Exército alemão. A base para as esperanças de um renascimento nacional fora estabelecida. Dönitz agarrou-se à ilusão de que isso poderia ser obtido uma segunda vez. Mesmo naquela hora tardia, ele esperava evitar a rendição total e incondicional em todos os fronts, mediante a oferta de capitulação parcial no oeste. Com isso, pretendia sustentar, com o apoio ocidental, o Reich alemão para formar uma frente comum contra o bolchevismo, ao lado das potências do ocidente. Para isso, ele precisava ganhar tempo — permitindo também o recuo do maior número possível de tropas da Wehrmacht, ainda engajadas em combates virulentos contra o Exército Vermelho, para o oeste. Desse modo, Dönitz estava disposto a sancionar a capitulação alemã no norte da Itália em 2 de maio, que já fora objeto de acordo entre o ex-braço direito de Himmler, Karl Wolff, e o chefe da agência precursora da CIA norte-americana, a OSS, Allen Dulles, no dia anterior ao suicídio de Hitler. Em 4 de maio, ele também concedeu, com relutância, mais uma capitulação parcial, que envolvia as tropas alemãs no noroeste da Alemanha, na Holanda e na Dinamarca. No sul, onde os americanos alcançaram Munique no dia da morte de Hitler, Innsbruck em 3 de maio e Linz — a cidade natal de Hitler — quatro dias depois, Kesselring negociou a rendição das divisões alemãs nos Alpes setentrionais no dia 5 e, na Áustria, no dia 7 de maio. Dönitz, no entanto, não incluiu na capitulação parcial as tropas alemãs mais a leste, que ainda lutavam na Iugoslávia.

A esperança do almirante de resgatar os remanescentes do Reich de Hitler era visível em sua escolha de gabinete. Embora rejeitasse as tentativas de Himmler para ser incluído e desse as costas também a Ribbentrop, ele manteve vários membros do antigo gabinete, entre eles Albert Speer, enquanto os negócios estrangeiros e a direção do gabinete eram postos nas mãos do antigo ministro das Finanças, Schwerin von Krosigk, o qual, presumia-se, parecia isento dos piores crimes do nazismo. Não fez mudanças no Alto-Comando da Wehrmacht. Os esteios de Hitler

— Keitel e Jodl — permaneceram em seus postos. O Partido Nazista não foi dissolvido nem proibido. Retratos de Hitler ainda adornavam as paredes dos gabinetes do governo em Flensburg. Uma das poucas concessões que Dönitz fez foi a reintrodução da saudação militar na Wehrmacht para substituir o "Heil Hitler". Mas os tribunais militares continuaram a decretar sentenças de morte mesmo quando os últimos ritos fúnebres do Terceiro Reich eram pronunciados.

A tática empregada por Dönitz teve sucesso ao menos para evitar que cerca de 1,8 milhão de soldados alemães caíssem prisioneiros dos soviéticos através da rendição aos Aliados ocidentais — embora ao alto custo de manter o derramamento de sangue e o sofrimento antes que a guerra pudesse ser finalmente encerrada. Embora desde 1941 a frente oriental fosse o principal teatro da guerra, menos de um terço dos 10 milhões de prisioneiros de guerra alemães caíram em mãos soviéticas. Mas, naquele estágio tardio, a pretensão de Dönitz de uma capitulação parcial a fim de conquistar o ocidente para a defesa contra o bolchevismo não surtiu efeito junto aos líderes aliados. Quando seu enviado (e sucessor na chefia do comando da Marinha), almirante Hans-Georg von Friedeburg, viajou com uma delegação até Rheims, onde estava o quartel-general de Eisenhower, na esperança de selar um acordo com os Aliados ocidentais que equivaleria a uma capitulação ao ocidente, mas não à União Soviética, Eisenhower não quis saber de nada daquilo. Ele insistiu numa rendição total e incondicional em todas as frentes. Desse modo, Dönitz enviou Jodl a Rheims numa missão aparentemente igual — persuadir o ocidente a aceitar a rendição alemã, mas evitar a capitulação total — embora dessa vez com poderes para concordar com uma capitulação completa (após autorização final de Flensburg) e instruções para ganhar o máximo de tempo — pelo menos quatro dias — a fim de trazer de volta a maior unidade de combate alemã ainda em luta, o Grupo de Exércitos Centro, através das linhas americanas. Eisenhower permaneceu irredutível. Insistiu em que a capitulação fosse assinada naquele mesmo dia, 6 de maio, com entrada em vigência a partir da meia-noite do dia 9, e ameaçou renovar os ataques aéreos se não fechassem logo o acordo. Jodl ganhou meia hora para pensar sobre o assunto. Após dificuldades de comunicação com Flensburg, Dönitz, sem alternativa, concedeu finalmente sua autorização nas primeiras horas da madrugada. Às 2h41 do dia 7 de maio, na presença de representantes das quatro potências aliadas, a capitulação foi

assinada, estipulando um fim completo de todos os envolvimentos militares alemães até o final do dia seguinte.

O documento assinado era, no entanto, uma versão resumida do texto original da rendição, acordado por todos os Aliados. Com efeito, foi considerado pela liderança do OKW "não final", a ser substituído por um "tratado geral de capitulação" ainda não assinado. Enquanto isso, fora emitida a ordem de trazer de volta para o oeste o máximo de tropas no menor tempo possível, a fim de renderem-se aos britânicos e americanos. Por insistência de Stálin, representantes dos Aliados reuniram-se mais uma vez, em 9 de maio, pouco depois da meia-noite, dessa vez em Karlshorst, nos arredores de Berlim, no quartel-general do marechal Júkov, para assinar o documento completo de capitulação. Uma vez que os termos do acordo de Rheims já haviam entrado em vigência minutos antes, o documento foi datado de 8 de maio. Keitel, Friedeburg e o general Hans-Jürgen Stumpff (representando o comandante em chefe da Luftwaffe Von Greim) assinaram pelo lado alemão. Júkov, o marechal do ar britânico Arthur W. Tedder (representando Eisenhower), o general francês Jean de Lattre de Tassigny e o general americano Carl Spaatz assinaram pelos Aliados.

O último relatório da Wehrmacht, de 9 de maio de 1945, manteve o tom de orgulho, falando da "extraordinária realização do front e da pátria" que iria "num veredicto posterior e justo da história encontrar sua apreciação final". Essas palavras, vazias para milhões de pessoas, davam continuidade à declaração: "Por ordem do grão-almirante, a Wehrmacht parou a luta que se tornou sem esperança. A guerra que durou quase seis anos está, por conseguinte, acabada".

A guerra de Hitler chegava ao fim. A hora da verdade estava prestes a começar.

IV

Muitos dos maiores responsáveis, depois de Hitler, pelos terríveis sofrimentos e o pesar profundo dos anos anteriores escaparam do castigo pleno. O suicídio, Hitler sempre dissera, era fácil. Alguns de seus principais asseclas seguiram seu exemplo. Heinrich Himmler, a encarnação do terror policial, capturado pelos britânicos usando nome falso e um uniforme de sargento da Wehrmacht, esmagou uma cápsula de cianeto de potássio num centro de interrogatório próximo de Lüneburg em 23 de maio, assim que se descobriu sua verdadeira identidade. Robert Ley, o vociferante chefe antissemita da Frente Alemã do Trabalho, detido por soldados americanos nas montanhas do Tirol, estrangulou-se no banheiro de sua cela em Nuremberg, em 24 de outubro, enquanto aguardava julgamento. Preso por forças americanas perto de Berchtesgaden em 9 de maio de 1945, Hermann Göring, o sucessor designado de Hitler até sua abrupta demissão nos últimos dias do Terceiro Reich, também se suicidou na noite de 15 de outubro de 1946, véspera de sua execução na forca, depois de ter sido considerado culpado de todas as acusações, inclusive de crimes contra a humanidade, pelo Tribunal Militar Internacional de Nuremberg.

Outros líderes do regime, que não se dispuseram ou não conseguiram acabar com as próprias vidas, sofreram o destino imposto pelo Tribunal. Condenados por crimes contra a humanidade — em todos os casos, exceto um, por crimes de guerra e, em alguns casos, por conspiração para perpetrar ou a própria perpetração de crimes contra a paz — foram enforcados em 16 de outubro de 1946: o ex-ministro belicista do Exterior, Joachim von Ribbentrop; o chefe do Alto-Comando da Wehrmacht, Wilhelm Keitel; o chefe do Departamento de Operações da Wehrmacht e principal assessor militar de Hitler, Alfred Jodl; o guru ideológico nazista e ministro para os Territórios Orientais Ocupados, Alfred Rosenberg; o ministro do Interior do Reich (até sua remoção do cargo em 1943), Wilhelm Frick; o homem-chave de Hitler em Viena na época da *Anschluß* e depois comissário do Reich na Holanda, Arthur Seyß-Inquart; o plenipotenciário do Trabalho Fritz Sauckel, que comandou o programa de trabalho escravo; o temível sucessor de Heydrich na chefia do RSHA, Ernst Kaltenbrunner; o governador-geral da Polônia e importante advogado nazista, Hans Frank; e o ex-*Gauleiter* da Francônia e

perseguidor de judeus, Julius Streicher.

Albert Speer, o ministro dos Armamentos cujas mãos estavam pouco menos sujas do que as de Sauckel na exploração do trabalho forçado, foi um dos felizardos que escaparam da forca. Ele ganhou uma longa sentença de prisão, tal como o último chefe de Estado, almirante Dönitz, o ministro da Economia Walther Funk, o ministro do Exterior (até ser substituído por Ribbentrop em 1938) Konstantin von Neurath, o chefe da Marinha Erich Raeder, o líder por muito tempo da Juventude Nazista e *Gauleiter* de Viena, Baldur von Schirach, e o (até sua fuga para a Escócia em 1941) vice-presidente do Partido Nazista, Rudolf Heß. Funk, Neurath e Raeder foram libertados mais cedo por motivos de saúde. Dönitz, Speer e Schirach saíram da prisão depois de cumprir a pena completa — no caso de Speer, para se tornar uma celebridade, autor de best-seller e especialista em Terceiro Reich, tendo um complexo de culpa atrasado como sua marca registrada. Heß se suicidaria em 1987, quando ainda cumpria sua sentença de prisão perpétua em Berlim.

Entre os nazistas de segundo escalão implicados nos crimes mais hediondos do regime, o mais famoso, o gerente da solução final Adolf Eichmann, viria a ser espetacularmente sequestrado na Argentina por agentes israelenses, julgado em Jerusalém e enforcado em 1962. O comandante de Auschwitz, Rudolf Höß, o carniceiro do gueto de Varsóvia, Jürgen Stroop, o terror dos poloneses no Warthegau, Arthur Greiser, e seu equivalente quase tão fanático em Danzig e na Prússia Ocidental, Albert Forster, foram todos enforcados em datas anteriores, depois de julgamentos na Polônia. Os poloneses se revelaram mais humanitários do que seus perseguidores ao comutar, por motivos de saúde, a sentença de morte do incrivelmente cruel e brutal (até por padrões nazistas) ex-*Gauleiter* da Prússia Oriental, Erich Koch, para prisão perpétua.

Muitos indivíduos envolvidos em crimes contra a humanidade escaparam com penas leves. Hinrich Lohse, ex-comissário do Reich no Báltico, foi libertado em 1951 por motivo de saúde precária depois de cumprir apenas três dos dez anos a que fora condenado. Ele morreu em paz em sua cidade natal, em 1964. Wilhelm Koppe, líder da SS no Warthegau e, ao lado de Greiser, o instigador do campo de extermínio de Chelmno, onde mais de 150 mil judeus perderam a vida, conseguiu prosperar sob pseudônimo como diretor de uma fábrica de chocolate em Bonn até a década de 1960. Quando foi descoberto e processado por seu papel nos

assassinatos em massa na Polônia, foi considerado inimputável e acabou morrendo em sua cama, em 1975. Incontáveis outros, que ao "trabalhar para o Führer" ocuparam posições de grande poder, muitas vezes determinando vida ou morte (inclusive médicos implicados na "ação de eutanásia"), e que encheram seus bolsos através de corrupção sem limites e carreirismo impiedoso, conseguiram total ou parcialmente evitar punições severas por seus atos e, em alguns casos, construíram carreiras de sucesso depois da guerra.

Poucos daqueles forçados a responder por suas ações sob o regime de Hitler demonstraram remorso ou contrição, para não falar de culpa. Com raras exceções, quando chamados a prestar contas, mostraram-se incapazes de reconhecer suas contribuições para o mergulho na barbárie durante a era nazista. Ao lado das inevitáveis mentiras, distorções e desculpas, com frequência surgia, ao que parece, um bloqueio psicológico que os impedia de reconhecer a responsabilidade por seus atos. Tratava-se de um autoengano que espelhava o colapso total de seu sistema de valores e a demolição da imagem idealizada de Hitler à qual tinham se agarrado por tantos anos e que havia sustentado, ou ao menos justificado, a motivação deles. Durante anos, contentaram-se em ver seu poder, sua carreira, suas ambições e aspirações dependerem exclusivamente de Hitler. Agora, era lógico, num sentido deturpado, que sua situação difícil fosse atribuída somente ao que viam como a loucura e os crimes de Hitler. De líder reverenciado cuja visão utópica haviam seguido com entusiasmo, Hitler passava a ser o bode expiatório que traíra a confiança deles e os seduzira com o brilho de sua retórica para se tornarem cúmplices impotentes de seus planos bárbaros.

Essa psicologia não valia apenas para muitos dos mais fortemente incriminados no experimento nazista de determinar quem deveria habitar este planeta. Incontáveis alemães comuns estavam agora dispostos a encontrar uma explicação ou defesa para seus atos (ou falta de ação) nos poderes supostamente sedutores de Hitler — um líder que prometia a salvação, mas que no fim trouxe a danação. Ou então apontavam para o grau de terror totalitário que os deixara sem alternativa, senão seguir as ordens que desaprovavam. Ambas as reações estavam longe da verdade.

O regime de Hitler, como tivemos ampla oportunidade de mostrar, não foi, durante a maior parte de seus doze anos de duração, uma tirania de base estreita

que impôs sua vontade sobre as massas hostis da população. E até a "loucura" da última fase da guerra, o terror — ao menos na Alemanha — esteve voltado especificamente contra inimigos políticos raciais bem definidos, sem ser aleatório e arbitrário, enquanto o grau de consenso, ao menos parcial, em todos os estratos da sociedade, era amplo. As generalizações sobre as mentalidades e os comportamentos de milhões de alemães durante a era nazista estão fadadas a ter uma aplicação limitada, exceto talvez a de que, para a grande maioria da população, as cores típicas que devemos procurar são antes as tonalidades variadas e axadrezadas do cinza do que o branco e preto puros. Mesmo assim, permanece o fato de que, coletivamente, os habitantes de uma sociedade altamente moderna, sofisticada e pluralista — após uma guerra perdida, sofrendo de profunda humilhação nacional, falência econômica, aguda polarização social, política e ideológica e de uma percepção generalizada de fracasso completo de um sistema político desacreditado —, estivessem dispostos a confiar na visão milenarista de um autoproclamado salvador político. Podemos ver com mais facilidade agora que, depois de uma série de triunfos nacionais relativamente baratos e fáceis (embora, na realidade, extremamente perigosos), um número cada vez maior de cidadãos se dispôs a engolir suas dúvidas e acreditar no destino de seu grande líder. Além disso, esses triunfos, por mais que fossem retratados pela propaganda como atribuíveis às façanhas de um único homem, foram obtidos não somente com imensa aclamação popular, mas também com um alto grau de apoio de quase todos os grupos de elite não nazistas — empresários, industriais, servidores públicos e, sobretudo, as Forças Armadas — que controlavam praticamente todos os setores de poder fora dos altos escalões do próprio movimento nazista. Embora em muitos aspectos o consenso fosse raso, baseado em níveis diferentes de apoio às distintas linhas da visão ideológica geral que Hitler encarnava, ele ofereceu, até a metade da guerra, uma plataforma extremamente ampla e potente de sustentação, a qual Hitler pôde usar como base e explorar.

Para muitos, a ascensão das profundezas da degradação nacional às alturas da grandeza nacional pareceu um quase milagre (como a propaganda nunca deixou de alardear), uma obra de redenção produzida pelo gênio extraordinário do Führer. Desse modo, o poder de Hitler foi capaz de aproveitar elementos fortes de crença pseudorreligiosa, traduzidos no misticismo da salvação e do renascimento nacional

— emanando, em parte, do declínio das religiões institucionais e da necessidade psicológica de sua substituição, em alguns setores, por associações quase religiosas com a monarquia —, que compensavam, de certa forma, os muitos aspectos negativos da vida cotidiana sob o regime nazista. Até o fim, havia indivíduos inteligentes dispostos a eximir Hitler do conhecimento das atrocidades cometidas na Polônia e na Rússia e atribuir a culpa a Himmler. O culto ao Führer, aceito não somente pelos milhões de crentes, mas também aproveitado para seus interesses próprios por todos que ocupavam posições de autoridade e influência, mesmo quando eram, com frequência, interiormente críticos ou céticos, permitiu que o poder de Hitler se livrasse de todos os constrangimentos e se tornasse absoluto. Quando perceberam que a estrada para a riqueza era, na verdade, o caminho para a ruína, o regime personalizado do líder estava fora de controle. Não era mais possível — como já fora — controlar Hitler pelas partes estilhaçadas de um regime cada vez mais fragmentado, mantido unido principalmente pelo compromisso com o próprio ditador e, cada vez mais, pelo medo da alternativa: o bolchevismo. O caminho para a perdição estava aberto, mas, com exceção das corajosas tentativas de grupos pequenos ou indivíduos que acabaram fracassando mais por má sorte do que por mau planejamento, quase não havia alternativa senão seguir por essa senda.

O preço a ser pago — pelo povo alemão, sobretudo pelo enorme número de vítimas do regime dentro e fora da Alemanha — era incalculável. O preço material era imenso. Em artigo publicado pelo *Times* de Londres em 12 de novembro de 1945, o editor judaico-britânico de esquerda Victor Gollancz descreveu suas impressões em Düsseldorf:

> É provável que eu jamais esqueça a indizível maldade de que os nazistas foram culpados. Mas quando vejo os corpos inchados e os esqueletos vivos em hospitais daqui e de outros lugares [...] então penso não em alemães, mas em homens e mulheres. Tenho certeza de que teria os mesmos sentimentos se estivesse na Grécia ou na Polônia. Mas acontece que estou na Alemanha, e escrevo sobre o que vejo aqui.

O preço moral era, no mínimo, ainda mais imensurável. Décadas não apagariam totalmente o sentimento simples, mas comovedor, pintado em letras enormes em maio de 1945 no cenário da celebração anual do putsch de Hitler de 1923, o Feldherrnhalle de Munique: "Tenho vergonha de ser alemão". "A Europa jamais

conheceu tamanha calamidade para sua civilização e ninguém pode dizer quando ela começará a se recuperar de seus efeitos", foi o comentário revelador, e ao mesmo tempo profético, de um jornal inglês, o *Manchester Guardian*, apenas três dias depois do suicídio no bunker. O trauma, que era o legado duradouro de Hitler, estava apenas começando.

V

Nunca na história tamanha ruína — física e moral — foi associada ao nome de um único homem. Que essa ruína tinha raízes e causas muito mais profundas do que os objetivos e as ações desse homem, isso ficou evidente nos capítulos anteriores. Que as profundezas de desumanidade, nunca antes exploradas como pelo regime nazista, puderam contar com ampla cumplicidade em todos os níveis da sociedade, isso também ficou claro. Mas justifica-se que o nome de Hitler permaneça para sempre como o principal instigador do mais profundo colapso da civilização nos tempos modernos. A forma extrema de mando pessoal que um pouco instruído demagogo de cervejaria e racista preconceituoso, um pretenso salvador nacional narcisista e megalomaníaco, pôde obter e exercer numa terra moderna, economicamente avançada e culta, conhecida por seus filósofos e poetas, foi absolutamente decisiva no terrível desenrolar dos eventos daqueles fatídicos doze anos.

Hitler foi o principal autor de uma guerra que deixou mais de 50 milhões de mortos e muitos outros milhões lamentando seus entes perdidos e tentando refazer suas vidas destruídas. Hitler foi a principal inspiração de um genocídio como o mundo jamais havia visto, a ser considerado nos tempos futuros, com razão, um episódio definidor do século XX. No fim, o Reich, cuja glória ele buscava, jazia destruído e seus restos seriam divididos entre as potências vitoriosas. O arqui-inimigo, o bolchevismo, ocupou a capital do Reich e dominou mais da metade da Europa. Até o povo alemão, cuja sobrevivência ele dizia que era a própria razão de sua luta política, revelara-se, em última instância, dispensável para ele.

O povo alemão, que o ditador estava disposto a ver condenado ao lado dele, mostrou-se capaz de sobreviver até a um Hitler. Mas, para além do conserto de vidas e lares destruídos em cidades e lugares destruídos, a marca moral abrasadora da era Hitler permaneceria. Aos poucos, no entanto, uma nova sociedade, firmada no tempo, felizmente em valores novos, emergiria das ruínas da antiga, pois, em seu vendaval de destruição, o regime de Hitler demonstrara, também de forma conclusiva, a falência total das ambições hiper-nacionalistas e de potência mundial racista (as estruturas sociais e políticas que as sustentavam) que haviam prevalecido na Alemanha no meio século anterior e levado duas vezes a Europa e o mundo a

guerras calamitosas.

A velha Alemanha foi-se com Hitler. A Alemanha que produzira Adolf Hitler, vira o futuro em sua visão, e que o servira tão prontamente e compartilhara de sua húbris, teve também de compartilhar sua nêmesis.

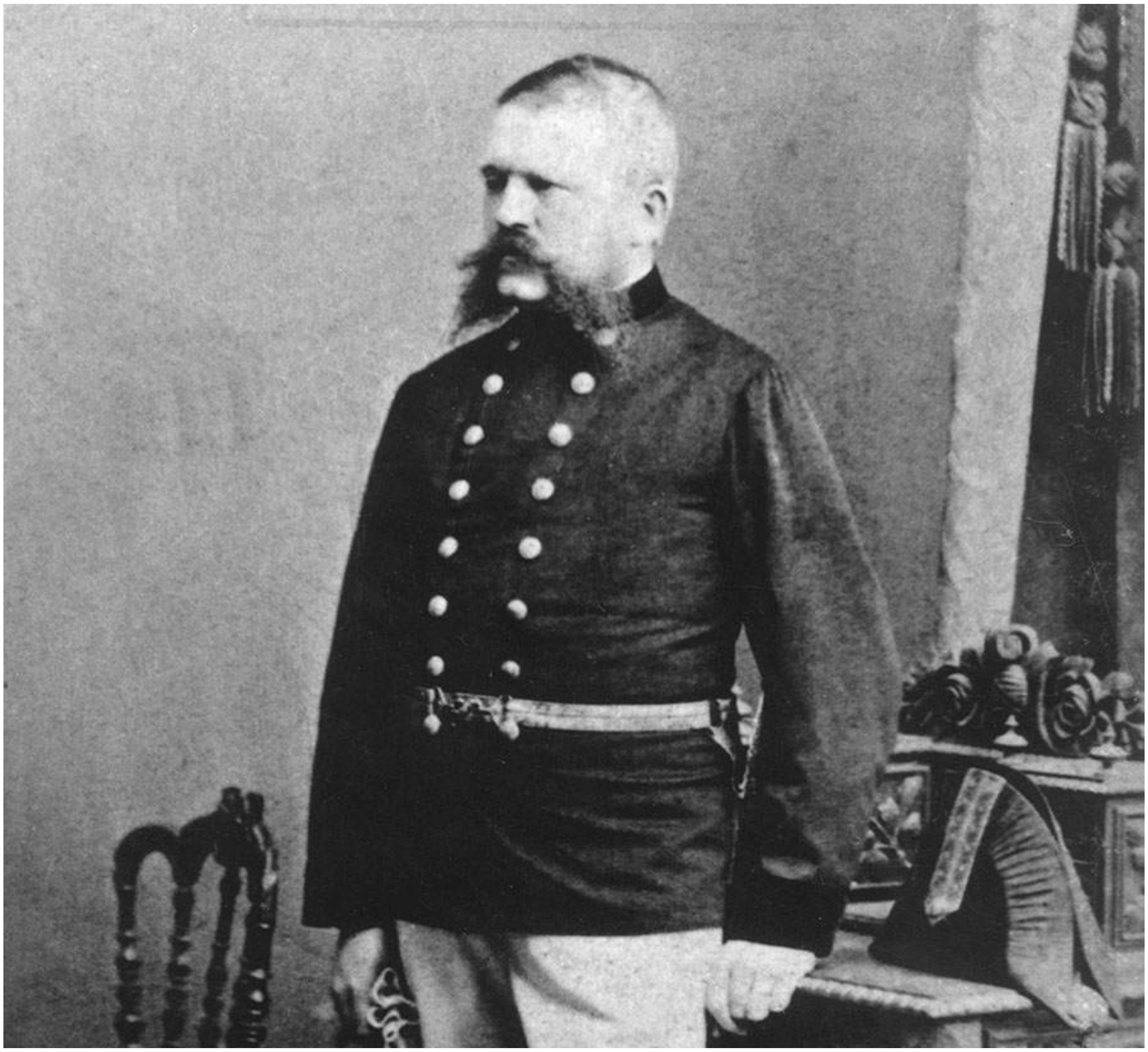




1. Adolf Hitler (primeira fila de cima, ao centro) *em foto de sua escola em Leonding, 1899.*



2. Klara Hitler, mãe de Adolf.



3. Alois Hitler, pai de Adolf.



4. Karl Lueger, prefeito de Viena, admirado por Hitler por sua postura antissemita.



5. August Kubizek, amigo de Hitler em Linz e Viena.



6. A multidão na Odeonsplatz, Munique, saúda a proclamação da guerra, 2 de agosto de 1914. O círculo destaca Hitler.



7. Hitler (à direita) *com os companheiros mensageiros Ernst Schmidt e Anton Bachmann e seu cão Foxl, em Fournes, abril de 1915.*



8. Soldados alemães numa trincheira da frente ocidental durante uma pausa na luta.



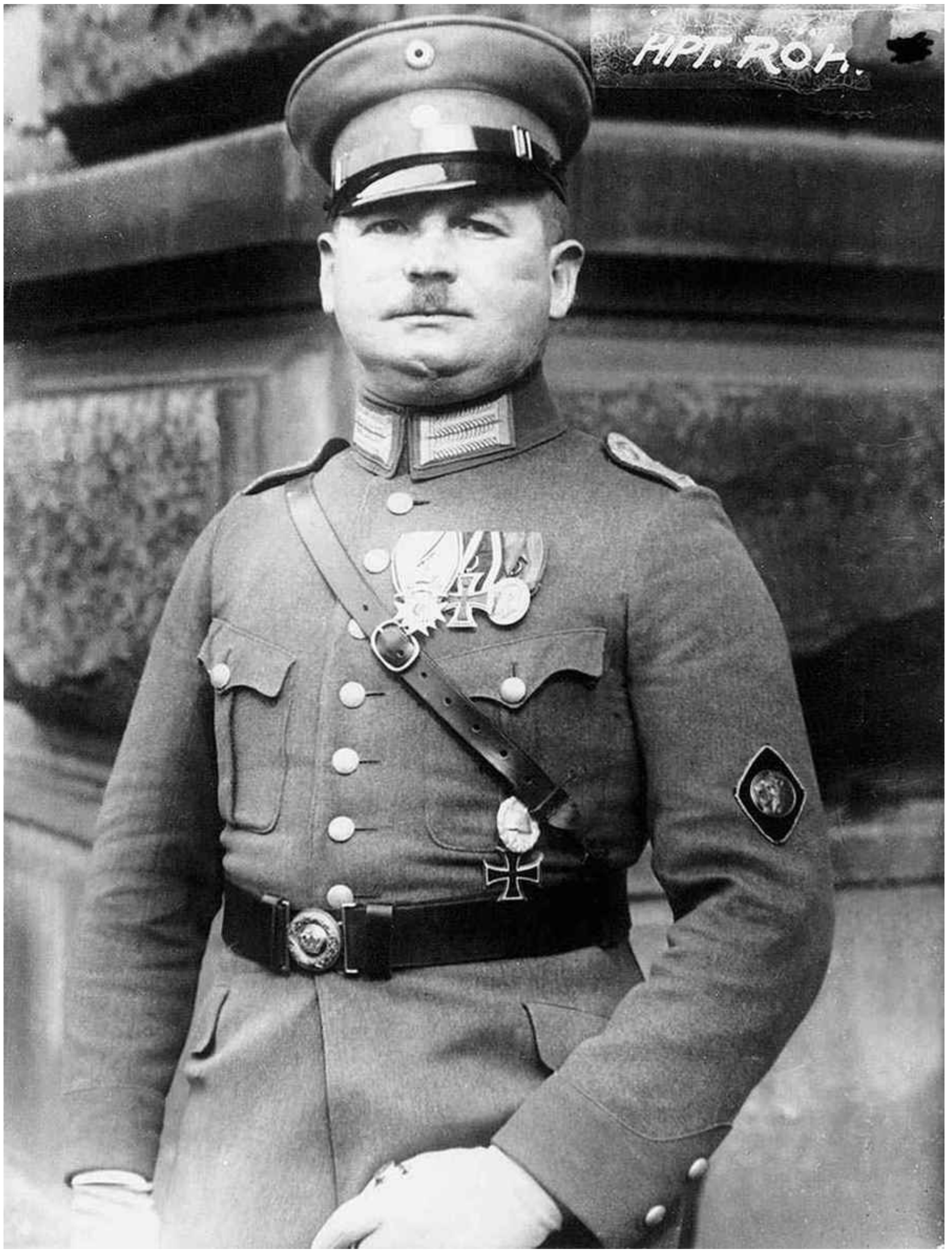
9. Membros armados do KPD (Partido Comunista da Alemanha) do distrito de Neuhausen, Munique, em desfile do "Exército Vermelho", 22 de abril de 1919.



10. Tropas dos Freikorps contrarrevolucionários entram em Munique, início de maio de 1919.



11. Anton Drexler, fundador em 1919 do DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães).



12. Ernst Röhm, o “rei da metralhadora”, cujo acesso a armas e contatos no Exército bávaro foi importante para Hitler no início da década de 1920.


Deutsche Arbeiter-Partei (D. A. P.)

Ortsgruppe München Abteilung: ....

Mitgliedskarte

für Herrn Adolf Hitler Lothstr 29

München, den 1. Jan. 1920.

Nr. 555

Für den Arbeitsausschuß:

Schüssler

Schriftwart

Drexler

Diese Karte gilt als Ausweis bei geschlossenen Versammlungen

13. Ficha de inscrição de Hitler no DAP, que contradiz sua alegação de ser o sétimo membro do partido.



14. Hitler fala no Marsfeld, em Munique, no primeiro Congresso do NSDAP (Partido Nazista), 28 de janeiro de 1923.



15. "Hitler fala!" Comício do NSDAP, Zirkus Krone, Munique, 1923.



16. Organizações paramilitares durante o serviço religioso do Dia Alemão, em Nuremberg, 2 de setembro de 1923.



*17. Alfred Rosenberg, Hitler e Friedrich Weber (*centro*, atrás de Hitler, Christian Weber) na parada da SA e de outros grupos paramilitares para marcar a colocação da pedra fundamental do Memorial da Guerra, Munique, 4 de novembro de 1923.*



*18. O putsch: homens armados da SA (*centro*, segurando a antiga bandeira do Reich, Heinrich Himmler;* à direita*, com gola de pele, Ernst Röhm) defendem uma barricada diante do Ministério da Guerra, na Ludwigstraße, Munique, 9 de novembro de 1923.*



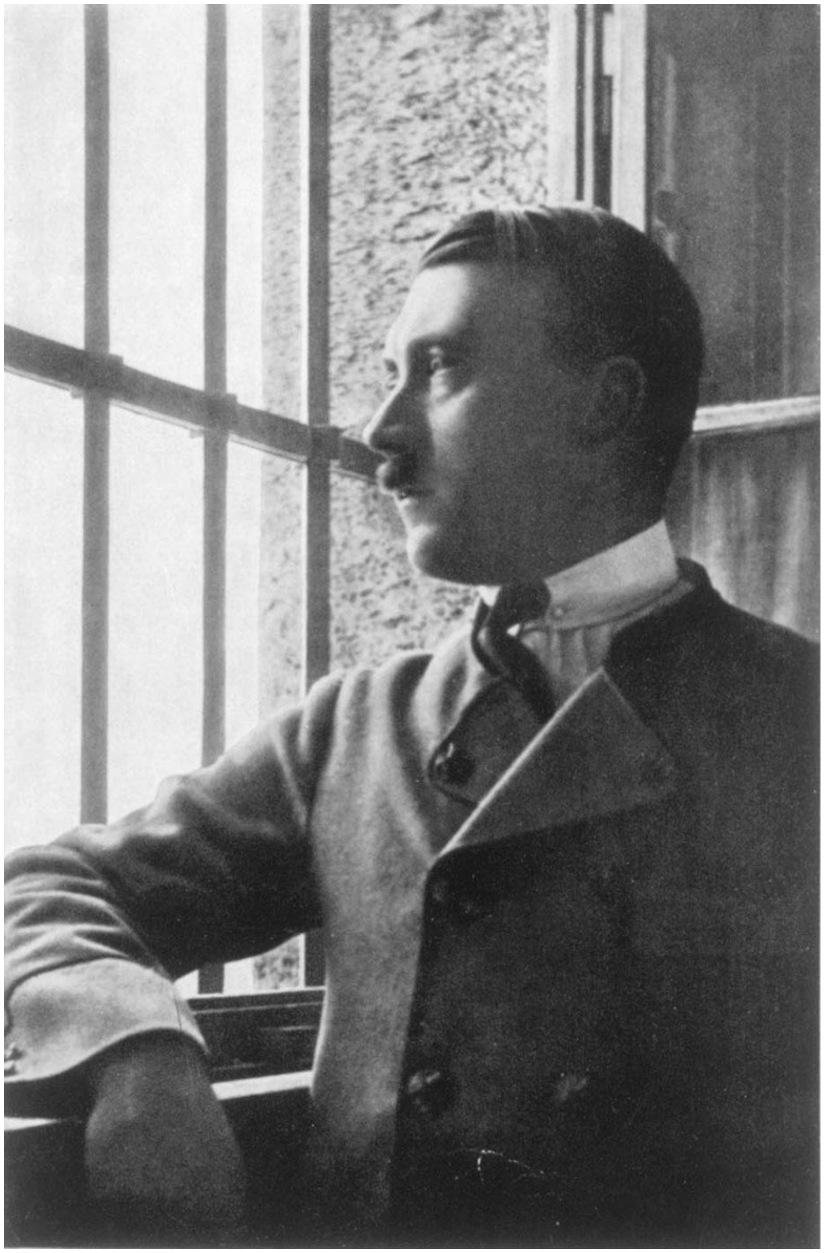
19. O putsch: golpistas armados da região em torno de Munique, 9 de novembro de 1923.



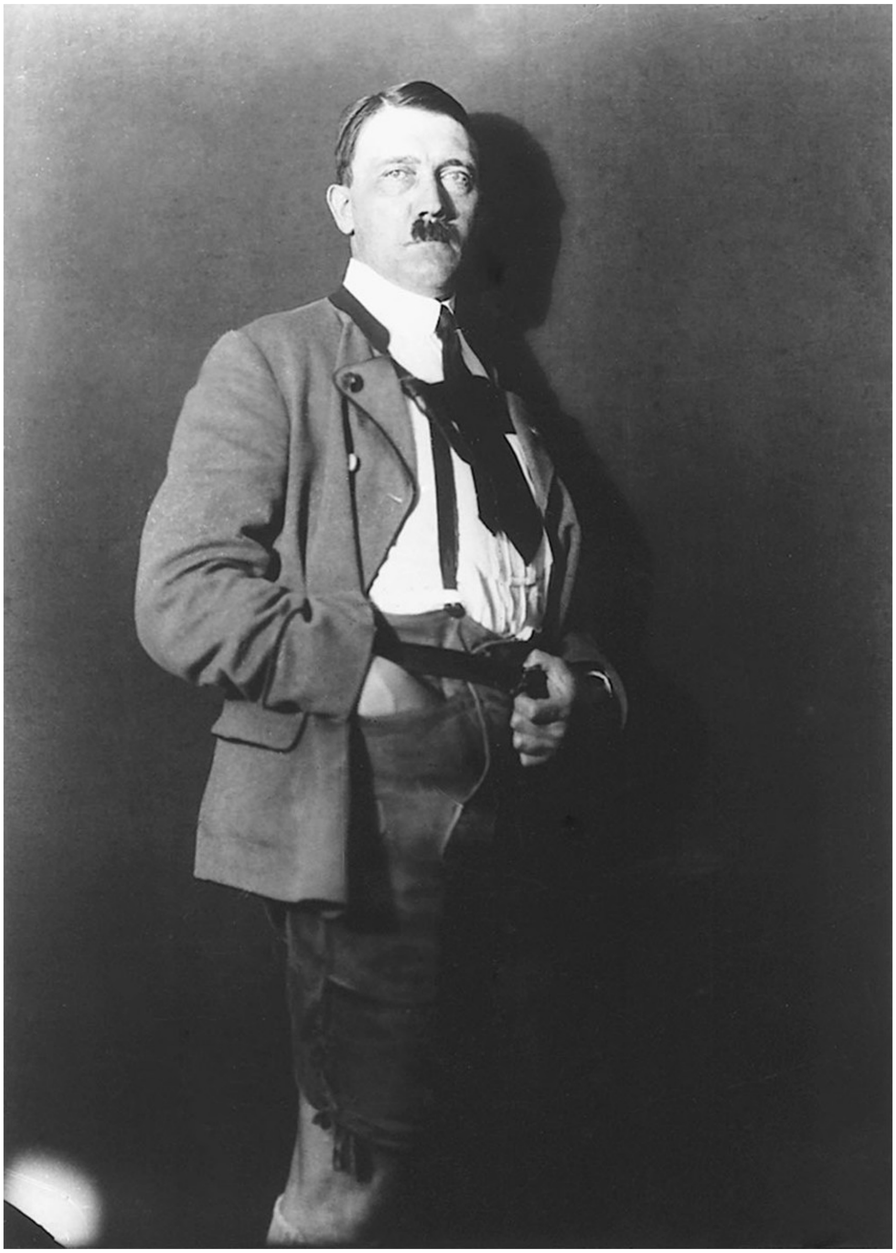
20. Réus no julgamento dos golpistas: da esquerda para a direita, *Heinz Pernet, Friedrich Weber, Wilhelm Frick, Hermann Kriebel, Erich Ludendorff, Adolf Hitler, Wilhelm Brückner, Ernst Röhm, Robert Wagner.*



21. Hitler posa para uma fotografia tirada apressadamente, devido ao frio, por Hoffman, diante da porta de entrada da cidade de Landsberg am Lech, logo após sua saída da prisão.



22. Hitler em Landsberg, postal, 1924.



23. A imagem: Hitler em trajes bávaros (rejeitada por Hitler), 1925-6.



24. A imagem: Hitler de capa de chuva (aceita), 1925-6.



25. A imagem: Hitler com seu cão alsaciano Wolf (rejeitada, de uma chapa quebrada), 1925.



26. O Congresso do Partido, Weimar, 3-4 de julho de 1926: Hitler de pé num carro, de capa de chuva clara, assiste ao desfile da SA, cuja faixa proclama o slogan "Morte ao marxismo". Imediatamente à direita de Hitler está Wilhelm Frick e, ao lado dele, olhando para a câmera, Julius Streicher.



27. Congresso do Partido, Nuremberg, 21 de agosto de 1927: da esquerda para a direita, *Julius Streicher, Georg Hallermann, Franz von Pfeffer, Rudolf Heß, Adolf Hitler, Ulrich Graf.*



28. Hitler com uniforme da SA (rejeitada), 1928-9.



29. Hitler em pose retórica, postal de agosto de 1927. A legenda diz: "Em milhares de anos, jamais se falará de heroísmo sem lembrar o Exército alemão da Guerra Mundial".



30. Hitler fala para a liderança do NSDAP, Munique, 30 de agosto de 1928. Da esquerda para a direita*: Alfred Rosenberg, Walter Buch, Franz Xavier Schwarz, Hitler, Gregor Strasser, Heinrich Himmler. Sentado junto à porta, com as mãos cruzadas, está Julius Streicher; à esquerda dele, Robert Ley.*



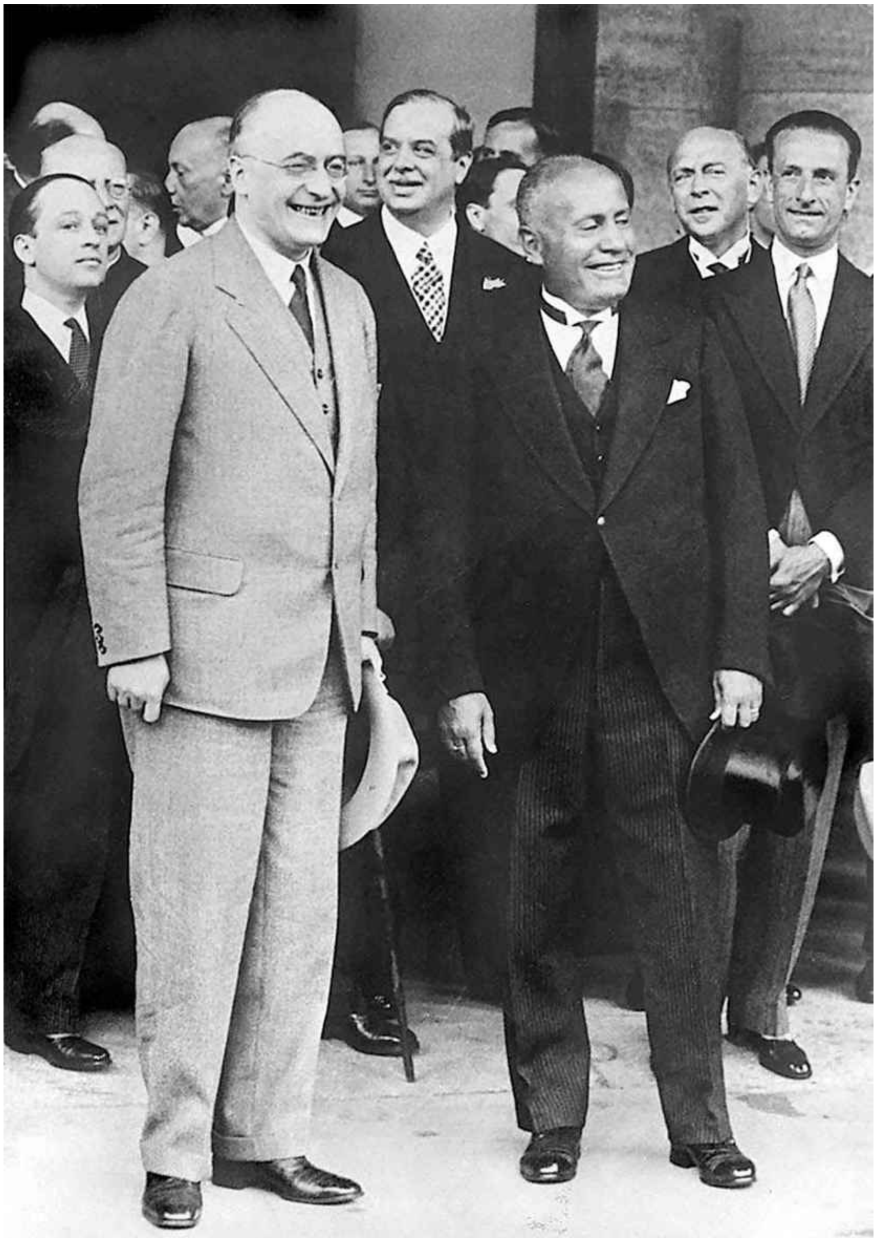
31. Geli Raubal e Hitler, c. 1930.



32. Eva Braun no estúdio de Heinrich Hoffmann, início dos anos 1930.



33. O presidente do Reich Paul von Hindenburg.



34. O chanceler do Reich Heinrich Brüning (à esquerda) *com Benito Mussolini, Roma, agosto de 1931.*



35. O chanceler do Reich Franz von Papen (à direita) *com o secretário de Estado, dr. Otto Meissner, na celebração anual da Constituição do Reich, 11 de agosto de 1932. Atrás de Von Papen está o ministro do Interior do Reich, barão Wilhelm von Gayl, que, naquele mesmo dia, apresentou propostas para tornar a constituição liberal de Weimar mais autoritária.*



36. Gregor Strasser e Joseph Goebbels observam o desfile da SA passar por Hitler, Braunschweig, 18 de outubro de 1931.



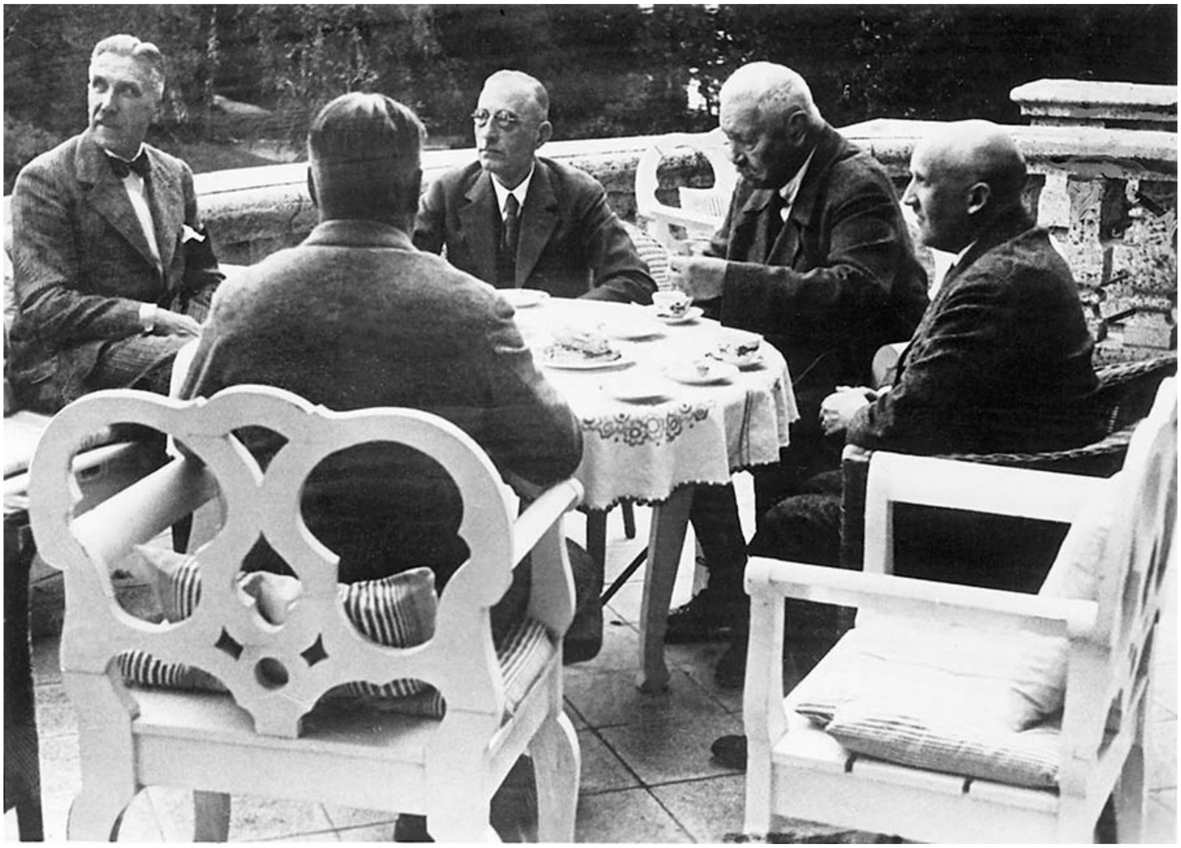
37. Ernst Thälmann, líder do KPD, em comício da Frente Vermelha, durante a crise crescente da democracia de Weimar, c. 1930.



38. Cartaz eleitoral nazista, 1932, dirigido contra o SPD (Partido Social-Democrático da Alemanha) e os judeus. Diz o slogan: "O marxismo é o anjo da guarda do capitalismo. Vote nacional-socialista, lista 1".



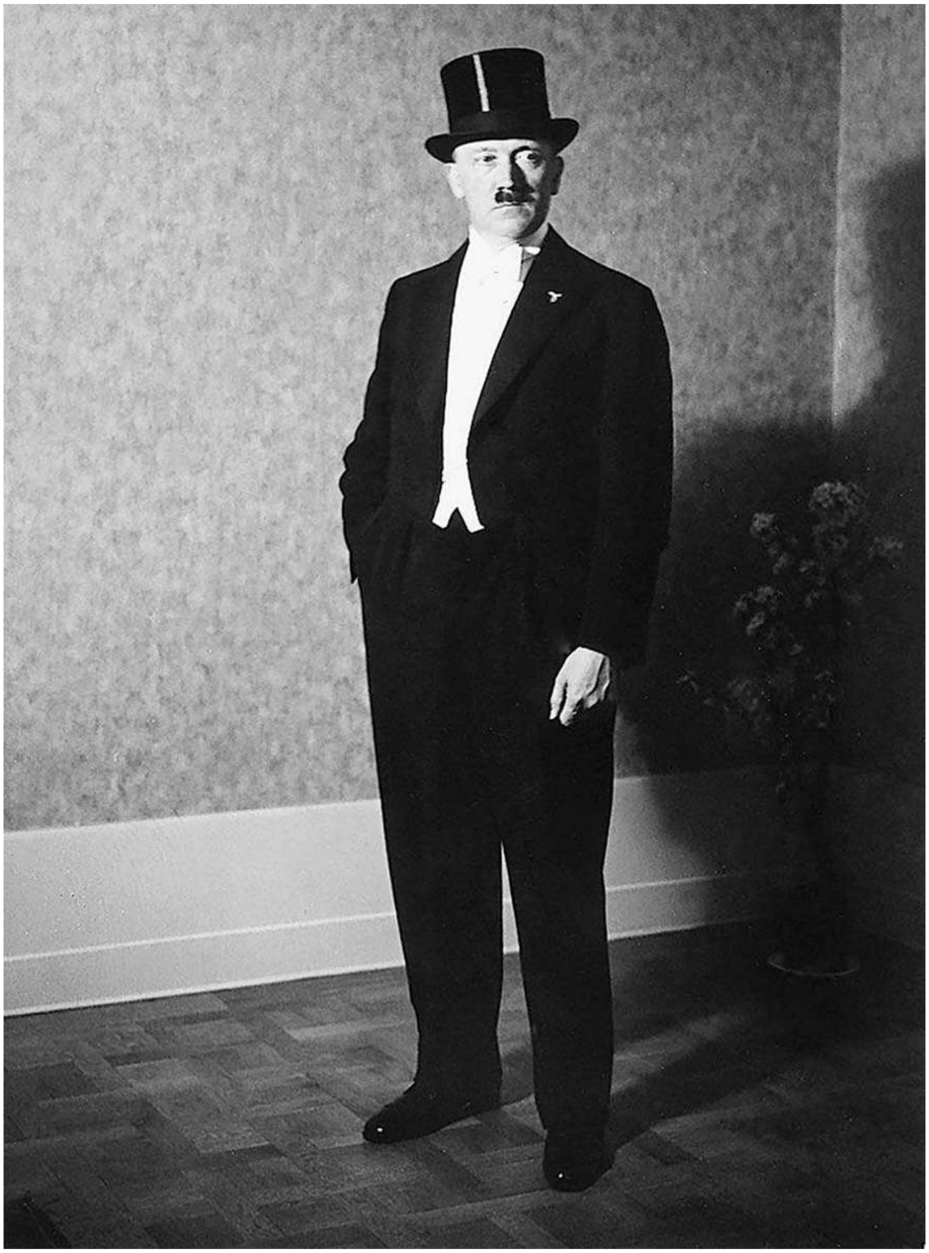
39. Placas de candidatos à eleição presidencial, Berlim, abril de 1932.



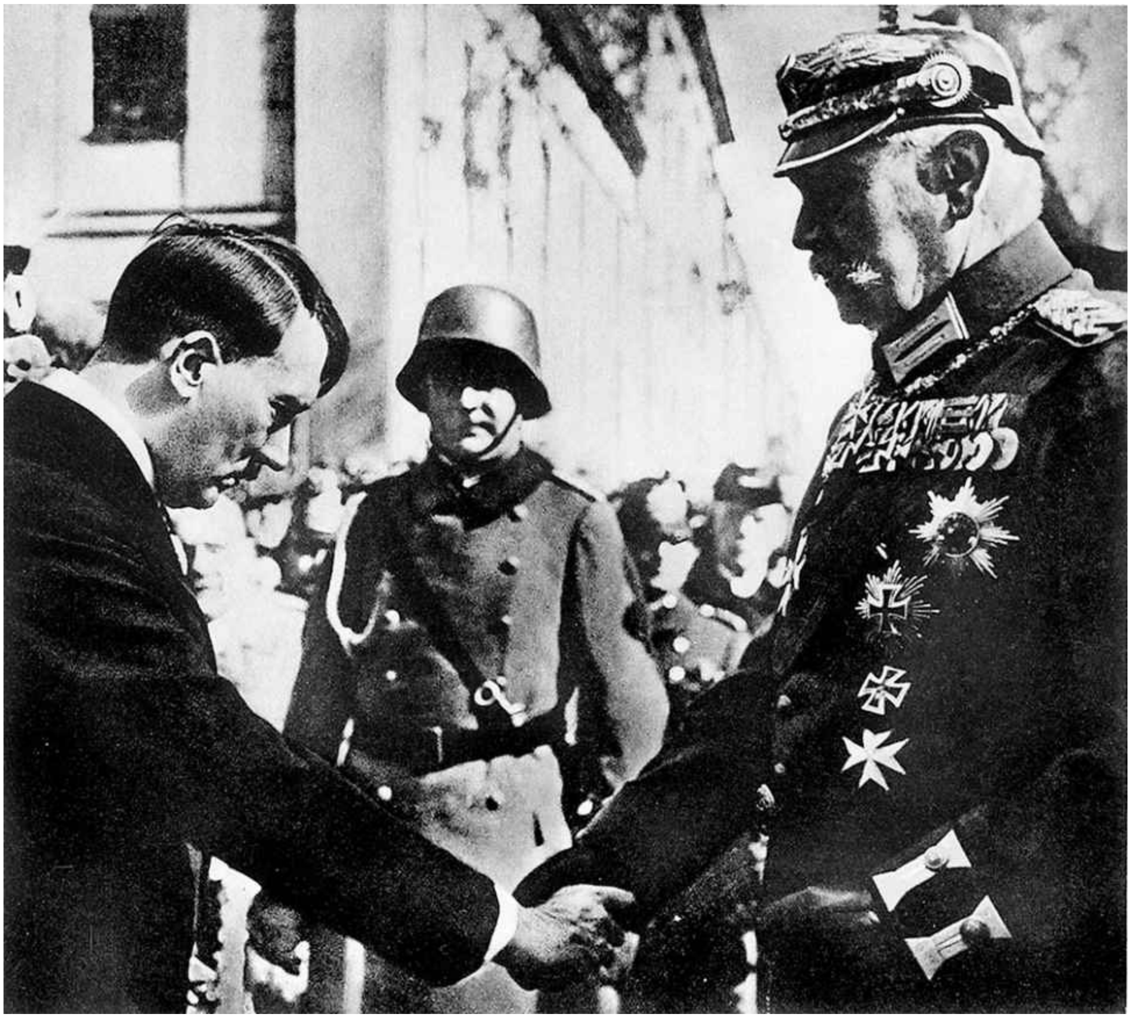
40. Discussão em Neudeck, residência do presidente do Reich, Paul von Hindenburg, 1932. Da esquerda para a direita*: o chanceler do Reich Franz von Papen, o secretário de Estado Otto Meissner* (de costas para a câmera)*, o ministro do Interior do Reich Wilhelm von Gayl, Hindenburg e o ministro da Reichswehr Kurt von Schleicher*.



41. O chanceler do Reich, Kurt von Schleicher, fala no Sportpalast de Berlim, 15 de janeiro de 1933.



42. Foto de Hitler tirada no hotel Kaiserhof, Berlim, em janeiro de 1933, pouco antes de ser nomeado chanceler, para testar sua aparência em traje de gala.



43. O Dia de Potsdam, 21 de março de 1933: Hitler, deferente, inclina-se perante o presidente Von Hindenburg.



44. Violência da SA contra comunistas em Chemnitz, março de 1933.



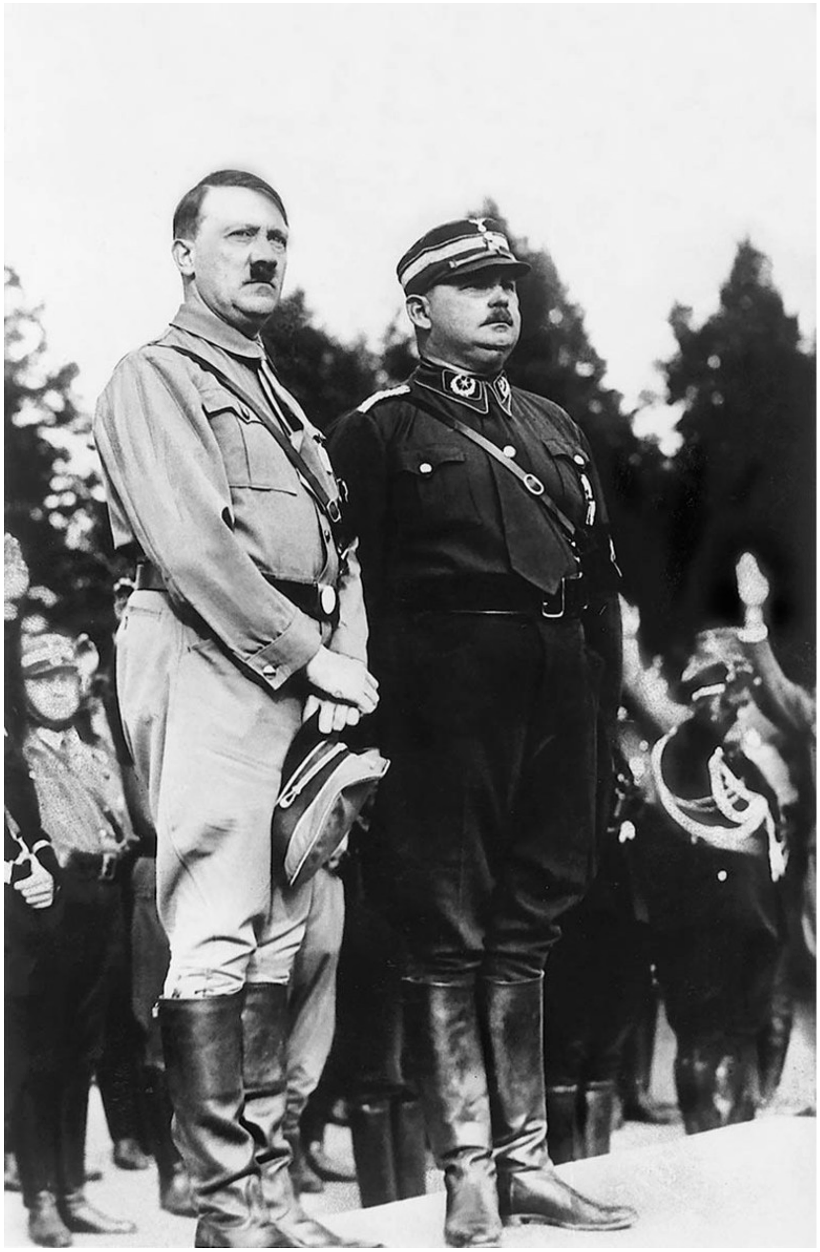
45. O boicote a médicos judeus, abril de 1933. O adesivo adverte: “Atenção: Judeu! Visitas proibidas”.



46. Um judeu idoso é levado em custódia pela polícia em Berlim, 1934.



47. Hindenburg e Hitler a caminho do comício no Lustgarten de Berlim no Dia Nacional do Trabalho, 1º de maio de 1933. No dia seguinte, o movimento sindicalista foi destruído.



48. Hitler com Ernst Röhm em desfile da SA no verão de 1933, quando começaram a surgir os problemas com a milícia.



49. O culto ao Führer: um postal, criado por Hans von Norden em 1933, mostra Hitler numa linha direta que passa por Frederico, o Grande, Otto von Bismarck e Paul von Hindenburg. Diz a legenda: "O que o rei conquistou, o príncipe moldou, o marechal de campo defendeu, o soldado salvou e uniu".



50. O culto ao Führer: "O Führer como amigo dos animais", postal, 1934.



51. Hitler justifica o “expurgo de Röhm” perante o Reichstag, 13 de julho de 1934.



52. Hitler, o professor Leonhard Gall e o arquiteto Albert Speer inspecionam a semiconstruída Casa da Arte Alemã, em Munique. Encarte em maço de cigarros sem data, c. 1935.



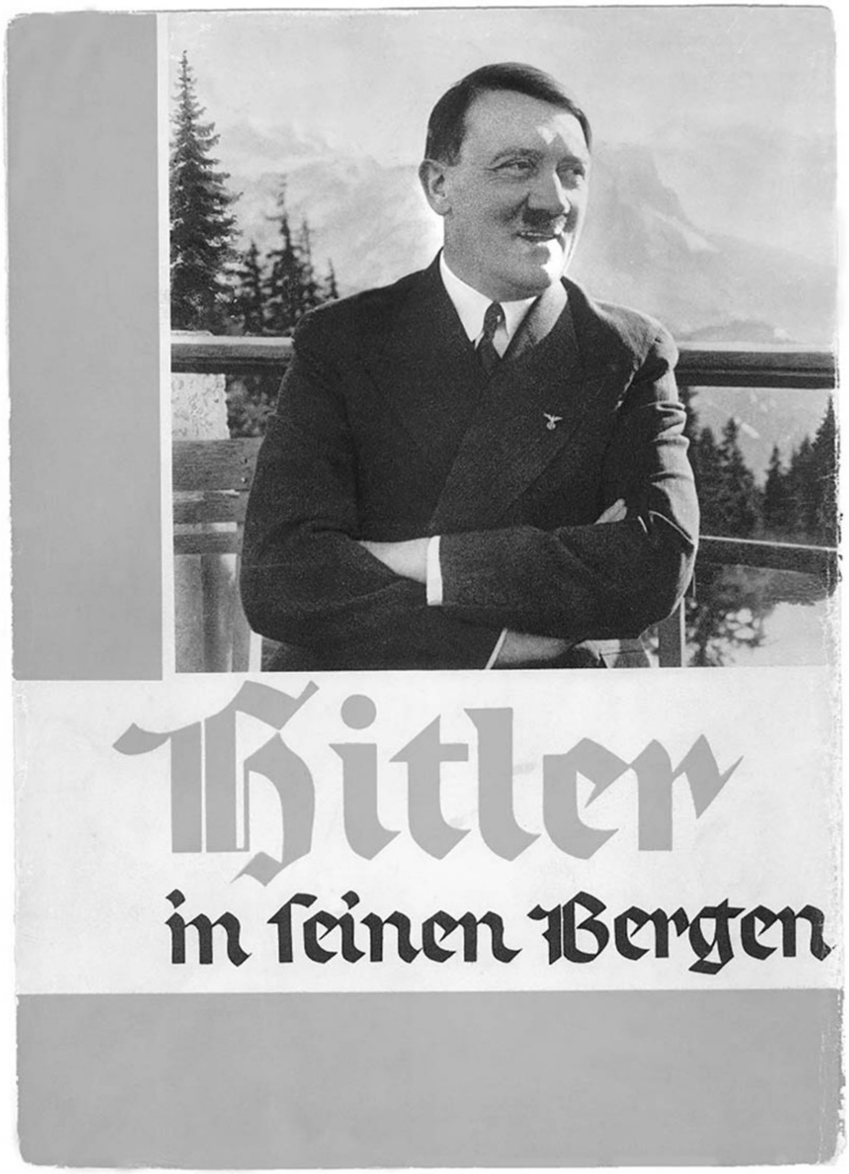
53. Hitler com jovens bávaros. Atrás dele (à direita), *em trajes bávaros, está o líder da Juventude Hitlerista, Baldur von Schirach. Foto sem data.*



54. O salão de exposições da Mercedes-Benz na Lenbachplatz, Munique, abril de 1935.



55. Hitler durante uma visita ao Ruhr em 1935, acompanhado (da esquerda para a direita) *por seu criado pessoal Karl Krause e os industriais Albert Vögler, Fritz Thyssen (sua foto seria uma inserção posterior?) e Walter Borbet, todos executivos importantes da United Steel Works.*



56. Hitler em suas montanhas*, capa de uma publicação de Heinrich Hoffman de 1935, com 88 fotografias do Führer em cenários pitorescos.*



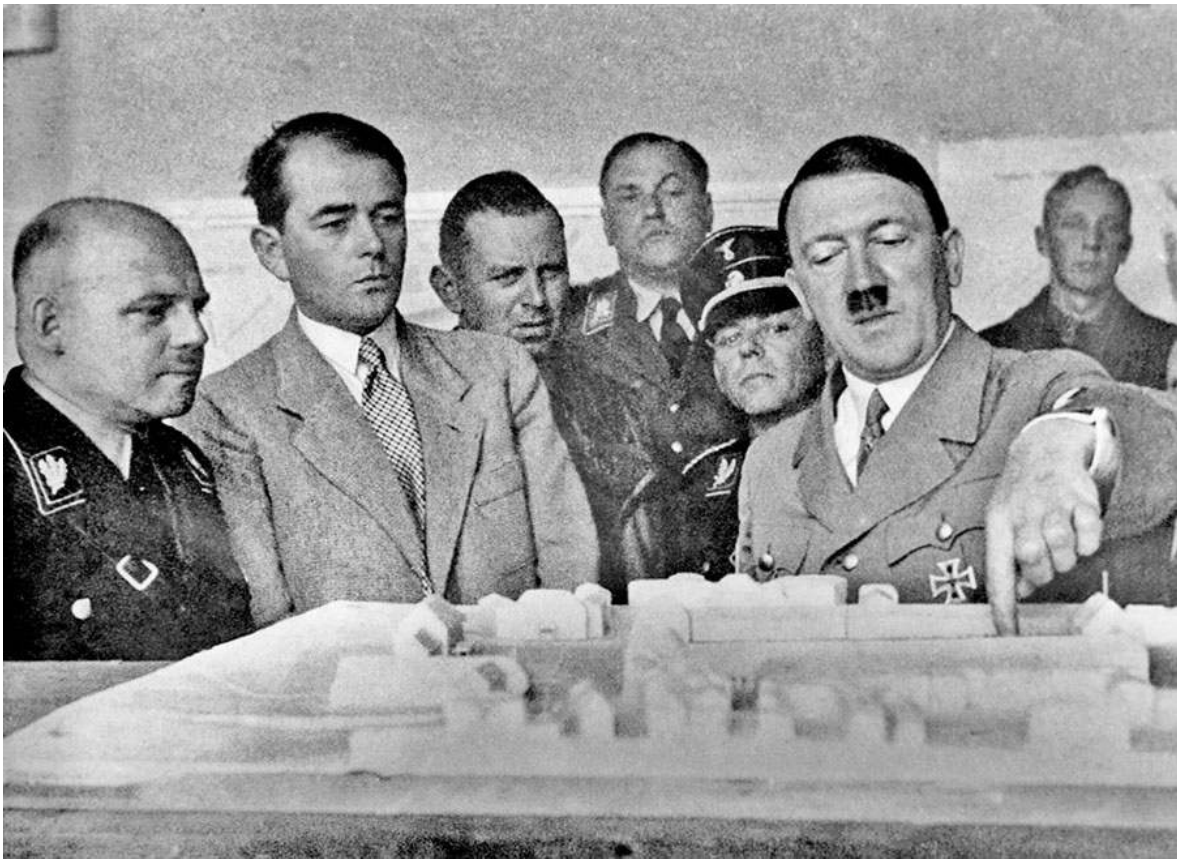
57. O juramento de novos recrutas no Feldherrnhalle, na Odeonsplatz, Munique, no aniversário do putsch, 7 de novembro de 1935.



58. Tropas alemãs entram na Renânia desmilitarizada através da ponte Hohenzollern, em Colônia, 7 de março de 1936.



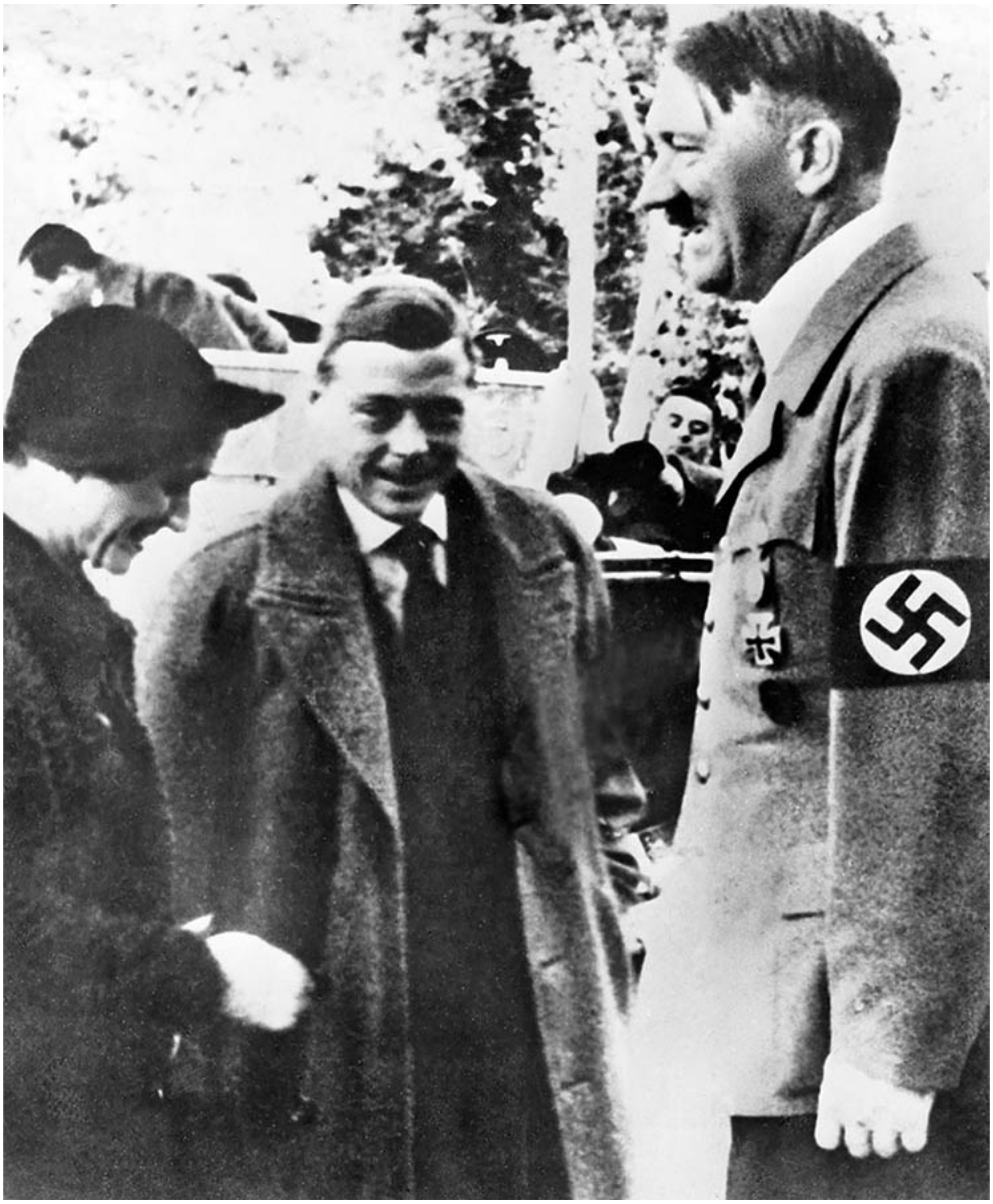
59. Hitler, em setembro de 1936, retratado de terno e não com o habitual uniforme do partido.



60. Em 1936, Hitler discute planos para novos prédios da administração em Weimar com seu arquiteto favorito, o ambicioso Albert Speer. Fritz Sauckel, governador e Gauleiter *da Turíngia, está à direita de Hitler.*



61. As Olimpíadas de Berlim, 1936: a multidão saúda Hitler.



62. A realeza britânica no Berghof. Hitler encontra-se com o duque e a duquesa de Windsor em 22 de outubro de 1937, durante a visita à Alemanha do ex-rei Eduardo VIII e sua esposa, a ex-senhora Wallis Simpson.



63. O marechal de campo Werner von Blomberg em 1937. Ele seria demitido do cargo de ministro da Guerra no mês de janeiro seguinte por conta de um escândalo referente à sua mulher.



64. O general de Exército barão Werner von Fritsch, comandante em chefe do Exército até sua demissão, na esteira do escândalo Blomberg, no início de fevereiro de 1938, sob a falsa acusação de homossexualidade.



65. Hitler fala para as massas exultantes na Heldenplatz de Viena, em 15 de março de 1938, após a Anschluß.



66. O Eixo: ladeado por Mussolini e o rei Victor Emmanuel III, Hitler assiste ao desfile de tropas em Roma durante sua visita à Itália, em maio de 1938.



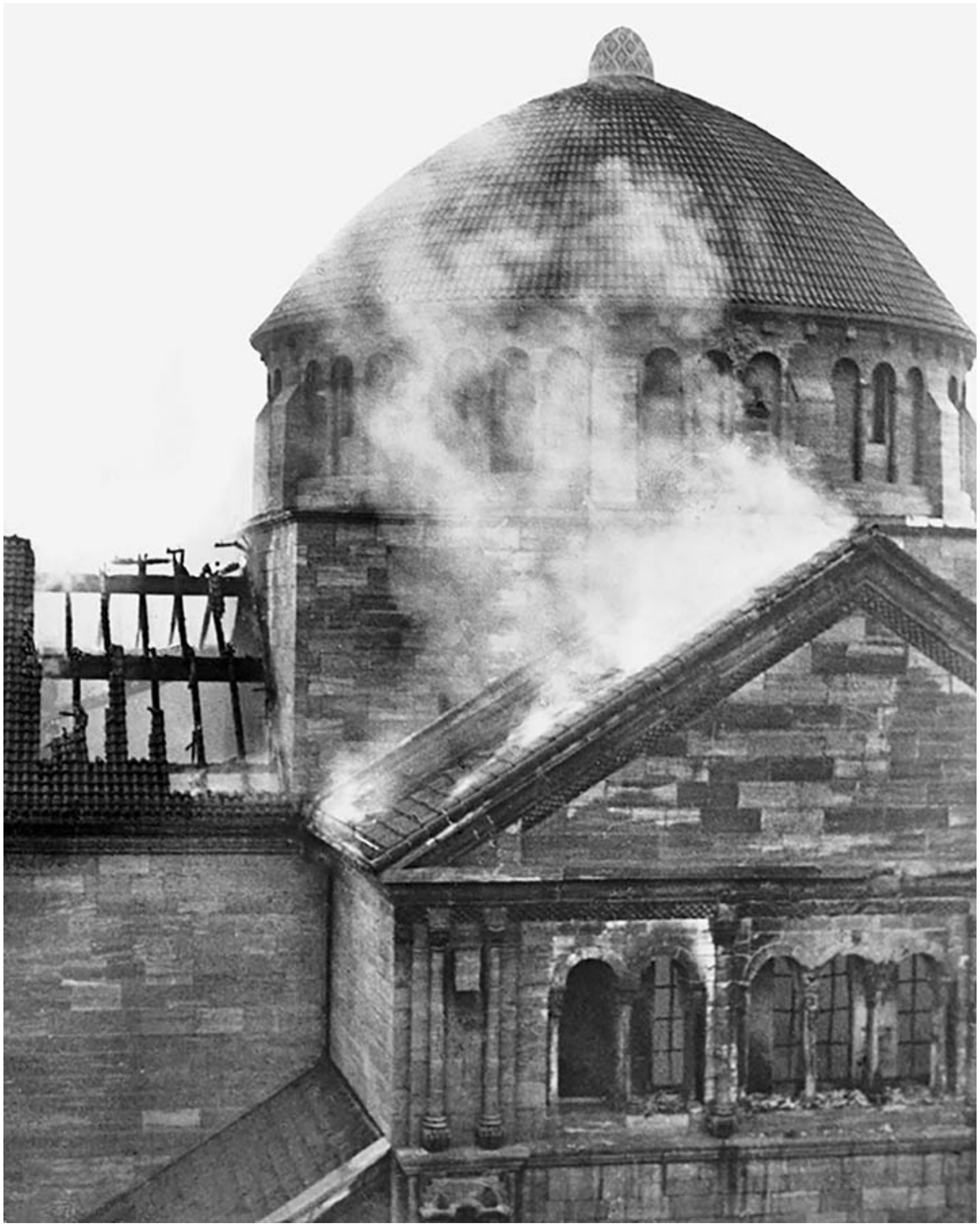
67. Hitler é saudado por multidão de admiradores em Florença, 1938.



68. Parte da exposição O Judeu Eterno, inaugurada em Munique em 8 de novembro de 1937 e aberta ao público até janeiro de 1938, que pretendia mostrar os "traços externos típicos" dos judeus e suas supostas características asiáticas. A exposição atraiu 412 300 visitantes — mais de 5 mil por dia. Ela ajudou a promover o forte crescimento da violência antissemita em Munique e outros lugares da Alemanha em 1938.



69. "Judeus em Berlim", da exposição O Judeu Eterno, inaugurada na capital do Reich em 12 de novembro de 1938. Isso ocorreu dois dias depois que Goebbels desencadeara uma orgia nacional de violência em que propriedades judaicas foram destruídas em todo o país, levando a prisões em massa de judeus e sua exclusão dos negócios e do comércio.



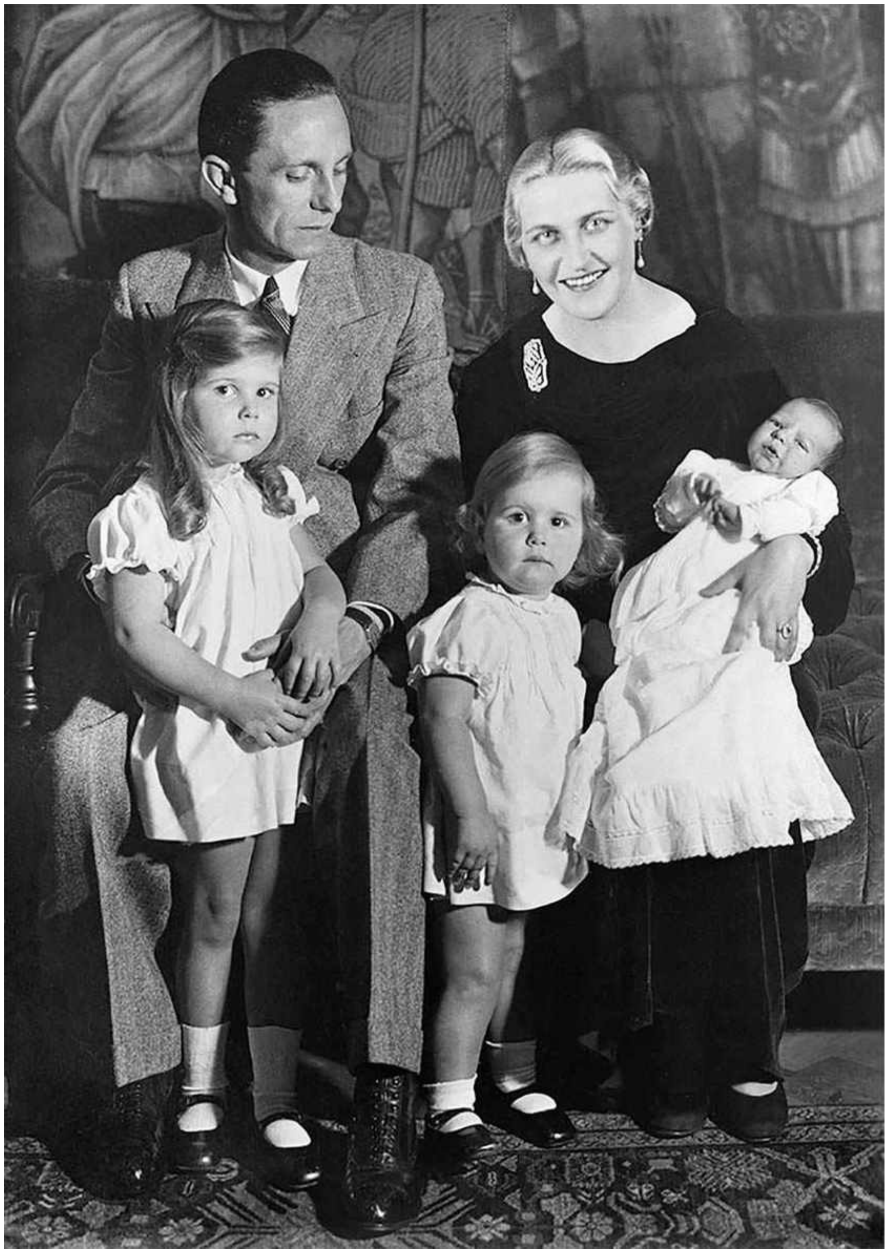
70. A sinagoga da Fasanenstraße, em Berlim, queima depois que tropas de choque nazistas lhe atearam fogo durante o pogrom de 9-10 de novembro de 1938.



71. O prédio da comunidade judaica em Kassel na manhã seguinte ao pogrom. Camas, papéis e móveis, jogados pelos invasores nazistas, jazem na rua. Curiosos e policiais observam, enquanto duas pessoas tentam fazer a limpeza.



72. Transeuntes — alguns sorrindo, alguns olhando, outros aparentemente desconcertados — passam por uma loja judaica saqueada e destruída em Berlim. A quantidade de vidro quebrado pelas turbas nazistas deu origem à denominação sarcástica de Reichskristallnacht [*A Noite dos Cristais do Reich*].



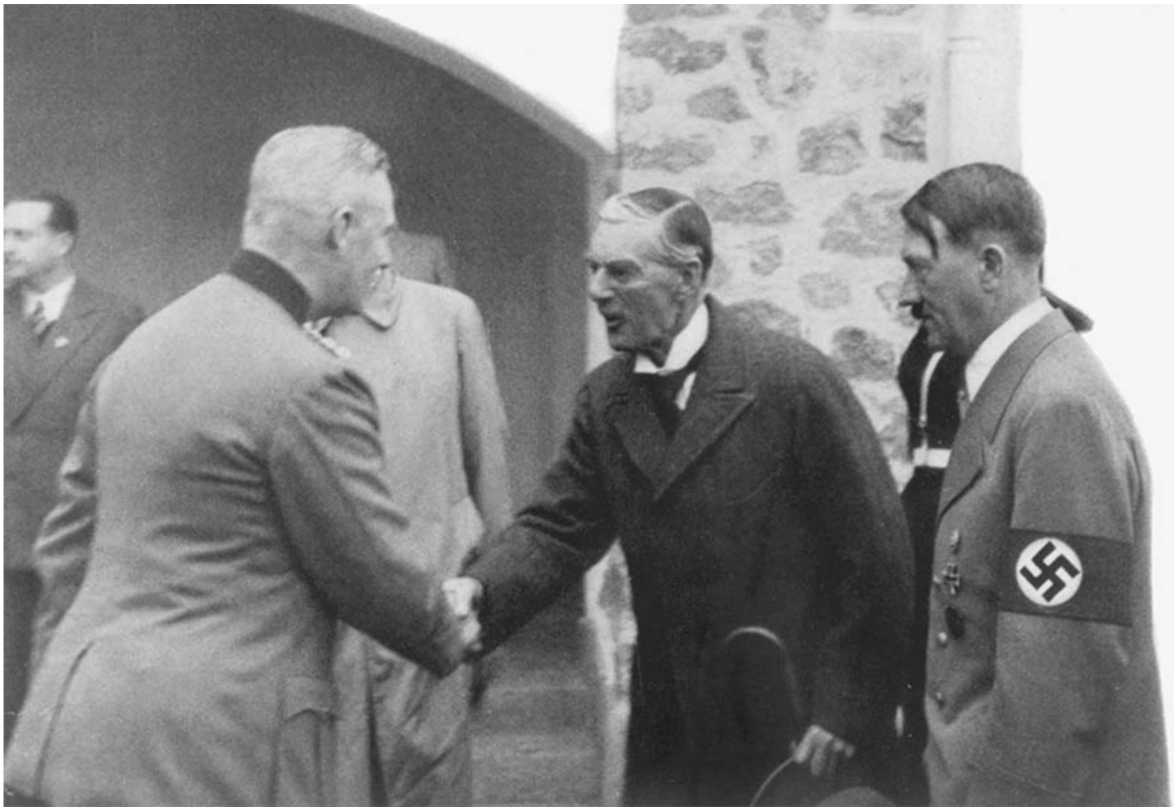
73. Uma família modelo? O ministro da Propaganda Joseph Goebbels, sua esposa Magda, suas filhas Helga e Hilde e o bebê Helmut posam para a câmera em 1936.



74. Goebbels fala pelo rádio aos alemães na véspera do aniversário de cinquenta anos de Hitler, em 20 de abril de 1939. O casamento do ministro da Propaganda estivera sob forte tensão nos meses anteriores por conta de seu caso com a atriz tcheca Lida Baarova, mas, por motivos de prestígio, Hitler pressionou para que o casal não se separasse.



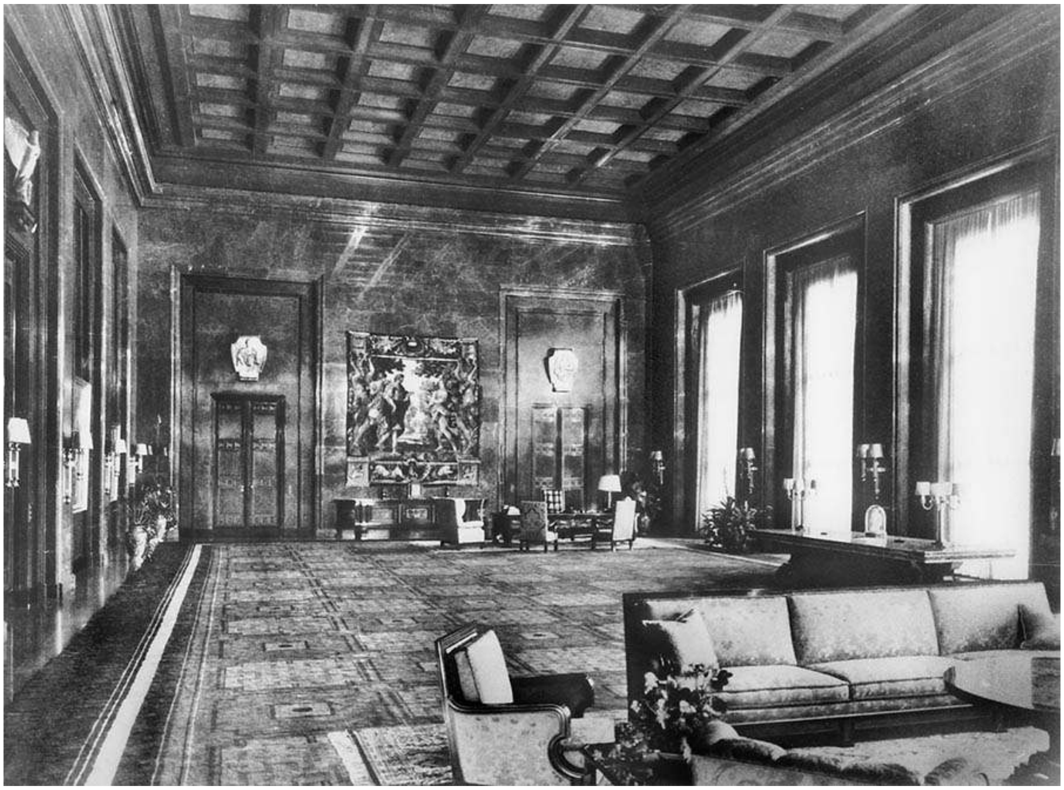
75. Uma fotografia incomum, tirada por volta de 1938, de Eva Braun, a companheira de Hitler desde 1932 — relação amorosa mantida em segredo do povo alemão até 1945.



76. Hitler observa o general Wilhelm Keitel, chefe do Alto-Comando da Wehrmacht, cumprimentar o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain, no Berghof, em 15 de setembro de 1938, durante a crise dos Sudetos.



77. Em março de 1939, tropas alemãs cruzam a ponte Carlos, em Praga, poucos dias depois de Hitler ter forçado o governo tcheco a aceitar um protetorado alemão no país.



78. O imponente "estúdio" de Hitler na Chancelaria do Reich, usado mais para impressionar os visitantes do que para trabalho.



79. Pompa e circunstância: Hermann Göring dirige-se a Hitler durante uma cerimônia — provavelmente no aniversário do ditador, 20 de abril de 1939 — na nova Chancelaria do Reich, projetada por Albert Speer e concluída no início de 1939.



80. "O aniversário do Führer": Hitler diverte-se ao completar 49 anos, em 20 de abril de 1938, quando Ferdinand Porsche lhe apresenta a miniatura de um Volkswagen e aponta que o motor fica no porta-malas. Nenhum dos 336 mil alemães que encomendaram e pagaram total ou parcialmente por um carro chegou a receber um Volkswagen. Os veículos foram produzidos durante a guerra exclusivamente para propósitos militares.



81. "O aniversário do Führer": Heinrich Himmler, chefe da SS, dá a Hitler seu presente — um valioso retrato equestre de Frederico, o Grande, pintado por Adolf von Menzel — no seu aniversário de cinquenta anos, em 20 de abril de 1939, observado por Sepp Dietrich (centro), *comandante da SS-Leibstandarte Adolf Hitler, e Karl Wolff, chefe do staff pessoal de Himmler* (extrema direita).



82. Hitler, em traje de gala, ao lado de Winifred Wagner, passa por uma multidão exultante durante o último Festival de Bayreuth antes da guerra, em julho de 1939.



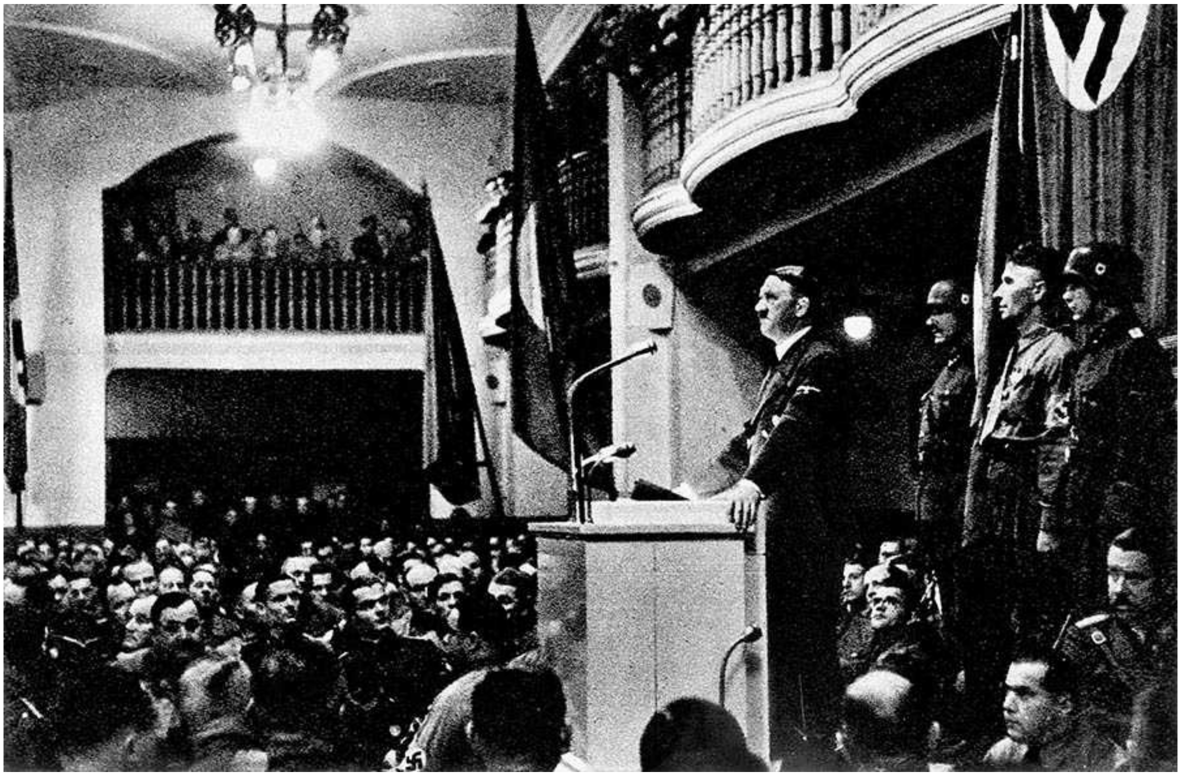
83. Mólotov assina o Pacto de Não Agressão entre a União Soviética e a Alemanha nas primeiras horas de 24 de agosto de 1939, observado (da esquerda para a direita) *pelo chefe do Estado-Maior do Exército Vermelho, marechal Boris S. Chápochnikov, o ajudante de Ribbentrop, Richard Schulze, o arrogante ministro do Exterior alemão, Joachim von Ribbentrop e Josef Stálin.*



84. Hitler em seu quartel-general temporário durante a campanha da Polônia, com seus ajudantes da Wehrmacht (da esquerda para a direita) *capitão Nicolaus von Below (Luftwaffe), capitão Gerhard Engel (Exército) e coronel Rudolf Schmundt (ajudante-chefe). Martin Bormann está à esquerda de Hitler.*



85. Hitler passa em revista tropas em Varsóvia, em 5 de outubro de 1939, na conclusão da vitória sobre a Polônia.



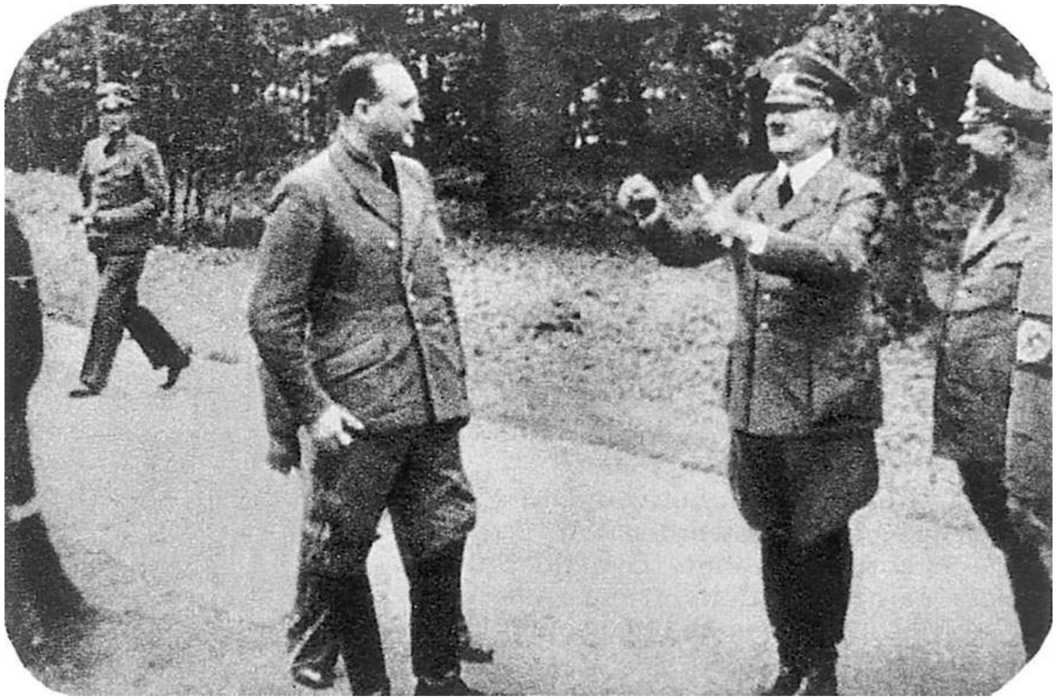
86. Hitler durante seu discurso para a "velha guarda" do partido, na Bürgerbräukeller, em Munique, 8 de novembro de 1939. Minutos depois que ele saiu do prédio, uma bomba-relógio colocada pelo carpinteiro suábio Georg Elser explodiu perto de onde ele discursara, matando oito pessoas e ferindo mais de sessenta.

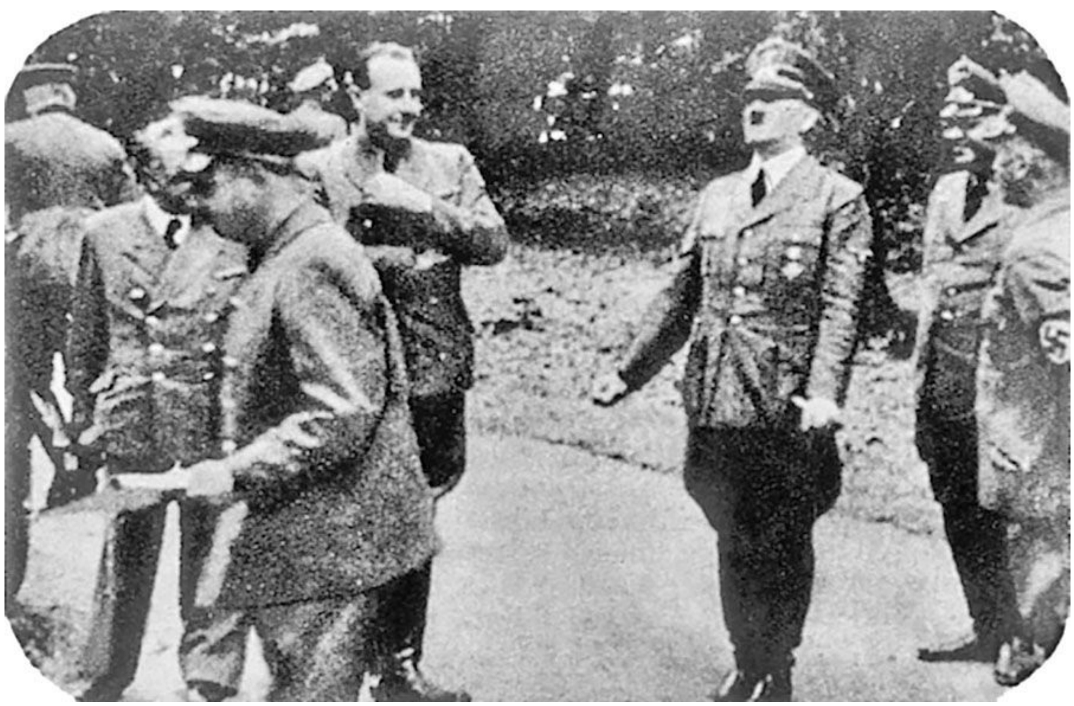


87. Arthur Greiser, o fanático governador e Gauleiter do Reichsgau Wartheland, a parte anexada do oeste da Polônia, na comemoração da "libertação" da área em 2 de outubro de 1939.



88. Albert Forster, Gauleiter *de Danzig-Prússia Ocidental, rival de Greiser na tentativa brutal de "germanizar" as partes anexadas da Polônia.*





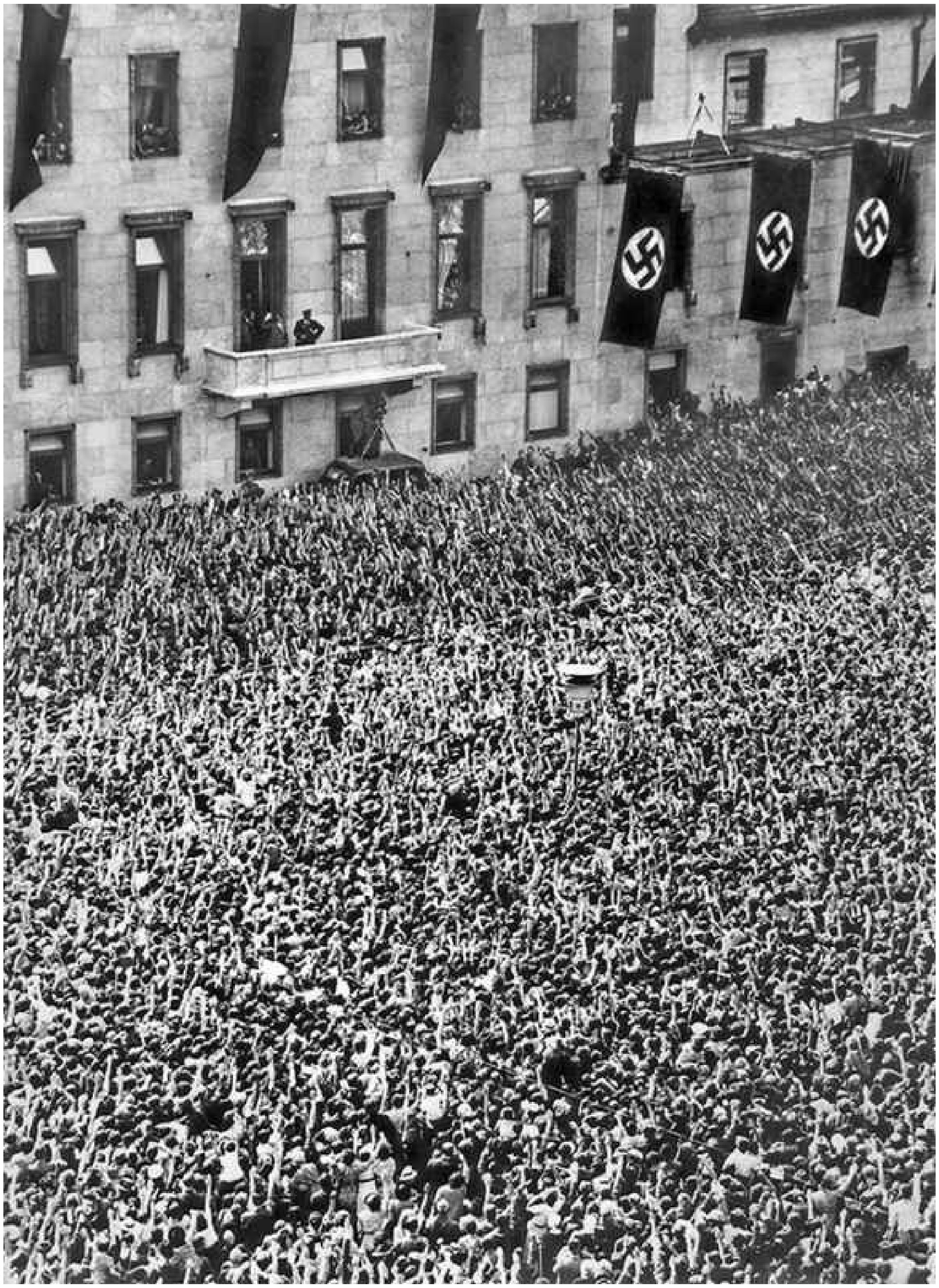
89. Em seu quartel-general Wolfsschlucht *(Garganta do Lobo), perto de Brûly-de-Pesche, na Bélgica, Hitler exulta, em 17 de junho de 1940, ao receber a notícia de que a França pedira um armistício. Walther Hewel, contato de Ribbentrop no quartel-general do Führer, está à direita de Hitler.*



90. Hitler visita embasamentos na Linha Maginot, na Alsácia, durante sua curta estadia em seu quartel-general Tannenberg, perto de Freudenstadt, na Floresta Negra, em 30 de junho de 1940.



91. Hitler em Freudenstadt, em 5 de julho de 1940, último dia em que ficou no Tannenberg.



92. Em 6 de julho de 1940, uma multidão imensa, reunida na Wilhelmplatz de Berlim, saúda com entusiasmo o herói conquistador em seu retorno triunfante da França. Göring está ao lado de Hitler, no balcão da Chancelaria do Reich.



93. Hitler despede-se de Franco após suas conversações em Hendaye, na fronteira da França com a Espanha, em 23 de outubro de 1940. Os sorrisos escondem a insatisfação de ambos os ditadores com o resultado das conversas.



94. Hitler encontra-se com o chefe de Estado francês, marechal Pétain, em Montoire, em 24 de outubro de 1940, para conversações que produziram poucos resultados tangíveis.



95. Ribbentrop conversa com Mólotov numa recepção no hotel Kaiserhof, durante a visita do ministro do Exterior soviético a Berlim, em 12-14 de novembro de 1940. As duras conversações com Mólotov confirmaram para Hitler que ele estava certo em planejar um ataque à União Soviética, em 1941.



96. Hitler e o ministro do Exterior japonês Matsuoka, na Chancelaria do Reich, em 27 de março de 1941. O dr. Paul Schmidt, funcionário do Ministério do Exterior e intérprete que compilou os registros do encontro, está à esquerda. Matsuoka permaneceu evasivo em relação às intenções japonesas. Um pouco antes, no mesmo dia, Hitler dera orientações aos seus comandantes militares sobre a invasão da Iugoslávia.



97. Hitler em seu quartel-general em Mönichkirchen, perto de Wiener Neustadt, em meados de abril de 1941, durante a campanha dos Bálcãs, conversa com o general Alfred Jodl (à esquerda), *chefe do Departamento de Operações da Wehrmacht. Nicolaus von Below, seu ajudante de ordens da Luftwaffe, está atrás de Hitler.*



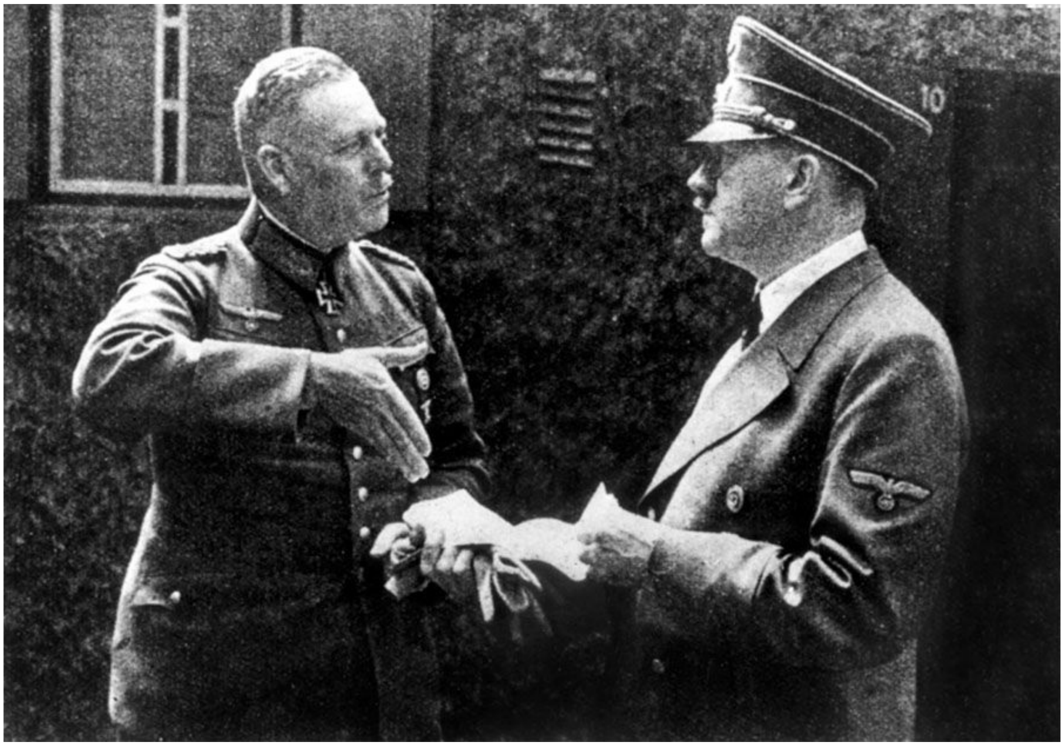
98. Hitler pensativo, acompanhado pelo chefe do Alto-Comando da Wehrmacht, marechal de campo Wilhelm Keitel, viaja de trem em 30 de junho de 1941 para o quartel-general do Alto-Comando do Exército, em Angerburg, não longe do novo quartel-general do Führer na Toca do Lobo, perto de Rastenburg, na Prússia Oriental.



99. Um cartaz antibolchevique: "A vitória da Europa é sua prosperidade". Com a Grã-Bretanha destruída, o punho blindado da Alemanha nazista esmaga o bolchevismo de Stálin.



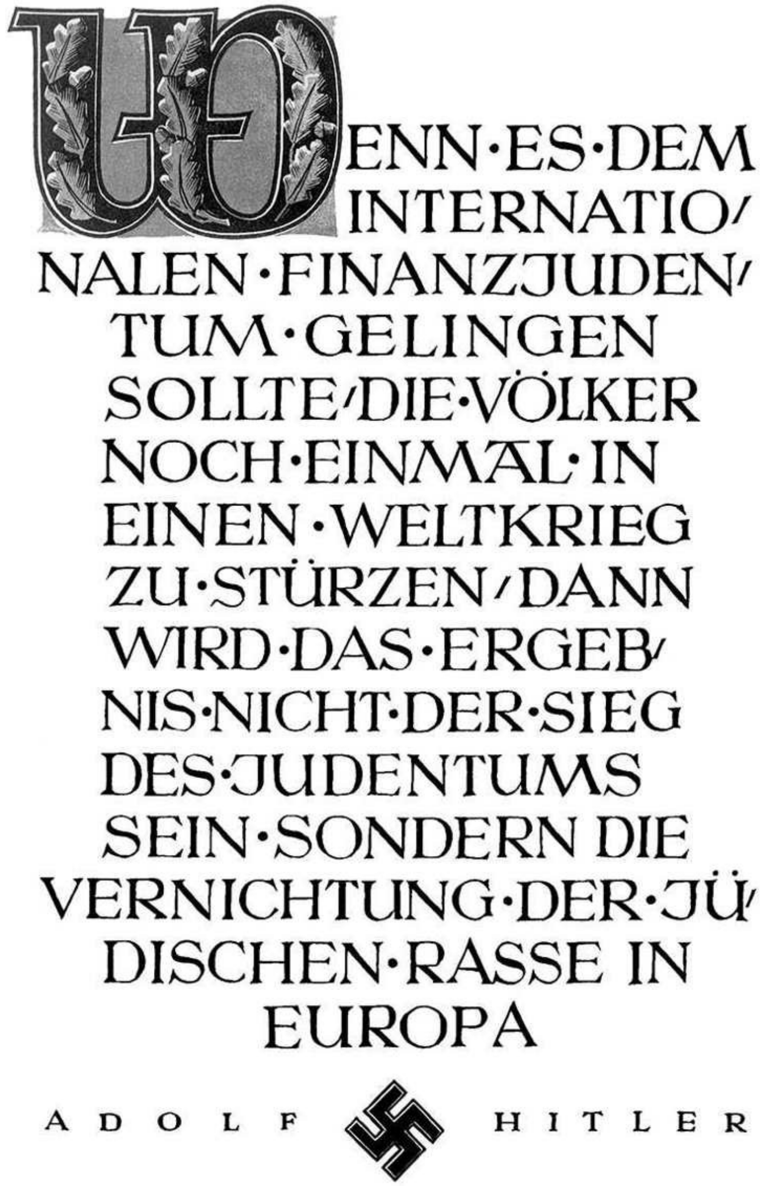
100. O marechal de campo Walther von Brauchitsch (à direita), *o fraco comandante em chefe do Exército, entre fevereiro de 1938 e sua demissão, em dezembro de 1941, numa reunião com o general Franz Halder, chefe do Estado-Maior Geral de 1938 a 1942.*



101. O marechal de campo Keitel discute assuntos militares com Hitler na Toca do Lobo logo após a invasão da União Soviética.



102. O Reichsführer-SS *e chefe da polícia alemã, Heinrich Himmler* (à esquerda)*, ao lado de seu braço direito,* SS-Obergruppenführer *Reinhard Heydrich, chefe do Gabinete Central de Segurança do Reich. Com a autorização de Hitler, eles tomaram medidas em 1941-2 para implementar a "Solução Final da Questão Judaica".*



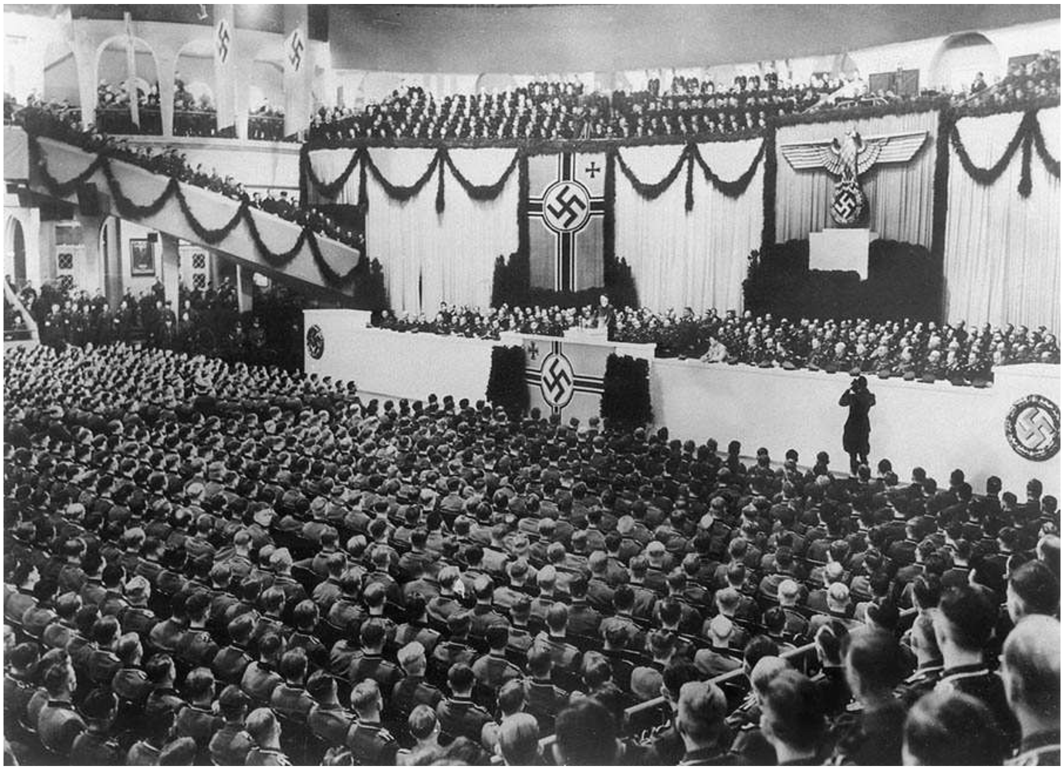
103. "Se os financistas judeus internacionais conseguirem de novo mergulhar as nações numa guerra mundial, o resultado não será a vitória dos judeus, mas a aniquilação da raça judaica na Europa" — Adolf Hitler. *A "profecia" que Hitler anunciou ao Reichstag em 30 de janeiro de 1939. O cartaz foi produzido em setembro de 1941 para ser o "slogan da semana" pelo escritório central do Departamento de Propaganda do Partido Nazista e distribuído aos seus diretórios em todo o Reich.*



104. Hitler saúda o caixão de Reinhard Heydrich, que fora assassinado por patriotas tchecos, no funeral oficial do chefe da Polícia de Segurança, no Salão Mosaico da nova Chancelaria do Reich, em Berlim, em 9 de junho de 1942.



105. Hitler conforta os filhos de Heydrich no funeral. Em privado, ele criticava o desleixo de Heydrich com sua própria segurança. Os outros líderes nazistas presentes na foto são (da esquerda para a direita)*: Kurt Daluege (chefe da Ordnungspolizei); Bernhard Rust (ministro da Educação do Reich); Alfred Rosenberg (ministro do Reich para os Territórios Ocupados do Leste); Viktor Lutze (chefe do Estado-Maior da SA); Baldur von Schirach (governador e* Gauleiter *de Viena); Robert Ley (líder da organização do Partido Nazista e chefe da Frente Alemã do Trabalho); Himmler; Wilhelm Frick (ministro do Interior do Reich); e Göring.*



106. Hitler discursa para 12 mil oficiais e candidatos a oficial no Sportpalast de Berlim, em 28 de setembro de 1942.



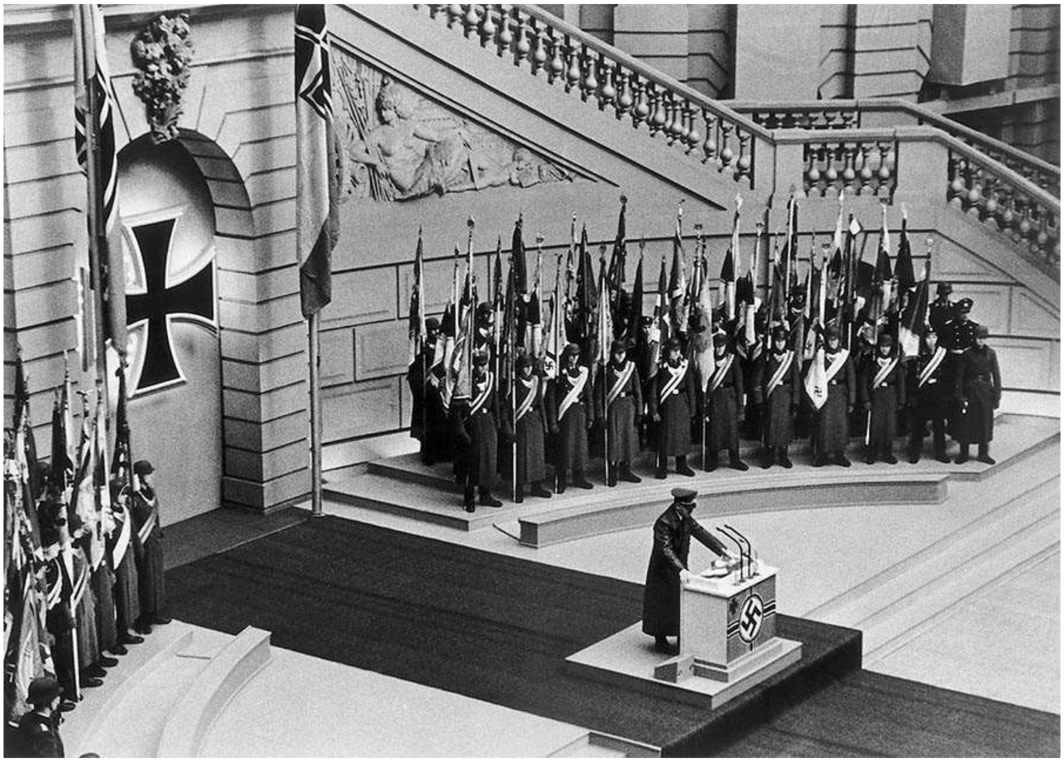
107. Alguns dos jovens oficiais saúdam Hitler durante a cerimônia.



108. O marechal de campo Fedor von Bock em 1942, quando era comandante em chefe do Grupo de Exércitos Sul. Durante a segunda metade de 1941, ele comandara o Grupo de Exércitos Centro, que havia liderado a investida contra Moscou. Embora cada vez mais crítico da liderança militar de Hitler, permaneceu fiel.



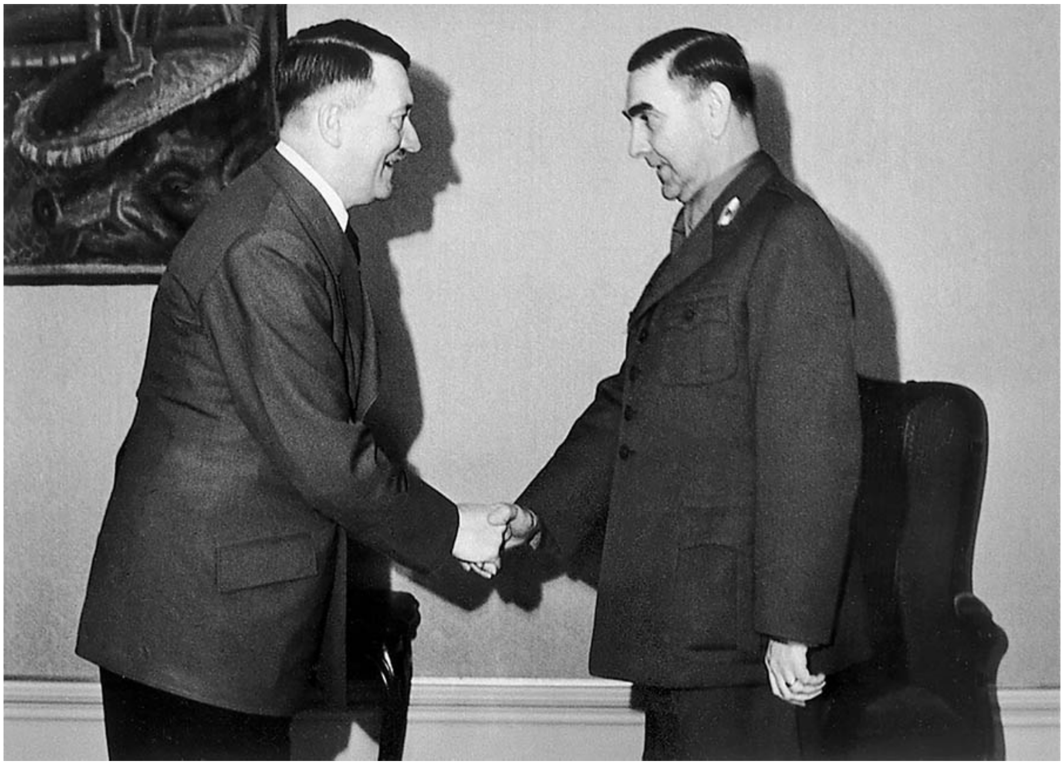
109. O marechal de campo Erich von Manstein, possivelmente o mais competente comandante militar de Hitler. Apesar de suas crescentes diferenças com o Führer, recusou-se a participar da conspiração contra ele, declarando: "Marechais de campo prussianos não se amotinam".



110. Hitler fala no Dia da Memória dos Heróis, 15 de março de 1942, no Ehrenhof (pátio de honra) do Arsenal, na avenida Unter den Linden, em Berlim.



111. A frente oriental, julho de 1942. Tropas motorizadas afastam-se de uma aldeia russa em chamas.



112. Os “clientes” de Hitler: recebendo os chefes de Estados-satélites. Hitler cumprimenta o chefe de Estado croata Ante Pavelic na Toca do Lobo, em 27 de abril de 1943.



113. Hitler a caminho de suas discussões com o líder romeno, marechal Antonescu (no centro)*, no quartel-general do Führer, em 11 de fevereiro de 1942. O intérprete Paul Schmidt está à esquerda.*



114. Hitler cumprimenta o rei Boris III, da Bulgária, na Toca do Lobo, em 24 de março de 1942. Pouco mais de uma semana depois de uma tensa visita posterior, em 15 de agosto de 1943, o rei Boris morreu subitamente de um ataque cardíaco, dando origem a rumores no exterior de que Hitler mandara envenená-lo.



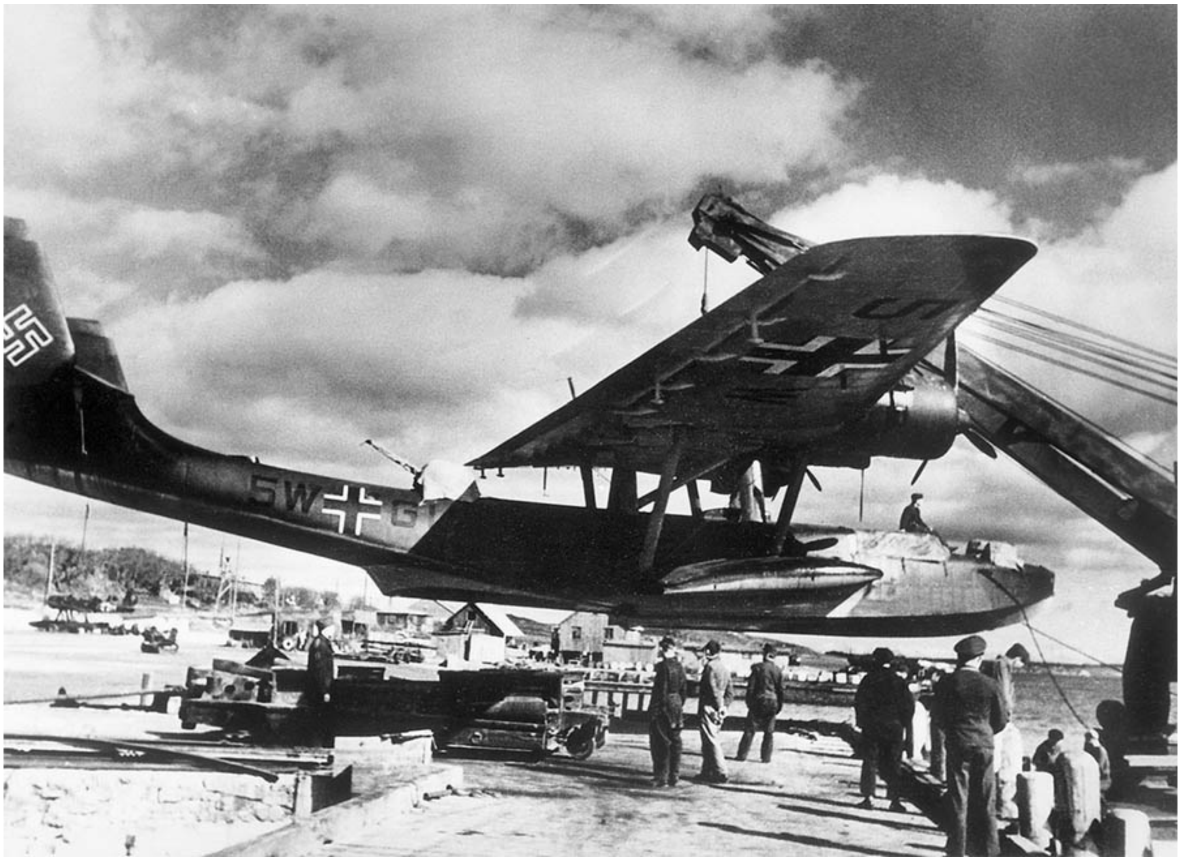
115. A vez do presidente eslovaco, monsenhor dr. Josef Tiso, de visitar Hitler em 22 de abril de 1943, no palácio barroco restaurado de Klessheim, perto de Salzburgo.



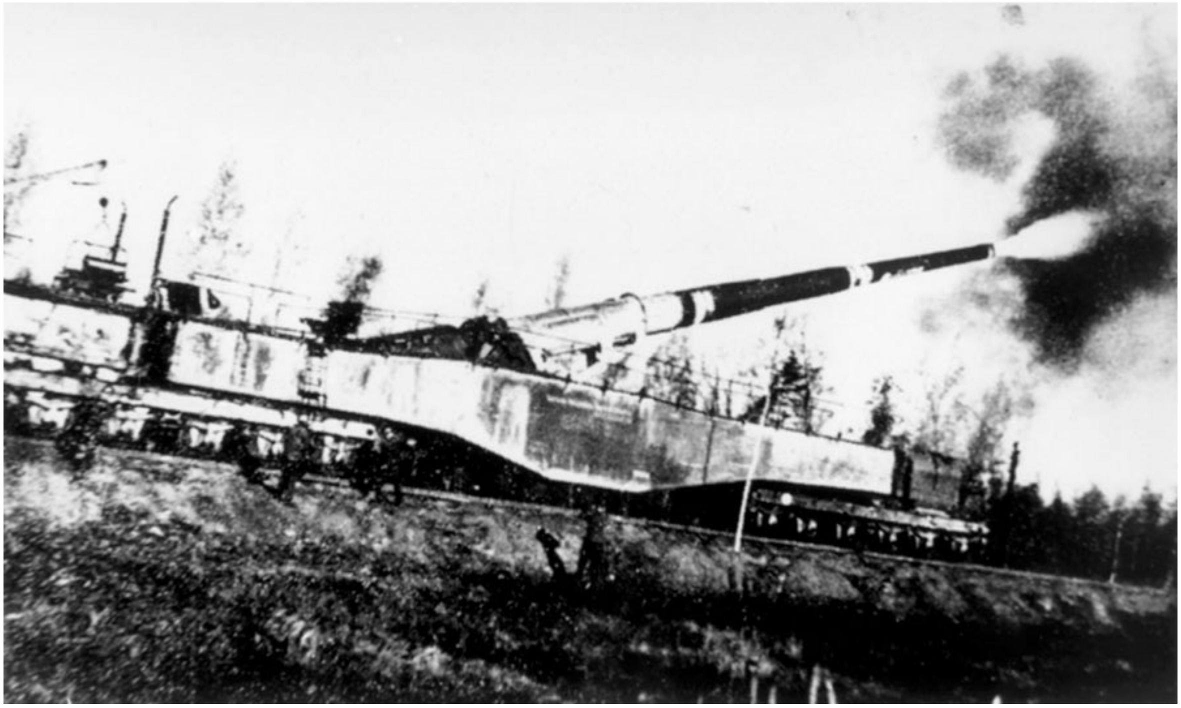
116. Hitler cumprimenta o líder finlandês, marechal Mannerheim, na Toca do Lobo, em 27 de junho de 1942. Keitel está ao fundo.



117. O almirante Horthy, chefe de Estado húngaro, fala com (da esquerda para a direita) *Ribbentrop, Keitel e Martin Bormann durante uma visita à Toca do Lobo, em 8-10 de setembro de 1941. Visitas posteriores, quando a sorte da guerra mudava, foram menos harmoniosas do que esta.*



118. A frente de batalha estendida demais. Em 1942, a demanda por homens e equipamentos numa vasta amplitude de fronts e condições já havia gerado exatamente o que a incoerência estratégica de Hitler sempre arriscara. Noruega: um hidroavião Do 24 é depositado no solo pelo guindaste de um navio de salvamento a fim de ser rebocado para um hangar de reparos.



119. A frente de batalha estendida demais. Leningrado: um imenso canhão, montado sobre um trem, dispara sobre a cidade sitiada. A arma pesava 145 toneladas, tinha um cano de 16,4 metros de comprimento e um alcance de 46,6 quilômetros.



120. A frente de batalha estendida demais. Líbia: tanques alemães percorrem o front em Cirenaica.



121. A frente de batalha estendida demais. Bósnia. Uma expedição para caçar guerrilheiros.



122. Um soldado alemão exausto na frente oriental.



123. Hitler assiste ao desfile da Wehrmacht depois de depositar uma coroa no monumento fúnebre da Unter den Linden no Dia da Memória dos Heróis, 21 de março de 1943. Atrás de Hitler estão (da esquerda para a direita) *Göring, Keitel, o comandante em chefe da Marinha Karl Dönitz e Himmler. Pouco antes, uma tentativa de matar Hitler, planejada por oponentes do Grupo de Exércitos Centro, teve de ser abortada porque o programa habitual do ditador para o dia foi alterado sem aviso.*



124. Hitler é saudado pela "velha guarda" do Partido Nazista na Löwenbräukeller de Munique, em 8 de novembro de 1943, vigésimo aniversário do putsch da cervejaria. Göring está à direita de Hitler. Seria a última vez que o Führer apareceria em pessoa nesse ritual simbólico, um ponto alto do calendário nazista.



125. Martin Bormann, chefe da Chancelaria do Partido Nazista (depois da fuga de Rudolf Heß para a Escócia, em maio de 1941). A partir do início da guerra, ele esteve invariavelmente ao lado de Hitler e, em abril de 1943, foi oficialmente designado secretário do Führer. Essa proximidade, ao lado de seu controle do partido, deu-lhe grande poder.



126. Hitler e Goebbels, ainda capazes de sorrir apesar dos desastres militares e dos problemas internos crescentes, fotografados durante uma caminhada no Obersalzberg, acima de Berchtesgaden, em junho de 1943.



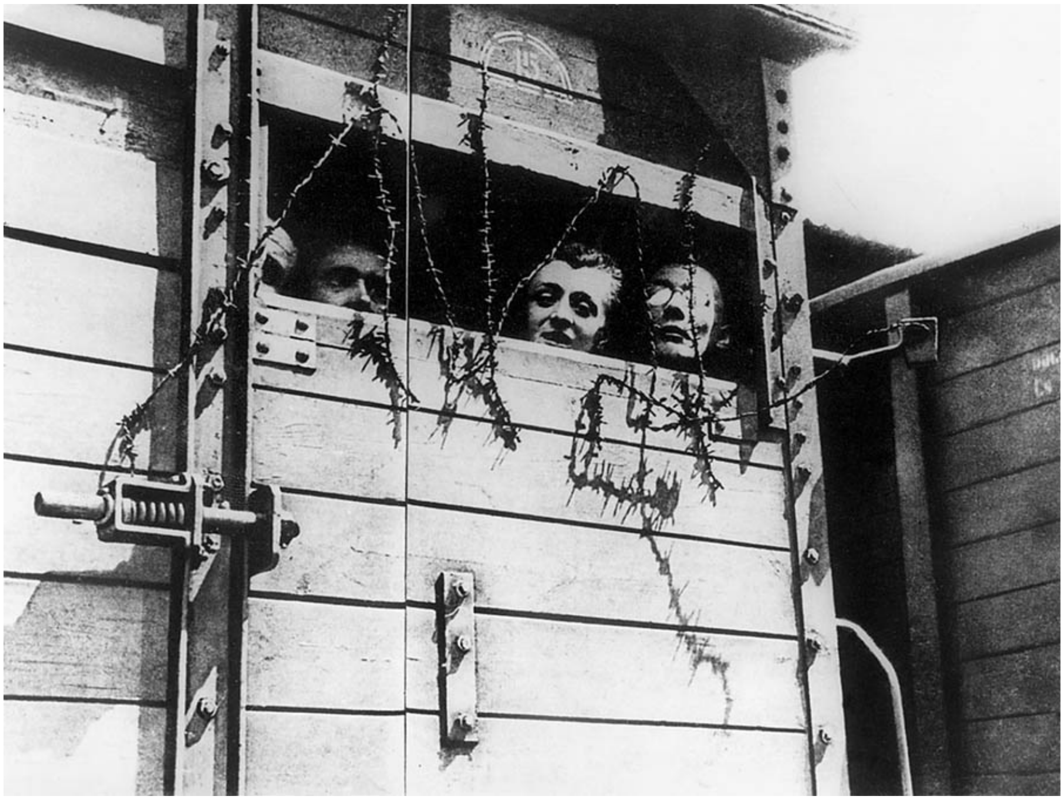
127. A frente oriental na primavera e no outono. Um carro alemão está atolado na lama.



128. A frente oriental no inverno. Tanques e veículos blindados, inutilizados naquelas condições, tinham de ser entrincheirados em pontos estratégicos para protegê-los dos ataques soviéticos.



129. A frente oriental no verão. Uma unidade Waffen-SS atravessa campos aparentemente sem fim.



130. A Solução Final. Judeus franceses sendo deportados em 1942. Rostos assustados espiam atrás do arame farpado que cobre a abertura do vagão.



131. A Solução Final. Judeus poloneses forçados a cavar a própria cova, 1942.



132. A Solução Final. Incineradores em Majdanek, com esqueletos de prisioneiros do campo mortos em face da aproximação do Exército Vermelho e da libertação do campo, em 27 de julho de 1944.



133. Hitler e Himmler dão uma caminhada de inverno no Obersalzberg, em março de 1944.



134. O grupo de resistência Rosa Branca de estudantes de Munique. Christoph Probst (à esquerda) *com Sophie e Hans Scholl, em julho de 1942. Em 22 de fevereiro do ano seguinte, eles foram condenados à morte e decapitados no mesmo dia por distribuírem panfletos na Universidade de Munique, depois do desastre em Stalingrado, condenando a desumanidade do regime nazista.*



135. O brilhante comandante de tanques Heinz Guderian. Embora reconhecesse que Hitler estava levando a Alemanha à catástrofe, ele condenou a tentativa de assassiná-lo em 20 de julho de 1944. Um dia depois, foi nomeado chefe do Estado-Maior, mantendo esse cargo até sua demissão, em 28 de março de 1945.



136. O general Ludwig Beck, que, após renunciar ao posto de chefe do Estado-Maior em 1938 — devido à insistência de Hitler em se arriscar a uma guerra pela Tchecoslováquia —, tornou-se uma figura central da resistência conservadora. Suicidou-se em 20 de julho de 1944, depois do fracasso do atentado à bomba.



137. O coronel conde Claus Schenk von Stauffenberg, a força propulsora por trás da conspiração para matar Hitler em 20 de julho de 1944, que assumiu a responsabilidade por executar o atentado na Toca do Lobo e por dirigir o pretendido golpe de Estado em Berlim. Após o fracasso do atentado, foi preso e morto por um pelotão de fuzilamento na mesma noite.



138. O general de brigada Henning von Tresckow, uma das figuras mais corajosas da resistência, inspirador de vários planos tramados no Grupo de Exércitos Centro para matar Hitler em 1943. Stauffenberg considerava-o seu mentor. Esta é uma de suas últimas fotografias, tirada em 1944. Suicidou-se em 21 de julho de 1944 na frente oriental, ao saber do fracasso do atentado à bomba.



139. Hitler com aparência abalada, logo após a tentativa de assassinato de 20 de julho de 1944.



140. As calças de Hitler retalhadas pela explosão da bomba.



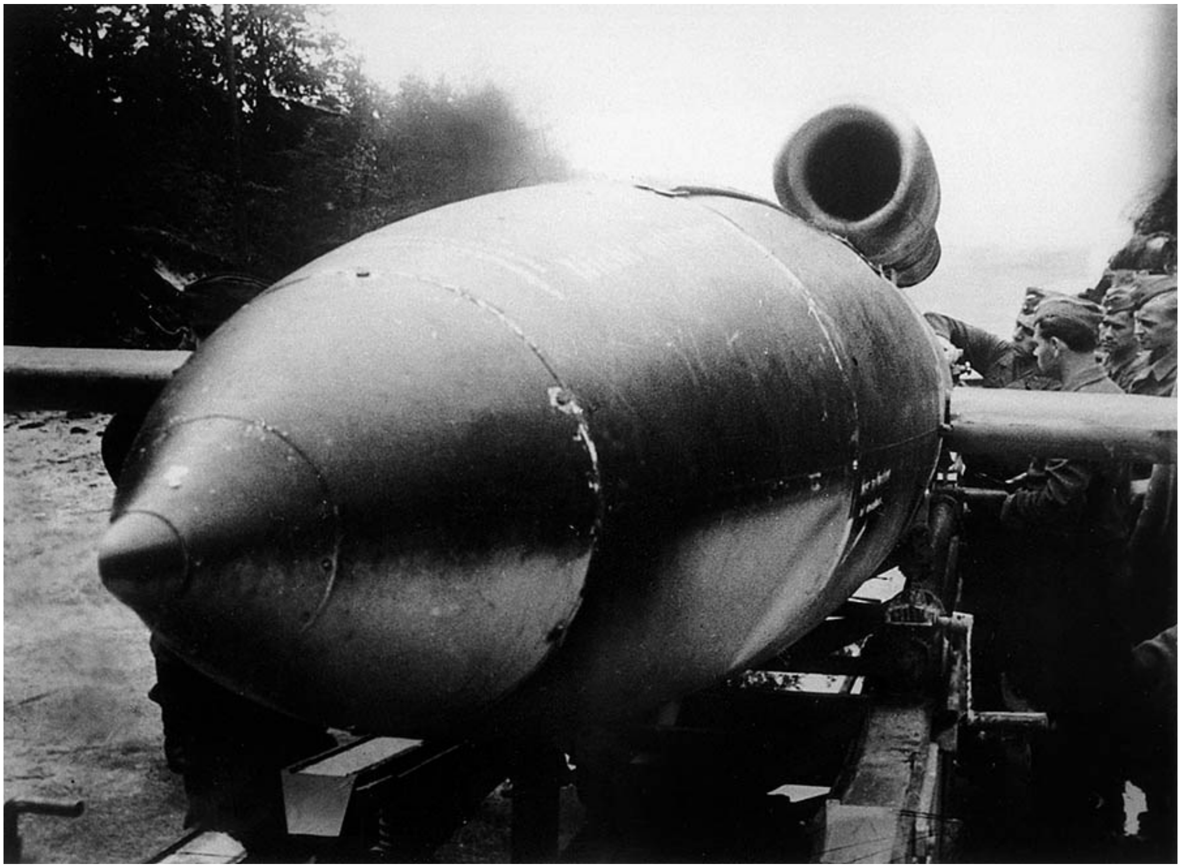
141. Hitler cumprimenta Mussolini no quartel-general do Führer — na última vez em que se encontrariam — cerca de três horas após a explosão da bomba de Stauffenberg, em 20 de julho de 1944. Hitler teve de usar a mão esquerda porque seu braço direito ficara levemente ferido na explosão.



142. O grão-almirante Dönitz declara a lealdade da Marinha numa transmissão radiofônica pouco após a meia-noite de 21 de julho de 1944, logo depois de Hitler e Göring falarem ao povo alemão. Na plateia estão Bormann (à esquerda, perto de Hitler) *e Jodl* (à direita de Hitler, com a cabeça enfaixada).



143. Um envelhecido Hitler retratado no Berghof em 1944.



144. Armas maravilhosas: uma bomba voadora V1 é levada para sua plataforma de lançamento.



145. Armas maravilhosas: um foguete V2, pronto para ser lançado, em Cuxhaven.



146. Armas maravilhosas: um soldado americano posa ao lado de um Me 262 durante o avanço aliado na Alemanha, em abril de 1945. Durante muito tempo, Hitler insistiu em ter o caça a jato projetado como bombardeiro. Quando foi finalmente usado como caça, era tarde demais para ser eficaz.



147. Raspando o tacho. Homens mal equipados da Volkssturm — milícia popular criada por Hitler em 25 de setembro de 1944, para que todos os homens capazes entre dezesseis e sessenta anos pegassem em armas — retratados durante uma cerimônia de juramento em Berlim, em dezembro de 1944.



148. O último Dia da Memória dos Heróis, 11 de março de 1945. Hitler não apareceu, deixando para Göring (com Dönitz à sua esquerda e Keitel à direita) depositar a coroa no cenotáfio da avenida Unter den Linden.



149. Mulheres e crianças fogem do ataque do Exército Vermelho a Danzig, em março de 1945.



150. Fantasia: em fevereiro de 1945, com o Exército Vermelho aproximando-se de Berlim, Hitler examina a maquete da reconstrução pretendida de sua cidade natal Linz, projetada pelo arquiteto Hermann Giesler.



151. Realidade: Hitler, com seu ajudante Julius Schaub, diante das ruínas da Chancelaria do Reich em março de 1945, poucas semanas antes de seu suicídio.

Lista de ilustrações

Todos os esforços para contatar os detentores de direitos autorais foram realizados. Os editores ficarão contentes em corrigir erros ou omissões que forem apontados em edições futuras. (Os créditos das fotografias estão entre parênteses.)

14. Hitler falando no Marsfeld (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

15. Comício do NSDAP, Munique, 1923 (Coleção Rudolf Herz, Munique)

16. Organizações paramilitares no Dia Alemão, 1923 (Coleção Rudolf Herz, Munique)

17. Alfred Rosenberg, Hitler, Friedrich Weber e Christian Weber (Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz, Berlim)

18. Homens armados da SA defendem barricada (Süddeutscher Verlag, Munique)

19. Golpistas armados da região de Munique (Stadtsmuseum, Landeshaupstadt Munique)

20. Réus no julgamento dos golpistas (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

21. Hitler imediatamente depois de sua saída da prisão (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

22. Hitler em Landsberg (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

23. Hitler em trajes bávaros (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

24. Hitler de capa de chuva (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

25. Hitler com seu cão Wolf (Coleção Rudolf Herz, Munique)

26. Congresso do Partido, Weimar, julho de 1926 (Ullstein Bilderdienst, Berlim)

27. Congresso do Partido, Nuremberg, agosto de 1927 (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

28. Hitler em uniforme da SA (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

29. Hitler em pose retórica (Karl Stehle, Munique)

30. Hitler falando para a liderança do NSDAP, Munique, agosto de 1928 (Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz, Berlim)

31. Geli Raubal e Hitler (David Gainsborough Roberts)

32. Eva Braun (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

33. O presidente do Reich Paul von Hindenburg (AKG Londres)

34. O chanceler do Reich Heinrich Brüning com Benito Mussolini (AKG Londres)

35. O chanceler do Reich Franz von Papen com o secretário de Estado dr. Otto Meissner (Bundesarchiv, Koblenz).

36. Gregor Strasser e Joseph Goebbels (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

37. Ernst Thälmann (Hulton Getty, Londres)

38. Cartaz eleitoral nazista, 1932 (AKG Londres)

39. Placas de candidatos à eleição presidencial (Bundesarchiv, Koblenz)

40. Discussão em Neudeck (AKG Londres)

41. O chanceler do Reich Kurt von Schleicher (AKG Londres)

42. Hitler em traje de gala (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

43. Hitler inclina-se para o presidente do Reich Von Hindenburg (AKG Londres)

44. Violência da SA contra comunistas (AKG Londres)

45. O boicote de médicos judeus (AKG Londres)

46. Um judeu idoso sendo levado em custódia (AKG Londres)

47. Hindenburg e Hitler no Dia Nacional do Trabalho (AKG Londres)

48. Hitler com Ernst Röhm (Süddeutscher Verlag, Munique)

49. Postal criado por Hans von Norden (Karl Stehle, Munique)

50. Postal: "O Führer como amigo dos animais" (Karl Stehle, Munique)

51. Hitler justifica o "expurgo de Röhm" (Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz, Berlim)

52. Hitler, o professor Leonhard Gall e o arquiteto Albert Speer (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

53. Hitler com jovens bávaros (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

54. O salão de exposição da Mercedes-Benz na Lenbachplatz, Munique (Stadtarchiv, Landeshauptstadt Munique)

55. Hitler com Karl Krause, Albert Vögler, Fritz Thyssen e Walter Borbet (AKG Londres)

56. *Hitler em suas montanhas*: publicação de Heinrich Hoffmann (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

57. Novos recrutas no Feldherrnhalle, 1935 (Bayerische Staatsbibliothek, Munique)

58. Tropas alemãs entram na Renânia (AKG Londres)

59. Adolf Hitler, setembro de 1936 (Ullstein Bilderdienst, Berlim)

60. Hitler discute planos para Weimar, 1936 (Corbis/Hulton-Coleção Alemã)

61. As Olimpíadas de Berlim, 1936 (Ullstein Bilderdienst, Berlim)

62. Hitler encontra-se com o duque e a duquesa de Windsor, 1937 (Corbis/Hulton-Coleção Alemã).

63. Werner von Blomberg (Corbis/Hulton-Coleção Alemã)

64. Werner von Fritsch (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

65. Hitler fala para a multidão na Heldenplatz, Viena, 1938 (AKG Londres)

66. Hitler, Mussolini e Victor Emmanuel III, 1938 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

67. Hitler em Florença, 1938 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

68. Exposição O Judeu Eterno, Munique, 1937 (AKG Londres)

69. Cartaz "Judeus em Berlim", Berlim, 1938 (Corbis/Hulton-Coleção Alemã)

70. Sinagoga em chamas, Berlim, 1938 (Corbis/ Hulton-Coleção Alemã)

71. Prédio da comunidade judaica, Kassel, 1938 (Ullstein Bilderdienst, Berlim)

72. Loja judaica saqueada, Berlim, 1938 (AKG Londres)

73. Joseph Goebbels e sua família, 1936 (Corbis/Hulton-Coleção Alemã)

74. Goebbels fala pelo rádio ao povo, 1939 (Hulton Getty)

75. Eva Braun, *c.* 1938 (Hulton Getty)

76. Wilhelm Keitel cumprimenta Neville Chamberlain (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

77. Tropas alemãs, Praga, 1939 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

78. O estúdio de Hitler na Chancelaria do Reich (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

79. Göring dirige-se a Hitler na nova Chancelaria do Reich, 1939 (Bayerisches Hauptstaatsarchiv, Munique)

80. Hitler presenteado com uma miniatura por Ferdinand Porsche, 1938 (Hulton Getty)

81. Heinrich Himmler presenteia Hitler com uma pintura de Menzel, 1939 (Bundesarchiv, Koblenz)

82. Hitler com Winifred Wagner, Bayreuth, 1939 (Bayerisches Hauptstaatsarchiv, Munique)

83. Mólotov assina o Pacto de Não Agressão entre a União Soviética e a Alemanha, 1939 (Corbis)

84. Hitler na Polônia com seus ajudantes das Wehrmacht (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

85. Hitler passa em revista tropas em Varsóvia, 1939 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

86. Hitler fala para a "velha guarda" do partido na Bürgerbräukeller, Munique, 1939 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Sruttgart)

87. Arthur Greiser (Bundesarchiv, Koblenz)

88. Albert Forster (Süddeutscher Verlag, Munique)

89. Hitler reage à notícia do pedido de armistício da França, 1940 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

90. Hitler visita a Linha Maginot na Alsácia, 1940 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

91. Hitler em Freudenstadt, 1940 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

92. Multidão na Wilhelmplatz, Berlim, 1940 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

93. Hitler despede-se de Franco, Hendaye, 1940 (Ullstein Bilderdienst, Berlim)

94. Hitler encontra-se com o marechal Pétain, 1940 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

95. Ribbentrop conversa com Mólotov, Berlim, 1940 (Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz, Berlim)

96. Hitler encontra-se com Matsuoka, do Japão, 1941 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

97. Hitler conversa com Alfred Jodl, 1941 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

98. Hitler e Keitel, a caminho de Angerburg, 1941 (Ullstein Bilderdienst, Berlim/Walter Frentz)

99. "A vitória da Europa é sua prosperidade", cartaz antibolchevique (Imperial War Museum, Londres)

100. Walther von Brauchitsch e Franz Halder (AKG Londres)

101. Keitel com Hitler na Toca do Lobo (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

102. Himmler e Reinhard Heydrich (Süddeutscher Verlag, Munique)

103. Cartaz de propaganda nazista com a "profecia" de Hitler de 30 de janeiro de 1939 (The Wiener Library, Londres)

104. Hitler saúda o caixão de Heydrich, 1942 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

105. Hitler conforta os filhos de Heydrich (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

106. Hitler fala para 12 mil oficiais no Sportpalast, Berlim, 1942 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

107. A reação dos oficiais (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

108. Fedor von Bock (Ullstein Bilderdienst, Berlim/Walter Frentz)

109. Erich von Manstein (Ullstein Bilderdienst, Berlim/Walter Frentz)

110. Hitler fala no Dia da Memória dos Heróis no Arsenal da Unter den Linden, Berlim, 1942 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

111. Tropas motorizadas passam por uma aldeia russa em chamas na frente oriental, 1942 (Hulton Getty)

112. Hitler cumprimenta o dr. Ante Pavelic, 1943 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

113. Hitler com o marechal Antonescu, 1942 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

114. Hitler cumprimenta o rei Boris III, 1942 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

115. Hitler cumprimenta o monsenhor dr. Josef Tiso, 1943 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

116. Hitler recebe o marechal Mannerheim, 1942 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

117. O almirante Horthy conversa com Ribbentrop, Keitel e Martin Bormann (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

118. Um hidroavião Do 24, Noruega (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

119. Canhão montado em trem, Leningrado (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

120. Tanques alemães, Cirenaica, Líbia (Hulton Getty)

121. Caçando guerrilheiros, Bósnia (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

122. Soldado alemão exausto na frente oriental (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

123. Hitler assiste a desfile da Wehrmacht, Berlim, 1943 (Ullstein Bilderdienst, Berlim/Walter Frentz)

124. A "velha guarda" do Partido saúda Hitler, Munique, 1943 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

125. Martin Bormann (Hulton Getty)

126. Hitler e Goebbels no Obersalzberg, 1943 (Ullstein Bilderdienst, Berlim/Walter Frentz)

127. Soldados alemães empurram veículo na lama, frente oriental (Corbis)

128. Veículos blindados abrigados na neve, frente oriental (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart).

129. Tropas da Waffen-SS, frente oriental (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

130. Judeus franceses sendo deportados, 1942 (Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz, Berlim)

131. Judeus poloneses cavam a própria cova, 1942 (Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz, Berlim)

132. Incineradores em Majdanek, 1944 (Ullstein Bilderdienst, Berlim)

133. Hitler e Himmler caminham no Obersalzberg, 1944 (Ullstein Bilderdienst, Berlim/Walter Frentz)

134. A Rosa Branca, 1942 (Gedenkstätte Deutscher Widerstand, Berlim)

135. Heinz Guderian (Hulton Getty)

136. Ludwig Beck (AKG Londres)

137. Conde Claus Schenk von Stauffenberg (AKG Londres)

138. Henning von Tresckow (Süddeutscher Verlag, Munique)

139. Hitler logo após a tentativa de assassinato, 1944 (Süddeutscher Verlag, Munique)

140. As calças de Hitler (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

141. Último encontro entre Hitler e Mussolini, 1944 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

142. Karl Dönitz professa a lealdade da Marinha, 1944 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

143. Hitler envelhecido no Berghof, 1944 (Ullstein Bilderdienst, Berlim/Walter Frentz)

144. Bomba voadora V1 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

145. Foguete V2 (Corbis/Hulton-Coleção Alemã)

146. Messerschmitt Me262 (Hulton Getty)

147. A Volkssturm, 1944 (Hulton Getty)

148. O último Dia da Memória dos Heróis, Berlim, 1945 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

149. Mulheres e crianças fogem de Danzig, 1945 (AKG Londres)

150. Hitler olha uma maquete de Linz (National Archives and Records

Administration, Washington)

151. Hitler nas ruínas da Chancelaria do Reich, 1945 (Bibliothek für Zeitgeschichte, Stuttgart)

Principais fontes primárias publicadas sobre Hitler

Adolf Hitler: Monologe im Führerhauptquartier 1941-1944. Die Aufzeichnungen Heinrich Heims. Organização de Werner Jochmann. Hamburgo, 1980 (*Hitler's Table Talk, 1941-1944*. Introdução de H. R. Trevor-Roper. Londres, 1953).

Akten der Partei-Kanzlei, 4 vols. Munique: Institut für Zeitgeschichte, 1983-92.

Akten der Reichskanzlei. Die Regierung Hitler 1933-1938, 4 vols. Boppard/Munique, 1983-99.

Akten zur Deutschen Auswärtigen Politik 1918-1945 (*Série D: 1/9/37-11/12/41; Série E: 1941-1945*).

BAUR, Hans. *Ich flog Mächtige der Erde*. Kempten, 1956.

BECKER, Josef e Ruth (orgs.). *Hitlers Machtergreifung*, 2a ed. Munique, 1992.

BELOW, Nicolaus von. *Ais Hitlers Adjutant 1937-1945*. Mainz, 1980 (*At Hitler's Side*. Londres, 2001).

The Bormann Letters: The Private Correspondence between Martin Bormann and his Wife from January 1943 to April 1945. Organização de H. R. Trevor-Roper. Londres, 1954.

Das Buch Hitler. Geheimdossier des NKWD für Josef W. *Stalin, zusammengestellt aufgrund der Verhörprotokolle des Persönlichen Adjutanten Hitlers, Otto Günsche, und des Kammerdieners Heinz Linge, Moskau 1948/49*. Organização de Henrik Eberle e Matthias Uhl. Bergisch Gladbach, 2005 (*The Hitler Book*. Londres, 2005).

BURCKHARDT, Carl J. *Meine Danziger Mission 1937-1939*. Munique, 1962.

CIANO, Galeazzo. *Tagebücher 1937/38*. Hamburgo, 1949 (*Ciano's Diary 1937-1943*. Londres, 2002).

Ciano's Diary 1939-1943. Organização de Malcolm Muggeridge. Londres/Toronto, 1947.

Ciano's Diplomatic Papers. Organização de Malcolm Muggeridge. Londres, 1948.

COULONDRE, Robert. *Von Moskau nach Berlin 1936-1939. Erinnerungen des französischen Botschafters*. Bonn, 1950.

DAHLERUS, Birger. *Der letzte Versuch. London-Berlin. Sommer 1939*. Munique, 1948.

Das Diensttagebuch des deutschen Generalgouverneurs in Polen 1939-1945. Organização de Werner Präg e Wolfgang Jacobmeyer. Stuttgart, 1975.

Der Dienstkalender Heinrich Himmlers 1941/42. Organização de Peter Witte et al. Hamburgo, 1999.

DEUERLEIN, Ernst (org.). *Der Hitler-Putsch. Bayerische Dokumente zum 8-9 November 1923*. Stuttgart, 1962.

_______ (org.). *Der Austieg der NSDAP in Augenzeugenberichten*. Munique, 1974.

DIETRICH, Otto. *Zwölf Jahre mit Hitler*. Colônia [s.d., 1955?].

Documents on British Foreign Policy, 1919-1939; 2a Série, 1929-1938; 3a Série, 1938-1939. Londres, 1947-61.

Documents on German Foreign Policy, 1918-1945, Série C (1933-1937); *The Third Reich: First Phase*, Série D (1937-1945). Londres, 1957-66.

DODD, William E. e Martha (orgs.). *Ambassador Dodd's Diary, 1933-1938*. Londres, 1941.

DOENITZ, Karl. *Memoirs. Ten Years and Twenty Days*. Nova York, 1997.

DOLLMANN, Eugen. *Dolmetscher der Diktatoren*. Bayreuth, 1963.

DOMARUS, Max (org.). *Hitler, Reden und Proklamationen 1932-1945*, 2 vols. Wiesbaden, 1973 (*Hitler: Speeches and Proclamations 1932-1945*. Londres, 1990).

ENGEL, Gerhard. *Heeresadjutant bei Hitler 1938-1943*. Organização de Hildegard von Kotze. Stuttgart, 1974.

FRANÇOIS-PONCET, André. *Souvenirs d'une ambassade à Berlin, Septembre 1931-Octobre 1938*. Paris, 1946.

FRANK, Hans. *Im Angesicht des Galgens*. Munique/Gräfelfing, 1953.

FRÖHLICH, Elke (org.). *Die Tagebücher von Joseph Goebbels. Teil I, Aufzeichnungen 1923-1941*,14 vols; *Teil II, Diktate* 1941-1945,15 vols. Munique, 1993-2006.

"Führer-Erlasse" 1939-1945. Organização de Martin Moll. Stuttgart, 1997.

GALANTE, Pierre e SILIANOFF, Eugen. *Last Witnesses in the Bunker*. Londres, 1989.

Generaloberst Halder: Kriegstagebuch. Organização de Hans-Adolf Jacobsen, 3 vols. Stuttgart, 1962-4 (*The Halder War Diary 1939-1942*. Organização de Charles Burdick e Hans-Adolf Jacobsen. Londres, 1988).

GIESLER, Hermann. *Ein anderer Hitler. Erlebnisse, Gespräche, Reflexionen*. Leoni am Starnberger See, 1977.

GISEVIUS, Hans Bernd. *Bis zum bittern Ende*, 2 vols. Zurique, 1946 (*To the Bitter End*. Cambridge, Mass., 1947).

GÖRLITZ, Walter (org.). *Generalfeldmarschall Keitel. Verbrecher oder Offizier? Erinnerungen, Briefe, Dokumente des Chefs OKW*. Göttingen/Berlim/Frankfurt, 1961.

HAFFNER, Sebastian. *Geschichte eines Deutschen. Die Erinnerungen 1914-1933*. Stuttgart/Munique, 2000 (*Defying Hitler: A Memoir*. Londres, 2002).

HANFSTAENGL, Ernst. *15 Jahre mit Hitler. Zwischen Weißem und Braunem Haus,* 2a ed. Munique/Zurique, 1980 (*Hitler. The Missing Years*. Londres, 1957).

HEINZ, Heinz A. *Germany's Hitler*, 2a ed. Londres, 1938.

HENDERSON, Nevile. *Failure of a Mission. Berlin, 1937-1939*. Londres, 1940.

HILL, Leonidas E. (org.). *Die Weizsäcker-Papiere 1933-1950*. Frankfurt am Main, 1974.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf,* 876-880a reimpressão. Munique, 1943 (*Mein Kampf*. Tradução de Ralph Manheim, com introdução de D. C. Watt. Londres, 1969).

Hitlers politisches Testament. Die Bormann-Diktate vom Februar und April1945. Hamburgo, 1981 (*The Testament of Adolf Hitler. The Hitler-Bormann Documents, February-April 1945*, com introdução de H. R. Trevor-Roper. Londres, 1961).

Der Hitler-Prozeß 1924. Wortlaut der Hauptverhandlung vor dem Volksgericht München I. Organização de Lothar Gruchamm e Reinhard Weber, auxiliados por Otto Gritschneder, 4 vols. Munique, 1997-9.

Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen: February 1925 *bis Januar* 1933, 5 vols. Munique: Institut für Zeitgeschichte, 1992-8.

Hitlers Lagebesprechungen — Die Protokollfragmente seiner militärischen Konferenzen 1942-1945. Organização de Helmut Heibert. Stuttgart, 1962 (*Hitler and his Generals. Military Confer ences 1942-1945*. Organização de Helmut Heiber e David M. Glantz. Londres, 2002).

Hitlers Weisungen für die Kriegführung 1939-1945. Dokumente des Oberkommandos der Wehrmacht. Organização de Walther Hubatsch. Munique, 1965 (*Hitler's War Directives*. Organização de Hugh Trevor-Roper. Londres, 1964).

HOFFMANN, Heinrich. *Hitler Was My Friend*. Londres, 1955.

HOßBACH, Friedrich. *Zwischen Wehrmacht und Hitler 1934-1938*. Wolfenbüttel, 1949.

IRVING, David (org.). *The Secret Diaries of Hitler's Doctor*. Londres, 1990.

JÄCKEL, Eberhard e KUHN, Axel (orgs.). *Hitler. Sämtliche Aufzeichnungen 1905-1924*. Stuttgart, 1980.

JACOBSEN, Hans-Adolf (org.). *Dokumente zur Vorgeschichte des Westfeldzuges 1939-1940*. Göttingen, 1956.

_______ (org.). *Dokumente zum Westfeldzug 1940*. Göttingen, 1960.

JOCHMANN, Werner (org.). *Nationalsozialismus und Revolution*. Frankfurt am Main, 1963.

JUNGE, Traudl. *Bis zur letzten Stunde. Hitler's Sekretärin erzählt ihr Leben*. Munique, 2002 (*Until the Final Hour*. Londres, 2003).

KEMPKA, Erich. *Die letzten Tage mit Adolf Hitler*. Preußisch Oldendorf, 1975.

KERSTEN, Felix. *The Kersten Memoirs 1940-1945*. Londres, 1956.

KOLLER, Karl. *Der letzte Monat. Die Tagebuchaufzeichnungen des ehemaligen chefs des Generalstabes der deutschen Luftwaffe vom 14 April bis 27 Mai 1945*. Mannheim, 1949.

KORDT, Erich. *Nicht aus den Akten... Die Wilhelmstraße in Frieden und Krieg. Erlebnisse, Begegnungen und Eindrücke 1928-1945*. Stuttgart, 1950.

KOTZE, Hildegart von e KRAUSNICK, Helmut (orgs.).*"Es spricht der Führer". 7 exemplarische Hitler-Reden*. Gütersloh, 1966.

KREBS, Albert. *Tendenzen und Gestalten der NSDAP*. Stuttgart, 1959.

Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht (*Wehrmachtsführungsstab*). Organização de Percy Ernst Schramm, 4 vols. Frankfurt am Main, 1961-5.

KUBIZEK, August. *Adolf Hitler. Mein Jugendfreund*, 5a ed. Graz, 1989 (*The Young Hitler I Knew*. Londres, 2006).

Lagevorträge des Oberbefehlshabers der Kriegsmarine vor Hitler 1939-1945. Organização de Gerhard Wagner. Munique, 1972 (*Fuehrer Conferences on Naval Affairs 1939-1945*. Londres, 1990).

LINGE, Heinz."Kronzeuge Linge. Der Kammerdiener des 'Führers'", *Revue*, Munique, nov. 1955-mar. 1956.

_______. *Bis zum Untergang. Als Chef des persönlichen Dienstes bei Hitler*. Munique/Berlim, 1980.

LIPSKI, Josef. *Diplomat in Berlin 1933-1939*. Organização de Waclaw Jedrzejewicz. Nova York/Londres, 1968.

LORINGHOVEN, Bernd Freytag von. *In the Bunker with Hitler. The Last Witness Speaks*. Londres, 2006.

LUDECKE, Kurt G. W. *I Knew Hitler*. Londres, 1938.

MASER, Werner. *Hitlers Briefe und Notizen. Sein Weltbild in handschriftlichen Dokumenten*. Düsseldorf, 1973.

MEISSNER, Otto. *Staatssekretär unter Ebert-Hindenburg-Hitler*. Hamburgo, 1950.

The Memoirs of Field-Marshal Kesselring. Londres: Greenhill Books, 1997.

Nazi Conspiracy and Aggression. Office of the United States Chief of Counsel for Prosecution of Axis Criminality, 11 vols. Washington, 1946-8.

NOAKES, Jeremy e PRIDHAM, Geoffrey (orgs.). *Nazism 1919-1945: A Documentary Reader,* 4 vols. Exeter, 1983-98.

ORR, Thomas. "Das war Hitler", *Revue*, Munich Series, no 37, 1952; no 8, 1953.

PAPEN, Franz von. *Memoirs*. Londres, 1952.

PICKER, Henry. *Tischgespräche im Hauptquartier 1941*-2. Organização de Percy Ernst Schramm. Stuttgart, 1963.

RAEDER, Erich. *Mein Leben von 1935 bis Spandau 1955*, 2 vols. Tübingen, 1957.

RIBBENTROP, Joachim von. *Zwischen London und Moskau*. Organização de Analies von Ribbentrop. Leoni am Starnberger See, 1953 (*The Ribbentrop Memoirs*. Londres, 1954).

RÖHM, Ernst. *Die Geschichte eines Hochverräters*, 2a ed. Munique, 1930.

ROSENBERG, Alfred. *Letzte Aufzeichnungen. Ideal und Idole der nationalsozialistischen Revolution*. Göttingen, 1948.

SCHACHT, Hjalmar. *Abrechnung mit Hitler*. Berlim/Frankfurt am Main, 1949 (*Account Settled*. Londres, 1949).

SCHIRACH, Baldur von. *Ich glaubte an Hitler*. Hamburgo, 1967.

SCHMIDT, Paul. *Statist auf diplomatischer Bühne 1923-1945. Erlebnisse des Chefdolmetschers im Auswärtigen Amt mit den Staatsmänner Europas*. Bonn, 1953.

SCHROEDER, Christa. *Er war mein Chef. Aus dem Nachlaß der Sekretärin von Adolf Hitler*. Munique/Viena,1985.

SCHWERIN VON KROSIGK, Lutz Graf. *Es geschah in Deutschland*. Tübingen/Stuttgart, 1951.

SERAPHIM, Hans-Günther (org.). *Das politische Tagebuch Alfred Rosenbergs 1934/35 und 1939/40*. Munique, 1964.

SHIRER, William. *Berlin Diary, 1934-1941*. Londres, 1970.

SPEER, Albert. *Erinnerungen*. Frankfurt am Main/Berlim, 1969 (*Inside the Third Reich*. Londres, 1970).

Staatsmänner und Diplomaten bei Hitler. Vertrauliche Aufzeichnungen 1939-1941. Organização de Andreas Hillgruber. Frankfurt am Main, 1969.

Staatsmänner und Diplomaten bei Hitler. Vertrauliche Aufzeichnungen 1942-1944. Organização de Andreas Hillgruber. Frankfurt am Main, 1970.

STRASSER, Otto. *Ministersessel oder Revolution?*. Berlim, 1930.

_______. *Hitler und ich*. Constance, 1948 (*Hitler and I*. Boston, 1940).

Trial of the Major War Criminals before the International Military Tribunal, 42 vols. Nuremberg, 1947-9.

Trials of War Criminals Before the Nuremberg Military Tribunals, 12 vols. Nuremberg, 1946-9.

TYRELL, Albrecht (org.). *Führer befiehl... Selbstzeugnisse aus der "Kampfzeit" der NSDAP*. Düsseldorf, 1969.

WAGNER, Eduard. *Der Generalquartiermeister. Briefe und Tagebuchaufzeichnungen des Generalquartiermeisters des Heeres General der Artillerie Eduard Wagner*. Organização de Elisabeth Wagner. Munique/Viena, 1963.

WAGNER, Otto. *Hitler aus nächster Nähe. Aufzeichnungen eines Vertrauten 1929-1932*. Organização de Henry A. Turner, 2a ed. Kiel, 1987.

WARLIMONT, Walter. *Inside Hitler's Headquarters, 1939-45*. Novato (Califórnia): Presidio Press, [s.d.].

"'...warurn dann überhaupt noch leben!' Hitlers Lagebesprechungen am 23, 25 und 27 April 1945", *Der Spiegel,* 10 jan. 1966, pp. 32-46.

WEINBERG, Gerhard L. (org.). *Hitlers Zweites Buch. Ein Dokument aus dem Jahr 1928*. Stuttgart, 1961 (*Hitler's Second Book*. Nova York, 2003).

WEIZSÄCKER, Ernst von. *Erinnerungen*. Munique, 1950 (*Memoirs*. Londres, 1951).

WIEDEMANN, Fritz. *Der Mann, der Feldherr werden wollte*. Velbert/Kettwig, 1964.

ZOLLER, Albert. *Hitler privat. Erlebnisbericht seiner Geheimsekretärin*. Düsseldorf, 1949.

Copyright © 2008 by Ian Kershaw
A primeira edição em língua inglesa foi publicada por Penguin Books Ltd, 2008.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Hitler

Capa
Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Imagem de capa
Hitler com seu cão Wolf (Coleção Rudolf Herz, Munique)

Preparação
Silvana Afram

Revisão
Valquíria Della Pozza
Marise S. Leal
Huendel Viana

ISBN 978-85-438-0726-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras


IAN
KERSHAW
Autor da monumental
biografia de Hitler
DE
VOLTA
DO
INFERNO
EUROPA,
1914-1949
Companhia Das Letras

De volta do inferno

Kershaw, Ian

9788543807591

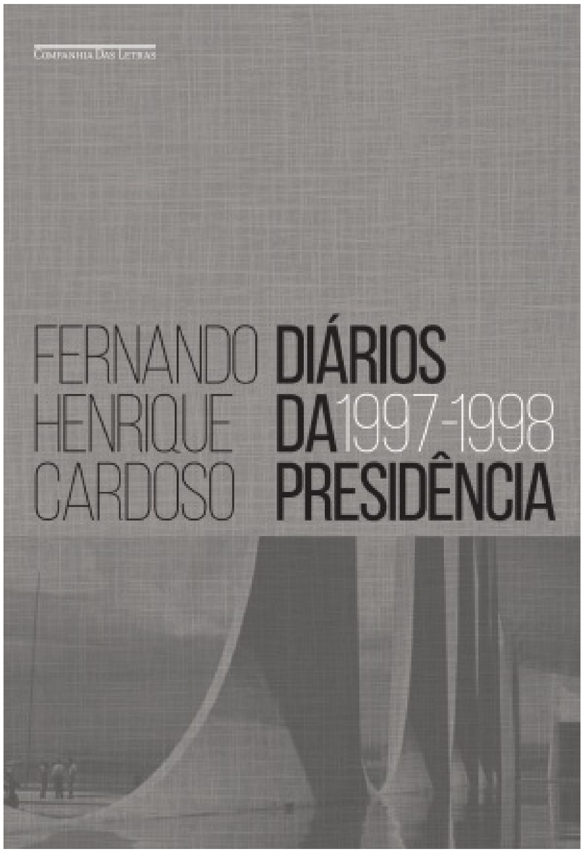
568 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ian Kershaw conta com maestria a história da Europa durante as duas guerras mundiais.

O período que teve início em 1914 e se estendeu até 1949 foi conturbado e sem precedentes na história da humanidade. Foram 36 anos dramáticos, marcados por uma violência inédita, mas também por fascinantes sublevações e transformações políticas. Este livro oferece um relato abrangente dessa era tumultuada. A eclosão da Primeira Guerra Mundial, a ascensão de Hitler e os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial - é vasto o arco compreendido pelo premiado historiador britânico Ian Kershaw.
Capaz de unir pesquisa original e prosa envolvente, este livro indispensável narra os fatos que alteraram radicalmente o curso da história europeia no século XX e afetam o mundo até hoje.

Compre agora e leia


Companhia Das Letras
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
DIÁRIOS DA PRESIDÊNCIA
1997-1998

Diários da presidência — volume 2 (1997-1998)

Cardoso, Fernando Henrique

9788543805818

1000 páginas

Compre agora e leia

Os bastidores da emenda da reeleição, crises internacionais e pressões especulativas contra a moeda brasileira, indecisões de fundo quanto à política cambial, a morte de dois fiéis escudeiros, supostos "escândalos" e chantagens.
Neste volume de seus diários (1997-1998), Fernando Henrique Cardoso registra alguns dos maiores desafios — tanto políticos quanto macroeconômicos — de seus anos no poder e transmite ao leitor a sensação palpável do áspero cotidiano presidencial.
Em meio à tenaz batalha para a implementação de reformas modernizadoras, tendo por aliados setores arcaicos do país ante a impossibilidade de acordo com a esquerda tradicional, o então presidente encontra tempo para reflexões premonitórias sobre o jogo de forças da política brasileira. Leitura indispensável para a compreensão do país hoje.

Compre agora e leia


OS MENINOS
DA RUA PAULO
FERENC MOLNÁR
Companhia Das Letras

Os meninos da rua Paulo

Molnár, Ferenc

9788543808239

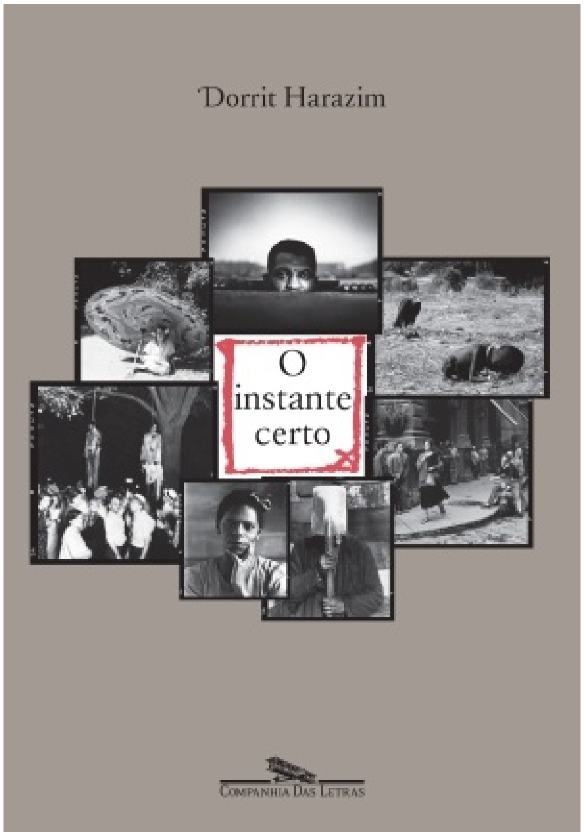
280 páginas

Compre agora e leia

Clássico da literatura infantojuvenil húngara em nova edição pela Companhia das Letras.

Publicada em 1907, a história dos meninos que travam batalhas pela posse do "grund” da rua Paulo, um pedaço de terra cercado onde se brinca à vontade, é conhecida por leitores de todo o mundo. A luta pelo "grund” vai além da vontade de comandar o local: ali, infância e fantasia prevalecem sobre as imposições do mundo adulto. O espírito de aventura, amizade e heroísmo presente nesta obra é capaz de transpor qualquer barreira de tempo, espaço ou idade. Esta nova edição conta com, além dos textos presentes na anterior, uma orelha assinada por Luiz Schwarcz, um posfácio de Michel Laub e um glossário.

Compre agora e leia


Dorrit Harazim
O instante certo
Companhia Das Letras

O instante certo

Harazim, Dorrit

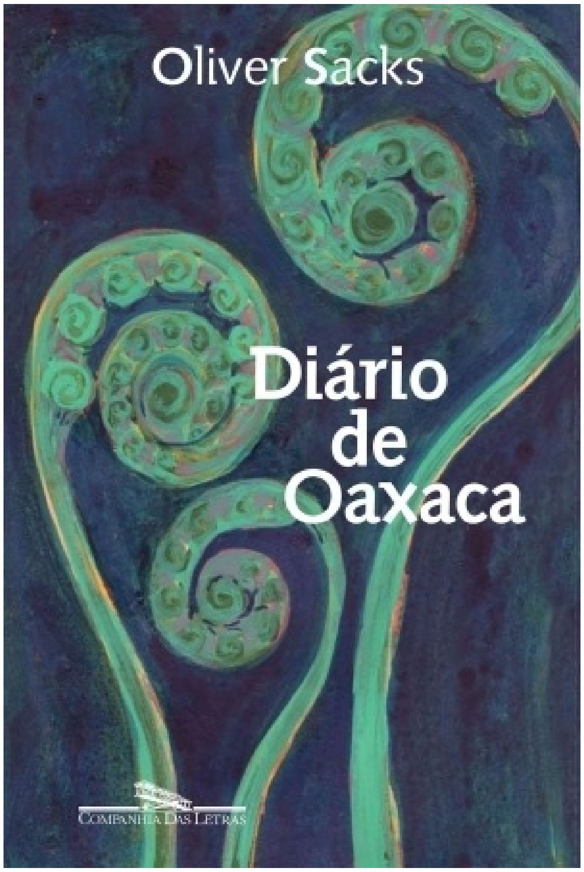
9788543806242

384 páginas

Compre agora e leia

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.
Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país.
Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

Compre agora e leia


Oliver Sacks
Diário de Oaxaca
Companhia Das Letras

Diário de Oaxaca

Sacks, Oliver

9788580869026

128 páginas

[Compre agora e leia]

Conhecido por seus relatos clínicos que desvendam grandes mistérios do cérebro humano, Oliver Sacks revela uma nova faceta em seu diário de viagem para o estado de Oaxaca, no México. Durante dez dias, acompanhou um grupo de botânicos e cientistas amadores interessados em conhecer o hábitat das samambaias mais raras do mundo. Entre descrições minuciosas da morfologia das plantas e uma ou outra digressão acerca de pássaros e tipos de solo, o texto concentra toda a sua força em desvendar um grande mistério da mente humana: a curiosidade científica. Ao observar de perto o comportamento de seus colegas de excursão, Oliver Sacks revela que a ciência, longe de ser uma seara de cálculos e experimentos, nasce do interesse genuíno e apaixonado de amadores, cuja erudição nem sempre supera a vontade de aprender e descobrir fatos novos. Os personagens que compõem a expedição são sui generis. O grupo é composto de tipos humanos diversos: homens e mulheres, americanos e ingleses, cientistas e curiosos circulam com desenvoltura por

selvas e grutas, mas protagonizam cenas de verdadeira comédia ao tentar, sem sucesso, se imiscuir no cotidiano das cidades mexicanas por onde passam. É o caso da visita coletiva feita a um alambique onde se processa o mescal, bebida alcoólica extraída do agave, uma planta nativa que também dá origem à tequila. Levemente alterados pela degustação a que se submetem no maior "interesse científico", os expedicionários terminam sentados em uma pequena planície das redondezas, uivando para a lua e se "perguntando como será que os lobos e os outros animais se sentiram quando a lua, a sua lua, lhes foi roubada". Composto de uma gama variada de assuntos, Diário de Oaxaca versa ainda sobre a intimidade de Oliver Sacks, cujo mal-estar em relação aos meios oficiais e ultracompetitivos da ciência contemporânea fica evidente nas diversas passagens em que o autor externaliza sua admiração pelos amadores - classe de cientistas à qual, aliás, o livro é dedicado.

[Compre agora e leia]